BOX DIGITAL
AS PROVAÇÕES DE
APOLO
RICK RIORDAN
intrínseca

SUMÁRIO

[Avançar para o início do texto]

Livro II – A profecia das sombras

Livro IV – A tumba do tirano

A profecia das sombras

Livro V – A torre de Nero

RICK RIORDAN
AS PROVAÇÕES DE
APOLO
LIVRO UM
O ORÁCULO OCULTO
intrínseca

RICK RIORDAN

LIVRO UM

O ORÁCULO OCULTO

Tradução de Regiane Winarski

Para a Musa Calíope
Isto está mais do que atrasado. Por favor, não me machuque.

ACAMPAMENTO MEIO-SANGUE
ESTREITO DE LONG ISLAND
Praia
Dunas
Colinas a leste
Floresta do Norte
Sátiros
Bosque de Dodona
Punho de Zeus
Bosque onde acontecem as reuniões do Conselho dos Anciãos
Lobos
Bunker 9
Túneis dos myrmeko
Riacho Zéfiro
Área onde acontecem as festas das mênades
Gêiseres
Destroços de autômatos antigos
Drakons enormes
Florestas do Sul
Para Peach Orchad
Estábulos dos pégasos
Arena
Linha de tiro com arco e flecha
Campos de morangos
Pavilhão de refeições
Riacho Euros
Parede de escalada
Lago de canoagem
Chalés
Gramado central
Lareira de Héstia
Artes e artesanato
Pinheiro de Thalia e Velocino de Ouro
Atena Partenos
Colina Meio-Sangue
Anfiteatro
Caverna do Oráculo
Arsenal
Forja
Fogueira
Quadra de vôlei
Casa Grande
Campos de morangos
Estrada rural 3.141
Para Montauk etc.
N
O
L
S
K. LEFAIVER

1

Muitos socos na cara
Queria dizimar todos
Ser mortal, que saco!

MEU NOME É APOLO. Eu era um deus.

Em meus quatro mil seiscentos e doze anos fiz muitas coisas. Castiguei com uma praga os gregos que sitiaram Troia. Abençoei Babe Ruth com três *home runs* no quarto jogo da Série Mundial de 1926. Despejei minha ira contra Britney Spears no Video Music Awards de 2007.

Mas, em toda a minha vida imortal, eu nunca tinha feito um pouso forçado em uma caçamba de lixo.

Nem sei direito como aconteceu.

Só sei que quando acordei, estava caindo. Arranha-céus giravam, aparecendo e sumindo do meu campo de visão. Chamas saíam do meu corpo. Tentei voar. Tentei virar nuvem, me teletransportar para outro lugar, fazer milhares de outras coisas que deviam ser fáceis para mim, mas eu só continuei caindo. Despenquei em um espaço estreito entre dois prédios e *BAM*!

Existe coisa mais triste do que o som de um deus se espatifando contra um amontoado de sacos plásticos cheios de lixo?

Fiquei lá gemendo e sofrendo. Minhas narinas ardiam com o fedor de mortadela estragada e fraldas usadas. Minhas costelas pareciam quebradas, embora isso não devesse ser possível.

Minha mente estava inquieta e confusa, mas uma lembrança veio à tona — a voz do meu pai, Zeus: *SUA CULPA. SUA PUNIÇÃO.*

Só então entendi o que aconteceu comigo. E chorei de desespero.

Se eu, que sou o deus da poesia, não fui capaz de descrever o que senti naquele momento, como vocês, meros mortais, poderiam entender? Imagine ter sua roupa arrancada e ser atingido por um jato de água na frente de uma multidão às gargalhadas. Imagine a água congelante enchendo sua boca e seus pulmões, machucando a pele, transformando suas juntas em uma massa amorfa. Imagine se sentir impotente, envergonhado, completamente vulnerável, despido pública e brutalmente de tudo que faz você ser *você*. Minha humilhação foi pior do que isso.

SUA CULPA, ressoou a voz de Zeus em minha cabeça.

— Não! — gritei, desolado. — Não é verdade! Por favor!

Silêncio. Ao meu redor, escadas de incêndio enferrujadas ziguezagueavam fachada acima, cobertas pelo céu de inverno cinzento

e impiedoso.

Tentei me lembrar dos detalhes da minha sentença. Meu pai chegou a dizer quanto tempo essa punição duraria? O que eu deveria fazer para cair novamente nas graças dele?

Minha memória estava um caos completo. Eu mal conseguia lembrar qual era a aparência de Zeus, muito menos por que ele decidiu me despejar na Terra. Houve uma guerra com os gigantes, algo assim. Os deuses foram pegos desprevenidos, foram humilhados e quase derrotados.

Mas de uma coisa eu tinha certeza: minha punição fora injusta. Zeus precisava botar a culpa em alguém, e claro que escolheria o deus mais bonito, talentoso e popular do Panteão: eu.

Fiquei deitado no lixo, observando a etiqueta do lado de dentro da caçamba: PARA COLETA, LIGUE PARA 1-555-FEDOR.

Zeus vai reconsiderar, eu disse a mim mesmo. *Ele só está tentando me dar um susto. A qualquer momento, vai me levar de volta para o Olimpo e me tirar daqui, não sem antes me dar uma lição de moral.*

— É… — Minha voz soou vazia e desesperada. — É, é isso.

Tentei me levantar. Queria estar de pé quando Zeus aparecesse para pedir desculpas. Minhas costelas latejavam. Meu estômago se contraiu. Segurei a beirada da caçamba e consegui me arrastar para fora. Acabei caindo em cima de um dos ombros, que bateu no asfalto com um estrondo.

— *Aaaaii.* — Choraminguei de dor. — Levante-se. Levante-se.

Ficar de pé não foi fácil. Minha cabeça estava girando. Eu quase desmaiei com o esforço. Olhei ao redor e vi que estava em um beco sem saída. Literalmente. A uns quinze metros, havia uma rua com vitrines sujas que abrigava o escritório de um agente de fianças e uma casa de penhores. Eu estava em alguma parte do oeste de Manhattan, supus, ou talvez em Crown Heights, no Brooklyn. Zeus devia mesmo estar com muita raiva de mim.

Inspecionei meu novo corpo. Eu aparentava ser um adolescente caucasiano do sexo masculino, usando tênis, calça jeans e uma camisa polo verde. Muito *sem graça*. Eu me sentia enjoado, fraco e tão, tão humano.

Nunca vou entender como vocês, mortais, toleram isso. Vocês passam a vida toda presos em um saco de carne, incapazes de apreciar os prazeres mais simples, como se transformar em um beija-flor ou se dissolver em pura luz.

E agora, que os céus me ajudem, eu era um de vocês, apenas mais um saco de carne no universo.

Remexi nos bolsos da calça, torcendo para ainda estar com a chave da minha carruagem do Sol. Nada. Encontrei uma carteira barata de náilon com cem dólares americanos (dinheiro para meu primeiro

almoço como mortal, talvez) e uma carteira de motorista provisória do estado de Nova York com a foto de um adolescente pateta de cabelo encaracolado que de jeito nenhum podia ser eu, com o nome *Lester Papadopoulos*. A crueldade de Zeus não tinha limites!

Olhei dentro da caçamba, torcendo para que meu arco, minha aljava e minha lira tivessem caído na Terra comigo. Eu já ficaria feliz só com a minha gaita. Não havia nada.

Respirei fundo. *Ânimo*, eu disse a mim mesmo. *Devo ter mantido algumas das minhas habilidades divinas. As coisas podiam ser piores.*

Uma voz rouca gritou:

— Ei, Cade, dá uma olhada nesse otário!

Havia dois jovens bloqueando a saída do beco: um atarracado com cabelo louro platinado, e o outro, alto e ruivo. Os dois usavam moletons e calças largas. Para completar, tinham o pescoço coberto por tatuagens. Só faltava a palavra DELINQUENTE gravada em letras garrafais na testa de cada um.

O ruivo grudou o olhar na carteira que estava na minha mão.

— Pega leve, Mikey. O cara aqui parece bem simpático. — Ele sorriu e puxou uma faca de caça do cinto. — Na verdade, aposto que ele quer dar todo o dinheiro dele pra gente, não é?

* * *

Culpo minha desorientação pelo que aconteceu em seguida.

Eu sabia que minha imortalidade havia sido tirada de mim, mas ainda me considerava o poderoso Apolo! É impossível mudar o jeito de pensar com a facilidade com que se pode, digamos, virar um leopardo-das-neves.

Além do mais, em ocasiões anteriores em que Zeus me puniu me tornando mortal (sim, isso já aconteceu outras duas vezes), eu mantive minha força descomunal e pelo menos parte dos meus poderes divinos. Supus que desta vez também seria assim.

Eu *não* ia permitir que dois rufiões mortais levassem a carteira de Lester Papadopoulos.

Então, me empertiguei todo e torci para que Cade e Mikey ficassem intimidados diante de minha postura real e beleza divina (qualidades que jamais poderiam ser tiradas de mim, independentemente do que mostrava a foto na carteira de motorista). Ignorei o chorume quente proveniente da caçamba, que escorria pelo meu pescoço.

— Eu sou Apolo — anunciei. — Vocês, mortais, têm três escolhas: podem fazer uma homenagem a mim, fugir ou podem ser destruídos.

Eu queria que minhas palavras ecoassem pelo beco, sacudissem os prédios de Nova York e fizessem que os céus chovessem desgraça fumegante. Nada disso aconteceu. Quando pronunciei a palavra

destruídos, minha voz falhou.

Cade, o garoto ruivo, abriu um sorriso ainda mais largo. Pensei em como seria divertido se eu conseguisse fazer as tatuagens de cobra ao redor do pescoço dele ganharem vida e estrangulá-lo até a morte.

— O que você acha, Mikey? — perguntou ele ao amigo. — Devemos homenagear esse cara?

Mikey fez cara feia. Com o cabelo louro arrepiado, os olhos pequenos e cruéis e o corpo atarracado, ele me lembrava a porca monstruosa que aterrorizou Calidão nos bons e velhos tempos.

— Não estou muito a fim de fazer homenagens hoje, Cade. — A voz dele parecia a de alguém que comeu cigarros acesos. — Quais eram as outras opções mesmo?

— Fugir? — disse Cade.

— Não — respondeu Mikey.

— Sermos destruídos?

Mikey riu com deboche.

— Que tal nós destruirmos *ele*, então?

Cade jogou a faca para o alto e a segurou pelo cabo.

— Gostei dessa ideia. Vamos lá?

Enfiei a carteira no bolso de trás. Levantei os punhos. Não achei que seria legal massacrar mortais até virarem bolo de carne, mas tinha certeza de que isso não seria um problema para mim. Mesmo em meu estado enfraquecido, eu seria bem mais forte do que qualquer humano.

— Eu avisei — falei. — Meus poderes estão muito além da compreensão de vocês.

Mikey estalou os dedos.

— Aham.

Ele deu um pulo para a frente.

Quando estava bem perto, eu avancei. Coloquei toda a minha fúria naquele soco. Devia ter bastado para vaporizar Mikey e deixar uma marca em forma de delinquente no asfalto.

Mas ele se abaixou, o que foi bem irritante.

Eu cambaleei para a frente. Vamos combinar que quando Prometeu elaborou vocês, humanos, usando argila, fez um trabalho porco. As pernas mortais são desajeitadas. Tentei compensar e usar minhas reservas infinitas de agilidade, mas Mikey me deu um chute nas costas. Eu caí e bati meu rosto divino no chão.

Minhas narinas dilataram como se fossem air bags. Meus ouvidos estalaram. Um gosto de cobre inundou minha boca. Rolei para o lado, grunhindo, e vi os dois delinquentes embaçados olhando para mim.

— Mikey — disse Cade —, você está compreendendo o poder desse cara?

— Não — respondeu Mikey. — Não estou compreendendo.

— Tolos! — Gemi. — Vou destruir vocês!
— Ah, claro que vai. — Cade jogou a faca longe. — Mas acho que antes vamos acabar com você.
O garoto levantou a bota bem acima do meu rosto, e o mundo ficou preto.

2

Ela vem do nada
Só para me humilhar
Bananas ridículas

EU NÃO ERA MASSACRADO com tanta violência desde minha competição de guitarra com Chuck Berry em 1957.

Enquanto Cade e Mikey me chutavam, eu me encolhi para tentar proteger as costelas e a cabeça. A dor era intolerável. Eu vomitei e tremi. Apaguei e voltei a mim, com a visão cheia de manchas vermelhas. Quando meus agressores se cansaram dos chutes, bateram na minha cabeça com um saco de lixo, que estourou, me cobrindo de pó de café e cascas mofadas de frutas.

Eles enfim se afastaram, ofegantes. Então, mãos fortes me apalparam e pegaram minha carteira.

— Olha aqui — disse Cade. — Grana e identidade… Lester Papadopoulos.

Mikey riu.

— *Lester?* É ainda pior do que Apolo.

Toquei o nariz, e a sensação era de que ele estava do tamanho de um colchão de água, e com a mesma textura. Meus dedos ficaram manchados de vermelho.

— Sangue — murmurei. — Não é possível.

— É bem possível, Lester. — Cade se ajoelhou ao meu lado. — E pode haver mais num futuro próximo. Você quer explicar por que não tem cartão de crédito? Nem celular? Eu odiaria pensar que bati tanto em você por apenas cem dólares.

Olhei para o sangue nas pontas dos meus dedos. Eu era um deus. Não *tinha* sangue. Mesmo quando fui transformado em mortal antes, icor dourado ainda corria nas minhas veias. Eu nunca tinha sido tão… *convertido*. Devia ser algum erro. Um truque. Qualquer coisa.

Tentei me sentar.

Minha mão escorregou em uma casca de banana e eu caí de novo. Meus agressores morreram de rir.

— Eu adoro esse cara! — comentou Mikey.

— É, mas o chefe disse que ele ia estar cheio da grana — reclamou Cade.

— Chefe… — murmurei. — Chefe?

— Isso mesmo, Lester. — Cade deu um peteleco na minha cabeça. — O chefe mandou: “Vão até aquele beco. Vai ser moleza.” Ele disse que a gente tinha que dar uma dura em você e pegar o que tivesse.

Mas isto — ele balançou o dinheiro embaixo do meu nariz — não é um pagamento decente.

Apesar da minha situação, senti uma onda de esperança. Se esses delinquentes foram enviados para me procurar, o "chefe" deles devia ser um deus. Nenhum mortal poderia saber que eu cairia naquele lugar específico da Terra. Talvez Cade e Mikey também não fossem humanos. Talvez fossem monstros ou espíritos habilmente disfarçados. Isso ao menos explicaria por que me deram aquela surra com tanta facilidade.

— Quem… quem é seu chefe? — Eu me esforcei para ficar de pé, pó de café caindo dos meus ombros. Estava tão tonto que me senti flutuando perto demais dos vapores do Caos primordial, mas tentei não deixar transparecer e mantive a pose. — Zeus mandou vocês? Ou talvez tenha sido Ares? Eu exijo uma audiência!

Mikey e Cade se olharam como quem diz: *Dá pra acreditar nesse cara?*

Cade pegou a faca.

— Você não se toca, né, Lester?

Mikey tirou o cinto, que não passava de uma corrente de bicicleta, e enrolou no punho.

Decidi subjugá-los com meu canto. Eles podiam ter resistido aos meus punhos, mas nenhum mortal é capaz de resistir a minha voz dourada. Eu estava tentando decidir se cantaria "You Send Me" ou uma composição original, "Sou seu deus da poesia, baby", quando uma voz gritou:

— EI!

Os delinquentes se viraram. Acima de nós, no patamar do segundo lance da escada de incêndio, havia uma garota de uns doze anos.

— Deixem ele em paz — ordenou ela.

A primeira coisa que passou pela minha cabeça foi que Ártemis tinha vindo me ajudar. Minha irmã costumava aparecer na forma de uma garota de doze anos por motivos que nunca compreendi muito bem. Mas algo me disse que não era o caso.

A garota na escada de incêndio não inspirava exatamente medo. Era pequena e gorducha, com cabelo escuro e um corte meio bagunçado em forma de capacete, usando óculos com pedrinhas brilhantes nas hastes da armação preta estilo gatinho. Apesar do frio, ela não usava casaco. Sua roupa parecia ter sido escolhida por uma criança do jardim de infância: tênis vermelhos, meia-calça amarela e um tubinho verde. Talvez ela estivesse indo para uma festa à fantasia vestida de sinal de trânsito.

Ainda assim… havia alguma coisa feroz em sua expressão. A mesma expressão obstinada que minha ex-namorada, Cirene, tinha quando lutava com leões.

Mikey e Cade não pareceram impressionados.
— Some, garota — disse Mikey.
Ela bateu o pé e fez a escada de incêndio balançar.
— Meu beco. Minhas regras!
A voz anasalada e mandona fez parecer que ela estava chamando a atenção de um coleguinha em uma brincadeira de faz de conta.
— O que esse otário tiver é meu, inclusive o dinheiro! — vociferou ela.
— Por que todo mundo está me chamando de otário? — perguntei, com a voz fraca.
O comentário pareceu injusto, mesmo que eu estivesse arrebentado e coberto de lixo; mas ninguém prestou atenção em mim.
Cade olhou com raiva para a garota. O tom vermelho de seu cabelo pareceu escorrer para o rosto.
— Você só pode estar brincando. Some, pirralha! — Ele pegou uma maçã podre e jogou na direção dela.
A garota nem se mexeu. A fruta caiu aos pés dela e rolou inofensivamente até parar.
— Você quer brincar com comida? — Ela limpou o nariz. — Tudo bem.
Eu não a vi chutar a maçã, mas a fruta voou com precisão mortal e acertou o nariz de Cade, que caiu de bunda no chão.
Mikey rosnou. Foi na direção da escada de incêndio, mas uma casca de banana pareceu deslizar diretamente para o caminho dele, que escorregou e levou um baita tombo.
— AIII!
Eu me afastei dos delinquentes caídos. Considerei fugir correndo, mas mal conseguia mancar. Também não queria ser agredido com frutas podres.
A garota saltou a grade. Pousou no chão com uma agilidade surpreendente e pegou um saco de lixo na caçamba.
— Para! — Cade se arrastou meio de lado, tentando se desviar da garota. — Vamos conversar!
Mikey gemeu e rolou até ficar de costas.
A garota fez beicinho. Os lábios dela estavam rachados. Ela tinha uma penugem nos cantos da boca.
— Não fui com a cara de vocês. É melhor irem embora.
— É! — disse Cade. — Claro! Só…
Ele esticou a mão para o dinheiro espalhado entre o pó de café.
A garota jogou um saco de lixo. No meio do percurso, o plástico estourou, lançando um número inestimável de cascas de banana podres, que derrubaram Cade no chão. Mikey foi coberto por tantas que parecia estar sendo atacado por estrelas-do-mar carnívoras.
— Saiam do meu beco — ordenou a garota. — Agora.

Na caçamba, mais sacos de lixo explodiram como pipoca, cobrindo Cade e Mikey de rabanetes, cascas de batata e outros vegetais em decomposição. Milagrosamente, nada caiu em mim. Apesar dos ferimentos, os dois delinquentes se levantaram e saíram correndo e gritando.

Eu me virei para minha pequena salvadora. Mulheres perigosas não eram novidade para mim. Minha irmã fazia chover flechas fatais. Minha madrasta, Hera, deixava os mortais tão loucos a ponto de fazerem picadinho uns dos outros. Mas essa garota de doze anos que controlava o lixo me deixou nervoso.

— Obrigado — arrisquei.

A garota cruzou os braços. Nos dedos do meio ela usava dois anéis iguais de ouro com sinetes de lua crescente. Os olhos brilhavam, escuros como os de um corvo. (Posso fazer essa comparação porque eu inventei os corvos.)

— Não me agradeça — disse ela. — Você ainda está no meu beco.

Ela deu uma volta completa ao meu redor, observando minha aparência como se eu fosse uma vaca premiada. (Também posso fazer essa comparação porque colecionava vacas premiadas.)

— Você é o deus Apolo?

Ela não pareceu muito impressionada. Também não pareceu surpresa com a ideia de um deus andando entre os mortais.

— Você estava ouvindo, então?

Ela assentiu.

— Você não parece um deus.

— Não estou no meu melhor momento — admiti. — Meu pai, Zeus, me exilou do Olimpo. E quem é você?

Ela exalava um cheiro leve de torta de maçã, o que era surpreendente, pois estava muito maltrapilha. Parte de mim queria encontrar uma toalha, limpar o rosto dela e lhe dar dinheiro para uma refeição quentinha. Outra parte queria afastá-la com uma cadeira caso ela decidisse me morder. A garota me fazia lembrar os bichos de rua que minha irmã sempre adotava: cachorros, panteras, donzelas sem-teto, pequenos dragões.

— Meu nome é Meg — disse ela.

— Apelido de Mégara? Ou de Margaret?

— De Margaret. Mas nunca me chame de Margaret.

— E você é uma semideusa, Meg?

Ela ajeitou os óculos.

— Por que você acharia isso?

Mais uma vez, ela não pareceu surpresa com a pergunta. Senti que já tinha ouvido o termo *semideus* antes.

— Bem — falei —, está óbvio que tem algum poder. Você afugentou aqueles delinquentes com frutas podres. Talvez tenha o

poder de banana-cinética? Ou será que consegue controlar o lixo? Eu conheci uma deusa romana, Cloacina, que cuidava do sistema de esgoto da cidade. Será que vocês são parentes…?

Meg fez beicinho. Tive a impressão de ter dito alguma coisa errada, embora não conseguisse imaginar o quê.

— Acho que só vou pegar seu dinheiro — disse ela. — Vai. Sai daqui.

— Não, espera! — O desespero transpareceu na minha voz. — Por favor, eu… Talvez precise de um pouco de ajuda.

Eu me senti ridículo, claro. Apolo, o deus da profecia, das pragas, da arqueria, da cura, da música e de várias outras coisas de que não conseguia me lembrar no momento, pedindo ajuda a uma pivetinha de roupa colorida. Mas eu não tinha mais ninguém. Se aquela criança decidisse levar meu dinheiro e me chutar para as ruas cruéis do inverno, acho que não poderia impedi-la.

— Digamos que eu acredite em você… — A voz de Meg assumiu um tom cantarolado, como se ela estivesse prestes a anunciar as regras do jogo: *Eu vou ser a princesa, e você, a copeira.* — Digamos que eu decida ajudar. E depois?

Boa pergunta, pensei.

— Nós… Nós estamos em Manhattan?

— Aham. — Ela rodopiou e deu um chute enquanto saltava no ar. — Em Hell's Kitchen.

Parecia errado uma criança dizer *Hell's Kitchen*, a cozinha do inferno. Mas também parecia errado uma criança morar em um beco e entrar em brigas com delinquentes.

Pensei em andar até o Empire State Building. Lá era o portal moderno para o Monte Olimpo, mas eu duvidava que os guardas fossem me deixar subir até o seiscentésimo andar secreto. Zeus não permitiria que fosse tão fácil.

Talvez eu pudesse encontrar meu velho amigo Quíron, o centauro. Ele tinha um acampamento de treinamento em Long Island. Podia me oferecer abrigo e orientação. Mas seria uma viagem perigosa. Um deus indefeso é um alvo atraente. Qualquer monstro no caminho me estriparia com prazer. Espíritos invejosos e deuses menores também poderiam aproveitar a oportunidade. E tinha o "chefe" misterioso de Cade e Mikey. Eu não fazia ideia de quem ele era, nem se tinha outros seguidores piores para enviar contra mim.

Mesmo que chegasse a Long Island, meus novos olhos mortais talvez não fossem capazes de *encontrar* o acampamento de Quíron em seu vale magicamente camuflado. Eu precisava de um guia para chegar até lá, alguém com experiência…

— Tive uma ideia. — Eu me empertiguei o máximo que os ferimentos permitiram. Não era fácil parecer confiante com o nariz

sangrando e a roupa cheia de pó de café. — Sei de alguém que pode ajudar. Ele mora no Upper East Side. Me leve até ele e vou recompensá-la.

Meg fez um som que parecia algo entre um espirro e uma gargalhada.

— Me recompensar com o quê? — Ela fez uma dancinha e pegou notas de vinte dólares do lixo. — Já estou pegando todo o seu dinheiro.

— Ei!

Ela jogou a carteira para mim, agora vazia exceto pelo documento de motorista de Lester Papadopoulos.

— Peguei seu dinheiro, peguei seu dinheiro — cantarolou Meg.

Eu sufoquei um rosnado.

— Olha só, criança, eu não vou ser mortal para sempre. Um dia, vou voltar a ser um deus. E então vou recompensar aqueles que me ajudaram… e punir os que não ajudaram.

Ela colocou as mãos na cintura.

— Como *você* sabe o que vai acontecer? Já foi mortal antes?

— Para falar a verdade, sim. Duas vezes! Nas duas, minha punição só durou alguns anos, no máximo!

— Ah, é? E como voltou a ser todo deusístico ou sei lá o quê?

— A palavra *deusístico* não existe — observei, embora minhas sensibilidades poéticas já estivessem pensando em jeitos de usá-la. — Normalmente, Zeus exige que eu trabalhe como escravo para algum semideus importante. Esse cara do outro lado da cidade que mencionei, por exemplo. Ele seria perfeito! Faço as tarefas que meu novo mestre exigir por alguns anos. Desde que eu me comporte, recebo permissão para voltar ao Olimpo. Só preciso recuperar minha força e descobrir…

— Como você tem certeza de qual semideus?

Pisquei.

— O quê?

— A que semideus você deve servir, burro.

— Eu… hã. Bem, normalmente é óbvio. Dou de cara com eles sem querer. É por isso que quero ir para o Upper East Side. Meu novo mestre vai convocar meus serviços e…

— Sou Meg McCaffrey! — Ela fez uma careta. — E convoco seus serviços!

Um trovão ribombou no céu cinza. O som ecoou pelos desfiladeiros da cidade como uma gargalhada divina.

O que tinha sobrado do meu orgulho virou água gelada e escorreu para minhas meias.

— Eu pedi por isso, né?

— É! — Meg pulou sem parar com os tênis vermelhos. — Vamos

nos divertir!

Com grande dificuldade, resisti à vontade de chorar.

— Você tem certeza de que não é Ártemis disfarçada?

— Eu sou aquela outra coisa — disse Meg, contando meu dinheiro. — A coisa que você disse antes. Uma semideusa.

— Como sabe?

— Simplesmente sei. — Ela me lançou um sorriso presunçoso. — E agora tenho um deus de companhia chamado Lester!

Olhei para os céus.

— Por favor, pai, já aprendi a lição. Por favor, não posso fazer isso!

Zeus não respondeu. Devia estar ocupado demais gravando minha humilhação para postar no Snapchat.

— Ânimo — disse Meg. — Quem era o cara que você queria ver, o do Upper East Side?

— Outro semideus. Ele sabe o caminho para um acampamento onde posso encontrar abrigo, orientação, comida…

— Comida? — As orelhas de Meg se ergueram quase como as pontas dos óculos estilo gatinho. — Comida *boa*?

— Bem, normalmente eu só como ambrosia, mas, é, acho que sim.

— Então essa é minha primeira ordem! Vamos encontrar esse cara que vai nos levar a esse tal acampamento!

Dei um suspiro infeliz. Seria uma servidão muito longa.

— Como você desejar — falei. — Vamos procurar Percy Jackson.

3

Eu era deusístico
Agora eu estou um lixo
Ih, haicai não rima

ENQUANTO ANDÁVAMOS PELA MADISON Avenue, minha mente rodopiava com perguntas: *Por que Zeus não me deu um casaquinho? Por que Percy Jackson morava tão longe? Por que os pedestres ficavam me olhando?*

Por um momento pensei que meu brilho divino tivesse voltado. Talvez os nova-iorquinos estivessem impressionados com meu poder e minha incrível aparência.

Meg McCaffrey fez o favor de esclarecer.

— Você está fedendo — disse ela. — E parece que acabou de ser assaltado.

— Mas eu *acabei* de ser assaltado. E escravizado por uma criancinha.

— Não é escravidão. — Ela roeu um pedaço da cutícula do polegar e cuspiu. — É mais uma cooperação mútua.

— Mútua no sentido de que você dá ordens e eu sou obrigado a cooperar?

— É. — Ela parou em frente à vitrine de uma loja. — Dá só uma olhada. Você está nojento.

Meu reflexo olhou para mim, só que não era o *meu* reflexo. Não podia ser. O rosto era o mesmo da identidade de Lester Papadopoulos.

Eu parecia ter uns dezesseis anos. Meu cabelo era escuro e encaracolado, um estilo com o qual arrasei na época de Atenas e de novo no começo dos anos 1970. Meus olhos eram azuis. Meu rosto era agradável de um jeito meio bobão, mas estava desfigurado por causa do nariz da cor de uma berinjela, abaixo do qual se formara um bigode nojento de sangue. E pior: minhas bochechas estavam cobertas com uma espécie de protuberância que parecia terrivelmente com… Meu coração chegou a parar por um momento.

— Que horror! — gritei. — Isso é… Isso é uma *espinha*?

Deuses imortais não *têm* espinhas. É um dos nossos direitos inalienáveis. Eu me aproximei do vidro e vi que minha pele era mesmo um terreno irregular de acnes e pústulas.

Fechei os punhos e gritei para o céu impiedoso:

— Zeus, o que eu fiz para merecer isso?

Meg puxou a manga da minha camisa.

— Assim você vai acabar sendo preso.

— Que importância tem? Fui transformado em um adolescente espinhento! Aposto que nem tenho…

Com um frio na espinha e tomado pelo medo, levantei a camisa. Meu abdome parecia coberto por desenhos de flores, formados pelos hematomas que conquistei com a queda na caçamba e com os chutes que recebi em seguida. Mas isso não era nada perto do que constatei logo depois: eu tinha *barriga*.

— Não, não, não. — Cambaleei pela calçada, torcendo para a barriga não ir comigo. — Onde está o meu tanquinho? Eu *sempre* tive tanquinho. Eu *nunca* tive gordurinha na cintura. Nunca em quatro mil anos!

Meg deu outra gargalhada debochada.

— Dá um tempo, bebezão, você está ótimo.

— Eu sou gordo!

— Você é comum. As pessoas comuns não têm tanquinho. Vamos.

Eu queria protestar e dizer que eu não era comum *nem* uma pessoa, mas, com desespero crescente, percebi que o termo agora se adequava perfeitamente a mim.

Do outro lado da vitrine, um segurança me olhava de cara feia. Permiti que Meg me puxasse pela rua.

Ela saltitava e parava ocasionalmente para pegar uma moeda ou girar em um poste de luz. Parecia ignorar o frio, a jornada perigosa que encararia e o fato de que eu estava cheio de espinhas.

— Como você pode estar tão calma? — perguntei. — Você é uma semideusa andando com um deus até um acampamento para conhecer outros como você. Nada disso a preocupa?

— Ah. — Ela fez um aviãozinho de papel com uma das minhas notas de vinte dólares. — Já vi um monte de coisas esquisitas.

Fiquei tentado a perguntar o que poderia ser mais esquisito do que a manhã que acabamos de ter, mas achei que ficaria ainda mais estressado se soubesse a resposta.

— De onde você é?

— Já falei. Do beco.

— É, mas… onde estão seus pais? Família? Amigos?

Uma expressão de desconforto surgiu em seu rosto. Ela voltou a atenção para o aviãozinho de dinheiro.

— Não importa.

Minhas habilidades altamente avançadas de ler pessoas me disseram que ela estava escondendo alguma coisa, mas isso era bem comum entre os semideuses. Crianças abençoadas com um pai ou mãe imortal costumavam ser estranhamente sensíveis sobre seu passado.

— E você nunca ouviu falar do Acampamento Meio-Sangue? Nem sobre o Acampamento Júpiter?

— Não. — Ela encostou o dedo na ponta do aviãozinho para testá-

lo. — Quanto falta para a casa do Perry?

— Percy. Não sei. Mais alguns quarteirões… acho.

Isso pareceu satisfazer Meg. Ela foi pulando na frente, jogando o aviãozinho de dinheiro e pegando-o de volta. Quando passamos pelo cruzamento da Rua 72, ela deu uma estrela, suas roupas uma confusão tão intensa de verde, amarelo e vermelho que fiquei com medo de os motoristas se confundirem e a atropelarem. Felizmente, as pessoas em Nova York estavam acostumadas a desviar de pedestres distraídos.

Concluí que Meg devia ser uma semideusa não domesticada. Casos assim eram raros, mas não desconhecidos. Mesmo sem nenhuma rede de apoio, sem ter encontrado outros semideuses ou recebido um treinamento adequado, ela conseguiu sobreviver. Mas sua sorte não duraria muito. Geralmente os monstros davam início à caça e destruição dos jovens heróis por volta da época em que eles faziam treze anos, quando seus verdadeiros poderes começavam a se manifestar. Meg não tinha muito tempo. Ela precisava ser levada para o Acampamento Meio-Sangue tanto quanto eu. Ela tinha sorte de ter me conhecido.

(Sei que essa última frase parece óbvia. *Qualquer pessoa* que me conhece tem sorte, mas você entendeu o que eu quis dizer.)

Se eu estivesse em minha forma onisciente de sempre, poderia ter desvendado o destino de Meg. Poderia ter olhado sua alma e visto tudo que precisava saber sobre pais divinos, poderes, motivos e segredos.

Agora, eu não conseguia mais enxergar essas coisas, estava cego. Só acreditava que a menina era uma semideusa porque ela convocou meus serviços com sucesso. Zeus afirmou o direito dela com um trovão. Senti como se uma capa feita de cascas de banana bem amarradas me envolvesse. Fosse lá quem Meg McCaffrey fosse, fosse lá como tivesse me encontrado, nossos destinos estavam entrelaçados.

Era quase tão constrangedor quanto as espinhas.

Viramos na Rua 82, a leste.

Quando chegamos à Segunda Avenida, o lugar começou a me parecer familiar, com fileiras de prédios, lojas de material de construção, lojas de conveniência e restaurantes indianos. Eu sabia que Percy Jackson morava em algum lugar por ali, mas minhas viagens pelo céu na carruagem do Sol me deram um senso de localização pareado com o Google Earth. Eu não estava acostumado a me deslocar no nível da rua.

Além do mais, nessa forma mortal, minha memória perfeita tinha se tornado… imperfeita. Medos e necessidades mortais enevoavam meus pensamentos. Sentia fome. Queria ir ao banheiro. Meu corpo estava doendo. Minhas roupas estavam fedendo. Parecia que meu cérebro estava cheio de pedaços de algodão molhados. Sinceramente,

como vocês, humanos, aguentam?

Depois de mais alguns quarteirões, uma mistura de granizo e chuva começou a cair. Meg tentou pegar as gotas na língua, o que achei uma forma muito ineficiente de beber alguma coisa, e logo água suja. Comecei a tremer por causa do frio e tentei me concentrar em pensamentos felizes: as Bahamas, as Nove Musas em perfeita harmonia, as muitas punições horríveis que eu daria a Cade e Mikey quando me tornasse deus de novo.

Eu ainda estava interessado em descobrir quem era o chefe deles e como ele soube em que lugar eu cairia na Terra. Nenhum mortal teria como saber isso. Na verdade, quanto mais eu pensava, mais improvável se tornava a ideia de que um deus (fora eu mesmo) pudesse ter previsto o futuro de forma tão certeira. Afinal, eu era o deus da profecia, o mestre do Oráculo de Delfos, distribuidor de amostras de alta qualidade do destino dos outros há milênios.

É claro que não me faltavam inimigos. Uma das consequências naturais de ser tão incrível é que eu atraía inveja por onde passava. Mas eu só conseguia pensar em um adversário capaz de prever o futuro. E se *ele* viesse atrás de mim em meu atual estado…

Afastei esse pensamento. Já tinha muito com que me preocupar. Não fazia sentido ficar aterrorizado por causa de situações hipotéticas.

Começamos a procurar nas ruas menores, verificando os nomes nas caixas de correspondência e nos painéis dos interfones. O Upper East Side tinha uma quantidade surpreendente de Jacksons. Achei isso irritante.

Depois de várias tentativas fracassadas, dobramos uma esquina, e ali, parado debaixo de um resedá, havia um velho Prius azul. O capô tinha o amassado inconfundível dos cascos de um pégaso. (Como eu tinha tanta certeza? Sou ótimo em identificar marcas de cascos. Além do mais, cavalos normais não sobem em carros. Pégasos, sim. O tempo todo.)

— Ahá — falei para Meg. — Estamos quase chegando.

Meio quarteirão depois, reconheci o prédio: um edifício de tijolos aparentes com cinco andares e aparelhos de ar-condicionado enferrujados pendurados nas janelas.

— *Voilà*! — gritei.

Meg parou de repente, como se houvesse uma barreira invisível que a impedisse de avançar. Ela olhava desconcertada para a Segunda Avenida.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Achei que tivesse visto de novo.

— O quê? — Segui o olhar dela, mas não vi nada de estranho. — Os delinquentes do beco?

— Não. Duas… — Ela balançou os dedos. — Bolhas brilhantes. Eu

as vi na Avenida Park.

Meu coração disparou.

— Bolhas brilhantes? Por que você não disse nada?

Ela bateu nas hastes dos óculos.

— Eu já falei que vi muitas coisas esquisitas. Geralmente não ligo, mas…

— Mas, se eles estiverem nos seguindo, não vai ser nada bom — retruquei. Olhei para a rua de novo. Nada de diferente, mas eu não estranharia se Meg realmente tivesse visto bolhas brilhantes. Muitos espíritos aparecem dessa forma. Meu próprio pai, Zeus, já se transformou em uma bolha brilhante para atrair uma mulher mortal. (Por que a mulher mortal achou isso atraente, eu não faço ideia.)

— A gente devia entrar — falei. — Percy Jackson vai nos ajudar.

Meg continuou hesitante. Ela não demonstrou medo quando enfrentou ladrões com lixo em um beco sem saída, mas agora parecia estar em dúvida se devia tocar a campainha. Então me dei conta de que talvez ela já tivesse encontrado semideuses, e que esses encontros podiam não ter saído como o esperado.

— Meg, sei que alguns semideuses não são bons — falei. — Eu poderia contar histórias de todos que precisei matar ou transformar em ervas…

— Ervas?

— Mas Percy Jackson sempre foi de confiança. Não precisa ter medo. Além do mais, ele gosta de mim. Eu ensinei tudo que ele sabe.

Ela franziu a testa.

— É?

Achei a inocência dela meio encantadora. Havia tantas coisas óbvias que ela não sabia.

— Claro. Vamos subir agora.

Eu toquei o interfone. Alguns segundos depois, a voz falhada de uma mulher atendeu.

— Alô.

— Oi — falei. — Aqui é Apolo.

Estática.

— O *deus* Apolo — reforcei, achando que talvez devesse ser mais específico. — Percy está?

Mais estática, seguida de duas vozes em uma conversa abafada. A porta da frente se abriu. Antes de entrar, vi um breve movimento com o canto do olho. Dei uma conferida na calçada, mas novamente não vi nada.

Talvez tivesse sido um reflexo. Ou granizo sendo carregado pelo vento. Ou talvez tivesse sido uma bolha brilhante. Meu couro cabeludo formigou de apreensão.

— O que foi? — perguntou Meg.

— Nada de mais. — Forcei um tom alegre. Não queria que Meg saísse correndo logo no momento em que estávamos tão perto de um lugar seguro. Estávamos unidos agora. Eu teria que segui-la se ela ordenasse, e não queria ter que viver naquele beco para sempre. — Vamos subir. Não podemos deixar nossos anfitriões esperando.

* * *

Depois de tudo que fiz por Percy Jackson, eu esperava alegria com a minha chegada. Boas-vindas lacrimosas, a queima de algumas oferendas e um pequeno festival em minha homenagem não teriam sido inadequados.

Mas o jovem só abriu a porta do apartamento e perguntou:

— Por quê?

Como sempre, fiquei impressionado com a semelhança dele com o pai, Poseidon. Ele herdara os mesmos olhos verde-mar, o mesmo cabelo preto desgrenhado, as mesmas belas feições que podiam mudar de bom humor para raiva com facilidade. No entanto, Percy Jackson não seguia a preferência do pai por shorts de praia e camisas havaianas. Ele estava usando uma calça jeans surrada e um casaco de moletom azul com as palavras EQUIPE DE NATAÇÃO AHS bordadas na frente.

Meg recuou no corredor e se escondeu atrás de mim.

Decidi dar um sorriso.

— Percy Jackson, minhas bênçãos para você! Estou precisando de assistência.

O olhar de Percy voou de mim para Meg.

— Quem é a sua amiga?

— Esta é Meg McCaffrey — expliquei —, uma semideusa que precisa ser levada para o Acampamento Meio-Sangue. Ela me salvou de delinquentes.

— Salvou… — Percy olhou meu rosto ferido. — Você quer dizer que o visual "adolescente surrado" não é só disfarce? Cara, o que aconteceu com você?

— Eu acho que mencionei delinquentes.

— Mas você é um deus.

— Quanto a isso… eu *era* um deus.

Percy piscou.

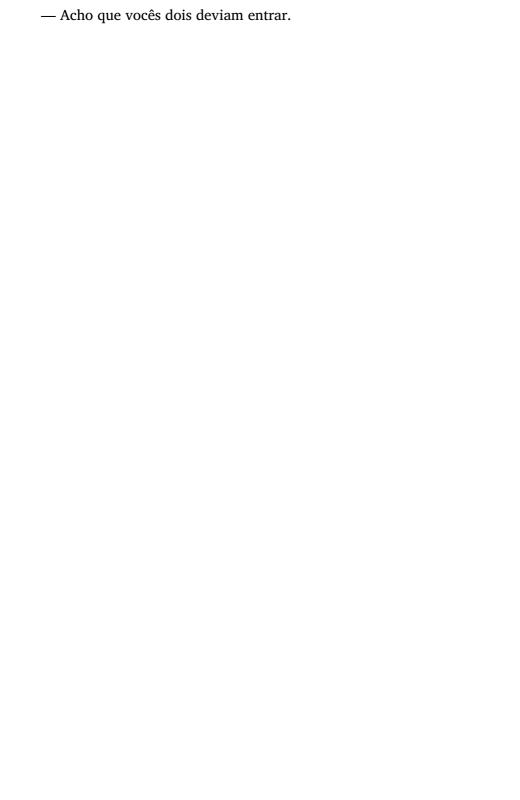
— *Era*?

— Além disso — falei —, tenho quase certeza de que estamos sendo seguidos por espíritos do mal.

Se eu não soubesse quanto Percy Jackson me idolatrava, teria jurado que ele estava prestes a me dar um soco no nariz já quebrado.

Ele suspirou.

— Acho que vocês dois deviam entrar.

4

Residência Jackson
Nada de trono dourado
Isso é sério, cara?

OUTRA COISA QUE NUNCA entendi: como vocês, mortais, conseguem morar em lugares tão pequenos? Onde está o orgulho? O senso de estilo?

O apartamento dos Jackson não tinha nenhuma sala do trono grandiosa, nem colunatas, terraços e salões de banquete, nem mesmo banhos termais. Tinha uma salinha com uma cozinha adjacente e um único corredor levando ao que eu supunha que fossem os quartos. Ficava no quinto andar e, embora eu não fosse inflexível a ponto de exigir um elevador, achei estranho não ter nenhuma pista de pouso para carruagens voadoras. O que eles faziam quando chegavam visitas do céu?

Atrás da bancada da cozinha, fazendo um smoothie, estava uma mortal muito atraente de uns quarenta anos. O cabelo castanho comprido tinha algumas mechas grisalhas, mas os olhos brilhantes, o sorriso fácil e o vestido festivo tie-dye lhe davam uma aparência mais jovem.

Quando entramos, ela desligou o liquidificador e saiu de detrás da bancada.

— Sibila sagrada! — gritei. — Senhora, tem alguma coisa errada com sua barriga!

A mulher parou, intrigada, e olhou para a própria barriga enormemente inchada.

— Bem, estou grávida de sete meses.

Senti vontade de chorar por ela. Carregar aquele peso não parecia natural. Minha irmã, Ártemis, tinha experiência com partos, mas essa era a única área das artes da cura que sempre achei melhor deixar aos cuidados dos outros.

— Como você é capaz de suportar isso? — perguntei. — Minha mãe, Leto, sofreu durante uma longa gravidez, mas só porque Hera a amaldiçoou. Você foi amaldiçoada?

Percy parou ao meu lado.

— Hã, Apolo, ela não foi amaldiçoada. E, por favor, não mencione Hera.

— Pobre mulher. — Balancei a cabeça. — Uma deusa jamais se permitiria ficar tão sobrecarregada. Ela daria à luz assim que tivesse vontade.

— Isso deve ser bom — concordou a mulher.

Percy Jackson tossiu.

— Enfim... Mãe, estes são Apolo e a amiga dele, Meg. Pessoal, esta é minha mãe.

A mãe de Jackson sorriu e apertou nossas mãos.

— Me chamem de Sally.

Ela estreitou os olhos ao notar meu nariz machucado.

— Querido, isso parece estar doendo. O que aconteceu?

Tentei explicar, mas me enrolei com as palavras. Eu, o deus da poesia, com uma língua de veludo, não consegui descrever minha desgraça para aquela mulher.

Então entendi por que Poseidon ficou tão apaixonado. Sally Jackson tinha a combinação certa de compaixão, força e beleza. Era uma daquelas raras mulheres mortais que conseguiam se conectar espiritualmente com um deus como sua semelhante: não sentia medo de nós nem cobiçava o que podíamos oferecer, apenas nos presenteava com verdadeira companhia.

Se ainda fosse imortal, talvez eu mesmo tivesse flertado com ela. Mas no momento eu era um garoto de dezesseis anos. Minha forma mortal estava se impregnando no meu estado mental. Eu via Sally Jackson como uma figura materna, o que ao mesmo tempo me consternava e constrangia. Pensei em quantos anos havia que eu não falava com minha própria mãe. Eu devia convidá-la para almoçar quando voltasse ao Olimpo.

— Olha — Sally bateu no meu ombro —, Percy pode ajudar você a fazer um curativo e limpar isso aí.

— Posso?

Sally olhou para ele com a sobrancelha levemente erguida, aquela típica expressão maternal.

— Tem um kit de primeiros socorros no banheiro, querido. Apolo pode tomar um banho e vestir alguma roupa sua. Vocês dois são mais ou menos do mesmo tamanho.

— Isso é muito deprimente — disse Percy.

Sally segurou delicadamente o queixo de Meg. Ainda bem que a menina não a mordeu. A expressão da mulher continuava gentil e tranquilizadora, mas consegui ver a preocupação nos olhos dela. Sem dúvida, estava pensando: *quem vestiu essa pobre garota de sinal de trânsito?*

— Tenho umas roupas que podem servir em você, querida — disse ela. — Roupas pré-gravidez, claro. Tome um banho. Depois, vamos arrumar alguma coisa para você comer.

— Eu gosto de comida — murmurou Meg.

Sally riu.

— Então nós temos isso em comum. Percy, você leva Apolo. Nos

encontramos de novo daqui a pouco.

* * *

Então foi isso: tomei banho, cuidei dos curativos e coloquei roupas herdadas de Jackson. Percy me deixou sozinho no banheiro para cuidar de tudo, pelo que fiquei muito grato. Ele me ofereceu ambrosia e néctar, comida e bebida dos deuses, para cicatrizar os ferimentos, mas eu não sabia se seria seguro consumir isso na minha forma mortal. Não queria entrar em autocombustão, então preferi os itens de primeiros socorros convencionais.

Quando terminei, olhei meu rosto machucado no espelho do banheiro. Talvez as roupas estivessem impregnadas de raivinha adolescente, porque mais do que nunca eu me sentia um aluno revoltado do ensino médio. Pensei em quanto era injusto estar sendo punido, em quanto meu pai era ridículo, que mais ninguém na história do universo tinha vivenciado os mesmos problemas que eu.

É claro que tudo aquilo era empiricamente verdade. Sem exageros.

Ao menos meus ferimentos pareciam estar cicatrizando mais rápido do que os de um mortal normal. O inchaço do nariz tinha diminuído. Minhas costelas ainda doíam, mas eu não estava mais com a sensação de que havia alguém tricotando um suéter com agulhas quentes dentro do meu peito.

A cura acelerada era o *mínimo* que Zeus podia fazer por mim. Afinal, eu era um deus das artes medicinais. Zeus provavelmente só queria que eu me recuperasse depressa para enfrentar mais dor, mas fiquei agradecido mesmo assim.

Eu me perguntei se devia acender uma pequena fogueira na pia de Percy Jackson, quem sabe queimar algumas ataduras em agradecimento, mas acabei concluindo que isso poderia diminuir a hospitalidade da família.

Observei a camiseta preta que Percy tinha me emprestado. Na frente havia o logo dos discos do Led Zeppelin: Ícaro alado caindo do céu. Eu não tinha nada contra o Led Zeppelin. Aliás, havia inspirado suas melhores músicas. Mas tinha uma ligeira desconfiança de que havia sido uma piadinha de Percy me dar justo aquela camiseta: a queda do céu. Sim, ha-ha. Não era preciso ser um deus da poesia para enxergar a metáfora. Mas decidi não comentar nada. Não daria esse gostinho a ele.

Respirei fundo. Em seguida, fiz meu discurso motivacional de sempre para o espelho.

— Você é lindo e as pessoas te amam!

Então saí para enfrentar o mundo.

Percy estava sentado na cama, olhando para a trilha de gotas de

sangue que deixei no tapete.

— Me desculpe por isso — falei.

Ele estendeu as mãos.

— Na verdade, eu estava pensando na última vez que meu nariz sangrou.

— Ah…

Embora enevoada e incompleta, a lembrança me veio à mente. Atenas. A Acrópole. Nós, deuses, lutamos lado a lado com Percy Jackson e seus amigos. Derrotamos um exército de gigantes, mas uma gota do sangue de Percy caiu no solo e despertou Gaia, a Mãe Terra, que não estava de bom humor.

Foi quando Zeus se virou contra mim. Ele me acusou de começar a coisa toda só porque Gaia havia ludibriado minha prole, um garoto chamado Octavian, levando-o a incitar os acampamentos romano e grego a uma guerra civil que quase destruiu a civilização humana. Eu pergunto: como pode ter sido culpa minha?

Mesmo assim, Zeus *me* declarou responsável pela ilusão de grandeza de Octavian. Zeus pareceu considerar o egoísmo uma característica que o garoto herdou de mim. O que é ridículo. Tenho autopercepção suficiente para não ser egoísta.

— O que aconteceu com você, cara? — A voz de Percy me despertou dos devaneios. — A guerra terminou em agosto. Estamos em janeiro.

— Estamos?

Acho que eu devia ter desconfiado pelo tempo frio, mas nem havia parado para pensar nisso.

— Na última vez que nos encontramos — disse Percy —, Zeus estava massacrando você na Acrópole. E então, *bam*, o vaporizou. Ninguém viu nem ouviu falar de você em seis meses.

Tentei lembrar, mas, em vez de se tornarem mais claras, minhas lembranças da época divina ficavam cada vez mais indistintas. O que aconteceu nos últimos seis meses? Estive em algum tipo de estase? Zeus havia demorado tanto tempo assim para decidir o que fazer comigo? Talvez houvesse um motivo para ele ter esperado até esse momento para me jogar na Terra.

A voz do meu pai ainda ecoava em meus ouvidos: *Sua culpa. Sua punição.* Minha vergonha parecia recente e intensa, como se a conversa tivesse acabado de acontecer, mas não havia como ter certeza.

Depois de viver por tantos milênios, eu tinha dificuldade de me achar no tempo. Eu escutava uma música no Spotify e pensava: “Ah, essa é nova!” Aí, percebia que era o “Concerto para piano nº 20 em ré menor” de Mozart, de mais de duzentos anos atrás. Ou me perguntava por que Heródoto, o historiador, não estava nos meus contatos. Aí

lembrava que Heródoto não tem smartphone porque morreu na Idade do Ferro.

É muito irritante a brevidade da vida de vocês, mortais.

— Eu… eu não faço ideia de onde estava — admiti. — Tenho algumas falhas na memória.

Percy fez uma careta.

— Odeio falhas na memória. Ano passado, perdi um semestre inteiro graças a Hera.

— Ah, é.

Eu não me lembrava muito bem sobre o que Percy Jackson estava falando. Durante a guerra com Gaia, fiquei mais concentrado nos meus fabulosos feitos heroicos. Mas imagino que ele e os amigos tenham passado por maus bocados.

— Ah, não tema — falei. — Sempre há novas oportunidades para conquistar a fama! Foi por isso que vim até você pedir ajuda!

Ele fez aquela expressão confusa de novo, como se quisesse me dar um chute, quando eu tinha certeza de que devia estar lutando para conter a gratidão.

— Olha, cara…

— Você poderia parar de me chamar de *cara*? É um doloroso lembrete de que sou humano.

— Tudo bem… Apolo, posso muito bem levar você e Meg para o acampamento, se é isso o que querem. Nunca viro as costas para um semideus que precisa de ajuda…

— Maravilhoso! Você tem alguma outra coisa além do Prius? Um Maserati, talvez? Eu aceitaria um Lamborghini.

— *Mas* — continuou Percy —, não posso me envolver em nenhuma outra Grande Profecia nem nada assim. Eu fiz umas promessas.

Olhei para ele sem entender muito bem.

— Promessas?

Percy entrelaçou os dedos. Eram longos e ágeis. Ele teria sido um excelente músico.

— Perdi boa parte do meu segundo ano na escola por causa da guerra com Gaia. Passei o outono inteiro tentando recuperar as matérias atrasadas. Se eu quiser ir para a faculdade com Annabeth no outono que vem, tenho que ficar longe de problemas e conseguir meu diploma.

— Annabeth. — Tentei me lembrar de onde conhecia esse nome. — É a loura assustadora?

— Ela mesma. Fiz uma promessa bem *específica* de que não morreria enquanto ela estivesse fora.

— Fora?

Percy acenou com a mão vagamente.

— Ela foi passar algumas semanas em Boston. Uma emergência

familiar. A questão é…

— Você está dizendo que não pode me oferecer seu serviço integral para me levar de volta ao trono?

— Hã… é. — Ele apontou para a porta do quarto. — Além do mais, minha mãe está grávida. Vou ter uma irmãzinha. Eu gostaria de estar por perto para conhecê-la.

— Ah, eu entendo. Lembro quando Ártemis nasceu…

— Vocês não são gêmeos?

— Eu sempre a vi como minha irmãzinha.

Percy contorceu a boca.

— Enfim, além de minha mãe estar grávida, ela vai lançar seu primeiro livro na primavera, então eu gostaria de ficar vivo por tempo suficiente para…

— Que maravilha! Lembre-a de queimar os sacrifícios adequados. Calíope fica bem sensível quando os romancistas esquecem de agradecer.

— Tudo bem. Mas o que estou dizendo… é que não posso sair por aí em outra missão. Não posso fazer isso com minha família.

Percy olhou pela janela. No peitoril havia uma planta com delicadas folhas prateadas dentro de um vaso, possivelmente um enlace lunar.

— Já causei ataques cardíacos suficientes à minha mãe para uma vida inteira. Ela acabou de me perdoar por ter desaparecido no ano passado, mas jurei para ela e para Paul que não faria isso de novo.

— Paul?

— Meu padrasto. Ele está em um treinamento de professores hoje. É um bom sujeito.

— Entendo.

Na verdade, não entendia. Eu queria voltar a falar dos meus problemas. Estava impaciente por Percy ter desviado a conversa para ele. Infelizmente, percebi que esse tipo de egocentrismo é comum entre semideuses.

— Você *compreende* que tenho que encontrar um jeito de voltar para o Olimpo — falei. — Isso provavelmente envolve várias provações árduas com um grande risco de morte. Você seria capaz de recusar tamanha glória?

— É, tenho certeza de que seria, sim. Desculpe.

Repuxei os lábios. Sempre fiquei decepcionado quando mortais se colocavam em primeiro lugar e não conseguiam enxergar a situação como um todo: a importância de *me* colocar em primeiro lugar. Mas eu precisava lembrar a mim mesmo que esse jovem já havia me ajudado em várias outras ocasiões. Ele conquistara minha boa vontade.

— Entendo — falei, sendo incrivelmente generoso. — Você ao

menos vai nos acompanhar ao Acampamento Meio-Sangue?

— Isso eu posso fazer.

Percy enfiou a mão no bolso do moletom e pegou uma caneta esferográfica. Por um instante, achei que ele quisesse meu autógrafo. Não sei dizer quantas vezes isso aconteceu. Mas então lembrei que a caneta era o disfarce da espada dele, Contracorrente.

Percy sorriu, e parte daquela malícia antiga de semideus brilhou em seus olhos.

— Vamos ver se Meg está pronta para um passeio no campo.

5

Pastinha gostosa
Cookie azul de chocolate
Amo essa mulher

SALLY JACKSON ERA UMA feiticeira tão poderosa quanto Circe. Ela transformou uma moleca de rua em uma garotinha incrivelmente bonita. O cabelo escuro de Meg estava brilhoso e penteado. O rosto redondo estava limpo. Os óculos estilo gatinho tinham sido polidos até as pedrinhas nas hastes brilharem. Evidentemente, ela insistiu em ficar com os tênis vermelhos velhos, mas estava usando uma legging preta nova e uma túnica verde que ia até o joelho.

A sra. Jackson encontrou um jeito de manter o antigo visual de Meg, mas fazendo alguns ajustes para deixá-lo mais equilibrado. A menina agora tinha uma aura de elfo primaveril que me lembrou muito uma dríade. Na verdade…

Uma onda repentina de emoção tomou conta de mim. Eu sufoquei o choro.

Meg fez beicinho.

— Estou tão feia assim?

— Não, não — falei. — É que…

Eu queria dizer *você me lembra uma pessoa*, mas não ousava tocar nesse assunto. Só dois mortais partiram meu coração. Mesmo depois de tantos séculos, era impossível para mim pensar nela — ou até pronunciar seu nome — sem cair em desespero.

Não me entenda mal. Eu não me sentia atraído por Meg, de jeito nenhum. Eu tinha dezesseis anos (ou mais de quatro mil, dependendo de como você encarasse a situação), ela tinha só doze. Mas, olhando para ela agora, me dei conta de que Meg McCaffrey podia ser filha do meu antigo amor… se meu antigo amor tivesse vivido o bastante para ter filhos.

Era doloroso demais. Desviei o olhar.

— Bem — disse Sally Jackson, com alegria forçada —, que tal eu fazer o almoço enquanto vocês três… conversam?

Ela lançou um olhar preocupado para Percy e foi para a cozinha, com as mãos apoiadas na barriga grávida.

Meg se sentou na beirada do sofá.

— Percy, sua mãe é tão normal.

— Hum... Obrigado?

Ele empurrou uma pilha de apostilas para o lado na mesa de centro e abriu espaço.

— Estou vendo que você gosta de estudar — comentei. — Muito bem.

Percy riu com deboche.

— Eu *odeio* estudar. Já tenho uma bolsa integral para estudar na Universidade Nova Roma, mas eles querem que eu passe em todas as matérias do ensino médio e ainda por cima tire uma boa nota nos exames de admissão. Dá para acreditar? Sem mencionar que tenho que passar na APIS.

— Passar no quê? — perguntou Meg.

— É uma prova para semideuses romanos — expliquei. — A Avalição de Poderes Incríveis dos Semideuses.

Percy franziu a testa.

— É isso que a sigla significa?

— É claro que é. Eu sei porque escrevi as seções de análise de música e poesia.

— Nunca vou perdoar você por isso — disse Percy.

Meg ficou de pé.

— Então você é mesmo um semideus? Como eu?

— Infelizmente, sim. — Percy afundou na poltrona, e eu me sentei no sofá. — Meu pai é a parte divina da família. Poseidon. E os seus?

As pernas de Meg ficaram imóveis. Ela observou as cutículas roídas, os anéis de lua crescente nos dedos do meio.

— Não conheci meus pais… direito.

Percy hesitou.

— Lar adotivo? Pais adotivos?

Imediatamente pensei em uma planta chamada *Mimosa pudica*, ou dormideira, criação do deus Pã. Assim que as folhas são tocadas, a planta se fecha como autodefesa. E esse parecia ser o caso de Meg, encolhendo-se diante das perguntas de Percy.

Ele levantou as mãos.

— Desculpe. Não quis ser xereta. — Percy me lançou um olhar curioso. — E como vocês se conheceram?

Contei a história para ele. Posso ter exagerado um pouco na parte em que me defendi bravamente de Cade e Mikey, mas só por questões narrativas, você entende.

Quando terminei, Sally Jackson voltou. Colocou na mesa uma tigela de nachos e uma caçarola cheia de uma coisa cremosa com camadas multicoloridas, como rocha sedimentar.

— Já trago os sanduíches — disse ela —, mas não quis desperdiçar o restinho da pasta que tinha na geladeira.

— Oba! — Percy enfiou um nacho na pasta. — Minha mãe é famosa por essa pasta, pessoal.

Sally bagunçou o cabelo dele.

— Leva guacamole, creme azedo, feijões refritos, molho…

— Tem sete camadas? — Ergui o rosto, maravilhado. — Você sabia que sete é meu número sagrado? Você inventou isso para *mim*?

Sally limpou as mãos no avental.

— Bem, na verdade, não posso levar o crédito…

— Você é modesta demais! — Experimentei a pasta. O gosto era quase tão bom quanto nachos de ambrosia. — Você terá fama imortal por isso, Sally Jackson!

— Que fofo. — Ela apontou para a cozinha. — Já volto.

Em pouco tempo, estávamos comendo sanduíches de peru e nachos e bebendo smoothies de banana. Meg parecia um esquilo, enfiando mais comida na boca do que podia comer. Minha barriga estava cheia. Eu nunca tinha sido tão feliz. Sentia um desejo estranho de ligar um Xbox e jogar *Call of Duty*.

— Percy, sua mãe é incrível — falei.

— Não é? — Ele terminou o smoothie. — Voltando à sua história… você tem que ser servo da Meg agora? Vocês mal se conhecem.

— *Mal* é generosidade sua — falei. — Mas é isso mesmo que você ouviu. Meu destino agora está ligado ao da jovem McCaffrey.

— Nós estamos *cooperando* — disse Meg.

Ela pareceu saborear a palavra.

Percy pegou a caneta esferográfica no bolso. Ele bateu com ela no joelho, pensativo.

— E essa coisa toda de se tornar mortal… você já passou por isso duas vezes?

— Não por escolha — garanti. — Na primeira vez, tivemos uma pequena rebelião no Olimpo. Tentamos destronar Zeus.

Percy fez uma careta.

— Imagino que não tenha dado muito certo.

— Eu levei a maior parte da culpa, naturalmente. Ah, e seu pai, Poseidon. Nós dois fomos jogados na Terra como mortais, fomos obrigados a servir Laomedonte, o rei de Troia. Ele era um senhor rígido. Até se recusou a pagar por nosso trabalho!

Meg quase engasgou com o sanduíche.

— Eu tenho que pagar?

Uma imagem apavorante me veio à mente: Meg McCaffrey tentando me pagar com tampinhas de garrafa, bolinhas de gude e pedaços de barbante colorido.

— Pode ficar tranquila — falei. — Não vou apresentar uma conta no final nem nada. Mas, como eu estava dizendo, na segunda vez que virei mortal, Zeus estava zangado porque matei alguns ciclopes.

Percy franziu a testa.

— Cara, isso não é legal. Meu irmão é um ciclope.

— Eram ciclopes maus! Eles lançaram o raio que matou um dos meus filhos!

Meg quicou no braço do sofá.
— O irmão de Percy é um ciclope? Que irado!
Respirei fundo e tentei pensar em coisas boas.
— De qualquer modo, fiquei preso a Admeto, o rei da Tessália. Ele era um senhor gentil. Eu gostava tanto dele que fiz todas as suas vacas terem bezerros gêmeos.
— Posso ter vacas bebês também? — perguntou Meg.
— Bem, Meg — comecei —, primeiro você teria que ter algumas mamães vacas. Sabe…
— Pessoal — interrompeu Percy. — Só para relembrar, você tem que ser servo de Meg por…?
— Uma quantidade indefinida de tempo. Provavelmente, um ano. Possivelmente mais.
— E, durante esse tempo…
— Vou indubitavelmente encarar muitas provações e dificuldades.
— Como conseguir vacas para mim — disse Meg.
Trinquei os dentes.
— Que provações vão ser, eu ainda não sei. Mas, se eu passar por elas e provar que sou digno, Zeus vai me perdoar e permitir que eu retorne ao Olimpo.
Percy não pareceu convencido, provavelmente porque eu não fui convincente. Eu *precisava* acreditar que minha punição mortal seria temporária, como havia sido das outras duas vezes. Mas Zeus criou uma regra rigorosa: *Três erros e você está fora.* Só me restava torcer para que isso não se aplicasse a mim.
— Eu preciso de mais tempo para entender o que está acontecendo — falei. — Quando chegarmos ao Acampamento Meio-Sangue, vou falar com Quíron e tentar descobrir quais dos meus poderes divinos permaneceram comigo nesta forma mortal.
— Se é que você ainda tem algum — comentou Percy.
— Vamos pensar positivo.
Percy se recostou na poltrona.
— Alguma ideia de que tipo de espíritos estão seguindo vocês?
— Bolhas brilhantes — disse Meg. — Eram brilhantes e meio… bolhudas.
Percy assentiu, sério.
— Essas são as piores.
— Não importa — declarei. — Sejam o que forem, temos que fugir o mais rápido possível. Quando chegarmos ao acampamento, as fronteiras mágicas vão me proteger.
— E a mim? — perguntou Meg.
— Ah, sim. A você também.
Percy franziu a testa.
— Apolo, se você é realmente um mortal, tipo, cem por cento

mortal, você vai conseguir *entrar* no Acampamento Meio-Sangue?

A pasta de sete camadas da mãe de Percy começou a revirar no meu estômago.

— Não diga uma coisa dessas, por favor. Claro que eu vou entrar. Eu *tenho* que entrar.

— Mas você pode se machucar em batalha agora… — refletiu Percy. — Se bem que talvez os monstros ignorem você, porque você não é importante?

— Pare com isso!

Minhas mãos tremiam. Ser mortal já era traumático o bastante. A ideia de ser barrado no acampamento, de *não* ser *importante*… Não. Não podia ser.

— Tenho certeza de que mantive alguns dos meus poderes — argumentei. — Por exemplo, ainda sou deslumbrante, tirando as espinhas e o excesso de peso. Eu devo ter outras habilidades!

Percy se virou para Meg.

— E você? Eu soube que você arrasa no lançamento de sacos de lixo. Você tem mais alguma habilidade da qual eu deva saber? Convocar relâmpagos? Fazer privadas explodirem?

Meg deu um sorriso hesitante.

— Isso não é um poder.

— Claro que é — disse Percy. — Alguns dos melhores semideuses começaram explodindo privadas.

Meg riu.

Não gostei do jeito como ela estava sorrindo para Percy. Eu não queria que a garota tivesse uma paixonite. A gente talvez nunca saísse dali. Por mais que eu gostasse da comida de Sally Jackson (um cheiro divino de biscoitos assando vinha da cozinha), eu precisava ir o mais rápido possível para o acampamento.

— Hã, ok — Eu esfreguei as mãos. — Quando podemos partir?

Percy olhou para o relógio na parede.

— Agora, acho. Se vocês estão sendo seguidos, prefiro que os monstros fiquem atrás da gente do que farejando ao redor do apartamento.

— Que magnânimo — falei.

Percy indicou as apostilas com desgosto.

— Eu só preciso voltar ainda hoje para cá. Tenho muita coisa para estudar. Nas primeiras duas vezes que fiz o exame de admissão para a faculdade… Argh. Se não fosse a ajuda de Annabeth…

— Quem é essa? — perguntou Meg.

— Minha namorada.

A expressão de Meg murchou. Fiquei feliz de não haver sacos de lixo por perto.

— Faça uma pausa! — pedi. — Seu cérebro vai ficar renovado

depois de uma viagem tranquila até Long Island.

— Hã... — disse Percy. — Acho pouco provável. Tudo bem. Vamos.

Ele se levantou na hora em que Sally Jackson se aproximava com um prato de biscoitos com gotas de chocolate recém-assados. Por algum motivo, os biscoitos eram azuis, e o cheiro era divino. Posso dizer isso porque eu sou divino.

— Mãe, não surte — disse Percy.

Sally suspirou.

— Eu odeio quando você diz isso.

— Só vou levar Apolo e Meg para o acampamento. Só isso. Volto logo depois.

— Acho que já ouvi isso.

— Eu *prometo*.

Sally olhou para mim e depois para Meg. A expressão dela se suavizou, sua gentileza natural talvez superando a preocupação.

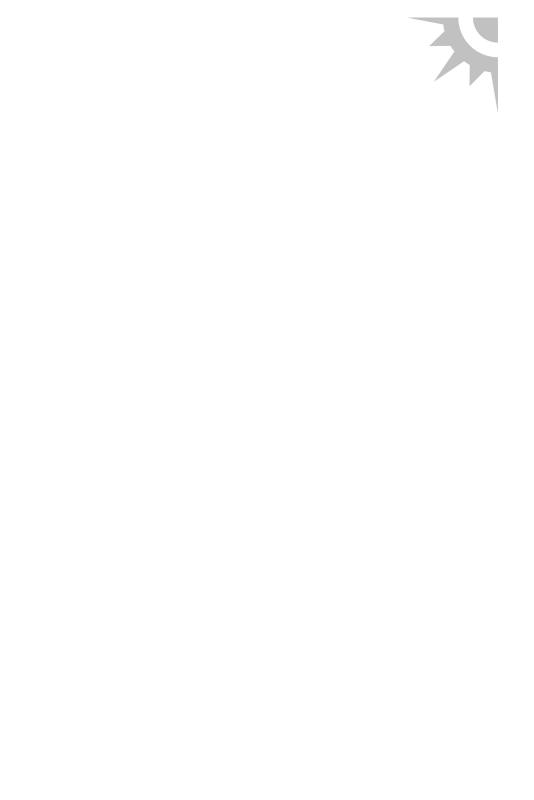
— Tudo bem. Tomem cuidado. Foi um prazer conhecer vocês dois. Tentem não morrer.

Percy deu um beijo na bochecha dela. Ele esticou a mão para pegar um biscoito, mas ela afastou o prato.

— Ah, não — disse ela. — Apolo e Meg podem pegar um, mas vou fazer o restante de refém até você voltar em segurança. E vá logo, querido. Será uma pena se Paul comer todos quando ele chegar em casa.

Percy fechou a cara. E se virou para nós.

— Estão ouvindo? Um prato de biscoitos depende de mim. Se vocês me fizerem morrer no caminho, vou ficar furioso.

6

Aquaman dirige
Nada pode ser pior
Não, não, pode sim

PARA MINHA GRANDE DECEPÇÃO, os Jackson não tinham um arco com aljava sobrando para me emprestar.

— Sou péssimo em arco e flecha — explicou Percy.

— É, mas *eu* não — retruquei. — É por isso que você devia estar sempre preparado para as *minhas* necessidades.

Mas Sally nos emprestou bons casacos, de fleece. O meu era azul com a palavra BLOFIS escrita por dentro da gola. Talvez fosse uma proteção misteriosa contra espíritos do mau. Hécate saberia. Bruxaria não era mesmo minha praia.

Quando chegamos ao Prius, Meg pediu para ir na frente, o que foi mais um exemplo da injustiça que era minha atual existência. Deuses não andam no banco traseiro. Sugeri novamente ir atrás deles em um Maserati ou em um Lamborghini, mas Percy admitiu que não possuía nenhum dos dois. O Prius era o único carro da família.

Como eu ia dizendo… Uau. Simplesmente *uau*.

Sentado no banco de trás, logo fiquei enjoado. Eu costumava guiar minha carruagem do Sol pelo céu, onde todas as pistas eram de alta velocidade. Não estava acostumado com a via expressa de Long Island. Acredite, mesmo ao meio-dia em pleno mês de janeiro, não há nada de *expresso* nas suas vias expressas.

Percy freou, e fomos jogados para a frente. No fundo, eu desejava poder lançar uma bola de fogo e derreter os carros em nosso caminho, abrindo passagem para nossa jornada, que obviamente era mais importante que a de qualquer um deles.

— Seu Prius não tem lança-chamas? Lasers? Ao menos facas hefestianas no para-choque? Que tipo de veículo econômico é este?

Percy olhou pelo retrovisor.

— Vocês têm carros assim no Monte Olimpo?

— Nós não temos engarrafamento. Isso eu posso jurar.

Meg ficou puxando seus anéis de lua. Mais uma vez, me perguntei se havia alguma ligação entre ela e Ártemis. A lua era o símbolo da minha irmã. Teria Ártemis enviado Meg para cuidar de mim?

Ainda que fosse o caso, não parecia fazer sentido. Ártemis tinha dificuldade de compartilhar qualquer coisa comigo: semideuses, flechas, nações, festas de aniversário. É uma coisa de irmãos gêmeos. Além do mais, Meg McCaffrey não me parecia uma das seguidoras da

minha irmã. Tinha outro tipo de aura… que eu seria capaz de reconhecer facilmente se fosse um deus. Mas não. Tinha que contar com intuição mortal, que era como tentar pegar uma agulha de costura usando luvas de forno.

Meg se virou e olhou pelo para-brisa traseiro, provavelmente procurando alguma bolha brilhante nos seguindo.

— Pelo menos não estamos sendo…

— Não diga — avisou Percy.

Meg bufou.

— Você não sabe o que eu ia…

— Você ia dizer “Pelo menos não estamos sendo seguidos” — afirmou Percy. — Isso vai nos amaldiçoar. Na mesma hora, vamos perceber que *estamos* sendo seguidos. E então, vamos acabar em uma enorme batalha que vai destruir o carro da minha família e provavelmente a estrada inteira também. Em seguida, vamos ter que correr até o acampamento.

Meg arregalou os olhos.

— Você consegue prever o futuro?

— Não é preciso. — Percy foi para a faixa que estava andando um pouco menos devagar. — É que já fiz muito isso. Além do mais — ele me lançou um olhar acusatório —, ninguém mais consegue prever o futuro. O oráculo não está funcionando.

— Que oráculo? — perguntou Meg.

Nenhum de nós respondeu. Por um instante, fiquei perplexo demais para falar. E, acredite, tenho que ficar *muito* perplexo para isso acontecer.

— *Ainda* não está funcionando? — perguntei, baixinho.

— Você não sabia? — retrucou Percy. — Ah, claro, você esteve fora por seis meses, mas isso aconteceu sob sua vigília.

Que injustiça. Eu estava ocupado me escondendo da ira de Zeus na época, uma desculpa perfeitamente legítima. Como poderia saber que Gaia ia tirar vantagem do caos da guerra e trazer meu maior e mais antigo inimigo das profundezas do Tártaro para tomar posse de sua antiga morada na caverna de Delfos e cortar a fonte do meu poder profético?

Ah, sim, estou ouvindo daqui suas críticas: *Você é o deus da profecia, Apolo. Como poderia* não *saber que isso ia acontecer?*

O que você verá em seguida será uma bela careta no maior estilo Meg McCaffrey.

Engoli o gosto do medo e da pasta de sete camadas.

— Eu só… Eu imaginei… Eu torcia para que isso já estivesse resolvido a essa altura.

— Você quer dizer resolvido por semideuses — disse Percy —, enviados em uma grande missão para recuperar o Oráculo de Delfos?

— Exatamente! — Eu sabia que Percy ia entender. — Acho que Quíron esqueceu. Vou lembrá-lo assim que chegarmos ao acampamento, e então ele pode despachar alguns de vocês, gentalha talentosa, quer dizer, heróis…

— Olha, a questão é a seguinte — disse Percy. — Para sair em uma missão, nós precisamos de uma profecia, certo? As regras são essas. Se não tem oráculo, não *tem* profecia, então estamos presos em um…

— Ardil 88. — Suspirei.

Meg jogou um pedaço de linha em mim.

— É Ardil 22.

— Não — expliquei, pacientemente. — Isso é um Ardil 88, ou seja, quatro vezes pior.

Tenho a sensação de que estou flutuando em um banho quente e alguém tirou a tampa do ralo: a água gira ao meu redor, me puxando para baixo. Em pouco tempo, eu estaria tremendo, ou então seria sugado pelo ralo para o esgoto da desesperança. (Não ria. É uma metáfora perfeitamente razoável. Além do mais, quando se é um deus, é bem possível ser sugado por um ralo, se for pego desprevenido, relaxado e por acaso mudar de forma no momento errado. Uma vez, acordei em uma unidade de tratamento de esgoto em Biloxi, mas isso é outra história.)

Eu começava a ter um vislumbre do que me aguardava na minha temporada como mortal. O oráculo estava sendo controlado por forças hostis. Meu inimigo estava à espreita, ganhando forças a cada dia com os vapores mágicos das cavernas de Delfos. E eu era um mortal fraco comprometido com uma semideusa não treinada que jogava lixo e mordia as cutículas.

Não. Zeus não *podia* esperar que eu consertasse isso. Não na minha atual condição.

Ainda assim… *alguém* mandou aqueles delinquentes me interceptarem no beco. Alguém sabia onde eu ia cair.

Ninguém mais consegue prever o futuro, dissera Percy.

Mas não era bem assim.

— Ei, vocês dois.

Meg jogou fiapos de linha em nós. De onde ela estava tirando tanta linha?

Percebi que vinha ignorando-a. Havia sido bom enquanto durou.

— Sim, desculpe, Meg — falei. — Sabe, o Oráculo de Delfos é um antigo…

— Não estou nem aí pra isso — disse ela. — São três bolhas brilhosas agora.

— O quê? — perguntou Percy.

Ela apontou para trás do carro.

— Olhem.

Costurando em meio ao trânsito e se aproximando de nós rapidamente havia três aparições cintilantes e vagamente humanoides, plumas oscilantes como fumaça de granada tocadas pelo rei Midas.

— Pelo menos uma vez na vida eu gostaria de fazer um trajeto tranquilo — resmungou Percy. — Se segurem. Vamos ter que cortar caminho.

* * *

A definição que Percy dava a *cortar caminho* era diferente da minha.

Eu imaginava que pegaríamos um atalho. Mas o que ele fez foi acelerar para a saída mais próxima da rodovia, atravessar o estacionamento de um shopping e passar pelo drive-thru de um restaurante mexicano sem pedir nada. Desviamos para uma área industrial de armazéns dilapidados, as aparições esfumaçadas ainda na nossa cola.

Os nós dos meus dedos ficaram brancos de tanto apertar o cinto de segurança.

— Seu plano é morrer em um acidente de trânsito só para fugir da luta? — perguntei.

— Ha-ha. — Percy virou o volante para a direita. Seguimos em disparada, os armazéns dando lugar a amontoados de prédios e centros comerciais abandonados. — Estou indo para a praia. Luto melhor perto da água.

— Por causa de Poseidon? — indagou Meg, agarrada à porta.

— É — concordou Percy. — Isso descreve praticamente minha vida: *por causa de Poseidon.*

Meg deu pulinhos de empolgação, o que me pareceu sem sentido, considerando que o carro já vinha pulando bastante.

— Você é tipo o Aquaman? — perguntou ela. — Vai fazer os peixes lutarem por você?

— Obrigado — disse Percy. — Ouvi pouquíssimas piadas do Aquaman na vida.

— Não era piada! — protestou Meg.

Olhei pela janela de trás. As três plumas cintilantes ainda estavam se aproximando. Uma delas passou por um homem de meia-idade atravessando a rua. O pedestre mortal desabou na mesma hora.

— Ah, eu conheço esses espíritos! — gritei. — Eles são… hã…

Meu cérebro ficou enevoado.

— O quê? — perguntou Percy. — São o quê?

— Esqueci! Eu *odeio* ser mortal! Quatro mil anos de conhecimento, todos os segredos do universo, um mar de sabedoria… perdidos, só porque não consigo guardar tudo nessa cabeça de xícara!

— Espere! — Percy fez o Prius voar por um cruzamento com a

linha ferroviária.

Meg gritou quando sua cabeça bateu no teto do carro. Em seguida, começou a rir descontroladamente.

A paisagem se expandiu para um campo de verdade: terras cultivadas, vinhedos inertes, pomares de árvores sem folhas.

— Só mais ou menos um quilômetro até a praia — disse Percy. — Além do mais, estamos quase na fronteira do acampamento. Vamos conseguir. Vamos conseguir.

Na verdade, não conseguiríamos. Uma das nuvens de fumaça brilhante deu um golpe sujo, se materializando no asfalto bem na nossa frente.

Instintivamente, Percy desviou.

O Prius saiu da pista e atravessou uma cerca de arame farpado, invadindo um pomar. Percy conseguiu desviar de todas as árvores, mas o carro derrapou na lama gelada e foi parar entre dois troncos. Milagrosamente, os air bags não foram acionados.

Percy soltou o cinto de segurança.

— Vocês estão bem?

Meg empurrou a porta do passageiro.

— Não quer abrir. Me tira daqui!

Percy tentou abrir a porta dele também. Estava firmemente emperrada contra um pessegueiro.

— Aqui atrás — falei. — Pulem o banco!

Abri minha porta com um chute e cambaleei para fora do carro, as pernas parecendo amortecedores gastos.

As três figuras esfumaçadas tinham parado na entrada do pomar. Avançavam devagar, assumindo formas sólidas. Ganharam braços e pernas. Os rostos formaram olhos e bocas grandes e famintas.

Eu soube instintivamente que já tinha enfrentado esses espíritos antes. Não conseguia lembrar o que eram, mas eu os tinha dispersado muitas vezes, enviando-os para o esquecimento com o mesmo esforço que gastaria com um bando de mosquitos.

Infelizmente, eu não era mais um deus. Era um garoto de dezesseis anos em pânico. As palmas das minhas mãos estavam suando. Meus dentes estavam batendo. Meu único pensamento coerente era: CARACA!

Percy e Meg tentavam sair do Prius. Eles precisavam de tempo, o que significava que eu tinha que criar alguma interferência.

— PAREM! — gritei para os espíritos. — Sou o deus Apolo!

Para minha agradável surpresa, os três espíritos pararam. Ficaram no mesmo lugar, a uns dez metros de distância.

Ouvi Meg grunhir enquanto saía pelo banco de trás. Percy saiu depois dela.

Avancei na direção dos espíritos, a lama gelada estalando sob meus

sapatos. Minha respiração soltava vapor no ar gelado. Levantei a mão em um antigo gesto de três dedos para afastar o mal.

— Nos deixem em paz ou sejam destruídos! — entoei para os espíritos. — BLOFIS!

As formas esfumaçadas tremeluziram. Minhas esperanças aumentaram. Esperei que elas se dissipassem ou fugissem de medo.

Mas na realidade elas se solidificaram em cadáveres sinistros com olhos amarelos. As roupas esfarrapadas, os membros cobertos de feridas abertas e bolhas escorrendo.

— Ah, não. — Meu pomo de adão despencou até o peito como uma bola de bilhar. — Lembrei agora.

Percy e Meg pararam ao meu lado. Com um chiado metálico, a caneta de Percy virou uma lâmina de bronze celestial cintilante.

— Lembrou o quê? — perguntou ele. — Como matar essas coisas?

— Não — respondi. — Lembrei o que eles são: *nosoi*, espíritos das chagas. E também… que eles não podem ser mortos.

7

Eles me perseguem
São espíritos do mal
Muito divertido, não?

— ***NOSOI?*** — **PERCY** posicionou os pés em postura de luta. — Sabe, eu vivo pensando: *Agora já matei todas as coisas que existem na mitologia grega*. Mas a lista parece não terminar nunca.

— Você ainda não me matou — observei.

— Não me provoque.

Os três *nosoi* estavam cada vez mais perto, as bocas cadavéricas escancaradas, as línguas para fora, os olhos brilhando com uma camada de muco amarelo.

— Essas criaturas *não* são mitos — falei. — Claro, a maioria dos mitos antigos não é mito. Exceto aquela história de como eu esfolei o sátiro Marsias vivo. Isso foi uma grande mentira.

Percy olhou para mim.

— Você fez o *quê*?

— Pessoal — disse Meg, pegando um galho seco no chão. — Podemos falar sobre isso depois?

O espírito do meio falou.

— Apolooooooo… — A voz dele gorgolejava como a de uma foca com bronquite. — Vieeeeeemos paaaaara…

— Vou ter que interromper você agora. — Cruzei os braços e fingi indiferença arrogante. (Foi difícil, mas consegui.) — Vocês vieram se vingar de mim, né? — Eu olhei para os meus amigos semideuses. — Os *nosoi* são os espíritos das chagas. Quando *eu* nasci, espalhar doenças se tornou parte do *meu* trabalho. Eu uso flechas com pragas como varíola, pé de atleta, esse tipo de coisa, para destruir populações malcomportadas.

— Que horror — disse Meg.

— Alguém tem que fazer isso! — expliquei. — Melhor um deus regulado pelo Conselho do Olimpo e com as autorizações de saúde adequadas do que uma horda de espíritos incontroláveis como *esses*.

O espírito da esquerda gorgolejou:

— Estamos tentando ter um momeeeento aqui. Pare de interromper! Queremos ser livres, independeeeentes…

— É, é, eu sei. Vocês vão me destruir. Aí, vão espalhar todas as doenças conhecidas pelo mundo. Estão querendo fazer isso desde que Pandora abriu aquela caixa e deixou vocês escaparem, mas podem ir perdendo as esperanças, porque vou destruir vocês!

Talvez você esteja se perguntando como pude agir com tanta confiança e calma. Na verdade, eu estava apavorado. Meus instintos mortais de dezesseis anos estavam gritando *CORRA!* Meus joelhos batiam um no outro e meu olho direito estava com um tremor horrível. Mas o segredo ao lidar com os espíritos das chagas era falar ininterruptamente, para mostrar que está no comando e não tem medo deles. Eu achei que isso daria o tempo necessário para meus amigos semideuses bolarem um plano inteligente para me salvar. Realmente *esperava* que Meg e Percy estivessem pensando em um algum plano.

O espírito da direita mostrou os dentes podres.

— Com o que você vai destruir a gente? Onde está seu aaaarco?

— Aparentemente não está aqui — falei. — Mas será que não está mesmo? E se estiver escondido inteligentemente embaixo dessa camiseta do Led Zeppelin e eu esteja prestes a pegá-lo e disparar em vocês?

Os *nosoi* se remexeram com nervosismo.

— Você meeeente — disse o do meio.

Percy pigarreou.

— Hã, ei, Apolo…

Finalmente!, pensei.

— Eu sei o que você vai dizer — falei. — Você e Meg bolaram um plano sagaz para afastar esses espíritos enquanto eu corro para o acampamento. Odeio ver vocês se sacrificarem, mas…

— Não era isso que eu ia dizer. — Percy levantou a espada. — Eu ia perguntar o que acontece se eu fizer picadinho desses bafentos com bronze celestial.

O espírito do meio riu, os olhos amarelos brilhando.

— Uma espada é uma arma tão pequena. Não tem a poesiiiia de uma boa epidemia.

— É melhor parar por aí! — gritei. — Você não pode querer minhas doenças e minha poesia ao mesmo tempo!

— Você está certo — disse o espírito. — Chega de palaaaavras.

Os três cadáveres voltaram a se locomover. Eu estiquei os braços, torcendo para que os espíritos explodissem e virassem poeira. Nada aconteceu.

— Mas não é possível! — reclamei. — Como os semideuses conseguem fazer isso sem um botão de vitória automática?

Meg enfiou o galho no peito do espírito mais próximo. O galho ficou preso, e uma fumaça cintilante começou a girar ao redor da madeira.

— Solte! — ordenei. — Não deixe o *nosos* tocar em você!

Meg largou o galho e se afastou.

Enquanto isso, Percy Jackson partiu para a batalha. Ele golpeou com a espada, desviou das tentativas dos espíritos de pegá-lo, mas

seus esforços foram inúteis. Sempre que a lâmina tocava nos *nosoi*, eles simplesmente se dissolviam em névoa cintilante e voltavam a se solidificar em outro lugar.

Um espírito tentou segurá-lo. Meg pegou um pêssego preto congelado no chão e o jogou com tanta força que atravessou a testa do espírito e o derrubou.

— A gente tem que correr — concluiu Meg.

— É. — Percy recuou na nossa direção. — Gostei dessa ideia.

Eu sabia que correr não ia ajudar. Se fosse possível correr dos espíritos das chagas, os europeus medievais teriam colocado seus melhores tênis de corrida e fugido da Peste Negra. (E, para deixar bem claro, eu não tive nada a ver com a Peste Negra. Eu tirei um século de folga para ficar relaxando na praia em Cabo e, quando voltei, descobri que os *nosoi* tinham se libertado, e um terço do continente estava morto. *Deuses*, eu fiquei tão irritado.)

Mas eu estava apavorado demais para discutir. Meg e Percy correram pelo pomar e eu fui atrás.

Percy apontou para uma série de colinas mais ou menos um quilômetro à frente.

— Ali é a fronteira ocidental do acampamento. Se a gente conseguir chegar lá…

Passamos por um tanque de irrigação preso a um trator. Com um movimento casual da mão, Percy fez a lateral do tanque rachar. Uma parede de água caiu em cima dos três *nosoi* que nos perseguiam.

— Isso foi bom. — Meg sorriu, saltitando com o vestido verde novo. — A gente vai conseguir!

Não, eu pensei, *não vai*.

Meu peito estava doendo. Minha respiração estava mais para um chiado áspero. Achei humilhante aqueles dois semideuses conseguirem bater papo enquanto corriam para salvar suas vidas, e eu, o imortal Apolo, só ofegava como um bagre.

— A gente não pode… — Eu engoli em seco. — Eles vão…

Antes que eu completasse a frase, três pilares cintilantes de fumaça surgiram do chão na nossa frente. Dois dos *nosoi* se solidificaram em cadáveres, um com um pêssego como se fosse um terceiro olho, o outro com um galho de árvore saindo do peito.

O terceiro espírito… Bem. Percy não o viu a tempo. Ele correu direto para a pluma de fumaça.

— Não respire! — alertei.

Os olhos de Percy saltaram como quem diz: *É sério?* Ele caiu de joelhos com as mãos no pescoço. Como filho de Poseidon, provavelmente conseguia respirar debaixo da água, mas prender a respiração por tempo indeterminado era uma coisa totalmente diferente.

Meg pegou outro pêssego murcho no chão, mas aquilo não ia ser de grande serventia contra as forças das trevas.

Tentei pensar em algo para ajudar Percy, porque ajudar é meu nome do meio, mas o *nosos* empalado pelo galho de árvore partiu para cima de mim. Eu me virei e corri, e dei de cara com uma árvore. Gostaria de dizer que foi tudo parte do meu plano, mas mesmo eu, com toda a minha habilidade poética, não sou capaz de achar algo de positivo nisso.

Caí de costas e vi pontinhos pretos dançando ao meu redor, com a imagem cadavérica do espírito das chagas me encarando do alto.

— Que doença fatal devo usar para matar o grande Apooooolo? — gargarejou o espírito. — Antraz? Talvez eboooooola…

— Cutícula malfeita — sugeri, tentando me arrastar para longe do meu agressor. — Tenho horror àquelas pelezinhas se soltando.

— Eu tenho a resposta! — gritou o espírito, me ignorando com grosseria. — Vamos tentar isso!

Ele se dissolveu em fumaça e se deitou em cima de mim como um cobertor cintilante.

8

Pêssegos no ar
Acho que vou desistir
Estou acabado

NÃO VOU DIZER QUE minha vida passou diante dos meus olhos.

Bem que eu queria. Teria levado vários meses e me dado tempo para pensar em um plano de fuga.

O que realmente passou diante dos meus olhos foram meus arrependimentos. Embora eu seja um ser perfeito e glorioso, tenho alguns. Lembrei-me daquele dia nos estúdios da Abbey Road, quando minha inveja me fez espalhar o rancor pelos corações de John e Paul e separar os Beatles. Lembrei de Aquiles caindo nas planícies de Troia, derrubado por um arqueiro vil graças à minha fúria.

Vi Jacinto, os ombros bronzeados e os cachos escuros brilhando ao sol. De pé na lateral do campo de arremesso de disco, ele abriu um sorriso brilhante para mim, provocando: *Nem você consegue lançar tão longe.*

Apenas observe, respondi. Lancei o disco e fiquei olhando, horrorizado, um vento repentino desviá-lo inexplicavelmente na direção do belo rosto de Jacinto.

E, claro, eu *a* vi, o outro amor da minha vida, a pele clara se transformando em casca de árvore, folhas verdes brotando do cabelo, os olhos enrijecendo em riachos de seiva.

Essas lembranças despertaram tanta dor que era de se imaginar que eu aceitaria de bom grado a névoa de peste cintilante caindo sobre mim.

Mas meu novo eu mortal se rebelou. Era jovem demais para morrer! Sequer tinha dado meu primeiro beijo! (Sim, meu catálogo divino de ex estava lotado de gente mais bonita do que a lista de convidados das festas das Kardashian, mas nenhuma delas me parecia real.)

Para ser totalmente sincero, preciso confessar outra coisa: todos os deuses temem a morte, mesmo quando *não* estamos presos em uma forma mortal.

Pode parecer bobeira. Somos imortais. Mas, como você viu, a imortalidade pode ser retirada de nós. (No meu caso, *três malditas vezes*.)

Os deuses sabem como é sumir. Sabem como é ser esquecido ao longo dos séculos. A ideia de deixar de existir nos apavora. Na verdade (bem, Zeus não gostaria que eu compartilhasse essa

informação e, se você contar para alguém, vou negar que falei isto), nós, deuses, admiramos um pouco vocês, mortais. Vocês passam a vida toda sabendo que vão morrer. Por mais que tenham amigos e parentes, sua existência medíocre vai ser esquecida depressa. Como conseguem aguentar? Por que não estão correndo de um lado para outro, gritando e arrancando os cabelos? Sua coragem, devo admitir, é admirável.

Onde eu estava mesmo?

Ah, sim. Morrendo.

Rolei na lama, prendendo a respiração. Tentei afastar a nuvem de praga, mas não era tão fácil quanto esmagar uma mosca ou um mortal arrogante.

Tive um vislumbre de Meg fazendo um jogo mortal de pique-pega com o terceiro *nosos*, tentando manter um pessegueiro entre ela e o espírito. A menina gritou alguma coisa para mim, mas a voz parecia metálica e distante.

Em algum lugar no campo à minha esquerda, o chão tremeu. Um gêiser em miniatura entrou em erupção. Percy rastejou desesperadamente na direção dele. Enfiou o rosto na água, limpando-o da fumaça.

Minha visão começou a ficar turva.

Percy se levantou cambaleante. Arrancou a fonte do gêiser, um cano de irrigação, e direcionou a água para mim.

Normalmente, não gosto de ser encharcado. Toda vez que vou acampar com Ártemis, ela se diverte me acordando com um balde de água gelada. Mas, nesse caso, não me importei.

A água dispersou a fumaça, permitindo que eu rolasse para longe e respirasse. Ali perto, nossos dois inimigos gasosos reapareceram como cadáveres encharcados, os olhos amarelos brilhando de irritação.

Meg gritou de novo. Dessa vez, eu entendi o que ela disse.

— ABAIXA!

Achei falta de consideração, levando-se em conta que eu tinha acabado de me levantar. Por todo o pomar, os restos congelados e enegrecidos da colheita estavam começando a levitar.

Acredite em mim, em quatro mil anos já vi coisas muito estranhas. Já vi o rosto sonhador de Urano nas estrelas e Tifão descontar toda a sua fúria pela Terra. Já vi homens virarem cobra, formigas virarem homens e pessoas teoricamente racionais dançarem a Macarena.

Mas nunca antes tinha visto um levante de frutas congeladas.

Percy e eu nos deitamos no chão enquanto pêssegos voavam pelo pomar, ricocheteando nas árvores como bolas de sinuca, destroçando os corpos cadavéricos dos *nosoi*. Se eu estivesse de pé, teria morrido, mas Meg estava ali, inabalável e intacta, enquanto as frutas mortas e congeladas a rodeavam.

Os três *nosoi* desabaram, esburacados. Todas as frutas caíram no chão.

Percy olhou para cima, os olhos vermelhos e inchados.

— O gue agonteceu?

Ele parecia congestionado, o que significava que não havia escapado completamente ileso da nuvem de peste, mas ao menos não estava morto. Isso costumava ser um bom sinal.

— Não sei — admiti. — Meg, estamos em segurança?

Ela olhava impressionada para a carnificina de frutas, cadáveres destroçados e galhos de árvore quebrados.

— Eu… não sei direito.

— Gomo você fez isso? — Percy fungou.

A menina parecia horrorizada.

— Não fiz nada! Só sabia que ia acontecer.

Um dos cadáveres começou a se mexer. Levantou-se e se equilibrou nas pernas muito perfuradas.

— Feeeez, *sim* — grunhiu o espírito. — Vocêêêê é forte, criança.

Os outros dois cadáveres se levantaram.

— Não o bastante — disse o segundo *nosos*. — Vamos acabar com vocês agora.

O terceiro mostrou os dentes podres.

— Seu guardião ficaria tãããão decepcionado.

Guardião? Talvez o espírito estivesse se referindo a mim. Em caso de dúvida, eu sempre presumia que a conversa era sobre mim.

Meg estava com cara de quem tinha levado um soco no estômago. O rosto ficou pálido. Os braços tremiam. Ela bateu o pé e gritou:

— NÃO!

Mais pêssegos giraram no ar. Dessa vez, as frutas se juntaram, dando origem a um demônio poeirento de frutose, até que, de pé na frente de Meg, havia uma criatura semelhante a uma criança pequena e gorducha usando apenas uma fralda de pano. Das costas saíam asas formadas por galhos frondosos. O rosto de bebê talvez tivesse sido fofo, não fossem os olhos verdes brilhantes e os dentes pontudos. A criatura rosnou e abocanhou o ar.

— Ah, dão. — Percy balançou a cabeça. — Odeio essas coisas.

Os três *nosoi* também não pareceram nada satisfeitos e começaram a se afastar do bebê rosnador.

— O q-que é isso? — perguntou Meg.

Fiquei encarando-a, atônito. Ela só podia ser a causa dessa aberração feita de frutas, mas estava tão chocada quanto nós. Infelizmente, se Meg não sabia como tinha invocado essa criatura, não saberia se livrar dela, e, assim como Percy Jackson, eu não era fã dos *karpoi*.

— É um espírito dos grãos — expliquei, tentando não deixar o

pânico transparecer na voz. — Nunca vi um *karpos* de pêssegos antes, mas, se for tão cruel quanto os outros…

Eu estava prestes a dizer *estamos ferrados*, mas isso parecia ao mesmo tempo óbvio e deprimente.

O bebê pêssego se virou na direção dos *nosoi*. Por um momento, temi que eles fizessem alguma aliança infernal, um encontro do mal entre as doenças e as frutas.

O cadáver do meio, o que estava com o pêssego cravado na testa, recuou.

— Não interfira — avisou ele para o *karpos*. — Não vamos permitir…

O bebê pêssego se jogou no *nosos* e arrancou sua cabeça com uma mordida.

E não estou usando nenhuma figura de linguagem. A boca do *karpos* com dentes afiados se abriu em uma circunferência inacreditável e se fechou ao redor da cabeça do cadáver, arrancando-a com uma única mordida.

Ai, caraca… espero que você não esteja jantando enquanto lê isto.

Em questão de segundos, o *nosos* foi despedaçado e devorado.

Compreensivelmente, os outros dois *nosoi* recuaram, mas o *karpos* deu impulso e pulou, caindo bem no segundo cadáver e dilacerando-o até transformá-lo em mingau sabor peste.

O último espírito se dissolveu em fumaça cintilante e tentou sair voando, mas o bebê pêssego abriu as asas frondosas e começou a persegui-lo. Ele abriu a boca e inspirou a doença, mastigando e engolindo até cada filete de fumaça ter sumido.

Pousou na frente de Meg e arrotou. Os olhos verdes brilharam. Ele não parecia nem levemente doente, o que para mim não era nenhuma surpresa, pois doenças humanas não contaminam árvores frutíferas. Na verdade, mesmo depois de comer três *nosoi* inteiros, o sujeitinho ainda parecia faminto.

Ele uivou e bateu no pequeno peito.

— Pêssego!

Lentamente, Percy levantou a espada. O nariz ainda estava vermelho e escorrendo, e o rosto, inchado.

— Meg, *dão* se mexa — disse ele, fungando. — Eu vou…

— Não! — retrucou ela. — Não o machuque. — Meg colocou a mão com hesitação na cabecinha encaracolada da criatura e disse: — Você nos salvou. Obrigada.

Comecei a preparar mentalmente uma lista de ervas medicinais para regenerar membros arrancados, mas, para minha surpresa, o bebê pêssego não mordeu a mão de Meg. Só abraçou a perna dela e olhou para nós de cara feia, como nos desafiando a chegar perto.

— Pêssego — grunhiu ele.

— Ele gosta de você — comentou Percy. — Hã… por quê?

— Não sei — respondeu Meg. — Estou falando a verdade, não o invoquei!

Eu tinha certeza de que Meg o *invocara*, intencionalmente ou não. Também estava começando a suspeitar sobre a paternidade divina dela, além de ter algumas perguntas sobre esse “guardião” que os espíritos mencionaram, mas decidi que seria melhor interrogá-la quando não estivesse com um bebê zangado e carnívoro abraçando sua perna.

— Bem, seja qual for o caso — falei —, devemos nossas vidas ao *karpos*. Isso me traz à mente uma expressão que cunhei séculos atrás: Um pêssego por dia afasta os espíritos das chagas e traz alegria!

Percy espirrou.

— Achei que fossem maçãs que trouxessem alegrias.

O *karpos* sibilou.

— Ou pêssego — acrescentou Percy. — Com pêssego também dá certo.

— Pêssego — concordou o *karpos*.

Percy limpou o nariz.

— Sem querer criticar, mas por gue ele está bancando o Groot?

Meg franziu a testa.

— Groot?

— É, aguele personagem do filme… gue só fica dizendo a mesma coisa sem parar.

— Infelizmente, não vi o filme — respondi. — Mas o *karpos* parece ter um… vocabulário bem restrito.

— Talvez Pêssego seja o nome dele. — Meg acariciou o cabelo cacheado do *karpos*, o que despertou um ronronado demoníaco na garganta da criatura. — É assim que vou chamá-lo.

— Opa, você dão vai adotar essa… — Percy espirrou com tanta força que outro cano de irrigação explodiu atrás dele, gerando uma fileira de pequenos gêiseres. — Ugh. Doente.

— Você teve sorte — falei. — Seu truque com a água diluiu a força do espírito. Em vez de uma doença mortal, você pegou um resfriado.

— Odeio resfriados. — Seus olhos verdes pareciam estar afundando em um mar de sangue. — Nenhum de vocês dois ficou doente?

Meg balançou a cabeça.

— Eu tenho excelente constituição — afirmei. — Sem dúvida, foi o que me salvou.

— E eu ter tirado a fubaça da sua cara — acrescentou Percy.

— Bem, isso também.

Ele ficou me olhando como se esperasse alguma coisa. Depois de um momento constrangedor, me ocorreu que, se Percy fosse um deus, e eu, um adorador, ele talvez esperasse gratidão.

— Ah… obrigado — falei.

Ele assentiu.

— Tudo bem.

Relaxei um pouco. Se ele tivesse exigido um sacrifício, tipo de um touro branco ou um bezerro gordo, não sei bem o que faria.

— Podemos ir agora? — perguntou Meg.

— Excelente ideia — falei. — Mas temo que Percy não esteja em condição…

— Aguento levar vocês pelo resto do caminho — disse ele. — Se conseguirmos tirar meu carro daguelas duas árvores… — Ele olhou na direção do veículo e sua expressão ficou ainda mais infeliz. — Ai, Hades, dão…

Uma viatura de polícia estava parando no acostamento. Imaginei os olhos dos policiais acompanhando na lama as marcas de pneus que levavam a uma cerca derrubada e seguiam até o Toyota Prius azul enfiado entre dois pessegueiros. As luzes no alto da viatura piscavam.

— Que ótimo — murmurou Percy. — Se rebocarem o Prius, estou morto. Minha mãe e Paul *precisam* do carro.

— Vá falar com os policiais — sugeri. — Você não vai ter nenhuma utilidade para nós nesse estado mesmo.

— É, a gente se vira — disse Meg. — Você disse que o acampamento fica logo depois daquelas colinas, né?

— Certo, mas… — Percy fez uma careta, provavelmente tentando pensar direito mesmo com os sintomas do resfriado. — A maioria das pessoas entra no acampamento pelo leste, onde fica a Colina Meio-Sangue. A fronteira a oeste é mais selvagem, com colinas e bosques, tudo fortemente encantado. Se dão tomarem cuidado, podem se perder… — Ele espirrou de novo. — Ainda dão tenho certeza de que Apolo vai conseguir *entrar* sendo totalmente mortal.

— Eu vou entrar. — Tentei irradiar confiança. Não tinha escolha. Se não fosse para o Acampamento Meio-Sangue… Não. Eu já tinha sido atacado duas vezes no meu primeiro dia como mortal. Não havia plano B capaz de me manter vivo.

As portas da viatura se abriram.

— Vá — falei para Percy. — Vamos encontrar o caminho pelo bosque. Explique para a polícia que está doente e perdeu o controle do carro. Eles vão pegar leve com você.

Percy riu.

— Tá. A polícia me ama quase tanto quanto os professores. — Ele olhou para Meg. — Tem certeza de que está bem com o demônio bebê das frutas?

Pêssego rosnou.

— Estou ótima — jurou Meg. — Vá para casa. Descanse. Tome muitos líquidos.

Percy contorceu os lábios.

— Você está dizendo para um filho de Poseidon tomar muitos líquidos? Tudo bem, só tentem sobreviver até o fim de semana, tá? Vou ver se consigo ir até o acampamento dar uma olhada em vocês. Tomem cuidado e a… TCHIM!

Murmurando e aborrecido, ele colocou a tampa da caneta na espada e a transformou novamente em uma simples esferográfica. Era uma sábia precaução antes de se aproximar de agentes da lei. Desceu a colina, espirrando e fungando.

— Policial — chamou ele. — Com licença, aqui em cima. Você sabe me dizer para que lado fica Manhattan?

Meg se virou para mim.

— Pronto?

Eu estava encharcado e tremendo. Era o pior dia na história dos dias. Acabei preso a uma garota assustadora e um bebê pêssego ainda mais assustador. Não estava pronto para nada. Mas também queria desesperadamente chegar ao acampamento. Talvez encontrasse rostos conhecidos lá, talvez até adoradores felizes que me dariam uvas descascadas, Oreos e outras oferendas sagradas.

— Claro. Vamos.

O *karpos* Pêssego grunhiu. Indicou que o seguíssemos, depois correu na direção das colinas. Talvez soubesse o caminho. Talvez só quisesse nos conduzir para uma morte horrível.

Meg correu atrás dele, se pendurando nos galhos das árvores e dando estrelas na lama conforme foi se animando. Qualquer um pensaria que tínhamos acabado de sair de um belo piquenique e não de uma batalha com cadáveres contaminados por pragas.

Olhei para o céu.

— Tem certeza, Zeus? Ainda dá tempo de me dizer que tudo não passou de uma pegadinha elaborada e me chamar de volta para o Olimpo. Já aprendi minha lição. Juro.

As nuvens cinzentas de inverno não responderam. Com um suspiro, corri atrás de Meg e seu novo subordinado homicida.

9

Ando na floresta
Vozes me deixam maluco
Odeio espaguete

EU SUSPIREI DE ALÍVIO.

— Vai ser fácil.

Ok, eu disse a mesma coisa antes de lutar com Poseidon, e isso *não* foi nem um pouco fácil. Ainda assim, nosso caminho até o Acampamento Meio-Sangue não parecia ter muitos percalços. Só de conseguir *ver* o acampamento eu já estava feliz, pois normalmente ele ficava invisível aos olhos humanos. Já era alguma coisa.

De onde estávamos, no topo da colina, víamos o vale todo se estendendo abaixo de nós: mais ou menos oito quilômetros quadrados de bosques, campinas e uma plantação de morangos margeados pelo estuário de Long Island ao norte e por colinas dos outros três lados. Abaixo de nós, uma floresta densa de sempre-vivas cobria o terço ocidental do vale.

Mais à frente, a vegetação dava lugar às construções do Acampamento Meio-Sangue, que brilhavam na luz de inverno: o anfiteatro, a arena onde aconteciam as lutas de espada, o refeitório a céu aberto com as colunas brancas de mármore. Uma trirreme flutuava no lago de canoagem. Vinte chalés ocupavam a área verde ao redor da lareira, que exibia uma chama alegre.

Na beirada da plantação de morangos ficava a Casa Grande: uma construção vitoriana de quatro andares pintada de azul-claro com acabamento branco. Meu amigo Quíron devia estar lá dentro, provavelmente tomando chá junto à lareira. Eu finalmente encontraria um abrigo.

Meu olhar correu para uma das extremidades do vale. Ali, na colina mais alta, a Atena Partenos brilhava em toda a sua glória de ouro e alabastro. No passado, a enorme estátua decorou o Partenon, na Grécia. Agora, comandava o Acampamento Meio-Sangue, protegendo o vale de invasores. Mesmo de longe, eu conseguia sentir seu poder, como o zumbido subsônico de um motor vigoroso. Lá em cima, a nossa Olhos Cinzentos estava sempre atenta a qualquer ameaça, fazendo exatamente o que se esperaria dela: muito trabalho e zero diversão.

Eu teria escolhido uma estátua mais interessante. A minha, por exemplo. Mesmo assim, a visão do Acampamento Meio-Sangue era impressionante. Meu humor sempre melhorava quando eu deparava

com aquele lugar, um pequeno lembrete dos bons e velhos tempos, quando os mortais sabiam construir templos e fazer sacrifícios adequados, com fogo e tal. Ah, tudo era melhor na Grécia Antiga! Quer dizer, exceto as pequenas melhorias que os humanos fizeram: a internet, o croissant de chocolate, a expectativa de vida maior.

O queixo de Meg caiu quando ela viu o acampamento.

— Como foi que eu nunca ouvi falar deste lugar? A gente precisa de ingresso para entrar?

Eu ri. Sempre apreciei a oportunidade de iluminar um mortal perdido.

— Sabe, Meg, o vale é camuflado por fronteiras mágicas. De fora, a maioria dos humanos não vê nada aqui além de campos sem graça. Se eles se aproximarem, vão dar meia-volta e começar a se afastar novamente. Acredite, eu tentei pedir uma pizza no acampamento uma vez. Foi bem irritante.

— Você pediu pizza?

— Deixa pra lá — falei. — Quanto aos ingressos… realmente, o acampamento não permite a entrada de qualquer um, mas hoje é seu dia de sorte. Eu conheço a gerência.

Pêssego grunhiu. Farejou o chão, mastigou um pouco de terra e cuspiu.

— Ele não gostou do sabor deste lugar — disse Meg.

— É, bem… — Eu franzi a testa ao observar o *karpos*. — Podemos tentar dar um pouco de adubo para ele quando chegarmos. Vou fazer com que os semideuses deixem o monstrinho entrar, mas ajudaria se ele não arrancasse a cabeça de ninguém com uma mordida, pelo menos não de cara.

Pêssego murmurou alguma coisa sobre pêssegos.

— Tem alguma coisa estranha — disse Meg, roendo a unha. — Esse bosque… Percy disse que era selvagem, encantado e tal.

Também tive a sensação de que algo estava errado, mas pensei que fosse devido ao pouco apreço que tenho por florestas. Por motivos que prefiro deixar de lado, eu as acho… lugares desconfortáveis. Mesmo assim, com nosso objetivo em vista, meu otimismo de sempre estava voltando.

— Não se preocupe — falei. — Você está viajando com um deus!

— Ex-deus.

— Eu agradeceria se você não ficasse repetindo isso. De qualquer modo, o pessoal do acampamento é muito simpático. Eles vão nos receber com lágrimas de alegria. E espere até você ver o vídeo de orientação!

— Vídeo?

— Eu mesmo dirigi! Agora, venha. O bosque não pode ser tão ruim assim.

* * *

O bosque era bem ruim.

Assim que adentramos suas sombras, as árvores pareceram se juntar ao nosso redor. Troncos fecharam passagem, bloquearam caminhos antigos e abriram novos. Raízes deslizavam pelo chão, criando uma pista de obstáculos com protuberâncias, nós e anéis. Era como tentar andar por uma tigela cheia de espaguete.

Pensar em espaguete me deixou com fome. Fazia poucas horas que eu tinha devorado a pasta de sete camadas e o sanduíche de Sally Jackson, mas meu estômago mortal já estava se contraindo e pedindo comida. Os sons eram bem irritantes, principalmente quando se estava atravessando um bosque escuro e assustador. Até o *karpos* Pêssego começava a parecer apetitoso para mim, me fazendo sonhar com tortas e sorvetes.

Como já disse, eu não era muito fã de bosques. Tentei me convencer de que as árvores não estavam me olhando, fazendo cara feia e sussurrando entre si. Eram só árvores. Mesmo que tivessem dríades ali, não podiam me responsabilizar por algo que aconteceu milhares de anos atrás em outro continente.

Por que não?, eu me perguntei. *Você ainda se responsabiliza.*

Eu disse a mim mesmo para calar a boca.

Andamos durante horas… bem mais tempo do que levaríamos normalmente para chegar à Casa Grande. Eu sempre me orientei pelo Sol, o que não é nenhuma surpresa, considerando que passei milênios dirigindo pelo céu, mas, sob a copa das árvores, a luz era difusa e as sombras confundiam.

Depois que passamos pela mesma rocha pela terceira vez, eu parei e admiti o óbvio.

— Não faço ideia de onde estamos.

Meg se sentou em um tronco caído. Sob a luz verde, ela mais do que nunca parecia uma dríade, apesar de os espíritos das árvores não costumarem usar tênis vermelhos e casacos de segunda mão.

— Você não tem habilidades de sobrevivência na selva? — perguntou ela. — Tipo leitura de musgo no tronco das árvores? Seguir trilhas?

— Minha irmã é quem gosta mais dessas coisas — falei.

— Talvez Pêssego possa ajudar. — Meg se virou para o *karpos*. — Ei, você consegue encontrar uma forma de sairmos da floresta?

Nos últimos quilômetros, o *karpos* ficara murmurando com nervosismo, olhando de um lado para outro. Ele farejou o ar, as narinas tremendo, e em seguida inclinou a cabeça.

Seu rosto ficou verde, e ele emitiu um latido perturbado e se dissolveu em um rodopio de folhas.

Meg se levantou.
— Para onde ele foi?
Observei o bosque. Pêssego foi inteligente; sentiu o perigo se aproximando e nos abandonou. Mas eu não queria dizer isso para Meg. Ela já estava gostando bastante do *karpos*. (Era ridículo se apegar a uma criatura pequena e perigosa. Se bem que nós, deuses, nos apegávamos a humanos, então quem era eu para julgar?)
— Talvez ele tenha ido dar uma investigada — cogitei. — Talvez a gente devesse…
APOLO.
A voz reverberou em minha cabeça, como se alguém tivesse instalado alto-falantes atrás dos meus olhos. Não era a voz da minha consciência. Minha consciência não era feminina nem falava tão alto, mas alguma coisa na voz daquela mulher era estranhamente familiar.
— O que foi? — perguntou Meg.
O ar ficou terrivelmente doce. As árvores me cercaram como uma planta carnívora diante de uma presa.
Uma gota de suor escorreu pelo meu rosto.
— A gente não pode ficar aqui. Obedeça-me, mortal.
— Oi? — disse Meg.
— Hã, eu quis dizer, venha!
Saímos em disparada, tropeçando em raízes, andando sem rumo por um labirinto de galhos e pedras. Chegamos a um riacho límpido em uma margem de cascalho. Eu continuei a toda, sem diminuir o ritmo. Entrei na água gelada e afundei até o tornozelo.
A voz falou de novo: *ME ENCONTRE.*
Dessa vez, foi tão alto que perfurou minha testa como se fosse uma estaca. Eu cambaleei e caí de joelhos.
— Ei! — Meg segurou meu braço. — Levante!
— Você não ouviu isso?
— Ouvi o quê?
A DESCIDA DO SOL, disse a voz. *O VERSO FINAL.*
Eu caí de cara na água.
— Apolo!
Meg me virou, a voz tensa e exasperada.
— Venha! Eu não consigo carregar você!
Mas ela tentou. Ela me arrastou pelo rio, xingando e me repreendendo, até que, com sua ajuda, consegui rastejar até a margem.
Eu me deitei de costas e fiquei olhando vidrado para a copa das árvores. Minhas roupas encharcadas estavam tão geladas que queimavam. Meu corpo reverberava como uma corda de guitarra.
Meg tirou meu casaco. O dela era pequeno demais para mim, mas ela cobriu meus ombros com o tecido quente e seco.

— Fique calmo — ordenou ela. — Não vá dar uma de maluco comigo.

Minha gargalhada soou áspera.

— Mas eu… eu vou…

O FOGO VAI ME CONSUMIR. VENHA LOGO!

A voz se estilhaçou em um coral de sussurros furiosos. Sombras foram ficando mais longas e escuras. Vapor subiu das minhas roupas, com cheiro do gás vulcânico de Delfos.

Parte de mim queria ficar em posição fetal e morrer. A outra parte queria se levantar e ir imediatamente atrás das vozes, encontrar sua fonte, mas eu desconfiava de que, se tentasse, minha sanidade se perderia para sempre.

Meg estava dizendo alguma coisa. Ela balançou meus ombros e ficou com o rosto bem perto do meu, de forma que meu reflexo desamparado me olhou de volta pelas lentes dos óculos estilo gatinho. Em seguida, ela me deu um tapa *com força*, e consegui decifrar a palavra:

— LEVANTA!

Não sei como, mas consegui. Então me inclinei para a frente e vomitei.

Eu não vomitava havia séculos. Tinha esquecido como era desagradável.

Momentos depois, estávamos correndo, com Meg carregando boa parte do meu peso. As vozes sussurravam e discutiam, rasgando pedacinhos da minha mente e os levando para a floresta. Em pouco tempo, não sobraria muita coisa.

Não havia sentido naquilo tudo. Daria na mesma se eu saísse andando sem rumo pela floresta, como um louco. A ideia me pareceu engraçada. Comecei a rir.

Meg me obrigou a continuar andando. Eu não conseguia entender o que ela dizia, mas seu tom era insistente e teimoso, tão raivoso que superava o medo que devia estar sentindo.

No estado mental alterado em que me encontrava, pensei ter visto as árvores se afastando, abrindo um caminho para fora da floresta. Vi uma fogueira ao longe e as campinas abertas do Acampamento Meio-Sangue.

Me ocorreu que Meg estava falando com as árvores, mandando que saíssem do caminho. A ideia era ridícula, e no momento pareceu hilária. A julgar pelo vapor subindo das minhas roupas, achei que estivesse com uma febre de mais de quarenta graus.

Eu estava rindo histericamente quando saímos cambaleando da floresta na direção da fogueira onde alguns adolescentes estavam sentados assando alguns marshmallows. Quando eles nos viram, se levantaram. De calças jeans e casacos pesados, com armas variadas

junto ao corpo, eles eram o grupo mais sombrio de assadores de marshmallow que eu já tinha visto.

Eu sorri.

— Ah, oi! Sou eu, Apolo!

Meus olhos se reviraram e eu desmaiei.

10

Ônibus em chamas
Um filho mais velho que eu
Por favor, Zeus, pare

SONHEI QUE DIRIGIA A carruagem do Sol pelo céu. A capota estava abaixada. Eu seguia com calma, buzinando para aviões saírem do meu caminho, apreciando o cheiro da estratosfera fria e dançando ao som de minha música favorita: “Rise to the Sun”, do Alabama Shakes.

Estava pensando em transformar o Maserati em um dos carros autônomos do Google. Queria pegar meu alaúde e tocar um solo de arrasar que deixaria Brittany Howard orgulhosa.

Foi quando uma mulher apareceu no banco do carona.

— Você tem que se apressar, cara.

Quase pulei do Sol. Minha passageira estava vestida como uma antiga rainha líbia. (Claro que eu sabia como era uma rainha líbia. Já namorei algumas.) O vestido com estampa de flores vermelhas, pretas e douradas esvoaçava. No cabelo escuro e comprido havia uma tiara que parecia uma pequena escada curva: dois suportes dourados com degraus prateados. O rosto era maduro e imponente, do jeito que uma rainha benevolente deve ser.

Portanto, definitivamente não se tratava de Hera. Além do mais, Hera jamais sorriria para mim de forma tão gentil. E… aquela mulher usava um grande símbolo da paz no pescoço, feito de metal, o que não fazia o estilo de Hera.

Mesmo assim eu sentia que a conhecia. Apesar do jeitão hippie-coroa, era tão linda que achei que talvez fôssemos parentes.

— Quem é você? — perguntei.

Os olhos dela brilharam em um tom perigoso de dourado, como os de um predador.

— Siga as vozes.

Um caroço se formou na minha garganta. Tentei pensar, mas parecia que meu cérebro tinha sido batido em um liquidificador.

— Ouvi você no bosque… Você estava… estava dizendo uma profecia?

— Encontre o portão. — Ela segurou meu pulso. — Você tem que encontrar primeiro, sacou?

— Mas…

A mulher explodiu em chamas. Puxei meu pulso chamuscado e segurei o volante quando a carruagem do Sol mergulhou de frente. O Maserati se transformou em um ônibus escolar, um modelo que eu só

usava quando tinha que transportar muita gente. A cabine se encheu de fumaça.

Em algum lugar atrás de mim, uma voz nasalada disse:

— Não deixe de encontrar o portão.

Olhei pelo retrovisor. Em meio à fumaça, vi um homem corpulento de terno roxo. Estava sentado nos fundos, onde os bagunceiros normalmente ficam. Hermes gostava daquele lugar, mas o homem não era Hermes.

Ele tinha rosto fino, nariz grande demais e uma barba que cobria a papada como uma tira de capacete. O cabelo era encaracolado e escuro feito o meu, mas não era tão estilosamente desgrenhado nem exuberante. O lábio se curvou como se ele tivesse sentido um cheiro ruim. Talvez fossem os bancos do ônibus em chamas.

— Quem é você? — gritei, tentando desesperadamente puxar a carruagem para interromper o mergulho. — Por que está no meu ônibus?

O homem sorriu, o que deixou seu rosto ainda mais feio.

— Meu próprio ancestral não me reconhece? Estou magoado!

Tentei me lembrar dele. Meu maldito cérebro mortal era pequeno demais, inflexível demais. Desfez-se de quatro mil anos de lembranças como se não prestassem.

— Eu… não — falei. — Lamento.

O homem riu enquanto chamas lambiam suas mangas roxas.

— *Ainda* não, mas logo vai lamentar. Encontre o portão para mim. Me leve ao oráculo. Vou gostar de queimá-lo!

O fogo me consumiu enquanto a carruagem do Sol despencava. Segurei o volante e olhei horrorizado o rosto enorme surgir diante do para-brisa. Era o rosto do homem de roxo, moldado em um pedaço de bronze maior do que o ônibus. Conforme caíamos, as feições mudaram e se tornaram as minhas próprias.

E então, eu acordei, tremendo e suando.

— Calma. — Alguém tocou meu ombro. — Não tente se sentar.

Naturalmente, eu tentei me sentar.

Meu cuidador era um jovem mais ou menos da minha idade (minha idade *mortal*), com cabelo louro desgrenhado e olhos azuis. Usava uniforme de médico com um casaco de esqui aberto, as palavras OKEMO MOUNTAIN bordadas no bolso. O rosto trazia um bronzeado de esquiador. Eu tinha a sensação de que o conhecia de algum lugar. (O que vinha acontecendo com muita frequência desde que caí do Olimpo.)

Estava deitado em um colchão no meio de um chalé. Dos dois lados, havia beliches encostadas nas paredes e vigas de cedro no teto. As paredes eram brancas e vazias, exceto por alguns ganchos para casacos e armas.

Poderia ter sido uma moradia modesta em quase qualquer era: Atenas Antiga, França medieval, fazendas de Iowa. Tinha cheiro de roupa de cama limpa e sálvia seca. As únicas decorações eram alguns vasos no peitoril da janela, onde alegres flores amarelas desabrochavam apesar do frio lá fora.

— Essas flores… — Minha voz estava rouca, como se eu tivesse inalado a fumaça do meu sonho. — São de Delos, minha ilha sagrada.

— São — disse o jovem. — Elas só crescem dentro e ao redor do chalé 7, o *seu* chalé. Sabe quem eu sou?

Observei o rosto dele. A paz em seus olhos, o sorriso tranquilo nos lábios, os cachos que o cabelo formava ao redor das orelhas… Eu tinha uma vaga lembrança de uma mulher, uma cantora de country alternativo chamada Naomi Solace, que conheci em Austin. Corei ao pensar nela mesmo depois de tanto tempo. Para meu eu adolescente, o romance que tivemos parecia algo visto em um filme muito tempo atrás, um filme proibido para minha idade.

Mas esse garoto sem dúvida era filho de Naomi.

O que queria dizer que também era *meu* filho.

O que era muito, muito estranho.

— Você é Will Solace — falei. — Meu, hã…

— É — concordou Will. — Que esquisito.

Meu lobo frontal deu uma volta de cento e oitenta graus no meu crânio. Meu corpo tombou para o lado.

— Opa, calma. — Will me segurou. — Tentei curá-lo, mas, sinceramente, não entendo o que há de errado. Você tem sangue, não icor. Está se recuperando rapidamente dos ferimentos, mas seus sinais vitais são completamente humanos.

— Não me lembre disso.

— Ah, bem… — Ele colocou a mão na minha testa e franziu a dele, concentrado. Os dedos tremeram de leve. — Eu não *sabia* nada disso até tentar dar néctar a você. Seus lábios começaram a fumegar. Eu quase matei você.

— Ah… — Passei a língua no lábio inferior, que parecia pesado e dormente. Eu me perguntei se isso explicava meu sonho com fumaça e fogo. Esperava que sim. — Acho que Meg se esqueceu de contar para vocês sobre minha condição.

— Parece que sim. — Will segurou meu punho e verificou os batimentos. — Você parece ter mais ou menos a minha idade, uns quinze anos. Seus batimentos cardíacos voltaram ao normal. As costelas estão cicatrizando. O nariz está inchado, mas não quebrado.

— E estou com acne — lamentei. — E banhas.

Will inclinou a cabeça.

— Você virou mortal e é com *isso* que está preocupado?

— Tem razão. Perdi meus poderes. Estou mais fraco até do que

vocês, insignificantes semideuses!

— Nossa, obrigado…

Tive a impressão de que ele quase disse *pai*, mas conseguiu se controlar.

Era difícil pensar naquele jovem como meu filho. Ele tinha uma postura tão altiva, era tão modesto, tão sem acne. Também não parecia admirado na minha presença. Na verdade, o canto de sua boca começou a tremer.

— Você… Você está achando graça? — perguntei.

Will deu de ombros.

— Ah, ou eu acho graça ou surto. Meu pai, o deus Apolo, é um garoto de quinze anos…

— *Dezesseis* — corrigi. — Acho que tenho dezesseis.

— Um garoto mortal de dezesseis anos, deitado em um colchão no meu chalé, e, mesmo com todas as artes da cura que domino, e que herdei de *você*, ainda não consegui descobrir como curá-lo.

— Não há cura para isso — falei, infeliz. — Fui exilado do Olimpo. Meu destino está amarrado a uma garota chamada Meg. Não poderia ser pior!

O garoto riu, o que achei muita audácia de sua parte.

— Meg parece legal. Ela já enfiou os dedos nos olhos de Connor Stoll e deu um chute na virilha de Sherman Yang.

— Ela fez *o quê*?

— Ela vai se adaptar bem aqui. Está esperando você lá fora, junto com a maioria dos campistas. — O sorriso de Will desapareceu. — Só para você não se assustar, saiba que estão fazendo muitas perguntas. Todos querem saber se sua chegada, sua situação *mortal*, tem alguma coisa a ver com o que está acontecendo no acampamento.

Franzi a testa.

— O que está acontecendo no acampamento?

A porta do chalé se abriu. Outros dois semideuses entraram. Um era um garoto alto de uns treze anos, com pele bronzeada e trancinhas rastafári parecendo espirais de DNA. De casaco de lã e calça jeans pretos, parecia ter saído do convés de uma embarcação do século XVIII. A outra recém-chegada era uma garota bem nova de roupa camuflada verde. Trazia uma aljava cheia no ombro, e o cabelo ruivo curto tinha uma mecha verde-clara, que destoava da roupa camuflada.

Eu sorri, feliz por conseguir me lembrar dos nomes deles.

— Austin — falei. — E Kayla, não é?

Em vez de caírem de joelhos e balbuciarem com gratidão, eles se entreolharam, nervosos.

— Então é mesmo você — disse Kayla.

Austin franziu a testa.

— Meg nos contou que você levou uma surra de uns delinquentes.

Ela disse que você não tinha poderes e que ficou histérico na floresta.

Minha boca estava com gosto de estofamento queimado de ônibus escolar.

— Meg fala demais.

— Mas você é mortal? — perguntou Kayla. — Tipo, completamente mortal? Isso quer dizer que vou perder minhas habilidades com o arco? Não posso nem me qualificar para as Olimpíadas enquanto não fizer dezesseis anos!

— E, se eu perder minha música… — Austin balançou a cabeça. — Não, cara, isso não está certo. Meu último vídeo teve, tipo, umas quinhentas mil visualizações em uma semana. O que eu vou fazer?

Meu coração se aqueceu ao ver que meus filhos tinham as prioridades certas: habilidade, imagem, visualizações no YouTube. Digam o que quiserem sobre os deuses serem pais ausentes; nossos filhos herdam muitas das melhores características da nossa personalidade.

— Meus problemas não devem afetar vocês — prometi. — Se Zeus saísse por aí arrancando meus poderes divinos retroativamente de todos os meus descendentes, metade das faculdades de medicina do país ficariam vazias. O Rock and Roll Hall of Fame desapareceria. A indústria do tarô entraria em crise da noite para o dia!

Os ombros de Austin relaxaram.

— Que alívio.

— Então, se você morrer enquanto ainda for mortal — disse Kayla —, nós não vamos desaparecer?

— Pessoal — interrompeu Will —, por que vocês não correm até a Casa Grande e dizem para Quíron que nosso… nosso *paciente* está consciente? Vou levá-lo em um minuto. E, hã, vejam se conseguem dispersar a multidão lá fora, tá? Não quero todo mundo avançando no Apolo ao mesmo tempo.

Kayla e Austin assentiram com sabedoria. Sendo meus filhos, eles sem dúvida entendiam a importância de controlar os paparazzi.

Assim que eles saíram, Will abriu um sorriso, como se pedisse desculpas.

— Eles estão em choque. Todos estamos. Vai demorar um tempo para nos acostumarmos a… seja lá o que isso for.

— Você não parece chocado.

Will riu baixinho.

— Estou apavorado. Mas esta é uma coisa que se aprende como conselheiro-chefe: você tem que segurar a onda por todo mundo. Vamos levantar.

Não foi fácil. Eu caí duas vezes. Minha cabeça girava e meus olhos pareciam estar sendo assados em um micro-ondas. Os sonhos recentes continuavam fervilhando no meu cérebro como silte de rio,

enlameando meus pensamentos: a mulher com a coroa e o símbolo da paz, o homem de terno roxo. *Me leve ao oráculo. Vou gostar de queimá-lo!*

O chalé começou a ficar abafado. Eu estava ansioso para respirar um pouco de ar fresco.

Uma coisa com a qual minha irmã Ártemis e eu concordamos: tudo é melhor feito a céu aberto do que em um lugar fechado. Música fica melhor tocada embaixo do domo do céu. Poesia deve ser compartilhada na ágora. A arqueria é mais fácil ao ar livre, como posso atestar depois daquela vez em que experimentei treino com alvos na sala do trono do meu pai. E dirigir o sol… bem, isso também não é um esporte de locais fechados.

Apoiando-me em Will, eu saí. Kayla e Austin tinham conseguido afastar as pessoas. A única que ainda me esperava, ah, que alegria e que felicidade, era minha jovem senhora, Meg, que aparentemente tinha ganhado fama de Chutadora de Virilhas McCaffrey do acampamento.

Ela ainda estava usando o vestido verde herdado de Sally Jackson, que ficara um pouco mais sujo. A calça legging estava rasgada. No bíceps, uma fileira de curativos fechava um corte feio que ela deve ter sofrido no bosque.

Meg olhou para mim, fez uma careta e deu a língua.

— Você está *eca*.

— E você, Meg — falei —, continua encantadora, como sempre.

Ela ajeitou os óculos até estarem tortos a ponto de serem irritantes.

— Achei que você fosse morrer.

— Fico feliz em decepcioná-la.

— Que nada. — Ela deu de ombros. — Você ainda me deve um ano de serviços. Estamos unidos, quer você goste ou não!

Suspirei. Era tão maravilhoso estar novamente na companhia de Meg.

— Acho que preciso agradecer… — Eu tinha uma lembrança enevoada do meu delírio na floresta, de Meg me carregando, da impressão de que as árvores se abriam diante de nós. — Como você nos tirou da floresta?

Ela ficou na defensiva.

— Sei lá. Sorte. — Ela apontou com o polegar para Will Solace. — Pelo que ele andou me contando, que bom que saímos antes do anoitecer.

— Por quê?

Will abriu a boca para responder, mas aparentemente pensou melhor.

— Acho que é melhor deixar Quíron explicar. Venha.

Eu raramente visitava o Acampamento Meio-Sangue no inverno. Já

fazia três anos desde a última vez, quando uma garota chamada Thalia Grace derrubou meu ônibus no lago de canoagem.

Eu já esperava que o acampamento estivesse um pouco vazio. Sabia que a maioria dos semideuses só ia durante o verão, e apenas uma pequena porção ficava o ano inteiro, os que por vários motivos achavam o acampamento o único lugar seguro para morar.

Mesmo assim, fiquei surpreso com a pouquíssima quantidade de semideuses que vi. Se o chalé 7 servia como parâmetro, cada chalé tinha camas para uns vinte campistas. Isso significava uma capacidade máxima de quatrocentos semideuses, o bastante para várias falanges ou uma festa incrível em um iate.

Mas, quando andamos pelo acampamento, não vi mais que uma dúzia de pessoas. O dia estava escurecendo, e uma garota solitária subia pela parede de escalada enquanto lava escorria pelos dois lados. No lago, um trio verificava as amarras de uma trirreme.

Alguns campistas inventaram desculpas para ficar do lado de fora e me admirar. Perto da lareira, um jovem polia o escudo e me olhava pelo reflexo na superfície. Outro sujeito me olhava de cara feia enquanto emendava arame farpado em frente ao chalé de Ares. Pelo jeito estranho como estava andando, concluí que era o Sherman Yang da virilha recém-chutada.

Na entrada do chalé de Hermes, duas garotas deram risadinhas e cochicharam quando passei. Normalmente, esse tipo de atenção não me afetaria. Meu magnetismo era compreensivelmente irresistível. Mas meu rosto ficou corado. Eu, o modelo masculino de romance, reduzido a um garoto atrapalhado e inexperiente!

Eu teria praguejado os céus por essa injustiça, mas isso seria superconstrangedor.

Seguimos pelos campos de morango. No alto da Colina Meio-Sangue, o Velocino de Ouro cintilava no galho mais baixo de um pinheiro alto. Vapores subiam da cabeça de Peleu, o dragão guardião encolhido na base do tronco. Ao lado da árvore, a Atena Partenos estava em um tom vermelho-fúria no pôr do sol. Ou talvez só não estivesse feliz em me ver. (Atena nunca superou nosso desentendimento na Guerra de Troia.)

Na metade da lateral da colina, vi a caverna do oráculo, a entrada protegida por uma cortina vinho pesada. As tochas dos dois lados estavam apagadas, normalmente sinal de que minha profetisa, Rachel Dare, não estava presente. Eu não sabia se deveria ficar decepcionado ou aliviado.

Mesmo quando não estava canalizando profecias, Rachel era uma jovem sábia. Eu tinha esperanças de consultá-la sobre meus problemas. Por outro lado, como seu poder profético aparentemente tinha parado de funcionar (acho que *ligeiramente* por minha culpa), eu

não sabia se Rachel ia querer me ver. Ela esperaria respostas do Chefão, e embora eu seja o inventor e maior entusiasta do *mansplaining*, prática em que os homens insistem em explicar qualquer assunto às mulheres, não tinha respostas para dar a ela.

O sonho do ônibus não saía da minha cabeça: a riponga com a coroa exigindo que eu encontrasse o portão, o homem feio de terno roxo ameaçando botar fogo no oráculo.

Bem… a caverna ficava bem ali. Eu não sabia por que a mulher de coroa sentia tanta dificuldade de encontrá-la nem por que o homem feio estaria interessado em queimar o "portão" dele, que não passava de uma cortina cor de vinho.

A não ser que o sonho estivesse se referindo a alguma outra coisa que não o Oráculo de Delfos…

Massageei as têmporas, que latejavam. Fiquei procurando lembranças que não estavam lá, tentando mergulhar no meu amplo lago de conhecimento e descobrindo que tinha sido reduzido a uma piscininha de plástico. Não dá para fazer muito com um cérebro do tamanho de uma piscininha de plástico.

Na varanda da Casa Grande, um jovem de cabelo escuro estava nos esperando. Ele usava calça preta surrada, uma camiseta dos Ramones (ganhou pontos pelo gosto musical) e uma jaqueta de couro preta. Na cintura havia uma espada de ferro estígio pendurada.

— Eu me lembro de você — falei. — É Nicholas, filho de Hades?

— Nico di Angelo. — Ele me observou, os olhos penetrantes e sem cor, como vidro quebrado. — Então é verdade. Você está totalmente mortal. Há uma aura de morte ao seu redor, grandes possibilidades de morte.

Meg soltou uma risada debochada.

— Parece uma previsão do tempo.

Não achei graça. Ficar cara a cara com o filho de Hades fez com que eu me lembrasse dos muitos mortais que mandei para o Mundo Inferior com minhas flechas infectadas de peste. Sempre me parecera uma diversão boa e justa: distribuir punições muito merecidas por feitos cruéis. Mas estava começando a compreender o pavor nos olhos das minhas vítimas. Eu não queria uma aura de morte. E não queria ser julgado pelo pai de Nico di Angelo.

Will colocou a mão no ombro de Nico.

— Nico, precisamos ter outra conversa sobre como interagir com as pessoas.

— Ei, só estou constatando o óbvio. Se este *for* Apolo e ele morrer, estamos todos encrencados.

Will se virou para mim.

— Peço desculpas pelo meu namorado.

— Você pode não… — pediu Nico, revirando os olhos.

— Você prefere *pessoa especial*? — perguntou Will. — *Alma gêmea?*

— Alma *geniosa*, no seu caso — resmungou Nico.

— Ah, você vai me pagar por isso.

Meg limpou o nariz escorrendo.

— Vocês brigam muito. Achei que estivéssemos indo ver um centauro.

— E aqui estou eu.

A porta de tela se abriu. Quíron saiu trotando, se abaixando para não encostar no batente.

Da cintura para cima, ele parecia o professor que muitas vezes fingia ser no mundo mortal. O paletó marrom de lã tinha remendos nos cotovelos. A camisa xadrez não combinava com a gravata verde. A barba era bem aparada, mas o cabelo não estava adequado nem para um ninho de ratos.

Da cintura para baixo, era um cavalo branco.

Meu velho amigo sorriu, embora os olhos estivessem agitados e distraídos.

— Apolo, que bom que você está aqui. Nós precisamos conversar sobre os desaparecimentos.

11

Veja seu spam
Talvez haja profecias
Não? Então tchau, tchau

MEG FICOU BOQUIABERTA.

— Ele… Ele é *mesmo* um centauro.

— Que percepção! — falei. — Será que foi a parte inferior do corpo de cavalo que o entregou?

Ela me deu um soco no braço.

— Quíron, esta é Meg McCaffrey, minha nova senhora e atual fonte de irritação — apresentei os dois. — Você estava falando alguma coisa a respeito de desaparecimentos?

O rabo de Quíron tremeu. Os cascos bateram nas tábuas da varanda.

Ele era imortal, mas a idade visível parecia variar de século para século. Eu não me lembrava do bigode dele ser tão grisalho, nem das linhas ao redor dos olhos serem tão pronunciadas. O que quer que estivesse acontecendo no acampamento também não devia estar ajudando muito em sua vitalidade.

— Bem-vinda, Meg. — Quíron tentou usar um tom simpático, o que achei bem heroico, considerando que… bem, *Meg*. — Soube que você demonstrou muita coragem na floresta. Trouxe Apolo até aqui apesar dos muitos perigos. Fico feliz de ter você no Acampamento Meio-Sangue.

— Obrigada — disse Meg. — Você é muito alto. Não bate com a cabeça nos lustres?

Quíron riu.

— Às vezes. Quando quero ficar mais próximo do tamanho humano, uso uma cadeira de rodas mágica que me permite compactar minha parte inferior em… Na verdade, isso não é importante agora.

— Desaparecimentos — falei. — O que desapareceu?

— Não *o que*, mas *quem* — disse Quíron. — Vamos conversar lá dentro. Will, Nico, vocês podem dizer para os outros que vamos nos reunir para o jantar em uma hora? Vou atualizar todo mundo dos últimos acontecimentos. Enquanto isso, não quero ninguém andando pelo acampamento sozinho. Estejam sempre acompanhados.

— Entendido. — Will olhou para Nico. — Quer ser meu acompanhante?

— Você é tão bobo — retrucou Nico.

Os dois saíram andando e implicando um com o outro.

A essa altura, você pode estar se perguntando como me senti ao ver meu filho com Nico di Angelo. Admito que não compreendi a atração de Will por um filho de Hades, mas se o tipo sombrio e agourento era o que fazia Will feliz…

Ah. Talvez alguns de vocês estejam se perguntando como me senti ao vê-lo com um namorado e não com uma namorada. Se for isso, *façam-me o favor*. Nós deuses não nos prendemos a essas coisas. Eu mesmo tive… vamos ver, trinta e três namoradas e onze namorados mortais? Já perdi a conta. Meus dois maiores amores foram, claro, Dafne e Jacinto, mas quando se é um deus tão popular quanto eu…

Espere. Eu contei de quem gostava? Contei, né? Deuses do Olimpo, esqueçam que mencionei o nome deles! Estou tão constrangido. Por favor, não digam nada. Nessa forma mortal, eu nunca me apaixonei por *ninguém*!

Estou tão confuso.

Quíron nos levou até a sala, onde sofás confortáveis de couro formavam um V virado para a lareira de pedra. Acima, uma cabeça empalhada de leopardo roncava com satisfação.

— Está vivo? — perguntou Meg.

— Bastante. — Quíron trotou até a cadeira de rodas. — Este é Seymour. Se falarmos baixo, talvez ele não acorde.

Na mesma hora Meg começou a explorar a sala, obviamente procurando pequenos objetos para jogar no leopardo e acordá-lo.

Quíron se sentou na cadeira de rodas. Colocou as pernas traseiras no compartimento falso do assento e depois recuou, compactando magicamente a traseira equina até parecer um homem sentado. Para completar a ilusão, painéis móveis na frente se fecharam, dando a ele pernas humanas falsas. Normalmente, essas pernas usavam calça de brim e mocassins para incrementar o disfarce de professor, mas hoje parecia que Quíron estava testando um visual diferente.

— Essa é nova — falei.

Quíron olhou para as pernas femininas bem torneadas usando meia-arrastão e sapatos de salto com lantejoulas. Ele soltou um suspiro.

— Estou vendo que o chalé de Hermes andou assistindo *Rocky Horror Picture Show* de novo. Vou precisar ter uma conversinha com eles.

Rocky Horror Picture Show me trouxe lembranças felizes. Eu fazia cosplay de Rocky nas apresentações da meia-noite, porque, naturalmente, o físico perfeito do personagem era baseado no meu.

— Me deixe adivinhar — pedi. — Obra de Connor e Travis Stoll?

De uma cesta próxima, Quíron pegou um cobertor de flanela e cobriu as pernas falsas, embora os sapatos vermelhos continuassem aparecendo.

— Na verdade, Travis foi para a faculdade, o que deixou Connor bem mais sossegado.

Meg olhou para nós do velho fliperama de Pac-Man.

— Eu enfiei os dedos nos olhos desse tal de Connor.

Quíron fez uma careta.

— Que legal, querida… De qualquer modo, temos Julia Feingold e Alice Miyazawa agora. Elas vêm fazendo pegadinhas ultimamente. Você vai conhecer as duas logo, logo.

Eu me lembrei das garotas que estavam rindo para mim em frente à entrada do chalé de Hermes. Senti meu rosto corando de novo.

Quíron indicou o sofá.

— Por favor, sente-se.

Meg largou o Pac-Man (depois de dedicar vinte segundos ao jogo) e começou a escalar a parede. Parreiras adormecidas enfeitavam a área de jantar, sem dúvida trabalho do meu velho amigo Dioniso. Meg subiu em um dos troncos mais grossos para tentar alcançar o lustre de cabelo de górgona.

— Hã, Meg — falei —, que tal você assistir ao filme de orientação enquanto Quíron e eu conversamos?

— Já sei tudo — respondeu ela. — Conversei com o pessoal enquanto você estava desmaiado. "Lugar seguro para semideuses modernos." Blá-blá-blá.

— Ah, mas o filme é muito bom — insisti. — O orçamento foi bem apertado, lá em 1950, mas alguns planos de câmera são revolucionários. Você devia mesmo…

A parreira se soltou da parede e Meg caiu. Levantou-se totalmente ilesa e logo avistou um prato de biscoitos na bancada.

— São de graça?

— São, criança — respondeu Quíron. — Traga o chá também, por favor.

Então era isso. Estávamos presos com Meg, que passou as pernas por cima do braço do sofá, atacou os biscoitos e jogou farelos na cabeça roncante de Seymour quando Quíron não estava olhando.

O centauro me serviu uma xícara de Darjeeling.

— Peço desculpas pelo sr. D não estar aqui para receber vocês.

— Sr. D? — perguntou Meg.

— Dioniso — expliquei. — O deus do vinho. E diretor do acampamento.

Quíron me passou a xícara de chá.

— Depois da batalha com Gaia, achei que o sr. D fosse voltar para o acampamento, mas ele não voltou. Espero que esteja bem.

O velho centauro olhou para mim com expectativa, mas eu não tinha nada para contar. Os últimos seis meses eram um vazio completo; eu não fazia ideia do que os outros olimpianos estavam

fazendo.

— Não sei de nada — admiti. Foram poucas as vezes em que pronunciei essas palavras nos últimos quatro milênios. O gosto delas era ruim. Eu tomei um gole de chá, mas também estava amargo. — Estou meio por fora das notícias. Esperava que você pudesse me atualizar dos últimos acontecimentos.

Quíron não conseguiu disfarçar a decepção.

— Entendo…

Percebi que ele estava atrás de ajuda e orientação, o mesmo que eu buscava *nele*. Como deus, eu estava acostumado a seres inferiores contando comigo, rezando para isso ou pedindo aquilo. Mas, agora que eu era mortal, essa expectativa toda em cima de mim era meio apavorante.

— Me diga: qual é sua crise? — perguntei. — Você está com a mesma cara que Cassandra fez em Troia e Jim Bowie no Álamo, como se estivesse cercado ou algo assim.

Quíron não reclamou da comparação. Ele fechou as mãos ao redor da xícara de chá.

— Você sabe que, durante a guerra com Gaia, o Oráculo de Delfos parou de receber profecias. Na verdade, todos os métodos conhecidos de adivinhação do futuro subitamente falharam.

— Porque a caverna original de Delfos foi sitiada — falei, com um suspiro, tentando não me sentir injustiçado.

Meg jogou uma gota de chocolate no nariz do leopardo Seymour.

— O Oráculo de Delfos. Percy mencionou isso.

— Percy Jackson? — Quíron se empertigou. — Percy estava com você?

— Por um tempo. — Contei a ele sobre a batalha no pomar de pêssegos e que Percy voltou para Nova York. — Ele disse que apareceria por aqui neste fim de semana, se pudesse.

Quíron pareceu frustrado, como se minha companhia por si só não bastasse. Dá para acreditar numa coisa dessas?

— De qualquer modo — prosseguiu —, nós esperávamos que, quando a guerra acabasse, o oráculo voltasse a funcionar. Como nada aconteceu… Rachel ficou preocupada.

— Quem é Rachel? — perguntou Meg.

— Rachel Dare — respondi. — O oráculo.

— Eu achava que o oráculo era um lugar.

— E é.

— Então Rachel é um lugar e ele parou de funcionar?

Se eu ainda fosse um deus, transformaria Meg em um lagarto de barriga azul e a soltaria na natureza, e ela nunca mais seria vista. Esse pensamento me acalmou.

— Delfos era um lugar na Grécia — expliquei. — Uma caverna

cheia de vapores vulcânicos, aonde as pessoas iam para receber orientação da minha sacerdotisa, Pítia.

— *Pítia*. — Meg riu. — Que palavra engraçada.

— É. Ha-ha. Então o Oráculo é ao mesmo tempo um lugar e uma pessoa. Quando os deuses gregos se mudaram para os Estados Unidos em… quando foi, Quíron? 1860?

Quíron balançou a mão.

— Mais ou menos.

— Eu trouxe o oráculo comigo para que ele continuasse proferindo profecias em meu nome. O poder foi passado de sacerdotisa a sacerdotisa ao longo dos anos. Rachel Dare é o oráculo atual.

Meg então foi até o prato com biscoitos e pegou o único Oreo, que eu estava louco para comer.

— Hã, entendi — disse ela. — Posso ver aquele filme agora?

— Não — falei, rispidamente. — Continuando. Eu tomei posse do Oráculo de Delfos depois de matar um monstro chamado Píton, que morava nas profundezas da caverna.

— Píton, como a cobra — disse Meg.

— Sim e não. A cobra ganhou esse nome depois do monstro Píton, que também é meio sorrateiro, mas também bem maior e mais assustador, além de adorar devorar garotinhas tagarelas. De qualquer modo, em agosto, enquanto eu estava… indisposto, minha antiga inimiga Píton foi libertada do Tártaro. Ela voltou a controlar a caverna de Delfos. Foi por isso que o oráculo parou de funcionar.

— Mas, se o oráculo fica nos Estados Unidos agora, que importância tem uma cobra monstruosa tomar de volta a antiga caverna?

Essa foi a frase mais longa que já saiu da boca de Meg. Ela deve ter falado só para me irritar, aposto.

— É muita coisa para explicar — falei. — Você vai ter que…

— Meg. — Quíron lançou para ela um dos seus sorrisos tolerantes e heroicos. — O local original do oráculo é como a raiz mais profunda de uma árvore. Os galhos e as folhas das profecias podem se esticar pelo mundo, e Rachel Dare pode ser nosso galho mais alto, mas, se a raiz mais profunda for estrangulada, a árvore toda é afetada. Com Píton de volta à antiga toca, o espírito do oráculo foi completamente bloqueado.

— Ah. — Meg fez uma careta para mim. — Por que você não falou logo?

Antes que eu pudesse estrangulá-la como a raiz irritante que ela era, Quíron encheu minha xícara de chá.

— O maior problema — disse ele — é que não temos outra fonte de profecias.

— E daí? — perguntou Meg. — Agora vocês não sabem o futuro.

Ninguém sabe o futuro.

— *E daí? E daí?* — gritei. — Meg McCaffrey, as profecias são os catalisadores de todos os eventos importantes, toda missão ou batalha, desastre ou milagre, nascimento ou morte. As profecias não apenas dizem o futuro. Elas o modelam! Elas *permitem* que o futuro aconteça.

— Não entendi.

Quíron limpou a garganta.

— Imagine que profecias são sementes de flores. Com as sementes certas, você pode criar o jardim que desejar. Sem sementes, nenhum crescimento é possível.

— Ah. — Meg assentiu. — Isso seria horrível.

Achei estranho que Meg, uma menina de rua e guerreira do lixo, entendesse tão bem metáforas de jardinagem, mas Quíron era um excelente professor. Ele captou alguma coisa na garota… uma impressão que lá no fundo eu também tive. Eu torcia para estar errado, mas, com a minha sorte, eu devia estar certo. Normalmente, estava.

— E onde está Rachel Dare? — perguntei. — Talvez, se eu falasse com ela…?

Quíron colocou sua xícara na mesa.

— Rachel disse que nos visitaria nas férias de inverno, mas não apareceu até agora. Pode não significar nada, mas…

Eu me inclinei para a frente. Não seria a primeira vez que Rachel Dare se atrasava. Ela era artística, imprevisível, impulsiva e tinha aversão a regras, qualidades que eu admirava muito. Mas não era do seu feitio simplesmente não dar as caras.

— Ou...? — perguntei.

— Ou pode ser parte do problema maior — disse Quíron. — As profecias não são as únicas coisas que pararam de funcionar. As viagens e a comunicação ficaram difíceis nos últimos meses. Não temos notícias de nossos amigos no Acampamento Júpiter há semanas. Nenhum semideus novo chegou. Também não recebemos nenhuma informação dos sátiros. As mensagens de Íris não funcionam mais.

— As o quê de Íris? — perguntou Meg.

— Uma forma de comunicação controlada pela deusa do arco-íris — expliquei. — Íris sempre foi volúvel…

— Só que as comunicações humanas normais também estão com defeito — disse Quíron. — Claro, os telefones sempre foram perigosos para semideuses…

— É, atraem monstros — concordou Meg. — Não uso um telefone há uma *eternidade*.

— Muito sábio da sua parte — disse Quíron. — Recentemente nossos telefones pararam de funcionar. Celulares, fixos, internet… tudo. Até a forma arcaica de comunicação conhecida como *e-mail* está

estranhamente ineficaz. As mensagens simplesmente não chegam.

— Você olhou na pasta de spam? — perguntei.

— Acho que é mais complicado do que isso — disse Quíron. — Estamos sem comunicação com o mundo externo. O acampamento está vazio e isolado. Vocês são os primeiros a chegar em quase dois meses.

Eu franzi a testa.

— Percy Jackson não mencionou nada disso.

— Duvido que Percy saiba — disse Quíron. — Ele anda ocupado com a escola. O inverno costuma ser nossa época mais tranquila. No começo, pensei que as falhas de comunicação não passassem de um acaso inconveniente. Mas, então, os desaparecimentos começaram…

Na lareira, um pedaço de madeira estalou. Eu posso ou não ter dado um pulo.

— Os desaparecimentos, sim. — Sequei gotas de chá da calça e tentei ignorar as risadinhas de Meg. — Fale mais sobre isso.

— Foram três no último mês — disse Quíron. — Primeiro foi Cecil Markowitz, do chalé de Hermes. A cama dele amanheceu vazia, simples assim. Ele não disse nada sobre querer ir embora. Ninguém o viu sair. E, nas últimas semanas, ninguém o viu nem teve notícias dele.

— Os filhos de Hermes têm fama de serem sorrateiros — falei.

— Foi o que pensamos a princípio — disse Quíron. — Mas, uma semana depois, Ellis Wakefield desapareceu do chalé de Ares. Mesma história: cama vazia, nenhum sinal de que ele tinha ido embora por vontade própria *nem* que foi… hã, levado. Ellis era um jovem impetuoso. Não estranharia se ele tivesse saído do acampamento atrás de alguma aventura inconsequente, mas aquilo me deixou aflito. E então, hoje de manhã, percebemos que uma terceira campista havia sumido: Miranda Gardiner, chefe do chalé de Deméter. Foi a pior notícia de todas.

Meg tirou as pernas de cima do braço do sofá.

— Por que a pior?

— Miranda é uma das nossas conselheiras-chefes — explicou Quíron. — Ela jamais partiria sem avisar. É inteligente demais para ser enganada e poderosa demais para ser obrigada a fazer qualquer coisa. Mas algo aconteceu com ela… algo que não sei explicar.

O velho centauro me encarou.

— Tem alguma coisa muito errada, Apolo. Esses problemas podem não ser tão alarmantes quanto a ascensão de Cronos ou o despertar de Gaia, mas, por um lado, eu os acho bem mais inquietantes, porque nunca vi nada assim antes.

Relembrei meu sonho do ônibus do Sol em chamas. Pensei nas vozes que ouvi na floresta, pedindo para que eu as encontrasse.

— Esses semideuses… — falei. — Antes de desaparecerem, eles apresentaram algum comportamento estranho? Relataram… terem ouvido vozes?

Quíron arqueou uma sobrancelha.

— Não que eu saiba. Por quê?

Achei melhor parar por aí. Eu não queria fazer um alvoroço antes de saber o que estávamos enfrentando. Quando mortais entram em pânico, as coisas podem ficar bem feias, principalmente se esperam que *eu* resolva o problema.

Além do mais, admito que estava um pouco impaciente, porque nem sequer havíamos tratado dos verdadeiros problemas: *os meus.*

— Creio que nossa prioridade agora é dirigir todos os recursos do acampamento para me ajudar a recuperar meu estado divino. Depois, eu posso ajudar vocês com essas outras questões.

Quíron coçou a barba.

— Mas e se os problemas estiverem interligados, meu amigo? E se o único jeito de você voltar ao Olimpo for recuperar o Oráculo de Delfos, libertando assim o poder da profecia? E se Delfos for a chave de tudo?

Eu havia esquecido a tendência de Quíron de chegar a conclusões óbvias e lógicas nas quais eu evitava pensar. Era um hábito irritante.

— No meu estado atual, isso é impossível. — Apontei para Meg. — No momento, meu trabalho é servir a essa semideusa, provavelmente por um ano. Depois que eu tiver realizado as tarefas que ela determinar para mim, Zeus vai julgar se minha sentença foi cumprida, e vou poder voltar a ser um deus.

Meg pegou mais um biscoito.

— Eu poderia ordenar que você fosse para esse tal de Delfos.

— Não! — Minha voz falhou no meio do grito. — Você tem que me designar tarefas *fáceis*, como criar uma banda de rock ou ficar à toa, curtir um ócio. É, ficar à toa é uma boa pedida.

Meg não pareceu convencida.

— Ficar à toa não é uma tarefa.

— É, se você fizer direito. O Acampamento Meio-Sangue pode me proteger enquanto fico à toa. Depois que meu ano de servidão acabar, vou me tornar deus. *Então* podemos falar sobre como recuperar Delfos.

De preferência, pensei, fazendo com que alguns semideuses realizem a tarefa por mim.

— Apolo — disse Quíron —, se os semideuses continuarem desaparecendo, a gente talvez não tenha nem um ano. Talvez não tenhamos força para proteger você. E, me perdoe a sinceridade, mas Delfos é *sua* responsabilidade.

Levantei as mãos, indignado.

— Não fui *eu* que abri as Portas da Morte e deixei Píton sair! Culpe

Gaia! Culpe Zeus pela negligência! Quando os gigantes começaram a despertar, eu tracei um *Plano de Ação de Vinte Passos para Proteger Apolo e Também Vocês, Outros Deuses,* mas ele nem leu!

Meg jogou metade do biscoito na cabeça de Seymour.

— Eu ainda acho que é tudo culpa sua — disse ela. — Ei, olhe! Ele acordou!

Claro, como se o leopardo tivesse decidido acordar sozinho, e não levado uma biscoitada no olho.

— *RARR!* — reclamou Seymour.

Quíron empurrou a cadeira de rodas para longe da mesa.

— Minha querida, naquele pote acima da lareira você vai encontrar salsichas. Por que você não dá o jantar dele? Apolo e eu vamos esperar na varanda.

Saímos da sala e deixamos Meg lá, feliz, jogando petiscos na boca de Seymour.

Quando Quíron e eu chegamos à varanda, ele se virou para mim.

— Ela é uma semideusa interessante.

— *Interessante* é um termo tão isento.

— Ela convocou mesmo um *karpos*?

— Bem… o espírito apareceu quando ela estava com problemas. Se ela o chamou conscientemente, não sei. Ela o batizou de Pêssego.

Quíron coçou a barba.

— Não vejo um semideus com poder para convocar espíritos dos grãos há muito tempo. Sabe o que isso significa?

Meus pés começaram a tremer.

— Tenho minhas desconfianças. Estou tentando ser otimista.

— Ela guiou você para fora da floresta — observou Quíron. — Sem ela…

— Sim — falei. — Nem me lembre.

Eu já vira aquele olhar perspicaz nos olhos de Quíron antes, quando ele avaliara a técnica de Aquiles com a espada e a de Ajax com a lança. Era a expressão de um treinador experiente recrutando novos talentos. Eu nunca imaginei que o centauro fosse olhar para *mim* dessa forma, como se eu tivesse que provar alguma coisa para ele, como se minhas capacidades estivessem sendo testadas. Eu me senti tão… tão *objetificado*.

— Me conte — disse Quíron —, o que você ouviu na floresta?

Xinguei silenciosamente minha boca enorme. Eu não devia ter perguntado se os semideuses desaparecidos tinham ouvido alguma coisa estranha.

Decidi que não adiantava mais fazer segredo. Quíron era mais sagaz do que qualquer centauro comum. Contei para ele o que vivi na floresta e, depois, em meu sonho.

Ele se empertigou todo, e suas mãos se fecharam sobre o cobertor,

fazendo com que o tecido subisse e deixando ainda mais à mostra os sapatos de salto com lantejoulas vermelhas. Quíron parecia tão preocupado quanto um homem usando meia-arrastão pode parecer.

— Vamos ter que pedir aos campistas para ficarem longe da floresta — decidiu ele. — Não sei o que está acontecendo, mas estou convencido de que *deve* ter algo a ver com Delfos e sua atual… hã, situação. O oráculo precisa ser libertado do monstro Píton. Temos que encontrar um jeito.

E com “temos que encontrar um jeito” ele quis dizer: *eu* tinha que encontrar um jeito.

Quíron deve ter percebido a expressão desolada em meu rosto.

— Vamos lá, velho amigo — disse ele. — Você já fez isso antes. Talvez não seja mais um deus, mas matou Píton da primeira vez com os pés nas costas! Centenas de livros de história veneram a facilidade com que você derrotou o inimigo.

— É... — murmurei. — Centenas de livros de história.

Relembrei algumas dessas histórias: eu matei Píton sem nem suar. Eu voei até a boca da caverna, chamei o monstro, soltei uma flecha e *BUM!*, a cobra gigante estava morta. Tornei-me senhor de Delfos e todos viveram felizes para sempre.

Como chegaram à conclusão de que destruí Píton tão rapidamente?

Tá, admito… eu mesmo espalhei essa história. Mas a verdade era um pouco diferente. Séculos se passaram depois dessa batalha, e eu ainda tinha pesadelos com meu antigo inimigo.

Finalmente minha memória imperfeita serviu para alguma coisa. Eu não lembrava todos os detalhes horripilantes de minha luta contra Píton, mas *sabia* que não tinha sido moleza. Eu precisei de toda a minha força divina e do arco mais mortal do mundo.

Quais seriam minhas chances como um mortal de dezesseis anos com acne, roupas usadas e um nome como Lester Papadopoulos? Eu não ia até a Grécia para morrer, não mesmo, principalmente não sem minha carruagem do Sol e sem minha capacidade de teletransporte. Lamento, mas deuses *não* voam em aviões comerciais.

Tentei pensar em como explicar isso para Quíron de uma forma calma e diplomática que não envolvesse bater os pés e gritar. Fui salvo desse esforço pelo som de uma trombeta de concha ao longe.

— O jantar está servido. — O centauro forçou um sorriso. — Vamos conversar mais depois, certo? Agora, é hora de comemorar sua chegada.

12

Ó, cachorro-quente
Com refri e batata frita
Não tenho nada mesmo

EU NÃO ESTAVA NO clima de comemorar.

Principalmente sentado a uma mesa de piquenique comendo comida mortal. Com mortais.

O pavilhão de refeições era bem agradável. Até no inverno as fronteiras mágicas do acampamento nos protegiam do pior dos elementos. Sentado ao ar livre no calor das tochas e braseiros, só senti um friozinho. O Estreito de Long Island cintilava ao luar. (Oi, Ártemis. Nem precisa se dar ao trabalho de me cumprimentar.) Na Colina Meio-Sangue, a Atena Partenos brilhava como a maior luz noturna do mundo. Nem a floresta parecia muito assustadora, com os pinheiros envoltos em uma leve névoa prateada.

Meu jantar, no entanto, não estava nada poético. Era cachorro-quente, batata frita e um líquido escuro que me disseram ser um refrigerante chamado Coca-Cola. Eu não sabia por que os humanos consumiam uma bebida feita de cola nem com que tipo de cola era produzida, mas era a parte mais gostosa da refeição, o que foi desconcertante.

Sentei à mesa do chalé de Apolo com meus filhos Austin, Kayla e Will, e também Nico di Angelo. Eu não via diferença alguma entre a minha mesa e as dos outros deuses. A minha deveria ser mais brilhante e elegante. Deveria tocar música ou recitar poesia. Mas era só um pedaço de pedra com um banco de cada lado. Achei o assento desconfortável, embora minha prole não parecesse se importar.

Austin e Kayla me encheram de perguntas sobre o Olimpo, a guerra com Gaia e a sensação de ser um deus e depois virar humano. Eu sabia que eles não queriam ser grosseiros. Por serem meus filhos, tinham uma tendência natural para a mais pura delicadeza. No entanto, as perguntas eram um lembrete doloroso do meu status decadente.

Além disso, com o passar das horas, eu ia me esquecendo cada vez mais da minha vida divina. Era alarmante a velocidade com que meus neurônios cosmicamente perfeitos se deterioravam. Antes, cada lembrança era como um arquivo de áudio em alta definição. Depois elas passavam para cilindros fonográficos, feitos de cera. E, acredite, eu me lembro dos cilindros fonográficos. Eles não duravam muito na carruagem do Sol.

Will e Nico estavam sentados lado a lado, fazendo brincadeirinhas

bobas. Eles eram um casal tão fofo que acabei me sentindo desolado. Vê-los juntos despertou as lembranças dos poucos meses dourados que passei com Jacinto antes do ciúme, antes do acidente horrível…

— Nico — falei, por fim —, você não devia estar sentado à mesa de Hades?

Ele deu de ombros.

— Tecnicamente, sim. Mas, se eu me sento sozinho lá, coisas estranhas acontecem. Rachaduras se abrem no chão e zumbis começam a sair e andar por aí. É um problema de humor. Não consigo controlar. Foi o que falei para Quíron.

— E isso é verdade? — perguntei.

Nico deu um sorrisinho.

— Tenho atestado do meu médico.

Will levantou a mão.

— Que sou eu.

— Quíron decidiu que não valia a pena discutir — acrescentou Nico. — Quando eu me sento com outras pessoas, como… ah, esse pessoal aqui, por exemplo… os zumbis não aparecem. Todo mundo fica feliz.

Will assentiu serenamente.

— É a coisa mais estranha do mundo. Não que Nico fosse usar seus poderes para conseguir o que quer.

— Claro que não — concordou Nico.

Olhei para o outro lado do pavilhão de refeições. Como era tradição no acampamento, Meg tinha sido colocada com os filhos de Hermes, pois sua paternidade divina ainda não fora determinada. Ela não pareceu se importar. Estava ocupada recriando o Concurso de Comilança de Cachorros-Quentes de Coney Island sozinha. As outras duas garotas, Julia e Alice, olhavam para ela com uma mistura de fascinação e horror.

À sua frente na mesa estava sentado um garoto magrelo e mais velho, de cabelo castanho crespo: Connor Stoll, deduzi, embora jamais fosse ser capaz de diferenciá-lo do irmão mais velho, Travis. Apesar da escuridão, Connor estava de óculos de sol, sem dúvida para proteger os olhos de um novo cutucão. Também reparei que ele foi sábio o bastante para manter as mãos longe da boca de Meg.

No pavilhão todo, contei dezenove campistas. A maioria estava sozinha em sua respectiva mesa: Sherman Yang representando Ares; uma garota que eu não conhecia representando Afrodite; outra garota representando Deméter. À mesa do chalé de Nice, duas meninas de cabelo escuro que evidentemente eram gêmeas estavam conversando curvadas sobre um mapa. O próprio Quíron, mais uma vez em forma de centauro, estava à mesa principal, tomando Coca-Cola enquanto conversava com dois sátiros que pareciam cabisbaixos. Os homens-

bode ficavam me olhando, depois comiam os talheres, como os sátiros costumam fazer quando estão nervosos. Seis dríades lindas andavam entre as mesas, oferecendo comidas e bebidas, mas eu estava tão preocupado que mal consegui apreciar totalmente a beleza delas. Mais trágico ainda: eu me sentia constrangido demais para flertar com elas. O que havia de *errado* comigo?

Observei os campistas na esperança de conseguir identificar servos em potencial… quer dizer, novos amigos. Os deuses sempre gostam de manter alguns semideuses veteranos e fortes por perto para mandá-los para batalhas e missões perigosas ou para tirar as bolinhas das nossas togas. Infelizmente, ninguém no jantar se destacou como um possível subordinado. Eu desejava um grupo maior de talentos.

— Onde estão… os outros? — perguntei a Will.

Tive vontade de dizer *a galerinha popular*, mas achei que podia ser mal interpretado.

Will deu uma mordida em sua pizza.

— Você está procurando alguém específico?

— As pessoas que partiram naquela missão de barco, por exemplo.

Will e Nico trocaram um olhar que talvez significasse *Lá vamos nós*. Acho que já responderam muitas perguntas sobre os sete semideuses lendários que lutaram lado a lado com os deuses contra os gigantes de Gaia. Doía em mim nunca mais ter visto aqueles heróis. Depois de qualquer grande batalha, eu gostava de tirar uma foto em grupo — e de conseguir direitos exclusivos para compor baladas épicas sobre a exploração deles.

— Bem — começou Nico —, você viu Percy. Ele e Annabeth estão fazendo o último ano do ensino médio em Nova York. Hazel e Frank estão no Acampamento Júpiter, na Décima Segunda Legião.

— Ah, sim.

Tentei formar uma imagem mental clara do Acampamento Júpiter, a enclave romana perto de Berkeley, Califórnia, mas os detalhes eram obscuros. Só conseguia me lembrar das conversas com Octavian, do jeito como ele virou minha cabeça com seus elogios e promessas. Aquele garoto burro… era culpa dele eu ter vindo parar aqui.

Uma voz sussurrou no fundo da minha mente. Dessa vez, achei que podia ser minha consciência. *Quem foi o burro? Não foi Octavian.*

— Cala a boca — murmurei.

— O quê? — perguntou Nico.

— Nada. Continuem.

— Jason e Piper ficarão em Los Angeles com o pai de Piper durante o ano letivo. Eles levaram o treinador Hedge, Mellie e o pequeno Chuck junto.

— Aham. — Eu não reconheci esses últimos três nomes, então concluí que não deviam ser importantes. — E o sétimo herói… Leo

Valdez?

Nico ergueu as sobrancelhas.

— Você se lembra do nome dele?

— Claro! Ele inventou o Valdezinator. Ah, que instrumento musical! Mal tive tempo de dominar as escalas principais antes de Zeus me fritar no Partenon. Se alguém pudesse me ajudar, esse alguém seria Leo Valdez.

A expressão de Nico se contraiu de irritação.

— Ah, o Leo não está aqui. Ele morreu. Depois, voltou à vida. E, se eu voltar a vê-lo, vou matá-lo de novo.

Will deu uma cotovelada nele.

— Não vai, não. — Ele se virou para mim. — Durante a luta com Gaia, Leo e seu dragão de bronze, Festus, desapareceram em uma grande explosão no ar.

Senti um arrepio. Depois de tantos séculos dirigindo a carruagem do Sol, o termo *grande explosão no ar* não me fazia muito bem.

Tentei me lembrar da última vez que vi Leo Valdez em Delos, quando trocou o Valdezinator por informações.

— Ele estava em busca da cura do médico — lembrei —, o jeito de trazer alguém de volta à vida. Será que aquele tempo todo ele já vinha planejando se sacrificar?

— É — disse Will. — Ele se livrou de Gaia na explosão, mas todos concluímos que também morreu.

— Porque morreu mesmo — acrescentou Nico.

— Aí, alguns dias depois — continuou Will —, um pergaminho chegou voando no acampamento…

— Ele ainda está comigo. — Nico remexeu nos bolsos da jaqueta de couro. — Olho para isso sempre que quero sentir raiva.

Ele pegou um rolo de pergaminho. Assim que o abriu na mesa, um holograma cintilante surgiu na superfície: Leo Valdez, com a mesma cara de travesso de sempre, o cabelo escuro espetado, o sorriso malicioso e a estatura diminuta. (Claro, o holograma só tinha oito centímetros, mas mesmo na vida real Leo não era muito mais imponente.) A calça jeans, a camisa azul e o cinto de ferramentas estavam manchados de óleo lubrificante.

— Oi, pessoal! — Leo abriu os braços. — Peço desculpas por ir embora assim. A má notícia: eu morri. A boa notícia: eu voltei! Tive que salvar Calipso. Estamos bem agora. Vamos levar Festus para… — A imagem tremulou, como uma chama em uma brisa forte, interrompendo a voz de Leo. — Voltamos assim que… — Estática. — Façam tacos quando… — Mais estática. — *¡Vaya con queso!* Amo vocês!

A imagem sumiu.

— É tudo o que sabemos — reclamou Nico. — E isso foi em agosto.

Não temos ideia do que ele estava planejando, de onde está agora nem se continua bem. Jason e Piper passaram o mês de setembro quase inteiro procurando por ele, até que finalmente Quíron insistiu para que fossem para a escola.

— Bem — falei —, parece que Leo estava planejando fazer tacos. Talvez isso tenha demorado mais do que ele previa. E *vaya con queso*… Acredito que esteja nos dizendo para escolher o de queijo, o que sempre é um conselho sábio.

Isso não pareceu tranquilizar Nico.

— Não gosto de ficar no escuro — murmurou ele.

Era uma reclamação estranha para um filho de Hades, mas entendi o que ele quis dizer. Eu também estava curioso para saber o destino de Leo Valdez. Antigamente, poderia ter adivinhado o paradeiro dele com a mesma facilidade com que você checa o Facebook, mas na minha atual condição tudo o que eu podia fazer era olhar para o céu e me perguntar quando um semideus travesso com um dragão de bronze e um prato de tacos poderia aparecer.

E, se Calipso estava envolvida… as coisas ficavam mais complicadas. A feiticeira e eu tínhamos uma história conturbada, mas até *eu* precisava admitir que ela era encantadora. Se havia capturado o coração de Leo, era totalmente possível que ele tivesse feito um desvio de rota. Afinal, Odisseu passou sete anos com ela antes de voltar para casa.

Qualquer que fosse o caso, parecia improvável que Valdez retornasse a tempo de me ajudar. Minha missão de dominar os acordes do Valdezinator teria que esperar.

Kayla e Austin estavam muito quietos, acompanhando nossa conversa com surpresa e espanto. (Minhas palavras têm esse efeito nas pessoas.)

Kayla chegou perto de mim.

— O que vocês conversaram na Casa Grande? Quíron contou sobre os desaparecimentos…?

— Contou. — Tentei não olhar na direção da floresta. — Nós discutimos a situação.

— E? — Austin espalmou a mão na mesa. — O que está acontecendo?

Eu não queria falar sobre aquilo. Não queria que eles percebessem meu medo.

Desejei que minha cabeça parasse de latejar. No Olimpo, esse tipo de dor era bem mais fácil de curar. Hefesto simplesmente abria o crânio da pessoa e extraía o deus ou deusa recém-nascido que estava batucando lá dentro. No mundo real, minhas opções eram bem mais limitadas.

— Preciso de mais tempo para pensar — falei. — Talvez de manhã

eu tenha alguns dos meus poderes divinos de volta.

Austin se inclinou para a frente. À luz das tochas, as trancinhas dele pareciam girar como novas hélices de DNA.

— É assim que funciona? Sua força volta com o tempo?

— Eu… eu acho que sim.

Tentei me lembrar dos anos de servidão a Admeto e Laomedonte, mas mal consegui conjurar os nomes e rostos deles. Minha memória cada vez mais falha me apavorava. Fazia cada momento do presente aumentar em tamanho e importância, me recordando que o tempo para os mortais era limitado.

— Tenho que ficar mais forte — concluí. — *Preciso.*

Kayla apertou minha mão. Os dedos de arqueira eram ásperos e calejados.

— Está tudo bem, Apolo… pai. Vamos ajudar você.

Austin assentiu.

— Kayla tem razão. Estamos nisso juntos. Ela vai atirar em qualquer um que lhe causar problemas. E vamos amaldiçoá-lo tanto que ele só vai conseguir falar em rimas por semanas.

Meus olhos lacrimejaram. Não muito tempo antes (de manhã, por exemplo), a ideia de aqueles jovens semideuses serem capazes de me ajudar teria me parecido ridícula. Mas a gentileza deles me emocionou mais do que o sacrifício de cem touros. Eu não conseguia me lembrar da última vez que alguém se importara tanto comigo a ponto de amaldiçoar meus inimigos para que só falassem em rimas.

— Obrigado — consegui dizer.

Não pude acrescentar *meus filhos*. Não pareceu certo. Esses semideuses eram meus protetores e minha família, mas, no momento, eu não podia pensar em mim mesmo como pai deles. Um pai devia fazer mais; um pai devia dar para os filhos mais do que recebe. Preciso admitir que essa era uma ideia nova para mim. E isso fez com que eu me sentisse ainda pior.

— Ei… — Will bateu no meu ombro. — Não é tão ruim assim. Pelo menos, com todo mundo em alerta, talvez não tenhamos que fazer a corrida de obstáculos de Harley amanhã.

Kayla murmurou um xingamento em grego antigo. Se eu fosse mesmo um *bom* pai divino, teria lavado a boca da minha filha com azeite de oliva.

— Eu tinha esquecido — disse ela. — Vão *ter* que cancelar, não vão?

Franzi a testa.

— Que corrida de obstáculos? Quíron não mencionou nada.

Tive vontade de protestar que meu dia todo foi uma corrida cheia de obstáculos. Eles não podiam estar esperando que eu fizesse as atividades do acampamento também. Antes que eu pudesse dizer isso,

um dos sátiros soprou uma trombeta de concha à mesa principal.

Quíron levantou os braços, chamando atenção.

— Campistas! — A voz dele preencheu o pavilhão. Ele conseguia ser bem impressionante quando queria. — Tenho alguns anúncios, inclusive notícias sobre a corrida de três pernas da morte de amanhã!

13

Corrida da morte
Mas que palavras terríveis
Ah, deuses. Meg, não!

ERA TUDO CULPA DE HARLEY.

Depois de falar do desaparecimento de Miranda Gardiner ("Como precaução, fiquem longe da floresta até conseguirmos mais informações"), Quíron chamou o jovem filho de Hefesto para explicar como a corrida de três pernas da morte funcionaria. Logo ficou claro que Harley havia arquitetado o projeto todo. E, sério, a ideia era tão apavorante que só podia ter surgido da mente de um garoto de oito anos.

Confesso que me perdi nos detalhes depois que ele mencionou os frisbees de serra elétrica explosivos.

— E eles vão fazer tipo ZUM! — Harley deu pulinhos de empolgação. — E depois BUZZ! E POW! — Representou todo tipo de caos com as mãos. — Vocês vão ter que ser bem rápidos, ou vão morrer. Vai ser incrível!

Os outros campistas resmungaram e se remexeram nos bancos.

Quíron levantou a mão pedindo silêncio.

— Sei que tivemos problemas na última vez — disse ele —, mas felizmente nossos curandeiros do chalé de Apolo conseguiram prender de volta os braços de Paulo.

Em uma mesa no fundo, um adolescente musculoso se levantou e começou a falar no que presumi ser português. Ele usava uma regata branca exibindo o peitoral moreno, e consegui ver cicatrizes claras ao redor dos bíceps. Disparando xingamentos, ele apontou para Harley, para o chalé de Apolo e para todo mundo, praticamente.

— Ah, obrigado, Paulo — disse Quíron, perplexo. — Estou feliz por você estar se sentindo melhor.

Austin se inclinou para mim e sussurrou:

— Paulo compreende inglês bem, mas só fala português. Pelo menos, é o que alega. Nenhum de nós consegue entender uma palavra do que ele diz.

Eu também não entendia português. Havia anos que Atena insistia que o monte Olimpo podia migrar para o Brasil algum dia e que deveríamos estar preparados para essa possibilidade. Ela até comprou DVDs do Berlitz Idiomas para todos os deuses como presente de Saturnália, mas o que Atena sabe?

— Ele parece agitado — comentei.

Will deu de ombros.

— Paulo tem sorte de cicatrizar rápido, porque é filho de Hebe, a deusa da juventude e tal.

— Você não para de olhar — comentou Nico.

— Não estou olhando — disse Will. — Só estou avaliando como a cirurgia nos braços dele foi bem-sucedida.

— Humpf.

Paulo finalmente se sentou. Quíron citou uma longa lista de outros ferimentos que eles sofreram durante a primeira corrida de três pernas da morte, e acrescentou que esperava evitá-los desta vez: queimaduras de segundo grau, tímpanos perfurados, uma distensão da virilha e dois casos de dança irlandesa crônica.

O semideus solitário à mesa de Atena levantou a mão.

— Quíron, vou falar só uma coisinha... Três campistas desapareceram. Tem certeza de que fazer uma corrida de obstáculos perigosa é uma boa ideia?

Quíron deu um sorriso sofrido.

— Excelente pergunta, Malcolm. Mas essa corrida não vai levar vocês para a floresta, que acreditamos ser a área mais perigosa. Os sátiros, as dríades e eu vamos continuar investigando os desaparecimentos. Não descansaremos enquanto nossos campistas desaparecidos não forem encontrados. Mas, nesse meio-tempo, essa corrida de três pernas vai ajudar vocês a trabalharem melhor em equipe. Também expandirá nossa compreensão do Labirinto.

A palavra me acertou na cara como o cecê de Ares. Eu me virei para Austin.

— Labirinto? Ele está falando do Labirinto de *Dédalo*?

Austin assentiu, os dedos mexendo nas contas de cerâmica no pescoço. Tive uma lembrança repentina da mãe dele, Latricia, mexendo em seu colar de conchas quando dava aulas em Oberlin. Até *eu* aprendi coisas nas aulas de teoria da música de Latricia Lake, apesar de achá-la tão linda a ponto de me distrair de tudo.

— Durante a guerra com Gaia — disse Austin —, o Labirinto reabriu. Estamos tentando mapeá-lo desde então.

— Isso é impossível — falei. — É loucura. O Labirinto é uma criação reconhecidamente malévola! Não pode ser mapeado, não se pode confiar nele.

Como sempre, só consegui acesso a trechos aleatórios das minhas lembranças, mas tinha quase certeza de que estava falando a verdade. Eu me lembrava de Dédalo. Muito tempo antes, o rei de Creta mandou que ele construísse um labirinto para prender o monstruoso Minotauro. Mas, ah, não, um simples labirinto não era *bom* o bastante para um inventor brilhante como Dédalo. Ele tinha que fazer seu Labirinto autoconsciente e mutável. Ao longo dos séculos, ele se

expandiu por baixo da superfície do planeta como um sistema invasivo de raízes.

Esses inventores brilhantes e estúpidos.

— É diferente agora — explicou Austin. — Desde que Dédalo morreu… Não sei. É difícil descrever. Não parece tão mau. Nem tão letal.

— Ah, isso me deixa mais tranquilo. Então é claro que vocês decidiram fazer a corrida de três pernas nele.

Will tossiu.

— Outra coisa, pai… Ninguém quer decepcionar Harley.

Olhei para a mesa principal. Quíron ainda discursava sobre as virtudes do trabalho em equipe enquanto Harley dava pulinhos ao seu lado. Eu conseguia entender por que os outros campistas talvez quisessem adotar o garoto como mascote não oficial. Ele era um pirralhinho fofo, mesmo sendo assustadoramente forte para uma criança de oito anos. O sorriso era contagiante. Seu entusiasmo pareceu melhorar o humor do grupo todo. Mesmo assim, reconheci o brilho de loucura nos olhos dele. Era a mesma expressão que o pai, Hefesto, fazia sempre que inventava algum autômato que mais tarde ficaria louco e começaria a destruir cidades.

— Além disso — dizia Quíron —, lembrem que nenhum dos desaparecimentos infelizes tem relação com o Labirinto. Fiquem com seus companheiros e provavelmente estarão seguros… pelo menos, tão seguros quanto é possível estar em uma corrida de três pernas da morte.

— É — disse Harley. — Ninguém nem *morreu* ainda.

Ele pareceu decepcionado, como se quisesse que nos esforçássemos mais.

— Diante de uma crise — prosseguiu Quíron —, é importante continuar com as atividades regulares. Temos que ficar alertas e na melhor forma possível. Nossos campistas desaparecidos não esperariam menos de nós. Agora, quanto às equipes de corrida, vocês vão poder escolher seus parceiros…

Em seguida, os campistas começaram a correr uns para cima dos outros tentando agarrar seus companheiros preferidos. Parecia um ataque de piranhas. Antes que eu pudesse avaliar minhas opções, Meg McCaffrey apontou para mim do outro lado do pavilhão, a expressão igual à do tio Sam no pôster do recrutamento.

Claro, pensei. *Por que minha sorte melhoraria agora?*

Quíron bateu o casco no chão.

— Chega, pessoal, sosseguem! A corrida vai ser amanhã à tarde. Obrigado, Harley, pela dedicação nas… hã, inúmeras surpresas letais.

— BLAM! — Harley voltou correndo para a mesa de Hefesto e se juntou à irmã mais velha, Nyssa.

— Isso nos leva à outra notícia — disse Quíron. — Como vocês devem saber, estamos com dois recém-chegados especiais. Primeiro, deem as boas-vindas ao deus Apolo!

Normalmente, essa seria a deixa para que eu me levantasse, abrisse os braços e sorrisse enquanto uma luz radiante brilhasse ao meu redor. A multidão adoradora aplaudiria e jogaria flores e bombons de chocolate aos meus pés.

Dessa vez, não recebi aplausos, só olhares nervosos. Tive um impulso estranho e nada característico de afundar um pouco mais na cadeira e puxar o casaco por cima da cabeça. Precisei fazer um esforço heroico para me controlar.

Com dificuldade, Quíron sustentou o sorriso.

— Sei que isso é incomum — disse ele —, mas os deuses se tornam, *sim,* mortais de tempos em tempos. Vocês não deveriam ficar tão assustados. A presença de Apolo entre nós pode ser um bom presságio, uma chance para… — Ele pareceu perder o fio da meada do próprio argumento. — Ah… fazermos uma coisa boa. Tenho certeza de que o melhor caminho a seguir vai ficar claro com o tempo. Agora, por favor, façam Apolo se sentir em casa. Tratem-no como qualquer outro novo campista.

À mesa de Hermes, Connor Stoll levantou a mão.

— Isso quer dizer que o Chalé de Ares vai poder enfiar a cabeça dele em uma privada?

À mesa de Ares, Sherman Yang soltou uma risada debochada.

— Nós não fazemos isso com todo mundo, Connor. Só com os novatos que merecem.

Sherman olhou para Meg, que obviamente estava terminando seu último cachorro-quente. Os cantos da boca dela estavam cobertos de mostarda.

Connor Stoll sorriu para Sherman. Se eu o conhecesse, diria que aquele era um olhar de conspiração. Foi nessa hora que reparei na mochila aberta aos pés de Connor. Escapando da mochila havia algo semelhante a uma rede.

Então a ficha caiu: os dois garotos que Meg havia humilhado estavam se preparando para a vingança. Eu não precisava ser Nêmesis para entender a atração da vingança. Ainda assim… senti uma vontade estranha de avisar Meg.

Tentei fazer contato visual, mas ela continuava concentrada no jantar.

— Obrigado, Sherman — continuou Quíron. — É bom saber que você não vai dar um banho de privada no deus da arqueria. Quanto ao resto de vocês, vamos mantê-los avisados sobre a situação do nosso convidado. Estou mandando dois dos nossos melhores sátiros, Millard e Herbert — ele indicou os dois sátiros à esquerda —, para entregar

em mãos uma mensagem para Rachel Dare em Nova York. Com sorte, ela também vai poder se juntar a nós em breve e ajudar a determinar qual a melhor forma de ajudarmos Apolo.

Aquilo causou alguns resmungos. Captei as palavras *oráculo* e *profecias*. Em uma mesa próxima, uma garota murmurou para si mesma em italiano: *Cegos guiando cegos.*

Olhei para ela de cara feia, mas a jovem era bem bonita. Devia ter uns dois anos a mais do que eu (mortalmente falando), com cabelo escuro curtinho e olhos amendoados devastadoramente intensos. Eu talvez tenha corado.

Virei para meus companheiros de mesa.

— Hã… então, sátiros. Por que não mandar aquele amigo de Percy?

— Grover? — perguntou Nico. — Ele está na Califórnia. Todo o Conselho dos Anciãos de Casco Fendido está lá, em uma reunião por causa da seca.

— Ah.

Meu ânimo desmoronou. Eu lembrava que Grover era bem versátil, mas, se estava cuidando de desastres naturais da Califórnia, era provável que só voltasse na próxima década.

— Finalmente — disse Quíron —, recebemos uma nova semideusa no acampamento, Meg McCaffrey!

Ela limpou a boca e ficou de pé.

Ao seu lado, Alice Miyazawa disse:

— Não vai se levantar, Meg?

Julia Feingold riu.

À mesa de Ares, Sherman Yang se levantou.

— *Essa* aí… essa aí merece boas-vindas especiais. O que você acha, Connor?

Connor enfiou a mão na mochila.

— Acho que talvez o lago de canoagem.

— Meg… — comecei a dizer.

E então foi o Hades na Terra.

Sherman Yang avançou na direção de Meg. Connor Stoll pegou uma rede dourada e jogou nela, que gritou e tentou se soltar enquanto alguns campistas cantarolavam: “Mergulho! Mergulho!”

Quíron fez o que pôde para acalmá-los.

— Semideuses, esperem um momento! — gritou.

Um uivo gutural interrompeu os procedimentos. Do alto de uma colunata, um borrão gorducho com asas frondosas e uma fralda de pano desceu voando e pousou nas costas de Sherman Yang, derrubando-o de cara no chão de pedra. Pêssego, o *karpos*, se levantou e gritou, batendo no peito. Os olhos brilhavam, verdes de raiva. Ele pulou em Connor Stoll, prendeu as pernas gorduchas ao redor do pescoço do semideus e começou a puxar seu cabelo com as garras.

— Sai daí! — gritou Connor, se debatendo cegamente pelo pavilhão. — Sai daí!

Lentamente, os outros semideuses superaram o choque e vários puxaram suas espadas.

— *C'è un karpos!* — gritou a garota italiana.

— Matem! — disse Alice Miyazawa.

— Não! — gritei.

Normalmente, essa ordem teria iniciado uma situação de calamidade, com todos os mortais se deitando no chão para esperar minhas próximas ordens. Mas eu era um mero mortal com voz falhada de adolescente.

Fiquei assistindo horrorizado à minha própria filha Kayla tirar uma flecha da aljava.

— Pêssego, larga ele! — gritou Meg.

Ela se soltou da rede, jogou-a longe e correu para cima de Connor.

O *karpos* pulou do pescoço do menino e caiu aos pés de Meg, mostrando as presas e sibilando para os outros campistas, que tinham formado um semicírculo torto com as armas em punho.

— Meg, saia da frente — disse Nico di Angelo. — Essa coisa é perigosa.

— Não! — A voz de Meg soou aguda. — Não mate ele!

Sherman Yang rolou, gemendo. O rosto parecia pior do que devia estar. Um corte na testa pode gerar uma quantidade absurda de sangue, mas aquela visão aumentou a determinação dos outros campistas. Kayla armou o arco, decidida. Julia Feingold desembainhou uma adaga.

— Esperem! — pedi.

Uma mente mais primitiva jamais conseguiria absorver o que aconteceu em seguida.

Julia atacou. Kayla disparou a flecha.

Meg estendeu as mãos, e uma luz dourada suave brilhou entre seus dedos. De repente, a jovem McCaffrey estava segurando duas espadas, cada uma delas uma lâmina curvada no antigo estilo trácio, *siccae* feitas de ouro imperial. Eu não via armas assim desde a queda de Roma. Pareciam ter surgido do nada, mas minha longa experiência com itens mágicos me disse que deviam ter sido invocadas dos anéis de lua que Meg sempre usava.

As duas espadas giraram. Meg ao mesmo tempo cortou a flecha que Kayla havia disparado e desarmou Julia, fazendo a adaga sair deslizando pelo chão.

— Mas que Hades? — perguntou Connor. O cabelo dele tinha sido arrancado em vários pontos, então ele parecia uma boneca maltratada. — *Quem* é essa garota?

Pêssego se agachou ao lado de Meg, rosnando, enquanto ela

afastava os semideuses confusos e furiosos com as duas espadas.

Minha visão devia ser melhor do que a dos mortais comuns, porque vi o sinal brilhante primeiro, uma luz cintilante sobre a cabeça de Meg.

Quando reconheci o símbolo, meu coração virou chumbo. Odiei o que vi, mas achei que devia mostrar.

— Olhem.

Os outros pareceram confusos. Em seguida, o brilho ficou mais intenso: havia uma foice dourada holográfica com alguns ramos de trigo girando acima da cabeça de Meg McCaffrey.

Um garoto ofegou.

— Ela é comunista!

Uma garota sentada à mesa do chalé 4 deu uma risadinha de repulsa para ele.

— Não, Damien, aquele é o símbolo da minha *mãe*. — Sua expressão desmoronou quando ela se deu conta da verdade. — Hã, o que quer dizer… que também é o símbolo da mãe *dela*.

Minha cabeça girou. Eu não queria saber daquilo. Eu não queria servir a uma semideusa filha dela. Mas então os crescentes nos anéis de Meg fizeram sentido. Não eram luas, eram lâminas de foice. Como o único olimpiano presente, achei que devia tornar o título oficial.

— Minha amiga não está mais sem parentesco — anunciei.

Os outros semideuses se ajoelharam respeitosamente, alguns com mais relutância do que outros.

— Senhoras e senhores — falei, com a voz tão amarga quanto o chá de Quíron —, uma salva de palmas para Meg McCaffrey, filha de Deméter.

14

Só pode ser brinca…
Opa, o que aconteceu?
Fiquei sem pala…

NINGUÉM CONSEGUIA DECIFRAR MEG.

Eu não podia culpá-los.

A garota fazia ainda menos sentido para mim, agora que eu sabia quem era sua mãe.

Eu tinha minhas desconfianças, é verdade, mas torcia para estar errado. Estar certo na maioria das vezes, e por tanto tempo, era um peso terrível.

Por que eu temeria uma filha de Deméter?

Boa pergunta.

No dia anterior, eu me esforçara para reunir minhas lembranças da deusa. Houve uma época em que Deméter foi minha tia favorita. A primeira geração de deuses era meio irritadinha (estou falando de vocês, Hera, Hades, pai), mas Deméter sempre foi amorosa e gentil — exceto quando estava destruindo a humanidade por meio da pestilência e da fome, mas todo mundo tinha seus dias ruins, não é mesmo?

E então, cometi o erro de namorar uma de suas filhas. Acho que o nome dela era Crisótemis, mas você vai ter que me desculpar se eu estiver enganado. Mesmo quando eu era deus, tinha dificuldade de lembrar os nomes de todos os meus casos. A jovem cantou uma música de colheita em um dos meus festivais délficos. A voz dela era tão linda que me apaixonei. Ok, eu me apaixono pela vencedora e pelo segundo lugar todos os anos, mas o que posso fazer? Não resisto a uma voz melodiosa.

Deméter não aprovou nosso relacionamento. Desde que a filha Perséfone foi sequestrada por Hades, ela andava meio sensível quanto aos namoros dos primogênitos com deuses.

Resumindo: ela e eu discutimos. Reduzimos algumas montanhas a escombros. Destruímos algumas cidades-estados. Vocês sabem como são as brigas de família. Finalmente, chegamos a um acordo desagradável, mas desde então fiz questão de ficar longe dos filhos de Deméter.

Agora, aqui estava eu, servo de Meg McCaffrey, a filha mais esfarrapada de Deméter a portar uma foice.

Eu me perguntei quem era o pai de Meg, o homem que conseguiu atrair a atenção da deusa. Deméter raramente se apaixonava por

mortais, e Meg era poderosa de um jeito incomum. A maioria dos filhos de Deméter conseguia pouco mais do que fazer colheitas crescerem e evitar que fossem atacadas por pragas. Lâminas douradas e convocar *karpoi*... era coisa de profissional.

Tudo isso passou pela minha mente enquanto Quíron dispersava a multidão, pedindo para todos guardarem as armas. Como a conselheira-chefe Miranda Gardiner estava desaparecida, Quíron pediu a Billie Ng, a única outra campista da casa de Deméter, que acompanhasse Meg até o chalé 4. As duas garotas se afastaram rápido, com Pêssego quicando com empolgação atrás delas. Meg me lançou um olhar preocupado.

Sem saber o que fazer, fiz sinal de positivo e falei:

— Vejo você amanhã!

Ela não pareceu nem um pouco animada, e logo sumiu na escuridão.

Will Solace cuidou dos ferimentos na cabeça de Sherman Yang. Enquanto isso, Kayla e Austin debatiam com Connor se havia necessidade ou não de um enxerto de cabelo. Eu estava sozinho, afinal, e voltei para o chalé Eu.

Deitado na cama capenga no meio do quarto, fiquei olhando para as vigas do teto. Pensei de novo em como aquele era um lugar deprimente, modesto e totalmente mortal. Como meus filhos aguentavam? E por que não mantinham um altar aceso e não enchiam as paredes de pinturas venerando minhas glórias?

Quando ouvi Will e os outros voltarem, fechei os olhos e fingi estar dormindo. Eu não conseguiria encarar as perguntas nem as gentilezas deles, as tentativas de me fazerem sentir em casa quando eu claramente não pertencia ao local.

Eles ficaram em silêncio assim que entraram.

— Ele está bem? — sussurrou Kayla.

— Você estaria, se fosse ele? — retrucou Austin.

Um momento de silêncio.

— Tentem dormir um pouco, pessoal — aconselhou Will.

— Isso é muito doido — disse Kayla. — Ele parece tão… humano.

— Nós vamos cuidar dele — disse Austin. — Somos tudo que ele tem agora.

Segurei um soluço. A preocupação deles estava acabando comigo. Não poder tranquilizá-los, ou até discordar deles, fez com que eu me sentisse muito pequeno.

Um cobertor foi colocado sobre mim.

— Durma bem, Apolo — disse Will.

Talvez tenha sido a voz persuasiva dele ou o fato de que eu estava mais exausto do que em qualquer outra ocasião há séculos. Na mesma hora, eu resvalei para a inconsciência.

* * *

Graças aos onze olimpianos que restavam, eu não tive sonhos.

Acordei me sentindo estranhamente descansado. Meu peito não doía mais. Meu nariz não parecia mais um balão de água grudado na minha cara. Com a ajuda dos meus filhos (*colegas de chalé* — vou chamá-los de colegas de chalé), consegui dominar os mistérios do chuveiro, da privada e da pia. A escova de dentes foi um choque. Na última vez que fui mortal, não existiam essas coisas, muito menos desodorantes. Que ideia pavorosa eu precisar de um bálsamo encantado para impedir que meus sovacos produzam fedor!

Quando terminei a higiene matinal e vesti roupas limpas da loja do acampamento (tênis, uma calça jeans, uma camiseta laranja do Acampamento Meio-Sangue e um casaco confortável de flanela), eu estava quase otimista. Talvez conseguisse sobreviver àquela experiência humana.

Eu me animei ainda mais quando descobri o bacon.

Ah, deuses… bacon! Prometi a mim mesmo que, quando alcançasse a imortalidade de novo, eu reuniria as Nove Musas e, juntos, nós criaríamos uma ode, um hino ao poder do bacon, que levaria os céus às lágrimas e provocaria arrebatamento por todo o universo.

Bacon é bom.

Isso! Este pode ser o título da música: “Bacon é bom”.

O café da manhã era menos formal do que o jantar. Ficávamos em uma fila para pegar o que quiséssemos de um bufê e podíamos sentar onde quiséssemos. Achei isso esplêndido. (Ah, que pensamento triste acometendo minha nova mente mortal. Eu, que já ditei o rumo de nações, ficando todo empolgado porque podia sentar em qualquer lugar.) Peguei minha bandeja e fui até Meg, que estava sentada sozinha perto do muro de contenção do pavilhão, balançando os pés e observando as ondas na praia.

— Como você está? — perguntei.

Meg mordiscou um waffle.

— Ah... bem.

— Você é uma semideusa poderosa, filha de Deméter.

— Aham.

Se eu podia confiar na minha compreensão das reações humanas, Meg não parecia muito animada.

— Sua companheira de chalé, Billie… Ela é legal?

— É, sim. Gente boa.

— E Pêssego?

Ela olhou para mim com o canto do olho.

— Desapareceu à noite. Acho que ele só aparece quando estou em perigo.

— Bom, agora é um momento apropriado para ele aparecer.

— A-pro-pri-a-do. — Meg tocou em um quadradinho de waffle a cada sílaba. — Sherman Yang teve que levar sete pontos.

Eu olhei para Sherman, que estava sentado a uma distância segura, do outro lado do pavilhão, lançando olhares afiados como facas na direção de Meg. Um zigue-zague feio descia pela lateral do rosto dele.

— Eu não me preocuparia — falei. — Os filhos de Ares gostam de cicatrizes. Além do mais, o visual Frankenstein cai bem em Sherman.

Os lábios de Meg se repuxaram, mas o olhar permaneceu distante.

— O piso do nosso chalé é feito de grama, tipo, grama *verde*. Tem um carvalho enorme no meio, sustentando o teto.

— Isso é ruim? — perguntei.

— Eu sou alérgica.

— Ah…

Tentei imaginar a árvore do chalé de Meg. Antigamente, Deméter tinha um bosque sagrado cheio de carvalhos. Eu lembro que ela ficou bem zangada quando um príncipe mortal tentou cortá-los.

Um bosque sagrado…

De repente, o bacon no meu estômago se expandiu e envolveu meus órgãos.

Meg segurou meu braço. A voz dela era um zumbido distante. Só ouvi a última e mais importante palavra:

— … Apolo?

Eu me mexi.

— O quê?

— Você apagou. — Ela fez uma careta. — Eu falei seu nome seis vezes.

— Falou?

— Falei. O que aconteceu?

Eu não conseguia explicar. Parecia que eu estava no convés de um navio quando uma forma enorme, escura e perigosa passou embaixo do casco, uma forma quase discernível, que sumiu de repente.

— Eu… eu não sei. Alguma coisa a respeito das árvores…

— Árvores — disse Meg.

— Não deve ser nada.

Era alguma coisa. Eu não conseguia afastar do pensamento a imagem dos meus sonhos: a mulher de coroa me mandando encontrar os portões. Aquela mulher não era Deméter; bom, pelo menos eu achava que não era. Entretanto, a imagem de árvores sagradas despertou uma lembrança dentro de mim… uma lembrança muito antiga até para os *meus* padrões.

Eu não queria falar sobre isso com Meg, não antes de ter tempo para refletir. Ela já tinha muito com o que se preocupar. Além do mais, depois da noite anterior, minha nova jovem senhora me deixou

mais apreensivo do que nunca.

Olhei para os anéis nos dedos do meio dela.

— Então, ontem… aquelas espadas. E não faça mais aquilo.

Meg franziu a testa.

— Aquilo o quê?

— Se fechar e se recusar a falar. Sua cara vira cimento.

Ela fez beicinho, irritada.

— Não vira, não. Eu tenho espadas. Eu luto com elas. E daí?

— Seria legal se você tivesse me contado isso antes, quando estávamos lutando com os espíritos das chagas, por exemplo.

— Você mesmo disse que aqueles espíritos não podiam ser mortos.

— Você está mudando de assunto. — Eu soube porque era uma tática que eu dominara séculos antes. — O estilo no qual você luta, com duas espadas curvas, é o estilo de um *dimaquero*, um gladiador do fim do Império Romano. Mesmo na época, era raro, possivelmente o estilo de luta mais difícil de dominar, e um dos mais mortais.

Meg deu de ombros. Foi um movimento eloquente, é verdade, mas não muito esclarecedor.

— Suas espadas são de ouro imperial — falei. — Isso indica treinamento *romano* e faz de você uma potencial candidata ao Acampamento Júpiter. Mas sua mãe é Deméter, a deusa na forma grega, não Ceres.

— Como você sabe?

— Fora o fato de eu ter sido um deus? Deméter reivindicou você aqui no Acampamento Meio-Sangue. Aquilo não foi acidente. Além do mais, a forma grega dela é mais antiga e bem mais poderosa. Você, Meg, é poderosa.

A expressão dela ficou tão na defensiva que pensei que Pêssego fosse cair do céu e começar a arrancar tufos do meu cabelo.

— Não conheço minha mãe — admitiu ela. — Não sabia quem ela era.

— Então onde conseguiu as espadas? Com seu pai?

Meg cortou o waffle em pedacinhos.

— Não… Meu padrasto me criou. Foi ele quem me deu esses anéis.

— Seu padrasto. Seu padrasto deu a você anéis que viram espadas de ouro imperial. Que tipo de homem…

— Um bom homem — cortou ela.

Notei a aspereza em sua voz e deixei o assunto de lado. Ao que tudo indica, ela deve ter vivido uma grande tragédia no passado. Além do mais, eu temia que, se continuasse insistindo nas perguntas, aquelas lâminas de ouro fossem parar no meu pescoço.

— Sinto muito — falei.

— Aham.

Meg jogou um pedaço de waffle no ar. Do nada, uma das harpias

da limpeza do acampamento, uma espécie de galinha camicase de quase cem quilos, apareceu, pegou a comida e saiu em disparada.

Meg continuou como se nada tivesse acontecido.

— Vamos apenas sobreviver a este dia, ok? Temos a corrida depois do almoço — disse ela.

Um tremor percorreu meu corpo. A última coisa que eu queria era ficar amarrado a Meg McCaffrey no Labirinto, mas consegui não gritar.

— Não se preocupe com a corrida. Tenho um plano para ganharmos.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— É?

— Ou melhor, *vou* ter um plano até de tarde. Só preciso de um pouco de tempo…

Atrás de nós, a trombeta de concha soou.

— Bom dia, campistas! — gritou Sherman Yang. — Vamos lá, seus flocos de neve especiais! Quero todos vocês à beira das lágrimas até a hora do almoço!

15

Perfeição é prática
Ha, ha, ha, acho que não
Ignore meu choro

EU QUERIA TER UM atestado médico. Queria ser dispensado da educação física.

Sinceramente, nunca vou entender os mortais. Vocês tentam manter a forma física com flexões, abdominais, corridas de dez quilômetros, pistas de obstáculos e outros trabalhos árduos que os deixam suados. Mas sabem o tempo todo que é uma batalha perdida. Em algum momento, seus corpos fracos e limitados vão se deteriorar e fracassar, gerando rugas, flacidez e bafo de velho.

É horrível! Se eu quiser mudar de forma, idade, gênero ou espécie, só preciso desejar que aconteça e, *ca-bam!*, sou um bicho-preguiça jovem, grande, fêmea e com três dedos nos pés. Série nenhuma de flexões vai conseguir isso. Simplesmente não vejo lógica nessas lutas constantes. Os exercícios não passam de um lembrete deprimente de que vocês não são deuses.

No fim do treinamento físico de Sherman Yang, eu estava ofegante e encharcado de suor. Meus músculos pareciam pilhas trêmulas de gelatina.

Eu *não* me sentia um floco de neve especial (embora minha mãe, Leto, sempre dissesse que eu era) e fiquei dolorosamente tentado a acusar Sherman de não me tratar como tal.

Resmunguei sobre isso com Will. Perguntei aonde a antiga conselheira-chefe de Ares tinha ido. Eu ao menos conseguia encantar Clarisse La Rue com meu sorriso ofuscante. Mas Will disse que ela estava fazendo faculdade na Universidade do Arizona. Ah, por que pessoas boas e perfeitas têm que ir para a faculdade?

Depois da tortura, cambaleei até o chalé e tomei outro banho.

Banhos são bons. Talvez não tanto quanto bacon, mas são.

Minha segunda sessão matinal foi dolorosa por outro motivo. Fui obrigado a assistir a aulas de música no anfiteatro com um sátiro chamado Woodrow.

Minha presença na turma pareceu deixar Woodrow nervoso. Talvez ele tivesse ouvido a lenda sobre eu ter esfolado vivo Marsias, o sátiro que me desafiou a uma competição musical. (Como falei, a parte do esfolamento *não* foi nem um pouco verdade, mas os boatos têm poder de convencimento incrível, principalmente quando eu posso ter sido o responsável por espalhá-los.)

Usando sua flauta, Woodrow repassou a escala menor. Austin não teve dificuldade com ela, apesar de estar desafiando a si mesmo ao usar um violino, que não era seu instrumento. Valentina Diaz, filha de Afrodite, se esforçou para tocar uma clarineta e produziu sons semelhantes a um basset hound choramingando em uma tempestade. Damien White, filho de Nêmesis, justificou seu sobrenome ao se vingar no violão: tocou com tanta força que arrebentou a corda ré.

— Você matou a ré! — disse Chiara Benvenuti. Era a italiana bonitinha em quem eu tinha reparado na noite anterior, filha de Tique, deusa da prosperidade. — Eu precisava do violão!

— Cale a boca, Lucky — murmurou Damien. — No mundo *real*, acidentes acontecem. Cordas arrebentam às vezes.

Chiara disparou uma série de palavras em italiano que decidi não traduzir.

— Posso? — Estendi a mão para pegar o instrumento.

Damien o entregou com relutância. Eu me abaixei na direção do case aos pés de Woodrow. O sátiro deu um pulo.

Austin riu.

— Relaxe, Woodrow. Ele só vai pegar outra corda.

Preciso admitir que achei a reação do sátiro gratificante. Se eu ainda assustava sátiros, talvez houvesse esperança de recuperar parte da minha antiga glória. E então poderia começar a assustar animais de fazenda, depois semideuses, monstros e divindades menores.

Em questão de segundos, substituí a corda. Era bom fazer uma coisa tão familiar e simples. Afinei o instrumento, mas parei ao ver que Valentina estava chorando.

— Isso foi lindo! — Ela secou uma lágrima da bochecha. — Que música foi essa?

Eu pisquei.

— O nome é afinar.

— É, Valentina, se controle — repreendeu Damien, embora seus olhos estivessem vermelhos. — Nem foi assim *tão* bonito.

— Não. — Chiara fungou. — Nem foi.

Só Austin pareceu não ter sido afetado. Os olhos dele brilhavam com o que parecia orgulho, embora eu não compreendesse que motivo ele tinha para se sentir assim.

Toquei uma escala de dó menor. A corda si estava desafinada. É *sempre* a si. Três mil anos se passaram desde que inventei o violão (durante uma festa bombástica com os hititas... longa história) e eu ainda não consegui descobrir um jeito de manter uma corda si afinada.

Percorri outras escalas, satisfeito por ainda lembrar como se fazia.

— Isto é uma escala lídia — falei. — Começa na quarta da escala maior. Dizem que se chama lídia por causa do antigo reino da Lídia,

mas, na verdade, eu a batizei em homenagem a uma ex-namorada, Lídia. Foi a quarta mulher que namorei naquele ano, então…

Olhei para cima no meio do arpejo. Damien e Chiara estavam chorando nos braços um do outro, trocando golpes fracos e dizendo:

— Odeio você. Odeio você.

Valentina estava deitada no banco do anfiteatro, soluçando silenciosamente. Woodrow estava desmontando a flauta.

— Sou inútil! — choramingou. — Inútil!

Até Austin tinha uma lágrima nos olhos. Fez um sinal positivo.

Fiquei emocionado por parte da minha antiga habilidade permanecer intacta, mas imaginei que talvez Quíron ficasse irritado se eu levasse toda a turma de música a uma grande depressão.

Toquei o ré com um pouco de intensidade, um truque que usava para impedir que meus calorosos fãs explodissem de êxtase nas minhas apresentações. (E quero dizer explodir literalmente. Alguns daqueles shows no Fillmore nos anos 1960... bem, vou poupar você dos detalhes nojentos.)

Toquei um acorde intencionalmente desafinado. Para mim, soou horrível, mas os campistas despertaram da infelicidade. Eles se sentaram, limparam as lágrimas e me observaram com fascinação tocar uma escala simples.

— Isso, cara.

Austin levou o violino ao queixo e começou a improvisar. O arco de resina dançava pelas cordas. Ele e eu nos encaramos, e por um instante fomos mais do que uma família. Nós nos tornamos parte da música, nos comunicando em um nível que só deuses e músicos são capazes de compreender.

Woodrow quebrou o feitiço.

— Que incrível — disse o sátiro, aos soluços. — Vocês dois deviam estar dando esta aula. O que eu estava pensando? Por favor, não me esfole!

— Meu querido sátiro — falei —, eu jamais…

De repente, meus dedos tiveram um espasmo. Larguei o violão, surpreso. O instrumento caiu pelos degraus de pedra do anfiteatro, estalando e ressoando.

Austin baixou o arco.

— Você está bem?

— Eu… sim, claro.

Mas eu não estava bem. Por alguns instantes, tinha vivenciado a alegria do meu antigo talento, mas ficou claro que meus dedos mortais não eram apropriados para a tarefa. Os músculos das minhas mãos doíam. Linhas vermelhas marcavam as pontas dos dedos, com as quais apertei as cordas. Eu tinha me esgotado de outras formas também. Meus pulmões pareciam murchos, desprovidos de oxigênio, apesar de

eu não ter cantado nada.

— Estou… cansado — falei, consternado.

— Ah, é. — Valentina assentiu. — O jeito como você estava tocando foi *surreal*!

— Tudo bem, Apolo — disse Austin. — Você vai ficar mais forte. Quando os semideuses usam seus poderes, principalmente no começo, se cansam facilmente.

— Mas eu não sou…

Não consegui concluir a frase. Eu não era um semideus. Não era um deus. Não era nem eu mesmo. Como sequer podia voltar a tocar sabendo que eu era um instrumento fracassado? Cada nota só me causaria dor e exaustão. Minha corda si *nunca* ficaria afinada.

A infelicidade deve ter transparecido no meu rosto.

Damien White fechou os punhos.

— Não se preocupe, Apolo. Não é culpa sua. Vou fazer aquele violão idiota pagar por isso!

Não tentei impedi-lo quando desceu a escada. Parte de mim sentiu uma satisfação perversa na forma como ele pisoteou o violão até que fosse reduzido a madeira e cordas.

Chiara bufou.

— *Idiota!* Agora não vou poder tocar.

Woodrow fez uma careta.

— Ah, hã… obrigado, pessoal! Ótima aula!

* * *

A arqueria foi uma paródia ainda pior.

Se eu me tornar um deus de novo (não, não *se*; quando, *quando*), meu primeiro gesto vai ser apagar as lembranças de todo mundo que me viu constrangido naquela aula. Acertei uma flecha na mosca. *Uma.* O conjunto dos meus outros disparos foi abismal. Duas flechas ficaram *fora* do círculo preto a uma distância de nada menos que cem metros. Joguei o arco no chão e chorei de vergonha.

Kayla era a instrutora dessa aula, mas a paciência e a gentileza dela só fizeram com que eu me sentisse pior. Ela pegou meu arco e me ofereceu de volta.

— Apolo — disse ela —, esses disparos foram fantásticos. Um pouco mais de treino e…

— Eu sou o deus da arqueria! — gritei. — Eu não treino!

Ao meu lado, as filhas de Nice riram.

Elas tinham nomes intoleravelmente apropriados: Holly e Laurel Victor. Ambas me lembravam as ninfas africanas lindas e ferozmente atléticas com quem Atena andava no lago Tritonis.

— Ei, ex-deus — disse Holly, prendendo uma flecha —, o treino é a

única forma de melhorar.

Ela pontuou um sete no círculo vermelho do alvo, mas não pareceu nem um pouco desencorajada.

— Para *você*, talvez — retruquei. — Você é mortal!

A irmã dela, Laurel, deu uma risada debochada.

— Agora você também é. Se ferrou! Vencedores não reclamam. — E disparou a flecha, que se fincou ao lado do disparo da irmã, mas no círculo vermelho de dentro. — É por isso que sou melhor do que Holly. Ela está sempre reclamando.

— Ah, tá — resmungou Holly. — A única coisa de que posso reclamar é como *você* é ridícula.

— Ah, é? — retrucou Laurel. — Vamos lá. Agora. Melhor de três disparos. Quem perder limpa os banheiros por um mês.

— Vamos nessa!

Assim, do nada, elas se esqueceram de mim. Definitivamente, seriam excelentes ninfas tritonianas.

Kayla me segurou pelo braço e me levou para longe.

— Aquelas duas, eu juro. Nós as fizemos coconselheiras de Nice para que competissem uma com a outra. Se não tivéssemos feito isso, elas teriam tomado o acampamento e proclamado uma ditadura.

Acho que Kayla estava tentando me alegrar, mas não adiantou.

Olhei meus dedos; além de doloridos por causa do violão, agora estavam com bolhas por causa dos arcos. Impossível. Agonizante.

— Não consigo fazer isso, Kayla — murmurei. — Estou velho demais para ter dezesseis anos de novo!

Ela colocou a mão sobre a minha. Embaixo da mecha verde no cabelo, a pele era dourada, como uma superfície de cobre pintada de creme, o brilho avermelhado reluzindo nas sardas do rosto e dos braços. Ela me lembrava muito seu pai, o treinador de arco e flecha canadense Darren Knowles.

Quer dizer, o *outro* pai. Sim, claro que é possível uma criança semideusa nascer de um relacionamento assim. Por que não seria? Zeus deu à luz Dioniso pela própria coxa. Uma das filhas de Atena se originou de um lenço. Por que se surpreender com esse tipo de coisa? Nós, deuses, somos capazes de infinitas maravilhas.

Kayla respirou fundo, como se prestes a fazer um disparo importante.

— Você consegue, pai. Já é bom. *Muito* bom. Só precisa ajustar suas expectativas. Seja paciente. Seja corajoso. Você vai melhorar.

Tive vontade de rir. Como eu poderia me acostumar a ser apenas *bom*? Por que me esforçaria para melhorar se antes era *divino*?

— Não — respondi, com amargura. — Não, é doloroso demais. Eu juro pelo Rio Estige… até voltar a ser um deus, não vou usar um arco ou qualquer instrumento musical!

Pode me repreender. Sei que foi um juramento tolo, feito em um momento de infelicidade e autopiedade. E foi limitador. Um juramento em nome do Rio Estige pode ter consequências terríveis se rompido.

Mas não me importei. Zeus tinha me amaldiçoado com a mortalidade. Eu não ia fingir que estava tudo normal. Eu não seria Apolo enquanto não fosse *mesmo* Apolo. Por ora, era só um adolescente idiota chamado Lester Papadopoulos. Talvez fosse desperdiçar meu tempo com habilidades para as quais não ligava, como duelo de espadas ou badminton, mas *não* mancharia as lembranças das minhas antes perfeitas música e arqueria.

Kayla olhou para mim horrorizada.

— Pai, você não pode estar falando sério.

— Estou!

— Retire o que disse agora! Você não pode… — Ela olhou por cima do meu ombro. — O que ele está fazendo?

Segui o olhar dela.

Sherman Yang estava andando lentamente, como em transe, em direção à floresta.

Teria sido tolice correr atrás dele, direto para a parte mais perigosa do acampamento.

Então foi exatamente isso que Kayla e eu fizemos.

Quase não conseguimos. Assim que chegamos às árvores, a floresta escureceu. A temperatura caiu. O horizonte se estendeu, como se distorcido por uma lente de aumento.

Uma mulher sussurrou no meu ouvido. Dessa vez, reconheci a voz. Ela nunca havia parado de me assombrar. *Você fez isso comigo. Venha. Venha me caçar de novo.*

O medo inundou meu estômago.

Imaginei os galhos se transformando em braços, as folhas ondulando como mãos verdes.

Dafne, pensei.

Mesmo depois de tantos séculos, a culpa era sufocante. Eu não conseguia olhar para uma árvore sem pensar nela. Florestas me deixavam nervoso. A força vital de cada árvore parecia me massacrar com ódio genuíno, me acusando de tantos crimes… Eu queria cair de joelhos. Implorar por perdão. Mas aquele não era o momento.

Eu não podia permitir que a floresta me confundisse de novo. Não deixaria mais ninguém cair nessa armadilha.

Kayla não pareceu afetada. Segurei a mão dela para garantir que ficaríamos juntos. Só tivemos que dar alguns passos, mas o caminho até Sherman Yang foi bem tortuoso.

— Sherman. — Segurei seu braço.

Ele tentou se soltar. Felizmente, estava lento e atordoado, senão eu

teria terminado com cicatrizes também. Kayla me ajudou a virá-lo.

Os olhos dele tremularam, como se ele estivesse em alguma espécie de sono REM.

— Não. Ellis. Temos que encontrá-lo. Miranda. Minha garota.

Olhei para Kayla em busca de explicação.

— Ellis é do chalé de Ares — disse ela. — É um dos desaparecidos.

— Sim, mas Miranda, garota dele?

— Sherman e ela começaram a namorar uma semana atrás.

— Ah.

Sherman tentou se soltar.

— Encontrá-la.

— Miranda está bem aqui, meu amigo — menti. — Vamos levar você para lá.

Ele parou de lutar. Os olhos reviraram até só a parte branca ficar visível.

— Bem… aqui?

— É.

— Ellis?

— Sim, sou eu — falei. — Sou Ellis.

— Amo você, cara — disse Sherman, soluçando.

Ainda assim, foi preciso toda a nossa força para levá-lo para longe das árvores. Lembrei-me da vez em que Hefesto e eu tivemos que lutar com o deus Hipnos depois que ele, num ataque de sonambulismo, foi até o quarto de Ártemis no Monte Olimpo. É impressionante que nós tenhamos escapado sem flechas de prata espetadas na bunda.

Levamos Sherman para a área do treino de arco e flecha. Entre um passo e o seguinte, ele piscou e se tornou seu eu normal. Reparou que estávamos segurando-o e se soltou.

— O que é isso?

— Você estava indo para a floresta — expliquei.

Ele nos olhou com uma expressão zangada.

— Não estava, não.

Kayla estendeu a mão para ele, mas claramente pensou melhor. Seria difícil usar o arco com dedos quebrados.

— Sherman, você estava em algum tipo de transe. Estava murmurando sobre Ellis e Miranda.

Na bochecha dele, a cicatriz em zigue-zague escureceu até ficar bronze.

— Não me lembro disso.

— Mas você não mencionou o outro campista desaparecido — acrescentei, tentando ajudar. — Cecil?

— Por que eu mencionaria Cecil? — resmungou Sherman. — Não suporto esse cara. E por que devo acreditar em vocês?

— A floresta tinha capturado você — falei. — As árvores estavam

envolvendo seu corpo.

Sherman observou a floresta, mas as árvores pareciam normais de novo. As sombras compridas e mãos verdes tinham desaparecido.

— Olhem — disse Sherman —, estou com um machucado na cabeça graças à sua amiga irritante, Meg. Se eu estava agindo de um jeito estranho, o motivo é *esse*.

Kayla franziu a testa.

— Mas…

— Chega! — interrompeu ele. — Se vocês mencionarem isso para alguém, vou fazê-los comerem suas aljavas. Não preciso de pessoas questionando meu autocontrole. Além do mais, tenho que pensar na corrida.

Ele passou por nós e foi embora.

— Sherman! — gritei.

Ele se virou, os punhos fechados.

— A última coisa de que você se lembra antes de perceber que estava com a gente… em que você estava pensando? — perguntei.

Por um microssegundo, o olhar atordoado passou pelo rosto dele de novo.

— Em Miranda e Ellis… como vocês falaram. Eu estava pensando… que queria saber onde eles estavam.

— Então, você estava se fazendo uma pergunta. — Uma onda de medo me inundou. — Você queria informações.

— Eu…

No pavilhão de refeições, a trombeta de concha soou.

A expressão de Sherman ficou tensa.

— Não importa. Esqueça. Temos que almoçar agora. Depois, vou destruir todos vocês na corrida de três pernas da morte.

No que dizia respeito a ameaças, eu tinha ouvido piores, mas Sherman fez a dele parecer bem intimidadora. Ele saiu andando para o pavilhão.

Kayla se virou para mim.

— O que acabou de acontecer?

— Acho que entendi agora — respondi. — Sei por que aqueles campistas desapareceram.

16

Estou preso a Meg
Talvez paremos em Lima
Harley é bem cruel

NOTA MENTAL: tentar revelar uma informação importante antes de uma corrida de três pernas da morte não é uma boa ideia.

Não estavam nem aí para mim.

Apesar dos resmungos e das reclamações da noite anterior, os campistas vibravam de empolgação. Eles passaram o almoço limpando armas freneticamente, prendendo as tiras das armaduras e sussurrando uns com os outros para formar alianças secretas. Muitos tentaram convencer Harley, o arquiteto do percurso, a dar dicas sobre as melhores estratégias.

Harley adorou a atenção. No fim do almoço, a mesa dele estava coberta de oferendas (leia-se: subornos): barras de chocolate, chocolate com creme de amendoim, jujubas e carrinhos Hot Wheels. O menino seria um excelente deus. Ele pegou os presentes, murmurou alguns agradecimentos, mas não disse nada de útil para seus adoradores.

Tentei alertar Quíron dos perigos da floresta, mas ele estava tão enlouquecido com os últimos preparativos da corrida que eu quase fui pisoteado ao me aproximar dele. O centauro ficou trotando com nervosismo pelo pavilhão, seguido por uma equipe de juízes composta por sátiros e dríades, comparando mapas e dando ordens.

— Vai ser quase impossível rastrear as equipes — murmurou ele, concentrado em um diagrama do Labirinto. — E não temos cobertura na área D.

— Mas, Quíron — comecei —, se eu pudesse…

— O grupo de teste foi parar no Peru hoje de manhã — disse ele para os sátiros. — Não podemos deixar que isso aconteça de novo.

— Sobre a floresta... — falei.

— Sim. Me desculpe, Apolo. Entendo que você esteja preocupado…

— A floresta está realmente falando — comentei. — Você se lembra da velha…

Uma dríade correu até Quíron com o vestido exalando fumaça.

— Os sinalizadores estão explodindo!

— Deuses! — exclamou Quíron. — Eles eram para emergências!

Ele galopou por cima dos meus pés, seguido pela horda de assistentes.

E foi isso que aconteceu. Quando se é um deus, o mundo presta

atenção em cada palavra sua. Quando se tem dezesseis anos… nem tanto.

Fui atrás de Harley, na esperança de convencê-lo a adiar a corrida, mas o garoto me afastou com um simples “Não”.

Como costumava acontecer com os filhos de Hefesto, ele estava mexendo em um dispositivo mecânico, movendo as cordas e engrenagens. Eu não estava interessado em saber o que era, mas perguntei mesmo assim, para ver se conquistava a simpatia de Harley.

— É um sinalizador — explicou ele, ajustando um botão. — Para pessoas perdidas.

— Para as equipes no Labirinto?

— Não. Vocês estão por conta própria. Isto é para Leo.

— Leo Valdez.

Harley estreitou os olhos, analisando o aparelho.

— Às vezes, se você não consegue encontrar o caminho de volta, um rastreador pode ajudar. Só preciso encontrar a frequência certa.

— E… há quanto tempo você está trabalhando nisso?

— Desde que ele desapareceu. Agora tenho que me concentrar, não posso parar a corrida.

Ele se virou e saiu andando.

Fiquei impressionado. Havia seis meses que o garoto estava trabalhando em um rastreador para localizar o irmão desaparecido, Leo. Eu me perguntei se alguém se esforçaria tanto para me levar de volta para o Olimpo. Eu duvidava muito.

Desamparado, fui para um canto do pavilhão e comi um sanduíche. Vi o sol enfraquecer no céu de inverno e pensei na minha carruagem, com os pobres cavalos presos nos estábulos sem ninguém para levá-los para passear.

É claro que, mesmo sem minha ajuda, outras forças manteriam o cosmos em andamento. Inúmeros sistemas de crenças forneceriam energia para a rotação dos planetas e estrelas. Lobos ainda caçariam o sol pelo céu. Rá continuaria sua viagem diária na barca solar. Tonatiuh continuaria se alimentando da cota de sangue proveniente de sacrifícios humanos da época dos astecas. E aquela outra coisa, a ciência, ainda geraria gravidade e física quântica e sei lá mais o quê.

Ainda assim, eu senti que não estava fazendo minha parte ao ficar parado esperando uma corrida de três pernas.

Até Kayla e Austin estavam distraídos demais para falarem comigo. Kayla contou para Austin sobre o que havia acontecido na floresta, quando salvamos Sherman Yang, mas o garoto estava mais interessado em limpar o saxofone.

— Podemos contar isso a Quíron no jantar — murmurou ele, com uma palheta na boca. — Até a corrida acabar, ninguém vai ter cabeça para isso. Mas vamos ficar longe da floresta, de qualquer modo. Além

do mais, se eu conseguir tocar a melodia certa no Labirinto… — Seus olhos brilharam. — Ah! Venha aqui, Kayla. Tive uma ideia.

Eles se afastaram, e fiquei sozinho de novo.

Eu compreendia o entusiasmo de Austin, é claro. As habilidades dele com o saxofone eram tão formidáveis que não restavam dúvidas de que ele se tornaria o melhor instrumentista de jazz de sua geração. Se você acha que é fácil conseguir meio milhão de visualizações no YouTube tocando jazz no saxofone, reavalie seus conceitos. Mas a carreira de Austin na música não iria muito longe se a força na floresta destruísse todos nós.

Então tive que apelar para meu último recurso (último *mesmo*): Meg McCaffrey.

Eu a vi perto de um dos braseiros, conversando com Julia Feingold e Alice Miyazawa. Ou melhor, as filhas de Hermes estavam conversando enquanto Meg devorava um cheesebúrguer. Fiquei impressionado por Deméter, a rainha dos grãos, frutas, legumes e verduras, ter uma filha tão assumidamente carnívora.

Por outro lado, Perséfone era igual a Meg. Você já deve ter ouvido histórias sobre como a deusa da primavera é toda doçura e narcisos e sementes de romã, mas, acredite em mim, aquela garota dá medo quando ataca uma pilha de costelinhas de porco.

Fui até Meg. As filhas de Hermes recuaram, como se eu fosse um encantador de serpentes. Achei essa reação agradável.

— Oi — falei. — Qual é o assunto?

Meg limpou a boca com as costas da mão.

— Essas duas querem saber nossos planos para a corrida.

— Claro que querem.

Tirei um pequeno dispositivo magnético de escuta da manga do casaco de Meg e joguei para Alice. Ela sorriu, encabulada.

— Temos que tentar de tudo, né?

— Concordo plenamente — falei. — Por isso mesmo acho que não vão se importar quando virem o que fiz com os tênis de vocês. Tenham uma ótima corrida!

As garotas se afastaram nervosas, verificando as solas dos tênis.

Meg olhou para mim com algo que se assemelhava a respeito.

— O que você fez?

— Nada — respondi. — Metade do truque de ser um deus é saber blefar.

Ela riu.

— E qual é nosso plano secreto? Espere. Vou adivinhar. Você não tem um.

— Você aprendeu rápido. Eu pretendia bolar um plano, mas me distraí. Nós temos um problema.

— Claro que temos. — Do bolso do casaco, ela tirou dois aros de

bronze que pareciam faixas elásticas feitas de metal trançado. — Está vendo isto? Eles prendem nossas pernas. Quando são colocados, *ficam* no lugar até a corrida acabar. Não dá para tirar. Eu *odeio* coisas que prendem.

— Eu também. — Fiquei tentado a acrescentar: *principalmente quando estou preso a uma criancinha chamada Meg*, mas minha diplomacia natural venceu. — No entanto, eu estava me referindo a um problema diferente.

Contei a ela sobre o incidente durante a aula de arco e flecha, quando Sherman quase foi atraído para a floresta.

Meg tirou os óculos de gatinho. Sem as lentes, as íris escuras pareciam mais suaves e calorosas, como pequenas áreas de solo para cultivo.

— Você acha que alguma coisa na floresta está chamando as pessoas? — perguntou ela.

— Acho que alguma coisa na floresta está *respondendo* às pessoas. Antigamente, havia um oráculo…

— É, você me contou. Delfos.

— Não. Outro oráculo, ainda mais antigo do que Delfos. Envolvia árvores. Um bosque inteiro de árvores falantes.

— Árvores falantes... — Meg mordeu os lábios. — Como se chamava esse oráculo?

— Eu… eu não consigo lembrar. — Trinquei os dentes. — Eu *devia* saber. Devia responder na mesma hora! Mas a informação… É quase como se estivesse fugindo de mim de propósito.

— Isso acontece às vezes — disse Meg. — Você vai lembrar.

— Mas *nunca* acontece comigo! Cérebro humano idiota! De qualquer modo, acredito que esse bosque esteja em algum lugar dentro da floresta. Não sei como nem por quê. Mas as vozes sussurrantes… elas pertencem a esse oráculo oculto. As árvores sagradas estão tentando dizer profecias, indo atrás daqueles que se fazem perguntas importantes, atraindo essas pessoas.

Meg colocou os óculos.

— Você sabe que isso parece papo de maluco, né?

Respirei fundo. Precisei repetir para mim mesmo que não era mais um deus, e que teria que aguentar insultos de mortais sem poder explodi-los e transformá-los em cinzas.

— Só fique alerta — avisei.

— Mas a corrida nem passa pela floresta.

— Mesmo assim… não estamos seguros. Se você conseguisse chamar seu amigo Pêssego, seria ótimo.

— Eu já falei. Ele meio que aparece quando dá na telha. Eu não consigo…

A trombeta de caça de Quíron soou tão alto que minha visão ficou

meio embaçada. Outra promessa que faço a mim mesmo: quando eu voltar a ser deus, vou aparecer neste acampamento e pegar todas as trombetas.

— Semideuses! — convocou o centauro. — Amarrem as pernas e me sigam para suas posições de largada!

* * *

Nós nos reunimos em uma campina a cerca de cem metros da Casa Grande. Caminhar até *tão* longe sem um único incidente com risco de vida foi um pequeno milagre. Com minha perna esquerda amarrada à direita de Meg, senti como se estivesse no útero de Leto novamente, logo antes de minha irmã e eu nascermos. E, sim, eu me lembro daquela época muito bem. Ártemis ficava sempre me empurrando, cutucando minhas costelas com o cotovelo e, de um modo geral, sendo egoísta.

Fiz uma oração silenciosa prometendo que, se chegasse ao fim da corrida vivo, sacrificaria um touro em minha homenagem e possivelmente até construiria um novo templo para mim. Sou louco por touros e templos.

Os sátiros ordenaram que nos espalhássemos pela campina.

— Onde é a linha de largada? — perguntou Holly Victor, empurrando o ombro da irmã. — Quero ficar mais perto.

— *Eu* quero ficar mais perto — corrigiu Laurel. — Você pode ser a *segunda* mais perto.

— Não se preocupem! — O sátiro Woodrow parecia muito preocupado. — Vamos explicar tudo em instantes. Assim que eu, hã, souber o que explicar.

Will Solace suspirou. Ele estava, claro, preso a Nico. Apoiou o cotovelo em um dos ombros de Nico como se o filho de Hades fosse uma prateleira.

— Que saudade de Grover. Ele organizava as coisas tão bem.

— Sou mais o treinador Hedge. — Nico empurrou o cotovelo de Will. — Mas é melhor não mencionar o nome de Grover alto demais. Juníper está bem ali.

Ele apontou para uma das dríades, uma garota bonita vestida de verde-claro.

— É a namorada do Grover — explicou-me Will. — Ela sente saudade dele também. Muita.

— Tudo certo, pessoal! — gritou Woodrow. — Espalhem-se um pouco mais, por favor! Queremos que tenham bastante espaço para que, vocês sabem, se morrerem, não levem as outras equipes junto!

Will suspirou.

— Estou *tão* empolgado.

Ele e Nico se afastaram. Julia e Alice, do chalé de Hermes, verificaram os tênis mais uma vez e olharam para mim de cara feia. Connor Stoll estava fazendo dupla com Paulo Montes, o filho brasileiro de Hebe, e nenhum dos dois parecia feliz com isso.

Talvez Connor estivesse chateado porque o couro cabeludo ferido fora coberto com tanto unguento medicinal que sua cabeça parecia ter sido tossida por um gato. Ou talvez ele só sentisse falta do irmão, Travis.

Assim que Ártemis e eu nascemos, tratamos logo de ficar longe um do outro. Procuramos nossos territórios e pronto. Agora, eu daria qualquer coisa para vê-la. Eu tinha certeza de que Zeus havia ameaçado minha irmã com punições severas caso ela tentasse me ajudar durante meu tempo como mortal, mas ela podia ao menos ter me mandado um pacote básico do Olimpo: uma toga decente, um creme mágico para acne e talvez uma dúzia de bolinhos de cranberry com ambrosia do Cila Café. Eles faziam bolinhos *excelentes*.

Observei as outras equipes. Kayla e Austin pareciam artistas de rua intimidadores, ela com o arco e ele com o saxofone. Chiara, a filha bonita de Tique, estava presa com seu nêmesis, Damien White, filho de… bem, Nêmesis. Billie Ng, primogênito de Deméter, estava presa a Valentina Diaz, que verificou por um instante a maquiagem na superfície reflexiva do casaco prateado de Billie. Ela não pareceu reparar que dois galhos saíam de sua cabeça como pequenos chifres de cervo.

Decidi que a maior ameaça seria Malcolm Pace. Todo cuidado era pouco com os filhos de Atena. Mas, surpreendentemente, ele se uniu a Sherman Yang. Achei a parceria estranha, a não ser que Malcolm tivesse algum plano. Esses filhos de Atena *sempre* tinham um plano. E isso raramente incluía me deixar ganhar.

Os únicos semideuses fora da corrida eram Harley e Nyssa, que tinham montado a pista.

Quando os sátiros decidiram que tínhamos nos espalhado de modo adequado e que nossas pernas estavam devidamente amarradas, Harley bateu palmas para chamar nossa atenção.

— Muito bem! — Ele quicou de ansiedade, me lembrando das crianças romanas que aplaudiam as execuções no Coliseu. — O objetivo é o seguinte: cada equipe tem que encontrar três maçãs douradas e voltar para esta campina.

Os semideuses começaram a resmungar.

— Maçãs douradas — falei. — Eu *odeio* maçãs douradas. Elas só causam confusão.

Meg deu de ombros.

— Eu gosto de maçã.

Eu me lembrei da maçã podre que ela usou para quebrar o nariz de

Cade no beco. Será que ela conseguiria usar as maçãs douradas com a mesma habilidade letal? Talvez nós tivéssemos uma chance, afinal.

Laurel Victor levantou a mão.

— Você quer dizer que a primeira equipe que voltar ganha?

— *Qualquer* equipe que voltar ganha! — disse Harley.

— Isso é ridículo! — disse Holly. — Só pode haver um vencedor. A primeira equipe que voltar ganha!

Harley deu de ombros.

— Como quiserem. Minhas únicas regras são: fiquem vivos e não matem uns aos outros.

— *O quê?*

Paulo começou a reclamar tão alto em português que Connor teve que tapar a orelha esquerda.

— Calma, calma! — gritou Quíron. Os alforjes dele estavam transbordando com kits de primeiros socorros e sinalizadores de emergência. — Não vamos precisar de nenhuma *ajuda* para tornar este desafio perigoso. Vamos fazer uma corrida de três pernas da morte justa. E mais uma coisa, campistas. Considerando os problemas que nosso grupo de teste teve hoje de manhã, por favor, repitam comigo: *Nada de ir parar no Peru*.

— Nada de ir parar no Peru — repetiu todo mundo.

Sherman Yang estalou os dedos.

— E então, onde *fica* a linha de largada?

— Não tem linha de largada — disse Harley, eufórico. — Todos vão começar exatamente de onde estão.

Os campistas olharam ao redor sem entender. De repente, a campina tremeu. Linhas escuras surgiram na grama, formando um tabuleiro de xadrez verde gigantesco.

— Divirtam-se! — gritou Harley.

O chão se abriu embaixo dos nossos pés e nós caímos no Labirinto.

17

Bolas de boliche
Esmagando meus inimigos
Vai um problema aí?

PELO MENOS, não fomos parar no Peru.

Meus pés bateram numa pedra e machuquei os tornozelos. Cambaleamos até uma parede, mas Meg foi uma almofada conveniente.

Estávamos em um túnel escuro cheio de vigas de carvalho. O buraco por onde caímos sumiu, substituído por um teto de terra. Não vi sinal das outras equipes, mas de algum lugar acima consegui ouvir vagamente Harley dizendo:

— Vai! Vai! Vai!

— Quando eu recuperar meus poderes — jurei —, vou transformar Harley em uma constelação nova, chamada Mordedor de Calcanhares. Constelações não falam.

Meg apontou para um ponto no corredor.

— Olhe.

Conforme minha visão se ajustava, reparei que a luz fraca do túnel emanava de uma fruta cintilante menos de cinquenta metros à frente.

— Uma maçã dourada — falei.

Meg deu um pulo para a frente, me puxando junto.

— Espere! — pedi. — Pode haver armadilhas!

Como se para ilustrar o que eu disse, Connor e Paulo surgiram da escuridão do outro lado do corredor. Paulo pegou a maçã dourada e gritou:

— BRASIL!

Connor sorriu para nós.

— Lerdos demais, otários!

O teto se abriu e choveram esferas de ferro do tamanho de melões.

— Corra! — gritou Connor.

Ele e Paulo deram uma desajeitada meia-volta e saíram correndo, perseguidos por uma horda de bolas de canhões com pavios acesos.

O som parou rapidamente. Sem a maçã brilhante, ficamos na escuridão total.

— Que ótimo. — A voz de Meg ecoou. — E agora?

— Sugiro que a gente vá na outra direção.

Era mais fácil falar do que fazer. A escuridão pareceu incomodar mais Meg do que a mim. Graças ao corpo mortal, eu já me sentia aleijado e desprovido de sentidos. Além disso, costumava usar mais do

que a visão. A música exigia audição apurada. A arqueria necessitava de certa sensibilidade e da capacidade de identificar a direção do vento. (Está certo, a visão também ajudava, mas deu para ter uma ideia.)

Nós prosseguimos, os braços estendidos à frente. Prestei atenção aos barulhos, em busca de cliques, estalos ou rangidos suspeitos que indicassem uma série de explosões se aproximando, mas desconfiava de que, se *ouvisse* algo alarmante, seria tarde demais.

Depois de um tempo, Meg e eu aprendemos a andar com nossas pernas unidas em sincronia. Não era fácil. Eu tinha um senso perfeito de ritmo. Meg estava sempre um pouquinho atrasada ou adiantada, o que nos fazia virar para a esquerda ou direita e dar de cara com a parede.

Continuamos andando pelo que poderiam ter sido minutos ou dias. Ali, o tempo enganava.

Lembrei o que Austin me contara sobre o Labirinto estar diferente desde a morte do seu criador. Aquilo começou a fazer sentido para mim. O ar parecia mais fresco, como se o lugar não estivesse engolindo tantos corpos. As paredes não irradiavam o antigo calor maligno. Pelo que percebi, também não havia sangue nem gosma escorrendo por elas, uma melhora e tanto. No passado, não era possível dar um passo dentro do Labirinto de Dédalo sem sentir o desejo que o consumia: *Vou destruir sua mente e seu corpo*. Agora, a atmosfera era mais sonolenta, e a mensagem, não tão virulenta: *Ei, se você morrer aqui, tudo bem.*

— Nunca gostei de Dédalo — murmurei. — Aquele velho canalha não sabia quando parar. Ele sempre tinha que usar a tecnologia mais avançada, fazer as atualizações mais recentes. Eu *falei* para ele não fazer esse labirinto perceptivo. "A inteligência artificial vai nos destruir, cara", tentei avisar. Mas nããããão. Ele *tinha* que dar ao Labirinto uma consciência malévola.

— Não sei do que você está falando — disse Meg. — Mas talvez você não devesse falar mal do Labirinto enquanto estamos dentro dele.

Então, parei ao ouvir o som do saxofone de Austin. Estava baixo e ecoando por tantos corredores que não consegui identificar de onde vinha. De repente, sumiu. Eu esperava que ele e Kayla tivessem encontrado suas três maçãs e escapado com segurança.

Finalmente, Meg e eu chegamos a uma bifurcação no corredor. Só percebi pelo fluxo de ar e pela diferença de temperatura no rosto.

— Por que paramos? — perguntou Meg.

— Shh. — Ouvi com atenção.

Do corredor do lado direito vinha um leve som agudo, como uma serra de mesa. O corredor da esquerda estava silencioso, mas exalava

um odor leve que era desagradavelmente familiar… não era bem enxofre, mas uma mistura vaporosa de minerais do fundo da terra.

— Não estou ouvindo nada — reclamou Meg.

— Um barulho de serra à direita — falei para ela. — À esquerda, um cheiro ruim.

— Escolho o cheiro ruim.

— Ah, jura?

Meg me deu a língua, sua marca registrada, depois seguiu para a esquerda, me puxando junto.

O aro de bronze ao redor da minha perna começou a incomodar. Eu sentia a pulsação da artéria femoral de Meg, o que atrapalhava meu ritmo. Sempre que fico nervoso (o que não acontece com frequência), gosto de cantarolar uma música para me acalmar, normalmente o “Bolero” de Ravel ou a música grega antiga “Epitáfio de Sícilo”. Mas, com a pulsação de Meg me desconcentrando, a única melodia que consegui conjurar foi a da “Dança da galinha”. Nada tranquilizador.

Seguimos em frente. O cheiro de vapores vulcânicos se intensificou. Minha pulsação perdeu o ritmo perfeito. Meu coração batia a cada *tchu, tchu, tchu, tchu* da “Dança da galinha”. Fiquei com medo de saber onde estávamos. Falei para mim mesmo que não era possível. Nós não podíamos ter percorrido metade do mundo andando. Mas aquele era o Labirinto. Aqui embaixo, as distâncias não significavam nada. O lugar sabia explorar as fraquezas das vítimas. Pior: tinha um senso de humor cruel.

— Estou vendo luz! — disse Meg.

Ela estava certa. A escuridão total tinha se transformado em um cinza-escuro. À frente, o túnel terminava, chegava a uma caverna estreita e comprida como uma fissura vulcânica. Parecia que uma garra colossal atacara o corredor, deixando uma ferida na terra. Vi criaturas com garras desse tamanho no Tártaro. Não tinha nenhuma vontade de revê-las.

— A gente devia voltar — falei.

— Que besteira — retrucou Meg. — Você não está vendo o brilho dourado? Tem uma maçã lá.

Eu só via névoas de cinzas e gás.

— O brilho pode ser lava — falei. — Ou radiação. Ou olhos. Olhos brilhantes *nunca* são um bom sinal.

— É uma maçã — insistiu Meg. — Estou sentindo cheiro de maçã.

— Ah, *agora* você desenvolveu sentidos apurados?

Meg avançou, me deixando sem escolha além de ir junto. Para uma garotinha, ela era boa em usar seu peso. No final do túnel, nos vimos em um ressalto estreito. O penhasco em frente estava a menos de cinco metros, mas a fenda parecia despencar eternamente. Talvez uns

cinquenta metros acima, a abertura irregular se abria em uma câmara maior.

Um cubo de gelo dolorosamente grande parecia subir pela minha garganta. Eu nunca tinha visto aquele lugar de baixo, mas sabia exatamente onde estávamos. Era o *onfalo*, o umbigo do mundo antigo.

— Você está tremendo.

Tentei tapar a boca de Meg, mas ela me mordeu na mesma hora.

— Não toque em mim — rosnou.

— *Por favor*, faça silêncio.

— Por quê?

— Porque logo acima de nós… — Minha voz falhou. — Delfos. A câmara do oráculo.

O nariz de Meg tremeu como o de um coelho.

— Isso é impossível.

— Não é, não — sussurrei. — E, se isso for Delfos, significa que…

De cima de nós veio um sibilar tão alto que parecia que um oceano inteiro tinha caído em uma frigideira e evaporado formando uma nuvem enorme. O ressalto tremeu. Caíram pedrinhas em nossas costas. Um corpo monstruoso deslizou pela fenda acima de nossas cabeças, cobrindo completamente a abertura. O cheiro de pele de cobra em processo de troca queimou minhas narinas.

— Píton. — Minha voz estava agora um oitavo mais aguda do que a de Meg. — Ele está aqui.

18

Besta está por perto
Acho melhor nos escondermos
No lixo, é claro

SE EU JÁ TINHA ficado assim tão apavorado?

Talvez quando Tifão saiu em um rompante por aí, dispersando os deuses pelo caminho. Talvez quando Gaia soltou os gigantes para destruir o Olimpo. Ou quem sabe quando flagrei, sem querer, Ares nu no ginásio. Isso bastou para deixar meu cabelo branco por um século.

Mas em todas essas vezes eu era um deus. Ali, era só um mortal fraco e pequeno, escondido na escuridão. A única coisa que me restava era rezar para meu inimigo de longa data não sentir minha presença. Pela primeira vez em minha gloriosa vida, eu queria ser invisível.

Ah, por que o Labirinto me levou até ali? Assim que pensei, me repreendi: é claro que ele me levaria aonde eu menos queria. Austin estivera errado sobre o Labirinto. Continuava maligno, feito para matar. Só estava sendo mais sutil nos homicídios.

Meg pareceu alheia ao perigo. Mesmo com um monstro imortal a uns trinta metros acima de nós, teve a coragem de persistir na tarefa. Ela me cutucou e apontou para um pequeno ressalto na parede oposta, onde uma maçã dourada brilhava alegremente.

Harley tinha *colocado* a maçã ali? Eu não conseguia imaginar. Era mais provável que o garoto tivesse jogado maçãs douradas em vários corredores, confiando que elas rolariam por conta própria até os locais mais perigosos. Eu estava começando a pegar antipatia por aquele garoto.

— É um pulo fácil — sussurrou Meg.

Lancei-lhe um olhar que em outras circunstâncias teria torrado a menina.

— Perigoso demais.

— Maçã — sibilou ela.

— Monstro! — sibilei em resposta.

— Um.

— Não!

— Dois.

— Não!

— Três.

Ela pulou.

O que significa que eu também pulei. Chegamos ao ressalto, mas nossos calcanhares fizeram um monte de pedrinhas cair como chuva

no abismo. Só minha coordenação e graça naturais nos salvaram de cair para trás e morrer. Meg pegou a maçã.

— Quem se aproxima? — ribombou o monstro, acima de nós.

A voz… Deuses do céu, eu me lembrava daquela voz, grave e rouca, como se ela respirasse xenônio em vez de ar. Até onde eu sabia, era isso mesmo que acontecia. Píton era bem capaz de *produzir* sua cota de gases tóxicos.

O monstro mudou de posição. Mais cascalho caiu na fenda.

Fiquei completamente imóvel, encostado na pedra fria. Meus tímpanos pulsavam a cada batimento do meu coração. Eu queria que Meg parasse de respirar. Queria que as pedrinhas dos óculos dela parassem de brilhar.

Píton nos ouvira. Rezei a todos os deuses pedindo que o monstro concluísse que o barulho não era nada. Ele só precisaria respirar na fenda, e aquilo já seria o suficiente para nos matar. Não havia como escapar do arroto venenoso dele, não daquela distância, não sendo um mortal.

E então, da caverna acima veio outra voz, menor e bem mais humana.

— Oi, meu amigo reptiliano.

Quase chorei de alívio. Não fazia ideia de quem era o recém-chegado, nem por que foi tão tolo de anunciar sua presença a Píton, mas eu sempre ficava agradecido quando humanos se sacrificavam para me salvar. Os bons costumes não haviam morrido, afinal!

A gargalhada rouca de Píton fez meus dentes baterem.

— Ah, eu estava me perguntando se você faria mesmo a viagem, *Monsieur* Besta.

— Não me chame assim — interrompeu o homem. — E o trajeto foi bem simples, agora que o Labirinto voltou a funcionar.

— Estou muito feliz. — O tom de Píton foi seco como basalto.

Não consegui identificar muita coisa na voz do homem, pois estava abafada por várias toneladas de carne reptiliana, mas ele parecia bem mais calmo e controlado do que jamais estive na presença de Píton. Eu já tinha ouvido o termo *Besta* sendo usado para descrever alguém antes, mas, como sempre, minha capacidade cerebral mortal me deixou na mão.

Se ao menos conseguisse reter só as informações *importantes*! Eu sabia descrever a sobremesa que comi na primeira vez que jantei com o rei Minos (bolo de especiarias). As cores dos *quítons* que os filhos de Níobe estavam usando quando os assassinei, também (um tom de laranja não muito digno). Mas não conseguia me lembrar de uma coisa tão básica… Seria esse Besta um lutador, um astro do cinema ou um político? Talvez os três?

Ao meu lado, sob o brilho da maçã, Meg parecia ter virado bronze.

Os olhos estavam arregalados de medo. Meio tarde demais para isso, mas pelo menos ela estava em silêncio. Se eu não fosse muito sábio, diria que a voz do homem a apavorou mais do que a do monstro.

— E então, Píton — continuou ele —, alguma palavra profética para compartilhar comigo?

— Na hora certa… meu senhor.

As últimas palavras foram ditas com certo humor, mas não sei se outra pessoa teria percebido. Com exceção de mim, poucos foram vítimas do sarcasmo de Píton e sobreviveram para contar a história.

— Preciso de mais do que suas garantias — retrucou o homem. — Antes de prosseguirmos, temos que assumir o controle de *todos* os oráculos.

Todos os oráculos. Essa afirmação quase me fez cair do penhasco, mas de alguma forma mantive o equilíbrio.

— Na hora certa — repetiu Píton —, como nós combinamos. Não chegamos até aqui sendo precipitados, chegamos? Você não revelou suas cartas quando os titãs invadiram Nova York. Eu não fui à guerra com os gigantes de Gaia. Nós dois percebemos que a hora da vitória ainda não havia chegado. Você precisa ter um pouco mais de paciência.

— Não me dê sermão, cobra. Enquanto você dormia, eu construí um império. Passei séculos…

— Sim, sim. — O monstro expirou, provocando um tremor no penhasco. — E se você quer mesmo que seu império saia das sombras, precisa cumprir a *sua* parte do acordo primeiro. Quando vai destruir Apolo?

Sufoquei um gritinho. Não devia ter ficado surpreso por eles estarem falando de mim. Por milênios, imaginei que *todo* mundo sempre estivesse falando de mim. Eu era tão interessante que as pessoas não conseguiam evitar. Mas essa história de me destruir… não me agradou nem um pouco.

Nunca vi Meg tão apavorada. Eu queria acreditar que ela estava preocupada comigo, mas tive a sensação de que estava com mais medo por si mesma. Essas prioridades distorcidas dos semideuses...

O homem se aproximou da fenda. A voz ficou mais nítida e alta.

— Não se preocupe com Apolo. Ele está exatamente onde preciso. Vai servir ao nosso propósito, e quando não for mais útil…

Ele não se deu ao trabalho de terminar a frase. Temi que não terminasse com *vamos dar a ele um belo presente e mandá-lo seguir com a vida.* Com um arrepio, reconheci a voz do meu sonho. Foi por causa da risadinha anasalada do cara de terno roxo. Também tinha a sensação de que já o ouvira cantar, muitos anos antes, mas não fazia sentido… Por que eu sofreria vendo um show de um homem feio de terno roxo que se intitulava *Besta*? Eu nem era *fã* de polca death

metal!

Píton moveu o corpo, jogando mais pedrinhas em nós.

— E como exatamente você vai convencê-lo a servir ao nosso propósito?

Besta riu.

— Tenho uma ajuda valiosa no acampamento que vai conduzir Apolo em nossa direção. Além do mais, estou aumentando nossa jogada. Apolo não vai ter escolha. Ele e a garota vão abrir o portão.

Um bafo do vapor de Píton chegou ao meu nariz, o bastante para me deixar tonto, mas, por sorte, não para me matar.

— Espero que você esteja certo — disse o monstro. — Sua avaliação no passado foi… questionável. Eu me pergunto se você escolheu as ferramentas certas para este trabalho. Será que aprendeu com os erros do passado?

O homem deu um rosnado tão profundo que quase acreditei que estava virando uma besta de verdade. Eu já tinha visto isso acontecer muitas vezes. Ao meu lado, Meg choramingou.

— Escute aqui, seu réptil grandão — disse o homem —, meu único erro foi não atear fogo nos meus inimigos rápido o bastante e com mais frequência. Garanto que estou mais forte do que nunca. Minha organização está em toda parte. Meus colegas estão prontos. Quando controlarmos todos os quatro oráculos, vamos controlar o próprio destino!

— E que dia glorioso vai ser esse. — A voz de Píton estava falhando de tanto desprezo. — Mas, antes disso, você precisa destruir o *quinto* oráculo, não é mesmo? De todos, este é o único que eu *não* consigo controlar. Você precisa botar fogo no bosque de…

— Dodona — completei.

A palavra pulou voluntariamente da minha boca e ecoou pela fenda. Entre tantos momentos idiotas para relembrar uma informação, entre tantos momentos idiotas para dizê-la em voz alta… ah, o corpo de Lester Papadopoulos era um lugar horrível para se habitar.

Acima de nós, a conversa parou.

Meg sibilou para mim:

— Seu idiota.

— O que foi isso? — perguntou Besta.

Em vez de responder *Ah, somos só nós dois*, fizemos uma coisa ainda mais imbecil. Um de nós, Meg ou eu (pessoalmente, prefiro colocar a culpa nela), deve ter escorregado numa pedra. Caímos do ressalto para as nuvens de enxofre abaixo.

* * *

SQUISH.

O Labirinto definitivamente tinha senso de humor. Em vez de permitir que nos estatelássemos em um chão de pedra e morrêssemos, ele nos largou em uma pilha de sacos molhados cheios de lixo.

Caso você esteja contando, já deve ter notado que era a *segunda* vez que eu caía no lixo desde que me tornei mortal, ou seja, duas vezes a mais do que qualquer deus devia ter que aturar.

Caímos na pilha de lixo em uma confusão de três pernas. Paramos lá no fundo, cobertos de gosma, mas, milagrosamente, vivos.

Meg se sentou, coberta por uma camada de grãos de café.

Tirei uma casca de banana da cabeça e joguei longe.

— Tem algum motivo para você ficar nos jogando em pilhas de lixo?

— Eu? Foi você que se desequilibrou!

Meg limpou o rosto, sem muito sucesso. Na outra mão, dedos trêmulos seguravam a maçã.

— Você está bem? — perguntei.

— Ótima — retrucou ela.

Obviamente, não era verdade. Ela parecia ter acabado de passar pela casa mal-assombrada de Hades. (Dica de profissional: NÃO FAÇA ISSO.) Seu rosto estava pálido. Ela havia mordido o lábio com tanta força que os dentes estavam rosados de sangue. Também detectei um leve odor de urina, o que significava que um de nós ficara com tanto medo que perdeu o controle da bexiga, e eu tinha setenta e cinco por cento de certeza de que não havia sido eu.

— Aquele homem lá em cima — falei. — Você reconheceu a voz dele?

— Cale a boca. É uma ordem!

Tentei retrucar. Para minha consternação, descobri que não conseguia. Minha voz aceitou a ordem de Meg por conta própria, o que não era um bom presságio. Decidi guardar minhas perguntas sobre Besta para depois.

Observei ao redor. Tubos de lixo se enfileiravam nas paredes pelos quatro cantos do pequeno porão deplorável. Enquanto eu olhava, outro saco de dejetos veio deslizando pelo tubo da direita e caiu na pilha. O cheiro era tão forte que poderia ter queimado a tinta da parede se o concreto estivesse pintado. Mas era melhor do que cheirar os vapores de Píton. A única saída visível era uma porta de metal com uma placa de risco biológico.

— Onde estamos? — perguntou Meg.

Olhei para ela com raiva, esperando.

— Pode falar agora.

— Você não vai acreditar, mas parece que estamos em um depósito de lixo.

— Mas onde?

— Pode ser em qualquer lugar. O Labirinto faz intercessão com locais subterrâneos por todo o mundo.

— Como Delfos.

Meg olhou de cara feia para mim, como se nossa pequena excursão grega tivesse sido culpa minha e não… bem, só indiretamente culpa minha.

— Foi inesperado — concordei. — Precisamos falar com Quíron.

— O que é Dodona?

— Eu… explico tudo depois. — Não queria que Meg me calasse de novo. Também não queria falar sobre Dodona ainda preso no Labirinto. Minha pele estava arrepiada de pavor, e eu duvidava de que fosse só porque eu estava coberto de algum líquido grudento. — Primeiro, precisamos sair daqui.

Meg olhou para trás de mim.

— Ah, não foi um desperdício total. — Ela enfiou a mão no lixo e pegou uma segunda fruta brilhante. — Só falta uma maçã agora.

— Perfeito. — Minha última preocupação naquele momento era terminar a corrida ridícula de Harley, mas pelo menos faria Meg se mexer. — Agora, por que não vemos que perigos biológicos terríveis nos esperam atrás daquela porta?

19

Como assim eles sumiram?
Não, não, não, não, não, não, não
Eu já falei não?

OS ÚNICOS PERIGOS BIOLÓGICOS que encontramos foram cupcakes veganos.

Depois de seguirmos por vários corredores iluminados por tochas, saímos em uma confeitaria lotada que, de acordo com o cardápio na parede, tinha o nome duvidoso de DELÍCIA VEGANA. Nosso fedor de lixo e vapor vulcânico logo dispersou os clientes, levando a maioria em direção à saída e fazendo com que muitas guloseimas sem lactose e sem glúten fossem pisoteadas. Nós nos abaixamos para passar pelo balcão e fomos até a cozinha. Então nos vimos em um anfiteatro subterrâneo que parecia ter séculos de idade.

Uma arquibancada de pedra circundava uma arena de terra batida que poderia tranquilamente ser o palco de uma luta de gladiadores. No teto, havia dezenas de correntes grossas de ferro penduradas. Eu me perguntei que espetáculos horríveis deviam ter acontecido ali, mas logo fomos embora.

Seguimos para o lado oposto, de volta aos corredores sinuosos do Labirinto. A essa altura, já havíamos aperfeiçoado a arte de correr com três pernas. Sempre que começava a ficar cansado, eu imaginava Píton atrás de nós, cuspindo gás venenoso.

Finalmente, dobramos uma esquina.

— Ali! — gritou Meg.

No meio do corredor havia uma terceira maçã dourada.

Desta vez, eu estava exausto demais para me importar com armadilhas. Nós seguimos em frente até Meg pegar a fruta.

À nossa frente, o teto baixou, formando uma rampa, a qual subimos. Ar fresco encheu meus pulmões. Quando chegamos ao fim, em vez de me sentir eufórico, minhas entranhas ficaram tão geladas quanto o líquido que escorreu do lixo e grudou na minha pele. Estávamos de volta à floresta.

— Aqui, não — murmurei. — Deuses, não.

Meg olhou ao redor, fazendo com que eu desse um giro de trezentos e sessenta graus junto com ela.

— Talvez seja uma floresta diferente.

Mas não era. Eu sentia o olhar ressentido das árvores, o horizonte se esticando em todas as direções. Vozes começaram a sussurrar, despertadas pela nossa presença.

— Vamos logo — falei.

Como se aproveitando a deixa, os aros que prendiam nossas pernas se soltaram. Nós corremos.

Mesmo segurando as três maçãs, Meg foi mais rápida. Ela seguiu por entre as árvores, ziguezagueando para a esquerda e para a direita, percorrendo uma trilha que só ela conseguia ver. Minhas pernas doíam e meu peito ardia, mas não ousei ficar para trás.

À frente, pontos cintilantes de luz se transformaram em tochas. Finalmente saímos da floresta, e deparamos com campistas e sátiros.

Quíron galopou até nós.

— Graças aos deuses!

— De nada — falei, ofegante, por força do hábito. — Quíron… nós temos que conversar.

À luz das tochas, o rosto do centauro pareceu entalhado na sombra.

— Temos sim, meu amigo. Mas, antes, precisamos cuidar de outro assunto. Receio que mais uma equipe tenha desaparecido… seus filhos, Kayla e Austin.

* * *

Quíron nos obrigou a tomar banho e trocar de roupa. Senão, eu teria voltado na mesma hora para a floresta.

Quando terminei, Kayla e Austin ainda não tinham voltado.

Quíron enviou grupos de busca formados por dríades para a floresta, supondo que elas estariam em segurança em seu hábitat natural, mas se recusou veementemente a deixar semideuses se juntarem à tarefa.

— Não podemos arriscar perder mais ninguém — disse ele. — Kayla, Austin e… e os outros desaparecidos… Eles não iam querer isso.

Cinco campistas haviam desaparecido até agora. Eu não era ingênuo de achar que Austin e Kayla voltariam por conta própria. As palavras de Besta ainda ecoavam em meus ouvidos: *Estou aumentando nossa jogada. Apolo não vai ter escolha.*

Ele mirou nos meus filhos, e estava me convidando a ir procurá-los e encontrar o portão desse oráculo oculto. Havia tantas coisas que eu não entendia: como o Bosque de Dodona fora parar na floresta próxima ao acampamento? Que tipo de "portão" ele podia ter? Por que Besta achava que eu poderia abri-lo? E como ele capturou Austin e Kayla? Mas de uma coisa eu tinha certeza: Besta tinha razão. Não havia outra escolha. Eu precisava encontrar meus filhos… meus *amigos*.

Eu teria ignorado o aviso de Quíron e corrido para a floresta se não fosse o grito de pânico de Will.

— Apolo, preciso de você!

Em uma das extremidades do campo, ele montara um hospital improvisado para cuidar de seis campistas feridos, que estavam deitados em macas. No momento, todas as suas forças estavam direcionadas a Paulo. Nico segurava o brasileiro, que estava aos berros.

Eu corri até Will e, quando deparei com aquela cena, fiz uma careta.

Uma das pernas do garoto fora serrada.

— Eu a prendi de volta — disse Will, com a voz trêmula de exaustão. Sua roupa de médico estava manchada de sangue. — Preciso que alguém o mantenha estável.

Apontei para a floresta.

— Mas…

— Eu sei! — cortou Will. — Você acha que também não quero sair para procurá-los? Mas estamos com poucos curandeiros. Tem unguento e néctar naquela bolsa. Vá!

O tom de sua voz me deixou atordoado. Percebi que ele estava tão preocupado com Kayla e Austin quanto eu. A única diferença era que Will sabia qual era seu dever. Ele tinha que curar os feridos primeiro. E precisava da minha ajuda.

— S-sim — falei. — Sim, claro.

Peguei a bolsa de suprimentos e fui cuidar de Paulo, que havia convenientemente desmaiado de dor.

Will trocou as luvas cirúrgicas e observou a floresta com um olhar furioso.

— Nós *vamos* encontrá-los. *Temos* que encontrar.

Nico di Angelo deu um cantil para ele.

— Beba. É aqui que você precisa estar agora.

Percebi que o filho de Hades também estava com raiva. Ao redor dos pés dele, a grama soltou fumaça e murchou.

Will suspirou.

— Você está certo. Mas isso não faz com que eu me sinta melhor. Tenho que cuidar do braço quebrado da Valentina. Quer ajudar?

— Parece nojento — disse Nico. — Vamos nessa.

Eu cuidei de Paulo Montes até ter certeza de que ele estava fora de perigo, depois pedi a dois sátiros para carregarem a maca dele até o chalé de Hebe.

Fiz o que pude para ajudar os outros. Chiara teve uma concussão leve. Billie Ng não conseguia parar de dançar sapateado irlandês. Holly e Laurel precisavam que estilhaços fossem retirados de suas costas graças a um encontro com um frisbee explosivo em forma de serra elétrica.

Como era de se esperar, as gêmeas Victor chegaram em primeiro,

mas também fizeram questão de saber qual delas teve *mais* estilhaços removidos, para que pudessem se gabar à vontade. Mandei que ficassem quietas, ou nunca mais as deixaria usar coroas de louro novamente. (Eu havia patenteado as coroas de louro, então isso era prerrogativa minha.)

Concluí que meu poder de cura como mortal era razoável. Will Solace era muito melhor do que eu, mas isso não me incomodava tanto quanto meu fracasso com arqueria e música. Acho que eu estava acostumado a ficar em segundo lugar quando o assunto era cuidar de pessoas. Meu filho Asclépio se tornou o deus da medicina quando tinha quinze anos, e eu não poderia ter ficado mais feliz por ele. Isso permitiu que eu tivesse tempo para me dedicar a meus outros interesses. Além do mais, todo deus sonha em ter um filho médico.

Após a extração dos estilhaços, quando estava lavando as mãos, Harley se aproximou, mexendo no sinalizador, os olhos inchados de tanto chorar.

— É culpa minha — murmurou ele. — Eu fiz com que se perdessem. Eu… me desculpe.

Ele estava tremendo. Percebi que o garotinho estava morrendo de medo do que eu poderia fazer.

Nos últimos dois dias, eu desejara causar medo em mortais novamente. Meu estômago fervia de ressentimento e amargura. Eu queria achar um culpado pelos meus problemas, pelos desaparecimentos, pela minha incapacidade de resolver as coisas.

Ao olhar para Harley, minha raiva evaporou. Eu me senti vazio, idiota; tive vergonha de mim mesmo. Sim, eu, Apolo… com vergonha. Verdade, era um evento tão sem precedentes que deveria ter destruído o cosmos.

— Tudo bem — falei.

Ele fungou.

— A pista de corrida foi parar na floresta. Eu não devia ter feito isso. Eles se perderam e… e…

— Harley — coloquei as mãos sobre as dele —, posso ver seu sinalizador?

Ele piscou para afastar as lágrimas. Acho que o garoto estava com medo de eu quebrar o dispositivo, mas me deixou pegá-lo.

— Não sou um inventor — falei, virando as engrenagens o mais delicadamente possível. — Não tenho as habilidades do seu pai. Mas *entendo* de música. Acredito que autômatos preferem a frequência mi a 329,6 hertz. Ressoa melhor com bronze celestial. Se você ajustar seu sinal…

— Festus talvez ouça? — Harley arregalou os olhos. — Tem certeza?

— Não — admiti. — Assim como você não tinha como saber o que

o Labirinto faria hoje. Mas isso não significa que a gente deva parar de tentar. Nunca pare de inventar, filho de Hefesto.

Devolvi a ele o sinalizador. Durante três segundos, Harley ficou me olhando, desconfiado. Em seguida, me deu um abraço tão forte que quase quebrou minhas costelas, e saiu correndo.

Cuidei dos últimos feridos enquanto as harpias limpavam o local, recolhendo ataduras, roupas rasgadas e armas danificadas. Elas reuniram as maçãs douradas em uma cesta e prometeram fazer deliciosos folheados de maçã para o café da manhã.

A pedido de Quíron, os campistas restantes voltaram para seus chalés. Ele prometeu que pela manhã já teríamos elaborado um plano de ação, mas eu não pretendia esperar nem mais um minuto.

Assim que ficamos sozinhos, eu me virei para Quíron e Meg.

— Vou atrás de Kayla e Austin — falei. — Vocês podem ir comigo ou não.

A expressão de Quíron ficou tensa.

— Meu amigo, você está exausto e despreparado. Volte para o seu chalé. Não vai adiantar de nada…

— Não. — Fiz um gesto de desdém, ignorando o conselho dele, o mesmo que faria se ainda fosse um deus. Aquilo devia parecer petulante vindo de um zé-ninguém de dezesseis anos, mas não me importei. — Eu tenho que fazer isso.

O centauro baixou a cabeça.

— Eu devia ter ouvido você antes da corrida. Você tentou me avisar. O que… o que você descobriu?

A pergunta me imobilizou como se fosse uma camisa de força.

Depois de salvar Sherman Yang e ouvir Píton no Labirinto, tive certeza de que sabia as respostas. Eu me lembrei do nome *Dodona*, das histórias sobre as árvores falantes…

Agora, minha mente era de novo uma sopa de pensamentos mortais confusos. Eu não conseguia lembrar por que fiquei tão agitado, nem o que pretendia fazer.

Talvez a exaustão e o estresse estivessem pesando. Ou talvez Zeus estivesse manipulando meu cérebro, permitindo que eu tivesse vislumbres provocadores da verdade, e em seguida arrancando-os fora, transformando meus momentos *ahá!* em momentos *hã?*

Gritei de frustração.

— Eu não lembro!

Meg e Quíron trocaram olhares nervosos.

— Você não vai — disse Meg com firmeza.

— *O quê?* Você não pode…

— É uma ordem — reforçou ela. — Você não vai voltar para a floresta até eu mandar.

Um tremor percorreu meu corpo. Afundei as unhas nas palmas das

mãos.

— Meg McCaffrey, se meus filhos morrerem porque você não me deixou…

— Como Quíron falou, você só acabaria morrendo. Vamos esperar até amanhã de manhã.

Pensei em como seria satisfatório jogar Meg da carruagem do Sol ao meio-dia. Por outro lado, uma pequena parte racional de mim sabia que ela podia estar certa. Eu não estava em condições de iniciar uma operação de resgate sozinho. Isso me deixou com ainda mais raiva.

O rabo de Quíron balançou de um lado para o outro.

— Bem, então… vejo vocês dois ao amanhecer. Nós *vamos* encontrar uma solução. Prometo.

Ele me lançou um último olhar, como se estivesse com medo de eu começar a correr em círculos e uivar para a lua. Em seguida, voltou trotando para a Casa Grande.

Olhei de cara feia para Meg.

— Vou ficar aqui esta noite, para o caso de Kayla e Austin voltarem. A não ser que você me proíba de fazer isso também.

Ela só deu de ombros. Até *isso* era irritante.

Frustrado e batendo os pés, fui até meu chalé e peguei alguns suprimentos: uma lanterna, dois cobertores, um cantil de água. No último momento, escolhi alguns livros na estante de Will Solace. Como era de se esperar, ele tinha obras de referência sobre mim para compartilhar com novos campistas. Achei que talvez os livros pudessem ajudar a ativar minha memória. Se não servissem para isso, seriam bom material para uma fogueira.

Quando voltei para perto da floresta, Meg ainda estava lá.

Eu não esperava que ela fosse fazer vigília comigo. Provavelmente só decidiu fazer isso porque concluiu que aquela seria a melhor forma de me irritar.

Ela se sentou ao meu lado no cobertor e começou a comer uma maçã dourada que havia escondido no casaco. Uma névoa invernal surgia por entre as árvores. A brisa da noite soprava a grama, fazendo movimentos similares a ondas.

Em circunstâncias diferentes, eu talvez escrevesse um poema. No meu estado mental do momento, o máximo que conseguiria seria um cântico funerário, e eu não queria pensar em morte.

Tentei ficar com raiva de Meg, mas não consegui. Ela só estava pensando no meu bem… ou talvez não estivesse pronta para ver seu novo servo divino arrumar um jeito de morrer.

Meg não tentou me consolar. Não fez perguntas. Sua diversão se resumiu a pegar pedrinhas e jogar na floresta. Eu não me incomodei com nada disso. Daria uma catapulta para ela, se tivesse uma.

Ao longo da noite, li sobre mim nos livros de Will.

Normalmente, seria uma tarefa feliz. Afinal, sou um assunto fascinante. Mas dessa vez minhas aventuras gloriosas não me deixaram empolgado e orgulhoso. Todas pareciam exageros, mentiras e… bem, mitos. Infelizmente, encontrei um capítulo sobre oráculos. Essas poucas páginas despertaram minha memória e confirmaram minhas piores desconfianças.

Eu estava transtornado demais para ficar apavorado. Olhei para a floresta e desafiei as vozes sussurrantes a me perturbarem. *Venham, então. Me levem também*, pensei. As árvores continuaram em silêncio. Kayla e Austin não voltaram.

Perto do amanhecer, começou a nevar. Só então Meg falou:

— É melhor a gente entrar.

— E abandoná-los?

— Não seja burro. — A neve salpicou o casaco dela. O rosto estava escondido no capuz, exceto pela ponta do nariz e pelo brilho das pedrinhas dos óculos. — Você vai congelar aqui.

Notei que ela não reclamou do frio. Eu me perguntei se ela sentia algum desconforto ou se o poder de Deméter a mantinha aquecida no inverno, como uma árvore sem folhas ou uma semente adormecida na terra.

— Eles eram meus filhos. — Foi doloroso usar o verbo no passado, mas Kayla e Austin pareciam irremediavelmente perdidos. — Eu devia ter feito mais para protegê-los. Devia ter previsto que meus inimigos mirariam neles para me afetar.

Meg jogou outra pedra nas árvores.

— Você já teve muitos filhos. Toda vez que um deles se metia em confusão você se sentia culpado?

A resposta era não. Ao longo dos milênios, eu mal conseguia lembrar o nome dos meus filhos. Se eu mandava um cartão de aniversário ocasional ou uma flauta mágica, achava que já estava cumprindo meu papel de pai. Às vezes, eu só percebia que algum havia morrido décadas depois. Durante a Revolução Francesa, fiquei preocupado com meu filho Luís XIV, o Rei Sol, aí fui dar uma olhada nele e descobri que havia morrido setenta e cinco anos antes.

Mas agora eu tinha uma consciência mortal. Meu senso de culpa parecia ter se expandido conforme minha expectativa de vida diminuía. Eu não podia explicar isso para Meg. Ela jamais entenderia. Provavelmente, jogaria uma pedra em mim.

— É culpa minha Píton ter retomado Delfos — falei. — Se eu tivesse matado aquele monstro assim que ele reapareceu, quando eu ainda era um deus, ele jamais teria ficado tão poderoso. Jamais teria feito uma aliança com aquele… aquele *Besta*.

Meg baixou o rosto.

— Você o conhece — especulei. — No Labirinto, quando você

ouviu a voz dele, ficou apavorada.

Pensei que ela fosse me mandar calar a boca de novo, mas ela só passou o dedo nos crescentes dos anéis de ouro, sem dizer nada.

— Meg, ele quer me *destruir* — falei. — De alguma forma, está por trás desses desaparecimentos. Quanto mais soubermos sobre esse homem…

— Ele mora em Nova York.

Eu esperei. Era difícil decifrar o capuz do casaco dela.

— Tudo bem — continuei. — Isso reduz a busca a oito milhões e meio de pessoas. O que mais?

Meg cutucou os calos nos dedos.

— Se você é um semideus vivendo nas ruas, já ouviu falar do Besta. Ele procura gente como eu.

Um floco de neve derreteu na minha nuca.

— Procura gente… para quê?

— Para treinar — respondeu Meg. — Para usar como… servos, soldados. Não sei.

— E você o conheceu.

— Por favor, chega de perguntas…

— Meg.

— Ele matou meu pai.

As palavras dela saíram baixas, mas me acertaram com mais força do que uma pedrada na cara.

— Meg, eu… eu sinto muito. Como…?

— Eu me recusei a trabalhar para ele — explicou ela. — Meu pai tentou… — Ela fechou os punhos. — Eu era muito pequena. Não me lembro direito. Eu fugi. Senão, o Besta teria me matado também. Meu padrasto me acolheu. Ele foi bom para mim. Você não me perguntou por que ele me treinou para lutar? Por que me deu os anéis? Ele queria que eu ficasse em segurança, que pudesse me proteger.

— Do Besta.

Ela baixou a cabeça.

— Ser um bom semideus, treinar muito… é o único jeito de manter o Besta longe. Agora você sabe.

Na verdade, eu tinha mais perguntas do que nunca, mas senti que Meg não estava no clima de falar mais. Eu me lembrei da reação dela quando estávamos na câmara de Delfos, da expressão de puro pavor quando reconheceu a voz do Besta. Nem todos os monstros eram répteis de três toneladas com bafo venenoso. Muitos usavam rostos humanos.

Observei a floresta. Em algum lugar lá dentro, cinco semideuses estavam servindo de isca, inclusive dois filhos meus. Besta queria que eu os procurasse, e eu procuraria. Mas *não* deixaria que ele me usasse.

Tenho uma ajuda valiosa no acampamento, dissera Besta.

Isso me incomodara.

Eu sabia por experiência própria que qualquer semideus podia se virar contra o Olimpo. Estive na mesa de banquete em que Tântalo tentou envenenar os deuses, nos servindo o filho picadinho em um ensopado. Vi o rei Mitrídates se aliar aos persas e massacrar todos os romanos de Anatólia. Vi a rainha Clitemnestra matar o marido Agamenon só porque ele fez um pequeno sacrifício humano a mim. Os semideuses são uma galerinha imprevisível.

Olhei para Meg e me perguntei se ela podia estar mentindo, se era algum tipo de espiã. Se bem que ela era teimosa demais, impetuosa demais e irritante demais para ser uma agente dupla eficiente. Além disso, tecnicamente, ela era minha senhora. Podia me mandar fazer quase qualquer coisa e eu teria que obedecer. Se quisesse me destruir, eu já estaria praticamente morto.

Talvez Damien White… um filho de Nêmesis era uma escolha natural para dar uma facada nas costas de alguém. Ou Connor Stoll, Alice, Julia… um filho de Hermes traíra recentemente os deuses ao trabalhar para Cronos, e eu não me surpreenderia se outro fizesse o mesmo. Talvez a bela Chiara, filha de Tique, estivesse aliada ao Besta. Os filhos da sorte eram jogadores por natureza. A verdade era que eu não fazia ideia de quem poderia ser o traidor.

O céu passou de preto a cinza. De repente, ouvi um *thump, thump, thump* distante, uma pulsação rápida e incessante que foi ficando cada vez mais alta. Primeiro, achei que fosse o sangue latejando na minha cabeça. Cérebros humanos podiam explodir se estivessem cheios de preocupações? Mas então percebi que o barulho era mecânico e vinha do oeste. Era o som distintamente moderno de hélices cortando o ar.

Meg levantou a cabeça.

— Isso é um helicóptero?

Eu fiquei de pé.

A máquina surgiu no horizonte, um Bell 412 vermelho-escuro vindo pela costa. (Como percorro os céus com certa frequência, entendo de máquinas voadoras.) Na lateral do helicóptero havia um logotipo verde pintado com as letras D.E.

Apesar da tristeza que me assolava, uma pequena chama de esperança se acendeu dentro de mim. Os sátiros Millard e Herbert deviam ter conseguido entregar a mensagem.

— Aquela — falei para Meg — é Rachel Elizabeth Dare. Vamos ver o que o Oráculo de Delfos tem a dizer.

20

Se fizer reforma
Favor não apagar os deuses
Todo mundo sabe

RACHEL ELIZABETH DARE ERA uma das minhas mortais favoritas. Assim que se tornou o oráculo, dois verões antes, trouxe um novo vigor e empolgação ao cargo.

Claro que, como o oráculo anterior era um cadáver murcho, talvez os padrões estivessem baixos. Independentemente disso, fiquei eufórico quando o helicóptero da Dare Enterprises pousou atrás das colinas a leste, fora dos limites do acampamento. Eu me perguntava o que Rachel disse para o pai, um magnata dos imóveis fabulosamente rico, para convencê-lo de que precisava pegar um helicóptero emprestado. Mas sempre soube que Rachel conseguia ser bem convincente.

Corri pelo vale, e Meg foi atrás de mim. Já conseguia imaginar a imagem de Rachel surgindo no cume: o cabelo ruivo ondulado, o sorriso alegre, a blusa manchada de tinta e uma calça jeans cheia de rabiscos. Eu precisava do humor, da sabedoria e da resiliência dela. O oráculo traria ânimo para todos nós. O mais importante: ela *me* animaria.

Eu não estava preparado para a realidade. (O que, mais uma vez, foi uma surpresa impressionante. Normalmente, a realidade se prepara para *mim*.)

Rachel nos encontrou na colina perto da entrada da caverna dela. Só mais tarde eu perceberia que os dois mensageiros sátiros de Quíron não estavam com ela e me perguntaria o que havia acontecido com eles.

A srta. Dare estava mais magra e envelhecida, parecia menos uma estudante e mais uma jovem esposa de camponês, abatida por causa do trabalho pesado e franzina pela falta de comida. O cabelo ruivo tinha perdido a vivacidade, emoldurando seu rosto em uma cortina de cobre escuro. As sardas estavam esmaecidas. Os olhos verdes, sem brilho. E ela usava uma túnica de algodão branco com um xale branco e uma jaqueta verde-pátina. Rachel *nunca* usava vestidos.

— Rachel? — Não confiei em mim mesmo para dizer mais nada.

Ela não era a mesma pessoa.

Mas então lembrei que eu também não.

Ela observou minha nova forma mortal. Os ombros murcharam.

— Então é verdade.

Abaixo de nós, ouvi as vozes dos outros campistas. Sem dúvida acordados pelo som do helicóptero, eles saíam dos chalés e se reuniam na base da colina. Mas nenhum tentou chegar até nós. Talvez sentissem que nem tudo estava bem.

O helicóptero levantou voo de trás da Colina Meio-Sangue. Seguiu na direção do Estreito de Long Island e passou tão perto da Atena Partenos que achei que o trem de pouso tiraria um pedaço do elmo alado da deusa.

— Você pode dizer para os outros que Rachel precisa de um tempo? Chame Quíron. Ele tem que subir. O resto deve esperar — falei para Meg.

Não era típico de Meg aceitar ordens minhas. Achei que ela fosse me dar um chute, mas em vez disso só olhou nervosa para Rachel, se virou e desceu a colina.

— Sua amiga? — perguntou Rachel.

— Longa história.

— É. Também tenho uma dessas para contar.

— Vamos conversar na sua caverna?

Rachel repuxou os lábios.

— Você não vai gostar do que vai ver. Mas, sim, provavelmente é o lugar mais seguro.

* * *

A caverna não estava tão aconchegante quanto eu lembrava.

Os sofás estavam de cabeça para baixo. A mesinha de centro tinha uma das pernas quebrada. O chão estava coberto de cavaletes e lonas. Até o banco de três pernas de Rachel, o trono da profecia, fora derrubado em uma pilha de trapos manchados de tinta.

O mais perturbador era o estado das paredes. Desde que foi morar lá, Rachel as pintava, como os moradores das cavernas de antigamente. Ela havia gastado horas em murais elaborados de eventos do passado, imagens do futuro que vira em profecias, citações favoritas de livros e música e desenhos abstratos tão lindos que causariam vertigem em M.C. Escher. A arte fazia a caverna parecer uma mistura de ateliê, ponto de encontro psicodélico e passarela subterrânea cheia de pichações. Eu adorava.

Mas a maioria das imagens tinha sido coberta por uma demão descuidada de tinta branca. Ali perto, grudado em uma bandeja com tinta seca, encontramos um rolo de pintura. Claramente, Rachel havia apagado o próprio trabalho meses antes e não voltara desde então.

Desanimada, ela apontou para a destruição.

— Fiquei frustrada.

— Sua arte… — Não consegui tirar os olhos da tela em branco. —

Tinha um lindo retrato meu… bem aqui.

Fico ofendido sempre que alguma obra de arte é danificada, principalmente quando retrata uma imagem minha.

Rachel pareceu envergonhada.

— Eu… achei que uma tela branca poderia me ajudar a pensar.

Seu tom deixava claro que a pintura branca não ajudara em nada. Eu poderia ter dito isso a ela.

Nós dois fizemos a melhor arrumação possível. Colocamos os sofás no lugar, mas Rachel não tocou no banco de três pernas.

Alguns minutos depois, Meg voltou. Quíron veio atrás em completa forma de centauro, baixando a cabeça para passar pela entrada. Eles nos encontraram sentados ao redor da mesinha de centro bamba como civilizados habitantes das cavernas, tomando chá Arizona morno e comendo crackers velhos da despensa do oráculo.

— Rachel. — Quíron suspirou de alívio. — Onde estão Millard e Herbert?

Ela baixou a cabeça.

— Chegaram na minha casa muito feridos. Eles… não resistiram.

Talvez fosse a luz da manhã batendo por trás, mas imaginei ter visto novos pelos grisalhos crescendo na barba de Quíron. O centauro trotou até nós e se sentou no chão, dobrando as pernas embaixo do corpo. Meg se sentou ao meu lado no sofá.

Rachel se inclinou para a frente e entrelaçou os dedos, como fazia quando dizia uma profecia. Torci para que o espírito de Delfos a possuísse, mas não houve fumaça, nem chiado, nem voz rouca de possessão divina. Foi meio decepcionante.

— Vocês primeiro — disse ela. — Me contem o que está acontecendo aqui.

Nós a atualizamos sobre os desaparecimentos e sobre minhas desventuras com Meg. Expliquei sobre a corrida de três pernas e nosso passeio a Delfos.

Quíron ficou pálido.

— Eu não sabia disso. Você foi a Delfos?

Rachel ficou me olhando, pasma.

— *Delfos*. Você viu Píton e…

Tive a sensação de que ela queria dizer *e não matou o monstro?*, mas conseguiu se conter.

Senti como se estivesse de pé com a cara virada para a parede. Talvez Rachel pudesse me apagar com tinta branca. Desaparecer seria menos doloroso do que enfrentar meus fracassos.

— No momento — falei —, não consigo derrotar Píton. Estou fraco demais. E… bem, o Ardil 88.

Quíron tomou um gole de chá.

— Apolo quer dizer que não podemos fazer uma missão sem

profecia, e não podemos ter profecia sem oráculo.

Rachel ficou olhando para o banco caído.

— E esse homem… Besta. O que vocês sabem sobre ele?

— Não muito. — Expliquei o que vi nos meus sonhos e o que Meg e eu ouvimos no Labirinto. — Ao que parece, ele tem fama de capturar jovens semideuses em Nova York. Meg disse… — Hesitei quando vi a expressão dela, um claro aviso para não tocar naquele assunto. — Hã, ela teve uma experiência pessoal com Besta.

Quíron ergueu as sobrancelhas.

— Você pode nos contar alguma coisa que possa ajudar, querida?

Meg afundou nas almofadas do sofá.

— Nossos caminhos já se cruzaram. Ele é… Ele é assustador. Minhas lembranças são confusas.

— Confusa — repetiu Quíron.

Meg de repente ficou muito interessada nos farelos de biscoito no vestido.

Rachel me lançou um olhar perplexo. Balancei a cabeça, me esforçando para dar um aviso. *Trauma. Não pergunte. Pode acabar sendo atacada por um bebê pêssego.*

Rachel pareceu captar a mensagem.

— Tudo bem, Meg — disse ela. — Tenho informações que podem ajudar.

Rachel pegou o celular no bolso do casaco.

— Não toquem nisso. Vocês já devem ter percebido, mas telefones ficam muito mais caóticos do que o habitual perto de semideuses. Nem *eu*, que tecnicamente não sou uma de vocês, consigo fazer ligações. Mas consegui tirar umas fotos. — Ela virou a tela para nós. — Quíron, você reconhece este lugar?

A imagem noturna mostrava os últimos andares de um prédio residencial. A julgar pelo fundo, ficava no centro de Manhattan.

— Este é o prédio que você descreveu no verão passado — disse Quíron —, onde se reuniu com os romanos.

— Isso — concordou Rachel. — Alguma coisa não me pareceu certa naquele lugar. Fiquei pensando… como os romanos conseguiram uma propriedade tão cara em Manhattan tão rápido? Quem é o dono? Tentei fazer contato com Reyna para ver se ela saberia me dizer alguma coisa, mas…

— Problemas de comunicação? — sugeriu Quíron.

— Exatamente. Até mandei uma carta para a caixa postal do Acampamento Júpiter em Berkeley. Não houve resposta. Então, pedi aos advogados imobiliários do meu pai para investigarem um pouco.

Meg espiou por cima dos óculos.

— Seu pai tem advogados? E um helicóptero?

— Vários helicópteros. — Rachel suspirou. — Ele é irritante. Mas,

enfim, aquele prédio pertence a uma empresa de fachada, que pertence a outra empresa de fachada, blá-blá-blá. A empresa-mãe é uma coisa chamada Triunvirato S.A.

Senti uma gota semelhante à tinta branca escorrendo pelas costas.

— *Triunvirato*…

Meg fez uma careta.

— O que isso quer dizer?

— Um triunvirato é um conselho de três governantes — expliquei. — Ao menos, era na Roma Antiga.

— O que é interessante por causa desta próxima imagem.

Rachel clicou na tela. A nova foto era um zoom do terraço da cobertura do prédio, onde três figuras ensombreadas conversavam; homens de ternos iluminados só pela luz de dentro do apartamento. Não deu para ver os rostos.

— Eles são os donos da Triunvirato S.A. — disse Rachel. — Tirar *essa* foto não foi fácil. — Ela soprou uma mecha ondulada do rosto. — Passei os últimos dois meses investigando os três e nem sei os nomes deles. Não sei onde moram nem de onde vieram. Mas posso dizer que têm tantas propriedades e tanto dinheiro que fazem a empresa do meu pai parecer a banquinha da esquina.

Fiquei olhando para a foto das três figuras ensombreadas. Na minha cabeça, o homem da esquerda era o Besta. A postura curvada e a forma grande demais da cabeça me lembravam o homem de roxo do sonho.

— Besta disse que a organização dele estava por toda parte — relembrei. — Ele mencionou que tinha colegas.

A cauda de Quíron tremeu, fazendo um pincel deslizar pelo chão da caverna.

— Semideuses adultos? Não vejo campistas gregos fazendo isso, mas talvez os romanos? Se ajudaram Octavian com a guerra dele…

— Com certeza ajudaram — afirmou Rachel. — Encontrei documentos que comprovam. Não muitos, mas vocês se lembram das armas de cerco que Octavian construiu para destruir o Acampamento Meio-Sangue?

— Não — disse Meg.

Eu a teria ignorado, mas Rachel era uma alma mais gentil.

Ela deu um sorriso paciente.

— Me desculpe, Meg. Você parece tão à vontade aqui que acabo esquecendo que só chegou agora. Basicamente, os semideuses romanos atacaram este acampamento com catapultas gigantes chamadas onagros. Foi um grande mal-entendido. E as armas foram pagas pela Triunvirato S.A.

Quíron franziu a testa.

— Isso não é bom.

— Descobri uma coisa ainda mais perturbadora — continuou Rachel. — Lembram que antes disso, durante a Guerra dos Titãs, Luke Castellan mencionou que tinha apoio no mundo mortal? Que eles tinham dinheiro suficiente para comprar um navio de cruzeiro, helicópteros, armas. Até contrataram mercenários mortais.

— Também não me lembro disso — disse Meg.

Revirei os olhos.

— Meg, não podemos parar e explicar cada grande guerra para você! Luke Castellan era filho de Hermes. Ele traiu o acampamento e se aliou aos titãs. Eles atacaram Nova York. Foi uma batalha enorme. Eu salvei o dia. Et cetera.

Quíron tossiu.

— De qualquer modo, eu me lembro de Luke dizer que tinha muitos apoiadores. Nunca descobrimos exatamente quem eram.

— Agora sabemos — disse Rachel. — Aquele navio, o *Princesa Andrômeda*, era propriedade da Triunvirato S.A.

Uma sensação gelada de desconforto tomou conta de mim. Eu sentia que devia saber alguma coisa a respeito disso, mas meu cérebro mortal estava me traindo de novo. Tive mais certeza do que nunca de que Zeus estava brincando comigo, mantendo minha visão e minha memória limitadas. Mas me lembrei de algumas garantias que Octavian me dera: seria fácil vencer aquela guerrinha e erguer novos templos para mim, pois ele tinha muito apoio.

A tela do celular de Rachel se apagou, muito parecido com o que estava acontecendo com meu cérebro, mas a foto granulada ficou marcada na minha retina.

— Esses homens… — Peguei um tubo vazio de tinta siena queimada. — Estou com medo de eles não serem semideuses modernos.

Rachel franziu a testa.

— Você acha que são semideuses antigos que passaram pelas Portas da Morte, como Medeia ou Midas? A questão é que a Triunvirato S.A. existe desde bem antes de Gaia começar a despertar. Décadas, pelo menos.

— Séculos — corrigi. — Besta disse que estava construindo seu império havia séculos.

A caverna ficou tão silenciosa que imaginei o sibilar de Píton, o sopro silencioso de vapores do fundo da terra. Eu queria que tivéssemos uma musiquinha de fundo para acabar com esse som… um jazz ou música clássica. Mas teria aceitado até polca death metal.

Rachel balançou a cabeça.

— Então, quem…?

— Não sei — admiti. — Mas Besta… no meu sonho, ele me chamou de ancestral. Presumiu que eu o reconheceria. E, se minha mente

divina estivesse intacta, acho que eu teria reconhecido mesmo. A postura, o sotaque, a estrutura facial… eu já o vi antes, mas não nos tempos modernos.

Meg estava muito quieta. Tive a impressão clara de que estava tentando se enfiar nas almofadas até sumir. Normalmente, isso não teria me incomodado, mas, depois do que passamos no Labirinto, eu sentia culpa cada vez que mencionava Besta. Minha consciência mortal inconveniente devia estar em ação.

— O nome Triunvirato… — Bati na testa, tentando soltar a informação que não estava mais lá. — O último triunvirato que enfrentei incluía Lépido, Marco Antônio e meu filho, Otaviano. Um triunvirato é um conceito muito romano… como patriotismo, fraude e assassinato.

Quíron coçou a barba.

— Você acha que esses homens são romanos antigos? Como é possível? Hades é muito bom em rastrear espíritos fugidos do Mundo Inferior. Ele não permitiria três homens da Antiguidade causando confusão no mundo moderno durante séculos.

— Mais uma vez, não sei. — Dizer isso com tanta frequência ofendia minha sensibilidade divina. Concluí que, quando voltasse ao Olimpo, teria que fazer gargarejo para tirar o gosto ruim da boca usando néctar sabor Tabasco. — Mas parece que esses homens vêm tramando contra nós há muito tempo. Eles financiaram a guerra de Luke Castellan. Forneceram ajuda ao Acampamento Júpiter quando os romanos atacaram o Acampamento Meio-Sangue. E, apesar dessas duas guerras, o Triunvirato ainda está aí… ainda tramando. E se essa empresa for a causa de… bem, tudo?

Quíron olhou para mim como se eu estivesse cavando o túmulo dele.

— É um pensamento bastante perturbador. Poderiam três homens ser tão poderosos?

Levantei as mãos, sem saber o que responder.

— Você viveu tempo o suficiente para saber, meu amigo. Deuses, monstros, titãs… eles são sempre perigosos. Mas a maior ameaça aos semideuses sempre foram outros semideuses. Quem quer que sejam esses três do Triunvirato, temos que impedi-los antes que dominem os oráculos.

Rachel se levantou.

— Como é? Oráculos, plural?

— Ah… eu não mencionei isso quando era um deus?

Os olhos dela recuperaram um pouco da intensidade verde-escura. Temi que estivesse visualizando formas de me causar dor com os suprimentos de arte.

— Não — respondeu, tentando manter o controle —, você não

mencionou isso.

— Ah… bem, minha memória mortal tem falhado um pouco, entende? Eu tive que ler uns livros para…

— Oráculos — repetiu ela. — Plural.

Respirei fundo. Queria garantir que esses outros oráculos não significavam nada para mim! Rachel era especial! Infelizmente, eu duvidava de que ela acreditaria em mim. Concluí que era melhor ser direto.

— Antigamente, havia muitos oráculos. Claro que o de Delfos era o mais famoso, mas havia quatro outros de poder comparável.

Quíron balançou a cabeça.

— Mas foram destruídos séculos atrás.

— Era o que eu pensava — concordei. — Agora, não tenho tanta certeza. Acredito que a Triunvirato S.A. queira controlar *todos* os antigos oráculos. E acredito que o oráculo mais antigo de todos, o Bosque de Dodona, esteja bem aqui, no Acampamento Meio-Sangue.

21

Gente intrometida
Sempre queimando os oráculos
Romanos são fogo

EU ERA UM DEUS DRAMÁTICO.

Achei minha última frase bem impactante. Por isso esperava olhos arregalados, talvez música de órgão ao fundo. As luzes se apagariam antes que eu dissesse mais alguma coisa. Momentos depois, eu seria encontrado morto com uma faca nas costas. Seria incrível!

Espere aí. Eu sou mortal. Assassinato me mataria. Deixa pra lá.

De qualquer modo, nada disso aconteceu. Meus três companheiros só ficaram me encarando.

— Quatro outros oráculos — disse Rachel. — Você quer dizer que tem quatro outras Pítias…

— Não, minha querida. Só existe uma Pítia… *você*. Delfos é único.

Rachel ainda parecia prestes a enfiar um pincel número dez no meu nariz.

— Então esses quatro oráculos *não únicos*…

— Bem, um era a Sibila de Cumas. — Eu sequei o suor das palmas das mãos. (Por que as palmas das mãos mortais suam?) — Foi ela quem escreveu os livros sibilinos, as profecias que a harpia Ella memorizou.

Meg nos observava, confusa.

— Uma harpia… como aquelas moças-galinhas que arrumam tudo depois do almoço?

Quíron sorriu.

— Ella é uma harpia muito especial, Meg. Anos atrás, ela encontrou um exemplar dos livros proféticos, que achávamos que tinham sido queimados antes da queda de Roma. Agora, nossos amigos do Acampamento Júpiter estão tentando reconstruí-los com base nas lembranças de Ella.

Rachel cruzou os braços.

— E os outros três oráculos? Tenho certeza de que nenhum deles era uma bela e jovem sacerdotisa que você elogiava por… como você descreveu mesmo?… “Conversas brilhantes”?

— Ah…

Eu não sabia bem por quê, mas parecia que minhas espinhas estavam se transformando em insetos vivos e rastejando pelo meu rosto.

— Bem, de acordo com minha pesquisa extensa…

— Uns livros que ele folheou ontem à noite — esclareceu Meg.

— Isso! Havia um oráculo na Eritreia e outro na Caverna de Trofônio.

— Caramba — disse Quíron. — Eu tinha me esquecido desses outros dois.

Eu dei de ombros; também não me lembrava de quase nada sobre eles. Foram os que menos renderam de minhas franquias proféticas.

— E o quinto era o Bosque de Dodona — concluí.

— Um bosque — disse Meg. — De árvores.

— É, Meg, de árvores. Bosques costumam ser compostos de árvores e não de, digamos, picolés de chocolate. Dodona era um grupo de carvalhos sagrados plantados pela Mãe Deusa nos primeiros dias do mundo. Quando os olimpianos nasceram, eles já eram antigos.

— Mãe Deusa? — Rachel estremeceu, ainda que estivesse de casaco. — Por favor, diga que você não está falando de Gaia.

— Não é ela, felizmente. Estou falando de Reia, a rainha dos titãs, mãe da primeira geração de deuses olimpianos. As árvores sagradas dela falavam. Às vezes, diziam profecias.

— As vozes na floresta — adivinhou Meg.

— Exatamente. Acredito que o Bosque de Dodona tenha renascido na floresta do acampamento. Em meus sonhos, vi uma mulher de coroa implorando para que eu encontrasse o oráculo dela. Creio que era Reia, apesar de ainda não entender por que ela estava usando um símbolo da paz e falando *sacou*.

— Um símbolo da paz? — perguntou Quíron.

— Grande e de metal — confirmei.

Rachel bateu com os dedos no braço do sofá.

— Se Reia é titã, ela é má, certo?

— Nem todos os titãs eram maus — expliquei. — Reia era uma alma bondosa. Ela ficou do lado dos deuses na primeira grande guerra. Acho que quer nos ajudar também, para que seu bosque não caia nas mãos de nossos inimigos.

O rabo de Quíron tremeu.

— Meu amigo, Reia não é vista há milênios. O bosque dela pegou fogo há muito tempo. O imperador Teodósio mandou que o último carvalho fosse cortado em…

— É, é, eu sei.

Senti uma pontada entre os olhos, como sempre acontecia quando alguém mencionava Teodósio. Então lembrei que o valentão fechou todos os templos antigos do império, basicamente despejando os deuses olimpianos. Eu tinha um alvo de arco e flecha com a cara dele desenhada.

— Mesmo assim — continuei —, muitas coisas desse tempo sobreviveram ou se regeneraram. O Labirinto se reconstruiu. Por que

um bosque de árvores sagradas não poderia surgir de novo bem aqui neste vale?

Meg afundou ainda mais nas almofadas.

— Isso é tão estranho. — A jovem McCaffrey resumia nossas conversas de forma extremamente eficiente. — Então, se as vozes das árvores são sagradas e tal, por que estão fazendo as pessoas se perderem?

— É a primeira vez que você faz uma boa pergunta. — Eu esperava que o elogio não subisse à cabeça de Meg. — Antigamente, os sacerdotes de Dodona cuidavam das árvores, podando-as, molhando-as e canalizando as vozes delas ao pendurar sinos de vento nos galhos.

— E qual é a função dessas coisas? — perguntou Meg.

— Sei lá, não sou sacerdote. Mas, com os cuidados adequados, essas árvores eram capazes de adivinhar o futuro.

Rachel ajeitou a saia.

— E sem cuidados adequados?

— As vozes ficavam sem foco — expliquei. — Eram um coro desenfreado e desarmônico. — Fiz uma pausa, orgulhoso de minha escolha de palavras. Torci para que anotassem para a posteridade, mas ninguém se mexeu. — Sem cuidados, o bosque poderia sem dúvida nenhuma levar mortais à loucura.

Quíron franziu a testa, apreensivo.

— Então agora nossos campistas desaparecidos devem estar vagando por entre as árvores, talvez loucos por causa das vozes.

— Ou podem já estar mortos — acrescentou Meg.

— Não. — Eu não conseguia suportar essa possibilidade. — Eles ainda estão vivos. Besta só está usando-os, tentando me atrair.

— Como você pode ter tanta certeza? — perguntou Rachel. — E por quê? Se Píton já controla Delfos, por que esses outros oráculos são tão importantes para ele?

Encarei a parede antes agraciada por uma imagem minha. Mas nenhuma resposta surgiu magicamente no espaço branco.

— Não sei. Acredito que nossos inimigos queiram nos isolar de todas as fontes possíveis de profecias. Sem poder ver e direcionar nosso destino, vamos murchar e morrer, tanto os deuses quanto os mortais, qualquer pessoa que se oponha ao Triunvirato.

Meg virou de cabeça para baixo no sofá e tirou os tênis vermelhos.

— Eles estão estrangulando nossas raízes — disse ela, balançando os dedos dos pés para demonstrar.

Olhei para Rachel, na esperança de que ela perdoasse os maus modos da minha senhora trombadinha.

— O Bosque de Dodona é tão importante porque, segundo Píton, é o único que ele não consegue controlar. Não sei exatamente o motivo, talvez porque Dodona seja o único oráculo que não tem ligação

comigo. Os poderes dele vêm de Reia. Então, se o bosque estiver funcionando e se estiver livre da influência de Píton, e se estiver aqui no acampamento…

— Poderia nos fornecer profecias. — Os olhos de Quíron brilharam. — Poderia nos dar uma chance contra nossos inimigos.

Sorri para Rachel, uma espécie de pedido de desculpas.

— É claro que preferimos que nosso amado Oráculo de Delfos volte a funcionar o mais rápido possível — falei. — E vai voltar, em algum momento. Mas, agora, o Bosque de Dodona pode ser nossa única esperança.

O cabelo de Meg arrastou no chão; seu rosto estava da cor do meu gado sagrado.

— Essas profecias não são todas esquisitas, misteriosas e vagas, e as pessoas não morrem tentando fugir delas?

— Meg, já falei que você não pode confiar nas críticas daquele site, o avaliemeuoraculo.com. O fator beleza da Sibila de Cumas está *completamente* errado, por exemplo. Eu me lembro disso *bem* claramente.

Rachel apoiou o queixo no punho.

— Ah, é? Conte mais.

— Hã, o que estou dizendo é que o Bosque de Dodona é uma força benevolente. Já ajudou heróis antes. O mastro do *Argo* original, por exemplo, foi entalhado a partir de um galho de uma das árvores sagradas. Ele falava com os argonautas e lhes dava orientações.

— Humm. — Quíron assentiu. — E é por isso que nosso Besta misterioso quer destruir o bosque.

— É o que parece — concluí. — E é por isso que temos que salvá-lo.

Meg virou de novo no sofá, e as pernas derrubaram a mesinha de centro de três pernas, espalhando chá e biscoitos.

— Ops.

Trinquei meus dentes mortais, que não durariam um ano se eu continuasse andando com Meg. Rachel e Quíron agiram com sabedoria ao ignorar a exibição de Megacidade da minha jovem amiga.

— Apolo… — O velho centauro ficou olhando uma cascata de chá escorrer pela beirada da mesa. — Se você estiver certo sobre Dodona, como vamos proceder? Já temos pouca gente. Se enviarmos grupos de busca para a floresta, não temos garantia de que irão voltar.

Meg tirou o cabelo dos olhos.

— Nós vamos. Só Apolo e eu.

Minha língua tentou se esconder nas profundezas da minha garganta…

— Nós… nós vamos?

— Você disse que tem que passar por umas provações ou sei lá o

quê para mostrar que é digno, certo? Essa vai ser a primeira.

Parte de mim sabia que ela estava certa, mas o que restava do meu eu divino se rebelou contra a ideia. Eu nunca fiz meu próprio trabalho sujo. Preferiria enviar um bom grupo de heróis para a morte certa… ou, você sabe, para a glória.

Mas Reia foi bem clara em meu sonho: encontrar o oráculo era uma tarefa minha. E, graças à crueldade de Zeus, aonde quer que eu fosse, Meg ia atrás. Até onde eu sabia, Zeus estava ciente da existência do Besta e dos planos dele, e me mandou aqui especificamente para resolver essa situação… uma constatação que não me deixou nem um pouco empolgado para dar a ele uma linda gravata de Dia dos Pais.

Eu também me lembrava da outra parte do sonho: Besta de terno roxo, me encorajando a encontrar o oráculo para que ele pudesse queimá-lo. Ainda havia muitas coisas que eu não entendia, mas eu precisava agir logo. Austin e Kayla dependiam de mim.

Rachel colocou a mão em meu joelho, e eu me encolhi na hora. Para minha surpresa, ela não me machucou. Seu olhar estava mais para determinado do que zangado.

— Apolo, você tem que tentar. Se conseguirmos ter um vislumbre do futuro… bem, pode ser a única maneira de fazer as coisas voltarem ao normal. — Ela olhou com pesar para as paredes vazias da caverna. — Eu gostaria de ter um futuro de novo.

Quíron mexeu as patas da frente.

— O que você precisa de nós, velho amigo? Como podemos ajudar?

Olhei para Meg. Infelizmente, nós percebemos que não havia outra saída. Estávamos presos um ao outro, e não podíamos colocar mais ninguém em risco.

— Meg está certa — falei. — Nós dois temos que fazer isso. Devíamos partir imediatamente, mas…

— Ficamos acordados a noite toda — disse Meg. — Precisamos dormir um pouco.

Que maravilha, pensei. *Agora Meg está terminando minhas frases*.

Dessa vez, eu não tinha como discordar dela. Apesar da minha vontade de correr para a floresta o quanto antes e salvar meus filhos, eu precisava agir com cautela. Não podia estragar tudo. Além disso, estava cada vez mais seguro de que Besta manteria os prisioneiros vivos, por ora. Ele precisava dos semideuses para me atrair para a armadilha.

Quíron se levantou nas patas da frente.

— Esta noite, então. Descansem e se preparem, meus heróis. Creio que vocês vão precisar de todas as suas forças e de toda a sua inteligência para o que se aproxima.

22

Armado até os olhos:
Ukulele de combate
Lenço do Brasil

OS DEUSES DO SOL não são bons em dormir durante o dia, mas acabei conseguindo tirar um cochilo agitado.

Quando acordei, no fim da tarde, o acampamento estava movimentado.

O desaparecimento de Kayla e Austin tinha sido a gota d'água. Os outros campistas estavam tão abalados que ninguém conseguia manter uma rotina normal. Acho que um semideus desaparecendo de cada vez em intervalos de algumas semanas era uma taxa razoável. Mas o sumiço de dois semideuses no meio de uma atividade organizada pelo acampamento… só podia significar que ninguém estava seguro.

Algum boato sobre nossa conferência na caverna deve ter se espalhado. As irmãs Victor tinham enfiado chumaços de algodão nos ouvidos para evitar ouvir qualquer coisa do oráculo. Julia e Alice foram para o alto da parede de lava vigiar a floresta com seus binóculos, sem dúvida torcendo para ver o Bosque de Dodona, mas eu duvidava de que conseguissem sequer enxergar as árvores.

Aonde quer que eu fosse, as pessoas fechavam a cara quando me viam. Damien e Chiara estavam sentados juntos no píer das canoas, olhando emburrados na minha direção. Sherman Yang me dispensou com um aceno quando tentei falar com ele. Estava ocupado decorando o chalé de Ares com granadas e montantes coloridos. Se fosse Saturnália, ele teria ganhado o prêmio de decoração de festa mais violenta.

Até Atena Partenos me encarava com expressão acusadora do alto da colina, como se dissesse *É tudo culpa sua*.

Ela estava certa. Se eu não tivesse deixado Píton dominar Delfos, se tivesse prestado mais atenção aos outros oráculos antigos, se não tivesse perdido minha divindade…

Pare, Apolo, repreendi a mim mesmo. *Você é lindo e todo mundo ama você.*

Mas estava ficando cada vez mais difícil acreditar nisso. Meu pai, Zeus, não me amava. Os semideuses no Acampamento Meio-Sangue não me amavam. Píton, Besta e seus colegas da Triunvirato S.A. não me amavam. E isso era quase o suficiente para que eu questionasse meu valor.

Não, não. Que papo maluco.

Não encontrei Quíron e Rachel em lugar algum. Nyssa Barrera me contou que estavam tentando, sem muitas expectativas, usar a única conexão de internet, no escritório de Quíron, para conseguir mais informações sobre a Triunvirato S.A. Harley estava com eles dando apoio técnico. Enfrentavam uma eterna espera no serviço de atendimento ao cliente da operadora e talvez levassem horas para voltar, isso se sobrevivessem ao suplício.

Encontrei Meg no arsenal, procurando suprimentos de batalha. Ela havia prendido uma couraça por cima do vestido verde e grevas sobre a legging laranja. Parecia uma criança obrigada pelos pais a usar roupas de combate.

— Um escudo, talvez? — sugeri.

— Nã-nã. — Ela me mostrou os anéis. — Eu sempre uso duas espadas. Além do mais, preciso ter a mão livre para dar um tapa em você quando fizer alguma burrice.

Tive a sensação desagradável de que ela estava falando sério.

Na estante de armas, Meg pegou um arco longo e ofereceu para mim.

Eu me encolhi.

— Não.

— É sua melhor arma. Você é Apolo.

Engoli o amargor de bile mortal.

— Fiz um juramento. Não sou mais o deus da arqueria nem da música. Não vou usar um arco nem um instrumento musical enquanto não conseguir usá-los *bem*.

— Juramento burro. — Ela não me deu um tapa, mas pareceu ter sentido vontade. — O que você vai fazer? Ficar parado torcendo enquanto eu luto?

Esse era realmente meu plano, mas na hora pareceu idiota admitir. Olhei para as armas expostas e peguei uma espada. Mesmo sem desembainhar, percebi que era pesada demais e difícil de usar, mas a prendi na cintura.

— Pronto. Satisfeita?

Meg não pareceu satisfeita. Mesmo assim, colocou o arco no lugar.

— Tudo bem. Mas é melhor você me dar cobertura.

Nunca tinha entendido essa expressão. Ela me fazia pensar nos cartazes de ME CHUTE que Ártemis grudava na minha toga nos dias de festival. Mesmo assim, assenti.

— Sua cobertura será dada.

Chegamos ao limite da floresta e encontramos uma pequena festa de bota-fora nos esperando: Will e Nico, Paulo Montes, Malcolm Pace e Billie Ng, todos muito sérios.

— Tome cuidado — disse Will. — E leve isto.

Antes que eu pudesse protestar, ele colocou um ukulele na minha

mão.

Tentei devolver.

— Não posso. Fiz um juramento…

— É, eu sei. Foi burrice sua. Mas é um ukulele de combate. Você pode lutar com ele, se precisar.

Olhei melhor para o instrumento. Era feito de bronze celestial, folhas finas de metal cobertas de ácido para parecer o granulado de carvalho claro. O instrumento não pesava quase nada, mas imaginei que fosse praticamente indestrutível.

— Trabalho de Hefesto? — perguntei.

Will balançou a cabeça, discordando.

— Trabalho de Harley. Ele queria que você ficasse com o ukelele. É só pendurar nas costas. Por mim e por Harley. Vai fazer a gente se sentir melhor.

Achei que deveria honrar o pedido, embora fosse raro alguém se sentir melhor por eu estar carregando um ukulele. Não me pergunte o motivo. Eu tocava uma versão arrepiante de "Satisfaction".

Nico me entregou ambrosia enrolada em um guardanapo.

— Não posso comer isso — lembrei a ele.

— Não é para você.

Ele olhou para Meg, a expressão receosa.

Lembrei que o filho de Hades tinha as próprias formas de sentir o futuro (futuros que envolviam a possibilidade de morte). Por mais irritante que Meg fosse, às vezes, fiquei profundamente abalado pela ideia de que ela pudesse se ferir. Decidi que não permitiria que isso acontecesse.

Malcolm estava mostrando um mapa em um pergaminho para Meg, apontando vários lugares na floresta que devíamos evitar. Paulo, parecendo totalmente recuperado da cirurgia na perna, estava ao lado dele, fornecendo com cuidado e sinceridade comentários em português que ninguém conseguia entender.

Quando terminaram de analisar o mapa, Billie Ng se aproximou de Meg.

Billie era pequena e magrinha. Ela compensava a estatura diminuta com o estilo de um ídolo K-Pop. O casaco era da cor de papel-alumínio. O cabelo chanel era verde-água, e a maquiagem, dourada. Eu aprovava totalmente. Na verdade, achava que eu mesmo arrasaria com aquele look se conseguisse dar um jeito na acne.

Billie deu a Meg uma lanterna e um pacote pequeno de sementes de flores.

— Só por garantia — disse ela.

Meg, parecendo emocionada, deu um abraço forte nela.

Não entendi o motivo das sementes, mas foi reconfortante saber que, em uma emergência, eu poderia bater nas pessoas com meu

ukulele enquanto Meg plantava gerânios.

Malcolm Pace me entregou o mapa de pergaminho.

— Quando estiver em dúvida, vá para a direita. Isso costuma funcionar na floresta, não sei por quê.

Paulo me ofereceu um lenço estampado com a bandeira do Brasil. Disse alguma coisa que, obviamente, não consegui entender.

Nico deu um sorrisinho.

— É o lenço da sorte de Paulo. Acho que ele quer que você use, pois acredita que vai torná-lo invencível.

Achei duvidoso, já que Paulo tinha tendência a sofrer ferimentos graves, mas, sendo um deus, aprendi a nunca recusar oferendas.

— Obrigado.

Paulo segurou meus ombros e beijou minhas bochechas. Talvez eu tenha ficado vermelho. Ele era bem bonito quando não estava com algum membro amputado jorrando sangue.

Apoiei a mão no ombro de Will.

— Não se preocupe. Vamos voltar até o amanhecer.

A boca de Will tremeu de leve.

— Como pode ter certeza?

— Sou o deus do Sol — falei, tentando demonstrar mais confiança do que sentia. — *Sempre* volto no amanhecer.

* * *

É claro que choveu. Por que não choveria?

No Monte Olimpo, Zeus devia estar dando boas risadas da minha cara. O Acampamento Meio-Sangue em teoria estava protegido de fenômenos naturais extremos, mas sem dúvida meu pai tinha mandado Éolo liberar tudo que segurava os ventos. Minhas ex-namoradas ninfas do ar deviam estar apreciando o momento de vingança.

A chuva era quase uma geada: líquida o bastante para encharcar minhas roupas, sólida o bastante para atingir meu rosto como estilhaços de vidro.

Cambaleamos adiante e corremos de árvore em árvore, procurando qualquer proteção que aparecesse. Trechos de neve velha estalavam debaixo dos meus pés. Meu ukulele foi ficando pesado conforme o buraco se enchia de chuva. O raio da lanterna de Meg cortava a tempestade como um cone de estática amarela.

Fui na frente, não por ter algum destino em mente, mas porque estava com raiva. Estava cansado de sentir frio e ficar molhado. Cansado de implicarem comigo. Mortais reclamam muito que o mundo está contra eles, mas isso é ridículo. Mortais não são tão importantes. No meu caso, o mundo todo *estava* mesmo contra mim.

Eu me recusava a me render a esse abuso. Faria alguma coisa! Só não sabia o quê.

De tempos em tempos, ouvíamos monstros ao longe, o rugido de um drakon, o uivo harmonizado de um lobo de duas cabeças, mas nada apareceu. Em uma noite como aquela, qualquer monstro com dignidade teria ficado no aconchego da própria toca.

Depois do que pareceram horas, Meg sufocou um grito. Eu heroicamente pulei para o lado dela com a mão na espada. (Eu a teria puxado, mas era muito pesada e ficou presa na bainha.) Aos pés de Meg, coberta de lama, havia uma casca preta brilhante do tamanho de uma rocha. Estava rachada no meio e com as beiradas sujas de uma gosma nojenta.

— Quase pisei nisso.

Meg cobriu a boca como se fosse vomitar.

Cheguei mais perto. A casca era a carapaça esmagada de um inseto gigante. Ali perto, camuflada entre as raízes de árvore, estava uma das pernas desmembradas do animal.

— É um myrmeko — falei. — Ou era.

Por trás dos óculos molhados de chuva, os olhos de Meg estavam impossíveis de decifrar.

— Um *quê*?

— Uma formiga gigante. Deve haver uma colônia aqui na floresta.

Meg engasgou.

— Odeio insetos.

Isso fazia sentido vindo da filha de uma deusa da agricultura, mas na minha opinião a formiga morta não era mais nojenta do que as pilhas de lixo onde sempre acabávamos.

— Ah, não se preocupe — falei. — Ela está morta. O que a matou deve ter maxilares poderosos para esmagar a carapaça.

— Não está ajudando. Essas… essas coisas são perigosas?

Dei uma risada.

— Ah, são. Elas variam de tamanho, as menores são tipo cachorros pequenos, e a maiores se parecem com ursos-pardos. Uma vez, vi uma colônia de myrmekos atacar um exército grego na Índia. Foi hilário. Elas cospem ácido que pode derreter a armadura de bronze e…

— Apolo.

Meu sorriso sumiu. Lembrei a mim mesmo que não era mais espectador. Essas formigas podiam nos matar. Facilmente. E Meg estava com medo.

— Certo — falei. — Bem, a chuva deve fazer com que os myrmekos fiquem nos túneis. Não se mostre um alvo fácil. Elas gostam de coisas brilhantes e cintilantes.

— Como lanternas?

— Hã…

Meg me entregou a lanterna.

— Vá na frente, Apolo.

Achei aquilo injusto, mas seguimos nosso caminho.

Depois de mais uma ou duas horas (com certeza a floresta não podia ser tão grande), a chuva parou e deixou o chão fumegando.

O ar ficou mais quente. A umidade era tanta que parecia que estávamos em casas de banho. Vapor denso e branco envolvia os galhos das árvores.

— O que está acontecendo? — Meg secou o rosto. — Parece uma floresta tropical agora.

Eu não sabia dizer. À frente, ouvi um estrondoso som de água, como se estivesse sendo empurrada por canos... ou fissuras.

Não consegui evitar um sorriso.

— Um gêiser.

— Um gêiser — repetiu Meg. — Como o Old Faithful?

— Isso é uma ótima notícia. Talvez a gente consiga obter direções. Nossos semideuses perdidos talvez até tenham conseguido abrigo lá!

— Com os gêiseres — disse Meg.

— Não, minha garota ridícula. Com os *deuses* dos gêiseres. Supondo que estejam de bom humor, isso pode ser ótimo.

— E se eles estiverem de mau humor?

— Então vamos alegrá-los antes que nos fervam. Me siga!

23

Desculpe o incômodo
O que achou de sua morte?
Muito obrigado

SE FUI PRECIPITADO AO correr na direção de deuses da natureza tão voláteis?

Ah, me poupe. Nunca fui de duvidar de mim mesmo. Não é um traço da minha personalidade, e nunca precisei dele.

É verdade, minhas lembranças dos Pálicos estavam meio enevoadas. Eu sabia, por exemplo, que os deuses dos gêiseres na antiga Sicília davam refúgio a escravos fugitivos, então deviam ser espíritos bondosos. Talvez eles fizessem o mesmo com semideuses perdidos, ou ao menos reparariam quando cinco deles passassem por aquele território, murmurando coisas incoerentes. Além do mais, eu era Apolo! Os Pálicos ficariam honrados de conhecer um olimpiano importante como eu! O fato de que gêiseres cuspiam jatos de água escaldante dezenas de metros acima não ia me impedir de conquistar novos fãs… quer dizer, fazer novos *amigos*.

A clareira se abriu à nossa frente como a porta de um forno. Um muro de calor subiu pelas árvores e bateu em meu rosto. Senti meus poros se abrindo para absorver a umidade, o que com sorte daria uma melhorada na minha pele horrenda.

Aquela cena não condizia com o inverno de Long Island. Trepadeiras reluzentes envolviam os galhos das árvores. Flores tropicais nasciam no chão da floresta. Uma arara vermelha estava pousada em uma bananeira carregada de cachos verdes.

No meio da clareira havia dois gêiseres, buracos idênticos no chão, envoltos em poças de lama cinza em formato de oito. As crateras borbulhavam e sibilavam, mas não estavam em atividade no momento. Decidi encarar isso como um bom presságio.

As botas de Meg chapinharam na lama.

— É seguro?

— Definitivamente, não — afirmei. — Vamos precisar de uma oferenda. Que tal seu pacote de sementes?

Meg deu um soco no meu braço.

— As sementes são mágicas. Para emergências de vida e morte. E seu ukulele? Você não vai tocar mesmo.

— Um homem de honra *nunca* entrega seu ukulele. — Eu me animei. — Mas espere. Você me deu uma ideia. Vou oferecer aos deuses dos gêiseres um poema! Ainda consigo fazer isso. E não conta

como música.
Meg franziu a testa.
— Hã, não sei se…
— Não fique com inveja, Meg. Vou fazer um poema para você depois. É claro que isso vai agradar os deuses dos gêiseres!
Dei um passo à frente, abri os braços e comecei a improvisar:
— *Ah, gêiser, meu gêiser,*
Vamos cuspir então, você e eu,
Nesta noite lúgubre, enquanto ponderamos
De quem é essa floresta?
Pois não sucumbimos a esta boa noite,
Mas vagamos sozinhos como nuvens.
Procuramos saber por quem os sinos dobram,
Então espero, fontes eternas,
Que tenha chegado a hora de falar de muitas coisas!
Não quero me gabar nem nada, mas achei que ficou muito bom, ainda que eu tenha reciclado algumas partes de trabalhos anteriores. Diferentemente da música e da arqueria, minhas habilidades divinas com a poesia pareciam completamente intactas.
Olhei para Meg esperando ver admiração em seu rosto. Já estava na hora de a garota começar a me dar o valor que eu merecia. Mas ela estava boquiaberta, chocada.
— O que foi? — perguntei. — Você nunca estudou poesia na escola, não? Isso foi coisa de profissional!
Meg apontou para os gêiseres. Eu percebi que ela não estava nem aí para mim.
— Bem — disse uma voz rouca —, você conseguiu minha atenção.
Um dos Pálicos pairava acima do gêiser. A parte de baixo do corpo era feita de vapor. Da cintura para cima, ele tinha mais ou menos o dobro do tamanho de um humano, com braços musculosos cor de lama, olhos brancos como giz e cabelo que lembrava espuma de cappuccino, como se ele tivesse passado muito xampu e depois esfregado a cabeça com força. O peito enorme estava enfiado em uma camisa polo azul-bebê com um logotipo de árvores bordado no bolso do peito.
— Ah, grande Pálico! — falei. — Nós rogamos a você…
— O que foi aquilo? — interrompeu o espírito. — Aquilo que você estava falando?
— Poesia! — respondi. — Para você!
Ele esfregou o queixo cinza-lama.
— Não, aquilo não foi poesia.
Mas não era possível. *Ninguém* apreciava mais a beleza da linguagem?
— Meu bom espírito — falei. — Poesia não tem que rimar,

entende?

— Não estou falando de rima. Estou falando de passar a mensagem. Nós sempre fazemos pesquisas de mercado, e sua poesia *não* seria aprovada para nossas campanhas. Agora, a música do comercial do Big Mac, *aquilo* é poesia. A propaganda tem não sei quantos anos e as pessoas ainda cantam a música. Você acha que consegue nos dar uma poesia como aquela?

Olhei para Meg para ter certeza de que não estava imaginando essa conversa.

— Escute aqui — falei para o deus dos gêiseres —, eu sou o senhor da poesia há quatro mil anos. Sei reconhecer boa poesia…

O Pálico balançou a mão.

— Vamos começar de novo. Vou explicar tudo e talvez você possa me dar alguns conselhos. Oi, eu me chamo Pete. Bem-vindos à Floresta do Acampamento Meio-Sangue! Você estaria disposto a fazer uma breve pesquisa de satisfação do cliente depois desse encontro? Sua opinião é importante para nós.

— Hã…

— Ótimo. Obrigado.

Pete remexeu em seu corpo de fumaça, como se estivesse procurando algo nos bolsos. Tirou de lá um livreto com páginas brilhantes e começou a ler.

— A floresta é sua parada obrigatória no caminho para a… Humm, aqui diz *diversão*. Pensei que tivéssemos mudado para *exultação*. Sabe, a gente tem que escolher as palavras com cuidado. Se Paulie estivesse aqui… — Pete soltou um suspiro. — Bom, ele se sai melhor na apresentação. De qualquer modo, bem-vindos à Floresta do Acampamento Meio-Sangue!

— Você já disse isso — observei.

— Ah, é.

Pete fez surgir uma caneta vermelha e começou a editar o texto.

— Ei. — Meg passou por mim com um esbarrão. Ela ficou sem palavras, espantada por uns dez segundos, o que deve ter sido um novo recorde. — Sr. Lama Vaporosa, você viu algum semideus perdido?

— Sr. Lama Vaporosa! — Pete deu um tapa no livreto. — *Isso* sim é um nome que chama a atenção! E excelente questão essa dos semideuses. Não podemos deixar nossos convidados vagando por aí sem direção. Devíamos entregar mapas na entrada da floresta. Tantas coisas maravilhosas para se ver por aqui e ninguém faz a menor ideia. Vou falar com Paulie quando ele voltar.

Meg tirou os óculos embaçados.

— Quem é Paulie?

Pete indicou o segundo gêiser.

— Meu parceiro. Talvez a gente possa acrescentar um mapa a este livreto se…

— Então vocês *viram* algum semideus perdido? — perguntei.

— O quê? — Pete tentou escrever no livreto, mas o vapor o deixou tão encharcado que a caneta vermelha passou direto pelo papel. — Ah, não. Não recentemente. Mas nossa sinalização deveria ser melhor. Por exemplo, vocês sabiam que esses gêiseres estavam aqui?

— Não — admiti.

— Pois então! Gêiseres duplos, os únicos de Long Island, e o pessoal nem sabe que estamos aqui. Não temos propaganda. Não temos boca a boca. Foi por isso que convencemos o comitê a nos contratar!

Meg e eu nos entreolhamos. Pela primeira vez estávamos em sintonia: confusão total.

— Me desculpe — falei. — Você está me dizendo que a floresta tem um comitê?

— É claro que tem — disse Pete. — As dríades, os outros espíritos da natureza, os monstros conscientes… *Alguém* tem que pensar nos valores da propriedade, nos serviços e nas relações públicas. E também não foi fácil fazer o comitê nos contratar para o marketing. Se fizermos besteira aqui… ah, cara.

Meg enfiou os sapatos na lama.

— Podemos ir? Não estou entendendo nada do que esse cara está falando.

— E isso é um problema! — Pete gemeu. — Como bolar uma estratégia de divulgação que passe a imagem certa da floresta? Por exemplo, Pálicos como Paulie e eu éramos famosos! Grandes destinos turísticos! As pessoas vinham até nós para fazer juramentos. Escravos foragidos nos procuravam em busca de abrigo. Nós recebíamos sacrifícios, oferendas, orações… era ótimo. Agora, nada.

Eu dei um suspiro.

— Sei como é.

— Pessoal — disse Meg —, estamos procurando semideuses desaparecidos.

— Certo — concordei. — Ó, Grande… Pete, você tem alguma ideia de aonde nossos amigos perdidos podem ter ido? Por acaso conhece locais secretos na floresta?

Os olhos branco-giz de Pete brilharam.

— Você sabia que os filhos de Hefesto têm uma oficina escondida ao norte chamada Bunker 9?

— Aham, sabia, sim — falei.

— Ah. — Uma nuvem de vapor escapou da narina esquerda de Pete. — E o Labirinto? Sabia que ele se reconstruiu? Tem uma entrada bem aqui na floresta…

— Nós sabemos — disse Meg.
Pete pareceu desanimado.
— Talvez sua campanha de marketing esteja mesmo funcionando, Pete — argumentei.
— Você acha? — O cabelo de espuma do gêiser começou a girar. — É verdade! Faz sentido! Você por acaso viu nossos refletores? Foram ideia minha.
— Refletores? — perguntou Meg.
Raios de luz vermelha idênticos saíram dos gêiseres e varreram o céu. Iluminado por baixo, Pete parecia o contador de histórias de terror mais assustador do mundo.
— Infelizmente, eles atraíram o tipo errado de atenção. — Pete suspirou. — Paulie não me deixa usar muito. Ele sugeriu anunciarmos em um dirigível, ou talvez em um King Kong inflável gigantesco…
— Legal — interrompeu Meg. — Mas você sabe alguma coisa sobre um bosque secreto com árvores que sussurram?
Eu tinha que admitir: Meg era boa em nos trazer de volta ao assunto. Minha parte poeta não me fez cultivar o hábito de ser direto, mas a parte arqueira sabia apreciar o valor de um disparo preciso.
— Ah. — Pete se abaixou um pouco, e, por causa do refletor, parecia que ele tinha mergulhado num copo de groselha. — Eu não posso falar sobre o bosque.
Minhas orelhas antes divinas formigaram. Resisti à vontade de gritar *AHÁ!*
— Por que você não pode falar sobre o bosque, Pete?
O espírito mexeu no livreto molhado.
— Paulie disse que assustaria os turistas. "Fale sobre os dragões", ele me aconselhou. "Fale sobre lobos, serpentes e máquinas de matar antigas. Mas não mencione o bosque."
— Máquinas de matar? — perguntou Meg.
— É — respondeu Pete, com desânimo. — Estamos anunciando como diversão familiar. Mas o bosque… Paulie disse que era nosso maior problema. A região não tem nem *permissão* para funcionar como oráculo. Paulie foi lá para ver se conseguia realocá-lo, mas…
— Não voltou — adivinhei.
Pete assentiu, desolado.
— Como vou cuidar da campanha de marketing sozinho? Posso usar ligações automáticas para as pesquisas de opinião por telefone, claro, mas boa parte do trabalho tem que ser feita cara a cara, e Paulie sempre foi melhor com essas coisas. — A voz de Pete virou um sussurro triste. — Estou com saudade dele.
— Talvez a gente consiga encontrá-lo — sugeriu Meg — e trazê-lo de volta.
Pete balançou a cabeça.

— Paulie me fez prometer que eu não iria atrás dele e não contaria a ninguém onde fica o bosque. Ele é bom em resistir àquelas vozes esquisitas, mas vocês não teriam a menor chance.

Fiquei tentado a concordar. Encontrar máquinas de matar antigas parecia bem mais razoável. Mas então imaginei Kayla e Austin andando pelo bosque, enlouquecendo aos poucos. Eles precisavam de mim, e por isso eu tinha que saber onde eles estavam.

— Desculpe, Pete. — Lancei a ele meu olhar mais crítico, o mesmo que usava para arrasar aspirantes a cantores durante audições da Broadway. — Essa sua história está bem estranha.

Lama borbulhou ao redor da caldeira de Pete.

— Co-como assim?

— Acho que esse bosque não existe — respondi. — E, se existir, acho que você não sabe a localização.

O gêiser de Pete rugiu, o vapor subindo pelo raio do refletor.

— Eu… eu sei, *sim*! É claro que existe!

— Ah, é? Então por que não tem outdoors sobre ele espalhados por aí? E um site exclusivo? Por que nunca vi uma hashtag #BosquedeDodona nas mídias sociais?

Pete fez cara feia.

— Eu sugeri tudo isso! Paulie rejeitou tudo!

— Então aumente o alcance da marca! — pedi. — Venda seu produto! Nos mostre onde fica esse bosque!

— Não posso. A única entrada… — Ele olhou para um ponto atrás de mim, e seu rosto ficou sem expressão. — Ah, droga.

O refletor se apagou.

Eu me virei. Meg sufocou um gritinho.

Minha visão demorou um momento para se ajustar, mas, no fim da clareira, havia três formigas pretas do tamanho de tanques de guerra.

— Pete — falei, tentando ficar calmo —, quando você disse que seus refletores atraíam o tipo errado de atenção…

— Eu estava falando dos myrmekos — completou ele. — Espero que isso não influencie seu comentário na página da Floresta do Acampamento Meio-Sangue.

24

Quebrando a promessa
Falhando espetacularmente
Eu culpo Neil Diamond

OS MYRMEKOS DEVEM ESTAR no topo da sua lista de monstros com os quais não se deve lutar.

Eles atacam em grupos. Cospem ácido. Suas presas são capazes de perfurar bronze celestial.

Além de tudo, são feios.

As três formigas-soldados avançaram, as antenas de três metros balançando e tremendo de uma forma hipnotizadora, tentando me distrair do verdadeiro perigo que eram as presas.

As cabeças finas lembravam galinhas: galinhas com olhos escuros impassíveis e rostos pretos com armaduras. As patas dariam um ótimo guincho de obra. Os abdomes enormes latejavam e pulsavam como narizes farejando comida.

Amaldiçoei silenciosamente Zeus por inventar formigas. Pelo que eu sabia, ele se aborreceu com algum homem ganancioso que sempre roubava a colheita dos vizinhos, então o transformou na primeira formiga, uma espécie que não faz nada além de procurar comida, roubar e procriar. Ares gostava de brincar dizendo que se Zeus queria tanto uma espécie assim podia ter deixado os humanos como estavam mesmo. Eu achava graça. Agora que sou um de vocês, não acho mais.

As formigas vieram em nossa direção com as antenas vibrando. Imaginei que o fluxo de pensamento delas fosse algo assim: *Brilhantes? Gostosos? Indefesos?*

— Nada de movimentos repentinos — falei para Meg, que não parecia nem um pouco inclinada a se mexer. Na verdade, parecia petrificada.

— Ah, Pete? — chamei. — O que você faz quando myrmekos invadem seu território?

— Eu me escondo — disse ele, e desapareceu no gêiser.

— Isso não ajuda em nada — resmunguei.

— A gente pode mergulhar lá? — perguntou Meg.

— Só se você quiser morrer queimada em um poço de água escaldante.

Os insetos do tamanho de tanques bateram as presas e chegaram mais perto.

— Tive uma ideia. — Peguei o ukulele.

— Achei que você tivesse jurado que ia parar de tocar.

— Jurei. Mas, se eu jogar este objeto brilhante para o lado, as formigas podem…

Eu estava prestes a dizer *as formigas podem ir atrás e nos deixar em paz*.

Só não pensei que, segurando o ukulele, eu ficava mais brilhante e saboroso. Antes que eu jogasse o instrumento, as formigas-soldados partiram para cima de nós. Cambaleei para trás e só me lembrei do gêiser atrás de mim quando minhas costas começaram a ficar com bolhas, enchendo o ar de vapor com aroma de Apolo.

— Oi, insetos!

As espadas de Meg brilharam nas mãos dela, tornando-a a nova coisa mais brilhante da clareira.

Podemos parar um momento para apreciar o fato de que Meg fez isso *de propósito*? Ela morria de medo de insetos; poderia simplesmente ter fugido e me deixado para ser devorado. Mas preferiu arriscar a vida distraindo as três formigas enormes. Jogar lixo em um delinquente de rua era uma coisa. Mas isso… isso era um nível de burrice completamente novo para mim. Se eu sobrevivesse, talvez tivesse que indicar Meg McCaffrey a Melhor Sacrifício na próxima premiação dos Semideuses do Ano.

Duas formigas partiram para cima de Meg. A terceira ficou perto de mim, apesar de ter virado a cabeça o bastante para me permitir passar correndo para o outro lado.

Meg correu entre os oponentes, as espadas douradas cortando uma perna de cada inseto. As mandíbulas assassinas morderam o ar. As formigas oscilaram nas cinco patas que restavam, tentaram se virar e suas cabeças colidiram.

Enquanto isso, a terceira formiga me atacou. Em pânico, joguei meu ukulele de combate, que quicou na testa da formiga com um barulho dissonante.

Puxei a espada da bainha. Sempre odiei espadas. São armas tão deselegantes e exigem combate corporal. Isso não é nada sábio quando se pode disparar uma flecha em seus inimigos do outro lado do mundo!

A formiga cuspiu ácido, e tentei desviar a gosma.

Talvez não tenha sido uma ideia muito inteligente. Era comum que eu confundisse luta de espadas e jogo de tênis. Ao menos parte do ácido acertou os olhos da formiga, o que me fez ganhar alguns segundos. Recuei valorosamente, erguendo a espada para descobrir que a lâmina tinha sido corroída, me deixando só com o cabo fumegante.

— Hã... Meg? — gritei, indefeso.

Ela, por outro lado, estava bem ocupada. As espadas giravam em arcos dourados de destruição, cortando segmentos de pernas, partindo

antenas. Nunca vi um dimaquero lutar com tanta habilidade, e olha que já tinha assistido aos melhores gladiadores em combate. Infelizmente, o máximo que suas lâminas conseguiam ao encontrar as carapaças grossas das formigas era soltar faíscas. Golpes rápidos e desmembramento não as dispersaram. Por melhor que Meg fosse, as formigas tinham mais pernas, mais peso, mais ferocidade e um pouco mais de capacidade de cuspir fogo.

Meu oponente tentou me morder. Consegui evitar as mandíbulas, mas o rosto com a grossa carapaça bateu na lateral da minha cabeça. Cambaleei e caí. Um canal auditivo pareceu se encher de ferro derretido.

Minha visão ficou enevoada. Do outro lado da clareira, as outras formigas cercaram Meg, usando o ácido para conduzi-la na direção da floresta. Ela mergulhou atrás de uma árvore e saiu com apenas uma das espadas. Tentou acertar a formiga mais próxima, mas foi obrigada a recuar por causa do fogo cruzado de ácido. Sua legging estava soltando fumaça, toda esburacada. O rosto estava contorcido de dor.

— Pêssego — murmurei, baixinho. — Onde está aquele demônio de fraldas idiota quando precisamos dele?

O *karpos* não apareceu. Talvez a presença do deus do gêiser ou de alguma outra força na floresta o tenha mantido longe. Talvez fossem as regras do comitê de diretores, que não permitia bichinhos de estimação.

A terceira formiga surgiu em cima de mim, as mandíbulas espumando saliva verde. O bafo era pior do que as camisas de trabalho de Hefesto.

Poderia atribuir a decisão que tomei em seguida ao ferimento na minha cabeça. Poderia dizer que não estava pensando direito, mas não era verdade. Eu estava desesperado. Apavorado. Queria ajudar Meg. E, principalmente, queria me salvar. Não tive escolha, peguei o ukulele.

Eu sei. Prometi pelo Rio Estige não tocar nenhum instrumento enquanto não voltasse a ser um deus. Mas até um juramento tão grave pode parecer bobagem quando uma formiga gigante está prestes a derreter sua cara.

Eu me deitei de costas e comecei a cantar bem alto “Sweet Caroline”.

Mesmo sem juramento, eu só teria feito uma coisa assim em caso de emergência extrema. Quando canto essa música, as chances de destruição mútua são grandes demais. Mas não vi opção. Dediquei meus esforços a ela, canalizando todo o sentimentalismo barato dos anos 1970 que consegui incorporar.

A formiga gigantesca balançou a cabeça. As antenas tremeram. Eu me levantei enquanto o monstro ia andando feito um bêbado na minha direção. Virei as costas para o gêiser e comecei o refrão.

O *pá pá pá* foi o golpe fatal. Cega de repulsa e fúria, a formiga atacou. Rolei para o lado quando o impulso do monstro o jogou diretamente no caldeirão lamacento.

Acredite, a única coisa que cheira *pior* do que uma camisa de trabalho de Hefesto é um myrmeko cozinhando na própria carapaça.

Em algum lugar atrás de mim, Meg gritou. Eu me virei a tempo de ver a segunda espada voar da mão dela, enquanto um dos myrmekos a capturava em suas mandíbulas.

— NÃO! — gritei.

A formiga não a partiu ao meio. Só ficou segurando, inerte e inconsciente.

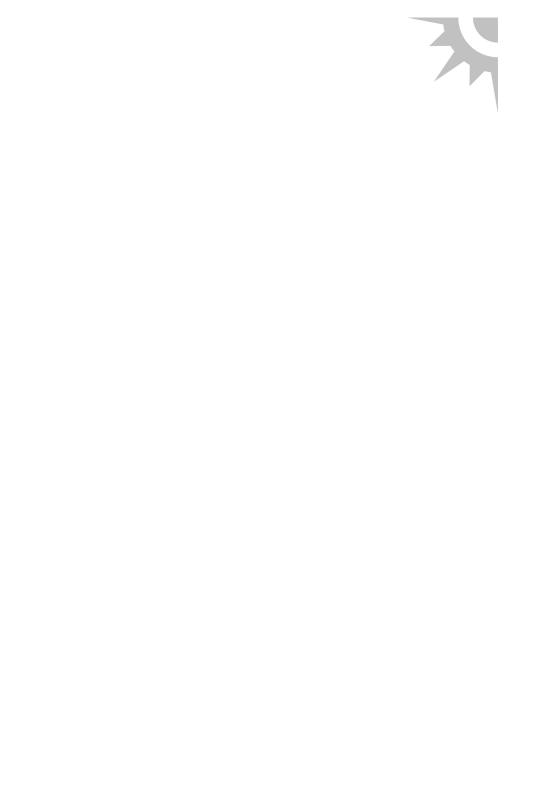
— Meg! — berrei. Toquei as cordas do ukulele com desespero. — Sweet Caroline!

Mas estava sem voz. Derrotar uma formiga esgotou toda a minha energia. (Acho que nunca escrevi uma frase tão triste quanto essa.) Tentei correr para ajudar Meg, mas tropecei e caí. O mundo se tornou amarelo-claro. Fiquei de quatro e vomitei.

Estou com uma concussão, pensei, mas não fazia ideia de como cuidar disso. Parecia que havia séculos que eu não era mais o deus da cura.

Posso ter ficado deitado na lama por minutos ou horas, enquanto meu cérebro se revirava lentamente dentro do crânio. Quando consegui me levantar, as duas formigas tinham sumido.

Não havia sinal de Meg McCaffrey.

25

Estou a toda agora
Queimando, até vomitando
Leões? Por que não?

CAMBALEANDO PELO PÂNTANO, GRITEI o nome de Meg. Sabia que não adiantaria muita coisa, mas gritar era bom. Procurei sinais de galhos quebrados e chão pisoteado. Duas formigas daquele tamanho não perambulariam pela floresta sem deixar rastros. Mas eu não era Ártemis, não tinha a habilidade de rastreio dela, e por isso não fazia ideia da direção na qual as formigas levaram minha amiga.

Peguei as espadas de Meg na lama. Na mesma hora, elas viraram anéis de ouro, tão pequenos, tão fáceis de perder, como uma vida mortal. Talvez eu tenha chorado um pouco. Tentei quebrar meu ukulele de combate ridículo, mas o instrumento de bronze celestial resistiu às minhas tentativas. Finalmente, arranquei a corda, enfiei os anéis de Meg nela e pendurei no pescoço.

— Meg, eu vou encontrar você — murmurei.

Eu era o culpado pela captura dela, tinha certeza. Ao tocar música e me salvar, quebrei meu juramento pelo Rio Estige. Em vez de me punir diretamente, Zeus ou as Parcas ou todos os deuses juntos transferiram sua fúria para Meg McCaffrey.

Como pude ser tão burro? Sempre que eu enfurecia os outros deuses, os mais próximos a mim eram atingidos. Perdi Dafne por causa de um comentário descuidado para Eros. Perdi o belo Jacinto por causa de uma briga com Zéfiro. Agora, meu juramento quebrado custaria a vida de Meg.

Não, eu disse a mim mesmo. *Não vou deixar isso acontecer.*

Estava tão enjoado que mal conseguia andar. Parecia que alguém havia inflado um balão dentro do meu cérebro. Com esforço, cheguei à beirada do gêiser de Pete.

— Pete! — gritei. — Apareça, seu telemarketeiro covarde!

Água subiu na direção do céu com um estrondo, como se o tubo mais grave de um órgão tivesse explodido. No vapor rodopiante, o Pálico apareceu, com o rosto cinza-lama endurecido de raiva.

— Você me chamou de TELEMARKETEIRO? — perguntou ele. — Nós gerenciamos uma empresa de Relações Públicas!

Eu me inclinei e vomitei na cratera, reação que considerei apropriada.

— Pare com isso! — reclamou Pete.

— Preciso encontrar Meg. — Eu limpei a boca com a mão trêmula.

— O que os myrmekos vão fazer com ela?

— Não sei! — respondeu ele.

— Me diga, ou *não* vou completar sua pesquisa de satisfação do cliente.

Pete ofegou.

— Isso é terrível! Sua opinião é importante para nós! — Ele flutuou até mim. — Ah, querido… sua cabeça não está nada bem. Tem um corte enorme no couro cabeludo, e está sangrando. Deve ser por isso que você não está raciocinando direito.

— Eu não ligo! — gritei, o que só fez minha cabeça latejar ainda mais. — Onde fica o ninho dos myrmekos?

Pete retorceu as mãos vaporosas.

— Ah, era disso que estávamos falando antes. Paulie foi para lá. O ninho é a única entrada.

— De onde?

— Do Bosque de Dodona.

Meu estômago se transformou em um bloco de gelo, o que era injusto, porque eu precisava de um pouco para a cabeça.

— O ninho das formigas… é o caminho para o bosque?

— Olha, você precisa de cuidados médicos. Eu *falei* para Paulie que devíamos ter uma estação de primeiros socorros para visitantes. — Ele remexeu nos bolsos inexistentes. — Me deixe só marcar a localização do chalé de Apolo…

— Se você pegar um livreto — avisei —, vou fazer você engoli-lo inteiro. Agora explique como o ninho leva ao bosque.

O rosto de Pete ficou amarelo, ou talvez meu estado estivesse piorando.

— Paulie não me contou tudo. Uma área do bosque ficou tão densa que ninguém consegue entrar. Mesmo de cima, os galhos são…

Ele entrelaçou os dedos lamacentos, que se derreteram uns nos outros, o que foi bem explicativo.

— De qualquer modo — ele afastou as mãos —, o bosque fica lá. Talvez estivesse adormecido há séculos. Ninguém no comitê sabia da existência dele. E então, de repente, as árvores começaram a sussurrar. Paulie concluiu que as malditas formigas deviam ter entrado no bosque por baixo e que isso acabou despertando-o.

Tentei entender essa parte. Acho que com o cérebro inchado ficava mais difícil.

— Para que lado fica o ninho?

— Ao norte — disse Pete. — A uns oitocentos metros. Mas, cara, você não está em condições…

— Eu tenho que ir! Meg precisa de mim!

Pete segurou meus braços. O aperto dele era uma espécie de torniquete quente e molhado.

— Ela tem chance. Se eles levaram a menina inteira, significa que ainda não está morta.

— Mas vai estar em pouco tempo!

— Que nada. Antes de Paulie… antes de desaparecer, ele foi àquele ninho algumas vezes procurar o túnel até o bosque. Ele me disse que esses myrmekos gostam de melecar as vítimas e deixar que, hã, amadureçam e fiquem macias o bastante para os filhotes comerem.

Dei um gritinho nada divino. Se ainda houvesse alguma coisa no meu estômago, eu teria botado para fora.

— Quanto tempo ela tem?

— Vinte e quatro horas, mais ou menos. E então, vai começar a… hã, amolecer.

Era difícil imaginar Meg McCaffrey amolecendo em qualquer circunstância, mas eu a vi sozinha e com medo, envolta em gosma de inseto, enfiada em uma dispensa de carcaças no ninho das formigas. Para uma garota que odiava insetos… Ah, Deméter estava certa ao me odiar e manter as filhas longe de mim. Eu era um deus terrível!

— Vá buscar ajuda — pediu Pete. — O chalé de Apolo pode curar o ferimento na sua cabeça. Você não vai ajudar sua amiga em nada se for atrás dela e acabar morrendo.

— E que preocupação toda é essa com a gente?

O deus do gêiser pareceu ofendido.

— A satisfação dos visitantes é sempre nossa prioridade! Além do mais, se você encontrar Paulie quando estiver lá dentro…

Tentei ficar com raiva do Pálico, mas a solidão e a aflição no rosto dele espelhavam meus sentimentos.

— Paulie explicou como chegar ao ninho das formigas?

Pete balançou a cabeça.

— Como eu falei, ele não queria que eu o procurasse. Os myrmekos são bem perigosos. E se aqueles outros caras ainda estiverem andando por aí…

— Outros caras?

— Eu não mencionei isso? Então. Paulie viu três humanos armados da cabeça aos pés. Eles também queriam saber onde ficava o bosque.

Minha perna esquerda começou a bater de nervosismo, como se sentisse falta da companheira da corrida de três pernas.

— Como Paulie soube o que eles estavam procurando?

— Ele os ouviu falando em latim.

— Em *latim*? Eles eram campistas?

Pete abriu as mãos.

— Eu… eu acho que não. Pela descrição de Paulie, eram adultos. Disse que um deles era o líder. Os outros dois o chamavam de *imperador*.

O planeta inteiro pareceu sair do eixo.

— Imperador.

— É, você sabe, como em Roma…

— Sim, eu sei.

De repente, coisas demais fizeram sentido. Pedaços do quebra-cabeça se juntaram e formaram uma imagem enorme que me acertou direto na cara. O Besta… a Triunvirato S.A... semideuses adultos desaparecidos.

Eu estava a um passo de cair no gêiser, mas me obriguei a me recompor. Meg precisava de mim mais do que nunca. Mas eu teria que fazer isso direito. Teria que ser cuidadoso, mais cuidadoso do que quando aplicava vacina nos cavalos selvagens da carruagem do Sol.

— Pete — falei —, você ainda supervisiona juramentos sagrados?

— Ah, sim, mas…

— Então ouça meu juramento sagrado!

— Hã... o problema é que você tem uma aura ao redor de você, como se já tivesse *quebrado* um juramento sagrado, talvez um que você tenha feito pelo Rio Estige? E, se você quebrar *outro* juramento comigo…

— Eu juro que vou salvar Meg McCaffrey. Vou usar todos os meios ao meu dispor para trazê-la de volta sã e salva da toca das formigas, e esse juramento anula qualquer juramento anterior que eu tenha feito. Juro pelas suas águas sagradas e extremamente quentes!

Pete fez uma careta.

— Bom, tudo bem. Está feito agora. Mas tenha em mente que, se você não cumprir esse juramento, se Meg morrer, mesmo que não seja culpa sua… você vai encarar as consequências.

— Já estou amaldiçoado por ter quebrado meu juramento anterior! Que importância tem?

— É, mas sabe, os juramentos pelo Rio Estige podem levar *anos* para destruir você. São como um câncer. Já os meus juramentos… — Pete deu de ombros. — Se você quebrá-los, não tem nada que eu possa fazer para impedir sua punição. Onde quer que você esteja, um gêiser vai surgir aos seus pés na mesma hora e ferver você vivo.

— Ah… — Tentei impedir meus joelhos de baterem um no outro. — Sim, é claro que eu sabia disso. Eu mantenho meu juramento.

— Você não tem escolha agora.

— Certo. Acho que vou… vou cuidar dos meus ferimentos.

Vacilante, parti.

— O acampamento fica na outra direção — indicou Pete.

Fui para o lado oposto.

— Lembre-se de preencher nossa pesquisa on-line! — gritou Pete atrás de mim. — Só por curiosidade: em uma escala de um a dez, como você avaliaria sua satisfação geral com a Floresta do Acampamento Meio-Sangue?

Eu não respondi. Estava muito ocupado vagando pela escuridão da floresta e avaliando, em uma escala de um a dez, o sofrimento que talvez precisasse encarar num futuro próximo.

* * *

Eu não tinha forças para voltar ao acampamento. Quanto mais eu andava, mais claro isso ficava. Minhas juntas estavam ficando moles. Eu me sentia uma marionete, e por mais que gostasse de controlar mortais lá de cima no passado, estar do outro lado das cordas não me agradava nem um pouco.

Minhas defesas estavam no nível zero. O menor cão infernal ou dragão poderia ter transformado o grande Apolo em comida. Se um texugo irritado tivesse atacado, eu estaria ferrado.

Eu me encostei em uma árvore para recuperar o fôlego, e ela pareceu me empurrar para longe, sussurrando em uma voz da qual eu me lembrava muito bem: *Continue andando, Apolo. Você não pode descansar aqui.*

— Eu amei você — murmurei.

Parte de mim sabia que eu estava delirando, imaginando coisas, resultado da concussão que arranjei na cabeça, mas juro que vi o rosto da minha amada Dafne surgindo em cada tronco de árvore pelo qual eu passava, com as feições brotando na casca como uma miragem de madeira, o nariz ligeiramente torto, os olhos verdes afastados, os lábios que nunca beijei, mas com os quais nunca parei de sonhar.

Você amou todas as garotas bonitas, repreendeu-me ela. *E todos os garotos bonitos também.*

— Não como você! — gritei. — Você foi meu primeiro amor verdadeiro. Ó, Dafne!

Use minha coroa, disse ela. *E se arrependa.*

Fui tomado por algumas lembranças: eu correndo atrás dela, o aroma de flor na brisa, o corpo leve correndo pela luz irregular da floresta. Eu a segui pelo que pareceram anos. Talvez tenham sido.

Durante séculos, culpei Eros.

Em um momento de descuido, eu havia ridicularizado a habilidade de Eros com o arco. Por vingança, ele me atingiu com uma flecha de ouro, direcionando todo o meu amor para a bela Dafne. Mas isso não foi o pior: ele também acertou o coração de Dafne com uma flecha de chumbo, afastando toda e qualquer possibilidade de afeto que ela poderia nutrir por mim.

As pessoas precisam entender uma coisa: as flechas de Eros não fazem uma emoção surgir do nada. Elas só fazem florescer um potencial que já esteja lá. Dafne e eu poderíamos ter sido um par perfeito. Ela foi meu verdadeiro amor. Poderia ter me amado. Mas,

graças a Eros, meu amorômetro estava batendo no cem por cento, enquanto o de Dafne só tinha lugar para o ódio (que, claro, é o lado oposto do amor). Nada é mais trágico do que amar uma pessoa até as profundezas da sua alma sabendo que ela não pode e não vai amar você, nunca.

As histórias dizem que só fui atrás dela por capricho, que ela era só mais uma garota bonitinha da minha lista de conquistas. Bom, as histórias estão erradas. Quando Dafne implorou para que Gaia a transformasse em um loureiro para fugir de mim, parte do meu coração, tal qual a casca de uma árvore, também endureceu. Eu inventei a coroa de louros para comemorar meu fracasso, para me punir pelo destino do meu maior amor. Cada vez que algum herói ganha louros, me lembro da garota que nunca vou poder conquistar.

Depois de Dafne, jurei que nunca me casaria. Às vezes, eu alegava que era porque não conseguia decidir entre as Nove Musas. Era uma história conveniente. As Nove Musas eram minhas companheiras constantes, todas lindas à sua maneira. Mas elas nunca fizeram meu coração bater mais forte, como Dafne havia feito. Só outra pessoa me afetou de forma tão profunda, o perfeito Jacinto, e ele também foi tirado de mim.

Todos esses pensamentos perambulavam por meu cérebro ferido. Eu cambaleei de árvore em árvore, me apoiando nelas e fazendo os galhos mais baixos de corrimão.

Você não pode morrer aqui, sussurrou Dafne. *Tem um trabalho a fazer. Você fez um juramento.*

Sim, meu juramento. Meg precisava de mim. Eu tinha que…

Caí de cara na lama gelada.

Não tenho certeza de quanto tempo fiquei lá.

Um focinho quente expirou no meu ouvido. Uma língua áspera lambeu minha cara. Achei que estivesse morto e que Cérbero tivesse me encontrado nos portões do Mundo Inferior.

De repente, o animal me empurrou, e eu fiquei deitado de costas. Galhos escuros cortavam o céu. Eu ainda estava na floresta. A cara dourada de um leão apareceu acima de mim, com os olhos cor de âmbar belos e mortais. Ele lambeu meu rosto, talvez averiguando se eu daria um bom jantar.

— *Ptf!*

Cuspi um pouco da juba que tinha entrado na minha boca.

— Acorde — disse uma voz de mulher, em algum lugar à minha direita.

Não era Dafne, mas era vagamente familiar.

Consegui levantar a cabeça. Ali perto, um segundo leão estava sentado aos pés de uma mulher com óculos escuros e uma tiara prateada e dourada no cabelo trançado. O vestido de batik com

estampas de folha de samambaia. Os braços e as mãos cobertos por tatuagens de hena. Ela estava diferente do meu sonho, mas eu a reconheci.

— Reia. — Gemi.

Ela inclinou a cabeça.

— Paz, Apolo. Não quero chatear você, mas nós precisamos conversar.

26

Os imperadores?
É melhor eu me mandar
Que baixo astral, cara

O FERIMENTO NA MINHA cabeça devia ter gosto de carne Wagyu.

O leão ficava lambendo a lateral do meu rosto, deixando meu cabelo ainda mais grudento e molhado. Por mais estranho que pareça, tive a impressão de que aquilo clareou meus pensamentos. Talvez saliva de leão tivesse propriedades curativas. Acho que eu devia saber disso, já que sou o deus da cura, mas você vai ter que me desculpar se não fiz o método da tentativa e erro com a baba de todos os animais do mundo.

Com certa dificuldade, eu me sentei e olhei para a rainha titã.

Reia estava encostada na lateral de um jipe pintada com estampas de torvelinhos de plantas, como as do vestido dela. Eu sabia que a samambaia preta era um dos símbolos de Reia, acho, mas não conseguia lembrar por quê. Dentre os deuses, Reia sempre foi uma das mais misteriosas. Nem Zeus, que a conhecia melhor, falava dela com frequência.

A coroa envolvia a testa como um trilho de trem cintilante. Quando ela olhou para baixo, para mim, os óculos de lentes coloridas mudaram de laranja para roxo. Estava com um cinto de macramé e trazia o símbolo da paz de metal pendurado em uma corrente no pescoço.

Ela sorriu.

— Que bom que você está acordado. Eu estava preocupada, cara.

Eu queria mesmo que as pessoas parassem de me chamar de *cara*.

— Por que você… Onde você esteve por todos esses séculos?

— No norte do estado. — Ela coçou as orelhas do leão. — Depois de Woodstock, fiquei por aí, abri um estúdio de artesanato.

— Você… o quê?

Ela inclinou a cabeça.

— Foi semana passada ou milênio passado? Perdi a noção do tempo.

— Eu… eu acho que você está descrevendo os anos 1960. Isso foi no século passado.

— Ah, droga. — Reia suspirou. — Eu me confundo depois de tantos anos.

— Compreendo.

— Depois que deixei Cronos… bem, aquele homem era quadradão,

tá me entendendo? O típico homem dos anos 1950. Queria que nós fôssemos uma família de comercial de margarina, sei lá.

— Ele… ele engoliu os filhos vivos.

— É. — Reia tirou o cabelo do rosto. — Isso foi brabo. E eu o abandonei. Na época, não era legal se divorciar. Ninguém fazia isso. Mas eu queimei meu *apodesmos* e me liberei. Criei Zeus em uma comunidade com um grupo de náiades e curetes. Com muito gérmen de trigo e néctar. O garoto cresceu com uma energia aquariana forte.

Eu tinha quase certeza de que Reia estava confundindo os séculos, mas achei que seria indelicado ficar repetindo isso.

— Você me lembra Íris — falei. — Ela virou vegana orgânica várias décadas atrás.

Reia fez uma careta, só um leve sinal de desaprovação antes de recuperar o equilíbrio cármico.

— Íris é uma boa alma. Eu gosto dela. Mas, sabe, essas deusas jovens, elas não estavam aqui para lutar na revolução. Não sabem como é ver seu parceiro comer seus filhos e não conseguir arrumar um emprego, ainda tendo que aguentar os titãs chauvinistas que só querem que você fique em casa cozinhando e limpando e tendo mais bebês olimpianos. E por falar em Íris…

Reia tocou a testa.

— Espere, nós *estávamos* falando sobre a Íris? Ou eu tive um flashback?

— Realmente não sei.

— Ah, lembrei agora. Ela é uma mensageira dos deuses, certo? Junto com Hermes e aquela riponga liberal… Joana d'Arc?

— Humm, não tenho certeza quanto a essa última.

— Bom, de qualquer modo, as linhas de comunicação caíram, cara. Nada funciona. Mensagens de arco-íris, pergaminhos voadores, o Expresso Hermes… tudo está caótico.

— Nós sabemos disso. Mas não sabemos por quê.

— São *eles*. Eles estão fazendo isso.

— Quem?

Ela olhou para os dois lados.

— O Homem, cara. O Grande Irmão. Os ternos. Os imperadores.

Eu vinha esperando que ela dissesse outra coisa: gigantes, titãs, máquinas milenares de matar, alienígenas. Eu preferia me meter no Tártaro ou com Urano ou com o Caos Primordial em si. Esperava que o gêiser Pete tivesse entendido errado o que o irmão falou sobre o imperador no ninho das formigas.

Agora que tinha uma confirmação, eu queria roubar o jipe de Reia e ir dirigindo até alguma comunidade bem longe, ao norte do estado.

— Triunvirato S.A. — falei.

— É. Esse é o novo complexo militar-industrial deles. Está me

chateando pra caramba.

O leão parou de lamber meu rosto, provavelmente porque meu sangue tinha ficado amargo.

— Como é possível? Como eles voltaram?

— Eles nunca foram embora — explicou Reia. — Fizeram com eles mesmos, entende? Queriam se transformar em deuses. Isso nunca dá muito certo. Desde antigamente, eles têm se escondido, influenciando a história por trás dos panos. Estão entalados em uma espécie de vida intermediária. Não podem morrer, mas também não podem viver de verdade.

— Mas como a gente podia não *saber* sobre isso? — perguntei. — Nós somos deuses!

A gargalhada de Reia me lembrou um porquinho com asma.

— Apolo, meu neto querido, bela criança… Ser um deus alguma vez impediu alguém de ser burro?

Ela tinha razão. Não sobre mim pessoalmente, claro, mas as histórias que eu sabia sobre os *outros* olimpianos…

— Os imperadores de Roma. — Tentei aceitar a ideia. — Eles não podem ser *todos* imortais.

— Não — disse Reia. — Só os piores deles, os mais notórios. Eles vivem na memória humana, cara. É o que os mantém vivos. Assim como nós, na verdade. Estão ligados ao rumo da civilização ocidental, apesar de esse conceito todo ser propaganda imperialista eurocentrista, cara. Como meu guru diria…

— Reia… — toquei minhas têmporas latejantes —, podemos cuidar de um problema de cada vez?

— Tá, tudo bem. Eu não queria fundir sua cuca.

— Mas como eles podem afetar nossas linhas de comunicação? Como podem ser tão poderosos?

— Eles tiveram séculos, Apolo. *Séculos*. Todo esse tempo planejando e incitando guerras, construindo o império capitalista, esperando este momento, quando você fosse mortal, quando os oráculos estivessem vulneráveis para uma investida hostil. É coisa do mal. Eles não são nem um pouco bacanas.

— Achei que esse termo fosse mais moderno.

— Mal?

— Não. *Bacanas*. Deixa pra lá. O Besta… ele é o líder?

— Pior que sim. Ele tem a mente tão ruim quanto os outros, mas é o mais inteligente e mais estável, de um jeito sociopata e homicida. Você sabe quem ele é… quem ele era, certo?

Infelizmente, sabia. Lembrei onde vi aquela cara feia e o sorrisinho debochado. Eu conseguia ouvir a voz anasalada ecoando pela arena, ordenando a execução de centenas enquanto a multidão comemorava. Eu queria perguntar a Reia quem eram os dois compatriotas no

Triunvirato, mas concluí que não conseguiria suportar a informação no momento. Nenhuma das opções era boa, e saber os nomes deles poderia me deixar mais desesperado do que eu era capaz de aguentar.

— É verdade, então — falei. — Os outros oráculos ainda existem. Os imperadores controlam todos?

— Estão trabalhando nisso. Píton tem Delfos, esse é o maior problema. Mas você não vai ter forças para enfrentá-la de frente. Você tem que soltar os dedos deles dos oráculos menores primeiro, diminuir o poder deles. Para fazer isso, precisa de uma nova fonte de profecias para este acampamento, um oráculo mais velho e independente.

— Dodona — falei. — Sua floresta sussurrante.

— Isso mesmo — concordou Reia. — Achei que a floresta tivesse desaparecido para sempre. Mas aí, não sei como, os carvalhos cresceram novamente no coração da mata. Você tem que encontrar a floresta e protegê-la.

— Estou trabalhando nisso. — Toquei no machucado grudento no rosto. — Mas minha amiga Meg…

— É. Você teve alguns percalços. Mas sempre há percalços, Apolo. Quando Lizzy Stanton e eu organizamos a primeira convenção de direitos das mulheres em Woodstock…

— Não foi em Seneca Falls?

Reia franziu a testa.

— Isso não foi nos anos 1960? — perguntou ela, meio perdida.

— Nos 40. Nos anos 1940 do século XX, se não me falha a memória.

— Então… Jimi Hendrix não estava lá?

— Duvido.

Reia mexeu no símbolo da paz.

— Então quem botou fogo naquela guitarra? Ah, deixa pra lá. A questão é que você tem que perseverar. Às vezes, uma mudança leva séculos.

— Só que sou mortal agora. Não *tenho* mais séculos.

— Mas tem força de vontade — retrucou Reia. — Tem motivação e urgência mortais. São coisas que os deuses costumam não ter.

Ao lado dela, o leão rugiu.

— Tenho que pular fora — disse Reia. — Se os imperadores me encontrarem… vai ser feio, cara. Estou fora do mapa há tempo demais. Não vou ser sugada para essa opressão institucional patriarcal de novo. Encontre Dodona. Essa é sua primeira provação.

— E se o Besta encontrar a floresta primeiro?

— Ah, ele já encontrou o portão, mas nunca vai passar por ele sem você e a garota.

— Eu… não entendo.

— Tranquilo. Só respire. Encontre seu centro. A iluminação tem

que vir *de dentro*.

Parecia algo que eu teria dito aos *meus* adoradores. Fiquei tentado a estrangular Reia com o cinto de macramé, mas duvidava de que tivesse forças. Além do mais, ela tinha dois leões.

— Mas o que eu faço? Como salvo Meg?

— Primeiro, se cure. Descanse. Depois… bem, como você vai fazer para salvar Meg é problema seu. A jornada é mais importante do que o destino, sabe?

Ela estendeu a mão. Pendurado em seus dedos estava um sino de vento: um conjunto de tubos e medalhões de metal entalhados com símbolos antigos gregos e cretenses.

— Pendure isto no maior carvalho. Vai ajudar você a direcionar as vozes do oráculo. Se conseguir uma profecia, bacana. Vai ser só o começo, mas, sem Dodona, nada mais vai ser possível. Os imperadores vão sufocar nosso futuro e dividir o mundo. Só quando você tiver derrotado Píton é que vai poder recuperar seu lugar de direito no Olimpo. Meu filho, Zeus… ele acredita nesse método de educar na marra, saca? Recuperar Delfos é a única forma de cair nas graças dele.

— Eu… estava com medo de você dizer isso.

— Tem mais uma coisa — alertou ela. — Besta está planejando algum tipo de ataque ao seu acampamento. Não sei o que é, mas vai ser grande. Tipo, pior do que napalm. Você tem que avisar seus amigos.

O leão mais próximo me cutucou. Me apoiei em seu pescoço e deixei que me levantasse. Consegui permanecer de pé, mas só porque minhas pernas estavam paralisadas de pavor. Pela primeira vez, entendi as provações que me esperavam. Eu conhecia os inimigos que tinha que enfrentar. Precisaria de mais do que sinos de vento e iluminação. Precisaria de um milagre. E, já tendo sido um ex-deus, posso dizer que esses nunca são distribuídos com generosidade.

— Boa sorte, Apolo. — A rainha titã colocou o sino de vento nas minhas mãos. — Tenho que dar uma olhada na minha fornalha antes que meus vasos quebrem. Siga em frente e salve as árvores!

A floresta se dissolveu. Eu me vi de pé no gramado central do Acampamento Meio-Sangue, cara a cara com Chiara Benvenuti, que deu um pulo para trás, assustada.

— Apolo!

Dei um sorriso.

— Oi, garota. — Meus olhos reviraram e, pela segunda vez naquela semana, desmaiei na frente dela de forma encantadora.

27

Peço desculpas
Por quase tudo que fiz
É, sou bem legal

— ACORDE — DISSE UMA VOZ.

Abri os olhos e vi um fantasma, um rosto tão precioso para mim quanto o de Dafne. Eu conhecia a pele de cobre, o sorriso gentil, os cachos escuros e os olhos roxos como togas senatoriais.

— Jacinto — solucei. — Lamento tanto…

A luz do sol que iluminava seu rosto revelava o machucado horrível acima da orelha esquerda, onde o disco o acertou. Meu rosto ferido latejou em solidariedade.

— Procure nas cavernas — disse ele. — Perto das fontes azuis. Ah, Apolo… sua sanidade vai ser roubada, mas não…

A imagem dele foi esmaecendo e começou a se afastar. Eu me levantei do leito. Corri atrás dele e o segurei pelos ombros.

— Não *o quê*? Por favor, não me deixe de novo!

Minha visão clareou. Eu me vi na janela do chalé 7, segurando um vaso de cerâmica cheio de jacintos roxos e vermelhos. Ali perto, com expressão preocupada, Will e Nico pareciam prontos para me segurar.

— Ele está falando com as flores — observou Nico. — Isso é normal?

— Apolo — disse Will —, você teve uma concussão. Eu curei você, mas…

— Esses jacintos... — falei. — Eles sempre estiveram aqui?

Will franziu a testa.

— Sinceramente, não sei de onde vieram, mas… — Ele tirou o vaso das minhas mãos e o colocou de volta no parapeito da janela. — Vamos nos preocupar com você, tudo bem?

Em outras épocas, esse seria um conselho excelente, mas, agora, eu só conseguia me perguntar se os jacintos eram algum tipo de mensagem. Como era cruel olhar para eles… as flores que criei em homenagem ao meu amor extinto, manchadas de vermelho como o sangue dele ou em tons de violeta como seus olhos. Elas floresciam com tanta graciosidade que me lembravam da alegria que perdi.

Nico botou a mão no ombro de Will.

— Apolo, estávamos preocupados. Will, principalmente.

Vê-los juntos, apoiando um ao outro, fez meu coração pesar ainda mais. Durante meu delírio, meus dois grandes amores me visitaram. Agora, mais uma vez, eu estava arrasadoramente sozinho.

Mesmo assim, eu tinha uma tarefa para realizar. Uma amiga precisava da minha ajuda.

— Meg está com problemas — falei. — Quanto tempo fiquei inconsciente?

Will e Nico se entreolharam.

— Bom, é meio-dia agora, mais ou menos — disse Will. — Você apareceu no gramado por volta das seis da manhã. Como Meg não voltou com você, íamos procurá-la na floresta, mas Quíron não deixou.

— E fez muito bem — afirmei. — Não vou permitir que mais ninguém se arrisque entrando lá. Mas tenho que me apressar. Meg tem no máximo até esta noite.

— Senão, o que acontece? — perguntou Nico.

Eu não conseguia dizer. Não conseguia nem *pensar* naquela possibilidade sem perder a coragem. Olhei para baixo. Fora o lenço com a bandeira brasileira que Paulo me dera e meu colar de corda de ukulele, eu trajava apenas cueca. Minhas banhas estavam expostas para todo mundo ver, mas eu não ligava mais para isso. (Bom, não muito, pelo menos.)

— Tenho que me vestir — decretei.

Cambaleei até o colchão. Dei uma olhada em meus poucos pertences e encontrei a camiseta do Led Zeppelin de Percy Jackson. Eu a vesti. Parecia mais apropriada do que nunca.

Will se aproximou.

— Olha, Apolo, acho que você ainda não está cem por cento.

— Eu vou ficar bem — falei, vestindo a calça jeans. — Tenho que salvar Meg.

— Nos deixe ajudar — pediu Nico. — Se você me disser onde ela está, posso viajar pelas sombras…

— Não! — cortei. — Você tem que ficar aqui e proteger o acampamento.

A expressão de Will me lembrou muito a mãe dele, Naomi; aquele olhar enérgico que ela fazia logo antes de entrar no palco.

— Proteger o acampamento do quê?

— Eu… eu não sei direito. Vocês precisam dizer para Quíron que os imperadores voltaram. Ou melhor, que nunca foram embora. Eles estão tramando e se preparando há séculos.

Os olhos de Nico brilharam com cautela.

— Quando você diz imperadores…

— Estou falando dos romanos.

Will deu um passo para trás.

— Você está dizendo que os imperadores da Roma antiga estão vivos? *Como?* As Portas da Morte?

— Não. — O gosto de bile na boca tornava difícil falar. — Os

imperadores fizeram deles próprios deuses. Tinham templos e altares. Encorajaram as pessoas a adorá-los.

— Mas isso era só marketing — disse Nico. — Eles não eram divindades reais.

Eu ri com tristeza.

— Deuses são sustentados por adoração, filho de Hades. Eles continuam a existir por causa das lembranças coletivas de uma cultura. É assim com os olimpianos, também é assim com os imperadores. De alguma forma, os mais poderosos deles sobreviveram. Todos esses séculos, eles se agarraram a uma meia-vida, se escondendo, esperando para retomar o poder.

Will balançou a cabeça.

— Isso é impossível! Como…?

— Eu não sei! — Tentei respirar com calma. — Diga para Rachel que os homens por trás da Triunvirato S.A. são antigos imperadores de Roma. Eles estão planejando nos destruir todo esse tempo, e nós, deuses, estávamos cegos. *Cegos.*

Coloquei o casaco. A ambrosia que Nico me dera ontem ainda estava no bolso esquerdo. No bolso direito, os sinos de vento de Reia tilintaram, embora eu não fizesse ideia de como tivessem ido parar lá.

— Besta está planejando algum tipo de ataque ao acampamento — contei. — Não sei como nem quando, mas digam para Quíron que vocês têm que estar preparados. Agora preciso partir.

— Espere! — gritou Will quando cheguei à porta. — Quem é Besta? Com qual imperador estamos lidando?

— Com o pior dos meus descendentes. — Meus dedos apertaram o batente da porta. — Os cristãos o chamavam de Besta porque ele os queimou vivos. Nosso inimigo é o imperador Nero.

* * *

Eles devem ter ficado atordoados demais para irem atrás de mim.

Eu corri para o arsenal. Vários campistas me olharam de um jeito estranho. Alguns me chamaram e ofereceram ajuda, mas ignorei todos. Só conseguia pensar em Meg sozinha na toca dos myrmekos e nas visões que tive de Dafne, Reia e Jacinto, todos me pedindo para seguir em frente, me dizendo para fazer o impossível em minha nova forma mortal inadequada.

Parei em frente à estante de arcos. Com a mão trêmula, peguei a arma que Meg tentara me dar no dia anterior. Era entalhada em madeira de loureiro. A ironia amarga não passou despercebida.

Eu tinha jurado não usar um arco até ser deus novamente. Mas também tinha jurado não tocar música, e já havia quebrado essa parte do juramento da forma mais vulgar e mais Neil Diamond possível.

A maldição do Rio Estige podia até me matar de um jeito lento e canceroso, ou Zeus podia acabar comigo a qualquer momento, mas meu juramento de salvar Meg McCaffrey precisava vir em primeiro lugar.

Ergui o rosto para o céu.

— Se você quer me punir, pai, fique à vontade, mas seja corajoso e machuque só a mim, não minha companheira mortal. SEJA HOMEM!

Para minha surpresa, os céus ficaram silenciosos. Um relâmpago não me vaporizou. Talvez Zeus estivesse surpreso demais para fazer alguma coisa, mas eu sabia que ele jamais deixaria passar despercebido um insulto desses.

Ao Tártaro com ele! Eu tinha um trabalho a fazer.

Peguei uma aljava e enfiei dentro todas as flechas que consegui encontrar. Em seguida, corri para a floresta, com os dois anéis de Meg balançando no colar improvisado. Tarde demais, percebi que esquecera meu ukulele de combate, mas eu não tinha tempo de voltar. Minha voz teria que bastar.

Não sei bem como encontrei o ninho.

Talvez a floresta simplesmente tenha me deixado chegar lá, sabendo que eu estava marchando em direção à morte. Descobri que quando se está procurando perigo nunca é difícil encontrar.

Em pouco tempo eu já estava agachado atrás de uma árvore caída, observando a toca dos myrmekos na clareira à frente. Chamar o lugar de formigueiro seria o mesmo que chamar o Palácio de Versalhes de casinha de sapê. Muralhas de terra subiam quase até o topo das árvores ao redor, de pelo menos trinta metros. O lugar podia muito bem acomodar um hipódromo romano. Soldados e drones entravam e saíam do monte num fluxo regular. Alguns carregavam árvores caídas. Um, inexplicavelmente, estava arrastando um Chevy Impala 1967.

Quantas formigas eu teria que enfrentar? Não fazia ideia. Depois que você chega ao número *impossível*, não faz mais sentido contar.

Eu prendi uma flecha no arco e entrei na clareira.

Quando o myrmeko mais próximo me viu, largou o Chevy. Ficou observando eu me aproximar, com as antenas balançando. Eu o ignorei e passei direto, a caminho do túnel mais próximo. Isso o deixou ainda mais confuso.

Várias outras formigas se reuniram para olhar.

Aprendi que se você age naturalmente, como se não devesse nada a ninguém, a maioria das pessoas (ou das formigas) não vai arranjar problema. Agir com confiança nunca foi uma questão para mim. Deuses podem fazer o que quiserem. Isso era um pouco mais difícil para Lester Papadopoulos, adolescente desmiolado que era, mas consegui chegar até o ninho sem ser desafiado.

Entrei e comecei a cantar.

Dessa vez, não precisei de ukulele. Não precisei de musa para servir de inspiração. Eu me lembrei do rosto de Dafne nas árvores. Eu me lembrei de Jacinto se afastando, com o ferimento mortal brilhando na cabeça. Minha voz se encheu de sofrimento. Cantei sobre corações partidos. Em vez de sucumbir ao meu próprio desespero, eu o arranquei do peito e o expus.

Os túneis amplificaram minha voz, propagando-a pelo ninho, tornando o formigueiro meu instrumento.

Cada vez que eu passava por uma formiga, ela encolhia as pernas e encostava a cabeça no chão, com as antenas tremendo por causa das vibrações da minha voz.

Se eu fosse um deus, a música teria tido ainda mais impacto, mas isso bastava. Fiquei impressionado com o tamanho da dor que a voz humana podia transmitir.

Eu me enfiei mais fundo no formigueiro. Não fazia ideia de para onde estava indo até ver um gerânio florescendo no chão do túnel.

Minha música hesitou.

Meg. Ela devia ter recuperado a consciência e largado uma das sementes para deixar uma trilha para mim. As flores roxas do gerânio seguiam um túnel menor à esquerda.

— Garota esperta — falei, escolhendo o caminho indicado por ela.

Um estalo chamou minha atenção; um myrmeko devia estar se aproximando.

Eu me virei e levantei o arco. Liberado do encantamento da minha voz, o inseto atacou, com a boca espumando de ácido. Eu puxei a flecha e disparei. A flecha entrou quase por completo na testa da formiga.

A criatura caiu, com as patas de trás dando seus espasmos finais antes de pararem de se mexer por completo. Tentei recuperar a flecha, mas o cabo se partiu na minha mão, com a ponta quebrada coberta de gosma fumegante. É, não ia dar para reaproveitar munição.

— MEG! — gritei.

A única resposta que recebi foram mais formigas gigantes vindo em minha direção. Comecei a cantar de novo. Mas, agora, eu tinha mais esperanças de encontrar Meg, o que tornou difícil incorporar a quantidade adequada de melancolia. A nova leva de formigas não estava mais catatônica. Elas se moviam com lentidão e irregularidade, mas atacaram mesmo assim. Fui forçado a disparar em uma atrás da outra.

Passei por uma caverna cheia de tesouros cintilantes, mas não estava interessado em coisas brilhantes no momento. Fui em frente.

Na interseção seguinte, outro gerânio surgia do chão, com as flores viradas para a direita. Segui o caminho indicado e chamei por Meg de novo, voltando a cantar.

Conforme meu ânimo melhorava, a música ficava cada vez menos eficiente, e as formigas, cada vez mais agressivas. Depois de mais de dez mortes, minha aljava estava ficando perigosamente leve.

Eu precisava buscar nas profundezas da alma o desespero em sua forma mais pura. Tinha que cantar a melancolia das boas.

Pela primeira vez em quatro mil anos, cantei sobre meus próprios defeitos.

Despejei minha culpa pela morte de Dafne. Minha vaidade, meu ciúme e meu desejo provocaram sua destruição. Quando ela fugiu, eu devia ter aceitado. Mas a persegui sem parar, e não me daria por satisfeito até tê-la só para mim. Por causa disso, deixei Dafne sem escolha. Para se ver livre de vez, ela sacrificou a própria vida e virou uma árvore, marcando meu coração para sempre… Mas foi culpa *minha*. Eu pedi desculpas na música. Implorei pelo perdão de Dafne.

Cantei sobre Jacinto, o mais bonito dos homens. O Vento Oeste, Zéfiro, também o amava, mas eu me recusei a compartilhá-lo com mais alguém. No meu ciúme, ameacei Zéfiro. Eu o desafiei, *desafiei-o* a interferir.

Cantei sobre o dia em que Jacinto e eu jogávamos discos nos campos e que o Vento Oeste soprou meu disco para fora da rota, indo parar bem na lateral da cabeça de Jacinto.

Para deixar Jacinto sob a luz do sol, onde era o lugar dele, fiz brotarem flores de seu sangue. Botei a culpa em Zéfiro, mas minha ganância mesquinha provocou a morte de Jacinto. Eu despejei minha dor. Assumi toda a culpa.

Cantei sobre meus fracassos, meu eterno coração partido, minha solidão. Eu era o pior dos deuses, dominado pela culpa, disperso. Não conseguia me comprometer com ninguém. Não conseguia escolher nem de que queria ser deus. Ficava mudando de uma habilidade para outra, distraído e insatisfeito.

Minha vida dourada era uma fraude. Minha indiferença era fingimento. Meu coração era um pedaço de madeira petrificada.

Ao meu redor, os myrmekos desabaram. O ninho em si tremeu de dor.

Encontrei um terceiro gerânio, e depois um quarto.

Finalmente, numa pausa entre estrofes, ouvi uma voz baixinha logo à frente: o som de uma garota chorando.

— Meg!

Desisti da música e corri.

Ela estava deitada no meio de uma caverna que funcionava como despensa de comida, como eu havia imaginado. Ao redor dela havia carcaças de animais empilhadas (vacas, cervos, cavalos), todas envoltas em uma gosma endurecida e apodrecendo lentamente. O cheiro acertou meus dutos nasais como se fosse uma avalanche.

Meg também estava imobilizada pela gosma, mas lutava para se libertar usando o poder dos gerânios. Ramos de folhas surgiam das partes mais finas do casulo; uma gola de flores deixava o muco longe do rosto dela. Ela até conseguira soltar um dos braços graças a uma explosão de gerânios rosa no sovaco esquerdo.

Os olhos dela estavam inchados de tanto chorar. Supus que estivesse com medo, talvez até sentindo dor, mas, quando me ajoelhei ao lado dela, suas primeiras palavras foram:

— Me desculpe.

Eu afastei uma lágrima da ponta do nariz dela.

— Por quê, querida Meg? Você não fez nada de errado. Fui eu que falhei com *você*.

Um soluço ficou preso na garganta dela.

— Você não entende. Aquela música que você estava cantando. Ah, deuses… Apolo, se eu soubesse…

— Shhh, pare com isso. — Eu mal conseguia falar, tamanha era a dor na garganta. A música quase destruíra minha voz. — Você só está reagindo à dor exposta na música. Vamos tirar você daqui.

Eu estava pensando em como faria isso quando os olhos de Meg se arregalaram. Ela soltou um choramingo.

Os pelos da minha nuca se eriçaram.

— Tem formigas atrás de mim, não tem? — perguntei.

Ela fez que sim.

Eu me virei no momento em que quatro delas entraram na caverna. Levei a mão à aljava. Só tinha uma flecha.

28

Um conselho aos pais
Mães, não deixem suas larvas
Virarem formigas

MEG SE DEBATEU NA casca de gosma.

— Me tire daqui!

— Não tenho como cortar! — Meus dedos foram até a corda de ukulele no meu pescoço. — Na verdade, tenho as *suas* espadas, quer dizer, seus anéis…

— Você não precisa cortar nada. Quando a formiga me deixou aqui, soltei o pacote de sementes. Deve estar por aí.

Meg estava certa. Vi o saco amassado perto dos pés dela.

Aproximei-me lentamente, de olho nas formigas. Elas estavam reunidas na entrada, como se com medo de chegar mais perto. Talvez a trilha de formigas mortas no caminho tivesse deixado as criaturas em dúvida.

— Formigas legais — falei. — Formigas excelentes e calmas.

Eu me agachei e peguei o pacote. Uma olhada rápida lá dentro me mostrou que restavam seis sementes.

— Agora o quê, Meg?

— Jogue na gosma — disse ela.

Apontei para os gerânios florescendo perto do pescoço e do sovaco dela.

— Quantas sementes fizeram isso?

— Uma.

— Então essa quantidade vai sufocar você até a morte. Já transformei gente demais de quem eu gostava em flores, Meg. Não vou…

— ANDA LOGO!

As formigas não gostaram do tom dela. Elas avançaram, estalando as mandíbulas. Sacudi as sementes de gerânio acima do casulo de Meg, depois prendi a flecha no arco. Matar uma formiga não adiantaria se as outras três nos fizessem em pedacinhos, então escolhi um alvo diferente. Disparei no teto da caverna, acima da cabeça das formigas.

Foi uma ideia desesperada, mas eu já tinha obtido sucesso derrubando prédios com flechas antes. Em 464 a.C., provoquei um terremoto que quase exterminou a população de Esparta ao acertar uma falha geológica no ângulo certo. (Nunca gostei muito dos espartanos.)

Dessa vez, tive menos sorte. A flecha entrou na terra batida com um *baque* seco. As formigas deram outro passo à frente, ácido pingando da boca. Atrás de mim, Meg lutou para se libertar do casulo, que estava coberto com um tapete de flores roxas.

Ela precisava de mais tempo.

Sem ideias, tirei o lenço de Paulo do pescoço e balancei feito um louco, tentando canalizar meu brasileiro interior.

— PARA TRÁS, FORMIGAS DO MAL! — gritei. — *BRASIL!*

As formigas hesitaram, talvez por causa das cores intensas da bandeira ou da minha voz, ou talvez da minha confiança insana repentina. Enquanto isso, rachaduras se espalharam pelo teto, e então milhares de toneladas de terra caíram nos myrmekos.

Quando a poeira baixou, metade do local tinha sumido junto com as malditas formigas.

Olhei para o meu lenço.

— Estige me morda! Ele tem *mesmo* poderes mágicos. Não posso contar isso para Paulo, senão ele vai ficar insuportável.

— Aqui! — gritou Meg.

Eu me virei. Outro myrmeko estava subindo em uma pilha de carcaças, aparentemente da segunda saída na qual não reparei, atrás das pilhas nojentas de comida.

Antes que eu pudesse pensar no que fazer, Meg rugiu e saiu do amontoado de gosma, jogando gerânios em todas as direções.

— Meus anéis! — gritou ela.

Eu os arranquei do pescoço e os arremessei. Assim que Meg os pegou, duas espadas douradas surgiram nas mãos dela.

O myrmeko mal teve tempo de pensar *Ops* antes de Meg atacar. Ela cortou a cabeça protegida pela carapaça. O corpo desabou em uma pilha fumegante.

Meg se virou para mim. O rosto dela era uma agitação de culpa, infelicidade e amargura. Fiquei com medo de ela vir para cima de mim.

— Apolo, eu… — A voz dela falhou.

Achei que ela ainda estivesse sofrendo os efeitos da minha música. Estava extremamente abalada. Fiz uma nota mental de nunca mais cantar de forma tão sincera quando houvesse a possibilidade de algum mortal estar ouvindo.

— Tudo bem, Meg. Eu que devia pedir desculpas. Coloquei você nessa confusão toda.

Meg balançou a cabeça.

— Você não entende. Eu…

Um grito enfurecido ecoou pela câmara, sacudindo o teto danificado e fazendo chover pedaços de terra em nossa cabeça. O tom do grito me lembrou Hera sempre que ela disparava pelos corredores

do Olimpo, gritando comigo por ter deixado o assento divino da privada levantado.

— É a formiga rainha — deduzi. — Temos que ir.

Meg apontou a espada para a única saída que restava.

— Mas o som veio de lá. Assim vamos dar de cara com ela.

— Exatamente. Melhor deixarmos as pazes para depois, né? Um ainda pode acabar fazendo o outro morrer.

* * *

Encontramos a formiga rainha.

Oba.

Todos os corredores deviam levar à rainha. Eles irradiavam da câmara dela como as pontas de uma estrela. Sua Majestade tinha três vezes o tamanho dos maiores soldados, uma massa gigantesca de quitina e apêndices farpados, com asas ovais diáfanas dobradas nas costas. Os olhos eram poças vidradas de ônix. O abdome, um saco transparente pulsante cheio de ovos brilhantes. A visão me fez lamentar ter inventado as cápsulas de gel.

O abdome inchado poderia deixá-la mais lenta em uma briga, mas ela era tão grande que seria capaz de nos interceptar antes de chegarmos à saída mais próxima. As mandíbulas nos cortariam ao meio como galhos secos.

— Meg — falei —, o que você acha de usar suas espadas contra essa moça?

Meg ficou perplexa.

— É uma mãe dando à luz.

— É… e é um inseto, coisa que você odeia. E os filhos dela estavam preparando você para o jantar.

Meg franziu a testa.

— Mesmo assim… não acho certo fazer isso.

A rainha sibilou, um som seco de spray. Imaginei que já teria nos borrifado com ácido se não estivesse preocupada com os efeitos de longa duração de corrosivos nas larvas dela. Todo cuidado é pouco para formigas rainhas atualmente.

— Você tem alguma outra ideia? — perguntei a Meg. — De preferência uma que não envolva morrer?

Ela apontou para um túnel logo atrás do amontoado de ovos da rainha.

— A gente tem que ir para aquele lado. Leva à floresta.

— Como você pode ter certeza?

Meg inclinou a cabeça.

— As árvores. É como… Eu consigo ouvi-las crescendo.

Isso me lembrou outra coisa que as Musas me disseram uma vez:

que conseguiam ouvir a tinta secando em novas páginas de poesia. Achei que fazia sentido uma filha de Deméter conseguir ouvir o crescimento de plantas. Além do mais, não me surpreendeu que precisássemos chegar justamente ao túnel com acesso mais perigoso.

— Cante — disse Meg. — Cante como você cantou antes.

— Eu… eu não consigo. Estou quase sem voz.

Além do mais, pensei, *não quero correr o risco de perder você de novo.*

Eu havia libertado Meg, então talvez tivesse cumprido meu juramento a Pete, o deus do gêiser. Ainda assim, ao cantar e usar o arco, quebrei meu juramento pelo Rio Estige não só uma vez, mas duas. Outra cantoria só me tornaria *mais* transgressor. Independentemente de quais fossem as punições cósmicas que me aguardavam, eu não queria que recaíssem sobre Meg.

Sua Majestade bateu o maxilar para nós: um aviso, nos mandando recuar. Mais alguns centímetros e minha cabeça teria rolado na terra.

Comecei a cantar, ou melhor, fiz o que pude com a voz rouca que me restou. Decidi cantar um rap. Comecei com o ritmo *bum chica chica*. Cantei um som no qual as Nove Musas e eu estávamos trabalhando pouco antes da guerra com Gaia.

A rainha arqueou as costas. Acho que não esperava ouvir um rap.

Lancei um olhar para Meg que dizia claramente *Me ajude!*.

Ela balançou a cabeça. Com duas espadas na mão, virava uma louca. Mas era só pedir uma ajudinha com uma batida musical que a menina ficava acanhada.

Tudo bem, pensei. *Faço sozinho*.

Comecei a cantar “Dance”, do Nas, que, devo confessar, é uma das odes mais emocionantes às mães que já inspirei um artista a compor. (De nada, Nas.) Tomei algumas liberdades com a letra. Posso ter mudado *anjo* para *mãe de ninhada* e *mulher* para *inseto*. Mas o sentimento permaneceu. Fiz uma serenata para a rainha grávida, canalizando meu amor pela minha querida mãe, Leto. Quando cantei que só podia desejar me casar com uma mulher (ou inseto) tão linda como ela um dia, a dor em meu coração era verdadeira. Eu jamais teria uma parceira assim. Não estava no meu destino.

As antenas da rainha tremeram. A cabeça balançou para a frente e para trás. Ovos ficavam saindo do abdome, o que dificultou minha concentração, mas eu insisti.

Quando terminei, me apoiei em um joelho e estiquei os braços em homenagem a ela, esperando o veredito da rainha. Ela tanto poderia me matar, quanto me deixar vivo. Eu estava esgotado. Dediquei tudo àquela música e não conseguia cantar nem mais um verso.

Ao meu lado, Meg ficou totalmente imóvel, segurando as espadas.

Sua Majestade tremeu. Ela virou a cabeça para trás e berrou, um som mais de dor do que de raiva.

Ela se inclinou e cutucou meu peito delicadamente, me empurrando na direção do túnel para onde precisávamos ir.

— Obrigado — grunhi. — Eu… peço desculpas pelas formigas que matei.

A rainha ronronou e estalou, expulsando mais alguns ovos, como quem diz *Não se preocupe, sempre posso fazer mais.*

Fiz um carinho na testa da formiga rainha.

— Posso chamar você de Mama?

A boca do inseto espumou de um jeito satisfeito.

— Apolo — pediu Meg —, vamos, antes que ela mude de ideia.

Eu não sabia se Mama *mudaria* de ideia. Tive a sensação de que ela aceitou minha lealdade e nos adotou na ninhada. Mas Meg estava certa; precisávamos ir logo. Mama nos observou ir embora.

Entramos no túnel e vimos o brilho da luz do dia acima de nós.

29

Sonhando com tochas
E um homem de roupa roxa
Mas fica pior

NUNCA PENSEI QUE UM lugar tão macabro me deixaria tão feliz.

Saímos do túnel e encontramos uma clareira cheia de ossos. A maioria era de animais da floresta, alguns pareciam humanos. Imaginei que tivéssemos encontrado o lixão dos myrmekos, e parecia que ali não havia coleta regular.

Ao redor havia árvores tão densas e emaranhadas que andar entre elas seria impossível. Os galhos se entrelaçavam em um domo de folhas que deixava entrar apenas filetes de luz do sol, não muito mais do que isso. Qualquer pessoa voando acima da floresta jamais teria percebido que esse espaço aberto existia embaixo da cobertura verde.

Em uma das extremidades havia uma fileira de objetos que lembravam o boneco joão-teimoso, seis casulos brancos presos em postes de madeira altos, ladeando um par de carvalhos enormes. Cada árvore tinha pelo menos vinte e cinco metros de altura. Elas cresceram tão próximas uma da outra que os troncos grossos pareciam ter se fundido. A impressão era de que se estava olhando para portas vivas.

— É um portão — constatei. — Para o Bosque de Dodona.

As espadas de Meg encolheram e se transformaram novamente em anéis de ouro, que a menina colocou nos dedos do meio.

— Não *estamos* no bosque ainda?

— Não…

Eu me virei para o outro lado da clareira, para os picolés de casulos brancos. Estavam longe demais para que eu pudesse identificar com clareza seu conteúdo, mas alguma coisa neles pareceu familiar de um jeito cruel e indesejado. Eu queria chegar mais perto. Mas também queria ficar longe.

— Acho que isso é mais uma antecâmara — expliquei. — O bosque em si fica atrás daquelas árvores.

Meg olhou com cautela para o outro lado do campo.

— Não estou ouvindo nenhuma voz.

Era verdade. O bosque estava totalmente silencioso. As árvores pareciam prender a respiração.

— O bosque sabe que estamos aqui — especulei. — Está esperando para ver o que vamos fazer.

— É melhor a gente fazer alguma coisa, então.

Meg estava tão apreensiva quanto eu, mas saiu andando,

esmagando ossos com os pés.

Eu desejei ter mais do que um arco, uma aljava vazia e uma voz rouca para me defender, mas fui atrás, tentando não tropeçar em caixas torácicas e chifres de cervos. Na metade do caminho, Meg expirou intensamente. Estava observando os postes dos dois lados do portão de árvore.

No começo não entendi o que estava vendo. Cada estaca era mais ou menos do tamanho da cruz que os romanos montavam ao longo das estradas para dar um recado para potenciais criminosos. (Pessoalmente, acho outdoors mais refinados.) A metade de cima de cada poste fora envolta em pedaços grossos de pano branco, e no topo de cada casulo havia uma forma parecida como uma cabeça humana.

Meu estômago deu um pulo. *Eram* cabeças humanas. Espalhados à nossa frente estavam os semideuses desaparecidos, todos bem amarrados. Petrificado, olhei fixamente para os casulos até discernir as leves expansões e contrações nos panos ao redor do peito deles. Ainda estavam respirando. Inconscientes, não mortos. Graças aos deuses.

À esquerda estavam três adolescentes que eu não conhecia, mas concluí que deviam ser Cecil, Ellis e Miranda. No lado direito havia um homem magro com pele cinza e cabelo branco, sem dúvida o deus gêiser Paulie. Ao lado dele estavam meus filhos… Austin e Kayla.

Eu tremia tanto que os ossos ao redor dos meus pés estalaram. Identifiquei o cheiro exalado pelos panos envolvendo os prisioneiros: enxofre, petróleo, cal e fogo líquido grego, a substância mais perigosa já criada. Fúria e nojo lutaram pelo direito de me fazer vomitar.

— Isso é monstruoso! — gritei. — Precisamos soltá-los agora mesmo.

— O q-que eles têm? — gaguejou Meg.

Não ousei colocar em palavras. Já tinha visto essa forma de execução uma vez, pelas mãos do Besta, e nunca mais queria ver de novo.

Corri até a estaca de Austin. Com toda a minha força, tentei empurrá-la, mas ela nem se mexeu. Estava afundada demais na terra. Puxei as amarras de tecido, mas o máximo que consegui foi encher as mãos de resina sulfurosa. O material era mais grudento e duro do que a gosma dos myrmekos.

— Meg, suas espadas! — gritei.

Eu não sabia se aquilo funcionaria, mas foi a única coisa em que consegui pensar.

E, então, de cima de nós veio um rosnado familiar.

Os galhos sacudiram. Pêssego, o *karpos*, caiu da copa das árvores e pousou com uma cambalhota aos pés de Meg. Ele parecia ter passado por maus bocados para chegar ali. Os braços tinham cortes pingando

néctar de pêssego; as pernas estavam salpicadas de hematomas; a fralda estava perigosamente frouxa.

— Graças aos deuses! — falei. Essa não era minha reação habitual ao ver o espírito dos grãos, mas os dentes e as garras dele seriam perfeitos para libertar os semideuses. — Meg, ande! Mande seu amigo…

— Apolo — disse ela, apontando para o túnel de onde viemos. Sua voz estava pesada.

Os dois maiores humanos que eu já havia visto saíam do ninho das formigas. Usando armaduras de ouro, cada um devia ter mais de dois metros e mais de cem quilos de puro músculo. O cabelo louro brilhava. Aros com pedras cintilavam nas barbas. Eles carregavam um escudo oval e uma lança, apesar de muito provavelmente não precisarem de armas para matar alguém. Pareciam capazes de destruir balas de canhão com as próprias mãos.

Eu os reconheci pelas tatuagens e pelos desenhos circulares nos escudos. Esses guerreiros não eram fáceis de esquecer.

— *Germânicos*.

Instintivamente, parei na frente de Meg. Os guarda-costas imperiais de elite eram assassinos a sangue-frio na Roma Antiga, e eu duvidava que tivessem mudado ao longo dos anos.

Os dois homens me olharam com raiva. Tatuagens de serpente envolviam o pescoço, as mesmas exibidas pelos valentões que partiram para cima de mim em Nova York. Os guerreiros se afastaram, e o mestre deles saiu do túnel.

Nero não mudara muito em quase dois milênios. Parecia não ter mais de trinta anos, mas trinta anos *difíceis*, como o rosto abatido e a barriga estufada, resultado de inúmeras festas, comprovavam. A boca levava sempre uma expressão de desprezo. O cabelo encaracolado se prolongava até a barba, que cobria também o pescoço. O queixo era tão pequeno que fiquei tentado a fazer uma vaquinha virtual para comprar um maxilar melhor para ele.

Ele tentava compensar a feiura com um terno italiano caro de lã roxa, que combinava com uma camisa cinza aberta para exibir as correntes de ouro. Os sapatos eram de couro e feitos à mão, ou seja, não muito apropriados para andar em um formigueiro. Nero sempre teve gostos caros e nada práticos. Essa talvez fosse a única coisa que eu admirava nele.

— Imperador Nero — falei. — O Besta.

Seus lábios se repuxaram um pouco.

— Nero está bom. Que alegria ver você, meu honrado ancestral. Sinto muito por ter sido tão relaxado com minhas oferendas nos últimos milênios, mas — ele deu de ombros — não precisei de você. Eu me saí muito bem sozinho.

Meus punhos se fecharam. Queria acertar aquele imperador barrigudo com um raio de força ultrapotente, só que eu não tinha raios de força ultrapotentes. Não tinha flechas. Não tinha mais voz para cantar. Minhas armas contra Nero e seus guarda-costas enormes eram: um lenço brasileiro, um pacote de ambrosia e um sino de vento de metal.

— É a mim que você quer — falei. — Tire os semideuses dessas estacas. Deixe que vão embora com Meg. Eles não fizeram nada para você.

Nero riu.

— Vou ficar feliz em soltá-los quando chegarmos a um acordo. Quanto a Meg… — Ele sorriu para ela. — Como você está, minha querida?

Meg não disse nada. O rosto dela estava duro e cinzento como o do deus do gêiser. Aos pés dela, Pêssego rosnou e balançou as asas folhosas.

Um dos guardas de Nero disse alguma coisa no ouvido dele.

O imperador assentiu.

— Em breve.

Ele voltou a atenção para mim.

— Mas onde estão meus modos? Permita-me apresentar meu braço direito, Vincius, e meu braço esquerdo, Garius.

Os guarda-costas apontaram um para o outro.

— Ah, desculpem — corrigiu Nero. — Meu braço direito, Garius, e meu braço esquerdo, Vincius. Essas são as versões romanizadas dos nomes batavos deles, que não consigo pronunciar. Normalmente, só os chamo de Vince e Gary. Digam oi, rapazes.

Vince e Gary me olharam de cara feia.

— Eles têm tatuagens de serpente — observei —, como aqueles delinquentes que você mandou para me atacar.

Nero deu de ombros.

— Eu tenho muitos servos. Cade e Mikey são pivetinhos sem importância. O único trabalho deles era dar um sacode em você, dar boas-vindas à minha cidade.

— *Sua* cidade. — Era a cara de Nero ir tomando para si metrópoles que claramente pertenciam a mim. — E esses dois cavalheiros… eles são germânicos mesmo? Como?

Nero fez um som de latido que veio do fundo do nariz. Eu tinha esquecido o quanto odiava a gargalhada dele.

— Lorde Apolo, me poupe — disse ele. — Mesmo antes de Gaia tomar as Portas da Morte, almas escapavam de Erebos o tempo todo. Foi fácil um imperador-deus como eu convocar meus seguidores.

— Imperador-deus? — grunhi. — Prefiro um ex-imperador com delírios de grandeza.

Nero arqueou as sobrancelhas.

— O que fez de *você* um deus, Apolo… na época que você era um? Não foi o poder do seu nome, seu poder sobre os que acreditavam em você? Eu não sou diferente. — Ele olhou para a esquerda. — Vince, se jogue na sua lança, por favor.

Sem hesitação, Vince colocou a extremidade da lança no chão e encostou a ponta embaixo da caixa torácica.

— Pare — disse Nero. — Mudei de ideia.

Vince não demonstrou alívio. Na verdade, os olhos dele se apertaram com uma leve decepção. Ele colocou a lança novamente ao lado do corpo.

Nero sorriu para mim.

— Está vendo? Tenho poder de vida e morte sobre meus adoradores, como qualquer deus decente deveria ter.

Senti como se tivesse engolido cápsulas de gel com larvas dentro.

— Os germânicos sempre foram malucos, assim como você.

Nero colocou a mão no peito.

— Que ultraje! Meus amigos bárbaros são súditos leais da dinastia juliana! E, claro, somos todos seus descendentes, lorde Apolo.

Eu não precisava do lembrete. Tinha muito orgulho do meu filho Otaviano, mais tarde César Augusto. Depois da morte dele, seus descendentes foram ficando cada vez mais arrogantes e instáveis (isso só podia vir do DNA mortal deles; eles não herdaram essas qualidades de mim). Nero foi o último da linhagem juliana. Eu não chorei quando ele morreu. Agora, aqui estava ele, tão grotesco e sem queixo como sempre.

— O q-que você quer, Nero? — perguntou Meg, do meu lado.

Ela estava frente a frente com o homem que matou seu pai e mesmo assim parecia incrivelmente calma. Fiquei agradecido pela força dela. Isso me deu esperanças de ter uma dimaquera habilidosa e um bebê pêssego voraz ao meu lado. Mesmo assim, nossas chances de derrotar os dois germânicos eram bem pequenas.

Os olhos de Nero brilharam.

— Direto ao ponto. Eu sempre admirei isso em você, Meg. Na verdade, é bem simples. Você e Apolo vão abrir o portão de Dodona para mim. Depois, esses seis — ele indicou os prisioneiros nas estacas — serão libertados.

Eu balancei a cabeça.

— Você vai destruir o bosque. Depois, vai nos matar.

O imperador deu aquele latido horrível de novo.

— Só se você me obrigar, ora. Sou um imperador-deus razoável, Apolo! É claro que adoraria ter o Bosque de Dodona sob meu controle, mas, se não for possível, não permitirei que *você* o use. Você teve a chance de ser guardião dos oráculos, mas falhou absurdamente.

Agora, é minha responsabilidade. Minha… e dos meus parceiros.

— Os dois outros imperadores — falei. — Quem são eles?

Nero deu de ombros.

— Bons romanos. Homens que, como eu, têm força de vontade para fazer o que é necessário.

— Triunviratos nunca deram certo. Eles sempre levam a uma guerra civil.

Ele sorriu como se a ideia não o incomodasse.

— Nós três chegamos a um acordo. Dividimos o novo império… que é como chamamos a América do Norte. Quando tivermos os oráculos, vamos expandir nosso reinado e colocar em prática uma especialidade dos romanos: conquistar o mundo.

Eu apenas o encarei, atônito.

— Você realmente não aprendeu nada com seu reinado anterior — falei.

— Ah, é claro que aprendi! Tive séculos para refletir, planejar e me preparar. Você tem alguma ideia de como é irritante ser um imperador-deus, sem poder morrer, mas incapaz de viver integralmente? Houve um período de uns trezentos anos durante a Idade Média em que meu nome quase foi esquecido. Eu era pouco mais que uma miragem! Graças aos deuses pela Renascença, quando nossa grandiosidade clássica foi venerada. E depois, veio a internet. Deuses, eu *amo* a internet! É impossível ser esquecido agora. A Wikipédia me fez imortal!

Eu fiz uma careta. Estava totalmente convencido da insanidade de Nero. Além do mais, a Wikipédia sempre exibia coisas erradas sobre mim.

Ele virou as palmas das mãos para cima.

— Eu sei, eu sei, você acha que sou maluco. Eu poderia explicar meus planos e provar o contrário, mas tenho muita coisa para fazer hoje. Preciso que você e Meg abram esse portão. Eu já fiz de tudo e não tive sucesso, mas, juntos, vocês dois vão conseguir. Apolo, você tem afinidade com oráculos. Meg tem jeito com árvores. Andem logo. Por favor e obrigado.

— Nós preferimos morrer, então — declarei. — Não é, Meg?

Não houve resposta.

Olhei para ela. Um filete prateado cintilou em sua bochecha. Achei que uma das pedras dos óculos tivesse derretido, mas então percebi que ela estava chorando.

— Meg?

Nero juntou as mãos.

— Ah, caramba. Parece que tivemos um probleminha de comunicação. Sabe, Apolo, foi Meg quem trouxe você aqui, porque eu pedi. Muito bem, minha linda.

Meg secou o rosto.

— Eu… eu não queria…

Meu coração se encolheu até ficar do tamanho de uma pedrinha.

— Meg, não. Não consigo acreditar…

Estiquei a mão para ela. Pêssego rosnou e se colocou entre nós. Eu me dei conta de que o *karpos* não estava ali para nos proteger de Nero. Ele estava defendendo Meg de *mim*.

— Meg — falei. — Esse homem matou seu pai! Ele é um assassino!

Ela olhou para baixo. Quando falou, a voz saiu mais sofrida do que a minha quando cantei no formigueiro.

— *Besta* matou meu pai. Este é Nero. Ele é… ele é meu padrasto.

Eu ainda estava tentando assimilar esta última informação quando Nero abriu os braços.

— Isso mesmo, minha querida — disse ele. — E você fez um trabalho maravilhoso. Vem dar um abraço no papai.

30

Um puxão de orelha
Meg, seu padrasto é maluco
Por que ela não escuta?

EU JÁ FUI TRAÍDO ANTES.

As lembranças voltaram com tudo, como uma onda dolorosa. Certa vez, minha antiga namorada Cirene ficou com Ares só para se vingar de mim. Em outra ocasião, Ártemis disparou uma flecha na minha virilha porque eu estava flertando com suas Caçadoras. Em 1928, Alexander Fleming se recusou a reconhecer que fui eu quem o inspirou a descobrir a penicilina. Tipo, *ai*. Isso doeu.

Mas eu não conseguia me lembrar de ter estado tão errado sobre alguém como aconteceu com Meg. Bem… pelo menos não desde Irving Berlin.

"Alexander's Ragtime Band"?, eu me lembro de ter dito para ele. *Você nunca vai fazer sucesso com uma música brega dessas!*

— Meg, nós somos amigos. — Minha voz soou insolente até para mim mesmo. — Como você pôde fazer isso comigo?

Meg olhou para os tênis vermelhos, a cor primária dos traidores.

— Eu tentei contar para você, avisar.

— Ela tem um bom coração. — Nero sorriu. — Mas, Apolo, você e Meg são amigos há poucos dias, e só porque eu *pedi* a Meg para ser sua amiga. Eu sou o padrasto e protetor de Meg há muitos anos. Ela é integrante do Lar Imperial.

Eu olhei para minha amada moleca do lixão. Sim, de alguma forma ela se tornara importante para mim. Não conseguia imaginá-la como uma Imperial *sei lá o quê*, muito menos como parte do grupo de Nero.

— Eu arrisquei minha vida por você — falei, surpreso. — E isso *significa muito*, porque eu posso morrer!

Nero bateu palmas educadamente.

— Estamos todos impressionados, Apolo. Agora abra o portão. Ele me desafia há muito tempo.

Tentei lançar um olhar severo para Meg, mas eu não estava no clima. Estava magoado e vulnerável demais. Nós, deuses, não gostamos de nos sentir vulneráveis. Além do mais, Meg não estava nem olhando para mim.

Atordoado, eu me virei para o portão de carvalho. Via agora que os troncos fundidos traziam as marcas dos esforços anteriores de Nero: talhos de serra elétrica, marcas de fogo, cortes de lâminas de machado e até alguns buracos de bala. Tudo isso mal lascou o tronco externo. A

área mais danificada era uma marca de dois centímetros de profundidade na forma de mão humana, onde a madeira descascou. Olhei para o rosto inconsciente de Paulie, o deus do gêiser, amarrado junto com os cinco semideuses.

— Nero, o que você fez?

— Ah, várias coisas! Encontramos um caminho para esta antecâmara semanas atrás. O Labirinto tem uma abertura conveniente no ninho dos myrmekos. Mas passar por esses portões…

— Você obrigou o Pálico a ajudar você? — Eu tive que me controlar para não jogar meu sino de vento no imperador. — Você usou um espírito da natureza para destruir a natureza? Meg, como pode tolerar isso?

Pêssego rosnou. Pela primeira vez, tive a sensação de que o espírito dos grãos concordava comigo. A expressão de Meg estava tão fechada quanto o portão. Ela ficou olhando com atenção para os ossos que cobriam o chão.

— Não exagere — disse Nero. — Meg sabe que há espíritos da natureza bons e maus. O deus do gêiser era irritante. Ele ficava pedindo para respondermos pesquisas. Além do mais, não devia ter se aventurado até tão longe da fonte de poder dele. Foi bem fácil capturá-lo. O vapor dele, como você pode ver, não nos ajudou muito.

— E os cinco semideuses? — perguntei. — Você também os “usou”?

— Claro. Eu não planejava atraí-los até aqui, mas, cada vez que atacávamos o portão, o bosque começava a implorar por ajuda. Os semideuses não conseguiram resistir. O primeiro a chegar foi esse aqui. — Ele apontou para Cecil Markowitz. — Os últimos dois foram seus filhos, Austin e Kayla, não é? Eles apareceram depois que forçamos Paulie a vaporizar as árvores. Acho que o bosque ficou bem nervoso. Ganhamos dois semideuses pelo preço de um!

Eu perdi o controle. Soltei um uivo gutural e ataquei o imperador, pretendendo esganar aquele cara de pescoço cabeludo. Os germânicos teriam me matado antes de eu chegar a esse ponto, mas fui salvo pela indignidade. Tropecei em uma pélvis humana e caí de barriga nos ossos.

— Apolo!

Meg correu na minha direção.

Rolei de costas e chutei na direção dela como uma criança birrenta.

— Não preciso da *sua* ajuda! Não sabe o que seu protetor fez? Ele é um monstro! Ele é o imperador que…

— Não diga — avisou Nero. — Se você disser “que tocou violino enquanto Roma pegava fogo”, vou mandar Vince e Gary esfolarem você para eu fazer uma armadura de couro nova. Você sabe tão bem quanto eu que nós não *tínhamos* violinos naquela época. E eu *não*

iniciei o Grande Incêndio de Roma.

Eu me esforcei para me levantar.

— Mas você lucrou com ele.

Ao olhar para Nero, eu me lembrei de todos os detalhes mesquinhos do governo dele, a extravagância e a crueldade que o tornaram tão constrangedor para mim, seu ancestral. Nero era aquele parente que você tinha vergonha de convidar para o festival de Lupercália.

— Meg — falei —, seu padrasto ficou olhando sem fazer nada enquanto setenta por cento de Roma virava cinzas. Dezenas de milhares morreram.

— Eu estava a cinquenta quilômetros de Roma, em Anzio! — rosnou Nero. — Voltei correndo para a cidade e liderei pessoalmente as brigadas de incêndio!

— Só quando o fogo ameaçou seu palácio.

Nero revirou os olhos.

— Não posso fazer nada se só cheguei a tempo de salvar a construção mais importante!

Meg tapou os ouvidos.

— Parem de discutir. Por favor.

Eu não parei. Falar parecia melhor do que minhas outras opções: ajudar Nero ou morrer.

— Depois do Grande Incêndio — falei para ela —, em vez de reconstruir as casas do monte Palatino, Nero aplainou o bairro e construiu um novo palácio, a *Domus Aurea*.

Nero ficou com uma expressão sonhadora no rosto.

— Ah, sim… a Casa Dourada. Era linda, Meg! Eu tinha meu próprio lago, trezentos quartos, afrescos de ouro, mosaicos feitos com pérolas e diamantes… finalmente pude viver como um ser humano!

— Você teve a coragem de colocar uma estátua de bronze de trinta metros de altura no gramado da frente! — continuei. — Uma estátua sua como Sol-Apolo, o deus-sol. Em outras palavras, você alegou ser *eu*.

— É verdade — concordou Nero. — Mesmo depois que eu morri, aquela estátua sobreviveu. Soube que ficou conhecida como o Colosso de Nero! Levaram-na para o anfiteatro de gladiadores e todo mundo começou a chamar o local em homenagem à estátua… *Coliseu*. — Nero estufou o peito. — Sim… a estátua foi a escolha perfeita.

O tom dele pareceu ainda mais sinistro do que o habitual.

— Do que você está falando? — perguntei.

— O quê? Ah, nada. — Ele olhou o relógio… um Rolex roxo e dourado. — A questão é que eu tinha estilo! O povo me amava!

Eu balancei a cabeça.

— As pessoas se voltaram contra você. O povo de Roma tinha

certeza de que você foi o responsável pelo Grande Incêndio, então você usou os cristãos como bode expiatório.

Eu sabia que discutir não ia adiantar nada. Se Meg tinha escondido a verdadeira identidade esse tempo todo, eu duvidava de que pudesse fazê-la mudar de ideia agora. Mas talvez eu conseguisse enrolar o bastante até a ajuda chegar. *Se* chegasse.

Nero fez um gesto de indiferença.

— Mas os cristãos eram terroristas. Podem não ter iniciado o incêndio, mas estavam provocando vários outros problemas. Eu percebi isso antes de todo mundo!

— Ele os jogou aos leões — falei para Meg. — E os queimou em fogueiras, do jeito que vai queimar esses seis.

O rosto de Meg ficou verde. Ela olhou para os prisioneiros inconscientes presos nas estacas.

— Nero, você não faria…

— Eles vão ser libertados — prometeu Nero. — Desde que Apolo coopere comigo.

— Meg, você não pode confiar nele — insisti. — Na última vez que fez isso, pendurou cristãos por todo o quintal e os queimou para iluminar uma festa. Eu estava lá. Eu me lembro dos gritos.

Meg botou a mão na barriga.

— Minha querida, não acredite nas histórias dele! — pediu Nero. — São apenas mentiras criadas pelos meus inimigos.

Meg observou o rosto de Paulie, o deus do gêiser.

— Nero… você não falou nada sobre queimá-los.

— Eles não vão queimar — afirmou, se esforçando para suavizar a voz. — Não vai chegar a isso. Besta não vai ter que agir.

— Está vendo, Meg? — Eu balancei o dedo para o imperador. — Nunca é um bom sinal quando uma pessoa começa a se referir a si mesma na terceira pessoa. Zeus me repreendia sempre por isso!

Vince e Gary deram um passo à frente, com os nós dos dedos ficando brancos ao redor da lança.

— Eu tomaria cuidado se fosse você — avisou Nero. — Meus germânicos são sensíveis a insultos ao imperador. Agora, por mais que eu adore falar sobre mim mesmo, nosso tempo está se esgotando. — Ele olhou de novo para o relógio. — Você vai abrir o portão. Depois, Meg vai tentar usar as árvores para interpretar o futuro. Se conseguir, maravilha! Se não… bem, não vamos queimar a carroça na frente dos bois.

— Meg, ele é louco — falei.

Aos pés dela, Pêssego sibilou de forma protetora.

O queixo da menina tremeu.

— Nero cuidou de mim, Apolo. Me deu uma casa. Me ensinou a lutar.

— Você disse que ele matou seu pai!

— Não! — Ela balançou a cabeça com determinação, com pânico nos olhos. — Não, não foi isso que eu falei. *Besta* o matou.

— Mas…

Nero riu com deboche.

— Ah, Apolo… você entende tão pouco. O pai de Meg era fraco. Ela nem se lembra dele. Ele não era capaz de protegê-la. *Eu* a criei. Eu a mantive viva.

Meu coração se apertou ainda mais. Eu não entendia tudo pelo que Meg passara, nem o que estava sentindo agora, mas conhecia Nero. Via com que facilidade poderia distorcer a verdade para uma criança assustada, uma garotinha sozinha, desejando segurança e aceitação depois da morte do pai, mesmo que essa aceitação viesse de um assassino.

— Meg… lamento tanto.

Outra lágrima escorreu pela bochecha da menina.

— Ela não PRECISA da sua solidariedade. — A voz de Nero ficou dura como bronze. — Agora, minha querida, faça a gentileza de abrir o portão. Se Apolo protestar, lembre a ele que tem que seguir suas ordens.

Meg engoliu em seco.

— Apolo, não dificulte as coisas. Por favor… me ajude a abrir o portão.

Balancei a cabeça.

— Eu me recuso.

— Então eu… eu ordeno. Me ajude. Agora.

31

Ei, escute as árvores
Elas sabem o que rola
Elas sabem tudo

A DETERMINAÇÃO DE MEG podia estar oscilando, mas a de Pêssego, não.

Quando hesitei em seguir a ordem de minha mestre, o espírito dos grãos mostrou os dentes e sibilou “Pêssego”, como se isso fosse uma nova técnica de tortura.

— Tudo bem — concordei, com a voz amarga.

A verdade era que eu não tinha escolha. Sentia a ordem de Meg penetrando em meus músculos, me obrigando a obedecer.

Eu me virei para os carvalhos fundidos e coloquei as mãos nos troncos. Não senti qualquer poder oracular. Não ouvi vozes, só um silêncio pesado e teimoso. A única mensagem que as árvores pareciam emitir era: VÃO EMBORA.

Eu me virei para Meg e disse:

— Se fizermos isso, Nero vai destruir o bosque.

— Não vai, não.

— Ele precisa destruir. Nero não consegue controlar Dodona. O poder do bosque é antigo demais. E ele não pode deixar mais ninguém usá-lo.

Meg encostou as mãos nas árvores, logo abaixo das minhas.

— Concentre-se. Abra o portão. Por favor. Você não vai querer enfurecer o Besta.

Ela disse isso baixinho, novamente se referindo ao Besta como se ele fosse alguém que eu ainda não conhecia… um bicho-papão escondido debaixo da cama, não um homem de terno roxo a alguns metros de distância.

Seria impossível me recusar a executar a ordem de Meg, mas talvez devesse ter protestado com mais vigor. Meg poderia ter recuado se eu a desafiasse. Mas aí, Nero ou Pêssego ou os germânicos teriam me matado. Tenho que confessar: eu estava com medo de morrer. Com um medo corajoso, nobre e lindo, verdade. Mas com medo mesmo assim.

Fechei os olhos. Senti a resistência implacável das árvores, a desconfiança que sentiam de estrangeiros. Sabia que, se abrisse o portão à força, o bosque podia ser destruído. Mesmo assim, me esforcei ao máximo e procurei a voz da profecia, atraindo-a para mim.

Pensei em Reia, a rainha dos titãs, que plantou esse bosque. Apesar

de ser filha de Gaia e Urano, apesar de ter sido casada com o rei canibal Cronos, Reia conseguiu cultivar sabedoria e gentileza. Ela deu à luz uma linhagem nova e melhor de imortais (modéstia à parte). Ela representava o melhor dos tempos antigos.

Tudo bem, Reia se afastou do mundo e abriu um estúdio de cerâmica em Woodstock, mas ainda se preocupava com Dodona. Ela me enviou aqui para abrir o bosque, compartilhar do poder dele. Ela não era o tipo de deusa que acreditava em portões fechados e placas de "NÃO ENTRE". Comecei a cantarolar delicadamente "This Land Is Your Land".

Os troncos ficaram quentes debaixo dos meus dedos. As raízes das árvores tremeram.

Olhei para Meg. Ela estava superconcentrada, apoiada nos troncos como se tentando derrubá-los. Tudo nela era familiar: o cabelo curto desgrenhado, os óculos de gatinha que brilhavam, o nariz escorrendo, as cutículas roídas e o leve cheiro de torta de maçã.

Mas eu não a conhecia de verdade, não mesmo. Era enteada do psicopata imortal do Nero. Fazia parte do Lar Imperial. O que isso *significava*? Visualizei os membros da família Soprano de togas roxas, ao redor da mesa de jantar, com Nero na cabeceira fumando um charuto. Ter imaginação vívida é uma maldição terrível.

Infelizmente para o bosque, Meg também era filha de Deméter. As árvores reagiram ao poder dela. Os carvalhos gêmeos rugiram. Os troncos começaram a se mover.

Eu queria parar, mas acabei sendo tragado pelo momento. O bosque parecia estar usando meu poder agora. Minhas mãos estavam grudadas nas árvores. O portão se abriu mais, afastando meus braços com ele. Por um momento apavorante, achei que as árvores continuariam se movendo e arrancariam meus membros. Então, elas pararam. As raízes pararam. O tronco esfriou e me soltou.

Eu cambaleei para trás, exausto. Meg ficou parada, imóvel, diante da passagem recém-aberta.

Do outro lado havia… bem, mais árvores. Apesar do frio do inverno, os carvalhos jovens se erguiam altos e verdes, crescendo em círculos concêntricos ao redor de um carvalho um pouco maior no meio. Cobrindo o chão, os frutos das árvores brilhavam com uma luz âmbar suave. Ao redor do bosque havia um muro de árvores ainda mais incríveis do que as da antecâmara. Acima, outro domo de galhos entrelaçados protegia o local de invasores aéreos.

Antes que eu pudesse preveni-la, Meg entrou no bosque. As vozes explodiram. Imagine quarenta pistolas de pregos disparando no seu cérebro de todas as direções ao mesmo tempo. As palavras não faziam sentido, mas atacaram minha sanidade, impedindo que eu pensasse em qualquer coisa. Cobri os ouvidos. O barulho só ficou mais alto e

mais persistente.

Atordoado, Pêssego enfiou as unhas na terra, tentando enterrar a cabeça. Vince e Gary se contorciam no chão. Até os semideuses inconscientes se debateram e gemeram nas estacas.

Nero recuou, com a mão levantada como se para bloquear uma luz intensa.

— Meg, controle as vozes! Agora!

Meg não pareceu incomodada pelo barulho, mas estava perplexa.

— Elas estão dizendo alguma coisa… — Meg balançou as mãos no ar, puxando fios invisíveis para desemaranhar o pandemônio. — Estão agitadas. Não consigo… Espere…

De repente, as vozes se calaram, como se já tivessem dito tudo o que precisavam dizer.

Meg se virou para Nero com os olhos arregalados.

— É verdade. As árvores me disseram que você deseja queimá-las.

Os germânicos grunhiram, parcialmente conscientes no chão. Nero se recuperou com mais rapidez. Ele levantou o dedo, repreendendo, orientando.

— Me escute, Meg. Eu esperava que o bosque pudesse ser útil, mas está óbvio que está quebrado e confuso. Você não pode acreditar no que ele diz. É a criação de uma rainha titã senil. O bosque tem que ser destruído. É o único jeito, Meg. Você entende isso, não entende?

Ele chutou Gary para que virasse para cima e remexeu nas pochetes do guarda-costas. Então se levantou, triunfante, segurando uma caixa de fósforos.

— Depois do incêndio, prometo que vamos reconstruir tudo — disse ele. — Vai ser glorioso!

Meg olhou para ele como se pela primeira vez estivesse reparando na barba horrível no pescoço.

— Do q-que você está falando?

— Ele vai queimar Long Island — expliquei. — Depois, vai transformar em seu domínio particular, como fez com Roma.

Nero riu, furioso.

— Long Island é uma droga mesmo! Ninguém vai sentir falta. Meu novo complexo imperial vai se estender de Manhattan a Montauk, o maior palácio já construído! Vamos ter rios e lagos particulares e cento e sessenta quilômetros de propriedade à beira-mar, com jardins tão grandes que vão ter CEP próprio. Vou construir para cada pessoa do meu lar um arranha-céu particular. Ah, Meg, imagine as festas que vamos dar na nossa nova *Domus Aurea*!

A verdade pesava demais, e fez os joelhos de Meg cederem.

— Você não pode fazer isso. — A voz dela tremeu. — O bosque… eu sou filha de Deméter.

— Você é *minha* filha — corrigiu Nero. — E me preocupo

profundamente com você. E é por isso que você precisa sair da frente. Rápido.

Ele encostou um fósforo na superfície da caixa.

— Assim que eu acender essas estacas, nossas tochas humanas vão gerar uma onda de fogo direto por aquela entrada. Nada vai conseguir detê-la. A floresta toda vai pegar fogo.

— Por favor! — gritou Meg.

— Venha, minha querida. — Nero franziu mais a testa. — Apolo não tem mais utilidade para nós. Você não quer despertar o Besta, quer?

Ele acendeu o fósforo e andou na direção da estaca mais próxima, onde meu filho Austin estava.

32

Só o Village People
Para proteger a mente
“Y.M.C.A.” Sim

AH, ESSA PARTE É difícil de contar.

Sou um ótimo contador de histórias. Tenho um instinto infalível para o drama. Quero contar o que *devia* ter acontecido: que avancei gritando “Nããããão!” e saltei como um acrobata, jogando o fósforo aceso longe, depois segui com uma série de movimentos de kung fu supervelozes, quebrei a cabeça de Nero e acabei com os guarda-costas dele antes que pudessem reagir.

Ah, sim.

Isso teria sido perfeito.

Mas a verdade me compele.

Maldita verdade!

Na realidade, eu balbuciei alguma coisa como “Nã-hã, bobão!”. Talvez tenha sacudido meu lenço verde e amarelo com a esperança de que sua magia destruísse meus inimigos.

O verdadeiro herói foi Pêssego. O *karpos* deve ter sentido os sentimentos sinceros de Meg, ou talvez só não gostasse da ideia de botar fogo em florestas. Ele saltou sobre o braço de Nero, dando seu grito de guerra — adivinhe —, “Pêssego!”, comeu o fósforo aceso na mão do imperador e caiu a uns poucos metros, limpando a língua e gritando:

— Cante! Cante!

(Eu concluí que devia ser “quente” no dialeto das frutas decíduas.)

A cena teria sido engraçada, não fosse o fato de os germânicos estarem de pé agora, os cinco semideuses e um deus do gêiser continuarem amarrados a postes inflamáveis e Nero ainda estar com uma caixa de fósforos na mão.

O imperador olhou para a mão vazia.

— Meg…? — A voz dele estava gelada como um picolé. — Qual é o significado disso?

— P-pêssego, venha cá! — A voz de Meg estava tensa de medo.

O *karpos* se aproximou dela. Sibilou para mim, para Nero e para os germânicos.

Meg inspirou com dificuldade, se enchendo de coragem.

— Nero… Pêssego está certo. Você… você não pode queimar essas pessoas vivas.

Nero suspirou. Olhou para os guarda-costas em busca de apoio

moral, mas os germânicos ainda pareciam atordoados. Estavam batendo nas têmporas como se tentassem tirar água do ouvido.

— Meg — começou o imperador —, estou me esforçando para manter o Besta longe. Por que você não me ajuda? Sei que é uma boa garota. Eu não teria permitido que andasse sozinha por Manhattan, bancando a menina de rua, se não soubesse que você seria capaz de se cuidar. Mas ser branda com nossos inimigos não é uma virtude. Você é minha enteada. Qualquer um desses semideuses mataria você sem hesitar se tivesse a chance.

— Meg — falei. — Você conheceu o Acampamento Meio-Sangue. Sabe que isso não é verdade!

Ela me observou com inquietação.

— Mesmo… mesmo que fosse verdade… — Ela se virou para Nero. — Você disse para eu nunca me rebaixar ao nível dos meus inimigos.

— É mesmo. — O tom de Nero era áspero como uma corda gasta. — Nós somos melhores. Mais fortes. Construiremos um novo mundo glorioso. Mas essas árvores ininteligíveis estão no nosso caminho, Meg. Como qualquer erva daninha invasiva, elas precisam queimar. E o único jeito de fazer isso é com uma verdadeira conflagração: chamas atiçadas por sangue. Vamos fazer isso juntos sem envolver o Besta, certo?

Finalmente, na minha cabeça, algo estalou. Eu me lembrei de como meu pai me punia séculos atrás, quando eu era um jovem deus aprendendo as regras do Olimpo. Zeus dizia: “Não vá irritar meu raio, garoto.”

Como se o raio tomasse decisões próprias, como se Zeus não tivesse nada a ver com as punições que infligia a mim.

“Não me culpe”, sugeria o tom dele. “Foi o raio que queimou todas as moléculas do seu corpo.”

Muitos anos depois, quando matei os ciclopes que criaram os raios de Zeus, não foi uma decisão impensada. Eu sempre *odiei* aqueles raios. Era mais fácil do que odiar meu pai.

Nero usava o mesmo tom quando se referia a si mesmo como Besta. Ele falava da raiva e da crueldade como se fossem forças fora do seu controle. Se tivesse um ataque de fúria… Bem, ele ia culpar *Meg*.

A percepção me enojou. Meg foi criada para ver o padrasto gentil Nero e o apavorante Besta como duas pessoas diferentes. Eu entendia agora por que ela preferia passar o tempo nos becos de Nova York. Entendia por que seu humor mudava tão rápido, indo de dar estrelas por aí ao silêncio total em questão de segundos. Ela nunca sabia o que podia libertar o Besta.

Meg olhou para mim. Seus lábios tremeram. Queria uma saída, algum argumento eloquente que acalmasse o padrasto e permitisse que ela seguisse sua consciência. Mas eu não era mais um deus cheio

de lábia. Não conseguiria superar um orador como Nero. E não faria o jogo de culpa do Besta.

Então, decidi seguir o estilo de Meg, que sempre era breve e ia direto ao ponto.

— Ele é mau — concluí. — Você é boa. Meg, você tem que fazer sua própria escolha.

Percebi que não era isso que Meg queria ouvir. Ela comprimiu os lábios. Encolheu os ombros como se estivesse se preparando para tomar uma vacina de sarampo, uma coisa dolorosa, mas necessária. Então, colocou a mão na cabeça encaracolada do *karpos*.

— Pêssego — disse ela baixinho, mas firme —, pegue a caixa de fósforos.

O *karpos* agiu na mesma hora. Nero mal teve tempo de piscar antes que Pêssego arrancasse a caixa da mão dele e voltasse para o lado de Meg.

Os germânicos prepararam as lanças. Nero ergueu a mão para impedi-los. Lançou um olhar para Meg que talvez fosse de coração partido… se ele tivesse coração.

— Estou vendo que você não estava pronta para essa tarefa, minha querida — disse ele. — É culpa minha. Vince, Gary, detenham Meg, mas não a machuquem. Isso pode esperar até chegarmos em casa. — Ele deu de ombros com expressão de lamento. — Quanto a Apolo e o demoniozinho das frutas, eles vão ter que ser queimados.

— Não — sussurrou Meg. E então, a plenos pulmões, ela gritou: — NÃO!

E o Bosque de Dodona gritou com ela.

A explosão foi tão poderosa que derrubou Nero e os guardas. Pêssego berrou e bateu a cabeça no chão.

Mas dessa vez eu estava preparado. Quando o coral das árvores de romper os tímpanos foi aumentando, ancorei minha mente na melodia mais chiclete que consegui imaginar. Cantarolei “Y.M.C.A.”; eu me apresentava com o Village People com minha fantasia de operário até que o cacique indígena e eu começamos a discutir por causa de… Deixa pra lá. Isso não é importante.

— Meg! — Tirei o sino de vento do bolso e o joguei para ela. — Coloque isso na árvore do meio! *Y.M.C.A.* Concentre a energia do bosque! *Y.M.C.A.*

Eu não sabia se ela conseguia me ouvir. Meg levantou o sino e o viu balançar e tocar, transformando o coral das árvores em um discurso coerente: *A felicidade se aproxima. A descida do sol; o verso final. Quer saber quais são os pratos do dia?*

O rosto de Meg foi tomado pela surpresa. Ela se virou para o bosque e passou correndo pelo portão. Pêssego engatinhou atrás dela, balançando a cabeça.

Eu queria segui-la, mas não podia deixar Nero e os guardas sozinhos com seis reféns. Ainda cantarolando “Y.M.C.A.”, andei na direção deles.

As árvores gritavam mais alto do que nunca, mas Nero conseguiu ficar de joelhos. Ele tirou algo do bolso do casaco, um frasco, e jogou o líquido no chão à sua frente. Eu duvidava que fosse boa coisa, mas tinha preocupações mais imediatas. Vince e Gary estavam se levantando. Vince me atacou com a lança.

Eu estava com muita raiva, ao ponto do descuido. Segurei a ponta da lança e a empurrei, acertando o queixo de Vince. Ele caiu, atordoado, e eu agarrei sua couraça.

Ele tinha facilmente o dobro do meu tamanho. Eu não liguei. Levantei-o no ar. Meus braços vibravam de força. Eu me sentia invencível e poderoso, como um deus *devia* se sentir. Não fazia ideia de por que meus poderes tinham voltado, mas decidi que não era o momento de questionar minha boa sorte. Girei Vince como um disco e o joguei para o alto com tanta força que ele fez um buraco de formato germânico na copa das árvores e disparou para longe.

Pontos para a Guarda Imperial por ter idiotas corajosos. Apesar da minha exibição de força, Gary me atacou. Com uma das mãos, eu quebrei a lança dele. Com a outra, dei um soco através do escudo e acertei seu peito com força suficiente para derrubar um rinoceronte.

Ele desabou no chão.

Eu encarei Nero. Já conseguia sentir minha força se esvaindo. Meus músculos estavam voltando à flacidez mortal patética. Eu só esperava ter tempo suficiente para arrancar a cabeça de Nero e enfiá-la dentro do terno roxo.

O imperador rosnou.

— Você é um tolo, Apolo. *Sempre* se concentra na coisa errada. — Ele olhou para o Rolex. — Minha equipe de demolição vai chegar a qualquer minuto. Quando o Acampamento Meio-Sangue for destruído, vou transformá-lo no meu jardim! Enquanto isso, você vai estar aqui… apagando o fogo.

Do bolso do colete, ele tirou um isqueiro prateado. Era típico de Nero guardar várias formas de criar fogo ao alcance da mão. Olhei para as faixas brilhantes de óleo que ele derramou no chão… Fogo grego, claro.

— Não! — exclamei.

Nero sorriu.

— Adeus, Apolo. Só faltam onze olimpianos agora.

E largou o isqueiro.

* * *

Não tive o prazer de arrancar a cabeça de Nero.

Se eu poderia tê-lo impedido de fugir? Talvez. Mas as chamas ardiam entre nós, queimando grama e ossos, raízes de árvore e a própria terra. O fogaréu era forte demais para ser apagado pisoteando, isso se o fogo grego *pudesse* ser pisoteado, e estava avançando com voracidade na direção dos seis reféns amarrados.

Deixei Nero ir. De algum modo, ele fez Gary se levantar e arrastou o germânico grogue na direção do formigueiro. Enquanto isso, eu corri até as estacas.

A mais próxima era a de Austin. Passei os braços ao redor da base e puxei, ignorando completamente as técnicas adequadas de levantamento de peso. Meus músculos se repuxaram. Meus olhos saltaram com o esforço. Consegui levantar a estaca o bastante para derrubá-la para trás. Austin se mexeu e gemeu.

Eu o arrastei, com casulo e tudo, para o outro lado da clareira, o mais longe possível do fogo. Eu o teria levado para o Bosque de Dodona, mas tinha a sensação de que não estaria fazendo bem algum a ele se o carregasse para uma clareira sem saída cheia de vozes insanas, no caminho direto das chamas.

Voltei correndo para as estacas. Repeti o processo: soltei Kayla, depois Paulie, o deus do gêiser, depois os outros. Quando levei Miranda Gardiner até um local seguro, o fogo tinha se espalhado em uma onda vermelha furiosa, a centímetros do portão do bosque.

Minha força divina acabara. Meg e Pêssego não estavam por perto. Eu ganhei alguns minutos para os reféns, mas o fogo acabaria consumindo todos nós. Caí de joelhos e chorei.

— Socorro.

Olhei para as árvores sombrias, emaranhadas e agourentas. Eu não esperava ajuda. Não estava nem acostumado a *pedir* ajuda. Eu era Apolo. Os mortais pediam ajuda a *mim*! (Sim, algumas vezes mandei semideuses executarem tarefas triviais em meu nome, como iniciar guerras ou buscar itens mágicos em covis de monstros, mas esses pedidos não contavam.)

— Não consigo fazer isso sozinho. — Imaginei o rosto de Dafne flutuando embaixo do tronco de uma árvore e depois de outra. Em pouco tempo, o bosque pegaria fogo. Eu não podia salvar as árvores, assim como não podia salvar Meg, os semideuses perdidos ou a mim mesmo. — Eu lamento tanto. Por favor… me perdoem.

Minha cabeça devia estar girando pela inalação de fumaça. Comecei a ter alucinações. As formas cintilantes das dríades surgiram das árvores, uma legião de Dafnes usando vestidos verdes. As expressões delas eram de melancolia, como se soubessem que iam morrer, mas avançaram na direção do fogo mesmo assim. Elas levantaram os braços, e a terra entrou em erupção aos pés delas. Uma

torrente de lama caiu nas chamas. As dríades absorveram o calor do fogo no próprio corpo. A pele delas ficou preta. Os rostos endureceram e racharam.

Assim que as últimas chamas morreram, as dríades viraram cinzas. Eu queria poder me juntar a elas. Queria chorar, mas o fogo evaporou toda a umidade dos meus dutos lacrimais. Eu não pedi tantos sacrifícios. Não esperava por eles! Eu me sentia vazio, culpado e envergonhado.

E então, me ocorreu quantas vezes eu *pedi* sacrifícios, quantos heróis mandei para a morte. Por acaso eles eram menos nobres e corajosos do que essas dríades? Mas não senti remorso quando os mandei em missões mortais. Eu os usei e descartei, destruí suas vidas para construir minha glória. Eu era tão monstruoso quanto Nero.

Uma brisa soprou pela clareira, um vento quente nada próprio da estação, que levantou as cinzas e as carregou pela copa das árvores até o céu. Só depois que a brisa acalmou eu percebi que devia ter sido o Vento Oeste, meu antigo rival, me oferecendo consolo. Ele soprou os restos e levou as dríades para sua próxima e bela encarnação. Depois de tantos séculos, Zéfiro aceitou meu pedido de desculpas.

Descobri que ainda possuía lágrimas, afinal.

Atrás de mim, alguém gemeu.

— Onde estou?

Austin havia acordado.

Engatinhei até ele, agora chorando de alívio, e beijei seu rosto.

— Meu filho lindo!

Ele olhou para mim, confuso. As trancinhas estavam salpicadas de cinzas como geada em um campo. Acho que ele demorou um tempo para entender por que estava sendo paparicado por um garoto sujo e meio doido cheio de acne.

— Ah, certo… Apolo. — Ele tentou se mexer. — Mas que diabo…? Por que estou enrolado em ataduras fedidas? Que tal você me soltar?

Comecei a rir histericamente, o que duvidava que ajudaria a tranquilizar Austin. Tentei arrancar as amarras, mas sem sucesso. Então, me lembrei da lança quebrada de Gary. Peguei a ponta e passei vários minutos soltando Austin.

Quando estava livre, ele cambaleou um pouco, tentando fazer o sangue voltar a circular nos membros. Ele observou a cena: a floresta fumegante e os outros prisioneiros. O Bosque de Dodona tinha cessado o coral insano de gritos. (Quando isso aconteceu?) Uma luz âmbar radiante agora brilhava no portão.

— O que está acontecendo? — perguntou Austin. — E onde é que está meu saxofone?

Perguntas sensatas exigiam respostas sensatas. Eu só sabia dizer que Meg McCaffrey ainda estava explorando o bosque, e não gostei do

fato de as árvores terem ficado em silêncio.

Olhei para meus braços mortais fracos. Perguntei-me por que vivenciei uma onda repentina de força divina quando estava enfrentando os germânicos. Minhas emoções deflagraram isso? Seria o primeiro sinal dos meus poderes voltando de vez? Ou Zeus estava de brincadeira comigo de novo, me dando um gostinho do meu antigo poder antes de arrancá-lo novamente? *Lembra como era, garoto? POIS ENTÃO, VOCÊ NÃO VAI TER MAIS!*

Eu desejava poder convocar aquela força mais uma vez, mas teria que me virar.

Entreguei a lança quebrada a Austin.

— Liberte os outros. Já volto.

Ele ficou me olhando, incrédulo.

— Você vai entrar *ali*? É seguro?

— Duvido muito — respondi.

E corri na direção do oráculo.

33

Abandono dói
Nada nele é doce, nada
Não me deixe jamais

AS ÁRVORES ESTAVAM USANDO as vozes interiores.

Quando passei pelo portão, percebi que ainda balbuciavam, soltando frases sem sentido como sonâmbulos em uma festa. Olhei para o bosque. Nenhum sinal de Meg. Chamei o nome dela. As árvores falaram ainda mais alto, me deixando cada vez mais entorpecido. Eu me apoiei no carvalho mais próximo.

— Cuidado aí, cara — disse a árvore.

Segui em frente e ouvi as árvores entoando versos, como se estivessem brincando de rimar:

Azuis as cavernas são
Acerte a coloração
Para o Oeste, queimando
Páginas virando
Indiana
Madura é a banana
A felicidade vem de repente
Baratas e serpentes

Nada fazia sentido, mas cada verso carregava o peso de uma profecia. Senti como se dezenas de declarações importantes, cada uma vital para a minha sobrevivência, estivessem sendo misturadas, colocadas em um revólver e disparadas na minha cara.

(Que imagem poderosa. Vou ter que usar em um haicai.)

— Meg! — chamei de novo.

Nenhuma resposta. O bosque não parecia ser muito grande. Por que ela não me ouvia? Por que eu não a via?

Segui em frente, cantarolando um tom perfeito de Lá em uma frequência de 440 hertz para me manter concentrado. Ao passar pelo segundo círculo de árvores, os carvalhos ficaram mais falantes.

— Ei, amigão, tem uma moeda? — perguntou um.

Outro tentou me contar uma piada sobre um pinguim e uma freira que foram a uma lanchonete.

Um terceiro carvalho recitava um infomercial para um colega, na tentativa de vender um processador de alimentos.

— E você não vai acreditar na qualidade da massa que ele faz!

— Uau! — disse a outra árvore. — Ele faz massas também!

— Linguine fresco em minutos! — anunciou o carvalho vendedor com entusiasmo.

Não entendi por que um carvalho ia querer linguine, mas continuei andando. Mais um minuto ali e eu acabaria comprando o processador de alimentos por três parcelas de apenas 39,99 dólares, e minha sanidade se perderia para sempre.

Finalmente, cheguei ao centro do bosque. Do outro lado, no maior carvalho, Meg estava de costas para o tronco, com os olhos bem fechados. Ainda segurava o sino de vento, mas o objeto parecia esquecido em sua mão. Os cilindros de metal se moveram sem emitir som, encostados no vestido.

Aos pés dela, Pêssego se balançava para a frente e para trás, rindo.

— Maçã? Pêssego! Manga? Pêssego!

Toquei no ombro dela.

— Meg.

Ela se encolheu. Olhou para mim como se eu fosse uma ilusão de ótica inteligente. Os olhos tremiam de medo.

— Não vou aguentar — disse ela. — Não vou aguentar.

As vozes estavam dominando Meg. Era como se cem estações de rádio estivessem tocando ao mesmo tempo, dividindo meu cérebro à força em canais diferentes. Era terrível, mas eu pelo menos estava acostumado com profecias. Meg, por outro lado, era filha de Deméter. As árvores gostavam dela. Estavam todas tentando contar coisas para a menina, lutando por sua atenção. Em pouco tempo, destruiriam por completo sua mente.

— O sino de vento — falei. — Pendure na árvore!

Apontei para o galho mais baixo, bem acima de nós. Eu não conseguiria alcançá-lo sozinho, mas, se levantasse Meg…

Meg recuou, balançando a cabeça. As vozes de Dodona eram tão caóticas que eu não sabia se ela tinha me ouvido. Se tinha, não entendeu ou não confiou em mim.

Precisei deixar meu ressentimento de lado. Ok, Meg era enteada de Nero. Foi enviada para me atrair até ali, e nossa amizade toda era uma mentira. Ela não tinha direito de não confiar em *mim*, mas eu não podia deixar que a amargura me dominasse. Se eu a culpasse pela forma como Nero distorceu as emoções dela, eu não seria melhor do que o Besta. Além do mais, não era porque ela mentiu sobre ser minha amiga que eu não era amigo dela. Ela estava em perigo. Eu não deixaria que se perdesse na loucura das piadas de pinguim do bosque.

Eu me agachei e entrelacei os dedos para servir de apoio.

— Por favor — pedi.

À minha esquerda, Pêssego rolou de costas e gritou:

— Linguine? Pêssego!

Meg fez uma careta. Vi em seus olhos que ela havia decidido cooperar comigo; não por confiar em mim, mas porque Pêssego estava sofrendo.

E eu achando que meu coração não podia ser mais pisoteado. Ser traído era uma coisa. Ser considerado menos importante do que um espírito das frutas de fralda era bem diferente.

Mesmo assim, fiquei firme quando Meg apoiou o pé esquerdo na minha mão. Com toda a força que me restava, eu a levantei. Ela pisou nos meus ombros e apoiou um dos pés na minha cabeça. Nota mental: colocar uma etiqueta no meu couro cabeludo com o aviso — NÃO SUBIR NO ÚLTIMO DEGRAU.

Com as costas apoiadas no carvalho, eu sentia as vozes do bosque subindo pelo tronco e vibrando na casca. A árvore central parecia ser uma grande antena parabólica, captando todas as falas desconexas.

Meus joelhos estavam quase cedendo. As solas dos tênis de Meg esmagavam minha testa. O lá 440 Hz que eu estava cantarolando logo murchou para sol sustenido.

Finalmente, Meg amarrou o sino de vento no galho. Ela pulou no exato momento em que minhas pernas falharam, e nós dois acabamos esparramados no chão.

O sino de vento balançou e tocou, captando notas no vento e transformando dissonância em acordes.

O bosque ficou em silêncio, como se as árvores estivessem ouvindo e pensando *Aaaah, que lindo*.

E então, o chão tremeu. O carvalho central chacoalhou com tanta força que choveram bolotas.

Meg se levantou. Aproximou-se da árvore e encostou no tronco.

— Fale — ordenou ela.

Uma única voz soou do sino de vento, como uma líder de torcida gritando em um megafone:

Houve um deus, Apolo era chamado
Entrou em uma caverna azul acompanhado
Ele e mais dois montados
No cuspidor de fogo alado
A morte e loucura forçado

O sino de vento parou. O bosque mergulhou na calmaria, como se satisfeito com a sentença de morte que me dera.

* * *

Ah, que horror!

Eu aceitaria um soneto sem problemas. Uma quadra teria sido

motivo de comemoração. Mas apenas as profecias mais mortais são passadas na forma de limerique.

Olhei para o sino de vento, torcendo para que falasse de novo e se corrigisse. *Ops, foi mal! Essa profecia era para* outro *Apolo!*

Mas não tive tanta sorte. Recebi um pronunciamento pior do que mil propagandas de máquinas de fazer massa.

Pêssego se levantou. Balançou a cabeça e sibilou para o carvalho, o que expressou meus sentimentos com perfeição. Ele abraçou a perna de Meg como se a garota fosse a única coisa que o impedisse de desaparecer por completo. A cena seria quase fofa, não fossem as presas e os olhos brilhantes do *karpos*.

Meg me olhou com cautela. As lentes dos óculos estavam rachadas.

— Aquela profecia — disse ela. — Você entendeu?

Engoli em seco um monte de fuligem.

— Talvez. Parte dela. Nós precisamos conversar com Rachel…

— Não existe mais *nós*. — O tom de Meg soou tão acre quanto os gases vulcânicos de Delfos. — Faça o que tiver que fazer. É minha última ordem.

Isso me atingiu como uma lança enfiada até o queixo, como se já não bastasse ela ter mentido para mim e me traído.

— Meg, não dá. — Foi impossível disfarçar o tremor na voz. — Você reivindicou meus serviços. Até que minhas provações acabem…

— Eu liberto você.

— Não! — gritei.

Eu não conseguia suportar a ideia de ser abandonado. Não de novo. Não por essa rainha do lixão desgrenhada de quem aprendi a gostar tanto.

— Você *não* pode acreditar em Nero agora — falei. — Você ouviu os planos dele. Ele quer destruir a ilha toda! Você viu o que ele tentou fazer com os reféns.

— Ele… ele não teria queimado ninguém. Ele prometeu. Se segurou. Você viu. Aquele não era o Besta.

Minha caixa torácica parecia uma harpa com as cordas esticadas demais.

— Meg… Nero *é* o Besta. Ele matou seu pai.

— Não! Nero é meu padrasto. Meu pai… meu pai libertou o Besta. Ele o deixou irritado.

— Meg…

— Pare! — Ela tapou os ouvidos. — Você não o conhece. Nero é bom para mim. Vou falar com ele. Vai ficar tudo bem.

Seu estado de negação era tão completo, tão irracional, que vi que não havia como discutir. Ela me lembrou dolorosamente de mim mesmo quando caí na Terra, de como me recusei a aceitar minha nova realidade. Sem a ajuda de Meg, eu teria morrido. Agora, os papéis

estavam invertidos.

Eu me aproximei dela, mas o rosnado de Pêssego me fez parar.

Meg recuou.

— Terminamos por aqui.

— Não, Meg, não mesmo — falei. — Estamos unidos, quer você goste ou não.

Eu me dei conta de que, alguns dias antes, ela havia me dito a mesma coisa.

Ela me lançou um último olhar pelas lentes rachadas. Eu teria dado qualquer coisa para ela ter feito uma careta nesse momento. Queria andar pelas ruas de Manhattan com ela dando estrelas nos cruzamentos. Senti falta de mancar com ela pelo Labirinto, com nossas pernas amarradas. Eu teria aceitado uma boa guerra de lixo em um beco. Mas ela só se virou e saiu correndo, com Pêssego logo atrás. Eles se dissolveram entre as árvores, como Dafne fizera muito tempo antes.

Acima da minha cabeça, uma brisa fez o sino de vento tilintar. Daquela vez, nenhuma voz ecoou das árvores. Eu não sabia por quanto tempo Dodona ficaria em silêncio, mas não queria estar aqui se os carvalhos decidissem contar piadas de novo.

Eu me virei e vi uma coisa estranha aos meus pés: uma flecha com cabo de carvalho e pena verde.

Não devia haver flechas ali. Eu não levei nenhuma para o bosque. Mas estava tão atordoado que não dei importância a isso. Fiz o que qualquer arqueiro faria: peguei a flecha e a coloquei na minha aljava.

34

Nada de Uber
Algum táxi a caminho? Não.
Eu vou é com a Mama

AUSTIN HAVIA SOLTADO OS outros prisioneiros.

Eles pareciam ter sido mergulhados em uma tina de cola e pedaços de algodão, mas, fora isso, não estavam feridos. Ellis Wakefield andava de um lado para outro com os punhos fechados, procurando alguma coisa para socar. Cecil Markowitz, filho de Hermes, estava sentado no chão tentando limpar os tênis com um fêmur de cervo. Austin (que garoto versátil!) tinha conseguido um cantil de água e estava lavando o fluido de fogo grego do rosto de Kayla. Miranda Gardiner, a conselheira-chefe do chalé de Deméter, ajoelhara-se no local onde as dríades se sacrificaram. Ela chorava em silêncio.

O Pálico Paulie flutuou até mim. Como seu companheiro, Pete, a parte inferior de seu corpo era feita de vapor. Da cintura para cima, ele parecia uma versão mais magra e maltratada do companheiro de gêiser. A pele de lama estava rachada como a margem de um rio seco. O rosto murchou, como se toda a umidade tivesse sido sugada dele. Ao ver quanto Nero o afetou, eu acrescentei alguns itens à lista mental que estava preparando: *Algumas formas de torturar um imperador nos Campos de Punição.*

— Você me salvou — disse Paulie, impressionado. — Arrasou!

Ele me abraçou. O poder dele estava tão fraco que o calor do vapor não me matou, só abriu bem meus seios da face.

— Você devia ir para casa — falei. — Pete está preocupado, e você precisa recuperar suas forças.

— Ah, cara... — Paulie secou uma lágrima fumegante do rosto. — É, já estou indo. Mas, se você precisar de qualquer coisa, limpeza a vapor grátis, trabalho de relações públicas, massagem com lama, é só falar.

Quando ele já se dissolvia em névoa, gritei:

— Paulie? Eu daria nota dez por satisfação do cliente para a Floresta do Acampamento Meio-Sangue.

Paulie abriu um sorriso de gratidão. Tentou me abraçar de novo, mas seu corpo já tinha virado noventa por cento vapor. Só senti uma brisa úmida com cheiro de lama. E então, ele sumiu.

Os cinco semideuses se reuniram ao meu redor.

Miranda olhou para um ponto atrás de mim, para o Bosque de Dodona. Seus olhos ainda estavam inchados pelo choro, mas ela tinha

íris lindas, da cor de folhagem.

— Então as vozes que ouvi vindas daquele bosque… O lugar é mesmo um oráculo? Essas árvores podem nos dar profecias?

Estremeci, pensando nos versos dos carvalhos.

— Talvez.

— Posso dar uma olhada…?

— Não — falei. — Não enquanto não entendermos melhor esse bosque.

Eu já havia perdido uma filha de Deméter hoje. Não pretendia perder outra.

— Não estou entendendo — resmungou Ellis. — Você é Apolo? Tipo, *o* Apolo?

— Infelizmente, sou. É uma longa história.

— Ah, deuses… — Kayla observou a clareira. — Pensei ter ouvido a voz de Meg mais cedo. Eu sonhei isso? Ela estava com você? Ela está bem?

Os outros olharam para mim, esperando uma explicação. As expressões eram tão frágeis e hesitantes que decidi que não podia fraquejar na frente deles.

— Ela está… viva — consegui dizer. — Mas teve que ir embora.

— *O quê?* — perguntou Kayla. — Por quê?

— Nero — respondi. — Ela… ela foi atrás de Nero.

— Espere aí — interrompeu Austin. — Quando você diz Nero…

Fiz o melhor que pude para explicar como o imperador louco os capturou. Eles mereciam saber. Enquanto recontava a história, as palavras de Nero ficavam se repetindo na minha mente: *Minha equipe de demolição vai chegar aqui a qualquer minuto. Quando o Acampamento Meio-Sangue for destruído, vou transformá-lo no meu jardim!*

Eu queria acreditar que aquilo era só conversa fiada. Nero sempre amou ameaças e declarações grandiosas. Diferente de mim, ele era um péssimo poeta. Usava linguagem floreada como… bem, como se todas as frases formassem um buquê pungente de metáforas. (Hum, essa também é boa. Vou anotar.)

Por que ele ficava olhando para o relógio? E de que equipe de demolição estava falando? Tive um *flashback* do sonho do ônibus do Sol caindo na direção de uma cabeça gigantesca feita de bronze.

Senti que estava afundando de novo. O plano de Nero ficou horrivelmente claro. Depois de dividir os poucos semideuses que defendiam o acampamento, ele pretendia queimar o Bosque. Mas isso era só parte do ataque…

— Ah, deuses — falei. — O Colosso.

Os cinco semideuses se remexeram, desconfortáveis.

— Que Colosso? — perguntou Kayla. — Você está falando do Colosso de Rodes?

— Não — respondi. — Do *Colossus Neronis*.

Cecil coçou a cabeça.

— Do Colosso Neurótico?

Ellis Wakefield riu com deboche.

— *Você* é um Colosso Neurótico, Markowitz. Apolo está falando da grande estátua de Nero que ficava em frente ao anfiteatro em Roma, não é?

— Infelizmente, sim — concordei. — Enquanto estamos aqui, Nero vai tentar destruir o Acampamento Meio-Sangue. E o Colosso é a equipe de demolição.

Miranda estremeceu.

— Você quer dizer que uma estátua gigantesca está prestes a pisotear o *acampamento*? Achei que o Colosso tivesse sido destruído séculos atrás.

Ellis franziu a testa.

— Em teoria, a Atena Partenos também. Mas agora ela está no alto da Colina Meio-Sangue.

As expressões dos outros ficaram sombrias. Quando um filho de Ares faz uma observação válida, você sabe que a situação está séria.

— Falando em Atena… — Austin tirou um pedaço de pano incendiário do ombro. — A estátua não vai nos proteger? É para isso que ela está lá, certo?

— Ela vai tentar — especulei. — Mas a Atena Partenos retira poder de seus seguidores. Quanto mais semideuses ela tiver sob seus cuidados, mais poderosa fica a magia dela. E agora…

— O acampamento está praticamente vazio — completou Miranda.

— Não só isso — falei —, mas a Atena Partenos tem doze metros de altura. Se minha memória não falha, o Colosso de Nero tinha mais do que o dobro disso.

Ellis resmungou.

— Então, as duas estátuas não estão na mesma categoria. É uma disputa desleal.

Cecil Markowitz se empertigou um pouco.

— Pessoal… vocês sentiram isso?

Achei que ele estivesse fazendo uma das pegadinhas de Hermes. Mas o chão tremeu de novo, bem de leve. De algum lugar ao longe ouvimos um som trovejante, como um navio de guerra roçando em um banco de areia.

— Por favor, me digam que isso foi um trovão — pediu Kayla.

Ellis inclinou a cabeça para prestar atenção.

— É uma máquina de guerra. Um autômato enorme está se aproximando pela margem, a meio quilômetro daqui. Temos que voltar para o acampamento agora.

Ninguém questionou a avaliação de Ellis. Acho que ele conseguia

distinguir entre os sons de máquinas de guerra da mesma maneira que eu conseguia identificar um violino desafinado em uma sinfonia de Rachmaninoff.

Os semideuses aceitaram o desafio. Apesar de terem sido recentemente amarrados, encharcados de fluidos inflamáveis e presos a estacas como tochas humanas, eles se reuniram e me olharam com determinação.

— Como vamos conseguir sair daqui? — perguntou Austin. — Pelos túneis dos myrmekos?

Senti-me sufocado de repente, em parte porque tinha cinco pessoas olhando para mim como se eu soubesse o que fazer. Eu não sabia. Na verdade, se quer saber um segredo, nós deuses normalmente não sabemos. Quando nos pedem respostas, nós costumamos dizer alguma coisa no estilo de Reia: *Você vai ter que descobrir sozinho!* Ou: *A verdadeira sabedoria precisa ser conquistada!* Mas eu achava que isso não funcionaria nessa situação.

Além do mais, eu não estava com a mínima vontade de voltar para o formigueiro. Mesmo se conseguíssemos sair vivos de lá, perderíamos muito tempo. Depois, ainda teríamos que atravessar a floresta.

Fiquei olhando para o buraco no formato de Vince na copa das árvores.

— Acho que nenhum de vocês sabe voar, né?

Eles balançaram a cabeça.

— Eu sei cozinhar — ofereceu Cecil.

Ellis deu um tapa no ombro dele.

Olhei para o túnel dos myrmekos. A solução veio como uma voz sussurrando no meu ouvido: *Você conhece alguém que sabe voar, idiota.*

Era uma ideia arriscada. Por outro lado, lutar contra um autômato gigante também não era o plano de ação mais seguro.

— Acho que tive uma ideia — falei. — Mas vou precisar da ajuda de vocês.

Austin fechou os punhos.

— O que você precisar. Estamos prontos para lutar.

— Na verdade… não preciso que vocês lutem. Preciso que me ajudem a fazer um rap.

* * *

Minha nova grande descoberta: os filhos de Hermes não sabem cantar. Nem de longe.

Que o coraçãozinho cúmplice de Cecil Markowitz seja abençoado: ele se esforçou, mas ficava destruindo meu ritmo com as palmas fora de hora e terríveis sons de microfone. Depois de alguns testes, eu o rebaixei a dançarino. O trabalho dele se resumiu a balançar para a

frente e para trás e chacoalhar as mãos, o que Cecil fez com o entusiasmo de um pastor.

Os outros conseguiram me acompanhar. Eles ainda pareciam galinhas meio depenadas e altamente inflamáveis, mas cantaram com um pouco mais de ritmo.

Comecei a cantar “Mama”, reforçado por um gole d’água e pastilha para a garganta do kit de Kayla. (Que garota engenhosa! Quem leva pastilha para a garganta para uma corrida de três pernas da morte?)

Cantei diretamente na abertura do túnel dos myrmekos, confiando na acústica para carregar minha mensagem. Nós não precisamos esperar muito. A terra começou a tremer sob nossos pés. Eu continuei cantando. Já tinha avisado aos meus companheiros para não pararem até a música terminar.

Mesmo assim, quase perdi o ritmo quando o chão explodiu. Eu estava de olho na saída do túnel, mas Mama não usava túneis. Ela surgia onde queria, nesse caso, direto do chão, a uns vinte metros de nós, borrifando terra, grama e pedrinhas em todas as direções. Ela se aproximou, com as mandíbulas estalando e as asas zumbindo, os olhos pretos grudados em mim. O abdome não estava mais inchado, então supus que ela já havia terminado de depositar a última ninhada de larvas de formigas assassinas. Eu esperava que isso quisesse dizer que estaria de bom humor, não faminta.

Atrás dela, dois soldados alados saíram da terra. Eu não estava esperando formigas extras. (Falando sério, *formigas extras* não é um termo que a maioria das pessoas gostaria de ouvir.) Elas ladearam a rainha, as antenas tremendo.

Terminei minha ode, então me apoiei em um joelho e abri os braços, como tinha feito na última vez.

— Mama — falei —, nós precisamos de carona.

A minha lógica era a seguinte: mães estavam acostumadas a dar carona. Com milhares e milhares de filhotes, eu supus que a formiga rainha fosse a mãe mais dedicada de todas. E, realmente, Mama me segurou com as mandíbulas e me jogou por cima da cabeça.

Ao contrário do que os semideuses possam alegar, eu não me debati, nem gritei, nem caí de um jeito que tenha machucado minhas partes íntimas. Eu caí heroicamente, montado no pescoço da rainha, que não era mais largo do que as costas de um cavalo.

Gritei para os meus camaradas:

— Juntem-se a mim! É perfeitamente seguro!

Por algum motivo, os semideuses hesitaram. As formigas, não. A rainha jogou Kayla atrás de mim. As formigas-soldados seguiram a deixa de Mama e cada uma pegou dois semideuses e os jogou a bordo.

Os três myrmekos bateram as asas com um barulho parecido com o das hélices de um radiador. Kayla agarrou minha cintura.

— Isso é *mesmo* seguro? — gritou ela.

— Claro! — Eu esperava estar certo. — Talvez até mais do que a carruagem do Sol!

— A carruagem do Sol não quase destruiu o mundo uma vez?

— Bom, duas vezes — respondi. — Três, se você contar o dia que deixei Thalia Grace pilotar, mas…

— Deixa pra lá!

Mama subiu em direção ao céu. Galhos retorcidos bloqueavam nosso caminho, mas a rainha não prestou atenção a eles, ou à tonelada de terra que atravessou.

— Se abaixem! — gritei.

Nós nos encostamos na cabeça sólida de Mama enquanto ela passava pelas árvores, deixando mil farpas nas minhas costas. Era tão bom voar de novo que não me importei. Nós subimos acima do bosque e nos dirigimos para o leste.

Por dois ou três segundos, senti apenas alegria.

E então, ouvi os gritos vindos do Acampamento Meio-Sangue.

35

Estátua desnuda
Ou um Colosso Neurótico
Cadê a cueca?

ATÉ MEUS DONS SOBRENATURAIS de descrição me fugiram naquela hora.

Imagine como é se ver representado em uma estátua de bronze de trinta metros, uma réplica da sua magnificência brilhando sob a luz do fim da tarde.

Agora, imagine que essa estátua ridiculamente linda está saindo do Estreito de Long Island e subindo pela margem norte. Na mão, traz um leme de navio, uma lâmina do tamanho de um bombardeiro, presa em uma haste de quinze metros, que o sr. Bonitão está levantando para esmigalhar o Acampamento Meio-Sangue.

Foi essa visão que nos recebeu quando chegamos voando da floresta.

— Como essa coisa está *viva*? — perguntou Kayla. — O que Nero fez? Comprou on-line?

— A Triunvirato S.A. tem muitos recursos — expliquei. — Eles tiveram séculos para se preparar. Quando reconstruíram a estátua, só precisaram enchê-la de magia, normalmente direcionando as forças vitais dos espíritos do vento ou da água. Não tenho certeza. Hefesto entende mais dessas coisas.

— E como matamos a criatura?

— Estou… estou trabalhando nisso.

Por todo o vale, campistas gritavam e corriam para pegar suas armas. Nico e Will estavam se debatendo no lago, aparentemente depois de a canoa deles ter sido virada. Quíron galopava pelas dunas, atacando o Colosso com suas flechas. Até para os meus padrões, Quíron era um excelente arqueiro. Ele mirou nas juntas e fendas, mas seus disparos não pareceram fazer nem cosquinha no autômato. Dezenas de flechas estavam presas às axilas e ao pescoço do Colosso, como pelos descontrolados.

— Mais aljavas! — gritou Quíron. — Rápido!

Rachel Dare cambaleou para fora do arsenal levando umas seis e, depressa, as entregou ao centauro.

O Colosso tentou usar o leme para esmagar o pavilhão de refeições, mas a lâmina se chocou contra a fronteira mágica do acampamento e soltou fagulhas, como se tivesse atingido metal. O sr. Bonitão deu mais um passo em terra firme, porém a barreira o empurrou de volta

com a força de um túnel de vento.

Na Colina Meio-Sangue, uma aura prateada envolvia a Atena Partenos. Eu não sabia se os semideuses podiam ver, mas de vez em quando um raio de luz ultravioleta era disparado do elmo de Atena, que funcionava como um holofote, acertando o peito do Colosso e afastando o invasor. Ao lado dela, no pinheiro alto, o Velocino de Ouro brilhava com energia vibrante. O dragão Peleu sibilava e andava ao redor do tronco, pronto para defender seu território.

Eram forças poderosas, mas não era preciso ser nenhum deus para saber que em breve elas falhariam. As barreiras defensivas do acampamento estavam preparadas para afastar um monstro qualquer ocasional, para confundir mortais e impedir que detectassem o vale e para fornecer uma linha rápida de defesa contra forças invasoras. Um gigante de bronze celestial criminalmente lindo de trinta metros era uma coisa bem diferente. Em pouco tempo o Colosso romperia a barreira e destruiria tudo no caminho.

— Apolo! — Kayla me cutucou. — O que a gente vai fazer?

Respirei fundo, mais uma vez com a percepção desagradável de que esperavam que eu tivesse respostas. Meu primeiro instinto foi pedir que um semideus experiente tomasse a frente. O fim de semana ainda não tinha chegado? Onde estava Percy Jackson? E aqueles pretores romanos Frank Zhang e Reyna Ramírez-Arellano? Sim, eles se sairiam bem.

Meu segundo instinto foi me virar para Meg McCaffrey. Como me acostumei rápido com a presença irritante e estranhamente afável dela! Mas ela tinha ido embora. Sua ausência era um Colosso pisoteando meu coração. (Essa foi uma metáfora fácil de bolar, pois o Colosso estava no momento pisoteando muitas coisas.)

As formigas-soldados ao redor de Mama esperavam as ordens da rainha. Os semideuses me olharam, aflitos, com pedaços aleatórios de pano voando de seus corpos enquanto seguíamos pelos ares.

Eu me inclinei para a frente e, com delicadeza, me dirigi a Mama:

— Sei que não posso pedir que você arrisque sua vida por nós.

Mama zumbiu como se dissesse: *Você está certíssimo!*

— Mas você poderia dar uma volta na cabeça da estátua? — pedi. — Só o bastante para distraí-la. Depois, pode nos deixar na praia?

Ela estalou as mandíbulas, em dúvida.

— Você é a melhor mãe do mundo — acrescentei —, e está linda hoje.

Essa tática sempre funcionava com Leto, e também funcionou com a Mama formiga. Ela tremeu as antenas, talvez enviando um sinal de alta frequência para os soldados, e as três formigas viraram para a direita.

Abaixo de nós, mais campistas entraram na batalha. Sherman Yang

prendera dois pégasos a uma carruagem e agora corria ao redor das pernas da estátua enquanto Julia e Alice jogavam dardos elétricos nos joelhos do Colosso. Os disparos acertaram as juntas e descarregaram raios de luz azul, mas a estátua não deu a mínima. Enquanto isso, nos pés dela, Connor Stoll e Harley usavam lança-chamas idênticos para dar ao Colosso o melhor serviço de derretimento de pés da área, enquanto as gêmeas de Nice cuidavam de uma catapulta, jogando rochas na virilha de bronze celestial do monumento.

Malcolm Pace, um verdadeiro filho de Atena, estava coordenando os ataques de um posto de comando montado às pressas no gramado central. Ele e Nyssa haviam espalhado mapas em uma mesa de jogo e estavam gritando coordenadas de alvos enquanto Chiara, Damien, Paulo e Billie corriam para montar balistas ao redor da lareira comunitária.

Malcolm era um ótimo comandante, a não ser por um detalhe: na correria, ele se esqueceu de vestir a calça. A cueca vermelha causava uma impressão e tanto junto com a espada e a couraça.

Mama mergulhou em direção ao Colosso, fazendo com que meu estômago despencasse junto.

Reservei um momento para apreciar as feições majestosas da estátua, a testa de metal envolta em uma coroa espinhenta que representava os raios de sol. O Colosso deveria ser a representação de Nero como o deus-sol, mas o imperador teve a sabedoria de deixar o rosto mais parecido com o meu do que com o dele. Só a linha do nariz e a barba horrível no pescoço indicavam a feiura característica de Nero.

Além do mais… eu mencionei que a estátua de trinta metros estava totalmente nua? Claro que estava. Os deuses quase sempre são retratados nus, porque somos seres sem defeitos. Por que alguém cobriria a perfeição? Mesmo assim, foi meio desconcertante ver meu eu peladão andando por aí, batendo com um leme de navio no Acampamento Meio-Sangue.

Quando nos aproximamos do Colosso, gritei:

— IMPOSTOR! EU SOU O VERDADEIRO APOLO! VOCÊ É FEIO!

Ah, querido leitor, você não sabe como foi difícil gritar essas palavras para meu próprio rosto lindo, mas eu realmente fiz isso. Para você ver como eu era corajoso!

O Colosso não gostou de ser insultado. Quando Mama e seus soldados se afastaram, a estátua levantou o leme para nos golpear.

Você já colidiu com um bombardeiro? Tive um flashback repentino de Dresden, na Alemanha, em 1945, quando havia tantos aviões no céu que foi impossível encontrar uma pista segura no ar. O eixo da carruagem do Sol ficou desalinhado durante *semanas* depois disso.

Percebi que as formigas não voavam rápido o suficiente para fugir

do alcance do leme. Vi a catástrofe se aproximando em câmera lenta. No último segundo, gritei:

— Mergulhem!

Nós mergulhamos com tudo. O leme passou de raspão nas asas das formigas, mas foi o bastante para nos arremessar em direção à praia.

* * *

Fiquei agradecido pela areia macia.

Comi um monte dela quando caímos.

Por pura sorte, nenhum de nós morreu, mas Kayla e Austin tiveram que me ajudar a me levantar.

— Você está bem? — perguntou Austin.

— Estou — respondi. — Temos que ir logo.

O Colosso olhou para nós, provavelmente tentando discernir se já estávamos agonizando e prestes a morrer ou se precisávamos de uma dor adicional. Eu queria chamar a atenção dele e consegui. Viva.

Olhei para Mama e seus soldados, que estavam se sacudindo para tirar areia da carapaça.

— Obrigado. Agora se salvem. Voem!

Não precisei falar duas vezes. Acho que as formigas têm um medo natural de humanoides enormes prestes a esmagá-las com um pé gigante. Mama e os guardas sumiram zumbindo no céu.

Miranda olhou para eles.

— Eu nunca achei que diria isso sobre insetos, mas vou sentir falta deles.

— Ei! — gritou Nico di Angelo.

Ele e Will subiram as dunas, ainda encharcados por causa do mergulho no lago de canoagem.

— Qual é o plano?

Will parecia calmo, mas eu o conhecia bem o suficiente agora para saber que por dentro estava inquieto como um fio desencapado.

BUM.

A estátua virou na nossa direção. Mais um passo e estaria em cima de nós.

— Não tem uma válvula de controle no tornozelo dela? — perguntou Ellis. — Se conseguirmos abrir…

— Não — falei. — Você está pensando em Talos. Este não é Talos.

Nico afastou o cabelo molhado da testa.

— Qual é nossa outra opção?

De onde eu estava, tinha uma vista linda do nariz do Colosso. As narinas eram seladas com bronze… acho que porque Nero não queria que seus detratores tentassem disparar flechas na cachola imperial.

Eu dei um gritinho.

Kayla segurou meu braço.

— Apolo, o que foi?

Flechas entrando na cabeça do Colosso. Ah, deuses, eu tive uma ideia que nunca, jamais funcionaria. No entanto, parecia melhor do que a outra opção, que era ser esmagado por um pé de bronze de duas toneladas.

— Will, Kayla, Austin — chamei —, venham comigo.

— E Nico — disse Nico. — Tenho atestado médico.

— Tudo bem! — concordei. — Ellis, Cecil, Miranda… façam o que puderem para chamar a atenção do Colosso.

A sombra de um pé enorme escureceu a areia.

— Agora! — gritei. — Se espalhem!

36

Amo uma doença
Quando está na flecha certa
Bum! Tudo bem aí?

ELES SE ESPALHAREM FOI a parte fácil. E os semideuses fizeram isso muito bem.

Miranda, Cecil e Ellis correram em direções diferentes, gritando insultos para o Colosso e balançando os braços. Isso nos deu alguns segundos de folga quando corremos para as dunas, mas eu desconfiava de que o Colosso logo iria atrás de mim. Afinal, eu era o alvo mais importante e atraente.

Apontei para a carruagem de Sherman Yang, que ainda estava rodeando as pernas da estátua em uma tentativa vã de eletrocutar seus joelhos.

— Precisamos confiscar aquela carruagem!

— Como? — perguntou Kayla.

Eu estava prestes a admitir que não fazia ideia quando Nico di Angelo segurou a mão de Will e pisou na minha sombra. Os dois garotos sumiram. Eu tinha me esquecido do poder da viagem nas sombras, o jeito como os filhos do Mundo Inferior conseguiam entrar em uma sombra e reaparecer em outra, às vezes a centenas de quilômetros. Hades adorava surgir de fininho às minhas costas e gritar "OI!" bem na hora em que eu estava disparando uma flecha mortal. Ele achava engraçado quando eu errava o alvo e exterminava acidentalmente a cidade errada.

Austin estremeceu.

— Odeio quando Nico faz isso. Qual é nosso plano?

— Vocês dois são meu apoio — falei. — Se eu errar, se eu morrer… vai depender de vocês.

— Opa, opa — disse Kayla. — O que você quer dizer com "se você errar"?

Peguei minha última flecha, a que encontrei no Bosque de Dodona.

— Vou disparar no ouvido daquele gigante lindo.

Austin e Kayla trocaram olhares, talvez questionando se eu finalmente havia perdido a cabeça devido ao estresse de ser mortal.

— Uma flecha fatal — expliquei. — Vou encantar uma flecha com uma doença, depois dispará-la no ouvido da estátua. A cabeça é oca. Os ouvidos são a única abertura. A flecha deve liberar doença suficiente para matar o poder do Colosso… ou ao menos desabilitá-lo.

— Como você sabe que vai dar certo? — perguntou Kayla.

— Eu não sei, mas…

Nossa conversa foi interrompida pelo pé gigante do Colosso. Pulamos para o lado, escapando por pouco do esmagamento.

Atrás de nós, Miranda gritou:

— Ei, feioso!

Eu sabia que ela não estava falando comigo, mas olhei para trás mesmo assim. Ela levantou os braços, o que fez algas marinhas surgirem das dunas e se enrolarem nos tornozelos da estátua. O Colosso as arrebentou com facilidade, mas elas conseguiram irritá-lo, e com isso distraí-lo. Ver Miranda enfrentar a estátua me deixou com o coração apertado por causa de Meg novamente.

Enquanto isso, Ellis e Cecil pararam dos dois lados do Colosso e começaram a jogar pedras nas canelas dele. Do acampamento, uma saraivada de projéteis flamejantes explodiu no traseiro nu do sr. Bonitão, o que me fez contrair o meu em solidariedade.

— O que você estava dizendo? — perguntou Austin.

— Certo. — Girei a flecha entre os dedos. — Eu sei o que você está pensando. Estou sem os meus poderes divinos. É bem possível que não consiga conjurar a Peste Negra ou a Gripe Espanhola. Mas, mesmo assim, se eu conseguir fazer o disparo de perto, direto na cabeça, talvez cause algum dano.

— E… se isso falhar? — perguntou Kayla.

Reparei que a aljava dela também estava vazia.

— Não vou ter forças para tentar uma segunda vez. Você vai precisar fazer outro disparo. Encontre uma flecha, tente conjurar alguma doença e dispare enquanto Austin guia a carruagem.

Percebi que era uma missão impossível, mas eles a aceitaram em silêncio. Eu não sabia se devia me sentir grato ou culpado. Quando era um deus, achava natural o fato de os mortais terem fé em mim. Agora… eu estava pedindo aos meus filhos para arriscarem a vida de novo, e nem tinha certeza se meu plano funcionaria.

Tive um vislumbre de movimento no céu. Dessa vez, em vez do pé do Colosso, era a carruagem de Sherman Yang, mas sem Sherman Yang. Will fez os pégasos pousarem e arrastou para fora um Nico di Angelo semiconsciente.

— Onde estão os outros? — perguntou Kayla. — Sherman e as filhas de Hermes?

Will revirou os olhos.

— Nico os convenceu a desembarcar.

Como se estivesse esperando uma deixa, ouvi Sherman gritando de algum lugar ao longe:

— Eu vou acabar com você, di Angelo!

— Agora, vão — disse Will. — A carruagem foi feita para três pessoas, e, depois dessa viagem nas sombras, Nico vai desmaiar a

qualquer segundo.

— Não vou, não — reclamou Nico, desmaiando em seguida.

Will pegou Nico no colo e o levou para longe.

— Boa sorte! Vou arrumar um Gatorade para o Lorde das Trevas aqui!

Austin entrou primeiro e tomou as rédeas. Assim que Kayla e eu subimos, voamos a toda para o céu, com os pégasos desviando e girando ao redor do Colosso com habilidade extrema. Comecei a sentir uma pontada de esperança. Nós talvez conseguíssemos superar esse gostosão gigantesco de bronze.

— Agora — falei —, se eu conseguir enfeitiçar essa flecha com uma bela doença…

A flecha tremeu por todo o comprimento.

— *TU NÃO FARÁS ISSO* — disse ela.

* * *

Eu tento evitar armas falantes. Acho-as grosseiras e distrativas. Durante um período, Ártemis teve um arco que xingava como um marinheiro fenício. E certa vez, em uma taverna de Estocolmo, eu conheci um deus absurdamente lindo, mas a espada dele *não* calava a boca.

Mas estou divagando aqui.

Fiz a pergunta óbvia.

— Você está falando comigo?

A flecha se arqueou. (Ah, caramba. Foi um trocadilho horrível. Peço desculpas.)

— *SIM, DE FATO. POR OBSÉQUIO, EU NÃO FUI FEITA PARA SER DISPARADA.*

A voz era claramente masculina, sonora e grave, bem ao modo de um ator shakespeariano fajuto.

— Mas você é uma flecha — falei. — Disparar você é o ponto alto. (Ah, tenho mesmo que tomar cuidado com os trocadilhos.)

— Pessoal, segurem-se! — gritou Austin.

A carruagem mergulhou para evitar o leme do Colosso. Sem o aviso de Austin, eu teria ficado no ar discutindo com minha flecha.

— Então você é feita do carvalho do Bosque de Dodona — supus. — É por isso que fala?

— *PRECISAMENTE* — respondeu a flecha.

— Apolo! — chamou Kayla. — Não sei por que você está falando com a flecha, mas…

Ouvi um reverberante *TOIN!* à minha direita, como um fio de energia arrebentado batendo em um telhado de metal. Em um brilho de luz prateada, as fronteiras mágicas do acampamento desabaram. O

Colosso seguiu em frente e pisou no pavilhão de refeições, transformando-o em escombros, como uma pilha de blocos de brinquedo.

— ...isso acabou de acontecer — continuou Kayla com um suspiro.

O Colosso levantou o leme, triunfante. Ele avançou pelo acampamento, ignorando os campistas que corriam ao redor dos pés dele. Valentina Diaz disparou uma balista na virilha. (Mais uma vez, tive que me encolher em solidariedade.) Harley e Connor Stoll tentaram queimar os pés da estátua com um lança-chamas, sem sucesso. Nyssa, Malcolm e Quíron esticaram apressadamente um cabo de aço no caminho da estátua para que tropeçasse, mas não teriam tempo de prendê-lo direito.

Eu me virei para Kayla.

— Você não consegue ouvir o que a flecha diz?

A julgar pelos olhos arregalados, concluí que a resposta era: *Não, por acaso ter alucinações é de família?*

— Deixa pra lá.

Olhei para a flecha.

— O que você sugere, ó sábia Flecha de Dodona? Minha aljava está vazia. A ponta da flecha apontou para o braço esquerdo da estátua.

— *A AXILA TEM AS FLECHAS DE QUE PRECISAS!*

— O Colosso está indo para os chalés! — gritou Kayla.

— A axila! — gritei para Austin. — Voe… voe para perto da axila!

Não era uma ordem que se ouvia todo dia, mas Austin virou os pégasos em uma subida íngreme. Passamos pela floresta de flechas espetadas na axila do Colosso, mas superestimei completamente meus reflexos mortais. Puxei as hastes, mas terminei de mãos vazias.

Kayla foi mais ágil. Ela pegou um punhado, mas deu um grito quando as puxou.

Eu a segurei para impedi-la de cair. Sua mão sangrava muito, cortada por causa do movimento em alta velocidade.

— Estou bem! — gritou Kayla. Mesmo com o punho fechado, gotas vermelhas pingavam pelo chão da carruagem. — Pegue as flechas!

Eu fiz isso. Depois, puxei o lenço verde e amarelo do pescoço e o entreguei a ela.

— Amarre ao redor da mão — mandei. — Tem ambrosia no bolso do meu casaco.

— Não se preocupe comigo. — O rosto de Kayla estava tão verde quanto o cabelo. — Dispare logo! Vai!

Eu inspecionei as flechas e senti um aperto no coração. Só uma não estava quebrada, mas a haste estava torta. Seria quase impossível disparar.

Olhei de novo para a flecha falante.

— *AFASTA ESSE PENSAMENTO* — disse ela. — *ENCANTA A*

FLECHA TORTA!

Eu tentei. Abri a boca, mas as palavras certas para realizar o encantamento sumiram da minha mente. Como eu temia, Lester Papadopoulos não tinha esse poder.

— Não consigo!

— *VOU AJUDÁ-LO* — prometeu a Flecha de Dodona. — *COMEÇA ASSIM: "DOENÇA, DOENCINHA, DOENÇÃO."*

— O encantamento *não* começa com *doença, doencinha, doenção*!

— Com quem você está falando? — perguntou Austin.

— Com a flecha! Eu… eu preciso de mais tempo.

— Nós não *temos* mais tempo! — Kayla apontou com a mão ensanguentada.

O Colosso estava a poucos passos do gramado central. Eu não sabia se os semideuses se davam conta do perigo que corriam. O Colosso podia fazer bem mais do que achatar construções. Se ele destruísse a lareira de Héstia, o templo sagrado da deusa, extinguiria a própria alma do acampamento. O vale seria amaldiçoado por gerações. O Acampamento Meio-Sangue deixaria de existir.

Percebi que eu havia falhado. Meu plano demoraria tempo demais, isso se eu conseguisse me *lembrar* de como fazer uma flecha mortal. Essa era a minha punição por quebrar um juramento pelo Rio Estige.

E então, de algum lugar acima de nós, uma voz gritou:

— Ei, Bunda de Bronze!

Uma nuvem escura se formou sobre a cabeça do Colosso, como um balão de fala em uma revista em quadrinhos. Das sombras surgiu um cachorro monstruoso peludo e preto, um cão infernal, e montado nas costas dele estava um jovem carregando uma espada de bronze reluzente.

O fim de semana chegara. Percy Jackson estava aqui.

37

Ei! Percy chegou!
Pode dar uma ajudinha?
Eu sou seu mentor

FIQUEI SURPRESO DEMAIS PARA falar. Senão, teria avisado Percy sobre o que estava prestes a acontecer.

Os cães infernais não gostam de grandes alturas. Quando assustados, reagem de forma previsível. Assim que a fiel escudeira de Percy pousou no topo do Colosso em movimento, ela grunhiu e fez xixi na cabeça do dito Colosso. A estátua congelou e olhou para cima, sem dúvida se perguntando o que diabo estava escorrendo por suas costeletas imperiais.

Percy saltou heroicamente da montaria e escorregou no xixi do cão infernal. Ele quase caiu pela testa da estátua.

— Mas que… sra. O'Leary, caramba!

O cão deu um latido de desculpas. Austin guiou nossa carruagem para perto deles.

— Percy!

O filho de Poseidon nos olhou com a testa franzida.

— Tudo bem, quem libertou o sujeito gigantesco de bronze? Foi você, Apolo?

— Estou ofendido! — gritei. — Sou apenas indiretamente responsável por isso! Além do mais, tenho um plano.

— Ah, tem? — Percy olhou para o pavilhão de refeições destruído. — Como ele está indo?

Com minha tranquilidade habitual, eu me mantive concentrado no bem maior.

— Se você puder fazer o favor de impedir esse Colosso de pisotear a lareira do acampamento, já ajudaria bastante. Preciso de mais alguns minutos para enfeitiçar esta flecha.

Levantei a flecha falante por engano, depois levantei a flecha torta.

Percy suspirou.

— Claro.

A sra. O'Leary latiu, alarmada. O Colosso estava levantando a mão para dar um tapa nos invasores.

Percy segurou um dos raios da coroa. Cortou-o na base e o enfiou na testa da estátua. Eu duvidava que o Colosso sentisse dor, mas ele cambaleou, aparentemente surpreso por ter ganhado um chifre de unicórnio na testa.

Percy cortou outro raio.

— Ei, feioso! — gritou ele. — Você não precisa de todas essas coisas pontudas, precisa? Vou levar uma para a praia. Sra. O'Leary, pegue!

Percy jogou o raio como um dardo.

O cão infernal latiu com empolgação. Ela pulou da cabeça do Colosso, se transformou em sombra e reapareceu no chão, correndo atrás do seu novo graveto de bronze.

Percy ergueu as sobrancelhas para mim.

— E aí? Comece o encantamento!

Ele pulou da cabeça para o ombro da estátua. Em seguida, saltou para a haste do leme e deslizou nele como se fosse um poste de bombeiro até o chão. Se eu estivesse no meu nível habitual de capacidade atlética, poderia ter feito algo assim de olhos fechados, claro, mas eu tinha que admitir: Percy Jackson era moderadamente impressionante.

— Ei, Bunda de Bronze! — gritou ele de novo. — Venha me pegar!

O Colosso obedeceu, virando-se lentamente e seguindo Percy até a praia.

Tentei invocar meus antigos poderes como deus das pragas. Dessa vez, as palavras vieram. Não sabia bem por quê. Talvez a chegada de Percy tivesse renovado minha fé. Talvez eu só não tivesse pensado demais no assunto. Já percebi que pensar demais nas coisas costuma interferir na execução. É uma das primeiras lições que os deuses aprendem na carreira.

Meus dedos formigaram, e senti a doença indo até a flecha. Falei sobre como eu era incrível e sobre as várias doenças horríveis que despejei em populações más do passado, porque… bem, eu sou incrível. Conseguia sentir a magia se espalhando, apesar de a Flecha de Dodona ficar sussurrando para mim como um ajudante de palco elisabetano irritante.

— *DIZE: "DOENÇA, DOENCINHA, DOENÇÃO!"*

Abaixo, mais semideuses se juntaram ao grupo indo para a praia. Eles corriam à frente do Colosso, provocando, jogando coisas e chamando-o de Bunda de Bronze. Fizeram piadas sobre o novo chifre. Riram do xixi do cão infernal escorrendo pelo rosto dele. Normalmente, tenho tolerância zero para bullying, principalmente quando a vítima é a minha cara, mas, como o Colosso era do tamanho de um prédio de dez andares e estava destruindo o acampamento deles, acho que a grosseria dos campistas era compreensível.

Terminei o encantamento. Uma névoa verde abominável agora envolvia a flecha. Tinha um cheiro leve de fritura de lanchonete, um bom sinal de que carregava algum mal terrível.

— Estou pronto — falei para Austin. — Me leve para perto do ouvido!

— Pode deixar!

Austin se virou para dizer mais alguma coisa, e um filete de névoa verde passou debaixo do nariz dele. Seus olhos começaram a lacrimejar. O nariz ficou vermelho e começou a escorrer. Ele contraiu o rosto e deu um espirro tão forte que desabou. Ficou caído no chão da carruagem, gemendo e se contorcendo.

— Meu filho!

Queria segurá-lo e ver se ele estava bem, mas como levava uma flecha em cada mão, isso não era aconselhável.

— *AH, DESGRAÇA! FORTE DEMAIS É ESSA DOENÇA.* — A Flecha de Dodona zumbiu com irritação. — *TEU ENCANTAMENTO FOI RIDÍCULO.*

— Ah, não, não, não — falei. — Kayla, tome cuidado. Não respir…

— ATCHIM!

Kayla caiu ao lado do irmão.

— O que eu fiz? — choraminguei.

— *ACHO QUE TU FIZESTE BESTEIRA* — disse a Flecha de Dodona, minha fonte de sabedoria infinita. — *ANDA LOGO! PEGA TU AS RÉDEAS.*

— Por quê?

Era de se imaginar que um deus que guiava uma carruagem diariamente não precisaria fazer uma pergunta dessas. Em minha defesa, eu estava abalado porque meus filhos jaziam semiconscientes aos meus pés. Não considerei que ninguém estava guiando a carruagem. Sem ninguém nas rédeas, os pégasos entraram em pânico. Para evitar o choque contra o enorme Colosso de bronze, eles mergulharam em rota de colisão com o chão.

Não sei como, consegui reagir da forma apropriada. (Três vivas para uma reação apropriada!) Joguei as duas flechas na aljava, segurei as rédeas e consegui controlar o pouso o suficiente para impedir uma tragédia. Nós quicamos em uma duna e paramos na frente de Quíron e um grupo de semideuses. Nossa entrada poderia ter sido mais pomposa se a força centrífuga não tivesse jogado nós três para fora da carruagem.

Já mencionei que fiquei agradecido pela areia macia?

Os pégasos saíram voando, arrastando a carruagem destruída para o céu e nos deixando presos no chão.

Quíron galopou até nós, seguido por um amontoado de semideuses. Percy Jackson também se aproximou, enquanto a sra. O'Leary mantinha o Colosso distraído com uma brincadeira de pique-pega. Duvido que isso fosse sustentar o interesse da estátua por muito tempo, principalmente quando o Colosso percebesse que havia um grupo de alvos logo às suas costas, prontos para serem pisoteados.

— A flecha com a doença está pronta! — anunciei. — Precisamos

disparar no ouvido do Colosso!

Minha plateia não pareceu encarar isso como uma boa notícia. Então percebi que a carruagem não estava mais ali. Meu arco se fora com ela. E Kayla e Austin estavam contaminados com seja lá qual doença conjurei.

— Isso é contagioso? — perguntou Cecil.

— Não! — respondi. — Bom… acho que não. Foram os vapores da flecha…

Todo mundo se afastou de mim.

— Cecil — chamou Quíron —, você e Harley vão levar Kayla e Austin para o chalé de Apolo, para tratamento.

— Mas eles *são* o chalé de Apolo — reclamou Harley. — Além do mais, meu lança-chamas…

— Você pode brincar com o lança-chamas depois — prometeu Quíron. — Vá logo. Bom menino. O restante vai fazer o que puder para manter o Colosso perto da água. Percy e eu vamos ajudar Apolo.

Quíron disse a palavra *ajudar* como se quisesse dizer *dar um pescotapa com violência extrema*.

Quando a multidão se dispersou, Quíron me ofereceu seu arco.

— Faça o disparo.

Olhei para a arma enorme e complexa, cuja corda devia ter uma tensão de mais de quarenta e cinco quilos.

— Isso foi feito para a força de um centauro, não de um adolescente mortal!

— Você criou a flecha — disse ele. — Só você pode disparar sem sucumbir à doença. Só você pode acertar um alvo desses.

— *Daqui?* É impossível! Onde está aquele garoto voador, Jason Grace?

Percy limpou o suor e a areia do pescoço.

— Estamos sem garotos voadores. E os pégasos fugiram.

— Talvez com umas harpias e linha de pipa… — comecei.

— Apolo — interrompeu Quíron —, você tem que fazer isso. Você é o senhor da arqueria e das doenças.

— Não sou senhor de nada! — choraminguei. — Sou um adolescente mortal burro e feio! Não sou *ninguém*!

A autopiedade bateu com tudo. Achei que o chão se abriria ao meio quando chamei a mim mesmo de *ninguém*. O cosmos pararia de girar. Percy e Quíron me tranquilizariam imediatamente.

Nada disso aconteceu. Percy e Quíron só fizeram uma careta.

Percy colocou a mão no meu ombro.

— Você é Apolo. Nós precisamos de você. Você consegue fazer isso. Além do mais, se não conseguir, vou jogar você pessoalmente do alto do Empire State Building.

Essa era exatamente a conversa de que eu precisava, o tipo de coisa

que Zeus me dizia antes dos meus jogos de futebol.

Eu empertiguei os ombros.

— Certo.

— Vamos tentar atraí-lo para a água — disse Percy. — Tenho vantagem lá. Boa sorte.

Percy aceitou a mão estendida de Quíron e pulou nas costas do centauro. Juntos, eles galoparam até o mar, com Percy balançando a espada e gritando vários impropérios relacionados a bundas de bronze para o Colosso.

Eu corri para a praia até conseguir ver a orelha esquerda da estátua.

Ao olhar para aquele perfil majestoso, não vi Nero. Eu me vi, um monumento à minha própria vaidade. O orgulho de Nero não passava de um reflexo do meu. Eu era o pior tolo. Era exatamente o tipo de pessoa que colocaria uma estátua nua de trinta metros de mim mesmo no meu jardim.

Puxei a flecha enfeitiçada da aljava e ajustei o arco.

* * *

Os semideuses estavam ficando ótimos na arte de se espalhar. Eles continuaram a atormentar o Colosso dos dois lados enquanto Percy e Quíron galopavam pela orla, com a sra. O'Leary pulando nos calcanhares da estátua com seu graveto de bronze.

— Ei, feioso! — gritou Percy. — Aqui!

O passo seguinte do Colosso deslocou várias toneladas de água salgada e criou uma cratera grande o bastante para engolir uma picape.

A Flecha de Dodona tremeu na aljava.

— *SOLTA TEU AR* — aconselhou ela. — *RELAXA TEU OMBRO.*

— Eu *já* usei um arco antes — resmunguei.

— *PRESTA ATENÇÃO NO TEU COTOVELO DIREITO* — disse a flecha.

— Cala a boca.

— *E NÃO MANDES TUA FLECHA CALAR A BOCA.*

Eu puxei a corda. Meus músculos arderam, como se água fervendo estivesse sendo derramada nos meus ombros. A flecha enfeitiçada não me fez desmaiar, mas os vapores desorientavam. A haste torta tornou qualquer cálculo impossível. O vento estava contra mim. A curva do disparo seria alta demais.

Mesmo assim eu mirei, expirei e soltei a corda.

A flecha girou enquanto disparava para cima, perdendo força e desviando para a direita. Meu coração despencou. Claro que a maldição do Rio Estige me negaria qualquer chance de sucesso.

No momento em que a flecha atingiu o ápice da subida e estava prestes a cair, um sopro de vento a pegou… talvez Zéfiro, olhando com gentileza minha tentativa pífia. A flecha entrou no canal auditivo do Colosso e ricocheteou dentro da cabeça dele com um *clink, clink, clink*, como uma máquina caça-níqueis.

O Colosso parou. Olhou para o horizonte como se estivesse confuso. Virou o rosto para o céu, arqueou as costas e caiu para a frente, como um tornado destruindo o telhado de um armazém. Como sua cara não tinha nenhum outro orifício, a pressão do espirro gerou gêiseres de óleo de motor pelos ouvidos, respingando as dunas com sujeira nociva ao meio ambiente.

Sherman, Julia e Alice cambalearam até mim, cobertos da cabeça aos pés de areia e óleo.

— Agradeço por ter libertado Miranda e Ellis — rosnou Sherman —, mas vou matar você depois por ter roubado minha carruagem. O que você fez com o Colosso? Que tipo de doença faz você espirrar?

— Acho que não conjurei uma doença mortal… Acho que dei ao Colosso uma crise de febre do feno.

Sabe aquela pausa horrível quando você está esperando alguém espirrar? A estátua arqueou as costas de novo, e todo mundo na praia se encolheu na expectativa. O Colosso inspirou vários hectares cúbicos de ar pelos ouvidos, se preparando para o próximo espirro.

Eu imaginei os piores cenários: o Colosso espirraria e jogaria Percy Jackson em Connecticut, onde ele jamais seria encontrado. O Colosso balançaria a cabeça e depois pisotearia todos nós. A febre do feno deixava as pessoas mal-humoradas. Eu sabia disso porque *inventei* a febre do feno. Mesmo assim, não foi minha intenção que fosse um mal que matasse. Certamente não previ que enfrentaria a fúria de um autômato gigante de metal com alergias sazonais. Maldita seja minha falta de visão! Maldita seja minha mortalidade!

O que *não* levei em consideração foi o dano que nossos semideuses já tinham provocado às juntas de metal do Colosso, em particular ao pescoço.

O Colosso se balançou para a frente com um *ATCHIM!* estrondoso. Eu me encolhi e quase perdi o momento decisivo, quando a cabeça da estátua sofreu uma separação em primeiro grau do corpo. Ela disparou pelo Estreito de Long Island, girando sem parar. Bateu na água com um barulhão e boiou ali por um momento. Então, ar jorrou do buraco do pescoço, e a bela face majestosa deste que vos fala afundou sob as ondas.

O corpo decapitado da estátua oscilou. Se tivesse caído para trás, poderia ter destruído ainda mais o acampamento. Mas ele caiu para a frente. Percy soltou um palavrão que daria orgulho a qualquer marinheiro fenício. Quíron e ele correram para o lado para não serem

esmagados enquanto a sra. O'Leary se dissolvia sabiamente nas sombras. O Colosso caiu na água e gerou ondas de doze metros para bombordo e estibordo. Eu nunca tinha visto um centauro pegar jacaré num tubo, mas Quíron se saiu muito bem.

O rugido da queda final da estátua finalmente parou de ecoar nas colinas.

Ao meu lado, Alice Miyazawa assobiou.

— Nossa, isso foi um tombo de respeito.

Sherman Yang perguntou, com surpresa na voz:

— Mas que Hades acabou de acontecer?

— Acho que o Colosso perdeu a cabeça — respondi.

38

Depois de espirrar
Cuidar e até analisar
Pior deus? Eu mesmo

A DOENÇA SE ESPALHOU.

Este foi o preço da nossa vitória: um surto de febre do feno. A maioria dos campistas estava tonta, grogue e muito congestionada, mas fiquei satisfeito de nenhum perder a cabeça ao espirrar, porque os estoques de atadura e fita adesiva estavam no fim.

Will Solace e eu passamos a noite cuidando dos feridos. Will tomou a frente, o que achei ótimo; eu estava exausto. O que mais fiz foi imobilizar braços quebrados e distribuir remédio para resfriado e lenços de papel. Também tentei impedir Harley de roubar todos os adesivos de carinha feliz da enfermaria, que ele colou por todo o lança-chamas. Fiquei agradecido pela distração, pois me impediu de pensar muito nos eventos do dia.

Sherman Yang fez a gentileza de aceitar não matar Nico por roubar sua carruagem, nem a mim por estragá-la, mas fiquei com a sensação de que o filho de Ares estava deixando suas opções abertas para depois.

Quíron disponibilizou cataplasmas de cura para os casos mais fortes de febre do feno. Isso incluía Chiara Benvenuti, cuja sorte a deixou na mão pela primeira vez. Estranhamente, Damien White ficou doente logo depois que soube que Chiara estava doente. Os dois ficaram em camas próximas na enfermaria, o que achei meio suspeito, apesar de eles ficarem censurando um ao outro sempre que sabiam que estavam sendo observados.

Percy Jackson passou várias horas recrutando baleias e hipocampos para ajudá-lo a rebocar o Colosso. Ele decidiu que seria mais fácil puxá-lo para o fundo do mar, até o palácio de Poseidon, onde poderia ser utilizado como enfeite de jardim. Eu não sabia bem o que sentir sobre isso. Imaginei que Poseidon fosse substituir o belo rosto da estátua pela cara barbada e feia dele. Mas eu queria o Colosso longe, e duvidava que a estátua coubesse nos cestos de lixo do acampamento.

Graças aos cuidados de Will e a um jantar quente, os semideuses que resgatei na floresta logo recuperaram as forças. (Paulo alegou que foi porque ele balançou seu lenço acima da cabeça de cada um, e eu que não ia discutir.)

Quanto ao acampamento em si, o dano poderia ter sido bem pior. O píer das canoas teria que ser reconstruído. As crateras dos passos do

Colosso podiam ser transformadas em trincheiras convenientes ou lagos de carpas.

O pavilhão de refeições fora reduzido a escombros, mas Nyssa e Harley estavam confiantes que Annabeth Chase poderia recriar o ambiente quando voltasse ao acampamento. Com sorte, seria reconstruído a tempo para o próximo verão.

O único outro dano maior foi ao chalé de Deméter. Eu não percebi durante a batalha, mas o Colosso pisou nele antes de se virar para a praia. Em retrospecto, o caminho de destruição parecia quase proposital, como se o autômato tivesse subido em terra, pisado no chalé 4 e voltado para o mar.

Considerando o que aconteceu com Meg McCaffrey, tive dificuldade de não encarar isso como um mau presságio. Miranda Gardiner e Billie Ng receberam camas temporárias no chalé de Hermes, mas por bastante tempo naquela noite ficaram sentadas, completamente atordoadas em meio às ruínas enquanto margaridas surgiam ao redor das duas no chão congelado de inverno.

Apesar da exaustão, tive um sono agitado. Não me importei com os espirros constantes de Kayla e Austin, nem com o ronco suave de Will ou com os jacintos florescendo na janela, preenchendo o quarto com seu perfume melancólico. Mas não conseguia parar de pensar nas dríades lutando contra as chamas na floresta, ou em Nero e Meg. A Flecha de Dodona estava quieta, ainda na minha aljava, mas eu desconfiava que receberia mais conselhos shakespearianos irritantes em breve. Eu não ansiava pelo que teria a me dizer sobre meu futuro.

Ao nascer do sol, eu me levantei em silêncio, peguei meu arco, a aljava e o ukulele de combate e caminhei até o cume da Colina Meio-Sangue. O dragão guardião, Peleu, não me reconheceu. Quando me aproximei demais do Velocino de Ouro, ele sibilou, então tive que me sentar um pouco mais afastado, aos pés da Atena Partenos.

Não me importei de não ser reconhecido. No momento, não *queria* ser Apolo. Toda a destruição que eu via no acampamento… era minha culpa. Eu fui cego e complacente. Permiti que os imperadores de Roma, inclusive um de meus próprios descendentes, ganhassem poder nas sombras. Deixei que minha antiga rede grandiosa de oráculos ruísse ao ponto de até Delfos estar perdido. Quase provoquei o fim do próprio Acampamento Meio-Sangue.

E Meg McCaffrey… Ah, Meg, onde você estava?

Faça o que tiver que fazer, ela me dissera. *É minha última ordem.*

Aquela ordem tinha sido vaga o bastante para me permitir ir atrás dela. Afinal, estávamos unidos agora. O que eu *tinha que fazer* era encontrá-la. Eu me perguntei se Meg havia elaborado a ordem daquele jeito de propósito ou se isso era só no que eu queria acreditar.

Olhei para o rosto sereno de alabastro de Atena. Na vida real, ela

não era tão pálida nem parecia tão indiferente... Bem, ao menos na maior parte do tempo. Eu me perguntei por que o escultor, Fídias, escolheu fazer com que ela parecesse tão inalcançável, e se Atena aprovava. Nós, deuses, costumávamos debater quanto os humanos podiam mudar nossa própria natureza só pela forma como nos retratavam ou nos imaginavam. Durante o século XVIII, por exemplo, eu não consegui escapar da peruca branca, por mais que tentasse. Dentre os imortais, o assunto sobre quanto os humanos nos influenciavam era tabu.

Talvez eu merecesse minha forma atual. Depois do meu descuido e da minha tolice, talvez a humanidade *devesse* me ver como nada além de Lester Papadopoulos.

Suspirei.

— Atena, o que você faria no meu lugar? Alguma coisa inteligente e prática, imagino.

Atena não me respondeu. Só observou calmamente o horizonte, como sempre.

Eu não precisava que a deusa da sabedoria me dissesse o que fazer. Eu sabia que devia ir embora do Acampamento Meio-Sangue imediatamente, antes que os campistas acordassem. Eles me acolheram para me proteger, e quase levei todos à morte. Eu não conseguia suportar a ideia de colocá-los em um perigo ainda maior.

Mas, ah, como eu queria ficar com Will, Kayla, Austin... meus filhos mortais. Eu queria ajudar Harley a colar carinhas sorridentes no lança-chamas. Queria conquistar Chiara e roubá-la de Damien... ou talvez roubar Damien de Chiara, eu ainda não tinha certeza. Queria melhorar minha música e arqueria por meio daquela atividade estranha conhecida como *treino*. Eu queria ter um lar.

Vá embora, eu disse a mim mesmo. *Agora*.

Como eu era um covarde, esperei demais. Abaixo de mim, as luzes dos chalés começaram a se acender. Campistas saíram pelas portas. Sherman Yang começou seu alongamento matinal. Harley correu pelo gramado, levantando o sinalizador para Leo Valdez, esperando que finalmente funcionasse.

Por fim, duas figuras familiares me viram. Elas se aproximaram vindas de direções diferentes, da Casa Grande e do chalé 3, subindo a colina ao meu encontro: Rachel Dare e Percy Jackson.

* * *

— Eu sei no que você está pensando — disse Rachel. — Não faça isso.

Fingi surpresa.

— Você consegue ler minha mente, srta. Dare?

— Não preciso. Eu conheço você, lorde Apolo.

Uma semana antes, a ideia teria me feito dar gargalhadas. Uma mortal não podia me *conhecer*. Eu tinha vivido quatro milênios. Olhar para a minha verdadeira forma vaporizaria qualquer humano. Mas, agora, as palavras de Rachel pareciam perfeitamente razoáveis. Com Lester Papadopoulos, tudo estava exposto. E não havia muito a conhecer.

— Não me chame de *lorde*. — Soltei um suspiro. — Sou só um adolescente mortal. Não pertenço a este acampamento.

Percy se sentou ao meu lado. Apertou os olhos contra o sol nascente, a brisa do mar bagunçando seu cabelo.

— É, eu também achava que aqui não era o meu lugar.

— Não é a mesma coisa — falei. — Vocês, humanos, mudam, crescem e amadurecem. Deuses, não.

Percy me olhou.

— Tem certeza? Você parece bem diferente.

Acho que ele pretendia fazer um elogio, mas não achei as palavras reconfortantes. Se eu estava ficando mais humano, isso não era motivo de comemoração. Era verdade que consegui usar alguns dos meus poderes divinos quando mais importava (uma explosão de força divina contra os germânicos, uma flecha com febre do feno contra o Colosso), mas eu não podia contar com essas habilidades. Eu nem sabia como as tinha conjurado. O fato de ter limites e de não poder ter certeza de *quais* eram esses limites… Bem, isso fazia com que eu me sentisse bem mais Lester Papadopoulos do que Apolo.

— Os outros oráculos precisam ser encontrados e protegidos — falei. — Não posso fazer isso se não sair do Acampamento Meio-Sangue. E não quero colocar a vida de mais ninguém em risco.

Rachel se sentou do meu outro lado.

— Você parece resoluto. Recebeu uma profecia no bosque?

Estremeci.

— Temo que sim.

Ela colocou as mãos nos joelhos.

— Kayla disse que você estava falando com uma flecha ontem. Ela é feita da madeira do Bosque de Dodona?

— Espere aí — interrompeu Percy. — Você encontrou uma flecha falante que revelou uma profecia?

— Não seja bobo — falei. — A flecha fala, mas quem me deu a profecia foi o próprio bosque. A Flecha de Dodona só dá conselhos aleatórios. É bem irritante.

A flecha tremeu na minha aljava.

— De qualquer modo — continuei —, preciso ir embora do acampamento. A Triunvirato S.A. quer dominar todos os oráculos antigos. Eu tenho que impedi-los. Quando tiver derrotado os antigos imperadores… só então vou poder enfrentar meu amigo Píton e

libertar o Oráculo de Delfos. Depois disso… se eu sobreviver… pode ser que Zeus me deixe voltar ao Olimpo.

Rachel puxou uma mecha de cabelo.

— Você sabe que fazer isso sozinho é perigoso, certo?

— Escute o que ela diz — pediu Percy. — Quíron me contou sobre Nero e essa empresa maluca.

— Eu agradeço a oferta, mas…

— Calma lá. — Percy levantou as mãos. — Só para deixar claro, não estou me oferecendo para ir com você. Ainda tenho que terminar meu último ano no colégio, passar no APIS e no exame de admissão da faculdade e evitar que minha namorada me mate. Mas tenho certeza de que podemos conseguir outros ajudantes.

— Eu vou — ofereceu Rachel.

Eu balancei a cabeça.

— Meus inimigos *adorariam* capturar alguém tão querido para mim quanto a sacerdotisa de Delfos. Além do mais, preciso que você e Miranda Gardiner fiquem aqui e estudem o Bosque de Dodona. Por enquanto, é nossa única fonte de profecias. E como nossos problemas de comunicação não desapareceram, aprender a usar seu poder é de suma importância.

Rachel tentou esconder, mas consegui ver decepção nas rugas ao redor de sua boca.

— E Meg? — perguntou ela. — Você vai tentar encontrá-la, não vai?

Daria no mesmo se ela tivesse enfiado a Flecha de Dodona no meu peito. Olhei para a floresta, aquela área enevoada e verde que tinha engolido a jovem McCaffrey. Por um breve momento, me senti como Nero: tinha vontade de queimar tudo aquilo.

— Vou tentar — falei —, mas Meg não quer ser encontrada. Ela está sob a influência do padrasto.

Percy passou as mãos pelo dedão da Atena Partenos.

— Eu já perdi gente demais para péssimas influências: Ethan Nakamura, Luke Castellan… Nós quase perdemos Nico… — Ele balançou a cabeça. — Não. Não mais. Você não pode desistir de Meg. Vocês estão unidos. Além do mais, ela é do grupo dos mocinhos.

— Eu já conheci muita gente do grupo dos mocinhos — falei. — A maioria foi transformada em bestas, estátuas ou… ou árvores… — Minha voz falhou.

Rachel colocou a mão na minha.

— As coisas nem sempre precisam terminar da mesma maneira, Apolo. Essa é a parte boa de ser humano. Nós só temos uma vida, mas podemos escolher que tipo de história queremos ter.

Isso me pareceu otimista demais. Eu havia passado séculos vendo os mesmos padrões de comportamento se repetindo sem parar em

humanos que se achavam terrivelmente inteligentes e que estavam fazendo uma coisa que nunca havia sido feita antes. Eles achavam estar criando as próprias histórias, mas só percorriam as mesmas velhas narrativas, geração após geração.

Ainda assim… talvez a persistência fosse a maior virtude dos mortais, no fim das contas. Eles nunca pareciam perder as esperanças. De tempos em tempos, *conseguiam* me surpreender. Eu nunca previ Alexandre, o Grande, Robin Hood ou Billie Holiday. Para falar a verdade, nunca previ Percy Jackson e Rachel Elizabeth Dare.

— Eu… eu espero que vocês estejam certos.

Rachel deu um tapinha na minha mão.

— Nos conte a profecia que ouviu no bosque.

Minha respiração saiu trêmula. Não queria falar as palavras. Tive medo de elas despertarem o bosque e nos mergulharem em uma cacofonia de profecias, piadas ruins e musiquinhas de propaganda. Mas recitei os versos.

Houve um deus, Apolo era chamado
Entrou em uma caverna azul acompanhado
Ele e mais dois montados
No cuspidor de fogo alado
A morte e loucura forçado

Rachel cobriu a boca.

— Um limerique?

— Pois é! — choraminguei. — Estou condenado!

— Esperem aí. — Os olhos de Percy brilharam. — Esses versos… Eles significam o que eu penso?

— Bem — falei. — Acredito que a caverna azul se refira ao Oráculo de Trofônio. Era… um oráculo antigo muito perigoso.

— Não — disse Percy. — Os *outros* versos. *Dois no lombo, cuspidor de fogo,* blá-blá-blá.

— Ah. Não tenho ideia do que isso significa.

— O sinalizador de Harley. — Percy riu, mas eu não conseguia entender por que parecia tão satisfeito. — Ele disse que você fez um ajuste na sintonia. Acho que funcionou.

Rachel estreitou os olhos para ele.

— Percy, o que você… — A expressão dela se suavizou. — Ah. *Ah.*

— Houve outros versos? — perguntou Percy. — Além do limerique?

— Vários — admiti. — Trechos que não entendo. *A descida do sol, o verso final.* Hum… *Indiana, banana. A felicidade se aproxima.* Alguma coisa sobre *páginas queimando*.

Percy bateu no joelho.

— Pronto. *A felicidade se aproxima.* Em latim, Feliz é um nome… Bem, ao menos uma versão dele. — Ele se levantou e observou o horizonte. Seus olhos se fixaram em uma silhueta ao longe. Um sorriso se abriu em seu rosto. — Apolo, sua escolta está a caminho.

Eu segui seu olhar. Uma criatura alada enorme feita de bronze celestial descia das nuvens, cintilando ao sol. Nas costas dela estavam duas figuras humanas.

A descida foi silenciosa, mas na minha mente a melodia alegre do Valdezinator proclamava as boas notícias.

Leo estava de volta.

39

Quer bater no Leo?
Algo supercompreensível
O Garanhão mereceu

OS SEMIDEUSES TIVERAM QUE pegar senha.

Nico saiu distribuindo papeizinhos com números, gritando:

— A fila começa à esquerda! Fila única, pessoal!

— Isso é mesmo necessário? — perguntou Leo.

— É — disse Miranda Gardiner, que pegou o primeiro número.

Ela deu um soco no braço de Leo.

— Ai! — reclamou ele.

— Você é um idiota e a gente odeia você — disse Miranda. Em seguida, o abraçou e lhe deu um beijo na bochecha. — Se desaparecer outra vez, vamos fazer fila para *matar você*.

— Tudo bem, tudo bem!

Miranda teve que ir embora, porque a fila estava ficando bem comprida atrás dela. Percy e eu nos sentamos à mesa de piquenique com Leo e sua companheira, ninguém menos do que a feiticeira imortal Calipso. Embora Leo estivesse recebendo socos de todo mundo no acampamento, eu tinha certeza de que ele era a pessoa *menos* desconfortável ali.

Quando se viram, Percy e Calipso deram um abraço constrangido. Eu não testemunhava um cumprimento tão tenso desde que Pátroclo conheceu o prêmio de guerra de Aquiles, Briseida. (Longa história. Fofoca das boas. Me pergunte depois.) Calipso nunca gostou de mim, então fez questão de me ignorar, mas fiquei esperando que gritasse "BU!" e me transformasse em perereca. O suspense estava me matando.

Percy abraçou Leo, nada de socos. Mesmo assim, o filho de Poseidon parecia indignado.

— Não consigo acreditar — disse ele. — Seis meses…

— Eu já falei — disse Leo. — Nós tentamos mandar mais pergaminhos holográficos. Tentamos mensagens de Íris, visões em sonhos, telefonemas. Nada funcionou. Ai! Oi, Alice, como vai? Enfim, nós tivemos um problema atrás do outro.

Calipso assentiu.

— A Albânia foi particularmente difícil.

Do meio da fila, Nico di Angelo gritou:

— Por favor, não mencionem a Albânia! E aí, quem é o próximo? A fila é única.

Damien White deu um soco no braço de Leo e saiu andando e sorrindo. Eu não sabia nem se Damien conhecia Leo. Acho que ele só não podia perder a chance de dar um soco em alguém.

Leo massageou o bíceps.

— Ei, não é justo. Aquele cara está voltando para a fila. Mas, como eu estava dizendo, se Festus não tivesse captado o sinal daquele sinalizador ontem, nós ainda estaríamos voando por aí, procurando um jeito de sair do Mar de Monstros.

— Ah, odeio aquele lugar — disse Percy. — Eles têm um ciclope enorme, Polifemo…

— Não é? — concordou Leo. — Qual é a do *bafo* daquele cara?

— Meninos — disse Calipso —, que tal a gente se concentrar no presente?

Ela não olhou para mim, mas tive a impressão de que com "presente" ela quis dizer "esse ex-deus tolo e seus problemas".

— É — disse Percy. — Esses problemas de comunicação… Rachel Dare acha que tem alguma coisa a ver com essa tal de empresa Triunvirato.

Rachel tinha ido à Casa Grande chamar Quíron, mas Percy nos contou de forma resumida o que ela havia descoberto sobre os imperadores e a corporação do mal. Claro que não sabíamos muito. Depois dos socos de mais seis pessoas, o filho de Hefesto já estava inteirado do assunto.

Ele massageou o braço dolorido.

— Cara, por que não me surpreende corporações modernas serem chefiadas por imperadores romanos zumbis?

— Eles não são zumbis — falei. — E não sei se eles chefiam *todas* as corporações…

Leo descartou minhas explicações.

— Mas eles estão tentando conquistar os oráculos.

— Sim — concordei.

— E isso é ruim.

— Muito.

— Então você precisa da nossa ajuda. Ai! Ei, Sherman. Onde você arrumou essa cicatriz, cara?

Enquanto Sherman contava para Leo a história da Chutadora de Virilhas McCaffrey e do Bebê Demônio Pêssego, eu observei Calipso.

Ela estava bem diferente do que eu lembrava. O cabelo ainda era comprido e tinha aquele tom castanho e caramelo. Os olhos amendoados ainda eram escuros e inteligentes. Mas, agora, em vez de quíton, ela usava uma calça jeans moderna, uma blusa branca e um casaco de esqui rosa-shocking. Parecia mais nova, da minha idade mortal. Eu me perguntei se ela foi punida com a mortalidade por abandonar a ilha encantada. Se foi, não parecia justo manter a beleza

inigualável. Ela não tinha banha nem acne.

Enquanto eu a examinava, ela esticou dois dedos na direção do outro lado da mesa de piquenique, onde uma jarra de limonada suava à luz do sol. Eu já a vira fazer esse tipo de coisa, ordenar que seus servos aéreos invisíveis levassem objetos até ela. Daquela vez, nada aconteceu.

Uma expressão de decepção surgiu em seu rosto. E então, ela se deu conta de que eu estava olhando. Suas bochechas ficaram vermelhas.

— Desde que deixei Ogígia, não tenho mais poderes — admitiu ela. — Sou totalmente mortal. Não perco as esperanças, mas…

— Quer beber alguma coisa? — perguntou Percy.

— Pode deixar.

Leo alcançou a jarra primeiro.

Eu não esperava sentir solidariedade por Calipso. Nós dissemos palavras duras um para o outro no passado. Alguns milênios atrás, eu me opus à petição dela para sair de Ogígia antes do prazo determinado por causa de um… ah, um drama entre nós. (Longa história. Fofoca das boas. *Não* me pergunte depois.)

Mesmo assim, como deus caído, eu entendia como era desconcertante ficar sem seus poderes.

Por outro lado, fiquei aliviado. Isso queria dizer que ela não podia me transformar em perereca nem pedir que seus servos aéreos me jogassem de cima da Atena Partenos.

— Aqui está.

Leo entregou a ela um copo de limonada. Ele parecia mais sombrio e ansioso, como se… É, bem, faz sentido. Leo salvou Calipso da ilha-prisão. Com isso, Calipso perdeu seus poderes, e Leo se sentia responsável.

Calipso sorriu, mas seus olhos ainda traziam um toque de melancolia.

— Obrigada, gatinho.

— *Gatinho*? — perguntou Percy.

O rosto de Leo se iluminou.

— É. Mas ela não quer me chamar de Garanhão. Não sei por quê… Ai!

Era a vez de Harley. O garotinho deu um soco em Leo, depois o abraçou e começou a chorar.

— Oi, mano. — Leo bagunçou o cabelo dele e teve o bom senso de parecer envergonhado. — Você me trouxe para casa com esse seu sinalizador, Mestre H. Você é um herói! Sabe que eu nunca teria deixado você sem resposta daquele jeito de propósito, né?

Harley chorou e assentiu. Depois, deu outro soco em Leo e saiu correndo. Leo parecia prestes a vomitar. Harley era forte.

— De qualquer modo — disse Calipso —, esses problemas com os imperadores romanos… como podemos ajudar?

Eu arqueei as sobrancelhas.

— Você *vai* me ajudar, então? Apesar de… ah, bom, eu sempre soube que você tinha um coração gentil e misericordioso, Calipso. Pretendia visitar você em Ogígia com mais frequência…

— Me poupe. — Calipso tomou um gole de limonada. — Vou ajudar você se *Leo* decidir ajudar, e ele parece ter alguma afeição por você, não sei por quê.

Eu soltei o ar que estava prendendo havia… ah, uma hora.

— Fico agradecido. Leo Valdez, você sempre foi um cavalheiro e um gênio. Afinal, o Valdezinator é criação sua.

Leo sorriu.

— Eu criei, né? Acho que foi uma coisa bem legal. E onde fica esse próximo oráculo que você… Ai!

Tinha chegado a vez de Nyssa. Ela deu um tapa em Leo e o repreendeu em um espanhol desenfreado.

— Tá, tudo bem, tudo bem. — Leo massageou o rosto. — Caramba, *hermana*, eu também amo você!

Ele voltou a atenção para mim.

— E esse próximo oráculo, você disse que era onde?

Percy bateu na mesa de piquenique.

— Quíron e eu estávamos falando sobre isso. Ele acha que essa coisa de triunvirato… que eles dividiram os Estados Unidos em três partes, com um imperador encarregado de cada uma. Sabemos que Nero está entocado em Nova York, então achamos que o próximo oráculo fica no território do segundo cara, talvez no Meio-Oeste dos Estados Unidos.

— Ah, o Meio-Oeste dos Estados Unidos! — Leo abriu os braços. — Moleza, então. Vamos só procurar no centro do país!

— Sempre sarcástico — comentou Percy.

— Ei, cara, eu naveguei com os vigaristas mais sarcásticos por todos os sete mares.

Os dois fizeram um *high five*, apesar de eu não ter entendido bem por quê. Pensei em um trecho da profecia que ouvi no bosque, alguma coisa sobre Indiana. Poderia ser um ponto de partida…

A última pessoa da fila era o próprio Quíron, empurrado na cadeira de rodas por Rachel Dare. O velho centauro deu um sorriso caloroso e paternal para Leo.

— Meu garoto, fico tão feliz de ter você de volta. E você libertou Calipso, estou vendo. Muito bem, e bem-vindos, os dois!

Quíron abriu os braços.

— Ah, obrigado, Quíron.

Leo se inclinou para a frente para abraçá-lo.

De debaixo do cobertor no colo de Quíron, a perna equina da frente surgiu e acertou com o casco na barriga de Leo. Com a mesma agilidade, a perna sumiu.

— Sr. Valdez — disse Quíron, mantendo o tom gentil —, se você fizer qualquer outra coisa parecida novamente…

— Eu entendi, eu entendi! — Leo massageou a barriga. — Caramba, para um professor você tem um chute forte à beça.

Rachel sorriu e empurrou Quíron para longe. Calipso e Percy ajudaram Leo a se levantar.

— Aí, Nico — gritou Leo —, me diga que acabaram as agressões físicas.

— Por enquanto. — Nico sorriu. — Ainda estamos tentando falar com a Costa Oeste. Tem algumas dezenas de pessoas lá que vão querer bater em você também.

Leo fez uma careta.

— Nossa, mal posso esperar! Bom, acho melhor eu me cuidar, então, para resistir à próxima leva de socos. Onde vocês vão almoçar, agora que o Colosso destruiu o pavilhão de jantar?

* * *

Percy foi embora naquela noite, antes do jantar.

Eu esperava uma despedida emocionada; ele me pediria conselhos sobre provas, ser herói e viver a vida em geral. Depois que ele me ajudou a derrotar o Colosso, seria o mínimo que eu poderia fazer.

Mas ele estava mais interessado em se despedir de Leo e Calipso. Não participei da conversa deles, mas os três pareceram ter se entendido. Percy e Leo se abraçaram. Calipso deu até um beijinho na bochecha de Percy. Depois, o filho de Poseidon adentrou o Estreito de Long Island com seu cachorro extremamente grande e os dois desapareceram debaixo da água. A sra. O'Leary nadava? Viajava pelas sombras das baleias? Eu não sabia.

Como o almoço, o jantar foi um evento casual. Quando a noite caiu, nós comemos em toalhas de piquenique ao redor da lareira, que ardia com o calor de Héstia e afastava o frio do inverno. O dragão Festus foi farejar ao redor dos chalés, cuspindo fogo no céu de vez em quando por nenhum motivo aparente.

— Ele levou umas pancadas quando estávamos na Córsega — explicou Leo. — Às vezes, cospe aleatoriamente, desse jeito.

— Mas ainda não fritou ninguém importante — acrescentou Calipso, com a sobrancelha arqueada. — Vamos ver se ele vai gostar de você.

Os olhos vermelhos brilhantes de Festus reluziam na escuridão. Depois de dirigir a carruagem do sol por tanto tempo, não fiquei

nervoso por ter que subir em um dragão de metal, mas, quando pensei no *lugar* para onde estávamos indo, gerânios floresceram na minha barriga.

— Eu queria ir sozinho — contei a eles. — A profecia de Dodona fala de um comedor de fogo de bronze, mas… me parece errado pedir para vocês arriscarem suas vidas. Vocês passaram por tanta coisa só para chegarem aqui.

Calipso inclinou a cabeça, intrigada.

— Talvez você *realmente* tenha mudado. Isso não me parece coisa do Apolo de quem me lembro. Sem contar que você já foi bem mais bonito.

— Eu ainda estou *bem* bonito — protestei. — Só preciso me livrar dessas espinhas.

Ela deu um sorrisinho debochado.

— É, acho que você não perdeu totalmente a arrogância.

— Como é?

— Pessoal — interrompeu Leo —, se vamos viajar juntos, vamos tentar ser amigos. — Ele apertou uma bolsa de gelo no bíceps dolorido. — Além do mais, nós estávamos mesmo planejando ir para a Costa Oeste. Tenho que encontrar meus amigos Jason e Piper e Frank e Hazel e… bom, todo mundo do Acampamento Júpiter, acho. Vai ser divertido.

— *Divertido?* — perguntei. — O Oráculo de Trofônio, ao que tudo indica, vai me arremessar em um mar de morte e loucura. Mesmo que eu sobreviva a isso, minhas outras provações sem dúvida serão longas, dolorosas e muito provavelmente fatais.

— Exatamente — disse Leo. — Divertido. Mas não sei se é uma boa ideia chamar essa missão de *Provações de Apolo*. Acho que devíamos chamá-la de *Turnê Mundial da Volta da Vitória de Leo Valdez.*

Calipso riu e entrelaçou os dedos nos de Leo. Ela podia não ser mais imortal, mas ainda tinha uma graça e tranquilidade que eu não conseguia compreender. Talvez sentisse falta dos poderes, mas parecia genuinamente feliz com Valdez… e nessa nova forma jovem e mortal, mesmo que isso significasse que ela podia morrer a qualquer momento.

Ao contrário de mim, ela *escolheu* ser mortal. Sabia que deixar Ogígia era um risco, mas agiu por vontade própria. Foi muito corajosa.

— Ei, cara — disse Leo. — Não fique assim. Nós vamos encontrá-la.

Eu me mexi, um pouco desconcertado.

— O quê?

— Sua amiga Meg. Nós vamos encontrá-la. Não se preocupe.

Uma bolha de escuridão explodiu dentro de mim. Pela primeira vez, eu não estava pensando em Meg. Estava pensando em mim, e isso

me fez sentir culpa. Talvez Calipso estivesse certa ao questionar se eu realmente havia mudado.

Olhei para a floresta silenciosa. Lembrei-me de Meg me arrastando pela mata quando eu estava com frio, encharcado e delirante. Lembrei que ela lutou sem medo contra os myrmekos e que mandou Pêssego apagar o fósforo quando Nero estava prestes a botar fogo nos reféns, apesar do medo de libertar o Besta. Eu tinha que fazê-la perceber que Nero era mau, muito mau. Tinha que encontrá-la. Mas como?

— Meg sabe a profecia — falei. — Se contar a Nero, ele também vai saber nosso plano.

Calipso deu uma mordida na maçã.

— Eu não sei de nada que aconteceu no Império Romano. Um imperador pode ser tão ruim assim?

— Ah, pode — garanti a ela. — E ele se aliou a outros dois. Não sabemos quais, mas é seguro supor que são igualmente implacáveis. Tiveram séculos para acumular fortunas, adquirir propriedades, construir exércitos… Quem sabe do que são capazes?

— Ah — disse Leo. — Nós derrotamos Gaia em uns quarenta segundos. Isso vai ser moleza.

Eu recordava que o que nos *levou* à luta com Gaia envolveu meses de sofrimento e encontros de raspão com a morte. Leo *morreu*, na verdade. Eu também queria lembrá-lo que o triunvirato podia muito bem ter orquestrado nossos problemas anteriores com os titãs e gigantes, o que os tornaria mais poderosos do que qualquer coisa que Leo já tivesse enfrentado. Mas decidi que mencionar isso poderia afetar o ânimo do grupo.

— Nós vamos conseguir — disse Calipso. — Temos que conseguir. Então, vamos conseguir. Eu fiquei presa em uma ilha por milhares de anos. Não sei quanto tempo essa vida mortal vai durar, mas pretendo viver intensamente e sem medo.

— Essa é minha *mamacita* — disse Leo.

— O que já falei sobre me chamar de *mamacita*?

Leo deu um sorrisinho encabulado.

— De manhã, vamos pegar nossos suprimentos. Assim que Festus passar por um ajuste e uma troca de óleo, poderemos partir.

Pensei nos suprimentos que levaria comigo. Eu tinha pouquíssimas coisas: roupas emprestadas, um arco, um ukulele e uma flecha teatral demais.

No entanto, a verdadeira dificuldade seria me despedir de Will, Austin e Kayla. Eles me ajudaram tanto e me receberam tão bem; fizeram por mim mais do que eu jamais fiz por eles. Lágrimas arderam nos meus olhos. Antes que eu pudesse começar a chorar, Will Solace apareceu, iluminado pela luz da lareira.

— Ei, pessoal! Nós fizemos uma fogueira no anfiteatro! É hora da

cantoria. Venham!

Houve suspiros misturados com gritos de alegria, mas quase todo mundo se levantou e seguiu para a fogueira, onde Nico di Angelo aparecia delineado pelas chamas, preparando espetos de marshmallows no que pareciam ossos de fêmur.

— Ah, cara. — Leo fez uma careta. — Sou péssimo em cantorias. Eu sempre bato palmas fora de hora e canto o refrão errado. Podemos pular essa parte?

— Ah, não! — falei.

Eu me levantei, me sentindo melhor de repente. Era possível que amanhã eu fosse chorar e pensar nas despedidas. Era possível que em dois dias nós voássemos direto para a morte. Mas, hoje, eu pretendia me divertir com minha família. O que Calipso disse? *Viver intensamente e sem medo.* Se ela podia fazer isso, o brilhante e fabuloso Apolo também podia.

— Cantar é bom para os espíritos. Você nunca deve desperdiçar uma oportunidade de cantar — insisti.

Calipso sorriu.

— Não acredito que vou dizer isso, mas pela primeira vez concordo com Apolo. Venha, Leo. Vou ensinar as harmonias a você.

Juntos, nós três andamos em direção aos sons de gargalhadas, à música e ao fogo quente crepitando.

GUIA PARA ENTENDER APOLO

Acampamento Júpiter — campo de treinamento para semideuses romanos localizado entre as Oakland Hills e as Berkeley Hills, na Califórnia

Acampamento Meio-Sangue — campo de treinamento para semideuses gregos localizado em Long Island, Nova York

Admeto — rei de Feras, na Tessália; Zeus puniu Apolo mandando-o trabalhar como pastor para Admeto

Afrodite — deusa grega do amor e da beleza

Agamenon — rei de Micenas; comandante dos gregos na Guerra de Troia. Um homem corajoso, mas também arrogante e excessivamente orgulhoso

ágora — praça principal ao ar livre para a vida atlética, artística, espiritual e política nas cidades-estado da Grécia Antiga

Ajax — herói grego de grande força e coragem; lutou na Guerra de Troia; usava um grande escudo em batalha

ambrosia — comida dos deuses; tem poderes de cura

anfiteatro — construção oval ou circular a céu aberto usada para apresentações e eventos esportivos. Os assentos da plateia eram construídos em semicírculo ao redor do palco

apodesmos — faixa de tecido que as mulheres da Grécia Antiga usavam ao redor dos seios, particularmente quando participavam de atividades esportivas

Apolo — deus grego do sol, da profecia, da música e da cura; filho de Zeus e Leto e irmão gêmeo de Ártemis

Aquiles — o melhor lutador entre os gregos que sitiaram Troia na Guerra de Troia. Um herói forte, corajoso e leal que possuía apenas um ponto fraco: o calcanhar

Ares — deus grego da guerra; filho de Zeus e Hera e meio-irmão de Atena

Argo — o navio usado pelo grupo de heróis que acompanhou Jasão em sua busca ao Velocino de Ouro

argonautas — grupo de heróis que acompanharam Jasão no *Argo* em busca do Velocino de Ouro

Ártemis — deusa grega da caça e da lua; filha de Zeus e Leto e irmã gêmea de Apolo

Asclépio — deus da medicina; filho de Apolo. Seu templo era o centro médico da Grécia Antiga

Atena — deusa grega da sabedoria

Atena Partenos — estátua gigantesca de Atena; a estátua grega mais

famosa de todos os tempos

balista — arma de cerco romana que arremessava grandes projéteis em alvos distantes

batavos — povo antigo que vivia onde hoje é a Alemanha; também foi uma unidade de infantaria do exército romano com origens germânicas

Bosque de Dodona — local de um dos oráculos gregos mais antigos, posterior apenas ao Oráculo de Delfos. O movimento das folhas das árvores no bosque oferecia respostas a sacerdotes e sacerdotisas que o visitavam

Briseida — princesa capturada por Aquiles durante a Guerra de Troia. Foi o estopim da briga entre Aquiles e Agamenon, que resultou na recusa de Aquiles em lutar a favor dos gregos

bronze celestial — metal raro letal para monstros

Bunker 9 — oficina escondida descoberta por Leo Valdez no Acampamento Meio-Sangue, cheia de ferramentas e armas. Tem pelo menos duzentos anos e foi usada durante a Guerra Civil dos Semideuses

Caçadoras de Ártemis — grupo de donzelas leais à deusa Ártemis. São abençoadas com juventude eterna e habilidades de caça enquanto rejeitarem homens

Calidão — vilarejo na Grécia Antiga onde um javali gigante provocou destruição até ser morto por Teseu

Calíope — musa da poesia épica; teve vários filhos, inclusive Orfeu

Calipso — deusa ninfa da ilha mítica Ogígia; filha do titã Atlas. Ela deteve o herói Odisseu por muitos anos

Campos de Punição — parte do Mundo Inferior para onde as pessoas que foram más durante a vida são enviadas para expiarem seus crimes após a morte

Caos Primordial — a primeira coisa a existir no mundo; um vazio do qual os primeiros deuses foram criados

Casa de Hades — local no Mundo Inferior onde Hades, deus grego da morte, e sua esposa, Perséfone, reinam sobre as almas dos mortos

Cassandra — filha do rei Príamo e da rainha Hécuba; tinha o dom da profecia, mas foi amaldiçoada por Apolo para que ninguém acreditasse em suas previsões, inclusive em seus avisos sobre o Cavalo de Troia

catapulta — máquina de guerra usada para arremessar objetos

Caverna de Trofônio — fenda profunda e lar do Oráculo de Trofônio; sua entrada extremamente estreita exigia que o visitante se deitasse de costas para adentrar a caverna. Era chamada de “Caverna dos Pesadelos” devido aos relatos apavorantes dos visitantes

centauro — raça de criaturas metade homem, metade cavalo

Ceres — deusa romana da agricultura. Forma grega: Deméter

César Augusto — fundador e primeiro imperador do Império Romano; filho adotivo e herdeiro de Júlio César (*ver também* Otaviano)

ciclope — membro de uma raça primordial de gigantes que tem um único olho no meio da testa

Circe — feiticeira grega

Cirene — caçadora corajosa por quem Apolo se apaixonou após vê-la lutar contra um leão. Mais tarde, Apolo a transformou em ninfa para prolongar sua vida

Clitemnestra — filha do rei e da rainha de Esparta; casou-se com Agamenon e mais tarde o assassinou

Cloacina — deusa romana do sistema de esgoto

Coliseu — anfiteatro elíptico no centro de Roma, na Itália. Com capacidade para cinquenta mil espectadores sentados, o Coliseu era usado para competições entre gladiadores e para espetáculos públicos, como simulações de batalhas navais, caçadas, execuções e reencenação de batalhas e dramas famosos

Colossus Neronis **(Colosso de Nero)** — estátua enorme de bronze do imperador Nero. Mais tarde, foi transformada no deus-sol com a adição de uma coroa de raios

Contracorrente — nome da espada de Percy Jackson; *Anaklusmos*, em grego

couraça — armadura de couro ou metal que consiste em uma cobertura para o peito e outra para as costas. Usada pelos soldados gregos e romanos, era comum que fosse bastante ornamentada e que imitasse o desenho dos músculos

cretense — relativo à ilha de Creta

Crisótemis — filha de Deméter que conquistou o coração de Apolo durante uma competição de canto

Cronos — o mais jovem dos doze titãs; filho de Urano e Gaia e pai de Zeus. Matou o pai a pedido da mãe. Titã senhor da agricultura e das colheitas, da justiça e do tempo. Forma romana: Saturno

curetes — dançarinos armados que protegiam o bebê Zeus do pai, Cronos

Dafne — linda náiade que atraiu a atenção de Apolo. Ela foi transformada em loureiro para fugir do deus

Dédalo — hábil artesão que criou o Labirinto em Creta onde o Minotauro (parte homem, parte touro) era mantido

Deméter — deusa grega da agricultura; filha dos titãs Reia e Cronos. Forma romana: Ceres

dimaquero — gladiador romano treinado para lutar com duas espadas ao mesmo tempo

dinastia juliana — o período entre a batalha do Áccio (31 a.C.) e a morte de Nero (68 d.C.)

Dioniso — deus grego do vinho e da orgia; filho de Zeus. Diretor de atividades do Acampamento Meio-Sangue

Domus Aurea **—** mansão extravagante do imperador Nero no coração da Roma Antiga, construída após o Grande Incêndio de Roma

drakon — serpente gigantesca verde e amarela com garras afiadas, olhos reptilianos e uma juba de pele. Cospe veneno

dríades — ninfas das árvores

Éolo — deus grego de todos os ventos

Érebo — lugar de escuridão entre a Terra e o Hades

Eritreia — ilha onde Sibila de Cumas, um interesse amoroso de Apolo, morava antes de ele convencê-la a partir com a promessa de uma vida longa

Eros — deus grego do amor

Esparta — cidade-estado da Grécia Antiga com domínio militar

falange — formação compacta de tropas fortemente armadas

ferro estígio — metal mágico forjado no Rio Estige capaz de absorver a essência dos monstros e de ferir mortais, deuses, titãs e gigantes. Tem grande efeito sobre fantasmas e criaturas do Mundo Inferior

Fídias — escultor famoso da Grécia Antiga; criou a Atena Partenos e muitas outras esculturas

fogo grego — arma incendiária muito usada em batalhas navais porque continua a queimar mesmo na água

Gaia — deusa grega da terra; mãe dos titãs, gigantes, ciclopes e outros monstros

germânicos — povo de uma tribo que vivia a oeste do rio Reno

górgonas — três irmãs monstruosas (Esteno, Euríale e Medusa) cujos cabelos eram serpentes vivas venenosas; os olhos de Medusa podem transformar em pedra aqueles que a encaram

Grande Incêndio de Roma — incêndio arrebatador que aconteceu em 64 d.C. e durou seis dias. As lendas contam que Nero iniciou o fogo para abrir espaço para a construção de sua propriedade, a *Domus Aurea*, mas ele culpou a comunidade cristã pelo desastre

greva — peça da armadura para a canela

Guerra de Troia — de acordo com as lendas, a Guerra de Troia foi declarada contra a cidade de Troia pelos Achaeans (gregos) quando Páris, príncipe de Troia, roubou Helena de seu marido, Menelau, rei de Esparta

Guerra dos Titãs — batalha épica que durou dez anos entre os titãs e os olimpianos, que resultou na vitória dos olimpianos

Hades — deus grego da morte e das riquezas. Senhor do Mundo Inferior

harpia — criatura fêmea alada que rouba objetos

Hebe — deusa grega da juventude. Filha de Zeus e Hera

Hécate — deusa da magia e das encruzilhadas

Hefesto — deus grego do fogo, do artesanato e dos ferreiros; filho de Zeus e Hera, casado com Afrodite

Hera — deusa grega do casamento; esposa e irmã de Zeus

Hermes — deus grego dos viajantes; guia dos espíritos dos mortos; deus da comunicação

Heródoto — historiador grego conhecido como "Pai da História"

Héstia — deusa grega da lareira

Hipnos — deus grego do sono

hipocampos — criaturas metade cavalo e metade peixe

hipódromo — estádio oval para corridas de cavalos e carruagens na Grécia Antiga

hititas — povo que viveu nas atuais Turquia e Síria; estavam sempre em conflito com os egípcios. Ficaram conhecidos por usarem carruagens nas batalhas

icor — fluido dourado que é o sangue dos deuses e imortais

imperador — termo para *comandante* no império romano

Íris — deusa grega do arco-íris e mensageira dos deuses

Jacinto — herói grego e amante de Apolo. Morreu enquanto tentava impressionar o deus com suas habilidades de lançamento de disco

karpos (pl.:*karpoi*) — espírito dos grãos

Labirinto — um labirinto subterrâneo construído originalmente na ilha de Creta pelo artesão Dédalo para aprisionar o Minotauro

Laomedonte — rei troiano a quem Poseidon e Apolo foram obrigados a servir após ofenderem Zeus

Lépido — aristocrata e comandante militar romano que participou de um triunvirato com Otaviano e Marco Antônio

Leto — mãe de Ártemis e Apolo junto com Zeus; deusa da maternidade

Lídia — província na Roma Antiga; o machado duplo se originou lá, além do uso de moedas e das lojas de varejo

livros sibilinos — conjunto de profecias em versos rimados escritos em grego. Tarquínio Soberbo, rei de Roma, comprou-os de uma profetisa e os consultava em épocas de grande perigo

Lupercália — festival pastoral que acontece entre 13 e 15 de fevereiro para afastar os espíritos malignos e purificar a cidade, espalhando saúde e fertilidade

Marco Antônio — político e general romano. Fez parte do triunvirato com Lépido e Otaviano, que, juntos, encontraram e derrotaram os assassinos de César. Teve um longo caso com Cleópatra

Marsias — um sátiro que perdeu para Apolo após desafiá-lo em um concurso de música. Foi esfolado vivo como punição

Medeia — seguidora de Hécate e uma das maiores feiticeiras do mundo antigo

Midas — rei com poder de transformar tudo que tocasse em ouro; ele

escolheu Marsias como vencedor do concurso de música entre Apolo e Marsias, o que fez com que Apolo o amaldiçoasse com orelhas de asno

Minos — rei de Creta, filho de Zeus; todos os anos obrigava o rei Aegus a escolher sete rapazes e sete moças para enviar ao Labirinto, onde seriam devorados pelo Minotauro. Depois de sua morte, se tornou juiz no Mundo Inferior

Minotauro — filho de Minos de Creta, tinha cabeça de touro e corpo de homem. O Minotauro ficava no Labirinto e matava as pessoas que eram enviadas para lá. Foi finalmente derrotado por Teseu

Mitrídates — rei de Ponto e da Armênia Menor, ao norte da Anatólia (atual Turquia), entre 120 a 63 a.C.; um dos inimigos mais terríveis e bem-sucedidos da República Romana, combateu três dos mais proeminentes generais do fim da República Romana nas Guerras Mitridáticas

Monte Olimpo — lar dos doze olimpianos

Mundo Inferior — reino dos mortos, para onde as almas vão pela eternidade; governado por Hades

myrmeko — criatura gigantesca similar a uma formiga que envenena e paralisa a presa antes de comê-la; conhecida por proteger vários metais, particularmente o ouro

Nêmesis — deusa grega da vingança

Nero — imperador romano de 54 a 68 d.C.; o último da dinastia juliana

Nice — deusa grega da força, da velocidade e da vitória

ninfa — deidade feminina que dá vitalidade à natureza

Níobe — filha de Tântalo e Dione; sofreu a perda dos seis filhos e das seis filhas, mortos por Apolo e Ártemis como punição por seu orgulho

***nosoi* (sing.: *nosos*)** — espíritos das chagas

Nova Roma — comunidade perto do Acampamento Júpiter onde os semideuses podem viver juntos e em paz, sem a interferência dos mortais ou de monstros

Nove Musas — deusas gregas da literatura, ciências e artes que inspiraram artistas e escritores durante séculos

Odisseu — lendário rei grego de Ítaca e herói do poema épico de Homero, *A odisseia*

Ogígia — ilha mágica que é o lar e a prisão de Calipso

onfalo — pedras usadas para marcar o centro (ou o umbigo) do mundo antigo

Oráculo de Delfos — porta-voz das profecias de Apolo

Oráculo de Trofônio — um grego que foi transformado em oráculo após sua morte; localizado na Caverna de Trofônio; famoso por apavorar todos os que o procuravam

Otaviano — fundador e primeiro imperador do Império Romano; filho adotivo e herdeiro de Júlio César (*ver também* César Augusto)

ouro imperial — metal raro letal para monstros, consagrado no Panteão; sua existência era um segredo muito bem guardado dos imperadores

Pã — deus grego da natureza; filho de Hermes

Pálicos — filhos gêmeos de Zeus e Talia; deuses dos gêiseres e das águas termais

Pandora — a primeira mulher humana criada pelos olimpianos, foi presenteada com um dom único por cada um deles. Libertou o mal no mundo ao abrir uma caixa

Partenon — templo na Acrópole de Atenas, na Grécia, dedicado à deusa Atena

Pátroclo — filho de Menécio; era grande amigo de Aquiles por terem sido criados juntos. Morreu lutando na Guerra de Troia

pégaso — cavalo alado divino, gerado por Poseidon em seu papel de deus-cavalo

Peleu — pai de Aquiles; seu casamento com a ninfa do mar Tétis contou com a presença dos deuses, e uma discordância entre eles no evento acabou levando à Guerra de Troia. O nome do dragão guardião do Acampamento Meio-Sangue foi escolhido em homenagem a ele

Perséfone — rainha grega do Mundo Inferior; esposa de Hades; filha de Zeus e Deméter

Pítia — o nome dado a todos os Oráculos de Delfos

Píton — serpente monstruosa que Gaia designou para proteger o Oráculo de Delfos

Polifemo — ciclope; filho de Poseidon e Toosa

Portas da Morte — portal para a Casa de Hades localizado no Tártaro. As portas têm dois lados: um no mundo mortal, o outro no Mundo Inferior

Poseidon — deus grego do mar; filho dos titãs Cronos e Reia, irmão de Zeus e Hades

pretor — pessoa eleita para magistrado e comandante do exército romano

Prometeu — titã que criou os humanos e os presenteou com fogo roubado do Monte Olimpo

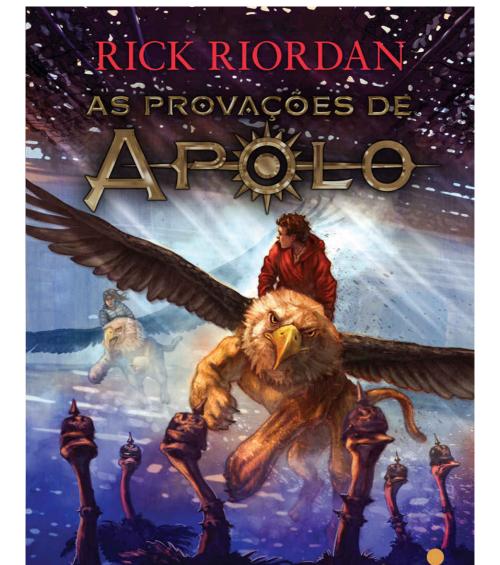
Quíron — centauro; diretor de atividades do Acampamento Meio-Sangue

quíton — traje grego; peça de linho ou lã sem mangas, presa no ombro por broches e na cintura por um cinto

Reia — rainha dos titãs, mãe de Zeus

Rio Estige — rio que forma a fronteira entre a Terra e o Mundo Inferior

sátiro — deus grego da floresta, parte bode e parte homem
Saturnália — antigo festival romano em homenagem a Saturno (Cronos)
Sibila — uma profetisa
siccae — punhal usado em batalhas na Roma Antiga
Talos — gigante feito de bronze usado em Creta para proteger o litoral de invasores
Tântalo — Na mitologia grega, esse rei era tão amigo dos deuses que jantava à mesa com eles, até o dia em que contou os segredos deles para os mortais. Foi mandado para o Mundo Inferior, onde sua maldição foi ficar preso em um lago sob uma árvore frutífera, mas sem jamais poder beber água nem comer as frutas
Tártaro — marido de Gaia; espírito do abismo; pai dos gigantes. É também uma região no Mundo Inferior
Teodósio — o último a governar o Império Romano; conhecido por fechar os templos antigos por todo o império
Tifão — o mais apavorante monstro grego; pai de muitos monstros famosos, como Cérbero, o cachorro de várias cabeças responsável por proteger a entrada do Mundo Inferior
Tique — deusa grega da prosperidade; filha de Hermes e Afrodite
titãs — raça de deidades gregas poderosas, descendentes de Gaia e Urano, que governaram durante a Era de Ouro e foram derrubados por uma raça de deuses mais jovens, os olimpianos
trácio — relativo à Trácia, antiga região localizada entre as fronteiras modernas da Bulgária, Grécia e Turquia
trirreme — antigo navio de guerra grego ou romano com três fileiras de remo de cada lado
triunvirato — aliança política formada entre três indivíduos
Troia — cidade romana situada na Turquia dos dias atuais; local da Guerra de Troia
Urano — personificação grega do céu; pai dos titãs
Velocino de Ouro — pele de um carneiro alado com lã de ouro, considerada símbolo de autoridade e realeza. Era protegido por um dragão e por touros que cuspiam fogo. Jasão recebeu a tarefa de obtê-lo, o que resultou em uma missão épica
viagem nas sombras — forma de transporte que permite que criaturas do Mundo Inferior e os filhos de Hades usem sombras para viajar para qualquer lugar na Terra ou no Mundo Inferior. Deixa o viajante extremamente cansado
Zéfiro — deus grego do Vento Oeste
Zeus — deus grego do céu e rei dos deuses

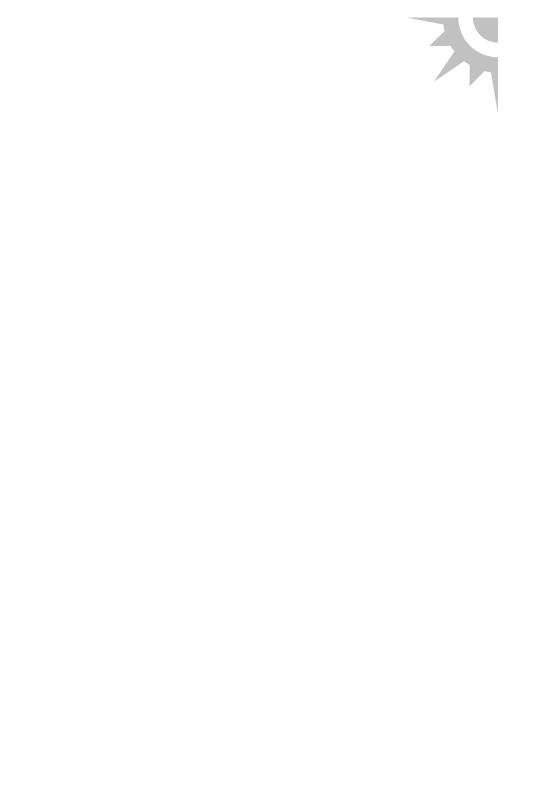
RICK RIORDAN
AS PROVAÇÕES DE
APOLO
LIVRO DOIS
A PROFECIA DAS SOMBRAS
intrínseca

RICK RIORDAN

LIVRO DOIS

A PROFECIA DAS SOMBRAS

Tradução de Regiane Winarski

Para Ursula K. Le Guin,
que me ensinou que as regras mudam nos Domínios

1

Sou Lester, Apolo
Ainda um mero humano
Ó, vida implacável

QUANDO NOSSO DRAGÃO DECLAROU guerra contra Indiana, eu soube que o dia não ia ser fácil.

Estávamos viajando havia seis semanas, e Festus nunca tinha demonstrado tanta hostilidade por um estado. Nova Jersey, ele ignorou. Da Pensilvânia ele pareceu gostar, apesar de nossa batalha contra os ciclopes de Pittsburgh. Ohio, ele tolerou, mesmo depois de nosso encontro com Potina, a deusa romana das bebidas infantis, que nos perseguiu no formato de uma jarra vermelha gigante decorada com uma carinha feliz.

Mas, por algum motivo, Festus decidiu que não gostava de Indiana. Ele pousou na cúpula da sede da prefeitura, bateu as asas metálicas e soprou um jato de fogo que incinerou a bandeira do estado que tremulava no mastro, simples assim.

— Opa, amigão! — Leo Valdez puxou as rédeas do dragão. — Nós já conversamos sobre isso. Nada de carbonizar monumentos públicos!

Atrás dele, também montada no dragão, Calipso segurou as escamas de Festus para se equilibrar.

— Podemos, *por favor*, ir para o chão? *Delicadamente*, desta vez?

Para uma antiga feiticeira imortal que já controlou espíritos do ar, Calipso não era muito fã do céu. O vento frio soprou o cabelo castanho dela em meu rosto, me fazendo piscar e cuspir.

Isso mesmo, querido leitor.

Eu, o passageiro mais importante, o jovem antes conhecido como o glorioso deus Apolo, fui forçado a me sentar na parte de trás do dragão. Ah, as indignidades que sofri desde que Zeus tirou meus poderes divinos! Nããão, não bastava que agora eu fosse um mortal de dezesseis anos com o nome pavoroso de Lester Papadopoulos. Não bastava que eu tivesse que andar pela Terra realizando (argh) missões heroicas até encontrar uma forma de cair novamente nas graças do meu pai, nem que eu tivesse um problema de acne que *não* reagia a medicações comuns contra espinhas. Apesar da minha carteira de motorista provisória, Leo Valdez não confiava em mim para operar seu corcel aéreo de bronze!

As garras de Festus se seguraram no domo de cobre verde, que era pequeno demais para um dragão do seu tamanho. Aquilo me lembrou de quando instalei uma estátua em tamanho real da musa Calíope no

capô da minha carruagem do Sol. O peso do ornamento me fez mergulhar de cabeça na China e criar o deserto de Gobi.

Leo olhou para trás, o rosto sujo de fuligem.

— Apolo, está sentindo alguma coisa?

— Por que é *meu* trabalho sentir coisas? Só porque eu costumava ser um deus da profecia…

— É você quem tem tido visões — lembrou Calipso. — Você disse que sua amiga Meg estaria aqui.

Só de ouvir aquele nome senti uma pontada de dor.

— Isso não quer dizer que posso descobrir onde ela está com a mente! Zeus revogou meu acesso ao GPSS!

— GPSS? — perguntou Calipso.

— Guia de Posicionamento para Seres Superiores.

— Isso não existe!

— Calma aí, pessoal. — Leo deu tapinhas no pescoço do dragão. — Apolo, pelo menos tenta, tá bom? Essa parece a cidade com que você sonhou ou não?

Observei o horizonte.

Indiana era um lugar plano: rodovias atravessando planícies marrons e ressequidas, com sombras de nuvens carregadas pairando acima da paisagem urbana. Ao nosso redor havia um agrupamento parco de arranha-céus, pilhas de pedra e vidro que pareciam camadas de alcaçuz preto e branco. (E não estou falando daquele alcaçuz gostoso, não. Me refiro ao que fica um século na bombonière da mesa de centro da sua madrasta. E não, Hera, por que eu estaria mandando uma indireta para você?)

Como Nova York foi minha primeira parada na Terra, achei Indianápolis deprimente e nada inspiradora, como se um bairro de Nova York — Midtown, talvez — tivesse sido esticado para englobar toda a área de Manhattan, depois perdido dois terços da população e depois sido lavado com um jato de água potente.

Eu não conseguia pensar em nenhum motivo para um triunvirato de antigos imperadores romanos do mal se interessar por um local daqueles. Também não conseguia imaginar por que Meg McCaffrey seria enviada até ali para me capturar. Mas minhas visões foram claras. E aquele cenário aparecera nelas. Tinha ouvido meu velho inimigo Nero ordenar a Meg: *Vá para o Oeste. Capture Apolo antes que ele encontre o próximo oráculo. Se não conseguir trazê-lo vivo, mate-o.*

O mais triste disso tudo? Meg era uma das minhas melhores amigas. Também era minha mestra semideusa, graças ao senso de humor distorcido de Zeus. Enquanto eu fosse mortal, Meg poderia me mandar fazer qualquer coisa, até me matar… Não. Melhor não pensar nessa possibilidade.

Eu me remexi no assento de metal. Depois de tantas semanas de

viagem, eu estava cansado e com o bumbum doendo. Só queria encontrar um lugar seguro para descansar. Mas *aquela* cidade é que não seria. Alguma coisa na paisagem lá embaixo me deixou tão inquieto quanto Festus.

Então, eu tive certeza de que era ali que tínhamos que estar. Apesar do perigo, se eu tinha a chance de ver Meg McCaffrey de novo, de arrancá-la das mãos vilanescas do padrasto, eu tinha que tentar.

— É aqui — falei. — Antes que esse domo desabe debaixo de nós, sugiro irmos para o chão.

Calipso resmungou em minoico antigo:

— Eu *acabei* de falar isso.

— Ah, perdão, feiticeira! — respondi na mesma língua. — Se *você* tivesse visões úteis, talvez eu a escutasse com mais frequência!

Calipso me xingou de alguns nomes que me lembraram como a linguagem minoica era rica antes de se extinguir para sempre.

— Ei, vocês dois — interveio Leo. — Nada de dialetos antigos. Espanhol ou inglês, por favor. Ou linguagem de máquina.

Festus rangeu em concordância.

— Tudo bem, garoto — disse Leo. — Tenho certeza de que eles não nos excluíram de propósito. Agora vamos voar até a rua, que tal?

Os olhos de rubi de Festus brilharam. Os dentes de metal giraram como brocas de furadeira. Ele deve ter pensado: *Illinois parece bem melhor agora.*

Ele bateu as asas e pulou, pousando logo em frente à sede da prefeitura com tanta força que a calçada rachou. Meus globos oculares tremeram como balões de água.

Festus virou a cabeça de um lado para o outro, vapor saindo das narinas.

Não identifiquei nenhuma ameaça. Carros passavam tranquilamente pela rua principal. Pedestres caminhavam: uma mulher de meia-idade de vestido florido, um policial corpulento carregando um copo descartável com o rótulo CAFÉ PATACHOU, um homem de terno azul listrado.

O sujeito arrumadinho acenou educadamente ao passar.

— Bom dia.

— E aí, cara? — disse Leo.

Calipso inclinou a cabeça, confusa.

— Por que ele foi tão simpático? Ele não *viu* que estamos sentados em um dragão de metal de cinquenta toneladas?

Leo sorriu.

— É a Névoa, gata. Atrapalha os olhos mortais. Faz monstros parecerem cachorrinhos inofensivos. Faz espadas parecerem guarda-chuvas. Faz com que eu pareça ser ainda mais bonito do que sou!

Calipso deu um cutucão nas costas de Leo.

— Ai! — reclamou ele.

— Eu sei o que é a Névoa, *Leonidas*…

— Ei, eu falei para você nunca me chamar assim.

— … mas a Névoa deve ser muito forte aqui para esconder um monstro do tamanho de Festus, e tão próximo. Apolo, você não acha isso meio estranho?

Eu observei os pedestres que passavam.

Verdade, eu tinha visto alguns lugares onde a Névoa era particularmente densa. Em Troia, o céu acima do campo de batalha estava tão carregado de deuses que não dava para virar a carruagem sem atropelar uma deidade, mas os troianos e os gregos só viram leves sinais da nossa presença. Na ilha Three Mile, em 1979, os mortais não se deram conta de que o desastre nuclear foi causado por uma luta épica de serras elétricas entre Ares e Hefesto. (Pelo que me lembro, Hefesto tinha falado mal da calça jeans boca de sino de Ares.)

Ainda assim, eu não achava que o problema ali era a Névoa densa. Alguma coisa naquelas pessoas me incomodava. Os rostos estavam plácidos demais. Os sorrisos atordoados me lembravam os antigos atenienses antes do Festival de Dioniso: todo mundo de bom humor, distraído, pensando nas festas regadas a bebida e na libertinagem que estavam por vir.

— É melhor irmos para um lugar mais reservado — sugeri. — Talvez…

Festus cambaleou, se balançando todo como um cachorro molhado. De dentro do peito veio um barulho de corrente de bicicleta solta.

— Ah, de novo, não — reclamou Leo. — Todo mundo para o chão!

Calipso e eu descemos na mesma hora.

Leo parou na frente de Festus e esticou os braços, uma postura clássica de cuidador de dragão.

— Ei, amigão, está tudo bem! Só vou desligar você um pouco, tá? Um tempinho para…

Festus vomitou um longo jato de chamas que envolveu Leo. Felizmente, Valdez era à prova de fogo. As roupas dele, não. Pelo que Leo tinha me contado, ele podia impedir que as roupas se queimassem caso se concentrasse. Mas, se fosse pego de surpresa, nem sempre essa tática dava certo.

Quando as chamas se dissiparam, Leo se viu apenas com uma cueca boxer de amianto, o cinto mágico de ferramentas e um par de tênis fumegantes e parcialmente derretidos.

— Droga! — gritou. — Festus, está frio aqui!

O dragão cambaleou outra vez. Leo correu e puxou a alavanca atrás da pata dianteira esquerda do dragão, que começou a desmontar. As asas, os membros, o pescoço e a cauda se encolheram, as placas de bronze se sobrepondo e se dobrando para dentro. Em questão de

segundos, nosso amigo robótico fora reduzido a uma mala grande de bronze.

Isso devia ser fisicamente impossível, claro, mas, como qualquer deus, semideus ou engenheiro que se preze, Leo Valdez se recusava a ser detido pelas leis da física.

Ele fez cara feia.

— Cara… eu *achei* que tivesse consertado o girocapacitor dele. Acho que vamos ficar presos aqui até eu conseguir encontrar uma oficina.

Calipso fez uma careta. A jaqueta rosa brilhava por causa da água condensada, resultado de nosso voo pelas nuvens.

— Se encontrarmos uma, quanto tempo vai levar para consertar Festus? — perguntou a feiticeira.

Leo deu de ombros.

— Doze horas? Quinze? — Ele apertou um botão na lateral da mala. Uma alça surgiu. — Mas acho que é melhor darmos uma passadinha numa loja de roupas antes.

Eu nos imaginei entrando em uma loja de departamento, Leo de cueca boxer e tênis derretidos, puxando uma mala de bronze. Não apreciei muito a ideia.

E então, da calçada, uma voz disse:

— Oi!

A mulher de vestido florido tinha voltado. Ou pelo menos *parecia* a mesma mulher. Ou isso, ou muitas moças em Indianápolis usavam vestidos com estampa de madressilvas roxas e amarelas e gostavam de penteados bufantes estilo anos 1950.

Ela deu um sorriso vazio.

— Linda manhã!

Na verdade, a manhã estava horrível, fria e nublada, e parecia que ia nevar a qualquer momento, mas achei que seria grosseria ignorá-la completamente.

Respondi com meu aceno de realeza, o tipo de gesto que eu fazia para meus adoradores quando eles iam se prostrar sob meu altar. A mensagem era bem clara: *Estou vendo você, reles mortal; agora, se manda. Os deuses estão conversando.*

A mulher não se tocou e resolveu se aproximar. Ela não era particularmente grande, mas alguma coisa em suas proporções parecia errada. Os ombros eram largos demais para a cabeça. O peito e a barriga se projetavam para a frente em uma massa volumosa, como se ela tivesse enfiado um saco de mangas no vestido. Isso sem contar os braços e pernas finos, que me faziam lembrar uma espécie de besouro gigante. Não ia me surpreender se ela levantasse voo e saísse zanzando por aí.

— Minha nossa! — Ela segurou a bolsa com as duas mãos. — Vocês

são ou não são as crianças mais fofas?

O batom e a sombra eram de um tom violento de roxo. Eu me perguntei se tinha oxigênio suficiente chegando ao cérebro dela.

— Senhora — falei —, nós não somos crianças. — Eu poderia ter acrescentado que tinha mais de quatro mil anos de idade e que Calipso era ainda mais velha, mas achei melhor não entrar em detalhes. — Agora, se você nos der licença, temos uma mala para consertar, e meu amigo precisa urgentemente de uma calça.

Tentei passar, mas a mulher não deixou, bloqueando meu caminho.

— Você não pode ir embora agora, querido! Nem demos as boas-vindas a vocês!

Ela tirou um smartphone da bolsa. A tela brilhou, como se uma ligação já estivesse acontecendo.

— É ele, sim — disse a mulher ao telefone. — Pessoal, pode vir. Apolo está aqui!

Minha respiração ficou presa no peito.

Antigamente, eu esperaria ser reconhecido assim que chegasse a qualquer cidade. *Claro* que os habitantes correriam para me receber. Eles cantariam e dançariam e jogariam flores. Começariam a construir um novo templo na mesma hora.

Mas, como Lester Papadopoulos, não dava para esperar muita coisa. Eu não parecia com meu antigo eu. A ideia de que os habitantes de Indiana pudessem me reconhecer apesar do cabelo embaraçado, da acne e daquela pancinha era ao mesmo tempo insultante e apavorante. E se erigissem uma estátua minha na forma atual, um Lester dourado gigantesco no meio da cidade? Os outros deuses nunca mais me deixariam em paz!

— Senhora — falei —, infelizmente, acho que você me confundiu…

— Não seja modesto! — A mulher jogou o celular e a bolsa no chão. Então segurou meu antebraço com a força de um halterofilista. — Nosso mestre vai ficar feliz da vida de ter você por perto. E pode me chamar de Nanette.

Calipso atacou. Ou queria me defender (improvável), ou não era fã do nome Nanette. Ela deu um soco na cara da mulher.

Isso por si só não me surpreendeu. Como tinha perdido os poderes imortais, ela estava testando outras habilidades. Até o momento, tinha fracassado com espadas, lanças, *shurikens*, chicotes e *stand-up comedy*. (Entendo a frustração dela, já passei pelo mesmo.) Naquele dia, ela decidiu experimentar os punhos.

O que me surpreendeu foi o CRACK alto que o punho dela fez na cara de Nanette, o som de ossos da mão se quebrando.

— Ai!

Calipso cambaleou, segurando a mão.

A cabeça de Nanette deslizou para trás. Ela me soltou para tentar

segurar o próprio rosto, mas era tarde demais. A cabeça desabou dos ombros, bateu na calçada e rolou para o lado, os olhos ainda piscando, os lábios roxos tremendo. A base era de aço inoxidável liso. Tiras irregulares de fita adesiva cheias de cabelo e grampos estavam presas a ela.

— Santo Hefesto! — Leo correu até Calipso. — Moça, você quebrou a mão da minha namorada com a sua cara. O que você é, um autômato?

— Não, querido — disse a decapitada Nanette. A voz abafada não saiu da cabeça de aço na calçada. Emanou de algum lugar dentro do vestido. Acima da gola, onde antes ficava o pescoço, havia um afloramento de cabelo louro e fino todo emaranhado e cheio de grampos. — E devo dizer que bater em mim não foi muito educado.

Só então percebi que a cabeça de metal era um disfarce. Assim como sátiros cobriam os cascos com sapatos humanos, aquela criatura se passou por mortal fingindo que tinha rosto humano. A voz veio da área da barriga, o que significava que…

Meus joelhos tremeram.

— Um *blemmyae* — falei.

Nanette riu. O tronco volumoso se contorceu embaixo do tecido florido. Ela rasgou a blusa, coisa que um habitante educado do Meio-Oeste jamais pensaria em fazer, e revelou seu verdadeiro rosto.

Onde o sutiã de uma mulher ficaria, dois olhos saltados enormes piscaram para mim. Do esterno se projetava um nariz grande e brilhante. No abdome se curvava uma boca horrenda: lábios cor de laranja cintilantes, dentes que lembravam um conjunto de cartas brancas de baralho.

— Pois é, querido — disse o rosto. — E estou prendendo você em nome do Triunvirato!

Então, todos os pedestres de aparência agradável da Rua Washington se viraram e vieram em nossa direção.

2

Gente sem cabeça
Não curti o Meio-Oeste
Ih… Fantasma queso!

CARAMBA, APOLO, **VOCÊ PODE** estar pensando, *por que você não puxou o arco e disparou nela? Ou a encantou com uma música do seu ukulele de combate?*

Verdade, eu tinha esses dois itens pendurados nas costas, assim como minha aljava. Infelizmente, até as melhores armas semidivinas exigem uma coisa chamada *manutenção*. Meus filhos Kayla e Austin me explicaram isso antes de eu sair do Acampamento Meio-Sangue. Eu não podia simplesmente puxar o arco e a aljava do nada, como fazia quando era deus. Não podia mais fazer meu ukulele aparecer nas minhas mãos e esperar que estivesse perfeitamente afinado.

Minhas armas e meu instrumento musical estavam cuidadosamente embrulhados em cobertores. Senão, voar pelo céu úmido de inverno teria entortado o arco, estragado as flechas e bancado Hades com as cordas do meu ukulele. Pegá-los agora exigiria vários minutos, tempo que eu não tinha.

Além do mais, duvidava que fossem servir de muita coisa contra os *blemmyae*.

Eu não lidava com essas criaturas desde a época de Júlio César, e teria ficado feliz se passasse mais dois mil anos sem me deparar com uma delas.

Como um deus da poesia e da música podia ser eficiente contra uma espécie cujas orelhas estavam enfiadas nos sovacos? E os *blemmyae* não temiam nem respeitavam a arqueria. Eram lutadores robustos e com pele grossa. Eram resistentes até à maior parte das enfermidades, o que significava que nunca pediam minha ajuda médica nem tinham medo das minhas flechas encantadas com pragas. Pior de tudo, não tinham humor nem imaginação. Não se interessavam pelo futuro, então não viam utilidade em oráculos nem profecias.

Em resumo, não dava para *criar* uma raça menos solidária a um deus atraente e multitalentoso como eu. (E, acredite, Ares já tinha tentado. Aqueles mercenários que ele arrumou na Guerra de Independência dos Estados Unidos? Caramba. George Washington e eu cortamos um dobrado com eles.)

— Leo — falei —, ative o dragão.

— Eu acabei de colocá-lo pra dormir.

— Anda!

Leo mexeu com desespero nos botões da mala. Nada aconteceu.

— Já falei, cara. Mesmo que Festus não estivesse com esses problemas, ele tem um sono *muito* pesado.

Que maravilha, pensei. Calipso estava encolhida, apertando a mão quebrada, murmurando obscenidades em minoico. Leo, de cueca, tremendo de frio. E eu… bom, eu era *Lester*. Além disso tudo, em vez de enfrentar nossos inimigos com um autômato enorme que cuspia fogo, nós agora teríamos que confrontá-los com uma mala de metal não muito compacta.

Eu me virei para o *blemmyae*.

— SUMA, abominável Nanette! — Tentei incorporar minha antiga voz de *fúria divina*. — Encoste em minha pessoa divina de novo e você será DESTRUÍDA!

Quando eu era deus, essa ameaça seria o bastante para fazer exércitos inteiros molharem as calças camufladas. Nanette só piscou os olhos castanhos esbugalhados.

— Menos, por favor — disse ela. Os lábios eram grotescamente hipnóticos, como ver uma incisão cirúrgica falando como uma marionete. — Além do mais, querido, você não é mais deus.

Por que precisavam ficar me lembrando disso toda hora?

Mais pessoas se juntaram a Nanette. Dois policiais desceram correndo os degraus da sede da prefeitura. Na esquina da Avenida Senate, três funcionários abandonaram o caminhão de lixo e se aproximaram carregando desajeitadamente grandes latas de lixo de metal. Da direção oposta, seis homens de terno atravessaram o gramado do prédio do governo.

Leo soltou um palavrão.

— Todo mundo nessa cidade é fã de metal, é isso? E não estou falando de música.

— Relaxe, amorzinho — disse Nanette. — Se renda, e não vamos precisar machucar muito você. Isso é trabalho do imperador!

Apesar da mão quebrada, Calipso não parecia estar a fim de se render. Com um grito desafiador, ela partiu para cima de Nanette de novo, desta vez dando um chute de caratê na direção do nariz gigante do *blemmyae*.

— Não! — gritei, tarde demais.

Como mencionei, *blemmyae* são seres fortes. É difícil machucá-los, e ainda mais complicado matá-los. O pé de Calipso acertou o alvo, mas o tornozelo dela se dobrou com um estalo horrível. Ela caiu, balbuciando de dor.

— Cal! — Leo correu até ela. — Para trás, cara de peito!

— Olha o vocabulário, querido — repreendeu Nanette. — Agora, infelizmente, vou ter que pisar em você.

Ela levantou um sapato alto de couro envernizado, mas Leo foi mais rápido. Conjurou um globo de fogo e o arremessou como uma bola de beisebol, acertando Nanette bem no meio dos enormes olhos peitudos. Chamas tomaram conta dela, incendiando as sobrancelhas e o vestido florido.

Enquanto Nanette gritava e cambaleava, Leo gritou:

— Apolo, me ajude!

Eu percebi que estava ali parado, paralisado de choque, o que não seria um problema se estivesse vendo a cena se desenrolar da segurança do meu trono no Monte Olimpo. Mas eu estava ali, nas trincheiras, ao lado dos seres inferiores. Ajudei Calipso a se erguer (apoiada no pé que ainda estava intacto). Passamos os braços dela por cima dos nossos ombros (com muitos gritos de Calipso quando segurei sem querer sua mão quebrada) e começamos a nos afastar, desajeitados.

Depois de uns dez metros, Leo parou de repente.

— Deixei Festus lá!

— Não podemos voltar — falei.

— *O quê?*

— Nós não vamos conseguir levar Festus *e* Calipso! Voltamos depois para buscá-lo. Os *blemmyae* nem vão notar que ele está ali.

— Mas e se descobrirem como abrir a mala — disse Leo, nervoso —, se machucarem meu bebê…

— *MARRRGGGGH!*

Atrás de nós, Nanette arrancou os farrapos do vestido em chamas. Da cintura para baixo, pelos louros desgrenhados cobriam seu corpo, não muito diferente dos de um sátiro. As sobrancelhas estavam soltando fumaça, mas o rosto parecia ter saído ileso. Ela cuspiu as cinzas que tinha na boca e olhou de cara feia em nossa direção.

— Isso *não* foi legal! PEGUEM ELES!

Os engomadinhos estavam quase nos alcançando, acabando com qualquer esperança de conseguirmos voltar até Festus sem sermos pegos.

Escolhemos a única opção heroica disponível: sair correndo.

Eu não me sentia tão sobrecarregado desde a corrida de três pernas da morte com Meg McCaffrey no Acampamento Meio-Sangue. Calipso tentou ajudar, quicando como um pula-pula entre mim e Leo, mas sempre que esbarrava com o pé ou a mão quebrados, dava um gritinho e caía sobre nós.

— D-desculpa, pessoal — murmurou ela, o rosto coberto de suor. — Acho que não nasci para lutar corpo a corpo.

— Nem eu — admiti. — Talvez Leo consiga segurar esse pessoal enquanto…

— Ei, não olhe para mim — resmungou Leo. — Sou só um sujeito

que conserta coisas e que, de vez em quando, consegue jogar uma bola de fogo. Nosso lutador ficou lá para trás, no modo mala.

— Manquem mais rápido — sugeri.

Só chegamos vivos à rua seguinte porque os *blemmyae* se moviam muito devagar. Acho que eu também me mexeria devagar se estivesse equilibrando uma cabeça falsa de metal em cima da minha, hã, cabeça, mas, mesmo sem os disfarces, eles não eram tão velozes quanto eram fortes. A percepção terrível de profundidade os fazia andar com cautela exagerada, como se o chão fosse um holograma com várias camadas. Se ao menos conseguíssemos cambalear mais rápido do que eles…

— Bom dia! — Um policial apareceu à nossa direita, arma em punho. — Parem, ou atiro! Obrigado!

Leo tirou uma garrafa de vidro do cinto de ferramentas. Jogou nos pés do policial, e chamas verdes explodiram em torno dele. O policial largou a arma. Começou a arrancar o uniforme em chamas, revelando uma cara de peito com sobrancelhas peludas e uma barba na barriga precisando ser aparada.

— Ufa! — exclamou Leo. — Eu estava *torcendo* para ele ser um *blemmyae*. Era meu único frasco de fogo grego, pessoal. E não consigo ficar conjurando bolas de fogo, a não ser que queira desmaiar, então…

— Precisamos nos esconder — completou Calipso.

Conselho sensato, mas *se esconder* não parecia um conceito comum em Indiana. As ruas eram amplas e retas, a paisagem, plana, não havia grandes multidões... Dava para ver tudo e todos.

Entramos na Avenida South Capitol. Olhei para trás e vi a multidão de locais sorridentes de cabeça falsa se aproximando de nós. Um operário de obras parou para arrancar o para-lama de uma picape Ford, depois se juntou ao grupo, a nova clava cromada sobre o ombro.

Enquanto isso, os mortais comuns (pelo menos os que não pareciam interessados em nos matar) continuavam o que estavam fazendo, dando telefonemas, esperando para atravessar nos sinais de trânsito, tomando café em estabelecimentos da região, nos ignorando completamente. Em uma esquina, sentado em um caixote de feira, um sem-teto envolto em um cobertor pesado me pediu um prato de comida. Resisti à vontade de avisar que nós estávamos prestes a virar picadinho.

Meu coração estava disparado. Minhas pernas tremiam. Eu odiava ter um corpo mortal. Sentia tantas coisas incômodas, como medo, frio, náusea e vontade de choramingar *Por favor, não me mate!* Se ao menos Calipso não tivesse quebrado o tornozelo, talvez pudéssemos ir mais rápido, mas não podíamos deixá-la para trás. Não que eu gostasse de Calipso, veja bem, mas já tinha convencido Leo a abandonar o dragão. Não queria abusar da sorte.

— Ali! — disse a feiticeira.

Ela apontou com o queixo para o que parecia uma viela, onde ficava a entrada de serviço de um hotel.

Eu estremeci, relembrando meu primeiro dia em Nova York como Lester Papadopoulos.

— E se for sem saída? Na última vez que me vi em um beco sem saída, as coisas não acabaram bem.

— Vamos tentar — disse Leo. — Podemos conseguir nos esconder lá, ou… sei lá.

Sei lá me pareceu um péssimo plano B, mas eu não tinha nenhuma sugestão melhor.

Boa notícia: o beco não era sem saída. Eu avistei um cruzamento no final do quarteirão. Má notícia: as plataformas de carga e descarga nos fundos do hotel estavam trancadas, nos deixando sem lugar para nos escondermos, e a parede do outro lado do beco estava cheia de caçambas de lixo. Ah, caçambas! Que ódio!

Leo suspirou.

— Podemos pular lá dentro, talvez…

— Não! — falei com rispidez. — Nunca mais!

Atravessamos o beco o mais rápido possível. Tentei me acalmar compondo em silêncio um soneto sobre as várias formas como um deus em fúria poderia destruir caçambas de lixo. Fiquei tão absorto que não reparei no que havia na nossa frente até Calipso ofegar.

Leo parou de repente.

— Mas que…? *Hijo.*

A aparição brilhou com uma suave luz laranja. Ela usava um *quíton* tradicional, sandálias e uma espada embainhada, como um guerreiro grego no auge da vida… exceto pelo fato de que tinha sido decapitada. Mas, diferentemente dos *blemmyae*, essa pessoa já tinha sido obviamente humana. Sangue etéreo escorria do pescoço cortado, pingando na túnica laranja luminosa.

— Esse fantasma tem cor de queijo — disse Leo.

O espírito levantou uma das mãos, nos chamando.

Por não ter nascido mortal, eu não tinha nenhum medo específico dos mortos. Se você já viu uma alma atormentada, já viu todas. Mas alguma coisa naquele fantasma me incomodou. Ele despertou uma lembrança antiga, uma sensação de culpa de milhares de anos antes…

Atrás de nós, as vozes dos *blemmyae* ficaram mais altas. Eles não paravam de dizer “Bom dia!” e “Com licença!” e “Que dia lindo!” para os outros habitantes de Indiana.

— O que a gente faz? — perguntou Calipso.

— Segue o fantasma — falei.

— O quê? — gritou Leo.

— Vamos seguir o fantasma cor de queijo. Como você sempre diz:

Vaya con queso.

— Era uma piada, *ese*.

O espírito laranja chamou de novo e flutuou na direção do fim do beco.

Atrás de nós, uma voz masculina gritou:

— Aí estão vocês! Tempo bom, não é mesmo?

Eu me virei e vi um para-lama de picape rodopiando na nossa direção.

— Abaixem-se!

Derrubei Calipso e Leo, provocando mais gritos de dor na feiticeira. O para-lama de picape voou por cima das nossas cabeças e acertou uma caçamba de lixo, gerando uma explosão festiva de confete de lixo.

Ficamos de pé com dificuldade. Calipso estava tremendo e tinha parado de reclamar de dor. Eu tinha quase certeza de que ela estava entrando em choque.

Leo puxou um grampeador do cinto de ferramentas.

— Vão na frente. Vou segurar esse pessoal o máximo que puder.

— O que você vai fazer? — perguntei. — Grampear todo mundo bonitinho na parede e depois fazer uma exposição?

— Vou jogar coisas neles! — respondeu Leo, ríspido. — A não ser que você tenha uma ideia melhor.

— V-vocês dois, parem — gaguejou Calipso. — N-nós não deixamos ninguém para trás. Agora, andem. Esquerda, direita, esquerda, direita.

Saímos do beco e encontramos uma praça ampla e circular. Ah, por que o povo de Indiana não podia construir uma cidade direito, com ruas sinuosas, um monte de cantos escuros e talvez uns *bunkers* à prova de bombas bem posicionados?

No meio de uma rotatória havia um chafariz cercado de canteiros de flores murchas. Ao norte, estavam as torres gêmeas de outro hotel. Ao sul, ficava um prédio de tijolos vermelhos e granito mais antigo e mais grandioso, talvez uma estação de trem da Era Vitoriana. De um lado da construção, uma torre de relógio se projetava uns sessenta metros no céu. Acima da entrada principal, debaixo de um arco de mármore, um vitral brilhava em uma moldura de cobre verde, como uma versão de vidro do alvo que usávamos nas competições de dardos na noite de jogos semanal do Monte Olimpo.

Esse pensamento me deixou bem melancólico. Eu daria qualquer coisa para voltar para casa em uma noite de jogos, mesmo que isso significasse ouvir Atena se gabar de sua pontuação nas Palavras Cruzadas.

Eu observei a praça. Nosso guia fantasmagórico parecia ter desaparecido.

Por que ele tinha nos levado até ali? Devíamos ir para o hotel? Para

a estação de trem?

Essas perguntas se tornaram irrelevantes quando os *blemmyae* nos cercaram.

A multidão saiu do beco atrás de nós. Uma viatura da polícia deu uma guinada na rotatória ao lado da estação de trem. Uma escavadeira parou na entrada do hotel, o operador acenando e gritando com alegria:

— Oi! Eu vou escavar vocês!

Todas as saídas da praça tinham sido bloqueadas rapidamente.

Senti um fio de suor escorrer e depois secar no meu pescoço. Um ruído irritante preencheu meus ouvidos, que percebi ser meu choramingo incompreensível de *Por favor, não me matem, por favor, não me matem.*

Eu não vou morrer aqui, prometi a mim mesmo. *Sou importante demais para bater as botas em Indiana*.

Mas minhas pernas fracas e meu queixo trêmulo pareciam discordar.

— Alguém tem alguma ideia? — perguntei aos meus compatriotas. — Por favor, qualquer ideia brilhante.

Calipso fez cara de que sua ideia mais brilhante no momento era tentar não vomitar. Leo ergueu o grampeador, o que não pareceu assustar os *blemmyae*.

Do meio da multidão, nossa velha amiga Nanette surgiu, a cara de peito sorrindo. Os sapatos altos de couro envernizado faziam um contraste horrível com o pelo louro nas pernas.

— Caramba, meus amores, vocês me deixaram meio zangada.

Ela segurou a placa de rua mais próxima e a arrancou do chão com apenas uma das mãos.

— Agora fiquem paradinhos, tudo bem? Só vou amassar a cabeça de vocês com isto aqui.

3

Interrompe o show
Uma coroa arrasando
E mata geral

EU ESTAVA PRESTES A iniciar o Plano de Defesa Ômega — cair de joelhos e implorar por misericórdia — quando Leo me salvou desse constrangimento.

— Escavadeira — sussurrou ele.

— Isso é um código? — perguntei.

— Não. Vou me esgueirar até a escavadeira. Distraiam os caras de peito.

Ele passou Calipso para mim.

— Você está maluco? — sussurrou ela.

Leo lançou um olhar desesperado para ela, como quem diz *Confie em mim! Distraia eles!*, e deu um passo cuidadoso para o lado.

— Ah! — Nanette abriu um sorrisão. — Você está se oferecendo para morrer primeiro, semideus baixinho? Foi você quem me acertou com fogo, então até que faz sentido.

Eu não sabia o que Leo tinha em mente, mas se começasse a discutir com Nanette sobre sua altura (ele tinha algumas questões quanto ao uso da palavra *baixinho*), seu plano não ia dar muito certo. Felizmente, tenho um talento natural para atrair a atenção de todos ao redor.

— Eu me ofereço para a morte! — gritei.

A multidão se virou para me olhar. Amaldiçoei silenciosamente minha escolha de palavras. Eu devia ter me voluntariado para uma coisa mais fácil, como fazer uma torta ou deixar tudo limpinho após a execução.

Tenho que aprender a pensar antes de falar. Sempre faço isso. Normalmente, dá certo. Às vezes, resulta em obras de arte da improvisação, como a Renascença ou o movimento beat. Eu tinha que torcer para que aquele fosse o caso dessa vez.

— Mas primeiro — falei —, ouça minha súplica, ó misericordioso *blemmyae*!

O policial que Leo tinha queimado baixou a arma. Algumas brasas verdes de fogo grego ainda fumegavam na barba da barriga dele.

— O que você quer dizer com *ouça minha súplica*?

— Bom — comecei —, é uma tradição ouvir as últimas palavras de um homem à beira da morte… ou de um deus ou semideus, ou de um… O que você se consideraria, Calipso? Titã? Semititã?

Calipso limpou a garganta com um ruído que soou bastante como *idiota*.

— O que Apolo está tentando dizer, ó misericordioso *blemmyae*, é que a etiqueta exige que você nos conceda algumas últimas palavras antes de nos matar. Tenho certeza de que você não ia querer ser mal-educado.

Os *blemmyae* pareceram chocados. Tinham perdido os sorrisos simpáticos, e balançaram as cabeças mecânicas. Nanette se adiantou, as mãos levantadas de forma apaziguadora.

— Não, jamais! Nós somos *muito* educados.

— Extremamente educados — concordou o policial.

— Obrigada — disse Nanette.

— De nada — disse o policial.

— Então, escutem! — gritei. — Amigos, inimigos, *blemmyae*… liberem as axilas e escutem minha triste história!

Leo deu outro passo para trás, as mãos nos bolsos do cinto de ferramentas. Mais cinquenta e sete, cinquenta e oito passos, e ele finalmente chegaria à escavadeira. Fantástico.

— Eu sou Apolo! — comecei. — Antigamente, um deus! Expulso do Monte Olimpo, banido por Zeus, culpado injustamente por começar uma guerra com os gigantes!

— Acho que vou vomitar — murmurou Calipso. — Preciso me sentar.

— Você está matando meu ritmo.

— Você está matando meus tímpanos. Me deixe sentar!

Apoiei Calipso na mureta do chafariz.

Nanette levantou a placa que arrancou da rua.

— Isso é tudo? Posso matar você agora?

— Não, não! — falei. — Estou só, hã, deixando Calipso se sentar para que… para que ela possa ser meu coral. Uma boa performance grega sempre tem um coral.

A mão de Calipso parecia uma berinjela esmagada, o tornozelo estava inchado. Eu não entendia nem como ela permaneceria consciente, muito menos como faria o coral, mas a feiticeira respirou fundo e, com dificuldade, assentiu.

— Estou pronta.

— Então! — bradei. — Eu cheguei ao Acampamento Meio-Sangue como Lester Papadopoulos!

— Um patético mortal! — cantou Calipso. — O mais inútil dos adolescentes! Lester!

Fiz cara feia para ela, mas não ousei interromper minha performance de novo.

— Superei muitos desafios com minha companheira, Meg McCaffrey!

— Ele quis dizer *mestra*! — acrescentou Calipso. — Uma garota de doze anos! Vejam o escravo patético dela, Lester, o mais inútil dos adolescentes!

O policial bufou com impaciência.

— Nós já sabemos de tudo isso. O imperador nos contou.

— Shhh — disse Nanette. — Não seja mal-educado.

Eu coloquei a mão no peito.

— Nós protegemos o Bosque de Dodona, um oráculo antigo, e atrapalhamos os planos de Nero! Mas, vejam, Meg McCaffrey me abandonou. O padrasto malvado dela envenenou sua mente!

— Veneno! — gritou Calipso. — Como o bafo de Lester Papadopoulos, o mais inútil dos adolescentes!

Resisti à vontade de empurrar Calipso no canteiro de flores.

Enquanto isso, Leo disfarçava e se aproximava da escavadeira, fazendo uma dança interpretativa, girando e ofegando e fazendo uma pantomima das minhas palavras. Ele parecia uma bailarina de cueca boxer tendo alucinações, mas os *blemmyae* educadamente saíram do caminho dele.

— Então! — gritei. — Do Oráculo de Dodona nós recebemos uma profecia, um limerique terrível!

— Terrível! — ecoou Calipso. — Como as habilidades de Lester, o mais inútil dos adolescentes.

— Você pode usar outros adjetivos — resmunguei, e continuei minha narração: — Viajamos para o Oeste em busca de outro oráculo, lutando com inimigos apavorantes! O ciclope nós derrotamos!

Leo pulou no estribo da escavadeira. Com muito drama, ergueu o grampeador e grampeou o operador da escavadeira duas vezes no peitoral, bem onde ficariam os verdadeiros olhos da criatura. Isso não deve ter sido *nada* agradável, mesmo para uma espécie resistente como os *blemmyae*. O operador gritou e levou a mão ao peito. Leo o chutou do banco do motorista.

— Ei! — gritou o policial.

— Esperem! — implorei. — Nosso amigo só está fazendo uma interpretação dramática de como vencemos os ciclopes. Sempre fazemos isso quando vamos contar uma história!

A multidão se entreolhou, desconfiada.

— Essas suas últimas palavras estão muito demoradas — reclamou Nanette. — Quando vou poder esmagar sua cabeça?

— Em breve — prometi. — Agora, como eu estava dizendo… Nós viajamos para o Oeste!

Levantei Calipso, o que gerou muitos choramingos da parte dela (e uns poucos da minha).

— O que você está fazendo? — murmurou ela.

— Vê se colabora — pedi. — Então, amados inimigos! Vejam o

tanto que viajamos!

Nós dois cambaleamos na direção da escavadeira. As mãos de Leo voaram pelos controles. O motor ganhou vida.

— Isso não é uma história! — protestou o policial. — Eles estão fugindo!

— Não, claro que não! — Empurrei Calipso para a escavadeira e subi atrás dela. — Sabe, nós viajamos por muitas semanas dessa forma…

Leo começou a dar ré. *Bipe. Bipe. Bipe.* A pá da escavadeira começou a se erguer.

— Imaginem que vocês estão no Acampamento Meio-Sangue — gritei para a multidão —, e que estamos viajando para longe de vocês.

Percebi meu erro. Pedi aos *blemmyae* para imaginarem. Eles não eram muito bons nisso.

— Parem eles!

O policial levantou a arma. O primeiro tiro ricocheteou na pá de metal da máquina.

— Escutem, meus amigos! — implorei. — Abram as axilas!

Mas tínhamos abusado da educação deles. Uma lata de lixo voou em nossa direção. Um engomadinho pegou uma urna de pedra decorativa no canto do chafariz e jogou na gente, destruindo a janela da frente do hotel.

— Mais rápido! — falei para Leo.

— Estou tentando, cara — murmurou ele. — Essa coisa não foi feita para ser veloz.

Os *blemmyae* se aproximaram.

— Cuidado! — gritou Calipso.

Leo virou a pá da escavadeira a tempo de rechaçar um banco de ferro fundido que estava prestes a nos atacar. Infelizmente, isso nos deixou vulneráveis a outro tipo de ataque. Nanette jogou a placa como se fosse um arpão. A vara de metal perfurou o chassi da escavadeira em uma explosão de vapor e graxa, e nosso veículo de fuga parou com um tremor.

— Que ótimo — disse Calipso. — E agora?

Aquele seria um excelente momento para minha força divina dar o ar da graça. Eu partiria para a batalha, arremessando meus inimigos nos ares, como se fossem bonecas de pano. Em vez disso, meus ossos pareceram se liquefazer e formar poças nos meus sapatos. Minhas mãos tremiam tanto que eu duvidava que conseguisse desembrulhar o arco mesmo que tentasse. Ah, que minha vida gloriosa pudesse terminar assim, esmagada por pessoas educadas e sem cabeça no Meio-Oeste americano!

Nanette pulou no capô da nossa escavadeira, me oferecendo uma visão horrenda de suas narinas. Leo tentou incendiá-la, mas daquela

vez Nanette estava preparada. Ela abriu a boca e engoliu a bola de fogo, sem demonstrar sinal de incômodo, soltando apenas um arrotinho.

— Não se sintam mal, queridos — disse ela. — Vocês nunca teriam acesso à caverna azul. O imperador caprichou na proteção dela! Mas é uma pena vocês terem que morrer. A nomeação será em três dias, e você e a garota iam ser as atrações principais na procissão de escravos dele! Vai ser uma festança!

Eu estava apavorado demais para compreender totalmente as palavras dela. *A garota*… Ela estava falando de Meg? Fora isso, só ouvi *azul–morrer–escravo*, que no momento parecia uma descrição precisa da minha existência.

Eu sabia que não tinha chance, mas puxei o arco do ombro e comecei a desembrulhá-lo. De repente, uma flecha atingiu Nanette entre os olhos. Ela ficou vesga tentando enxergá-la, mas cambaleou para trás e virou pó.

Olhei para minha arma envolta no cobertor. Eu era um arqueiro veloz, fato. Mas estava quase certo de que não tinha disparado aquela flecha.

Um assobio agudo chamou minha atenção. No meio da praça, acima do chafariz, havia uma mulher agachada, de calça jeans surrada e casaco prateado. Um arco branco feito de bétula brilhava nas suas mãos. Nas costas, ela carregava uma aljava cheia de flechas. Meu coração se encheu de alegria! Minha irmã Ártemis tinha finalmente vindo me ajudar! Mas não… Aquela mulher tinha pelo menos sessenta anos e estava com o cabelo grisalho preso em um coque. Ártemis jamais apareceria daquele jeito.

Por motivos que nunca me contou, Ártemis tinha aversão a parecer ter mais do que, digamos, vinte anos. Eu disse para ela incontáveis vezes que beleza não tem idade. Todas as revistas de moda olimpianas dizem que quatro mil é o novo mil, mas ela nunca me deu ouvidos.

— Para o chão! — gritou a mulher grisalha.

Por toda a praça, círculos do tamanho de bueiros apareceram no asfalto. Cada um se abriu como o diafragma de uma câmera, e torres surgiram, bestas mecânicas girando e apontando miras laser vermelhas em todas as direções.

Os *blemmyae* não tentaram se proteger. Talvez não tivessem entendido. Talvez estivessem esperando que a mulher de cabelo grisalho dissesse *por favor*. Mas eu não precisava ser um deus da arqueria para saber o que aconteceria em seguida. Derrubei meus amigos pela segunda vez naquele dia. (O que, em retrospecto, preciso admitir que me deu certo prazer.) Despencamos da escavadeira enquanto as bestas disparavam em uma confusão de assobios agudos.

Quando ousei levantar a cabeça, não tinha sobrado nada dos

blemmyae, só pilhas de poeira e roupas.

A mulher grisalha pulou do alto do chafariz. Considerando sua idade, tive medo de quebrar os tornozelos ou algo do tipo, mas ela caiu de forma graciosa e veio em nossa direção, o arco ao lado do corpo.

Havia rugas no rosto dela. A pele debaixo do queixo estava começando a ficar flácida. Manchas se espalhavam pelas mãos. Ainda assim, ela se portava com a confiança majestosa de uma mulher que não tinha mais nada a provar para ninguém. Os olhos brilhavam como se refletissem o luar. Algo neles era familiar.

Ela me observou por cinco segundos e balançou a cabeça, impressionada.

— Então é verdade. Você é Apolo.

O tom dela não tinha a admiração *Ah, uau, Apolo!* com que eu estava acostumado. Ela disse meu nome como se me conhecesse pessoalmente.

— N-nós nos conhecemos?

— Você não se lembra de mim — disse ela. — É, não achei que fosse lembrar mesmo. Pode me chamar de Emmie. E o fantasma que você viu… era Agamedes. Ele guiou vocês até nossa porta.

O nome Agamedes não me era estranho, mas, como sempre, não consegui localizar a lembrança. Meu cérebro humano ficava dando aquela mensagem irritante de *memória cheia*, me pedindo para apagar alguns séculos de experiências antes que eu pudesse continuar.

Emmie olhou para Leo.

— Por que você está de cueca?

Leo suspirou.

— Foi uma longa manhã, *abuela*, mas obrigado pela ajuda. Essas torres são incríveis.

— Obrigada… eu acho.

— Será que você pode nos ajudar aqui com a Cal? — pediu Leo. — Ela não está muito bem.

Emmie se agachou ao lado de Calipso, que estava pálida e sem cor. Os olhos da feiticeira estavam fechados, e ela respirava com dificuldade.

— Ela está muito machucada. — Emmie franziu a testa ao observar o rosto de Calipso. — Você disse que o nome dela é Cal?

— Calipso — respondeu Leo.

— Ah. — As linhas de preocupação de Emmie se intensificaram. — Isso explica tudo. Ela é tão parecida com Zoë.

Senti uma pontada dolorida no estômago.

— Zoë Doce-Amarga?

Em seu estado febril, Calipso murmurou alguma coisa que não consegui entender… talvez o nome *Doce-Amarga*.

Durante séculos, Zoë foi tenente de Ártemis, a líder das Caçadoras. Morreu em batalha alguns anos atrás. Eu não sabia se Calipso e Zoë se conheciam, mas de fato *eram* meias-irmãs, as duas filhas do titã Atlas. Eu nunca tinha pensado no quanto elas eram parecidas.

Olhei para Emmie.

— Se você conheceu Zoë, deve ser uma das caçadoras da minha irmã. Mas não pode ser. Você está…

Eu parei antes de dizer *velha e quase morrendo*. As Caçadoras não envelheciam nem morriam, a não ser que fossem mortas em combate. Aquela mulher era obviamente mortal. Eu conseguia sentir sua energia vital se esvaindo… tão deprimente e parecida com a minha; nem um pouco parecida com a de um ser divino. É difícil explicar como eu sabia aquilo, mas estava perfeitamente claro para mim, como notar a diferença entre uma quinta justa e uma quinta diminuta.

Ao longe, sirenes ressoaram. Eu me dei conta de que estávamos no meio de uma pequena zona de desastre. Mortais ou outros *blemmyae* chegariam logo.

Emmie estalou os dedos, e as torres de besta sumiram. Os portais se fecharam como se nunca tivessem existido.

— Precisamos sair da rua — disse Emmie. — Venham, vou levar vocês para a Estação Intermediária.

4

Era proibido
Esconder-se de Apolo e
Jogar-lhe tijolos

NÃO TIVEMOS QUE CAMINHAR muito.

Carregando Calipso, Leo e eu seguimos Emmie até o prédio grande e ornamentado no lado sul da praça. Como eu desconfiava, em algum momento o edifício tinha sido uma estação de trem. As palavras UNION STATION estavam entalhadas em granito debaixo do vitral.

Emmie ignorou a entrada principal. Desviou para a direita e parou diante de uma parede. Passou os dedos pelos tijolos, traçando o contorno de uma porta. O concreto estalou e se dissolveu. Uma porta recém-talhada se abriu para dentro, revelando um duto estreito, parecido com uma chaminé, com degraus de metal na parede.

— Truque legal — disse Leo —, mas Calipso não está exatamente em condições de escalar uma parede.

Emmie franziu a testa.

— Você tem razão. — Ela olhou para a porta. — Estação Intermediária, podemos usar uma rampa, por favor?

Os degraus de metal sumiram. Com um ronco suave, a parede interna do duto se inclinou para trás e os tijolos se rearrumaram em uma inclinação ascendente suave.

— Caramba — disse Leo. — Você falou com o prédio?

Um sorriso surgiu no canto da boca de Emmie.

— A Estação Intermediária é mais do que um prédio.

De repente, não achei aquela rampa tão legal assim.

— Isso é uma estrutura viva? Como o Labirinto? E você espera que a gente *entre*? — perguntei.

O olhar de Emmie foi definitivamente a expressão de uma Caçadora. Só as seguidoras de minha irmã ousariam me lançar uma cara feia tão insolente.

— A Estação Intermediária não é nenhum trabalho de Dédalo, Lorde Apolo. É perfeitamente segura… enquanto vocês forem nossos convidados.

O tom da mulher sugeria que minha estadia ali dependia da boa vontade dela. As sirenes lá fora estavam cada vez mais altas. Calipso continuava respirando com dificuldade. Decidi que não tínhamos muita escolha. Seguimos Emmie para dentro do prédio.

Luzes surgiram nas paredes, velas amarelas tremeluzindo em arandelas de bronze. Uns seis metros à frente na rampa, uma porta se

abriu à nossa esquerda. Lá dentro, vislumbrei uma enfermaria que deixaria meu filho Asclépio com inveja: um armário com estoque completo de remédios, instrumentos cirúrgicos e ingredientes de poções; uma cama de hospital com monitoramento eletrônico de sinais vitais embutido e equipamento de fisioterapia de última geração. Ervas curativas secavam em uma prateleira ao lado da máquina de ressonância magnética portátil. E, nos fundos, havia um terrário de vidro cheio de cobras venenosas.

— Nossa! — exclamei. — Sua enfermaria é de ponta.

— É — concordou Emmie. — E a Estação Intermediária está me dizendo que devo cuidar da sua amiga imediatamente.

Leo olhou ao redor.

— Então quer dizer que este aposento simplesmente *apareceu* aqui?

— Não — disse Emmie. — Bom, sim. Está sempre aqui, mas… é mais fácil de encontrar quando precisamos dele.

Leo assentiu, pensativo.

— Você acha que a Estação Intermediária poderia organizar minha gaveta de meias?

Um tijolo caiu do teto e se espatifou aos pés dele.

— Isso é um *não* — interpretou Emmie. — Agora, se você puder deixar sua amiga comigo, por favor.

— Hã… — Leo apontou para o terrário. — Você tem cobras ali. Só para avisar.

— Vou cuidar bem dela — prometeu Emmie.

Ela segurou Calipso e, sem demonstrar qualquer dificuldade, levantou a feiticeira nos braços.

— Podem seguir em frente. Jo está no topo da rampa.

— Jo? — perguntei.

— Não tem como vocês se perderem — prometeu Emmie. — Ela vai conseguir explicar a Estação Intermediária melhor do que eu.

Então se afastou, levando Calipso consigo. A porta se fechou.

Leo me encarou, a testa franzida.

— Cobras? Sério?

— Ah, sim — falei. — Há um motivo para o símbolo da medicina ser uma cobra enrolada em um bastão. O veneno foi um dos primeiros remédios.

— Hã. — Leo olhou para os próprios pés. — Você acha que pelo menos posso ficar com esse tijolo?

O corredor tremeu.

— Eu deixaria aqui — sugeri.

— É, melhor.

Alguns metros depois, outra porta se abriu à nossa direita.

Lá dentro, a luz do sol entrava por cortinas de renda cor-de-rosa e iluminava o piso de madeira do quarto de uma criança. Uma cama

aconchegante estava coberta com edredons fofos, travesseiros e bichos de pelúcia. As paredes, num branco suave, haviam sido usadas como tela para desenhos de giz de cera: bonecos de palito, árvores, casas, animais que podiam ser cachorros, cavalos ou lhamas brincando. Na parede esquerda, em frente à cama, um sol de giz de cera sorria para um campo de flores felizes de giz de cera. No centro, uma garota de palito estava entre dois bonecos de palito maiores, que pareciam ser seus pais, os três de mãos dadas.

A parede toda desenhada do quarto me lembrou a caverna de Rachel Elizabeth Dare no Acampamento Meio-Sangue. Meu Oráculo Délfico gostava de pintar sua caverna com coisas que apareciam em suas visões… antes de o poder oracular deixar de funcionar, claro. (Não tive nada a ver com isso. Foi tudo culpa daquela cobra gigante maldita, Píton.)

Os desenhos pareciam ter sido feitos por uma criança de uns sete ou oito anos. Mas, no canto mais distante da parede dos fundos, a jovem artista tinha decidido lançar uma praga horripilante no mundo de giz de cera. Uma tempestade negra surgia, rabiscada grosseiramente. Bonecos de palito com cenho franzido ameaçavam lhamas com facas triangulares. Rasuras escuras cobriam um arco-íris de cores primárias. Um enorme círculo escuro havia sido rabiscado por cima do campo de grama verde, como um lago negro… ou a entrada de uma caverna.

Leo deu um passo para trás.

— Não sei, cara. Acho melhor a gente não entrar.

Eu me perguntei por que a Estação Intermediária decidiu nos mostrar aquele quarto. Quem morava ali? Ou, para ser mais exato… quem *tinha* morado ali? Apesar da cortina cor-de-rosa alegre e da pilha de bichos de pelúcia na cama cuidadosamente arrumada, o quarto parecia abandonado, conservado como uma exposição de museu.

— Vamos em frente — concordei.

Finalmente, no topo da rampa, saímos em um salão que parecia uma catedral. Acima, um teto abobadado com entalhes em madeira e vitrais iluminados no centro criava desenhos geométricos em verde e dourado. Na extremidade oposta do aposento, o vitral redondo que vi do lado de fora lançava sombras como um alvo de dardos no piso de cimento pintado. À nossa esquerda e direita, havia passarelas suspensas com corrimões de ferro forjado e postes de luz vitorianos elegantes alinhados nas paredes. Atrás dos corrimões, fileiras de portas levavam a outros aposentos. Seis escadas subiam até o friso decorado na base do teto, onde os parapeitos estavam cheios do que pareciam ninhos de palha para galinhas muito grandes. O lugar todo tinha um leve odor animal… embora lembrasse mais um canil do que um

galinheiro.

Em um canto do salão principal cintilava uma cozinha toda equipada e grande o bastante para receber, ao mesmo tempo, vários reality shows de culinária. Havia conjuntos de sofás e poltronas aqui e ali. Uma mesa de jantar enorme e rústica de sequoia com vinte lugares ocupava o centro do salão.

Debaixo do vitral, os equipamentos de diferentes tipos de oficina pareciam ter sido espalhados de maneira aleatória: serras de bancada, furadeiras, tornos mecânicos, fornalhas, forjas, bigornas, impressoras 3D, máquinas de costura, caldeirões e vários outros equipamentos industriais que eu não saberia nomear. (Não me julgue. Não sou Hefesto.)

Curvada sobre uma solda, trabalhando numa folha de metal com fagulhas saindo do maçarico para todos os lados, uma mulher musculosa usava visor de metal, avental de couro e luvas.

Não sei bem como ela reparou em nós. Talvez a Estação Intermediária tenha jogado um tijolo nas costas dela para chamar sua atenção. Como quer que tenha sido, ela olhou em nossa direção, desligou o maçarico e levantou o visor.

— Feitiços me mordam! — Ela soltou uma gargalhada. — Você é *Apolo*?

Ela tirou o equipamento de segurança e se aproximou. Como Emmie, a mulher tinha uns sessenta anos, mas, enquanto a outra possuía o físico de uma ex-ginasta, aquela mulher havia sido feita para lutar. Os ombros largos e os braços negros musculosos esticavam o tecido de uma camisa polo cor-de-rosa desbotada. Chaves inglesas e de fenda despontavam dos bolsos do macacão jeans. Contrastando com a pele escura do couro cabeludo, o cabelo grisalho quase raspado brilhava como geada.

Ela esticou a mão.

— Você não deve se lembrar de mim, Lorde Apolo. Sou Jo. Ou Josie. Ou Josephine. Qualquer um serve.

A cada versão do nome, ela apertava minha mão com mais força. Eu nunca entraria em uma queda de braço com ela (se bem que, com aqueles dedos gordos, duvido que ela tocasse violão tão bem quanto eu, então *rá*). O rosto quadrado seria intimidante se não fossem os olhos alegres e brilhantes. A boca tremia como se ela estivesse fazendo um grande esforço para não cair na gargalhada.

— Sim — guinchei, puxando a mão. — Quer dizer, não. Infelizmente, não me lembro. Posso apresentá-la ao Leo?

— Leo! — Ela esmagou a mão dele com entusiasmo. — Sou Jo.

Era tanta gente com nomes terminados em *o — Jo, Leo, Calipso, Apolo* — que senti que minha marca registrada estava se diluindo. Agradeci aos deuses por não estarmos em Ohio e por nosso dragão não

se chamar Festo.

— Acho que vou chamar você de Josephine — decidi. — É um nome lindo.

Josephine deu de ombros.

— Por mim, tudo bem. Onde está sua amiga Calipso?

— Espere — disse Leo. — Como você soube de Calipso?

Josephine bateu de leve na têmpora esquerda.

— A Estação Intermediária me conta coisas.

— Aaah. — Leo arregalou os olhos. — Que legal.

Eu não tinha tanta certeza disso. Normalmente, quando uma pessoa dizia que ouvia um prédio falar com ela, eu me afastava o mais rápido possível. Infelizmente, eu acreditava em Josephine. E também tinha a sensação de que precisaríamos da hospitalidade dela.

— Calipso está na enfermaria — falei. — Quebrou a mão. E o pé.

— Ah. — O brilho dos olhos de Josephine diminuiu. — É, vocês conheceram os vizinhos.

— Você está falando dos *blemmyae*. — Eu imaginei os *vizinhos* batendo à porta delas para pedir uma chave inglesa emprestada, ou uma xícara de açúcar, ou para assassinar alguém, essas coisas. — Vocês sempre tiveram problemas com eles?

— Não muitos. — Josephine suspirou. — Sozinhos, os *blemmyae* são inofensivos, desde que você seja educado com eles. Não têm imaginação suficiente para elaborar um plano maligno. Mas, desde o ano passado…

— Vou adivinhar — falei. — Indianápolis tem um novo imperador?

Um tremor de raiva surgiu no rosto de Josephine, me dando um vislumbre de como seria irritá-la. (Dica: envolvia dor.)

— É melhor só conversarmos sobre o imperador quando Emmie e sua amiga se juntarem a nós — disse ela. — Sem Emmie por aqui para me manter calma… eu fico nervosa.

Concordei com um aceno de cabeça. Não deixar Josephine nervosa parecia um plano excelente.

— Mas estamos em segurança aqui? — perguntei.

Leo esticou a palma da mão, como se verificando se estavam chovendo tijolos.

— Também queria perguntar isso. É que… a gente meio que trouxe uma galera furiosa até a porta de vocês.

Josephine descartou nossas questões.

— Não se preocupem. As forças do imperador estão nos procurando há meses. A Estação Intermediária não é tão fácil de achar, a menos que você seja convidado a entrar.

— Ah. — Leo bateu com o pé no chão. — Então você criou este lugar? É bem incrível.

Josephine riu.

— Quem me dera. Um semideus arquiteto com *muito* mais talento do que eu fez isso. Construiu a Estação Intermediária nos anos 1880, nos primórdios da ferrovia transcontinental. Era para ser um refúgio para semideuses, sátiros, Caçadoras... para qualquer um que precisasse de um esconderijo aqui no centro do país. Emmie e eu somos apenas as sortudas responsáveis por cuidar do prédio atualmente.

— Eu nunca nem ouvi falar deste lugar — comentei com mau humor.

— Nós… ah, nós tentamos ser discretas. Ordens de Lady Ártemis. Só sabe quem precisa.

Como deus, eu era a própria definição de *quem precisa*, mas era típico de Ártemis manter algo assim em segredo. Ela era *tão* cismada com o fim do mundo, sempre escondendo coisas dos outros deuses, como estoques de suprimentos, bunkers de emergência e pequenos estados-nação.

— Suponho que este lugar não seja mais uma estação de trem. O que os mortais pensam que é?

Josephine sorriu.

— Estação Intermediária, piso transparente, por favor.

Embaixo dos nossos pés, o cimento pintado sumiu. Dei um pulo para trás, como se estivesse de pé em uma frigideira quente, mas o chão não tinha sumido de verdade. Tinha só ficado transparente. Ao nosso redor, os tapetes, a mobília e o equipamento das oficinas pareciam pairar dois andares acima do térreo de verdade do salão, onde vinte ou trinta mesas de banquete tinham sido arrumadas para algum evento.

— Nosso espaço fica no topo do prédio — disse Josephine. — Aquela área abaixo de nós já foi o saguão principal da estação. Agora, os mortais alugam para casamentos, festas e tal. Se eles olharem para cima…

— Camuflagem adaptativa — opinou Leo. — Eles veem uma imagem de teto, mas não veem vocês. Legal!

Josephine concordou, claramente satisfeita.

— Na maior parte do tempo, é bem silencioso aqui, embora fique agitado nos fins de semana. Se eu precisar ouvir "Thinking Out Loud" de mais uma banda cover de casamento, talvez tenha que deixar uma bigorna cair.

Ela apontou para o piso, que imediatamente voltou a ser de cimento opaco.

— Agora, se vocês não se importarem, preciso terminar um projeto em que estou trabalhando. Não quero que as placas de metal esfriem sem a solda apropriada. Depois disso…

— Você é filha de Hefesto, não é? — perguntou Leo.

— De Hécate, na verdade.

Leo piscou, confuso.

— Não acredito! Mas aquela oficina incrível que você tem…

— Construção mágica é minha especialidade — disse Josephine. — Meu pai, o *mortal*, era mecânico.

— Legal! — disse Leo. — Minha mãe era mecânica! Ei, se eu puder usar suas ferramentas, deixei um dragão na sede da prefeitura e…

— Hã-hã, nada disso. — interrompi. Por mais que quisesse Festus de volta, não achava que uma mala quase indestrutível e impossível de abrir corresse perigo imediato. Também tinha medo de que, se Leo e Josephine começassem a conversar, estariam em pouco tempo babando sobre as maravilhas dos parafusos de cabeça sextavada e eu morreria de tédio. — Josephine, você ia dizer que *depois disso*…?

— Isso — concordou Josephine. — Me dê alguns minutos. Aí vou poder levar vocês até os quartos de hóspedes e, hã, talvez arrumar umas roupas para o Leo. Infelizmente, nos últimos tempos, temos espaço de sobra.

Eu me perguntei por que isso era ruim. E pensei no quarto de criança vazio pelo qual passamos. Alguma coisa me dizia que talvez fosse melhor não mencioná-lo.

— Nós agradecemos a ajuda — falei para Josephine. — Mas ainda não entendo. Você diz que Ártemis sabe sobre este lugar. Você e Emmie são ou eram Caçadoras?

Os músculos do pescoço de Josephine se contraíram.

— Não somos mais.

Franzi a testa. Sempre pensei nas seguidoras da minha irmã como uma máfia de donzelas. Uma vez que você faz parte do grupo, não o abandona de jeito nenhum, a não ser em um lindo caixão prateado.

— Mas…

— É uma longa história — disse Josephine, me interrompendo. — É melhor Hemiteia contar.

— *Hemiteia*? — O nome me atingiu como um dos tijolos da Estação Intermediária. Parecia que meu rosto estava derretendo. De repente, percebi por que Emmie me pareceu familiar. Não era surpresa eu ter me sentido tão inquieto na presença dela. — Emmie. Apelido de Hemiteia. *A* Hemiteia?

Josephine olhou para os lados.

— Você não sabia mesmo? — Ela apontou para a oficina. — Então… vou voltar à solda agora. Tem comida e bebida na cozinha. Fiquem à vontade.

Ela se afastou.

— Caramba — murmurou Leo. — Ela é *incrível*.

— Humpf.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Você e Hemiteia tiveram um caso ou algo assim? Parecia que

você tinha levado um chute no saco quando ouviu o nome dela.

— Leo Valdez, em quatro mil anos ninguém *nunca* ousou me dar um chute no saco. Se você quer dizer que pareci ligeiramente surpreso, é porque conheci Hemiteia quando ela era uma jovem princesa na Grécia Antiga. Nós nunca tivemos *um caso*. No entanto, fui eu que a tornei imortal.

O olhar de Leo vagou na direção da oficina, onde Josephine tinha voltado a soldar.

— Achei que todas as Caçadoras se tornassem imortais quando faziam o juramento a Ártemis.

— Você não entendeu — falei. — Eu tornei Hemiteia imortal *antes* de ela se tornar Caçadora. Na verdade, eu a transformei em deusa.

5

Que tal uma história?
Hmmm... Acho que vou desmaiar
Que visão do inferno!

AQUELA ERA A DICA para Leo se sentar aos meus pés e ouvir, absorto, a história que eu ia contar.

Mas ele só apontou vagamente para a oficina.

— Ah, tudo bem. Vou dar uma olhada na forja.

E me deixou sozinho. Esses semideuses de hoje, francamente... Culpo as redes sociais por essa dificuldade de concentração. Quando não se pode nem tirar um tempinho para ouvir um deus tagarelar, o mundo está perdido mesmo.

Infelizmente, a história insistia em ser lembrada. Vozes, rostos e emoções de três mil anos antes encheram minha mente, tomando controle dos meus sentidos com tanta força que eu quase desmoronei.

Ao longo das últimas semanas, durante nossa viagem para o Oeste, essas visões vinham acontecendo com uma frequência alarmante. Talvez fossem resultado dos meus neurônios humanos falhos tentando processar lembranças divinas. Talvez Zeus estivesse me punindo com flashbacks vívidos de meus fracassos mais espetaculares. Ou talvez meu tempo como mortal estivesse simplesmente me enlouquecendo. Fosse qual fosse o caso, mal consegui chegar ao sofá mais próximo antes de desabar.

Estava levemente ciente de Leo e Josephine na estação de solda, Josephine com roupa de soldadora e Leo de cueca, conversando sobre o projeto em que ela estava trabalhando. Eles não pareceram notar minha consternação.

De repente, as lembranças me engoliram.

Eu me vi pairando acima do Mediterrâneo Antigo. A água azul cintilante se estendia até o horizonte. Um vento quente e salgado me carregava. Os penhascos brancos de Naxos se erguiam nas ondas como a boca escancarada de uma baleia.

A uns trezentos metros dali, duas adolescentes tentavam salvar suas vidas, correndo na direção da beirada do penhasco, fugindo de uma multidão armada que vinha logo atrás. Os vestidos brancos das garotas tremulavam, e os cabelos compridos e escuros voavam ao vento. Apesar dos pés descalços, o terreno rochoso não as fez desacelerar. Bronzeadas e pequenas, elas estavam acostumadas a correr ao ar livre, embora estivessem se encaminhando para um beco sem saída.

À frente da horda, um homem corpulento de vestes vermelhas gritava e balançava a alça de um jarro de cerâmica quebrado. Uma coroa dourada brilhava na cabeça dele, e vinho seco tingia sua barba grisalha.

O nome dele me ocorreu: Estáfilo, rei de Naxos. Semideus filho de Dioniso, Estáfilo herdou os piores traços do pai e nada da tranquilidade festeira. Agora, em uma fúria bêbada, ele gritava alguma coisa sobre as filhas terem quebrado sua melhor ânfora de vinho, e por isso, naturalmente, elas tinham que morrer.

— Vou matar vocês duas! — gritou ele. — Vou partir vocês em pedacinhos!

Olha… se as garotas tivessem quebrado um violino Stradivarius ou uma gaita banhada a ouro, eu talvez entendesse a fúria. Mas um jarro de vinho?

As garotas continuaram correndo, implorando pela ajuda dos deuses.

Normalmente, esse tipo de coisa não seria problema meu. As pessoas gritavam pela ajuda dos deuses o tempo todo. Quase nunca ofereciam nada interessante em troca. Eu provavelmente só ficaria olhando a cena pensando *Ah, caramba, que pena. Ai. Deve ter doído!* e depois seguiria com minha vida divina.

Mas, naquele dia em particular, eu não estava voando por Naxos por acidente. Eu estava indo visitar a lindíssima e deslumbrante Reo, a filha mais velha do rei, por quem eu por acaso estava apaixonado.

Nenhuma das duas garotas era Reo, e sim suas irmãs mais novas, Parteno e Hemiteia. Mesmo assim, acho que Reo não ia gostar nada de saber que eu não tinha ajudado as irmãs dela no caminho para nosso encontro. *Ei, gata. Acabei de ver suas irmãs serem perseguidas até um penhasco e caírem em direção à morte. Quer ver um filme ou comer alguma coisa?*

Mas, se eu ajudasse as irmãs dela, contra a vontade do pai homicida e na frente de uma multidão de testemunhas, isso exigiria intervenção divina. Teria que preencher formulários, reconhecer firma, as três Parcas ainda exigiriam tudo em três vias.

Enquanto eu pensava no que fazer, Parteno e Hemiteia chegaram ao precipício. Elas devem ter percebido que não tinham para onde ir, mas mesmo assim continuaram correndo a toda velocidade.

— Nos ajude, Apolo! — gritou Hemiteia. — Nosso destino está em suas mãos!

E então, de mãos dadas, as duas irmãs pularam no abismo.

Uma demonstração tão forte de fé… Fiquei até sem ar!

Eu não podia deixar que se espatifassem depois de terem confiado a vida a mim. Se fosse Hermes? Claro, ele talvez as tivesse deixado morrer. Teria achado hilário. Hermes era um safado sádico. Mas

Apolo? Não. Eu tinha que honrar tanta coragem e estilo!

Parteno e Hemiteia não chegaram a encostar na água. Eu estiquei as mãos e atingi as garotas com um raio poderoso, impregnando nelas parte da minha força vital divina. Ah, era de causar inveja a qualquer um! Cintilando e se esvaindo em um brilho dourado, cheias de calor e poder recém-descoberto, elas flutuaram em direção ao céu em uma nuvem de purpurina no melhor estilo Sininho.

Não é uma coisa pequena transformar alguém em deus. A regra geral é que o poder flui para baixo, então qualquer deus pode teoricamente fazer um novo deus de poder menor do que o dele. Mas isso requer sacrificar parte da própria divindade, uma pequena quantidade do que torna você *você*, então os deuses não concedem um favor desses com frequência. Quando fazemos, geralmente criamos só os *menores* dos deuses, como fiz com Parteno e Hemiteia: só o pacote básico de imortalidade com poucos adicionais. (Se bem que acrescentei garantia estendida, porque sou um cara legal.)

Exultando de gratidão, Parteno e Hemiteia voaram para se encontrar comigo.

— Obrigada, Lorde Apolo! — disse Parteno. — Ártemis mandou você?

Meu sorriso vacilou.

— Ártemis?

— Ah, deve ter mandado! — disse Hemiteia. — Quanto estávamos caindo, oramos: “Nos ajude, Ártemis!”

— Não — falei. — Vocês gritaram: “Nos ajude, Apolo!”

As garotas se entreolharam.

— Hã… acho que não, meu senhor — disse Hemiteia.

Eu tinha *certeza* de que ela dissera meu nome. Mas, pensando bem, talvez eu tenha presumido, e não ouvido de fato. Nós três nos encaramos. Aquele momento em que você transforma duas garotas em imortais e descobre que elas não pediram para você fazer isso… Que climão.

— Bom, não importa! — disse Hemiteia, com alegria. — Nós temos uma dívida enorme com você, e agora estamos livres para seguir os desejos do nosso coração!

Eu estava esperando que ela dissesse: *Servir Apolo por toda a eternidade e levar para ele uma toalha quente com aroma de limão antes de cada refeição!*

— Sim, nós vamos nos juntar às Caçadoras de Ártemis! — disse Parteno. — Obrigada, Apolo!

Elas usaram seus novos poderes para se vaporizarem, me deixando sozinho com uma multidão furiosa gritando e balançando os punhos para o mar.

O pior de tudo? A irmã das garotas, Reo, rompeu comigo uma

semana depois.

Ao longo dos séculos, vi Hemiteia e Parteno de tempos em tempos no cortejo de Ártemis. Em geral, nós nos evitávamos. Transformá-las em deusas menores foi um daqueles erros benevolentes sobre os quais eu não queria escrever músicas.

Sutil como a luz que entrava pelo vitral da Estação Intermediária, minha visão saiu de Naxos e me transportou para outro lugar.

Eu me vi em um apartamento amplo de ouro e mármore branco. Atrás das vidraças e da varanda gigantesca, sombras da tarde inundavam os vales de arranha-céus de Manhattan.

Eu já tinha estado ali. Não importava para onde minhas visões me levavam, eu sempre parecia voltar para essa cena de pesadelo.

Reclinado em um divã dourado, o imperador Nero estava horrivelmente resplandecente em um terno roxo, camisa azul-pastel e sapatos pontudos de couro de jacaré. Na barriga considerável, ele equilibrava um prato de morangos, colocando um de cada vez na boca, o dedo mindinho sempre levantado para exibir o diamante de cem quilates.

— Meg… — Ele balançou a cabeça, decepcionado. — Querida Meg. Você devia estar mais animada! É sua chance de redenção, minha querida. Você não vai me decepcionar, vai?

A voz dele era suave e gentil, como uma nevasca intensa, do tipo que derruba linhas elétricas, faz telhados desabarem, mata famílias inteiras.

Sentada diante do imperador, Meg McCaffrey parecia uma planta murcha. O cabelo escuro e curto emoldurava o rosto sem vida. Ela estava com seu vestido verde, os joelhos dobrados na legging amarela, tênis de cano alto vermelho chutando com desânimo o chão de mármore. Ela olhava para baixo, mas dava para ver que os óculos de gatinho haviam se quebrado desde nosso último encontro, e uma fita adesiva cobria as pontas de pedra nas duas articulações.

Sob o peso do olhar de Nero, ela parecia tão pequena e vulnerável. Eu queria correr até ela. Queria quebrar aquele prato de morangos na cara sem queixo e no pescoço barbudo de Nero. Mas só podia assistir, sabendo que essa cena já tinha acontecido. Eu a vira acontecer várias vezes nas minhas visões nas últimas semanas.

Meg continuou sem dar um pio, mas Nero assentiu, como se ela tivesse respondido a pergunta.

— Vá para o Oeste — disse ele. — Capture Apolo antes que ele encontre o próximo oráculo. Se não conseguir trazê-lo vivo, mate-o.

Ele dobrou o dedinho com o anel de diamante. Havia vários guarda-costas imperiais atrás dele, e um deu um passo à frente. Como todos os germânicos, o sujeito era enorme. Os braços musculosos pulavam da couraça. O cabelo castanho era desgrenhado e comprido.

O rosto marcado teria sido assustador mesmo sem a tatuagem de serpente que se enrolava no pescoço e terminava na bochecha.

— Este é Vortigern — disse Nero. — Ele vai… proteger você.

O imperador saboreou a palavra *proteger*, como se ela tivesse muitos significados possíveis, nenhum deles bom.

— Você também vai viajar com outro membro do Lar Imperial, só para o caso de, hã, *dificuldades* surgirem.

Nero encolheu o mindinho de novo. Das sombras perto da escada surgiu um adolescente que parecia muito o tipo de garoto que gostava de aparecer das sombras. O cabelo escuro cobria seus olhos. Ele usava uma calça preta larga, uma camiseta preta mamãe-sou-forte (apesar de não ser forte) e tantas correntes de ouro no pescoço que podia sair dali e ir direto para um festival de hip hop. No cinto havia três adagas embainhadas, duas no lado direito e uma no esquerdo. O brilho predatório nos olhos dele sugeria que aquelas facas não eram só decorativas.

De um modo geral, o garoto me lembrava um pouco Nico di Angelo, o filho de Hades, se Nico fosse um pouco mais velho, mais cruel e tivesse sido criado por chacais.

— Ah, que bom, Marcus — disse Nero. — Mostre a Meg seu destino, por favor.

Marcus deu um sorriso forçado. Levantou a palma da mão, e uma imagem cintilante surgiu logo acima das pontas dos dedos: uma vista aérea de uma cidade que agora eu reconhecia como Indianápolis.

Nero colocou outro morango na boca. Mastigou lentamente, deixando o sumo escorrer pelo queixo insignificante. Eu decidi que, se voltasse para o Acampamento Meio-Sangue, teria que convencer Quíron a trocar as plantações de morango por qualquer outra fruta.

— Meg, minha querida — continuou Nero —, eu *quero* que você se saia bem. *Por favor*, não fracasse. Se o Besta se irritar com você de novo… — Ele deu de ombros, impotente. A voz doía de sinceridade e preocupação. — Eu só não sei como poderia proteger você. Encontre Apolo. Submeta-o à sua vontade. Sei que você pode fazer isso. E, minha querida, *por favor*, tome cuidado quando estiver com nosso amigo, o Novo Hércules. Ele não é um cavalheiro como eu. Não se envolva com a obsessão dele de destruir a Casa das Redes. É só uma atividade de menor importância. Consiga logo o que precisa e volte para mim. — Nero abriu os braços. — Aí poderemos ser uma família feliz de novo.

O garoto, Marcus, abriu a boca, talvez para fazer um comentário maldoso, mas, quando ele falou, foi a voz de Leo Valdez que escutei. Lá se foi minha visão.

— Apolo!

Ofeguei. Estava de volta à Estação Intermediária, esparramado no

sofá. De pé à minha frente, franzindo a testa de preocupação, estavam nossas anfitriãs, Josephine e Emmie, junto com Leo e Calipso.

— Eu… eu tive um sonho. — Ainda fraco, apontei para Emmie. — E você estava lá. E… o resto de vocês não, mas…

— Um sonho? — Leo balançou a cabeça, agora vestindo um macacão sujo. — Cara, seus olhos estavam arregalados. Você estava deitado aí se contorcendo. Já vi você ter visões, mas não assim.

Meus braços tremiam. Segurei a mão direita com a esquerda, mas isso só piorou as coisas.

— Eu… eu ouvi uns detalhes novos, coisas de que não lembrava antes. Sobre Meg. E os imperadores. E…

Josephine bateu na minha cabeça como se eu fosse um cocker spaniel.

— Tem certeza de que está tudo bem aí, Raio de Sol? Você não parece muito bem.

Houve uma época em que eu teria fritado em óleo quente qualquer um que me chamasse de Raio de Sol. Depois que assumi as rédeas da carruagem do Sol do velho deus titã Hélio, Ares me chamou de Raio de Sol durante séculos. Era uma das poucas piadas que ele entendia (pelo menos uma das piadas *limpas*).

— Estou bem — falei. — O q-que está acontecendo? Calipso, você já está curada?

— Você está apagado há horas, na verdade. — Ela levantou a mão quebrada, que agora parecia novinha em folha, e balançou os dedos. — Mas, sim. Emmie é uma curandeira tão boa quanto Apolo.

— É claro que você tinha que dizer isso... — resmunguei. — Então quer dizer que estou caído aqui há horas e ninguém reparou?

Leo deu de ombros.

— Nós estávamos meio ocupados falando de trabalho. Na verdade, acho que a gente nem teria reparado em você agora se não fosse, hã, uma pessoa aqui que quer falar com você.

— Hum — concordou Calipso, com um olhar de preocupação no rosto. — Ele está sendo bem insistente.

Ela apontou na direção do vitral.

Primeiro, achei que estivesse vendo pontos laranja. Mas então percebi que uma aparição voava em minha direção. Nosso amigo Agamedes, o fantasma sem cabeça, tinha voltado.

6

Profecias falhas
Diz a Bola 8 Mágica
Tente novamente

O FANTASMA FLUTUOU EM nossa direção. Era difícil identificar seu humor, pois ele não tinha rosto, mas parecia nervoso. Apontou para mim e fez uma série de gestos com as mãos que não entendi: balançou os punhos, entrelaçou os dedos, fez uma concha com uma das mãos como se estivesse segurando uma esfera. Parou do lado oposto da mesa de centro.

— O que tá rolando, Queijinho? — perguntou Leo.

Josephine riu.

— *Queijinho?*

— É, ele é laranja e tal — disse Leo. — Por que ele é dessa cor? E por que não tem cabeça?

— Leo — repreendeu Calipso. — Não seja grosseiro.

— Ei, é uma pergunta válida.

Emmie observou os gestos do fantasma.

— Eu nunca o vi tão agitado. Ele brilha nesse tom de laranja porque… Bom, na verdade, eu não faço ideia. Quanto à cabeça…

— O irmão cortou a cabeça dele — expliquei. A lembrança surgiu das profundezas obscuras de meu cérebro mortal, embora eu não lembrasse os detalhes. — Agamedes era irmão de Trofônio, o espírito do Oráculo das Sombras. Ele… — Havia outra coisa, algo que me enchia de culpa, mas eu não conseguia recordar.

Os outros ficaram me encarando.

— O irmão dele fez *o quê*? — perguntou Calipso.

— Como você sabia disso? — questionou Emmie.

Eu não tinha resposta. Não sabia de onde viera aquela informação. Mas o fantasma apontou para mim como se dizendo *Esse cara sabe das coisas*, ou possivelmente, e mais perturbador, *É sua culpa*. Mais uma vez, ele repetiu o gesto de antes, como se estivesse segurando uma esfera.

— Ele quer a Bola 8 Mágica — interpretou Josephine. — Já volto.

Ela correu até a oficina.

— A Bola 8 Mágica? — Leo sorriu para Emmie. O macacão que ele pegou emprestado tinha o nome GEORGIE bordado no peito. — Ela está brincando, né?

— Ela está falando sério — disse Emmie. — É melhor sentarmos.

Calipso e Emmie se sentaram nas poltronas. Leo ficou quicando no

sofá ao meu lado com tanto entusiasmo que senti uma pontada irritante de nostalgia ao me lembrar de Meg McCaffrey. Enquanto esperávamos Josephine, tentei recuperar memórias mais específicas sobre aquele fantasma, Agamedes. Por que o irmão dele, Trofônio, o decapitaria, e por que *eu* me sentia tão culpado por isso? Não consegui descobrir muita coisa, só uma sensação vaga de desconforto e a impressão de que, apesar da falta de olhos, Agamedes olhava feio em minha direção.

Finalmente, Josie voltou correndo. Em uma das mãos, ela segurava uma esfera preta de plástico do tamanho de uma manga. De um lado, pintado no meio de um círculo branco, havia o número 8.

— Adoro isso! — disse Leo. — Não vejo uma dessas há anos.

Olhei ressabiado para a esfera, me perguntando se era algum tipo de bomba. Isso explicaria a empolgação de Leo.

— O que isso faz?

— Você está de brincadeira? — perguntou Leo. — É uma Bola 8 Mágica, cara. Você faz perguntas a ela sobre o futuro.

— Impossível — contestei. — Eu sou o deus da profecia. Conheço *todas* as formas de adivinhação e nunca ouvi falar de uma Bola 8 Mágica.

Calipso se inclinou para a frente.

— Também não estou muito familiarizada com esse tipo de bruxaria. Como funciona?

Josephine abriu um sorriso largo.

— Bom, é só um brinquedo, na verdade. Você sacode a bola, e uma frase aparece flutuando nessa janelinha de plástico embaixo. Fiz algumas modificações. Às vezes, a bola capta os pensamentos de Agamedes e os converte em palavras.

— Às vezes? — perguntou Leo.

Josephine deu de ombros.

— Tipo, trinta por cento das vezes. Foi o melhor que consegui.

Eu ainda não fazia ideia do que ela estava dizendo. Aquela bola me pareceu uma forma muito esquisita de adivinhação, mais um jogo de sorte de Hermes do que um oráculo digno de mim.

— Não seria mais fácil Agamedes escrever o que quer dizer? — perguntei.

Emmie me lançou um olhar de cautela.

— Agamedes é analfabeto. É um assunto um pouco sensível para ele.

O fantasma se virou para mim. Sua aura escureceu até um laranja-avermelhado.

— Ah… — falei. — E esses gestos que ele estava fazendo?

— Não é nenhuma forma de linguagem de sinais que consigamos identificar — disse Jo. — Estamos tentando descobrir há sete anos,

desde que Agamedes se juntou a nós. A Bola Mágica 8 é a melhor forma de comunicação que temos. Aqui, amigão.

Ela jogou a esfera mágica para ele. Como Agamedes era etéreo, eu esperava que a bola passasse direto por ele e se estilhaçasse no chão. Mas ele a pegou com facilidade.

— Tudo bem! — disse Josephine. — E então, Agamedes, o que você quer nos contar?

O fantasma sacudiu a Bola 8 Mágica com vigor e a jogou para mim. Eu não sabia que dentro da esfera tinha um líquido, o que, como qualquer um que já brincou de batata quente com uma bexiga cheia de água pode comprovar, torna o objeto bem mais difícil de controlar. A bola bateu em meu peito e caiu em meu colo. Eu a apanhei por pouco, antes que rolasse do sofá.

— Mestre da destreza — murmurou Calipso. — Vire a bola de cabeça para baixo. Você não estava ouvindo?

— Fica quietinha, feiticeira.

Desejei que Calipso só pudesse se comunicar trinta por cento das vezes. Virei a bola para baixo.

Como Josephine tinha descrito, havia um círculo de plástico transparente na base da esfera, uma espécie de janela para o líquido lá dentro. Um grande dado branco com vários lados flutuava lá dentro. (Eu sabia que essa coisa cheirava aos malditos jogos de azar de Hermes!) Um lado estava encostado na janelinha, revelando uma frase escrita em letra de forma.

— "Apolo precisa trazê-la para casa" — li em voz alta.

Olhei para a frente. Uma expressão de choque estampava o rosto de Emmie e Josephine. Calipso e Leo trocaram um olhar cauteloso.

— Hã, o que…? — Leo começou a dizer.

Simultaneamente, Emmie e Josephine soltaram uma enxurrada de perguntas:

— Ela está viva? Está em segurança? Onde está? Me diga!

Emmie se levantou num pulo. Começou a andar de um lado para o outro, soluçando alto, enquanto Josephine avançava para cima de mim, os punhos fechados, o olhar intenso como a chama do maçarico dela.

— Não sei! — Joguei a bola para Josephine como se fosse uma batata quente. — Não me mate!

Ela pegou a Bola 8 Mágica e então pareceu voltar a si. Respirou fundo.

— Me desculpe, Apolo. Me desculpe. Eu… — Ela se virou para Agamedes. — Aqui. Nos responda. Nos conte.

Ela jogou a bola para ele.

Os olhos inexistentes de Agamedes encararam a bola. Os ombros murcharam, como se ele não gostasse da tarefa. Balançou a bola mais

uma vez e a jogou para mim.

— Por que *eu*? — protestei.

— Leia! — disse Emmie com rispidez.

Virei a bola. Uma nova mensagem apareceu no líquido.

— "Resposta vaga" — li em voz alta. — "Tente novamente mais tarde."

Emmie chorou de desespero. Afundou na poltrona e escondeu o rosto nas mãos. Josephine correu até ela.

Leo franziu a testa.

— Ei, Queijinho, é só sacudir de novo, cara.

— Não adianta — disse Josephine. — Quando a Bola 8 Mágica diz "tente novamente mais tarde", é exatamente isso que quer dizer. Vamos ter que esperar.

Ela se sentou no braço da poltrona e aninhou a cabeça de Emmie entre seus braços.

— Está tudo bem — murmurou Josie. — Nós vamos encontrá-la. Vamos trazê-la de volta.

Hesitante, Calipso esticou a palma da mão, como se não soubesse direito como ajudar.

— Sinto muito. Quem… quem está desaparecida?

Com o lábio tremendo, Josephine apontou para Leo.

Leo piscou.

— Hã, eu ainda estou aqui…

— Não você — disse Josephine. — O nome. Esse macacão era dela.

Leo encostou no nome bordado no peito.

— Georgie?

Emmie assentiu, os olhos inchados e vermelhos.

— Georgina. Nossa filha adotiva.

Fiquei feliz de estar sentado. De repente, tantas coisas fizeram sentido que minha mente ficou sobrecarregada, como se estivesse no meio de outra visão: as duas Caçadoras que envelheciam e não eram Caçadoras, o quarto de criança vazio, os desenhos de giz de cera feitos por uma garotinha. Josephine mencionou que Agamedes chegara à vida delas aproximadamente sete anos antes.

— Vocês duas abandonaram as Caçadoras — falei. — Para ficarem juntas.

O olhar de Josephine se perdeu ao longe, como se as paredes do prédio fossem transparentes como a base da Bola 8 Mágica.

— Não foi exatamente algo planejado. Saímos em… quando, 1986?

— Oitenta e sete — disse Emmie. — Estamos envelhecendo juntas desde então. E muito felizes. — Ela limpou uma lágrima, não parecendo muito feliz no momento.

Calipso flexionou a mão recentemente quebrada.

— Não sei muito sobre Lady Ártemis e as regras para as seguidoras

dela…

— Tudo bem — interrompeu Leo.

Calipso fez cara feia para ele.

— Mas não é só a companhia de *homens* que é proibida? Se vocês duas se apaixonaram…

— Não — falei, com amargura. — Todos os romances são proibidos. Minha irmã é muito inflexível quanto a isso. A missão das Caçadoras é viver sem nenhum tipo de distração romântica.

Pensar na minha irmã e nas ideias antirromânticas dela me irritou. Como dois irmãos podiam ser *tão* diferentes? Mas eu também estava irritado com Hemiteia. Ela não só abriu mão de ser Caçadora; ao fazer isso, também desistiu da divindade que lhe concedi.

Humanos! Nunca mudam! Damos imortalidade e poder divino a vocês e aí vocês vão lá e trocam isso tudo por amor e um loft no centro de Indianápolis. Francamente!

Emmie não olhou nos meus olhos.

Deu um suspiro melancólico.

— Nós adorávamos ser Caçadoras. Era nossa família. Mas…

— Nós nos amamos mais — completou Josephine.

Tive a sensação de que elas terminavam as frases uma da outra com frequência, de tão em sintonia que estavam. Isso não me ajudou a ficar menos irritado.

— A separação deve ter sido tranquila — comentei. — Porque Ártemis permitiu que vocês continuassem vivas.

Josephine concordou.

— As Caçadoras da Lady sempre passam pela Estação Intermediária… mas não vemos a própria Ártemis há décadas. E, sete anos atrás, fomos abençoadas com Georgina. Ela… foi trazida até nós por Agamedes.

O fantasma laranja fez uma reverência.

— Ele a trouxe de onde? — perguntei.

Emmie deu de ombros.

— Nunca conseguimos obter essa informação dele. É a única pergunta que a Bola 8 Mágica nunca responde.

Leo devia estar pensando muito; um tufo de fogo surgiu no alto da orelha esquerda dele.

— Esperem. Agamedes não é o pai da sua filha, é? Além do mais… você está me dizendo que o macacão de uma menina de sete anos *cabe em mim*?

Isso arrancou uma gargalhada seca de Josephine.

— Aparentemente, sim. E, não, Leo, Agamedes não é o pai da Georgina. Nosso amigo fantasmagórico está morto desde a Antiguidade. Como Apolo disse, ele era irmão de Trofônio, o espírito do oráculo. Agamedes apareceu aqui com Georgie quando ela era

bebê. Em seguida, nos levou até o oráculo. Foi quando descobrimos que ele existia.

— Então vocês conhecem a localização dele — falei.

— Claro — murmurou Emmie. — Mas não adianta de nada para nós.

Perguntas demais surgiram na minha cabeça. Eu queria me dividir em doze manifestações diferentes para poder ir atrás de todas as respostas ao mesmo tempo, mas mortais não se dividem com facilidade.

— Mas a garota e o oráculo devem ter alguma ligação.

Emmie fechou os olhos, e percebi que ela estava se esforçando para segurar o choro.

— Não sabíamos que a conexão entre eles era tão forte. Só notamos quando Georgie foi tirada de nós.

— O imperador — concluí.

Josephine assentiu.

Eu ainda nem tinha encontrado esse segundo membro do Triunvirato, mas já o odiava. Eu tinha perdido Meg McCaffrey para Nero. Não gostei da ideia de mais uma garotinha sendo levada por outro imperador do mal.

— Na minha visão — relembrei —, ouvi Nero chamar esse imperador de *Novo Hércules*. Quem é ele? O que ele fez com Georgina?

Emmie se levantou, aflita.

— Eu… eu preciso fazer alguma coisa produtiva com as mãos. Foi o único jeito que encontrei de não enlouquecer nas últimas duas semanas. Por que vocês não nos ajudam com o almoço? Aí podemos falar sobre o monstro que controla nossa cidade.

7

Eu piquei cebolas
Com as mãos antes divinas
Você tem que comer

FAZER ALGO PRODUTIVO.

Eca.

É um conceito tão humano. Dá a entender que você tem tempo limitado (HAHAHA) e que precisa se esforçar para fazer alguma coisa acontecer (HAHAHA ao quadrado). Talvez, se você passasse anos escrevendo uma ópera sobre as glórias de Apolo, eu conseguiria compreender a utilidade de ser produtivo. Mas como alcançar a satisfação e a serenidade preparando comida? Isso não entrava na minha cabeça.

Mesmo no Acampamento Meio-Sangue, ninguém me pedia para fazer minha própria comida. Verdade, as salsichas eram questionáveis, e nunca descobri que cola era aquela que colocavam no refrigerante, mas pelo menos eu era servido por uma equipe de ninfas lindas.

Agora eu estava sendo obrigado a lavar alface, fatiar tomates e picar cebolas.

— De onde *vem* essa comida? — perguntei, piscando para afastar as lágrimas.

Não sou Deméter, mas até eu conseguia ver que aqueles alimentos eram frescos e recém-saídos da terra, provavelmente por causa do tempo que levei para limpá-los.

A lembrança de Deméter me fez pensar em Meg, o que podia ter me feito chorar mesmo se eu já não estivesse sofrendo com os vapores das cebolas.

Calipso jogou um cesto de cenouras enlameadas na minha frente.

— Emmie tem um jardim no telhado. Estufas. Dá para plantar o ano todo. Você devia ver as ervas: manjericão, tomilho, alecrim. É *incrível*.

Emmie sorriu.

— Obrigada, querida. Você entende bastante de jardinagem.

Ah, ótimo. Agora *aquelas duas* tinham virado amiguinhas. Em pouco tempo, eu ia assistir Emmie e Calipso discutindo técnicas de plantação de couve, e Leo e Josephine desfiando poesias sobre carburadores. Eu não tinha como vencer.

Leo entrou pela porta ao lado da despensa, segurando uma peça de queijo como se fosse a coroa de louros da vitória.

— HABEMUS CHEDDAR! — anunciou ele. — UM VIVA PARA OS

CONQUISTADORES DO QUEIJO!

Josephine entrou rindo atrás dele, trazendo um balde de metal.

— As vacas gostaram do Leo.

— Ei, *abuelita* — disse Leo. — Todas as vacas amam o Leo. — Ele sorriu para mim. — E aquelas vacas são vermelhas, cara. Tipo… de um *vermelho vivo*.

Isso me deu vontade de chorar. Vacas vermelhas eram as minhas favoritas. Durante séculos, eu tive um rebanho de gado escarlate sagrado, antes de colecionar vacas ter saído de moda.

Josephine deve ter visto a expressão de infelicidade em meu rosto.

— Só usamos o leite — disse ela. — Não as matamos.

— Assim espero! — gritei. — Matar gado vermelho seria sacrilégio!

Josephine não pareceu adequadamente apavorada pela ideia.

— Ah, sim, claro. Mas na verdade Emmie me fez parar de comer carne faz vinte anos.

— É muito melhor para a saúde — repreendeu Emmie. — Você não é mais imortal, precisa se cuidar.

— Mas cheesebúrgueres... — murmurou Jo.

Leo colocou a peça de queijo na minha frente.

— Corte um pedaço disso, meu bom homem. Rapidinho!

Fiz cara feia para ele.

— Não me teste, Valdez. Quando eu for deus de novo, vou transformar você numa constelação, que vou chamar de Pequeno Latino em Explosão.

— Gostei!

Ele deu um tapinha no meu ombro, fazendo minha faca tremer.

Ninguém mais tinha medo da fúria dos deuses?

Enquanto Emmie assava pães, que, devo admitir, estavam com um cheiro incrível, fiz uma salada com cenouras, pepinos, cogumelos, tomates e todos os tipos de vegetais cultivados no telhado. Calipso usou limões frescos e cana de açúcar para fazer limonada enquanto cantarolava músicas do álbum da Beyoncé de mesmo nome. (Durante nossas viagens para o Oeste, eu assumi a tarefa de atualizar Calipso nos últimos três milênios de música pop.)

Leo ficou responsável pelo queijo. A peça de cheddar era bem vermelha por dentro e era deliciosa. Josephine fez a sobremesa, que disse ser sua especialidade. Naquele dia, foi frutas vermelhas frescas e pão de ló com creme vermelho doce e cobertura de merengue ligeiramente tostada com o maçarico.

Quanto ao fantasma, Agamedes, ele ficou pairando em um canto da cozinha, segurando a Bola 8 Mágica com desânimo, como se tivesse ficado em terceiro lugar numa competição com três pessoas.

Finalmente, nos sentamos para almoçar. Eu não tinha percebido como estava faminto. Fazia um tempo que tínhamos tomado café da

manhã, e o serviço de bordo de Festus deixava muito a desejar.

Devorei a comida enquanto Leo e Calipso contavam às nossas anfitriãs sobre nossa viagem para o Oeste. Entre mordidas de pão fresco com manteiga bem vermelha, eu fazia alguns comentários necessários, pois é claro que minha capacidade de contar histórias era muito superior.

Nós explicamos como minha antiga inimiga Píton retomou o local original de Delfos, interrompendo o acesso ao oráculo mais poderoso. Explicamos que o Triunvirato tinha sabotado todas as formas de comunicação usadas por semideuses: mensagens de Íris, pergaminhos mágicos, marionetes de ventríloquos, até a magia arcana do e-mail. Com a ajuda de Píton, os três imperadores do mal agora pretendiam controlar ou destruir *todos* os oráculos da Antiguidade, colocando assim o futuro do mundo em uma situação complicada.

— Nós libertamos o Bosque de Dodona — resumi. — Mas o oráculo de lá nos mandou para cá, para proteger a fonte seguinte de profecia: a Caverna de Trofônio.

Calipso apontou para a minha aljava, encostada no sofá ali perto.

— Apolo, mostre a elas sua flecha falante.

Os olhos de Emmie brilharam.

— Flecha falante?

Estremeci. A flecha que peguei das árvores sussurrantes de Dodona não tinha sido muito útil. Só eu conseguia ouvi-la, e sempre que pedia conselhos ela só falava coisas sem sentido em inglês arcaico, o que me deixava falando sozinho como um ator ruim de uma peça de Shakespeare durante horas. Calipso adorava.

— Não vou mostrar minha flecha falante — falei. — Mas vou compartilhar o limerique.

— Não! — disseram Calipso e Leo ao mesmo tempo.

Eles largaram os garfos e cobriram as orelhas.

Eu recitei:

Houve um deus, Apolo era chamado
Entrou em uma caverna azul acompanhado
Ele e mais dois montados
No cuspidor de fogo alado
A morte e loucura forçado

Ao redor da mesa, um silêncio desconfortável se espalhou.

Josephine me repreendeu.

— Nunca uma voz ousou proferir um limerique nesta casa, Apolo.

— E vamos torcer para que ninguém mais faça isso — retruquei. — Mas essa foi a profecia de Dodona que nos trouxe aqui.

A expressão de Emmie ficou tensa, afastando qualquer dúvida que pudesse haver de que era a mesma Hemiteia que imortalizei tantos séculos antes. Reconheci a intensidade nos olhos dela, a mesma

determinação que a fez se jogar de um penhasco, confiando o destino aos deuses.

— "*Uma caverna azul*"... — disse ela. — É o Oráculo de Trofônio, sim. Fica nas cavernas Bluespring, uns cento e trinta quilômetros ao sul da cidade.

Leo sorriu enquanto mastigava, a boca revelando uma avalanche de partículas de comida cor de terra.

— Missão mais fácil do mundo, então. Pegamos Festus de volta, pesquisamos esse lugar no Google Maps e voamos até *lá*.

— Duvido muito — disse Josephine. — O imperador cercou o campo com proteção pesada. Não daria para se aproximar de Bluespring voando num dragão sem levar um tiro no céu. Mesmo que desse, as entradas das cavernas são pequenas *demais* para um dragão mergulhar e entrar.

Leo fez beicinho.

— Mas o limerique...

— Pode ser traiçoeiro — falei. — Afinal, é um limerique.

Calipso se remexeu na cadeira, chegando mais para a frente. Tinha enrolado um guardanapo de pano na mão antes quebrada (talvez porque ainda doesse, talvez porque estava nervosa). Aquilo me lembrou uma tocha, uma associação não muito feliz depois do meu último encontro com o imperador louco Nero.

— E a última linha? — perguntou ela. — Apolo vai ser "a morte e loucura forçado".

Josephine ficou encarando o prato vazio. Emmie apertou a mão dela.

— O Oráculo de Trofônio é perigoso — disse Emmie. — Mesmo quando tínhamos acesso livre a ele, antes de o imperador chegar, nós só consultávamos o espírito em emergências extremas. — Ela se virou para mim. — Você deve se lembrar. Você era o deus da profecia.

Apesar da excelente limonada, minha garganta estava seca. Eu não gostava de ser lembrado do que era. Também não gostava de buracos gigantescos na memória, cheios de nada além de medo do desconhecido.

— Eu... eu lembro que a caverna era perigosa, sim — falei. — Mas *não lembro por quê*.

— Você não lembra. — A voz de Emmie assumiu um tom perigoso.

— Eu normalmente me concentrava no lado divino das coisas — expliquei. — Na qualidade dos sacrifícios. Que tipo de incenso os requerentes acendiam. Nos agradáveis hinos de louvor. Nunca perguntei por que tipo de provações os requerentes passavam.

— Você nunca perguntou.

Eu não estava gostando nada daquilo. Tive a sensação de que Emmie seria um coro grego ainda pior do que Calipso.

— Eu li algumas coisas no Acampamento Meio-Sangue — falei, na defensiva. — Não tinha muita coisa sobre Trofônio. E Quíron não pôde ajudar. Ele tinha se esquecido completamente da existência do oráculo. Supostamente, as profecias de Trofônio eram sombrias e assustadoras. Às vezes, enlouqueciam as pessoas. Talvez essa caverna fosse uma espécie de casa mal-assombrada com, hã, esqueletos pendurados, sacerdotisas pulando e gritando *BU*?

A expressão azeda de Emmie indicava que meu palpite estava muito errado.

— Também li uma coisa sobre os requerentes beberem de duas fontes especiais — persisti. — Achei que "a morte e loucura forçado" pudesse ser uma referência simbólica a isso. Licença poética e tal.

— Não — murmurou Josephine. — Não é licença poética. Aquela caverna literalmente enlouqueceu nossa filha.

Uma brisa gelada bateu no meu pescoço, como se a Estação Intermediária tivesse soltado um suspiro infeliz. Pensei no apocalipse que vi desenhado na parede do quarto abandonado da criança.

— O que aconteceu? — perguntei, embora não tivesse certeza de que queria saber a resposta, principalmente se fosse um presságio do que eu estava prestes a enfrentar.

Emmie amassou um pedaço da casca do pão, deixando as migalhas caírem.

— Quando o imperador chegou a Indianápolis… esse *Novo Hércules*…

Calipso abriu a boca para perguntar, mas Emmie levantou a mão.

— Por favor, querida, não me peça para dizer o nome dele. Não aqui. Não agora. Como tenho certeza de que você sabe, muitos deuses e monstros ouvem quando você diz o nome deles. *Ele* é pior do que a maioria.

— Por favor, continue — pediu Calipso.

— Primeiro nós não entendemos o que estava acontecendo — disse Emmie. — Nossos amigos e companheiros começaram a sumir. — Ela indicou a área ampla ao redor. — Éramos umas doze pessoas mais ou menos morando aqui. Agora… só sobramos nós.

Josephine se recostou na cadeira. Na luz do vitral, o cabelo emanava o mesmo brilho cinza-chumbo das ferramentas nos bolsos do macacão.

— O imperador estava nos procurando. Sabia sobre a Estação Intermediária. Queria nos destruir. Mas, como eu falei, este lugar não é fácil de encontrar, a não ser que você seja convidado por nós. Então as forças deles esperaram até nosso pessoal sair. Foram levando nossos amigos um a um.

— Levando? — perguntei. — *Vivos*?

— Ah, sim. — O tom sombrio de Josephine deu a impressão de que

a morte seria preferível. — O imperador ama prisioneiros. Ele capturou nossos hóspedes, nossos grifos.

Uma fruta vermelha caiu dos dedos de Leo.

— Grifos? Hã… Hazel e Frank me contaram sobre eles. Lutaram com alguns no Alasca. Disseram que eram hienas com asas raivosas.

Josephine deu um sorrisinho.

— Os pequenos, os selvagens, podem ser, sim. Mas criamos os melhores grifos aqui. Ou, pelo menos… criávamos. Nosso último par de reprodutores desapareceu um mês atrás. Heloísa e Abelardo. Nós os deixamos sair para caçar, eles precisam fazer isso para ficarem saudáveis. Eles nunca voltaram. Para Georgina, isso foi a gota d'água.

Fui tomado por uma sensação ruim. Algo mais ameaçador do que o óbvio *estamos falando sobre coisas sinistras que podem me matar*. Os ninhos de grifos nas passarelas acima de nós. Uma lembrança distante sobre as seguidoras da minha irmã. Um comentário que Nero fez na minha visão: o Novo Hércules queria porque queria destruir a Casa das Redes, o que talvez fosse outro nome da Estação Intermediária… Parecia que a sombra de alguém estava surgindo na mesa de jantar, alguém que eu deveria conhecer, talvez alguém de quem devesse estar fugindo.

Calipso desenrolou o guardanapo da mão.

— Sua filha — disse ela. — O que aconteceu com ela?

Nem Josephine nem Emmie responderam. Agamedes fez uma leve reverência, a túnica sangrenta brilhando em vários tons de molhos de pimenta.

— É óbvio — falei. — A garota foi para a Caverna de Trofônio.

Emmie lançou um olhar incisivo para um ponto além de mim, para Agamedes.

— Georgina botou na cabeça que o único jeito de salvar a Estação Intermediária e encontrar os prisioneiros era consultando o oráculo. Ela sempre se sentiu atraída pelo lugar. Não tinha medo, como a maioria das pessoas. Uma noite, ela saiu escondida. *Agamedes* a ajudou. Não sabemos exatamente como eles chegaram lá…

O fantasma pegou a Bola 8 Mágica. Jogou para Emmie, que franziu a testa para a resposta que apareceu.

— "Foi uma ordem" — leu ela. — Não sei o que você quer dizer, seu velho morto idiota, mas ela era só uma *criança*. Sem o trono, você *sabia* o que aconteceria com ela!

— Trono? — perguntou Calipso.

Outra lembrança surgiu na superfície do meu cérebro de Bola 8.

— Ah, deuses — falei. — O trono.

Antes que eu pudesse continuar, o salão inteiro tremeu. Pratos e xícaras balançaram na mesa de jantar. Agamedes sumiu em um brilho alaranjado. No alto do teto abobadado, os painéis de vitral verde e

marrom escureceram, como se uma nuvem tivesse bloqueado o sol.

Josephine se levantou.

— Estação Intermediária, o que está acontecendo no telhado?

Pelo que pude perceber, o prédio não respondeu. Nenhum tijolo pulou da parede. Nenhuma porta se abriu e fechou em código Morse.

Emmie colocou a Bola 8 Mágica na mesa.

— Vocês todos, fiquem aqui. Jo e eu vamos dar uma olhada.

Calipso franziu a testa.

— Mas…

— Foi uma ordem — disse Emmie. — Não vou perder mais hóspedes.

— Não pode ser Côm… — Josephine parou no meio da palavra. — Não pode ser ele. Será que Heloísa e Abelardo voltaram?

— Talvez. — Emmie não pareceu convencida. — Mas, só por garantia…

As duas mulheres correram até um armário de metal na cozinha. Emmie pegou seu arco e sua aljava. Josephine puxou uma metralhadora das antigas com carregador cilíndrico entre os dois cabos.

Leo quase engasgou com a sobremesa.

— Isso é uma *pistola metralhadora*?

Josephine deu um tapinha carinhoso na arma.

— Esta é a Pequena Bertha. Um lembrete da minha sórdida vida passada. Tenho certeza de que não há nada com que se preocupar. Fiquem todos quietinhos aí.

Com esse conselho reconfortante, nossas anfitriãs altamente armadas saíram para verificar o telhado.

8

Pombinhos brigando
Problemas no Paraíso
Melhor lavar a louça

A ORDEM DE FICARMOS *quietinhos* me pareceu clara o bastante.

Mas Leo e Calipso decidiram que o mínimo que podíamos fazer era lavar a louça do almoço. (Veja meu comentário anterior referente à idiotice da produtividade.) Eu ensaboei. Calipso enxaguou. Leo secou, o que *não foi nenhum problema* para ele, porque ele só precisava fazer as mãos esquentarem um pouco.

— Então — disse Calipso —, que trono é esse que Emmie mencionou?

Fiz cara feia para minha pilha ensaboada de fôrmas de pão.

— O Trono da Memória. É uma cadeira entalhada pela própria deusa Mnemosine.

Por cima de uma travessa de salada fumegante, Leo olhou para mim com curiosidade.

— Você se esqueceu do Trono da Memória? Isso não é um pecado mortal, ou algo do tipo?

— O único pecado mortal seria deixar de incinerar você assim que eu voltar a ser deus.

— Você pode tentar — disse Leo. — Mas então como você faria para aprender as escalas secretas do Valdezinator?

Espirrei água no meu rosto sem querer.

— Que escalas secretas?

— Vocês dois, parem — ordenou Calipso. — Apolo, por que esse Trono da Memória é importante?

Sequei a água do rosto. Falar sobre o Trono da Memória me trouxe algumas lembranças desagradáveis.

— Antes de um requerente entrar na Caverna de Trofônio — expliquei —, a pessoa tinha que beber de duas fontes mágicas: Esquecimento e Memória.

Leo pegou outro prato. Vapor subiu da porcelana.

— As duas fontes não cancelariam uma à outra?

Balancei a cabeça, negando.

— Se aquela experiência não matasse você, ela prepararia sua mente para o oráculo. Você então desceria até a caverna e vivenciaria… horrores indescritíveis.

— Como o quê? — perguntou Calipso

— Eu acabei de falar que eram *indescritíveis*. Só sei que Trofônio

encheria sua mente com trechos de versos horripilantes que, se organizados da maneira correta, se tornavam uma profecia. Quando você saísse da caverna, supondo que sobrevivesse e não enlouquecesse, os sacerdotes levavam você para se sentar no Trono da Memória. Os versos sairiam jorrando da sua boca. Um sacerdote os anotava e *voilà*! Sua profecia. Com sorte, sua mente voltaria ao normal.

Leo assobiou.

— Que oráculo *bizarro*. Sou mais as árvores que cantavam.

Tentei disfarçar um tremor. Leo não foi comigo para o Bosque de Dodona. Não sabia como aquela confusão de vozes balbuciantes era terrível. Mas ele tinha razão. Havia um motivo para poucas pessoas se lembrarem da Caverna de Trofônio. Não era um lugar que recebia críticas lá muito entusiasmadas nos artigos da edição anual de *Melhores oráculos, melhores destinos*.

Calipso pegou uma fôrma de pão e começou a enxaguá-la. Ela parecia saber o que estava fazendo, embora suas mãos fossem tão bonitas que eu não conseguia imaginar que ela lavasse os próprios pratos com muita frequência. Precisava descobrir que hidratante ela usava.

— E se o requerente não conseguisse usar o trono? — perguntou ela.

Leo riu.

— *Usar o trono.*

Calipso o repreendeu com o olhar.

— Desculpe.

Leo tentou ficar sério, o que para ele era sempre uma batalha perdida.

— Se o requerente não conseguisse usar o trono, não poderia extrair os versos da profecia da mente dele — falei. — Ele seria obrigado a carregar os horrores da caverna… para sempre.

Calipso enxaguou a fôrma.

— Georgina… pobre criança. O que você acha que aconteceu com ela?

Eu não queria pensar nisso. As possibilidades me deixavam angustiado.

— Ela deve ter conseguido chegar à caverna. Sobreviveu ao oráculo. Voltou para cá, mas… não estava cem por cento. — Eu relembrei os bonecos de palito de cara feia e com facas na mão na parede do quarto. — Meu palpite é que o imperador se apoderou do Trono da Memória. Sem isso, Georgina jamais conseguiria se recuperar totalmente. Talvez ela tenha partido de novo em busca dele… e tenha sido capturada.

Leo murmurou um xingamento em espanhol.

— Eu fico pensando no meu irmãozinho Harley, no acampamento. Se alguém tentasse fazer mal a ele… — Ele balançou a cabeça. — Quem é esse imperador, e quando vamos poder quebrar a cara dele?

Lavei o restante da louça. Pelo menos essa missão épica eu completei com sucesso. Fiquei olhando para as bolhas de sabão estourando nas minhas mãos.

— Tenho um bom palpite sobre a identidade do imperador — admiti. — Josephine começou a dizer o nome dele. Mas Emmie está certa, é melhor não falar isso em voz alta. *O Novo Hércules*… — Engoli em seco. No meu estômago, salada e pão pareciam estar fazendo uma luta livre na lama. — Ele não era uma pessoa legal.

Na verdade, se eu estivesse pensando no imperador certo, essa missão podia ser pessoalmente constrangedora. Eu torcia para estar errado. Talvez pudesse ficar na Estação Intermediária e comandar as operações dali enquanto Calipso e Leo lutavam de verdade. Parecia justo, já que eu tive que ensaboar a louça.

Leo guardou os pratos. Seu olhar foi de um lado a outro, como se resolvendo equações invisíveis.

— Esse projeto no qual Josephine está trabalhando... — comentou. — Ela está construindo uma espécie de rastreador. Eu não perguntei, mas… ela deve estar tentando encontrar Georgina.

— Claro. — A voz de Calipso ficou ríspida. — Você consegue imaginar como é perder uma filha?

As orelhas de Leo ficaram vermelhas.

— É. Mas eu estava pensando, se conseguirmos voltar até Festus, posso fazer uns cálculos, talvez reprogramar a esfera de Arquimedes dele…

Calipso jogou a toalha. Literalmente. O pano de prato caiu na pia com um barulho úmido.

— Leo, você não pode reduzir tudo a um programa.

Ele piscou.

— Eu não estou fazendo isso. Só…

— Você está tentando consertar — disse Calipso. — Como se todos os problemas fossem uma máquina. Jo e Emmie estão sofrendo de verdade. Emmie me contou que elas estão pensando em abandonar a Estação Intermediária e se entregar para o imperador, se isso for salvar a filha delas. Elas não precisam de engenhocas, nem de piadas, nem de consertos. Tente *ouvir*.

Leo estendeu as mãos. Pela primeira vez, ele parecia não saber o que fazer com elas.

— Olha, gata…

— Não me chame de *gata* — cortou ela. — Não…

— APOLO?

A voz de Josephine explodiu no saguão principal. Ela não pareceu

exatamente em pânico, mas definitivamente tensa, como a atmosfera na cozinha.

Eu me afastei do casal feliz. A explosão de Calipso me pegou de surpresa, mas, quando pensei no assunto, relembrei várias outras discussões entre ela e Leo enquanto viajávamos para o Oeste. Só não dei muita bola para elas porque… bom, as brigas não eram comigo. Além do mais, em comparação às brigas de amor entre os deuses, as de Leo e Calipso não eram nada.

Eu apontei para um lugar aleatório.

— Acho que vou, hã…

Saí da cozinha.

No meio do saguão principal, Emmie e Josephine estavam paradas com as armas junto ao corpo. Não consegui ler muito bem suas expressões: estavam tensas, ansiosas, da mesma forma que o copeiro de Zeus, Ganimedes, ficava quando dava ao patrão um vinho novo para experimentar.

— Apolo. — Emmie apontou para um ponto acima da minha cabeça, onde havia ninhos de grifos alinhados na beirada do teto. — Você tem visita.

Para ver quem era a visita, tive que dar um passo à frente, até o tapete, e me virar. Pensando bem, eu não devia ter feito aquilo. Assim que coloquei o pé no tapete, pensei: *Espere, esse tapete estava aqui antes?*

Isso foi seguido do pensamento: *Por que esse tapete parece uma rede?*

Seguido de: *É uma rede.*

Seguido de: *DROGA!*

A rede me envolveu e me jogou no ar. Recuperei o poder de voar. Por um microssegundo, imaginei que estava sendo chamado de volta ao Olimpo, ascendendo em glória para me sentar ao lado direito do meu pai. (Bom, três tronos à direita do trono de Zeus, pelo menos.)

Mas a gravidade agiu. Quiquei como um ioiô. Em um momento eu estava na altura dos olhos de Leo e Calipso, que me observavam boquiabertos da porta da cozinha. No instante seguinte, estava na altura dos ninhos de grifos, encarando uma deusa que conhecia muito bem.

Você deve estar pensando: *Era Ártemis. A armadilha de rede era só uma brincadeira entre irmãos. Nenhuma irmã amorosa deixaria o irmão sofrer tanto por tanto tempo. Ela finalmente tinha ido salvar nosso herói, Apolo!*

Não. Não era Ártemis.

A jovem estava sentada no parapeito interno, balançando as pernas alegremente. Reconheci as sandálias amarradas de maneira elaborada, o vestido feito de camadas de rede formando uma camuflagem em tons de verde-folha. O cabelo castanho-avermelhado trançado formava

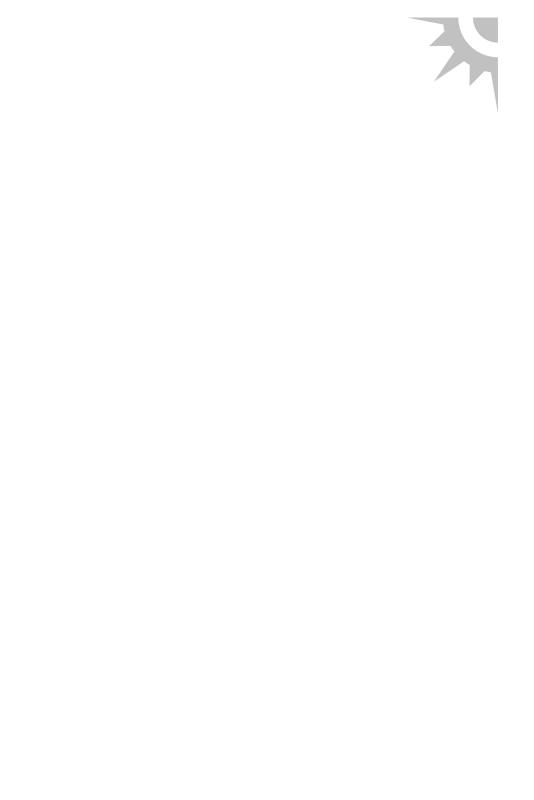
um rabo de cavalo tão comprido que se enrolava no pescoço como um lenço ou a corda de uma forca. Os olhos escuros intensos me lembraram uma pantera observando a presa das sombras da vegetação rasteira, uma pantera com um senso de humor perverso.

Sim, era uma deusa. Mas não a que eu esperava.

— Você — rosnei.

Era difícil falar de forma ameaçadora enquanto eu quicava em uma rede.

— Oi, Apolo. — Britomártis, a deusa das redes, sorriu com timidez. — Eu soube que você é humano agora. Isso vai ser divertido.

9

Armadilha, claro!
A Rainha dos Ardis
Na Casa das Redes

BRITOMÁRTIS PULOU DO PARAPEITO e aterrissou de joelhos, a saia se abrindo como um redemoinho de redes.

(Ela ama essas entradas dramáticas. Alguém pode avisar que ela não está em um anime?)

A deusa se levantou e pegou sua faca de caça.

— Apolo, se você tem algum apreço pela sua anatomia, fique parado.

Eu ia protestar e dizer que não dava para ficar exatamente parado em uma rede oscilante, mas não tive tempo. Ela passou a faca logo acima da minha virilha. A rede se partiu e me jogou no chão, e felizmente minha anatomia se manteve intacta.

Minha queda não foi graciosa. Ainda bem que Leo e Calipso correram em meu socorro, me ajudando a ficar de pé. Fiquei mais calmo ao ver que, apesar da briga recente, eles ainda conseguiam se unir por questões importantes como meu bem-estar.

Leo levou a mão ao cinto de ferramentas, talvez procurando uma arma. Mas só pegou uma lata de pastilhas de hortelã. Eu duvidava que aquilo fosse nos ajudar.

— Quem é essa moça? — perguntou ele.

— Britomártis — respondi. — A Dama das Redes.

Leo pareceu em dúvida.

— De todas as redes? Tipo vôlei e redes sociais?

— Só redes de caça e pesca — falei. — Ela é uma das *minions* da minha irmã.

— *Minions*? — Britomártis franziu o nariz. — Não sou *minion* de ninguém.

Atrás de nós, Josephine tossiu.

— Hã, desculpe, Apolo. A Dama fez questão de chamar sua atenção com essa performance.

O rosto da deusa se iluminou.

— Bom, eu tinha que ver se ele cairia na minha armadilha. E caiu. Como sempre. Hemiteia, Josephine… nos deixem a sós, por favor.

Nossas anfitriãs se entreolharam, provavelmente se perguntando qual das duas teria que retirar os corpos depois que Britomártis acabasse com a gente. Em seguida, saíram por uma porta nos fundos do salão.

Calipso avaliou a deusa das redes.

— Britomártis, é? Nunca ouvi falar de você. Deve ser uma das menores.

Britomártis abriu um sorriso amarelo.

— Ah, mas eu ouvi falar de *você*, Calipso. Exilada em Ogígia depois da Guerra dos Titãs. Esperando que um *homem* qualquer aparecesse por lá, partisse seu coração e a abandonasse. Que destino terrivelmente antiquado. — Ela se virou para Leo. — Esse é seu salvador, é? Meio baixinho e desgrenhado para um herói.

— Ei, moça. — Leo sacudiu a lata de pastilhas de hortelã. — Já explodi deusas mais poderosas do que você.

— E ele não é meu *salvador* — acrescentou Calipso.

— É! — Leo franziu a testa. — Bem... na verdade eu meio que fui.

— E também não é um herói — refletiu Calipso. — Embora seja mesmo baixinho e desgrenhado.

Uma lufada de fumaça subiu da gola de Leo.

— Enfim — ele falou para Britomártis —, que história é essa de dar ordens a Jo e Emmie como se aqui fosse a sua casa?

Peguei as pastilhas da mão dele antes que Britomártis as transformasse em nitroglicerina.

— Leo, acho que aqui *é* a casa dela — falei.

A deusa sorriu para mim daquele jeito provocante que eu tanto odiava, o mesmo sorriso que me dava a sensação de ter néctar quente borbulhando no estômago.

— Nossa, Apolo, você deduziu tudo direitinho! Como conseguiu?

Sempre que encontrava Britomártis, eu aumentava um pouco de tamanho, para ficar mais alto do que ela. Mas agora eu não tinha o poder de modificar minha altura quando bem entendesse. Só me restava ficar na ponta dos pés.

— Nero chamou este lugar de Casa das Redes — expliquei. — Eu devia ter percebido que a Estação Intermediária tinha sido ideia sua. Sempre que minha irmã queria inventar uma geringonça elaborada, uma coisa estranha e perigosa, procurava você.

A deusa fez uma reverência e girou a saia de rede.

— Assim você me deixa sem graça. Agora venham, meus amigos! Vamos nos sentar e conversar!

Ela indicou os sofás mais próximos.

Leo se aproximou da mobília com cautela. Mesmo com tantos defeitos, ele não era burro. Calipso estava prestes a afundar em uma poltrona quando Leo segurou o pulso dela.

— Espere.

Do cinto de ferramentas ele tirou um metro dobrável. Então o esticou e cutucou a almofada da poltrona. Uma armadilha de urso se fechou, cortando o enchimento e o tecido como um tubarão feito de

espuma.

Calipso encarou Britomártis com uma expressão nada amigável.

— *Sério*?

— Ops! — disse Britomártis, exultante.

Leo apontou para um dos outros sofás, embora eu não conseguisse ver nada de errado.

— Tem um fio que aciona uma armadilha nas costas daquelas almofadas ali também.

Britomártis riu.

— Você é bom, garoto! Realmente. É uma mina-S modificada ativada por pressão.

— Moça, se aquilo fosse detonado, quicaria quase um metro no ar, explodiria, e os estilhaços matariam todos nós.

— Exatamente! — disse Britomártis, dando pulinhos de alegria. — Leo Valdez, você vai se sair muito bem.

Leo fez uma careta. Tirou cortadores de fio do cinto, andou até o sofá e desativou a mina.

Respirei pela primeira vez em vários segundos.

— Acho que vou me sentar… ali. — Apontei para o outro sofá. — É seguro?

Leo grunhiu.

— É. Parece certinho.

Quando estávamos todos bem acomodados, sem mortos nem feridos, Britomártis se esparramou na poltrona que antes acomodava a armadilha de urso e sorriu.

— Ah, isso não é ótimo?

— Não — nós três dissemos.

Britomártis brincou com o cabelo, possivelmente procurando fios ativadores de minas esquecidos.

— Você me perguntou por que mandei Jo e Emmie saírem. Eu amo muito as duas, mas acho que elas não vão gostar da missão que vou passar para vocês.

— Missão? — Calipso arqueou as sobrancelhas. — Tenho quase certeza de que sou uma divindade mais antiga do que você. Que direito tem de *me* dar uma missão?

Britomártis abriu um sorriso malicioso.

— Você é uma fofa mesmo, né? Querida, eu já existia quando os gregos antigos moravam em cavernas. Comecei como uma deusa *cretense*. Quando o resto do meu panteão morreu, Ártemis e eu ficamos amigas. Eu me juntei às Caçadoras dela e aqui estou, milhares de anos depois, ainda tecendo redes e montando armadilhas.

— É — resmunguei. — Quem diria.

A deusa abriu os braços. Havia pesos de chumbo e ganchos de metal pendurados nas mangas bordadas.

— Querido Apolo, você é mesmo um Lester Papadopoulos fofo. Venha aqui.

— Não me provoque — implorei.

— Não estou provocando! Agora que você é um mortal inofensivo, decidi finalmente dar aquele beijo em você.

Eu sabia que ela estava mentindo. Sabia que o vestido dela me prenderia e me machucaria. Reconheci o brilho malicioso nos olhos vermelho-ferrugem.

Ela me enganou muitas vezes ao longo dos milênios.

Eu flertava desavergonhadamente com *todas* as seguidoras da minha irmã. Mas Britomártis foi a única que retribuiu minhas investidas, apesar de ser uma donzela proibida, como qualquer Caçadora. Sua *diversão* era me atormentar. Perdi a conta de quantas vezes ela me enganou, dizendo que ia me juntar com outras pessoas. Argh! Ártemis nunca foi conhecida pelo senso de humor, mas seu braço direito, Britomártis, se encarregava disso muito bem. Ela era insuportável. Bonita, mas insuportável.

Admito que a proposta de Britomártis mexeu comigo. Como era fraca a carne mortal! Ainda mais fraca do que minha carne divina!

Balancei a cabeça.

— Você está me enganando. Não quero.

Ela pareceu ofendida.

— Quando foi que enganei você?

— Em Tebas! — gritei. — Você prometeu se encontrar comigo na floresta para um piquenique romântico. Mas fui pisoteado por um javali gigante!

— Foi um mal-entendido.

— E o incidente com Ingrid Bergman?

— Ah, ela queria mesmo conhecer você. Como eu ia saber que tinham cavado uma armadilha e coberto com folhas na porta do trailer dela?

— E o encontro com Rock Hudson?

Britomártis deu de ombros.

— Bom, eu nunca *disse* que ele estava esperando você no meio daquele campo minado. Você que tirou conclusões precipitadas. Mas vocês dois teriam formado um casal fofo, fala a verdade.

Eu soltei um gemido e puxei meu cabelo encaracolado mortal. Britomártis me conhecia bem demais. Eu adorava a ideia de fazer parte de um casal fofo.

Leo ficou nos encarando como se assistisse a uma partida acalorada de lançamento de fogo grego. (Era superpopular em Bizâncio. Sem comentários.)

— Rock Hudson — disse ele. — Em um campo minado.

Britomártis abriu um sorrisão.

— Apolo estava *tão* adorável, saltitando entre as margaridas... Aí explodiu.

— Caso você tenha esquecido — murmurei —, eu não sou mais imortal. Então, por favor, nada de armadilhas.

— Eu nem sonharia com isso! — disse a deusa. — Não, o objetivo dessa missão não *é* matar você. Pode *até* matar você, mas não foi feita para isso. Só quero meus grifos de volta.

Calipso franziu a testa.

— *Seus* grifos?

— Sim — respondeu Britomártis. — São híbridos alados de leão e águia com…

— Eu sei o que é um grifo — disse Calipso. — Sei que Jo e Emmie os criavam aqui. Mas por que eles são *seus*?

Tossi.

— Calipso, os grifos são os animais sagrados da deusa. Ela é a mãe deles.

Britomártis revirou os olhos.

— Só no sentido figurado da coisa. Eu não me sento nos ovos e choco.

— Você me convenceu a fazer isso uma vez — falei. — Por um beijo que não ganhei.

Ela riu.

— Nossa, tinha me esquecido disso! De qualquer modo, o imperador daqui capturou meus bebês, Heloísa e Abelardo. Na verdade, está capturando animais míticos em todo o Meio-Oeste para usar em seus jogos diabólicos. Eles precisam ser libertados.

Leo observou as peças da mina desmontadas no colo.

— A menina. Georgina. Foi por isso que você pediu para Jo e Emmie saírem, não foi? Você está mais preocupada em recuperar seus grifos do que com a filha delas.

Britomártis deu de ombros.

— As prioridades de Jo e Emmie estão invertidas. Elas não aguentariam lidar com isso, mas a verdade é que os grifos são mais importantes do que qualquer coisa. Eu tenho meus motivos. Por ser uma deusa, minhas necessidades vêm em primeiro lugar.

Calipso fungou, indignada.

— Você é tão gananciosa e territorialista quanto os seus *bebês*.

— Vou fingir que não ouvi isso — disse a deusa. — Prometi a Ártemis que tentaria ajudar vocês três, mas não testem minha paciência. Vocês dariam ótimas salamandrinhas.

Uma mistura de esperança e tristeza surgiu no meu peito. Ártemis, minha amada irmã, não tinha me abandonado, afinal. Zeus podia ter proibido os outros olimpianos de me ajudar, mas pelo menos Ártemis deu um jeito de mandar sua tenente, Britomártis. Claro que a ideia de

“ajuda” de Britomártis envolvia nos testar com minas terrestres e armadilhas de urso, mas, *àquela altura*, eu estava aceitando qualquer coisa.

— E se encontrarmos esses grifos? — perguntei.

— Se trouxerem meus filhos de volta, ensino como se infiltrar no lar do imperador — prometeu Britomártis. — Sendo a deusa das armadilhas, sei tudo sobre entradas secretas!

— E como isso pode ser considerado uma troca justa? — perguntei.

— Porque, meu adorável Lester, você *precisa* se infiltrar no palácio para salvar Georgina e os outros prisioneiros. Sem eles, a Estação Intermediária está condenada, e suas chances de impedir o Triunvirato também. Além do mais, é no palácio que você vai encontrar o Trono da Memória. Se não conseguir recuperá-lo, sua viagem à Caverna de Trofônio vai matar você. Você nunca vai salvar os outros oráculos. Nunca vai voltar ao Monte Olimpo.

Eu me virei para Leo.

— Então, sou novo nesse lance de missão heroica, mas não era para ter uma recompensa no final? E não só outras missões mortais?

— Pior que não — disse Leo. — É bem assim mesmo.

Ah, que injustiça! Uma deusa menor *me* forçando, um dos doze olimpianos, a recuperar animais para ela! Prometi silenciosamente que, se um dia recuperasse minha divindade, jamais mandaria um pobre mortal em uma missão. A não ser que fosse realmente importante. E a não ser que eu tivesse certeza de que o mortal estaria à altura do desafio. E que eu estivesse meio sem tempo… ou só com preguiça mesmo. Eu seria *bem mais* gentil e generoso do que essa deusa das redes.

— O que você quer que a gente faça? — perguntei a Britomártis. — Será que esses grifos não ficam presos no palácio do imperador? Não daria para matar dois coelhos com uma cajadada só?

— Não mesmo — respondeu Britomártis. — Os animais importantes de verdade, os raros e valiosos… O imperador os deixa em um local especial, fora do palácio, onde são tratados com todos os recursos adequados. O zoológico de Indianápolis.

Estremeci. Acho zoológicos locais deprimentes, cheios de animais enjaulados e tristes, crianças histéricas e comida ruim.

— Os grifos vão estar sob vigilância — supus.

— É claro! — Britomártis pareceu um pouco animada demais com a situação. — Por favor, tente libertar os grifos *antes* de ser ferido ou morto. Além do mais, você precisa ir logo…

— Lá vem o limite de tempo. — Leo olhou para mim com um ar de sabedoria. — Sempre tem limite de tempo.

— Em três dias — continuou Britomártis —, o imperador planeja usar todos os animais e prisioneiros em uma grande comemoração.

— Uma cerimônia de nomeação — relembrei. — Nanette, a *blemmyae* que quase nos matou, mencionou alguma coisa sobre isso.

— De fato. — Britomártis fez uma careta. — Esse imperador… ele *ama* dar nome às coisas em homenagem a si mesmo. Na cerimônia, ele planeja rebatizar Indianápolis.

Isso por si só não me pareceu uma tragédia. Indianápolis era um nome meio difícil de amar. No entanto, se esse imperador era quem eu supunha, a ideia de comemoração dele envolveria matar uma penca de gente e animais. Ele não era o tipo de pessoa que você contrataria para organizar a festa de aniversário do seu filho.

— Os *blemmyae* mencionaram outra coisa — falei. — O imperador queria sacrificar dois prisioneiros especiais. Eu e a *garota*.

Calipso juntou as mãos em uma armadilha de urso.

— Georgina.

— Exatamente! — Mais uma vez, Britomártis pareceu excessivamente alegre. — A garota está em segurança, por enquanto. Presa e maluca, sim, mas viva. Concentrem-se em libertar meus grifos. Vão para o zoológico assim que amanhecer. O turno da noite estará quase no fim, e os guardas do imperador vão estar cansados e desatentos.

Olhei para os pedaços de mina nas mãos de Leo. Morrer em uma explosão estava começando a me parecer um destino mais agradável do que a missão de Britomártis.

— Pelo menos não vou ter que fazer tudo sozinho — murmurei.

— Na verdade — disse a deusa —, Leo Valdez precisa ficar aqui.

Leo fez uma careta.

— Como é?

— Você já demonstrou sua habilidade com armadilhas! — explicou a deusa. — Emmie e Josephine precisam da sua ajuda. O imperador ainda não conseguiu achar a Estação Intermediária, mas não vai demorar muito. Ele não tolera nenhum tipo de oposição ao seu poder. Ele *vai* encontrar esse refúgio. E então destruí-lo. Você, Leo Valdez, pode ajudar a melhorar nossas defesas.

— Mas…

— Alegre-se! — Britomártis olhou para Calipso. — *Você* pode ir com Apolo, minha querida. Dois ex-imortais em uma missão para mim! Nossa, gosto muito dessa ideia.

Calipso empalideceu.

— Mas… Não. Eu não…

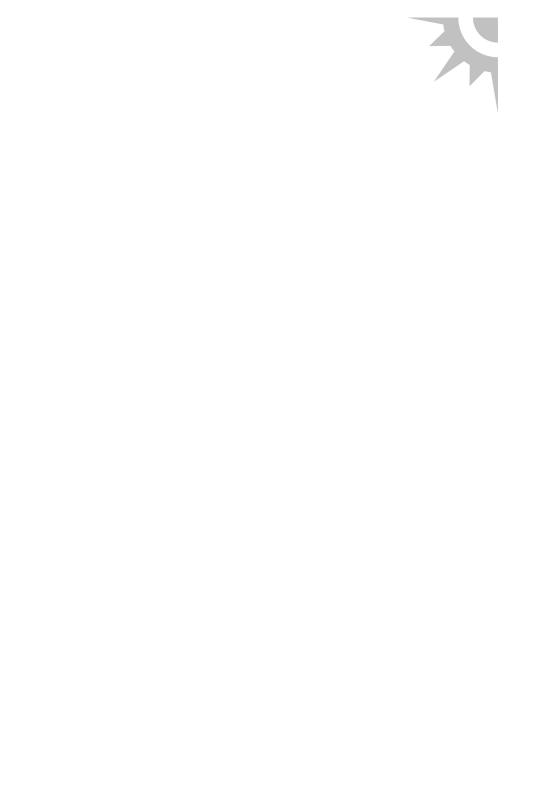
— Ela não pode — acrescentei.

A feiticeira assentiu enfaticamente.

— Nós não nos damos bem, então…

— Está decidido, então! — A deusa se levantou da poltrona. — Me encontro com vocês aqui quando estiverem com meus grifos. Não me

decepcionem, mortais! — Ela bateu palmas com alegria. — Ah, eu sempre quis dizer isso!

Ela girou e desapareceu em um lampejo como uma isca de pesca engolida pelo mar, sem deixar nada para trás além de alguns anzóis triplos agarrados no tapete.

10

Limpando privadas
Ao menos tem recompensa
Resto de tofu

DEPOIS DE ARMADILHAS PARA urso e minas explosivas, eu não achava que a tarde pudesse piorar. Então é claro que foi isso que aconteceu.

Quando contamos a Emmie e Josephine o que tinha acontecido com Britomártis, nossas anfitriãs se desesperaram. A possibilidade de a missão dos grifos levar ao resgate de Georgina *não as tranquilizou*, nem o fato de que a garotinha delas permaneceria viva até o espetacular festival de matança que o imperador tinha planejado para dali a três dias.

Emmie e Jo ficaram tão magoadas, não só com Britomártis, mas também com *a gente*, que nos deram mais afazeres domésticos. Ah, claro, elas *alegaram* que todos os hóspedes tinham que ajudar. A Estação Intermediária era um espaço comunitário, não um hotel, blá-blá-blá.

Mas eu sabia muito bem que esfregar as privadas dos vinte e seis banheiros conhecidos da Estação Intermediária só podia ser uma punição.

Pelo menos, não precisei trocar o feno dos ninhos dos grifos. Essa foi a função de Leo, e quando ele terminou a tarefa parecia ter sido atacado por um espantalho. Já Calipso passou a tarde plantando feijão com Emmie. Agora me respondam: isso é justo?

Na hora do jantar, eu estava morrendo de fome. Estava louco por outra refeição fresca, de preferência preparada *para* mim, mas Josephine acenou com desânimo para a cozinha.

— Acho que tem sobra de enchilada de tofu na geladeira. Agamedes vai levar vocês até seus quartos.

Ela e Emmie nos deixaram à própria sorte, desamparados.

O fantasma laranja brilhante acompanhou Calipso até o quarto dela primeiro. Agamedes deixou claro por meio da Bola 8 Mágica e de muitos gestos que mulheres e homens sempre dormiam em alas totalmente diferentes.

Achei isso ridículo, mas, como tantas coisas relacionadas às Caçadoras da minha irmã, não tinha lógica.

Calipso não reclamou. Antes de sair, ela se virou para nós com hesitação e disse “Vejo vocês de manhã”, como se estivesse fazendo um sacrifício *enorme*. Como se, ao falar com Leo e comigo, agisse com

mais cortesia do que merecíamos. Sinceramente, eu não via como alguém podia ser tão arrogante depois de uma tarde plantando leguminosas.

Alguns minutos depois, munidos com sobras da geladeira, Leo e eu seguimos Agamedes até nosso quarto de hóspedes. Isso mesmo. Tivemos que *dividir* o quarto, o que encarei como outro sinal do descontentamento das nossas anfitriãs.

Antes de nos deixar, Agamedes jogou a Bola 8 Mágica para mim.

Franzi a testa.

— Não perguntei nada.

Ele apontou enfaticamente para a esfera mágica.

Eu a virei e li APOLO PRECISA TRAZÊ-LA PARA CASA. Desejei que o fantasma tivesse rosto, para que eu pudesse interpretar sua expressão.

— Você já me disse isso.

Joguei a bola de volta para ele, torcendo por mais explicações. Agamedes ficou flutuando com expectativa, como se esperasse que eu percebesse alguma coisa. E então, com os ombros murchos, ele se virou e foi embora.

Eu não estava a fim de comer enchiladas de tofu requentadas. Dei a minha para Leo, que ficou sentado na cama de pernas cruzadas e engoliu a comida. Ele ainda estava usando o macacão de Georgina, com uma leve cobertura de feno. Parecia ter decidido que caber nas roupas de trabalho de uma menina de sete anos era um sinal de honra.

Eu me deitei na cama. Olhei para o teto de tijolos, me perguntando se e quando ele cairia na minha cabeça.

— Sinto falta da minha cama no Acampamento Meio-Sangue.

— Aqui não é tão ruim — disse Leo. — Dormi na ponte Main Street de Houston por um mês, entre um lar adotivo e outro.

Ele parecia bem confortável em seu ninho de feno e cobertores.

— Você vai mudar de roupa antes de dormir, não vai? — perguntei.

— Vou tomar banho de manhã. Se começar a sentir coceira no meio da noite, é só arder em chamas.

— Não estou com paciência para brincadeiras. Não depois de Britomártis.

— Não estou brincando. Relaxa. Tenho certeza de que Jo tem um extintor em algum lugar.

A ideia de acordar em chamas e coberto de espuma de extintor não me pareceu atraente, mas faria até sentido, considerando o andar da carruagem.

Leo bateu com o garfo no prato.

— Essas enchiladas de tofu estão *muy ricas*. Preciso pegar a receita com Josephine. Minha amiga Piper ia adorar.

— Como você pode estar tão calmo? — perguntei. — Vou sair em

uma missão perigosa amanhã com a sua namorada!

Normalmente, dizer para um homem mortal que eu ia a algum lugar com a namorada dele seria o suficiente para partir seu coração.

Leo concentrou sua atenção no tofu.

— Vai dar tudo certo.

— Mas Calipso não tem poderes! Como ela vai me ajudar?

— Ter poderes *não é tudo, ese*. Você vai ver. Amanhã, Calipso vai acabar salvando a sua pele cheia de espinhas da mesma forma.

Não gostei dessa ideia. Eu não queria minha pele cheia de espinhas dependendo de uma ex-bruxa que falhou em luta corpo a corpo e *stand-up comedy*, principalmente considerando o humor dela nos últimos tempos.

— E se ela ainda estiver com raiva de manhã? — perguntei. — O que está acontecendo entre vocês dois?

O garfo de Leo parou acima da última enchilada.

— É que... Durante seis meses ficamos viajando, tentando chegar a Nova York. Perigo constante. Nunca ficamos mais de uma noite no mesmo lugar. Depois, foi mais um mês e meio para chegar a Indianápolis.

Tentei imaginar como seria passar por quatro vezes mais provações do que eu já tinha vivenciado.

— Não deve ser fácil passar por tanta coisa assim no início do relacionamento. É muita pressão — falei.

— Calipso morou na ilha dela por milhares de anos, cara — concordou Leo, com tristeza. — Gosta de jardinagem, bordado, tapeçarias, de deixar o ambiente bonito. Não dá para fazer isso sem ter uma casa. E tem o fato de que eu... eu a tirei de lá.

— Você a salvou. Os deuses não estavam com pressa nenhuma de libertá-la da prisão. Ela poderia ter ficado naquela ilha por mais mil anos.

Leo mastigou o último pedaço e o engoliu como se o tofu tivesse virado argila (o que, na minha opinião, não seria uma grande mudança).

— Às vezes, ela fica feliz com a situação — disse ele. — Outras horas, sem os poderes, sem a imortalidade... é como... — Ele balançou a cabeça. — Eu estava prestes a comparar nosso relacionamento com uma máquina. Ela odiaria isso.

— Pode falar de máquinas.

Ele colocou o prato na mesa de cabeceira.

— Um motor é construído com um limite de estresse que é capaz de aguentar, sabe? Se for usado rápido demais ou por tempo demais, começa a superaquecer.

Isso eu entendia. Até minha carruagem do Sol ficava meio sensível quando eu a dirigia o dia todo no modo Maserati.

— Vocês precisam de tempo para manutenção. Não tiveram oportunidade de ver quem são como casal sem estarem em perigo e sempre viajando.

Leo sorriu, embora os olhos estivessem desprovidos do brilho travesso habitual.

— É. Só que estar em perigo e viajando… isso é a minha vida. Eu não… não sei como consertar isso. Nem sei se é consertável.

Ele tirou alguns pedaços de palha do macacão emprestado.

— Chega de conversa. É melhor dormir enquanto pode, Raio de Sol. Vou apagar.

— Não me chame de Raio de Sol — reclamei.

Mas era tarde demais. Quando Leo apagava, fazia isso com a eficiência de um gerador a diesel. Virou de lado e começou a roncar na mesma hora.

Não tive tanta sorte. Fiquei deitado na cama por muito tempo, contando carneirinhos carnívoros dourados, até finalmente cair num sono agitado.

11

Quatro degolados
É muito num pesadelo
Por quê? Vou chorar?

É ÓBVIO QUE TIVE SONHOS horríveis.

Eu me vi de pé na frente de uma fortaleza imensa em uma noite sem luar. À minha frente, muros inacabados se elevavam a dezenas de metros, com pontinhos protuberantes brilhando como estrelas.

No começo, não ouvi nada além dos gritos de corujas na floresta atrás de mim, um som que sempre me lembrava da noite na Grécia Antiga. Depois, na base da fortaleza, pedra foi arrastada sobre pedra. Uma pequena abertura apareceu onde não havia nada antes. Um jovem saiu engatinhando, puxando um saco pesado.

— Venha! — sibilou ele para alguém ainda no túnel.

O homem se levantou com dificuldade, e o conteúdo do saco tilintou. Ou ele estava carregando lixo para reciclagem (improvável), ou tinha acabado de roubar parte de um tesouro. Ele se virou na minha direção, e fui atingido por um golpe de reconhecimento que me deu vontade de gritar como uma coruja.

Era Trofônio. Meu filho.

Sabe aquela sensação de quando você *desconfia* que pode ter sido pai de alguém milhares de anos antes, mas não tem certeza? Aí vê a pessoa já adulta e, ao olhar nos olhos dela, sabe sem dúvida nenhuma que ela é sua filha? É, tenho certeza de que muitos de vocês já passaram por isso.

Eu não lembrava quem era a mãe dele… a esposa do rei Ergino, talvez? Ela era uma beleza. O cabelo escuro e brilhoso de Trofônio me lembrava o dela. Mas o físico musculoso e o rosto bonito… aquele queixo forte, aquele nariz perfeito, aqueles lábios rosados… sim, era evidente que Trofônio tinha herdado de mim a beleza deslumbrante.

Os olhos brilharam com confiança, como quem diz: *Isso mesmo. Eu acabei de engatinhar por um túnel e continuo lindo.*

Da abertura, a cabeça de outro jovem surgiu. Ele devia ter ombros mais largos, porque estava tendo dificuldade para passar.

Trofônio riu baixinho.

— Eu falei para você não comer tanto, irmão.

Apesar do esforço, o outro homem olhou para o irmão e sorriu. Ele não era nada parecido com Trofônio. O cabelo era louro e cacheado, o rosto tão sem malícia, abobalhado e feio quanto o de um burrinho simpático.

Percebi que era Agamedes, o meio-irmão de Trofônio. Ele não era meu filho. O pobre garoto teve o azar de ser a cria verdadeira do rei Ergino e sua esposa.

— Não acredito que deu certo — comentou Agamedes, soltando o braço esquerdo.

— *Claro* que deu certo — disse Trofônio. — Somos arquitetos famosos. Nós construímos o Templo de Delfos. Por que o rei Hirieu não nos confiaria a construção do seu depósito de tesouros?

— Com direito a túneis secretos!

— Bom, ele nunca vai descobrir o que fizemos — disse Trofônio. — O velho burro e paranoico vai supor que os criados roubaram todo o tesouro dele. Agora, anda logo, Carga Pesada.

Agamedes estava ocupado demais rindo para se libertar. Ele esticou o braço.

— Me ajude.

Trofônio revirou os olhos. Largou o saco de tesouro no chão… e, com isso, disparou a armadilha.

Eu sabia o que aconteceria em seguida. Eu me lembrava da história agora que a via acontecendo, mas, ainda assim, era difícil de assistir. O rei Hirieu era paranoico mesmo. Dias antes, tinha revirado o depósito de tesouros em busca de quaisquer pontos vulneráveis. Ao descobrir o túnel, ele não disse nada para os criados, para a equipe de operários nem para os arquitetos. Não tirou suas riquezas de lá. Só montou uma armadilha mortal e esperou para descobrir exatamente quem planejava roubá-lo…

Trofônio havia colocado o saco de ouro ao lado do fio que acionava a armadilha, que só era ativada quando o ladrão tivesse saído do túnel. O rei pretendia pegar os traidores com a mão na massa.

Numa árvore próxima, um arco mecânico disparou um sinal luminoso e barulhento para cima, traçando um arco de chama vermelha pelo céu. Dentro do túnel, uma viga de sustentação se partiu, esmagando o peito de Agamedes sob uma avalanche de pedras.

Ele ofegou, sacudindo o braço livre. Os olhos saltaram e ele tossiu sangue. Trofônio gritou de horror. Correu até o irmão e tentou libertá-lo, sem sucesso.

— Me deixe! — pediu Agamedes.

— Não! — Lágrimas desciam pelo rosto de Trofônio. — É culpa minha. A ideia foi minha! Vou buscar ajuda. Vou… vou dizer para os guardas…

— Isso só vai fazer com que eles matem você também — grunhiu Agamedes. — Vá. Enquanto ainda há tempo. E, irmão, o rei conhece meu rosto. — Ele ofegou, a respiração gorgolejando. — Quando ele encontrar meu corpo…

— Não fale assim!

— Ele vai saber que você estava comigo — continuou Agamedes, sereno diante da certeza da morte. — Vai perseguir você. Vai declarar guerra contra nosso pai. Você precisa garantir que meu corpo não será identificado.

Já quase desfalecendo, Agamedes esticou a mão para a faca pendurada no cinto do irmão. Trofônio chorou alto. Entendeu o que o irmão estava pedindo. Ouviu guardas gritando ao longe. Logo seriam alcançados.

Ele levantou a voz para os céus.

— Me leve no lugar dele! Salve-o, Pai, por favor!

O pai de Trofônio, Apolo, preferiu ignorar a súplica do filho.

Eu tornei você famoso, pensou Apolo. *Deixei que criasse meu templo em Delfos. Mas você usou sua reputação e seus talentos para se tornar um ladrão. Você é responsável por isso.*

Desesperado, Trofônio pegou a faca. Beijou a testa do irmão pela última vez e encostou a lâmina no pescoço de Agamedes.

Meu sonho mudou.

Eu estava em uma câmara subterrânea comprida, uma espécie de imagem alternativa do salão principal da Estação Intermediária. Acima, um teto curvo cintilava com azulejos brancos do metrô. Dos dois lados do aposento, onde ficariam os trilhos em uma estação de trem, canais abertos de água fluíam. Fileiras de monitores de tevê ocupavam as paredes, piscando com clipes de um homem de cabelo castanho cacheado e barba, dentes perfeitos e olhos azuis brilhantes.

Os vídeos me lembraram os anúncios que passavam na Times Square com apresentadores de *talk shows*. O homem fazia pose para a câmera, rindo, mandando beijinhos, fingindo perder o equilíbrio. Em cada cena, usava uma roupa diferente: um terno italiano, um macacão de piloto de corrida, traje de caça, todos feitos de pele de leão.

Um título quicava na tela em cores espalhafatosas: O NOVO HÉRCULES!

Sim. Era assim que ele gostava de se intitular na Roma Antiga. Tinha o corpo escandalosamente forte do herói, mas não era o verdadeiro Hércules. Eu bem sei. Encontrei com Hércules em várias ocasiões. Esse imperador era mais como alguém imaginava que Hércules deveria ser: uma caricatura retocada e musculosa demais.

No meio do salão, ladeado por guarda-costas e criados, estava o próprio sujeito, reclinado em um trono de granito branco. Não são muitos os imperadores que conseguem parecer imperiais usando só uma sunga de pele de leão, mas Cômodo conseguia. Uma das pernas estava jogada casualmente por cima do braço do trono. O abdome dourado formava um tanquinho tão perfeito que era fácil se imaginar lavando roupa ali. Com uma expressão de puro tédio, usando apenas dois dedos, ele girava um machado de guerra de um metro e oitenta que chegava bem perto de ameaçar a anatomia do conselheiro mais

próximo.

Eu queria chorar. Não só porque ainda achava Cômodo atraente depois de tantos séculos, não só porque tivemos uma, hã, história complicada, mas também porque ele me lembrava de como *eu* costumava ser. Ah, poder me olhar no espelho e ver a perfeição de novo, não um garoto esquisito e gorducho com problemas de pele!

Eu me obriguei a prestar atenção nas outras pessoas no aposento. Ajoelhadas diante do imperador estavam duas que apareceram na minha visão da cobertura de Nero: Marcus, o menino dos colares de ouro que parecia ter sido criado por chacais, e Vortigern, o bárbaro.

Marcus tentava explicar alguma coisa para o imperador.

— Nós tentamos! Senhor, escute!

O imperador não pareceu muito disposto a escutar. Seu olhar desinteressado seguiu pela sala do trono, passando por várias fontes de diversão: uma estante com instrumentos de tortura, uma fileira de fliperamas, um conjunto de halteres e um alvo com… ah, caramba, o rosto de Lester Papadopoulos, brilhando com facas que tinham sido lançadas contra ele.

Nas sombras no fundo do aposento, animais estranhos se agitavam em jaulas. Não vi grifos, e sim outros animais famosos que eu não via há séculos. Seis serpentes aladas árabes pairavam em uma gigantesca gaiola para canários. Em um cercado dourado, um par de criaturas semelhantes a touros e com chifres enormes enfiavam a cara em um cocho de comida. Centícoras europeus, talvez? Nossa, essas criaturas eram raras mesmo na Antiguidade, e também eram chamadas de yales.

Marcus continuava tagarelando desculpas, até que, à esquerda do imperador, um homem corpulento de terno escarlate gritou:

— CHEGA!

O conselheiro contornou com um arco amplo o machado de guerra rodopiante do imperador. Seu rosto estava tão vermelho e suado que, como deus da medicina, tive vontade de avisar que ele se encontrava perigosamente próximo de sofrer um infarto. Cômodo avançou para cima dos dois suplicantes.

— Você está nos dizendo — rosnou ele — que a *perdeu*. Dois servos fortes e qualificados do Triunvirato perderam uma garotinha. Como isso aconteceu?

Marcus levantou as mãos, desamparado.

— Lorde Cleandro, eu não sei! Nós paramos em uma loja de conveniência perto de Dayton. Ela foi ao banheiro e… e desapareceu.

Marcus olhou para o companheiro em busca de apoio. Vortigern grunhiu.

Cleandro, o conselheiro de terno vermelho, fez cara de desprezo.

— Havia algum tipo de planta perto desse banheiro?

— Planta? — perguntou Marcus.

— É, seu idiota. Do tipo que *cresce*.

— Eu… Bom, tinha um montinho de dentes-de-leão crescendo em uma rachadura na calçada perto da porta, mas…

— *O quê?* — gritou Cleandro. — Você deixou uma filha de Deméter chegar perto de uma *planta*?

Filha de Deméter. Meu coração pareceu ter sido jogado para o alto em uma das redes de Britomártis. Pensei que aqueles homens estivessem conversando sobre Georgina, mas na verdade falavam de Meg McCaffrey. Ela havia escapado dos acompanhantes.

— Senhor, era… era só uma *erva daninha*!

— Que é tudo de que ela precisa para se teletransportar! — gritou Cleandro. — Você devia ter *percebido* como ela está se tornando poderosa. Só os deuses sabem onde ela está agora!

— Na verdade — disse o imperador, paralisando todo o salão —, eu sou um deus e não tenho a menor ideia.

Ele parou de girar o machado de guerra. Observou a sala do trono até seu olhar se fixar em uma serva *blemmyae* arrumando bolos e canapés em um carrinho de chá. Ela não estava disfarçada; a cara de peito estava à mostra, embora abaixo do queixo/barriga usasse um uniforme de empregada, uma saia preta com avental de renda branca.

O imperador mirou. Arremessou casualmente o machado de guerra até o outro lado da sala, a lâmina afundando entre os olhos da criada. Ela cambaleou, mas conseguiu dizer “Bom arremesso, meu senhor” antes de virar pó.

Os conselheiros e guarda-costas bateram palmas educadamente.

Cômodo descartou os elogios com um gesto.

— Estou entediado com esses dois. — Ele indicou Marcus e Vortigern. — Eles falharam, não foi?

Cleandro fez uma reverência.

— Sim, meu senhor. Graças a eles, a filha de Deméter está solta por aí. Se chegar a Indianápolis, pode nos causar uma infinidade de problemas.

O imperador sorriu.

— Ah, mas Cleandro, você também falhou, não foi?

O homem de terno vermelho engoliu em seco.

— Senhor, eu… eu garanto…

— Foi *sua* ideia permitir que Nero nos mandasse esses idiotas. Você achou que eles seriam *úteis* para capturar Apolo. Agora, a garota nos traiu. *E* Apolo está solto pela *minha* cidade, e você ainda não o capturou.

— Senhor, as mulheres intrometidas da Estação Intermediária…

— Isso mesmo! — disse o imperador. — Você também ainda não as encontrou. E não vou nem começar a falar de todos os seus fracassos

em relação à cerimônia de nomeação.

— M-mas, senhor! Vamos ter milhares de animais para você matar! Centenas de prisioneiros…

— CHATO! Já falei, quero alguma coisa *criativa*. Você é meu prefeito pretoriano ou não, Cleandro?

— S-sim, senhor.

— Então é responsável por qualquer fracasso.

— Mas…

— E está me entediando — acrescentou Cômodo —, o que é punível com morte. — Ele olhou para os dois lados do trono. — Quem é o próximo na linha de comando? Se apresente.

Um jovem deu um passo à frente. Não era um guarda-costas germânico, mas definitivamente um lutador. Sua mão pousou com tranquilidade no cabo de uma espada. O rosto era um mapa de cicatrizes. As roupas eram casuais, só uma calça jeans, uma camiseta vermelha e branca em que se lia NEBRASCA e uma bandana vermelha amarrada no cabelo escuro cacheado, mas ele se portava com a confiança tranquila de um matador experiente.

— Eu sou o próximo, senhor.

Cômodo inclinou a cabeça.

— Vá em frente, então.

— Não! — gritou Cleandro.

Nebrasca se moveu com velocidade vertiginosa. A espada brilhou. Em três cortes fluidos, três pessoas caíram mortas, as cabeças separadas do corpo. O lado bom era que Cleandro não ia precisar mais se preocupar com o infarto iminente. O mesmo se aplicava a Marcus e Vortigern.

O imperador bateu palmas, radiante.

— Que máximo! Isso foi *muito* divertido, Litierses!

— Obrigado, senhor. — Nebrasca limpou o sangue da lâmina.

— Você é quase tão bom com a espada quanto eu! — elogiou o imperador. — Eu já falei como decapitei um rinoceronte?

— Sim, meu senhor, muito impressionante. — A voz de Litierses era tão sem graça quanto aveia. — Posso remover os corpos?

— Claro. Você… é filho de Midas, não é?

O rosto de Litierses pareceu desenvolver novas cicatrizes.

— Sim, senhor.

— Mas não consegue fazer aquela coisa do toque que transforma em ouro?

— Não, senhor.

— Que pena. Mas você *mata* gente bem. Isso é bom. Suas primeiras ordens: encontre Meg McCaffrey. E Apolo. Traga-os para mim, vivos se possível, e… hum. Tinha mais uma coisa.

— A cerimônia de nomeação, senhor?

— Isso! — O imperador sorriu. — Isso mesmo. Tenho ideias maravilhosas para incrementar os jogos, mas, como Apolo e a garota ainda estão soltos por aí, temos que seguir em frente com nossos planos para os grifos. Vá ao zoológico imediatamente. Traga os animais para cá por segurança. Se fizer isso tudo para mim, *não* vou matar você. É justo?

Os músculos do pescoço de Litierses se contraíram.

— Claro, senhor.

Quando o novo prefeito pretoriano gritou ordens para os guardas, mandando que retirassem os corpos decapitados, alguém disse meu nome.

— Apolo. Acorde.

Meus olhos se abriram. Calipso estava na minha frente. O quarto estava escuro. Ali perto, Leo ainda roncava na cama.

— Está quase amanhecendo — disse a feiticeira. — Temos que ir.

Tentei piscar para afastar os resquícios dos sonhos. A Bola 8 Mágica de Agamedes pareceu flutuar diante dos meus olhos. *Apolo precisa trazê-la para casa.*

Eu me perguntei se o fantasma estava falando de Georgina ou de outra garota que eu queria muito encontrar.

Calipso sacudiu meu ombro.

— Venha logo! Você é lerdo demais de manhã para um deus do Sol.

— O q-quê? Onde?

— Zoológico — disse ela. — A não ser que você queira ficar aqui à espera dos afazeres domésticos matinais.

12

Falo de bolinho
Quatro tipos diferentes
A flecha explica

CALIPSO SABIA COMO ME motivar.

A ideia de esfregar privadas de novo era mais apavorante do que os meus sonhos.

Andamos pelas ruas escuras no amanhecer frio, atentos a multidões educadas de *blemmyae* assassinos, mas ninguém nos incomodou. No caminho, contei meus pesadelos para Calipso.

Achei melhor soletrar o nome C-Ô-M-O-D-O, caso enunciá-lo em voz alta pudesse atrair a atenção do deus-imperador. Calipso nunca tinha ouvido falar dele. Claro, ela havia ficado presa em sua ilha nos últimos milênios. Eu duvidava que reconhecesse nomes de muitas pessoas que nunca tinham dado as caras lá pelas suas bandas. Mal sabia quem era Hércules. Adorei isso. Hércules queria *tanto* ser o centro das atenções.

— Você conhece esse imperador pessoalmente? — perguntou ela.

Repeti para mim mesmo que não estava corando. Era só o vento fazendo meu rosto arder.

— Nós nos conhecemos quando ele era mais jovem. Tínhamos muitas coisas em comum, era surpreendente. Quando ele se tornou imperador… — Suspirei. — Você sabe como é. Ele era muito jovem quando conquistou todo aquele poder e fama. Mexeu com a cabeça dele. Aconteceu o mesmo com Justin, Britney, Lindsay, Amanda, Amadeus…

— Não conheço nenhuma dessas pessoas.

— Precisamos dedicar mais tempo às suas aulas de cultura pop.

— Não, por favor. — Calipso brigou com o zíper do casaco.

Naquele dia, ela estava usando uma mistura de roupas emprestadas que deviam ter sido selecionadas às escuras: uma parka prateada surrada, provavelmente da época em que Emmie ainda era uma das Caçadoras de Ártemis; uma camiseta azul da INDY 500; uma saia marrom até os tornozelos por cima de uma legging preta; e tênis de corrida em tons de roxo e verde. Meg McCaffrey aprovaria o visual.

— E o cara de Nebrasca com a espada? — perguntou Calipso.

— Litierses, filho do rei Midas. Não sei muito sobre ele, nem por que está servindo o imperador. Espero que a gente entre e saia do zoológico antes desse cara aparecer. Não gosto da ideia de lutar contra ele.

Calipso fechou os dedos, talvez lembrando o que aconteceu na última vez em que ela deu um soco em alguém.

— Pelo menos a sua amiga Meg conseguiu fugir — comentou. — É uma boa notícia.

— Talvez.

Eu queria acreditar que Meg estava se rebelando contra Nero. Que finalmente tinha percebido a verdade sobre o padrasto monstruoso e agora correria para o meu lado, pronta para me ajudar nas missões e parar de me dar ordens irritantes.

Infelizmente, eu sabia por experiência própria como era difícil sair de um relacionamento abusivo. As garras de Nero estavam enterradas fundo na mente da garota. Pensar em Meg fugindo sem destino, apavorada, perseguida por capangas de dois imperadores diferentes... Isso não me tranquilizou. Eu esperava que ao menos seu amigo Pêssego, o espírito dos grãos, estivesse com ela para dar uma força, mas não vi sinal dele nas minhas visões.

— E Trofônio? — perguntou Calipso. — Você sempre se esquece dos seus filhos assim?

— Você não entenderia.

— Estamos procurando um oráculo perigoso que enlouquece as pessoas. O espírito desse oráculo por acaso é seu filho, que pode estar bem magoado com você por não ter atendido as súplicas dele, obrigando-o assim a decepar a cabeça do próprio irmão. Então seria bom que você se lembrasse desse tipo de coisa.

— Andei com muita coisa na cabeça! É uma cabeça *mortal* muito pequena.

— Pelo menos concordamos com o tamanho do seu cérebro.

— Ai, dá um tempo — murmurei. — Eu só queria um conselho, uma direção, mas nem para isso você serve.

— Meu conselho é parar de ser tão *gloutos*.

A palavra significava *nádegas*, mas em grego antigo tinha uma conotação bem mais grosseira. Tentei pensar em uma resposta sagaz, mas a expressão em grego antigo para *é a mãe!* me escapou.

Calipso mexeu nas penas das flechas da minha aljava.

— Se você quer tanto um conselho, por que não pede à sua flecha? Talvez ela saiba como resgatar grifos.

— Hum.

Não gostei do conselho de Calipso sobre pedir conselhos. Eu não via como uma flecha saída de uma peça de Shakespeare poderia nos ajudar. Por outro lado, eu não tinha nada a perder além da minha paciência. E, se a flecha me irritasse demais, eu sempre podia dispará-la no *gloutos* de algum monstro.

Eu peguei a Flecha de Dodona. Na mesma hora, a voz grave e masculina falou na minha mente, a haste ressonando a cada palavra.

ORA, disse a flecha. *O MORTAL FINALMENTE DEMONSTRA BOM SENSO.*

— Também senti saudades suas — falei.

— Está falando? — perguntou Calipso.

— Infelizmente, está. Ó, Flecha de Dodona, tenho uma pergunta para você.

DISPARA TUA MELHOR QUESTÃO.

Expliquei minhas visões. Tenho certeza de que parecia ridículo falando com uma flecha enquanto andava pela Rua West Maryland. Em frente ao Centro de Convenções Indiana, tropecei e quase me empalei pelo olho, mas Calipso nem chegou a rir. Ao longo de nossa jornada juntos, ela já tinha me visto em situações muito mais humilhantes.

Conversar me parecia uma forma bem inútil de usar uma flecha, mas até que eu me saía bem.

QUE VERGONHA. Ela tremeu na minha mão. *TU ME DESTE NÃO UMA QUESTÃO, MAS UMA HISTÓRIA*.

Eu me perguntei se a flecha estava me testando, avaliando até onde podia me irritar até que eu a quebrasse ao meio. Eu podia ter feito isso há muito tempo, mas temia terminar com *dois* fragmentos de uma flecha falante me dando conselhos ruins ao mesmo tempo.

— Muito bem — falei. — Como podemos encontrar os grifos? Onde está Meg McCaffrey? Como podemos derrotar o imperador, libertar os prisioneiros e recuperar o controle do Oráculo de Trofônio?

AGORA TU FIZESTE PERGUNTAS DEMAIS, disse a flecha. *MINHA SABEDORIA NÃO CUSPIRÁ RESPOSTAS COMO SE FOSSE O GOOGLE.*

Aquela flecha estava indo longe demais.

— Vamos começar com algo simples, então. Como libertamos os grifos?

VAI AO ZOOLÓGICO.

— Já estamos fazendo isso.

ENCONTRA A GAIOLA DOS GRIFOS.

— Certo, mas *onde*? E não me diga *no zoológico*. Onde exatamente dentro do Zoológico de Indianápolis os grifos estão presos?

PROCURA A MARIA-FUMAÇA.

— A maria-fumaça.

SERIA ECO O QUE TEM AQUI?

— Tudo bem! Nós procuramos uma maria… um trem. Quando localizarmos os grifos, como os libertaremos?

ORA, TU CONQUISTAS A CONFIANÇA DOS ANIMAIS COM BOLINHOS DE BATATA.

— Bolinhos de batata?

Esperei um esclarecimento, ou mesmo outro comentário mordaz. A flecha ficou em silêncio. Com um ruído de repugnância, eu a devolvi à

aljava.

— Sabe, ouvir só um lado da conversa foi bem confuso — comentou Calipso.

— Ouvir os dois lados não fez muito mais sentido. Tem alguma coisa a ver com um trem. E bolinhos de batata.

— Bolinhos de batata? Leo… — A voz dela falhou. — Leo adora.

Minha enorme experiência com mulheres sugeria que Calipso estava arrependida de ter discutido com Leo no dia anterior ou emocionada com o assunto dos bolinhos de batata. Eu não estava a fim de descobrir qual das duas opções era a verdadeira.

— Seja qual for o caso, não pude compreender… Eis a questão. — Tentei parar de falar usando clichês shakespearianos. — Não sei o que o conselho da flecha significa. Talvez faça sentido quando chegarmos ao zoológico.

— Claro, porque é o que sempre acontece quando nós chegamos a lugares novos, né? De repente, tudo passa a fazer sentido.

— Você tem razão. — Suspirei. — Mas, assim como a ponta da minha flecha falante, isso não nos ajuda em nada. Vamos em frente?

Passamos por uma ponte e atravessamos o Rio White, que não era nem um pouco branco. Era largo e marrom e corria devagar entre os muros de contenção de cimento, a água contornando ilhas de arbustos irregulares que me lembravam espinhas no rosto (algo com o que eu estava bem familiarizado agora). Estranhamente, me lembrava o Tibre, em Roma, outro rio decepcionante e negligenciado.

Ainda assim, eventos que alteraram o curso da história mundial aconteceram às margens do Tibre. Tremi ao pensar nos planos que Cômodo tinha para aquela cidade. E, se o Rio White alimentava os canais que vislumbrei na sala do trono, seu esconderijo talvez estivesse próximo. O que significava que seu novo prefeito, Litierses, podia já estar no zoológico. Decidi andar mais rápido.

O Zoológico de Indianápolis ficava escondido em um parque depois da West Washington. Atravessamos um estacionamento vazio e seguimos na direção da marquise turquesa da entrada principal. Uma faixa na frente dizia NATURALMENTE FOFO! Por um momento, achei que talvez a equipe do zoológico tivesse ouvido falar que eu estava indo até lá e houvesse decidido me dar boas-vindas. Mas percebi que a faixa era só uma propaganda dos coalas. Como se coalas precisassem de propaganda.

Calipso franziu a testa para as bilheterias fechadas.

— Não tem ninguém aqui. Está fechado.

— Era *essa* a ideia — lembrei a ela. — Quanto menos mortais por perto, melhor.

— Mas como vamos entrar?

— Se ao menos alguém pudesse controlar espíritos do vento e nos

carregar por cima da cerca.

— Se ao menos alguém pudesse nos teletransportar — respondeu ela. — Ou estalar os dedos e trazer os grifos até nós.

Cruzei os braços.

— Estou começando a lembrar por que exilamos você para aquela ilha por três mil anos.

— Três mil, quinhentos e sessenta e oito. Eu teria ficado mais tempo lá, se dependesse de você.

Eu não pretendia retomar aquela discussão, mas Calipso estava pedindo.

— Você estava em uma ilha tropical com praias de águas cristalinas, servos alados e uma caverna generosamente aparelhada.

— E isso fazia com que Ogígia não fosse uma prisão?

Fiquei tentado a explodi-la usando meu poder divino, só que… Bom, eu não tinha nenhum.

— Você não sente saudade da sua ilha, então?

Ela piscou, como se eu tivesse jogado areia na cara dela.

— Eu… Não. Essa não é a questão. Eu fui exilada. Não tinha ninguém…

— Ah, por favor. Quer saber como é o *verdadeiro* exílio? Essa é minha terceira vez como mortal. Desprovido de poderes. Desprovido de imortalidade. Eu posso *morrer*, Calipso.

— Eu também — disse ela, de maneira cortante.

— Sim, mas você *escolheu* partir com Leo. Abriu mão de sua imortalidade por amor! Você é tão ruim quanto Hemiteia!

Eu não tinha percebido quanta raiva havia por trás daquela última acusação até soltá-la. Minha voz ressoou pelo estacionamento. Em algum lugar do zoológico, uma ave tropical de repente piou em protesto.

A expressão de Calipso endureceu.

— Certo.

— Eu só quis dizer…

— Pode parar. — Ela olhou para a cerca. — Vamos procurar um lugar para pular?

Tentei formular um pedido de desculpas cavalheiresco que ao mesmo tempo sustentasse minha posição, mas decidi deixar a questão pra lá. Meu grito podia acabar acordando mais do que tucanos. Precisávamos correr.

Encontramos um ponto em que a cerca era um pouco mais baixa. Mesmo de saia, Calipso se mostrou mais ágil ao escalar. Ela chegou ao topo sem problema, enquanto eu prendi o sapato no arame farpado e me vi de cabeça para baixo. Foi pura sorte eu não ter caído na jaula do tigre.

— Cala a boca — falei para Calipso quando ela me soltou.

— Eu não falei nada!

O tigre estava olhando para a gente de cara feia do outro lado do vidro, como quem diz *Por que você está me incomodando se não trouxe o café da manhã?*

Sempre achei os tigres criaturas sensatas.

Calipso e eu nos esgueiramos pelo zoológico, atentos a sinais de mortais ou de guardas imperiais. Exceto por um funcionário lavando a parte das jaulas dos lêmures, não vimos ninguém.

Paramos em uma área que parecia ser o cruzamento principal do parque. À nossa esquerda havia um carrossel. À direita, orangotangos relaxavam nas árvores de um grande complexo cercado de redes. Estrategicamente posicionados em volta da praça, havia vários cafés e lojas de souvenires, todos fechados. Placas apontavam para diversas atrações: OCEANO, PLANÍCIES, SELVA, VOOS MIRABOLANTES.

— "Voos mirabolantes" — falei. — Claro que classificariam os grifos como voos mirabolantes.

Calipso observou os arredores. Ela tinha olhos perturbadores, castanho-escuros e intensamente concentrados, parecidos com os de Ártemis quando colocava um alvo em sua mira. Imagino que, em Ogígia, Calipso tenha tido muitos anos de treino olhando para o horizonte, esperando que alguém ou alguma coisa interessante aparecesse.

— Sua flecha mencionou um trem. Tem uma placa indicando um passeio de trem.

— É, mas minha flecha também falou sobre bolinhos de batata. Acho que ela deve ter empenado um pouco.

Calipso apontou.

— Ali.

No café mais próximo com mesas ao ar livre, junto a uma janela de atendimento fechada, tinha um cardápio de almoço preso à parede. Li as opções.

— Quatro tipos diferentes de bolinhos de batata? — Eu me senti sufocado diante da confusão culinária. — Por que alguém precisaria de tantos? De chili. De batata-doce. De batata *roxa*? Como uma batata pode...? — Parei.

Por um nanossegundo, não entendi o que havia chamado minha atenção. Mas percebi que meus ouvidos tinham captado um som ao longe, uma voz de homem.

— O que foi? — perguntou Calipso.

— *Shh.* — Prestei mais atenção.

Eu torcia para estar enganado. Talvez só tivesse ouvido uma ave exótica com um pio grave, ou até o funcionário do zoológico xingando por ter que limpar cocô de lêmure. Mas, não. Mesmo no meu estado mortal inferior, minha audição era excepcional.

A voz falou de novo, familiar e bem mais próxima.

— Vocês três, por ali. Vocês dois, comigo.

Toquei na manga da parka de Calipso.

— É Litierses, o fã de Nebrasca.

A feiticeira murmurou outro xingamento em minoico, citando uma parte do corpo de Zeus sobre a qual eu *não* queria pensar.

— Precisamos nos esconder.

Infelizmente, Litierses estava se aproximando pelo caminho de onde tínhamos vindo. A julgar pelo som da voz dele, tínhamos segundos até sua chegada. O cruzamento oferecia uma série de rotas de fuga, mas todas ficariam na linha de visão de Litierses.

Só um lugar estava próximo o bastante para oferecer proteção.

— Quando em dúvida — disse Calipso —, bolinhos de batata.

Ela pegou minha mão e me levou para os fundos do café.

13

Trabalhar numa cozinha
Um sonho alcançado
Quer batatas fritas?

QUANDO ERA UM DEUS, eu ficava feliz da vida se uma mulher me puxava para trás de uma construção. Mas, como Lester e com Calipso, era mais provável que eu fosse morto do que beijado.

Nós nos agachamos junto a uma pilha de caixas de leite perto da entrada da cozinha. A área tinha cheiro de gordura, cocô de pombo e cloro, que vinha da água que jorrava de uns jatos usados para crianças se refrescarem ali perto. Calipso sacudiu a porta trancada e me fuzilou com o olhar.

— Me ajude! — sibilou ela.

— O que *eu* posso fazer?

— Bom, agora seria uma boa hora para ter uma explosão de força divina!

Eu não devia ter contado sobre isso para ela e Leo. Uma vez, quando estava enfrentando Nero no Acampamento Meio-Sangue, meu poder sobre-humano voltou brevemente, o que me permitiu vencer os germânicos do imperador. Atirei um deles em direção ao céu, e, até onde eu sabia, ele ainda devia estar vagando por lá. Mas esse momento de força divina logo passou. E não retornara desde então.

Independentemente disso, Leo e Calipso pareciam pensar que eu podia conjurar explosões de maravilhas divinas a hora que quisesse, só porque já tinha sido um deus. Eu achava isso injusto.

Tentei abrir a porta. Puxei a maçaneta e quase perdi os dedos da mão.

— Ai — murmurei. — Os mortais melhoraram nisso de fazer portas. Já na Era do Bronze…

Calipso me mandou calar a boca.

As vozes dos nossos inimigos estavam se aproximando. Eu não conseguia ouvir Litierses, mas os dois outros homens conversavam em uma língua gutural que parecia gaulês antigo. Duvidava que eles fossem funcionários do zoológico.

Desesperada, Calipso tirou um grampo do cabelo. Ahá, então aquelas mechas dela não permaneciam no lugar por magia! Ela apontou para mim e então para o canto. Achei que estivesse me mandando fugir e me salvar. Seria uma sugestão sensata, mas percebi que me pedia para vigiar.

Não sabia como isso ajudaria, mas espiei por cima da enorme pilha

de caixas de leite e esperei que os germânicos viessem nos matar. Eu os ouvi na frente do café, sacudindo a janela de alumínio, depois conversando brevemente com muitos grunhidos e resmungos. Conhecendo os guarda-costas do imperador, eles deviam estar dizendo alguma coisa como *Matar? Matar. Esmagar cabeças? Esmagar cabeças.*

Eu me perguntei por que Litierses dividira seu grupo em dois. Eles já sabiam onde os grifos estavam. Por que então ainda zanzavam pelo parque? A não ser, claro, que estivessem procurando invasores, especificamente *nós*…

Calipso quebrou o grampo ao meio. Inseriu as partes de metal na fechadura e começou a movimentá-las, os olhos fechados como se estivesse profundamente concentrada.

Ridículo, pensei. Isso só funciona em filmes e em épicos de Homero!

Clique. A porta se abriu. Calipso fez sinal para eu entrar. Ela tirou os pedaços de grampo da fechadura e me seguiu, fechando a porta atrás de si com cuidado. Ela a trancou momentos antes de alguém do lado de fora sacudir a maçaneta.

Uma voz rouca murmurou em gaélico, provavelmente alguma coisa como *Não demos sorte. Vamos esmagar cabeças em outro lugar.*

Os passos se afastaram.

Só então me lembrei de respirar.

Eu me virei para Calipso.

— Como você arrombou a fechadura?

Ela olhou para o grampo quebrado na mão.

— Eu… eu me lembrei de tecelagem.

— Tecelagem?

— Eu ainda sei *tecer*. Passei milhares de anos praticando no tear. Achei que talvez, não sei, mexer com grampos em uma fechadura não fosse tão diferente de tecer fios em um tear.

As duas coisas me pareciam *muito* diferentes, mas os resultados eram indiscutíveis.

— Então não foi magia?

Tentei conter minha decepção. Ter alguns espíritos do vento à nossa disposição seria bastante útil.

— Não. Você vai saber quando eu recuperar minha magia, porque vai perceber que foi jogado do outro lado de Indianápolis.

— Nossa, mal posso esperar.

Observei o interior escuro da lanchonete. Na parede dos fundos havia o básico: uma pia, uma fritadeira, um *cooktop*, dois micro-ondas. Debaixo da bancada, dois freezers horizontais.

Você pode estar se perguntando como eu conhecia o equipamento básico de uma cozinha de lanchonete. Descobri a Pink quando ela trabalhava no McDonald’s. Descobri a Queen Latifah no Burger King. Passei bastante tempo em lugares como aquele. Você nunca sabe onde

vai encontrar um grande talento.

Verifiquei o primeiro freezer. Lá dentro, em meio à névoa gelada, havia caixas cuidadosamente rotuladas de refeições prontas para serem cozidas, mas nada que dissesse BOLINHOS DE BATATA.

O segundo freezer estava trancado.

— Calipso, você conseguiria tecer e abrir este aqui?

— Quem é inútil agora, hein?

Para não atrapalhar meus planos, decidi não responder. Dei um passo para trás enquanto Calipso usava suas habilidades não mágicas. Ela levou ainda menos tempo para abrir a segunda fechadura.

— Muito bem. — Eu levantei a tampa do freezer. — Ah.

Centenas de pacotes em papel-manteiga branco, cada um identificado em caneta preta.

Calipso leu as descrições.

— *Mix de cavalo carnívoro? Cubos de avestruz de combate?* E... *bolinhos de grifo*. — Ela se virou para mim com uma expressão horrorizada. — Não é possível que estejam moendo os animais e usando para fazer *comida*!

Eu me lembrei de um banquete muito tempo atrás, com o perverso rei Tântalo, que serviu aos deuses um ensopado feito dos próprios filhos. Com humanos, tudo era possível. Mas, naquele caso, eu não achava que o café estivesse servindo animais selvagens *míticos*.

— Esses itens estão trancados — falei. — Acho que foram separados para os animais mais raros do zoológico. Isso é um mix de comida *para* cavalos carnívoros, não uma mistura *de* cavalos carnívoros.

Isso não pareceu diminuir muito o enjoo de Calipso.

— Mas o que é um avestruz de combate?

A pergunta despertou uma lembrança antiga. Fui tomado por uma visão tão intensa quanto o fedor de uma jaula de lêmure suja.

Eu me vi esparramado em um sofá na tenda do meu amigo Cômodo. Ele estava no meio de uma campanha militar com o pai, Marco Aurélio, mas nada ali indicava a vida difícil da legião romana. Acima, uma cobertura de seda branca oscilava com a brisa leve. Em um canto, um músico tocava discretamente a lira. Sob os nossos pés, os melhores tapetes das províncias orientais, cada um tão caro quanto uma *villa* em Roma. Entre os dois sofás, havia uma mesa coberta com o lanche da tarde: javali, faisão e salmão assados e frutas saindo de uma cornucópia de ouro maciço.

Eu estava me entretendo jogando uvas na boca de Cômodo. Claro que errava apenas se quisesse, mas era divertido ver a fruta quicar no nariz dele.

— Você é *terrível* — provocou ele.

E você é perfeito, pensei, mas apenas sorri.

Ele tinha dezoito anos. Em minha forma mortal, eu parecia ser um jovem da mesma idade, mas, apesar das melhorias divinas, dificilmente seria mais bonito do que o *princeps*. Mesmo com a vida fácil de filho do imperador, Cômodo era o modelo de perfeição atlética: o corpo era ágil e musculoso, o cabelo dourado caía em cachos em torno do rosto olimpiano. A força física já era famosa, gerando comparações ao lendário herói Hércules.

Joguei outra uva. Ele a pegou e observou a pequena esfera.

— Ah, Apolo… — Ele sabia minha verdadeira identidade. Éramos amigos, *mais* do que amigos, havia quase um mês naquele momento. — Fico tão cansado dessas campanhas. Meu pai está em guerra há praticamente todo o reinado!

— Que vida difícil a sua. — Indiquei a opulência ao nosso redor.

— É, mas é *ridículo*. Pisoteando florestas do Danúbio, aniquilando tribos bárbaras que não são uma ameaça verdadeira a Roma. Qual é o sentido de ser imperador se você nunca está na capital se divertindo?

Mordisquei um pedaço de carne de javali.

— Por que você não fala com o seu pai? Pede uma licença?

Cômodo riu com deboche.

— Você sabe o que ele vai fazer: vai me dar outro sermão sobre dever e moralidade. Ele é tão virtuoso, tão perfeito, tão admirado.

Ele colocou essas palavras em círculos no ar (já que aspas no ar ainda não tinham sido inventadas). Eu compreendia a situação dele. Marco Aurélio era o pai mais rigoroso e poderoso do mundo, com a exceção de meu próprio pai, Zeus. Os dois amavam dar sermão. Os dois amavam lembrar à prole como todos tinham sorte, como tinham privilégios, como não chegavam perto de cumprir as expectativas do pai. E, claro, os dois tinham filhos lindos, talentosos e que não eram devidamente valorizados.

Cômodo espremeu a uva e observou o sumo escorrer pelos dedos.

— Meu pai me tornou seu imperador júnior quando eu tinha *quinze* anos, Apolo. É sufocante. Tantas obrigações o tempo todo. Depois, ele me casou com aquela garota horrenda, Bruta Crispina. Quem bota o nome de *Bruta* na filha?

Eu não pretendia rir às custas da esposa distante dele… mas parte de mim ficava satisfeita quando ele falava mal dela. Eu queria ser o centro das atenções dele.

— Bom, um dia você vai ser o único imperador — falei. — Aí *você* vai poder ditar as regras.

— Vou restaurar a paz com os bárbaros — disse ele. — E vamos para casa comemorar com jogos. Os *melhores* jogos, o tempo todo. Vou reunir os animais mais exóticos do mundo. Vou lutar contra eles pessoalmente no Coliseu: tigres, elefantes, avestruzes.

Eu ri.

— Avestruzes? E você já *viu* um avestruz?

— Ah, vi. — Ele fez uma expressão nostálgica. — Criaturas maravilhosas. Se fossem treinados para lutar, talvez com algum tipo de armadura personalizada, seriam *incríveis*.

— Você é um idiota lindo. — Eu joguei outra uva, que quicou na testa dele.

Um breve lampejo de raiva surgiu em seu rosto. Eu sabia que meu doce Cômodo podia ter um temperamento agressivo. Seu gosto por matanças era um pouco excessivo. Mas por que eu me importaria? Eu era um deus. Podia falar com ele como mais ninguém ousava.

A aba da barraca foi aberta. Um centurião entrou e fez uma saudação decidida, mas seu rosto estava abalado, brilhando de suor.

— *Princeps*… — A voz dele falhou. — É seu pai. Ele… ele está…

O homem não chegou a falar *morto*, mas a palavra pareceu flutuar na barraca ao nosso redor, sugando o calor do ar. O lirista parou no meio de um acorde de sétima maior.

Cômodo se virou para mim com um olhar de pânico.

— Vá — falei, o mais calmamente que podia, sufocando meus medos. — Você sempre vai ter minhas bênçãos. Vai se sair bem.

Mas eu já desconfiava do que ia acontecer: o jovem que eu conhecia e amava estava prestes a ser consumido pelo imperador que se tornaria.

Cômodo se levantou e me beijou pela última vez. Seu hálito tinha cheiro de uva. Então saiu da barraca, andando, como os romanos diriam, para a boca do lobo.

— Apolo. — Calipso me cutucou no braço.

— Não vá! — supliquei. E minha vida passada desapareceu.

A feiticeira me encarava, com a testa franzida.

— O que você quer dizer com *não vá*? Teve outra visão?

Observei a cozinha escura da lanchonete.

— Eu… estou bem. O que está acontecendo?

Calipso apontou para o freezer.

— Olhe os preços.

Engoli o gosto amargo de uvas e carne de javali. No freezer, havia um preço escrito a lápis no canto de cada pacote. O mais caro, de longe: bolinhos de grifo, quinze mil dólares a porção.

— Não entendo muito sobre a atual economia — admiti —, mas não é meio caro para uma refeição?

— Eu ia perguntar a mesma coisa. Sei que um S com a linha no meio significa dólares americanos, mas a quantia…? — Ela deu de ombros.

Achei injusto estar me aventurando com alguém tão perdido quanto eu. Um semideus moderno conheceria muito bem o assunto e também teria habilidades úteis para o século XXI. Leo Valdez sabia

consertar máquinas. Percy Jackson sabia dirigir. Eu até aceitaria Meg McCaffrey e seu talento para arremessar sacos de lixo, embora soubesse o que a menina diria sobre nossa situação atual: *Como vocês são burros.*

Apanhei um pacote de bolinhos de grifo e abri um canto. Dentro, pequenos cubos congelados de batata brilhavam com uma cobertura dourada metálica.

— Uma dúvida: bolinhos de batata costumam ser salpicados de metal precioso? — perguntei.

Calipso pegou um.

— Acho que não. Mas grifos gostam de ouro. Meu pai me disse isso uma vez, séculos atrás.

Estremeci. Eu me lembrava do pai dela, o general Atlas, soltando um bando de grifos em cima de mim durante a primeira guerra dos titãs contra os deuses. Estar em uma carruagem atacada por leões com cabeça de águia não é algo de que se esqueça com facilidade.

— Então levamos esses bolinhos para dar aos grifos — supus. — Com sorte, vai nos ajudar a conquistar a confiança deles. — Puxei a Flecha de Dodona da minha aljava. — Era isso que você tinha em mente, Mais Frustrante das Flechas?

A flecha vibrou.

DE FATO, TU ÉS MAIS TOLO DO QUE UM AVESTRUZ DE OLHOS VENDADOS.

— O que ele disse? — perguntou Calipso.

— Ele disse que sim.

A feiticeira pegou no balcão um cardápio de papel com um mapa do zoológico e apontou para uma linha laranja em torno da área das PLANÍCIES.

— Aqui.

A marcação tinha o título PASSEIO DE TREM, o nome menos criativo que eu conseguia imaginar. Embaixo, na legenda do mapa, havia uma explicação mais detalhada: PASSEIO DE TREM! UMA VISITA AO ZOOLÓGICO POR TRÁS DO ZOOLÓGICO!

— Bem — falei —, pelo menos eles anunciam o fato de que tem um zoológico secreto atrás do zoológico. É simpático da parte deles.

— Acho que está na hora de andar de maria-fumaça — concordou Calipso.

Da porta do café veio um estrondo, como se um germânico tivesse tropeçado em uma lata de lixo.

— Parem com isso! — gritou Litierses. — Você, fique aqui vigiando. Se eles aparecerem, capture os dois. Não os mate. E, você, venha comigo. Precisamos daqueles grifos.

Contei silenciosamente até cinco e sussurrei para Calipso:

— Foram embora?

— Vou usar minha supervisão para olhar através da parede e verificar — disse ela. — Ah, não, espera.

— Você é uma pessoa terrível.

Ela apontou para o mapa.

— Se Litierses tiver deixado um guarda no cruzamento, vai ser difícil sair daqui e chegar ao trem sem que ele nos veja.

— Bom — falei —, acho que nós poderíamos voltar para a Estação Intermediária e explicar para Britomártis que pelo menos *nós tentamos.*

Calipso jogou um bolinho de batata dourado congelado em mim.

— Quando você era deus, você seria compreensivo se uns heróis voltassem de mãos vazias de uma missão e dissessem *Desculpe, Apolo. Pelo menos, nós tentamos*?

— Claro que não! Eu os incineraria! Eu… Ah. Entendi. — Retorci as mãos. — Então o que vamos fazer? Não estou a fim de ser incinerado. Dói.

— Deve ter um jeito. — Calipso passou o dedo pelo mapa, em uma seção chamada SURICATOS, RÉPTEIS E COBRAS, que parecia o nome da pior firma de advocacia do mundo. — Tenho uma ideia. Traga os bolinhos e venha comigo.

14

Sapato furado
Mais alguns feitiços falsos
Toma chuva de hera

EU NÃO QUERIA IR com Calipso, com ou sem bolinhos.

Infelizmente, minha única outra opção era ficar escondido no café até os homens do imperador me encontrarem ou o gerente da lanchonete chegar e me mandar cozinhar.

Calipso foi na frente, correndo de esconderijo em esconderijo como a ninja urbana que era. Vi o germânico solitário de sentinela uns quinze metros do outro lado da praça, mas ele estava ocupado observando o carrossel. Apontou a lança com cautela para os cavalos pintados, como se pudessem ser carnívoros.

Chegamos do outro lado do cruzamento sem atrair a atenção dele, mas eu ainda estava nervoso. Pelo que sabíamos, Litierses era bem capaz de ter vários grupos nos caçando pelo parque. Em um poste telefônico perto da loja de souvenires, uma câmera de segurança olhava para nós. Se o Triunvirato era tão poderoso quanto Nero alegava, eles podiam facilmente controlar o sistema de segurança do Zoológico de Indianápolis. Ele já sabia que estávamos aqui.

Pensei em atirar uma flecha na câmera, mas devia ser tarde demais. As câmeras me amam. Sem dúvida meu rosto estava em todos os monitores de segurança.

O plano de Calipso era contornar os orangotangos e cortar caminho pela exposição de répteis, ladeando o perímetro do parque até chegarmos à estação do trem. Mas, quando passamos pelo habitat dos macacos, vozes de uma patrulha germânica que se aproximava nos assustaram. Entramos no complexo dos orangotangos para nos esconder.

Tudo bem… *eu* me assustei e corri para me esconder. Calipso sussurrou “Não, seu idiota!”, mas me seguiu lá para dentro. Juntos, nos agachamos atrás de um muro de contenção quando dois germânicos passaram, conversando casualmente sobre técnicas de esmagar cabeças.

Olhei para a direita e sufoquei um gritinho. Do outro lado de uma vitrine, um orangotango grande me observava, os olhos cor de âmbar curiosos. Ele fez alguns sinais com as mãos — linguagem de sinais? Agamedes talvez reconhecesse. A julgar pela expressão do primata, ele não estava muito feliz em me ver. Dentre os grandes primatas, só os humanos são capazes de ter a admiração adequada pelos deuses. O

lado positivo dos orangotangos é que eles têm um pelo laranja *incrível* que nenhum humano jamais conseguirá ter.

Calipso cutucou minha perna.

— Temos que seguir em frente.

Corremos pelo salão de exibição. Nossos movimentos símios devem ter divertido o orangotango. Ele deu uma risada.

— Cala a boca! — sussurrei meio alto para ele.

Na saída, nós nos encolhemos atrás de uma cortina de rede camuflada. Aninhei os bolinhos junto ao peito e tentei manter a respiração em um ritmo regular.

Ao meu lado, Calipso cantarolou baixinho, um hábito dela quando ficava nervosa. Eu queria que parasse. Sempre que ela cantarolava uma melodia, eu tinha vontade de cantar a harmonia bem alto, o que revelaria nossa posição.

Finalmente, sussurrei:

— Acho que podemos ir.

Saí e dei de cara com outro germânico. Sério, quantos bárbaros Cômodo tinha? Estava comprando no atacado?

Por um momento, nós três ficamos surpresos demais para falar ou nos mexer. Mas um som profundo saiu do peito do bárbaro, como se ele estivesse prestes a gritar por ajuda.

— Segure isto!

Joguei o pacote de bolinhos de grifo em cima dele.

Por reflexo, ele segurou. Afinal, um homem entregando seus bolinhos é sinal de rendição em muitas culturas. Ele franziu a testa, olhando para o pacote, e nesse meio tempo dei um passo para trás, tirei o arco do ombro e disparei uma flecha no pé esquerdo dele.

Ele berrou e largou o pacote. Apanhei o embrulho e saí correndo, com Calipso logo atrás.

— Muito bem — disse ela.

— Exceto pelo fato de que ele deve ter alertado… Para a esquerda!

Mais um germânico vinha a toda velocidade da área dos répteis. Meio sem jeito, conseguimos evitá-lo e corremos na direção de uma placa que dizia VISTA PANORÂMICA.

Ao longe havia um teleférico, fios presos entre duas torres acima das árvores, uma única gôndola verde pendurada quinze metros no ar. Eu me perguntei se seria possível usar o transporte para chegar à área secreta do zoológico, ou pelo menos ter a diferença de altura como uma vantagem contra eles, mas a entrada estava fechada com cadeado.

Antes que eu pudesse pedir a Calipso para fazer seu truque com o grampo, os germânicos nos encurralaram. O da área dos répteis avançou, carregando sua lança na altura do peito. O do espaço dos orangotangos saiu rosnando e mancando atrás, minha flecha ainda

espetada na bota de couro ensanguentada.

Prendi outra flecha no arco, mas não tinha como derrubar os dois antes de eles nos matarem. Já tinha visto germânicos levarem seis ou sete flechas no coração e continuarem lutando.

— Apolo, quando eu amaldiçoar você, finja desmaiar — murmurou Calipso.

— O quê?

Ela se virou para mim e gritou:

— Você fracassou comigo pela última vez, escravo!

Fez uma série de gestos que reconheci da Antiguidade, pragas e maldições que ninguém nunca tinha ousado fazer na minha direção. Fiquei tentado a dar um tapa nela. Em vez disso, segui suas instruções: ofeguei e desabei.

Por olhos entrefechados, vi Calipso se virar para os nossos inimigos.

— Agora é *sua* vez, tolos!

Ela começou a fazer os mesmos gestos rudes na direção dos germânicos.

O primeiro parou. O rosto ficou pálido. Ele olhou para mim, caído no chão, se virou e saiu correndo, passando pelo amigo.

O germânico com o pé ferido hesitou. A julgar pelo ódio nos olhos dele, o homem queria vingança pela flecha que destruiu sua bota esquerda.

Calipso, nada intimidada, balançou os braços e começou a entoar feitiços. Seu tom fez parecer que ela estava convocando os piores demônios do Tártaro, embora as palavras, em fenício antigo, fossem na verdade uma receita de panqueca.

O germânico ferido gritou e saiu mancando, deixando uma trilha de pegadas vermelhas para trás.

Calipso estendeu a mão para me ajudar a levantar.

— Vamos embora. Só consegui atrasá-los por alguns segundos.

— Como você…? Sua magia voltou?

— Quem me dera. Era tudo fingimento. Metade da magia é *agir* como se fosse funcionar. A outra metade é escolher um alvo supersticioso. Eles vão voltar. Com reforços.

Admito que fiquei impressionado. O “feitiço” dela me deixou nervoso.

Fiz um gesto rápido para afastar o mal, só para o caso de Calipso ser melhor do que ela imaginava. Em seguida, corremos juntos ao longo da cerca.

No cruzamento seguinte, ela disse:

— Este é o caminho para o trem.

— Tem certeza?

Ela assentiu.

— Sou boa em decorar mapas. Uma vez, fiz um de Ogígia:

reproduzi cada metro quadrado daquela ilha. Foi a única maneira que arranjei de me manter sã.

Parecia um péssimo jeito de alguém se manter são, mas deixei que ela me guiasse. Atrás de nós, mais germânicos gritavam, mas pareciam estar indo na direção dos portões do teleférico, de onde tínhamos saído. Eu me permiti ter esperanças de que não haveria ninguém na estação de trem.

HA-HA-HA. Eu estava errado.

Nos trilhos havia um trem em miniatura, uma locomotiva verde a vapor com assentos ao ar livre. Ao lado, na plataforma da estação, debaixo de uma cobertura cheia de hera, Litierses estava de pé, a espada desembainhada apoiada no ombro, como a trouxinha de um viajante sem destino. Uma armadura de couro surrada estava presa por cima da camiseta do NEBRASCA. O cabelo cacheado escuro caía em mechas por cima da bandana vermelha, dando a impressão de que havia uma aranha grande na cabeça dele, pronta para pular.

— Bem-vindos. — O sorriso do prefeito pretoriano seria simpático, não fossem as cicatrizes espalhadas por seu rosto. Ele tocou em alguma coisa na orelha. Um dispositivo *bluetooth*, talvez. — Eles estão aqui na estação — anunciou. — Venham até aqui, mas *devagar e com calma*. Eu estou bem. Quero esses dois vivos.

Ele deu de ombros como quem pede desculpas.

— Meus homens podem ficar um pouco entusiasmados demais quando o assunto é matar alguém. Ainda mais depois de vocês terem aprontado com eles.

— Foi um prazer.

Duvido que eu tenha conseguido o tom seguro e arrogante que queria. Minha voz falhou. Havia suor no meu rosto. Eu segurava o arco de lado, como uma guitarra, o que não era uma posição apropriada para disparo, e, na outra mão, em vez da flecha que poderia ser útil, trazia um pacote de bolinhos de batata congelados.

Provavelmente, não faria diferença. No meu sonho, vi como Litierses manejava a espada com agilidade. Se eu tentasse disparar nele, nossas cabeças sairiam rolando pelo chão antes de eu puxar a corda do arco.

— Você sabe usar um telefone — reparei. — Ou *walkie-talkie*, ou seja lá o que for isso. Odeio quando os vilões conseguem falar entre si e nós não.

A gargalhada de Litierses foi como uma lixa raspando metal.

— É. O Triunvirato gosta de ter certas vantagens.

— Por acaso você não nos contaria como eles conseguem... como bloqueiam as comunicações dos semideuses?

— Você não vai viver por tempo suficiente para se importar com isso. Agora, largue o arco. Quanto à sua amiga... — Ele avaliou

Calipso. — Mantenha as mãos nas laterais do corpo. Nada de maldições repentinas. Eu odiaria ter que cortar essa sua bela cabecinha.

Calipso deu um sorriso doce.

— Eu estava pensando a mesma coisa sobre você. Largue sua espada e não vou destruir você.

Ela era uma boa atriz. Nota mental: convidá-la para meu acampamento de verão exclusivo no Monte Olimpo, apenas para convidados: *Metodologia de Atuação com as Musas.* Isso se saíssemos daquela vivos.

Litierses riu.

— Essa é boa. Gostei de você. Mas, em uns sessenta segundos, mais de dez germânicos vão lotar esta estação. Eles *não* vão pedir educadamente, como eu. — Ele deu um passo à frente e moveu a espada para a lateral do corpo.

Tentei bolar um plano brilhante. Infelizmente, a única coisa que me ocorria era chorar de pavor. De repente, acima de Litierses, a hera que envolvia o toldo se agitou.

O espadachim não pareceu reparar. Eu me perguntei se havia orangotangos brincando lá, ou se talvez alguns deuses olimpianos tinham se reunido para fazer um piquenique e me ver morrer. Ou talvez… Parecia bom demais para ser verdade, mas, a fim de ganhar tempo, larguei o arco.

— Apolo — sibilou Calipso. — O que você está fazendo?

Litierses respondeu por mim.

— Ele está sendo inteligente. Agora, onde está o seu companheiro de viagem?

Pisquei.

— Somos… somos só nós dois.

As cicatrizes no rosto de Litierses se enrugaram, linhas brancas na pele bronzeada, como as cristas de uma duna.

— Pare com isso. Vocês chegaram à cidade voando em um dragão. Três passageiros. Eu quero *muito* ver Leo Valdez de novo. Temos umas continhas para acertar.

— Você conhece o Leo?

Apesar do perigo em que estávamos, senti um pequeno alívio. Finalmente um vilão queria matar Leo mais do que queria me matar. Já era um progresso!

Calipso não pareceu tão feliz. Ela deu um passo na direção do espadachim com os punhos cerrados.

— O que você quer com o Leo?

Litierses estreitou os olhos.

— Você não é a garota que estava com ele da última vez que o vi. O nome dela era Piper. Você por acaso é namorada do Leo?

Pontos vermelhos apareceram nas bochechas e no pescoço de Calipso.

Litierses se animou.

— Ah, é sim! Que maravilha! Posso usar você para machucá-lo.

— Você *não vai* machucá-lo — rosnou Calipso.

Acima de Litierses, o toldo tremeu de novo, como se mil ratos estivessem correndo nos caibros. As plantas pareciam estar crescendo, a folhagem ficando mais densa e escura.

— Calipso — falei —, recue.

— Por que eu faria isso? Esse NEBRASCA acabou de ameaçar…

— Calipso! — Segurei os punhos dela e a puxei para longe da sombra na hora que o toldo desabou em cima de Litierses. O espadachim desapareceu embaixo de centenas de quilos de telhas, madeira e hera.

Observei o amontoado de plantas tremendo. Não vi orangotangos, nem deuses, ninguém que pudesse ser responsável pelo desabamento.

— Ela *tem que* estar aqui — murmurei.

— Quem? — Calipso arregalou os olhos para mim. — O que aconteceu?

Eu queria ter esperanças. Estava com medo de ter esperanças. Fosse qual fosse o caso, nós não podíamos ficar ali. Litierses estava gritando e lutando embaixo dos destroços, o que significava que não estava morto. Seus germânicos chegariam a qualquer segundo.

— Vamos sair daqui. — Apontei para a locomotiva verde. — Eu dirijo.

15

Conduzindo o trem
Mais rápido! Vamos lá!
Não me pega... Droga!

UMA FUGA EM CÂMERA lenta não era o que eu tinha em mente.

Nós dois corremos para o banco do condutor, que mal tinha espaço para um, e lutamos para ver quem ia assumir a direção enquanto apertávamos pedais e movíamos alavancas aleatórias.

— Já falei! *Eu* vou dirigir! — gritei. — Se consigo guiar o Sol, posso guiar isto aqui!

— Isto não é o Sol! — Calipso me deu uma cotovelada nas costelas. — É um trem de brinquedo.

Encontrei o interruptor da ignição. O trem começou a se mover. (A feiticeira vai alegar que foi *ela* quem encontrou. É uma mentira descarada.) Empurrei Calipso do banco. Como o trem estava andando a menos de um quilômetro por hora, ela simplesmente se levantou, ajeitou a saia e fez cara feia para mim.

— *Essa* é a velocidade máxima? — perguntou ela. — Não pode ser! Empurre mais alavancas!

Atrás de nós, de algum lugar embaixo dos destroços, veio um poderoso “BLARG!”. A hera tremeu quando Litierses tentou sair de debaixo do toldo.

Seis germânicos apareceram na plataforma. (Cômodo *definitivamente* estava comprando esses bárbaros no atacado.) Os guarda-costas olharam para a gritaria que emanava do toldo desabado e depois para a gente; nós nos afastávamos lentamente. Em vez de correrem em nossa direção, começaram a tirar vigas e plantas de cima do chefe. Considerando nossas habilidades de fuga, eles devem ter concluído que teriam bastante tempo para irem atrás da gente depois.

Calipso pulou no estribo e apontou para o painel de controle.

— Tente o pedal azul.

— O pedal azul nunca é o certo!

Então ela foi lá e pisou nele. O vagão disparou, agora com o triplo da velocidade anterior, o que significava que nossos inimigos teriam que fazer uma corrida moderada para nos alcançar.

Em um ponto do percurso os trilhos faziam uma curva, nossas rodas guinchando enquanto nos afastávamos da estação, que desapareceu atrás de uma fileira de árvores. À esquerda, o terreno se abriu, revelando as bundas majestosas de elefantes africanos que estavam remexendo em uma pilha de feno. O cuidador deles franziu a

testa quando passamos.

— Ei! — gritou ele. — Ei!

Acenei.

— Bom dia!

E nós sumimos. Os vagões chacoalhavam perigosamente conforme pegávamos velocidade. Meus dentes batiam. Minha bexiga se agitava. À frente, praticamente escondida atrás de uma tela de bambu, uma bifurcação no trilho estava marcada com uma placa em latim: BONUM EFFERCIO.

— Ali! — gritei. — *As coisas boas!* Nós temos que virar à esquerda!

Calipso observou o console, perdida.

— Como?

— Deve ter um botão — falei. — Alguma coisa que opere a direção.

De repente, eu vi. Não no nosso painel de controle, mas à frente, na lateral da pista: uma alavanca velha. Não havia tempo de parar o trem, nem de sair do vagão e virar a alavanca.

— Calipso, segure isto!

Joguei os bolinhos para ela e peguei o arco. Encaixei a flecha nele.

Antigamente, faria aquilo com as mãos nas costas. Agora, era quase impossível: disparar de um trem em movimento, mirando no ponto exato em que o impacto da flecha faria a alavanca se mover.

Pensei em minha filha Kayla, no Acampamento Meio-Sangue. Imaginei a voz serena dela me guiando pelas frustrações da arqueria mortal. Eu me lembrei do apoio que os outros campistas me deram para lançar a flecha que derrubou o Colosso de Nero.

Disparei. A flecha acertou a alavanca e a forçou para trás. O trilho se moveu. Com um solavanco, entramos no ramal da esquerda.

— Abaixa! — gritou Calipso.

Adentramos um túnel com largura suficiente para o trem e apenas para o trem. Infelizmente, estávamos indo rápido demais. O vagão se inclinou para o lado e arrastou na parede, e fagulhas voaram. Ao sairmos do outro lado, perdemos totalmente o equilíbrio.

O trem grunhiu e se inclinou, uma sensação que eu conhecia bem da época em que a carruagem do Sol tinha que desviar de um lançamento de ônibus espacial ou um dragão celestial chinês. (Aquilo era tão *irritante*.)

— Para fora! — gritei.

Puxei Calipso (sim, *de novo*) e pulei do trem no momento em que a fileira de vagões virou para a direita e descarrilou, fazendo tanto barulho que parecia um exército de bronze sendo esmagado por um punho gigante. (Eu talvez já tenha esmagado alguns exércitos assim antigamente.)

Quando dei por mim, estava de quatro, com a orelha encostada no chão, como se tentasse ouvir uma manada de búfalos se aproximando,

embora eu não tivesse a mínima ideia do motivo.

— Apolo. — Calipso puxou a manga do meu casaco. — Se levante.

Minha cabeça latejante parecia várias vezes maior do que o habitual, mas eu não achava que tinha quebrado algum osso. O cabelo de Calipso havia se soltado; o casaco prateado estava sujo de areia e cascalho. Fora isso, ela parecia intacta. Talvez nossa antiga constituição divina nos tivesse protegido de danos maiores. Ou isso, ou tivemos sorte.

Nós tínhamos acabado no meio de uma arena circular. O trem estava caído de lado no cascalho como uma lagarta morta, a poucos metros de onde o trilho terminava. A área era cercada por jaulas de animais — paredes de vidro fosco com moldura de pedra. Mais acima, havia três fileiras de assentos. O anfiteatro era coberto por uma rede camuflada igual ao do hábitat dos orangotangos, embora eu desconfiasse que ali as redes servissem para impedir que os monstros alados saíssem voando.

Por toda a arena, correntes com algemas vazias estavam presas a pinos no chão. Não muito longe dali, havia estantes cheias de ferramentas bem tenebrosas: varas de gado, laçadores, chicotes, arpões.

Minha garganta deu um nó na mesma hora. Cogitei ter engolido um bolinho de grifo, mas o pacote ainda estava milagrosamente intacto nos braços de Calipso.

— É um local de treinamento — falei. — Já vi lugares assim. Esses animais estão sendo preparados para os jogos.

— *Preparados?* — Calipso olhou para as mesas com armas, confusa. — Como, exatamente?

— Eles são enfurecidos — expliquei. — Provocados. Passam fome. São treinados para matar qualquer coisa que se mova.

— Que selvageria. — Calipso se virou para a jaula mais próxima. — O que fizeram com esses pobres avestruzes?

Pela parede de vidro, quatro aves nos olhavam, a cabeça virando para os lados em uma série de movimentos agitados. Eram animais de aparência estranha por natureza, mas aqueles estavam equipados com coleiras com pinos de ferro no pescoço, capacetes de guerra com uma ponta de metal no estilo do Kaiser Guilherme, arame farpado enrolados nas patas. A ave mais próxima abriu o bico para mim, deixando à mostra os dentes de aço afiados.

— Os avestruzes de combate do imperador. — Senti como se um telhado estivesse desabando dentro do meu peito. O infortúnio daqueles animais me deprimia… mas pensar nas atitudes de Cômodo também. Os jogos nos quais ele se envolveu quando jovem imperador eram desagradáveis desde o começo, e tinham se transformado em uma coisa bem pior. — Ele gostava de usá-los para treinar sua

pontaria. Com uma única flecha, decapitava uma ave correndo a toda velocidade. Quando isso já não era mais divertido… — Indiquei os pássaros incrementados.

O rosto de Calipso ficou amarelo-icterícia.

— *Todos* esses animais vão ser mortos?

Eu estava desanimado demais para responder. Tive lembranças do Coliseu durante o governo de Cômodo: a areia vermelha brilhante do piso do estádio coberta com as carcaças de milhares de animais exóticos, todos massacrados por esporte e espetáculo.

Fomos para a jaula seguinte. Um enorme touro vermelho andava de um lado para o outro com inquietação, os chifres e cascos brilhando em bronze.

— É um touro etíope — falei. — Nada consegue perfurar sua pele, nem armas de metal. É como o Leão de Nemeia, só que, hã… muito maior e vermelho.

Calipso passou por várias outras jaulas, com serpentes aladas árabes, um cavalo que deduzi ser do tipo carnívoro que cospe sangue. (Já pensei em usá-los na carruagem do Sol, mas eles davam *tanto* trabalho.)

Quando chegou à jaula seguinte, a feiticeira ficou paralisada.

— Apolo, aqui.

Havia dois grifos lá dentro.

Emmie e Josephine estavam certas. Eram animais magníficos.

Ao longo dos séculos, com a diminuição gradual de seus hábitats naturais, os grifos selvagens se tornaram criaturas esquálidas, fracas e raquíticas. (Como o furão de três olhos ou o texugo flatulento gigante, em risco de extinção.) Poucos grifos permaneceram grandes o bastante para aguentar o peso de um humano.

Mas o macho e a fêmea diante de nós eram do tamanho de leões. O pelo castanho-claro cintilava como malha de cobre. As asas avermelhadas estavam majestosamente dobradas nas costas. As cabeças aquilinas brilhavam com a plumagem dourada e branca. Na Antiguidade, um rei grego pagaria um trirreme cheio de rubis por um par reprodutor daqueles.

Felizmente, não encontrei indícios de maus-tratos aos animais. No entanto, os dois estavam acorrentados pelas patas de trás. Grifos ficam *muito* enfurecidos quando são aprisionados ou amarrados de alguma forma. Assim que o macho, Abelardo, nos viu, ele mordeu e gritou, batendo as asas. Ele enfiou as garras na areia e lutou contra a corrente, tentando nos alcançar.

A fêmea recuou até as sombras, fazendo um som gorgolejado alto como o rosnado de um cachorro com medo. Andou de um lado para o outro, a barriga encostando no chão, como se…

— Ah, não. — Achei que meu coração mortal fosse explodir. —

Não me admira Britomártis querer tanto esses dois de volta.

Calipso parecia enfeitiçada pelos animais, mas se esforçou para prestar atenção em mim.

— O que você quer dizer? — perguntou.

— A fêmea está *com um ovo*. Ela precisa fazer o ninho imediatamente. Se não a levarmos de volta para a Estação Intermediária…

A expressão de Calipso tornou-se severa e firme como os dentes de aço dos avestruzes.

— Heloísa vai conseguir sair voando daqui?

— Eu… eu acho que sim. Minha irmã entende mais de animais selvagens, mas acho que sim.

— Um grifo grávido consegue carregar uma pessoa?

— Não temos muita escolha, vamos ter que tentar. — Apontei para a rede acima da arena. — É a forma mais rápida de sair daqui, caso consigamos soltar os grifos e retirar a rede. O problema é que Heloísa e Abelardo *não* vão nos ver como amigos. Eles estão acorrentados. Enjaulados. Esperando um bebê. Vão fazer picadinho de nós se chegarmos perto.

Calipso cruzou os braços.

— Que tal música? A maioria dos animais gosta de música.

Lembrei que fiz isso para hipnotizar os *myrmekos* no Acampamento Meio-Sangue, mas não estava muito a fim de repetir a dose e cantar sobre todos os meus fracassos de novo, principalmente na frente da minha companheira.

Olhei para o túnel por onde viemos. Ainda não havia sinal de Litierses e seus homens, mas isso não queria dizer muita coisa. Eles certamente já deviam estar chegando…

— Temos que ir logo — falei.

O primeiro problema era o mais fácil: as jaulas. Devia haver um interruptor em algum lugar para abri-las e libertar os animais. Subi nas cadeiras de espectadores com a ajuda de uma escada chamada Calipso e encontrei um painel de controle ao lado do único assento acolchoado da arena, obviamente onde o imperador ficava quando ia ver suas feras em treinamento.

Cada alavanca tinha um rótulo conveniente feito com fita adesiva e marcador. Uma dizia GRIFOS.

— Está pronta? — gritei para Calipso.

Ela estava bem em frente à jaula dos grifos, as mãos esticadas como se estivesse se preparando para pegar uma bola.

— Como eu estaria *pronta* para uma situação dessas?

Apertei o interruptor. Com um estalo alto, a parede de vidro desapareceu em um vão no parapeito.

Eu me juntei a Calipso, que estava murmurando uma cantiga de

ninar ou algo do tipo. Os dois grifos não estavam impressionados. Heloísa rosnou alto e recuou, encostando-se na parede dos fundos da jaula. Abelardo puxou a corrente com uma força descomunal, tentando chegar até nós e arrancar nossas caras com mordidas.

Calipso me entregou o saco de bolinhos e apontou com o queixo para a jaula.

— Você só pode estar brincando — falei. — Se eu me aproximar para dar comida, eles vão *me* comer.

Ela parou de cantar.

— Você não é o deus das armas de alcance? Jogue os bolinhos!

Levantei os olhos para o céu bloqueado pela rede, que, aliás, eu considerava uma metáfora grosseira e desnecessária para meu exílio do Olimpo.

— Calipso, você não sabe nada sobre esses animais? Para conquistar a confiança deles, você tem que dar a comida na boca. Isso enfatiza que a comida vem de você, como se fosse a ave-mãe.

— Ah. — Calipso mordeu o lábio inferior. — Entendi. Você seria uma péssima ave-mãe.

Abelardo deu um pulo e piou para mim. Eu não estava agradando.

Calipso assentiu, como se tivesse tomado uma decisão.

— Nós dois vamos ter que fazer isso juntos. Vamos cantar em dueto. Sua voz dá para o gasto.

— Minha voz dá…

Minha boca ficou paralisada pelo choque. Dizer para *mim*, o deus da música, que eu tinha uma voz que dava para o gasto era como dizer para Shaquille O'Neal que suas enterradas davam para o gasto, ou dizer para Serena Williams que seus saques davam para o gasto.

Por outro lado, eu *não* era Apolo. Era Lester Papadopoulos. No acampamento, desesperado por causa das habilidades mortais inferiores, fiz um juramento pelo Rio Estige de não usar arqueria e música até voltar a ser um deus. Violei imediatamente o juramento ao cantar para os *myrmekos*, mas foi por uma boa causa. Depois disso, eu tenho vivido apavorado, me perguntando quando e como o espírito do Estige me puniria. Talvez, em vez de um castigo grandioso, eu teria uma morte lenta decorrente de mil insultos. Com que frequência um deus da música ouvia que sua *voz até que dava para o gasto* antes de desmoronar em uma pilha de poeira de desprezo por si mesmo?

— Tudo bem. — Suspirei. — Que dueto vamos cantar? "Islands in the Stream"?

— Não sei essa.

— "I Got You, Babe"?

— Não.

— Pelos deuses, tenho *certeza* de que estudamos os anos 1970 nas suas aulas de cultura pop.

— Que tal aquela música que Zeus cantava?

Pisquei.

— Zeus… cantando?

Achei o conceito ligeiramente apavorante. Meu pai trovejava. Punia. Repreendia. Fazia a cara mais feia do mundo. Mas não cantava.

O rosto de Calipso estava com uma expressão sonhadora.

— No palácio do Monte Otris, quando ele era copeiro de Cronos, Zeus entretinha a corte com músicas.

Eu me remexi, inquieto.

— Eu… ainda não tinha nascido.

Calipso era mais velha do que eu, mas nunca pensei no que isso queria dizer. Quando os titãs mandavam no cosmos, antes de os deuses se rebelarem e Zeus se tornar rei, Calipso sem dúvida havia sido uma criança livre, cria do general Atlas, correndo pelo palácio e perturbando os criados etéreos. Deuses. Calipso era velha o bastante para ser minha babá!

— Você deve conhecer a música.

Ela começou a cantar.

Senti minha cabeça formigando. Eu *conhecia* a música. Fui tomado por uma lembrança antiga de Zeus e Leto cantando essa melodia quando ele visitava Ártemis e a mim quando éramos crianças em Delos. Meu pai e minha mãe, destinados a ficarem separados para sempre porque Zeus era um deus casado, cantavam esse dueto com alegria. Meus olhos se encheram de lágrimas. Fiquei com a parte mais grave da harmonia.

Era uma música mais velha do que os impérios, sobre dois amantes separados e loucos para se reencontrarem.

Calipso se aproximou dos grifos. Fui atrás dela, não porque tivesse medo de ir na frente, claro. Todo mundo sabe que, quando avançando para o perigo, o soprano vai primeiro. Eles são sua infantaria, enquanto os contratenores e os tenores são a cavalaria, e o baixo, a artilharia. Tentei explicar isso para Ares um milhão de vezes, mas ele não entende *nada* de arranjos vocais.

Abelardo parou de puxar a corrente. Ele nos observou, desconfiado, emitindo sons graves. A voz de Calipso era suplicante e cheia de melancolia. Percebi que ela sentia empatia pelos animais: enjaulados e acorrentados, desejando a liberdade. Talvez, pensei, só *talvez* o exílio de Calipso em Ogígia tivesse sido pior do que minha situação atual. Pelo menos eu tinha amigos com quem dividir meu sofrimento. Eu me senti culpado por não ter votado pela libertação dela da ilha mais cedo, mas de que adiantava pedir desculpas agora? Era tudo água do Estige por baixo dos portões de Érebo. Não tinha volta.

Calipso tocou a cabeça de Abelardo. Ele poderia facilmente ter cortado o braço dela fora, mas se agachou e se virou para pedir

carinho, como um gato. Calipso se ajoelhou, tirou outro grampo e começou a mexer na algema do grifo.

Enquanto ela trabalhava, tentei chamar a atenção de Abelardo. Cantei do melhor jeito que consegui, canalizando minha dor e solidariedade nos versos, torcendo para Abelardo perceber que eu entendia seu sofrimento.

Calipso abriu a tranca. Com um estalo, a algema de ferro se soltou da pata de Abelardo. Calipso se moveu na direção de Heloísa, um gesto bem mais complicado, porque estava se aproximando de uma mãe grávida. A fêmea rosnou, apreensiva, mas não atacou.

Continuamos cantando, as vozes em afinação perfeita, se mesclando da forma como acontece com as melhores harmonias, criando algo maior do que a soma de duas vozes individuais.

Calipso libertou Heloísa. Deu um passo para trás e ficou ao meu lado enquanto terminávamos o último verso da música: *Enquanto os deuses viverem, eu vou amar você.*

Os grifos nos olharam. Pareciam mais intrigados do que com raiva.

— Bolinhos — aconselhou Calipso.

Virei metade do pacote nas mãos dela.

Eu não gostava da ideia de perder os braços. Eram anexos úteis. Ainda assim, estiquei a mão cheia de bolinhos de batata dourados para Abelardo. Ele se aproximou e farejou. Quando abriu o bico, eu enfiei a mão lá dentro e encostei os bolinhos na língua quente. Como um verdadeiro cavalheiro, ele esperou que eu tirasse a mão para engolir a guloseima.

Ele eriçou as penas do pescoço e se virou para piar para Heloísa. *A comida está boa. Venha!*

Calipso deu bolinhos para Heloísa. A fêmea encostou a cabeça na feiticeira em um sinal óbvio de afeição.

Por um momento, senti alívio. Euforia. Nós conseguimos. Mas, atrás de nós, bateram palmas.

De pé na entrada da jaula, sangrando e machucado, mas ainda muito vivo, estava Litierses, sozinho.

— Muito bem — disse o espadachim. — Vocês encontraram um lugar perfeito para morrer.

16

Ó, filho de Midas
Você é muito idiota
Aqui vai um avestruz

NOS MEUS QUATRO MIL ANOS de vida, eu tinha procurado muitas coisas: mulheres bonitas, homens bonitos, os melhores arcos compostos, o palácio perfeito à beira-mar e uma Gibson Flying V de 1958. Mas *nunca* me passou pela cabeça buscar um lugar perfeito para morrer.

— Calipso — falei, com voz fraca.

— O quê?

— Se nós morrermos aqui, eu só gostaria de dizer que você não é tão ruim quanto eu pensava.

— Obrigada, mas nós não vamos morrer. Isso me impediria de matar você mais tarde.

Litierses riu.

— Ah, vocês dois. Brigando como se tivessem futuro. Deve ser difícil para quem costumava ser imortal aceitar que a morte é algo real. Eu mesmo já morri. Tenho que admitir que não é divertido.

Fiquei tentado a cantar para ele do jeito que cantei para os grifos. Talvez conseguisse convencê-lo de que éramos os dois vítimas ali. Alguma coisa me disse que não daria muito certo. Para completar, os bolinhos de batata tinham acabado.

— Você é filho do rei Midas — comentei. — Voltou para o mundo mortal quando as Portas da Morte se abriram?

Eu não sabia muita coisa sobre esse incidente, mas houve uma fuga em massa do Mundo Inferior durante a guerra recente com os gigantes. Hades reclamou sem parar que Gaia tinha roubado todos os mortos dele para trabalharem para ela. Sinceramente, eu não posso culpar a Mãe Terra. Mão de obra boa e barata é *terrivelmente* difícil de encontrar.

O espadachim deu um meio sorriso.

— É, nós passamos pelas Portas da Morte. Mas o idiota do meu pai morreu rapidinho, graças a uma briga com Leo Valdez e o pessoal dele. Só sobrevivi porque fui transformado em estátua de ouro e coberto com um tapete.

Calipso recuou na direção dos grifos.

— Essa é… uma história e tanto.

— Não importa — rosnou o espadachim. — O Triunvirato me ofereceu trabalho. Reconheceram o valor de Litierses, Ceifeiro de

Homens!

— Título impressionante — falei.

Ele ergueu a espada.

— É merecido, pode acreditar. Meus amigos me chamam de Lit, mas meus inimigos me chamam de Morte!

— Vou chamar você de Lit — decidi. — Embora você não me pareça muito amigável. Sabia que seu pai e eu éramos grandes amigos? Uma vez, eu até lhe dei orelhas de burro.

Assim que as palavras saíram da minha boca, percebi que aquilo talvez não fosse a melhor prova da minha amizade.

Lit deu um sorriso cruel.

— Eu sei, cresci ouvindo sobre a competição de música que você obrigou meu pai a julgar. Você deu orelhas de burro a ele porque meu pai declarou seu oponente o vencedor, não foi? É. Ele ficou com *tanto* ódio de você por causa disso que quase me dá vontade de gostar de você. Quase. — Ele treinou com a espada, cortando o ar. — Vai ser um prazer matar você.

— Espere! — gritei. — E aquela história de *traga-os vivos*?

Lit deu de ombros.

— Mudei de ideia. Primeiro, aquele telhado caiu em cima de mim. Depois meus guarda-costas foram engolidos por um bambuzal. Vocês não saberiam o que aconteceu, saberiam?

Eu sentia o sangue pulsando nos meus ouvidos.

— Não.

— Certo. — Ele olhou para Calipso. — Acho que vou deixar *você* viva por enquanto, para matá-la na frente do Valdez. Vai ser divertido. Mas esse antigo deus aqui… — Lit deu de ombros. — Vou ter que dizer para o imperador que ele resistiu à prisão.

Então ia ser assim. Depois de quatro milênios de glória, eu morreria em uma jaula de grifos em Indianápolis. Confesso que não foi desse jeito que eu tinha imaginado minha morte. Não tinha imaginado nadinha sobre ela, mas, se eu *tinha* que bater as botas, queria muito mais explosões e holofotes ofuscantes, um grupo de lindos deuses e deusas chorando e gritando *Não! Nos leve no lugar dele!* e bem menos estrume.

Com certeza, Zeus acabaria intercedendo. Ele não podia permitir que minha punição na Terra incluísse uma morte de verdade! Ou talvez Ártemis aparecesse para matar Lit com uma flecha mortal. Ela sempre podia se justificar para Zeus falando que tinha sido uma falha técnica esquisita do seu arco. No mínimo, eu esperava que os grifos me ajudassem, considerando que havia acabado de alimentá-los e cantar para eles com tanta doçura.

Nada disso aconteceu. Abelardo sibilou para Litierses, mas pareceu relutante em atacar. Talvez Litierses tivesse usado aqueles

instrumentos de treinamento sinistros nele e na companheira.

O espadachim partiu para cima de mim com velocidade vertiginosa. Golpeou com a espada, bem na direção do meu pescoço. Meu último pensamento foi o quanto o cosmos sentiria minha falta. O último cheiro que senti foi o de maçãs assadas.

Mas, de algum lugar no alto, uma pequena forma humanoide caiu entre mim e meu inimigo. Com um estalo metálico e uma explosão de fagulhas, a espada de Litierses parou no meio de um X dourado: as lâminas cruzadas de Meg McCaffrey.

Talvez eu tenha chorado um pouco. Nunca tinha ficado tão feliz de ver alguém, e isso *inclui* Jacinto na vez que ele usou aquele smoking *incrível* no nosso encontro, então dá para ver que estou falando sério.

Meg usou suas espadas para empurrar Litierses, que cambaleou para trás. O cabelo preto curto estava cheio de pequenos galhos e grama. Ela usava os habituais tênis de cano alto vermelhos, sua legging amarela e o vestido verde que Sally Jackson lhe emprestou no dia que nos conhecemos. Achei isso comovente, de um jeito estranho.

Litierses a encarou com desprezo, mas não pareceu muito surpreso.

— Eu estava me perguntando se ameaçar esse deus idiota acabaria tirando você do seu esconderijo. Você assinou sua sentença de morte, fedelha.

Meg descruzou as espadas e respondeu de sua forma poética habitual.

— Nem a pau.

Calipso olhou para mim. Movendo os lábios, mas sem emitir qualquer som, perguntou:

— *ESTA* é Meg?

— *Esta é Meg* — concordei, uma frase que explicava muita coisa.

Litierses chegou para o lado e bloqueou a saída. Ele estava mancando um pouco, talvez por causa do incidente com o toldo.

— *Você* derrubou aquele telhado coberto de hera em mim. Fez os bambus atacarem meus homens.

— Aham — disse Meg. — Você é burro que dói.

Lit sibilou com irritação. Eu entendia o efeito que Meg exercia sobre as pessoas. Mesmo assim, meu coração estava cantarolando em um dó médio perfeito, de pura felicidade. Minha jovem protetora tinha voltado! (Eu sei, eu sei, tecnicamente ela era minha senhora, mas não vamos nos ater a detalhes.) Ela havia percebido seus erros. Tinha se rebelado contra Nero. Agora, ficaria ao meu lado e me ajudaria a recuperar minha divindade. A ordem cósmica estava restaurada!

Ela olhou para mim. Em vez de sorrir de alegria, de me abraçar ou de pedir desculpas, Meg disse:

— Saia daqui.

A ordem me deixou profundamente abalado. Dei um passo para trás, como se tivesse sido empurrado. Fui tomado por um desejo repentino de fugir. Quando nos separamos, Meg me disse que eu estava liberado dos serviços dela. Agora, estava evidente que nosso relacionamento de senhora e servo não seria rompido com tanta facilidade. Zeus queria que eu seguisse as ordens dela até que eu morresse ou me tornasse deus de novo. Não tenho certeza de que ele se importava com o resultado.

— Mas, Meg — supliquei. — Você acabou de chegar. Temos…

— Vá — disse ela. — Pegue os grifos e saia. Vou segurar o burrão.

Lit riu.

— Eu ouvi dizer que você é boa com as espadas, McCaffrey, mas nenhuma criança pode chegar aos pés do Ceifeiro de Homens.

Ele girou a espada como Pete Townshend rodava a guitarra (um gesto que eu ensinei a ele, embora nunca tenha aprovado a forma como ele quebrava o instrumento nos alto-falantes depois — que desperdício!).

— Deméter também é *minha* mãe — continuou Lit. — Os filhos dela são os melhores espadachins. Nós entendemos a necessidade de ceifar. É o outro lado de plantar, não é, irmãzinha? Vamos ver o que você sabe sobre ceifar vidas!

Ele investiu contra ela. Meg se defendeu do ataque e o empurrou para trás. Eles ficaram traçando círculos um em volta do outro, três espadas girando em uma dança mortal, como lâminas de um liquidificador fazendo uma vitamina de ar.

Enquanto isso, eu me vi forçado a andar na direção dos grifos, seguindo as ordens de Meg. Tentei ir devagar. Estava relutante em tirar os olhos da batalha, como se, só por ficar observando Meg, eu estivesse emprestando força a ela. Antes, quando era deus, isso seria possível, mas agora, como um Lester Papadopoulos na plateia poderia ajudar?

Calipso parou na frente de Heloísa, protegendo a futura mãe com o corpo.

Alcancei a feiticeira.

— Você é mais leve do que eu — falei. — Monte em Heloísa. Tome cuidado com a barriga dela. Eu vou em Abelardo.

— E Meg? — perguntou Calipso. — Nós não podemos deixá-la aqui.

No dia anterior mesmo eu tinha considerado abandonar Calipso com os *blemmyae* quando foi ferida. Gostaria de poder dizer que não levei aquela ideia a sério, mas levei, ainda que por pouco tempo. Agora, ela se recusava a deixar Meg, que mal conhecia. Aquilo quase me fez questionar se eu era mesmo uma boa pessoa. (Gostaria de enfatizar a palavra *quase*.)

— Você está certa, claro. — Olhei para a arena. Na jaula oposta, os avestruzes de combate estavam espiando pelo vidro, completamente vidrados na luta de espadas. — Precisamos nos mandar, todos nós.

Eu me virei para falar com Abelardo.

— Peço desculpas adiantado. Sou péssimo montando grifos.

O grifo piou como quem diz *Vá em frente, cara*. Ele deixou que eu subisse e prendesse as pernas atrás da base das asas dele.

Calipso seguiu meu exemplo e montou com todo o cuidado no lombo de Heloísa.

Os grifos, impacientes para sair dali, passaram com cuidado pela luta até a arena. Litierses me atacou quando passei por ele, e teria cortado fora meu braço direito, mas Meg bloqueou o golpe dele com uma espada enquanto atacava os pés de Lit com a outra, forçando-o a recuar novamente.

— Se você levar esses grifos, só vai sofrer mais! — avisou Lit. — Todos os prisioneiros do imperador vão morrer lentamente, a garotinha em especial.

Minhas mãos tremeram de raiva, mas consegui prender uma flecha no arco.

— Meg — gritei —, venha!

— Eu já falei para você ir embora! — reclamou ela. — Você é um péssimo escravo.

Nisso pelo menos nós concordávamos.

Litierses avançou para cima dela de novo, cortando o ar. Eu não era especialista em luta de espadas, mas, embora Meg fosse boa, Litierses era melhor. Ele tinha mais força, velocidade e, com braços e pernas mais compridos, mais alcance também. Tinha o dobro do tamanho de Meg, além de incontáveis anos de prática. Se Litierses não houvesse se ferido recentemente com a queda do toldo na cabeça dele, desconfio que aquela luta talvez já tivesse acabado.

— Vá em frente, Apolo! — provocou Lit. — Dispare essa flecha em mim.

Eu tinha visto como ele podia ser rápido. Sem dúvida daria uma de Atena e cortaria minha flecha no ar antes que o atingisse. Tão injusto! Mas disparar nele não fazia parte do meu plano.

Eu me inclinei na direção da cabeça de Abelardo e disse:

— Voe!

O grifo se lançou no ar como se meu peso a mais não fosse nada. Circulou as arquibancadas do estádio, chamando a companheira para se juntar a ele.

Heloísa teve mais dificuldade. Andou por metade da arena, batendo as asas e rosnando com desconforto antes de decolar. Com Calipso agarrada desesperadamente a seu pescoço, Heloísa começou a voar em um círculo apertado atrás de Abelardo. Nós não tínhamos para onde

ir, não com a rede acima de nós, mas eu tinha problemas mais imediatos.

Meg cambaleou e mal conseguiu conter o golpe de Lit. A tentativa seguinte cortou a coxa da menina e rasgou a legging. O tecido amarelo logo ficou laranja com o sangue.

Lit sorriu.

— Você é boa, irmãzinha, mas está ficando cansada. Não tem energia para me enfrentar.

— Abelardo — murmurei. — Precisamos pegar a garota. Mergulhe!

O grifo aceitou o pedido com um pouco de entusiasmo demais. Eu quase errei o alvo. Apontei minha flecha não na direção de Litierses, mas da caixa de controle ao lado do assento do imperador, mirando em uma alavanca em que reparei antes, a que dizia OMNIA: *tudo*.

PLAFT! A flecha acertou o alvo. Com uma série de estalos gratificantes, todas as paredes de vidro que separavam as jaulas se abriram.

Litierses estava ocupado demais para perceber o que tinha acontecido. Um grifo, em pleno voo, mergulhando na cabeça de uma pessoa costuma atrair todas as atenções. Lit recuou, permitindo que Abelardo apanhasse Meg McCaffrey com suas patas e voltasse para o alto.

Lit ficou boquiaberto.

— Belo truque, Apolo. Mas para onde você vai? Você está…

Foi nessa hora que ele foi atropelado por uma horda de avestruzes de armadura. O espadachim desapareceu embaixo de uma onda de penas, arame farpado e pernas rosadas e cheias de verrugas.

Enquanto Litierses berrava, se encolhendo todo para se proteger, as serpentes aladas, os cavalos cuspidores de sangue e o touro etíope foram se juntar à festa.

— Meg! — Eu estiquei o braço. Enquanto estava precariamente segura pelas patas de Abelardo, ela fez as espadas voltarem a ser anéis de ouro. Ela pegou minha mão. De alguma forma, consegui puxá-la para Abelardo e sentá-la na minha frente.

As serpentes voadoras foram na direção de Heloísa, que guinchou de um jeito desafiador e bateu as asas poderosas, subindo na direção da rede. Abelardo foi atrás.

Meu coração estava disparado no peito. Nós não conseguiríamos passar pela rede. Ela devia ter sido feita para aguentar força bruta, bicos e garras. Eu nos imaginei batendo na barreira e sendo jogados no chão da arena, como uma cama elástica que quica para baixo em vez de para cima. Parecia um jeito nem um pouco digno de morrer.

Antes de batermos na rede, Calipso levantou os braços. Berrou de fúria, e a rede explodiu para cima, arrancada dos apoios, e foi atirada ao céu como um lenço de papel gigantesco no meio de um vendaval.

Livres e ilesos, nós voamos para fora da arena. Olhei para Calipso, impressionado. Ela parecia tão surpresa quanto eu. Em seguida, desabou e caiu meio de lado. Heloísa compensou a posição e mudou o ritmo, para não deixar a feiticeira cair. Calipso, parecendo quase inconsciente, tentou se agarrar ao pelo do grifo.

Conforme nossas nobres montarias subiam ao céu, olhei para a arena. Os monstros estavam em uma luta livre, mas não vi sinal de Litierses.

Meg se virou para me olhar, a boca transparecendo uma raiva feroz.

— Você *devia* ter ido embora!

Em seguida, passou os braços ao meu redor e me deu um abraço tão apertado que senti minhas costelas se fraturando. Meg soluçava, o rosto enfiado na minha camisa, o corpo todo tremendo.

Quanto a mim, não chorei. Não, tenho certeza de que meus olhos estavam bem secos. Eu não berrei como um bebê, nem um pouco. O máximo que vou admitir é o seguinte: com as lágrimas dela umedecendo minha camisa, os óculos de gatinho espetando com desconforto meu peito, seu cheiro de maçãs assadas, terra e suor atacando minhas narinas, fiquei bem feliz por ser irritado mais uma vez por Meg McCaffrey.

17

Na Estação, lá vai
McCaffrey comer meu pão.
Lágrimas divinas…

HELOÍSA E ABELARDO SABIAM para onde ir. Eles sobrevoaram o telhado da Estação Intermediária até uma seção das telhas se abrir, permitindo que os grifos descessem em círculos até o salão principal.

Eles pousaram no parapeito, lado a lado no ninho, enquanto Josephine e Leo subiam a escada para se juntarem a nós.

Josephine abraçou Heloísa e depois Abelardo.

— Meus queridos! Vocês estão vivos!

Os grifos arrulharam e se aconchegaram nela.

Josephine sorriu para Meg McCaffrey.

— Bem-vinda! Sou Jo.

Meg piscou, aparentemente não muito acostumada a ser recebida com tanto entusiasmado.

Calipso tombou ao descer das costas de Heloísa. Teria caído do parapeito se Leo não a tivesse segurado.

— Opa, *mamacita* — disse ele. — Você está bem?

Ela piscou bem devagar.

— Estou. Sem estardalhaço. E não me chame de…

Ela desabou nos braços de Leo, que fez força para mantê-la de pé.

O garoto me encarou, nervoso.

— O que você fez com ela?

— Nadinha! — protestei. — Mas acho que ela conseguiu fazer magia.

Expliquei o que havia acontecido no zoológico: nosso encontro com Litierses, a fuga e como a rede que cobria a arena foi lançada para longe como uma lula saindo de um canhão de água (um dos projetos de menos sucesso de Poseidon).

Meg acrescentou, sem ajudar muito:

— Foi bem louco.

— Litierses — murmurou Leo. — Eu *odeio* esse cara. Cal vai ficar bem?

Josephine checou a pulsação de Calipso, depois encostou a mão na testa dela. Apoiada no ombro de Leo, a feiticeira roncava como um porco selvagem.

— Ela pifou — anunciou Josephine.

— Pifou? — gritou Leo. — Eu não gosto quando coisas pifam!

— É só modo de falar, amigão — disse Josephine. — Ela se exauriu

magicamente. Temos que levá-la para Emmie na enfermaria. Aqui.

Josephine pegou Calipso no colo. Ignorando a escada, ela pulou do parapeito e pousou tranquilamente no chão seis metros abaixo.

Leo franziu a testa.

— Eu poderia ter feito isso.

Ele se virou para Meg. Sem dúvida a reconhecia das minhas muitas histórias tristes. Afinal, não é todo dia que se vê por aí garotinhas com roupas da cor de sinais de trânsito e óculos de gatinho.

— Você é Meg McCaffrey — deduziu ele.

— Sou.

— Legal. Eu sou Leo. E, hã… — Ele apontou para mim. — Eu soube que você pode, tipo, controlar esse cara?

Limpei a garganta.

— Nós só *cooperamos*! Eu não sou controlado por ninguém. Não é, Meg?

— Dá um tapa na sua cara — ordenou Meg.

Eu dei um tapa na minha cara.

Leo sorriu.

— Ah, isso é bom demais. Vou dar uma olhada na Calipso, mas vamos ter uma conversinha mais tarde.

Ele deslizou pelo corrimão da escada, me deixando com um pressentimento terrível.

Os grifos se acomodaram nos ninhos, arrulhando de satisfação um para o outro. Eu não era parteiro de grifos, mas Heloísa e seu ovo, graças aos deuses, pareciam bem.

Olhei para Meg. Meu rosto estava ardendo no local onde eu tinha me estapeado. Meu orgulho foi pisoteado como Litierses embaixo de uma horda de avestruzes de combate. Ainda assim, estava imensamente feliz em ver minha jovem amiga.

— Você me salvou. — E acrescentei uma palavra que nunca ocorria com facilidade a um deus: — Obrigado.

Meg tocou nos cotovelos. Nos dedos do meio, os anéis de ouro cintilavam com o símbolo de lua crescente da mãe, Deméter. Eu tinha feito o melhor curativo que pude na coxa dela durante o percurso até a Estação Intermediária, mas Meg ainda parecia abalada.

Achei que ela fosse chorar de novo, mas, quando me encarou, tinha a expressão obstinada de sempre, como se estivesse prestes a me chamar de Cara de Cocô ou a me mandar brincar de princesa e dragão com ela. (Ela *nunca* me deixava ser a princesa.)

— Eu não fiz por você — disse ela.

Tentei entender aquela frase sem sentido.

— Então, por que…

— Aquele cara. — Ela balançou os dedos na frente do rosto, indicando as cicatrizes de Litierses. — Ele era mau.

— Bom, nisso temos que concordar.

— E os que me trouxeram de Nova York. — Ela fez sua clássica expressão de nojo. — Marcus. Vortigern. Eles disseram coisas... O que fariam em Indianápolis. — Ela balançou a cabeça. — Coisas ruins.

Eu me perguntei se Meg sabia que Marcus e Vortigern tinham sido decapitados por terem deixado que ela escapasse. Achei melhor ficar quieto. Se Meg estivesse realmente curiosa, era só dar uma olhada no Facebook.

Ao nosso lado, os grifos se acomodaram para um descanso merecido. Enfiaram a cabeça embaixo das asas e ronronaram, o que seria fofo, se o barulho não fosse igual ao de uma serra elétrica.

— Meg… — Hesitei.

Senti como se uma parede nos separasse, embora não tivesse certeza de quem estava protegendo quem. Eu queria dizer tantas coisas para ela, mas não sabia como.

Tomei coragem.

— Eu vou tentar.

Meg me observou com cautela.

— Tentar o quê?

— Dizer para você… o que sinto. Para esclarecer as coisas. Me interrompa se eu disser alguma coisa errada, mas acho que é óbvio que ainda precisamos um do outro.

Ela não respondeu.

— Eu não culpo você por nada — continuei. — Por você ter me deixado sozinho no Bosque de Dodona, por ter mentido sobre seu padrasto…

— Não.

Pensei que seu fiel servo Pêssego, o *karpos*, fosse cair dos céus e arrancar meu couro cabeludo. Isso não aconteceu.

— O que eu quero dizer — tentei novamente — é que sinto muito por tudo que você passou. Nada foi culpa sua. Você não devia se culpar. Aquele demônio do Nero brincou com suas emoções, distorceu seus pensamentos…

— Não.

— Talvez eu devesse botar meus sentimentos em uma música.

— Não.

— Ou contar uma história sobre uma coisa similar que aconteceu comigo uma vez.

— Não.

— Um refrão curto no meu ukulele?

— Não.

Mas, daquela vez, detectei uma leve sugestão de sorriso no canto da boca de Meg.

— Podemos pelo menos concordar em trabalhar juntos? —

perguntei. — O imperador desta cidade está atrás de nós dois. Se não o impedirmos, ele vai fazer muitas outras coisas ruins.

Meg deu de ombros.

— Tá.

Um estalo suave veio do ninho do grifo. Brotos verdes surgiam do feno seco, talvez sinal da melhora do humor de Meg.

Eu me lembrei das palavras de Cleandro no meu pesadelo: *Você devia ter percebido como ela está ficando poderosa*. Meg tinha conseguido me rastrear no zoológico. Fez hera crescer até derrubar o toldo e bambus engolirem um grupo de germânicos. Até tinha se teletransportado para fugir dos capangas de Cômodo. Poucos filhos de Deméter eram tão poderosos.

Ainda assim, eu não era bobo de achar que a gente sairia saltitando de braços dados por aí, sem pensar nos problemas que nos aguardavam. Mais cedo ou mais tarde, ela teria que enfrentar Nero novamente. Suas lealdades seriam testadas, seus medos seriam manipulados. Eu não podia libertá-la do passado, nem com a melhor música ou com o melhor refrão de ukulele.

Meg esfregou o nariz.

— Tem comida?

Eu não tinha percebido como estava tenso até relaxar. Se Meg estava pensando em comida, estávamos voltando para o caminho da normalidade.

— Tem comida. — Baixei a voz. — Olha só, não é tão bom quanto a pastinha de sete camadas de Sally Jackson, mas o pão fresco de Emmie e o queijo caseiro são bem aceitáveis.

Uma voz disse secamente atrás de mim:

— Fico feliz que você tenha gostado.

Eu me virei.

No alto da escada, Emmie disparava garras de grifo em mim com o olhar.

— Lady Britomártis está lá embaixo. Quer falar com você.

* * *

A deusa não me agradeceu. Não me cobriu de elogios, não me ofereceu um beijo nem me deu uma rede mágica de presente.

Britomártis só indicou uma cadeira do outro lado da mesa de jantar e disse:

— Sente-se.

Ela estava usando um vestido preto fino por cima de meias arrastão, um visual que me lembrou Stevie Nicks por volta de 1981. (Fizemos um dueto fabuloso em “Stop Draggin’ My Heart Around”, mas meu nome *nem sequer* apareceu nos créditos do disco.) Ela apoiou

as botas de couro na mesa de jantar como se fosse a dona da casa, o que acho que era mesmo, e enrolou o cabelo castanho entre os dedos.

Olhei minha cadeira e a de Meg para ver se havia algum dispositivo explosivo ativado por molas, mas, sem o olhar especializado de Leo, não podia ter certeza. Minha única esperança: Britomártis parecia distraída, talvez distraída *demais* para fazer seus joguinhos habituais. Eu me sentei. Felizmente, meu *gloutos* não explodiu.

Uma refeição simples havia sido posta na mesa: mais salada, pão e queijo. Eu não tinha percebido que era hora do almoço, mas, quando vi a comida, meu estômago roncou. Estiquei a mão para pegar o pão. Com um sorriso doce, Emmie o puxou e entregou para Meg.

— Apolo, eu não ia querer que você comesse qualquer coisa que é só *aceitável*. Mas tem bastante salada.

Olhei com infelicidade para a tigela de alface e pepino. Meg pegou o pão inteiro e arrancou um pedaço, mastigando com gosto. Bom... *mastigando* é forma de dizer. Meg enfiou tanto pão na boca que era difícil saber se os dentes sequer se tocavam.

Britomártis entrelaçou os dedos. Até um simples gesto como aquele parecia uma armadilha elaborada.

— Emmie — disse ela —, como está a feiticeira?

— Descansando com conforto, minha senhora — respondeu a mulher. — Leo e Josephine estão cuidando dela... Ah, aqui estão eles agora.

Josephine e Leo foram até a mesa de jantar, os braços de Leo abertos como a estátua do Cristo Redentor.

— Podem relaxar! — anunciou ele. — Calipso está bem!

A deusa das redes grunhiu como se estivesse decepcionada.

Um pensamento me ocorreu. Eu franzi a testa para Britomártis.

— A rede na arena. Redes são *seu* departamento. Você ajudou a arrancá-la, não foi? Calipso não poderia ter feito aquela magia sozinha.

Britomártis deu um sorriso.

— Eu talvez tenha dado um impulsozinho no poder dela. Ela vai ser mais útil para mim se conseguir dominar as antigas habilidades.

Leo baixou os braços.

— Mas ela podia ter morrido!

A deusa deu de ombros.

— Improvável, mas é difícil dizer. É uma coisa complicada, magia. Nunca se sabe quando ou como vai sair.

Ela falou com repugnância, como se magia fosse uma função corporal mal controlada.

As orelhas de Leo começaram a soltar fumaça. Ele deu um passo na direção da deusa.

Josephine segurou o braço dele.

— Deixa pra lá, amigão. Emmie e eu vamos cuidar da sua garota.

Leo levantou um dedo para Britomártis.

— Você tem sorte de essas moças aqui serem tão incríveis. Jo me disse que, com tempo e treinamento, pode ajudar Calipso a recuperar totalmente a magia.

Josephine se remexeu, as ferramentas tilintando nos bolsos do macacão.

— Leo…

— Você sabia que ela foi uma gângster? — Ele sorriu para mim. — Jo conheceu Al Capone! Tinha uma identidade secreta e…

— Leo! — gritou ela.

Ele fez uma careta.

— E… não cabe a mim falar nada. Ah, olha, comida!

Ele se sentou e começou a cortar o queijo.

Britomártis espalmou as mãos na mesa.

— Mas chega de falar da feiticeira. Apolo, devo admitir que você foi moderadamente bem na recuperação dos meus grifos.

— *Moderadamente bem?* — Eu estava prestes a soltar alguns comentários bastante irritados, mas me contive. Será que os semideuses tinham que se controlar quando lidavam com deuses ingratos como ela? Não. Claro que não. Eu era especial e diferente. E merecia um tratamento melhor. — Que bom que você aprovou.

O sorriso de Britomártis foi pequeno e cruel. Imaginei redes se enrolando nos meus pés, interrompendo o fluxo de sangue nos meus tornozelos.

— Como prometi, vou recompensar você. Vou dar informações que vão levá-lo direto ao palácio do imperador, onde você vai nos deixar orgulhosos… ou ser executado de uma forma horrivelmente criativa.

18

Meu querido Cômodo
Por favor, não cause incômodos
Ah, não, outra visão

POR QUE AS PESSOAS sempre estragavam minhas refeições?

Primeiro, me serviram comida. Depois, explicaram como eu tinha grandes chances de morrer em breve. Eu desejava estar de volta ao Monte Olimpo, onde poderia me preocupar com coisas mais interessantes, como os últimos sucessos do tecno-pop, saraus de poesia e destruir comunidades sanguinárias com minhas flechas da vingança. Uma coisa que aprendi com a minha experiência como mortal: contemplar a morte é *muito* mais divertido quando é a de outra pessoa.

Antes que Britomártis nos desse nossa “recompensa”, ela insistiu em ser informada sobre o que Josephine e Emmie tinham feito o dia todo, com a ajuda de Leo, para preparar a Estação Intermediária para um cerco.

— Esse cara é bom. — Josephine deu um soco carinhoso no braço de Leo. — As coisas que ele sabe sobre esferas de Arquimedes… *Muito* impressionante.

— Esferas? — perguntou Meg.

— É — disse Leo. — São umas coisas redondas.

— Cala a boca.

Meg voltou a ingerir carboidratos.

— Reposicionamos e abastecemos todas as bestas das torres de artilharia — continuou Jo. — Carregamos as catapultas. Fechamos todas as saídas e colocamos a Estação Intermediária em modo de vigilância vinte e quatro horas. Se alguém tentar entrar, vamos saber.

— E eles vão tentar — prometeu Britomártis. — É só questão de tempo.

Levantei a mão.

— E, hã, Festus?

Esperava que a tristeza na minha voz não estivesse óbvia demais. Não queria que os outros pensassem que eu estava pronto para sair voando no nosso dragão de bronze e deixar que a Estação Intermediária resolvesse seus próprios problemas. (Embora estivesse pronto para fazer exatamente isso.)

Emmie balançou a cabeça.

— Procurei na região da prefeitura ontem à noite e hoje de manhã. Nada. Os *blemmyae* devem ter levado a mala de bronze para o palácio.

Leo estalou a língua.

— Aposto que está com Litierses. Quando eu botar a mão naquele *hijo de*…

— O que nos leva a uma questão importante — interrompi. — Como Leo… quer dizer, como *nós* encontramos o palácio?

Britomártis tirou os pés da mesa. Inclinou-se para a frente.

— O portão principal do palácio do imperador fica embaixo do Monumento aos Soldados e Marinheiros.

Josephine grunhiu.

— Eu devia ter percebido.

— Por quê? — perguntei. — O que é isso?

Josephine revirou os olhos.

— É uma coluna *enorme* no meio de uma praça, alguns quarteirões ao norte daqui. É bem o tipo de construção chamativa e exagerada que se esperaria que um imperador tivesse na entrada de casa.

— É o maior monumento da cidade — acrescentou Emmie.

Tentei conter meu ressentimento. Soldados e marinheiros são gente boa, mas, se o maior monumento da sua cidade não é para Apolo, tem alguma coisa errada.

— Imagino que o palácio seja bem protegido, não é?

Britomártis riu.

— Até pelos meus padrões, o monumento é uma armadilha mortal. Torres de artilharia com metralhadoras. Lasers. Monstros. Tentar entrar pela porta da frente sem ser convidado teria consequências catastróficas.

Meg engoliu um pedaço enorme de pão, conseguindo de alguma forma não se engasgar.

— O imperador nos deixaria entrar.

— Bem, é verdade — concordou Britomártis. — Ele adoraria que você e Apolo aparecessem na porta dele e se entregassem. Mas só menciono a entrada principal porque vocês devem *evitá-la* a todo custo. Se vocês quiserem entrar no palácio sem serem presos e torturados até a morte, há outra possibilidade.

Leo mordeu um pedaço de queijo, que ficou com o formato de um sorriso. Ele o segurou na frente da boca.

— Leo fica feliz quando não está sendo torturado até a morte.

Meg não conseguiu segurar a risada. Um pedaço babado de pão saiu pela narina direita, mas ela não teve nem o decoro de parecer constrangida. Percebi que Leo e Meg *não* seriam boas influências um para o outro.

— Então, para entrar — disse a deusa —, vocês precisam usar a rede de águas e esgotos.

— O encanamento — falei. — Na minha visão da sala do trono do imperador, vi canais abertos de água corrente. Você sabe como ter

acesso a eles?

Britomártis piscou para mim.

— Espero que você não tenha mais medo de água.

— Eu nunca tive medo de água! — Minha voz saiu mais aguda do que eu pretendia.

— Hum... — refletiu Britomártis. — Então por que será que os gregos sempre rezavam para você quando estavam em águas perigosas e queriam aportar em segurança?

— P-porque minha mãe ficou presa em um barco quando estava tentando me dar à luz! E a Ártemis também! Eu entendo querer estar em terra firme!

— E os boatos de que você não sabe nadar? Eu me lembro da festa na piscina do Tritão…

— *Claro* que eu sei nadar! Só porque eu não quis brincar de Marco Polo com você no fundo com minas navais…

— Ei, pessoalzinho divino — interrompeu Meg. — A rede de águas e esgotos?

— Certo! — Pela primeira vez, fiquei aliviado pela impaciência de Meg. — Deusa, como chegamos à sala do trono?

Britomártis estreitou os olhos na direção de Meg.

— *Pessoalzinho divino?* — Ela parecia estar refletindo como McCaffrey ficaria enrolada em uma rede com pesos de chumbo e jogada na Fossa das Marianas. — Bom, srta. McCaffrey, para acessar o sistema de águas do imperador, vocês vão precisar procurar no Canal Walk.

— O que é isso? — perguntou Meg.

Emmie bateu de leve na mão da menina.

— Eu posso mostrar a você. É um antigo canal que atravessa o centro. Reformaram a área, construíram vários prédios residenciais e restaurantes e sei lá mais o quê.

Leo colocou o sorriso de queijo na boca.

— Eu *adoro* sei lá mais o quê.

Britomártis sorriu.

— Que sorte, Leo Valdez. Porque suas habilidades vão ser necessárias para encontrar a entrada, desarmar as armadilhas e sei lá mais o quê.

— Espere aí. *Encontrar* a entrada? Achei que você fosse nos dizer onde fica.

— Eu acabei de dizer — retrucou a deusa. — Em algum lugar do canal. Procurem uma grade. Vocês vão saber quando encontrarem.

— Aham. E vai ter uma armadilha.

— Claro! Mas a segurança não vai ser tão reforçada quanto na entrada principal da fortaleza. E Apolo vai ter que superar o medo de água.

— Eu *não* tenho medo… — falei.

— Cala a boca — disse Meg, transformando minhas cordas vocais em blocos de cimento. Ela apontou uma cenoura para Leo. — Se encontrarmos a grade, você consegue dar um jeito de a gente entrar?

A expressão de Leo fez com que ele parecesse tão sério e perigoso quanto possível para um pequeno semideus élfico usando o macacão de uma garotinha (um limpo, veja só, que ele procurou *intencionalmente* e vestiu).

— Sou um filho de Hefesto, *chica*. Eu levo jeito para essas coisas. Esse tal Litierses já tentou me matar. E também acabar com os meus amigos. Agora, ameaçou Calipso! É, vou botar a gente pra dentro daquele palácio. Depois, vou encontrar Lit e…

— Iniciar um litígio contra ele? — sugeri, surpreso, mas satisfeito de perceber que conseguia falar de novo tão pouco tempo depois de me mandarem calar a boca.

Leo franziu a testa.

— Hã? Que piadinha infame.

— Quando sou eu quem fala, é poesia — garanti.

— Bem. — Britomártis se levantou, anzóis e pesos tilintando no vestido. — Quando Apolo começa a recitar poesia é sinal de que devo ir embora.

— Quem me dera saber disso antes — comentei.

Ela jogou um beijo para mim.

— Sua amiga Calipso deve ficar aqui. Josephine, veja se pode ajudá-la a recuperar o controle sobre seus poderes mágicos. Ela vai precisar para a batalha que vem por aí.

Josephine tamborilou os dedos na mesa.

— Faz muito tempo que não treino ninguém nas artes de Hécate, mas vou fazer o possível.

— Emmie — continuou a deusa —, cuide dos meus grifos. Heloísa pode botar o ovo a qualquer momento.

O couro cabeludo de Emmie ficou vermelho.

— E Georgina? Você nos mostrou como entrar no palácio do imperador. Agora espera que fiquemos aqui em vez de ir libertar nossa menina?

Britomártis levantou a mão pedindo cautela, como quem diz *Você está prestes a cair numa armadilha, minha querida.*

— Confie em Meg, Leo e Apolo. Esta tarefa é deles: encontrar e libertar os prisioneiros, recuperar o Trono de Mnemosine…

— E pegar Festus — acrescentou Leo.

— E principalmente Georgina — completou Jo.

— Podemos fazer umas compras também — ofereceu Leo. — Reparei que o molho de pimenta está acabando.

Britomártis preferiu não destruí-lo, embora, pela expressão dela, eu

tenha percebido que foi por pouco.

— Amanhã, à primeira luz, procurem a entrada.

— Por que não antes? — perguntou Meg.

A deusa deu um sorrisinho.

— Você é destemida. Respeito isso. Mas precisa estar descansada e preparada para encontrar as forças do imperador. Seu ferimento na perna deve ser tratado. E desconfio que não dorme direito há muitas noites. Além do mais, o incidente no zoológico deixou a segurança do imperador em alerta total. É melhor deixar a poeira baixar. Se ele pegar você, Meg McCaffrey…

— Eu sei.

Ela não demonstrou medo. O tom era o de uma criança que foi lembrada pela quinta vez de arrumar o quarto. O único sinal da ansiedade de Meg: no último pedaço de pão que segurava, tinha começado a brotar trigo.

— Enquanto isso — disse Britomártis —, vou tentar localizar as Caçadoras de Ártemis. Elas estiveram em uma missão por aqui não faz muito tempo. Talvez ainda estejam perto o bastante para vir ajudar.

Uma risadinha histérica escapou da minha boca. Pensar em vinte ou trinta outras arqueiras competentes ao meu lado, mesmo sendo donzelas que juraram fidelidade a Ártemis sem o menor senso de humor, fez com que eu me sentisse mais seguro.

— Isso seria bom.

— Mas, se eu não encontrar — disse a deusa —, vocês devem estar preparados para lutarem sozinhos.

— Típico. — Suspirei.

— E lembrem-se: a cerimônia de nomeação do imperador é depois de amanhã.

— Muito obrigado — falei. — Eu tinha até esquecido.

— Ah, não faça essa cara, Apolo! — Britomártis me lançou um último sorriso sedutor, irritante de tão bonitinho. — Se você sair dessa vivo, a gente pode ir ao cinema juntos. Prometo.

O vestido preto fino girou em torno do corpo dela como um tornado feito de redes. E ela sumiu.

Meg se virou para mim.

— Cerimônia de nomeação?

— É. — Eu olhei para o pão verde e meio peludo dela e me perguntei se ainda era comestível. — O imperador é bem megalomaníaco. Planeja renomear esta capital em homenagem a ele mesmo, como fazia na Roma Antiga. Provavelmente, vai renomear o estado, os habitantes e os meses do ano também.

Meg riu.

— Cidade Cômoda?

Leo deu um sorriso hesitante.

— Como é?

— O nome dele é…

— Não, Meg — avisou Josephine.

— … Cômodo — continuou Meg, e franziu a testa. — Por que não devo dizer o nome dele?

— Ele presta atenção a essas coisas — expliquei. — É melhor não deixá-lo saber que estamos falando sobre…

Meg respirou fundo e gritou:

— CÔMODO, CÔMODO, CÔMODO, CÔMODO! CIDADE CÔMODA, COMODIANA, DIA CÔMODO, MÊS DE CÔMODO! HOMEM INCÔMODO!

O salão tremeu, como se a própria Estação Intermediária estivesse ofendida. Emmie ficou pálida. Nos ninhos, os grifos piaram de nervosismo.

— Você não deveria ter feito isso, querida — repreendeu Josephine.

Leo deu de ombros.

— Bom, se o tal Homem Incômodo não estava prestando atenção ao canal dele antes, acho que está agora.

— Que besteira — disse Meg. — Não o tratem como se ele fosse tão poderoso. Meu padrasto… — A voz dela falhou. — Ele… ele disse que Cômodo é o mais fraco dos três. Nós podemos vencê-lo.

As palavras dela me atingiram em cheio como uma das flechas de ponta grossa de Ártemis. (Posso garantir, dói muito.)

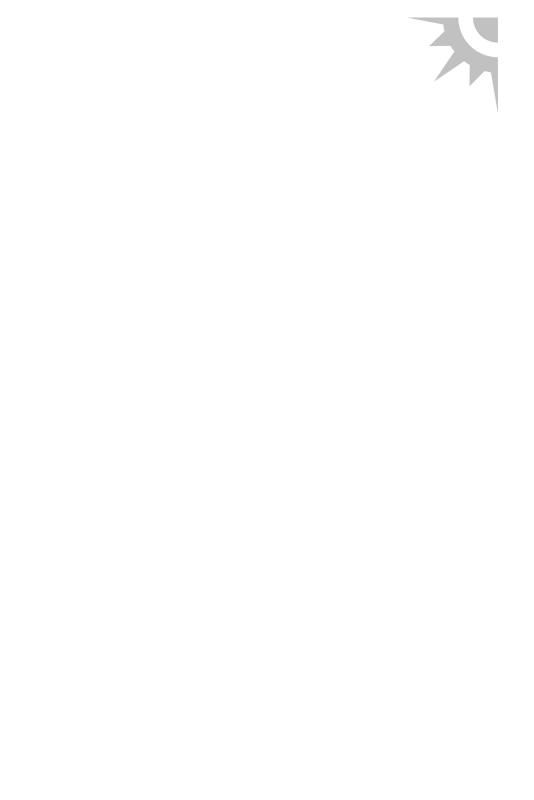
Nós podemos vencê-lo.

O nome do meu antigo amigo, gritado sem parar.

Cambaleei até ficar de pé, com ânsia de vômito, minha língua tentando se soltar da garganta.

— Opa, Apolo. — Leo correu para perto de mim. — Você está bem?

— Eu…

Mais um episódio de ânsia de vômito. Cambaleei na direção do banheiro mais próximo na mesma hora que uma visão me envolveu… me levando de volta para o dia em que cometi assassinato.

19

Me chame de Narciso
Vou nos exercitar e
Depois matá-lo

SEI O QUE VOCÊ está pensando. *Mas, Apolo, você é divino! Nunca cometeria um assassinato. Qualquer morte que você porventura provocasse seria apenas a manifestação da vontade dos deuses e não poderia ser recriminada. Inclusive seria uma honra ser morto por você!*

Você está certíssimo, querido leitor. É verdade que destruí cidades inteiras com minhas flechas em chamas. Infligi pragas incontáveis à humanidade. Uma vez, Ártemis e eu massacramos uma família de doze pessoas porque a matriarca falou uma coisa ruim sobre a *nossa* mãe. Que audácia!

Enfim. Para mim, nada disso tinha sido assassinato.

Mas, quando cambaleei para o banheiro, pronto para vomitar em uma privada que eu mesmo tinha limpado no dia anterior, lembranças horríveis me consumiram. Eu me vi na Roma Antiga, em um dia frio de inverno, quando *realmente* cometi um ato horrível.

Um vento gelado percorreu os salões do palácio. Chamas ardiam nos braseiros. Os rostos dos guardas pretorianos não mostravam qualquer sinal de desconforto, mas, ao passar por eles nos corredores, ouvia as armaduras tilintando com o tremor de seus corpos.

Ninguém se pôs no meu caminho enquanto eu me dirigia aos aposentos do imperador. E por que me parariam? Eu era Narciso, o *personal trainer* de confiança do soberano.

Naquela noite, meu disfarce mortal não estava funcionando muito bem. Meu estômago estava agitado. Suor escorria pela nuca. O choque dos jogos daquele dia ainda transtornava meus sentidos: o fedor de carcaças no chão da arena; a multidão com sede de sangue, gritando "CÔMODO! CÔMODO!"; o imperador em uma armadura dourada resplandecente e vestimentas roxas, jogando as cabeças cortadas dos avestruzes nos assentos dos senadores, apontando para os homens idosos com a espada: *Você é o próximo*.

Laetus, o prefeito pretoriano, tinha me puxado para um canto uma hora antes: *Nós falhamos no almoço. Esta é nossa última chance. Podemos derrotá-lo, mas só com a sua ajuda.*

Márcia, a amante de Cômodo, chorou enquanto segurava meu braço. *Ele vai matar todos nós. Vai destruir Roma. Você sabe o que precisa ser feito!*

Eles estavam certos. Eu tinha visto a lista de inimigos reais ou

imaginários que Cômodo pretendia executar no dia seguinte. Márcia e Laetus estavam no topo da lista, seguidos de senadores, nobres e vários sacerdotes do templo de Apolo Sosiano. Eu não podia ignorar o que estava para acontecer. Cômodo faria picadinho deles com a mesma facilidade que destroçava seus avestruzes e leões.

Abri as portas de bronze da câmara do imperador.

Das sombras, Cômodo gritou:

— VÁ EMBORA!

Uma jarra de bronze passou raspando pela minha cabeça e bateu na parede com tanta força que rachou os azulejos do mosaico.

— Oi para você também — falei. — Nunca gostei muito daquele afresco.

O imperador piscou, tentando focar o olhar.

— Ah… é você, Narciso. Pode entrar. Ande logo! Tranque as portas!

Eu fiz o que ele pediu.

Cômodo se ajoelhou no chão, apoiado no sofá. Na opulência do quarto, com cortinas de seda, mobília dourada e paredes com afrescos coloridos, o imperador parecia deslocado, como um mendigo tirado de um beco de Subura. Os olhos estavam arregalados. A barba brilhava com baba. Vômito e sangue manchavam a túnica branca, o que não me surpreendeu, considerando que sua amante e seu prefeito tinham envenenado o vinho dele no almoço.

Mas, se você conseguisse *desconsiderar* essa cena, Cômodo não tinha mudado muito desde que tinha dezoito anos e estava relaxando na barraca do pai na Floresta do Danúbio. Ele estava com trinta e um agora, mas os anos mal haviam tocado nele. Para o horror dos fashionistas de Roma, ele deixara o cabelo crescer e usava uma barba desgrenhada para ficar parecido com seu ídolo, Hércules. Fora isso, era a imagem da perfeição romana, e podia ser facilmente confundido com um deus imortal, como ele tanto alegava ser.

— Eles tentaram me matar — rosnou ele. — Eu *sei* que foram eles! Mas não vou morrer. Vou mostrar para eles do que sou capaz!

Meu coração ficou apertado ao vê-lo daquele jeito. No dia anterior, eu tive tanta esperança.

Tínhamos treinado técnicas de luta a tarde toda. Forte e confiante, ele lutou comigo no chão e teria quebrado meu pescoço se eu fosse um mortal comum. Depois que me deixou levantar, passamos o restante do dia rindo e conversando, como fazíamos antigamente. Não que ele soubesse minha verdadeira identidade, mas, mesmo assim… Na pele de Narciso, eu tinha certeza de que poderia fazer aflorar a bondade do imperador e acabar reacendendo as brasas do homem glorioso que eu já tinha conhecido.

Mas, naquela manhã, ele acordou mais lunático e sedento de

sangue do que nunca.

Eu me aproximei com cautela, como se ele fosse um animal ferido.

— Você não vai morrer com o veneno. Você é forte demais para isso.

— Exatamente! — Ele subiu no sofá, os nós dos dedos brancos por causa do esforço. — Vou me sentir melhor amanhã, assim que decapitar aqueles traidores.

— Talvez fosse melhor descansar alguns dias — sugeri. — Tirar um tempo para se recuperar e refletir.

— REFLETIR? — Ele fez uma careta de dor. — Eu não preciso *refletir*, Narciso. Vou matá-los e contratar novos conselheiros. Você, talvez? O que acha?

Eu não sabia se ria ou chorava. Cômodo só queria saber de seus amados jogos, e acabava atribuindo as responsabilidades do Império a prefeitos e amigos… que geralmente tinham uma expectativa de vida muito curta.

— Sou só um treinador — falei.

— E daí? Vou transformar você em nobre! Você vai governar Comodiana!

Franzi a testa ao ouvir aquele nome. Fora do palácio, ninguém aceitava o novo nome que o imperador dera a Roma. Os cidadãos se recusavam a se chamar de comodianos. As legiões estavam furiosas por agora serem conhecidas como *comodianae*. As proclamações malucas de Cômodo foram a gota d’água para seus sofridos conselheiros.

— Por favor, Cômodo — implorei. — Dê um tempo nas execuções e nos jogos. Para se curar. Para considerar as consequências dos seus atos.

Ele arreganhou os dentes, os lábios salpicados de sangue.

— Não comece *você* também! Parece meu pai. Não quero mais pensar nas consequências!

Meu ânimo desabou. Eu sabia o que aconteceria nos dias seguintes. Cômodo sobreviveria ao envenenamento. Ordenaria a purgação implacável de seus inimigos. A cidade seria decorada com cabeças em estacas. Cruzes se enfileirariam pela Via Ápia. Meus sacerdotes morreriam. Metade do senado morreria. A própria cidade de Roma, o bastião dos deuses olimpianos, seria abalada para sempre. E Cômodo ainda assim seria assassinado… algumas semanas ou meses depois, de alguma outra forma.

Eu baixei a cabeça, acatando a ordem do imperador.

— Claro, meu senhor. Posso preparar um banho para você?

Cômodo grunhiu em concordância.

— É melhor eu tirar essas roupas imundas mesmo.

Como sempre fazia depois das nossas sessões de treinamento, enchi

a grande banheira de mármore com água de rosas fumegante. Ajudei-o a tirar a túnica suja e o guiei até a banheira. Por um momento, ele relaxou e fechou os olhos.

Eu me lembrei dele ainda adolescente, dormindo ao meu lado. Me lembrei de sua gargalhada gostosa enquanto corríamos pela floresta e do jeito como o rosto dele se franzia de forma adorável quando eu fazia as uvas quicarem em seu nariz.

Com uma esponja, limpei a baba e o sangue da barba e lavei delicadamente seu rosto. Então, fechei as mãos ao redor do pescoço.

— Sinto muito.

Afundei a cabeça dele e apertei o pescoço.

Cômodo era forte. Mesmo em seu estado enfraquecido, ele se debateu e lutou. Tive que canalizar meu poder divino para mantê-lo submerso, e, ao fazer isso, devo ter revelado minha verdadeira identidade.

Ele ficou parado, os olhos azuis arregalados de surpresa e decepção. Não conseguiu falar, mas movimentou os lábios e formou as palavras *Você. Me. Abençoou.*

A acusação arrancou um soluço da minha garganta. No dia em que o pai dele morreu, prometi a Cômodo: *Você sempre vai ter minhas bênçãos.* Agora, eu estava encerrando o reinado dele. Estava interferindo em questões mortais, não só para salvar vidas, ou para salvar Roma, mas porque não conseguiria suportar ver meu belo Cômodo morrer nas mãos de outra pessoa.

O último suspiro dele borbulhou pelos fios da barba. Fiquei curvado sobre a banheira, chorando, as mãos em volta da garganta dele, até a água esfriar.

Britomártis estava errada. Eu não tinha medo de água. Só não conseguia olhar para lagos, lagoas ou qualquer coisa do tipo sem imaginar o rosto de Cômodo, ferido pela traição, me encarando.

A visão sumiu. Meu estômago se contraiu. Eu me vi agachado próximo a outro recipiente com água, um localizado na Estação Intermediária.

Não sei bem quanto tempo fiquei ali, tremendo, com ânsia de vômito, desejando poder me livrar da minha casca mortal horrenda com a mesma facilidade com que me livrei do conteúdo do meu estômago. Depois de um tempo me dei conta de um reflexo laranja na água da privada. Agamedes estava atrás de mim, segurando a Bola 8 Mágica.

Soltei um resmungo de protesto.

— Você precisa mesmo se esgueirar atrás de mim quando estou vomitando? Sério?

O fantasma sem cabeça me entregou a esfera mágica.

— Papel higiênico seria mais útil — falei.

Agamedes esticou a mão para pegar o rolo, mas os dedos etéreos atravessaram o papel. Era estranho que ele conseguisse segurar a Bola 8 Mágica e não um rolo de papel higiênico. Talvez nossas anfitriãs tivessem preferido não gastar dinheiro com o rolo extramacio de folha dupla adequado a fantasmas.

Peguei a bola. Sem muita convicção, perguntei:

— O que você quer, Agamedes?

A resposta flutuou no líquido escuro: NÓS NÃO PODEMOS FICAR.

Grunhi.

— Não outro aviso de desgraça, por favor. Quem somos *nós*? Ficar onde?

Balancei a bola mais uma vez. A esfera exibiu a resposta: A PERSPECTIVA NÃO PARECE MUITO BOA.

Devolvi a Bola 8 Mágica para Agamedes, e foi como colocar a mão para fora de um veículo em movimento e sentir o vento na pele.

— Não posso brincar de adivinhação agora, Gasparzinho.

Ele não tinha rosto, mas pela postura percebi seu desamparo. O sangue do pescoço cortado escorria lentamente pela túnica. Imaginei a cabeça de Trofônio no corpo dele, os gritos agonizantes do meu filho para os céus: *Me leve no lugar dele! Salve-o, Pai, por favor!*

Então me veio à mente o rosto de Cômodo me encarando, magoado e traído, enquanto a carótida pulsava nas minhas mãos. *Você. Me. Abençoou.*

Chorei e abracei a privada, a única coisa no universo que não estava girando. Havia *alguém* que eu não tivesse traído e decepcionado? Algum relacionamento que eu não tivesse destruído?

Depois de uma eternidade miserável no meu universo particular do banheiro, uma voz surgiu atrás de mim.

— Ei.

Pisquei para afastar as lágrimas. Agamedes e sua bola mágica tinham sumido. No lugar dele, encostada na pia, estava Josephine. Ela me ofereceu um rolo novo de papel higiênico.

— Você devia estar no banheiro masculino? — perguntei, fungando.

Ela riu.

— Não seria a primeira vez, mas nossos banheiros são unissex.

Limpei o rosto e as roupas. Não consegui muito além de me encher de papel higiênico.

Josephine me ajudou a sentar na privada. Ela me garantiu que isso era melhor do que abraçar o vaso, embora, no momento, eu visse pouca diferença.

— O que aconteceu com você? — perguntou ela.

Sem preocupações com a minha dignidade, eu contei para ela.

Josephine tirou um pano do bolso do macacão. Molhou na pia e

começou a limpar as laterais do meu rosto, nos lugares que não alcancei. Ela me tratou como se eu fosse sua Georgie de sete anos, ou mais uma de suas torres de bestas mecânicas: uma coisa preciosa, mas que dá trabalho.

— Não vou julgar você, Raio de Sol. Já fiz algumas coisas bem ruins na vida também.

Observei seu rosto, o queixo quadrado, o brilho metálico do cabelo grisalho na pele negra. Ela parecia tão gentil e afável, mas, assim como acontecia com o dragão Festus, às vezes eu tinha que parar e me forçar a lembrar: *Ah, certo, é uma máquina de morte gigante que cospe fogo.*

— Leo mencionou gângsteres — relembrei. — Al Capone?

Josephine deu um sorrisinho.

— Pois é. Al. E Diamond Joe. E Papa Johnny. Conheci todos os chefões da máfia. Eu era, como é que se diz? A conexão de Al com os fabricantes negros de bebidas alcoólicas.

Apesar de estar meio para baixo, não consegui deixar de sentir uma fagulha de fascinação. A Era do Jazz era uma das minhas favoritas, porque… bom, teve o jazz.

— Para uma mulher nos anos 1920, isso é impressionante.

— Acontece que eles nunca souberam que eu era mulher — explicou Jo.

Pensei em Jo com sapatos pretos de couro, um terno risca de giz, um alfinete de gravata de diamante e um chapéu fedora preto, com a submetralhadora, Pequena Bertha, encostada no ombro.

— Entendi.

— Me chamavam de Big Jo. — Ela olhou para a parede, pensativa. Talvez fosse só meu estado mental alterado, mas a imaginei como Cômodo, jogando uma jarra com tanta força que racharia os azulejos. — Aquele estilo de vida… era contagiante, perigoso. Me levou para um caminho sombrio, quase me destruiu. Mas Ártemis me encontrou e me ofereceu uma saída.

Eu me lembrei de Hemiteia e de sua irmã Parteno se jogando de um penhasco, em uma época em que a vida das mulheres era mais dispensável do que jarros de vinho.

— Minha irmã salvou muitas jovens de situações horríveis.

— Sim. — Jo deu um sorriso melancólico. — E Emmie salvou minha vida de novo.

— Mas vocês duas podiam ser imortais — resmunguei. — Podiam ter juventude, poder, vida eterna…

— Verdade — concordou Josephine. — Mas não teríamos passado as últimas décadas envelhecendo juntas. Tivemos uma vida boa aqui. Salvamos muitos semideuses e outros excluídos, os instruímos na Estação Intermediária, deixamos que frequentassem a escola e

tivessem uma infância mais ou menos normal, criamos adultos que partiram para o mundo com as habilidades de que eles precisavam para sobreviver.

Balancei a cabeça.

— Não entendo. Comparar isso com a imortalidade não faz sentido.

Josephine deu de ombros.

— Tudo bem você não entender. Mas quero que você saiba que Emmie não abriu mão do seu dom divino por algo fútil. Depois de mais de sessenta anos vivendo com as Caçadoras, nós descobrimos uma coisa. Não é por quanto tempo você vive que importa. É aquilo pelo que você vive.

Franzi a testa. Era um jeito nada divino de pensar, como se você só pudesse ter imortalidade *ou* uma vida com propósito, mas não as duas coisas.

— Por que você está me dizendo isso? — perguntei. — Está tentando me convencer de que eu devia ficar como… como essa abominação? — Indiquei meu corpo mortal patético.

— Não estou dizendo para você o que fazer. Mas esse pessoal todo, Leo, Calipso, Meg, eles precisam de você. Estão contando com você. Emmie e eu também, para trazer nossa filha de volta. Você não precisa ser um deus. Só faça o melhor que puder pelos seus amigos.

— Eca.

Jo riu.

— Houve uma época em que esse tipo de discurso também me faria vomitar. Eu achava que amizade era uma armadilha. A vida era cada mulher por si. Mas quando entrei para as Caçadoras, Lady Britomártis me disse uma coisa. Você sabe como ela virou deusa?

Pensei por um momento.

— Ela era uma jovem donzela fugindo do rei de Creta. Para se esconder, pulou em uma rede de pesca no porto, não foi isso? Em vez de se afogar, foi transformada.

— Certo. — Jo entrelaçou os dedos. — Redes podem ser armadilhas. Mas também podem ser redes de *segurança*. Você só precisa saber quando pular nelas.

Eu a encarei. Esperei um momento de revelação, quando tudo fosse fazer sentido e meu espírito se elevaria.

— Desculpe — falei, por fim. — Não tenho ideia do que isso quer dizer.

— Tudo bem. — Ela estendeu a mão. — Vamos tirar você daqui.

— Sim — concordei. — Eu gostaria de uma boa noite de sono antes de partirmos amanhã.

Jo deu seu sorriso mais afável de máquina assassina.

— Ah, não. Nada de dormir ainda. Você tem suas tarefas da tarde para fazer, amigão.

20

Ferro nas canelas
Pedalando com estilo
Mais um deus aos gritos

PELO MENOS NÃO PRECISEI limpar as privadas.

Passei a tarde no ninho dos grifos, tocando música para Heloísa, acalmando-a enquanto ela botava o ovo. Ela gostou de Adele e de Joni Mitchell, o que forçou consideravelmente minhas cordas vocais, mas não curtiu a minha imitação de Elvis Presley. Os gostos musicais dos grifos são um mistério.

Em determinado momento, vi Calipso e Leo no salão, andando com Emmie, os três conversando, absortos. Agamedes flutuava para lá e para cá pelo salão, contorcendo as mãos. Tentei não pensar na mensagem da Bola 8 Mágica: NÓS NÃO PODEMOS FICAR, que não era animadora nem útil para alguém que estava tentando tocar uma música que combinasse com botar ovos.

Cerca de uma hora depois que comecei minha segunda *setlist*, Jo voltou a trabalhar no rastreador, o que me obrigou a encontrar canções que soassem bem com o barulho de um maçarico. Ainda bem que Heloísa gostou de Patti Smith.

A única pessoa que *não* vi durante a tarde foi Meg. Presumi que estivesse no telhado, fazendo o jardim crescer em um ritmo cinco vezes mais rápido do que o normal. De vez em quando, eu olhava para cima, me perguntando quando o telhado iria desabar e me enterrar em nabos.

Na hora do jantar, meus dedos estavam com bolhas de tanto tocar o ukulele de combate. Minha garganta parecia o Vale da Morte. No entanto, Heloísa estava piando com alegria em cima do ovo recém-botado.

Eu me sentia surpreendentemente melhor. Música e cura, afinal, não eram tão diferentes. Eu me perguntei se Jo havia me mandado até o ninho não só para ajudar Heloísa, mas para meu próprio bem. Aquelas mulheres da Estação Intermediária eram ardilosas.

Naquela noite, dormi como um morto, um *de verdade*, não do tipo inquieto, sem cabeça e alaranjado. Ao amanhecer, armados com as instruções de Emmie para chegar ao Canal Walk, Meg, Leo e eu já estávamos prontos para percorrer as ruas de Indianápolis.

Antes de sairmos, Josephine falou comigo em separado:

— Eu queria ir com vocês, Raio de Sol. Vou fazer o possível para treinar sua amiga Calipso hoje de manhã, para ver se ela consegue

recuperar o controle sobre sua magia. Enquanto você estiver fora, vou me sentir melhor se usar isto.

Ela me deu uma algema de ferro.

Observei o rosto dela, mas ela não parecia estar brincando.

— Isso é um grilhão de grifo.

— Não! Eu nunca faria um grifo usar um grilhão.

— Mas você está dando um para *mim*. Não é o que prisioneiros usam?

— Não é a mesma coisa. Isto é o rastreador em que eu estava trabalhando.

Ela pressionou uma pequena cavidade na beirada do grilhão. Com um *clique*, asas metálicas se abriram dos dois lados, zumbindo como as asas de um beija-flor. O negócio quase pulou das minhas mãos.

— Ah, não — protestei. — *Não* me peça para usar um dispositivo alado. Hermes me enganou uma vez e acabou me convencendo a usar os sapatos dele. Cochilei em uma rede em Atenas e acordei na Argentina. Nunca mais vou cometer esse erro.

Jo desligou as asas.

— Você não precisa voar. A ideia inicial era fazer *duas* tornozeleiras, mas não tive tempo. Eu ia mandá-las para… — ela fez uma pausa, tentando controlar as emoções — … para procurar Georgina e trazê-la para casa. Como não posso fazer isso, se você tiver problemas, se a encontrar… — Jo apontou para uma segunda cavidade no grilhão. — Isso ativa o sinalizador. Vai me dizer onde você está e aí, acredite em mim, vamos mandar reforços.

Eu não sabia como Josephine conseguiria fazer aquilo. Elas não tinham uma cavalaria. Eu também não queria usar um dispositivo de rastreamento, por uma questão de princípios. Era contra a própria natureza de ser Apolo. Eu *sempre* devia ser a fonte de luz mais óbvia e mais brilhante no mundo. Se fosse preciso me procurar, alguma coisa estava errada.

Por outro lado, Josephine estava me olhando do mesmo jeito que minha mãe, Leto, sempre olhava quando tinha medo de eu ter me esquecido de escrever uma música nova para ela no Dia das Mães. (É uma espécie de tradição. E, sim, eu sou um filho maravilhoso, obrigado.)

— Muito bem.

Prendi o grilhão no tornozelo. Ficou um pouco apertado, mas pelo menos dava para esconder embaixo da barra da calça jeans.

— Obrigada. — Jo encostou a testa na minha. — Não morra.

Ela deu meia-volta e saiu andando com determinação para a oficina, sem dúvida ansiosa para criar mais dispositivos que servissem para me prender.

* * *

Meia hora depois, descobri uma coisa importante: nunca use um grilhão de ferro enquanto anda de pedalinho.

Nosso meio de transporte foi ideia de Leo. Quando chegamos às margens do canal, ele descobriu uma barraca que alugava pedalinhos, mas que estava fechada para a temporada. Ele decidiu "pegar emprestado" um pedalinho azul-petróleo e insistiu que o chamássemos de Temível Pirata Valdez. (Meg adorou isso. Eu me recusei.)

— É o melhor jeito de encontrar a tal grade da entrada secreta — garantiu ele enquanto estávamos pedalando. — Estamos no nível da água agora, não dá para não ver. Além do mais, estamos tirando a maior onda!

Meu conceito de tirar onda era obviamente bem diferente do dele.

Leo e eu ficamos na frente, pedalando. Sob o grilhão de ferro, meu tornozelo parecia estar sendo arrancado aos poucos por um dobermann. Minhas panturrilhas queimavam. Eu não entendia por que os mortais pagavam para ter essa experiência. Se o barquinho fosse puxado por hipocampos, talvez, mas trabalho físico? Argh.

Enquanto isso, no banco de trás, Meg observava a paisagem. Ela alegou que estava procurando a entrada secreta do esgoto, mas parecia mesmo estar relaxando.

— E aí, o que rola entre você e o imperador? — perguntou Leo, pedalando alegremente, como se o esforço não o incomodasse em nada.

Sequei a testa suada.

— Não sei do que você está falando.

— Pare com isso, cara. No jantar, quando Meg começou a gritar sobre cômodas, você saiu correndo para o banheiro e botou tudo pra fora.

— Eu não botei tudo pra fora. Eu praticamente *arremessei.*

— Desde aquela hora, você anda muito quieto.

Ele tinha razão. Ficar quieto não era algo típico de Apolo. Normalmente, eu tinha tantas coisas interessantes para dizer e músicas lindas para cantar. Percebi que devia contar para os meus companheiros sobre o imperador. Eles mereciam saber para onde nossas pedaladas nos levariam. Mas articular as palavras era difícil.

— Cômodo me culpa pela morte dele — falei.

— Por quê? — perguntou Meg.

— Provavelmente porque eu o matei.

— Ah. — Leo assentiu, compreensivamente. — Faz sentido.

Consegui narrar a história. Não foi fácil. Fiquei imaginando o corpo de Cômodo deslizando sob a superfície do canal, pronto para se erguer das profundezas verdes e geladas e me acusar de traição. *Você. Me.*

Abençoou.

Quando terminei a falação, Leo e Meg ficaram em silêncio. Nenhum dos dois gritou *Assassino!*, mas também nenhum dos dois me olhou nos olhos.

— Que difícil, cara — disse Leo. — Mas parece que o Imperador Incômodo precisava morrer.

Meg fez um som que lembrava o espirro de um gato.

— É *Cômodo.* Ele é bonito, aliás.

Olhei para trás.

— Você o conheceu?

Meg deu de ombros. Em algum momento no dia anterior, uma pedrinha brilhante caiu da moldura dos óculos dela, como se uma estrela tivesse se apagado para sempre. Fiquei aborrecido por ter reparado em um detalhe tão pequeno.

— Eu o encontrei uma vez. Em Nova York. Ele visitou meu padrasto.

— Nero — pedi. — Chame-o de Nero.

— É. — Manchas vermelhas apareceram nas bochechas dela. — Cômodo era bonito.

Revirei os olhos.

— Ele também é vaidoso, orgulhoso, egoísta…

— Então ele é tipo seu rival? — perguntou Leo.

— Ah, cala a boca.

Por um tempo, o único som no canal era o do movimento do nosso pedalinho. Ecoava nas margens de três metros de altura e pelas laterais dos armazéns de tijolo que estavam sendo transformados em condomínios e restaurantes. As janelas escuras dos prédios nos olhavam, me deixando ao mesmo tempo com uma sensação de claustrofobia e exposição.

— Uma coisa que não entendo — disse Leo. — Por que Cômodo? Se esse Triunvirato é formado pelos três maiores e mais cruéis imperadores, o *dream team* de supervilões… Nero faz sentido. Mas o Incômodo? Por que não um cara mais malvado, mais famoso, como Máximo Matador ou Átila, o Huno?

— Átila, o Huno não foi um imperador romano — expliquei. — Quanto a Máximo Matador… Bom, é um ótimo nome, mas não um imperador de verdade. Quanto a por que Cômodo é parte do Triunvirato…

— Acham que ele é fraco — disse Meg.

Ela manteve o olhar nas águas agitadas pelo nosso pedalinho, como se visse seus próprios fantasmas sob a superfície.

— Como você sabe disso? — perguntei.

— Meu pa… Nero me contou. Ele e o terceiro, o imperador do Oeste, queriam Cômodo entre os dois.

— O terceiro imperador — falei. — Você sabe quem é?

Meg franziu a testa.

— Só o vi uma vez. Nero nunca usou o nome dele. Só o chamava de *meu parente*. Acho que até Nero tem medo dele.

— Fantástico — murmurei.

Qualquer imperador que intimidasse Nero não era alguém que eu quisesse conhecer.

— Então Nero e o sujeito do Oeste querem que Cômodo aja como um amortecedor entre os dois. Tipo a Suíça, alguém neutro — concluiu Leo.

Meg esfregou o nariz.

— É. Nero me disse… Ele falou que Cômodo era como Pêssego. Um bichinho feroz. Mas controlável.

A voz dela tremeu ao falar o nome do companheiro *karpos*.

Eu fiquei com medo de Meg me mandar dar um tapa na cara ou pular no canal, mas perguntei:

— Onde *está* Pêssego?

Ela fez um biquinho.

— O Besta…

— Nero — corrigi delicadamente.

— Nero o pegou. Ele disse… disse que eu não merecia ter um bichinho enquanto não me comportasse.

A raiva me fez pedalar mais rápido, me fez quase gostar da dor do grilhão esfolando meu tornozelo. Eu não sabia como Nero conseguiu aprisionar o espírito, mas entendia por que ele fez aquilo. Queria que Meg dependesse totalmente dele. Ela não tinha permissão de ter bens próprios, amigos próprios. Tudo na vida dela tinha que ser contaminado pelo veneno de Nero.

Se ele botasse as mãos em mim, sem dúvida me usaria da mesma forma. Fossem quais fossem as torturas horríveis que ele tinha planejado para Lester Papadopoulos, não seriam tão ruins quanto o que ele havia feito com Meg. Ele ainda a faria se sentir responsável por minha dor e morte.

— Vamos recuperar Pêssego — prometi.

— É, *chica* — concordou Leo. — O Temível Pirata Valdez nunca abandona um membro da tripulação. Não se preocupe com…

— Pessoal. — A voz de Meg ficou tensa. — O que é aquilo?

Ela apontou para estibordo. Uma série de ondulações surgiu na água verde, como se uma flecha tivesse sido disparada e percorrido a superfície.

— Você viu o que era? — perguntou Leo.

Meg assentiu.

— Uma… uma barbatana, talvez? Canais têm peixes?

Eu não sabia a resposta, mas não gostei do tamanho das ondas.

Minha garganta parecia estar abrigando brotos de trigo.

Leo apontou para a frente.

— Ali.

Bem na nossa frente, um centímetro abaixo da superfície, escamas verdes ondularam e submergiram.

— Isso não é um peixe — falei, me odiando por ser tão perceptivo. — Acho que é outra parte da mesma criatura.

— Daquela ali? — Meg apontou para estibordo de novo. As duas agitações na água aconteceram com pelo menos doze metros de distância uma da outra. — Isso quer dizer que a criatura é maior do que o pedalinho.

Leo observou a água.

— Apolo, alguma ideia do que é essa coisa?

— Só um palpite. Vamos torcer para eu estar errado. Pedale mais rápido. Temos que encontrar a tal grade.

21

Uma legião
E toneladas de pedras
Amo muito isso

NÃO GOSTO DE SERPENTES.

Desde minha famosa batalha com Píton, eu passei a ter fobia de criaturas reptilianas escamosas. (E pode incluir aí minha madrasta, Hera. AHÁ!) Eu não suportava nem as cobras do caduceu de Hermes, George e Martha. Eram até simpáticas, mas ficavam atrás de mim *dia e noite*, implorando para que eu escrevesse uma música para elas sobre a alegria de comer ratos, uma alegria que eu não sentia.

Eu disse a mim mesmo que a criatura no canal não era uma serpente aquática. A água era fria demais, não devia haver muitos peixes suculentos para ela comer.

Por outro lado, eu conhecia Cômodo. Ele amava colecionar monstros exóticos, e logo me veio à mente uma serpente em particular que ele amaria, uma que poderia sobreviver facilmente comendo deliciosos passageiros de pedalinho…

Apolo mau!, pensei, afastando aquele pensamento. *Concentre-se na sua missão!*

Nós seguimos por mais uns quinze metros, e eu comecei a me perguntar se tinha exagerado na preocupação. Talvez o monstro não passasse de um jacaré de estimação abandonado pelos donos. Tinha isso no Meio-Oeste? Uns muito educados, talvez?

Leo me cutucou.

— Olha ali.

Na margem mais distante, vi um arco de alvenaria acima de uma velha adutora de esgoto, a entrada bloqueada por grades douradas.

— Quantos esgotos você já viu com grades douradas? — perguntou Leo. — Aposto que aquela entrada vai direto para o palácio do imperador.

Franzi a testa.

— Isso foi fácil demais.

— Ei. — Meg cutucou minha nuca. — Lembra o que Percy disse pra gente? Nunca diga coisas como *Conseguimos* ou *Foi fácil*. Vai dar azar!

— Minha existência toda é um azar.

— Pedale mais rápido.

Como foi uma ordem direta de Meg, eu não tinha escolha. Minhas pernas já estavam virando carvões em brasa, mas eu acelerei. Leo desviou nosso navio pirata de plástico azul-petróleo na direção da

entrada de esgoto.

Estávamos a três metros quando acionamos a Primeira Lei de Percy Jackson. Nosso azar pulou da água na forma de um arco cintilante com pele de serpente.

Talvez eu tenha gritado. Leo berrou um aviso totalmente inútil:

— Cuidado!

O barco se inclinou para o lado. Mais arcos de dorso de serpente surgiram ao nosso redor, colinas ondulantes verdes e marrons cobertas de nadadeiras serrilhadas. As lâminas gêmeas de Meg surgiram com um brilho. Ela tentou ficar de pé, mas o pedalinho virou, nos jogando em uma explosão verde e fria de bolhas e membros se debatendo.

Meu único consolo: o canal não era fundo. Meus pés encontraram o chão, e consegui me levantar ofegando e tremendo, com água até os ombros. Uma parte do corpo da serpente, com um metro de diâmetro, envolveu o pedalinho e o espremeu. O casco implodiu, pedaços de plástico azul-petróleo se espalhando pelo ar. Um estilhaço quase acertou meu olho esquerdo.

Leo apareceu na superfície, o queixo quase debaixo da água. Ele foi até a grade do esgoto, subindo em um pedaço de serpente que estava no caminho. Meg, abençoado seja seu coração heroico, atacou o monstro, mas suas espadas não tiveram muito sucesso na pele lisa e escorregadia.

Então a cabeça da criatura irrompeu da água, e perdi todas as esperanças de chegar em casa a tempo de comer enchilada de tofu.

A cabeça triangular do monstro era tão larga que podia servir de estacionamento para um carro compacto. Os olhos brilhavam em um tom tão laranja quanto o de Agamedes. Quando abriu a bocarra, eu me lembrei de outro motivo pelo qual odiava serpentes. O bafo era pior do que o cheiro das roupas de Hefesto depois de um dia de trabalho.

A criatura tentou morder Meg. Apesar de estar com água até o pescoço, ela conseguiu enfiar a lâmina esquerda no olho da serpente.

O monstro jogou a cabeça para trás e sibilou, formando um redemoinho de pele de serpente que me derrubou e me fez submergir mais uma vez.

Quando voltei à superfície, Meg McCaffrey estava ao meu lado, o peito subindo e descendo enquanto ela tentava respirar, os óculos tortos e cobertos por água verde do canal. A cabeça da serpente balançava de um lado para o outro, como se tentando jogar longe a cegueira do olho machucado. O maxilar bateu no prédio mais próximo, quebrando janelas e enchendo a parede de rachaduras. Uma faixa no alto dizia QUASE PRONTO! Eu esperava que isso indicasse que o prédio estava vazio.

Leo alcançou a grade. Passou os dedos pelas barras douradas, talvez

procurando botões, interruptores ou armadilhas. Meg e eu estávamos agora a dez metros dele, uma distância enorme quando havia uma serpente no caminho.

— Anda logo! — gritei para ele.

— Nossa, valeu! — respondeu ele. — Eu nem tinha pensado nisso.

O canal se agitou quando a serpente movimentou o corpo. A cabeça surgiu dois andares acima de nós. O olho direito tinha ficado escuro, mas a íris brilhante da esquerda e a bocarra horrenda me lembraram aquelas abóboras que os mortais enfeitam no Halloween. Que tradição boba. Eu sempre preferi correr por aí com minha fantasia de pele de cabra na Februália. Era bem mais digno.

Meg espetou a barriga da criatura. A lâmina dourada só produziu fagulhas.

— O que é essa coisa? — perguntou ela.

— A Serpente Cartaginense — falei. — Uma das feras mais temíveis a enfrentar as tropas romanas. Na África, quase afogou uma legião inteira de…

— Não tô nem aí. — Meg e a serpente se olharam com cautela, como se um monstro gigante e uma garotinha de doze anos fossem oponentes à altura. — Como eu mato esse bicho?

Minha mente disparou. Eu não raciocinava muito bem em momentos de pânico, o que resumia a maioria das situações em que estive recentemente.

— Eu… eu acho que a legião a esmagou com milhares de pedras.

— Eu não tenho uma legião — disse Meg. — Nem milhares de pedras.

A serpente sibilou novamente, borrifando veneno no canal. Puxei meu arco, mas me deparei com aquele probleminha chato de *manutenção* outra vez. Um arco e uma flecha molhados eram algo problemático, principalmente se eu planejava acertar um alvo pequeno como o outro olho da serpente. E havia toda a parte física de atirar com água até os ombros.

— Leo — chamei.

— Quase! — Ele bateu com uma chave inglesa na grade. — Continuem distraindo a fera!

Engoli em seco.

— Meg, se você puder perfurar o outro olho ou a boca...

— Enquanto você faz o quê? Se esconde?

Aquela garota realmente conseguia entrar na minha cabeça. Que ódio.

— Claro que não! Vou estar, hã…

A serpente atacou. Meg e eu mergulhamos em direções opostas. A cabeça da criatura provocou um tsunami entre nós, me fazendo girar e dar piruetas sob a água. Engoli alguns litros de esgoto e subi cuspindo,

mas engasguei de horror quando vi Meg presa no rabo da serpente. O monstro a ergueu até a altura do olho que restava. Meg se debatia e atacava, mas ele a manteve longe, olhando para ela como quem pensa: *O que é essa coisa colorida com cor de sinal de trânsito?*

De repente, começou a espremer.

— Consegui! — gritou Leo.

Clang. As barras douradas se abriram.

Leo se virou, todo orgulhoso, mas então viu Meg.

— Nada disso!

Ele levantou uma das mãos e tentou conjurar fogo. Só conseguiu uma baforada de vapor. Lançou a chave inglesa, que quicou na serpente sem causar dano algum.

A cauda da cobra apertou a cintura de Meg, deixando seu rosto vermelho-tomate. Ela bateu com a espada no monstro. Nem um arranhãozinho.

Fiquei paralisado, sem conseguir ajudar, sem conseguir pensar.

Sabia como uma serpente daquelas era forte. Me lembrei de quando Píton me capturou, minhas costelas divinas estalando, meu ícor divino espremido na cabeça e ameaçando jorrar pelas orelhas.

— Meg! — gritei. — Aguenta aí!

Ela olhou para mim de cara feia, os olhos saltados, a língua inchada, como se pensando *E eu tenho escolha?*

A serpente me ignorou, sem dúvida interessada demais em despedaçar Meg como havia feito com o pedalinho. Atrás da cabeça da cobra estava a fachada destruída do prédio residencial, e a entrada do esgoto ficava logo à direita.

Eu sabia que a legião romana que lutara com aquela coisa jogara uma chuva de pedras nela. Se ao menos aquela parede de tijolos fosse da Estação Intermediária, eu poderia mandar…

A ideia me agarrou como se fosse uma serpente.

— Leo! — gritei. — Entre no túnel!

— Mas…

— Vá!

Alguma coisa começou a inflar no meu peito. Eu esperava que fosse poder, e não o meu café da manhã.

Enchi os pulmões e gritei no barítono que costumava reservar para óperas italianas:

— VÁ EMBORA, COBRA! EU SOU APOLO!

A frequência foi perfeita.

A parede tremeu e rachou. Uma cortina de três andares de tijolos se soltou e desabou nas costas da serpente, fazendo sua cabeça afundar. A cauda afrouxou, e Meg mergulhou no canal.

Ignorando a chuva de tijolos, eu me adiantei (de forma muito corajosa, acho eu) e puxei Meg para a superfície.

— Anda, pessoal! — gritou Leo. — A grade está fechando de novo!

Arrastei Meg para o esgoto (porque é para isso que os amigos servem), enquanto Leo tentava segurar a grade aberta com uma chave de roda.

Que os deuses abençoem esses corpos magrelos mortais! Nós passamos bem na hora que a grade fechou.

Lá fora, a serpente surgiu novamente depois do batismo de tijolos. Sibilou e bateu a cabeça meio cega na grade, mas achamos melhor não ficar ali para bater papo. Seguimos em frente, na escuridão das águas do imperador.

22

Arraso no poema
Sobre a beleza do esgoto
É bem curto. Acabou

AO ANDAR COM ÁGUA congelante até os ombros, fiquei até com saudades do Zoológico de Indianápolis. Ah, os simples prazeres da vida, como se esconder de germânicos assassinos, destruir trenzinhos e fazer serenata para grifos zangados!

O som da serpente batendo na grade foi ficando para trás aos poucos. Andamos por tanto tempo que fiquei com medo de morrermos de hipotermia antes de alcançarmos nosso destino. Mas aí vi uma pequena câmara mais elevada na lateral do túnel, talvez uma antiga plataforma de serviço. Saímos da água verde, imunda e gelada para descansar. Meg e eu nos encostamos um no outro enquanto Leo tentava fazer fogo.

Na terceira tentativa, sua pele crepitou, chiou e finalmente se acendeu em chamas.

— Se aproximem, crianças. — O sorriso dele parecia diabólico com o fogo laranja se espalhando pelo rosto. — Não tem nada como um Leo ardente para aquecer vocês!

Tentei chamá-lo de idiota, mas meus dentes estavam batendo tanto que só saiu:

— Id… id… id… id… id…

O lugar logo estava carregado com o cheiro de Meg e Apolo requentados: maçãs assadas, mofo, cecê e só um toque de magnificência. (Vou deixar você adivinhar qual aroma foi a *minha* contribuição.) Meus dedos foram de azul a cor-de-rosa novamente. Consegui voltar a sentir as pernas o suficiente para ficar incomodado com o grilhão de ferro me esfolando. Até consegui falar sem gaguejar.

Quando Leo nos julgou secos o bastante, apagou sua fogueira pessoal.

— Ei, Apolo, mandou bem.

— Com o quê? — perguntei. — O afogamento? Os berros?

— Que nada, cara. O jeito como você derrubou aquela parede. Você devia fazer isso mais vezes.

Puxei um pedaço de plástico azul-petróleo que estava grudado no meu casaco.

— Como um semideus irritante me disse uma vez: *Nossa, por que eu não pensei nisso?* Já expliquei, não consigo controlar esses surtos de poder. De alguma forma, naquele momento, encontrei minha voz

divina. A argamassa usada nos tijolos ressoa a determinada frequência. É melhor manipulada por um barítono com cento e vinte e cinco decibéis…

— Você me salvou — interrompeu Meg. — Eu ia morrer. Pode ter sido por isso que você recuperou sua voz.

Eu estava relutante em admitir, mas ela talvez estivesse certa. Na última vez em que tive uma explosão de poder divino, na floresta do Acampamento Meio-Sangue, meus filhos Kayla e Austin estavam prestes a serem queimados vivos. Fazia sentido que a preocupação com os outros agisse como um gatilho para os meus poderes. Afinal, eu era altruísta, atencioso e um cara muito legal. Ainda assim, achei irritante que meu *próprio* bem-estar não fosse suficiente para me dar força divina. Minha vida também era importante!

— Bom — falei —, estou feliz por você não ter morrido esmagada, Meg. Algum osso quebrado?

Ela tocou na caixa torácica.

— Não. Estou bem.

Os movimentos rígidos, a pele pálida e os olhos entreabertos me indicavam outra coisa. Ela estava com mais dor do que admitiria. No entanto, até voltarmos para a enfermaria da Estação Intermediária, não havia muito o que fazer por ela. Mesmo se eu tivesse um kit de primeiros socorros adequado, enfaixar as costelas de uma garota que quase morreu esmagada poderia atrapalhar mais do que ajudar.

Leo olhou para a água verde-escura. Parecia mais pensativo do que o habitual, ou talvez só desse essa impressão porque não estava mais em chamas.

— Em que você está pensando? — perguntei.

Ele olhou para mim, sem comentário mordaz, sem sorriso brincalhão.

— Apenas… Oficina Leo e Calipso: conserto de automóveis e de monstros mecânicos.

— O quê?

— Uma brincadeira que eu e Cal fazíamos.

Não pareceu muito engraçado. Por outro lado, o humor mortal nem sempre chegava aos meus padrões divinos. Eu me lembrei de Calipso e Leo conversando com Emmie no dia anterior, enquanto andavam pelo salão.

— Tem alguma coisa a ver com o que Emmie estava dizendo para vocês? — arrisquei.

Leo deu de ombros.

— Coisas para o futuro. Nada com que se preocupar.

Como um ex-deus da profecia, sempre considerei o futuro uma fonte maravilhosa de preocupação. Mas decidi não insistir no assunto. Agora, o único objetivo futuro que importava era me levar de volta ao

Monte Olimpo para que o mundo pudesse mais uma vez apreciar minha glória divina. Eu tinha que pensar no bem maior.

— Bem — falei —, agora que estamos aquecidos e secos, acho que está na hora de voltar para a água.

— Divertido — disse Meg. Ela pulou primeiro.

Leo foi na frente, mantendo uma das mãos em chamas acima da água para iluminar o caminho. De tempos em tempos, pequenos objetos saíam flutuando dos bolsos do cinto de ferramentas dele e passavam por mim: rolos de velcro, bolinhas de isopor, até alguns daqueles arames que se usa para fechar embalagem de pão.

Meg protegia nossa retaguarda, as espadas gêmeas brilhando na escuridão. Eu reconhecia que ela era habilidosa ao lutar, mas *queria* que tivéssemos uma ajudinha extra. Um semideus filho da deusa dos esgotos Cloacina seria bom… E olha que esta é a primeira vez que tive *esse* pensamento deprimente.

Eu me arrastava no meio, tentando evitar lembranças da minha viagem indesejada por uma dependência de tratamento de esgotos em Biloxi, Mississippi, anos atrás. (Aquele dia teria sido um desastre total, se não fosse o show improvisado que fiz com o Lead Belly.)

A correnteza se tornou mais forte, nos empurrando. À frente, percebemos o brilho de luzes elétricas, o som de vozes. Leo apagou o fogo da mão. Virou-se para nós e levou um dedo aos lábios.

Depois de seis metros, chegamos a um segundo conjunto de barras douradas. Além delas, o esgoto se abria em um espaço bem mais amplo, no qual a água corria na contracorrente, parte entrando no nosso túnel. Era mais difícil ficar de pé com a força do fluxo.

Leo apontou para a grade dourada.

— Isso funciona à base de uma tranca de clepsidra — disse ele baixinho, para que só a gente ouvisse. — Acho que consigo abrir sem fazer barulho, mas fiquem de olho só para o caso de… sei lá… serpentes gigantes.

— Temos fé em você, Valdez.

Eu não tinha ideia do que era uma tranca de clepsidra, mas, convivendo com Hefesto, aprendi que era melhor demonstrar otimismo e, como manda a educação, certo interesse, senão o funileiro se ofendia e parava de fazer brinquedos novinhos em folha com que eu pudesse brincar.

Não demorou muito para Leo destrancar a grade. Nenhum alarme soou. Nenhuma mina naval explodiu na nossa cara.

Entramos na sala do trono que havia aparecido na minha visão.

Felizmente, estávamos com água até o pescoço em um dos canais abertos que ladeavam a câmara, então eu duvidava que alguém pudesse nos ver com facilidade. Junto à parede atrás de nós, vídeos de Cômodo passavam sem parar nas telas gigantes.

Seguimos com dificuldade até o outro lado do canal.

Se você já tentou andar imerso em uma correnteza forte, sabe como é difícil. Além do mais, se você já tentou fazer isso, posso perguntar *por quê*? É completamente exaustivo. A cada passo, eu temia que o fluxo fosse me levar e me jogar nas entranhas de Indianápolis. Mas, não sei bem como, conseguimos chegar ao outro lado.

Espiei pela beirada do canal e me arrependi na mesma hora.

Cômodo estava *bem ali*. Graças aos deuses, tínhamos parado um pouco *atrás* do trono dele, então nem ele nem os guardas germânicos nos viram. A pessoa mais detestável de Nebrasca, Litierses, estava ajoelhada em frente ao imperador, na minha direção, mas com a cabeça baixa. Eu me encolhi antes que ele pudesse me ver. Fiz um gesto para os meus amigos. *Silêncio. Droga. Nós vamos morrer*. Ou algo do gênero. Eles pareceram captar a mensagem. Tremendo muito, eu me encostei na parede e ouvi a conversa se desenrolando acima de nós.

— … parte do plano, senhor — dizia Litierses. — Agora nós sabemos onde fica a Estação Intermediária.

Cômodo grunhiu.

— Eu sei, eu sei. A antiga Union Station. Mas Cleandro revirou aquele lugar várias vezes e não encontrou nada.

— A Estação Intermediária fica lá — insistiu Litierses. — Os dispositivos de rastreamento que coloquei nos grifos funcionaram perfeitamente. O local deve estar protegido por algum tipo de magia, mas não vai resistir às escavadeiras dos *blemmyae*.

Meu coração subiu acima do nível da água, o que o deixou em algum lugar entre minhas orelhas. Não ousei olhar para os meus amigos. Eu tinha falhado novamente. Sem querer, havia entregado a localização do nosso abrigo.

Cômodo suspirou.

— Tudo bem. Mas quero Apolo capturado e trazido para mim acorrentado! A cerimônia de nomeação é amanhã. Nosso ensaio é, tipo, *agora*. Quando você consegue destruir a Estação Intermediária?

Litierses hesitou.

— Precisamos fazer um reconhecimento das defesas deles antes. E reunir nossas tropas. Dois dias?

— DOIS DIAS? Não estou pedindo para você atravessar os Alpes! Quero que aconteça *agora*!

— Amanhã no máximo, senhor, garanto — disse Litierses. — Definitivamente amanhã.

— Hum. Definitivamente estou começando a duvidar de você, filho de Midas. Se você não resolver…

Um alarme eletrônico soou na câmara. Por um momento, achei que tivéssemos sido descobertos. Posso ou não ter me aliviado um pouco

no canal. (Não conte para Leo. Ele estava corrente abaixo.)

E então, do outro lado do salão, uma voz gritou em latim:

— Incursão no portão principal!

Litierses grunhiu.

— Vou lidar com isso, senhor. Não tema. Guardas, comigo!

Passos pesados sumiram ao longe.

Olhei para Meg e Leo, que estavam me fazendo a mesma pergunta silenciosa: *Mas que Hades?*

Eu não tinha ordenado uma incursão no portão principal. Nem havia ativado o grilhão de ferro no meu tornozelo. Não sabia quem seria tolo a ponto de fazer um ataque à entrada principal desse palácio subterrâneo, mas Britomártis *tinha prometido* procurar as Caçadoras de Ártemis. Talvez aquele fosse o tipo de manobra tática que elas planejariam para tentar distrair a segurança de Cômodo e evitar que nos detectassem. Teríamos tanta sorte assim? Acho que não. Era mais provável que alguém vendendo assinatura de revista tivesse tocado a campainha do imperador e estivesse prestes a se deparar com uma recepção bem hostil.

Olhei de novo pela beirada do canal. Cômodo estava sozinho com apenas um guarda.

Talvez pudéssemos dominá-los, três contra dois?

Só que estávamos a ponto de desmaiar de hipotermia, Meg provavelmente tinha umas costelas quebradas e, no melhor dos casos, meus poderes eram imprevisíveis. No time adversário, tínhamos um assassino bárbaro treinado e um imperador semidivino com uma reputação merecida de possuir força sobre-humana. Achei melhor ficar quieto.

Cômodo olhou para o guarda-costas.

— Alaric.

— Lorde?

— Acho que sua hora está chegando. Estou ficando impaciente com meu prefeito. Há quanto tempo Litierses está no cargo?

— Um dia, meu senhor.

— Parece uma eternidade! — Cômodo bateu com o punho no braço do trono. — Assim que ele der cabo dos invasores, quero que você o mate.

— Sim, senhor.

— Quero que você dizime a Estação Intermediária *amanhã de manhã* no *máximo*. Você consegue fazer isso?

— Claro, senhor.

— Que bom! Vamos fazer a cerimônia de nomeação imediatamente em seguida, no coliseu.

— É um estádio, senhor.

— É a mesma coisa! E a Caverna da Profecia? Está segura?

Senti como se tivesse levado um choque tão forte que me perguntei se Cômodo tinha colocado enguias-elétricas no canal.

— Segui suas ordens, senhor — disse Alaric. — Os animais estão no lugar certo. A entrada está bem protegida. Ninguém vai conseguir entrar.

— Perfeito! — Cômodo ficou de pé. — Agora vamos experimentar nossos trajes de corrida para o ensaio? Mal posso esperar para refazer esta cidade à minha própria imagem!

Esperei até o som dos passos deles sumir. Espiei e não vi ninguém ali.

— Agora — falei.

Nós nos arrastamos para fora do canal e ficamos pingando e tremendo na frente do trono de ouro. Eu ainda conseguia sentir o cheiro do óleo corporal preferido de Cômodo, uma mistura de cardamomo e canela.

Meg andou para se aquecer, as espadas brilhando nas mãos.

— Amanhã de manhã? Nós temos que avisar Jo e Emmie.

— É — concordou Leo. — Mas vamos em frente com o plano. Primeiro, encontramos os prisioneiros. E aquele Trono de sei lá o quê…

— Da Memória — falei.

— É, isso. *Aí* vamos sair daqui e avisar Jo e Emmie.

— Pode não funcionar — falei, nervoso. — Já *vi* como Cômodo refaz uma cidade. Vai haver caos e espetáculo, fogo e carnificina, e muitas e *muitas* fotos de Cômodo *em toda parte*. Acrescente a isso um exército de *blemmyae* com escavadeiras…

— Apolo. — Leo, determinado, fez sinal de *tempo* com as mãos. — Nós vamos usar o método Valdez para isso.

Meg franziu a testa.

— Qual é o método Valdez?

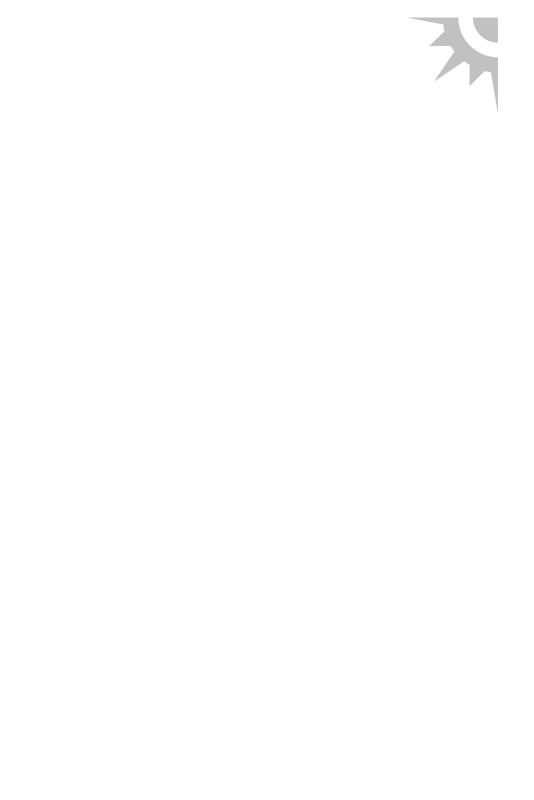
— Não pense demais no assunto — disse Leo. — Só vai deixar você deprimido. Na verdade, tente simplesmente não pensar.

Meg pensou no que Leo tinha explicado, então percebeu que estava pensando e pareceu encabulada.

— Tá.

Leo sorriu.

— Viu? Fácil! Agora, vamos explodir umas paradas.

23

Sublime! Que nome!
Ela é Sarah, com cinco Ss
E com duas sílabas

NO COMEÇO, O MÉTODO Valdez funcionou perfeitamente bem.

Não encontramos nada para explodir, mas também não tivemos que pensar demais sobre muita coisa. Isso porque também adotamos o método McCaffrey, que envolvia sementes de chia.

Ao sairmos da sala do trono, precisamos decidir que corredor tomar. Meg tirou um pacote molhado de sementes do tênis. (Não me dei ao trabalho de perguntar por que guardava sementes ali.) Ela fez a chia brotar na palma da mão, e a pequenina floresta verde indicou o corredor da esquerda.

— Por ali — anunciou Meg.

— Que superpoder incrível — disse Leo. — Quando sairmos daqui, vou arrumar uma máscara e uma capa para você. Daqui para a frente vou chamar você de Garota Chia.

Eu esperava que ele estivesse brincando, mas Meg pareceu feliz da vida.

Os brotos de chia nos levaram por um corredor e depois por outro. Para um esconderijo subterrâneo no sistema de esgoto de Indianápolis, o local era bem opulento. Os pisos eram de ardósia, as paredes de pedra cinza eram decoradas com tapeçarias e monitores exibindo… isso mesmo, vídeos de Cômodo. Quase todas as portas de mogno tinham placas de bronze entalhadas com: SAUNA CÔMODO, QUARTOS DE HÓSPEDES CÔMODO 1-6, REFEITÓRIO DOS EMPREGADOS CÔMODO e, sim, BANHEIRO CÔMODO.

Não encontramos guardas, funcionários nem hóspedes. A única pessoa com quem topamos foi uma faxineira saindo do ALOJAMENTO DA GUARDA IMPERIAL CÔMODO com um cesto de roupa suja.

Quando nos viu, seus olhos se arregalaram de terror. (Provavelmente porque estávamos mais sujos e úmidos do que qualquer coisa que ela tenha tirado do cesto de roupa suja dos germânicos.) Antes que ela começasse a gritar, eu me ajoelhei na frente dela e cantei “You Don’t See Me”, de Josie e as Gatinhas. Os olhos da empregada ficaram úmidos e desfocados. Ela engoliu o choro, voltou para o alojamento e fechou a porta.

Leo assentiu.

— Mandou bem, Apolo.

— Não foi difícil. Essa melodia é maravilhosa para provocar

amnésia a curto prazo.

Meg fungou.

— Teria sido mais legal bater na cabeça dela.

— Ah, até parece — protestei. — Você *gosta* quando eu canto.

As orelhas dela ficaram vermelhas. Eu me lembrei de como a jovem McCaffrey chorou quando botei o coração e a alma para fora na toca das formigas gigantes no Acampamento Meio-Sangue. Eu fiquei orgulhoso do meu desempenho, mas acho que Meg não queria reviver aquele momento.

Ela me deu um soco na barriga.

— Não gosto nada.

— Ai!

Com a ajuda das sementes de chia, nos aprofundamos cada vez mais no complexo do imperador. O silêncio começou a pesar. Insetos imaginários rastejavam pelas minhas costas. Os homens de Cômodo já deviam ter resolvido o que quer que tivesse acontecido na entrada e provavelmente estavam retornando aos seus postos, talvez verificando câmeras de segurança em busca de invasores.

Finalmente, dobramos uma esquina e avistamos um *blemmyae* montando guarda na frente de uma porta de metal que guardava um cofre. O homem usava calça preta social e sapatos pretos lustrosos, mas nem tentava esconder o rosto peitoral. O cabelo nos ombros/cabeça era bem batidinho, estilo militar. O fio de um fone de segurança saía de debaixo da axila e ia até o bolso da calça. Ele não parecia estar armado, mas isso não me tranquilizou. Aqueles punhos enormes eram capazes de esmagar um pedalinho ou um Lester Papadopoulos.

Leo grunhiu baixinho.

— Esses caras de novo, não. — Ele abriu um sorriso e andou na direção do guarda. — Oi! Que dia lindo! Como vai?

O homem se virou, surpreso. Imaginei que o procedimento adequado seria alertar seus superiores sobre o invasor, mas uma pergunta fora dirigida a ele. Seria grosseria ignorar.

— Estou bem. — O guarda não conseguia decidir entre um sorriso simpático ou uma cara feia de intimidação. A boca deu um espasmo, dando a impressão de que ele estava fazendo uma abdominal. — Acho que você não deveria estar aqui.

— É mesmo? — Leo seguiu em frente. — Obrigado!

— De nada. Agora, por favor, coloque as mãos para cima.

— Assim?

Leo acendeu as mãos e queimou a cara peitoral do *blemmyae*.

O guarda cambaleou, engasgado com o fogo, batendo os cílios enormes que pareciam palmeiras em chamas. Procurou o botão do microfone preso ao fone.

— Posto doze — grunhiu ele. — Tenho…

As lâminas gêmeas douradas de Meg zuniram pela barriga dele, reduzindo-o a pó amarelo com um fone parcialmente derretido.

Uma voz soou no pequeno transmissor.

— Posto doze, favor repetir.

Peguei o dispositivo. Eu não tinha a *menor* vontade de usar uma coisa que já tinha estado no sovaco de um *blemmyae*, mas segurei o fone perto do ouvido e falei no microfone.

— Alarme falso. Tudo está chuchu lindeza. Obrigado.

— De nada — disse a voz no transmissor. — Senha diária, por favor.

— Ah, certamente! É…

Joguei o microfone no chão e o esmaguei com o pé.

Meg olhou para mim.

— *Chuchu lindeza?*

— Achei que um *blemmyae* diria algo do tipo.

— Nem é assim que se fala. É chuchu *beleza*.

— Uma garota que diz *pessoalzinho divino* está me corrigindo.

— Pessoal — disse Leo. — Fiquem de olho enquanto cuido desta porta. Deve haver alguma coisa importante aí dentro.

Fiquei de tocaia enquanto ele tentava abrir a porta. Meg, que não era tão boa em seguir instruções, voltou andando pelo caminho de onde tínhamos vindo. Então se agachou e começou a pegar as sementes de chia que tinha deixado cair quando conjurou as espadas.

— Meg — falei.

— Que foi?

— O que você está fazendo?

— Chia.

— Estou vendo isso, mas…

Eu quase falei “são só brotos”, mas me lembrei de uma vez que falei algo parecido para Deméter. A deusa me amaldiçoou, fazendo com que todas as peças de roupa que eu vestia imediatamente brotassem e florescessem. Imagine o desconforto ao colocar uma cueca de algodão e de repente a peça explodir em bolas de algodão de verdade, com caules e sementes bem onde… É, acho que você entendeu.

Meg recolheu os últimos brotos. Com uma das lâminas, quebrou o piso de ardósia. Plantou cuidadosamente a chia nas rachaduras e torceu a saia ainda molhada para regar as sementes.

Observei, fascinado, um pequeno espaço de vegetação verde crescer e florescer, abrindo novas rachaduras no piso. Quem podia imaginar que chia era tão robusta?

— Elas iam morrer logo, logo se continuassem na minha mão. — Meg se levantou com uma expressão obstinada. — Tudo que é vivo

merece a chance de crescer.

O Lester que havia em mim achou aquele sentimento admirável. Já o Apolo não tinha tanta certeza. Ao longo dos séculos, conheci vários seres vivos que não pareceram dignos ou mesmo capazes de crescer. Alguns deles eu mesmo matei…

Ainda assim, eu desconfiava que Meg estivesse dizendo alguma coisa sobre si mesma. Ela aguentou uma infância horrível: a morte do pai, o abuso de Nero, que distorceu a mente dela para que o visse tanto como o padrasto gentil quanto como o terrível Besta. Apesar disso, Meg sobreviveu. Talvez por isso ela fosse capaz de sentir empatia por coisinhas verdes com raízes surpreendentemente fortes.

— Isso! — vibrou Leo. A porta do cofre fez um clique e se abriu. Leo se virou e sorriu. — Quem é o melhor, hein?

— Eu? — perguntei, mas logo desanimei. — Você não estava falando de mim, estava?

Leo me ignorou e entrou no cofre.

Fui atrás. Tive um déjà-vu intenso e desagradável ao entrar. Havia uma câmara circular com uma série de compartimentos com divisórias de vidro, como o local de treinamento do zoológico. Mas ali, em vez de animais, as jaulas eram ocupadas por pessoas.

Fiquei tão abalado que foi difícil respirar.

Na cela mais próxima, à minha esquerda, encolhidos em um canto, dois garotos dolorosamente magros me encaravam. As roupas estavam esfarrapadas. Sombras preenchiam os espaços fundos nas clavículas e costelas.

Na cela seguinte, uma garota de roupa camuflada cinza andava de um lado para o outro como um jaguar. O cabelo, na altura dos ombros, era branco, embora ela não parecesse ter mais do que quinze anos. Considerando o nível de energia e a ira dela, devia ser nova ali, capturada havia pouco tempo. Apesar de não ter arco, algo me dizia que era uma Caçadora de Ártemis. Quando ela me viu, andou até o vidro, bateu nele com os punhos e gritou com fúria, mas a voz estava abafada demais para eu entender as palavras.

Contei mais seis celas, todas ocupadas. No meio do aposento havia um poste de metal com ganchos e correntes, o tipo de objeto em que se prendiam escravos para inspeção antes da venda.

— *Madre de los dioses* — murmurou Leo.

Pensei que a Flecha de Dodona estivesse tremendo na minha aljava, mas percebi que quem estava tremendo era eu, tamanha era a raiva que sentia.

Sempre desprezei a escravidão. Em parte porque por duas vezes Zeus me fez mortal e me obrigou a trabalhar como escravo para reis humanos. A descrição mais poética que consigo oferecer sobre a experiência? Foi uma droga.

Mesmo antes disso, meu templo em Delfos criou uma forma especial de os escravos conquistarem a liberdade. Com a ajuda dos meus sacerdotes, milhares compraram a emancipação ao realizar um ritual chamado *venda de confiança*, pelo qual eu, o deus Apolo, passava a ser o novo dono deles e os tornava livres.

Bem mais tarde, os romanos me deixaram transtornado ao fazerem de minha terra sagrada, Delos, o maior mercado de escravos da região. Dá para *acreditar* na audácia? Mandei um exército furioso liderado por Mitrídates para corrigir a situação, massacrando vinte mil romanos no processo. Mas, *caramba,* eles bem que mereceram.

Resumindo: a prisão de Cômodo me lembrava tudo que eu odiava dos tempos áureos.

Meg andou até a cela em que os dois garotos magrelos estavam. Com a ponta da lâmina, cortou um círculo no vidro e deu um chute. O pedaço se soltou e girou no chão como uma moeda transparente gigante.

Os garotos tentaram se levantar, mas estavam tão fracos que não conseguiram. Meg pulou lá dentro para ajudá-los.

— É isso aí — murmurou Leo, em aprovação.

Ele tirou um martelo do cinto de ferramentas e andou até a cela da Caçadora. Fez sinal para ela se afastar e jogou o objeto. O martelo quicou e voltou, quase acertando o nariz de Leo.

A Caçadora revirou os olhos.

— Tudo bem, sr. Folha de Vidro. — Leo jogou o martelo de lado. — Vai ser assim? Vamos ver quem é que manda!

As mãos dele arderam em fogo branco. Ele encostou o dedo no vidro, que começou a entortar e borbulhar. Em segundos, um buraco se formou na altura do rosto dele.

— Ótimo. Chegue para o lado — disse a garota de cabelo prateado.

— Espere, vou fazer uma saída maior — prometeu Leo.

— Não precisa.

A garota de cabelo prateado recuou, se jogou pelo buraco e caiu graciosamente com uma cambalhota ao nosso lado, pegando o martelo caído de Leo quando se levantou.

— Mais armas — exigiu a garota. — Preciso de mais armas.

Sim, pensei, *definitivamente uma Caçadora de Ártemis*.

Leo pegou algumas ferramentas.

— Hum, eu tenho uma chave de fenda, um arco de serra e… acho que isso é um fatiador de queijo.

A garota franziu o nariz.

— Você é um faz-tudo, é isso?

— É Lorde Faz-Tudo para você.

A garota pegou as ferramentas.

— Quero todas. — Ela me olhou de cara feia. — E seu arco?

— Você não pode pegar meu arco — falei. — Eu sou Apolo.

A expressão dela mudou de choque para compreensão e então para calma forçada. Acho que o infortúnio de Lester Papadopoulos era conhecido entre as Caçadoras.

— Certo — disse a garota. — As outras Caçadoras devem estar vindo. Eu estava mais perto de Indianápolis e resolvi fazer um reconhecimento de terreno. Obviamente, não tive muito sucesso.

— Na verdade — falei —, houve uma movimentação no portão principal alguns minutos atrás. Talvez suas companheiras já tenham chegado.

Os olhos dela ficaram sombrios.

— Então temos que ir. Logo.

Meg ajudou os garotos esqueléticos a saírem da cela. De perto, eles pareciam ainda mais frágeis, o que me deixou furioso.

— Prisioneiros nunca deveriam ser tratados assim — resmunguei.

— Até deram comida para eles, mas eles não aceitaram. Estavam fazendo greve de fome — disse a garota de cabelo prateado, com admiração. — Corajoso… para dois garotos. Sou Hunter Kowalski, a propósito.

Eu franzi a testa.

— Uma Caçadora chamada Hunter?

— Pois é, já ouvi *isso* um milhão de vezes. Vamos soltar os outros.

Não encontrei nenhum botão ou painel de interruptores para abrir as portas de vidro, mas com a ajuda de Meg e Leo começamos a libertar o restante dos prisioneiros. A maioria parecia ser humana ou semideusa (era difícil distinguir), mas uma era *dracaena*. Ela parecia bem humana da cintura para cima, mas onde deviam estar as pernas ondulavam duas cobras.

— Ela é simpática — garantiu Hunter. — Dividimos a cela ontem à noite, mas os guardas nos separaram. O nome dela é Sssssarah, com cinco “s”.

Isso bastava para mim. Nós a deixamos sair.

A câmara seguinte abrigava um jovem solitário que parecia lutador profissional. Usava apenas uma tanga vermelha e branca e um colar de contas das mesmas cores, mas não parecia estar despido. Assim como deuses são muitas vezes representados nus porque são seres perfeitos, aquele prisioneiro não tinha motivo para esconder o corpo. Com a pele escura e reluzente, a cabeça raspada e os braços e peito musculosos, ele parecia uma escultura feita a partir da melhor madeira e que ganhou vida graças ao talento de Hefesto. (Eu não podia deixar de falar com ele sobre isso mais tarde.) Os olhos, também castanho-escuros, eram intensos e furiosos, lindos de um jeito que só coisas perigosas podem ser. No ombro direito havia um símbolo que não reconheci, uma espécie de machado de lâmina dupla.

Leo acendeu as mãos para derreter o vidro, mas a *dracaena* sibilou.

— Não essssse — avisou ela. — Perigoso demaisssss.

Leo franziu a testa.

— Moça, nós *precisamos* de amigos perigosos.

— Mas ele lutava por dinheiro. Foi contratado pelo imperador. Sssssó está aqui agora porque irritou Cômodo.

Observei o Alto, Bonito & Sensual. (Clichê, eu sei, mas ele realmente era tudo isso.) Não pretendia deixar ninguém para trás, principalmente alguém que ficava tão bem de tanga.

— Nós vamos soltar você — gritei pelo vidro, sem saber se ele conseguia me ouvir direito. — Por favor, não nos mate. Nós somos inimigos de Cômodo, o homem que botou você aqui.

A expressão de AB&S não mudou: era uma mistura de raiva, desdém e indiferença, a mesma cara que Zeus fazia todas as manhãs antes do néctar com infusão de café.

— Leo — falei. — Vá em frente.

Valdez derreteu o vidro. AB&S saiu com lentidão e graça, como se tivesse todo o tempo do mundo.

— Oi — falei. — Sou o deus imortal Apolo. Quem é você?

A voz dele ribombou como trovão.

— Sou Jamie.

— Um nome nobre — decidi —, digno de reis.

— Apolo — chamou Meg. — Venha aqui.

Ela estava olhando para a última cela. *Claro* que seria na última.

Encolhida no canto, sentada em uma mala de bronze familiar, estava uma garotinha com um suéter de lã lilás e calça jeans verde. No colo dela havia um prato de gororoba de prisão, que ela estava usando para pintar a parede com o dedo. Os tufos de cabelo castanho pareciam ter sido cortados por ela mesma com uma tesoura sem ponta. Ela era grande para a idade, mais ou menos do tamanho de Leo, mas o rosto infantil dizia que ela não devia ter mais que sete anos.

— Georgina — falei.

Leo fez cara feia.

— Por que ela está sentada em Festus? Por que o colocariam aí com ela?

Eu não sabia, mas fiz sinal para Meg cortar o vidro.

— Me deixe entrar primeiro — falei.

Eu passei pelo vidro.

— Georgie?

Os olhos da garota pareciam prismas fraturados, girando com pensamentos errantes e pesadelos andantes. Eu conhecia bem aquela expressão. Ao longo dos séculos, vi muitas mentes mortais destruídas pelo peso de uma profecia.

— Apolo. — Ela soltou uma explosão de gargalhadas, como se o cérebro estivesse com um vazamento. — Você e a escuridão. Umas mortes, umas mortes, umas mortes.

24

Eba! Vamos jogar
Produtos químicos tóxicos
Em qualquer lugar

GEORGINA SEGUROU MEU PUNHO, provocando um arrepio desagradável pelo meu antebraço.

— Umas mortes.

Na lista de coisas que me apavoravam, garotinhas de sete anos que riam quando o assunto era morte estavam bem no topo, junto com répteis e armas falantes.

Eu me lembrei do limerique profético que indicou que devíamos vir para o Oeste, o aviso de que eu seria *a morte e loucura forçado*. Claramente, Georgina tinha encontrado esses horrores na Caverna de Trofônio. Eu não gostaria de seguir o exemplo dela. Para começo de conversa, não tenho a menor habilidade para pintura na parede com gororoba de prisão.

— Isso — falei, concordando. — Podemos conversar mais sobre morte quando tivermos levado você para casa. Vim aqui a pedido de Emmie e Josephine, para buscar você.

— Casa. — Georgina falou a palavra como se fosse um termo difícil em uma língua estrangeira.

Leo ficou impaciente. Entrou na cela e andou até ela.

— Oi, Georgie. Sou Leo. Que mala legal. Posso ver?

Georgina inclinou a cabeça.

— Minha roupa.

— Ah, hã… é. — Leo passou a mão no nome escrito no macacão emprestado. — Me desculpe pelas manchas de esgoto e pelo cheiro de queimado. Vou mandar lavar.

— O calor queimando — disse Georgie. — Você. Tudo.

— Certo… — Leo deu um sorriso inseguro. — As moças costumam dizer que sou ardente. Mas não se preocupe. Não vou botar fogo em você nem nada.

Estendi a mão para Georgie.

— Aqui, menina. Nós vamos levar você para casa.

Ela ficou satisfeita com a minha ajuda. Assim que ficou de pé, Leo correu até a mala de bronze e começou a paparicá-la.

— Ah, amigão, me desculpa — murmurou ele. — Eu *nunca* devia ter deixado você para trás. Vou levar você para a Estação Intermediária, para um bom ajuste. E depois você pode comer todo o molho tabasco e óleo de motor que quiser.

A mala não respondeu. Leo conseguiu ativar as rodinhas e a alça para poder puxá-la para fora da cela.

Georgina permaneceu dócil até ver Meg. Então, a garotinha teve uma explosão de força digna de mim.

— Não! — Ela se soltou da minha mão e voltou para a cela. Tentei acalmá-la, mas ela continuou a uivar e olhar para Meg horrorizada. — NERO! NERO!

Foi aí que Meg adotou seu jeito costumeiro de esconder todas as emoções: seu rosto mudou, tornando-se tão expressivo quanto um bloco de cimento, os olhos sombrios.

Hunter Kowalski correu para ajudar Georgie.

— Ei. Ei, ei, ei. — Ela acariciou o cabelo nojento da menina. — Está tudo bem. Nós somos amigos.

— Nero! — gritou Georgie de novo.

Franzindo a testa, Hunter olhou para Meg.

— Do que ela está falando?

Meg estava concentrada nos tênis de cano alto.

— Eu posso ir embora.

— *Todos* nós vamos embora — insisti. — Georgie, essa é Meg. Ela fugiu do Nero, é verdade. Mas está do nosso lado.

Decidi não acrescentar *Exceto pela vez em que me entregou ao padrasto e eu quase morri.* Não queria complicar as coisas.

No abraço gentil de Hunter, Georgie se acalmou. Os olhos arregalados e o corpo trêmulo me lembraram um pássaro assustado e frágil que precisa de muitos cuidados.

— Você e morte e fogo. — De repente, ela riu. — A cadeira! A cadeira, a cadeira.

— Ah, caramba — falei. — Ela está certa. Ainda precisamos da cadeira.

O Alto, Bonito & Sensual Jamie apareceu à minha esquerda, uma presença que parecia assomar como uma tempestade que se aproxima no horizonte.

— Que cadeira é essa?

— Um trono — respondi. — Mágico. Precisamos dele para curar Georgie.

Pelos olhares inexpressivos dos prisioneiros, vi que nada do que falei fez sentido para eles. Também me dei conta de que não podia pedir ao grupo todo para sair batendo perna pelo palácio em busca de uma peça de mobília, em especial aos garotos esfomeados e à *dracaena* (que nem perna tinha). Também não parecia que Georgie iria a qualquer lugar com Meg, ao menos não sem gritar muito.

— Vamos ter que nos separar — decidi. — Leo, você sabe o caminho de volta ao túnel do esgoto. Vá com nossos novos amigos. Vamos torcer para os guardas ainda estarem ocupados. Meg e eu

vamos procurar o trono.

Leo olhou para a amada mala de dragão, depois para Meg e para mim, depois para os prisioneiros.

— Só você e Meg?

— Vão — disse Meg, evitando o olhar de Georgie. — Nós vamos ficar bem.

— E se os guardas *não* estiverem ocupados? — perguntou Leo. — Ou se tivermos que lutar com aquela cobra bizarra de novo?

— Cobra bizarra? — perguntou Jamie.

— Eu me resssssinto da sssssua essssscolha de palavrasssss — disse Sssssarah.

Leo suspirou.

— Não estou falando de você. É uma… Bem, você vai ver. Talvez possa conversar com ela e convencê-la a nos deixar passar. — Ele se virou para Jamie. — Se isso não rolar, acho que o monstro é do tamanho certo para você usá-lo como cinto.

Sssssarah sibilou de reprovação.

Hunter Kowalski passou o braço em torno de Georgie de forma protetora.

— Vamos levar você a um lugar seguro — prometeu ela. — Apolo, Meg, obrigada. Se vocês encontrarem o imperador, mandem-no para o Tártaro por mim.

— Vai ser um prazer — falei.

No corredor, alarmes começaram a soar.

Leo levou nossos novos amigos de volta pelo caminho de onde tínhamos vindo. Hunter foi segurando a mão de Georgina enquanto Jamie e Sssssarah ajudavam os garotos da greve de fome.

Quando o grupo desapareceu em uma esquina, Meg andou até seu pequeno canteiro de chia. Fechou os olhos, concentrada. Antes que desse para dizer *ch-ch-ch-chia*, os brotos se multiplicaram e se espalharam pelo corredor, um manto verde se expandindo cada vez mais rápido. Brotos se entrelaçaram do teto ao chão, de uma parede a outra, até o corredor estar bloqueado por uma cortina intransponível de plantas.

— Impressionante — falei, embora também estivesse pensando *Bem, nós não vamos sair por ali.*

Meg assentiu.

— Vai segurar um pouco qualquer um que tente ir atrás dos nossos amigos. Venha. A cadeira está por aqui.

— Como você sabe?

Em vez de responder, Meg saiu correndo. Como era ela quem tinha todos os poderes legais, decidi ir atrás.

Alarmes continuaram soando, o barulho perfurando meus tímpanos como espetos quentes. Luzes vermelhas brilhavam nos corredores,

deixando as lâminas de Meg da cor de sangue.

Espiamos dentro da GALERIA CÔMODO DE ARTE ROUBADA, do CAFÉ IMPERIAL CÔMODO e da ENFERMARIA CÔMODO. Não vimos ninguém e não encontramos trono mágico algum.

Finalmente, Meg parou em frente a uma porta de aço. Pelo menos achei que fosse uma porta. Não tinha maçaneta, tranca nem dobradiças visíveis, era só um retângulo de metal sem nada na parede.

— Está aí dentro — disse ela.

— Como você sabe?

Ela me lançou o olhar dela de *ai-ai-ai*, o tipo de expressão que faria sua mãe dizer: *Se você fizer essa cara e um vento bater, vai ficar assim para sempre.* (Eu sempre levei essa ameaça a sério, pois mães divinas não brincam em serviço.)

— É que nem com as árvores, burrinho.

Pisquei.

— Você está falando de como nos levou até o Bosque de Dodona?

— É.

— Você consegue sentir o Trono de Mnemosine… porque é feito de madeira mágica?

— Sei lá. Acho que sim.

Pareceu um pouco forçado, mesmo para uma filha poderosa de Deméter. Eu não sabia como o Trono de Mnemosine fora criado. De fato, *podia* ter sido entalhado de alguma árvore especial de uma floresta sagrada. Os deuses adoravam esse tipo de coisa. Se fosse o caso, Meg talvez pudesse sentir a cadeira. Eu me perguntei se ela conseguiria me arranjar uma mesa de jantar mágica quando eu voltasse ao Olimpo. Eu precisava de uma bem grande para acomodar as Nove Musas no jantar de Ação de Graças.

Meg tentou fazer com a porta o mesmo que tinha feito com o vidro das celas. As espadas nem arranharam o metal. Ela tentou enfiar as lâminas entre a porta e a moldura. Nada.

Deu um passo para trás e franziu a testa para mim.

— Abra.

— *Eu*? — Tinha certeza de que Meg estava implicando comigo, porque eu era seu único deus escravo. — Não sou Hermes! Nem Valdez!

— Tente.

Como se fosse um pedido simples! Tentei todos os métodos óbvios. Empurrei a porta. Chutei. Tentei enfiar as pontas dos dedos nas beiradas para forçar a abertura. Abri os braços e gritei as palavras mágicas padrão: ABRACADABRA! SHAZAM! VILA SÉSAMO! Nada funcionou. Finalmente tentei um dos meus maiores trunfos. Cantei “Love Is an Open Door”, da trilha sonora de *Frozen*. Até isso falhou.

— Impossível! — gritei. — Essa porta não tem gosto musical!

— Seja mais divino — sugeriu Meg.

Se pudesse ser mais divino, quis gritar, *eu não estaria aqui!*

Fiz mentalmente uma lista das coisas de que eu era deus: arqueria, poesia, paquera, luz do sol, música, medicina, profecia, paquera. Nenhuma dessas coisas abriria uma porta de aço inoxidável.

Espere aí…

Pensei no último aposento que espiamos, a enfermaria Cômodo.

— Materiais médicos.

Meg me observou, cética por trás das lentes de gatinho sujas.

— Você vai curar a porta?

— Não é bem isso. Venha comigo.

Na enfermaria, remexi nos armários e enchi uma pequena caixa de papelão com itens que poderiam ser úteis: esparadrapo, seringas, bisturis, amônia, água destilada, bicarbonato de sódio. E, finalmente…

— Ahá! — Triunfante, exibi um vidro com H_2SO^4 no rótulo. — Óleo de vitríolo.

Meg se afastou.

— O que é isso?

— Você vai ver. — Peguei equipamentos de segurança: luvas, máscara, óculos, o tipo de coisa para o qual não daria a menor bola se ainda fosse deus. — Vamos, Garota Chia!

— Soou melhor quando Leo falou — reclamou ela, mas me seguiu.

Na porta de aço, preparei duas seringas: uma com vitríolo e outra com água.

— Meg, para trás.

— Eu… Tudo bem. — Ela apertou o nariz por causa do fedor do óleo de vitríolo que esguichei em volta da porta. Filetes de vapor surgiram nos cantos. — O que é essa coisa?

— Na época medieval, usávamos óleo de vitríolo por suas propriedades curativas. Deve ser por isso que Cômodo tem na enfermaria dele. Atualmente, chamamos de ácido sulfúrico.

Meg se encolheu.

— Isso não é perigoso?

— Muito.

— E vocês *curavam* com isso?

— Era a Idade Média. A gente era bem louco naquela época.

Peguei a segunda seringa, a que estava cheia de água.

— Meg, o que eu vou fazer… nunca, nunca tente isso sozinha.

Eu me senti meio bobo dando esse conselho para uma garota que lutava regularmente com monstros usando espadas douradas, mas tinha prometido a Bill Nye, the Science Guy, que sempre divulgaria práticas laboratoriais seguras.

— O que vai acontecer? — perguntou ela.

Dei um passo para trás e injetei água nos cantos da porta. Na

mesma hora, o ácido começou a borbulhar e cuspir de forma mais agressiva do que a Serpente Cartaginense. Para acelerar o processo, cantei uma música sobre calor e corrosão. Escolhi Frank Ocean, pois era tão intenso e emocionante que conseguia amolecer até as substâncias mais duras.

A porta gemeu e rangeu. Finalmente desabou para dentro, deixando um contorno fumegante de névoa ao redor.

— Nossa — disse Meg, o que devia ser o maior elogio que ela já tinha me feito.

Apontei para a caixa de papelão perto dos pés dela.

— Pode me passar o bicarbonato de sódio?

Salpiquei bastante pó em volta da porta para neutralizar o ácido. Não consegui deixar de dar um sorrisinho pela minha própria genialidade. Eu esperava que Atena estivesse olhando, porque SABEDORIA, BABY! E eu fiz com bem mais estilo do que os filhinhos dela.

Eu me curvei para Meg com um floreio.

— Você primeiro, Garota Chia.

— Finalmente você fez alguma coisa que preste — comentou ela.

— Você *tinha* que estragar meu momento.

Lá dentro, encontramos uma área de armazenamento de uns dois metros quadrados com apenas um item. O Trono de Mnemosine mal merecia ser chamado de *trono*. Era uma cadeira de bétula lixada de costas retas, sem decoração nenhuma exceto a silhueta de uma montanha entalhada no encosto. Argh, Mnemosine! Prefiro um trono propriamente dito, dourado e incrustado de rubis que nunca param de flamejar! Mas nem todas as deidades sabem se exibir.

Ainda assim, a simplicidade da cadeira me deixou nervoso. Eu sabia que itens terríveis e poderosos muitas vezes não tinham uma aparência muito impressionante. Os raios de Zeus? Só parecem ameaçadores depois que meu pai os lança. O tridente de Poseidon? Por favor. Ele *nunca* limpa as algas e o musgo daquela coisa... sem comentários. E o vestido de noiva que Helena de Troia usou para se casar com Menelau? Ah, deuses, era *tão* sem graça. Eu falei para ela: “Garota, você só pode estar brincando. Esse decote não valoriza você!” Mas quando Helena o vestiu... *uau*.

— Qual é a montanha do desenho? — Meg me arrancou do meu devaneio. — O Olimpo?

— Na verdade, não. Estou supondo que seja o Monte Piero, onde a deusa Mnemosine deu à luz as Nove Musas.

Meg franziu o rosto.

— Todas as nove de uma vez? Deve ter doído.

Eu nunca tinha pensado nisso. Como Mnemosine era a deusa da memória, com cada detalhe de sua existência eterna gravado no cérebro, parecia estranho ela querer um lembrete de como foi o

trabalho de parto entalhado em seu trono.

— Seja qual for o caso — falei —, nós já estamos demorando demais. Vamos tirar a cadeira daqui.

Usei meu rolo de esparadrapo para fazer tiras para os ombros, transformando a cadeira em uma mochila improvisada. Quem disse que Leo era o único do grupo que levava jeito para essas coisas?

— Meg, enquanto estou fazendo isso, encha aquelas seringas com amônia.

— Por quê?

— Só para emergências. Por favor.

Esparadrapo é uma coisa maravilhosa. Em pouco tempo, Meg e eu estávamos com bandoleiras cheias de seringas com amônia, e eu carregava uma cadeira nas costas. O trono era uma peça de mobília leve, o que era ótimo, pois ficava batendo no meu ukulele, no meu arco e na minha aljava. Acrescentei alguns bisturis na minha bandoleira só por diversão. Agora, só precisava de um bumbo e de uns pinos de malabarismo e estaria pronto para ser um artista hippie itinerante.

Ao chegarmos no corredor, hesitei. Em uma direção, o corredor seguia por trinta metros e virava para a esquerda. Os alarmes tinham parado de soar, mas daquela esquina vinha um rugido que ecoava e parecia com grandes ondas do mar ou com os gritos de uma plateia. Luzes multicoloridas piscavam na parede. Fiquei nervoso só de olhar naquela direção.

Nossa única outra opção nos levaria de volta à Muralha da Chia de Meg McCaffrey.

— É melhor pegar a saída mais rápida — falei. — Talvez a gente tenha que voltar pelo caminho que veio.

Meg estava fascinada, a cabeça inclinada na direção do rugido distante.

— Tem… alguma coisa lá. Precisamos ir ver.

— Por favor, não — implorei. — Nós salvamos os prisioneiros. Encontramos Festus. Arranjamos um móvel lindo. *Qualquer* herói consideraria isso um belo dia de trabalho!

Meg se empertigou.

— É alguma coisa importante — insistiu.

Ela conjurou as espadas e seguiu na direção das estranhas luzes ao longe.

— Odeio você — murmurei.

Então ajeitei a cadeira mágica nas costas e corri atrás dela, dobrando a esquina para dar de cara com uma arena enorme e cheia de holofotes.

25

Aves grandes são más
Correm com pernas farpadas
Eu morro, e dói

CONCERTOS EM ESTÁDIO NÃO eram novidade para mim.

Na Antiguidade, fiz vários shows com ingressos esgotados no anfiteatro de Éfeso. Jovens enlouquecidas jogavam suas *strophiae* para mim. Rapazes desmaiavam aos montes. Em 1965, cantei com os Beatles no Shea Stadium, apesar de Paul ter se *recusado* a aumentar o volume do meu microfone. Mal dá para ouvir minha voz em "Everybody's Tryin' to Be My Baby".

No entanto, nenhuma das minhas experiências anteriores havia me preparado para a arena do imperador.

Holofotes me cegaram quando saímos do corredor. A multidão gritou.

Conforme minha visão foi voltando ao normal, notei que estávamos na linha de cinquenta metros de um estádio de futebol americano. O campo estava configurado de um jeito estranho. Ao redor da circunferência central havia uma pista de corrida com três raias. Na grama havia doze postes de ferro aos quais estavam presas as correntes de vários animais. Em um, seis avestruzes de combate andavam em círculos como animais em um carrossel assassino. Em outro, três leões rugiam para os holofotes. Em um terceiro, uma elefanta com expressão triste se balançava de um lado para o outro, sem dúvida infeliz por ter sido paramentada com uma cota de malha farpada e um capacete de futebol americano enorme do Indianapolis Colts.

Com relutância, ergui o olhar para as arquibancadas. No mar de assentos azuis, a única seção ocupada era a última à esquerda, mas a plateia estava extremamente entusiasmada. Germânicos batiam com as lanças nos escudos. Os semideuses do Lar Imperial de Cômodo berravam insultos (que não vou repetir) sobre minha pessoa divina. Cinocéfalos, a tribo de homens com cabeça de cachorro, uivavam e rasgavam as camisas do time da cidade. *Blemmyae* batiam palmas educadamente, perplexos com o comportamento grosseiro dos outros. E, como era de se esperar, uma seção inteira da arquibancada estava ocupada por centauros selvagens. Sinceramente, não dava para fazer um evento esportivo ou um banho de sangue *em lugar algum* sem que eles comparecessem. Eles sopravam vuvuzelas, tocavam buzinas e empurravam uns aos outros, derramando cerveja e emporcalhando

tudo.

No centro da multidão brilhava o camarote do imperador, decorado com faixas roxas e douradas que faziam um contraste horrível com a decoração azul e prateada do Colts. De cada lado do trono, vi uma mistura estranha de germânicos e mercenários homicidas com fuzis. Eu não entendia como os mercenários conseguiam ver qualquer coisa em meio à Névoa, mas eles deviam ter sido especialmente treinados para trabalhar em ambientes mágicos. Estavam imóveis e alertas, os dedos apoiados no gatilho, à espera de uma única ordem de Cômodo para nos exterminar, e não haveria nada que pudéssemos fazer para impedi-los..

O imperador se levantou. Usava uma túnica branca e roxa e uma coroa de louros dourada, mas debaixo da toga tive o vislumbre de uma roupa de corrida marrom e dourada. Com a barba desgrenhada, Cômodo parecia mais um chefe gaulês do que um romano, embora nenhum gaulês tivesse dentes brancos tão perfeitos.

— Finalmente! — A voz forte explodiu pelo estádio, amplificada pelos alto-falantes gigantescos pendurados acima do campo. — Bem-vindo, Apolo!

A plateia gritou e aplaudiu. Acima das arquibancadas, telões exibiram fogos de artifício digitais e piscaram com as palavras BEM-VINDO, APOLO! Das vigas do telhado de aço, sacos de confete explodiram, gerando uma tempestade de roxo e dourado que inundou o estádio.

Ah, que ironia! Aquele era *exatamente* o tipo de recepção que eu desejaria. No entanto, eu só queria voltar para o corredor e desaparecer. Mas, é claro, a entrada por onde viemos já não existia mais, fora substituída por uma parede de concreto.

Eu me agachei da forma mais discreta possível e apertei a pequena cavidade no grilhão de ferro. Nenhuma asa pulou para fora, então concluí que tinha encontrado o botão certo para ativar o sinal de emergência. Com sorte, alertaria Jo e Emmie do nosso infortúnio e da nossa localização, embora eu ainda não tivesse certeza do que elas poderiam fazer para nos ajudar. Pelo menos elas saberiam onde recolher os corpos depois.

Meg parecia estar se recolhendo para dentro de si mesma, fechando as janelas mentais contra todo aquele barulho e atenção. Por um momento breve e terrível, eu me perguntei se ela havia me traído novamente e me levado direto para as garras do Triunvirato.

Não. Eu me recusava a acreditar naquela hipótese. Mas… por que ela *insistiu* em ir naquela direção?

Cômodo esperou que a gritaria cessasse. Os avestruzes de combate puxaram as correntes. Leões rugiram. A elefanta balançou a cabeça, como se tentasse tirar o capacete ridículo.

— Meg — falei, tentando controlar o pânico. — Por que você… Por

que estamos…?

A expressão dela estava tão intrigada quanto a dos semideuses do Acampamento Meio-Sangue que haviam sido atraídos para o Bosque de Dodona pelas vozes misteriosas.

— Alguma coisa — murmurou ela. — Tem alguma coisa aqui.

Era um eufemismo horrível. Havia *muitas* coisas ali. A maioria queria nos matar.

Os telões exibiram mais fogos, junto com mensagens irrelevantes como DEFESA! e FAÇAM BARULHO! e propagandas de bebidas energéticas. Parecia que meus olhos estavam sangrando.

Cômodo sorriu para mim.

— Eu tive que dar uma apressada nas coisas, velho amigo! Isto é só o ensaio, mas, como você está aqui, corri para preparar algumas surpresas. Vamos repetir o show todo amanhã com o estádio lotado, depois que eu derrubar a Estação Intermediária. Tente ficar vivo hoje, mas fique à vontade para sofrer o quanto quiser. E, Meg… — O *tsc-tsc-tsc* dele ecoou pela arena. — Seu padrasto está *muito* decepcionado com você. Você vai descobrir o quanto já, já.

Meg apontou uma das espadas para o camarote do imperador. Pensei que ela fosse fazer algum comentário intimidante, como *Você é burro*, mas a espada pareceu ser a mensagem completa. Isso me levou de volta a uma lembrança perturbadora de Cômodo no Coliseu, jogando cabeças cortadas de avestruz nos assentos dos senadores e apontando: *Vocês são os próximos*. Mas Meg não tinha conhecimento disso… tinha?

O sorriso de Cômodo hesitou. Ele pegou uma folha de papel.

— Vamos ao show! Primeiro, os cidadãos de Indianápolis serão escoltados sob a mira de armas e tomarão seus lugares. Vou dizer algumas palavras, agradecer por terem vindo e explicar que a cidade deles agora se chama Comodianápolis.

A multidão gritou e bateu os pés. Uma única buzina soou.

— É, é. — Cômodo conteve o entusiasmo da plateia. — Em seguida, um exército de *blemmyae* irá para a cidade com garrafas de champanhe, que serão devidamente usadas para batizar todos os prédios. Teremos faixas e mais faixas em minha homenagem em todas as ruas da cidade. Qualquer corpo que retirarmos da Estação Intermediária vai ser pendurado nas vigas lá em cima — ele apontou para o teto —, e a diversão vai começar!

Ele jogou as anotações no ar.

— Não dá nem para explicar como estou empolgado com tudo isso, Apolo! Você entende, não entende, que tudo foi predestinado? O espírito de Trofônio foi *bem* específico.

Minha garganta fez o barulho de uma vuvuzela.

— Você consultou o Oráculo das Sombras?

Eu não sabia se minhas palavras chegariam tão longe, mas o imperador riu.

— Ah, claro, querido! Não pessoalmente, é óbvio. Tenho subordinados para fazer esse tipo de coisa. Mas Trofônio foi bem claro: só quando eu destruir a Estação Intermediária e sacrificar sua vida nos jogos, poderei rebatizar esta cidade e governar o Meio-Oeste para sempre como deus-imperador!

Holofotes gêmeos se fixaram em Cômodo. Ele arrancou a toga e revelou o traje de corrida de pelo do Leão de Nemeia, a parte da frente e as mangas decoradas com emblemas de vários patrocinadores.

A multidão fez "oh" e "ah" enquanto o imperador girava, exibindo a roupa.

— Gostou? — perguntou ele. — Fiz muitas pesquisas sobre minha nova cidade! Meus dois colegas imperadores acham este lugar chato. Mas vou provar que estão errados! Vou organizar o melhor Campeonato Indy-Colt-500-AA de Gladiadores do mundo!

Não gostei muito do nome, mas a multidão foi à loucura.

Tudo pareceu acontecer ao mesmo tempo. Música country soava nos alto-falantes: possivelmente Blake Shelton, embora, com a distorção e o eco, nem meus ouvidos apurados soubessem com certeza. No outro lado da pista, uma parede se abriu. Três carros de corrida de Fórmula 1, vermelho, amarelo e azul, rugiram no asfalto.

Por todo o campo, as coleiras dos animais se soltaram das correntes. Nas arquibancadas, centauros selvagens jogavam frutas e tocavam suas vuvuzelas. De algum lugar atrás do camarote do imperador, canhões dispararam, arremessando doze gladiadores em direção ao campo. Alguns caíram rolando graciosamente e se levantaram, prontos para lutar. Outros se espatifaram na grama como bolinhas de cuspe armadas e não se mexeram mais.

Os carros de corrida zuniram pela pista, e Meg e eu tivemos que correr até o campo para não sermos atropelados. Gladiadores e animais começaram a se engalfinhar em uma luta livre em que garras e destruição estavam liberadas, tudo ao som contagiante da música country. E então, do nada, um saco enorme se abriu logo abaixo do maior dos telões, jogando centenas de bolas de basquete na linha dos cinquenta metros.

Até para os padrões de Cômodo, o espetáculo era completamente tosco e exagerado, mas eu duvidava que fosse viver tempo suficiente para escrever uma crítica ruim. A adrenalina disparou pelo meu organismo como uma corrente de 220 volts. Meg gritou e partiu para cima do avestruz mais próximo. Como eu não tinha nada melhor para fazer, fui atrás dela, com o Trono de Mnemosine e quinze quilos de bugigangas sacudindo nas costas.

Os seis avestruzes foram com tudo para cima da gente. Isso pode

não parecer tão apavorante quanto a Serpente Cartaginense ou um colosso de bronze de *moi*, mas avestruzes podem correr a quase setenta quilômetros por hora. Os dentes de metal batiam, os elmos de pontas afiadas balançavam de um lado para o outro, as pernas envoltas em arame farpado pisoteavam a grama, uma floresta cor-de-rosa de árvores de Natal horrendas e assassinas.

Prendi uma flecha no arco, mas, mesmo se me saísse tão bem quanto Cômodo, era bem improvável que conseguisse decapitar as seis aves antes de elas nos matarem. Não sabia nem se Meg, com suas espadas formidáveis, seria capaz de derrotá-las.

Compus em silêncio um novo haicai de morte: *Aves grandes são más/Correm com pernas farpadas/Eu morro, e dói.*

Em minha defesa, não tive muito tempo para revisar.

A única coisa que nos salvou? Bolas de basquete *ex machina*. Outro saco deve ter sido aberto acima de nós, ou talvez uma pequena quantidade de bolas tivesse ficado presa na rede. Vinte ou trinta choveram ao nosso redor, obrigando os avestruzes a desviar e fugir. Uma ave menos afortunada pisou em uma bola e saiu voando, caindo de bico na grama. Duas de suas irmãs tropeçaram nela, criando uma pilha perigosa de penas, pernas e arame farpado.

— Vem! — Meg gritou para mim.

Em vez de lutar com as aves, ela segurou uma pelo pescoço e pulou nas costas dela, tudo isso, acredite se quiser, sem morrer. Ela saiu correndo, brandindo a espada para monstros e gladiadores.

Um pouco impressionante, verdade, mas como eu iria segui-la? Além do mais, Meg acabou arruinando meu plano de me esconder atrás dela. Que falta de consideração!

Disparei a flecha na ameaça mais próxima: um ciclope vindo em minha direção empunhando sua clava. Não fazia ideia de onde aquela criatura tinha saído, mas o mandei de volta para o Tártaro, onde era o lugar dele.

Desviei de um cavalo cuspidor de fogo, chutei uma bola de basquete na barriga de um gladiador e me esquivei de um leão atacando um avestruz com aparência deliciosa. (Fiz tudo isso, a propósito, com uma cadeira presa nas costas.)

Montada na ave mortal, Meg seguiu para o camarote do imperador, destruindo tudo que surgisse no caminho. Eu sabia qual era o plano dela: matar Cômodo. Tentei fazer o mesmo, mas minha cabeça latejava por causa da música country alta, dos gritos da multidão e do ruído dos motores de Fórmula 1 rasgando a pista.

Um grupo de guerreiros com cabeça de cachorro correu na minha direção — eram muitos e estavam perto demais para que eu acertasse com meu arco. Arranquei a bandoleira de seringas médicas e espirrei amônia nas caras caninas. Eles gritaram, enfiaram as garras nos olhos

e se desfizeram em poeira. Como qualquer zelador do Monte Olimpo pode confirmar, amônia é excelente para tirar manchas e aniquilar monstros.

Segui na direção da única ilha de calma no campo: a elefanta.

Ela não parecia interessada em atacar ninguém. Levando em conta seu tamanho e as defesas formidáveis fornecidas pela cota de malha, nenhum dos outros combatentes parecia querer se aproximar dela. Ou talvez, ao ver o capacete do Colts, eles decidiram que era melhor não se meter com o time da cidade.

Alguma coisa nela era tão triste, tão melancólica, que me senti atraído por aquela alma que se assemelhava tanto à minha.

Peguei meu ukulele de combate e dedilhei uma música que tinha tudo a ver com o momento: "Elephant Gun", do Beirut. A introdução instrumental era atormentada e triste, perfeita para um solo de ukulele.

— Grande elefanta — falei ao me aproximar. — Posso montar em você?

Os olhos castanhos piscaram para mim. Ela arquejou como quem diz *Tanto faz, Apolo. Botaram esse capacete idiota em mim. Não ligo para mais nada.*

Um gladiador com um tridente interrompeu rudemente minha música. Eu bati na cara dele com o ukulele de combate. Em seguida, escalei a perna dianteira da elefanta e subi nas costas dela. Eu não treinava essa técnica desde que o deus da tempestade Indra me fez sair de madrugada em busca de vindalho, mas acho que montar em um elefante é uma daquelas habilidades que a gente nunca esquece.

Vi Meg na linha de vinte metros, deixando gladiadores gemendo e pilhas de cinzas de monstros para trás conforme seguia no avestruz em direção ao imperador.

Cômodo bateu palmas, extasiado.

— Muito bem, Meg! Eu adoraria lutar com você, mas AGUENTA AÍ!

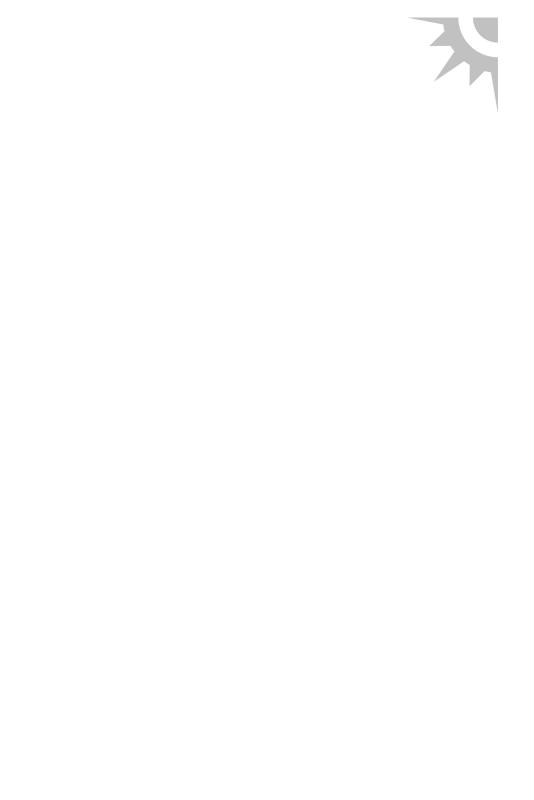
A música parou abruptamente. Gladiadores ficaram paralizados no meio do combate. Os carros de corrida frearam até parar. Até o avestruz de Meg ficou imóvel e olhou ao redor, se perguntando por que tudo estava tão silencioso de repente.

Pelos alto-falantes, tambores soaram.

— Meg McCaffrey! — gritou Cômodo, com sua melhor voz de apresentador de programa de auditório. — Temos uma surpresa especial para você… Direto de Nova York, uma pessoa que você conhece bem! Será que você conseguirá salvá-lo antes que ele exploda em chamas?

Holofotes se cruzaram no ar. Aquele sentimento antigo pós-vindalho voltou, queimando meus intestinos. Agora eu entendia o que

Meg tinha sentido antes, aquele vago *alguma coisa* que a atraíra ao estádio. Suspenso nas traves por uma longa corrente, rosnando e se contorcendo em um casulo de cordas, estava a surpresa especial do imperador: o companheiro de confiança de Meg, o *karpos* Pêssego.

26

Tiro o chapéu para
Esta excelente elefanta
Vamos ser amigões?

PRENDI UMA FLECHA NO arco e disparei na corrente.

Na maior parte dos casos, meu primeiro instinto é disparar. Normalmente, dá certo. (A não ser que você conte a vez em que Hermes entrou no meu banheiro sem bater. E, sim, eu sempre mantenho o arco à mão quando estou na privada. Por que não?)

Dessa vez, meu disparo foi equivocado. Pêssego estava lutando e se debatendo tanto que minha flecha passou direto pela corrente e caiu em um *blemmyae* qualquer na arquibancada.

— Pare! — gritou Meg para mim. — Você pode matar Pêssego!

O imperador riu.

— É, seria uma pena, considerando que ele está prestes a morrer queimado!

Cômodo pulou do camarote na pista de corrida. Meg levantou a espada e se preparou para atacar, mas os mercenários nas arquibancadas miraram seus fuzis. Não importava que eu estivesse a cinquenta metros de distância, os atiradores tinham mira digna de… bem, digna de mim. Um amontoado de pontos vermelhos de *lasers* surgiu no meu peito.

— Calma, calma, Meg — repreendeu o imperador, apontando para mim. — Meu jogo, minhas regras. A não ser que você queira perder *dois* amigos no ensaio.

Meg ergueu uma espada, depois a outra, parecendo avaliá-las, como se fossem opções. Ela estava longe demais para eu ver sua expressão, mas consegui sentir o sofrimento. Quantas vezes eu me vi em meio a um dilema desses? Destruo os troianos ou os gregos? Paquero as Caçadoras da minha irmã e corro o risco de levar uns tapas ou paquero Britomártis e corro o risco de ser explodido? Esses são os tipos de escolha que nos definem.

Enquanto Meg hesitava, um grupo de mecânicos usando togas empurrou outro carro de Fórmula 1 para a pista, uma máquina de um roxo chamativo com um número 1 dourado no capô. Projetando-se do teto havia uma lança fina de uns seis metros, com uma bola de tecido na ponta.

Meu primeiro pensamento: por que Cômodo precisava de uma antena tão grande? Então olhei de novo para o *karpos* pendurado. Sob a luz dos holofotes, Pêssego cintilava como se tivesse sido lambuzado

com óleo. Os pés, normalmente descalços, estavam cobertos por uma lixa, como a superfície lateral de uma caixa de fósforos.

Meu estômago se revirou. A antena do carro de corrida não era uma antena. Era um fósforo gigante, colocado na altura exata para se acender quando entrasse em contato, em alta velocidade, com os pés de Pêssego.

— Uma vez que eu esteja dentro do carro — anunciou Cômodo —, meus mercenários não vão interferir. Meg, você pode tentar me deter da forma que quiser! Meu plano é completar uma volta, botar fogo no seu amigo, dar outra volta e atropelar você e Apolo. Acredito que chamam isso de volta da vitória!

A multidão berrou, aprovando. Cômodo pulou no carro. Sua equipe partiu, e o veículo roxo disparou em uma nuvem de fumaça.

Meu sangue virou uma substância viscosa e gosmenta, sendo bombeado lentamente pelo coração. Quanto tempo demoraria para o carro dar a volta na pista? Segundos, no máximo. Eu desconfiava que o para-brisa de Cômodo era à prova de flechas. Ele não me deixaria escapar da morte tão facilmente. Eu não tinha tempo nem para tocar um riff decente no ukulele.

Enquanto isso, Meg levou o avestruz para baixo do *karpos* pendurado. Ficou de pé no lombo da ave (o que não era uma tarefa fácil) e esticou as mãos o máximo que conseguiu, mas Pêssego estava muito acima dela.

— Vire fruta! — gritou Meg para ele. — Desapareça!

— Pêssego! — berrou Pêssego, o que provavelmente queria dizer *Você não acha que eu faria isso se pudesse?* As cordas deviam ser mágicas, ou algo do tipo, e estavam limitando a capacidade de transformação dele, confinando-o à forma atual, assim como Zeus tinha aprisionado minha divindade incrível no corpo infeliz de Lester Papadopoulos. Pela primeira vez, senti certa afinidade com o bebê demônio de fralda.

Cômodo já estava na metade da pista. Poderia ter ido mais rápido, mas insistiu em desviar e acenar para as câmeras. Os outros carros foram para o acostamento e o deixaram passar, o que fez com que eu me perguntasse se eles entendiam o conceito de corrida.

Meg pulou do avestruz. Segurou a trave e começou a subir, mas eu sabia que ela não teria tempo de ajudar o *karpos*.

O carro roxo contornou a extremidade oposta. Se Cômodo acelerasse na reta, tudo acabaria em segundos. Se ao menos eu pudesse colocar uma coisa grande e pesada no meio da passagem.

Ah, espera, pensou meu cérebro genial, *estou sentado em um elefante.*

Na base do capacete gigantesco do Colts havia uma palavra gravada: LÍVIA. Supus que fosse o nome da elefanta.

Eu me inclinei para a frente.

— Lívia, minha amiga, você está a fim de pisotear um imperador?

Ela soprou pela tromba, em sua primeira demonstração de entusiasmo. Eu sabia que elefantes eram inteligentes, mas a disposição dela em ajudar me surpreendeu. Tive a sensação de que Cômodo a tratara muito mal. Agora, ela queria matá-lo. Isso, pelo menos, era algo que tínhamos em comum.

Lívia partiu na direção da pista, empurrando outros animais, balançando a tromba para tirar gladiadores do caminho.

— Boa elefanta! — gritei. — Que elefanta maravilhosa!

O Trono de Mnemosine sacudia precariamente nas minhas costas. Gastei todas as minhas flechas (exceto pela flecha falante idiota) disparando em avestruzes de combate, em cavalos cuspidores de fogo, em ciclopes e em cinocéfalos. Depois, peguei meu ukulele de combate e soltei o grito de guerra *ATACAR!*

Lívia correu pela pista central na direção do carro de corrida roxo. Cômodo dirigiu bem na nossa direção, o rosto sorridente refletido em todos os monitores espalhados pelo estádio. Ele parecia adorar a possibilidade de batermos de frente.

Eu não estava tão animado. Cômodo era difícil de matar. Minha elefanta e eu não éramos, e eu também não tinha certeza de quanta proteção a cota de malha ia oferecer a Lívia. Torcia para que conseguíssemos forçar Cômodo para fora da pista, mas devia saber que ele jamais daria para trás em um desafio para ver quem amarelava primeiro. Sem capacete, o cabelo dele voava, as mechas louras, em um tom de dourado, parecendo em chamas.

Sem capacete…

Tirei um bisturi da bandoleira. Inclinado para a frente, cortei a tira do queixo do capacete de futebol americano de Lívia. Arrebentou com facilidade. Graças aos deuses por produtos de plástico vagabundo!

— Lívia, jogue!

A elefanta maravilhosa entendeu.

Ainda correndo a toda velocidade, ela enrolou a tromba na grade do capacete que protegia sua cara e arremessou o elmo, como um cavalheiro tirando o chapéu… Se o objeto pudesse se lançar para a frente como um projétil mortal.

Cômodo desviou. O capacete branco gigantesco quicou no para-brisa, mas o dano já tinha sido causado. Roxo Um fez uma curva para o campo em um ângulo absurdamente acentuado, virou para o lado e capotou três vezes, derrubando um grupo de avestruzes e dois gladiadores azarados.

— AHHHHHHH!

A plateia ficou de pé. A música parou. O restante dos gladiadores recuou para a beirada do campo, olhando o carro de corrida imperial capotado.

Saía fumaça do chassi. As rodas giravam, jogando longe restos de terra e grama.

Eu queria acreditar que o silêncio da plateia era um entreato cheio de esperança. Talvez os espectadores partilhassem do meu maior desejo: que Cômodo *não* saísse dos escombros, que tivesse sido reduzido a uma mancha imperial na grama artificial na linha de quarenta e duas jardas.

Mas uma figura fumegante se arrastou e se livrou dos destroços. A barba de Cômodo estava soltando fumaça. O rosto e as mãos estavam pretos de fuligem. Ele se levantou, o sorriso intacto, e se espreguiçou, como se tivesse acabado de tirar um bom cochilo.

— Bela tentativa, Apolo! — Ele segurou o chassi do carro de corrida destruído e o levantou acima da cabeça. — Mas vai ser preciso mais do que isso para me matar!

Ele atirou o carro para o lado, esmagando um ciclope.

A plateia gritou e bateu os pés.

— ESVAZIEM O CAMPO! — ordenou o imperador.

Na mesma hora, dezenas de cuidadores de animais, paramédicos e gandulas entraram no campo. Os gladiadores sobreviventes saíram de cara amarrada, como se percebendo que nenhuma luta mortal poderia competir com o que Cômodo tinha acabado de fazer.

Enquanto o imperador dava ordens aos seus servos, olhei para a *end zone*. De alguma forma, Meg tinha escalado até o alto da trave. Pulou na direção de Pêssego e segurou as pernas dele, provocando uma boa quantidade de berros e xingamentos por parte do *karpos*. Por um momento, eles se balançaram juntos na corrente. Mas Meg subiu no corpo do amigo, conjurou a espada e cortou a corrente. Os dois despencaram uns seis metros e caíram na pista, embolados. Felizmente, ele serviu de almofada para Meg. Considerando que pêssegos eram macios e tenros, imaginei que a menina estivesse bem.

— Bem! — Cômodo andou na minha direção. Estava mancando um pouco com o pé direito, mas não parecia sentir muita dor. — Foi um bom ensaio! Amanhã, teremos mais mortes, inclusive a sua, claro. Vamos fazer uns ajustes na parte da batalha. Talvez acrescentar mais carros de corrida e bolas de basquete? E, Lívia, sua elefanta velha e malvada! — Ele balançou o dedo para minha montaria paquiderme. — É *esse* tipo de energia que eu queria! Se você tivesse demonstrado o mesmo entusiasmo nos jogos anteriores, eu não teria sido obrigado a matar Claudius.

Lívia bateu os pés e soprou pela tromba. Acariciei a lateral da cabeça dela, tentando acalmá-la, mas pude sentir seu sofrimento devastador.

— Claudius era seu companheiro — supus, acariciando a elefanta. — Cômodo o matou.

O imperador deu de ombros.

— Eu *avisei*: participe dos meus jogos, senão… Mas elefantes são tão teimosos! São grandes e fortes e acostumados a fazerem o que querem, um pouco como os deuses. Mesmo assim — ele piscou para mim —, é incrível como uma pequena punição pode ajudar.

Lívia bateu os pés. Eu sabia que ela queria atacá-lo, mas, depois de ver Cômodo jogar um carro de corrida longe, eu desconfiava que ele não teria muita dificuldade em machucar Lívia.

— Nós vamos nos vingar dele — murmurei para ela. — Nossa hora vai chegar.

— Vai mesmo: amanhã! — concordou Cômodo. — Vocês vão ter outra chance de acabar comigo. Mas, agora… Ah, aqui estão os guardas que vão escoltar vocês até sua cela.

Um grupo de germânicos veio correndo pelo campo com Litierses na liderança.

O espadachim tinha um hematoma novo e feio no rosto que parecia muito com uma pegada de avestruz. Isso me deixou feliz. Ele também estava sangrando em vários cortes recentes nos braços, e as pernas da calça encontravam-se em farrapos. Os cortes pareciam resultado de pequenas flechas, como se as Caçadoras estivessem brincando com o alvo, fazendo o possível para acabar com a calça dele. Isso me alegrou ainda mais. Eu queria poder acrescentar um ferimento de flecha à coleção de Litierses, de preferência bem no meio do peito, mas minha aljava estava vazia, exceto pela Flecha de Dodona. Eu já tinha tido drama suficiente por um dia, não precisava de um diálogo shakespeariano ruim para fechá-lo com chave de ouro.

Litierses fez uma reverência desajeitada.

— Meu senhor.

Cômodo e eu falamos ao mesmo tempo:

— Sim?

Eu achava que estava bem mais senhoril sentado na minha elefanta com cota de malha, mas Litierses fez cara feia para mim.

— Meu senhor *Cômodo* — esclareceu ele —, as invasoras foram devidamente afastadas do portão.

— Até que enfim — murmurou o imperador.

— Eram Caçadoras de Ártemis, senhor.

— Sei. — Cômodo não pareceu muito preocupado. — Vocês mataram todas?

— Nós… — Lit engoliu em seco. — Não, meu senhor. Elas dispararam de diferentes direções e recuaram, nos atraindo a uma série de armadilhas. Nós perdemos só dez homens, mas…

— Vocês perderam dez. — Cômodo examinou as unhas sujas de fuligem. — E quantas dessas Caçadoras vocês mataram?

Lit recuou. Suas veias do pescoço latejavam.

— Eu… eu não tenho certeza. Não encontramos corpos.

— Então você não pode confirmar nenhuma morte. — Cômodo olhou para mim. — O que você aconselharia, Apolo? Devo tirar um tempo para refletir sobre o assunto? Devo considerar as consequências? Devo talvez dizer para meu prefeito Litierses não se preocupar? Ele vai ficar bem? Ele SEMPRE VAI TER MINHAS BÊNÇÃOS?

Ele gritou essa última pergunta, a voz ecoando pelo estádio. Até os centauros selvagens nas arquibancadas ficaram em silêncio.

— Não — decidiu Cômodo, o tom calmo mais uma vez. — Alaric, onde está você?

Um dos germânicos deu um passo à frente.

— Senhor?

— Leve Apolo e McCaffrey para a prisão. Consiga boas celas para eles. Coloque o Trono de Mnemosine no lugar. Mate o elefante e o *karpos*. O que mais? Ah, sim. — Da bota da roupa de corrida, Cômodo tirou uma faca de caça. — Segure os braços de Litierses para mim enquanto corto a garganta dele. Está na hora de arranjar um prefeito novo.

Antes que Alaric executasse essas ordens, o telhado do estádio explodiu.

27

Destrua o telhado
Traga umas gatas com guinchos
Vamos dar o fora

BOM, NÃO EXATAMENTE EXPLODIU. Na verdade, o telhado desmoronou, como tetos costumam fazer quando um dragão de bronze mergulha neles. Vigas se envergaram. Rebites soltaram. Folhas de metal corrugado grunhiram e se dobraram com um estrondo.

Festus mergulhou pela abertura, abrindo as asas para diminuir a velocidade da descida. Ele não parecia muito traumatizado pelo tempo como mala, mas, a julgar pela forma como cuspiu fogo na arquibancada, achei que estava meio mal-humorado.

Centauros selvagens saíram correndo, pisoteando os mercenários mortais e os germânicos. Os *blemmyae* aplaudiram educadamente, talvez achando que o dragão fizesse parte do show, até uma onda de chamas os reduzir a pó. Festus deu sua volta da vitória flamejante pela pista, aproveitando para queimar uns carros, enquanto mais de dez Caçadoras de Ártemis desciam para a arena como aranhas em uma teia.

(Eu sempre achei aranhas criaturas fascinantes, apesar de Atena não ir com a cara delas. A grande verdade é que ela morre de inveja daqueles rostinhos bonitos. AHÁ!)

Algumas Caçadoras permaneceram no telhado com os arcos preparados, esperando as outras irmãs chegarem ao campo. Assim que isso aconteceu, elas puxaram os arcos, espadas e facas e se juntaram à batalha.

Alaric, junto com a maioria dos germânicos do imperador, partiu para cima delas.

Enquanto isso, Meg McCaffrey tentava desesperadamente libertar Pêssego das cordas. Duas Caçadoras se aproximaram dela, e rolou uma conversa frenética, algo como: *Oi, estamos do seu lado. Você vai morrer. Venha conosco.*

Atordoada, Meg olhou para mim.

— VÁ! — gritei.

As Caçadoras então seguraram Meg e Pêssego e em seguida acionaram um mecanismo na lateral do cinto que as fez subir pelas cordas, como se as leis da gravidade não fossem nada de mais.

Molinetes motorizados, pensei, *que acessórios legais*. Se eu sobrevivesse àquele dia, ia recomendar que as Caçadoras fizessem camisetas com os dizeres GATAS COM GUINCHOS. Tenho certeza de que

elas amariam a ideia.

O grupo mais próximo de Caçadoras correu em minha direção, não sem antes enfrentar alguns germânicos. Uma das Caçadoras me pareceu familiar, com cabelo preto curto e olhos azuis impressionantes. Em vez da roupa cinza habitual das seguidoras de Ártemis, ela usava calça jeans e uma jaqueta de couro preta cheia de alfinetes e *patches* dos Ramones e dos Dead Kennedys. Uma tiara prateada cintilava na testa. Ela brandia um escudo com o rosto horrendo da Medusa, não o real, eu desconfiava, pois esse teria me transformado em pedra, mas uma réplica boa o bastante para fazer até os germânicos se encolherem e recuarem.

O nome da garota me ocorreu: Thalia Grace. A tenente de Ártemis, líder das Caçadoras, foi me salvar pessoalmente.

— Salvem Apolo! — gritou ela.

Meu ânimo foi às alturas.

Sim, obrigado!, eu queria gritar. *FINALMENTE estão me dando o devido valor!*

Senti por um momento como se o mundo estivesse de volta à ordem normal.

Cômodo suspirou, irritado.

— *Nada* disso estava programado para acontecer nos meus jogos. — Ele olhou ao redor, aparentemente se dando conta de que suas ordens só seriam seguidas por Litierses e dois guardas. O restante já estava no meio da batalha. — Litierses, vá para lá! — mandou ele. — Segure as Caçadoras enquanto eu me troco. Não posso lutar com roupa de corrida. Seria ridículo!

O olhar de Lit vacilou.

— Sire… você tinha me dispensado e ia... me matar?

— Ah, é. Bom, então vá se sacrificar! Mostre que é mais útil do que aquele seu pai idiota! Sinceramente, Midas tinha o toque de ouro, mas *mesmo assim* não conseguia fazer nada certo. E você não é melhor do que ele!

A pele ao redor do hematoma de avestruz de Litierses ficou vermelha, como se a ave ainda estivesse de pé na cara dele.

— Sire, com todo o respeito…

A mão de Cômodo atacou com a rapidez de uma cobra e segurou o pescoço do espadachim.

— *Respeito?* — sibilou o imperador. — Você quer falar comigo sobre *respeito*?

Flechas voaram na direção dos guardas restantes. Os dois germânicos caíram com lindos piercings nasais novos feitos de penas prateadas.

Um terceiro disparo voou na direção de Cômodo. O imperador usou Litierses como escudo, a ponta da flecha atravessando a coxa direita

do homem.

O espadachim gritou.

Cômodo o largou com repugnância.

— Eu mesmo vou ter que matar você? *Sério?* — Ele levantou a faca.

Alguma coisa dentro de mim, sem dúvida uma falha de personalidade, me fez sentir pena do capanga.

— Lívia — falei.

A elefanta entendeu, dando uma trombada na parte de trás da cabeça de Cômodo, que caiu de cara no chão. Litierses pegou sua espada e enfiou a ponta no pescoço do imperador.

Cômodo berrou e apertou o ferimento. Pela quantidade de sangue, deduzi que o corte infelizmente não tinha acertado a jugular.

Os olhos de Cômodo arderam de ódio.

— Ah, Litierses, seu *traidor*. Vou matar você *lentamente* por causa disso.

Mas não era para ser.

O germânico mais próximo, vendo o imperador sangrando no chão, correu para ajudá-lo. Lívia pegou Litierses e nos levou para longe enquanto os bárbaros se posicionaram ao redor de Cômodo, formando um escudo humano, as lanças apontadas para nós. Estavam prontos para fazer picadinho da gente, mas uma chama zuniu entre os dois grupos, e Festus pousou ao lado de Lívia. Os germânicos recuaram rapidamente enquanto Cômodo gritava:

— Me coloquem no chão! Preciso matar aquelas pessoas!

— E aí, Lesteropoulos? — disse Leo, montado em Festus. — Jo recebeu seu alerta de emergência e mandou a gente voltar na mesma hora.

Thalia Grace e duas Caçadoras se aproximaram.

— Precisamos sair daqui imediatamente, ou vamos ser derrotados. — Ela apontou para um dos extremos do gramado, onde os sobreviventes da volta da vitória incandescente de Festus estavam começando a se organizar para o ataque: uma centena de centauros variados, cinocéfalos e semideuses do Lar Imperial.

Olhei para as laterais. Havia uma rampa larga que levava à arquibancada mais baixa, e talvez desse para um elefante passar por ali.

— Não vou deixar Lívia para trás. Levem Litierses. E peguem o Trono da Memória. — Tirei a cadeira das costas, dando graças aos deuses por ela ser tão leve, e a joguei para Leo. — Esse trono *precisa* ser levado até Georgie. Vou montado em Lívia por uma das saídas dos mortais.

A elefanta colocou Litierses na grama. Ele grunhiu e apertou a pele em torno da flecha na perna.

Leo franziu a testa.

— Hã, Apolo…

— Leo, já falei que não vou deixar esta nobre elefanta para trás para ser torturada! — insisti.

— Não, isso eu saquei. — Leo apontou para Lit. — Mas por que vamos levar *este* idiota com a gente? Ele tentou me matar em Omaha. Ameaçou Calipso no zoológico. Não posso só deixar Festus pisar nele?

— Não! — Eu não entendia por que fazia tanta questão de ajudar Litierses. Ver Cômodo trair seu capanga me deixou quase tão furioso quanto ver Nero manipulando Meg, ou… Bom, sim, Zeus me abandonando no mundo mortal pela *terceira vez*. — Ele precisa ser curado. Você vai se comportar, não vai, Lit?

O homem fez uma careta de dor, o sangue encharcando a calça jeans destruída, mas conseguiu assentir de leve.

Leo suspirou.

— Tudo bem, cara. Festus, o idiota sangrento vai com a gente, tá? Mas se ele der uma de espertinho durante o caminho, fique à vontade para jogá-lo em um arranha-céu.

Festus estalou em concordância.

— Eu vou com Apolo. — Thalia Grace subiu atrás de mim na elefanta, realizando uma fantasia minha com a bela Caçadora, embora eu não tivesse imaginado que aconteceria daquela forma. Ela assentiu para uma das colegas. — Ifigênia, tire as outras Caçadoras daqui. Vá!

Leo sorriu e prendeu o Trono de Mnemosine nas costas.

— Vejo vocês em casa. E não se esqueçam de comprar molho!

Festus bateu as asas metálicas, pegou Litierses e levantou voo. As Caçadoras ativaram os guinchos e subiram bem quando a primeira onda de espectadores furiosos chegava ao campo, jogando lanças e vuvuzelas, que caíram com estalos no chão.

Quando as Caçadoras se foram, a multidão se voltou para mim e minha amiga elefanta.

— Lívia — falei. — Você é rápida?

* * *

A resposta: rápida o bastante para fugir de uma multidão armada, principalmente com Thalia Grace nas costas, disparando flechas e exibindo o escudo de terror para qualquer um que chegasse perto demais.

Lívia parecia conhecer todos os corredores e rampas do estádio. Tinham sido feitos para comportar multidões, o que os tornava igualmente convenientes para elefantes. Contornamos alguns quiosques, disparamos por um túnel de serviço e finalmente saímos em uma plataforma de carga e descarga na Rua South Missouri.

Eu tinha esquecido como a luz do sol era maravilhosa! O ar fresco e

limpo de um dia de inverno! Claro que não era tão revigorante quanto pilotar a carruagem do Sol, mas era uma visão bem melhor do que os esgotos infestados de cobras do Palácio Cômodo.

Lívia desceu pela Rua Missouri, virou no primeiro beco que encontrou, parou e se sacudiu. Eu entendi perfeitamente a mensagem dela: *Tirem essa cota de malha idiota de mim.*

Eu traduzi para Thalia, que botou o arco nas costas.

— Eu não a culpo. Pobre elefanta. Mulheres guerreiras têm que viajar com pouca bagagem.

Lívia levantou a tromba como quem diz “obrigada”.

Passamos os dez minutos seguintes tirando a armadura da elefanta.

Quando terminamos, Lívia usou a tromba para nos dar um abraço.

Minha onda de adrenalina estava passando, fazendo com que eu me sentisse um balão murcho. Sentei apoiado na parede de tijolos, tremendo de frio e com as roupas úmidas.

Thalia tirou um cantil do cinto. Em vez de oferecer primeiro para mim, como teria sido apropriado, ela virou o líquido na mão em concha e deixou Lívia beber. A elefanta tomou cinco mãos cheias, não muito para um animal grande, mas piscou e grunhiu, satisfeita. Thalia tomou um gole e passou o cantil para mim.

— Obrigado — murmurei.

Bebi, e minha visão ficou clara na mesma hora. Parecia que eu tinha dormido seis horas e feito uma refeição deliciosa.

Olhei impressionado para o cantil.

— O que é isso? Não é néctar…

— Não — concordou Thalia. — É água da lua.

Eu trabalhava com as Caçadoras de Ártemis havia milênios, mas nunca tinha ouvido falar de água da lua. Eu me lembrei da história de Josephine sobre bares clandestinos nos anos 1920.

— Nunca ouvi falar. É uma bebida alcoólica?

Thalia riu.

— Não. Não é alcoólico, mas é mágico. Lady Ártemis nunca contou para você sobre isso, é? É tipo um energético para Caçadoras. Os homens raramente experimentam.

Virei um pouquinho na palma da mão. Parecia água normal, talvez um pouco mais prateada, como se tivesse alguns traços de mercúrio líquido.

Pensei em tomar outro gole, mas fiquei com medo de fazer meu cérebro vibrar a ponto de se liquefazer. Devolvi o cantil.

— Você… Você falou com a minha irmã?

A expressão de Thalia ficou séria.

— Em um sonho, algumas semanas atrás. Lady Ártemis disse que Zeus a proibiu de ver você. Ela não pode nem mandar as Caçadoras ajudarem você.

Eu já desconfiava disso, mas confirmar meus medos teria me deixado transtornado se não fosse a água da lua. A energia da bebida mágica conseguiu abafar qualquer emoção mais profunda. Meus sentimentos eram bolas de feno vagando pelo deserto.

— Você não pode me ajudar — falei. — Mas ainda assim está aqui. Por quê?

Thalia deu um sorriso tímido que deixaria Britomártis orgulhosa.

— Nós estávamos aqui perto. Ninguém nos *mandou* ajudar. Nós estamos procurando um monstro específico há semanas, e… — Ela hesitou. — Bom, isso é outra história. A questão é que nós estávamos de passagem. Ajudamos você da mesma forma que ajudaríamos qualquer semideus em perigo.

Ela não mencionou nada sobre Britomártis ter procurado as Caçadoras e pedido que viessem para cá. Eu decidi fazer o joguinho dela de vamos-fingir-que-nada-disso-aconteceu.

— Posso adivinhar outro motivo? — perguntei. — Acho que você me ajudou porque *gosta* de mim.

O canto da boca de Thalia tremeu.

— E por que você acha isso?

— Ah, por favor. Quando nos vimos pela primeira vez, você disse que eu era lindo. Não pense que não ouvi aquele comentário.

O rosto dela ficou vermelho, o que me deixou orgulhoso.

— Eu era mais nova na época — disse ela. — Era uma pessoa diferente. Tinha acabado de passar vários anos como um pinheiro. Minha visão e meu raciocínio estavam danificados pela seiva.

— Nossa — reclamei. — Que cruel.

Thalia deu um soco no meu braço.

— Você precisa de uma dose de humildade de vez em quando. Ártemis diz isso o tempo todo.

— Minha irmã é uma mulherzinha falsa, traiço...

— Cuidado — avisou Thalia. — Eu sou tenente dela, não esqueça.

Cruzei os braços, petulante, o tipo de coisa que Meg faria.

— Ártemis nunca me falou sobre a água da lua. Nunca me contou sobre a Estação Intermediária. Fico pensando que outros segredos ela está escondendo de mim.

— Talvez alguns. — O tom de Thalia foi cuidadosamente distraído. — Mas só nesta semana você viu mais do que qualquer um fora as Caçadoras verá. Você teve muita sorte.

Eu observei o beco e me lembrei de quando caí em Nova York como Lester Papadopoulos. Tanta coisa tinha mudado, mas eu não estava mais perto de voltar a ser um deus. Na verdade, a lembrança de ser um deus parecia mais distante do que nunca.

— Sim — resmunguei. — Muita sorte mesmo.

— Venha. — Thalia estendeu a mão. — Cômodo não vai demorar

muito para organizar uma represália. Vamos levar nossa amiga elefanta para a Estação Intermediária.

28

Arrotos fedidos
Espere. O quê?
Mas de onde você veio?

NO FIM DAS CONTAS, entrar com um elefante na Estação Intermediária não foi tão difícil quanto eu havia esperado.

Eu tinha até imaginado a cena: nós tentando fazer Lívia escalar uma escada ou alugando um helicóptero para jogá-la pela escotilha no telhado direto nos ninhos dos grifos. Mas assim que nós chegamos à lateral do prédio, os tijolos rolaram e se rearrumaram, criando uma passagem em arco e uma rampa com declive suave.

Lívia entrou sem hesitar. No final do corredor, encontramos um abrigo perfeito para elefantes, com pé-direito alto, pilhas enormes de feno, janelas basculantes para deixar o sol entrar, um riacho serpenteando pelo meio do aposento e uma televisão de tela grande ligada no Canal Elefante da TV Hefesto, exibindo *Os verdadeiros elefantes das savanas africanas.* (Eu não sabia que a TV Hefesto tinha esse canal. Devia estar incluído no pacote *premium*, que eu não assinava.) Melhor de tudo, não havia nenhum gladiador nem armadura de elefante à vista.

Lívia bufou em aprovação.

— Fico feliz de você gostar, minha amiga. — Eu desci, seguido de Thalia. — Agora, divirta-se enquanto vamos procurar nossas anfitriãs.

Lívia entrou no riacho e rolou de lado, usando a tromba para se banhar. Fiquei tentado a me juntar a ela, mas tinha coisas menos agradáveis a resolver.

— Venha — disse Thalia. — Eu sei o caminho.

Eu não imaginava como ela o conhecia. A Estação Intermediária mudava tanto que parecia impossível alguém aprender a se deslocar ali dentro. Mas, fiel à palavra, Thalia me levou por vários lances de escadas, por um ginásio que eu nunca tinha visto, até o salão principal, onde havia um grupo de pessoas reunidas.

Josephine e Emmie estavam ajoelhadas na frente do sofá onde Georgina tremia, chorava e ria. Emmie tentou fazer a garotinha beber água. Jo limpou o rosto de Georgie com uma toalha. Ao lado delas vi o Trono de Mnemosine, mas não dava para saber se já tinham tentado usá-lo. Georgie não parecia melhor.

Na oficina de Josephine, Leo estava dentro do peitoral de Festus, operando um maçarico. O dragão tinha se encolhido o máximo possível, mas ainda ocupava um terço do aposento. A lateral da caixa

torácica fora aberta como o capô de um caminhão. As pernas de Leo ficavam para fora, com fagulhas chovendo no chão ao redor dele. Festus não parecia incomodado com essa cirurgia invasiva. No fundo da garganta, ronronava em um tom baixo e metálico.

Calipso dava a impressão de estar totalmente recuperada do passeio ao zoológico do dia anterior. Ia de um lado para o outro da sala, levando comida, bebida e suprimentos médicos para os prisioneiros resgatados. Algumas das pessoas que libertamos ficaram bem à vontade e se serviram na despensa, remexendo em armários com tanta familiaridade que desconfiei que tinham morado na Estação Intermediária antes de serem capturados.

Os dois garotos esqueléticos estavam sentados à mesa de jantar, tentando ir devagar enquanto mastigavam pedaços de pão fresco. Hunter Kowalski, a garota de cabelo prateado, se juntara às outras Caçadoras de Ártemis, murmurando e lançando olhares desconfiados para Litierses. Ele estava sentado em uma espreguiçadeira no canto, virado para a parede, a perna ferida já com curativo.

Sssssarah, a *dracaena*, tinha descoberto o caminho para a cozinha. Ela estava em frente à bancada, segurando uma cesta de ovos frescos do galinheiro, engolindo um ovo inteiro atrás do outro.

O Alto, Bonito & Jamie se encontrava no ninho dos grifos, fazendo amizade com Heloísa e Abelardo. Os animais deixaram que ele coçasse embaixo de seus bicos, um sinal de grande confiança, ainda mais porque eles estavam protegendo um ovo no ninho (e sem dúvida com medo de Sssssarah comê-lo). Infelizmente, Jamie tinha vestido roupas. Ele agora usava um terno caramelo e deixara a camisa aberta no colarinho. Eu não sabia onde ele tinha arranjado uma roupa tão arrumadinha que coubesse naquele corpanzil. Talvez a Estação Intermediária oferecesse roupas com a mesma facilidade com que oferecia hábitats de elefante.

Os outros prisioneiros libertados andavam pela sala, beliscando pão e queijo, olhando impressionados para o teto de vitral e às vezes fazendo caretas diante de barulhos altos, o que era completamente normal para quem estava sofrendo de Transtorno de Estresse Pós-Cômodo. O descabeçado Agamedes flutuava entre os recém-chegados, oferecendo a Bola 8 Mágica, o que acho que era a versão dele de jogar conversa fora.

Meg McCaffrey usava outro vestido verde com calça jeans, o que estragou seu visual de sinal de trânsito usual. Ela se aproximou, deu um soco no meu braço e parou do meu lado, como se estivéssemos esperando um ônibus.

— Por que você me bateu?

— Estava dizendo oi.

— Ah… Meg, esta é Thalia Grace.

Eu me perguntei se Meg também ia cumprimentá-la com um soco, mas a menina apenas esticou a mão e apertou a de Thalia.

— Oi.

Thalia sorriu.

— É um prazer, Meg. Ouvi falar que você é ótima com espadas.

Os olhos de Meg se estreitaram por trás dos óculos sujos.

— Onde você ouviu isso?

— Lady Ártemis anda observando você. Ela fica de olho em todas as jovens guerreiras promissoras.

— Ah, não — falei. — Pode dizer para minha amada irmã desistir. Meg é *minha* companheira semideusa.

— *Senhora* — corrigiu Meg.

— Dá no mesmo.

Thalia riu.

— Bom, se vocês me dão licença, é melhor eu dar uma olhada nas minhas Caçadoras antes que elas matem Litierses.

A tenente se afastou.

— Falando nisso... — Meg apontou para o filho machucado de Midas. — Por que você trouxe esse cara para cá?

Litierses não tinha se movido. Encarava a parede, de costas para as pessoas, como se as convidasse para uma apunhalada básica. Mesmo do outro lado da sala, era possível notar que ondas de desespero e derrota irradiavam dele.

— Você mesma disse — falei para Meg. — Tudo que é vivo merece uma chance de crescer.

— Humpf. Sementes de chia não trabalham para imperadores malvados. Não tentam matar seus amigos.

Percebi que Pêssego não estava em lugar algum.

— Seu *karpos* está bem?

— Está. Ele vai passar um tempinho fora ... — Ela fez um gesto vago no ar, que indicava a terra mágica para onde os espíritos do pêssego vão quando não estão devorando os inimigos ou gritando *PÊSSEGO!* — Você *confia* mesmo em Lit?

O tom de Meg foi duro, mas seu lábio inferior tremeu. Ela levantou o queixo como se estivesse se preparando para um soco. Sua expressão era a mesma que estampou o rosto de Litierses quando o imperador o traiu, a mesma que a da deusa Deméter quando, séculos atrás, ela estava diante do trono de Zeus, a voz cheia de dor e descrença: *Você vai mesmo deixar Hades se safar de ter sequestrado minha filha Perséfone?*

Meg perguntava se nós podíamos confiar em Litierses. Mas a *verdadeira* pergunta dela era bem maior: ela podia confiar em alguém? Havia alguém no mundo, fosse um familiar, amigo ou Lester, que realmente ficaria ao lado dela quando a situação apertasse?

— Querida Meg — falei. — Não tenho como ter certeza sobre

Litierses. Mas acho que temos que tentar. Só existe a possibilidade de fracassar quando paramos de tentar.

Ela observou um calo no dedo indicador.

— Mesmo depois que alguém tenta nos matar?

Dei de ombros.

— Se eu desistisse de todo mundo que já tentou me matar, eu *não* teria aliados no Conselho Olimpiano.

Ela fez beicinho.

— Famílias são um saco.

— Nisso nós concordamos plenamente — falei.

Josephine olhou para o lado e me viu.

— Ele está aqui!

Ela se aproximou correndo, segurou meu punho e me arrastou na direção do sofá.

— Nós estávamos esperando! Por que você demorou tanto? Temos que usar o trono!

Engoli um comentário mordaz.

Seria legal ouvir *Obrigada, Apolo, por libertar todos esses prisioneiros! Obrigada por trazer nossa filha de volta!* Ela poderia ao menos ter decorado o salão com algumas faixas dizendo APOLO É O MÁXIMO ou oferecido tirar o grilhão de ferro desconfortável do meu tornozelo.

— Vocês não precisavam ter me esperado — reclamei.

— Precisávamos, sim — disse Josephine. — Todas as vezes que tentamos colocar Georgie no trono, ela se debateu e gritou seu nome.

A cabeça de Georgie se virou para mim.

— Apolo! Morte, morte, morte.

Fiz uma careta.

— Eu queria muito que ela parasse de fazer essa associação.

Emmie e Josephine a levantaram delicadamente e a colocaram no Trono de Mnemosine. Dessa vez, a menina não resistiu.

Caçadoras curiosas e prisioneiros libertados se reuniram, embora eu tenha reparado que Meg ficou no fundo da sala, bem longe de Georgina.

— O bloquinho na bancada! — Emmie apontou para a cozinha. — Alguém pegue, por favor!

Calipso fez as honras. Voltou correndo com um pequeno bloco de folhas amarelas e uma caneta.

O corpo de Georgina oscilou. De repente, todos os músculos dela pareceram derreter. Ela teria caído da cadeira se as mães não a tivessem segurado.

Então, ela se sentou ereta. Ofegou. Os olhos se abriram, as pupilas do tamanho de moedas. Fumaça preta saiu pela boca. O cheiro rançoso, uma mistura de piche fervendo e ovos podres, fez todo mundo recuar, exceto a *dracaena*, Sssssarah, que farejou com fome.

Georgina inclinou a cabeça. Saiu fumaça por entre os tufos castanhos de cabelo, como se ela fosse um autômato ou uma *blemmyae* com a cabeça defeituosa.

— Pai!

A voz dela perfurou meu coração, tão estridente e dolorosa que achei que minha bandoleira de bisturis tivesse se virado para dentro. Era a mesma voz, o mesmo grito que ouvi milhares de anos atrás, quando Trofônio orou em sofrimento, pedindo que eu salvasse Agamedes do túnel desabado sobre o irmão.

A boca de Georgina se contorceu em um sorriso cruel.

— Então você finalmente ouviu minha oração?

A voz dela ainda era a de Trofônio. Todo mundo no salão olhou para mim. Até Agamedes, que não tinha olhos, pareceu me dirigir um olhar fulminante.

Emmie tentou tocar no ombro de Georgina, mas puxou a mão de volta, como se a pele da garotinha estivesse fervendo.

— Apolo, o que é isso? — perguntou Emmie. — Não é uma profecia. Isso nunca aconteceu…

— Você mandou minha irmãzinha resolver suas pendências por você, é? — Georgina bateu no próprio peito, os olhos arregalados e escuros, ainda me encarando. — Você é tão ruim quanto o imperador.

Senti como se um elefante com cota de malha estivesse de pé no meu peito. *Minha irmãzinha?* Se ele estivesse falando literalmente, então…

— Trofônio. — Eu mal conseguia falar. — Eu… eu não mandei Georgina. Ela não é minha…

— Amanhã de manhã — disse Trofônio. — A caverna só vai estar acessível na primeira luz da manhã. Sua profecia vai virar realidade… ou a do imperador. Seja como for, não vai poder se esconder no seu pequeno refúgio. Venha você, em pessoa. Traga a garota, sua senhora. Vocês dois vão entrar na minha caverna sagrada.

Uma gargalhada horrível saiu da boca de Georgina.

— Talvez vocês dois sobrevivam. Ou será que terão o mesmo destino que meu irmão e eu? Eu me pergunto, Pai, para quem você vai orar.

Com um último arroto de fumaça preta, Georgina caiu para o lado. Josephine a segurou antes que ela batesse no chão.

Emmie correu para ajudar. Juntas, elas colocaram Georgie no sofá com delicadeza, em meio a cobertores e travesseiros.

Calipso se virou para mim com o bloco em branco nas mãos.

— Me corrija se eu estiver errada — disse ela —, mas aquilo não foi uma profecia. Foi um recado para você.

Todos me olharam, o que fez meu rosto coçar. Era a mesma sensação que eu tinha quando um vilarejo grego inteiro olhava para o

céu e clamava meu nome, pedindo chuva, e eu ficava constrangido demais para explicar que aquilo era, na verdade, departamento de Zeus. O máximo que eu podia fazer era oferecer a eles uma música nova, daquelas bem chiclete.

— Você está certa — falei, embora me doesse concordar com a feiticeira. — Trofônio não deu uma profecia à garota. Deu a ela uma… uma mensagem me dando um oi.

Emmie andou na minha direção, os punhos fechados.

— Ela vai ficar boa? Quando uma profecia é expelida no Trono da Memória, o requerente normalmente volta ao normal em alguns dias. Georgie… — A voz dela falhou. — Ela vai voltar a ficar bem?

Eu queria dizer que sim. Antigamente, a taxa de requerentes de Trofônio que se recuperavam era em torno de setenta e cinco por cento. E isso quando eles eram devidamente preparados pelos sacerdotes, os rituais eram respeitados e a profecia era interpretada no trono logo após a visita à caverna do terror. Georgina procurou a caverna sozinha com pouca ou nenhuma preparação. Ficou presa com aquela loucura e aquelas trevas por semanas.

— Eu… eu não sei — admiti. — Temos que torcer para…

— Temos que *torcer*? — perguntou Emmie.

Josephine segurou a mão dela.

— Georgie *vai* melhorar. Tenha fé. É melhor do que esperança.

Mas os olhos dela se fixaram em mim por tempo demais, me acusando, me questionando. Rezei para ela não pegar a submetralhadora.

Leo pigarreou. O rosto dele estava perdido na sombra da máscara de solda levantada, o sorriso aparecendo e sumindo como o gato da Alice.

— Hã… e aquele *irmãzinha*? Se Georgie é irmã de Trofônio, isso quer dizer…? — Ele apontou para mim.

Nunca na vida desejei tanto ser um *blemmyae*. Tudo que eu queria era esconder o rosto na camisa. Queria arrancar a cabeça e jogar do outro lado da sala.

— Eu não sei!

— Explicaria muita coisa — arriscou Calipso. — Por que Georgina se sentiu tão sintonizada com o Oráculo, por que conseguiu sobreviver à experiência. Se você… quer dizer… não Lester, mas Apolo é o pai dela…

— Ela *tem* pais. — Josephine passou o braço pela cintura de Emmie. — Nós estamos bem aqui.

Calipso levantou as mãos, pedindo desculpas.

— Claro. Eu só quis dizer…

— Sete anos — interrompeu Emmie, acariciando a testa da filha. — Nós a criamos pelos últimos sete anos. Em momento algum fez

diferença para nós de onde ela veio, nem quem eram os pais biológicos. Quando Agamedes a trouxe… nós procuramos anúncios nos jornais. Verificamos os casos na polícia. Mandamos mensagens de Íris para todos os nossos contatos. *Ninguém* tinha dado como desaparecida uma bebê com as descrições dela. Os pais biológicos não a queriam, ou não podiam criá-la… — Ela fez cara feia para mim. — Ou talvez nem soubessem que ela existia.

Tentei me lembrar. Fiz de tudo. Mas se o deus Apolo teve um breve romance com uma moradora, ou até morador, do Meio-Oeste oito anos antes, eu não tinha recordação alguma. Pensei em Wolfgang Amadeus Mozart, que também chamou minha atenção quando tinha sete anos. Todo mundo dizia *Ele só pode ser filho de Apolo!* Os outros deuses me procuraram querendo confirmação, e eu queria *tanto* dizer *sim, a genialidade daquele garoto é toda minha!*, mas não conseguia me lembrar de ter conhecido a mãe de Wolfgang. Nem o pai.

— Georgina tem ótimas mães — falei. — Se ela é filha de… de Apolo… Me desculpem, eu não tenho como saber.

— Você não tem como saber — repetiu Josephine secamente.

— M-mas eu acho mesmo que ela vai se curar. A mente dela é forte. Ela arriscou a vida e a sanidade para nos transmitir aquela mensagem. O melhor que podemos fazer agora é seguir as instruções do oráculo.

Josephine e Emmie trocaram olhares que diziam *Ele é um canalha, mas tem coisa demais acontecendo nas nossas vidas agora. Vamos deixar para matá-lo depois.*

Meg McCaffrey cruzou os braços. Até ela pareceu sentir a sabedoria na mudança de assunto.

— Então vamos ao amanhecer?

Com dificuldade, Josephine se concentrou nela, provavelmente se perguntando de onde Meg tinha aparecido de repente. (Eu tinha esse pensamento com frequência.)

— Sim, querida. É a única hora em que dá para entrar na Caverna das Profecias.

Suspirei por dentro. Primeiro, foi o zoológico ao amanhecer. Depois, o Canal Walk ao amanhecer. Agora, a caverna. Eu queria muito que as missões perigosas pudessem começar em um horário mais razoável, tipo às três da tarde.

Um silêncio desconfortável se espalhou pela sala. Georgina dormia, a respiração irregular. Nos ninhos, os grifos eriçaram as penas. Jamie estalou os dedos, pensativo.

Finalmente, Thalia Grace deu um passo à frente.

— E o resto da mensagem: “Sua profecia vai virar realidade… ou a do imperador. Não vai poder se esconder no seu pequeno refúgio”?

— Não sei — admiti.

Leo levantou os braços.

— Um viva para o deus das profecias!

— Ah, cala a boca — resmunguei. — Ainda não tenho informações suficientes. Se sobrevivermos à caverna…

— Eu sei interpretar essa parte — disse Litierses da cadeira no canto.

O filho de Midas se virou para encarar as pessoas, as bochechas um mapa de cicatrizes e hematomas, os olhos vazios e desolados.

— Graças aos dispositivos de rastreamento que coloquei nos seus grifos, Cômodo sabe onde vocês estão. Vai estar aqui amanhã bem cedo. E vai apagar este lugar do mapa.

29

Deus de descascar
O tofu está gostoso
Mas falta ìgboyà

LITIERSES TINHA TALENTO PARA fazer amigos.

Metade das pessoas correu para matá-lo. A outra metade gritou que também queria matá-lo e que era melhor a primeira metade sair da frente.

— Seu canalha!

Hunter Kowalski arrancou Litierses da cadeira e o jogou na parede, encostando uma chave de fenda emprestada no pescoço dele.

— Sssssai pra lá! — gritou Sssssarah. — Vou engoli-lo inteiro!

— Eu devia ter arremessado esse cara na parede do prédio — rosnou Leo.

— PAREM!

Josephine atravessou o grupo, e, como já era de se esperar, as pessoas abriram caminho. Ela tirou Hunter Kowalski de cima de Litierses e fez cara feia para o homem, como se ele fosse uma carruagem com o eixo quebrado.

— Você colocou rastreadores nos nossos grifos?

Lit massageou o pescoço.

— Sim. E o plano funcionou.

— Você tem *certeza* de que Cômodo sabe nossa localização?

Eu geralmente evitava atrair a atenção de um grupo furioso, mas me senti compelido a falar.

— Ele está dizendo a verdade — falei. — Nós ouvimos Litierses falando com Cômodo na sala do trono. Pensei que Leo já tivesse contado isso para vocês.

— *Eu?* — protestou Leo. — Ei, as coisas estavam caóticas! Eu achei que você… — O visor caiu para a frente, deixando o restante da frase ininteligível.

Litierses abriu os braços, que tinham tantas cicatrizes que pareciam troncos usados para testar serras elétricas.

— Me matem se quiserem. Não vai fazer diferença. Cômodo vai destruir este lugar e todo mundo aqui dentro.

Thalia Grace pegou a faca de caça. Em vez de estripar o espadachim, ela fincou a lâmina na mesa de centro mais próxima.

— As Caçadoras de Ártemis não vão deixar isso acontecer. Nós já lutamos muitas batalhas impossíveis. Perdemos muitas irmãs, mas nunca recuamos. No verão passado, na Batalha de Old San Juan… —

Ela hesitou.

Era difícil imaginar Thalia à beira das lágrimas, mas ela estava se controlando para não estragar a pose punk rock. Eu me lembrei de uma coisa que Ártemis havia me dito quando estávamos exilados juntos em Delos... que as Caçadoras dela e as Amazonas lutaram contra o gigante Orion em Porto Rico. Uma base amazona foi destruída. Muitas morreram — Caçadoras que, se não tivessem morrido em batalha, poderiam ter vivido por milênios. O Lester Papadopoulos dentro de mim achava essa ideia aterrorizante.

— Nós *não* vamos perder a Estação Intermediária também — continuou Thalia. — Vamos ficar ao lado de Josephine e Emmie. Nós chutamos o *podex* de Cômodo hoje. E vamos chutar de novo quando ele chegar aqui.

As Caçadoras aplaudiram e gritaram. Talvez eu também tenha gritado. Adoro quando heróis corajosos se voluntariam para lutar em batalhas das quais não quero participar.

Litierses balançou a cabeça.

— O que vocês viram hoje foi só uma pequena amostra da força total de Cômodo. Ele tem recursos... *amplos*.

Josephine grunhiu.

— Nossos amigos o deixaram no mínimo com o nariz sangrando hoje. Talvez ele não ataque amanhã. Vai precisar de tempo para se reorganizar.

Lit soltou uma gargalhada desanimada.

— Você não conhece Cômodo como eu. Vocês o deixaram furioso. Ele não vai esperar. Ele *nunca* espera. Amanhã cedo, vai atacar *com tudo*. Vai matar todos nós.

Eu queria discordar. Queria acreditar que o imperador daria meia-volta e recuaria, decidindo nos deixar em paz porque, ora, mandamos tão bem no ensaio. Talvez ele até mandasse uma caixa de bombons como pedido de desculpas.

Mas eu *conhecia* Cômodo. Eu me lembrava do chão do Coliseu coberto de cadáveres. Eu me lembrava das listas de execução. Eu me lembrava dos lábios salpicados de sangue rosnando para mim: *Você parece meu pai. Não quero mais pensar nas consequências!*

— Litierses está certo — falei. — Cômodo recebeu uma profecia do Oráculo das Sombras. Ele precisa destruir este lugar e me matar. Só assim poderá fazer a cerimônia de nomeação amanhã à tarde. O que significa que ele vai atacar de manhã. Ele não gosta muito de esperar para conseguir o que deseja.

— Nósssss poderíamosssss sssssair de fininho — sugeriu Sssssarah. — Ir embora. Nosssss essssscondermos. Viver para lutar outro dia.

O fantasma Agamedes apontou com ênfase para a *dracaena*, obviamente concordando com a ideia dela. A gente acaba repensando

nossas escolhas quando até nossos amigos mortos estão com medo de morrer.

Josephine balançou a cabeça.

— Não vou sair de fininho coisa nenhuma. Aqui é nossa casa.

Calipso assentiu.

— E se Emmie e Jo vão ficar, nós também vamos. Elas salvaram nossas vidas. Vamos lutar até a morte por elas. Certo, Leo?

Leo levantou o visor.

— Com certeza. Se bem que já passei por essa coisa de *morrer* e tal, então eu preferia lutar até a morte de outra pessoa. Por exemplo, a do Incômodo…

— Leo — repreendeu Calipso.

— É, nós estamos dentro. Eles nunca vão passar por nós.

Jamie passou por uma fila de Caçadoras e foi até a frente. Apesar do tamanho, ele se movia com a mesma graça de Agamedes, quase como se flutuasse.

— Eu tenho uma dívida com vocês — disse ele. — Vocês me salvaram da prisão daquele psicopata. Mas estou ouvindo muito sobre *nós* e *eles*. Sempre fico meio apreensivo quando as pessoas falam assim, como se todo mundo pudesse ser tão facilmente dividido em amigo e inimigo. A maioria de nós aqui nem se conhece.

O homenzarrão indicou o grupo com a mão: Caçadoras, ex-Caçadoras, um ex-deus, uma ex-titã, semideuses, uma mulher cobra, dois grifos, um fantasma decapitado. E, no andar de baixo, ainda tínhamos uma elefanta chamada Lívia. Poucas vezes vi uma coleção tão variada de defensores.

— E ainda tem esse aqui. — Jamie apontou para Litierses. Sua voz parecia o ribombar de trovões prontos para se libertarem. — Ele agora é amigo? Devo lutar lado a lado com quem me escravizou?

Hunter Kowalski brandiu a chave de fenda.

— Não deveria.

— Espere! — gritei. — Litierses pode ser útil.

Mais uma vez, eu não sabia bem por que tinha me manifestado. Aquilo prejudicava meu objetivo principal, que era permanecer sempre protegido e popular.

— Litierses conhece os planos de Cômodo. Ele sabe que tipo de forças vão nos atacar. E a vida de Litierses está em perigo, assim como a nossa.

Expliquei que Cômodo tinha mandado matá-lo e que Litierses tinha enfiado a espada no pescoço do antigo senhor.

— Issssso não me faz confiar nele — sibilou Sssssarah.

O grupo murmurou em concordância. Algumas Caçadoras se prepararam para atacar.

— Esperem! — gritou Emmie, subindo na mesa de jantar.

O cabelo comprido se soltara da trança, fios de prata caindo pelas laterais do rosto. As mãos estavam sujas de massa de pão. Por cima das roupas camufladas, ela estava usando um avental com a foto de um hambúrguer e o slogan TIRE AS MÃOS DOS MEUS GLÚTENS.

Ainda assim, o brilho duro nos olhos dela me lembrou o da jovem princesa de Naxos que pulou de um penhasco com a irmã, confiando nos deuses; a princesa que decidiu que preferia morrer a viver com medo do pai bêbado e furioso. Eu nunca tinha pensado que ficar mais velha, mais grisalha e mais corpulenta fosse deixar uma pessoa mais bonita. Mas parecia ser o caso de Emmie. De pé na mesa, ela era o centro de gravidade do salão, serena e firme.

— Para quem não me conhece — começou ela —, meu nome é Hemiteia. Jo e eu cuidamos da Estação Intermediária. Nós nunca recusamos pessoas com problemas, nem antigos inimigos. — Ela indicou Litierses. — Aqui recebemos de braços abertos os rejeitados pela sociedade: órfãos e fugitivos, pessoas que sofreram abuso, foram maltratadas ou enganadas, pessoas que não se sentem à vontade em nenhum outro lugar.

Ela indicou o teto, onde o vitral refletia a luz do sol em ângulos verdes e dourados.

— Britomártis, a Senhora das Redes, nos ajudou a construir este palácio.

— Uma rede de segurança para os seus amigos — falei de repente, lembrando o que Josephine me contara. — Mas uma armadilha para os seus inimigos.

Mais uma vez, eu era o centro das atenções. Mais uma vez, não gostei. (Eu estava *mesmo* começando a me preocupar comigo mesmo.) Meu rosto ardeu devido ao fluxo repentino de sangue nas minhas bochechas.

— Desculpe — falei para Emmie.

Ela me encarou, séria, como se questionasse onde mirar a próxima flecha. Acho que ela ainda não tinha me perdoado por possivelmente ser o pai divino de Georgina, apesar de ter recebido a notícia havia pelo menos cinco minutos. Tudo bem, eu tinha que dar um desconto. Às vezes, uma revelação daquelas podia demorar uma hora ou mais para ser absorvida.

Ela finalmente deu o braço a torcer e disse, assentindo:

— Apolo está certo. Amanhã podemos ser atacados, mas nossos inimigos vão descobrir que a Estação Intermediária protege os seus. Cômodo *não* vai sair daqui vitorioso. Josephine e eu vamos lutar para defender este lugar e qualquer um debaixo do nosso teto. Se vocês quiserem ser parte da nossa família, por um dia ou para sempre, são todos bem-vindos. *Todos* vocês. — Ela cravou o olhar em Lit.

O rosto do espadachim ficou pálido, as cicatrizes quase

desaparecendo. Ele abriu a boca para dizer alguma coisa, mas emitiu apenas um ruído engasgado. Ele deslizou na parede e começou a tremer, chorando bem baixinho.

Josephine se agachou ao lado dele. Olhou para o grupo como se perguntando *Alguém ainda vai querer arranjar confusão com esse cara?*

Ao meu lado, Jamie grunhiu.

— Gostei dessas mulheres — disse ele. — Elas têm *ìgboyà*.

Eu não sabia o que era *ìgboyà*. Não conseguia nem adivinhar que língua era aquela, mas gostei do jeito como Jamie pronunciou a palavra. Decidi que compraria um pouco de *ìgboyà* assim que possível.

— Muito bem, então. — Emmie limpou as mãos no avental. — Se alguém quiser ir embora, agora é a hora. Mas vou preparar uma marmita para quem quiser levar.

Ninguém respondeu.

— Certo — disse Emmie. — Nesse caso, todo mundo vai ter uma tarefa para fazer à tarde!

* * *

Ela me fez descascar cenouras.

Sinceramente, uma invasão se aproximava, e eu, o antigo deus da música, fiquei preso na cozinha preparando salada. Eu deveria estar andando por aí com o ukulele, animando todo mundo com minhas músicas e meu carisma, não descascando vegetais!

O lado bom foi que as Caçadoras de Ártemis tiveram que limpar os currais de gado, então talvez houvesse certa justiça no cosmos.

Quando o jantar ficou pronto, todo mundo se espalhou pelo salão principal para comer. Josephine se sentou com Litierses em um canto, falando com ele devagar e calmamente, como se estivesse lidando com um pitbull que sofreu nas mãos de um dono cruel. A maioria das Caçadoras ficou sentada nos ninhos dos grifos, com as pernas balançando na beirada enquanto observavam o salão abaixo. Pelos sussurros e expressões sérias, imaginei que elas estivessem falando sobre a melhor forma de matar um grande número de inimigos no dia seguinte.

Hunter Kowalski se ofereceu para ficar com Georgina. A garotinha dormia profundamente desde a experiência traumática no Trono da Memória, mas a Caçadora queria estar lá caso ela acordasse. Emmie concordou e agradeceu, mas só depois de me lançar um olhar acusatório que dizia *Não estou vendo você se oferecer para ficar com sua filha a noite toda.* Ah, francamente. Até parece que eu sou o primeiro deus que esqueceu que teve uma filha que depois foi levada por um fantasma decapitado para ser criada por duas mulheres em Indianápolis!

Descobri que os dois semideuses que fizeram greve de fome, irmãos chamados Deacon e Stan, eram residentes da Estação Intermediária havia um ano. Agora os dois descansavam na enfermaria e recebiam néctar na veia. Sssssarah pegou uma cesta de ovos e saiu rastejando para passar a noite na sauna. Jamie comeu com alguns dos outros prisioneiros nos sofás, o que não fez com que eu me sentisse nem um pouco deixado de lado, não mesmo, que isso.

Isso me deixou à mesa de jantar com Meg (novidade!), Leo, Calipso, Emmie e Thalia Grace.

Emmie ficava olhando para o outro lado da sala, para Josephine e Litierses.

— Nosso novo amigo, Litierses… — Ela pareceu incrivelmente sincera ao dizer a palavra *amigo*. — Eu conversei com ele mais cedo. Ele me ajudou a bater o sorvete e me contou muitas coisas sobre o exército que vamos enfrentar amanhã.

— Tem sorvete? — perguntei.

Eu tinha um talento natural para me concentrar no que realmente importava.

— Mais tarde — prometeu Emmie, embora o tom dela me dissesse que eu talvez não ganhasse nada. — É de baunilha. Nós íamos colocar pêssegos congelados, mas… — Ela olhou para Meg. — Achamos que talvez fosse de mau gosto.

Meg estava ocupada demais enfiando refogado de tofu na boca para responder.

— De qualquer modo — continuou Emmie —, Litierses acha que enfrentaremos algumas dezenas de mercenários mortais e de semideuses do Lar Imperial, algumas centenas de cinocéfalos variados e outros monstros, além das hordas habituais de *blemmyae* disfarçados de policiais, bombeiros e operários.

— Ah, que bom — disse Thalia Grace. — A galera de sempre.

Emmie deu de ombros.

— Cômodo quer derrubar a Union Station. Vai forjar uma evacuação de emergência para os mortais não notarem nada.

— Vazamento de gás — supôs Leo. — Quase sempre é vazamento de gás.

Calipso catou os pedaços de cenoura da salada, o que encarei como uma ofensa pessoal.

— Então, qual é nossa desvantagem? Dez para um? Vinte para um?

— Vai ser mole — disse Leo. — Eu cuido dos primeiros duzentos sozinho, e depois, se eu me cansar…

— Leo, chega. — Calipso franziu a testa para Emmie, como quem pede desculpas. — Ele faz mais piadinhas quando está nervoso. Também faz piadinhas *piores*.

— Eu não faço ideia do que você está falando.

Leo usou dois pedaços de cenoura como presas e rosnou.
Meg quase se engasgou com a comida.
Thalia soltou um longo suspiro.
— Ah, sim. Vai ser uma batalha divertida. Emmie, como está o seu estoque de flechas? Vou precisar de uma aljava inteira só para disparar em Leo.
Emmie sorriu.
— Temos muitas armas. E, graças a Leo e Josephine, as defesas da Estação Intermediária nunca estiveram tão fortes.
— De nada! — Leo cuspiu os pedaços de cenoura. — Eu também gostaria de mencionar o dragão gigante de bronze ali no canto, supondo que eu consiga terminar os ajustes hoje à noite. Ele ainda não está cem por cento.
Em outras situações, eu acharia o dragão de bronze gigante bem tranquilizador, mesmo que estivesse só setenta e cinco por cento, mas não gostei da proporção de vinte para um. Os gritos sedentos de sangue da plateia da arena ainda ressoavam nos meus ouvidos.
— Calipso, e a sua magia? — falei. — Voltou?
A frustração que tomou conta do rosto dela foi bem familiar. Era a mesma expressão que eu fazia quando pensava em todas as coisas divinas maravilhosas que eu não podia mais fazer.
— Só alguns surtos — respondeu ela. — Hoje de manhã, movi uma xícara de café pela bancada.
— É — disse Leo —, mas fez isso de um jeito *incrível*.
Calipso deu um tapa nele.
— Josephine diz que vai levar um tempo. Depois que a gente… — Ela hesitou. — Depois que a gente sobreviver à batalha de amanhã.
Tive a sensação de que não era aquilo que ela pretendia dizer. Leo e Emmie trocaram um olhar conspiratório. Preferi não insistir no assunto. No momento, a única conspiração em que eu estava interessado era a que me levaria de volta ao Monte Olimpo e restabeleceria a minha divindade antes do café da manhã do dia seguinte.
— Nós vamos conseguir — decretei.
Meg engoliu o restante da comida. Em seguida, exibiu seus modos refinados de sempre soltando um arroto e limpando a boca com o antebraço.
— Não eu e você, Lester. Nós não vamos estar aqui.
A salada do almoço começou a se revirar no meu estômago.
— Mas…
— A profecia, pateta. Primeira luz, lembra?
— É, mas se a Estação Intermediária for atacada… nós não devíamos estar aqui para ajudar?
Nunca pensei que uma pergunta daquelas partiria de mim. Quando

eu era deus, teria adorado deixar os heróis mortais à própria sorte, se defendendo sozinhos. Teria feito pipoca e assistido ao banho de sangue de longe, no Monte Olimpo, ou talvez só visto os melhores momentos depois. Mas, como Lester, eu me sentia obrigado a defender aquelas pessoas: a minha querida Emmie, a rude Josephine e a não tão pequena Georgina, que podia ou não ser minha filha. Thalia e as Caçadoras, Jamie da Tanga Adorável, os pais grifos orgulhosos no andar de cima, a excelente elefanta embaixo, até o detestável Litierses… Eu queria estar ao lado deles.

Você deve estar se perguntando por que eu ainda não tinha me dado conta do conflito de horários que minha obrigação causaria — procurar a Caverna de Trofônio na primeira luz me impediria de ficar na Estação Intermediária. Em minha defesa, só posso dizer que os deuses podem dividir sua essência em muitas manifestações ao mesmo tempo. Nós não somos muito bons em organização do tempo.

— Meg está certa — disse Emmie. — Trofônio convocou vocês. Conseguir a *sua* profecia pode ser a única forma de impedir que a profecia do imperador se realize.

Eu era o deus das profecias, e até *eu* estava começando a odiar profecias. Olhei para o espírito de Agamedes, pairando perto da escada. Pensei na última mensagem da Bola 8 Mágica. *Nós não podemos ficar.* Ele se referia aos defensores da Estação Intermediária? Ou a Meg e a mim? Ou a uma coisa totalmente diferente? Eu estava tão frustrado que queria pegar aquela bola e tacar na cabeça inexistente dele.

— Isso é bom, Apolo — disse Thalia. — Se Cômodo vier para cima de nós com tudo, é bem provável que não haja quase ninguém protegendo o Oráculo. Vai ser sua melhor chance de entrar.

— É — disse Leo. — Além do mais, talvez você volte a tempo de lutar conosco! Ou, você sabe, todo mundo morra e não faça diferença.

— Ah, agora estou me sentindo bem melhor — resmunguei. — Que problemas Meg e eu poderíamos encontrar, não é verdade?

— Pois é — concordou Meg.

Ela não parecia nem um pouco preocupada. Só podia ser falta de imaginação. Eu conseguia pensar em todos os tipos de destinos horríveis que poderiam acontecer com duas pessoas entrando na caverna perigosa de um espírito apavorante e hostil. Eu preferiria lutar com um monte de *blemmyae* em escavadeiras. Até consideraria descascar mais cenouras.

Quando eu estava recolhendo os pratos, Emmie segurou meu braço.

— Só me diga uma coisa — pediu ela. — Foi vingança?

Olhei para ela.

— O que… foi vingança?

— Georgina — murmurou ela. — Porque eu… você sabe, abri mão

do seu presente da imortalidade. Ela foi… — A mulher apertou bem os lábios, como se não confiasse neles para dizer mais nada.

Eu não sabia que podia me sentir tão mal. Odeio isso no coração mortal. Parece ter uma capacidade infinita de ficar mais pesado.

— Querida Emmie — falei. — Eu *nunca* faria isso. Nem nos meus piores dias, quando estou destruindo nações com flechas carregadas de doenças ou montando listas de músicas bregas para o karaokê do Olimpo, eu *nunca* me vingaria dessa forma. Juro para você: eu não fazia ideia de que você estava aqui, nem de que tinha abandonado as Caçadoras, nem de que Georgina existia, nem de… Na verdade, eu não fazia ideia de nada. E sinto muito.

Para o meu alívio, um sorriso leve surgiu no rosto dela.

— Eu consigo acreditar nisso, pelo menos.

— Que eu sinto muito?

— Não — disse ela. — Que você não fazia ideia de nada.

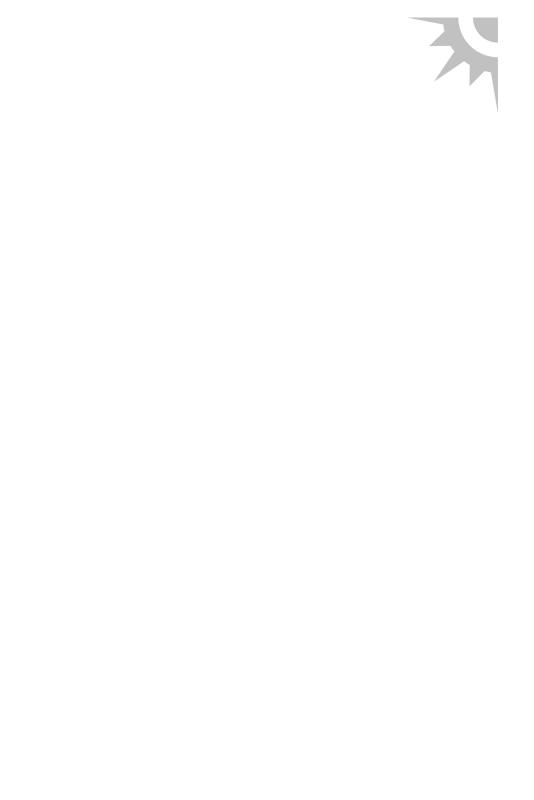
— Ah… Então está tudo bem?

Ela pensou.

— Por enquanto. Mas quando Georgie se recuperar… nós vamos conversar mais.

Eu assenti, embora achasse que minha lista de tarefas desagradáveis já estava bem cheia.

— Muito bem, então. — Eu suspirei. — Acho melhor eu descansar um pouco e talvez começar a compor um novo haicai de morte.

30

Lester, seu imbecil
Não passa nem uma noite
Sem se envergonhar

NÃO TIVE SORTE COM o haicai.

Eu ficava empacado no primeiro verso, *Eu não quero morrer*, e não conseguia pensar em mais nada. Odeio encher linguiça quando a ideia principal já está tão clara.

As Caçadoras de Ártemis se deitaram nos ninhos de grifos depois de montarem armadilhas com fios imperceptíveis acionados pelo toque e alarmes com sensor de movimento. Sempre faziam isso quando eu acampava com elas, o que eu achava bobo. Claro, quando era um deus, eu flertava com elas na cara de pau, mas nunca fui além disso. E como Lester? Não estava muito a fim de morrer com mil flechas prateadas no peito. No mínimo, as Caçadoras deviam ter confiado na minha preocupação com meu próprio bem-estar.

Thalia, Emmie e Josephine se sentaram juntas à mesa da cozinha por um tempão, conversando baixinho. Eu esperava que elas estivessem discutindo mais segredos de Caçadoras, algumas armas mortais que pudessem usar contra os exércitos de Cômodo. Mísseis balísticos da lua, talvez. Ou napalm da lua.

Meg não se deu ao trabalho de procurar um quarto de hóspedes. Ela se acomodou no sofá mais próximo e logo já estava roncando.

Fiquei de pé ali perto, ainda sem me sentir pronto para voltar ao quarto que dividia com Leo Valdez. Vi a lua subir pelo vitral redondo gigantesco acima da oficina de Josephine.

Uma voz logo atrás de mim falou:

— Não está cansado?

Que bom que eu não era mais o deus do Sol. Se alguém tivesse me dado um susto daqueles na minha carruagem, minha reação teria sido tão enérgica que o meio-dia teria acontecido às seis da manhã.

Jamie estava ao meu lado, uma aparição elegante e bela. O luar brilhava em tons de cobre na cabeça dele. O colar de contas vermelhas e brancas aparecia por baixo da gola da camisa.

— Ah! — falei. — Hã… Não.

Eu me encostei na parede, torcendo para parecer casual, atraente e charmoso. Infelizmente, errei a parede.

Jamie foi muito gentil e fingiu não notar.

— Você devia tentar dormir — falou na sua voz baixa e retumbante. — O desafio que vai encarar amanhã… — Rugas de

preocupação surgiram na testa dele. — Não consigo nem imaginar.

Dormir parecia um conceito estranho, ainda mais agora, com meu coração disparado como um pedalinho com defeito.

— Ah, não sou muito de dormir. Eu era um deus, sabe? — Eu me perguntei se flexionar meus músculos ajudaria a provar isso. Decidi que não. — E você? É um semideus?

Jamie grunhiu.

— Uma palavra interessante. Eu diria que sou um *elomìíràn*, um dos *outros*. Também faço pós-graduação em contabilidade na Universidade de Indiana.

Eu não tinha ideia de como reagir àquela informação. Não conseguia pensar em assuntos que me fariam parecer interessante em uma conversa com um estudante de contabilidade. Também não tinha me dado conta do quanto Jamie era mais velho do que eu. Estou falando do mortal Lester, não do eu deus. Fiquei confuso.

— Mas Sssssarah disse que você trabalhava para Cômodo. Você é um gladiador?

As beiradas da boca de Jamie se viraram para baixo.

— Não sou um gladiador. Só luto nos fins de semana, por dinheiro. Artes marciais híbridas. Gidigbo e dambe.

— Não sei o que é isso.

Ele riu.

— A maioria das pessoas não sabe. São formas de arte marcial nigeriana. A primeira, gidigbo, é um estilo de luta livre do meu povo, os iorubás. O outro é um esporte hauçá. É mais violento, mas eu gosto.

— Entendo — falei, embora na verdade não entendesse.

Mesmo na Antiguidade, eu era completamente ignorante em relação a qualquer coisa que acontecesse abaixo do deserto do Saara. Nós, olimpianos, costumávamos ficar na nossa região, em torno do Mediterrâneo, o que era, concordo, terrivelmente esnobe da nossa parte.

— Você luta por dinheiro?

— Para pagar meus estudos. Eu não sabia em que estava me metendo quando fui trabalhar com esse tal de imperador.

— Mas você sobreviveu — comentei. — Consegue ver que o mundo é, hã, bem mais estranho do que a maioria dos mortais costuma perceber. Você, Jamie, deve ter muito *ìgboyà*.

A gargalhada dele foi grave e intensa.

— Meu nome na verdade é Olujime. Para a maioria dos americanos, Jamie é mais fácil.

Isto eu entendia. Era mortal havia apenas poucos meses e não aguentava mais soletrar *Papadopoulos*.

— Bem, Olujime, é um prazer conhecê-lo. Temos sorte de ter um defensor como você.

— Humm. — Olujime assentiu com seriedade. — Se sobrevivermos ao dia de amanhã, talvez a Estação Intermediária precise de um contador. Uma propriedade tão complexa… tem muitas implicações fiscais.

— Hã…

— Estou brincando — disse ele. — Minha namorada diz que eu brinco demais.

— *Hã*. — Dessa vez, soou como se eu tivesse levado um chute na barriga. — Sua namorada. Claro. Você pode me dar licença?

Fugi.

Apolo idiota. Claro que Olujime tinha namorada. Eu não sabia quem ou o que ele era, nem por que o destino o arrastou para o nosso mundinho estranho, mas era óbvio que alguém tão interessante não estaria solteiro. Além disso, ele era velho demais para mim, ou jovem, dependendo do ponto de vista. Decidi não pensar mais naquilo.

Exausto, mas inquieto, andei pelos corredores que costumavam mudar de lugar até dar de cara com uma pequena biblioteca. Quando digo *biblioteca*, estou falando das de antigamente, sem livros, só pergaminhos empilhados em cubículos. Ah, o cheiro de papiro me fez viajar no tempo!

Eu me sentei à mesa no centro da sala e me lembrei das conversas que tinha em Alexandria com a filósofa Hipátia. Que mulher inteligente. Desejei que ela estivesse ali agora. O conselho dela sobre como sobreviver à Caverna de Trofônio seria útil.

Mas, neste momento, meu único conselheiro estava enfiado na aljava às minhas costas. Com relutância, peguei a Flecha de Dodona e a coloquei na mesa.

O cabo da flecha tremeu na superfície. *MUITO TEMPO ME DEIXASTE NA ALJAVA. DE FATO, TEUS NÍVEIS DE ESTUPIDEZ ME ESTUPEFAZEM.*

— Você já se perguntou por que você não tem amigos?

INCORRETO, disse a flecha. *CADA GALHO DO BOSQUE SAGRADO DE DODONA, CADA GRAVETO E RAIZ… PARA TODOS ESSES, EU SOU MUITO QUERIDO.*

Eu duvidava. Era mais provável que, quando havia chegado a hora de escolher um galho para entalhar uma flecha e mandar em uma missão comigo, o bosque todo tenha votado com unanimidade naquele pedaço de freixo particularmente irritante. Até oráculos sagrados têm limite para ouvir coisas como *estupefazem* e *de fato*.

— Então me fale, ó Flecha Sábia, muito querida por todas as demais árvores, como chegamos à Caverna de Trofônio? E como Meg e eu vamos sobreviver?

As penas da flecha tremeram. *TU DEVES PEGAR UM CARRO.*

— Só isso?

SAI BEM ANTES DA AURORA. É CONTRAFLUXO, SIM, MAS HAVERÁ UMA OBRA NA RODOVIA TRINTA E SETE. ESTIMA UM TRAJETO DE UMA HORA E QUARENTA E DOIS MINUTOS.

Olhei para ela desconfiado.

— Você por acaso está… vendo no Google Maps?

Uma longa pausa. *CLARO QUE NÃO. TU ESTÁS POR FORA. QUANTO A COMO SOBREVIVERÁS, PERGUNTA-ME FUTURAMENTE, QUANDO CHEGARES AO DESTINO.*

— Isso quer dizer que você precisa de um tempo para pesquisar a Caverna de Trofônio na Wikipédia?

NÃO DIREI MAIS NADA PARA TI, VILÃO! TU NÃO ÉS DIGNO DOS MEUS CONSELHOS SÁBIOS!

— *Eu* não sou digno? — Peguei a flecha e a sacudi. — Você não ajuda em nada, sua inútil…

— Apolo.

Calipso estava parada à porta. Ao lado dela, Leo sorriu.

— A gente não sabia que você estava discutindo com a sua flecha. Quer que a gente volte depois?

Suspirei.

— Não, entrem.

Os dois se sentaram na minha frente. Calipso entrelaçou os dedos sobre a mesa, como uma professora em uma reunião de pais.

Leo tentou ao máximo fingir ser uma pessoa capaz de ficar séria.

— Então, hã, escute, Apolo…

— Eu sei — falei com infelicidade.

Ele piscou como se eu tivesse jogado fagulhas de solda nos olhos dele.

— Sabe?

— Supondo que a gente não morra amanhã — falei —, vocês dois pretendem ficar na Estação Intermediária.

Os dois ficaram olhando para a mesa. Um pouco mais de choro e de drama seria legal, alguns soluços sentidos de *por favor, nos perdoe!*, mas talvez aquele fosse o melhor pedido de desculpas que Lester Papadopoulos merecia.

— Como você adivinhou? — perguntou Calipso.

— Suas conversas sérias com Josephine e Emmie. Os olhares furtivos.

— Ei, cara, eu não sou furtivo. Não tenho um pingo de furtividade — disse Leo.

Eu me virei para Calipso.

— Josephine tem uma oficina maravilhosa para Leo. E pode ensinar você a recuperar sua magia. Emmie tem jardins dignos da sua antiga casa, Ogígia.

— Minha antiga *prisão* — corrigiu Calipso, embora a voz não

estivesse carregada de raiva.

Leo se agitou.

— É que… Josephine me lembra muito a minha mãe. Ela precisa de ajuda aqui. A Estação Intermediária pode ser um prédio vivo, mas dá quase tanto trabalho quanto Festus.

Calipso assentiu.

— Nós viajamos tanto, Apolo, em perigo constante, durante meses. Não são só a magia e os jardins que me atraem. Emmie disse que poderíamos viver como os jovens normais desta cidade. Até ir à escola.

Se não fosse o olhar sério dela, eu talvez tivesse rido.

— Você, uma antiga imortal, mais velha até do que eu, quer frequentar a escola?

— Ei, cara — disse Leo. — Nenhum de nós teve chance de ter uma vida normal.

— Nós gostaríamos de ver como seríamos juntos e separados no mundo mortal — continuou Calipso. — Ir mais devagar. Namorar. Namorado e namorada. Talvez… sair com amigos.

Ela falou essas palavras como se estivessem carregadas de um tempero exótico, um gosto que queria saborear.

— Acontece que, Lester, amigão — disse Leo —, nós prometemos ajudar você. Estamos preocupados por deixar você sozinho.

Os olhos deles estavam tão cheios de preocupação, preocupação *comigo*, que eu precisei engolir o nó que surgiu na minha garganta. Nós viajamos juntos por seis semanas. Na maior parte do tempo, desejei com todas as minhas forças estar em outro lugar, com outras pessoas. Mas, com exceção da minha irmã, não havia mais ninguém com quem eu já tivesse passado por tanta coisa. Percebi que ia sentir falta daqueles dois. Que os deuses me ajudem.

— Eu entendo. — Tive que me forçar a falar. — Josephine e Emmie são boas pessoas. Podem oferecer um lar para vocês. E eu não vou ficar sozinho. Tenho Meg agora. Não pretendo perdê-la de novo.

Leo assentiu.

— É, Meg é fogo. Olha que entendo bem disso.

— Além do mais — disse Calipso —, nós não vamos… como é a expressão… fugir completamente do mapa.

— Sumir — corrigi. — Embora fugir também seja uma ótima ideia.

— É — disse Leo. — Nós ainda temos muitas coisas de semideuses a fazer. Em algum momento, tenho que entrar em contato com meus amigos: Jason, Piper, Hazel, Frank. Tem muita gente por aí que ainda quer me dar um soco.

— E temos que sobreviver ao dia de amanhã — acrescentou Calipso.

— Isso aí, gata. Boa lembrança. — Leo bateu na mesa à minha

frente. — A questão, *ese*, é que não vamos abandonar você. Se você precisar de nós, grite. Estaremos lá.

Pisquei para segurar as lágrimas. Eu não estava triste. Não estava surpreso pela amizade deles. Não, foi só um dia muito longo, e meus nervos estavam à flor da pele.

— Eu agradeço — falei. — Vocês dois são bons amigos.

Calipso secou os olhos. Sem dúvida ela também estava só cansada.

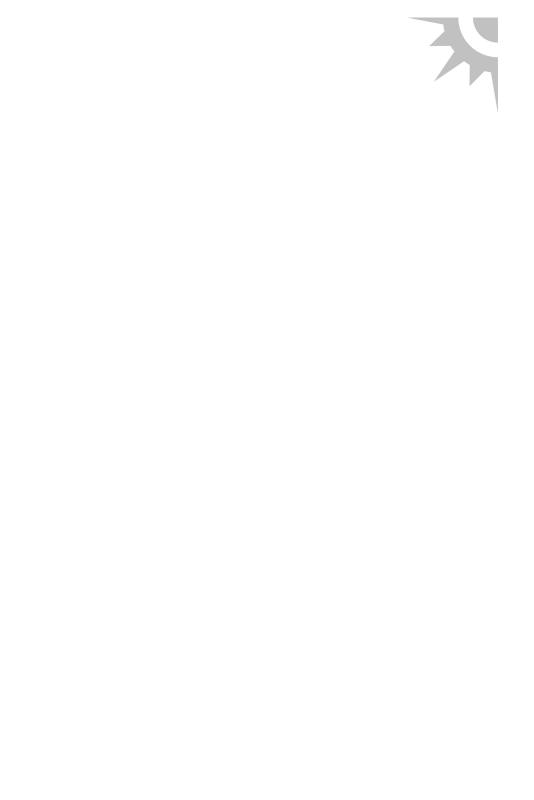
— Não vamos nos empolgar. Você ainda é muito irritante.

— E você ainda é um pé no *gloutos*, Calipso.

— Tudo bem. — Ela deu um sorrisinho. — Agora nós todos *devíamos* ir descansar. A manhã vai ser agitada.

— Argh. — Eu enfiei a mão no cabelo. — Você não consegue conjurar um espírito do vento para mim? Eu tenho que dirigir até a Caverna de Trofônio amanhã, e não tenho carruagem nem carro.

— Carro? — Leo deu um sorriso malicioso. — Ah, eu consigo arrumar um desses!

31

Comece com dó
Deixe as outras notas pra
Lá. Sem mimimi

ÀS CINCO DA MANHÃ do dia seguinte, na rotatória em frente à Estação Intermediária, Meg e eu encontramos Leo de pé na frente de um Mercedes vermelho brilhante. Eu não perguntei onde ele tinha arranjado o veículo. Ele também não me disse. O que ele *disse* foi que tínhamos que voltar em vinte e quatro horas (supondo que viveríamos por tanto tempo) e tentar não ser parados pela polícia.

Aí vai a má notícia: saindo dos limites da cidade, eu fui parado pela polícia.

Ah, que azar infeliz! O policial nos parou sem motivo algum. Tive medo de ele ser um *blemmyae*, mas ele não era educado o bastante.

Ele franziu a testa ao analisar minha habilitação.

— É uma carteira de motorista provisória de Nova York, garoto. O que você está fazendo dirigindo um carro assim? Onde estão seus pais e aonde você está levando essa garotinha?

Por pouco não expliquei que eu era uma deidade de quatro mil anos, um guia do Sol muito experiente, que meus pais estavam no reino celestial e que a garotinha era minha senhora semideusa.

— Ela é minha…

— Irmãzinha — disse Meg. — Ele está me levando para a aula de piano.

— Hã, é — concordei.

— E nós estamos atrasados! — Meg balançou os dedos de um jeito que não lembrava o gesto de tocar piano. — Porque meu irmão é muito burro.

O policial franziu a testa.

— Esperem aqui.

Ele andou até a viatura, talvez para checar minha carteira de motorista no sistema ou chamar apoio da SWAT.

— Seu irmão? — perguntei a Meg. — Aula de piano?

— A parte do muito burro era verdade.

O policial voltou com uma expressão confusa no rosto.

— Desculpe. — Ele devolveu minha habilitação. — Erro meu. Dirijam com segurança.

E foi isso.

Eu me perguntei o que tinha mudado na mente do policial. Talvez, quando Zeus criou minha carteira de motorista, tenha acrescentado

algum feitiço que permitia que eu passasse ileso por burocracias desnecessárias como policiais em rodovias. Sem dúvida Zeus tinha ouvido que dirigir sendo mortal era perigoso.

Nós seguimos em frente, embora o incidente tenha me deixado abalado. Na rodovia 37, eu fiquei observando os carros que seguiam na direção oposta, me perguntando quais eram dirigidos por *blemmyae*, semideuses ou mercenários indo trabalhar no Palácio Cômodo, ansiosos para destruir meus amigos a tempo da cerimônia de nomeação.

A leste, o céu foi de ônix para carvão. Nas margens da estrada, postes de luz pintavam a paisagem de laranja-Agamedes — cercas e pastos, árvores, ravinas secas. Vez ou outra, víamos um posto de gasolina ou um oásis de Starbucks. Também passamos por outdoors que anunciavam OURO: MELHORES PREÇOS! em letras garrafais e exibiam a imagem de um homem sorridente em um terno barato muito parecido com o rei Midas.

Eu me perguntei como Litierses estava se saindo na Estação Intermediária. Quando partimos, o local borbulhava de agitação: todo mundo ajudando a montar armaduras, afiar armas e preparar armadilhas. Litierses estava ao lado de Josephine, explicando como Cômodo e suas várias tropas funcionavam. Ele só parecia parcialmente presente, como um homem com uma doença terminal aconselhando os outros pacientes sobre a melhor forma de prolongar o inevitável.

Estranhamente, eu confiava nele. Não achava que trairia Josephine, Emmie, a pequena Georgina e o resto da família improvisada e heterogênea com a qual eu tanto me preocupava. O comprometimento de Lit parecia genuíno. Ele agora odiava Cômodo mais do que qualquer um de nós.

Por outro lado, seis semanas antes, eu jamais desconfiaria que Meg McCaffrey trabalhava para Nero…

Olhei para minha pequena senhora. Ela estava esparramada no banco, os tênis vermelhos de cano alto apoiados no painel acima do porta-luvas, em uma posição que não parecia muito confortável. Devia ser o tipo de hábito que alguém desenvolve quando criança e depois fica relutante de abandonar quando cresce.

Ela continuava tocando piano no ar.

— Você pode acrescentar algumas pausas à sua composição — falei. — Só para dar uma variada.

— Quero fazer aula.

Eu não sabia se tinha ouvido corretamente.

— Aula de piano? Agora?

— Não agora, panaca. Mas em algum momento. Você pode me ensinar?

Que ideia apavorante! Eu gostaria de acreditar que já tinha

alcançado certo status na minha carreira de deus da música para não precisar dar aulas de piano a principiantes. Se bem que Meg me *pediu* para lhe ensinar, não ordenou. Detectei algo de hesitante e esperançoso na voz dela, um broto verde novinho de chia surgindo. Isso me fez pensar em Leo e Calipso na noite anterior na biblioteca, falando com ternura sobre a vida normal que poderiam ter em Indiana. Era estranha a frequência com que os humanos sonhavam com o futuro. Nós, imortais, nem pensávamos nisso. Para nós, sonhar com o futuro é como olhar para o ponteiro das horas do relógio.

— Tudo bem — falei. — Isso se a gente sobreviver às aventuras desta manhã.

— Combinado.

Meg tocou uma nota final que Beethoven teria amado. E, de dentro da mochila de suprimentos, ela tirou um saco de cenouras (descascadas por mim, não precisa agradecer) e começou a mastigar alto enquanto batia as pontas dos tênis.

Porque ela era Meg.

— Agora precisamos definir nossa estratégia — sugeri. — Quando chegarmos às cavernas, vamos ter que encontrar a entrada secreta. Duvido que seja tão óbvia quanto a entrada mortal.

— Hum, tá.

— Quando você tiver eliminado os guardas que encontrarmos…

— Quando *nós* tivermos eliminado — corrigiu ela.

— Tanto faz. Vamos precisar procurar dois riachos próximos. Vamos ter que beber dos dois antes…

— Não me conta. — Meg levantou uma cenoura como se fosse uma batuta. — Nada de spoilers.

— *Spoilers?* Essa informação pode salvar nossas vidas!

— Eu não gosto de spoilers — insistiu ela. — Eu quero ser surpreendida.

— Mas…

— Não.

Apertei o volante, nervoso. Tive que me controlar para não pisar no acelerador e fazer com que voássemos em direção ao horizonte. Eu queria falar sobre a Caverna de Trofônio… não só para instruir Meg, mas para ver se eu tinha entendido os detalhes direito.

Passei a maior parte da noite em claro na biblioteca da Estação Intermediária. Li pergaminhos, revirei minha memória imperfeita, até tentei arrancar mais respostas da Flecha de Dodona e da Bola 8 Mágica de Agamedes. Obtive algumas respostas, mas o que consegui juntar só me deixou mais nervoso.

E eu gostava de falar quando estava nervoso.

Mas Meg não parecia preocupada com a tarefa à frente. Ela agia de forma tão irritante e desligada quanto na primeira vez que a vi,

naquele beco em Manhattan.

Será que ela só estava bancando a corajosa? Eu achava que não. Sempre achei impressionante a capacidade que os mortais tinham de se adaptar em face de uma catástrofe. Até os humanos mais traumatizados, maltratados e surpreendidos conseguiam seguir com suas vidas. Refeições ainda eram preparadas. Trabalho ainda era feito. Aulas de piano eram começadas e cenouras eram mastigadas.

Durante quilômetros, seguimos em silêncio. Eu mal consegui ouvir uma música decente, porque o Mercedes não tinha rádio por satélite. Maldito Leo Valdez e seus veículos econômicos!

A única estação que consegui sintonizar transmitia uma coisa chamada Zoológico Matinal. Depois da minha experiência com Calipso e os grifos, eu não estava muito a fim de pensar em zoológicos.

Atravessamos cidades pequenas com hotéis velhos, brechós, lojas de ração e vários veículos à venda na beira da estrada. A paisagem era plana e monótona, um lugar que poderia muito bem se passar pelo antigo Peloponeso, exceto pelos postes telefônicos e outdoors. Bem, e pela estrada em si. Os gregos nunca foram bons em construir estradas. Provavelmente porque Hermes era o deus das viagens, e sempre estava mais interessado em fazer viagens fascinantes e perigosas do que em construir rodovias rápidas e seguras.

Finalmente, duas horas depois de sair de Indianápolis, o amanhecer chegou, e eu comecei a entrar em pânico.

— Estou perdido — admiti.

— Eu sabia — disse Meg.

— Não tenho culpa! Eu segui aquelas placas indicando uma tal de Casa de Deus!

Meg olhou para mim com desdém.

— A loja cristã de Bíblias pela qual a gente passou? Por que você faria isso?

— Ah, francamente! As pessoas precisam ser mais específicas sobre que deuses estão anunciando!

Meg arrotou na mão fechada.

— Encoste e pergunte à flecha. Estou ficando enjoada.

Eu não queria perguntar à flecha. Mas também não queria que Meg vomitasse as cenouras no banco de couro. Parei no acostamento e puxei o projétil profético da aljava.

— Ó, Flecha Sábia — falei. — Estamos perdidos.

EU SOUBE DISSO QUANDO TE CONHECI.

Aquela flecha tinha uma haste tão fina. Uma haste tão fácil de quebrar! Respirei fundo. Se eu destruísse o presente do Bosque de Dodona, era bem capaz de sua padroeira, minha avó hippie Reia, lançar uma maldição sobre mim, me fazendo ficar com cheiro de patchouli pela eternidade e além.

— O que eu quero dizer — falei — é que precisamos encontrar a entrada da Caverna de Trofônio. E rápido. Você pode nos direcionar para lá?

A flecha vibrou, talvez procurando conexões de wi-fi na região. Levando em conta nossa localização remota, eu temi que começasse a transmitir o Zoológico Matinal.

A ENTRADA MORTAL SE SITUA UMA LÉGUA A OESTE, entoou. *PERTO DE UM GALPÃO COM TELHADO AZUL.*

Por um momento, fiquei surpreso demais para falar.

— Isso foi… realmente útil.

MAS TU NÃO PODES USAR A ENTRADA MORTAL, acrescentou a flecha. *ESTÁ MUITO BEM PROTEGIDA, E SERIA FATAL.*

— Ah. Menos útil.

— O que ela está dizendo? — perguntou Meg.

Fiz um gesto pedindo que ela fosse paciente. (Por quê, eu não sei. Era um desejo impossível.)

— Grande Flecha, você por acaso não saberia qual é a *melhor* forma de entrar na caverna?

SEGUE ESTA ESTRADA PARA O OESTE. TU VERÁS UMA BARRACA COM OVOS FRESCOS SELECIONADOS.

— Sim?

ESSA BARRACA NÃO É IMPORTANTE. CONTINUA DIRIGINDO.

— Apolo. — Meg me cutucou. — O que ela está dizendo?

— Alguma coisa sobre ovos frescos.

Essa resposta pareceu satisfazê-la. Pelo menos, ela parou de me cutucar.

VAI MAIS LONGE, aconselhou a flecha. *PEGA A TERCEIRA À ESQUERDA. QUANDO TU VIRES A PLACA DO IMPERADOR, TU VAIS SABER QUE É HORA DE PARAR.*

— Que placa do imperador?

TU VAIS SABER QUANDO VIRES. PARA LÁ, PULA A CERCA E PROSSEGUE PARA O LOCAL DOS DOIS RIACHOS.

Dedos frios tocaram um acorde nas minhas vértebras. *O local dos dois riachos*… Isso, pelo menos, fazia sentido para mim. Eu queria que não fizesse.

— E depois? — perguntei.

DEPOIS TU PODES BEBER E PULAR NO ABISMO DE HORRORES. MAS, PARA FAZER ISSO, TU DEVES ENFRENTAR OS GUARDIÕES QUE NÃO PODEM SER MORTOS.

— Fantástico — falei. — Por acaso tu não tens… Por acaso você não tem mais informações sobre esses guardiões imatáveis no seu artigo da Wikipédia?

TU FAZES PIADA COMO UM PIADISTA CHEIO DAS PIADINHAS. MAS, NÃO. MEUS PODERES PROFÉTICOS NÃO VEEM ISSO. E MAIS

UMA COISA.

— O quê?

DEIXA-ME NO MERCEDES. EU NÃO DESEJO MERGULHAR NA MORTE E NA ESCURIDÃO.

Eu coloquei a flecha embaixo do banco do motorista. Em seguida, relatei a conversa toda para Meg.

Ela franziu a testa.

— Guardiões imatáveis? O que isso quer dizer?

— A essa altura, Meg, qualquer palpite seu é tão bom quanto um meu. Agora vamos procurar nosso abismo de horrores, tudo bem?

32

Vaquinha fofinha
Tão linda, quente e cruel!
Iiiih! Posso matá-la?

A PLACA DO IMPERADOR foi bem fácil de encontrar:

ADOTE UMA RODOVIA
OS PRÓXIMOS OITO QUILÔMETROS SÃO PATROCINADOS POR:
TRIUNVIRATO S.A.

Cômodo e seus colegas podiam ser assassinos sedentos por poder buscando a dominação do mundo, mas pelo menos se preocupavam com a limpeza e a manutenção das estradas.

Uma cerca de arame farpado acompanhava a margem da via. Depois dela, uma paisagem sem nada de interessante: algumas árvores e arbustos em meio a uma campina ampla. À luz do amanhecer, o orvalho exalava vapor por cima da grama. Ao longe, atrás de um amontoado de arbustos, dois animais grandes pastavam. Eu não conseguia identificar suas formas exatas. Pareciam vacas. Eu duvidava que fossem. Não vi nenhum outro guardião, matável ou não, o que não me tranquilizou nem um pouco.

— Bem — falei para Meg. — Vamos?

Penduramos nossas coisas no ombro e saímos do carro.

Meg tirou o casaco e colocou em cima do arame farpado. Apesar das instruções da flecha para *pular*, nós só conseguimos dar um passo gigante e desajeitado. Eu abaixei o arame superior para Meg, mas ela não conseguiu fazer o mesmo por mim. Isso me deixou com uns rasgos constrangedores no traseiro da calça jeans.

Nós nos esgueiramos pelo campo na direção dos dois animais pastando.

Eu estava encharcado de suor. O ar frio da manhã se condensava na minha pele, me fazendo sentir como se estivesse mergulhando em sopa fria, gaspacho de Apolo. (Humm, isso até que soou gostoso. Vou ter que patentear quando me tornar deus de novo.)

Nós nos agachamos atrás dos arbustos, a menos de dez metros dos animais. O amanhecer pintava o horizonte de vermelho.

Eu não sabia quanto tempo teríamos para entrar na caverna. Quando o espírito de Trofônio disse “ao amanhecer”, ele se referia ao crepúsculo náutico? Ao crepúsculo civil? Ao momento em que os

faróis da carruagem do Sol ficavam visíveis pela primeira vez ou a quando a carruagem estava alta o bastante no céu para que fosse possível ler os adesivos no meu para-choque traseiro? Fosse qual fosse o caso, nós tínhamos que ir logo.

Meg ajeitou os óculos e chegou um pouquinho para o lado a fim de dar uma olhada, quando uma das criaturas levantou a cabeça por tempo suficiente para que eu vislumbrasse os chifres.

Sufoquei um grito. Segurei o pulso de Meg e a puxei de volta para trás dos arbustos.

Normalmente, isso resultaria em uma mordida da parte dela, mas decidi arriscar. Estava um pouco cedo demais para eu ver minha jovem amiga ser morta.

— Não se mexa — sussurrei. — São yales.

Ela piscou um olho, depois o outro, como se meu aviso estivesse seguindo lentamente do lado esquerdo para o direito do cérebro.

— Yale? Isso não é uma universidade?

— É — murmurei. — E um dos símbolos da Universidade de Yale é o yale, mas isso não é importante. Esses monstros… — Engoli o medo, que tinha gosto de alumínio. — Os romanos os conheciam como *centícoras*. São absolutamente mortais. Também são atraídos por movimentos repentinos e barulhos altos. Portanto, *shh*.

Na verdade, mesmo quando deus, eu nunca tinha chegado tão perto de um yale. Eles eram animais ferozes e orgulhosos, extremamente territoriais e agressivos. Eu me lembrava de ter um vislumbre deles na minha visão da sala do trono de Cômodo, mas os animais eram tão raros que eu me convenci de que deviam ser outro tipo de monstro. Além do mais, não conseguia imaginar que Cômodo fosse louco o bastante para manter yales tão perto de humanos.

Eles pareciam mais iaques gigantes do que vacas. Pelo marrom desgrenhado com manchas amarelas cobria seus corpos, enquanto o da cabeça era todo amarelo. Crinas tipo de cavalo desciam pelo pescoço. Os rabos peludos eram tão compridos quanto o meu braço, e os grandes olhos de âmbar… Ah, caramba. Pelo jeito como estou descrevendo, eles quase parecem fofos. Mas garanto que não são.

As características mais proeminentes dos yales são os chifres, duas lanças brancas cintilantes de osso sulcado, absurdamente longos para o tamanho da cabeça da criatura. Eu já tinha visto aqueles chifres em ação. Muito tempo antes, durante a campanha oriental de Dioniso, o deus do vinho soltou um rebanho de yales em cima de um exército indiano de cinco mil homens. Eu me lembrava dos gritos daqueles guerreiros.

— O que fazemos? — sussurrou Meg. — Matamos eles? São meio fofos.

— Os guerreiros espartanos também são meio fofos até enfiarem

um espeto em você. Mas não, nós não podemos matar yales.

— Tá, tudo bem. — Uma pausa longa, e o lado rebelde típico de Meg surgiu. — Por que não? O pelo é invulnerável às minhas espadas? Eu odeio quando isso acontece.

— Não, Meg, acho que não. O motivo de não podermos matar essas criaturas é que os yales estão na lista de monstros em risco de extinção.

— Você está inventando isso.

— Por que eu inventaria uma coisa dessas? — Eu tive que lembrar a mim mesmo de manter a voz baixa. — Ártemis monitora a situação com muito cuidado. Quando os monstros começam a sumir da memória coletiva dos mortais, eles se regeneram cada vez menos do Tártaro. Temos que deixá-los se reproduzirem e refazer a população!

Meg pareceu na dúvida.

— Aham.

— Ah, pare com isso. Você com certeza ouviu falar sobre o templo de Poseidon na Sicília. Teve que ser realocado só porque descobriram que o local era área de reprodução de uma hidra de barriga vermelha.

Meg me olhou com uma cara que sugeria que ela não tinha ouvido falar naquilo, apesar de ter aparecido nas manchetes alguns milhares de anos antes.

— De qualquer modo — insisti —, os yales são *muito* mais raros do que as hidras de barriga vermelha. Não sei onde Cômodo encontrou estes, mas, se nós os matássemos, todos os deuses nos amaldiçoariam, a começar pela minha irmã.

Meg olhou mais uma vez para os animais peludos pastando em paz na campina.

— Você já não está amaldiçoado pelo Rio Estige ou algo assim?

— Essa não é a questão.

— Então, o que vamos fazer?

O vento mudou de direção. De repente, eu me lembrei de outro detalhe sobre os yales. Eles tinham excelente faro.

O par levantou a cabeça simultaneamente e virou os lindos olhos âmbar na nossa direção. O yale macho berrou. Se uma buzina de nevoeiro pudesse gargarejar com enxaguatório bucal, o som seria aquele. Em seguida, os dois monstros atacaram.

* * *

Eu me lembrei de mais fatos interessantes sobre yales. (Se eu não estivesse prestes a morrer, seria capaz de narrar um documentário.) Para animais tão grandes, sua velocidade é impressionante.

E os chifres! Quando os yales atacam, os chifres tremem como antenas de inseto, ou, talvez mais precisamente, lanças de cavaleiros

medievais, que adoravam colocar essas criaturas nos escudos heráldicos. Os chifres também giram, os sulcos fazendo um movimento de saca-rolhas só para perfurar melhor nossos corpos.

Eu queria poder filmar esses animais majestosos. Teria conseguido milhões de curtidas no DeusTube! Mas, se você já foi atacado por dois iaques lanosos e pintados com lanças duplas na cabeça, entende que operar uma câmera nessas circunstâncias é difícil.

Meg me empurrou e me tirou do caminho dos animais quando eles partiram para cima dos arbustos. O chifre esquerdo do macho roçou na minha panturrilha, cortando a calça jeans. (Estava sendo um péssimo dia para minha calça jeans.)

— Árvores! — gritou Meg.

Ela segurou minha mão e me puxou para os carvalhos mais próximos. Felizmente, os yales não eram tão rápidos em dar meia-volta quanto eram em atacar. Eles galoparam em um arco amplo enquanto Meg e eu nos escondemos.

— Eles não parecem mais tão fofos — observou Meg. — Tem certeza de que a gente não pode matar esses troços?

— Não pode!

Avaliei meu repertório limitado de habilidades. Eu cantava e tocava ukulele, mas todo mundo sabia que os yales não tinham um bom ouvido para música. Meu arco e flecha não serviriam de nada. Eu podia tentar apenas ferir os animais, mas, com a minha sorte, acabaria matando-os por acidente. Eu estava sem seringas de amônia, sem paredes de tijolo, sem elefantes e sem explosões de força divina. Restava só meu carisma natural, do qual eu achava que os yales não iam gostar.

Os animais se aproximaram devagar. Provavelmente, estavam confusos sobre como nos matar com aquelas árvores no caminho. Os yales eram agressivos, mas não caçadores. Se alguém entrasse no território deles, atacavam. Os invasores morriam ou fugiam. Problema resolvido. Eles não estavam acostumados a intrusos que brincavam de ficar fora do alcance.

Contornamos os carvalhos, tentando ficar atrás dos animais.

— Yales legais — cantei. — Yales excelentes.

Eles não pareceram impressionados.

Então eu vi algo quase trinta metros além dos animais: na grama alta havia um amontoado de pedras, cada uma do tamanho de uma máquina de lavar roupa. Nada muito importante, mas meus ouvidos apurados captaram o som de água corrente.

Apontei as pedras para Meg.

— A entrada da caverna deve ser ali.

Ela enrugou o nariz.

— Então corremos até lá e pulamos?

— Não! — gritei. — Deve haver dois riachos. Temos que parar e beber deles. E a caverna em si… Duvido que vá ser uma descida fácil. Precisamos de tempo para encontrar um jeito seguro de descer. Se pularmos, podemos morrer.

— Esses harvards não vão nos dar tempo para fazer isso.

— Yales.

— Tanto faz — disse ela, roubando minha fala. — Quanto você acha que aquelas coisas pesam?

— Muito.

Ela pareceu inserir este dado em uma calculadora mental.

— Tudo bem. Se prepare.

— Para o quê?

— Nada de spoilers.

— Odeio você.

Meg esticou as mãos. Ao redor dos yales, a grama começou a crescer numa velocidade impressionante, trançando-se em cordas verdes grossas que se enrolaram nas pernas dos animais. As criaturas se debateram e berraram como buzinas de nevoeiro engasgadas, mas a grama continuou aumentando, subindo pelos flancos, envolvendo os corpos enormes.

— Vá — disse Meg.

Corri.

Trinta metros nunca pareceram tão longe.

Na metade do caminho até as pedras, olhei para trás. Meg estava tropeçando, o rosto brilhando de suor. Ela devia estar usando toda sua força para manter os yales presos. Os animais puxavam e giravam os chifres, cortando a grama, puxando, com toda a força, para se livrar da relva.

Cheguei à pilha de pedras. Como tinha desconfiado, um dos rochedos tinha duas fendas, uma do lado da outra, cada uma dando origem a um riacho, como se Poseidon tivesse passado ali e rachado a pedra com seu tridente: *quero água quente aqui e água fria aqui.* Uma fonte gorgolejava um líquido de um branco diluído, da cor de leite desnatado. O outro era preto como tinta de lula. Eles corriam juntos em um caminho cheio de musgo antes de sumir no chão lamacento.

Depois dos riachos, uma fenda profunda ziguezagueava entre as pedras maiores, um talho na terra de três metros de largura que não deixava dúvidas da presença das cavernas abaixo. Na beirada do abismo, uma corda estava enrolada e presa a um pitom de ferro.

Meg cambaleou na minha direção.

— Anda logo. — Ela ofegou. — Pula.

Atrás dela, os yales se soltavam aos poucos das amarras de grama.

— Nós temos que beber — falei para ela. — Mnemosine, a Fonte da Memória, é preta. Lete, a Fonte do Esquecimento, é branca. Se

bebermos das duas ao mesmo tempo, o efeito de uma neutraliza o da outra e prepara nossas mentes…

— Não me importo. — O rosto de Meg estava branco como as águas de Lete. — Vá você.

— Mas você tem que ir comigo! Foi o que o oráculo disse! Além do mais, você não vai estar em condições de se defender.

— Tudo bem — grunhiu ela. — Beba!

Afundei uma das mãos em concha na água de Mnemosine e a outra na de Lete. Bebi as duas simultaneamente. Não tinham gosto; senti só um frio intenso e entorpecente, do tipo que dói tanto que você só sente a dor bem depois.

Meu cérebro começou a rodar e girar como um chifre de yale. Meus pés pareciam balões de hélio. Meg enfrentava dificuldades em amarrar a corda na minha cintura. Por algum motivo, achei isso hilário.

— Sua vez — falei, rindo. — Beba, beba!

Meg fez uma careta.

— E perder a cabeça? Acho que não.

— Mas que bobinha! Se você não se preparar para o oráculo…

Na campina, os yales se soltaram e arrancaram uma área ampla de grama do chão.

— Não dá tempo!

Meg pulou e me agarrou pela cintura. Como a boa amiga que era, ela me empurrou no abismo sombrio abaixo.

33

Me afogo e congelo
Bolinhos para as serpentes?
Vamos nessa, Batman

MEG E EU DESPENCAMOS pela escuridão, nossa corda desenrolando conforme quicávamos em pedra após pedra, minhas roupas e minha pele sofrendo arranhões brutais.

Fiz o que qualquer um faria: gritei.

— IUPIIIII!

A corda se esticou mais ainda, aplicando em mim a manobra de Heimlich com tanta violência que quase cuspi o apêndice. Meg grunhiu de surpresa e acabou me soltando. Ela mergulhou ainda mais fundo no breu. Um momento depois, ouvi um *splash* vindo de baixo.

— Foi divertido! De novo! — Ri, pendurado no vazio.

O nó se soltou na minha cintura, e eu caí na água gelada.

Foi graças ao meu estado delirante que eu não me afoguei imediatamente. Não senti necessidade de lutar, de me debater, nem de ofegar. Só flutuei, achando tudo aquilo hilário. Os goles que tomei de Lete e de Mnemosine batalhavam na minha mente. Eu não conseguia me lembrar do meu próprio nome, o que achei extremamente engraçado, mas conseguia relembrar com perfeita clareza os pontos amarelos nos olhos de serpente de Píton quando ele afundou os dentes nos meus bíceps imortais um milênio antes.

Sob a água escura, não era para eu estar vendo nada. Mesmo assim, imagens flutuavam à minha frente. Talvez meus globos oculares só estivessem congelando.

Vi meu pai, Zeus, sentado em uma cadeira de treliça ao lado de uma piscina infinita na beirada de um terraço. Depois da piscina, um mar azul se prolongava até o horizonte. A cena tinha mais a ver com Poseidon, mas eu conhecia aquele lugar: era o apartamento de luxo da minha mãe na Flórida. (Sim, eu tinha uma mãe imortal que se aposentou e foi morar na Flórida. Fazer o quê?)

Leto estava ajoelhada ao lado de Zeus, as mãos unidas em súplica. Os braços cor de bronze contrastavam com o vestido branco. O cabelo comprido e dourado ziguezagueava pelas costas em uma ondulação elaborada.

— Por favor, meu senhor! — implorava ela. — Ele é seu filho. Aprendeu a lição!

— Ainda não — resmungou Zeus. — O verdadeiro teste ainda está por vir.

Eu ri e acenei.

— Oi, mãe! Oi, pai!

Como eu estava debaixo d'água e muito provavelmente tendo uma alucinação, eles não deveriam ter me ouvido. Mesmo assim, Zeus me encarou e fez cara feia.

A cena evaporou. Eu me deparei com um imortal diferente.

Flutuando à minha frente havia uma deusa sombria, o cabelo de ébano ondulando na corrente fria, o vestido se espalhando ao redor como fumaça vulcânica. O rosto era delicado e sublime, o batom, a sombra e o rímel aplicados com eficiência em tons de meia-noite. Os olhos brilhavam com ódio absoluto.

Adorei vê-la ali.

— Oi, Estige!

Os olhos de obsidiana se estreitaram.

— Você. Violador de juramentos. Não pense que eu esqueci.

— Mas *eu* esqueci! — falei. — Quem eu sou mesmo?

Eu estava falando sério. Sabia que ela era Estige, a deusa do rio mais importante do Mundo Inferior. Eu sabia que ela era a mais poderosa de todas as ninfas aquáticas, filha mais velha do titã do mar, Oceano. Eu sabia que ela me odiava, o que não me causava espanto, já que ela também era a deusa do ódio.

Mas eu não tinha a menor ideia de quem eu era nem o que fiz para ser objeto da animosidade dela.

— Sabia que estou me afogando agora?

Aquilo foi tão hilário que comecei a rir com um fluxo de bolhas.

— Vou cobrar a dívida — rosnou Estige. — Você vai PAGAR por suas promessas quebradas.

— Tudo bem! — concordei. — Quanto?

Ela sibilou de irritação.

— Vamos deixar isso para depois. Volte à sua missão idiota!

A deusa sumiu. Alguém me segurou pela nuca, me tirou da água e me jogou em uma superfície dura de pedra.

Minha salvadora era uma garotinha de uns doze anos. Pingava água do seu vestido verde esfarrapado. Arranhões sangrentos cobriam seus braços. A calça jeans e os tênis de cano alto estavam cobertos de lama.

O mais assustador era que as pedrinhas nos cantos dos óculos de gatinho não estavam só cintilando, e sim emitindo luz própria, ainda que bem fraquinha. Percebi que eu só conseguia enxergar a garota por causa daquelas pequenas constelações perto dos olhos dela.

— Você não me é estranha — grunhi. — Peg, não é? Ou Megan?

Ela franziu a testa, quase tão ameaçadora quanto a deusa Estige.

— Você não está de brincadeira com a minha cara, está?

— Não!

Abri um sorrisão, apesar de estar encharcado e tremendo. Me ocorreu que provavelmente eu entraria em choque hipotérmico. Listei todos os sintomas: tremor, tontura, confusão, batimentos cardíacos disparados, náusea, cansaço… Uau, assim eu ia longe!

Se ao menos eu conseguisse lembrar meu nome. Achei que tivesse dois. Um era Lester? Ah, caramba. Que horrível! O outro começava com A.

Alfred? Humm. Não. Isso faria da garotinha o Batman, e não me parecia certo.

— Meu nome é Meg — disse ela.

— Sim! Sim, claro. Obrigado. E eu sou…

— Um idiota.

— Humm. Não… Ah! Foi uma piada!

— Não exatamente. Mas seu nome é Apolo.

— Certo! E estamos aqui por causa do Oráculo de Trofônio.

Ela inclinou a cabeça, posicionando a constelação em seus óculos em outra casa astrológica.

— Você não consegue se lembrar dos nossos nomes, mas consegue se lembrar *disso*?

— Estranho, não é? — Eu me sentei com dificuldade. Meus dedos tinham ficado azuis, o que não devia ser um bom sinal. — Eu me lembro dos passos para fazer um requerimento ao Oráculo! Primeiro, bebemos das fontes de Lete e de Mnemosine. Já fiz isso, não fiz? É por isso que me sinto tão estranho.

— É. — Meg torceu a saia para tirar a água. — Precisamos nos mexer, senão vamos morrer congelados.

— Tudo bem! — Com a ajuda dela, fiquei de pé. — Depois de beber das fontes, descemos para uma caverna. Ah! Estamos aqui! Depois, entramos nas profundezas dela. Humm. Por ali!

Na verdade, só havia um caminho.

Quinze metros acima, um trecho estreito de luz do dia penetrava a fresta pela qual caímos. A corda estava pendurada fora do nosso alcance. Não sairíamos pelo mesmo lugar por onde entramos. À esquerda, uma grande pedra se projetava. Na metade dela, uma cachoeira jorrava de uma fissura, caindo na piscina aos nossos pés. À direita, a água formava um rio escuro e corria por um túnel estreito. A saliência onde estávamos seguia junto ao rio, larga o bastante para andar, supondo que não escorregássemos, caíssemos e nos afogássemos.

— Muito bem, então!

Eu fui na frente, acompanhando o riacho.

Quando chegamos a uma curva, o parapeito de pedra estreitou. O teto foi ficando mais baixo, e em determinado momento já estávamos quase engatinhando. Atrás de mim, Meg respirava em baforadas

trêmulas, a expiração tão alta que ecoava mais do que o ruído da correnteza.

Foi difícil se mover e formar pensamentos racionais ao mesmo tempo. Era como tocar vários ritmos em uma bateria. Minhas baquetas tinham que se mover em padrões completamente diferentes dos meus pés nos pedais do bumbo e do chimbal. Um pequeno erro, e minha batida frenética de jazz viraria uma polca soturna.

Eu parei e me virei para Meg.

— Bolinho de mel?

Na luz pálida das pedras dos óculos, foi difícil interpretar a expressão dela.

— Espero que você não esteja se referindo a mim.

— Não, nós precisamos de bolinhos de mel. Você trouxe, ou fui eu?

Bati nos meus bolsos encharcados. Só senti chaves de carro e uma carteira. Eu tinha uma aljava, um arco e um ukulele nas costas (ah, um ukulele! Maravilha!), mas era bem improvável que eu tivesse guardado doces em um instrumento de cordas.

Meg franziu a testa.

— Você nunca falou nada sobre bolinhos de mel.

— Mas eu acabei de me lembrar! Nós precisamos deles para as cobras!

— Cobras. — Meg desenvolveu um tique facial que não parecia estar relacionado à hipotermia. — Por que haveria cobras aqui?

— Boa pergunta! Só sei que temos que dar bolinhos de mel para agradá-las. Então… nós esquecemos os bolinhos?

— Você nunca falou nada sobre bolinhos!

— Ah, que pena. Tem alguma coisa que possamos usar no lugar? Oreo, talvez?

Meg balançou a cabeça.

— Não temos Oreo.

— Humm. Tudo bem. Acho que vamos ter que improvisar.

Ela olhou com apreensão para o túnel.

— Você me mostra como improvisar com essas cobras. Eu vou atrás.

Isso me pareceu uma ideia esplêndida. Segui em frente com um sorriso no rosto, menos onde o teto do túnel ficava baixo demais. Nesses casos, segui agachado com um sorriso no rosto.

Apesar de escorregar para dentro do rio algumas vezes, de bater a cabeça em algumas estalactites e de me engasgar com o cheiro acre de cocô de morcego, eu não senti angústia nenhuma. Minhas pernas pareciam flutuar. Meu cérebro sacudia dentro do crânio, se ajeitando com a facilidade de um giroscópio.

Coisas de que eu me lembrava: eu tive uma visão de Leto. Ela estava tentando convencer Zeus a me perdoar. Isso foi *tão* fofo!

Também tive uma visão da deusa Estige. Ela estava furiosa… Foi hilário! E, por algum motivo, eu conseguia me lembrar de cada nota que Stevie Ray Vaughan tocou em “Texas Flood”. Que música incrível!

Coisas de que eu não conseguia me lembrar: eu não tinha uma irmã gêmea? O nome dela era… Lesterina? Alfreda? Nenhum dos dois parecia certo. Além do mais, por que Zeus estava com raiva de mim? E por que Estige estava com raiva de mim? Além disso, quem era aquela garota atrás de mim, com os óculos de pedras cintilantes, e por que ela não tinha bolinhos de mel?

Meus pensamentos podiam estar confusos, mas meus sentidos estavam mais apurados do que nunca. No túnel à nossa frente, lufadas de ar mais quente batiam no meu rosto. Os sons do rio se dissiparam, os ecos ficando mais graves e mais suaves, como se a água estivesse se espalhando em uma caverna maior. Um novo cheiro agrediu minhas narinas, um odor mais seco e mais ácido do que cocô de morcego. Ah, sim… pele e excremento de réptil.

Eu parei.

— Já sei por quê!

Eu sorri para Peggy… Megan… não, *Meg*.

Ela fez cara feia.

— Sabe por que o quê?

— Por que cobras! — falei. — Você me perguntou por que encontraríamos cobras, não foi? Ou foi outra pessoa? As cobras são simbólicas! Representam a sabedoria profética das profundezas da terra, assim como os pássaros simbolizam a sabedoria profética dos céus.

— Aham.

— Então, cobras são atraídas por oráculos! Principalmente os que ficam em cavernas!

— Tipo aquela cobra monstruosa que ouvimos no Labirinto, Píton?

Achei aquela referência ligeiramente perturbadora. Eu tinha certeza de que sabia quem era Píton alguns minutos antes. Agora, não fazia a menor ideia. Me veio à mente o nome Monty Python. Era isso mesmo? Eu não achava que o monstro e eu nos tratávamos pelo primeiro nome.

— Bom, sim, acho que é isso — falei. — As cobras devem estar logo à frente! É por isso que precisamos de bolinhos de mel. Você tem alguns, não tem?

— Não, eu…

— Excelente!

Segui em frente.

Como eu desconfiava, o túnel se alargou em uma câmara ampla. Um lago cobria toda a área, que devia ter cerca de vinte metros de diâmetro, exceto por uma pequena ilha de pedra no centro. Acima de

nós, o teto abobadado estava cheio de estalactites, como candelabros pretos. Cobrindo a ilha e a superfície da água havia uma camada de serpentes em movimento, como espaguete deixado em água fervente por tempo demais. Lindas criaturas. Milhares delas.

— Ta-dá! — exclamei.

Meg não pareceu compartilhar do meu entusiasmo. Ela voltou para o túnel.

— Apolo… você precisaria de um zilhão de bolinhos de mel para tantas cobras.

— Ah, mas, sabe, nós temos que chegar àquela ilha no centro. É onde vamos receber nossa profecia.

— Mas, se entrarmos na água, as cobras não vão nos matar?

— Provavelmente! — Sorri. — Vamos descobrir!

Pulei no lago.

34

Meg ganha um solo
Espanta toda a plateia
Mandou bem, McCaffrey

— **APOLO, CANTE!** — gritou Meg.

Não existem palavras mais eficientes para me fazer parar. Eu amava que me pedissem para cantar!

Eu estava na metade do lago das cobras, mergulhado até a cintura numa sopa de macarrão reptiliano, mas me virei e olhei para a garota de pé na boca do túnel. Devo ter deixado os animais agitados quando passei. Eles sibilavam, indo de um lado para o outro, as cabecinhas bonitinhas deslizando na superfície, as bocas brancas abertas. (Ah, entendi! Por isso aquelas cobras eram chamadas de boca-de-algodão!)

Muitas estavam indo na direção de Meg, parecendo farejar seus tênis para decidir se iam ou não se juntar a ela no parapeito. Meg ficava se apoiando na ponta de um pé e depois do outro, como se não estivesse muito animada com aquela ideia.

— Você disse *cante*? — perguntei.

— Disse! — A voz dela estava aguda. — Enfeitice as cobras! Faça com que se afastem!

Eu não entendia o que ela queria dizer. Quando eu cantava, minha plateia *se aproximava*. Quem era essa garota Meg, afinal? Pelo jeito, ela estava me confundindo com São Patrício. (Aliás, ele era um cara legal, mas, quando se tratava de cantar, sua voz era terrível. As lendas não costumam mencionar que ele expulsou as cobras da Irlanda com sua versão horrenda de "Te Deum".)

— Cante aquela música do ninho das formigas! — pediu ela.

Ninho das Formigas? Eu me lembrava de cantar com o Rat Pack e com o A Flock of Seagulls, mas não com o Ninho das Formigas. Eu nem me lembrava de ter feito parte de um grupo com esse nome.

No entanto, entendi por que Megan/Peg/Meg podia estar nervosa. Aquelas cobras de água eram venenosas. Assim como os yales, podiam ser agressivas quando seu território era invadido. Mas Meg estava na boca do túnel, não tinha entrado no território delas. Por que estava nervosa?

Olhei para baixo. Centenas de víboras me rodeavam, exibindo as boquinhas fofas com os dentinhos afiados. Elas se deslocavam lentamente na água gelada, ou talvez só estivessem impressionadas com a minha presença: o alegre, carismático e encantador sei lá qual era o meu nome! Mas elas pareciam estar sibilando muito mesmo.

— Ah! — Ri quando percebi a situação. — Você está preocupada comigo! Estou prestes a morrer!

Tive um impulso vago de fazer alguma coisa. Correr? Dançar? O que foi mesmo que Meg tinha sugerido?

Antes que eu pudesse decidir, Meg começou a cantar.

A voz dela era fraca e desafinada, mas reconheci a melodia. Tinha quase certeza de que eu a tinha composto.

Sempre que alguém começa uma música em público, há um momento de hesitação. Transeuntes param para ouvir, tentando discernir o que estão ouvindo e entender por que uma pessoa qualquer no meio da multidão decidiu cantar para eles. Conforme a voz irregular de Meg foi ecoando pela caverna, as cobras sentiram as vibrações. Mais cabecinhas do tamanho de um polegar apareceram na superfície. Mais bocas brancas se abriram, como se estivessem tentando sentir o gosto da música. Em volta da minha cintura, a nuvem de serpentes agitadas perdeu densidade quando elas voltaram sua atenção para Meg.

Ela cantou sobre perda e arrependimento. É… eu me lembrava vagamente de ter cantado essa música. Eu estava andando pelos túneis do ninho dos *myrmekos*, despejando minha tristeza, abrindo meu coração enquanto procurava Meg. Na música, assumi responsabilidade pelas mortes dos meus maiores amores, Dafne e Jacinto. Os nomes me atingiram como estilhaços de uma janela quebrada.

Meg repetiu minha performance, mas com uma letra diferente. Ela estava inventando os próprios versos. Conforme as cobras se reuniam aos seus pés, sua voz se tornava mais forte, mais segura. Ela ainda estava desafinando, mas cantava com uma convicção de partir o coração, a música tão triste e verdadeira quanto a minha.

— É culpa minha — cantou ela. — Seu sangue nas minhas mãos. A rosa esmagada que não consegui salvar.

Fiquei perplexo por ela ter tamanha poesia dentro de si. Era óbvio que as cobras também ficaram. Elas se balançavam aos pés de Meg, formando uma multidão, iguais aos fãs do Pink Floyd no clássico show da banda em um palco flutuante em Veneza, em 1989. Não sei bem por quê, mas eu me lembrava desse show perfeitamente.

Um segundo atrasado, eu percebi que era um milagre ainda não ter sido picado e morto. O que eu estava fazendo no meio do lago? Só a música de Meg estava me mantendo vivo, a voz destoante, bonita e encantadora prendendo a atenção de milhares de víboras.

Como elas, eu queria ficar parado ouvindo. Mas uma sensação de inquietação crescia dentro de mim. Aquela caverna… o Oráculo de Trofônio. Alguma coisa me dizia que ali não era um bom lugar para desnudar sua alma.

— Meg — sussurrei. — Pare.

Pelo visto, ela não conseguia me ouvir.

Agora, a caverna toda parecia concentrada na sua voz. As paredes de pedra brilhavam. Sombras oscilavam, como se dançassem. As estalactites cintilantes apontavam para Meg como ponteiros de bússola.

Ela cantou sobre ter me traído, sobre ter voltado para a casa de Nero, sobre sucumbir ao medo do Besta…

— Não — falei, um pouco mais alto. — Não, Meg!

Tarde demais. A magia da caverna captou a música dela, amplificando a voz cem vezes. A câmara se encheu com o som de pura dor. O lago se agitou quando serpentes em pânico submergiram e fugiram, passando pelas minhas pernas em uma corrente forte.

Talvez elas tivessem fugido por um canal escondido. Talvez tivessem se dissolvido. Eu só sabia que a pequena ilha de pedra no centro da caverna ficou vazia de repente, e eu era o único ser vivo que restava no lago.

E Meg continuou cantando. Parecia que sua voz saía do corpo à força, como se um punho gigante e invisível estivesse espremendo a garota como um daqueles brinquedos com apito. Luzes e sombras piscavam nas paredes da caverna, formando imagens fantasmagóricas para ilustrar a letra da música.

Em uma cena, um homem de meia-idade se agachava e sorria, como se olhando para uma criança. Ele tinha cabelo escuro e encaracolado como o meu (eu quis dizer de Lester), um nariz largo cheio de sardas e olhos suaves e gentis. Ele estendeu uma rosa vermelha.

— Da sua mãe — sussurrou ele, um refrão da música de Meg. — Essa rosa nunca vai murchar, querida. Você nunca vai precisar se preocupar com espinhos.

A mão gorducha de uma criança apareceu na visão, pegando a flor. Eu desconfiava que era uma das primeiras lembranças de Meg, da qual mal tinha consciência. Ela pegou a rosa, e as pétalas se abriram em uma flor fantástica. O cabo envolveu carinhosamente o pulso de Meg. Ela deu um gritinho de alegria.

Uma visão diferente: o imperador Nero com seu terno roxo, se ajoelhando para olhar nos olhos de Meg. Ele sorriu de um jeito que podia ser confundido com gentileza se você não o conhecesse. O queixo duplo se projetava da barba fina, como a tira de um capacete. Anéis com pedras cintilavam nos dedos gordos.

— Você vai ser uma menina boazinha, não vai? — Ele apertou o ombro de Meg com força demais. — Seu papai teve que ir embora. Talvez, se for boazinha, você o veja de novo. Você não gostaria disso?

A versão mais nova de Meg assentiu. Não sei muito bem como, mas senti que ela tinha uns cinco anos. Imaginei seus pensamentos e suas

emoções se enroscando dentro dela, formando uma casca protetora grossa.

Outra cena surgiu. Em frente à Biblioteca Pública de Nova York, em Midtown, o cadáver de um homem caído nos degraus de mármore. Uma das mãos estava espalmada sobre a barriga, que lembrava um campo de batalha horrendo, cheio de trincheiras vermelhas onde havia talvez cortes de faca ou das garras de um predador enorme.

A polícia andava ao redor, fazendo anotações, tirando fotos, contendo os curiosos com uma fita amarela. Mas eles abriram passagem para duas pessoas: Nero, com um terno roxo diferente, mas a mesma barba horrenda e os anéis, e Meg, agora com uns seis anos, horrorizada, pálida, relutante. Ela viu o corpo e começou a chorar. Tentou se virar, mas Nero colocou a mão pesada no ombro dela para segurá-la no lugar.

— Quero que veja isso. — A voz dele transbordava de solidariedade falsa. — Lamento tanto, minha querida. O Besta… — Ele suspirou, como se a cena trágica fosse inevitável. — Preciso que você seja mais aplicada nos seus estudos, entende? Deve fazer tudo que o mestre espadachim disser. Partiria meu coração se mais alguma coisa acontecesse, algo até pior do que isso. Olhe. Grave na memória.

Os olhos de Meg se encheram de lágrimas. Ela se aproximou do pai morto. Na outra mão dele havia o cabo de uma rosa. As pétalas esmagadas estavam espalhadas sobre a barriga, quase invisíveis em meio ao sangue. Ela berrou: “Papai! Me ajudem!”. A polícia não prestou atenção a ela. A multidão agiu como se ela não existisse. Só Nero estava ao seu lado.

No fim, ela se virou para ele, escondeu o rosto no terno e chorou descontroladamente.

Sombras piscaram com mais rapidez nas paredes da caverna. A música de Meg começou a reverberar, se partindo em ondas aleatórias de barulho. O lago perturbava-se ao meu redor. Na pequena ilha de pedra, a escuridão aumentou, jorrando para cima como uma fonte, formando o contorno de um homem.

— Meg, pare de cantar! — gritei.

Com um soluço final, ela caiu de joelhos, o rosto coberto de lágrimas. Então caiu de lado, grunhindo, a voz como uma lixa sendo amassada. As pedras nos óculos ainda cintilavam, mas com um tom azulado, como se todo o calor tivesse sido removido delas.

Eu queria mais do que qualquer coisa correr para junto de Meg. O efeito da água dos riachos da Memória e do Esquecimento já tinha passado. Eu conhecia Meg McCaffrey. Queria consolá-la. Mas também sabia que o perigo que ela corria não chegara ao fim.

Olhei para a ilha. O espectro parecia só um pouco com um ser humano, composto de sombras e fractais de luz. Imagens da letra da

música de Meg piscavam e sumiam no corpo dele. Ele tinha uma aura mais assustadora do que o escudo de égide de Thalia, ondas de terror que ameaçavam arrancar o autocontrole do meu corpo.

— Trofônio! — gritei. — Deixa ela em paz!

A forma dele ganhou mais foco: o cabelo escuro lustroso, o rosto orgulhoso. Ao seu redor voava um enxame de abelhas-fantasma, suas criaturas sagradas, pequenas manchas de escuridão.

— Apolo. — A voz dele ressoava grave e severa, como aconteceu quando ele se manifestou por Georgina no Trono da Memória. — Esperei muito tempo, Pai.

— Por favor, meu filho. — Juntei as mãos. — Meg não é sua requerente. Sou eu!

Trofônio olhou para a jovem McCaffrey, agora encolhida e trêmula na borda da pedra.

— Se ela não é minha requerente, por que me chamou cantando os próprios sofrimentos? Ela tem muitas perguntas sem resposta. Eu poderia fazer isso. Só que o preço seria a sanidade dela.

— Não! Ela estava… Ela estava tentando me proteger. — Engasguei com as palavras. — Ela é minha amiga. Não bebeu das fontes. *Eu* bebi. *Eu* sou o requerente do seu oráculo sagrado. Me leve no lugar dela!

A gargalhada de Trofônio foi um som horrível… digno de um espírito que morava na escuridão com milhares de cobras venenosas.

— *Me leve no lugar dela* — repetiu ele. — O mesmo pedido que fiz quando meu irmão Agamedes ficou preso no túnel, o peito esmagado, a vida se esvaindo. Você me ouviu naquela ocasião, Pai?

Minha boca ficou seca.

— Não puna a garota por um erro meu.

As abelhas-fantasma de Trofônio voaram em uma nuvem mais ampla, zumbindo furiosamente na minha cara.

— Você sabe por quanto tempo eu vaguei pelo mundo mortal depois de matar meu irmão, Apolo? Depois de cortar a cabeça dele, com minhas mãos ainda cobertas de sangue, eu cambaleei pela selva durante semanas, meses. Implorei para a terra me engolir e acabar com minha infelicidade. Consegui parte do meu desejo.

Ele fez um gesto indicando o lugar em que estávamos.

— Eu moro na escuridão agora porque sou *seu filho*. Vejo o futuro porque sou *seu filho*. Toda a minha dor e loucura… Por que eu não deveria compartilhar isso com os que procuram minha ajuda? E *você*? Ajuda as pessoas sem cobrar nada por isso?

Minhas pernas cederam. Caí de joelhos, a água gelada batendo no queixo.

— Por favor, Trofônio. Sou mortal agora. Cobre seu preço de mim, não dela!

— A garota já se ofereceu! Ela se abriu para mim, me falou dos

seus maiores medos e arrependimentos.

— Não! Não, ela não bebeu das duas fontes. A mente dela não está preparada. Ela vai morrer!

Imagens surgiram na forma escura de Trofônio como flashes: Meg coberta de gosma na toca das formigas, Meg entre mim e Litierses, a espada dele detida pelas lâminas douradas cruzadas dela; Meg me abraçando com força enquanto saíamos no nosso grifo do Zoológico de Indianápolis.

— Ela é importante para você — disse o oráculo. — Você daria sua vida em troca da dela?

Tive dificuldade em compreender a pergunta. Dar minha vida? Em qualquer momento dos meus quatro mil anos de existência, minha resposta teria sido um enfático *Não! Você está maluco?* Ninguém devia abrir mão da vida *nunca*. A vida é importante! O objetivo das minhas missões no mundo mortal, encontrar e proteger todos os oráculos antigos, era justamente recuperar minha imortalidade e não ter que pensar em perguntas horríveis assim!

Mas… pensei em Emmie e Josephine renunciando à imortalidade uma pela outra. Pensei em Calipso abrindo mão do lar, dos poderes e da vida eterna por uma chance de andar pelo mundo, descobrir o que era o amor e possivelmente apreciar as maravilhas de uma escola de ensino médio em Indiana.

— Sim — foi o que me vi dizendo. — Sim, eu morreria para salvar Meg McCaffrey.

Trofônio riu, um som úmido e furioso como o movimento das víboras na água.

— Muito bem! Então prometa que vai me conceder um desejo. O que quer que eu peça, você vai fazer.

— S-seu desejo?

Eu não era mais deus. Trofônio sabia disso. Mesmo que *pudesse* conceder desejos, eu me recordava de uma conversa bem recente com a deusa Estige sobre os perigos de fazer juramentos que eu não poderia cumprir.

Mas que escolha eu tinha?

— Sim — falei. — Eu prometo. O que você pedir. Então temos um acordo? Você vai me levar no lugar da garota?

— Bem, eu não prometi nada em troca! — O espírito ficou preto como petróleo. — Só queria arrancar essa promessa de você. O destino da garota já está decidido.

Ele esticou os braços, expelindo milhões de abelhas fantasmagóricas malignas. Meg gritou de terror quando o enxame a envolveu.

35

Detesto meu filho
Baita cretino arrogante
Que oposto do pai!

EU NÃO SABIA QUE era capaz de me mover tão rápido. Não no corpo de Lester Papadopoulos, pelo menos.

Atravessei o lago e fui até Meg. Tentei desesperadamente afastar as abelhas, mas os fiapos de escuridão a envolviam, voando para dentro da boca, do nariz e das orelhas, passando até pelos dutos lacrimais. Como deus da medicina, eu teria achado isso fascinante, se não fosse tão repulsivo.

— Trofônio, pare! — implorei.

— Isso não é coisa minha — disse o espírito. — Sua amiga abriu a mente para o Oráculo das Sombras. Ela fez perguntas. Agora, está recebendo as respostas.

— Ela não fez perguntas!

— Ah, fez. A maioria sobre você, pai. O que vai acontecer com você? Para onde você deve ir? Como ela pode ajudar você? Essas são as principais preocupações na mente dela. Uma lealdade tão equivocada…

Meg começou a se debater. Eu a virei de lado, como se deve fazer quando alguém está tendo uma convulsão. Vasculhei meu cérebro. O que mais? Tirar objetos afiados das redondezas… Todas as cobras tinham ido embora, que bom. Não havia muito que eu pudesse fazer em relação às abelhas. A pele dela estava fria, mas eu não tinha nada quente e seco com que cobri-la. O cheiro de sempre, aquele aroma leve e inexplicável de maçãs, ficou úmido como mofo. As pedrinhas dos óculos estavam completamente escuras, as lentes opacas por causa da condensação.

— Meg — falei. — Fique comigo. Se concentre na minha voz.

Ela murmurou palavras sem sentido. Com uma pontada de pânico, me dei conta de que, se ela me desse uma ordem direta em seu estado delirante, mesmo algo simples como *Me deixe em paz* ou *Vá embora*, eu seria obrigado a obedecer. Eu tinha que encontrar um jeito de ancorar a mente dela, de protegê-la do pior das visões sombrias — uma tarefa difícil para a minha consciência ainda confusa e não totalmente confiável.

Murmurei alguns cânticos de cura, velhas melodias que eu não usava havia séculos. Antes dos antibióticos, antes da aspirina, antes mesmo das ataduras esterilizadas, nós tínhamos músicas. Eu era o

deus da música e da cura por um bom motivo. Nunca se deve subestimar o poder curativo da música.

A respiração de Meg ficou regular, mas o enxame de sombras ainda a envolvia, atraído pelos medos e dúvidas dela como… Bem, como abelhas por mel.

Trofônio limpou a garganta.

— Sobre o favor que você prometeu…

— Cala a boca! — cortei.

— Cala a boca — murmurou Meg, febril.

Preferi interpretar isso como apenas um eco direcionado a Trofônio, e não uma ordem de uma senhora a seu servo. Felizmente, minhas cordas vocais concordaram.

Cantei para Meg sobre a mãe dela, Deméter, a deusa capaz de curar toda a terra depois de uma seca, um incêndio ou uma inundação. Cantei sobre a misericórdia e a gentileza de Deméter, que transformou o príncipe Triptólemo em deus por causa do bem que ele tinha feito; que amamentou o bebê Demofonte por três noites, tentando torná-lo imortal; que abençoou os fabricantes de cereal dos tempos modernos, inundando o mundo com cereais de todos os tipos e sabores. Ela era uma deusa de benevolência infinita.

— Você sabe que ela ama você — falei, aninhando a cabeça de Meg no meu colo. — Ela ama todos os filhos. Veja o quanto ela se dedicava a Perséfone, apesar de aquela garota… Bom, fazer seus modos à mesa parecerem os de uma dama da alta sociedade! Hã... sem querer ofender.

Percebi que não estava mais cantando, e sim tagarelando, tentando afastar os medos de Meg com um tom de voz tranquilizador.

— Uma vez — continuei —, Deméter se casou com um deus menor da colheita, Carmanor. Você nunca deve ter ouvido falar dele. Ninguém o conhecia. Ele era uma deidade local em Creta. Rude, retrógrado, malvestido. Mas, ah, como eles se amavam. Eles tiveram um filho… o menino mais feio que você já viu. Ele *não* tinha qualidades que compensassem isso. Parecia um porco, todo mundo dizia. Até tinha um nome horrível: Eubulo. Parece Ebola, eu sei. Mas Deméter não dava a mínima para os insultos de todo mundo. Fez de Eubulo o deus dos bandos suínos! Só digo isso porque… Bem, nunca se sabe, Meg. Deméter tem planos para você, tenho certeza. Você não pode morrer assim. Tem muita coisa à sua espera. Deméter pode fazer de você a deusa menor dos porquinhos fofinhos!

Era impossível saber se ela estava me ouvindo. Os olhos se moviam debaixo das pálpebras fechadas como se ela tivesse entrado num estágio profundo de sono. Ela não estava mais se debatendo tanto. Ou eu estava imaginando coisas? Eu estava tremendo muito, de frio ou medo, era difícil ter certeza.

Trofônio bufou.

— Ela entrou em transe profundo. Não é necessariamente um bom sinal. Ela ainda pode morrer.

Eu dei as costas para ele.

— Meg, não escute Trofônio. Ele só sabe de medo e dor. Está tentando nos fazer perder a esperança.

— Esperança — disse o espírito. — Palavra interessante. Eu já tive esperança uma vez, de que meu pai pudesse agir como um *pai*. Superei esse sentimento depois de alguns séculos morto.

— Não me culpe por você ter roubado o tesouro do rei! — rosnei. — Você está aqui porque *você* fez besteira.

— Eu orei para você!

— Bom, talvez você não tenha orado para a coisa certa na hora certa! — gritei. — Ore por sabedoria antes de fazer alguma burrice! Não ore para que eu salve você depois de seguir seus piores instintos!

As abelhas voaram em volta de mim e zumbiram com raiva, mas não me atacaram. Eu me recusei a alimentá-las com medo. A única coisa que importava no momento era me manter controlado, ancorado, pelo bem de Meg.

— Eu estou aqui. — Afastei o cabelo molhado da testa dela. — Você não está sozinha.

— A rosa morreu — choramingou ela, em transe.

Senti como se uma daquelas serpentes tivesse se contorcido no meu peito e estivesse devorando meu coração, uma artéria de cada vez.

— Meg, a flor é só uma parte da planta. Flores voltam a crescer. Você tem raízes profundas. Tem caules fortes. Você tem… Seu rosto está verde. — Eu me virei para Trofônio. — Por que o rosto dela está verde?

— Interessante. — Ele parecia qualquer coisa, menos interessado. — Talvez ela esteja morrendo.

Ele inclinou a cabeça, como se ouvisse alguma coisa ao longe.

— Ah. Aqui estão eles, esperando você.

— O quê? Quem?

— Os servos do imperador. *Blemmyae*. — Trofônio apontou para o outro lado do lago. — Um túnel por baixo da água bem ali, está vendo? Ele leva ao resto do sistema de cavernas, a parte conhecida pelos mortais. Os *blemmyae* aprenderam que não devem vir até esta câmara, mas estão esperando você do outro lado. Você só vai poder fugir daqui se passar por ali.

— Então é o que nós vamos fazer.

— Tenho minhas dúvidas — disse Trofônio. — Mesmo que sua jovem amiga sobreviva, os *blemmyae* estão com explosivos à sua espera.

— *O QUÊ?*

— Ah, Cômodo deve ter dito para eles usarem os explosivos como último recurso. Ele gosta de me ter como vidente pessoal. Manda os homens dele aqui de tempos em tempos, eles saem meio mortos e loucos, mas o imperador recebe vislumbres gratuitos do futuro. É uma maravilha. Mas ele prefere destruir este oráculo a permitir que você escape vivo.

Eu estava perplexo demais para responder. Trofônio soltou outra gargalhada.

— Não fique tão desanimado, Apolo. O lado bom é que não importa se Meg vai morrer aqui, porque ela vai morrer de qualquer jeito! Olha, ela está espumando pela boca agora. Essa é sempre a parte mais divertida.

Meg estava mesmo cuspindo espuma branca. Na minha opinião médica mais do que embasada, isso raramente era bom sinal.

Segurei o rosto dela.

— Meg, me escute. — A escuridão girava ao redor dela, fazendo minha pele formigar. — Estou aqui. Sou Apolo, o deus da cura. Você *não* vai morrer.

Meg não gostava de receber ordens. Eu sabia disso. Ela se contorceu e espumou, tossindo palavras aleatórias como *cavalo*, *palavras cruzadas*, *trevos*, *raízes*. Também não era um bom sinal, medicamente falando.

Minha cantoria não funcionou. Ser assertivo não funcionou. Só conseguia pensar em mais um remédio, uma técnica antiga para retirar veneno e espíritos do mal. A prática não era mais indicada pela maioria das associações médicas, mas eu me lembrei do limerique do Bosque de Dodona, o verso que mais me fez perder o sono: *a morte e loucura forçado.*

Era agora.

Eu me aproximei do rosto de Meg, como fazia quando ensinava respiração boca a boca no treinamento de primeiros socorros do Acampamento Júpiter. (Aqueles semideuses romanos idiotas estavam *sempre* se afogando.)

— Peço desculpas por isso.

Apertei o nariz de Meg e encostei a boca na dela. Tive uma sensação gosmenta e desagradável, bem parecida com o que eu imaginava que Poseidon sentiu quando percebeu que estava beijando a Górgona Medusa.

Nada me deteria. Em vez de expirar, eu inspirei, sugando a escuridão dos pulmões de Meg.

Talvez, em algum momento da sua vida, água tenha entrado pelo seu nariz. Imagine a sensação, só que com veneno de abelha e ácido em vez de água. Pois é. A dor quase me fez desmaiar, uma nuvem tóxica de horror subindo pelas minhas cavidades nasais, descendo pela

garganta e indo até o peito. Senti abelhas fantasmagóricas ricocheteando pelo meu sistema respiratório, tentando lançar seus ferrões durante a passagem.

Prendi a respiração, determinado a deixar o máximo possível de escuridão longe de Meg pelo máximo de tempo que eu conseguisse. Eu dividiria esse peso com ela, mesmo que me matasse.

Minha mente deslizou pelas lembranças de Meg.

Eu era uma garotinha assustada, tremendo nos degraus da biblioteca, olhando para o corpo do meu pai assassinado.

A rosa que ele tinha me dado estava esmagada e morta. As pétalas estavam espalhadas pelos ferimentos que o Besta fez na barriga dele.

O Besta fez aquilo. Eu não tinha dúvida. Nero tinha me avisado várias vezes.

Papai havia jurado que a rosa nunca morreria. Eu nunca teria que me preocupar com espinhos. Ele disse que a flor era presente da minha mãe, uma mulher que nunca vi.

Mas a rosa estava morta. Papai estava morto. Minha vida não era nada além de espinhos.

Nero colocou a mão no meu ombro.

— Sinto muito, Meg.

Os olhos dele estavam tristes, mas a voz havia sido tomada pela decepção. Isso só comprovava minhas suspeitas. A morte de papai era minha culpa. Eu devia ter treinado mais, tido modos melhores, não ter protestado quando Nero me disse para brigar com as crianças maiores… e com os animais que eu não queria matar.

Eu tinha aborrecido o Besta.

Chorei, com ódio de mim mesma. Nero me abraçou. Escondi o rosto na roupa roxa dele, sentindo a colônia doce e enjoativa. Era um aroma que não lembrava tanto flores, e sim um cheiro velho, ressecado e decadente. Eu não sabia ao certo como *conhecia* esse cheiro, mas ele me inundou com um sentimento familiar de impotência e terror. Nero era tudo que eu tinha. Eu não tinha flores de verdade, um pai de verdade, uma mãe de verdade. Não era digna dessas coisas. Tinha que me agarrar ao que eu tinha.

De repente, as mentes unidas, Meg e eu desabamos no Caos primordial: o miasma do qual as Parcas teciam o futuro, traçando o destino de forma aleatória.

A mente de ninguém deveria ser exposta a tal poder. Mesmo quando era deus, eu temia chegar perto demais dos limites do Caos.

Era o mesmo tipo de perigo que os mortais corriam quando pediam para ver a forma verdadeira de um deus, uma pira ardente e terrível de pura possibilidade. Ver uma coisa assim podia vaporizar humanos, transformá-los em sal ou pó.

Protegi Meg do miasma da melhor maneira que pude, envolvendo a

mente dela com a minha em uma espécie de abraço, mas nós dois ouvimos as vozes agudas.

Cavalo branco veloz, sussurraram elas. *O falante das palavras cruzadas. Terras fatais arrasadas*.

E mais: frases ditas rápido demais, sobrepostas demais para fazer sentido. Meus olhos começaram a arder. As abelhas consumiram meus pulmões. Mas eu continuei prendendo a respiração. Vi um rio enevoado ao longe, o próprio Estige. A deusa sombria me chamou da margem, me convidando a atravessar. Eu seria imortal de novo, ao menos do jeito como as almas humanas eram imortais depois da morte. Podia passar para os Campos de Punição. Eu não merecia ser punido pelos meus muitos crimes?

Infelizmente, Meg sentia a mesma coisa. A culpa a puxava para baixo. Ela não acreditava que merecia sobreviver.

O que nos salvou foi um pensamento simultâneo:

Não posso desistir. Apolo precisa de mim. Meg precisa de mim.

Aguentei mais um pouco, depois mais um pouco. Então não consegui aguentar mais.

Eu expirei e expeli o veneno da profecia. Ofegando por ar fresco, desabei ao lado de Meg na pedra fria e úmida. Lentamente, o mundo voltou a seu estado sólido. As vozes sumiram. A nuvem de abelhas fantasmagóricas desapareceu.

Eu me apoiei nos cotovelos. Encostei os dedos no pescoço de Meg. A pulsação estava leve e fraca, mas minha amiga não estava morta.

— Graças às Três Parcas — murmurei.

Pela primeira vez, eu estava falando sério. Se Cloto, Láquesis e Átropos estivessem na minha frente naquela hora, eu teria dado um beijo nos narizes verruguentos delas.

Na ilha, Trofônio suspirou.

— Ah, que pena. A garota talvez fique insana pelo resto da vida. Já é alguma coisa.

Olhei com raiva para meu filho falecido.

— *Consolo?*

— É. — Ele inclinou a cabeça etérea, escutando novamente. — É melhor você se apressar. Vai ter que carregar a garota pelo túnel debaixo da água, então acho que vocês dois podem se afogar. Ou os *blemmyae* podem matar vocês do outro lado. Mas, se isso não acontecer, eu quero aquele favor.

Eu ri. Depois do meu mergulho no Caos, não foi um som bonito.

— Você ainda espera um *favor*? Depois de atacar uma garota indefesa?

— Por dar a você sua profecia — corrigiu Trofônio. — É toda sua, supondo que você consiga extraí-la da garota no Trono da Memória, claro. Agora, meu favor, como você prometeu: destrua esta caverna.

Veja bem… eu tinha acabado de voltar do miasma da pura profecia, mas *ainda assim* fui pego de surpresa por aquele pedido.

— Como é que é?

— O local é exposto demais — disse Trofônio. — Seus aliados da Estação Intermediária nunca vão conseguir defendê-lo do Triunvirato. Os imperadores vão continuar atacando. Não quero mais ser usado por Cômodo. É melhor que o oráculo seja destruído.

Eu me perguntei se Zeus concordaria. Sempre achei que meu pai quisesse que eu *restaurasse* todos os oráculos antigos, para só então eu poder recuperar minha divindade. Não sabia se destruir a Caverna de Trofônio seria um plano B aceitável. Por outro lado, se Zeus queria que as coisas fossem feitas de uma maneira específica, deveria ter me dado instruções mais claras.

— Mas, Trofônio… O que vai acontecer com você?

Ele deu de ombros.

— Talvez meu oráculo reapareça em outro lugar daqui a alguns séculos, em circunstâncias melhores, em um local mais seguro. Talvez isso lhe dê tempo para se tornar um pai melhor.

Eu estava começando a considerar seriamente atender ao pedido dele.

— Como eu destruo este lugar?

— Eu talvez tenha mencionado que os *blemmyae* têm explosivos na caverna ao lado. Se eles não usarem, você tem que usar.

— E Agamedes? Ele também vai desaparecer?

Faíscas surgiram no corpo do espírito. Tristeza, talvez?

— Depois de um tempo — disse Trofônio. — Diga para Agamedes… Diga que o amo e que lamento que esse tenha sido nosso destino. É mais do que recebi de você.

Sua coluna de escuridão giratória começou a se desenrolar.

— Espere! — gritei. — E Georgina? Onde Agamedes a encontrou? Ela é minha filha?

A gargalhada de Trofônio ecoou fracamente pela caverna.

— Ah. Considere esse mistério meu último presente para você, pai. Espero que deixe você louco!

E então sumiu.

Fiquei sentado no chão, perplexo e arrasado. Não me sentia fisicamente machucado, mas percebi que era possível ser ferido de muitas formas naquele buraco cheio de cobras, mesmo que nenhuma delas chegasse perto de você. Havia outros tipos de veneno.

A caverna ribombou, criando ondulações no lago. Eu não sabia o que aquilo queria dizer, mas nós não podíamos ficar. Segurei Meg nos braços e entrei na água.

36

Seja educado
Quando montar bombas ou...
Splat! Virou geleia

TALVEZ EU TENHA MENCIONADO: eu não sou o deus do mar.

Tenho muitas habilidades fascinantes. No meu estado divino, sou bom em quase tudo que tento fazer. Mas, como Lester Papadopoulos, eu *não* era mestre em nadar debaixo d'água carregando peso, nem conseguia ficar sem oxigênio por mais tempo do que um mero mortal.

Fui seguindo pela passagem, abraçando Meg junto ao peito, meus pulmões queimando de revolta.

Primeiro, você nos enche de abelhas proféticas das sombras!, gritaram meus pulmões. *Agora, nos obriga a ficar embaixo d'água! Você é uma pessoa horrível!*

Eu só podia torcer para Meg sobreviver à experiência. Como ela ainda estava inconsciente, não pude avisá-la para prender a respiração. O máximo que podia fazer era tornar o trajeto o mais curto possível.

Pelo menos, a corrente estava a meu favor. A água me empurrou na direção que eu queria ir, mas, depois de seis ou sete segundos, tive certeza de que íamos morrer.

Meus ouvidos latejavam. Tateei cegamente em busca de apoios nas paredes escorregadias de pedra. As pontas dos meus dedos deviam estar esfoladas, mas o frio incapacitava meu sistema nervoso. A única dor que sentia vinha de dentro do meu peito e da minha cabeça.

Minha mente começou a pregar peças enquanto eu tentava obter mais oxigênio.

Você consegue respirar debaixo d'água!, dizia ela. *Vá em frente! Vai ficar tudo bem!*

Estava prestes a inspirar quando reparei em um leve brilho verde acima. Ar? Radiação? Limonada? Qualquer uma dessas coisas parecia melhor do que me afogar no escuro. Bati os pés naquela direção.

Eu imaginei que estaria cercado de inimigos quando chegasse à superfície, então tentei subir ofegando e me debatendo o mínimo possível. Cuidei para que a cabeça de Meg surgisse acima da água e apertei de leve sua barriga para expelir qualquer fluido dos pulmões dela. (É para isso que servem os amigos.)

Fazer tudo isso em silêncio não foi tarefa fácil, mas assim que observei os arredores fiquei feliz de ser um ninja de ofegos baixos e poucos movimentos.

A caverna não era muito maior do que a anterior. Havia lâmpadas elétricas penduradas no teto, lançando luz verde na água. Do lado oposto, avistei uma doca cheia de barcaças de alumínio, que provavelmente serviam para acessar áreas do rio subterrâneo que, de outro modo, seriam fatais. Três *blemmyae* estavam agachados sobre um objeto grande que parecia dois tanques de mergulho grudados um no outro, as rachaduras cheias de massa de vidraceiro, e um monte de fios.

Se Leo Valdez tivesse elaborado tal dispositivo, poderia ser qualquer coisa, desde um mordomo robótico a um propulsor a jato. Considerando a falta de criatividade dos *blemmyae*, cheguei à deprimente conclusão de que eles estavam armando uma bomba.

Os únicos motivos para eles não terem reparado em nós e nos matado foram: 1) eles estavam ocupados discutindo, e 2) eles não estavam olhando na nossa direção. A visão periférica dos *blemmyae* compreende basicamente a área das axilas, então eles geralmente só olham para a frente.

Um *blemmyae* usava uma calça verde-escura e uma camisa verde aberta; roupa de guarda florestal, talvez? O segundo vestia o uniforme azul da polícia de Indiana. A terceira… Ah, não. Aquele vestido florido de novo.

— Não, senhor! — gritou o policial da forma mais educada possível. — *Não* é aí que o fio vermelho vai, se me permite dizer.

— É claro que permito — disse o guarda florestal. — Mas estudei o desenho. Vai aí sim, porque o fio azul tem que entrar *aqui*. E, perdão por dizer isso, mas você é um idiota.

— Está perdoado — disse o policial, com simpatia —, mas só porque *você* é um idiota.

— Ah, garotos — disse a mulher. A voz era definitivamente a de Nanette, a mulher que nos recebeu no nosso primeiro dia em Indianápolis. Parecia impossível que ela tivesse se regenerado do Tártaro tão rápido depois de ser morta pela torre de besta de Josephine, mas atribuí isso à minha péssima sorte de sempre. — Não vamos discutir. Podemos ligar para o número de atendimento ao cliente e…

Meg aproveitou essa oportunidade para tossir bem alto. Não tínhamos onde nos esconder exceto embaixo d’água, e eu não estava em condições de submergir de novo.

Nanette nos viu. Sua cara/peito se contorceu em um sorriso, o batom, de um laranja intenso, brilhava como lama na luz verde.

— Ah, olhem só! Visitantes!

O guarda florestal puxou uma faca de caça. O policial pegou a arma. Mesmo com a noção de profundidade tão ruim da espécie, não era provável que ele errasse o alvo estando tão perto.

Indefeso na água, segurando uma Meg ofegante e meio inconsciente, fiz a única coisa em que consegui pensar. Gritei.

— Não nos matem!

Nanette riu.

— Ah, querido, por que não mataríamos vocês?

Olhei para a bomba feita com tanques de mergulho. Sem dúvida Leo Valdez saberia exatamente o que fazer em uma situação daquelas, mas o único conselho em que eu conseguia pensar era algo que Calipso tinha me dito no zoológico: *Metade da magia é agir como se fosse funcionar. A outra metade é escolher um alvo supersticioso.*

— Vocês não deveriam nos matar — anunciei —, porque eu sei onde entra o fio vermelho!

Os *blemmyae* sussurraram baixinho. Eles podiam ser imunes a encantos e música, mas compartilhavam da relutância dos mortais em ler as instruções e ligar para o serviço de atendimento ao cliente. A hesitação deles me deu alguns instantes para dar um tapa em Meg (*delicadamente*, na bochecha, só para acordá-la).

Ela se debateu e se sacudiu, o que já estava de bom tamanho para quem antes estava totalmente apagada. Examinei a caverna em busca de possíveis rotas de fuga. À nossa direita, o rio serpenteava por um túnel de teto baixo. Eu não estava mais com vontade de nadar por aquelas cavernas. À esquerda, na beirada da doca, se projetava uma rampa com corrimões. Decidi que aquela seria nossa saída para a superfície.

Infelizmente, no meio do caminho havia três humanoides superfortes com uma bomba.

Os *blemmyae* terminaram de conversar.

Nanette olhou para mim de novo.

— Muito bem! Por favor, diga onde entra o fio vermelho. Depois, vamos matar você da forma mais indolor possível, e podemos todos ir para casa felizes.

— Uma proposta generosa — falei. — Mas eu preciso *mostrar*. É difícil demais explicar daqui. Permissão para atracar?

O policial baixou a arma. Um bigode peludo cobria suas últimas costelas.

— Bom, ele pediu permissão. Foi educado.

— Humm. — Nanette passou a mão no queixo, ao mesmo tempo coçando a barriga. — Permissão concedida.

Juntar-me a três inimigos na doca era uma opção só um pouco melhor do que congelar no rio, mas fiquei feliz por tirar Meg da água.

— Obrigado — falei aos *blemmyae* depois que eles nos puxaram.

— De nada — disseram os três ao mesmo tempo.

— Vou só colocar minha amiga aqui… — Cambaleei na direção da rampa, me perguntando se daria para tentar sair correndo.

— Aí já está bom — avisou Nanette —, por favor e obrigada.

Não havia palavras em grego arcaico para *odeio você, mulher-palhaço assustadora*, mas murmurei algo parecido. Apoiei Meg na parede.

— Está me ouvindo? — sussurrei.

Os lábios dela estavam azulados. Os dentes rangiam sem parar. Os olhos estavam revirados, é só dava para ver a parte branca cheia de vasinhos vermelhos.

— Meg, por favor. Vou distrair os *blemmyae*, mas você precisa sair daqui. Consegue andar? Engatinhar? Qualquer coisa?

— Hum-um-um. — Meg tremeu e tossiu. — Shumma-shumma.

Desconhecia essa língua, mas supus que Meg não iria a lugar nenhum sozinha. Eu teria que fazer mais do que só distrair os *blemmyae*.

— Muito bem! — disse Nanette. — Por favor, nos mostre o que sabe, para podermos derrubar esta caverna em cima de vocês!

Forcei um sorriso.

— Claro. Vamos ver…

Eu me ajoelhei ao lado do dispositivo. Era tão simples que fiquei triste pelos *blemmyae*. Na verdade, só havia dois fios e dois receptores, tudo codificado pelas cores azul e vermelho.

Olhei para cima.

— Ah. Uma pergunta rápida. Eu estou ciente de que os *blemmyae* não têm um bom ouvido para música, mas…

— Não é verdade! — O guarda florestal pareceu ofendido. — Eu não tenho ouvidos, mas escuto muito bem!

Os outros dois fizeram reverências enfáticas, o equivalente a assentir para os *blemmyae*.

— Eu escuto muitíssimo bem — concordou Nanette.

— E eu gosto de todo tipo de música! Explosões. Tiros. Motores de carro. Todos os sons são bons — disse o guarda florestal.

— Entendi — falei. — Mas minha pergunta era… seria possível que sua espécie também seja daltônica?

Eles pareceram perplexos. Examinei mais uma vez a maquiagem de Nanette, o vestido e os sapatos, e ficou claro para mim por que tantos *blemmyae* preferiam se disfarçar com uniformes mortais. Eram daltônicos, claro!

Só para deixar claro, não estou querendo dizer que ser daltônico ou não ter um bom ouvido para música indica falta de criatividade ou de inteligência. Longe disso! Alguns dos meus gênios criativos preferidos, de Mark Twain a Mister Rogers e William Butler Yeats, também sofriam disso.

Mas, nos *blemmyae*, restrições sensoriais e falta de inteligência pareciam ser parte do mesmo pacote deprimente.

— Deixa pra lá — falei. — Vamos começar. Nanette, você poderia pegar o fio vermelho, por favor?

— Já que você pediu com tanta educação… — Nanette se inclinou e pegou o fio azul.

— O outro fio vermelho — falei.

— Claro. Eu sabia!

Ela pegou o fio vermelho.

— Agora, prenda ao receptor vermelho… a *este* receptor. — Apontei.

Nanette fez o que eu instruí.

— Prontinho! — falei.

Ainda perplexos, os *blemmyae* olharam para o dispositivo.

— Mas tem outro fio — disse o policial.

— É verdade — falei, com paciência. — Vai no segundo receptor. No entanto — segurei a mão de Nanette antes que ela nos explodisse —, quando você o conectar, provavelmente vai ativar a bomba. Está vendo essa telinha aqui? Não sou nenhum Hefesto, mas suponho que seja o cronômetro. Por acaso vocês sabem de quanto tempo é a contagem regressiva?

O policial e o guarda florestal conversaram na língua monotônica e gutural dos *blemmyae*, que soava como duas lixadeiras elétricas falando em código morse. Olhei para Meg, que estava onde eu a tinha deixado, ainda tremendo e murmurando *shumma-shumma* baixinho.

O guarda florestal sorriu de um jeito satisfeito.

— Bem, senhor. Como fui o único que leu o diagrama, decidi que posso dar a resposta com segurança. O tempo é cinco segundos.

— Ah. — Algumas abelhas-fantasma subiram pelo meu pescoço. — Então, quando você conectar o fio, não vai haver tempo para sair da caverna antes que a bomba exploda.

— Exatamente! — Nanette abriu um sorriso. — O imperador foi bem claro. Se Apolo e a menina saírem da câmara do oráculo, matem os dois e derrubem a caverna com uma grande explosão!

O policial franziu a testa.

— Não, ele disse para matá-los *com* a grande explosão.

— Não, senhor — disse o guarda florestal. — Ele disse para causarmos a grande explosão só se fosse necessário. Podíamos matar esses dois se eles aparecessem, mas, se não… — Ele coçou o cabelo nos ombros. — Estou confuso agora. Para que era a bomba?

Fiz uma oração silenciosa agradecendo a Cômodo por ter enviado *blemmyae* e não germânicos para cuidar daquela tarefa. Claro que isso provavelmente significava que os germânicos estavam lutando com meus amigos na Estação Intermediária naquele momento, mas eu só conseguia lidar com uma crise catastrófica de cada vez.

— Amigos — falei. — Inimigos amigáveis, *blemmyae*. O que quero

dizer é o seguinte: se vocês ativarem a bomba, vocês três também vão morrer. Estão preparados para isso?

O sorriso de Nanette sumiu.

— Ah. Humm…

— Já sei! — O guarda florestal balançou o dedo para mim com entusiasmo. — Por que *você* não conecta o fio depois que nós três sairmos?

— Não seja bobo — disse o policial. — Ele não vai se matar e matar a garota só porque pedimos. — Ele me lançou um olhar esperançoso. — Ou vai?

— Não importa — repreendeu Nanette. — O imperador mandou *a gente* matar Apolo e a garota. Não fazer com que eles se matassem.

Os outros murmuraram, concordando. Seguir ordens ao pé da letra era o mais importante, claro.

— Tive uma ideia! — falei, quando, na verdade, não tinha pensado em nada.

Queria ter bolado um plano inteligente para derrotar os *blemmyae* e tirar Meg dali. Até o momento, nenhum plano inteligente tinha se materializado. Também havia a questão da minha promessa a Trofônio. Eu tinha jurado destruir o oráculo dele. Preferia fazer isso sem morrer no processo.

Os *blemmyae* esperaram educadamente que eu continuasse. Tentei canalizar a bravata de Calipso. (Ah, deuses, por favor, nunca contem para ela que a usei como inspiração.)

— É verdade que vocês têm que nos matar. Eu entendo! Mas tenho uma solução que vai alcançar todos os seus objetivos: uma grande explosão, a destruição do oráculo, a nossa morte e vocês saírem dessa vivos.

Nanette assentiu.

— Esse último é um bônus, sem dúvida.

— Tem um túnel subterrâneo bem ali… — Expliquei que Meg e eu nadamos da câmara de Trofônio por ele. — Para destruir efetivamente a sala do oráculo, vocês não podem armar a bomba aqui. Alguém teria que nadar com o dispositivo até o fundo do túnel, ativar o *timer* lá e nadar de volta. Eu não sou forte o bastante, mas um *blemmyae* poderia fazer isso com facilidade.

O policial franziu a testa.

— Mas cinco segundos… é tempo suficiente?

— Ah — falei —, mas todo mundo sabe que, debaixo d’água, cronômetros demoram o dobro de tempo, então vocês teriam dez segundos, na verdade.

Nanette piscou.

— Tem certeza disso?

O guarda florestal a cutucou com o cotovelo.

— Ele *disse* que todo mundo sabe disso. Não seja mal-educada!

O policial coçou o bigode com o cano da arma, o que devia ser contra os protocolos de segurança do departamento.

— Eu ainda não entendi bem por que temos que destruir o oráculo. Por que não podemos matar vocês dois, digamos… com esta arma… e deixar o oráculo em paz?

Suspirei.

— Se ao menos fosse possível! Mas, meu amigo, não é seguro. Essa garota e eu entramos e saímos com nossa profecia, não foi? Isso quer dizer que outros invasores podem fazer o mesmo. O imperador devia estar falando sobre isso quando mandou vocês causarem uma grande explosão. Vocês não querem ter que voltar aqui com uma bomba cada vez que alguém invadir, querem?

O policial pareceu apavorado.

— Minha nossa, não!

— E deixar o oráculo intacto, neste lugar que mortais obviamente visitam como se fosse um ponto turístico… Bom, isso é um perigo! Não explodir a caverna do oráculo seria *muito* descortês da nossa parte — falei.

— Hummm. — Os três *blemmyae* assentiram/se curvaram com sinceridade.

— Mas — disse Nanette —, se você estiver tentando nos enganar… e peço desculpas por levantar essa possibilidade…

— Não, não. Eu entendo perfeitamente. Que tal isto: preparem a bomba. Se vocês voltarem em segurança e a caverna explodir no momento correto, vocês podem fazer a cortesia de nos matar de forma rápida e indolor. Se alguma coisa der errado…

— Nós podemos arrancar seus membros! — sugeriu o policial.

— E esmagar seus corpos até virarem geleia! — acrescentou o guarda florestal. — Que ideia maravilhosa. Obrigado!

Tentei manter meu nervosismo sob controle.

— Disponham.

Nanette observou a bomba, talvez sentindo que havia algo de errado com meu plano. Graças aos deuses, ela não notou nada, ou foi educada demais para mencionar suas reservas.

— Bem — disse ela por fim —, sendo assim, já volto!

Ela pegou os tanques e pulou na água, o que me deu alguns maravilhosos segundos para elaborar um plano para evitar ser esmagado até virar geleia. Finalmente, as coisas estavam melhorando!

37

Fruta preferida?
Espero que não seja uva
Nem maçã nem figo

POBRE NANETTE.

Eu me pergunto o que passou pela mente dela quando se deu conta de que, mesmo debaixo d’água, cinco segundos ainda duravam exatamente cinco segundos. Quando o dispositivo explodiu, eu a imaginei borbulhando um último xingamento terrível, algo como *Ah, que cocô.*

Eu até sentiria pena da *blemmyae*, se ela não estivesse tramando a minha morte.

A caverna tremeu. Pedaços de estalactite desabaram no lago e bateram nos cascos das barcaças. Um jato de ar irrompeu da água, agitando a doca e espalhando pela caverna um cheiro de batom de tangerina.

O policial e o guarda florestal franziram a testa para mim.

— Você explodiu Nanette. Isso não foi educado.

— Esperem! — gritei. — Ela ainda deve estar nadando de volta. É um túnel comprido.

Isso me fez ganhar mais uns três ou quatro segundos, durante os quais minha mente não conseguiu bolar nenhum plano de fuga inteligente. Bom, pelo menos eu esperava que a morte de Nanette não tivesse sido em vão. Torcia para que a explosão tivesse destruído a Caverna do Oráculo, como Trofônio queria, mas não dava para ter certeza.

Meg ainda estava apenas parcialmente consciente, murmurando e tremendo. Eu tinha que levá-la de volta à Estação Intermediária e colocá-la no Trono da Memória o mais rápido possível, mas antes tinha que me livrar dos *blemmyae*. Minhas mãos estavam dormentes demais para eu usar o arco ou o ukulele. Eu queria ter alguma outra arma, até mesmo um lenço mágico brasileiro que pudesse sacudir na cara dos inimigos. Ah, se uma onda de força divina se espalhasse pelo meu corpo!

O guarda florestal suspirou, já sem paciência.

— Tudo bem, Apolo. Prefere que a gente pisoteie ou desmembre você? É justo deixar você escolher.

— Que educado — falei. E ofeguei. — Ah, meus deuses! Olhem aquilo ali!

Você precisa me perdoar, querido leitor. Sei que esse método de

distração é o truque mais batido que existe. Na verdade, é tão velho que já era usado antes mesmo de os rolos de papiro serem inventados, e foi registrado pela primeira vez em tabuletas de argila na Mesopotâmia. Mas os *blemmyae* caíram.

Para eles, "olhar aquilo ali" era algo que levava tempo. Não conseguiam dar uma olhadinha de relance. Não conseguiam virar a cabeça sem virar o corpo todo, então tinham que fazer um movimento de cento e oitenta graus.

Eu não tinha outro truque em mente. Só sabia que precisava salvar Meg e sair dali. Outro tremor sacudiu a caverna novamente, desequilibrando os *blemmyae*, e aproveitei para aumentar minha vantagem e chutar o guarda florestal para dentro do lago. Exatamente naquele momento, um pedaço do teto se soltou e despencou em cima dele, em uma tempestade de detritos. O guarda florestal desapareceu no lago, debaixo da espuma revolta.

Só consegui ficar olhando, abismado. Tinha quase certeza de que *eu* não tinha feito o teto rachar e desabar. Pura sorte? Ou talvez o espírito de Trofônio tivesse me concedido um último favor ressentido por ter destruído a caverna dele. Esmagar uma pessoa em uma chuva de pedras parecia o tipo de favor que ele concederia.

O outro *blemmyae* não viu o que tinha acabado de acontecer e estava completamente perdido. Ele se virou para mim, uma expressão perplexa no rosto peitoral.

— Não tem nada ali, Apolo… Espere. Para onde foi meu amigo?

— Hã? — perguntei. — Que amigo?

Seu bigode impressionante deu um tremelique.

— Eduardo. O guarda florestal.

Eu me fiz de desentendido.

— Um guarda florestal? Aqui?

— Sim, ele estava aqui agora mesmo.

— Não vi nenhum guarda por aqui, não.

A caverna tremeu de novo. Infelizmente, nenhum pedaço prestativo se soltou do teto para esmagar meu último inimigo.

— Bem — disse o policial —, talvez ele tenha precisado ir embora. Se me permite, agora terei que matar você eu mesmo. Ordens são ordens.

— Ah, sim, mas primeiro…

O policial não ia cair na minha lábia outra vez. Ele segurou meu braço, esmagando vários ossos no processo. Eu gritei. Meus joelhos se dobraram.

— Deixe a garota ir embora — supliquei em meio à dor. — Me mate logo e deixe-a ir.

Fiquei bem surpreso com a minha atitude. Aquelas não eram as últimas palavras que eu tinha programado. Caso estivesse à beira da

morte, torcia para ter tempo de compor uma balada com meus feitos gloriosos, uma balada *muito* longa. Mas ali estava eu, no final da minha vida, implorando não por mim, mas por Meg McCaffrey.

Eu adoraria levar o crédito pelo que aconteceu em seguida. Gostaria de pensar que meu nobre gesto de sacrifício provou meu valor e invocou nossos espíritos salvadores direto do plano etéreo. Mas era mais provável que eles já estivessem na área procurando Meg e ouviram meu grito de dor.

Com um grito de batalha de gelar o sangue, três *karpoi* correram pelo túnel e voaram no policial, avançando bem na cara dele.

O policial cambaleou pela doca, os três espíritos do pêssego uivando, arranhando e mordendo como um bando de piranhas aladas com sabor de fruta… O que, pensando bem, não é nem um pouco parecido com uma piranha.

— Por favor, saiam! — berrou o policial. — Por favor e obrigado!

Os *karpoi* não estavam preocupados com boas maneiras. Depois de mais vinte segundos de pesseguice selvagem, o policial foi reduzido a uma pilha de cinzas de monstro, tecido rasgado e fios de bigode.

O *karpos* do meio cuspiu uma coisa que um dia podia ter sido a arma do policial e bateu as asas folhosas. Deduzi que era nosso amigo, o famoso Pêssego, porque os olhos dele brilhavam com mais crueldade, e a fralda parecia mais pesada e mais perigosa.

Eu aninhei meu braço quebrado.

— Obrigado, Pêssego! Não sei como posso…

Ele me ignorou e voou até Meg. Chorando, acariciou o cabelo dela.

Os outros dois *karpoi* me observaram com uma intensidade faminta nos olhos.

— Pêssego? — choraminguei. — Você pode dizer para eles que sou amigo? Por favor?

Pêssego estava aos prantos, inconsolável. Ele pegou um pouco de terra e esfregou nas pernas de Meg, como se estivesse plantando uma muda.

— Pêssego! — chamei de novo. — Posso ajudá-la, mas preciso levá-la de volta para a Estação Intermediária. O Trono da Memória…

Uma onda de náusea fez o mundo se inclinar e girar. Minha visão ficou verde.

Quando recuperei o foco, vi Pêssego e os outros dois *karpoi* lado a lado, me encarando.

— Pêssego? — perguntou Pêssego.

— Sim — grunhi. — Nós precisamos levar a Meg para Indianápolis o quanto antes. Se você e seus amigos… Hã, acho que não fomos apresentados. Sou Apolo.

Pêssego apontou para o amigo da direita.

— Pêssego. — E para o bebê demônio da esquerda. — Pêssego.

— Entendi. — Tentei pensar. A dor se alastrava do meu braço até o queixo. — Agora, escutem, eu… eu tenho um carro. Um Mercedes vermelho, está aqui perto. Se eu conseguir chegar lá, posso levar Meg até… até…

Olhei para o antebraço quebrado. Estava ficando com uns tons lindos de roxo e laranja, como um pôr do sol no Egeu. Percebi que não ia dirigir para lugar algum.

Minha mente começou a afundar em um mar de dor debaixo daquele lindo pôr do sol.

— Volto em um minuto — murmurei.

E desmaiei.

38

Estação vai mal
Cômodo tem que pagar
E não em dinheiro

EU NÃO ME LEMBRO de muita coisa da viagem de volta.

Não sei bem como, mas Pêssego e seus dois amigos carregaram Meg e a mim para fora da caverna e até o Mercedes. O mais perturbador foi que os três *karpoi* deram um jeito de dirigir até Indianápolis enquanto Meg murmurava e tremia no banco do carona e eu grunhia no de trás.

Não me pergunte como os três *karpoi* conseguiram dirigir um carro. Foi um trabalho em equipe. Não sei qual usou o volante, o freio ou o acelerador. Não é o tipo de comportamento que se espera de uma fruta comestível.

Só sei que, quando recuperei quase totalmente a consciência, tínhamos entrado na cidade.

Meu antebraço quebrado estava enrolado em folhas grudadas com seiva. Eu não lembrava como isso havia acontecido, mas o braço parecia melhor. Ainda doía, mas não de forma excruciante. Considerei sorte os espíritos do pêssego não terem tentado me plantar e me aguar.

Consegui me sentar ereto na hora que o Mercedes virou na Rua Capital. À nossa frente, viaturas da polícia bloqueavam a passagem. Grandes placas vermelhas em cavaletes anunciavam: EMERGÊNCIA: VAZAMENTO DE GÁS. AGRADECEMOS A PACIÊNCIA!

Vazamento de gás. Leo Valdez acertou de novo. Supondo que ainda estivesse vivo, ele esfregaria isso na nossa cara durante semanas.

Alguns quarteirões depois do bloqueio, uma coluna de fumaça preta subia mais ou menos de onde a Estação Intermediária ficava. Meu coração se partiu, doendo mais até do que o braço. Olhei para o relógio do painel do Mercedes. Fazia menos de quatro horas que tínhamos saído. Parecia uma vida, uma vida *divina*.

Observei o céu. Não vi dragão de bronze voando, nem grifos sempre dispostos a ajudar lutando para defender seu ninho. Se a Estação Intermediária tivesse sucumbido… Não, eu tinha que pensar positivo. Não deixaria que meus medos atraíssem mais enxames de abelhas proféticas.

— Pêssego — falei. — Preciso que você…

Olhei para a frente e quase pulei pelo teto do carro. Pêssego e os dois amigos estavam me olhando, os queixos apoiados no encosto do

banco do motorista e as mãos posicionadas no melhor estilo "Não ouço, não vejo e não falo", mas, no caso deles, acho que seria algo mais para "Não vejo, não descasco, não como".

— Ah… sim. Oi — falei. — Por favor, preciso que vocês fiquem com Meg. Precisam protegê-la a todo custo.

Pêssego Primeiro mostrou os dentinhos afiados e rosnou:

— Pêssego.

Encarei como concordância.

— Tenho que ver como estão nossos amigos na Estação Intermediária. Se eu não voltar… — As palavras grudaram na minha garganta. — … vocês vão ter que procurar o Trono da Memória. Colocar Meg naquela cadeira é a única forma de curar a mente dela.

Olhei para os três pares de olhos verdes brilhantes. Não conseguia saber se os *karpoi* entendiam o que eu estava dizendo, nem fazia ideia de como eles fariam para seguir minhas instruções. Se a batalha tivesse terminado, e o Trono da Memória tivesse sido levado ou destruído… Não. Isso era o pólen da maldita abelha afetando meus pensamentos!

— Só… cuidem dela — pedi.

Saí do carro e vomitei corajosamente na calçada. Pontinhos cor-de-rosa dançaram diante dos meus olhos. Fui me arrastando pela rua, o braço coberto de seiva e folhas, as roupas úmidas com cheiro de bosta de morcego e excremento de cobra. Não foi minha entrada em batalha mais gloriosa.

Ninguém me parou nas barricadas. Os policiais trabalhando (mortais comuns, achei) pareciam mais interessados nas telas dos smartphones do que na fumaça subindo atrás deles. Talvez a Névoa escondesse a verdadeira situação. Talvez eles tivessem concluído que, se um mendigo maltrapilho queria andar na direção de um vazamento de gás, não eram eles que iam impedir. Ou talvez eles estivessem engajados em uma batalha épica de *Pokémon GO*.

Avançando um quarteirão dentro da área do cordão de isolamento, vi a primeira escavadeira em chamas. Eu desconfiava que tinha sido atingida por uma mina terrestre modificada por Leo Valdez, pois, além de estar parcialmente destruída e em chamas, também estava toda grudada com adesivos de carinhas sorridentes e cheia de chantilly.

Manquei mais rápido. Vi mais escavadeiras destruídas, escombros espalhados, carros batidos e pilhas de pó de monstro, mas nenhum corpo. Isso me animou um pouco. Depois da esquina da rotatória da Union Station, ouvi o retinir de espadas à frente, e então um tiro e algo que soou como um trovão.

Nunca tinha ficado tão feliz de ouvir uma batalha acontecendo. Aquilo mostrava que nem todo mundo estava morto.

Corri. Minhas pernas exaustas gritaram em protesto. Cada vez que

meus sapatos batiam no asfalto, uma dor terrível subia pelo meu antebraço.

Dobrei a esquina e me vi no meio da zona de combate. Correndo para cima de mim com um olhar assassino, havia um guerreiro semideus, um adolescente que eu nunca tinha visto, usando armadura em estilo romano por cima das roupas normais. Para minha sorte, ele já tinha apanhado muito. Os olhos estavam quase fechados de tão inchados. O peitoral de bronze, amassado como um telhado de metal depois de uma tempestade de granizo. Ele mal conseguia segurar a espada. Eu não me encontrava em condições muito melhores, mas raiva e desespero se tornaram o meu combustível. Consegui soltar o ukulele do ombro e usá-lo para bater na cara do semideus.

Ele caiu aos meus pés.

Eu estava me sentindo muito orgulhoso do meu ato heroico até erguer o olhar. No meio da rotatória, em cima do chafariz e cercado de ciclopes, meu estudante de pós-graduação preferido, Olujime, parecia um antigo deus da guerra, balançando uma arma de bronze que se assemelhava a um taco de hóquei com o dobro de largura. Cada movimento criava filetes de eletricidade nos inimigos. Cada golpe desintegrava um ciclope.

Gostei ainda mais de Jamie. Nunca fui grande fã de ciclopes. Mesmo assim… havia algo de estranho no modo como ele usava os raios. Eu sempre conseguia reconhecer o poder de Zeus em ação. Já tinha sido acertado pelos raios dele muitas vezes. A eletricidade de Jamie era diferente: tinha um cheiro mais úmido, de ozônio, clarões de um vermelho mais escuro. Eu queria que pudéssemos conversar mais sobre isso, mas ele parecia meio ocupado.

Lutas menores aconteciam aqui e ali por toda a rotatória. Os defensores da Estação Intermediária pareciam estar em vantagem. Hunter Kowalski pulava de inimigo em inimigo, suas flechas derrubando com facilidade *blemmyae*, guerreiros com cabeça de cachorro e centauros selvagens. A caçadora tinha uma habilidade incrível de disparar em movimento, evitar contra-ataques e mirar nas patelas das vítimas. Como arqueiro, fiquei impressionado. Se eu ainda tivesse meus poderes divinos, a abençoaria com prêmios fabulosos como uma flecha mágica e quem sabe até um exemplar autografado da minha coletânea de maiores hits em vinil clássico.

Na entrada do hotel, Sssssarah, a *dracaena*, estava sentada encostada em uma caixa de correio, as pernas de cobra enroladas debaixo do corpo, o pescoço inchado do tamanho de uma bola de basquete. Corri até ela para ver se estava ferida, mas aí percebi que o caroço no pescoço dela tinha o formato de um capacete de guerra gaulês. O peito e a barriga também estavam bem volumosos.

Ela me lançou um sorriso preguiçoso.

— E aí?

— Sssssarah. Você engoliu um germânico inteiro?

— Não. — Ela arrotou. O cheiro era definitivamente de algo bárbaro, com um toque de cravo. — Bom, talvez.

— Onde estão os outros? — Eu me abaixei quando uma flecha prateada voou acima da minha cabeça, destruindo o para-brisa de um Subaru que estava próximo. — Onde está Cômodo?

Sssssarah apontou para a Estação Intermediária.

— Lá dentro, acho. Abriu caminho até o prédio, matando quem esssssstivessssse pela frente.

Ela não pareceu muito preocupada, provavelmente porque estava saciada e sonolenta. A coluna de fumaça escura em que eu havia reparado antes saía de um buraco no telhado da Estação Intermediária. Tive uma visão ainda mais angustiante em seguida: caída nas telhas verdes como um pedaço de inseto grudado em papel mata-moscas, estava a asa solta de bronze de um dragão.

Fúria ferveu dentro de mim. Seja a carruagem do Sol, Festus ou um ônibus escolar, *ninguém* se mete com meu meio de transporte.

As portas principais do prédio da Union Station estavam escancaradas. Corri para dentro, passando por pilhas de pó de monstro e tijolos, móveis em chamas e um centauro pendurado de cabeça para baixo, chutando e choramingando em uma armadilha de rede.

Em uma escadaria, uma Caçadora de Ártemis ferida grunhia de dor enquanto uma companheira fazia uma atadura em sua perna sangrenta. Alguns metros à frente, um semideus desconhecido estava imóvel no chão. Eu me ajoelhei ao lado dele, um garoto de uns dezesseis anos, *minha* idade mortal. Não senti pulsação. Eu não sabia de que lado ele estava, mas isso não importava. Fosse como fosse, sua morte era uma perda terrível e desnecessária. Eu estava começando a achar que talvez as vidas dos semideuses não eram tão descartáveis quanto nós, deuses, gostávamos de acreditar.

Eu me apressei por mais corredores, confiando que a Estação Intermediária me mandaria na direção certa. Entrei na biblioteca onde me sentei na noite anterior. A cena lá dentro me atingiu como a explosão de uma das minas de Britomártis.

O corpo de um grifo estava deitado sobre a mesa. Com um soluço de horror, corri para o lado dele. A asa esquerda de Heloísa estava dobrada por cima do corpo como uma mortalha. A cabeça, inclinada em um ângulo nada natural. No chão ao redor dela, muitas armas quebradas, armaduras amassadas e pó de monstro. Ela morreu lutando contra um monte de inimigos… mas morreu.

Meus olhos arderam. Segurei sua cabeça, respirando o distinto cheiro de feno e de penas.

— Ah, Heloísa. Você me salvou. Por que não pude salvar você?

Onde estava o companheiro dela, Abelardo? O ovo estava em segurança? Eu não sabia qual pensamento era mais terrível: toda a família de grifos morta ou o pai e o bebê grifo forçados a viver com a perda arrasadora de Heloísa.

Beijei o bico dela. Mas não era possível ficar de luto naquele momento. Outros amigos ainda podiam estar precisando de ajuda.

Com energia renovada, subi uma escadaria dois degraus de cada vez.

Passei pelas portas duplas e entrei no salão principal.

Era uma cena estranhamente calma. Saía fumaça pelo buraco do telhado, subindo do loft, onde havia o chassi fumegante de uma escavadeira, inexplicavelmente de cabeça para baixo. O ninho de Abelardo e Heloísa parecia intacto, mas não havia sinal do grifo macho nem do ovo. Na área da oficina de Josephine, a cabeça cortada de Festus estava caída no chão, os olhos de rubi apagados e sem vida. Não encontrei o restante do corpo.

Sofás foram esmagados e virados. Eletrodomésticos estavam cheios de buracos de balas. O alcance do dano era de partir o coração.

Mas o problema mais sério era o impasse ao redor da mesa de jantar.

No lado mais próximo de mim estavam Josephine, Calipso, Litierses e Thalia Grace. Thalia estava com o arco na mão. Lit segurava a espada. Calipso estava com as mãos levantadas numa postura de artes marciais e Josephine segurava sua submetralhadora, Pequena Bertha.

Do outro lado da mesa estava Cômodo em pessoa, com um sorriso brilhante apesar de um corte diagonal na cara, ainda sangrando. A armadura de ouro imperial reluzia por cima da túnica roxa. Ele segurava sua arma, uma espata de ouro, de maneira despreocupada, na lateral do corpo.

De cada lado dele havia guarda-costas germânicos. O bárbaro da direita estava dando um mata-leão em Emmie, a outra mão encostando uma besta na cabeça dela. Georgina estava com ela, que abraçava a garotinha com força. A menina parecia ter recuperado totalmente a sanidade apenas para agora ter que enfrentar aquele novo terror.

À esquerda de Cômodo, um segundo germânico segurava Leo Valdez de um jeito parecido.

Fechei as mãos, furioso.

— Vilania! Cômodo, solte-os!

— Oi, Lester! — Cômodo abriu um sorriso ainda mais largo. — Você chegou bem na hora da diversão!

39

Durante essa luta
Fotografar, só sem flash
Ops. Foi mal. Ha-ha.

OS DEDOS DE THALIA puxaram a corda do arco. Uma gota de suor, prateada como água da lua, desceu pela lateral do rosto.

— Às suas ordens — ela me disse. — É só dizer, e eu abro um buraco bem no meio da cara desse imperador idiota.

Era uma proposta tentadora, mas eu sabia que ela não estava falando sério. Thalia sentia tanto medo quanto eu de pôr a vida de Leo e Emmie em risco… e principalmente a da pobre Georgie, que já tinha passado por tantas coisas horríveis. Era improvável que qualquer uma de nossas armas matasse um imortal como Cômodo, ainda por cima acompanhado de dois guardas. Por mais rápidos que fôssemos, não conseguiríamos salvar nossos amigos.

Josephine mexeu na submetralhadora. O macacão estava respingado de gosma, pó e sangue. O cabelo curto e grisalho brilhava por causa do suor.

— Vai ficar tudo bem, amor — murmurou ela. — Fique calma.

Eu não sabia se ela estava falando com Emmie, com Georgie ou consigo mesma.

Ao lado dela, as mãos de Calipso estavam paralisadas no ar, como se ela estivesse na frente do seu tear, pensando no que tecer. Os olhos estavam grudados em Leo. Ela balançou a cabeça de leve, talvez dizendo para ele *Não seja idiota.* (Ela falava isso com frequência.)

Litierses estava ao meu lado. O ferimento na perna tinha começado a sangrar de novo, encharcando as ataduras. O cabelo e as roupas estavam chamuscados, como se ele tivesse corrido por um corredor polonês de lança-chamas, a camisa parecendo um marshmallow queimado.

A julgar pela lâmina ensanguentada da espada, concluí que era ele o responsável pelo novo corte na cara de Cômodo.

— Isso não vai acabar bem — murmurou Lit para mim. — Alguém tem que morrer.

— Não — falei. — Thalia, baixe o arco.

— O quê?

— Josephine, sua arma também. Por favor.

Cômodo riu.

— Sim, vocês todos deviam ouvir Lester! E, Calipso, querida, se você tentar conjurar um daqueles espíritos do vento de novo, eu *vou*

matar seu amiguinho aqui.

Olhei para a feiticeira.

— Você conjurou um espírito?

Ela assentiu, distraída e abalada.

— Um pequeno.

— Só vamos deixar claro — gritou Leo — que eu *não* sou amiguinho coisa nenhuma. Nada de usar diminutivos para se referir a mim, ok? — Ele levantou os braços, embora o pescoço estivesse imobilizado por um dos guardas. — Além do mais, pessoal, está tudo bem. Tudo sob controle.

— Leo — falei, com a voz firme —, tem um bárbaro de dois metros segurando uma besta contra sua cabeça.

— É, eu sei — disse ele. — É tudo parte do plano!

Ao falar a palavra *plano*, ele piscou para mim de forma exagerada. Ou Leo realmente *tinha* um plano (improvável, pois, nas semanas em que convivemos, ele recorreu muito mais a blefes, piadas e improvisação), ou esperava que *eu* tivesse. O que era terrivelmente provável. Como já devo ter mencionado, as pessoas sempre cometiam esse erro. Não é porque sou deus que vou ter todas as respostas!

Cômodo levantou dois dedos.

— Albatrix, se o semideus falar de novo, você tem minha permissão para disparar nele.

O bárbaro grunhiu em concordância. Leo fechou a boca. Eu vi nos olhos dele que, mesmo sob a mira de uma besta, ele estava lutando para não soltar uma resposta ferina.

— Agora! — disse Cômodo. — Como estávamos discutindo antes de Lester chegar, eu exijo o Trono de Mnemosine. Onde está?

Graças aos deuses! O trono ainda estava escondido, o que significava que Meg tinha salvação. Saber disso fortaleceu minha determinação.

— Você está me dizendo — perguntei — que seu grande exército cercou e invadiu este lugar e não conseguiu nem encontrar uma cadeirinha? Isso é só o que você tem agora, dois germânicos palermas e uns reféns? Que tipo de imperador você é? Agora, seu pai, Marco Aurélio… *Ele, sim,* era um imperador.

A expressão dele azedou. Os olhos escureceram. Eu me lembrei da vez em que um servo derramou vinho nas vestes de Cômodo. Ele ficou com a mesma expressão sombria enquanto batia no garoto com um cálice de chumbo até quase matá-lo. Eu ainda era um deus naquela época, e achei o incidente um pouco desagradável. Agora, sabia melhor como era estar do outro lado da crueldade de Cômodo.

— Eu não terminei, *Lester* — rosnou ele. — Admito que este maldito prédio foi mais problemático do que eu esperava. Culpo meu ex-prefeito, Alaric. Ele estava *lamentavelmente* despreparado. Tive que

matá-lo.

— Não me diga — murmurou Litierses.

— Mas a maior parte dos meus soldados só está perdida — disse Cômodo. — Eles vão voltar.

— Perdida? — Olhei para Josephine. — Para onde foram?

Seus olhos permaneceram grudados em Emmie e Georgie, mas ela pareceu cheia de orgulho ao responder:

— Pelo que a Estação Intermediária está me dizendo — explicou ela —, metade das tropas monstruosas dele caíram em um túnel gigantesco marcado como LAVANDERIA. O resto acabou na sala da fornalha. Ninguém volta da sala da fornalha.

— Não importa! — gritou Cômodo.

— E os mercenários dele — continuou Josephine — acabaram no Centro de Convenções Indiana. Agora, estão tentando se livrar dos inúmeros corredores da Expo Casa e Jardim.

— Soldados são dispensáveis! — berrou Cômodo. Sangue escorria do novo ferimento facial, salpicando a armadura e a veste. — Seus amigos aqui não são tão facilmente substituíveis. Nem o Trono da Memória. Então, vamos fazer um acordo! Vou levar o trono. Vou matar a garota e Lester e derrubar este prédio. Foi o que a profecia me mandou fazer, e nunca discuto com oráculos! Em troca, os outros serão libertados. Não preciso deles mesmo.

— Jo. — Emmie disse o nome dela como se estivesse dando uma ordem.

Talvez ela quisesse dizer: *Você não pode deixá-lo vencer*. Ou: *Você não pode deixar Georgina morrer*. Fosse o que fosse, no rosto de Emmie eu vi aquele mesmo descaso pela vida mortal que teve quando era uma jovem princesa e se jogou do penhasco. Ela não ligava para a morte, desde que fosse nos termos dela. A luz determinada em seus olhos não se apagou em três mil anos.

Luz…

Um tremor percorreu meu corpo. Eu me lembrei de uma coisa que Marco Aurélio dizia para o filho, uma citação que depois ficou famosa em seu livro *Meditações*: “Pense em si mesmo como morto. Você viveu sua vida. Agora, pegue o que restou e viva direito. O que não transmite luz cria sua própria escuridão.”

Cômodo *odiava* esse conselho. Achava sufocante, pretensioso, impossível. O que era *viver direito*? Cômodo pretendia viver *para sempre*. Afastaria a escuridão com o rugido das plateias e o brilho do espetáculo.

Mas ele não gerava luz.

Não como a Estação Intermediária. Marco Aurélio aprovaria este lugar. Emmie e Josephine viviam direito com o tempo que tinham, criando luz para todos que apareciam por lá. Não era uma surpresa

que Cômodo as odiasse. Não era uma surpresa que o imperador estivesse tão determinado a destruir aquela ameaça ao seu poder.

E Apolo, acima de tudo, era o deus da luz.

— Cômodo. — Eu me empertiguei todo, tentando ficar maior que a minha nada impressionante altura. — Este é o único acordo. Você vai soltar seus reféns. Vai sair daqui de mãos vazias e não vai voltar nunca mais.

O imperador riu.

— Isso seria mais intimidante se viesse de um deus, não de um adolescente espinhento.

Os germânicos eram treinados para ficarem impassíveis, mas não conseguiram conter os sorrisinhos de desprezo. Eles não me temiam. Agora, não havia problema nisso.

— Eu ainda sou Apolo. — Abri os braços. — Última chance de sair por vontade própria.

Detectei um brilho de dúvida nos olhos do imperador.

— O que você vai fazer… me matar? Ao contrário de você, *Lester*, eu sou imortal. Não posso morrer.

— Eu não preciso matar você. — Fui até a beirada da mesa de jantar. — Olhe para mim com atenção. Não reconhece minha natureza divina, velho amigo?

Cômodo sibilou.

— Reconheço o traidor que me estrangulou na banheira. Reconheço o suposto *deus* que me prometeu bênçãos e me abandonou! — Sua voz tremia de dor, que ele tentou esconder atrás de uma careta arrogante. — Só vejo um adolescente flácido com pele oleosa. E que também precisa urgentemente cortar o cabelo.

— Meus amigos — falei para os outros —, quero que vocês desviem o olhar. Estou prestes a revelar minha verdadeira forma divina.

Como não eram bobos nem nada, Leo e Emmie fecharam bem os olhos. Emmie cobriu o rosto de Georgina com a mão. Eu esperava que os amigos ao meu lado na mesa de jantar fizessem o mesmo. Precisava acreditar que eles confiavam em mim, apesar dos meus fracassos, apesar da minha aparência.

Cômodo fez um ruído de deboche.

— Você está molhado e sujo de cocô de morcego, Lester. É um moleque patético que foi arrastado pela escuridão. Essa escuridão ainda está na sua mente. Vejo o medo nos seus olhos. Essa é sua verdadeira forma, Apolo! Você é uma fraude.

Apolo. Ele me chamou pelo meu nome.

Embora ele tentasse disfarçar, vi o terror e o choque em seus olhos. Pensei no que Trofônio tinha me contado: Cômodo mandava criados à caverna para obter respostas, mas nunca ia ele mesmo. Por mais que precisasse do Oráculo das Sombras, ele temia o que o lugar podia

revelar, de quais dos seus medos mais profundos o enxame de abelhas se alimentaria.

Eu sobrevivi a uma jornada que ele jamais ousaria fazer.

— Vejam — falei.

Cômodo e seus homens poderiam ter afastado o olhar. Mas não fizeram isso. Em seu orgulho e desprezo, eles aceitaram meu desafio.

Meu corpo se aqueceu, cada partícula se acendendo em uma reação em cadeia. Como a lâmpada mais poderosa do mundo, enchi a sala de brilho. Eu me tornei pura luz.

Durou só um microssegundo. E os gritos começaram. Os germânicos recuaram, as bestas disparando loucamente. Uma flecha zuniu ao lado da cabeça de Leo e se fincou no sofá. A outra se despedaçou no chão, com farpas deslizando pelo piso.

Melodramático como sempre, Cômodo levou as mãos aos olhos e gritou:

— MEUS OLHOS!

Minha força sumiu. Eu me apoiei na mesa para não cair.

— Podem olhar — falei para os meus amigos.

Leo se soltou do germânico. Correu até Emmie e Georgina, e os três se afastaram enquanto Cômodo e seus homens, agora cegos, cambaleavam e uivavam, fumaça saindo das órbitas oculares.

Onde antes estavam os captores e reféns, havia silhuetas queimadas no piso. Os detalhes nas paredes de tijolos agora pareciam em altíssima definição. A capa do sofá mais próximo, antes vinho, estava rosa. A veste roxa de Cômodo também ficou mais clara e adquiriu um tom fraco de malva.

Eu me virei para meus amigos. As roupas deles também tinham mudado de cor, e a parte da frente do cabelo tinha mechas mais claras, mas todos mantiveram sabiamente os olhos fechados.

Thalia me observou, impressionada.

— O que aconteceu? Por que você está torrado?

Olhei para baixo. Era verdade: minha pele estava escura como um tronco de árvore. Meu gesso de folha e seiva tinha se queimado, deixando meu braço totalmente cicatrizado. Até que gostei do resultado, embora esperasse voltar a ser deus antes de descobrir que tipos horríveis de câncer de pele provoquei em mim mesmo. Tardiamente, percebi o tamanho do perigo que corri. Eu tinha conseguido revelar minha verdadeira forma divina. Tornei-me pura luz. Apolo burro! Apolo incrível, maravilhoso e burro! Esse corpo mortal não foi feito para canalizar um poder daqueles. Tive sorte de não ter queimado na mesma hora como uma lâmpada antiga.

Cômodo berrou. Segurou-se na primeira coisa que conseguiu encontrar, que por acaso era um de seus germânicos, e levantou o bárbaro cego acima da cabeça.

— Vou destruir todos vocês!

Ele jogou o bárbaro na direção do som da voz de Thalia. Como todos nós ainda enxergávamos, nos dispersamos com facilidade e evitamos virar pinos de boliche. O germânico bateu na parede oposta com tanta força que se desfez em uma explosão de pó amarelo, deixando uma linda declaração expressionista abstrata nos tijolos.

— Não preciso de olhos para matar vocês!

Cômodo golpeou para cima com a espada, cortando um pedaço da mesa de jantar.

— Cômodo — avisei —, você vai embora desta cidade e nunca vai voltar, ou vou tirar mais do que sua visão.

Ele partiu para cima de mim. Dei um passo para o lado. Thalia disparou uma flecha, mas Cômodo estava indo rápido demais. A flecha acertou o segundo germânico, que grunhiu de surpresa, caiu de joelhos e virou pó.

Cômodo tropeçou em uma cadeira e caiu de cara no tapete da sala. Não me entendam mal: *nunca* é legal se divertir com as dificuldades de alguém que não enxerga, mas, naquele caso específico, não consegui evitar. Se alguém merecia cair de cara no chão, esse alguém era o imperador Cômodo.

— Você vai embora — falei novamente. — E nunca mais vai voltar. Seu reinado em Indianápolis chegou ao fim.

— É Comodianápolis!

Com dificuldade, ele se levantou. A armadura tinha novas marcas. O corte no rosto não estava ficando mais bonito. Um bonequinho feito de hastes aveludadas, geralmente usadas para limpar cachimbos, talvez um brinquedo feito por Georgina, se agarrara à barba densa do imperador como um alpinista.

— Você não ganhou nada, Apolo — rosnou ele. — Você não tem ideia do que está sendo preparado para os seus amigos no Leste e no Oeste! Eles vão morrer. Todos eles!

Leo Valdez suspirou.

— Tudo bem, pessoal. Isso foi divertido, mas vou derreter a cara dele agora, tá?

— Espere — disse Litierses.

O espadachim avançou para cima do antigo senhor.

— Cômodo, vá enquanto ainda pode.

— Você só é o que é por causa de *mim*, garoto — disse o imperador. — Salvei você da obscuridade. Fui um segundo pai. Dei um objetivo para você!

— Um segundo pai ainda pior do que o primeiro — disse Lit. — E encontrei um novo objetivo.

Cômodo atacou, balançando a espada loucamente.

Lit o enfrentou. Seguiu na direção da oficina de Josephine.

— Aqui, Novo Hércules.

Cômodo mordeu a isca e correu na direção da voz de Lit.

Lit se abaixou e bateu com a lâmina no traseiro do imperador.

— Caminho errado, sire.

O imperador tropeçou na estação de soldagem de Josephine, depois recuou até uma serra circular que, felizmente para ele, estava desligada na hora.

Litierses se posicionou ao lado do vitral gigantesco. Percebi seu plano na hora em que gritou:

— Aqui, Cômodo!

O imperador uivou e atacou. Lit saiu do caminho. Cômodo correu direto para a janela. Talvez conseguisse parar, mas, no último segundo, Calipso balançou as mãos. Um sopro de vento impulsionou Cômodo para a frente. O Novo Hércules, o deus-imperador de Roma, estilhaçou o vidro e caiu no abismo.

40

Shakespeare, não invente
Um soneto impossível
Pra cima de mim

FOMOS ATÉ A JANELA e olhamos para baixo. Não havia sinal do imperador. Alguns dos nossos amigos estavam na rotatória lá embaixo, confusos, olhando para nós.

— Um pequeno aviso antes teria sido legal — gritou Jamie.

Ele tinha ficado sem inimigos para eletrocutar. Ele e Hunter Kowalski estavam ilesos, de pé no meio de um mosaico de cacos de vidro.

— Onde está Cômodo? — perguntei.

Hunter deu de ombros.

— Nós não o vimos.

— Como assim? — perguntei. — Ele literalmente voou por esta janela.

— Não — corrigiu Leo. — Ele *Litierses-mente* voou pela janela. Não é? Foi sensacional, cara.

— Obrigado — disse Lit, assentindo.

Os dois se cumprimentaram com um *high-five*, como se não tivessem passado os últimos dias falando sobre o quanto queriam matar um ao outro. Eles dariam ótimos deuses olimpianos.

— Bem — disse Thalia. As novas mechas grisalhas da minha explosão solar ficaram bem encantadoras nela. — Acho que seria bom dar uma verificada nas redondezas. Se Cômodo ainda estiver por aí... — Ela olhou para a Rua South Illinois. — Espere, aquela é *Meg*?

Dobrando a esquina vinham os três *karpoi*, segurando Meg McCaffrey acima da cabeça como se ela estivesse pegando jacaré (ou pegando pêssego). Quase pulei da janela para ir até ela, mas lembrei que não conseguia voar.

— O Trono da Memória — falei para Emmie. — Precisamos dele agora!

Encontramos os *karpoi* no saguão do prédio. Um dos Pêssegos havia pegado a Flecha de Dodona de seu esconderijo, debaixo do banco do motorista do Mercedes, e agora a carregava entre os dentes como uma faca na boca de um pirata. Ele a ofereceu para mim. Eu não sabia se devia agradecer ou xingá-lo, mas guardei a flecha na aljava por via das dúvidas.

Josephine e Leo vieram correndo de uma sala lateral carregando entre os dois minha velha mochila, o Trono da Memória. Eles o

colocaram no meio de um tapete persa ainda fumegando.

Os bebês pêssego colocaram Meg na cadeira com cuidado.

— Calipso — falei. — Bloco de anotações?

— Pode deixar! — Ela pegou o bloquinho amarelo e um lápis. Ela seria uma ótima aluna de ensino médio, estava sempre preparada para a aula!

Eu me ajoelhei ao lado de Meg. A pele dela estava azul demais, a respiração, irregular demais. Coloquei as mãos nas têmporas dela e verifiquei os olhos. As pupilas estavam do tamanho de cabeças de alfinete. A consciência dela parecia estar sumindo, ficando cada vez menor.

— Força, Meg — supliquei. — Você está entre amigos agora. Está no Trono de Mnemosine. Fale sua profecia!

Meg se sentou ereta de repente. As mãos seguraram as laterais da cadeira como se uma corrente elétrica forte tivesse tomado conta dela.

Nós todos recuamos, formando um círculo ao seu redor enquanto fumaça escura saía por sua boca e envolvia suas pernas.

Quando ela falou, felizmente não foi com a voz de Trofônio, só em um tom neutro e grave digno do próprio Delfos:

Palavras forjadas da memória ardem
Antes da nova lua no Monte do Diabo
Um terrível desafio para o lorde jovem
Até o Tibre se encher de corpos empilhados.

— Ah, não — murmurei. — Não, não, não.

— O quê? — perguntou Leo.

Olhei para Calipso, que estava anotando furiosamente.

— Vamos precisar de um bloco maior.

— Como assim? — perguntou Josie. — A profecia já deve ter acabado…

Meg ofegou e continuou:

Para o sul o Sol segue caminho,
Por labirintos obscuros e terras fatais arrasadas
Até achar o dono do cavalo branquinho
E arrancar os ditos do falante de palavras cruzadas.

Fazia séculos que eu não ouvia uma profecia com essa forma, mas eu a conhecia bem. Queria poder impedir a declamação e poupar o sofrimento de Meg, mas não havia nada que eu pudesse fazer.

Ela tremeu e expirou a terceira estrofe:

Ao palácio ocidental Lester tem que viajar,
A filha de Deméter encontra raízes antigas.
Só o guia com patas sabe como chegar
Percorrendo o caminho com as botas inimigas.

Como ápice do horror, ela cuspiu um dístico rimado:

Ao conhecer os três e ao Tibre vivo chegar,
Só então Apolo começa a dançar.

A fumaça preta sumiu. Corri para a frente, e Meg caiu nos meus braços. A respiração dela já estava mais regular, a pele mais quente. Graças às Parcas. A profecia foi exorcizada.

Leo foi o primeiro a falar.

— O que *foi* isso? Compre uma profecia e leve três de graça? Foram muitos versos.

— Foi um soneto — falei, ainda sem acreditar. — Que os deuses nos ajudem! Foi um soneto shakespeariano.

O limerique de Dodona já tinha sido ruim. Mas um soneto shakespeariano inteiro? Um horror desses só podia ter vindo da Caverna de Trofônio.

Eu relembrei minhas muitas discussões com William Shakespeare.

Bill, eu dizia. *Ninguém vai aceitar essa poesia!*

Thalia pendurou o arco no ombro.

— Isso tudo foi um poema? Mas tinha quatro partes diferentes.

— É — falei. — Os sonetos transmitem as profecias mais elaboradas, com múltiplas partes móveis. Nenhuma boa, infelizmente.

Meg começou a roncar.

— Vamos analisar nosso destino depois — falei. — Temos que deixar Meg descansar…

Meu corpo também escolheu aquele momento para desmoronar. Eu tinha exigido muito dele. Então, se rebelou. Caí de lado, e Meg tombou em cima de mim. Nossos amigos se adiantaram. Senti que fui erguido delicadamente e me perguntei, atordoado, se estava pegando pêssego ou se Zeus tinha me convocado de volta ao céu.

Mas vi o rosto de Josephine me olhando de cima, como um presidente do Monte Rushmore, quando ela me levou por um corredor.

— Enfermaria para este aqui — disse ela para alguém ao seu lado. — E depois… *Eca*. Ele precisa muito de um banho.

* * *

Algumas horas de sono sem sonhos foram seguidas por um banho de espuma relaxante.

Não era o Monte Olimpo, amigos, mas estava quase chegando lá.

No final da tarde, eu estava vestindo roupas limpas que não me deixavam congelando e não fediam a excremento subterrâneo. Minha barriga estava cheia de mel e pão recém-assado. Andei pela Estação Intermediária, ajudando no que podia. Foi bom me manter ocupado. Isso me impediu de pensar demais nos versos da Profecia das Sombras.

Meg descansava confortavelmente em um quarto de hóspedes, protegida com afinco por Pêssego, Pêssego e o Outro Pêssego.

As Caçadoras de Ártemis cuidavam dos feridos, que eram tão numerosos que a Estação Intermediária teve que dobrar o tamanho da enfermaria. Lá fora, a elefanta Lívia ajudava na limpeza, tirando veículos quebrados e destroços da rotatória. Leo e Josie passaram a tarde recolhendo peças de Festus, que, segundo eles, foi destruído pelas mãos de Cômodo. Felizmente, Leo parecia achar isso mais uma chateação do que uma tragédia.

— Que nada, cara — comentou ele quando ofereci minhas condolências. — Consigo montá-lo de volta sem problemas. Eu o projetei para que fosse como um kit de Lego, que dá para ser montado rapidinho!

Ele voltou a ajudar Josephine, que estava usando um guindaste para tirar a pata traseira esquerda de Festus da torre do sino da Union Station.

Calipso, em um surto de magia aérea, conjurou espíritos do vento suficientes para reparar os estilhaços de vidro do vitral redondo, depois desabou por causa do esforço.

Sssssarah, Jamie e Thalia Grace percorreram as ruas ao redor, procurando por indícios de Cômodo, mas o imperador tinha desaparecido. Pensei em como salvei Hemiteia e Parteno quando elas pularam daquele penhasco tanto tempo atrás, dissolvendo-as em luz. Uma quase-deidade como Cômodo seria capaz de fazer algo assim consigo mesmo? Fosse qual fosse o caso, eu desconfiava que ainda veríamos o Novo Hércules novamente.

No pôr do sol, fui convidado a me juntar a uma pequena cerimônia íntima em memória de Heloísa, o grifo. Toda a população da Estação queria ter ido homenagear o sacrifício dela, mas Emmie explicou que um grupo muito grande incomodaria ainda mais Abelardo. Enquanto Hunter Kowalski ficava cuidando do ovo no galinheiro (para onde havia sido levado por questões de segurança, antes da batalha), eu me juntei a Emmie, Josephine, Georgie e Calipso no telhado. Abelardo, o viúvo de luto, observou em silêncio enquanto Calipso e eu, parentes honorários desde nossa missão de resgate no zoológico, depositamos, com toda a delicadeza, o corpo de Heloise em um trecho de terra não

cultivada no jardim.

Depois da morte, os grifos ficam surpreendentemente leves. Os corpos desidratam quando o espírito os abandona, deixando só pelo, penas e ossos ocos. Demos um passo para trás quando Abelardo se aproximou do corpo da companheira. Ele eriçou as asas e encostou de leve o bico na plumagem do pescoço de Heloísa pela última vez. Jogou a cabeça para trás e soltou um grito agudo, um chamado que dizia *Eu estou aqui. Onde está você?*

Em seguida, levantou voo e desapareceu nas nuvens baixas cinzentas. O corpo de Heloísa virou pó.

— Vamos plantar erva-de-gato neste canteiro. — Emmie secou uma lágrima da bochecha. — Heloísa adorava erva-de-gato.

Calipso enxugou os olhos na manga.

— Parece uma ótima ideia. Para onde Abelardo foi?

Josephine observou as nuvens.

— Ele vai voltar. Precisa de tempo. Vai demorar várias semanas para o ovo chocar. Vamos ficar de olho por ele.

Pensar no grifo e no ovo sozinhos no mundo me deixou indescritivelmente triste, mas eu sabia que eles tinham a família de consideração mais amorosa que poderiam algum dia encontrar ali na Estação Intermediária.

Durante a breve cerimônia, Georgina ficou me olhando com cautela, suas mãos brincando com alguma coisa. Uma boneca? Eu não estava prestando muita atenção. Josephine deu um tapinha nas costas da filha.

— Tudo bem, querida — disse Josephine para ela. — Vá em frente.

Georgina veio na minha direção arrastando os pés. Estava usando um macacão novinho em folha, que ficava bem melhor nela do que em Leo. Limpo, o cabelo dela estava mais leve, o rosto, mais rosado.

— Minhas mães me disseram que você talvez seja meu pai — murmurou ela.

Engoli em seco. Ao longo dos séculos, passei por situações semelhantes incontáveis vezes e sempre ficava desconfortável, mas, como Lester Papadopoulos, eu me senti mais constrangido do que nunca.

— Talvez... Talvez eu seja, Georgina. Não sei.

— Tudo bem. — Ela ergueu o que estava segurando, um bonequinho feito de limpadores de cachimbo, e o colocou na minha mão. — Fiz isto pra você. Pode levar quando for embora.

O boneco não era grande coisa, uma espécie de biscoito de gengibre, mas com silhueta de homem, feito de arame e fiapos coloridos, com alguns fios de barba nas juntas… Espere. Ah, caramba. Era o mesmo bonequinho que tinha sido esmagado pela cara de Cômodo. Devia ter caído quando ele voou janela afora.

— Obrigado — falei. — Georgina, se você algum dia precisar de mim, se algum dia quiser conversar…

— Não, eu estou bem.

Ela se virou e correu para os braços de Josephine.

Josephine beijou a cabeça dela.

— Você foi ótima, querida.

Elas se viraram e foram para a escada. Calipso me deu um sorrisinho debochado e as seguiu, me deixando sozinho com Emmie.

Por alguns momentos, ficamos em silêncio em frente ao canteiro do jardim.

Emmie apertou seu antigo casaco prateado de Caçadora um pouco mais em volta do corpo.

— Heloísa e Abelardo foram nossos primeiros amigos aqui quando assumimos a Estação Intermediária.

— Sinto muito, mesmo.

O cabelo grisalho dela brilhava como aço no pôr do sol. As rugas pareciam mais fundas, o rosto mais velho e cansado. Quanto tempo mais ela viveria nessa vida mortal? Mais vinte anos? Um piscar de olhos para um imortal. Mas eu não conseguia mais sentir irritação por ela ter desistido do meu presente da divindade. Era evidente que Ártemis compreendera a escolha dela. Ártemis, que rejeitava toda forma de amor romântico, achou que Emmie e Josephine mereciam envelhecer juntas. Eu também tinha que aceitar isso.

— Você construiu uma coisa boa aqui, Hemiteia — falei. — Cômodo não conseguiu destruir isso. Você vai restaurar o que perdeu, tenho certeza. Sinto inveja de você.

Ela conseguiu dar um sorriso leve.

— Nunca achei que fosse ouvir essas palavras de você, Lorde Apolo.

Lorde Apolo. O título parecia não pertencer a mim. Parecia um chapéu que havia usado séculos atrás… Uma coisa grande e nada prática e pesada como aqueles chapéus elisabetanos que Bill Shakespeare usava para esconder a careca.

— E a Profecia das Sombras? — perguntou Emmie. — Você sabe o que quer dizer?

Observei uma pena de grifo rolar na terra.

— Uma parte. Não tudo. Talvez o suficiente para traçar um plano.

Emmie assentiu.

— Então é melhor reunirmos nossos amigos. Podemos conversar no jantar. Além do mais — ela me deu um soquinho no braço —, as cenouras não vão se descascar sozinhas.

41

Um pão com tofu
Não cai bem com profecias
Quero sobremesa

QUE AS PARCAS CONDENEM todas as raízes às profundezas do Tártaro, é só o que tenho a dizer sobre a questão.

Na hora do jantar, o salão principal estava quase todo recuperado.

Até Festus, por incrível que pareça, tinha sido mais ou menos reconstruído e estava no telhado, apreciando um belo banho com óleo de motor e molho Tabasco. Leo parecia satisfeito com seu trabalho, embora ainda estivesse procurando algumas partes do dragão que faltavam. Ele tinha passado a tarde inteira andando pela Estação e murmurando:

— Se alguém vir um baço de bronze gigante, me avise!

As Caçadoras estavam sentadas em grupos no salão, como sempre faziam, mas agora também interagiam com os recém-chegados à Estação Intermediária. Lutar lado a lado criara laços de amizade.

Emmie se sentou na cabeceira da mesa de jantar. Georgina dormia no colo dela, uma pilha de livros de colorir e canetas à frente. Thalia Grace se sentou na outra ponta, girando a adaga como um peão. Josephine e Calipso estavam lado a lado, estudando as anotações da feiticeira e discutindo várias interpretações dos versos proféticos.

Eu me sentei ao lado de Meg. Que surpresa! Ela parecia totalmente recuperada, graças à cura de Emmie. (Por sugestão minha, Emmie retirou o terrário de cobras curativas da enfermaria enquanto estava tratando Meg. Temi que McCaffrey
acordasse, visse as serpentes, entrasse em pânico e as transformasse em bonequinhos de chia.) Os três espíritos do pêssego que nos ajudaram tinham ido embora para o plano extradimensional das frutas.

O apetite da minha jovem amiga estava ainda mais voraz do que o habitual. Ela enfiava o peru de tofu com molho na boca, com movimentos tão furtivos que lembrava a criança de rua meio selvagem que conheci no beco em Nova York. Tratei de manter as mãos bem longe dela.

Finalmente, Josephine e Calipso levantaram os olhos do bloco amarelo.

— Tudo bem. — Calipso soltou um suspiro profundo. — Interpretamos alguns versos, mas precisamos da sua ajuda, Apolo. Talvez você possa começar nos contando o que aconteceu na Caverna

de Trofônio.

Olhei para Meg. Tinha medo de que, se recontasse nossas aventuras horríveis, ela entrasse embaixo da mesa com o prato e rosnasse quando tentássemos tirá-la de lá.

Ela só arrotou.

— Não me lembro de muita coisa. Pode contar.

Expliquei que destruí a caverna a pedido de Trofônio. Josephine e Emmie não pareceram satisfeitas, mas pelo menos não gritaram nem berraram. A submetralhadora de Josephine estava guardada no armário da cozinha. Eu só esperava que meu pai, Zeus, reagisse com a mesma calma quando descobrisse que destruí o oráculo.

Emmie olhou ao redor.

— Agora que estou pensando, não vejo Agamedes desde antes da batalha. Alguém viu?

Ninguém tinha visto um fantasma laranja sem cabeça.

Emmie acariciou o cabelo da filha.

— Não me importo de o oráculo ter sido destruído, mas me preocupo com Georgie. Ela sempre se sentiu ligada àquele lugar. E Agamedes… ela gosta muito dele.

Observei a garota adormecida. Tentei pela milionésima vez ver alguma semelhança com meu eu divino, mas teria sido mais fácil acreditar que ela era parente de Lester Papadopoulos.

— A última coisa que quero — falei — é causar mais sofrimento a Georgina. Mas acho que a caverna tinha que ser destruída. Não só por nós. Mas por ela. Para que ela se liberte e siga em frente.

Eu me lembrei dos desenhos na parede do quarto da garota, feitos na agonia da loucura profética. Esperava que, talvez, ao me dispensar com aquele boneco feio de limpador de cachimbo, Georgie estivesse tentando deixar para trás toda a experiência que teve. Com algumas latas de tinta pastel, Josephine e Emmie poderiam dar a ela paredes que seriam uma nova tela.

As duas mulheres se entreolharam e assentiram, parecendo chegar a um acordo silencioso.

— Tudo bem — disse Josephine. — Quanto à profecia…

Calipso leu o soneto em voz alta. Não pareceu mais alegre do que antes.

Thalia girou a faca.

— A primeira estrofe menciona a nova lua.

— Um prazo — supôs Leo. — Sempre uma droga de prazo.

— Mas a próxima lua é daqui a cinco noites — disse Thalia.

Uma Caçadora de Ártemis era fonte confiável quando o assunto eram as fases da lua.

Ninguém pulou de alegria. Ninguém gritou *Viva! Mais uma catástrofe para impedir em cinco dias!*

— *O Tibre se encher de corpos.* — Emmie abraçou a filha com força. — Suponho que Tibre se refira ao Pequeno Tibre, a barragem do Acampamento Júpiter, na Califórnia.

Leo franziu a testa.

— É. O lorde jovem… só pode ser meu amigo Frank Zhang. E o Monte do Diabo deve ser o Monte Diablo, ao lado do acampamento. Eu odeio o Monte Diablo. Lutei contra Enchiladas lá uma vez.

Josephine fez uma cara de quem queria perguntar o que aquilo significava, mas decidiu não falar nada.

— Então os semideuses de Nova Roma estão prestes a ser atacados.

Estremeci, em parte por causa das palavras da profecia, em parte por causa do molho de peru de tofu escorrendo pelo queixo de Meg.

— Acredito que a primeira estrofe se refira a uma coisa só. Menciona *palavras forjadas da memória*. A harpia Ella está no Acampamento Júpiter usando a memória fotográfica para reconstruir os livros perdidos da Sibila de Cumas.

Meg limpou o queixo.

— Hã?

— Os detalhes não são importantes agora. — Fiz sinal para que ela continuasse comendo. — Meu palpite é que o Triunvirato pretende botar fogo no acampamento. *Palavras forjadas da memória ardem*.

Calipso franziu a testa.

— Cinco dias. Como vamos avisá-los a tempo? Todos os nossos meios de comunicação mal funcionam.

Achei aquilo extremamente irritante. Se ainda fosse deus, estalaria os dedos e mandaria na mesma hora uma mensagem pelo mundo usando os ventos, sonhos ou uma manifestação do meu glorioso eu. Agora, estávamos incapacitados. Os únicos deuses que se mostraram dispostos a nos ajudar foram Ártemis e Britomártis, mas não dava para esperar que elas fizessem mais, não sem correrem o risco de sofrer uma punição tão ruim quanto a que Zeus infligiu a mim. Eu não desejaria isso nem para Britomártis.

Quanto à tecnologia mortal, era inútil para nós. Em nossas mãos, os telefones funcionavam mal e explodiam (quer dizer, com uma frequência maior do que acontecia com mortais). Computadores derretiam. Eu tinha pensado em escolher um mortal aleatório na rua e dizer *Ei, faça uma ligação para mim*. Mas para quem a pessoa ligaria? Para uma outra pessoa aleatória na Califórnia? Como a mensagem chegaria ao Acampamento Júpiter, quando a maioria dos mortais nem ao menos conseguia *encontrar* o Acampamento Júpiter? Além do mais, a mera tentativa colocaria mortais na mira de monstros, morte por raio e cobranças exorbitantes no plano de dados.

Olhei para Thalia.

— As Caçadoras conseguem cobrir essa distância tão grande?

— Em cinco dias? — Ela franziu a testa. — Se violássemos todos os limites de velocidade, talvez. Se não sofrêssemos ataques no caminho…

— Só que isso nunca acontece — disse Emmie.

Thalia colocou a faca na mesa.

— O maior problema é que nós precisamos continuar a missão das Caçadoras. Temos que encontrar a Raposa de Têumessa.

Eu a encarei, perplexo. Quase pedi a Meg que me ordenasse dar um tapa em mim mesmo, só para ter certeza de que não estava preso em um pesadelo.

— A Raposa de Têumessa? É *esse* o monstro que vocês estão caçando?

— Infelizmente.

— Mas é impossível! E horrível!

— Raposas são fofas — disse Meg. — Qual é o problema?

Eu poderia ter enumerado todas as cidades que a Raposa de Têumessa tinha destruído na Antiguidade, poderia ter explicado que ela engolia o sangue das vítimas e destruía exércitos de guerreiros gregos, mas não quis estragar o jantar de ninguém.

— Thalia está certa, é tudo que você precisa saber — falei. — Não podemos pedir que as Caçadoras nos ajudem mais do que já nos ajudaram. Elas têm os próprios problemas para resolver.

— É verdade — disse Leo. — Vocês foram extraordinárias e fizeram muito por nós, T.

Thalia inclinou a cabeça.

— Faz parte do trabalho, Valdez. Mas você me deve um vidro do molho de pimenta que mencionou.

— Isso pode ser providenciado — prometeu Leo.

Josephine cruzou os braços.

— Está tudo ótimo, mas continuamos com o mesmo dilema. Como mandamos uma mensagem para a Califórnia em cinco dias?

— Eu — disse Leo.

Todos olhamos para ele.

— Leo — disse Calipso —, nós levamos seis semanas para chegar aqui vindo de Nova York.

— É, mas com três passageiros — disse ele. — E… sem querer ofender, um deles era um antigo deus que atraía bastante atenção negativa.

Realmente. A maioria dos inimigos que nos atacaram na viagem se apresentou com gritos de *Ali está Apolo! Matem-no!*

— Eu viajo rápido e com pouca bagagem — disse Leo. — Já percorri grandes distâncias sozinho. Consigo chegar à Califórnia.

Calipso não pareceu feliz. Sua pele ficou um tom mais escuro do que o bloco amarelo.

— Ei, *mamacita*, eu vou voltar — prometeu ele. — Só vou começar as aulas um pouco depois! Você pode me ajudar a botar o dever de casa em dia.

— Odeio você — resmungou ela.

Leo apertou a mão dela.

— Além do mais, vai ser bom ver Hazel e Frank de novo. E Reyna também, apesar de aquela garota ainda me assustar.

Supus que Calipso não estava *muito* aborrecida com o plano, pois nenhum espírito aéreo pegou Leo e o jogou pela janela.

Thalia Grace apontou para o bloco.

— Então deciframos uma estrofe. Viva. E o resto?

— Acho que o resto é sobre mim e Meg — falei.

— Aham — concordou Meg. — Passa o pãozinho?

Josephine entregou a cesta para ela e observou impressionada enquanto minha amiga colocava na boca um pãozinho macio atrás do outro.

— Então o verso sobre o Sol ir para o sul — disse Josephine. — É você, Apolo.

— Obviamente — concordei. — O terceiro imperador deve estar em algum lugar do sudoeste americano, em uma terra de *morte queimada*. Chegamos lá por labirintos…

— O Labirinto — disse Meg.

Estremeci. Nossa última passagem pelo Labirinto ainda estava fresca na minha memória: fomos parar nas cavernas de Delfos, ouvimos meu antigo inimigo Píton deslizando e sibilando acima das nossas cabeças. Eu esperava que desta vez, pelo menos, Meg e eu não tivéssemos que participar de uma corrida de três pernas.

— Em algum lugar no sudoeste — continuei —, nós temos que encontrar o falante de palavras cruzadas. Acredito que seja uma referência à Sibila Eritreia, outro Oráculo antigo. Eu… eu não me lembro de muita coisa sobre ela…

— Que surpresa — resmungou Meg.

— Mas ela era conhecida por proferir suas profecias em acrósticos, jogos de palavras.

Thalia fez uma careta.

— Parece ruim. Annabeth me contou que encontrou a Esfinge no Labirinto uma vez. Enigmas, labirintos, quebra-cabeças… Não, obrigada. Me dê alguma coisa em que eu possa disparar.

Georgina choramingou, ainda dormindo.

Emmie beijou a testa da menina.

— E o terceiro imperador? — perguntou ela. — Você sabe quem é?

Revirei as frases da profecia na mente: *dono do cavalo branquinho*. Isso não ajudava em nada. A maioria dos imperadores romanos gostava de ser retratada como general vitorioso cavalgando em corcéis

por Roma. Alguma coisa me abalava naquela terceira estrofe: *ao palácio ocidental, com as botas inimigas*. Meus dedos mentais não conseguiam segurar a resposta.

— Meg — falei —, e o verso que diz *A filha de Deméter encontra raízes antigas*? Você tem família no sudoeste? Se lembra de já ter ido lá?

Ela me olhou com cautela.

— Não.

E enfiou outro pãozinho na boca, como um ato de rebeldia: *Me obrigue a falar agora, palhaço.*

— Mas, olha. — Leo estalou os dedos. — O verso seguinte, *Só o guia com patas sabe como chegar*. Isso quer dizer que você vai encontrar um sátiro? Eles são guias, não são? Tipo o treinador Hedge? É o que eles fazem.

— Verdade — disse Josephine. — Mas não vemos um sátiro por aqui há…

— Décadas — concluiu Emmie.

Meg engoliu mais carboidratos.

— Eu arrumo um.

Fiz cara feia.

— Como?

— Arrumando, ué.

Meg McCaffrey, uma garota de poucas palavras e muitos arrotos.

Calipso virou a página do bloco.

— Agora temos os dois versos finais: *Ao conhecer os três e ao Tibre vivo chegar/Só então Apolo começa a dançar.*

Leo estalou os dedos e começou a dançar na cadeira.

— Já estava na hora, cara. Lester precisa de mais rebolado.

— Ai. — Eu não estava a fim de falar sobre aquilo. Ainda estava chateado pelo Earth, Wind & Fire ter me rejeitado em 1973 por achar que eu não tinha balanço suficiente. — Acredito que esses versos signifiquem que logo vamos saber a identidade dos três imperadores. Quando nossa missão se completar no sudoeste, Meg e eu vamos poder viajar para o Acampamento Júpiter e chegar ao Tibre vivos. E então, eu espero, vou conseguir encontrar o caminho de volta à minha antiga glória.

— *Rebolando* — cantarolou Leo.

— Cala a boca — resmunguei.

Ninguém ofereceu mais nenhuma interpretação do soneto. Ninguém se ofereceu para ir em meu lugar naquela arriscada missão.

— Bem! — Josephine bateu na mesa de jantar. — Quem quer bolo de cenoura com merengue?

* * *

As Caçadoras de Ártemis foram embora naquela noite, no nascer da lua.

Mesmo exausto, fiz questão de me despedir. Encontrei Thalia Grace na rotatória, supervisionando as Caçadoras que selavam o bando de avestruzes de combate recém-libertados.

— Você fica tranquila para montar neles?

Achei que só Meg McCaffrey fosse maluca de fazer aquilo.

Thalia ergueu as sobrancelhas.

— Eles não têm culpa de terem sido treinados para combate. Vamos montar neles por um tempo, recondicioná-los e encontrar um lugar seguro para soltá-los, onde possam viver em paz. Estamos acostumadas a lidar com animais selvagens.

As Caçadoras já tinham libertado os avestruzes dos capacetes e do arame farpado. Os implantes de presas de aço foram removidos dos bicos, fazendo as aves parecerem mais à vontade e (ligeiramente) menos assassinas.

Jamie andou entre o bando, acariciando pescoços e falando com eles com muita calma e serenidade. Ele estava irretocável com o terno marrom, ileso da batalha matinal. Sua arma estranha — o taco de hóquei de bronze — não estava em lugar algum. Então o misterioso Olujime era lutador, contador, guerreiro mágico e encantador de avestruzes. Por algum motivo, não fiquei surpreso.

— Ele vai com vocês? — perguntei.

Thalia riu.

— Não. Só está nos ajudando com os preparativos. Parece um cara legal, mas acho que não serve para Caçadora. Ele não é nem, hã… do tipo greco-romano, é? Ele não é um legado de vocês, olimpianos.

— Não — concordei. — Ele é de uma tradição e de uma ascendência totalmente diferentes.

O cabelo curto e espetado de Thalia balançou ao vento, como se reagindo à inquietação dela.

— Você quer dizer de outros deuses.

— Isso. Ele mencionou os iorubás, mas admito que sei bem pouco sobre eles.

— Como isso é possível? Outros panteões de deuses, lado a lado?

Dei de ombros. A imaginação limitada dos mortais costumava me surpreender, como se o mundo só pudesse ser *uma coisa* ou *outra*. Às vezes, os humanos pareciam tão presos ao modo de pensar quanto aos corpos mortais. Não que os deuses fossem muito melhores.

— Como pode *não* ser possível? — retruquei. — Na Antiguidade, era senso comum. Cada país, às vezes cada cidade, tinha seu próprio panteão de deuses. Nós, olimpianos, sempre fomos acostumados a viver em proximidade à, hã… concorrência.

— Então você é o deus do Sol — disse Thalia. — Mas outra deidade

de outra cultura *também* é o deus do Sol?

— Exatamente. Manifestações diferentes da mesma verdade.

— Não entendo.

Abri as mãos, sem saber o que dizer.

— Sinceramente, Thalia Grace, não sei explicar melhor. Mas você já deve ser semideusa por tempo suficiente para saber: quanto mais você vive, mais estranho o mundo fica.

Thalia assentiu. Semideus nenhum podia contestar aquela declaração.

— Então, escute — disse ela. — Quando você estiver no Oeste, se for para Los Angeles, dê um alô para meu irmão Jason, que mora lá. Ele estuda com a namorada, Piper McLean.

— Vou dar uma olhada neles, pode deixar — prometi. — E mandar lembranças suas.

Os músculos do ombro dela relaxaram.

— Obrigada. E, se eu falar com Lady Ártemis…

— Sim. — Tentei engolir o choro. Ah, como eu estava com saudade da minha irmã. — Mande lembranças minhas também.

Ela estendeu a mão.

— Boa sorte, Apolo.

— Para você também. Boa caçada à raposa.

Thalia deu uma gargalhada amarga.

— Duvido que vá ser boa, mas obrigada.

Na última vez que vi as Caçadoras de Ártemis, elas estavam descendo a Rua South Illinois em um bando de avestruzes, indo para o Oeste, como se em busca da lua crescente.

42

Panquecas de lanche
Precisando de um guia?
Olhe nos tomates

NA MANHÃ SEGUINTE, MEG me acordou com um chute.

— Hora de ir.

Minhas pálpebras se abriram. Eu me sentei, grunhindo. Quando se é o deus do Sol, é um prazer raro poder dormir até tarde. Agora, ali estava eu, um mero mortal, e as pessoas ficavam me acordando ao amanhecer. Eu tinha passado milênios *sendo* o amanhecer. Estava farto daquela vida mortal.

Meg estava parada ao lado da minha cama, de pijama e tênis de cano alto vermelhos (meus deuses, ela *dormia* com eles?), o nariz escorrendo como sempre, uma maçã verde mordida na mão.

— Imagino que você não tenha trazido café da manhã pra mim.

— Posso jogar essa maçã em você.

— Deixa pra lá. Vou me levantar.

Meg foi tomar banho. Sim, às vezes ela fazia isso. Eu me vesti, arrumei as coisas da melhor maneira possível e fui para a cozinha.

Enquanto comia panquecas (humm), Emmie cantarolava e fazia barulho pela cozinha. Georgina estava sentada à minha frente colorindo, os calcanhares batendo nas pernas da cadeira. Josephine estava na estação de soldagem, toda feliz fundindo placas de metal. Calipso e Leo, que se recusaram a se despedir de mim falando que nos veríamos em breve, discutiam na bancada da cozinha sobre o que Leo devia botar na mala para a viagem até o Acampamento Júpiter e jogavam bacon um no outro. A sensação era tão aconchegante e familiar que fiquei com vontade de me oferecer para lavar pratos se significasse ficar mais um dia.

Litierses estava sentado ao meu lado, segurando uma xícara grande de café. Os ferimentos da batalha foram tratados, mas o rosto ainda parecia um formigueiro.

— Vou cuidar delas. — Ele indicou Georgina e as mães.

Eu duvidava que Josephine e Emmie quisessem "ser cuidadas", mas não disse nada para Litierses. Ele teria que aprender sozinho a se adaptar àquele novo ambiente. Até eu, o glorioso Apolo, às vezes precisava descobrir novas coisas.

— Tenho certeza de que você vai se sair bem aqui — falei. — Eu confio em você.

Ele deu uma risada amarga.

— Não vejo por quê.

— Nós temos coisas em comum: somos filhos de pais autoritários, fizemos escolhas ruins e depois nos sentimos oprimidos por elas, mas somos talentosos no que escolhemos fazer.

— E bonitos? — Ele deu um sorriso torto.

— Naturalmente. Claro.

Ele fechou as mãos em volta da xícara.

— Obrigado. Pela segunda chance.

— Eu acredito nisso. E em terceiras e quartas chances. Mas só perdoo cada pessoa uma vez por milênio, então não faça besteira nos próximos mil anos.

— Vou me lembrar disso.

Atrás dele, no corredor mais próximo, vi um brilho laranja fantasmagórico. Pedi licença e fui dar mais um adeus difícil.

Agamedes estava flutuando na frente de uma janela com vista para a rotatória. A túnica brilhante ondulava em um vento etéreo. Ele encostou uma das mãos no parapeito, como se para se apoiar. A outra mão estava segurando a Bola 8 Mágica.

— Estou feliz por você ainda estar aqui — falei.

Como ele não tinha rosto, não dava para identificar os sentimentos dele, mas a postura parecia triste e resignada.

— Você sabe o que aconteceu na Caverna de Trofônio. Você sabe que ele se foi.

Ele curvou o corpo, confirmando.

— Seu irmão me pediu para dizer que ama você. Que lamenta pelo destino que você teve. Eu também quero pedir desculpas. Quando você morreu, eu não atendi às súplicas de Trofônio para salvar você. Senti que vocês dois mereciam enfrentar as consequências daquele roubo. Mas foi… foi uma punição muito longa. Talvez longa demais.

O fantasma não respondeu. O corpo vacilou, como se o vento etéreo estivesse ficando mais forte, levando-o para longe.

— Se você quiser, quando eu recuperar minha condição de deus, vou visitar pessoalmente o Mundo Inferior. Vou pedir a Hades para deixar sua alma passar para os Campos Elísios.

Agamedes me ofereceu a Bola 8.

— Ah. — Peguei a esfera e a sacudi uma última vez. — Qual é seu desejo, Agamedes?

A resposta surgiu flutuando na água, um bloco denso de palavras na pequena face branca do dado: VOU PARA ONDE DEVO IR. VOU ENCONTRAR TROFÔNIO. CUIDEM UM DO OUTRO, COMO MEU IRMÃO E EU NÃO CONSEGUIMOS.

Ele soltou o parapeito da janela. O vento o levou, e Agamedes se dissolveu em partículas de pó iluminadas pela luz do sol.

* * *

O sol já estava alto quando me juntei a Meg McCaffrey no telhado da Estação Intermediária.

Ela usava o vestido verde que Sally Jackson lhe dera, assim como a legging amarela, agora remendada e limpa. Os tênis estavam livres da lama e do cocô. Dos lados do rosto, limpadores de cachimbo nas cores do arco-íris estavam entrelaçados no cabelo — sem dúvida um presente de despedida de Georgina.

— Como você está se sentindo? — perguntei.

Meg cruzou os braços e olhou para o canteiro de tomates de Hemiteia.

— Ah. Estou bem.

Com isso, acho que ela queria dizer: *Fiquei louca e cuspi profecias e quase morri. Como você pode fazer essa pergunta e esperar que eu não dê um soco em você?*

— E… qual é seu plano? — perguntei. — Por que o telhado? Se estamos procurando o Labirinto, não devíamos estar no térreo?

— Precisamos de um sátiro.

— É, mas… — Olhei ao redor. Não vi nenhum homem-bode saindo dos canteiros de Emmie. — Como você pretende…

— Shhh.

Ela se agachou ao lado dos tomates e tocou a terra. O chão soltou um barulho e começou a se erguer. Por um momento, tive medo de que um novo *karpos* pudesse surgir com olhos vermelhos brilhantes e um vocabulário que se resumia à palavra *Tomate!*

Em vez disso, as plantas se separaram. A terra pareceu se enrolar para revelar a forma de um jovem dormindo de lado. Ele parecia ter uns dezessete anos, talvez menos. Usava uma jaqueta preta sobre uma camiseta verde e uma calça jeans larga. Por cima do cabelo cacheado havia um gorro vermelho. Um cavanhaque desgrenhado enfeitava o queixo. Acima dos tênis, os tornozelos eram cobertos de pelo castanho denso. Ou aquele jovem gostava de meias que pareciam tapetes peludos ou era um sátiro se passando por humano.

Ele não me era estranho. Então reparei no que ele aninhava nos braços: um saco de papel do restaurante Enchiladas del Rey. Ah, sim. O sátiro que gostava de *enchiladas*. Fazia alguns anos, mas eu me lembrava dele agora.

Eu me virei para Meg, impressionado.

— Esse é um dos sátiros mais *importantes*, um Senhor da Natureza, na verdade. Como você o encontrou?

Ela deu de ombros.

— Só procurei o sátiro certo. Acho que é ele.

O sátiro acordou com um susto.

— Eu não comi! — gritou ele. — Eu só estava… — Ele piscou e se sentou, terra deslizando da cabeça. — Espere… aqui não é Palm

Springs. Onde eu estou?

Sorri.

— Oi, Grover Underwood. Sou Apolo. Essa é Meg. E você, meu amigo de sorte, foi convocado para nos guiar pelo Labirinto.

GUIA PARA ENTENDER APOLO

Acampamento Meio-Sangue — campo de treinamento para semideuses gregos localizado em Long Island, Nova York

Acampamento Júpiter — campo de treinamento para semideuses romanos localizado entre as Oakland Hills e as Berkeley Hills, na Califórnia

Agamedes — filho do rei Ergino; meio-irmão de Trofônio, que o decapitou para evitar sua identificação depois do roubo do tesouro do rei Hirieu

amazona — integrante de uma tribo de mulheres guerreiras

anfiteatro — construção oval ou circular a céu aberto usada para apresentações e eventos esportivos. Os assentos da plateia eram construídos em semicírculo ao redor do palco

ânfora — jarro de cerâmica usado para guardar vinho

Ares — deus grego da guerra; filho de Zeus e Hera e meio-irmão de Atena

Ártemis — deusa grega da caça e da lua; filha de Zeus e Leto e irmã gêmea de Apolo

Asclépio — deus da medicina; filho de Apolo. Seu templo era o centro médico da Grécia Antiga

Atena — deusa grega da sabedoria

ateniense — relativo à cidade de Atenas, Grécia

Atlas — um titã. Pai de Calipso e de Zoë Doce-Amarga. Foi condenado a segurar o céu por toda eternidade depois da guerra entre os titãs e os olimpianos Tentou, sem sucesso, enganar Hércules para que tomasse seu lugar para sempre, mas Hércules também o enganou

Bizâncio — antiga colônia grega que depois se tornou Constantinopla (agora Istambul)

blemmyae — tribo de pessoas sem cabeça com o rosto no peito

Bosque de Dodona — local de um dos oráculos gregos mais antigos, posterior apenas ao Oráculo de Delfos. O movimento das folhas das árvores no bosque oferecia respostas a sacerdotes e sacerdotisas que o visitavam

Britomártis — deusa grega das redes de caça e de pescaria. Seu animal sagrado é o grifo

Bruta Crispina — imperatriz romana de 178 a 191 d.C. Casou-se com o futuro imperador romano Cômodo quando tinha dezesseis anos. Depois de dez anos de casamento, foi banida para Capri por adultério e depois morta

Caçadoras de Ártemis — grupo de donzelas leais à deusa Ártemis. São abençoadas com juventude eterna e habilidades de caça enquanto rejeitarem homens

caduceu — símbolo tradicional de Hermes, com duas cobras enroladas em um cajado, muitas vezes alado

Calíope — musa da poesia épica; teve vários filhos, inclusive Orfeu

Calipso — deusa ninfa da ilha mítica Ogígia; filha do titã Atlas. Ela deteve o herói Odisseu por muitos anos

Campos Elísios — paraíso para o qual os heróis gregos eram enviados quando os deuses lhes ofereciam imortalidade

Campos de Punição — parte do Mundo Inferior para onde as pessoas que foram más durante a vida são enviadas para expiarem seus crimes após a morte

Caos Primordial — a primeira coisa a existir no mundo; o abismo de onde as Parcas teciam o futuro; um vazio do qual os primeiros deuses foram criados

Carmanor — deus grego menor da colheita. Deidade local de Creta que se casou com Deméter. Juntos, eles tiveram um filho, Eubulo, que se tornou deus dos bandos suínos

Caverna de Trofônio — fenda profunda e lar do Oráculo de Trofônio

centauro — raça de criaturas metade homem, metade cavalo

centícora (***ver também*** **yale**) — criatura feroz parecida com um antílope, com chifres grandes que giram em qualquer direção

ciclope — membro de uma raça primordial de gigantes que tem um único olho no meio da testa

Cloacina — deusa romana do sistema de esgoto

Coliseu — anfiteatro elíptico no centro de Roma, na Itália. Com capacidade para cinquenta mil espectadores sentados, o Coliseu era usado para competições entre gladiadores e para espetáculos públicos. Também chamado Anfiteatro Flaviano

Colossus Neronis **(Colosso de Nero)** — estátua enorme de bronze do imperador Nero. Mais tarde, foi transformada no deus-sol com a adição de uma coroa de raios

Cômodo — Lúcio Aurélio Cômodo era filho do imperador romano Marco Aurélio. Tornou-se coimperador aos dezesseis anos e imperador aos dezoito, quando o pai morreu. Governou de 177 a 192 d.C. e era megalomaníaco e cruel; considerava-se o Novo Hércules e gostava de matar animais e de lutar com gladiadores no Coliseu

cretense — relativo à ilha de Creta

Cronos — o mais jovem dos doze titãs; filho de Urano e Gaia e pai de Zeus. Matou o pai a pedido da mãe. Titã senhor da agricultura e das colheitas, da justiça e do tempo.

dambe — antiga forma de boxe, associado ao povo hauçá, do oeste da

África

Dafne — linda náiade que atraiu a atenção de Apolo. Ela foi transformada em loureiro para fugir do deus

Dédalo — hábil artesão que criou o Labirinto em Creta onde o Minotauro (parte homem, parte touro) era mantido

Delos — ilha grega no mar Egeu, perto de Míconos; local de nascimento de Apolo

Deméter — deusa grega da agricultura; filha dos titãs Reia e Cronos

Demofonte — filho bebê do rei Celeu, que Deméter amamentou e tentou tornar imortal como ato de gentileza; irmão de Triptólemo

Dioniso — deus grego do vinho e da orgia; filho de Zeus

Égide — escudo usado por Thalia Grace, com a imagem aterrorizante da Medusa na frente; transforma-se em uma pulseira de prata quando ela não está usando

elomìíràn — palavra iorubá para *outros*

Eritreia — ilha onde Sibila de Cumas, um interesse amoroso de Apolo, morava antes de ele convencê-la a partir com a promessa de uma vida longa

Esparta — cidade-estado da Grécia Antiga com domínio militar

espata — espada longa usada pelas unidades da cavalaria romana

Estáfilo — rei de Naxos, Grécia; semideus filho de Dioniso; pai de Hemiteia e Parteno

Estige — ninfa da água poderosa; filha mais velha do titã do mar, Oceano. Deusa do rio mais importante do Mundo Inferior. Deusa do ódio. O Rio Estige foi batizado em homenagem a ela.

Eubulo — filho de Deméter e Carmanor; deus grego dos bandos suínos

Festas dionisíacas — comemoração que acontecia em Atenas, Grécia, para homenagear o deus Dioniso. Os eventos principais eram apresentações teatrais

Flavianos — os Flavianos foram uma dinastia imperial que governou o império romano entre 69 e 96 d.C.

fogo grego — arma incendiária muito usada em batalhas navais porque continua a queimar mesmo na água

Gaia — deusa grega da terra; esposa de Urano; mãe dos titãs, gigantes, ciclopes e outros monstros

Ganimedes — herói divino de Troia que Zeus abduziu para trabalhar como seu copeiro no Olimpo

germânicos — povo de uma tribo que vivia a oeste do Rio Reno

gidigbo — forma de luta que envolve dar cabeçadas, dos iorubás da Nigéria, África

gloutos — grego para *nádegas*

górgonas — três irmãs monstruosas (Esteno, Euríale e Medusa) cujos cabelos eram serpentes vivas venenosas; os olhos de Medusa podem

transformar em pedra aqueles que a encaram

grifo — criatura alada com cabeça de águia e corpo de leão; animal sagrado de Britomártis

Guerra dos Titãs — batalha épica que durou dez anos entre os titãs e os olimpianos, que resultou na vitória dos olimpianos

Guerra de Troia — de acordo com as lendas, a Guerra de Troia foi declarada contra a cidade de Troia pelos *achaeans* (gregos), quando Páris, príncipe de Troia, roubou Helena de seu marido, Menelau, rei de Esparta

Hades — deus grego da morte e das riquezas. Senhor do Mundo Inferior

harpia — criatura fêmea alada que rouba objetos

hauçá — língua falada no norte da Nigéria e de Niger; também é o nome de um povo

Hécate — deusa da magia e das encruzilhadas

Hefesto — deus grego do fogo, do artesanato e dos ferreiros; filho de Zeus e Hera, casado com Afrodite

Hemiteia — filha adolescente do rei Estáfilo de Naxos. Irmã de Parteno. Apolo transformou as duas em divindades para salvá-las quando pularam de um penhasco para fugir da fúria do pai

Hera — deusa grega do casamento; esposa e irmã de Zeus. Madrasta de Apolo

Héracles — equivalente grego de Hércules, filho de Zeus e Alcmena. O mais forte de todos os mortais

Hércules — equivalente romano de Héracles; filho de Júpiter e Alcmena, que nasceu com grande força

Hermes — deus grego dos viajantes; guia dos espíritos dos mortos; deus da comunicação

hipocampos — criaturas metade cavalo e metade peixe

icor — fluido dourado que é o sangue dos deuses e imortais

ìgboyà — palavra iorubá para *confiança*, *ousadia*, *coragem*

Ilha Three Mile — usina nuclear perto de Harrisburg, Pensilvânia, onde, em 28 de março de 1979, houve uma falha parcial no reator número 2, deixando a população em estado de alerta

iorubá — um dos três maiores grupos étnicos da Nigéria, África; também a língua e a religião do povo iorubá

Íris — deusa grega do arco-íris e mensageira dos deuses

Jacinto — herói grego e amante de Apolo. Morreu enquanto tentava impressionar o deus com suas habilidades de lançamento de disco

Júlio César — político e general romano que se tornou ditador de Roma, pondo fim à república e construindo o Império Romano

karpos (pl.: *karpoi*) — espírito dos grãos

Labirinto — um labirinto subterrâneo construído originalmente na ilha de Creta pelo artesão Dédalo para aprisionar o Minotauro

Leão de Nemeia — leão enorme e cruel que atormentava a Nemeia, na Grécia. Sua pele era resistente a todas as armas humanas. Hércules o estrangulou

Lete — palavra grega para *esquecimento*. Nome de um rio no Mundo Inferior cujas águas provocam esquecimento. Nome de um espírito grego do esquecimento

Leto — mãe de Ártemis e Apolo junto com Zeus; deusa da maternidade

Litierses — filho do rei Midas. Ele desafiava pessoas em competições de colheita e decapitava os perdedores, ganhando o apelido de "Ceifeiro de Homens".

livros sibilinos — conjunto de profecias em versos rimados escritos em grego

Marco Aurélio — imperador romano de 161 a 180 d.C. Pai de Cômodo. Considerado o último dos "Cinco Bons Imperadores"

Marsias — um sátiro que perdeu para Apolo após desafiá-lo em um concurso de música. Foi esfolado vivo como punição

Midas — rei com poder de transformar tudo que tocasse em ouro; pai de Litierses. Ele escolheu Marsias como vencedor do concurso de música entre Apolo e Marsias, o que fez com que Apolo o amaldiçoasse com orelhas de asno

Minotauro — filho de Minos de Creta, tinha cabeça de touro e corpo de homem. O Minotauro ficava no Labirinto e matava as pessoas que eram enviadas para lá. Foi finalmente derrotado por Teseu

Mnemosine — deusa titã da memória; filha de Urano e Gaia

Monte Olimpo — lar dos doze olimpianos

Monte Otris — montanha na Grécia central. Base dos titãs durante a guerra de dez anos entre os titãs e os olimpianos

Mundo Inferior — reino dos mortos, para onde as almas vão pela eternidade; governado por Hades

myrmeko — criatura gigantesca similar a uma formiga que envenena e paralisa a presa antes de comê-la; conhecida por proteger vários metais, particularmente o ouro

Narciso — caçador conhecido pela beleza; filho do deus do rio Cefiso e da ninfa Liríope. Era vaidoso, arrogante e desdenhava de seus admiradores. Apaixonou-se pelo próprio reflexo. Narciso também era o nome do treinador e parceiro de lutas de Cômodo, que afogou o imperador na banheira. Eram dois Narcisos diferentes.

Nero — imperador romano de 54 a 68 d.C. Mandou matar a mãe e a primeira esposa. Muitos acreditam que foi o responsável por iniciar um incêndio que destruiu Roma, mas culpou os cristãos, que queimava em cruzes. Ele construiu um palácio novo e extravagante na área destruída e perdeu apoio quando os gastos da construção o obrigaram a aumentar os impostos. Cometeu suicídio

Nove Musas — deusas gregas da literatura, ciências e artes que inspiraram artistas e escritores durante séculos

ninfa — deidade feminina que dá vitalidade à natureza

Oceano — filho mais velho de Urano e Gaia; deus titã do mar

Ogígia — ilha mágica que é o lar e a prisão de Calipso

ouro imperial — metal raro letal para monstros, consagrado no Panteão; sua existência era um segredo muito bem guardado dos imperadores

Oráculo de Delfos — porta-voz das profecias de Apolo

Oráculo de Trofônio — um grego que foi transformado em oráculo após sua morte; localizado na Caverna de Trofônio; famoso por aterrorizar todos os que o procuravam

Órion — caçador gigante que foi o ajudante mais leal e estimado de Ártemis até ser morto por um escorpião

Pã — deus grego da natureza; filho de Hermes

Parteno — filha adolescente do rei Estáfilo, de Naxos; irmã de Hemiteia. Apolo a transformou, junto com a irmã, em divindades, para salvá-las quando pularam de um penhasco para fugir da fúria do pai

Peloponeso — grande península e região geográfica no sul da Grécia, separada da parte norte do país pelo Golfo de Corinto

Pequeno Tibre — a barreira do Acampamento Júpiter

Perséfone — rainha grega do Mundo Inferior; esposa de Hades; filha de Zeus e Deméter

Píton — serpente monstruosa que Gaia designou para proteger o Oráculo de Delfos

podex — ânus em latim

Portas da Morte — portal para a Casa de Hades localizado no Tártaro. As portas têm dois lados: um no mundo mortal, o outro no Mundo Inferior

Poseidon — deus grego do mar; filho dos titãs Cronos e Reia, irmão de Zeus e Hades

Potina — deusa romana das crianças, que cuida do que elas bebem

pretor — pessoa eleita para magistrado e comandante do exército romano

princeps — príncipe de Roma; os primeiros imperadores usavam esse título

Raposa de Têumessa — raposa gigantesca enviada pelos deuses para destruir a cidade de Tebas em punição por um crime. O animal foi criado para nunca ser capturado

Rio Estige — rio que forma a fronteira entre a Terra e o Mundo Inferior

Rio Tibre — o terceiro rio mais longo da Itália. Roma foi fundada às suas margens. Na Roma antiga, os criminosos executados eram

jogados no rio

sátiro — deus grego da floresta, parte bode e parte homem

Serpente Cartaginense — cobra de 36 metros que surgiu no rio Bagrada, no norte da África, para enfrentar o general romano Marco Atílio Régulo e suas tropas durante a Primeira Guerra Púnica

Sibila — uma profetisa

Subura — área da cidade de Roma cheia de gente de classe mais baixa

Quíron — centauro; diretor de atividades do Acampamento Meio-Sangue

quíton — traje grego; peça de linho ou lã sem mangas, presa no ombro por broches e na cintura por um cinto

Tântalo — rei que serviu aos deuses um ensopado feito dos próprios filhos. Foi enviado para o Mundo Inferior, onde sua maldição foi ficar preso em um lago sob uma árvore frutífera, mas sem jamais poder beber água nem comer as frutas

Tártaro — marido de Gaia; espírito do abismo; pai dos gigantes. É também uma região no Mundo Inferior

titãs — raça de deidades gregas poderosas, descendentes de Gaia e Urano, que governaram durante a Era de Ouro e foram derrubados por uma raça de deuses mais jovens, os olimpianos

touro etíope — touro africano gigante e agressivo cuja couraça vermelha é resistente a todas as armas de metal

Três Parcas — mesmo antes de existirem os deuses, havia as Parcas: Cloto, a que tece o fio da vida; Láquesis, a que determina o comprimento da linha; e Átropos, a que corta o fio e decide quando uma vida chega ao fim

Triptólemo — filho do rei Celeu e irmão de Demofonte. Favorito de Deméter, ele se tornou o inventor do arado e da agricultura

trirreme — antigo navio de guerra grego ou romano com três fileiras de remo de cada lado

triunvirato — aliança política formada entre três indivíduos

Trofônio — semideus filho de Apolo, criador do templo de Apolo em Delfos e espírito do Oráculo das Sombras. Ele decapitou o meio-irmão Agamedes para que não o identificassem depois do roubo do tesouro do rei Hirieu.

Troia — cidade romana situada na Turquia dos dias atuais; local da Guerra de Troia

Trono da Memória — Mnemosine entalhou essa cadeira, na qual um requerente se sentava depois de visitar a Caverna de Trofônio e receber os trechos de versos do Oráculo. Quando se sentava na cadeira, o requerente repetia os versos, os sacerdotes anotavam, e eles se tornavam a profecia

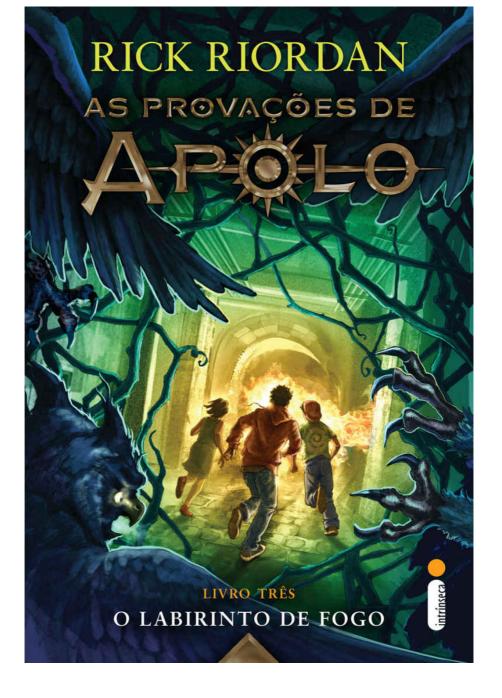
Urano — personificação grega do céu; marido de Gaia e pai dos titãs

Via Ápia — uma das primeiras e mais importantes estradas da antiga república romana. Depois que o exército romano controlou a revolta liderada por Spartacus em 73 a.C., eles crucificaram mais de seis mil escravos e ocuparam duzentos e dez quilômetros de beira de estrada com seus corpos.

yale (*ver também* centícora) — criatura feroz parecida com um antílope, com chifres grandes que giram em qualquer direção

Zeus — deus grego do céu e rei dos deuses

Zoë Doce-Amarga — filha de Atlas que foi exilada e depois entrou para as Caçadoras de Ártemis, tornando-se sua leal tenente

RICK RIORDAN
AS PROVAÇÕES DE
APOLO
LIVRO TRÊS
O LABIRINTO DE FOGO
intrínseca

RICK RIORDAN

LIVRO TRÊS

O LABIRINTO DE FOGO

Tradução de Regiane Winarski

Para Melpômene, a Musa da tragédia.
Espero que você esteja satisfeita.

Palavras forjadas da memória ardem
Antes da nova lua no Monte do Diabo
Um terrível desafio para o lorde jovem
Até o Tibre se encher de corpos empilhados.

Para o sul o Sol segue caminho,
Por labirintos obscuros e terras fatais arrasadas
Até achar o dono do cavalo branquinho
E arrancar os ditos do falante de palavras cruzadas.

Ao palácio ocidental Lester tem que viajar,
A filha de Deméter encontra raízes antigas.
Só o guia com patas sabe como chegar
Percorrendo o caminho com as botas inimigas.

Ao conhecer os três e ao Tibre vivo chegar,
Só então Apolo começa a dançar.

1

Alguém pode me ajudar?
Eu já fui um deus
Mas querem me matar

NÃO.

Eu me recuso a divulgar essa parte da história. Foi a semana mais infeliz, humilhante e horrível dos meus mais de quatro mil anos de vida. Tragédia. Desastre. Sofrimento. Não vou tocar nesse assunto.

Por que vocês ainda estão aqui? Vão embora!

Ai, acho que não tenho escolha, afinal. Zeus com certeza *espera* que eu conte a história; deve considerar isso parte da minha punição.

Não basta ele ter feito com que eu — euzinho, o divino Apolo — viesse parar na Terra no corpo de um adolescente mortal espinhento, barrigudo e ainda por cima com o nome Lester Papadopoulos. Não basta ele ter me metido numa missão perigosa para libertar os cinco grandes Oráculos antigos de um trio de imperadores romanos maléficos. Também não basta ele ter me feito de escravo de uma semideusa mandona de doze anos — isso porque ele dizia que eu era *o filho favorito*!

Como se não bastasse, Zeus quer que eu registre minha vergonha para a posteridade.

Muito bem. Mas eu avisei. Não tem nada além de sofrimento nestas páginas.

Muito bem, por onde eu começo?

Ah, claro, com Grover e Meg.

* * *

Foram dois dias viajando pelo Labirinto, mergulhando na escuridão, contornando lagos de veneno, passando por shoppings arruinados, só com lojas de artigos de Halloween na promoção e restaurantes chineses questionáveis.

O Labirinto pode ser bem desnorteante. Ele é como uma teia de veias logo abaixo da pele do mundo mortal, conectando porões, esgotos e túneis esquecidos pelo planeta, sem respeitar as regras do tempo e do espaço. Dá para entrar por um bueiro em Roma, andar três metros, abrir uma porta e dar em um treinamento de palhaços em Buffalo, Minnesota. (Não queiram saber. Foi traumático.)

Eu teria preferido evitar esse lugar, mas, para meu azar, a profecia

que recebemos em Indiana era bem específica: *Por labirintos obscuros e terras fatais arrasadas*. Que maravilha! E ainda dizia que *só* o guia com patas sabia como chegar.

Só que nosso guia com patas, o sátiro Grover Underwood, parecia não saber o caminho.

— Você está perdido! — gritei, pela quadragésima vez.

— Tô nada!

Grover ia saltitando, usando sua calça jeans larga e camiseta verde tie-dye, sacudindo as patas de bode dentro dos tênis customizados, o cabelo cacheado coberto por um gorro vermelho. Eu não conseguia entender por que ele achava que aquele era um bom disfarce de humano. Os calombos dos chifres continuavam bem visíveis embaixo do gorro, e os sapatos viviam saindo das patas. Eu já estava cansado do trabalho de recuperador de tênis.

O sátiro parou em um ponto em que o corredor se bifurcava. As paredes de pedra rudimentar seguiam pelos dois lados, escuridão adentro. Grover coçou o cavanhaque encaracolado.

— E então? — perguntou Meg.

Grover fez uma careta. Parecia que, como eu, ele também temia provocar a ira de Meg McCaffrey.

Não que a garota *parecesse* assustadora. Ela era baixinha e mais parecia um sinal de trânsito ambulante: vestido verde, legging amarela e tênis vermelhos de cano alto. Estava imunda e esfarrapada, depois de tanto tempo se esgueirando por túneis estreitos, o cabelo curto cheio de teias de aranha. As lentes dos óculos de gatinho estavam tão sujas que eu não sabia como ela enxergava alguma coisa. Parecia uma criança do jardim de infância que tinha acabado de sobreviver a uma briga pelo balanço do parquinho.

Grover apontou para o túnel da direita.

— Eu tenho ce... Tenho quase certeza de que Palm Springs fica para lá.

— Quase certeza? — repetiu Meg. — Que nem quando entramos naquele banheiro e demos de cara com um ciclope fazendo suas necessidades?

— Aquilo não foi culpa minha! — protestou Grover. — Além do mais, esse caminho tem o cheiro certo. Cheira a... cactos.

Meg farejou o ar.

— Não sinto cheiro nenhum.

— Meg — intervim —, supostamente nosso guia tem que ser esse sátiro. Não temos muita escolha, vamos ter que confiar no caminho que ele escolher.

Grover bufou.

— Valeu pelo voto de confiança. E aqui vai seu lembrete diário: eu *não pedi* para ser arrastado magicamente por metade do país e acordar

em uma plantação de tomate em Indianápolis!

Foi bem corajoso da parte dele protestar, mas vi seu olhar fixo nos anéis idênticos nos dedos do meio de Meg, talvez com medo de ela conjurar as espadas douradas e fazer picadinho de cabrito.

Desde que descobriu que Meg era filha de Deméter, a deusa do cultivo, Grover Underwood parecia mais intimidado por ela do que por mim, uma antiga deidade olimpiana. A vida não era nada justa.

Meg esfregou o nariz.

— Tudo bem. Só não achei que a gente fosse passar dois dias andando sem rumo aqui embaixo. A lua nova é daqui a…

— Três dias — completei, interrompendo-a. — Já sabemos.

Talvez eu até estivesse sendo meio grosso, mas não queria ficar me lembrando da outra parte da profecia. Enquanto viajávamos para o sul em busca do próximo oráculo, nosso amigo Leo Valdez, desesperado, voava com seu dragão até o Acampamento Júpiter, o campo de treinamento de semideuses romanos, lá no norte da Califórnia, para avisar a todos do fogo, das mortes e das desgraças que provavelmente chegariam com a lua nova.

Tentei amenizar o tom.

— Vamos acreditar que Leo e os semideuses romanos podem dar conta do que quer que esteja vindo do norte. Temos nossa própria missão para cumprir.

— E também temos nossos próprios incêndios para apagar.

Grover suspirou.

— Como assim? — perguntou Meg.

O sátiro deu uma resposta evasiva, como vinha fazendo havia dois dias:

— Ah, melhor não falar sobre isso… não aqui.

Ele olhou em volta, nervoso, como se achasse que as paredes tivessem ouvidos. O que de fato era uma possibilidade, já que o Labirinto era uma estrutura viva — e, a julgar pelo cheiro que emanava de alguns corredores, no mínimo tinha um intestino.

Grover coçou a barriga.

— Vou tentar encontrar o lugar bem depressa, gente — prometeu. — Mas o Labirinto tem vontade própria. Na última vez que vim aqui, com Percy…

A saudade tomou seu rosto, como sempre acontecia quando ele falava das aventuras com o melhor amigo, Percy Jackson. E eu não podia culpá-lo: Percy era um semideus bem útil, bom de se ter por perto. Só que infelizmente ele não era tão fácil de conjurar numa plantação de tomate como nosso guia sátiro.

Botei a mão no ombro de Grover.

— Nós sabemos que você está fazendo tudo que pode. Vamos em frente. E, já que você está sentindo cheiro de cactos, que tal manter o

nariz alerta para algum lugar com café da manhã? Café e cronuts de limão com mel seria ótimo.

Seguimos nosso guia pelo túnel da direita.

A passagem logo ficou mais estreita e baixa, e tivemos que andar encolhidos e em fila. Fiquei no meio, que era o lugar mais seguro. Talvez não tenha sido muito corajoso da minha parte, mas Grover era um Senhor da Natureza, um membro do grupo de sátiros que comandava o Conselho dos Anciãos de Casco Fendido. Então teoricamente ele era cheio dos poderes, apesar de eu ainda não tê-lo visto usar nenhum. E Meg, além de saber manejar as duas espadas de uma vez, fazia coisas incríveis com seus pacotes de sementes, todos com o estoque renovado desde Indianápolis.

Eu, por outro lado, ia ficando mais fraco e indefeso a cada dia. Desde a batalha contra o imperador Cômodo, não conseguia conjurar nem uma fagulha do meu antigo poder divino. Meus dedos tinham perdido a velocidade no dedilhar das cordas do ukulele de combate. Eu só piorava no arco e flecha — até errara um disparo ao atacar o Ciclope na privada (não sei quem ficou mais constrangido naquela situação). E as visões que às vezes me paralisavam aconteciam com cada vez mais frequência e intensidade.

Mas eu não tinha compartilhado essas preocupações com meus amigos. Não por enquanto.

Queria acreditar que isso era apenas um indício de que meus poderes estavam sendo recarregados. Afinal, as provações em Indianápolis quase me destruíram.

Mas havia outra possibilidade. Era janeiro quando eu despenquei de lá do Olimpo e caí em uma caçamba de lixo em Manhattan. E já estávamos em março — ou seja: eu já era humano havia uns dois meses. Talvez, quanto mais tempo eu permanecesse mortal, mais fraco ficaria, e mais difícil seria voltar ao meu estado divino.

Será que tinha sido assim nas últimas duas vezes em que Zeus me exilou na Terra? Eu não conseguia lembrar. E, em poucos dias, também não conseguiria lembrar o gosto da ambrosia, os nomes dos cavalos da carruagem do Sol ou mesmo o rosto da minha irmã gêmea, Ártemis. (Em outros tempos eu diria que não lembrar o rosto da minha irmã era uma bênção, mas a verdade era que eu sentia uma falta danada dela. Só *não ousem* contar que eu disse isso.)

Seguimos pelo corredor, a Flecha de Dodona vibrando como um celular no silencioso na minha aljava, parecendo pedir para ser consultada.

Tentei ignorá-la.

A flecha não ajudara em nada nas últimas vezes em que pedi algum conselho — pior: até me atrapalhou com aqueles modismos shakespearianos, com mais *vós, eis* e *de fato* do que eu conseguia

suportar. Nunca gostei dos anos 90. (E quando digo anos 90, estou falando dos anos 1590.) Talvez eu falasse com a flecha quando chegássemos a Palm Springs. Isso *se* chegássemos…

Grover parou em outra bifurcação. Ele farejou o ar à direita, depois à esquerda. Seu nariz tremelicou como o de um coelho farejando comida.

Então de repente gritou “voltem!” e se jogou para trás. O corredor era tão estreito que ele caiu no meu colo, me derrubando em Meg, que caiu sentada, soltando um grunhido assustado. Nem deu tempo de reclamar e dizer que não participo de grupos de massagem porque *não gosto de muvuca*: toda a umidade foi sugada do ar, e senti um cheiro ácido em volta, como piche fresco. Então uma labareda atravessou o corredor logo à frente, uma pulsação de puro calor que acabou tão rápido quanto começou.

Meus ouvidos estalavam; devia ser por causa do sangue fervendo na minha cabeça. Minha boca ficou tão seca que não consegui nem engolir em seco. Não dava para saber se era só eu que estava tremendo incontrolavelmente ou se éramos nós três.

— Quem… O que foi aquilo?

Por que será que meu primeiro instinto foi perguntar *quem*? Algo na explosão me pareceu horrivelmente familiar. E, na fumaça amarga que restou, achei ter sentido um fedor de ódio, frustração e fome.

O gorro vermelho de Grover estava chamuscado, e senti cheiro de pelo de bode queimado.

— Isso quer dizer que estamos perto — anunciou ele, com voz fraca. — Temos que correr.

— Como se eu já não tivesse dito para correr — resmungou Meg. — Agora sai de cima de mim.

Ela me deu uma joelhada na bunda.

Eu me levantei com dificuldade, pelo menos até onde dava no túnel apertado. Depois que o fogo tinha passado, minha pele voltara a ficar grudenta com a umidade. O corredor à frente estava escuro e silencioso, como se minutos antes não tivesse servido de passarela para o fogo do inferno. Mas eu já ficara tanto tempo na carruagem do Sol que sabia avaliar o calor de todo tipo de chama. Se aquele fogo tivesse nos atingido, teríamos sido ionizados até virar plasma.

— Temos que ir para a esquerda — decidiu Grover.

— Hum — retruquei —, mas foi dali que veio o fogo.

— É o caminho mais rápido.

— Que tal irmos para trás? — sugeriu Meg.

— Ah, pessoal, estamos perto — insistiu Grover. — Eu *sinto* isso. Mas sem querer entramos na parte *dele* do Labirinto. Se não formos logo…

Scriii!

O barulho veio de algum lugar atrás da gente. Queria acreditar que era algum som mecânico aleatório do Labirinto, uma porta de metal se movendo em dobradiças enferrujadas ou um brinquedo a pilha da promoção da loja de artigos de Halloween rolando para um poço sem fundo. Mas a cara de Grover revelava algo de que eu já desconfiava: o barulho vinha de alguma criatura viva.

SCRIII! O segundo grito soou mais irritado e muito mais próximo.

Não gostei nada daquela história de estarmos *na parte dele do Labirinto*. Quem era *ele*? Eu não queria entrar num corredor com uma churrasqueira automática instantânea, mas aqueles gritos me encheram de pavor.

— Corram! — disse Meg.

— Corram! — concordou Grover.

Disparamos pelo túnel da esquerda. Pelo menos era um pouco maior, e tivemos um pouco mais de espaço para sacudir os braços enquanto corríamos, apavorados. Viramos à esquerda no cruzamento seguinte, depois à direita. Pulamos um buraco, subimos uma escada e seguimos por outro corredor, mas a criatura que nos perseguia parecia não ter a menor dificuldade em farejar nosso rastro.

SCRIII!, gritava ela, na escuridão.

Eu conhecia aquele som, mas minha memória humana e falha não conseguia identificá-lo. Eu sabia que era alguma criatura alada e antiga, mas nada fofa, como um papagaio ou uma cacatua. Aquela besta vinha de algum lugar dos infernos, e era perigosa, sedenta de sangue e muito mal-humorada.

Acabamos parando em uma câmara circular que parecia o fundo de um poço gigante. Uma rampa estreita subia pela lateral da parede de tijolos rústica. Eu não tinha ideia do que podia haver no alto, mas não vi nenhuma outra saída.

SCRIII!

O grito fez meus tímpanos vibrarem. Um bater de asas ecoou no corredor atrás… ou seriam *vários* pássaros? Será que aquelas coisas viajavam em bando? Eu já encontrara essas criaturas antes. Pelas barbas de Zeus, eu devia *saber* disso!

— E agora? — perguntou Meg. — A gente sobe?

Grover encarou a escuridão acima, boquiaberto.

— Não faz sentido! Não era para isso estar aqui.

— Grover! — chamou Meg. — A gente sobe ou não?

— Sim, vamos subir! — gritou ele. — Subir vai ser ótimo!

— Não — retruquei, a nuca formigando de medo. — Não vai dar tempo. Temos que bloquear o corredor.

Meg franziu a testa.

— Mas…

— Use as plantas mágicas! — gritei. — Anda!

Se existe um ponto a favor de Meg é que, quando se trata de plantas mágicas, ela é a garota certa. Meg enfiou as mãos no bolso do cinto de utilidades, rasgou um pacote de sementes e as jogou no túnel.

Grover pegou a flauta e começou a tocar uma música animada, encorajando o crescimento das plantas. Meg se ajoelhou diante das sementes, muito concentrada. Juntos, o Senhor da Natureza e a filha de Deméter formavam uma superdupla de jardineiros. As sementes viraram mudas de tomateiros; os caules cresceram e se entrelaçaram na boca do túnel, e as folhas se abriram ultrarrápido. Os tomates brotaram e incharam. O túnel estava quase fechado quando uma criatura preta e cheia de penas passou por uma abertura na rede de vegetais.

O pássaro passou voando ao meu lado, as garras arranhando minha bochecha esquerda e errando meu olho por pouco. A criatura deu a volta no poço, soltando um grito triunfal, e pousou três metros acima, na rampa em espiral, nos encarando com seus olhos redondos e dourados como holofotes.

Uma coruja? Não, era duas vezes maior que o maior espécime de Atena. A plumagem era reluzente, preta como obsidiana. O pássaro ergueu uma pata vermelha encouraçada, abriu o bico dourado e lambeu o sangue das garras — o *meu* sangue — com a língua preta e grossa.

Minha visão ficou embaçada, e meus joelhos viraram geleia. Ao fundo, outros barulhos vinham do túnel fechado — guinchos frustrados e asas batendo, conforme mais e mais pássaros demoníacos eram barrados pelos tomateiros.

Meg veio para o meu lado, as espadas reluzindo nas mãos, os olhos fixos no enorme pássaro escuro acima.

— Estrige! — anunciei, resgatando o nome do fundo da minha fraca mente mortal. — Essa coisa é uma estrige.

— E como se mata essa coisa? — perguntou Meg, sempre muito prática.

Toquei em um dos cortes do rosto. Não conseguia sentir a bochecha e os dedos.

— Bem, acho que matar isso aí só vai nos trazer problemas.

As estriges do outro lado da barreira guincharam, se debatendo contra os tomateiros, e Grover gritou:

— Gente, tem mais seis ou sete tentando entrar! Esses tomates não vão aguentar por muito tempo.

— Apolo, me responde de uma vez — mandou Meg. — O que eu preciso saber?

Eu queria responder, queria mesmo. Mas estava difícil articular as palavras. Eu sentia como se tivesse acabado de passar por uma das famosas extrações dentárias de Hefesto e ainda estivesse sob influência

daquele néctar do riso que ele usa.

— Quem mata a ave fica sob o efeito de uma maldição — expliquei, por fim.

— E se eu *não* matar a ave? — perguntou Meg.

— Ah, aí ela só vai arrancar suas vísceras, beber seu sangue e comer sua carne. — Abri um sorriso, mesmo com a leve sensação de que não tinha dito nada engraçado. — Ah, e tome cuidado para ela não arranhar você, senão vai ficar paralisada!

Então, para demonstrar, desabei no chão.

Logo acima, a estrige abriu as asas e desceu voando.

2

Eu virei uma mochila
Nas costas de um sátiro
Pior. Manhã. Da minha vida

— PARE! — GRITOU GROVER. — A gente veio em paz!

A ave não pareceu dar ouvidos. Ela só não acertou o rosto do sátiro porque Meg interveio, brandindo as espadas. A estrige desviou com uma pirueta por entre as lâminas e pousou, ilesa, um pouco acima na rampa.

SCRIII!, gritou a criatura, eriçando as penas.

— Como assim, "você *precisa* nos matar"? — perguntou Grover.

Meg encarou o sátiro com desprezo.

— Você consegue falar com ela?

— Ué, claro. É um bicho, afinal.

— E por que não traduziu o que ela estava dizendo mais cedo? — perguntou a garota.

— Porque ela só estava gritando *scriii*! Agora ela está dizendo *scrii, preciso matar vocês*.

Tentei mexer as pernas, mas pareciam ter virado sacos de cimento — o que achei meio engraçado. Ainda conseguia mover os braços e restava um pouco de sensação no peito, mas eu não sabia por quanto tempo.

— Que tal perguntar *por que* ela precisa nos matar? — sugeri.

— Scrii! — exclamou Grover.

Eu já estava me cansando dessa língua de estrige. A resposta veio numa série de guinchos e estalos de bico.

Enquanto isso, no corredor, as outras estriges berravam e se jogavam na barreira de plantas. Garras pretas e bicos dourados atacavam, preparando os tomates para o molho do picadinho que queriam fazer com a gente. Pelo que vi, tínhamos no máximo alguns minutos até a barreira ceder e as aves nos matarem. Mas, nossa, como aqueles bicos afiados como lâminas eram bonitinhos!

Grover esfregou as mãos, nervoso.

— A estrige está dizendo que foi enviada para beber nosso sangue, comer nossa carne e arrancar nossas vísceras, mas não necessariamente nessa ordem. Ela até pede desculpas, mas é uma ordem direta do imperador.

— Ai, esses imperadores idiotas — resmungou Meg. — Qual deles?

— Não sei. Ela só falou *Scrii*.

— Então você consegue traduzir *vísceras*, mas não consegue

traduzir o nome do imperador? — indagou a garota.

Eu não tinha problema nenhum com isso. Desde Indianápolis eu não parava de pensar na Profecia das Sombras que recebemos na Caverna de Trofônio. Já tínhamos encontrado Nero e Cômodo, e eu tinha um palpite horrível sobre a identidade ainda não revelada do terceiro imperador. E, no momento, quanto menos eu soubesse, melhor. A euforia do veneno da estrige estava começando a passar, e eu estava prestes a ser comido vivo por uma coruja sanguessuga gigante. Não precisava de mais motivos para chorar de desespero.

A estrige partiu para cima de Meg, que desviou e conseguiu acertar a cauda da ave com a espada, jogando a infeliz na parede oposta. Ela bateu de cara nos tijolos e explodiu em uma nuvem de pó e penas monstruosas.

— Meg! Eu falei para você não matar aquele bicho! — protestei. — Você vai ser amaldiçoada!

— Eu não matei. Ela se suicidou se jogando na parede.

— Duvido que as Parcas interpretem dessa forma.

— Então não vamos contar para elas.

— Gente... — chamou Grover, apontando para a barreira de plantas que ia sendo aberta pelo ataque de garras e bicos. — Se não podemos matar as estriges, talvez seja melhor fortalecer esses tomateiros, não?

Ele tocou a flauta. Meg transformou as espadas de volta em anéis e estendeu as mãos para os tomateiros. Os caules engrossaram, e as raízes tentaram se fincar no piso de pedra, mas era uma batalha perdida: eram estriges demais atacando do outro lado, cortando as plantas novas tão rápido quanto os brotos surgiam.

— Não adianta. — Meg cambaleou para trás, o rosto encharcado de suor. — Não tem muito o que fazer sem terra e luz do sol.

— É verdade. — Grover olhou para cima, analisando a rampa em espiral que adentrava a escuridão. — Estamos quase chegando. Só temos que conseguir subir tudo antes de a barreira ceder…

— Então vamos subir — anunciou Meg.

— Oi? Gente? — chamei, sofrido. — Tem um ex-deus paralisado aqui.

Grover olhou para Meg, pensativo.

— Que tal fita adesiva?

— Acho ótimo.

Que os deuses me defendam desses heróis e sua fita adesiva. Por alguma razão, heróis *sempre* têm fita adesiva. Meg tirou um rolo de uma bolsinha do cinto de jardinagem e fez com que eu me sentasse de costas para Grover. Então passou fita ao redor de nós dois, por baixo das axilas, me prendendo ao sátiro como uma mochila.

Com a ajuda de Meg, Grover se pôs de pé, cambaleante, e me levantou. Enquanto ele se ajustava, tive vislumbres aleatórios:

paredes, o chão, o rosto de Meg, minhas pernas paralisadas e esticadas.

— Hã, Grover...? Você vai ter força para me carregar até lá em cima?

— Sátiros são ótimos alpinistas — respondeu ele, ofegante.

O sátiro começou a subir a rampa estreita, meus pés paralisados arrastando atrás de nós. Meg vinha logo depois, de vez em quando olhando para a barreira de tomateiros, que se abria cada vez mais depressa.

— Apolo, conta mais sobre as estriges — ordenou ela.

Vasculhei o cérebro em busca de pérolas de conhecimento no meio daquela lama.

— São… São aves de mau presságio. Sempre que elas chegam, coisas ruins acontecem.

— Dã-ã — retrucou Meg. — E o que mais?

— Hã... Elas se alimentam das crianças e dos fracos: bebês, idosos, deuses paralisados… esse tipo de coisa. Elas se reproduzem nas partes mais altas do Tártaro. Isso é só um palpite, mas tenho quase certeza de que não dariam bons animais de estimação.

— E como nos livramos delas? Se não podemos matar nenhuma, como vamos impedir esse ataque?

— Eu… não sei.

Meg suspirou, frustrada.

— Pergunte à Flecha de Dodona, veja se ela sabe alguma coisa. Vou tentar ganhar algum tempo.

Ela desceu a rampa correndo.

Se havia uma coisa capaz de piorar ainda mais meu dia, era ter que falar com aquela flecha. Mas o cara lá de cima tinha me mandado obedecer, então, quando Meg mandava, eu obedecia. Não tinha jeito. Tateei a aljava até pegar o projétil mágico.

— Olá, Flecha Sábia e Poderosa — cumprimentei. É sempre melhor começar com elogios.

ORA, DEMORASTE TANTO!, entoou a flecha. *TIVE INFINITAS QUINZENAS PERDIDAS EM TENTATIVAS DE FALAR CONTIGO.*

— Falei com você não faz quarenta e oito horas — retruquei.

AH, MAS O TEMPO DE FATO SE ARRASTA PARA OS QUE ESTÃO ALJAVADOS. DEVERIAS TENTAR E VER SE GOSTAS.

— Certo. — Resisti à vontade de quebrar a flecha. — O que você sabe sobre estriges?

É IMPERATIVO QUE EU FALE CONTIGO ACERCA DE… UM MOMENTO: ESTRIGES? POR QUE ME VEM COM PERGUNTAS SOBRE TAIS CRIATURAS?

— Porque elas estão na iminência de… Elas vão a nos matar!

ABOMINÁVEL!, gemeu a flecha. *TU DEVES EVITAR TAIS PERIGOS!*

— Nossa, eu nunca teria pensado nisso. Então, tem alguma informação pertinente sobre estriges ou não, Ó Sábio Projétil?

A flecha tremeu, sem dúvida tentando acessar a Wikipédia. Claro que ela jurava por tudo que era mais sagrado que não usava internet. Devia ser pura coincidência o fato de as respostas serem sempre mais úteis quando a gente estava em algum lugar com wi-fi grátis.

Grover se mostrou um exemplo de coragem, carregando meu corpo mortal lamentável rampa acima. Ele bufou e ofegou, cambaleando perto demais da beirada para o meu gosto. O chão já estava quinze metros abaixo, longe o suficiente para uma bela queda fatal. Vi Meg lá embaixo, andando de um lado para o outro, murmurando sozinha e sacudindo mais pacotes de sementes.

A rampa parecia não ter fim, espiralando ao redor do poço. O que quer que nos esperasse no topo — isso se *houvesse* um topo — estava escondido no breu. Achei muita falta de consideração do Labirinto não providenciar um elevador, ou pelo menos um corrimão decente. Como os heróis com mobilidade reduzida apreciariam aquela armadilha mortal?

A Flecha de Dodona enfim deu seu veredito: *ESTRIGES SÃO PERIGOSAS.*

— Nossa, mais uma vez sua sabedoria traz luz à escuridão.

CALA A TUA BOCA, retrucou a flecha. *HÁ COMO EXTERMINAR AS AVES, EMBORA COMO RESULTADO HAJA APENAS UMA MALDIÇÃO PARA O EXTERMINADOR E O SURGIMENTO DE MAIS ESTRIGES.*

— Sim, sim. E o que mais?

— O que ela está dizendo? — perguntou Grover, ofegante.

Uma das muitas características irritantes daquela flecha era que ela falava apenas na minha mente, então, além de parecer um doido sempre que conversava com ela, eu ainda tinha que ficar repassando suas divagações para meus amigos.

— Ela ainda está procurando no Google — respondi. — Talvez, Ó Flecha, seja bom fazer uma busca com termos mais específicos, tipo "como derrotar estriges".

EU NÃO ME VALHO DESSAS TRAPAÇAS!, esbravejou a flecha. Então ficou em silêncio por um tempo, o suficiente para digitar *como derrotar estriges*.

É POSSÍVEL REPELIR AS AVES COM ENTRANHAS DE PORCO, relatou a flecha. *ACASO TENS ALGUMA?*

— Grover! — gritei, por cima do ombro. — Você por acaso tem alguma entranha de porco aí?

— *O quê?* — Ele se virou, o que não foi muito eficiente se a intenção era me encarar, já que eu estava grudado às suas costas com fita adesiva. Quase ralei o nariz na parede. — Por que eu carregaria entranhas de porco? Eu sou vegetariano!

Meg subiu a rampa correndo para se juntar a nós.

— As aves estão quase passando. Eu tentei plantas diferentes, tentei conjurar o Pêssego…

Ela ficou quieta, desesperada. Meg não conseguia conjurar seu comparsa, o espírito do pêssego, desde que entramos no Labirinto. Ele era útil em lutas, mas bem seletivo em relação a quando e onde aparecia. Eu achava que, assim como os tomateiros, Pêssego não se saía bem no subterrâneo.

— Flecha de Dodona, o que mais!? — gritei, já desesperado. — Deve ter *alguma coisa* além de intestino de porco para manter as estriges longe!

ESPERA! ENCONTREI! disse a flecha. *OUVE! PARECE QUE MEDRONHEIRO SERVE.*

— Medro quê?

Era tarde demais.

Logo abaixo, as estriges romperam a barricada de tomates e invadiram o lugar com um estrondo de berros sanguinários.

3

Eu odeio essas estriges
Vou até repetir:
Eu odeio essas estriges

— ELAS ESTÃO CHEGANDO! — gritou Meg.

Olha, francamente: quando eu queria que ela me contasse mais sobre alguma coisa importante, ela calava a boca. Aí, quando estávamos em perigo, a garota gastava o fôlego gritando obviedades.

Grover acelerou o passo, numa demonstração de força heroica, enquanto subia a ladeira carregando minha carcaça inerte presa às costas.

Virado para trás, eu tinha uma visão perfeita das estriges saindo das sombras, os olhos amarelos brilhando como moedas de ouro em um lago lamacento. Eram o quê… doze? Talvez mais? Considerando a dificuldade que tivemos quando era uma só, nossas chances contra um bando inteiro não pareciam nada boas, ainda mais enfileirados, três alvos suculentos em uma superfície estreita e escorregadia. Eu duvidava que Meg pudesse ajudar *todos* os pássaros a cometerem suicídio batendo de cara na parede.

— Medronheiro! — gritei. — A flecha disse alguma coisa sobre usar medronheiro contra as estriges.

— Isso é uma planta. — Grover inspirou, ofegante. — Acho que já conheci um medronheiro.

— Flecha, o que é um medronheiro? — perguntei.

NÃO SEI, ORA, NÃO É PORQUE NASCI NUM BOSQUE QUE SOU JARDINEIRA!

Irritado, enfiei a flecha de volta na aljava.

— Apolo, me dê cobertura.

Meg me entregou uma das espadas e remexeu no cinto de jardinagem, observando, nervosa, as estriges que se aproximavam.

Eu não tinha entendido muito bem como Meg esperava que eu desse cobertura para ela. Nunca fui bom com espadas, mesmo quando não estava grudado nas costas de um sátiro, de frente para criaturas que me amaldiçoariam se eu as matasse.

— Grover! Será que conseguimos descobrir que tipo de planta é um medronheiro? — perguntou Meg.

Ela abriu um pacote aleatório e jogou o conteúdo pela rampa, que caiu lá embaixo. As sementes explodiram como pipoca, gerando inhames do tamanho de granadas com caules verdes folhosos. As plantas caíram entre o bando de estriges, acertando algumas, que

soltaram guinchos assustados, mas não pararam.

— Isso aí são tubérculos — comentou Grover, ofegante. — Acho que o medronheiro é uma planta frutífera.

Meg abriu um segundo pacote de sementes e despejou uma explosão de arbustos pontilhados de frutinhas verdes. As estriges simplesmente desviaram.

— Uva? — perguntou Grover.

— Groselha.

— Tem certeza? Pelo formato das folhas…

— Grover! — intervi. — O assunto agora é botânica de guerrilha! O que é isso…? NO CHÃO, AGORA!

Bem, gentis leitores, vocês serão os juízes. Eu estava perguntando *O que é isso no chão?* Claro que não. Mesmo Meg tendo reclamado muito depois, eu estava só tentando avisar que uma estrige estava voando direto para a cabeça dela.

Mas Meg não entendeu o aviso — o que *não foi culpa minha*.

Eu golpeei com a espada que tinha na mão, tentando proteger minha jovem amiga. Só minha péssima mira e os reflexos rápidos de Meg me impediram de decapitá-la.

— Pare com isso! — gritou ela, afastando a estrige com a outra espada.

— Você me mandou *dar cobertura*! — protestei.

— Mas não era isso que eu… — Ela soltou um grito de dor, tropeçando quando um corte sangrento se abriu na coxa direita.

De repente fomos envolvidos por um redemoinho de garras, bicos e asas negras. Meg sacudia a espada loucamente. Uma estrige avançou em minha direção, as garras prestes a arrancar meus olhos, mas Grover fez o inesperado: gritou.

O que tem de tão surpreendente nisso?, vocês podem estar se perguntando. *Um ataque de aves devoradoras de entranhas é um momento perfeito para gritar.*

Verdade. Mas o que saiu da boca do sátiro não foi um grito comum.

O som reverberou pela câmara como uma bomba explodindo, fazendo as estriges debandarem, sacudindo a estrutura de pedra e me enchendo de um medo gélido e irracional.

Eu teria saído correndo se não estivesse acoplado às costas do sátiro; teria me jogado daquela rampa só para me afastar daquele som. Mas só larguei a espada e tapei os ouvidos. Meg, caída, sangrando e sem dúvida já meio paralisada pelo veneno de estrige, se encolheu e escondeu a cabeça entre os braços.

As estriges saíram voando de volta para a escuridão.

Meu coração estava disparado. Meu corpo vibrava com adrenalina. Tive que respirar fundo várias vezes antes de conseguir falar:

— Grover, você conjurou pânico?

Eu não conseguia ver o rosto dele, mas senti seu corpo tremendo. O sátiro se deitou na rampa e rolou o corpo de lado, e acabei de cara para a parede.

— Não era minha intenção. — Grover estava rouco. — Não faço isso há anos.

— P-pânico? — perguntou Meg.

— O grito de Pã, o deus perdido — expliquei.

Eu ficava bem triste só de dizer aquele nome. Ah, vivi bons momentos com o deus da natureza, dançando e cabriolando pela floresta! As cabriolas de Pã eram de outro nível. Mas os humanos destruíram boa parte da floresta, e ele sumiu no nada. Ah, vocês, humanos... É por sua causa que os deuses não podem ter um segundo de felicidade.

— Nunca vi ninguém além de Pã usando esse poder. Como você conseguiu?

Grover soltou um misto de gemido e suspiro.

— É uma longa história.

Meg grunhiu.

— Bem, pelo menos isso afastou os pássaros.

Ouvi tecido sendo rasgado. Ela devia estar fazendo uma atadura para a perna.

— Você está paralisada? — perguntei.

— Sim, mas só da cintura para baixo — murmurou ela.

Grover se remexeu do outro lado da amarra de fita adesiva.

— Eu estou bem, mas exausto. Os pássaros daqui a pouco voltam, e eu não tenho como carregar vocês dois lá para cima.

Eu não duvidei. O grito de Pã mandava quase qualquer coisa correndo para longe, mas a mágica exigia muito de quem a fazia. Pã sempre tirava uma soneca de três dias depois que o usava.

Dava para ouvir as estriges lá embaixo, percorrendo o Labirinto. Os gritos já pareciam estar mudando de um *Fujam!* apavorado para um *Por que estamos fugindo?* confuso.

Tentei mexer os pés. Para minha surpresa, notei que sentia os dedos.

— Alguém pode me soltar? Acho que o veneno está perdendo o efeito.

Meg, ainda deitada, usou uma espada para cortar a fita adesiva. Nós três sentamos juntos e nos recostamos na parede. Três iscas de estrige suadas, tristes e patéticas, só aguardando a morte. Lá embaixo, a algazarra das aves malignas foi ficando mais alta. Elas logo voltariam, mais furiosas que nunca. Sob o brilho suave das espadas de Meg, agora dava para ver onde acabava o túnel: cerca de quinze metros acima, a rampa terminava em um teto de tijolos abobadado.

— Nada de saída — lamentou Grover. — Eu tinha tanta certeza...

Esse poço se parece tanto com…

Ele balançou a cabeça, como se fosse difícil demais dizer o que esperava encontrar.

— Eu não vou morrer aqui — resmungou Meg.

Mas a cara dela dizia outra coisa. Meg estava com os dedos ensanguentados e os joelhos, ralados, e o vestido verde de que ela tanto gostava, um presente da mãe de Percy Jackson, parecia ter sido todo arranhado por um tigre dente-de-sabre. A perna direita da legging fora arrancada e usada para estancar o sangramento do corte na coxa, mas o tecido já estava encharcado.

Ainda assim, havia um brilho de desafio em seus olhos. As pedrinhas nas pontas dos óculos de gatinho continuavam a reluzir. Eu já tinha aprendido a nunca duvidar de Meg McCaffrey, não enquanto as pedrinhas de seus óculos ainda brilhassem.

Ela remexeu no pacote de sementes, estreitando os olhos para tentar ler os rótulos.

— Rosa. Narciso. Abóbora. Cenoura.

— Não… — Grover deu um tapa na testa. — O medronheiro é tipo… uma árvore com flores. Argh, eu *devia saber* isso.

Eu me solidarizava com os problemas de memória dele. Eu devia saber de *muitas* coisas: a fraqueza das estriges; a saída secreta mais próxima do Labirinto; o celular de Zeus, para poder ligar e suplicar pela minha vida. Mas eu não me lembrava de nada. Minhas pernas tinham começado a tremer, o que talvez fosse um indicativo de que eu logo voltaria a andar, mas nem isso me animou. Não tinha para onde ir, e minha única escolha era morrer na parte mais alta ou mais baixa daquela câmara.

Meg continuou mexendo nos pacotes de sementes.

— Nabo, glicínia, acerola, morango…

— Morango! — Grover berrou tão alto que achei que seria mais um grito de pânico. — É isso! O medronheiro é uma árvore de morangos!

Meg franziu a testa.

— Mas morango *não dá* em árvore. É uma planta do gênero *Fragaria*, da família da rosa.

— Sim, sim, eu sei! — Grover gesticulava com nervosismo, como se não conseguisse dizer as palavras depressa o bastante. — E o medronheiro é da família da urze, mas…

— Do que vocês estão falando? — Até parecia que estavam usando a internet da Flecha de Dodona para entrar no tudosobreplantas.com.br. — Nós estamos prestes a morrer, e vocês ficam discutindo os gêneros das plantas?

— Uma *Fragaria* deve funcionar! — insistiu Grover. — A fruta do medronheiro *parece* um morango, por isso sempre falam que é uma árvore de morangos. Eu já conheci uma dríade de medronheiro, e

discutimos muito sobre isso. Além do mais, eu sou especialista em plantio de morangos. Eu e todos os sátiros do Acampamento Meio-Sangue!

Meg encarou o pacotinho de sementes, em dúvida.

— Ai, não sei.

Umas dez estriges surgiram na boca do túnel, lá embaixo, gritando em um coral de fúria arrancadora de intestinos.

— TENTEM A FRANGARIA! — gritei.

— *Fragaria* — corrigiu Meg.

— NÃO IMPORTA!

Em vez de jogar as sementes de morango lá para baixo, Meg abriu o pacotinho e o despejou bem devagar — bem devagar *mesmo* — na beirada da rampa.

— Anda logo. — Peguei o arco com dificuldade. — Temos uns trinta segundos.

— Espera!

Meg espalhou as últimas sementes.

— Quinze segundos!

— Espera. — Meg jogou o pacote de lado e estendeu as mãos sobre as sementes, como se estivesse prestes a tocar teclado (o que, diga-se de passagem, ela não sabe fazer nem um pouco, apesar dos meus esforços para lhe ensinar). — Tudo bem. Agora vai.

Grover pegou a flauta e começou uma versão frenética de "Strawberry Fields Forever", mas num compasso três vezes mais rápido. Deixei o arco de lado, peguei o ukulele e me juntei a ele na música. Não sabia se isso ajudaria, mas, se iam me deixar em pedacinhos, pelo menos morreria tocando Beatles.

O bando de estriges estava prestes a nos atacar, então as sementes explodiram como fogos de artifício. Caules verdes se estenderam na direção do buraco, ancorando as raízes na parede mais distante, formando uma fileira de vinhas que lembravam as cordas de um alaúde gigante. As estriges podiam muito bem ter passado voando pelas aberturas, mas elas ficaram loucas, tentando desviar das plantas, batendo umas nas outras em pleno ar.

As vinhas se adensaram, as folhas se desdobraram, flores brancas floresceram e morangos amadureceram, enchendo o ar com sua doce fragrância.

A câmara tremeu. Cada vez que uma daquelas plantas tocava na pedra, os tijolos rachavam e se dissolviam, abrindo espaço para os morangos criarem raízes.

Meg ergueu as mãos do teclado imaginário.

— O Labirinto está… *ajudando*?

— Não sei! — respondi, tocando um fá menor com sétima muito intenso. — Mas não pare!

Os morangos se espalharam numa velocidade incrível, se abrindo em uma maré verde.

Eu já estava pensando em como seria ainda mais impressionante se houvesse um pouco de sol ali... então o teto abobadado rachou como uma casca de ovo. Raios brilhantes penetraram a escuridão, e escombros caíram, derrubando os pássaros e abrindo caminho pelas vinhas de morango — que, ao contrário das estriges, logo surgiam novamente. Ainda bem.

Assim que entraram em contato com a luz do sol, as estriges gritaram e se dissolveram em pó.

Grover baixou a flauta. Eu botei o ukulele no chão. Olhamos, maravilhados, enquanto as plantas continuavam a crescer, se entrelaçando até formar uma cama elástica de morangos em toda a área abaixo de nós.

O teto tinha se desintegrado, revelando um céu azul brilhante. O ar quente descia como o bafo de um forno aberto.

Grover virou o rosto para a luz e farejou algo, e lágrimas escorreram por suas bochechas.

— Você se machucou? — perguntei.

O sátiro olhou para mim. Seu sofrimento era ainda mais difícil de encarar do que a luz do sol.

— Cheiro de morangos frescos — explicou. — Como no Acampamento Meio-Sangue. Faz tanto tempo…

Senti uma pontada desconhecida no peito. Dei um tapinha no joelho de Grover. Eu não tinha passado muito tempo no Acampamento Meio-Sangue, onde os semideuses gregos eram treinados, mas compreendia. Fiquei pensando em como meus filhos, Kayla, Will e Austin, estavam se saindo por lá. Eu ainda me lembrava de ficar sentado ao redor da fogueira com eles cantando “Minha mãe era um Minotauro” enquanto comíamos espetos de marshmallows derretidos. Camaradagem perfeita assim é rara, mesmo na vida imortal.

Meg se encostou na parede. Estava pálida, com a respiração pesada.

Remexi os bolsos e encontrei um quadradinho de ambrosia em um guardanapo. Não estava guardando aquilo para mim. Naquele estado mortal, comer o alimento dos deuses podia me fazer entrar em combustão espontânea. Só que, como eu já tinha descoberto, Meg nem sempre estava disposta a comer ambrosia.

— Coma isso — falei, colocando o guardanapo na mão dela. — Vai ajudar a passar a paralisia.

Ela trincou os dentes, como se fosse gritar EU NÃO QUERO!, mas decidiu que gostava da ideia de voltar a mexer as pernas. Então começou a mordiscar a ambrosia.

— O que tem lá em cima? — perguntou, franzindo a testa para o céu azul.

Grover limpou uma lágrima do rosto.

— Chegamos. O Labirinto nos trouxe direto para a base.

— A base?

Fiquei feliz da vida em saber que *tínhamos* uma base. Seria um lugar seguro, com camas macias e talvez uma máquina de café expresso.

— É. — Grover engoliu em seco, ansioso. — Isso se tiver sobrado alguma coisa. Veremos.

4

Bem-vindos à minha base
É uma beleza:
Tem pedras, areia e ruínas

AO QUE TUDO indica, cheguei à superfície.

Eu não lembro.

Meg estava com parte do corpo paralisado, e Grover já tinha me carregado por metade da rampa, então pareceu muito errado ter sido eu a desmaiar... mas o que posso fazer? Aquele fá menor com sétima de "Strawberry Fields Forever" deve ter me cansado mais do que eu imaginava.

O que eu *lembro* são os sonhos febris.

Uma bela mulher de pele morena estava à minha frente, o cabelo castanho comprido preso em um coque trançado no topo da cabeça, o vestido sem mangas de um tecido leve e cinzento, como asas de mariposa. Parecia ter uns vinte anos, mas seus olhos eram pérolas negras com o lustro profundo dos séculos, uma camada protetora que escondia incontáveis sofrimentos e decepções. Os olhos de uma imortal que já viu a queda de grandes civilizações.

Estávamos parados numa plataforma de pedra, perto do que parecia uma piscina de lava. O calor emanava do chão, ondulando no ar, e meus olhos ardiam com as cinzas espalhadas pelo ambiente.

A mulher ergueu os braços em súplica. Os pulsos estavam presos por algemas de ferro ardente, o metal já vermelho e incandescente, e as correntes derretidas estavam fincadas na plataforma. Ainda assim, o metal quente não parecia queimá-la.

— Sinto muito — disse a mulher, mas eu sabia que ela não estava falando comigo.

Eu via a cena pelos olhos de outra pessoa. A mulher tinha acabado de dar más notícias para esse outro alguém — notícias *horríveis*, mas eu não tinha ideia do quê.

— Eu a pouparia disso, se pudesse — continuou ela. — Eu pouparia *a garota*. Mas não posso. Diga a Apolo que ele precisa vir, ele é o único que pode me libertar. Mesmo sendo uma… — Ela engasgou, como se tivesse um caco de vidro preso na garganta. — Seis letras — gemeu. — Começa com C.

Cilada, pensei. É uma *cilada*!

Fiquei um pouco empolgado, como se estivesse assistindo a um game show e soubesse a resposta antes do competidor, naquelas horas em que a gente pensa: *Se eu estivesse lá, ganharia todos os prêmios!*

Mas logo percebi que não gostava daquele game show. Ainda mais porque a resposta era *cilada*. Ainda mais porque essa cilada era o grande prêmio.

A imagem da mulher se dissolveu nas chamas.

Eu estava em um lugar diferente, um terraço coberto com vista para uma baía enluarada. Ao longe, coberto de névoa, dava para ver a silhueta familiar do Monte Vesúvio — mas era o Vesúvio antes da erupção de 79, que explodiu o cume em pedacinhos, destruiu Pompeia e exterminou milhares de romanos. (Isso foi culpa do Vulcano. Ele estava tendo uma semana *péssima*.)

O céu noturno estava roxo como um hematoma, e a paisagem era iluminada somente pelas tochas, a lua e as estrelas. O piso de mosaico do terraço cintilava num padrão de azulejos dourados e prateados, o tipo de trabalho artístico que poucos romanos tinham como pagar. Cortinas de seda que deviam ter custado centenas de milhares de denários emolduravam afrescos multicoloridos. Eu achava que sabia onde estava: numa vila imperial, um dos muitos palácios de prazer ao longo do golfo de Nápoles, logo no começo do império. As luzes desses lugares em geral ardiam a noite toda, como demonstração de poder e opulência, mas as tochas daquele terraço estavam apagadas, envoltas em tecido preto.

Um rapaz magro estava parado à sombra de uma coluna, olhando o mar. Sua postura era de pura impaciência. Ele ajeitou a toga branca, cruzou os braços e bateu o pé, a sola da sandália estalando no chão.

Um segundo homem veio, marchando pelo terraço. A armadura tilintava, e sua respiração era pesada como a de um lutador corpulento. Um elmo de guarda pretoriano escondia seu rosto.

Ele se ajoelhou diante do rapaz.

— Está feito, princeps.

Princeps. Era latim para *primeiro na linhagem,* ou *primeiro cidadão* — o adorável eufemismo que os imperadores romanos usavam para tentar disfarçar o quanto seu poder era absoluto.

— Tem certeza de que já está na hora? — perguntou uma voz jovem e aguda. — Não quero mais surpresas.

O pretor grunhiu.

— Certeza absoluta, princeps.

O guarda estendeu os antebraços enormes e peludos. O luar iluminou a pele, e o sangue reluziu em diversos arranhões, como se unhas desesperadas tivessem cortado a carne.

— O que você usou?

O rapaz parecia fascinado.

— O travesseiro dele. Achei mais simples.

O rapaz riu.

— Aquele porco velho merecia. Passei *anos* esperando a morte dele

e, quando finalmente anunciamos que ele bateu as sandálias, ele tem a *coragem* de acordar de volta? Ah, não, não mesmo! Amanhã vai ser um novo dia para Roma, um dia melhor.

O princeps foi para uma área mais iluminada, e o luar revelou seu rosto. Um rosto que eu esperava nunca mais ver.

Ele era bonito, com traços magros e angulosos, embora as orelhas fossem um pouco grandes demais. Tinha um sorrisinho torto, e os olhos tão calorosos quanto os de uma barracuda.

Mesmo que vocês não reconheçam as feições dele, queridos leitores, tenho certeza de que já o conheceram. Ele é aquele valentão da escola que é encantador demais para ser punido pelos adultos; o sujeito que pensa nas pegadinhas mais cruéis e manda os outros fazerem seu trabalho sujo — e ainda por cima consegue manter a reputação em alta com os professores. É o garoto que arranca pernas de insetos e tortura animais de rua, mas ri com tanto prazer que quase consegue convencer a todos de que aquilo é apenas uma diversão inofensiva. É o garoto que rouba dinheiro dos pratos de coleta dos templos, sempre aprontando pelas costas das velhinhas, que o elogiam por ser *tão bom rapaz*.

Ele é esse tipo de pessoa, esse tipo de mal.

E, naquela noite, ele assumiu um novo nome — um que *não* era presságio de dias melhores para Roma.

O guarda pretoriano baixou a cabeça.

— Ave, César!

* * *

Acordei trêmulo.

— Bem a tempo — comentou Grover.

Eu me sentei. Sentia a cabeça latejando, a boca com gosto de pó de estrige.

Estava deitado sob uma tenda improvisada, um pedaço de plástico azul preso à lateral de uma colina com vista para o deserto. O Sol já estava baixo no céu. Meg estava dormindo ali ao lado, encolhida, a mão apoiada em meu pulso. Eu teria achado um gesto fofo se não soubesse onde aqueles dedos tinham estado. (Dica: dentro do nariz.)

Grover estava sentado numa protuberância na pedra ali perto, bebendo água do cantil. A julgar pela expressão de cansaço, devia ter ficado de guarda enquanto dormíamos.

— Eu desmaiei?

Ele jogou o cantil para mim.

— Achei que *eu* tivesse o sono pesado. Você está apagado há horas.

Tomei um gole e esfreguei os olhos, eliminando os últimos resquícios de sono. Queria poder eliminar aqueles sonhos da cabeça

com a mesma facilidade. Uma mulher acorrentada numa sala de fogo, uma cilada para Apolo, um novo César com o sorriso agradável de um belo sociopata.

Não pense nisso, disse a mim mesmo. *Sonhos não são necessariamente reais.*

Não, respondi a mim mesmo. *Só os ruins. Como esses.*

Voltei a atenção para Meg, que roncava à sombra da tenda. Tinha uma atadura nova na perna, e usava uma camiseta limpa por cima do vestido arruinado. Tentei me soltar, mas ela apertou meu pulso com mais força.

— Ela está bem — garantiu Grover. — Pelo menos fisicamente. Dormiu assim que deixamos vocês aí. — Ele franziu a testa. — Mas não pareceu muito feliz de estar aqui. Disse que não aguentava este lugar, que queria ir embora. Até achei que fosse pular de volta para o Labirinto, mas consegui convencê-la de que precisava descansar primeiro. Toquei um pouco de música para ela relaxar.

Olhei em volta, me perguntando por que Meg tinha ficado tão incomodada.

A paisagem que se estendia mais abaixo só era mais hospitaleira que Marte. (O planeta, não o deus. Se bem que nenhum dos dois é bom anfitrião.) Montanhas ocre banhadas de sol circundavam um vale sarapintado de campos de golfe de um verde nada natural, planícies vazias e poeirentas e enormes subúrbios com casas de fachadas brancas, telhado vermelho e piscinas azuis. Fileiras de palmeiras imóveis costuravam as ruas em intervalos irregulares, e o vapor quente subia do asfalto dos estacionamentos. Uma névoa marrom pairava no ar, se espalhando pelo lugar como molho aguado.

— Ah, Palm Springs... — comentei.

Conheci bem a cidade na década de 1950. Tinha quase certeza de que podia ver a rua onde dei uma festa com Frank Sinatra — logo ao lado de um dos campos de golfe. Mas aquilo parecia ter acontecido em outra vida. Provavelmente porque tinha sido mesmo.

O lugar parecia bem menos acolhedor, quente demais para um fim de tarde de primavera, o ar pesado e fedorento demais. Tinha alguma coisa errada, algo que eu não conseguia definir.

Examinei os arredores. Estávamos no topo de uma colina, com as matas de San Jacinto para trás e Palm Springs à frente. Uma rua de cascalho contornava a base da colina, serpenteando até o bairro mais próximo, cerca de oitocentos metros abaixo. O topo daquela colina já tinha abrigado uma estrutura grande.

Seis cilindros ocos de concreto estavam enterrados na inclinação rochosa, cada um com nove metros de diâmetro. Pareciam as estruturas em ruínas de antigos moinhos de açúcar, todas de tamanhos diferentes e em vários estágios de degradação, mas os topos estavam

todos alinhados, então imaginei que fossem enormes colunas de sustentação de alguma casa. A julgar pelos detritos que cobriam a encosta (estilhaços de vidro, tábuas queimadas, pedaços enegrecidos de tijolos), a casa tinha pegado fogo muitos anos antes.

Então me dei conta de que *a saída do Labirinto* devia ficar em um daqueles cilindros.

Eu me virei para Grover.

— E as estriges?

Ele balançou a cabeça.

— Mesmo se alguma tiver sobrevivido e conseguir passar pelos morangos, não arriscaria sair na luz do dia. — Ele apontou para o cilindro de concreto mais distante, de onde devíamos ter saído. — Ninguém mais vai passar por ali.

— Mas… — Indiquei as ruínas. — Essa não pode ser *a base*.

Achei que ele fosse me corrigir, dizer *ah, não, a base é aquela linda casa lá embaixo. Aquela com piscina olímpica, ao lado do décimo quinto buraco!*

Mas ele teve a coragem de parecer satisfeito.

— É, sim. Este lugar tem energia natural poderosa, é um santuário perfeito. Você não sente a força vital?

Peguei um tijolo queimado.

— Força vital?

— Você vai ver. — Grover tirou o gorro e coçou entre os chifres. — Do jeito que as coisas andam, as dríades precisam ficar ocultas e inativas até o pôr do sol. Só assim conseguem sobreviver. Mas elas logo vão acordar.

Do jeito que as coisas andam.

Olhei para oeste. O Sol tinha acabado de descer atrás das montanhas, e as nuvens no céu pareciam marmorizadas, com camadas intensas de vermelho e preto — uma cena mais apropriada para Mordor do que para o sul da Califórnia.

— O que está acontecendo? — perguntei, sem saber se queria mesmo a resposta.

Grover fitou o horizonte, tristonho.

— Não viu as notícias? Os maiores incêndios florestais da história do estado. Isso sem falar na seca, nas ondas de calor e nos terremotos. — Ele estremeceu. — Milhares de dríades morreram, e outras milhares entraram em hibernação. Já seria bem ruim se fossem desastres naturais *normais*, mas…

Meg levou um susto, ainda dormindo. Ela se sentou de repente, piscando, confusa. Pelo pânico em seus olhos, concluí que os sonhos dela tinham sido piores que os meus.

— E-estamos mesmo aqui? Eu não sonhei?

— Está tudo bem — afirmei. — Você está segura.

Ela balançou a cabeça, o queixo tremendo.

— Não. Não estou, não.

Desnorteada, ela tirou os óculos, como se pudesse suportar aquilo melhor se não conseguisse ver direito os arredores.

— Não posso estar aqui. De novo, não.

— De novo?

De repente me lembrei de um verso da profecia de Indiana: *A filha de Deméter encontra raízes antigas.*

— Quer dizer que você *morava* aqui?

Meg examinou as ruínas, então deu de ombros, desolada. Só não ficou claro se isso queria dizer *Sei lá* ou *Não quero tocar no assunto.*

O deserto parecia um lar improvável para Meg, uma garota de rua de Manhattan criada na casa real de Nero.

Grover cofiou os pelos do cavanhaque, pensativo.

— Uma filha de Deméter… — disse ele. — Na verdade, faz muito sentido.

Olhei para ele.

— Aqui? Um filho de Vulcano, talvez. Ou de Ferônia, a deusa da mata. Ou até de Méfitis, a deusa dos gases venenosos. Mas de Deméter? O que uma filha de Deméter teria para cultivar aqui? Pedras?

Grover pareceu ofendido.

— Você não entende. Quando conhecer o pessoal…

Meg saiu de debaixo da tenda e ficou de pé, sem conseguir se apoiar direito na perna machucada.

— Tenho que ir.

— Espere! — implorou Grover. — Precisamos da sua ajuda. Pelo menos fale com os outros!

Meg hesitou.

— Outros?

Grover apontou para o norte. Só consegui ver o que ele queria mostrar quando me levantei: seis estruturas meio escondidas atrás das ruínas, todas brancas e quadradas como… galpões de depósito? Não. Estufas. A mais próxima das ruínas tinha derretido havia muito tempo, sem dúvida vítima do incêndio que arrasara o lugar; e o telhado e as paredes de policarbonato corrugado da segunda estufa tinham desabado como um castelo de cartas; mas as outras quatro pareciam intactas, com vasos de cerâmica do lado de fora e as portas abertas. Lá dentro, plantas tomavam o espaço, as folhas de palmeira empurrando as paredes transparentes, como mãos gigantescas querendo sair.

Não entendi como alguma coisa conseguia sobreviver naquela aridez escaldante, ainda mais dentro de uma estufa feita para deixar o ambiente mais quente. E também não queria chegar nem um pouco mais perto daquelas caixas quentes e claustrofóbicas.

Grover abriu um sorriso encorajador.

— Com certeza todo mundo já está acordado. Venham, vou apresentar vocês para a galera!

5

Medicina natural:
Cure os meus cortes,
Remédios de suculentas

GROVER NOS LEVOU para a primeira das estufas ainda em funcionamento. O cheiro do lugar lembrava o hálito de Perséfone.

Isso não é um elogio. A srta. Primavera ficava sentada ao meu lado nos jantares de família e não tinha nenhum receio de compartilhar sua halitose. Imaginem um cesto de lixo cheio de matéria orgânica molhada e cocô de minhoca: esse era o cheiro. Ai, como eu amo a primavera.

As plantas tinham tomado o interior da estufa — o que foi meio apavorante, já que a maioria era cactos. Um cacto-abacaxi do tamanho de um barril estava logo na entrada, os espinhos amarelos grossos como espetos de churrasquinho. No canto dos fundos ficava uma árvore de Josué magnífica, os galhos desgrenhados tocando o teto. Uma opúncia enorme estava aberta em flor, encostada na parede oposta, e frutas roxas pendiam dos muitos espinhos duros — pareciam deliciosas, não fosse o fato de que cada uma tinha mais espinhos do que a clava favorita de Ares. Mesas de metal gemiam sob o peso de incontáveis cactos e suculentas: salicórnias, escobarias, chollas e dezenas de outras plantas cujos nomes eu não sabia. Cercado de tantos espinhos e flores, naquele calor tão opressivo, me senti outra vez no camarim de Iggy Pop no Coachella de 2003.

— Voltei! — anunciou Grover. — E trouxe amigos!

Silêncio.

Mesmo no pôr do sol, a temperatura lá dentro era tão alta, e o ar, tão denso, que achei que fosse morrer de insolação em cerca de quatro minutos. E olha que eu era o deus do Sol.

Até que enfim surgiu a primeira dríade. Uma bolha de clorofila se inflou na lateral do figo-da-índia, estourando em névoa verde. As gotículas de névoa se uniram até formar uma garotinha com pele esmeralda, cabelo amarelo espetado e um vestido todo franjado de espinhos de cacto. O olhar dela era quase tão afiado quanto o vestido — e por sorte direcionado a Grover, não a mim.

— Por *onde* você andou? — perguntou ela.

— Ah. — Grover pigarreou. — Eu fui chamado. Convocação mágica. Depois eu conto tudo. Mas, olha, eu trouxe o Apolo! E essa é Meg, filha de Deméter!

Ele exibiu Meg como se a garota fosse o prêmio fabuloso de algum

programa de auditório.

A dríade não se animou.

— Humpf. Até que as filhas de Deméter são legais. Eu sou Figo-da-índia. Ou Fig, para facilitar.

— Oi — cumprimentou Meg, sem forças.

A dríade estreitou os olhos para mim. Considerando o vestido cheio de espinhos, torci para ela não ser do tipo que gosta de abraçar.

— Você é o Apolo... *o deus Apolo*? — perguntou ela. — Não acredito!

— Tem dias que nem eu acredito — admiti.

Grover olhou em volta.

— Onde estão as outras?

Aproveitando a deixa, outra bolha de clorofila explodiu de uma das suculentas, e surgiu uma segunda dríade, uma jovem robusta usando um vestido largo que lembrava uma flor de alcachofra. O cabelo era uma floresta de triângulos verde-escuros; o rosto e os braços brilhavam como se estivessem cobertos de óleo. (Pelo menos eu esperava que fosse óleo, não suor.)

Ela deu um grito quando viu nosso estado:

— Ah! Vocês estão feridos?

Fig revirou os olhos.

— Al, para com isso.

— Mas eles parecem feridos! — Al se aproximou e segurou minha mão. Sua pele era fria e oleosa. — Vou pelo menos cuidar desses cortes. Grover, por que não *curou* esses coitadinhos?

— Eu tentei! — protestou o sátiro. — Mas foram muitos danos!

Aí está o resumo da minha vida, pensei: *Foram muitos danos.*

Al passou as pontas dos dedos em meus cortes, deixando trilhas de gosma, como as lesmas. Não foi uma sensação agradável, mas amenizou a dor.

— Ah, você é Aloe Vera — compreendi. — Eu sempre usei você para fazer pomadas cicatrizantes!

A dríade abriu um sorriso.

— Ele se lembra! Apolo se lembra de mim!

Uma terceira dríade saiu do tronco da árvore de Josué, nos fundos do salão. Era uma dríade *macho*, o que era bem raro. A pele era marrom como a casca da árvore, o cabelo castanho comprido e desgrenhado, as roupas de um tecido cáqui surrado. Parecia um explorador voltando da selva.

— Oi, sou Josué. Bem-vindos a Aeithales.

Foi bem naquele momento que Meg McCaffrey decidiu desmaiar.

Eu poderia ter avisado que *nunca* era legal desmaiar na frente de um cara atraente. Essa estratégia *nunca* funcionou comigo, nem em milhares de anos. Ainda assim, como bom amigo que eu era, consegui

segurá-la antes que caísse de cara no cascalho.

— Ah, coitadinha! — Aloe Vera olhou feio para Grover. — Ela está exausta e morrendo de calor. Você não deixou a menina descansar?

— Ela dormiu a tarde inteira!

— Mas está desidratada. — Aloe tocou a testa de Meg. — Ela precisa é de água.

Fig fungou.

— E não é do que todos precisamos?

— Levem essa menina para a Cisterna — ordenou Al. — Mellie já deve ter acordado. Daqui a pouquinho eu encontro vocês lá.

Grover se animou.

— Mellie está aqui? Eles conseguiram?

— Chegaram hoje de manhã — respondeu Josué.

— E os grupos de busca? — insistiu Grover. — Alguma notícia?

As dríades trocaram olhares preocupados.

— Não temos boas notícias — disse Josué. — Só um grupo voltou, e…

— Com licença — intervim. — Não tenho ideia do que vocês estão falando, mas Meg é bem pesada. Onde eu deixo a garota?

Grover se endireitou.

— Certo. Desculpe, vou mostrar. — Ele passou o braço de Meg por cima dos ombros, dividindo o peso da menina. Então se virou para as dríades. — Gente, que tal jantarmos na Cisterna? Temos muito o que conversar.

Josué assentiu.

— Vou avisar o pessoal das outras estufas. E, Grover, você prometeu enchiladas. Três dias atrás.

— Eu sei. — O sátiro suspirou. — Vou buscar mais.

Juntos, levamos Meg para fora da estufa. Enquanto a arrastávamos pela encosta, não consegui conter a curiosidade — era uma dúvida muito cruel, e *tive* que perguntar:

— Dríades comem enchilada?

Ele pareceu ofendido.

— Claro, ué! Achou que elas só comessem fertilizantes?

— Bom… é.

— Esses estereótipos...

Decidi que era uma boa deixa para mudar de assunto.

— Foi coisa da minha cabeça, ou Meg desmaiou porque ouviu o nome deste lugar? *Aeithales.* É grego antigo para *sempre-viva*, se bem me lembro.

Achei um nome estranho para um lugar no meio do deserto. Por outro lado, não era mais estranho do que dríades comendo enchilada.

— O nome estava entalhado na antiga soleira da porta — explicou Grover. — Tem muita coisa que não sabemos sobre as ruínas, mas,

como falei, este lugar tem muita energia da natureza. Quem morava aqui e criou as estufas sabia bem o que estava fazendo.

Gostaria de poder dizer o mesmo sobre mim.

— As dríades não *nasceram* naquelas estufas? Então elas não sabem quem as plantou?

— A maioria era jovem demais quando a casa pegou fogo. Algumas das plantas mais velhas talvez até se lembrassem de algo, mas ainda estão dormentes — Grover apontou para as estufas destruídas —, ou não estão mais entre nós.

Fizemos um minuto de silêncio pelas suculentas que já tinham partido.

Grover nos conduziu até o maior cilindro de concreto. A julgar pelo tamanho e posição no centro das ruínas, concluí que provavelmente era a coluna de sustentação central da estrutura incendiada. A circunferência era pontilhada por aberturas irregulares no nível do chão, como janelas de um castelo medieval. Arrastamos Meg por uma delas, chegando a um lugar bem parecido com o poço onde enfrentamos as estriges.

O topo era aberto, e dava para ver o céu. Uma rampa descia até o fundo, espiralando ao longo da parede. Por sorte, eram apenas seis metros até lá embaixo. No centro do chão de terra cintilava um laguinho azul-escuro. Parecia o buraco de um donut gigante. A água refrescava o ar, e os arredores pareciam até agradáveis e convidativos. Em volta do laguinho havia sacos de dormir, e cactos floridos brotavam de alcovas nas paredes.

A Cisterna não era uma estrutura elegante, nada como o pavilhão de jantar do Acampamento Meio-Sangue ou a Estação Intermediária de Indiana. Mas, lá dentro, me senti melhor e mais seguro. Entendi o que Grover queria dizer: aquele lugar vibrava com uma energia tranquilizadora.

Levamos Meg até o fim da rampa sem cair nem tropeçar, o que considerei uma grande vitória. Nós a deitamos num dos sacos de dormir, e Grover se levantou e olhou em volta.

— Mellie? — chamou ele. — Gleeson? Estão aqui?

O nome Gleeson me soou vagamente familiar, mas, como sempre, não consegui me lembrar bem de onde eu o conhecia.

Nenhuma bolha de clorofila surgiu das plantas. Meg, ainda apagada, se virou de lado e murmurou… alguma coisa sobre Pêssego. Filetes de névoa branca começaram a se erguer da beira do laguinho, juntando-se até se fundirem na forma de uma mulher pequena de vestido prateado. O cabelo escuro flutuava em volta da cabeça, como se ela ainda estivesse embaixo d’água, deixando à mostra as orelhas meio pontudas. Ela carregava um bebê adormecido num sling pendurado no ombro. A criança devia ter uns sete meses, tinha cascos

no lugar dos pezinhos, e chifrinhos de bode despontavam da cabeça. A bochecha gorducha estava amassada em um dos ombros da mãe, e a boca era uma verdadeira cornucópia de baba.

A ninfa das nuvens (o que ela com certeza era) sorriu para Grover. Seus olhos castanhos estavam injetados e sonolentos, e ela levou um dedo aos lábios, pedindo silêncio para não acordar o bebê. Eu não podia culpá-la: bebês sátiros são barulhentos e agitados, e destroem com seus dentinhos várias latas por dia.

— Mellie, você conseguiu! — sussurrou Grover.

— Grover, querido. — Ela olhou para Meg, dormindo ali no chão, e inclinou a cabeça para mim. — Você é... Você é ele?

— Apolo? Sou.

Mellie comprimiu os lábios.

— Ouvi boatos, mas não acreditei. Coitadinho. Como está aguentando?

No passado, eu teria debochado de qualquer ninfa que *ousasse* me chamar de coitadinho. Claro que muitas não teriam sequer demonstrado essa consideração por mim — em geral estavam ocupadas demais fugindo. Mas aquela preocupação toda de Mellie me deixou com um nó na garganta. Fiquei tentado a apoiar a cabeça no outro ombro dela e chorar minhas inúmeras pitangas.

— Eu... Eu estou bem — consegui dizer. — Obrigado.

— E essa sua amiga adormecida?

— Acho que ela só está exausta. — Eu me perguntava se era só isso mesmo. — Aloe Vera disse que daqui a pouco viria cuidar dela.

Mellie pareceu preocupada.

— Tudo bem. Vou ficar de olho para Aloe não exagerar.

— Exagerar?

Grover tossiu.

— Cadê o Gleeson?

Mellie observou em volta, como se só agora percebesse que o tal do Gleeson não estava ali.

— Não sei. Desde que chegamos, passei o dia inteiro dormindo. Ele disse que ia até a cidade buscar equipamentos de camping. Que horas são?

— Já passou do pôr do sol — respondeu Grover.

— Então ele já deveria ter voltado. — O corpo de Mellie tremeluziu de agitação, ficando tão indistinto que tive medo de o bebê atravessá-lo e cair.

— Gleeson é seu marido? — tentei adivinhar. — Um sátiro?

— É, Gleeson Hedge.

Foi quando eu lembrei, mas muito vagamente: o sátiro que velejou com os heróis semideuses no *Argo II*.

— Você sabe aonde ele foi?

— Passamos por uma loja de equipamento militar no pé da colina vindo para cá. Ele ama essas lojas. — Mellie se virou para Grover. — Talvez ele tenha se distraído e perdido a hora, mas… Será que vocês podem dar uma olhada?

Naquele momento, percebi como Grover Underwood estava exausto. Os olhos estavam ainda mais vermelhos do que os de Mellie, os ombros caídos, a flauta pendurada de qualquer jeito no pescoço. Ao contrário de Meg e de mim, ele não dormia desde a noite anterior, no Labirinto. E Grover tinha usado o grito de Pã, nos levado até um lugar seguro e passado o dia inteiro nos protegendo, esperando as dríades acordarem. Agora, recebia mais uma missão: ir atrás de Gleeson Hedge.

Ainda assim, ele conseguiu abrir um sorriso.

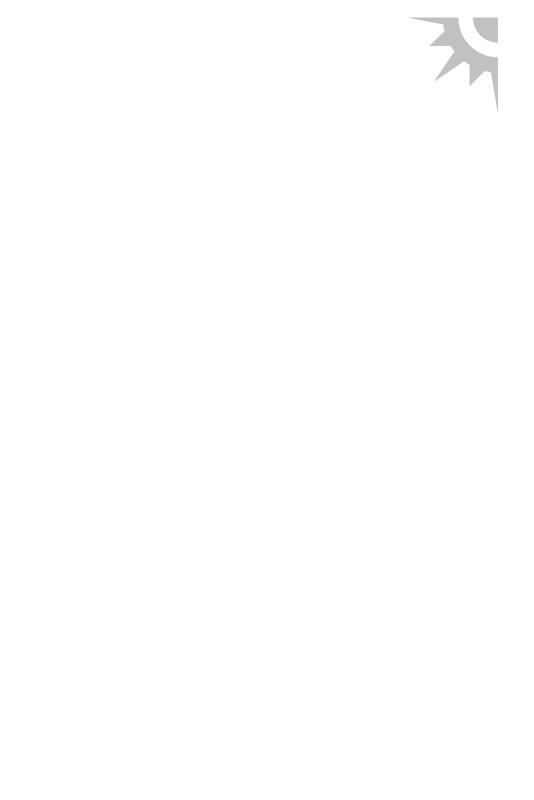
— Claro, Mellie.

A dríade lhe deu um beijo na bochecha.

— Você é o melhor Senhor da Natureza de todos!

Grover ficou vermelho.

— Cuide de Meg McCaffrey até a gente voltar, tudo bem? Venha, Apolo. Vamos fazer compras.

6

Labaredas nos atacam
Eu amo o deserto
Mas vou torrar nesse sol

MESMO DEPOIS DE quatro mil anos, eu ainda tinha muitas lições de vida a aprender. Por exemplo: nunca faça compras com um sátiro.

Encontrar a loja a que Hedge fora demorou uma eternidade, porque Grover toda hora se distraía. Ele parou para conversar com uma mandioca, deu instruções para uma família de esquilos e farejou fumaça, o que nos levou em uma busca deserto adentro atrás de uma bituca de cigarro que tinha sido descartada na estrada.

— É assim que começam os incêndios — explicou, comendo a bituca (um descarte responsável).

Eu não via nada que pudesse pegar fogo num raio de um quilômetro e meio, e tinha certeza quase absoluta de que pedras e terra não eram inflamáveis, mas não ia discutir com gente que come cigarro. Continuamos a busca pela loja de equipamento militar.

A noite caiu. O horizonte cintilava, mas não com a luz laranja habitual da poluição dos mortais, e sim com o vermelho ameaçador de um inferno distante. Fumaça bloqueava as estrelas, e a temperatura não baixou muito. O ar ainda tinha um cheiro amargo e *errado*.

Eu me lembrei de quando quase fomos incinerados por aquela labareda, ainda no Labirinto. Era um calor que parecia ter vontade própria, como uma malevolência ressentida. Dava para imaginar essas ondas de fogo se espalhando sob a superfície, tomando o Labirinto e transformando o terreno mortal acima em um deserto ainda mais inabitável.

Lembrei-me do sonho com a mulher presa por correntes incandescentes em uma plataforma sobre um lago de lava. Apesar das memórias confusas, eu tinha certeza de que a mulher era Sibila Eritreia, o próximo oráculo que precisávamos libertar dos imperadores. Algo me dizia que ela estava aprisionada bem no centro de… do que quer que estivesse gerando aqueles fogos subterrâneos. Eu não gostava da ideia de procurá-la.

— Grover, lá na estufa você falou alguma coisa sobre grupos de busca.

Ele me encarou e engoliu em seco com uma careta de sofrimento, como se a guimba de cigarro ainda estivesse presa na garganta.

— Já faz meses que os sátiros e dríades mais bem-dispostos e resistentes começaram a percorrer a região. — Seus olhos estavam

fixos na estrada. — Não temos muitas equipes de busca. Com o calor e os incêndios, os cactos são os únicos espíritos da natureza que ainda conseguem se manifestar. Foram poucos os que voltaram com vida, pelo menos até agora. Nós não... não sabemos muito dos outros.

— E estão procurando o quê, afinal? A fonte dos incêndios? O imperador? O oráculo?

Os sapatos adaptados para cobrir os cascos de Grover deslizaram, escorregando no acostamento de cascalho.

— Está tudo interligado; tem que estar. Só fiquei sabendo do oráculo porque você me contou. Mas, se o imperador quer tanto escondê-lo, deve ser no Labirinto. E o Labirinto é a fonte dos nossos problemas com o fogo.

— Esse labirinto que você está falando é *O Labirinto*?

— Mais ou menos. — O lábio inferior de Grover tremia. — A rede de túneis sob o sul da Califórnia… A gente acha que ela faz parte do Labirinto, mas tem alguma coisa acontecendo com esta área em especial. É como se este pedaço do Labirinto estivesse… infectado. Como se estivesse com febre. Os fogos estão se juntando, se fortalecendo. E, às vezes, eles se juntam e cospem… Ali!

Ele apontou para o sul. Uns quatrocentos metros acima, na colina mais próxima, uma enorme labareda amarela se projetou para o céu; parecia a ponta ardente de um maçarico. O fogo sumiu de repente, deixando um rastro de rocha derretida. Considerei o que teria acontecido se eu estivesse bem ali quando o fogo jorrou do buraco.

— Isso não é normal — comentei, sentindo os tornozelos meio bambos, como se fosse eu quem tivesse pés falsos.

Grover assentiu.

— Já tínhamos problemas suficientes na Califórnia: secas, mudanças climáticas, poluição, o de sempre. Mas essas chamas… — Ele ficou sério. — É alguma magia que não entendemos. Passei quase um ano inteiro andando pela região, tentando encontrar a fonte de calor e acabar com ela. Perdi tantos amigos...

A voz dele falhou. Eu entendia bem a sensação. Ao longo dos séculos, perdi muitos mortais queridos para mim, mas me lembrei de um em particular naquele momento: o grifo Heloísa, que morreu na Estação Intermediária tentando defender o ninho e nos proteger do ataque do imperador Cômodo. Ainda via seu corpo frágil, as penas se desintegrando naquele canteiro de erva-de-gato, no jardim do telhado de Emmie…

Grover se ajoelhou e pegou um punhado de mato. As folhas quebraram e se desfizeram.

— É tarde demais — murmurou. — Quando eu estava procurando por Pã, pelo menos tinha alguma esperança. Achava que podia encontrar meu deus, e que ele salvaria a todos nós. Mas agora… Bem,

o deus da natureza está morto.

Fiquei olhando as luzes cintilantes de Palm Springs, tentando imaginar Pã em um lugar como aquele. Os humanos tinham mudado demais o mundo natural; não era de se surpreender que Pã tivesse minguado e enfraquecido até desaparecer de vez. Tinha deixado o que restava de seu espírito para seus seguidores, os sátiros e as dríades, confiando a eles sua missão de proteger a natureza.

Eu podia ter dito a Pã que isso era uma péssima ideia. Uma vez, saí de férias e confiei o reino da música a um seguidor meu, Kenny G. Quando voltei, um tempo depois, a música pop tinha sido infectada por saxofones melosos e mullets, e o Simple Red dominava o horário nobre da televisão. *Nunca mais faço isso.*

— Pã ficaria orgulhoso em ver seu empenho — falei, mas nem eu botei muita fé naquilo.

Grover se levantou.

— Meu pai e meu tio se sacrificaram na busca por Pã. Eu só queria um pouco mais de ajuda para fazer o trabalho dele. Os humanos parecem não se importar, nem mesmo os semideuses. Nem mesmo…

Ele deixou a frase no ar, mas desconfiei que estava prestes a dizer “Nem mesmo os deuses”.

E eu tinha que admitir que ele estava certo.

Os deuses não costumam sentir a dor da perda de um grifo, de algumas dríades ou mesmo de um ecossistema inteiro. *Ah, eu não tenho nada a ver com isso*, pensaríamos.

Mas, quanto mais tempo eu passava naquele corpo mortal, mais me abalava com até mesmo a menor das perdas.

Eu odiava aquela vida de mortal.

Seguimos pela estrada que contornava o muro de um condomínio, avançando até os letreiros de néon das lojas mais ao longe. Eu tomava cuidado onde pisava, dando cada passo com medo de que uma labareda de fogo pudesse me transformar em churrasco grego.

— Você disse que tudo está conectado — lembrei. — Acha que foi o terceiro imperador que criou esse labirinto de fogo?

Grover olhou em volta, como se o terceiro imperador pudesse pular de trás de uma palmeira com um machado e uma máscara assustadora. Considerando minhas suspeitas sobre a identidade dele, isso talvez não fosse exagero.

— Acho. Mas não sabemos como nem por quê, não sabemos nem mesmo onde ele está. Até onde eu sei, esse imperador muda de base constantemente.

— E… — Engoli em seco, com medo de perguntar. — E a identidade dele?

— Só sabemos que ele usa o título de *NH*. De *Neos Helios*.

Senti como se um esquilo fantasma subisse pelas minhas costas,

mordiscando minha coluna.

— É grego. Quer dizer *Novo Sol.*

— Isso mesmo. Não é um nome de imperador romano.

Não, pensei. *Mas era um dos títulos favoritos dele*.

Decidi não compartilhar essa informação. Não ali, no escuro, só com um sátiro medroso como companhia. Se eu confessasse o que sabia naquele momento, havia grandes chances de Grover e eu abrirmos o berreiro, chorando nos braços um do outro — o que não ajudaria em nada, além de ser muito constrangedor.

Passamos na frente do portão do condomínio PALMEIRAS DO DESERTO (sério que alguém foi *pago* para criar esse nome?) e seguimos até as lojas mais próximas, lanchonetes e postos de gasolina cintilando ao sol.

— Eu estava torcendo para que Mellie e Gleeson conseguissem mais informações — comentou Grover. — Eles tinham ido para Los Angeles com alguns semideuses. Achei que talvez tivessem mais sorte na busca pelo imperador, ou pelo menos que tivessem conseguido encontrar o coração do labirinto.

— Por isso a família Hedge veio aqui para Palm Springs? Para compartilhar informações?

— Também.

Pelo tom de Grover, havia um motivo mais sombrio e triste por trás da vinda de Mellie e Gleeson, mas eu não quis insistir.

Paramos em um grande cruzamento, e do outro lado do bulevar ficava uma loja enorme com uma placa vermelha e iluminada anunciando: MALUQUICE MILITAR DO MARCO! O estacionamento estava quase vazio, só havia um velho Chevette amarelo estacionado perto da estrada.

Li outra vez a placa da loja. Olhando com atenção, percebi que o nome não era *MARCO*, e sim *MACRO*. Talvez eu tivesse desenvolvido a tal dislexia de semideus depois de andar tanto tempo com eles.

A loja parecia o tipo de lugar que eu jamais gostaria de visitar. E era macro no sentido de *aumentado,* de *informática* ou… de alguma outra coisa? Por que aquela palavra fazia mais esquilos correrem pela minha espinha?

— Parece fechada — comentei, sem conseguir pensar direito. — Não deve ser essa loja.

— É, sim. — Grover apontou para o Chevette. — Aquele é o carro do Gleeson.

Claro que é, pensei. *Com a minha sorte, como não seria?*

Queria fugir. Eu não estava gostando de como o letreiro vermelho gigante banhava o asfalto numa luz vermelho-sangue. Mas Grover Underwood tinha nos guiado pelo Labirinto, e, depois de toda a conversa sobre os amigos que ele perdera, eu não ia permitir que mais

um se fosse. Eu me virei para ele.

— Muito bem, então. Vamos atrás de Gleeson Hedge.

7

Os momentos em família
Deviam ter pizza
Não explosivos mortais

QUÃO DIFÍCIL PODE ser encontrar um sátiro numa loja de equipamentos militares?

Muito difícil, pelo que vi.

Aquela loja não tinha fim, era um corredor atrás do outro, todos cheios de equipamentos que nenhum exército de respeito usaria. Perto da entrada, um cesto gigante sob um letreiro roxo de néon prometia: CHAPÉUS DE SAFÁRI! COMPRE 4 E PAGUE 3! Uma estante no fim do corredor exibia tanques de propano empilhados no formato de uma árvore de natal, com guirlandas de mangueiras de maçarico e uma placa com a inscrição: SEMPRE É TEMPO DE CELEBRAR! Dois corredores de quatrocentos metros de comprimento eram dedicados apenas a roupas camufladas, de todos os tons possíveis: marrom-deserto, verde-floresta, cinza-ártico e rosa-shocking, para o caso de sua equipe de operação especial precisar se infiltrar em uma festa de aniversário infantil com o tema PRINCESAS.

Havia placas informativas acima de cada corredor: PARAÍSO DO HÓQUEI NO GELO, PINOS DE GRANADA, SACOS DE DORMIR, SACOS PARA CORPOS, LAMPIÕES DE QUEROSENE, BARRACAS DE CAMPING, VARAS GRANDES E PONTUDAS. No fim da loja, a cerca de meio dia de caminhada, uma enorme faixa amarela anunciava: ARMAS DE FOGO!!!

Olhei para Grover, que parecia ainda mais pálido sob as luzes fluorescentes.

— Que tal começar com o equipamento de camping?

Grover pareceu confuso ao observar uma estante cheia de estacas com as cores do arco-íris.

— Conhecendo o treinador Hedge, ele está na seção de armas.

Com isso, começamos a caminhada na direção da distante terra prometida das ARMAS DE FOGO!!!

Não gostei da iluminação da loja, que era forte demais. Não gostei da música, que era alegre demais, nem do ar-condicionado, que era frio demais e deixava o ambiente gelado como um necrotério.

Os poucos atendentes nos ignoraram. Um jovem colava adesivos indicando 50% DE DESCONTO em banheiros químicos Cocomóvel®. Outro funcionário estava parado diante da máquina registradora do caixa rápido, como se tivesse alcançado um nirvana induzido pelo tédio. Todos usavam colete amarelo com a logomarca do Macro atrás: um

centurião romano sorridente fazendo o sinal de *joinha.*

Também não gostei da logo.

Na parte da frente da loja ficava uma cabine elevada com vitrines de acrílico, como o posto de diretor em uma prisão. Lá ficava a mesa do supervisor, e um homem grande como um touro estava sentado diante dela, a careca reluzente, veias saltando do pescoço. A camisa e o colete amarelo mal continham os músculos volumosos dos braços, e as sobrancelhas brancas e peludas lhe davam uma aparência assustada. Quando ele nos viu passar, abriu um sorriso que me deixou arrepiado.

— Acho que não devíamos estar aqui — murmurei para Grover.

Ele olhou para o supervisor.

— Tenho quase certeza de que não tem nenhum monstro aqui, senão eu teria sentido o cheiro. Aquele cara é humano.

Isso não me tranquilizou; algumas das criaturas de que eu menos gostava eram humanas. Mas mesmo assim segui Grover pela loja.

Como ele previra, Gleeson Hedge estava na seção de armas de fogo, assobiando enquanto enchia o carrinho de compras com miras de fuzil e escovas de limpar cano.

Deu para entender por que Grover o chamava de *treinador*. Hedge usava um short de poliéster azul vibrante que deixava as pernas peludas de bode expostas, um boné vermelho aninhado entre os pequenos chifres, uma camisa polo branca e um apito pendurado no pescoço, como se a qualquer momento pudesse ser chamado para arbitrar um jogo de futebol.

Ele parecia mais velho do que Grover, a julgar pelas rugas no rosto, mas era difícil ter certeza quando se tratava de sátiros, já que eles demoravam mais para amadurecer do que os humanos. Eu sabia que Grover tinha uns trinta e poucos anos, por exemplo, mas isso corresponde a apenas dezesseis em idade de sátiro. O treinador podia ter qualquer coisa entre quarenta e cem anos em tempo humano.

— Gleeson! — gritou Grover.

O treinador se virou e sorriu. O carrinho estava cheio de aljavas, caixas de munição e fileiras de granadas seladas em plástico que prometiam DIVERSÃO PARA TODA A FAMÍLIA!!!

— Oi, Underwood! Chegou na hora certa! Me ajude a pegar umas minas terrestres.

Grover fez careta.

— Minas terrestres?

— Bom, são só os revestimentos vazios — explicou Gleeson, apontando para uma fileira de latas de metal que pareciam cantis —, mas acho que dá para encher com explosivos e deixar as minas funcionais outra vez! Você prefere os modelos da Segunda Guerra Mundial ou da Guerra do Vietnã?

— Hã… — Grover me segurou e me empurrou para a frente. — Gleeson, este é Apolo.

Gleeson franziu a testa.

— Apolo… *O* Apolo? — Ele me olhou de cima a baixo. — Você é ainda pior do que eu pensava. Garoto, você precisa fazer mais exercícios.

— Nossa, muito obrigado. — Soltei um suspiro. — Nunca ninguém me deu esse conselho.

— Ah, eu conseguiria botar você em forma — refletiu Hedge. — Mas, primeiro, me ajudem. Minas? Espadas? O que vocês acham?

— Achei que você tivesse vindo comprar equipamento de camping.

Gleeson franziu a testa.

— *Isto aqui* é equipamento de camping. Se preciso ficar entocado naquela cisterna com minha esposa e meu filho, exposto a tudo que é perigo, vou me sentir bem melhor sabendo que estou armado até os dentes e cercado de explosivos! Tenho uma família para proteger!

— Mas… — Olhei para Grover, que balançou a cabeça como quem diz “melhor nem tentar”.

A essa altura, queridos leitores, vocês devem estar se perguntando: *Apolo, por que você protestaria? Gleeson Hedge está certo! Por que usar espadas e arcos se dá para lutar contra monstros usando minas e metralhadoras?*

Ora, quando se está lutando contra forças antigas, as armas modernas não são confiáveis, para dizer o mínimo. Os mecanismos-padrão de armas e bombas feitas por mortais tendem a emperrar em situações sobrenaturais. Explosões podem ou não dar conta do serviço, e a munição normal só irrita a maioria dos monstros. Alguns heróis até usam armas de fogo, mas a munição tem que ser feita de metais mágicos: bronze celestial, ouro imperial, ferro estígio, assim por diante.

Infelizmente, esses materiais são raros. Balas elaboradas com magia são trabalhosas de produzir e só podem ser usadas uma vez antes de se desintegrarem, enquanto uma espada de metal mágico dura milênios. Não é prático atirar a esmo quando se está lutando contra uma górgona ou uma hidra.

— Acho que você já tem uma boa variedade de suprimentos — comentei. — Além do mais, Mellie está preocupada. Você passou o dia todo fora.

— Não passei, não! — protestou Hedge. — Espere aí… Que horas são?

— Já está escuro — respondeu Grover.

O treinador piscou, confuso.

— Sério? Ah, droga! Acho que passei tempo demais na seção de granadas. Tudo bem, acho que…

— Com licença — soou uma voz atrás de mim.

O gritinho agudo que veio logo depois pode ter sido de Grover. Ou meu, quem pode saber? Eu me virei e vi que o homem careca e enorme da cabine do supervisor tinha se aproximado sorrateiramente e parado atrás da gente. Foi um truque e tanto, já que ele tinha mais de dois metros e devia pesar cento e quarenta quilos. O sujeito estava acompanhado de dois funcionários, que olhavam para o nada, impassíveis, munidos de etiquetadoras.

O gerente sorriu, erguendo bem as sobrancelhas brancas cabeludas, os dentes de vários tons de mármore de cemitério.

— Lamento *muito* ter que interromper. Não recebemos muitas celebridades, e eu… eu queria ter certeza. Você é Apolo? Quer dizer… *O* Apolo?

Ele parecia muito feliz em me conhecer. Olhei para meus companheiros sátiros. Gleeson assentiu, e Grover balançou a cabeça vigorosamente.

— E *se* eu fosse? — perguntei.

— Ah, suas compras sairiam de graça! — gritou o gerente. — E íamos estender um tapete vermelho para você passar!

Foi um truque sujo. Sempre adorei tapetes vermelhos.

— Bom, então, sim, eu sou Apolo.

O gerente deu um gritinho — um som que lembrava bastante o javali de Erimanto quando atirei no traseiro dele.

— Eu *sabia*! Sou seu maior fã. Meu nome é Macro. Bem-vindo à minha loja!

Ele olhou para os dois funcionários.

— Podem pegar o tapete vermelho para enrolar o Apolo? Mas primeiro vamos fazer com que as mortes dos sátiros sejam rápidas e indolores. É uma honra *imensa*!

Os funcionários ergueram as etiquetadoras, prontos para nos marcarem como itens de liquidação.

— Esperem! — gritei.

Os funcionários hesitaram. De perto, notei como eram parecidos: o mesmo cabelo escuro oleoso, os mesmos olhares vidrados, as mesmas posturas rígidas. Podiam ser gêmeos ou… um pensamento horrível surgiu no meu cérebro: podiam ser produtos de uma linha de montagem.

— Eu, hum, é… — comecei, poético até o fim. — E se eu não for realmente Apolo?

O sorriso de Macro perdeu um pouco do vigor.

— Bom, então eu teria que matar você por me decepcionar.

— Tudo bem, eu sou Apolo. Mas vocês não podem matar seus clientes. Não é assim que se gerencia uma loja de equipamentos militares!

Atrás de mim, Grover tentava conter o treinador Hedge, que, por sua vez, tentava desesperadamente abrir um pacote tamanho família de granadas enquanto xingava a embalagem à prova de crianças.

Macro juntou as mãos imensas.

— Sei que é muita grosseria de minha parte. Peço desculpas, lorde Apolo.

— Então… você não vai nos matar?

— Bom, como falei, não vou matar *você*. O imperador tem planos, precisa de você vivo!

— Planos — repeti.

Odeio planos. Eles me lembram coisas irritantes, como as reuniões de Zeus uma vez por século para estabelecer metas, ou ataques perigosamente complicados. Ou Atena.

— M-mas meus amigos... — gaguejei. — Vocês não podem matar os sátiros. Um deus da minha estatura não pode ser enrolado em um tapete vermelho sem seu séquito!

Macro olhou para os sátiros, que ainda brigavam com o embrulho fechado de granadas.

— Hum... Me desculpe, lorde Apolo, mas, sabe, é minha única chance de voltar a ficar de bem com o imperador. Tenho quase certeza de que ele não vai querer os sátiros.

— Quer dizer que vocês estão *de mal*?

Macro soltou um suspiro e começou a enrolar as mangas, como se esperasse um assassinato difícil e horrendo de sátiros pela frente.

— Infelizmente. Eu *não pedi* para ser exilado em Palm Springs! Ora, o princeps é muito seletivo com suas forças de segurança, e minhas tropas cometeram erros demais, então ele nos mandou para cá. Colocou aquele bando horrível de estriges, mercenários e orelhudos no nosso lugar. Dá para acreditar?

Eu não consegui acreditar nem entender. *Orelhudos?*

Observei os dois funcionários, ainda paralisados, as armas a postos, os olhos desfocados, e os rostos, inexpressivos.

— Seus funcionários são autômatos — enfim concluí. — Essas são as antigas tropas do imperador?

— Ora, sim. Mas eles são *totalmente* capazes. Quando eu entregar você, o imperador vai ter que admitir isso e me perdoar.

Macro tinha enrolado as mangas acima dos cotovelos, revelando cicatrizes brancas antigas, como se seus antebraços tivessem sido arranhados por uma vítima desesperada muitos anos atrás…

Eu me lembrei do sonho no palácio imperial, do pretor ajoelhado diante do novo imperador.

Tarde demais, eu me lembrei do nome daquele pretor.

— Névio Sutório Macro.

Macro abriu um sorriso para os funcionários robóticos.

— Não *acredito* que Apolo se lembra de mim. É uma honra tão grande!

Os funcionários robóticos não se impressionaram.

— Você matou o imperador Tibério — acusei. — Você o sufocou com um travesseiro.

Macro pareceu envergonhado.

— Bom, ele já estava noventa por cento morto. Eu só dei uma ajudinha.

— E você fez isso pelo imperador seguinte. — Um burrito de medo gelado afundou no meu estômago. — *Neos Helios*. É ele.

Macro assentiu, ansioso.

— Isso mesmo! O primeiro, o único, Caio Júlio César Augusto Germânico!

Ele abriu os braços, como se esperasse aplausos.

Os sátiros pararam de brigar. Hedge continuou mastigando o pacote de granadas, embora até seus dentes de sátiro estivessem tendo dificuldade com o plástico grosso.

Grover recuou, deixando o carrinho de compras entre ele e os funcionários da loja.

— C-caio quem? — Ele olhou para mim. — Apolo, o que isso quer dizer?

Eu engoli em seco.

— Quer dizer que a gente tem que correr. Agora!

8

A gente explode umas coisas
Mas não acabou:
Tem uns robôs assassinos

A MAIORIA DOS sátiros sabia fugir como ninguém.

Mas Gleeson Hedge não era como a maioria dos sátiros. Ele pegou uma escova de limpar armas no carrinho, gritou "MORRA!" e partiu para cima do gerente de cento e quarenta quilos.

Até os autômatos ficaram surpresos demais para reagir, o que provavelmente salvou a vida de Hedge. Eu segurei o sátiro pela gola da camisa e o puxei para trás, enquanto os primeiros tiros dos funcionários eram disparados para o alto, uma chuva de etiquetas laranja de desconto sobrevoando nossas cabeças.

Arrastei Hedge pelo corredor, e o treinador, com um chute impetuoso, derrubou o carrinho de compras nos pés dos nossos inimigos. Outra etiqueta de desconto roçou meu braço com a força do tapa de um titã furioso.

— Cuidado! — gritou Macro para seus homens. — Preciso de Apolo inteiro, não pela metade!

Gleeson remexeu nas prateleiras, pegou uma amostra do Coquetel Molotov com Autoacendimento (COMPRE UM, LEVE DOIS! PROMOÇÃO VÁLIDA APENAS NA REDE MACRO®) e jogou nos funcionários da loja, entoando um grito de batalha:

— Seu estoque de vida já era!

Macro berrou quando o coquetel molotov caiu em meio às caixas de munição de Hedge e, fiel à propaganda, explodiu em chamas.

— Para o alto e avante!

Hedge me pegou pela cintura, me jogou em um dos ombros como um saco de batatas e escalou as prateleiras em uma exibição épica de escalada sátira, pulando para o corredor seguinte bem na hora em que as caixas de munição começaram a explodir atrás de nós.

Caímos em uma pilha de sacos de dormir enrolados.

— Continue correndo! — ordenou Hedge, como se isso não tivesse passado pela minha cabeça.

Fui atrás dele, os ouvidos zumbindo. Do corredor de onde tínhamos acabado de sair vieram estrondos e gritos, como se Macro estivesse correndo em uma pipoqueira cheia de óleo.

Nenhum sinal de Grover.

Quando chegamos ao fim do corredor, um funcionário da loja surgiu na outra ponta, a etiquetadora apontada em nossa direção.

— Hi-YA!

Hedge deu um chute circular nele. Era um golpe famoso pela dificuldade. Não foram poucas as vezes em que Ares tentou praticar esse chute, caiu e quebrou o cóccix (procurem o vídeo ridículo que viralizou no Monte Olimpo ano passado e que com certeza *não* fui eu que jogou na rede).

Para minha surpresa, o treinador Hedge o executou com perfeição. Seu casco acertou e arrancou a cabeça do autômato. A criatura caiu de joelhos e depois para a frente, com fios soltando faíscas do pescoço.

— Uau. — Gleeson examinou o próprio casco. — Acho que a cera Bode de Ferro funciona mesmo!

O corpo decapitado do funcionário provocou flashbacks dos *blemmyae* de Indianápolis, que volta e meia perdiam as cabeças falsas, mas não tive tempo para ficar relembrando meu passado terrível tendo que lidar com um presente igualmente péssimo.

Atrás da gente, Macro gritou:

— Ah, o que vocês fizeram agora?

O gerente estava na outra ponta do corredor, com as roupas manchadas de fuligem, o colete amarelo tão esburacado quanto um pedaço fumegante de queijo suíço. Só que, de alguma forma, porque eu realmente sou um ex-deus muito sortudo, ele parecia ileso. O outro funcionário da loja parou ao lado dele, a cabeça robótica pegando fogo, mas aparentemente ele não estava nem aí.

— Apolo — repreendeu Macro —, não adianta lutar contra meus autômatos. Esta é uma loja de artigos militares. De onde vieram esses, tem mais cinquenta.

Olhei para Hedge.

— Vamos dar o fora daqui.

— Só se for agora. — Hedge pegou um taco de croqué em uma estante ali perto. — Cinquenta desses robozinhos talvez sejam demais até para mim.

Contornamos a seção de barracas de camping e ziguezagueamos pelo Paraíso do Hóquei, tentando achar a entrada da loja. Ao longe, Macro continuava vociferando ordens:

— Peguem eles! Nem morto vou ser obrigado a me suicidar de novo!

— *De novo?* — murmurou Hedge, se abaixando para desviar do braço de um manequim de hóquei.

— Ele trabalhou para o imperador — expliquei, ofegante, tentando não ficar para trás. — Velhos amigos. Mas — *ofego* — o imperador não confiava nele. Ordenou sua prisão — *ofego* — e execução.

Paramos ao final de um corredor. Gleeson deu uma espiada para checar se nossos inimigos hostis tinham nos seguido.

— Então Macro se suicidou, é isso? — perguntou Hedge. — Que

coisa. Por que ele está trabalhando para esse imperador louco de novo, se o cara queria matá-lo?

Eu limpei o suor dos olhos. Sinceramente, por que os corpos mortais tinham que suar tanto?

— Imagino que o imperador tenha trazido o súdito de volta à vida, dado uma nova chance a ele. Os romanos são meio estranhos com essa coisa de lealdade.

Hedge grunhiu.

— Por falar nisso, cadê o Grover? — perguntou ele.

— Quase chegando à Cisterna, se ele for esperto.

Hedge franziu a testa.

— Não. Acho meio difícil ele ter feito isso. Bom…

Ele apontou para as portas de vidro automáticas, que davam para o estacionamento. O Chevette amarelo do treinador estava tão perto, tão atraente… E essa foi a primeira vez que *Chevette*, *amarelo* e *atraente* foram usados juntos em uma frase.

— Pronto?

Corremos até a entrada da loja.

As portas não colaboraram. Eu bati de cara em uma e cambaleei para trás. Gleeson atacou a outra com o taco de croqué, depois tentou alguns chutes à la Chuck Norris, mas seus cascos encerados com Bode de Ferro não fizeram nem um arranhãozinho na porta.

Mais atrás, Macro disse:

— Ai, caramba.

Eu me virei, tentando conter um choramingo. O gerente estava a seis metros de distância, bem embaixo de um bote para rafting suspenso do teto com uma placa na proa: UM RIO DE ECONOMIAS! Eu estava começando a entender por que o imperador ordenou que Macro fosse preso e executado. Para um homem daquele tamanho, ele era bom demais em se aproximar sorrateiramente das pessoas.

— Essas portas de vidro são à prova de bombas — anunciou Macro. — Nós até temos algumas em promoção esta semana, no departamento de melhorias para abrigos nucleares, mas acho que não faria muita diferença para vocês.

De vários corredores, mais funcionários de coletes amarelos surgiram; doze autômatos idênticos, alguns ainda cobertos de plástico-bolha, como se tivessem acabado de sair do depósito. Eles se aglomeraram atrás de Macro.

Eu puxei meu arco. Disparei uma flecha no brutamontes, mas minhas mãos tremiam tanto que a flecha passou longe e se fincou na testa enrolada em plástico-bolha de um autômato com um *pop!* seco. O robô mal se deu conta.

— Humm. — Macro fez uma careta. — Você realmente é um mortal agora, né? Acho que é verdade o que dizem: “Nunca conheça

seus deuses. Eles vão decepcionar você." Só espero que tenha sobrado alguma parte de você aí para o ritual macabro do imperador.

— Parte de m-mim? — perguntei, gaguejando. — Ritual m-macabro?

Torci para que Gleeson Hedge tomasse alguma atitude inteligente e heroica. Não era possível que ele não tivesse uma bazuca portátil no bolso do short de tactel. Ou talvez o apito do treinador fosse mágico. Mas Hedge parecia tão desolado e desesperado quanto eu, o que não era justo. Desolado e desesperado eram os *meus* adjetivos.

Macro estalou os dedos.

— Poxa, é uma pena. Eu sou muito mais leal do que *ela*, mas não vou reclamar. Quando eu levar você até o imperador, vou ser recompensado! Meus autômatos vão receber uma segunda chance e vão voltar a integrar a guarda pessoal do imperador! Depois disso, que diferença faz para mim? A feiticeira pode levar você para o Labirinto e fazer a magia dela, tô nem aí.

— Magia d-dela?

Hedge ergueu o taco de croqué.

— Vou tentar derrubar o máximo que conseguir — murmurou ele para mim. — Encontre outra saída.

Foi uma ótima sugestão. Infelizmente, não achava que o sátiro fosse conseguir ganhar muito tempo. Também não me parecia a melhor ideia do mundo ter que explicar para aquela ninfa das nuvens gentil e sonolenta, Mellie, que o marido foi morto por um esquadrão de robôs embrulhado em plástico-bolha. Ah, minha empatia mortal estava *mesmo* falando mais alto!

— Quem é essa feiticeira? — perguntei. — O que… O que ela planeja fazer comigo?

Macro abriu um sorriso frio e nada sincero. Eu fizera o mesmo em muitas ocasiões no passado, sempre que alguma cidade grega rezava para que eu a salvasse de uma praga e eu tinha que dar a notícia: *Caramba, sinto muito, mas eu* provoquei *a praga porque não gosto de vocês. Tenham um bom dia!*

— Você vai descobrir logo, logo — prometeu Macro. — Não acreditei quando ela disse que você cairia na nossa armadilha, mas aqui está você. Ela previu que você não conseguiria resistir ao Labirinto de Fogo. Bom, vamos lá. Milimaníacos, matem o sátiro e capturem o antigo deus!

Os autômatos se aproximaram.

Na mesma hora, um borrão verde, vermelho e marrom chamou minha atenção, um borrão que lembrava muito um sátiro pulando do alto do corredor mais próximo, se pendurando em um lustre fluorescente e se lançando no bote de rafting acima da cabeça de Macro.

Antes que eu pudesse gritar *Grover Underwood!*, o bote caiu em cima de Macro e seus asseclas, soterrando-os em um rio de economias. Com um remo na mão, Grover pulou do barco e gritou:

— Venham!

A confusão nos permitiu alguns minutos para fugir, mas, com as portas trancadas, só nos restava correr para dentro da loja.

— Boa! — Hedge deu um tapinha nas costas de Grover enquanto corríamos pelo departamento de camuflados. — Eu sabia que você não nos abandonaria!

— Pois é, mas não tem *nenhuma* natureza aqui — reclamou Grover. — Não tem plantas. Não tem terra. Não tem luz natural. Como vamos lutar nessas condições?

— Armas! — sugeriu Hedge.

— Aquela parte toda da loja está pegando fogo — disse Grover —, graças a um coquetel molotov e algumas caixas de munição.

— Maldição! — disse o treinador.

Passamos por um display de armas de artes marciais, e os olhos de Hedge se iluminaram. Na mesma hora ele deixou o taco de croqué de lado e pegou um nunchaku.

— Agora sim! Vocês querem um shuriken ou um kusarigama?

— Eu quero *fugir* — disse Grover, balançando o remo. — Treinador, você tem que parar de bater de frente com esses loucos! Você tem família!

— Você acha que eu não sei disso? — rosnou o treinador. — Nós *tentamos* sossegar com os McLean em Los Angeles. E olha como *deu certo*.

Percebi que havia alguns detalhes ali a serem explorados: a saída deles de Los Angeles e a amargura de Hedge em relação a isso. Mas talvez fosse melhor deixar aquela conversa para depois, já que no momento estávamos em uma loja de artigos militares e precisávamos fugir de nossos inimigos.

— Sugiro que encontremos outra saída — anunciei. — Podemos fugir e discutir sobre armas ninja ao mesmo tempo, vejam só.

Essa proposta pareceu agradar aos dois.

Passamos pela seção de piscinas infláveis (como aquilo contava como equipamento militar, gente?), dobramos uma esquina e nos deparamos, em uma das laterais do prédio, com portas duplas e uma placa de SOMENTE FUNCIONÁRIOS.

Grover e Hedge dispararam e eu fiquei para trás, sem ar. De algum lugar ali perto, a voz de Macro ressoou:

— Você não tem como escapar, Apolo! Eu já liguei para o Cavalo. Ele vai chegar a qualquer momento!

Cavalo?

Por que aquela palavra gerava um acorde aterrorizador em si maior

vibrando nos meus ossos? Procurei em minhas memórias embaralhadas uma resposta clara, mas não encontrei nada.

Meu primeiro pensamento: talvez “Cavalo” fosse um nome de guerra. Talvez o imperador tivesse contratado um lutador maligno que usava capa preta de cetim, short brilhante de lycra e um elmo com formato de cabeça de cavalo.

Meu segundo pensamento: por que Macro podia pedir ajuda, e eu não? As comunicações dos semideuses estavam sendo sabotadas havia meses. Telefones com curto-circuito. Computadores derretidos. Mensagens de Íris e pergaminhos mágicos que não funcionavam. Enquanto isso, nossos inimigos pareciam não ter nenhum problema para se comunicar com deuses e o mundo dizendo *Apolo aqui em casa. Cadê vc? Me ajuda a matar ele!*

Não era justo.

Justo seria eu recuperar meus poderes imortais e transformar nossos inimigos em pó.

Cruzamos as portas que SOMENTE FUNCIONÁRIOS podiam acessar e encontramos uma área de depósito/carga e descarga com mais autômatos embrulhados em plástico-bolha, todos inertes e sem vida, como todo mundo nas festas de Héstia. (Ela até pode ser a deusa do lar, mas não sabe mesmo dar uma festa, coitada.)

Gleeson e Grover correram e começaram a puxar o portão de metal que dava para o lado de fora.

— Trancado.

Hedge bateu na porta com o nunchaku.

Dei uma olhada pelas janelinhas da porta de funcionários. Macro e seus asseclas estavam cada vez mais perto.

— Correr ou ficar? — perguntei. — Vamos ser encurralados de novo.

— Apolo, o que você tem? — perguntou Hedge.

— Como assim?

— Qual é sua carta na manga? Eu usei o coquetel molotov. Grover derrubou o barco. Agora é a sua vez. Fogo divino, talvez? Fogo divino seria útil.

— Eu tenho *zero* fogo divino na minha manga!

— Vamos ficar — decidiu Grover. Ele jogou o remo para mim. — Apolo, bloqueie as portas.

— Mas…

— Só não deixe Macro entrar!

Grover deve ter tido aulas de assertividade com Meg. Eu obedeci.

— Treinador — continuou Grover —, você pode tocar uma música para abrir a porta de carga e descarga?

Hedge grunhiu.

— Não faço isso há anos, mas vou tentar. O que *você* vai fazer?

Grover deu uma olhada nos autômatos adormecidos.

— Uma coisinha que minha amiga Annabeth me ensinou. Andem logo!

Eu enfiei o remo pelos puxadores das portas que davam para a loja e empurrei um poste de espirobol e o apoiei na porta. Hedge começou a apitar a melodia de "The Entertainer", de Scott Joplin. Nunca tinha passado pela minha cabeça que um apito poderia ser um instrumento musical. O desempenho do treinador Hedge não contribuiu muito para mudar esse pensamento.

Enquanto isso, Grover arrancava o plástico do autômato mais próximo. Ele bateu com o nó dos dedos na testa dele, produzindo um barulho metálico e oco.

— Bronze celestial de verdade — concluiu Grover. — Pode dar certo!

— O que você vai fazer? — perguntei. — Derretê-los para fazer armas?

— Não, ativar essas geringonças e fazer com que elas trabalhem para a gente.

— Eles não vão *nos* ajudar! Eles pertencem a Macro!

Por falar no pretor: Macro forçou as portas, sacudindo o remo e o suporte de poste de espirobol.

— Ah, pare com isso, Apolo! Pare de se fazer de difícil! — gritou ele.

Grover desembrulhou outro autômato.

— Durante a Batalha de Manhattan — disse ele —, quando estávamos lutando contra Cronos, Annabeth nos contou sobre um comando de anulação escrito no firmware dos autômatos.

— Isso só serve para estátuas públicas de Manhattan! Todo deus que vale *alguma coisa* sabe disso! Não dá para querer que essas coisas respondam a "sequência de comando: Dédalo vinte e três"!

Na mesma hora, como em um episódio apavorante de *Doctor Who*, os autômatos embrulhados em plástico despertaram e se viraram para me encarar.

— Isso aí! — gritou Grover, exultante.

Eu, por outro lado, não fiquei tão empolgado assim. Tinha acabado de ativar uma penca de trabalhadores temporários robóticos que tinham mais chances de me matar do que de me obedecer. Eu não fazia ideia de como Annabeth Chase tinha descoberto que o comando de Dédalo podia ser usado em qualquer autômato. Se bem que, parando para pensar, ela reformou meu palácio no Monte Olimpo e instalou isolamento acústico perfeito e altofalantes com som surround no banheiro, então a inteligência dela não deveria me surpreender.

O treinador Hedge continuou seu solo de Scott Joplin. A porta da área de carga e descarga não se mexeu. Macro e seus homens

esmurraram minha barricada improvisada, quase me fazendo soltar o poste de espirobol.

— Apolo, fale com os autômatos! — disse Grover. — Eles estão esperando as *suas* ordens agora. Mande que eles *iniciem o Plano Termópilas!*

Termópilas não era uma lembrança que me agradava muito. Tantos espartanos corajosos e atraentes morreram naquela batalha defendendo a Grécia dos persas... Mas eu fiz o que me mandaram.

— Iniciem o Plano Termópilas!

Naquele momento, Macro e seus doze minions escancararam as portas, quebrando o remo, derrubando o poste de espirobol e me jogando no meio dos meus novos colegas de metal.

Macro parou de repente, seis robôs indo para cada lado.

— O que é isso? Apolo, você não pode ativar meus autômatos! Você não pagou por eles! Integrantes da equipe Milimaníacos, capturem Apolo! Destruam os sátiros! Façam esse apito infernal parar!

Duas coisas nos salvaram da morte instantânea. Para começo de conversa, Macro cometeu o erro de dar muitas ordens de uma vez. Como qualquer maestro pode atestar, um condutor não deve ordenar simultaneamente que os violinos acelerem, que os tímpanos se suavizem e que os metais iniciem um crescendo. Você vai acabar com um desastre sinfônico. Os pobres soldados de Macro tiveram que decidir sozinhos se deveriam primeiro me pegar, destruir os sátiros ou fazer o apito parar. (Pessoalmente, eu teria ido atrás do cara com o apito, sem dó nem piedade.)

A outra coisa que nos salvou? Em vez de ouvir Macro, nossos novos amigos robóticos começaram a executar o Plano Termópilas. Eles uniram os braços e fizeram um círculo em torno de Macro e seus companheiros, que tentaram sem muito sucesso contornar os colegas autômatos, e todos se chocaram uns contra os outros. Foi uma confusão só. (Aquilo estava cada vez mais parecido com uma festa de Héstia.)

— Parem com isso! — berrou Macro. — Eu ordeno que parem!

Isso só aumentou a confusão. Os funcionários do brutamontes pararam na mesma hora, permitindo que os sujeitos operados por Dédalo cercassem o grupo de Macro.

— Não, não *vocês*! — gritou Macro para seus funcionários. — *Vocês* não param! Continuem lutando!

Mais confusão.

Os robôs de Dédalo envolveram os colegas, espremendo-os em um abraço coletivo. Apesar do tamanho e da força de Macro, ele estava preso no centro, se contorcendo e tentando escapar.

— Não! Eu não posso…! — gritou Macro, cuspindo plástico-bolha. — Socorro! O Cavalo não pode me ver assim!

Os camaradas de Dédalo começaram a emitir um zumbido, como motores engatados na marcha errada, vapor subindo das juntas no pescoço.

Eu recuei, como se faz quando um grupo de robôs começa a soltar fumaça.

— Grover, o que exatamente é o Plano Termópilas?

O sátiro engoliu em seco.

— Hã... Eles têm que se manter firmes para podermos recuar.

— Então por que eles estão soltando fumaça? — perguntei. — Além disso, por que estão começando a emitir esse brilho vermelho?

— Ai, não. — Grover mordeu o lábio inferior. — Eles podem ter confundido o Plano Termópilas com o Plano Petersburgo.

— Como assim?

— Eles podem estar prestes a se sacrificar e explodir.

— Treinador! — gritei. — Apite melhor!

Eu corri até a porta da área de carga e descarga e usei toda a minha força mortal patética para tentar erguê-la. Até assobiei junto com a melodia frenética de Hedge e sapateei um pouco, uma forma clássica de acelerar feitiços musicais.

— Quente! Quente! — gritou Macro logo atrás.

Minhas roupas estavam desconfortavelmente sufocantes, como se eu estivesse sentado coladinho a uma fogueira. Depois de nossa experiência com as chamas do Labirinto, eu não queria me arriscar em um abraço/explosão em grupo naquele espaço fechado.

— Mais alto! — gritei. — Apite!

Grover se juntou à nossa performance desesperada de Joplin. Finalmente, a porta começou a se mover, chiando em protesto quando a erguemos alguns centímetros do chão.

Os gritos de Macro ficaram ininteligíveis. O zumbido e o calor me lembraram o momento logo antes de minha carruagem decolar, explodindo no céu em um arroubo de energia solar.

— Vão! — gritei para os sátiros. — Vocês dois, passem por baixo!

Achei meu gesto muito heroico, embora, para ser sincero, eu meio que esperasse que eles fossem insistir: *Não, por favor! Deuses primeiro!*

No entanto, tal cortesia não aconteceu. Os sátiros se arrastaram por baixo da porta e a seguraram pelo outro lado enquanto eu tentava passar pela abertura. Mas, vejam, eu me vi travado pelos meus próprios pneuzinhos. Resumindo: fiquei entalado.

— Apolo, vem logo! — gritou Grover.

— Estou tentando!

— Encolhe a barriga, garoto! — gritou o treinador.

Sabe, eu nunca contratei os serviços de um personal trainer. Deuses não gostam de ter gente gritando com eles, humilhando-os, ordenando que deem tudo de si. E, sinceramente, quem seria louco para aceitar

esse trabalho, sabendo que poderia ser fritado por um raio assim que exigisse que o cliente fizesse mais cinco flexões?

Mas daquela vez fiquei feliz por terem berrado comigo. A repreensão do treinador me deu uma motivação extra para espremer meu corpo mortal flácido pela abertura.

Assim que me levantei, Grover gritou:

— Pulem!

Nós saltamos da beirada da rampa de carga e descarga no exato segundo em que a porta de aço, que aparentemente *não* era à prova de bombas, explodiu atrás da gente.

9

Opa! Chamada a cobrar
Se quiser morrer
É só você atender

AH, VIDA CRUEL!

Alguém pode, por favor, me explicar por que eu sempre acabo caindo em caçambas de lixo?

Mas tenho que admitir que aquela caçamba salvou minha vida. Diversas explosões abalaram a loja de artigos militares, sacudindo até o deserto, balançando a tampa da caixa de metal fedorenta que nos abrigava. Suando e tremendo, sem nem conseguir respirar direito, eu e os dois sátiros ficamos encolhidos em meio aos sacos de lixo, ouvindo a chuva de detritos que caía do céu; uma tempestade inesperada de madeira, gesso, vidro e artigos esportivos.

Depois do que pareceram anos, decidi me arriscar a dizer alguma coisa. Seria algo como *me tirem daqui senão vou vomitar!*, mas Grover tapou minha boca. Mal dava para ver os sátiros naquela penumbra, mas ele balançou a cabeça, enfático, os olhos arregalados. O treinador Hedge também parecia tenso, e seu nariz tremia como se estivesse sentindo um fedor ainda pior do que o do lixo.

Ouvi o *clop, clop, clop* de cascos no asfalto — alguém se aproximava do nosso esconderijo.

Ouvi uma voz grave:

— Ah, mas isso é tão perfeito.

Um focinho farejou a beirada da caçamba de lixo, talvez à procura de sobreviventes — nós.

Tentei não chorar e não molhar a calça, mas só fui bem-sucedido em uma dessas empreitadas. Deixo vocês decidirem qual.

A tampa da caçamba de lixo permaneceu fechada. Talvez o lixo e o incêndio na loja gigantesca escondessem nosso odor.

— Ei, Cezão! — disse a mesma voz grave. — É, sou eu.

Pela falta de resposta audível, concluí que o recém-chegado estava falando ao telefone.

— Não, o lugar *já era*. Não sei. Macro deve ter…

Ele fez uma pausa, como se a pessoa do outro lado o tivesse interrompido.

— Eu sei. Pode ter sido alarme falso, mas… Ah, droga. A polícia humana está chegando.

Um momento depois, ouvi sirenes ao longe.

— Posso procurar aqui pela área. Talvez nas ruínas colina acima.

Hedge e Grover trocaram olhares preocupados. Essas ruínas só podiam ser nosso esconderijo, que naquele momento abrigava Mellie, Meg e o bebê.

— Sei que você *acha* que já resolveu o problema lá — argumentava o recém-chegado. — Mas, olha, aquele lugar ainda é perigoso. Estou dizendo…

Daquela vez consegui ouvir uma voz baixa e metálica tagarelando sem parar do outro lado da linha.

— Tudo bem, Cezão. Sim. Pelas jardineiras de Júpiter, homem, calma! Eu só… Tudo bem. Tudo bem. Estou voltando.

Ele soltou um suspiro exasperado, o que devia significar que a ligação tinha chegado ao fim.

— Esse garoto vai me matar de cólicas.

Ouvi uma pancada na lateral da caçamba, bem perto do meu rosto, e os cascos se afastaram a galope.

Precisei de vários minutos para me sentir seguro o bastante para sequer olhar para os sátiros. Concordamos, ainda em silêncio, que o melhor era sair dali antes de morrermos sufocados, de insolação ou com o cheiro que saía da minha calça.

Do lado de fora, demos de cara com um beco cheio de restos de metal retorcido e plástico fumegantes. O armazém em si era uma casca preta, as chamas ainda ardendo, acrescentando mais colunas de fumaça ao céu noturno cheio de cinzas.

— Q-quem era aquele? — perguntou Grover. — Cheirava como um humano montado num cavalo, mas…

O treinador Hedge estalou o nunchaku.

— Será que era um centauro?

— Não. — Toquei a lateral da caçamba no ponto em que havia um amassado com a marca inconfundível de um casco com ferradura. — Era um cavalo. Um cavalo falante.

Os sátiros me encararam.

— Todos os cavalos falam — corrigiu Grover. — Mas em cavalês.

— Espera aí... — Hedge franziu a testa. — Quer dizer que você *entendeu* o cavalo?

— Entendi. Aquele cavalo fala a nossa língua.

Eles pareceram esperar alguma explicação, mas não consegui dizer mais nada. Já fora de perigo, com a adrenalina passando, eu me vi tomado por um desespero frio e pesado. Se eu tivesse alguma esperança de estar errado sobre o inimigo que teríamos que enfrentar, teria sido destruída depois daquilo.

Caio Júlio César Augusto Germânico… Estranhamente, um nome usado por vários romanos antigos famosos. Mas o mestre de Névio Sutório Macro? O *Cezão?* O *Neos Helios?* O único imperador romano que tinha um cavalo falante em seu séquito? Só podia ser uma pessoa.

E era uma pessoa *horrível*.

O topo das palmeiras mais próximas estava iluminado pelas luzes piscantes dos veículos de emergência que sobrevoavam a área.

— Temos que sair daqui — anunciei.

Gleeson olhou para a loja de equipamentos militares arruinada.

— É. Vamos pela frente, para ver se meu carro ainda existe. Queria tanto ter conseguido alguns suprimentos...

— Conseguimos coisa bem pior. — Eu respirei fundo, trêmulo. — A identidade do terceiro imperador.

* * *

As explosões não tinham atingido o Chevette amarelo de 1979. Claro que não. Um carro horrível daqueles não seria destruído por nada menos que o apocalipse mundial. Eu me sentei no banco de trás, usando uma calça camuflada rosa que encontramos entre os destroços. Meu estupor era tanto que mal me lembro de passarmos pelo drive-thru do Enchiladas del Rey, onde compramos comida suficiente para alimentar dezenas de espíritos da natureza.

De volta às ruínas na colina, organizamos um conselho de cactos.

A Cisterna estava lotada de dríades das plantas do deserto: Josué, Figo-da-índia, Aloe Vera e muitas outras, todas com roupas cheias de espinhos, todas fazendo o possível para não espetarem umas às outras.

Mellie correu até Gleeson, primeiro enchendo-o de beijos e dizendo o quanto ele era corajoso, e logo em seguida dando socos em seus braços e o acusando de querer que ela criasse o bebê Hedge sozinha, viúva. O bebê, que descobri se chamar Chuck, estava acordado e bem pouco feliz, chutando a barriga do pai com os casquinhos enquanto Gleeson tentava impedi-lo de puxar seu cavanhaque com as mãos gordinhas.

— Pelo menos trouxemos enchiladas, e eu consegui um nunchaku incrível! — argumentou Hedge para Mellie.

A dríade olhou para o céu, talvez desejando poder voltar à vida simples de nuvem solteira.

Meg McCaffrey tinha recuperado a consciência e parecia tão bem quanto sempre, só mais gosmenta que o normal, graças aos atendimentos de primeiros-socorros de Aloe Vera. Ela estava sentada na beira da piscina, os pés descalços mergulhados na água, lançando olhares para Josué, que estava ali perto, lindo e sério de roupa cáqui.

Perguntei a Meg se ela tinha melhorado — porque sou mesmo muito atencioso —, mas ela insistiu que estava bem e gesticulou para que eu parasse de perguntar. Meg só devia estar meio constrangida pela minha presença ali enquanto ela tentava olhar discretamente para Josué — o que me fez revirar os olhos.

Garota, eu já reparei qual é a sua, quis dizer. *Você não é nada sutil. E precisamos ter uma conversa sobre essa sua quedinha por dríades.*

Mas eu não queria que ela me mandasse estapear meu próprio rosto, então fiquei de boca fechada.

Grover distribuiu enchilada para todos. Ele próprio não comeu nada, um sinal claro do quanto estava nervoso, mas andou ao redor da piscina, tamborilando na flauta.

— Pessoal, temos problemas — anunciou.

Eu nunca tinha imaginado Grover Underwood como líder, mas era assim que os outros espíritos da natureza o enxergavam, prestando total atenção ao que ele falava. Até o bebê Chuck ficou quieto e inclinou a cabeça na direção da voz de Grover, como se ele fosse uma coisa interessante que talvez valesse a pena chutar.

O sátiro contou tudo que aconteceu desde que nos encontramos, lá em Indianápolis. Relatou nossos dias no Labirinto, falando dos poços e lagos de veneno, da onda de fogo, do bando de estriges e da rampa em espiral que nos levou às ruínas.

As dríades olharam em volta, nervosas, como se estivessem imaginando a Cisterna cheia de corujas demoníacas.

— Tem certeza de que estamos seguros? — perguntou uma garota baixa e gorducha, que tinha um sotaque cantado e flores vermelhas presas (ou talvez florescendo) no cabelo.

— Não sei, Reba. — Grover olhou para Meg e para mim. — Pessoal, essa é a Rebutia. O apelido dela é Reba. Ela foi transplantada da Argentina.

Acenei educadamente. Nunca tinha encontrado um cacto argentino, mas gostava muito de Buenos Aires. Se você acha que sabe dançar tango é porque nunca dançou com um deus grego no La Ventana.

— Acho que aquela saída do Labirinto não estava lá antes — continuou Grover. — Pelo menos está lacrada agora. Acho que o Labirinto estava nos ajudando, nos trazendo para casa.

— *Ajudando?* — Figo-da-índia ergueu o rosto das enchiladas de queijo. — O mesmo Labirinto que gera incêndios que estão destruindo todo o estado? O mesmo Labirinto que estamos explorando há meses para tentar encontrar a fonte do fogo, sem resultado? O mesmo Labirinto que engoliu mais de dez dos nossos grupos de busca? Se isso é ajudar, o que será de nós quando o Labirinto resolver *não* ajudar?

As outras dríades grunhiram, concordando. Algumas ficaram literalmente arrepiadas.

Grover ergueu as mãos, pedindo calma.

— Sei que estamos todos muito preocupados e frustrados, mas o Labirinto de Fogo não é o Labirinto todo. E pelo menos agora temos uma ideia de *por que* o imperador fez o que fez. É por causa do Apolo.

Dezenas de espíritos de cacto se viraram para me encarar.

— Só para esclarecer — protestei, em voz baixa —, *não é culpa minha*. Fala para eles, Grover. Fala para esses seus amigos muito… espinhosos que a culpa não é minha.

O treinador Hedge grunhiu.

— Bom, meio que é, né? Macro disse que o Labirinto era uma armadilha *para você*. Deve ser por causa daquele oráculo que você está procurando.

Mellie olhou do marido para mim.

— Macro? Oráculo?

Expliquei que Zeus me obrigou a viajar pelo país e libertar antigos oráculos como parte da minha penitência, porque esse era o tipo de pai horrível que eu tinha.

Hedge então contou sobre nosso divertido passeio de compras na Maluquice Militar do Macro. Quando ele começou a se enrolar, falando sobre os vários tipos de minas terrestres que tinha encontrado, Grover se intrometeu.

— Então explodimos o Macro — resumiu Grover —, que é um seguidor romano desse imperador. Ele mencionou uma espécie de feiticeira que quer… sei lá, fazer alguma magia do mal em Apolo, acho. E ela está ajudando o imperador. Achamos que eles colocaram o próximo oráculo…

— A Sibila Eritreia — acrescentei.

— Certo — concordou Grover. — Achamos que eles colocaram essa Sibila no meio do Labirinto como uma espécie de isca para o Apolo. Além do mais, tem um cavalo falante.

O rosto de Mellie pareceu ficar carregado — o que não era surpreendente, considerando que ela era uma nuvem.

— Todos os cavalos falam.

Grover explicou o que ouvimos na caçamba de lixo, então teve que explicar por que estávamos em uma caçamba de lixo. E depois explicou por que eu tinha molhado a calça, e que era por isso que eu estava usando aquela calça rosa camuflada.

— *Ahhh*. — Todas as dríades assentiram, como se aquela fosse a única questão que as afligisse naquela história toda.

— Podemos voltar ao problema da vez? — supliquei. — Temos uma causa em comum! Vocês querem que os incêndios parem, e eu tenho a missão de libertar a Sibila Eritreia. Para fazer qualquer uma dessas duas coisas, temos que achar o coração do Labirinto; é lá que vamos encontrar a fonte do fogo *e* a Sibila. Eu sei, eu simplesmente… *sei*.

Meg me encarou com atenção, como se tentasse decidir que ordem constrangedora deveria dar primeiro: *Pular na piscina? Abraçar Figo-da-índia? Encontrar uma camisa que combine com essa calça?*

— Conte sobre o cavalo — pediu.

Ordem recebida. Eu não tinha escolha.

— O nome dele é Incitatus.

— E ele fala — completou Meg. — Tipo, de um jeito que os humanos conseguem entender.

— É, mas em geral ele só fala com o imperador. Não me pergunte *como* ele fala, nem de onde veio. Eu não sei. É um cavalo mágico. O imperador confia nele, provavelmente mais do que em qualquer outro aliado. Quando o imperador governava a antiga Roma, mandava vestirem Incitatus com roxo senatorial, e até tentou nomeá-lo cônsul. As pessoas achavam que o imperador estava doido, mas ele sempre foi muito são.

Meg se inclinou para a piscina, se encolhendo como se estivesse retornando ao seu casulo mental. Os imperadores eram sempre um assunto delicado para ela; criada no lar de Nero (os termos *abuso* e *gaslighting* explicam melhor o que ela viveu lá), Meg me traiu (a pedido de Nero) no Acampamento Meio-Sangue, antes de voltar para o meu lado, em Indianápolis — um assunto que não discutimos por muito tempo. Eu não a culpava, coitada. De verdade. Mas fazer com que ela confiasse na minha amizade, com que confiasse em *qualquer um* depois do padrasto era como treinar um esquilo selvagem para comer na sua mão. Qualquer barulho alto fazia ela sair correndo, mordesse ou ambos.

(Acho que não é uma comparação justa. Meg morde *bem* mais forte que um esquilo selvagem.)

Depois de um tempo, ela disse:

— Aquele verso da profecia: *Até achar o dono do cavalo branquinho*.

Assenti.

— Incitatus pertence ao imperador. Talvez *pertence* não seja a palavra certa. Incitatus é o braço direito do homem que agora alega dominar o oeste dos Estados Unidos ocidental, Caio Júlio César Germânico.

Essa seria a deixa para as dríades exclamarem todas juntas, assombradas, e talvez para uma música de fundo sinistra. Mas só rostos sem expressão me encararam. O único som, e muito sinistro, era o bebê Chuck mastigando a tampa de isopor do especial de jantar n$_o$ 3 de seu pai.

— O tal Caio — disse Meg. — Ele é famoso?

Olhei para as águas escuras da piscina. Quase desejei que Meg *mandasse* que eu pulasse e me afogasse. Ou que me obrigasse a usar uma camisa combinando com a calça rosa. Qualquer uma dessas punições seria mais fácil do que responder àquela pergunta.

— O imperador é mais conhecido por seu apelido de infância — expliquei. — Que ele despreza, aliás. Mas a história se lembra dele como Calígula.

10

Que garotinho mais fofo
Botinhas nos pés
E sorrisinho assassino

O NOME CALÍGULA lhes diz alguma coisa, queridos leitores?

Se não, considerem-se pessoas de sorte.

Por toda a Cisterna, dríades de cactos dispararam seus espinhos. A parte inferior de Mellie se dissolveu e se transformou em neblina. Até o bebê Chuck cuspiu um pedaço de isopor.

— *Calígula?* — O olho do treinador Hedge deu uma tremidinha de nervoso, a mesma tremidinha de quando Mellie ameaçou apreender as armas ninja dele. — Você tem certeza?

Quisera eu não ter. Quisera eu poder anunciar que o terceiro imperador era o velho e gentil Marco Aurélio, ou o nobre Adriano, ou o estabanado Cláudio.

Mas Calígula…

Até para os que sabiam pouco sobre ele, o nome Calígula invocava imagens das mais sombrias e terríveis. Seu reinado foi mais sangrento e mais famoso do que o de Nero, que desde criança era fascinado pelo tio-bisavô perverso, Caio Júlio César Germânico.

Calígula: sinônimo de assassinato, tortura, loucura, excesso. Calígula: o tirano pérfido com o qual todos os outros tiranos pérfidos eram comparados. Calígula: um imperador com um posicionamento de marca que deixava bastante a desejar.

Grover estremeceu.

— Sempre odiei esse nome. O que significa, afinal? Assassino de sátiro? Sugador de sangue?

— Botinhas — falei.

O cabelo castanho e desgrenhado de Josué se eriçou todo, o que Meg pareceu achar encantador.

— Botinhas? — perguntou ele, confuso, talvez se perguntando se não tinha entendido a piada, embora ninguém estivesse rindo.

— Isso mesmo.

Vocês tinham que ver como o pequeno Calígula ficava fofo com sua roupinha de legionário quando acompanhava o pai, Germânico, em campanhas militares. Por que os sociopatas sempre são tão *adoráveis* quando crianças?

— Era assim que os soldados do pai o chamavam quando ele era criança — expliquei. — Ele usava minibotas de legionário, *caligae*, e eles achavam hilário. Por isso, o chamavam de Calígula, que significa

Botinhas ou *Sapatinhos*. Escolham a tradução que preferirem.

Figo-da-índia fincou o garfo em uma enchilada.

— Não me interessa se o nome do sujeito é Gatinho de Botinhas. Como a gente *vence* esse imperador aí e faz tudo voltar ao normal?

Os outros cactos resmungaram e assentiram. Eu começava a desconfiar que os figos-da-índia eram os encrenqueiros do mundo dos cactos. Se houvesse muitos deles, era capaz de fazerem uma revolução e dominarem o reino animal.

— Temos que tomar cuidado — avisei. — Calígula é mestre em criar emboscadas para seus inimigos. Conhecem a velha expressão *Dar corda para alguém se enforcar?* Foi *criada* para Calígula. Ele adora a reputação de maluco, mas é só um disfarce. De maluco ele não tem nada. Só que é completamente amoral, ainda pior do que…

Não completei a frase. Estava prestes a dizer *pior do que Nero*, mas não tinha coragem de fazer uma declaração dessas na frente de Meg, cuja infância inteira fora envenenada por Nero e por seu alter ego, Besta.

Cuidado, Meg, ele sempre dizia. *Não se comporte mal, ou vai acordar o Besta. Eu amo muito você, mas o Besta… Bom, eu odiaria ver você fazer alguma coisa errada e se machucar.*

Como quantificar tamanha maldade?

— Enfim — concluí —, Calígula é inteligente, paciente e paranoico. Se esse Labirinto de Fogo for alguma armadilha elaborada, parte de algum plano maior do imperador, não vai ser fácil destruí-lo. Vencê-lo, ou até mesmo *encontrá-lo*, vai ser um desafio.

Fiquei tentado a acrescentar: *Talvez a gente não* queira *encontrá-lo. Talvez a gente* só *devesse fugir.*

Isso não funcionaria para as dríades. Elas estavam literalmente enraizadas na terra em que cresciam. Transplantes como Reba eram raros. Poucos espíritos da natureza podiam sobreviver sendo envazados e transportados para um novo ecossistema. Mesmo que a maioria das dríades conseguisse fugir das chamas, milhares de outras ficariam e morreriam queimadas.

— Se *metade* das coisas que eu ouvi sobre Calígula forem verdade… — disse Grover, aterrorizado.

Ele fez uma pausa, provavelmente se dando conta de que todos no recinto o encaravam com receio, avaliando as reações do sátiro para decidirem quanto deveriam se desesperar. Eu só sabia que estar numa sala cheia de cactos histéricos gritando e correndo de um lado para o outro não era uma ideia que me agradava muito.

Felizmente, Grover manteve a calma.

— Ninguém é invencível — declarou ele. — Nem os titãs, nem os gigantes, nem os deuses… e *definitivamente* não um imperador romano chamado Botinhas. Esse cara está fazendo o sul da Califórnia murchar

e morrer. Está por trás das secas, do calor, dos incêndios. Nós *temos* que encontrar uma forma de detê-lo. Apolo, como Calígula morreu da primeira vez?

Tentei lembrar. Como sempre, meu cérebro de disco rígido mortal estava cheio de buracos, mas me veio à mente um túnel escuro cheio de guardas pretorianos em volta do imperador, as facas brilhando e cintilando de sangue.

— Os guardas dele o mataram — falei —, o que com certeza o deixou ainda mais paranoico. Macro mencionou que o imperador vivia mudando os membros de sua guarda pessoal. Primeiro, autômatos substituíram os pretores. Depois, ele os substituiu pelos mercenários e pelas estriges e… orelhudos? Não sei o que isso quer dizer.

Uma das dríades bufou, indignada. Deduzi que era Cholla, porque parecia um cacto cholla, com cabelo branco ralo, barbinha branca e orelhas grandes cobertas de espinhos.

— Nenhuma pessoa orelhuda decente trabalharia para um vilão desses! E quais são as outras fraquezas do imperador? Ele tem que ter alguma!

— Exatamente! — disse o treinador Hedge. — Ele tem medo de bodes?

— É alérgico a seiva de cacto? — perguntou Aloe Vera, esperançosa.

— Não que eu saiba — falei.

As dríades pareceram decepcionadas.

— Você disse que recebeu uma profecia em Indiana, não foi? — perguntou Josué. — Alguma pista nela?

O tom dele era cético, o que eu compreendia. Uma profecia de um oráculo em Indiana não tinha o mesmo impacto de uma obtida em Delfos.

— Eu tenho que encontrar o *palácio ocidental* — expliquei. — Lá deve ser o esconderijo de Calígula.

— Ninguém sabe onde isso fica — resmungou Fig.

Talvez eu estivesse imaginando coisas, mas pensei ter visto Mellie e Gleeson se entreolharem, tensos. Esperei que dissessem alguma coisa, mas eles não deram um pio.

— Segundo a profecia — continuei —, eu também tenho que *arrancar os ditos do falante de palavras cruzadas*. Acho que isso quer dizer que preciso libertar a Sibila Eritreia do controle do imperador.

— Essa Sibila gosta de palavras cruzadas? — perguntou Reba. — Eu gosto.

— O oráculo dava suas profecias em forma de enigmas — expliquei. — Como palavras cruzadas. Ou acrósticos. A profecia também fala sobre Grover nos trazer aqui, e sobre um monte de coisas terríveis que vão acontecer no Acampamento Júpiter nos próximos

dias…

— Na lua nova — murmurou Meg. — Que vai acontecer logo, logo.

— Pois é.

Tentei conter minha irritação. Parecia que Meg achava que eu tinha que estar em dois lugares ao mesmo tempo, o que não seria problema para Apolo, o deus. Como Lester, o humano, eu mal conseguia estar no mesmo lugar na hora que deveria.

— Tem outro verso — lembrou Grover. — *Percorrendo o caminho com as botas inimigas?* Será que isso tem algo a ver com as botinhas de Calígula?

Imaginei meus pés enormes de adolescente enfiados em sandálias de couro pequeninas. Meus dedos começaram a latejar.

— Espero que não — falei. — Mas se conseguirmos libertar a Sibila do Labirinto, tenho certeza de que ela nos ajudaria. Seria ótimo receber algumas orientações antes de confrontar Calígula pessoalmente.

Outras coisas que seriam ótimas no momento: ter de volta meus poderes divinos, colocar o departamento de armas de fogo inteiro da Maluquice Militar do Macro nas mãos de um exército semideus, receber uma carta de desculpas do meu pai prometendo nunca mais me transformar em humano e tomar um banho. Mas, como dizem, tudo é impossível aos olhos de Zeus, então eu não estava em posição de escolher nada.

— Isso nos leva para onde começamos — disse Josué. — Você precisa libertar o oráculo. Nós precisamos que o fogo acabe. Para fazer isso, temos que entrar no Labirinto, mas ninguém sabe como.

Gleeson Hedge limpou a garganta.

— Talvez alguém saiba.

Nunca na história tantos cactos encararam um sátiro.

Cholla coçou a barba branca.

— E quem é esse alguém?

Hedge se virou para a esposa como quem diz: *É com você, querida*.

Mellie passou alguns microssegundos refletindo sobre o céu da noite e possivelmente sobre sua vida de solteira.

— A maioria de vocês sabe que estávamos morando com os McLean — disse ela.

— A família de Piper McLean — expliquei —, filha de Afrodite.

Eu me lembrava dela, uma das sete semideusas que navegaram no *Argo II*. Na verdade, estava cogitando seriamente fazer uma visitinha a ela e ao namorado, Jason Grace, que moravam no sul da Califórnia, para ver se eles tinham interesse em derrotar o imperador e libertar o oráculo por mim.

Opa. Ignorem o que eu disse. Me confundi. O que eu quis dizer foi, é claro, que eu cogitava seriamente pedir a *ajuda* deles para fazer

essas coisas.

Mellie assentiu.

— Eu era assistente pessoal do sr. McLean. Gleeson ficava cuidando de Chuck em tempo integral e fazia um ótimo trabalho…

— Eu era um paizão, não era? — disse Gleeson, dando a corrente do nunchaku ao filho, que imediatamente começou a mordê-la.

— Até que tudo deu errado — disse Mellie, com um suspiro.

— Como assim? — perguntou Meg.

— É uma longa história — disse a ninfa das nuvens em um tom que insinuava *Eu poderia contar, mas aí teria que virar uma nuvem de tempestade e chorar muito e lançar vários raios em você e dar um fim à sua existência.* — A questão é que, algumas semanas atrás, Piper sonhou com o Labirinto de Fogo. Ela achou que tivesse encontrado uma forma de chegar ao centro. Então foi explorar o lugar com… aquele garoto, Jason.

Aquele garoto. Meus sentidos apurados me disseram que Mellie não simpatizava muito com Jason Grace, filho de Júpiter.

— Quando eles voltaram… — Mellie hesitou, a parte inferior do corpo rodopiando em um liquidificador de nuvem. — Eles disseram que fracassaram, mas acho que não foi bem isso. Piper deu a entender que tinham encontrado alguma coisa lá embaixo que… os deixou muito abalados.

As paredes de pedra da Cisterna pareceram estalar e se mover no ar fresco da noite, como se vibrando em solidariedade à palavra *abalados*. Pensei no sonho que tive com a Sibila, a mulher presa com correntes em brasa, pedindo desculpas a alguém depois de dar notícias terríveis. *Sinto muito. Eu pouparia vocês, se pudesse. Eu* a *pouparia.*

Ela estava falando com Jason, Piper, ou com os dois? Se era isso, e eles realmente encontraram o oráculo…

— Precisamos falar com esses semideuses — concluí.

Mellie baixou a cabeça.

— Não posso levar você lá. Voltar… partiria meu coração.

Hedge passou o bebê Chuck para o outro braço.

— Talvez eu pudesse…

Mellie fuzilou o marido com olhar.

— É, eu também não posso ir — murmurou Hedge.

— Eu levo você — ofereceu Grover, embora parecesse mais exausto do que nunca. — Sei onde os McLean moram. Mas, hã, podemos esperar até de manhã?

Uma sensação de alívio tomou conta das dríades ali presentes. Seus espinhos relaxaram. A clorofila voltou à pele delas. Grover podia não ter solucionado os problemas delas, mas lhes deu esperança — ou pelo menos a sugestão de que *alguma* coisa poderia ser feita.

Observei o círculo laranja no céu acima da Cisterna. Pensei nos

incêndios ardendo a oeste e no que poderia estar acontecendo ao norte, no Acampamento Júpiter. Sentado no fundo de um poço em Palm Springs, sem poder ajudar os semideuses romanos nem saber o que estava acontecendo com eles, eu me solidarizava com as dríades: presas em um lugar, assistindo com desespero aos incêndios descontrolados cada vez mais próximos.

Eu não queria destruir as novas esperanças das dríades, mas fui obrigado a dizer:

— Tem mais. O santuário de vocês pode estar correndo perigo.

Contei a elas o que Incitatus dissera a Calígula por telefone. E, não, eu nunca pensei que um dia relataria uma conversa entre um cavalo falante e um imperador romano morto.

Aloe Vera estremeceu, e vários espinhos triangulares medicinais balançaram em seu cabelo.

— C-como eles conhecem Aeithales? Ninguém nunca arranjou problema com a gente aqui.

Grover fez uma careta.

— Não sei, pessoal. Mas… o cavalo pareceu dar a entender que foi Calígula quem destruiu este lugar anos atrás. Ele disse alguma coisa do tipo: *Sei que você acha que cuidou de tudo. Mas o lugar ainda é perigoso.*

O rosto bronzeado de Josué ficou ainda mais sombrio.

— Não faz sentido. Nem *a gente* sabe o que existia aqui antes.

— Uma casa — disse Meg. — Uma casa enorme sobre palafitas. Essas cisternas… eram colunas de sustentação, resfriamento geotérmico, abastecimento de água.

As dríades se eriçaram novamente, mas não disseram nada, esperando que Meg continuasse.

Ela tirou os pés da água e se encolheu toda, o que a deixou ainda mais parecida com um esquilo nervoso pronto para fugir. Então me dei conta de que, assim que chegamos, Meg quis ir embora e disse que aquele lugar não era seguro. Lembrei um verso da profecia que ainda não tínhamos discutido: *A filha de Deméter encontra raízes antigas.*

— Meg — falei, com o máximo de delicadeza que consegui reunir —, como você conhece este lugar?

Seu rosto assumiu um ar ao mesmo tempo tenso e desafiador, como se ela não soubesse ao certo se deveria cair no choro ou me dar um soco.

— Aqui era a minha casa — disse ela. — Meu pai construiu Aeithales.

11

Favor não tocar no deus
Sem lavar as mãos
Ou trazendo más visões

ISSO NÃO SE faz.

Não se anuncia que seu pai construiu uma casa misteriosa em um lugar sagrado para as dríades, depois se levanta e sai sem explicação.

Então é claro que foi exatamente isso que Meg fez.

— A gente conversa de manhã — disse ela a ninguém em especial.

Ela subiu a rampa ainda descalça, apesar de estar pisando em vinte tipos de cactos, e sumiu na escuridão.

Grover olhou para os colegas.

— Hum, então tá, boa reunião, pessoal.

Ele caiu de lado um milissegundo depois, e antes de bater no chão já estava dormindo.

Aloe Vera me olhou com preocupação.

— Será que é melhor eu ir atrás da Meg? Ela pode precisar de mais gosma de aloe.

— Vou dar uma olhada nela — prometi.

Os espíritos da natureza começaram a recolher os restos do jantar (dríades são muito conscientes em relação a essas coisas), enquanto eu saía em busca de Meg McCaffrey.

Eu a encontrei um metro e meio acima do chão, empoleirada na beirada do cilindro de concreto mais distante, olhando para o buraco lá embaixo. A julgar pela fragrância de morangos frescos que vinha das rachaduras na pedra, concluí que era o mesmo poço que tínhamos usado para sair do Labirinto.

— Você está me deixando nervoso — falei. — Pode descer daí?

— Não — disse ela.

— Claro que não — murmurei.

Subi até lá, apesar de não levar muito jeito para escalar paredes. (Ah, quem estou tentando enganar? No meu estado atual, eu não levo jeito para *nada*.)

Eu me juntei a Meg na beirada, os pés pendurados acima do abismo do qual tínhamos escapado… Tinha mesmo sido naquela manhã? Não vi a rede de morangos mais abaixo, nas sombras, mas, ali naquele deserto, o cheiro deles era incrivelmente poderoso e exótico. Era estranho como uma coisa comum podia se tornar incomum em um novo ambiente. Ou, no meu caso, como um deus extraordinariamente incrível podia se tornar tão ordinário.

A noite roubou as cores das roupas de Meg, e naquele momento ela mais parecia um semáforo em tons de cinza. O nariz escorrendo brilhava; por trás das lentes sujas dos óculos, os olhos estavam marejados. Ela girou um anel de ouro e depois o outro, como se ajustasse botões de um rádio antigo.

Nosso dia havia sido longo. O silêncio entre nós era confortável, e eu não sabia se tinha condições de suportar mais alguma informação devastadora sobre nossa profecia de Indiana. Por outro lado, eu precisava de explicações. Antes de ir me deitar naquele lugar de novo, eu precisava saber se acordaria vivo e se havia chances de receber a visita de um cavalo falante.

Eu estava à beira de um ataque de nervos. Considerei socar minha jovem mestra e gritar *ME CONTA TUDO AGORA!*, mas decidi que não seria muito legal da minha parte.

— Você quer conversar sobre isso? — perguntei.

— Não.

Aquela resposta não me surpreendeu; afinal, mesmo nas melhores circunstâncias, Meg e as palavras não se bicavam.

— Se Aeithales é o lugar mencionado na profecia — falei —, suas raízes antigas, então talvez seja importante saber mais sobre ele para… não morrermos?

Meg me olhou. Não ordenou que eu pulasse no poço de morangos nem que calasse a boca. Só disse:

— Aqui.

E segurou meu pulso.

Eu estava acostumado a ter visões acordado e a ser sugado pelo furacão da memória sempre que experiências divinas sobrecarregavam meus neurônios mortais. Mas aquilo foi diferente. Em vez de encarar meu próprio passado, me vi mergulhado no de Meg McCaffrey, revivendo suas lembranças do ponto de vista dela.

Eu estava em uma das estufas, mas o lugar ainda não havia sido tomado pelas plantas que cresceram descontroladamente. Fileiras organizadas de cactos novinhos ocupavam as prateleiras de metal, cada vaso equipado com um termômetro digital e um medidor de umidade. Havia mangueiras de irrigação e lâmpadas especiais para aquele tipo de ambiente. O ar estava quente, mas era agradável, com cheiro de terra remexida.

O cascalho molhado estalou embaixo dos meus pés quando segui meu pai… quer dizer, o pai de *Meg*.

Ele sorria para mim. Como Apolo, eu já o encontrara em outras visões: um homem de meia-idade com cabelo escuro encaracolado e nariz largo cheio de sardas. Eu presenciara o momento em que ele dera a Meg uma rosa vermelha da mãe dela, Deméter. Também encarei o corpo dele caído nos degraus da Grand Central Station, o

peito destruído por uma faca ou por garras, no dia em que Nero se tornara o padrasto de Meg.

Ali, naquela lembrança da estufa, o sr. McCaffrey não parecia muito mais jovem do que nas outras visões. As emoções de Meg me diziam que ela estava com uns cinco anos, a mesma idade de quando ela e o pai foram parar em Nova York. Mas o sr. McCaffrey parecia bem mais feliz naquela cena, bem mais à vontade. Quando Meg olhou para o pai, fui tomado pela felicidade dela. Meg estava com o homem que tanto amava. A vida era maravilhosa.

Os olhos verdes do sr. McCaffrey cintilaram. Ele pegou um cacto bebê em um vaso e se ajoelhou para mostrá-lo a Meg.

— Eu chamo este aqui de Hércules — disse ele —, porque ele consegue aguentar *qualquer coisa*!

Ele flexionou o braço e disse “GRRRR!”, o que fez Meg cair na risada.

— Er-klis! — disse ela. — Mais plantas!

O sr. McCaffrey colocou Hércules na prateleira e levantou um dedo, como um mágico: *Veja isto!* Ele pegou algo no bolso da camisa de brim e estendeu a mão fechada para a filha.

— Tente abrir — disse ele.

Meg puxou os dedos do pai.

— Não consigo!

— Consegue, sim. Você é muito forte. Mais uma vez!

— GRRR! — disse a pequena Meg.

Daquela vez, ela conseguiu abrir a mão dele, revelando sete sementes hexagonais do tamanho de uma moeda de dez centavos. Com uma casca verde grossa, as sementes cintilavam de leve, o que as fazia parecerem uma frota de OVNIS pequenininhos.

— Uhhh — disse Meg. — Posso comer?

O pai dela riu.

— Não, querida. Estas sementes são muito especiais. Nossa família está tentando produzir sementes assim há — ele assobiou baixinho — *muito* tempo. E quando elas forem plantadas…

— O quê? — perguntou Meg, ansiosa.

— Vão ser muito especiais — disse ele. — Vão ser ainda mais fortes do que Hércules!

— Planta agora!

O pai bagunçou o cabelo da filha.

— Ainda não, Meg. Elas ainda não estão prontas. Mas, quando chegar a hora, eu vou precisar da sua ajuda. Nós vamos plantá-las juntos. Você promete que vai me ajudar?

— Prometo — disse ela, do alto de seus cinco anos.

A cena mudou. Meg entrou descalça na linda sala de Aeithales, onde seu pai estava virado para uma parede de vidro, observando as luzes noturnas da cidade de Palm Springs. Ele estava falando ao

telefone, de costas para Meg. Ela deveria estar dormindo, mas alguma coisa a acordou; talvez um pesadelo, talvez o pressentimento de que o pai estava chateado.

— Não, eu *não* entendo — dizia ele ao telefone. — Você não tem esse direito. A propriedade não é... Sim, mas minha pesquisa não pode... Isso é impossível!

Meg se aproximou. Ela adorava ficar na sala. Não só por causa da vista bonita, mas pela sensação do piso de madeira polido, nos pés descalços, liso e frio e sedoso, como se ela estivesse deslizando em uma camada fina de gelo. Ela amava as plantas nas prateleiras e em vasos gigantescos espalhados por todo o aposento: cactos florescendo em dezenas de cores, árvores de Josué que formavam colunas vivas — sustentando o teto, *atravessando* o teto e se espalhando em uma teia de galhos e amontoados verdes de espinhos. Meg era nova demais para entender que árvores de Josué não faziam isso. Parecia lógico para ela que a vegetação se entrelaçasse para ajudar a formar a casa.

Meg também amava o grande poço circular no centro da sala, que o pai chamava de Cisterna e tinha grades em volta por razões de segurança, mas que era uma maravilha, porque refrescava a casa e fazia o local parecer seguro e ancorado. Meg amava descer correndo a rampa e enfiar os pés na água fria da piscina no fundo, embora o pai sempre dissesse: *Nada de passar muito tempo aí! Vai acabar virando uma planta!*

Mais do que tudo, ela amava a mesa grande onde o pai trabalhava, o tronco de uma mesquite que atravessava o chão e emergia dele novamente, como uma serpente marinha cortando as ondas, deixando apenas um arco suficiente para formar a mobília. A parte superior do tronco era liso e reto, uma superfície perfeita para trabalhar. Buracos na árvore serviam de nichos para armazenamento. Galhos cheios de folhas se projetavam da escrivaninha, formando uma moldura que sustentava o monitor do computador do pai. Meg perguntou uma vez se ele tinha machucado a árvore quando entalhou a mesa, mas o pai riu.

— Não, querida, eu nunca faria mal a árvore alguma. A mesquite é que se ofereceu para servir de escrivaninha *para* mim.

A Meg de cinco anos também não estranhou aquilo: falar de uma árvore daquela forma, como se ela fosse uma pessoa.

Mas, naquela noite, Meg não se sentiu muito à vontade na sala. Não gostou do tremor na voz do pai. Ela foi até a escrivaninha e encontrou, em vez dos habituais pacotes de sementes, desenhos e flores, uma pilha de correspondências (cartas digitadas, documentos grossos grampeados, envelopes), tudo em amarelo dente-de-leão.

Meg não sabia ler, mas não gostou nada daquelas cartas. Pareciam importantes, arrogantes e furiosas. A cor incomodava seus os olhos.

Não era bonita como a de dentes-de-leão de verdade.

— Você não entende — continuou o pai ao telefone. — Isso é mais do que o trabalho da minha vida. São séculos. O trabalho de *milhares* de anos… Não ligo se parece loucura. Você não pode simplesmente…

Ele se virou e ficou paralisado ao ver Meg à mesa. Um espasmo cruzou seu rosto, a expressão mudando de raiva para medo e preocupação, em seguida assumindo uma alegria forçada. Ele colocou o telefone no bolso.

— Oi, querida — disse ele, com um sorriso amarelo. — Não conseguiu dormir, é? Nem eu.

Ele andou até a mesa, enfiou os papéis amarelos em um buraco na árvore e estendeu a mão para Meg.

— Quer olhar as estufas?

A cena mudou de novo.

Uma lembrança confusa e fragmentada: Meg estava usando as roupas favoritas, um vestido verde e legging amarela. A menina gostava daquelas peças porque o pai dizia que ela ficava parecida com uma das amigas das estufas, todas coisas lindas que cresciam. Caminhando na escuridão atrás do pai, ela tropeçou, mas o pai dissera que precisavam correr. Na mochila, ela levava seu cobertor preferido, porque só podiam levar o que pudessem carregar.

Eles estavam quase chegando ao carro quando Meg parou ao reparar que as luzes estavam acesas nas estufas.

— Meg — disse o pai, a voz tão frágil quanto o cascalho embaixo dos pés deles. — Venha, querida.

— Mas e o Erklis? — perguntou ela. — E os outros?

— Não podemos levá-los — respondeu o pai, engolindo o choro.

Meg nunca tinha visto o pai chorar. A menina ficou sem chão.

— E as sementes mágicas? — perguntou ela. — A gente pode plantar… Para onde a gente vai?

A ideia de ir embora dali parecia impossível, assustadora. Ela nunca teria outro lar que não fosse Aeithales.

— Não podemos, Meg — repetiu o pai, com a voz embargada. — Elas têm que crescer *aqui*. E agora…

Ele olhou para a casa, as janelas ardendo com luz dourada. Mas alguma coisa estava errada. Formas escuras se moviam pela colina; homens, ou criaturas semelhantes a eles, todos de preto, circundavam a propriedade. E mais formas escuras voavam acima, as asas bloqueando as estrelas.

O pai segurou a mão da filha.

— Não temos tempo, querida. Temos que ir. Agora.

A última lembrança que Meg tinha de Aeithales: ela sentada no banco de trás do carro do pai, o rosto e as mãos grudados na janela, tentando manter as luzes da casa no campo de visão pelo máximo de

tempo possível. Eles mal tinham descido metade da colina quando a casa explodiu em uma flor de fogo.

* * *

Arquejei, meus sentidos sendo trazidos subitamente para o presente. Meg tirou a mão do meu pulso.

Fiquei olhando para ela, estupefato, sem saber mais o que era real ou não. Estava tão abalado que tive medo de cair no poço de morangos.

— Meg, como você…?

Ela cutucou um calo na mão.

— Sei lá. Só precisava fazer.

Uma resposta tão *Meg*. Ainda assim, aquelas lembranças foram tão dolorosas e vívidas que fizeram meu peito doer como se eu tivesse sido reanimado com um desfibrilador.

Como Meg compartilhou o passado dela comigo? Eu sabia que sátiros conseguiam criar uma ligação empática com seus melhores amigos. Grover Underwood tinha uma com Percy Jackson — segundo ele, era por isso que às vezes ele tinha uma vontade inexplicável de comer panqueca de mirtilo. Será que Meg também tinha esse dom, talvez por causa da nossa relação de mestre e servo?

Eu não sabia a resposta.

Mas *tinha certeza* de que Meg estava sofrendo, e bem mais do que estava deixando transparecer. As tragédias em sua curta vida tinham começado antes da morte do pai. Tinham começado aqui. Essas ruínas eram tudo que restava de uma vida que poderia ter sido feliz.

Eu queria abraçá-la. E, acreditem, essa não era uma vontade que me acometia com frequência. Era bem capaz de eu receber em troca uma cotovelada no peito ou uma espadada no nariz.

— Você…? — Eu hesitei. — Você sempre soube disso tudo? Sabe o que seu pai estava tentando fazer aqui?

Ela deu de ombros. Pegou um punhado de terra e jogou no poço, como se plantasse sementes.

— Phillip... — disse Meg, como se o nome tivesse acabado de ocorrer a ela. — O nome do meu pai era Phillip McCaffrey.

O nome me fez pensar no rei macedônio, Filipe, pai de Alexandre, o Grande. Um bom lutador, mas *nada* divertido. Nunca se interessou por música, poesia, nem mesmo arquearia. Filipe só queria saber de falanges. *Chato*.

— Phillip McCaffrey foi um ótimo pai — falei, tentando não soar amargo, já que minha experiência com bons pais era quase nula.

— Ele tinha cheiro de adubo — lembrou Meg. — De um jeito bom.

Eu não sabia a diferença entre um cheiro bom de adubo e um

cheiro ruim de adubo, mas assenti em respeito à minha amiga.

Observei a fileira de estufas, as silhuetas quase invisíveis no céu preto-avermelhado da noite. Phillip McCaffrey era um homem talentoso. Botânico, talvez? Definitivamente um mortal agraciado pela deusa Deméter. De que outra forma ele teria criado uma casa como Aeithales, em um lugar com tanto poder natural? No que ele estava trabalhando, e o que ele quis dizer quando mencionou que a família dele fazia a tal pesquisa havia milhares de anos? Os humanos raramente pensavam em termos de milênios; mal sabiam como os bisavôs se chamavam.

E a questão mais importante: o que tinha acontecido a Aeithales, e por quê? Quem forçou os McCaffrey a abandonarem seu lar e fugirem para Nova York? Infelizmente, a última pergunta era a única que eu achava que podia responder.

— Calígula fez isso, não foi? — concluí, indicando os cilindros destruídos na colina. — Foi isso que Incitatus quis dizer quando falou que o imperador já tinha dado um jeito neste lugar.

Meg se virou para mim, o rosto pétreo.

— Nós vamos descobrir — disse ela. — Amanhã. Você, eu, Grover. Nós vamos encontrar essas pessoas, Piper e Jason.

Senti a aljava se mexendo, mas eu não sabia se era a Flecha de Dodona pedindo atenção ou meu corpo estremecendo.

— E se Piper e Jason não souberem de algo que possa nos ajudar? O que vamos fazer? — perguntei.

Meg bateu as mãos para tirar a sujeira.

— Eles são parte dos sete, não são? Amigos de Percy Jackson?

— Bom… sim.

— Então eles vão saber — afirmou Meg. — Eles vão ajudar. Vamos encontrar Calígula. Vamos explorar esse lugar labiríntico, libertar a Sibila e acabar com os incêndios e tudo mais.

Admirei a capacidade dela de resumir nossa missão de forma tão eloquente.

Por outro lado, não me empolgou muito a ideia de explorar o lugar labiríntico, mesmo com a ajuda de mais dois semideuses poderosos. A Roma Antiga também tinha semideuses poderosos. Muitos deles tentaram derrubar Calígula. Todos morreram.

A visão que tive com a Sibila sempre retornava à minha mente, e ela pedia desculpas pela péssima notícia. Desde quando um oráculo *pedia desculpas*?

Eu pouparia vocês, se pudesse. Eu a *pouparia.*

A Sibila insistira que eu fosse salvá-la. Só eu poderia libertá-la, apesar de ser uma cilada.

Eu nunca gostei de ciladas. Elas me lembravam minha antiga crush, Britomártis. Aff, o número de poços de tigres birmaneses em que caí

por causa daquela deusa.

Meg se virou.

— Vou dormir. Você também devia ir.

Ela pulou do muro e seguiu pela encosta, na direção da Cisterna. Como ela não ordenou claramente que eu fosse dormir, fiquei sentado ali por um bom tempo, encarando o vão cheio de morangos abaixo, tentando ouvir os pássaros agourentos se aproximando.

12

Ah, Chevette, meu Chevette!
Me diga por quê
Vou viajar em você

DEUSES DO OLIMPO, me tirem uma dúvida rapidinho: eu já não sofri o bastante?

Ir de carro de Palm Springs a Malibu na companhia de Meg e Grover já teria sido bem ruim. Ter que desviar de zonas de evacuação de incêndio e suportar o trânsito matinal de Los Angeles tornaram tudo pior. Mas nós *tínhamos* que fazer a viagem no Chevette amarelo-mostarda 1979 de Gleeson Hedge?

— Vocês estão de brincadeira, né? — perguntei, ao encontrar meus amigos esperando por mim no carro. — Nenhum dos cactos tem um carro melhor... quer dizer, diferente?

O treinador Hedge fez cara feia.

— Ei, amigão, você devia é me agradecer. Este carro é um clássico! Pertenceu ao meu avô bode. Eu cuido dele *muito bem*, então não *ousem* destruí-lo.

Pensei nas minhas experiências mais recentes com carros: a carruagem do Sol mergulhando no lago do Acampamento Meio-Sangue; o Prius de Percy Jackson preso entre dois pessegueiros em um pomar de Long Island; uma Mercedes roubada costurando o trânsito pelas ruas de Indianápolis, dirigida por um trio de espíritos de frutas.

— Nós vamos cuidar bem dele — prometi.

O treinador Hedge passou todas as orientações a Grover, para ter certeza de que ele conseguiria encontrar a casa dos McLean em Malibu.

— Os McLean ainda devem estar lá — refletiu Hedge. — Bom, espero que estejam.

— Como assim? — perguntou Grover, desconfiado. — Por que eles *não* estariam lá?

Hedge tossiu.

— De qualquer modo, boa sorte! Mandem lembranças a Piper, se a virem. Tadinha…

Ele se virou e disparou colina acima.

O interior do Chevette cheirava a poliéster suado e patchouli, o que me trouxe à memória algumas lembranças ruins envolvendo John Travolta e música disco. (Curiosidade: o sobrenome dele deriva da palavra *travolgere*, que, em italiano, quer dizer *sobrecarregado*, o que descreve perfeitamente o efeito que o perfume dele causava no

ambiente.)

Grover assumiu o volante, porque Gleeson só confiava nele para dirigir o Chevette. (Achei uma grosseria...)

Meg foi na frente, com os tênis vermelhos apoiados no painel enquanto se divertia fazendo buganvílias crescerem em volta dos tornozelos. Ela parecia bem, levando em consideração a sessão flashback da noite anterior, recheada de traumas de infância. Que bom que pelo menos um de nós estava animado — eu mal conseguia pensar em tudo por que ela passara sem ter que respirar fundo e conter o choro.

Por sorte, eu tinha bastante espaço para chorar e não ser incomodado, já que estava sozinho no banco de trás.

Seguimos para oeste pela Interestadual 10. Quando passamos por Moreno Valley, levei um tempo para entender o que havia de errado: em vez de gradativamente ser tomada pelo verde, a paisagem permaneceu marrom, a temperatura continuou sufocante e o ar se manteve seco e azedo, como se o deserto do Mojave tivesse esquecido seus limites e se espalhado até Riverside. Ao norte, o céu estava enevoado, como se toda a floresta San Bernardino estivesse pegando fogo.

Estávamos presos no trânsito em Pomona quando nosso Chevette começou a tremer e a chiar como um javali com insolação.

Grover olhou pelo retrovisor para a BMW que vinha logo atrás.

— Chevettes não explodem quando alguém bate na traseira deles, né? — perguntou ele.

— Só às vezes — respondi.

Na minha época na carruagem do Sol, guiar um veículo que poderia explodir a qualquer momento nunca me incomodou, mas, depois que Grover tocou no assunto, eu ficava olhando para trás a cada segundo, torcendo para que a BMW se afastasse.

Eu precisava desesperadamente tomar um café da manhã decente, além das enchiladas frias da noite anterior. Eu teria destruído uma cidade grega por uma xícara de café quentinho e talvez uma bela e longa viagem na direção oposta à que estávamos seguindo.

Minha mente começou a divagar. Eu não sabia se aqueles devaneios eram fruto das minhas visões no dia anterior ou se minha consciência tentava escapar do banco de trás do Chevette, mas me vi imerso nas lembranças da Sibila Eritreia.

Eu me lembrei do nome dela: Herófila, *amiga de heróis*.

Estava na terra natal da profetiza, a baía da Eritreia, na costa do que um dia seria a Turquia, uma sucessão de colinas douradas açoitadas pelo vento, repletas de coníferas, ondulando até as águas azuis e frias do Egeu. Em um pequeno vale perto da entrada de uma caverna, um pastor com vestes simples de lã estava ajoelhado ao lado

da esposa, uma náiade de um riacho próximo, quando ela deu à luz a filha. Vou poupar vocês dos detalhes, exceto pelo seguinte: enquanto a mãe gritava e dava o empurrão final, a criança veio ao mundo não chorando, mas *cantando*, a linda voz preenchendo o ar com o som de profecias.

Como vocês podem imaginar, isso chamou minha atenção. Daquele momento em diante, a garota passou a ser consagrada a Apolo. Eu a abençoei como um dos meus Oráculos.

Eu me lembrava da jovem Herófila andando pelo Mediterrâneo e compartilhando sua sabedoria. Ela cantava para quem quisesse ouvir: reis, heróis, sacerdotes dos meus templos. Todos se desdobravam para transcrever as melodias proféticas. Imaginem ter que decorar todo o repertório de *Hamilton* de uma vez só, sem direito à consulta, e aí vocês vão entender o problema.

Herófila simplesmente tinha bons conselhos demais para compartilhar. A voz dela era tão encantadora que os ouvintes nunca conseguiam captar todos os detalhes. A profetiza não era capaz de controlar o que cantava nem quando cantava. E ela nunca repetia uma profecia. Você tinha que estar presente e pronto.

Ela previu a queda de Troia. Profetizou a ascensão de Alexandre, o Grande. Ajudou Eneias a escolher o local em que estabeleceria a colônia que um dia se tornaria Roma. Mas os romanos deram ouvidos a todos os conselhos dela, como *Cuidado com os imperadores*, *Não surtem muito com essa coisa de gladiador* e *Togas são um desastre fashion*? Não. Não mesmo.

Durante novecentos anos, Herófila andou, andou e andou. Fez o melhor que pôde para ajudar, mas, apesar das minhas bênçãos e das ocasionais entregas de buquês de flores para mantê-la motivada, a profetisa estava exausta. Todo mundo que ela conheceu na juventude tinha morrido. Ela viu civilizações ascenderem e caírem. Ouviu inúmeros sacerdotes e heróis dizerem: *Espera, é o quê? Pode repetir? Deixa eu pegar um lápis.*

Ela voltou para a casa da mãe, na Eritreia. O riacho tinha secado séculos antes, e com ele o espírito da mãe, mas Herófila se instalou em uma caverna próxima. Ela ajudava suplicantes sempre que apareciam em busca de suas palavras de sabedoria, mas sua voz nunca mais foi a mesma.

A bela cantoria sumiu. Não sei se ela perdeu a confiança ou se o dom da profecia tinha se transformado em uma espécie de maldição. Herófila estava cada vez mais hesitante, transmitindo profecias incompletas, omitindo palavras importantes, e ficava a cargo do ouvinte imaginar quais. Às vezes, a voz dela falhava por completo. Frustrada, ela rabiscava frases em folhas secas, e os suplicantes que se virassem para colocá-las na ordem correta e deduzir o que

significavam.

A última vez que vi a profetisa… Sim, o ano era 1509. Eu a convenci a sair da caverna e fazer uma última visita a Roma, onde Michelangelo pintava um retrato dela no teto da Capela Sistina. Ao que parecia, ela merecia um lugarzinho ali por causa de alguma profecia obscura de muito tempo antes, quando previu o nascimento de Jesus e tal.

— Não sei, Michel… — disse Herófila, sentada ao lado dele no andaime, observando-o trabalhar. — Está lindo, mas meus braços não são tão… — A voz dela ficou tensa. — Dez letras. Começa com M.

Michelangelo bateu com o pincel nos lábios.

— Musculosos?

Herófila assentiu vigorosamente.

— Eu posso consertar — prometeu Michelangelo.

Depois, Herófila voltou para a caverna de vez. Admito que quase a perdi de vista. Supus que tivesse desaparecido, como tantos outros Oráculos antigos. Mas lá estava ela, no sul da Califórnia, à mercê de Calígula.

Eu realmente não deveria ter parado de lhe enviar flores.

Então, só me restava tentar compensar minha negligência. Herófila *ainda* era meu oráculo, tanto quanto Rachel Dare no Acampamento Meio-Sangue, ou o fantasma do pobre Trofônio em Indianápolis. Fosse ou não uma cilada, eu não podia deixá-la em uma câmara de lava, presa com algemas em brasas. Comecei a me perguntar se talvez, só talvez, Zeus não tivesse agido *certo* ao me mandar para a Terra, para reparar os erros que eu tinha permitido que acontecessem.

Afastei esse pensamento na mesma hora. Não. Aquela punição tinha sido totalmente injusta. Ainda assim, aff. Existe algo pior do que perceber que você talvez concorde com seu pai?

Grover seguiu pela zona norte de Los Angeles, e pegamos um engarrafamento quase tão lento quando o processo de *brainstorming* de Atena.

Vejam bem, não quero menosprezar o sul da Califórnia. Quando o local não estava pegando fogo, ou envolto em neblina marrom, ou sendo chacoalhado por terremotos, ou rodeado de mares por tudo que é lado, ou completamente parado por causa do trânsito, havia coisas que eu apreciava nele: a cena musical, as palmeiras, as praias, os dias bonitos, as pessoas bonitas. Mas eu também entendia por que Hades tinha estabelecido a entrada principal do Mundo Inferior ali. Los Angeles era um ímã de aspirações humanas: o destino perfeito para todos aqueles que sonhavam com a fama e o sucesso e que logo depois fracassavam, morriam e desciam pelo ralo, fadados ao esquecimento.

Estão vendo só? Eu posso ser um observador bem perspicaz!

De vez em quando eu olhava para o céu, torcendo para ver Leo

Valdez voando em seu dragão de bronze, Festus, e agitando uma faixa imensa em que se lia TUDO JOIA! A lua nova seria dali a apenas dois dias, era verdade, mas talvez Leo tivesse concluído sua missão de resgate antes da hora! Então ele pousaria na estrada, nos diria que o Acampamento Júpiter estava a salvo e em seguida pediria a Festus que queimasse alguns carros para liberar caminho para a gente.

Mas nenhum dragão de bronze apareceu, embora fosse difícil ter certeza, já que o céu estava todo bronze.

— E então, Grover — falei, depois de algumas décadas na rodovia que cruzava a costa do Pacífico —, você *conhece* Piper ou Jason?

Grover balançou a cabeça.

— É meio estranho, eu sei. Todos nós moramos no sul da Califórnia e tal, mas eu estou ocupado com os incêndios, Jason e Piper têm suas missões e o colégio, essas coisas. Acabou que nunca surgiu a oportunidade. O treinador sempre fala que eles são… legais.

Tive a sensação de que ele ia usar um adjetivo diferente de *legais*.

— Está acontecendo alguma coisa que deveríamos saber? — perguntei.

Grover tamborilou no volante.

— Bom… a vida deles não está fácil. Primeiro, foram procurar Leo Valdez. Depois, se lançaram em outras missões. Aí as coisas começaram a ficar complicadas para o lado do sr. McLean.

Meg ergueu o rosto de uma buganvília que estava trançando.

— O pai da Piper?

Grover assentiu.

— Ele é um ator famoso. Conhece? Tristan McLean.

Um arrepio de prazer percorreu meu corpo. Simplesmente amei Tristan McLean em *Rei de Esparta*. E em *Jake Steel 2: O retorno de Steel*. Para um mortal, aquele homem tinha um abdome *divino*.

— O que aconteceu de ruim com ele? — perguntei.

— Você não lê sites de fofocas — concluiu Grover.

Uma triste realidade. Com essa história de ser mortal e cruzar o país libertando oráculos antigos e lutando contra megalomaníacos romanos, eu não tinha tempo nenhum para acompanhar as fofocas de Hollywood.

— O namoro terminou mal? — especulei. — Teste de DNA? Ele disse alguma coisa horrível no Twitter? Assediou alguém?

— Não exatamente — respondeu Grover. — Vamos só… ver como as coisas estão quando chegarmos lá. Talvez não seja tão ruim assim.

Ele falou isso da mesma forma que as pessoas falam quando esperam que as coisas estejam *exatamente* tão ruins assim.

Chegamos a Malibu na hora do almoço. Meu estômago estava se revirando de fome e de enjoo. Logo eu, que passava o dia todo andando no Maserati do Sol, *enjoado* por viajar de carro. A meu ver,

era tudo culpa de Grover. Ele meteu o casco no acelerador e não tirou mais.

O lado bom foi que nosso Chevette não explodiu, e encontramos a casa dos McLean sem problemas.

Afastada da estrada sinuosa, a mansão número 12 da Oro del Mar se empoleirava em penhascos rochosos com vista para o Oceano Pacífico. Da rua, só dava para ver os muros brancos, o portão de ferro fundido e as telhas vermelhas.

O local transmitiria segurança e tranquilidade se não fossem os caminhões de mudança estacionados do lado de fora. Os portões estavam escancarados. Tropas de homens fortes carregavam sofás, mesas e obras de arte. Andando de um lado para o outro na entrada da casa, desgrenhado e atordoado, como se tivesse acabado de sofrer um acidente de carro, estava Tristan McLean.

Seu cabelo estava mais comprido do que eu lembrava dos filmes. Cachos pretos sedosos caíam pelos ombros. Ele tinha ganhado peso, então não parecia mais a máquina de matar de *Rei de Esparta*. A calça branca estava suja de fuligem. A camiseta preta estava rasgada na gola. Os mocassins pareciam batatas esturricadas.

Era muito estranho ver uma celebridade do calibre dele sem guarda-costas, assistentes pessoais e fãs apaixonados, nem mesmo uns *paparazzi* para tirar fotos constrangedoras.

— O que está acontecendo com ele? — perguntei.

Meg olhou pelo para-brisa.

— Ele parece bem.

— Não — insisti. — Ele parece… *comum*.

Grover desligou o carro.

— Vamos lá dar um oi.

O sr. McLean estava agitado, mas parou quando nos viu, os olhos castanho-escuros perdidos.

— Vocês são amigos da Piper?

Fui incapaz de dizer qualquer coisa. Fiz um som gorgolejante que não emitia desde que conheci Grace Kelly.

— Sim, senhor — respondeu Grover. — Ela está em casa?

— Casa… — Tristan McLean saboreou a palavra, que pareceu ter deixado um gosto amargo na boca. — Podem entrar. — Ele acenou vagamente para o caminho. — Acho que ela… — Ele parou de falar enquanto observava dois funcionários da equipe de mudança carregando uma grande estátua de mármore no formato de um bagre. — Vão em frente. Não importa.

Eu não sabia se ele estava falando conosco ou com os outros homens, mas o tom derrotado em sua voz me deixou mais preocupado que sua aparência.

Seguimos pelo pátio com jardins verdejantes, topiarias e fontes

borbulhantes, passamos por portas de carvalho polido e adentramos a casa.

O piso de porcelanato vermelho reluzia. Paredes creme exibiam quadrados mais claros onde até pouco tempo havia obras de arte. À nossa direita havia uma cozinha gourmet que até Edésia, deusa romana dos banquetes, teria adorado. À frente nos deparamos com um salão com pé-direito de nove metros com vigas de cedro, uma lareira gigantesca e uma parede com portas de vidro de correr levando a um terraço com vista para o mar.

Infelizmente, o aposento estava vazio: sem mobília, sem tapetes, sem obras de arte… só alguns cabos saindo da parede e uma vassoura e uma pá encostados em um canto.

Dava pena ver uma sala tão impressionante naquele estado. Parecia um templo sem estátuas, música e oferendas de ouro. (Ah, por que eu me torturo com essas analogias?)

Sentada perto da lareira, revirando uma pilha de papéis, estava uma jovem com pele acobreada e cabelo escuro picotado. A camiseta laranja do Acampamento Meio-Sangue me levou a concluir que aquela era Piper, filha de Afrodite e Tristan McLean.

Nossos passos ecoaram no espaço amplo, mas Piper não moveu um fio de cabelo quando nos aproximamos. Talvez ela estivesse absorta demais nos papéis ou tivesse suposto que éramos da equipe de mudança.

— Vocês querem que eu me levante *de novo*? — murmurou ela. — Tenho certeza de que a lareira vai ficar.

Limpei a garganta.

— Ram-ram.

Piper ergueu o rosto. As íris multicoloridas captaram a luz como prismas enfumaçados. Ela me observou como se não tivesse certeza do que estava vendo (ah, rapaz, eu conhecia bem a sensação), depois lançou o mesmo olhar confuso para Meg.

Então ela viu Grover, e seu queixo caiu.

— Eu… eu conheço você — disse ela. — Das fotos da Annabeth. Você é o Grover!

Ela se levantou num pulo, os papéis caindo no chão, esquecidos.

— O que aconteceu? Annabeth e Percy estão bem?

Grover recuou, o que foi compreensível, dada a expressão intensa de Piper.

— Eles estão ótimos! — disse ele. — Quer dizer, acho que estão. Não os vejo há um tempo, m-mas tenho uma ligação empática com Percy, então, se ele *não estivesse* bem, eu acho que saberia…

— Apolo.

Meg se ajoelhou e pegou um dos papéis no chão, a testa ainda mais franzida do que a de Piper.

Meu estômago se embrulhou no mesmo instante. Como eu não tinha reparado a cor dos documentos antes? Todos os papéis, envelopes, relatórios, cartas, tudo era amarelo dente-de-leão.

— N. H. Financeira — leu Meg no cabeçalho. — Divisão do Triunvirato…

— Ei! — Piper tirou o papel da mão dela. — Isso é particular! — Então me encarou, confusa. — Espere. Ela chamou você de *Apolo*?

— Pois é. — Eu fiz uma reverência constrangida. — Apolo, deus da poesia, da música, da arqueria e de muitas outras coisas importantes, ao seu serviço, embora na carteira de motorista o nome seja Lester Papadopoulos.

— O quê? — perguntou ela, atordoada.

— Aproveitando: esta é Meg McCaffrey — falei. — Filha de Deméter. Ela não queria se intrometer. É só que já vimos papéis assim antes.

Piper nos encarou, sem saber o que estava acontecendo. Grover deu de ombros, como quem dizia: *Bem-vinda ao meu pesadelo.*

— Você vai ter que me explicar algumas coisas — pediu Piper.

Usei meu melhor tom de narrador de trailer para resumir tudo que tinha acontecido até ali: minha queda na Terra, minha servidão a Meg, minhas duas missões anteriores para libertar os Oráculos de Dodona e Trofônio, minhas viagens com Calipso e Leo Valdez…

— *LEO?* — Piper segurou meus braços com tanta força que tive medo de ficar com hematomas. — Ele está *vivo*?

— Ai, está doendo — choraminguei.

— Desculpa. — Ela me soltou. — Preciso saber tudo sobre Leo. Agora.

Obedeci na mesma hora, temendo que ela arrancasse a informação direto do meu cérebro se eu não falasse.

— Aquele isqueirinho — resmungou ela. — Nós o procuramos por meses, e ele aparece no *acampamento*?

— Nem me diga — concordei. — Tem uma fila de gente querendo bater nele. Podemos encaixar você em alguns meses. Mas agora precisamos da sua ajuda. Nós temos que libertar uma Sibila do imperador Calígula.

A expressão de Piper me lembrou um malabarista tentando acompanhar quinze objetos diferentes no ar ao mesmo tempo.

— Eu sabia — murmurou ela. — Sabia que Jason estava escondendo…

Seis pessoas da mudança entraram de repente pela porta da frente, falando em russo.

Piper fez cara feia.

— Vamos conversar no terraço — disse ela. — Vamos trocar más notícias.

13

Não mexam na churrasqueira
Meg não me ouviu
E agora vamos CA-BUM

AH, QUE PITORESCA aquela vista para o mar! As ondas batendo nos penhascos abaixo, as gaivotas voando acima! O homem da mudança, forte e suado, deitado numa espreguiçadeira, lendo mensagens no celular!

O sujeito ergueu o rosto ao notar nossa chegada, então fez cara feia, se levantou meio a contragosto e entrou na casa, deixando uma mancha de suor em forma de trabalhador no tecido da espreguiçadeira.

— Se eu ainda tivesse minha cornucópia, ia acertar uns presuntos caramelizados nesses caras — resmungou Piper.

Senti uma pontada nos músculos abdominais. Já tinha sido acertado na barriga por um javali assado disparado de uma cornucópia. Isso que dá causar a ira de Deméter… mas essa é outra história.

Piper se empoleirou na cerca do terraço, os pés na grade. Ela devia ter subido ali centenas de vezes, nem pensava mais na queda. Lá embaixo, ao pé de uma escadaria de madeira, uma estreita faixa de areia acompanhava a base do penhasco. Ondas batiam nas pedras irregulares. Decidi não me juntar a ela na cerca; não que tivesse medo de altura, eu tinha medo era da minha falta de equilíbrio.

Grover encarou a espreguiçadeira suada, a única mobília que restava no deque, e optou por continuar de pé. Meg andou até a churrasqueira a gás de aço inoxidável e começou a brincar com os botões — ou seja, ainda restavam uns cinco minutos antes que ela nos explodisse.

— Então. — Eu me encostei na amurada ao lado de Piper. — Você já sabia sobre Calígula.

Os olhos dela escureceram, indo de verde para um castanho cor de casca de árvore velha.

— Eu sabia que *alguém* estava por trás desses problemas: o Labirinto, os incêndios, isto. — Ela indicou a mansão. — Quando fomos fechar as Portas da Morte, lutamos contra muitos vilões que estavam voltando do Mundo Inferior. Então faz sentido ter um imperador romano por trás da Triunvirato S.A.

Pela aparência, Piper devia ter uns dezesseis anos, a mesma idade que… Bem, eu não podia dizer *a mesma idade que eu*. Se pensasse

nesses termos, teria que comparar a pele perfeita dela com meu rosto manchado de acne; o nariz esculpido dela com minha bolota de cartilagem bulbosa; o físico suavemente curvilíneo dela com o meu, que também era suavemente curvilíneo, mas no formato errado. Então teria que gritar um *EU TE ODEIO!* para ela.

Era uma moça tão jovem, mas já tinha visto tantas batalhas. Até falou *quando fomos fechar as Portas da Morte* com a mesma tranquilidade que seus colegas da escola teriam dito *quando fomos à piscina do Kyle*.

— A gente já sabia desse Labirinto de Fogo — continuou ela. — Gleeson e Mellie nos contaram sobre ele, dizendo que os sátiros e as dríades… — Ela indicou Grover. — Bom, não é nenhum segredo que vocês andam passando dificuldades com a seca e os incêndios. Então eu tive uns sonhos. Sabe como é.

Grover e eu assentimos. Até Meg desviou a atenção de seus perigosos experimentos com equipamentos de cozinha e grunhiu em solidariedade. Nós todos sabíamos que semideuses não podiam tirar um cochilinho sequer sem serem assombrados por presságios e agouros.

— Então — continuou Piper —, concluí que precisávamos encontrar o centro desse Labirinto. Imaginei que a pessoa responsável por acabar com nossas vidas devesse estar lá, e que poderíamos mandá-la de volta para o Mundo Inferior.

— Quando você diz *poderíamos*, está falando de você e…? — perguntou Grover.

— Jason. É.

Ela baixou a voz ao mencionar Jason, no mesmo tom que eu usava quando era obrigado a dizer os nomes *Jacinto* ou *Dafne*.

— Aconteceu alguma coisa entre vocês — deduzi.

Ela limpou uma sujeira invisível da calça jeans.

— Foi um ano difícil.

Acha que eu não sei?, pensei.

Meg acendeu uma das bocas da churrasqueira, que ardeu em uma chama azul, como um motor de propulsão.

— Vocês terminaram ou o quê?

Sempre se pode contar com McCaffrey para ser insensível numa conversa sobre questões amorosas com uma filha de Afrodite enquanto acende um fogo na frente de um sátiro.

— Por favor, não brinque com isso — pediu Piper, com toda a delicadeza. — E, sim, nós terminamos.

Grover baliu.

— É mesmo? Mas ouvi… Eu achava que…

— Você achava o quê? — A voz de Piper permaneceu calma e firme. — Que ficaríamos juntos para sempre, como Percy e Annabeth?

— Ela olhou em volta, encarando a casa vazia, não como se sentisse falta da antiga mobília, e sim como se estivesse imaginando o local totalmente redecorado. — As coisas mudam, as pessoas mudam. Jason e eu… Nós já começamos de um jeito estranho. Hera confundiu nossas cabeças, fez a gente pensar que tínhamos um passado, uma história que não existiu.

— Ah. Parece mesmo coisa de Hera — comentei.

— Nós lutamos na guerra contra Gaia, depois passamos meses atrás do Leo. Daí tivemos que tentar nos adaptar à escola. E depois, assim que eu tive tempo de respirar…

Ela hesitou, observando nossos rostos. Pareceu perceber que estava prestes a compartilhar os verdadeiros motivos, os motivos *mais profundos* do término, com pessoas que mal conhecia. Lembrei de como Mellie chamou Piper de *tadinha* e de como tocou no nome de Jason com certo desprezo.

— Enfim, as coisas mudam. Mas nós estamos bem. Ele está bem, eu estou bem. Pelo menos… pelo menos eu *estava* bem, até isso começar. — Ela apontou para o salão, onde funcionários arrastavam um colchão até a porta da frente.

Decidi que era hora de confrontar o elefante na sala. Ou melhor, o elefante no terraço. Ou o elefante que estaria no terraço, se não tivesse sido levado pelo pessoal da mudança.

— Mas o que aconteceu, exatamente? — perguntei. — O que tem naqueles documentos amarelos?

— Como este aqui — completou Meg, pegando no cinto de jardinagem uma carta dobrada que provavelmente tinha furtado do salão. Para uma filha de Deméter, a garota tinha mãos bem leves.

— Meg! Isso não é seu — repreendi.

Eu talvez tivesse alguns problemas em relação a roubo de correspondência alheia. Ártemis uma vez mexeu nas minhas cartas e encontrou mensagens picantes de Lucrécia Bórgia. Ela passou décadas implicando comigo por causa disso!

— N. H. Financeira — insistiu Meg. — Neos Helios. É o Calígula, não é?

Piper fincou as unhas na amurada de madeira.

— Ai, se livra disso. Por favor.

Meg jogou a carta no fogo.

Grover soltou um suspiro.

— Eu podia ter comido isso para você. É melhor para o meio ambiente, e papel de carta tem um gosto ótimo.

Piper abriu um sorriso fraco, prometendo:

— O resto é todo seu. Essas cartas só têm um blá-blá-blá jurídico e financeiro, tudo muito chato e cheio de papo de advogado. Resumindo: meu pai está falido. — Ela ergueu a sobrancelha para

mim. — Você não viu as colunas de fofocas? As capas das revistas?

— Foi o que *eu* perguntei — comentou Grover.

Fiz uma anotação mental para visitar a banca mais próxima e fazer um estoque de material de leitura.

— É uma vergonha, mas estou atrasado nas notícias — admiti. — Quando isso começou?

— Nem eu sei. Jane, a antiga secretária do meu pai, estava envolvida. E o gerente financeiro dele também. E o contador, o agente... Essa empresa, a Triunvirato S.A.… — Piper abriu as mãos, como se estivesse descrevendo e justificando algum desastre natural que não poderia ser previsto. — Parece que tiveram *muito* trabalho. Devem ter levado anos para gastar dezenas de milhões de dólares e conseguir destruir tudo que meu pai construiu. Acabaram com o dinheiro, os bens, a reputação com os estúdios... Tudo se foi. Quando contratamos Mellie… Bem, ela foi ótima. Foi a primeira pessoa a identificar o problema. E ela até tentou ajudar, mas era tarde demais. Agora meu pai está num nível pior que a falência: está com dívidas enormes. Deve milhões em impostos, coisas que nem sabia que precisava pagar. Agora temos que torcer para que ele, no mínimo, não vá para a cadeia.

— Que horrível.

O comentário foi de coração, eu estava falando sério. A perspectiva de nunca mais ver o abdome de Tristan McLean na telona me trazia um gosto amargo à boca, mas eu tinha tato o suficiente para não dizer isso na frente da filha dele.

— E também não dá para contar com a compaixão dos outros — continuou Piper. — Vocês deviam ver o pessoal da minha escola, com aqueles sorrisinhos debochados, falando de mim pelas costas. Mais que o habitual. *Ah, tadinha. Perdeu as três casas.*

— *Três* casas? — perguntou Meg.

Aquilo não me pareceu muito surpreendente. A maioria das deidades menores e das celebridades que eu conheci tinha pelo menos dez, mas Piper pareceu envergonhada.

— Sei que é ridículo — respondeu. — E levaram dez carros. E o helicóptero. Vão leiloar esta casa no fim de semana, e também vão levar o avião.

— Você tem um avião. — Meg assentiu, como se isso fizesse sentido para ela. — Legal.

Piper suspirou.

— Eu não ligo para *as coisas*, mas o antigo guarda florestal, um sujeito muito bacana que era nosso piloto, vai ficar sem emprego. E Mellie e Gleeson tiveram que ir embora. E todos que trabalhavam na casa. E, acima de tudo… estou preocupada com o meu pai.

Segui o olhar dela. Tristan McLean andava pela sala encarando as

paredes vazias. Gostava mais dele como herói de ação; ele não ficava muito bem no papel de homem arrasado.

— Mas ele está melhorando. Ano passado, foi sequestrado por um gigante — contou Piper.

Estremeci. Ser capturado por gigantes era uma experiência traumatizante. Ares nunca mais foi o mesmo depois de ter sido sequestrado por dois, milênios atrás. Ele já era bem arrogante e irritante, mas depois disso ficou arrogante, irritante e grosseiro.

— Nossa, é incrível que a mente dele ainda esteja intacta — comentei.

Piper estreitou os olhos.

— Quando o resgatamos, fizemos com que tomasse uma poção para apagar a memória. Afrodite disse que era a única coisa que poderíamos fazer por ele. Mas agora… Quanto trauma uma pessoa pode aguentar?

Grover tirou o gorro e o encarou, tristonho. Talvez estivesse fazendo um momento de silêncio em respeito, talvez só estivesse com fome.

— E o que vocês vão fazer agora?

— Nossa família ainda tem bens nos arredores de Tahlequah, Oklahoma, onde fica a reserva Cherokee original. No fim da semana, vamos usar pela última vez nosso avião e voltar para casa. Acho que os seus imperadores do mal venceram essa batalha.

Não gostei de ouvir os imperadores serem chamados de *meus*. Não gostei do jeito como Piper disse *casa*, como se já tivesse aceitado que ia passar o resto da vida em Oklahoma. Nada contra o lugar, vejam bem, meu amigo Woody Guthrie é de Okemah. Mas os mortais de Malibu não costumavam encarar isso de maneira positiva.

Além disso, pensar em Tristan e Piper sendo obrigados a se mudar para o leste me lembrou das visões de Meg, na noite anterior: ela e o pai sendo expulsos do lar pelo mesmo blá-blá-blá jurídico e chato em cartas amarelas, fugindo da casa em chamas, indo para Nova York. Saindo da frigideira de Calígula e caindo na fogueira de Nero.

— Não podemos deixar Calígula vencer — falei para Piper. — Você não é a única semideusa que sofreu nas mãos dele.

Ela pareceu refletir por um momento, então olhou para Meg, como se a visse de verdade pela primeira vez.

— Você também?

Meg desligou o fogo.

— É. Meu pai.

— O que aconteceu?

Ela deu de ombros.

— Já faz muito tempo.

Ficamos esperando, mas Meg tinha decidido ser Meg.

— Minha jovem amiga aqui não é de muitas palavras — expliquei. — Mas, se ela me permitir…?

Meg não me mandou calar a boca nem pular do terraço, então contei o que vira nas suas lembranças.

Quando terminei, Piper pulou da amurada, chegou mais perto de Meg e — antes que eu pudesse dizer *Cuidado, ela morde mais forte que um esquilo!* — a abraçou.

— Sinto muito.

Piper beijou o topo da cabeça dela.

Fiquei aflito, esperando ver as espadas douradas surgirem nas mãos de Meg. Mas, depois de um momento petrificada de surpresa, a garota derreteu no abraço de Piper. Elas ficaram muito tempo assim, com Meg trêmula nos braços de Piper, como se a jovem fosse a semideusa Consoladora-Chefe, como se os próprios problemas fossem irrelevantes perto dos de Meg.

Finalmente, com uma última fungada meio soluçante, Meg se afastou e secou o nariz.

— Obrigada.

Piper olhou para mim.

— Há quanto tempo Calígula está interferindo na vida dos semideuses?

— Vários milhares de anos. Ele e os outros dois imperadores não voltaram pelas Portas da Morte; eles nunca deixaram o mundo dos vivos. Viraram basicamente deuses menores. Tiveram milênios para construir esse império secreto, a Triunvirato S.A.

— Então por que nós? — perguntou Piper. — Por que agora?

— No seu caso, só posso supor que Calígula queira tirar você do caminho. Você não vai ser ameaça nenhuma se estiver distraída com os problemas do seu pai. E ainda mais se estiver morando em Oklahoma, longe do território do imperador. Quanto a Meg e ao pai dela… não sei. Ele estava envolvido em algum trabalho que Calígula considerou uma ameaça.

— Alguma coisa que teria ajudado as dríades — acrescentou Grover. — Só podia ser algo do tipo, considerando aquelas estufas e o lugar onde ele estava trabalhando. Calígula arruinou um homem da natureza.

Eu nunca vira Grover tão irritado. Duvidava que houvesse um elogio maior que um sátiro pudesse fazer a um humano do que *homem da natureza.*

Piper encarou as ondas ao longe.

— E vocês acham que está tudo interligado. Calígula está tramando alguma coisa, afastando qualquer um que o ameace, criando esse Labirinto de Fogo, destruindo os espíritos da natureza.

— E aprisionando o Oráculo da Eritreia — acrescentei. — Como

uma armadilha para mim.

— Mas o que ele quer? — perguntou Grover. — Aonde ele quer chegar com isso?

Eram perguntas excelentes. Mas, quando se tratava de Calígula, quase sempre era melhor ficar sem as respostas, porque em geral isso significava tragédia.

— Queria perguntar isso à Sibila — respondi. — Se alguém aqui souber como encontrá-la.

Piper apertou os lábios.

— Ah. É *por isso* que vocês estão aqui.

Ela olhou para Meg e para a churrasqueira a gás, talvez tentando decidir o que seria mais perigoso: partir em uma missão com a gente ou ficar com uma filha de Deméter entediada.

— Vou buscar minhas armas — disse ela, por fim. — Vamos dar uma volta.

14

Lá vai o senhor Bedrossian
Fugindo da gente
Numa calça de ginástica

— **SÓ QUERO ELOGIOS** — avisou Piper, saindo do quarto.

Mas eu nem sonharia em criticá-la.

Piper McLean estava muito elegante, pronta para o combate em seus All Star brancos, uma calça jeans skinny surrada, um cinto de couro e a camiseta laranja do acampamento. Uma pena azul enfeitava a trança lateral em seu cabelo — uma pena de harpia, se não me engano.

Ela levava no cinto uma adaga de lâmina triangular igual à que as mulheres gregas usavam, um parazônio. Quando namorei Hécuba, que depois se tornou rainha de Troia, ela carregava uma dessas. Era mais cerimonial, pelo que eu lembrava, mas muito afiada. (Hécuba tinha o temperamento meio forte.)

Pendurado do outro lado do cinto de Piper… Ah, era *por isso* que ela estava constrangida. Uma minialjava estava presa à sua coxa, carregada com projéteis de trinta centímetros, com sementes de dente-de-leão no lugar das penas. Um tubo de bambu de um metro e vinte ia pendurado ao ombro, junto da mochila.

— Uma zarabatana! — exclamei. — *A-do-ro* zarabatanas!

Não que eu fosse um especialista naquele tipo de arma, mas é que a zarabatana é *uma arma de disparo*. É elegante, difícil de dominar e *muito* sorrateira. Como não amar?

Meg coçou a nuca.

— Zarabatana é coisa dos gregos?

Piper riu.

— Não, não é coisa dos gregos, é coisa dos Cherokee. Meu avô fez esta para mim, muito tempo atrás. Ele sempre quis que eu treinasse.

O cavanhaque de Grover tremelicou como se estivesse tentando se libertar do queixo, no maior estilo Houdini.

— As zarabatanas são muito difíceis de usar. Meu tio Ferdinando tinha uma. Você é boa nisso?

— Não sou a melhor do mundo — admitiu Piper. — Não chego nem perto da minha prima de Tahlequah, que é a campeã da tribo. Mas andei treinando. Isto aqui foi bem útil na última vez em que Jason e eu entramos no Labirinto. — Ela deu um tapinha gentil na aljava. — Vocês vão ver.

Grover conseguiu controlar a empolgação. Eu entendia a

preocupação dele: nas mãos de alguém inexperiente, uma zarabatana era mais perigosa para aliados do que para inimigos.

— E a adaga? — perguntou Grover. — Essa é mesmo…?

— Katoptris — completou Piper, com orgulho. — Pertenceu a Helena de Troia.

Soltei um gritinho.

— Você tem a adaga de Helena de Troia? *Onde* você encontrou isso?

Piper deu de ombros.

— Em um galpão no acampamento.

Senti vontade de arrancar os cabelos. Eu me lembrava de quando Helena ganhou aquela adaga, como presente de casamento. Era uma lâmina *tão linda*, na mão da mulher mais bonita que já habitou este planeta (sem querer ofender os bilhões de outras mulheres por aí que também são encantadoras. Amo todas vocês.) E Piper encontrou aquela arma historicamente importante, bem elaborada e poderosa em *um galpão*?

Ora, o tempo transforma tudo em quinquilharia, por mais importante que a coisa seja. Fiquei me perguntando se era um destino desses que me aguardava. Dali a mil anos, alguém poderia me encontrar em um galpão e dizer *Ah, olha: Apolo, o deus da poesia. Talvez, dando uma lixada, dê para usar*.

— A lâmina ainda traz visões? — perguntei.

— Você também sabe disso, é? — Piper balançou a cabeça. — As visões pararam no verão passado. Isso por acaso tem alguma coisa a ver com sua expulsão do Olimpo, senhor deus da profecia?

Meg fungou.

— Quase tudo é culpa dele.

— Ei! — protestei. — Tá, vamos lá: Piper, aonde você quer nos levar? Se todos os seus carros foram tomados, acho que teremos que usar o Chevette do treinador Hedge.

Piper abriu um sorrisinho.

— Acho que podemos usar algo melhor. Venham comigo.

Ela nos guiou até a porta de casa, perto de onde o sr. McLean andava de um lado para outro, atordoado. Ele subia e descia a entrada para carros, mantendo a cabeça baixa como se estivesse procurando uma moeda no chão.

Reunidos na traseira do caminhão mais próximo, os homens da mudança tinham parado para o intervalo de almoço, todos comendo tranquilamente em pratos de porcelana que sem dúvida pertenciam à cozinha do sr. McLean pouquíssimo tempo antes.

O sr. McLean olhou para Piper. Não pareceu preocupado com a faca e a zarabatana.

— Vai sair?

— É rapidinho. — Piper deu um beijo na bochecha do pai. — Volto ainda hoje, à noite. Não deixe eles levarem os sacos de dormir, tá bem? A gente pode acampar no terraço, vai ser bem legal.

— Tudo bem. — Ele deu um tapinha distraído no braço da filha. — Boa sorte… Vai estudar?

— É. Vou estudar.

A Névoa é incrível mesmo: a pessoa pode sair de casa coberta de armas, junto com um sátiro, uma semideusa e um ex-olimpiano gorducho, e, graças à magia de distorção da realidade, seu pai mortal fica achando que você vai a um grupo de estudos. *Isso mesmo, pai. Temos que resolver uns problemas de matemática sobre a trajetória de dardos de zarabatana em alvos móveis.*

Atravessamos a rua até a casa do vizinho mais próximo, uma mansão que mais parecia uma colcha de retalhos: azulejos da Toscana, janelas modernas e gabletes vitorianos, num conjunto que parecia querer muito dizer: *Olhem só para mim: tenho muito dinheiro e nenhum bom gosto!* PRECISO DE AJUDA*!*

Na porta da casa, um sujeito corpulento usando roupas de academia ia saindo de um Cadillac Escalade branco.

— Sr. Bedrossian! — chamou Piper.

O sujeito deu um pulo e olhou para a garota, horrorizado. Apesar da blusa em que se lia NO PAIN, NO GAIN, da trágica calça de ginástica e dos tênis de corrida espalhafatosos, ele parecia ter passado os últimos momentos num ritmo mais *relaxado* do que *atlético*. O sr. Bedrossian não estava nem suado nem sem fôlego, e o cabelo ralo besuntado de gel estava perfeitamente penteado e intocado. Quando ele franziu a testa, seus olhos e boca pareceram se encolher mais para o centro do rosto, como se atraídos pelos buracos negros gêmeos das narinas.

— P-Piper — gaguejou ele. — O que você…?

Piper abriu um sorriso.

— Ah, eu *adoraria* pegar o Escalade emprestado, obrigada!

— Hã, na verdade, isso não…

— Isso não é problema? — sugeriu a menina. — E você vai ficar feliz de me emprestar o carro pelo dia todo? Fantástico!

Bedrossian fez careta e tentou forçar a saída das palavras.

— Sim. Claro.

— Chaves, por favor?

O sr. Bedrossian jogou o chaveiro para ela e entrou em casa correndo o mais rápido que a calça apertada permitia.

Meg assobiou baixinho.

— Isso foi demais.

— *O que* foi isso? — perguntou Grover.

— Isso foi charme — respondi. Tive que dar o braço a torcer. Piper McLean tinha um poder e tanto. Eu não sabia se ficava impressionado

ou saía correndo para longe e me juntava ao sr. Bedrossian. — Um dom raro entre os filhos de Afrodite. É comum você pegar o carro do sr. Bedrossian emprestado?

Piper deu de ombros.

— Ele é um *péssimo vizinho*. Sem falar que tem mais uns dez carros além desse. Pode acreditar, isso não vai ser nenhuma inconveniência para ele. E eu tenho o costume de trazer de volta tudo que pego emprestado. Quando dá. Vamos? Apolo, você dirige.

— Mas…

Piper abriu um sorrisinho doce e assustador, como quem diz *eu estou pedindo, mas poderia obrigar*.

— Eu dirijo — concordei.

* * *

Fomos para o sul no carro do vizinho, seguindo por uma estrada com uma belíssima vista para o oceano. Como o Escalade só não era maior que o tanque de guerra e com blindagem lança-chamas de Hefesto, tive que tomar bastante cuidado para não atropelar nenhuma moto, caixa de correio, criança pequena em triciclos ou qualquer outro obstáculo irritante parecido.

— Vamos buscar o Jason? — perguntei.

Piper, no banco do passageiro, enfiou um dardo na zarabatana.

— Não precisa. E ele está na escola agora.

— Mas *você* não está.

— *Eu* estou de mudança, lembra? Começo segunda que vem na Tahlequah High. — Ela ergueu a zarabatana como se fosse uma taça de champanhe. — Agora vou torcer pelos Tigers. Viva!

Por mais estranho que pudesse parecer, ela não falou aquilo com ironia. Mais uma vez, fiquei me perguntando como ela podia estar tão resignada, tão pronta para deixar Calígula acabar com a vida que ela e o pai haviam construído naquele lugar. Mas, como Piper estava com uma arma carregada na mão, decidi deixar pra lá.

Meg enfiou a cabeça no espaço entre os bancos da frente.

— Então a gente não vai precisar da ajuda do seu ex?

Eu me desconcentrei e perdi um pouco o controle do carro, mas consertei a rota a tempo de evitar o atropelamento de alguma vovó.

— Meg! Senta e coloca o cinto, por favor. Grover… — Olhei pelo retrovisor. O sátiro estava comendo uma tira de tecido cinza. — Grover, pare de mastigar o cinto de segurança. Olha o mau exemplo!

Ele cuspiu o cinto.

— Desculpa.

Piper fez um carinho na cabeça de Meg, bagunçando seu cabelo, e a empurrou para o banco de trás de um jeito meio brincalhão.

— Respondendo à pergunta: não. Vamos ficar muito bem sem o Jason. Eu sei como chegar à entrada do Labirinto. Eu que sonhei com isso, afinal. E essa é a entrada que o imperador usa, então *deve* ser o caminho mais curto até o centro, onde está a sua Sibila.

— E o que aconteceu quando vocês entraram lá da última vez? — perguntei.

Piper deu de ombros.

— O que geralmente acontece no Labirinto: armadilhas, corredores sempre mudando. E umas criaturas estranhas. Guardas. Coisas difíceis de descrever. E fogo. Muito fogo.

Eu me lembrei da visão de Herófila, erguendo os braços acorrentados, presa naquele mundo de lava, pedindo desculpas para alguém que não era eu.

— Você não encontrou o oráculo?

Piper ficou alguns segundos em silêncio, olhando o pouco que dava para ver do oceano entre as casas pelas quais passávamos.

— Não. Mas Jason e eu nos separamos por alguns momentos. E eu… eu não sei se ele me contou tudo que aconteceu. Tenho quase certeza que não.

Grover ajeitou o cinto meio mastigado.

— Por que ele mentiria?

— Uma ótima pergunta — comentou Piper. — E mais um ótimo motivo para não chamá-lo. Eu quero ver por mim mesma.

Parecia que Piper também estava escondendo muita coisa: dúvidas, palpites, sentimentos... talvez até o que tinha acontecido *com ela* no Labirinto.

Eba, pensei. *Nada melhor para incrementar uma missão perigosíssima do que um dramalhão de um ex-casal de heróis que podem ou não ter contado toda a verdade um para o outro (e para mim)*.

Seguimos até o centro de Los Angeles. Considerei isso um mau sinal. O “centro de Los Angeles” sempre me pareceu um oximoro, uma expressão absurda, como “sorvete quente” ou “inteligência militar”. (Sim, Ares, pode se sentir insultado: foi de propósito.)

Los Angeles é uma cidade muito espalhada, com muitos subúrbios. Não é o tipo de lugar que deveria ter um centro, assim como pizza não é o tipo de comida que deveria levar pedaços de manga. Ah, é verdade que aqui e ali, entre os prédios cinza e sem graça do governo e as lojas enormes e brilhantes, partes do centro tinham sido revitalizadas. Vi várias construções novas enquanto ziguezagueávamos pelas ruas, lojas modernas e hotéis elegantes. Mas, para mim, aquela tentativa de criar um centro parecia tão eficiente quanto passar maquiagem num legionário romano. (E é bem inútil, falo por experiência própria.)

Estacionamos perto do Grand Park (que de grande só tinha o nome: o lugar não era nem grande nem exatamente um parque). Do outro

lado da rua ficava um prédio de oito andares. Se eu me lembrava bem, já tinha ido lá, décadas antes, para registrar meu divórcio de Greta Garbo. Ou foi de Liz Taylor? Fica aí a dúvida.

— Aquele é o Hall of Records, o famoso centro de registros de Los Angeles? — perguntei.

— É. Mas não vamos entrar — alertou Piper. — Pare ali na área de carga e descarga. Dá para ficar quinze minutos estacionado sem problema.

Grover se inclinou para a frente.

— E se a gente não voltar em quinze minutos?

Piper sorriu.

— Ah, aí com certeza a empresa de reboque vai cuidar muito bem do Escalade do sr. Bedrossian.

Saímos do carro e seguimos Piper até a lateral do prédio do governo. Ela levou o dedo aos lábios, pedindo silêncio, e fez sinal para espiarmos pela esquina.

Um muro de concreto de seis metros contornava o quarteirão; a estrutura era pontilhada por portas comuns de metal, e supus que ali fosse a entrada de serviço. Na frente de uma delas, já na metade da rua, estava um guarda meio estranho.

Apesar do calor que fazia, ele estava de terno preto e gravata. Era um sujeito baixo e corpulento, com mãos estranhamente grandes, usando um pano estranho enrolado na cabeça, mas não consegui identificar bem o que era — parecia um keffiyeh árabe extragrande, branco e felpudo, caindo pelos ombros até metade das costas. Talvez ele fosse segurança de algum milionário do petróleo saudita. Mas por que ele estaria parado em um beco ao lado de uma porta comum de metal? E por que seu rosto era todo coberto de pelos brancos — que combinavam perfeitamente com o seu keffiyeh?

Grover farejou o ar e nos puxou de volta para a esquina.

— Aquele cara não é humano — sussurrou.

— Ah, mas esse sátiro merece uma salva de palmas! — sussurrou Piper.

Eu não sabia por que estávamos falando tão baixo. A gente estava a meio quarteirão do guarda, e a rua era bem movimentada.

— O que ele é? — indagou Meg.

Piper verificou o dardo na zarabatana.

— Boa pergunta. Mas eles podem ser um *grande* problema se a gente perder o elemento-surpresa.

— *Eles*? — repeti.

— É. — Piper franziu a testa. — Eram dois da outra vez. E o pelo deles era preto, não sei se isso quer dizer que esse aí é muito diferente. Mas aquela porta é a entrada do Labirinto, então vamos ter que tirar o cara do caminho.

— Uso as espadas? — perguntou Meg.

— Só se eu errar. — Piper respirou fundo algumas vezes. — Prontos?

Achei que ela não aceitaria um *não* como resposta, então assenti, assim como Meg e Grover.

Piper se adiantou, ergueu a zarabatana e soprou.

Era um disparo de quinze metros, o limite do que considero o alcance de uma zarabatana, mas Piper acertou o alvo. O dardo perfurou a perna esquerda da calça do guarda.

O sujeito olhou para baixo, examinando, surpreso, o estranho novo acessório que se projetava de sua coxa. A ponta do dardo combinava perfeitamente com seu pelo branco.

Ah, que ótimo, pensei. *Só conseguimos incomodar o cara.*

Meg conjurou as espadas douradas.

Grover pegou a flauta.

Eu me preparei para sair correndo e gritando.

— Esperem — mandou Piper.

O guarda caiu para o lado bem devagar, como se na verdade a cidade é que estivesse se inclinando, e desabou, inconsciente, na calçada.

Ergui as sobrancelhas.

— *Veneno?*

— Receita especial do vovô Tom — explicou Piper. — Agora venham. Vou mostrar o que é estranho *de verdade* nesse cara peludo.

15

Grover vai embora cedo
Que sátiro esperto
Ao contrário de mim, Lester

— **O QUE ELE** é? — perguntou Meg de novo. — Ele é engraçado.

Engraçado não seria bem o adjetivo que eu usaria.

O guarda estava caído de costas, a boca espumando, os olhos semicerrados tremendo em um estado semiconsciente.

As mãos do ser tinham oito dedos cada, o que explicava por que pareciam tão grandes vistas de longe. A julgar pelo tamanho dos sapatos de couro preto, ele também devia ter oito dedos nos pés. Parecia jovem, só um pouco mais velho do que um adolescente humano, mas, exceto pela testa e pelas bochechas, o rosto todo era coberto por pelos brancos finos, como os do peito de um filhotinho de cachorro.

Mas o grande destaque do "corpinho" do brutamontes eram as orelhas. O que eu pensei que fosse um adereço de cabeça se desenrolou e revelou duas cartilagens ovais e moles que tinham o formato de orelhas humanas, mas do tamanho de uma toalha de praia. Só pude concluir que o apelido do pobrezinho na escola seria Dumbo. Os ouvidos dele eram tão largos que poderiam acomodar com facilidade bolas de beisebol e tão peludos que forneceriam um estoque eterno de plumas para os dardos de Piper.

— Orelhudo — falei.

— Dã — disse Meg.

— Não, eu quis dizer que ele deve ser um dos orelhudos que Macro citou.

Grover deu um passo para trás.

— As criaturas da guarda pessoal de Calígula? Poxa, eles precisavam ser tão *assustadores*?

— Pensem em como a audição deles deve ser ótima! — falei, andando ao redor do jovem humanoide. — E imaginem todos os acordes de guitarra que essas mãos poderiam tocar. Como eu nunca vi essa espécie antes? Eles seriam os melhores músicos do mundo!

— Hum... — disse Piper. — Não sei se seriam bons músicos, mas pode ter certeza de que são ótimos lutadores. Dois quase nos mataram, e eu e Jason já enfrentamos todo tipo de monstro.

Não vi nenhuma arma com o guarda, mas não tinha dúvidas de que não seria fácil entrar numa briga com ele. Aqueles punhos de oito dedos deviam fazer um estrago. Ainda assim, me parecia um

desperdício treinar aquelas criaturas para a guerra…

— Inacreditável — murmurei. — Depois de quatro mil anos, ainda estou descobrindo coisas novas.

— Tipo o tamanho da sua burrice — sugeriu Meg.

— Não.

— Então você já sabia disso? — perguntou ela.

— Pessoal — interrompeu Grover. — O que a gente faz com o orelhudo aqui?

— Matamos — disse Meg.

Franzi a testa.

— O que aconteceu com “ele é engraçado”? O que aconteceu com “Tudo que é vivo merece a chance de crescer”?

— Ele trabalha para os imperadores — disse ela. — É um monstro. Ele só vai voltar para o Tártaro, não vai?

Meg se virou para Piper em busca de confirmação, mas a filha de Afrodite estava ocupada vigiando a rua.

— É muito estranho ter só um guarda aqui — refletiu Piper. — E por que ele é tão jovem? Nós já entramos uma vez, era de se esperar que eles colocariam *mais* guardas. A não ser que…

Ela não concluiu a frase, mas eu a compreendi com clareza: *A não ser que queiram que a gente entre.*

Estudei o rosto do guarda, que ainda tremia por causa do veneno. Por que eu olhava para ele e pensava imediatamente na barriguinha peluda de um cachorro? Assim ficava mais difícil matá-lo.

— Piper, o que seu veneno faz, exatamente?

Ela se ajoelhou e puxou o dardo.

— Bom, se acontecer o mesmo que com os outros guardas, o veneno vai paralisá-lo por bastante tempo, mas não vai matá-lo. É veneno de cobra-coral diluído com alguns ingredientes herbais especiais.

— Me lembre de nunca beber seu chá — murmurou Grover.

Piper deu um sorrisinho.

— Podemos deixar o orelhudo aqui. Não acho certo chutá-lo para o Tártaro.

— Droga.

Meg não pareceu gostar muito da ideia, mas transformou as espadas gêmeas de volta em anéis de ouro.

Ao entrarmos no prédio, nos deparamos com um elevador de carga enferrujado com uma única alavanca de controle e sem porta.

— Antes de entrarmos, vamos esclarecer algumas coisas — disse Piper. — Então, vou mostrar por onde Jason e eu acessamos o Labirinto, mas não é porque tenho ascendência nativo-americana que vou fazer aquela coisa estereotipada de rastrear pegadas, cheirar plantas, essas coisas. Não vou rastrear nada. Não sou sua guia.

Todos concordamos, que é o certo a se fazer ao ouvir um ultimato de uma amiga com opiniões fortes e dardos envenenados.

— Além disso — continuou ela —, se algum de vocês precisar de qualquer tipo de orientação espiritual nesta missão, não sou eu que vou oferecer esse serviço. Não vou ficar distribuindo sabedoria Cherokee por aí.

— Combinado — falei. — Se bem que, como antigo deus da profecia, eu gosto de sabedoria espiritual.

— Você vai ter que pedir ao sátiro, então — disse Piper.

Grover limpou a garganta.

— Hum... "reciclagem atrai energia positiva"?

— Viu? É só falar com ele — disse Piper. — Estamos de acordo? Todos a bordo.

O elevador era mal iluminado e cheirava a enxofre. Lembrei que Hades tinha instalado um elevador em Los Angeles que levava ao Mundo Inferior. Eu esperava que Piper não tivesse confundido as missões.

— Tem certeza de que essa coisa leva ao Labirinto de Fogo? — perguntei. — Porque eu não trouxe nenhum biscoitinho de carne humana para Cérbero.

Grover choramingou.

— Você *tinha* que mencionar Cérbero. Isso atrai energia negativa, sabia?

Piper acionou a alavanca. O elevador sacudiu e começou a descer numa rapidez tão grande quanto minha vontade de estar ali.

— A primeira parte é toda obra dos mortais — garantiu Piper. — O centro de Los Angeles é cheio de túneis abandonados de metrô, abrigos antiaéreos, tubulações de esgoto…

— Tudo que eu gosto — murmurou Grover.

— Não sei muito bem a história — disse Piper —, mas Jason me explicou que alguns túneis eram usados por contrabandistas durante a Lei Seca. Agora só tem pichadores, fugitivos, sem-teto, monstros, servidores públicos.

— Servidores públicos? — perguntou Meg, confusa.

— É sério — disse Piper. — Alguns dos funcionários municipais usam os túneis para ir de um prédio a outro.

Grover estremeceu.

— Em vez de andar no sol e cercado pela natureza? Repulsivo.

Nossa caixa de metal enferrujada chacoalhava e rangia. O que quer que estivesse lá embaixo nos ouviria chegando, principalmente se tivesse orelhas do tamanho de toalhas de praia.

Depois de uns quinze metros, o elevador parou de repente. À nossa frente havia um corredor de cimento bem sem graça, iluminado por lâmpadas fluorescentes azuis fraquinhas.

— Não parece muito assustador — disse Meg.
— Espera só — disse Piper. — A diversão está chegando.
— Oba — disse Grover, desanimado.
O corredor levava a um túnel extenso, com inúmeros dutos e canos correndo junto ao teto. As paredes estavam tão pichadas que talvez se passassem por uma obra-prima desconhecida de Jackson Pollock. Espalhados pelo chão, havia latas vazias, roupas sujas e sacos de dormir mofados, o que conferia ao ambiente um odor inconfundível de suor, urina e total desespero.
Andamos em silêncio. Tentei respirar o mínimo possível, e um tempo depois chegamos a um túnel ainda maior, com trilhos de trem enferrujados. Nas paredes, placas de metal sinalizavam ALTA VOLTAGEM, NÃO ENTRE e SAÍDA.
Cascalho estalava sob nossos pés. Ratos corriam junto aos trilhos, guinchando para Grover quando passavam.
— Ratos são *tão* mal-educados — sussurrou Grover.
Percorremos mais cem metros, e Piper nos guiou por um corredor lateral com chão de linóleo. Lâmpadas fluorescentes piscavam no teto, prestes a queimar de vez. Ao longe, quase invisíveis na luz fraca, duas figuras estavam caídas no chão. Supus que eram sem-teto, até que Meg parou.
— São dríades?
Grover deu um grito alarmado.
— Agave? Jade?
Ele saiu correndo, e nós o seguimos.
Agave era um espírito da natureza enorme, assim como a planta que o nomeava. De pé, ficaria com pouco mais de dois metros. Tinha pele azul-acinzentada, membros compridos e um cabelo espetado que devia ser um desafio para qualquer xampu. No pescoço, pulsos e tornozelos, ela usava spikes para afastar qualquer um que tentasse invadir seu espaço pessoal. Ajoelhada ao lado da amiga dríade, Agave não parecia tão mal, até se virar, revelando as queimaduras. O lado esquerdo do rosto era uma maçaroca de tecido chamuscado e seiva. O braço esquerdo não passava de um cotoco marrom ressecado.
— Grover! — disse ela, a voz rouca. — Ajude Jade. Por favor!
Ele foi até a outra dríade.
Eu nunca tinha ouvido falar da planta jade, mas entendi por que ela se chamava assim. Seu cabelo era um amontoado denso de discos que lembravam a pedra semipreciosa. O vestido tinha a mesma constituição, então ela parecia ter se banhado em uma piscina de clorofila. O rosto talvez tivesse sido bonito um dia, mas agora estava murcho como uma bola de festa de uma semana atrás. Dos joelhos para baixo, não havia nada — as pernas haviam sumido, incineradas. Ela tentou se concentrar na gente, mas seus olhos verdes estavam

opacos. Quando se moveu, pedrinhas de jade se soltaram do cabelo e do vestido.

— Grover está aqui? — Ela parecia ter inalado uma mistura de gás cianeto e serragem de metal. — Grover… nós chegamos tão perto.

— O que aconteceu? Como…? — perguntou Grover, a boca tremendo e os olhos cheios de lágrimas.

— Lá embaixo — disse Agave. — Chamas. Ela saiu do nada. Magia…

Ela começou a tossir seiva.

Com cautela, Piper deu uma olhada pelo corredor.

— Vou na frente checar. Já volto. Não quero ser pega de surpresa.

E disparou pelo corredor.

Agave tentou dizer alguma coisa, mas caiu de lado. De alguma forma, Meg a segurou e a apoiou no chão sem ser perfurada pelas folhas pontudas. Ela tocou no ombro da dríade, murmurando baixinho:

— *Cresça, cresça, cresça*.

As feridas no rosto de Agave começaram a cicatrizar. Sua respiração ficou mais tranquila. Em seguida, Meg se virou para Jade. Ela colocou a mão no peito da dríade, mas desistiu quando mais pétalas se soltaram.

— Não posso fazer muito por ela aqui embaixo — disse Meg. — As duas precisam de água e luz do sol. *Agora*.

— Vou levar as duas para a superfície — disse Grover.

— Eu ajudo — disse Meg.

— Não.

— Grover…

— Não! — A voz dele falhou. — Do lado de fora, posso curá-las tão bem quanto você. Este é o *meu* grupo de busca, elas estão aqui por ordens *minhas*. É minha responsabilidade ajudá-las. Além do mais, seu lugar é aqui embaixo com Apolo. Vai mesmo deixá-lo seguir em frente sozinho, sem você?

Excelente observação. Eu precisaria da ajuda de Meg.

Mas então reparei no modo como eles me olhavam, como se duvidassem das minhas habilidades, da minha coragem, da minha capacidade de terminar a missão sem uma garota de doze anos segurando minha mão e dizendo que ia ficar tudo bem.

Eles estavam certos, não posso negar, mas isso não tornava a situação menos constrangedora.

Eu pigarreei.

— Bom, tenho certeza de que, se eu *tivesse que*…

Meg e Grover já tinham perdido o interesse em mim, como se meus sentimentos não fossem a preocupação primordial deles. (Eu sei. Fiquei indignado também.) Juntos, os dois ajudaram Agave a se

levantar.

— Estou bem — insistiu Agave, cambaleante. — Consigo andar. Cuidem da Jade.

Com todo o cuidado, Grover a pegou no colo.

— Vai com calma — avisou Meg. — Não a balance muito, senão ela vai perder todas as pétalas.

— Não balançar Jade — disse Grover. — Entendi. Boa sorte!

Grover correu em direção à escuridão com as duas dríades assim que Piper voltou.

— Aonde eles estão indo? — perguntou ela.

Meg explicou. Piper franziu ainda mais a testa.

— Espero que eles consigam sair. Se aquele guarda acordar… — Ela não completou a frase. — Bom, é melhor irmos. Fiquem alertas. Atenção total.

A não ser que injetassem cafeína na minha veia e eletrificassem minha cueca, eu não sabia como poderia ficar mais alerta. Meg e eu seguimos Piper pelo corredor mal iluminado.

Mais trinta metros, e o corredor se abriu em um espaço amplo que parecia…

— Esperem — falei. — Isto aqui é um estacionamento subterrâneo?

Seria, se não fosse a completa ausência de carros. Havia fileiras e fileiras de vagas vazias, e, pintadas no chão de cimento, setas amarelas. Colunas sustentavam o teto seis metros acima; em algumas havia placas que instruíam: BUZINE. SAÍDA.CEDA PASSAGEM À ESQUERDA.

Em uma cidade em que tanto se andava de carro como Los Angeles, era estranho que um estacionamento daquele tamanho estivesse abandonado. Por outro lado, as vagas apertadas e mal localizadas e as possíveis multas pareciam ótimas quando a opção era um labirinto macabro frequentado por pichadores, grupos de buscas de dríades e servidores públicos.

— Foi aqui — disse Piper. — Onde Jason e eu nos separamos.

O cheiro de enxofre estava mais forte ali, misturado a uma fragrância doce… algo como cravo e mel. Por alguma razão, aquele aroma me deixou tenso; lembrou alguma coisa que não consegui identificar, algo perigoso. Resisti à vontade de fugir.

Meg franziu o nariz.

— Que fedor.

— É — concordou Piper. — Também senti da última vez. Achei que fosse… — Ela balançou a cabeça. — Mais ou menos aqui, um muro de chamas surgiu do nada. Jason correu para a direita. Eu corri para a esquerda. Sério, era um calor muito maligno. Foi o fogo mais intenso que já senti, e eu lutei com Encélado.

Estremeci com a lembrança do bafo escaldante do gigante. Nós mandávamos caixas e mais caixas de antiácidos para ele na Saturnália,

só para irritá-lo.

— E o que aconteceu depois que você e Jason se separaram? — perguntei.

Piper foi até o pilar mais próximo. Passou a mão nas letras de uma placa.

— Eu tentei encontrá-lo, é claro. Mas ele desapareceu. Fiquei procurando um bom tempo. Estava muito nervosa. Não ia perder outro…

Ela hesitou, mas deduzi o que ia dizer. Piper já tinha chorado a perda de Leo Valdez, que até pouco tempo acreditava estar morto. Ela não queria perder outro amigo.

— Mas então — disse ela —, comecei a sentir o tal cheiro. Tipo de cravo, ou algo assim.

— É um cheiro bem característico — concordei.

— Bem nojento, isso sim — corrigiu Meg.

— Começou a ficar muito forte — disse Piper. — Para ser sincera, fiquei com medo. Eu estava sozinha no escuro e entrei em pânico. Então fui embora. — Ela fez uma careta. — Não foi muito heroico, eu sei.

Eu não estava em condições de julgar ninguém, visto que meus joelhos tremiam tanto que estavam escrevendo *FUJAM* em código Morse.

— Jason apareceu depois — continuou Piper. — Saiu como se fosse a coisa mais normal do mundo. Ele não quis me contar o que tinha acontecido. Só disse que voltar ao Labirinto não levaria a nada. As respostas estavam em outro lugar. Falou que queria pesquisar algumas ideias e que depois conversaria comigo. — Ela deu de ombros. — Isso foi duas semanas atrás. Ainda estou esperando.

— Ele encontrou o oráculo — supus.

— Também acho. Talvez, seguindo para lá — Piper apontou para a direita —, a gente encontre também.

Ninguém se mexeu. Ninguém gritou *Eba!* nem pulou de alegria diante da sugestão de adentrar a escuridão que fedia a enxofre.

Minha cabeça era um turbilhão de pensamentos tão grande que eu me perguntei se de fato alguém tinha injetado uma tonelada de cafeína nas minhas veias.

Calor maligno, como se tivesse personalidade própria. O apelido do imperador: Neos Helios, o Novo Sol, o empenho de Calígula em se apresentar como um deus vivo. Uma fala de Névio Macro: *Só espero que tenha sobrado alguma parte de você aí para o ritual macabro do imperador.*

E aquela fragrância, cravo e mel… como um perfume antigo, misturado a enxofre.

— Agave disse “ela saiu do nada” — mencionei.

A mão de Piper apertou com força o cabo da adaga.

— Eu estava torcendo para ter ouvido errado, ou que esse “ela” estivesse se referindo a Jade.

— Ei — disse Meg. — Escutem.

Era difícil, com a minha cabeça girando e com a cueca estalando por causa da eletricidade, mas finalmente ouvi: estrondos de madeira e metal ecoavam na escuridão, e o sibilar e arranhar de criaturas grandes se movendo com rapidez.

— Piper — falei —, por que aquele perfume deixou você tão alarmada? Do que você lembrou?

Os olhos dela agora estavam de um azul tão elétrico quanto a pena da harpia.

— De uma… uma velha inimiga, uma pessoa que minha mãe me avisou que eu veria de novo um dia. Mas ela não poderia…

— Uma feiticeira — supus.

— Pessoal — interrompeu Meg.

— Isso.

A voz de Piper ficou fria e grave, como se só então ela estivesse se dando conta do tamanho do problema em que tínhamos nos metido.

— Uma feiticeira da Cólquida — completei. — Neta de Hélio, que conduzia uma carruagem.

— Puxada por dragões — disse Piper.

— Pessoal — disse Meg com mais urgência —, nós temos que nos esconder.

Era tarde demais, é claro.

A carruagem dobrou a esquina, puxada por dragões dourados gêmeos que soltavam fumaça amarela pelas narinas, verdadeiras locomotivas movidas a enxofre. A condutora não tinha mudado nada desde que eu a vira pela última vez, alguns milhares de anos antes. O cabelo escuro era o mesmo, e ela continuava majestosa como sempre, o vestido preto de seda esvoaçando ao redor do corpo.

Piper pegou a faca, preparada para lutar. Meg foi atrás dela, conjurando suas espadas e parando ao lado da filha de Afrodite. Eu, burro que era, parei ao lado delas.

— Medeia.

Piper cuspiu a palavra com tanto veneno e força quanto usaria para soprar um dardo da zarabatana.

A feiticeira puxou as rédeas, fazendo a carruagem parar. Em circunstâncias diferentes, eu talvez tivesse gostado de ver a expressão de surpresa no rosto dela, mas esse prazer não durou muito.

Medeia riu com vontade.

— Piper McLean, minha querida. — Ela voltou o olhar feroz e predatório para mim. — Este é Apolo, devo concluir? Ah, você me poupou tanto tempo e trabalho. E depois que terminarmos, Piper, você

vai ser um ótimo lanchinho para os meus dragões!

16

A batalha é o charme
Você é ridícula
Já ganhei? Vamos embora?

DRAGÕES DO SOL... Odeio. E olha que eu era um deus do Sol.

Eles nem são muito grandes (para dragões). Com jeitinho, dá até para enfiar um deles num trailer. (O que, inclusive, já fiz. Vocês tinham que ter visto a cara de Hefesto quando pedi que ele entrasse no veículo para verificar o pedal do freio.)

Mas os dragões do Sol compensam a falta de tamanho com perversidade.

Os gêmeos esquentadinhos de Medeia rosnaram e morderam, as presas parecendo porcelana nas fornalhas ardentes de suas bocas. Calor emanava das escamas douradas. As asas, dobradas nas costas, brilhavam como painéis solares. Mas a pior parte eram os olhos laranja reluzentes…

Piper me cutucou.

— Para de olhar — avisou ela. — Eles vão deixar você paralisado.

— Eu sei — murmurei, embora minhas pernas já estivessem quase se transformando em pedra.

Eu havia esquecido que não era mais deus e que, portanto, não era mais imune a coisinhas insignificantes como olhares petrificadores de dragões do Sol e, sei lá, a morte.

Piper repreendeu Meg:

— Ei! Você também.

Meg piscou, saindo do estupor.

— Que foi? Eles são bonitos.

— Obrigada, querida! — A voz de Medeia era gentil e calma. — Nós ainda não fomos apresentadas. Medeia, prazer. Você é Meg McCaffrey, obviamente. Ouvi tanto sobre você. — Ela deu um tapinha no banco da carruagem ao seu lado. — Venha, querida. Não precisa ter medo. Sou amiga do seu padrasto. Vou levar você até ele.

Meg franziu a testa, confusa. As pontas das espadas baixaram.

— O quê?

— Ela está jogando charme, tentando manipular você. — A voz de Piper me acertou como um copo de água gelada na cara. — Meg, não preste atenção nela. Apolo, você também não.

Medeia suspirou.

— É sério, Piper McLean? Vamos mesmo ter outra batalha de charme?

— Não vai ser necessário — disse Piper. — Eu venceria mais uma vez.

Os lábios de Medeia se crisparam de desgosto em uma ótima imitação do rosnado dos dragões do Sol.

— O lugar de Meg é com o padrasto. — Ela gesticulou em minha direção como se estivesse afastando lixo. — Não com esse reles pretenso deus.

— Ei! — protestei. — Se eu tivesse meus poderes…

— Mas não tem — disse Medeia. — Olhe só para você, Apolo. Pense bem no que seu pai fez com você! Mas não se preocupe, que sua infelicidade está no fim. Vou espremer qualquer poder que ainda reste nesse seu corpo mortal e usá-lo muito bem!

Meg segurou as espadas com mais força.

— Como assim? — murmurou ela. — Ei, moça da magia, que história é essa?

A feiticeira sorriu. Não usava mais a coroa de princesa da Cólquida, que era sua por direito, mas um pingente dourado ainda brilhava em seu pescoço, as tochas cruzadas de Hécate.

— Devo contar a ela, Apolo? Ou você conta? Você deve saber por que eu o trouxe até aqui.

Por que eu o trouxe até aqui.

Como se cada passo que dei desde que saí daquela caçamba de lixo em Manhattan tivesse sido engendrado, orquestrado por ela… Eis o problema: eu achava isso totalmente plausível. Aquela feiticeira tinha destruído reinos. Tinha traído o pai e ajudado Jasão a roubar o Velocino de Ouro. Matou o irmão e o cortou em pedacinhos. Assassinou os próprios filhos. Ela era a seguidora de Hécate mais brutal e sedenta por poder, e também a mais formidável. Não só isso: era também uma semideusa de sangue antigo, neta de Hélio, antigo titã do Sol.

O que significava que…

Tudo me ocorreu de uma vez, uma percepção tão horrível que meus joelhos se dobraram.

— Apolo! — gritou Piper. — Levanta!

Eu tentei, tentei de verdade, mas minhas pernas não cooperaram. Caí de quatro e soltei um gemido humilhante de dor e pavor. Ouvi um *clap-clap-clap* e me perguntei se as amarras que prendiam minha mente àquele crânio mortal tinham finalmente se rompido.

Foi quando percebi que Medeia me encarava, dando uma educada salva de palmas.

— Aí está. — Ela riu. — Demorou um pouco, mas até o *seu* cérebro lerdo acabou chegando lá.

Meg segurou meu braço.

— Você não vai desistir, Apolo — ordenou ela. — Agora me explica

o que está acontecendo.
Ela me botou de pé.
Tentei formar palavras, obedecer à ordem dela, dar uma explicação. Cometi o erro de encarar Medeia, cujos olhos eram tão hipnotizantes quanto os dos dragões. No rosto dela, vi o olhar cruel e a violência latente do avô, Hélio, em seus dias de glória, antes de cair no esquecimento, antes de eu assumir o lugar dele como guia da carruagem do Sol.
Lembrei como o imperador Calígula tinha morrido. Ele estava prestes a ir embora de Roma; planejava velejar até o Egito e erguer uma nova capital lá, em uma terra onde as pessoas entendiam de deuses vivos. Ele pretendia se *tornar* um deus vivo: Neos Helios, o Novo Sol, não só no nome, mas *literalmente*. Foi por isso que os pretores não viam a hora de matá-lo, o que fizeram na noite anterior à sua partida.
Mas o que ele quer?, perguntara Grover.
Meu conselheiro espiritual sátiro estava no caminho certo.
— O objetivo de Calígula sempre foi o mesmo — gemi. — Ele quer ser o centro da criação, o novo deus do Sol. Ele quer me suplantar, assim como eu suplantei Hélio.
Medeia sorriu.
— Você era o deus certo, no lugar certo.
— O que você quer dizer com… *suplantar*? — perguntou Piper, inquieta.
— Substituir! — respondeu Medeia, e começou a contar nos dedos como se estivesse ensinando uma receita em um programa matinal. — Primeiro, eu extraio toda a essência imortal de Apolo, que não é muita no momento, então vai ser rápido. Depois, acrescento a essência dele ao que já tenho no caldeirão, o resto de poder do meu querido e falecido avô.
— Hélio — falei. — As chamas no Labirinto. Eu… eu reconheci a raiva dele.
— É, o vovô é meio mal-humorado mesmo. — Medeia deu de ombros. — É isso o que acontece quando sua força vital diminui até não restar praticamente nada, aí sua neta conjura você de volta um pouco de cada vez, até você ser uma tempestade de fogo linda e furiosa. Eu queria que você pudesse sofrer como Hélio, uivando por milênios em um estado de semiconsciência, acordado o suficiente para ter noção de tudo que perdeu e para sentir dor e ressentimento. Mas, ora, não temos tanto tempo. Calígula está nervoso. Vou pegar o que sobrou de você e Hélio, investir esse poder no meu amigo imperador, e *voilà*! Um novo deus do Sol!
Meg grunhiu.
— Que burrice — reclamou, como se Medeia tivesse sugerido uma

regra nova para o pique-esconde. — Você não pode fazer isso. Não pode destruir um deus e criar um novo!

Medeia nem se deu ao trabalho de responder.

Eu sabia que o ritual que ela descrevera era *completamente* possível. Os imperadores de Roma tinham se tornado semidivinos só instituindo adoração entre a população. Ao longo dos séculos, vários mortais se fizeram deuses, ou foram promovidos a divindades pelos olimpianos. Meu pai, Zeus, tornou Ganimedes imortal simplesmente porque ele era fofo e sabia servir vinho!

Quanto a destruir deuses… A maioria dos titãs havia sido morta ou banida milhares de anos atrás. E ali estava eu, um mero mortal, desprovido de toda divindade pela *terceira vez*, simplesmente porque papai queria me dar uma lição.

Para uma feiticeira com o poder de Medeia, tal magia era possível, desde que suas vítimas estivessem fracas o bastante para serem destruídas, como os restos de um titã há muito esmaecido ou um idiota de dezesseis anos chamado Lester que caiu como um patinho na armadilha dela.

— Você destruiria seu próprio avô? — perguntei.

Medeia me olhou com desdém.

— Por que não? Vocês, deuses, são todos parentes, mas vivem tentando matar uns aos outros.

Odeio quando feiticeiras malignas têm razão.

Medeia esticou a mão para Meg.

— Agora, minha querida, suba aqui comigo. Seu lugar é com Nero. Tudo será perdoado, eu prometo.

O charme envolvia as palavras dela como o gel de Aloe Vera, gosmento e frio, mas também tranquilizador. Meg não conseguiria resistir. O passado dela, o padrasto, principalmente o Besta... ela nunca deixou de pensar neles.

— Meg — argumentou Piper —, não deixe que ninguém lhe diga o que fazer. Tome suas próprias decisões.

Bendita intuição de Piper, apelando para a teimosia de Meg. E bendito coraçãozinho determinado e coberto de mato de Meg. Ela se colocou entre mim e Medeia.

— Apolo é o *meu* servo burro. Você não pode ficar com ele.

A feiticeira suspirou.

— Admiro sua coragem, querida. Nero me disse que você era especial. Mas minha paciência tem limite. Devo dar a você uma amostra do que está enfrentando?

Medeia estalou as rédeas, e os dragões atacaram.

17

Que beleza de dragões
Mas é uma pena
Eles vão me matar já

ATROPELAR PESSOAS COM uma carruagem é muito bom. Eu, como qualquer outra deidade, gosto muito de fazer isso. Mas não gostei *nem um pouco* de ser atropelado.

Meg ficou firme quando os dragões vieram para cima da gente, o que não sei se foi admirável ou suicida. Eu estava tentando decidir se me escondia atrás dela ou pulava para longe, ambas opções bem menos admiráveis, mas também menos suicidas. Até que as escolhas se tornaram irrelevantes: Piper lançou a adaga, acertando em cheio o olho do dragão da esquerda.

O monstro berrou de dor e se jogou para o lado, empurrando o dragão da direita, mudando a rota da carruagem. Medeia passou direto por nós, quase se tornando a próxima vítima das espadas de Meg, e sumiu na escuridão, brigando com os bichinhos numa torrente de insultos em cólquido antigo, uma língua que ninguém mais falava, mas que continha vinte e sete palavras diferentes para *matar* e nenhum jeito de dizer *Apolo arrasa*. Como eu odiava aquela gente.

— Tudo bem com vocês? — perguntou Piper.

Ela estava com a ponta do nariz vermelha como se a pele estivesse queimada pelo sol, e a pena de harpia em seu cabelo soltava fumaça, típico resultado de um encontro muito íntimo com lagartos superaquecidos.

— Tudo — resmungou Meg. — Nem consegui bater em nada.

Indiquei a bainha vazia da faca de Piper.

— Belo arremesso.

— Pois é. Só queria ter mais adagas. Acho que vou precisar usar os dardos da zarabatana.

Meg balançou a cabeça.

— Contra aqueles dragões? Você viu o couro daqueles bichos? Pode deixar que eu cuido deles com minhas espadas.

Medeia continuava gritando ao longe, tentando controlar as feras. Um rangido alto de rodas anunciou que a carruagem estava voltando para o segundo ataque.

— Meg, Medeia só precisa botar charme em uma palavra para derrotar você. Basta ela mandar um *tropece* na hora certa...

Meg fez cara feia para mim, como se fosse culpa *minha* a feiticeira poder usar charme contra ela.

— Será que temos como deixar essa mulher mágica muda?
— Acho mais fácil tapar os ouvidos — sugeri.
Meg recolheu as espadas e remexeu nos bolsos de sementes. O ribombar das rodas da carruagem ficava cada vez mais rápido e mais próximo.
— Vamos logo! — apressei-a.
Meg abriu um pacote de sementes, enfiou algumas no ouvido, apertou o nariz e expirou com força. Tufos de tremoços azuis brotaram em suas orelhas.
— Mas que coisa! — comentou Piper.
— O QUÊ? — gritou Meg.
A filha de Afrodite balançou a cabeça. *Deixa pra lá.*
Meg nos ofereceu as sementes de tremoço, mas recusamos. Piper devia ter resistência natural ao charme dos outros, e eu não pretendia chegar perto o bastante da feiticeira para ser seu alvo principal. Também não sofria com a fraqueza de Meg, o desejo conflitante e bem equivocado, mas mesmo assim muito poderoso, de agradar o padrasto e recuperar pelo menos algum traço daquela memória que tinha de lar e de família — desejo esse que Medeia poderia (e com certeza iria) explorar. Sem falar que eu ficava meio enjoado só de pensar em andar por aí com campânulas saindo das orelhas.
— Se preparem — avisei.
— O QUÊ?
Apontei para a carruagem de Medeia, que surgia do escuro, disparando na nossa direção. Passei o dedo no pescoço, o sinal universal de *mate a feiticeira e elimine seus dragões.*
Meg conjurou as espadas.
Então atacou os dragões do Sol como se não fossem criaturas com dez vezes o seu tamanho.
Medeia gritou, parecendo preocupada de verdade:
— Saia daí, garota!
Meg continuou atacando, a proteção de ouvido colorida balançando para fora das orelhas, lembrando enormes asas azuis de uma libélula gigantesca. Pouco antes de Meg e as bestas baterem de frente, Piper gritou:
— DRAGÕES, PAREM!
Medeia reagiu:
— DRAGÕES, AVANCEM!
O resultado foi o maior caos que já se viu desde o Plano Termópilas.
As bestas deram um solavanco, puxando as rédeas. O dragão da direita se lançou para a frente, e o dragão da esquerda estacou de vez. O da direita tropeçou, puxando o da esquerda para a frente, e acabou que um bateu no outro. A parelha girou, e a carruagem capotou,

lançando Medeia para longe, até ela se estatelar no chão.

Antes que os dragões pudessem se recuperar, Meg atacou com suas lâminas gêmeas, decapitando primeiro o da esquerda, depois o da direita. Os golpes fizeram seus corpos reptilianos liberarem uma onda de calor tão intensa que senti o rosto arder.

Piper saiu correndo e arrancou a adaga do olho do dragão morto.

— Bom trabalho — comentou para Meg.

— O QUÊ?

Saí de trás de uma coluna de cimento, onde tinha me escondido muito corajosamente, só esperando caso meus amigos precisassem de apoio.

Poças de sangue de dragão fumegavam aos pés de Meg. Os novos brincos leguminosos fumegaram, e suas bochechas estavam vermelhas, mas ela parecia ilesa. O calor que irradiava dos corpos dos dragões do Sol já tinha começado a dissipar.

A alguns metros dali, numa vaga exclusiva para carros compactos, Medeia se levantava com dificuldade. A trança tinha se desfeito, e o cabelo escuro cobria um dos lados do rosto, escorrendo como petróleo vazando de um tanque furado. Ela cambaleou para a frente e arreganhou os dentes.

Tirei o arco do ombro e disparei uma flecha. Minha mira foi razoável, mas a força foi ridícula, mesmo para um mortal. Medeia estendeu uma das mãos, e uma lufada de vento arremessou minha flecha para longe.

— Você matou Phil e Don! — rosnou a feiticeira. — Eles estão comigo há milênios!

— O QUÊ? — perguntou Meg.

Com um gesto mais intenso, Medeia conjurou uma rajada de vento. Meg saiu voando pelo estacionamento, bateu num pilar e desabou, as espadas tilintando no asfalto.

— Meg!

Tentei correr até ela, mas senti mais uma rajada de vento rodopiar ao meu redor, me prendendo em um pequeno tufão.

Medeia riu alto.

— Fique paradinho aí, Apolo. Já, já eu falo com você. Não precisa se preocupar com a Meg. Os descendentes de Plemneu são bem resistentes. E só vou matá-la se for mesmo necessário. Nero quer a garota viva.

Os descendentes de Plemneu? Eu não sabia muito bem o que isso queria dizer, nem como se aplicava a Meg, mas pensar em ver minha amiga ao lado de Nero novamente me fez lutar com ainda mais afinco.

Eu me debati contra a miniatura de ciclone, e o vento me empurrou para trás. Foi como colocar a mão para fora da janela do Maserati do Sol indo a toda pelo céu, sentindo a força do vento de mil quilômetros

por hora ameaçar quase arrancar seus dedos imortais — bem, tenho certeza de que vocês já passaram por isso também.

— E quanto a você, Piper… — Os olhos de Medeia reluziram, brilhando como gelo negro. — Você ainda se lembra dos meus servos aéreos, os *venti*? Eu posso simplesmente mandar um deles jogar você na parede, fazendo todos os ossos do seu corpo se quebrarem com o choque. Mas que graça isso teria? — Ela hesitou e pareceu pensar um pouco. — Na verdade, teria muita graça!

— Está com medo, é? — retrucou Piper. — Não tem coragem de me encarar, mano a mano?

Medeia soltou um muxoxo de desprezo.

— Ai, por que os heróis sempre fazem isso? Ficam tentando me provocar e me levar a fazer alguma besteira?

— Porque em geral dá certo — retrucou Piper, com doçura. Ela agachou, empunhando a zarabatana em uma das mãos e a adaga na outra, pronta para pular ou desviar, o que fosse necessário. — Você só fica dizendo que vai me matar, não para de repetir que é muito poderosa e coisa e tal, mas acaba que eu sempre venço. Não estou vendo nenhuma feiticeira poderosa, e sim uma mulher com dois dragões mortos e um penteado malfeito.

Claro que eu entendia o que Piper estava fazendo; ela estava nos dando tempo. Tempo para Meg recuperar a consciência e eu encontrar uma forma de sair daquela prisão de vento. Só que nenhuma dessas coisas parecia provável: Meg continuava imóvel onde tinha caído; por mais que tentasse, eu não conseguia abrir caminho à força naquele *ventus* rodopiante.

Medeia ergueu a mão para o penteado desmoronado, mas se conteve antes de tocar no cabelo.

— Você nunca me venceu, Piper McLean. A verdade é que destruir minha casa de Chicago, ano passado, foi um favor que você me fez. Se não fosse por isso, eu nunca teria conhecido meu novo amigo aqui em Los Angeles. Ah, e nossos objetivos se complementam muito bem.

— Ah, aposto que se complementam mesmo — retrucou Piper. — Você e Calígula, o imperador romano mais perverso da história! O que o Tártaro uniu ninguém pode separar. Aliás, é para lá que eu vou mandar você.

Atrás da carruagem destruída, vi os dedos de Meg McCaffrey tremerem. As leguminosas tapando suas orelhas mexeram com sua respiração. Eu nunca tinha ficado tão feliz em ver plantas se balançando na orelha de alguém!

Forcei o ombro contra o vento. Não consegui passar, mas a barreira parecia estar ficando mais fraca, como se Medeia estivesse perdendo o foco. Os *venti* eram espíritos muito erráticos, e, sem Medeia para mantê-los concentrados na tarefa, o servo do ar tinha grandes chances

de perder o interesse e sair voando em busca de um belo pombo ou piloto de avião para incomodar.

— Mas que palavras corajosas, Piper — disse a feiticeira. — Sabe, Calígula queria matar você e Jason Grace. Teria sido mais simples. Mas eu o convenci de que seria melhor deixar você sofrer no exílio. Gostei da ideia de você e seu pai, que já foi tão famoso, presos em uma fazenda imunda em Oklahoma, os dois enlouquecendo aos poucos com o tédio e a impotência.

Piper cerrou os dentes. Ela de repente me lembrou muito a mãe, Afrodite, que fazia a mesma cara sempre que alguém na Terra comparava a própria beleza com a dela.

— Você vai lamentar ter me deixado viver.

— É bem provável. — Medeia deu de ombros. — Mas foi divertido ver seu mundo desmoronar. E o Jason, aquele rapazote adorável que tem quase o mesmo nome que meu ex-marido…

— O que tem ele? — perguntou Piper. — Se você tiver feito alguma coisa de ruim…

— Ruim? De forma alguma! Ele deve estar na escola agora, em alguma aula chata, escrevendo uma redação ou qualquer outro trabalho horrendo que adolescentes mortais são obrigados a fazer. Na última vez em que vocês dois vieram aqui no Labirinto… — Ela sorriu. — Ah, sim, claro que eu sei sobre isso. Nós deixamos que ele encontrasse a Sibila. É o único jeito de encontrá-la, sabe. Eu tenho que *permitir* que a pessoa chegue ao centro do Labirinto, a não ser que ela esteja usando os sapatos do imperador, claro. — Medeia riu, como se a ideia fosse engraçada. — Nossa, as botas de Calígula não combinariam *nada* com a sua roupa.

Meg tentou se sentar. Os óculos tinham escorregado do rosto e estavam pendurados na ponta do nariz.

Dei uma cotovelada na jaula de ciclone. O vento girava cada vez mais devagar.

Piper pegou a faca.

— O que você fez com o Jason? O que a Sibila disse?

— Ela só falou a verdade — retrucou Medeia, toda satisfeita. — Ele queria saber como encontrar o imperador, e a Sibila contou. Mas ela também contou *um pouco mais* do que ele perguntou, como os Oráculos sempre fazem. E a verdade foi o suficiente para destruir o pobre Jason Grace. Ele não vai mais ser nenhuma ameaça. Nem você.

— Você vai pagar por isso — rosnou Piper.

— Que maravilha! — Medeia esfregou as mãos. — Estou me sentindo muito generosa, então vou lhe conceder seu pedido: um duelo só entre nós. Escolha sua arma, menina. Eu vou escolher a minha.

Piper hesitou, sem dúvida se lembrando de como o vento tinha

jogado minha flecha para longe, então pendurou a zarabatana no ombro e ficou só com a adaga.

— Uma bela arma — disse Medeia. — Bonita como Helena de Troia. Bonita como você, aliás. Mas quero lhe dar um conselho, aqui entre nós. A *beleza* pode ser útil, mas o *poder* é muito melhor. Como arma eu escolho Hélio, o titã do Sol!

Medeia ergueu os braços, e chamas explodiram ao redor dela.

18

Caramba, bruxa maligna
Não chega pertinho
Com o seu avô quentinho

TAÍ UMA BOA regra de etiqueta em duelos: na dúvida entre quais armas usar no combate, não se deve, *de jeito nenhum,* escolher seu avô.

Eu e o fogo já somos velhos conhecidos.

Já alimentei os cavalos do Sol com nacos de ouro derretido que peguei com as mãos nuas. Já nadei em caldeiras de vulcões ativos (Hefesto dá ótimas festas na piscina). Já aguentei o bafo ardente de gigantes, dragões e até da minha irmã, antes de ela escovar os dentes de manhã. Mas nenhum desses horrores se comparava à pura essência de Hélio, o antigo titã do Sol.

Ele nem sempre foi hostil. Ah, ele era ótimo em seus dias de glória! Eu ainda me lembrava do rosto imberbe, eternamente jovem e bonito, dos cachos escuros coroados com um diadema de fogo dourado, que o deixava iluminado demais para ser encarado por muito tempo. Hélio, com a veste dourada esvoaçante, brandindo o cetro em chamas, andando pelos corredores do Olimpo, conversando, fazendo piadas e flertando sem o menor pudor.

Sim, Hélio era um titã, mas ele apoiou os deuses durante a primeira guerra contra Cronos e lutou ao nosso lado, enfrentando os gigantes. Era um titã gentil e generoso… bem *caloroso*, como era de se esperar do Sol.

Mas, aos poucos, conforme os olimpianos ganharam poder e fama entre os adoradores humanos, a memória dos titãs foi se apagando. Hélio passou a aparecer cada vez menos nos corredores do Monte Olimpo, foi virando um velho distante, irritado, feroz, fulminante… todas as características solares *menos* desejáveis.

Os humanos começaram a olhar para mim, brilhante, dourado e reluzente, e me associar ao Sol. E, francamente, quem poderia culpá-los?

Eu nunca pedi por essa honra. Certa manhã, simplesmente acordei e me descobri dono da carruagem do Sol e responsável por todos os outros deveres que o cargo exigia. Hélio tinha virado apenas um eco, um sussurro nas profundezas do Tártaro.

E, graças à neta feiticeira do mal, ele agora estava de volta. Mais ou menos.

Um turbilhão incandescente rugiu em volta de Medeia. Senti a raiva de Hélio, seu temperamento chamejante, que acendia meu

pavor. (Nossa, que trocadilho horrível. Foi mal aí, galera.)

Hélio nunca foi deus para toda obra. Ele não era assim como eu, cheio de talentos e interesses. Hélio fazia *uma única coisa* com muita dedicação e foco: dirigia o Sol. Dava para sentir como ele estava amargurado, sabendo que *eu* tinha assumido seu papel — eu, um mero curioso das questões solares, condutor de fim de semana da carruagem do Sol. Tanto que tirar o poder dele do Tártaro não devia ter sido difícil para Medeia: bastou apelar para o ressentimento, para o desejo de vingança. Hélio queria me destruir com todo o seu *ardor*, queria acabar com o deus que o eclipsara. (Ai, não consigo parar com os trocadilhos!)

Piper McLean saiu correndo. Não era questão de coragem ou de covardia, e sim de biologia: o corpo de um semideus não aguentaria aquele calor. Ela teria entrado em combustão espontânea se tivesse ficado perto de Medeia.

A única consequência positiva: meu encarcerador *ventus* sumiu, muito provavelmente porque Medeia não conseguia se concentrar nele e em Hélio ao mesmo tempo. Fui cambaleando até Meg e a ajudei a se levantar, arrastando-a para longe da tempestade de fogo.

— Ah, não, Apolo! — gritou Medeia. — Nada de fugir!

Puxei Meg para trás da coluna de cimento mais próxima e a protegi com o corpo quando uma cortina de fogo irrompeu pela garagem, penetrante, rápida e mortal, sugando o ar de meus pulmões e ateando fogo às minhas roupas. Rolei para o lado por instinto, desesperado, e fui para trás da coluna mais próxima, tonto e fumegante.

Meg cambaleou até mim. Ela estava vermelha e também soltava fumaça, mas continuava viva. Até os tremoços azuis tostados continuavam teimosamente presos nas orelhas. Eu tinha conseguido protegê-la do pior do fogo.

A voz de Piper ecoou de algum lugar no estacionamento.

— Ei, Medeia! Sua mira é uma droga!

Espiei pela lateral da coluna quando Medeia se virou na direção do som. A feiticeira estava parada, envolta em fogo, soltando feixes de chamas brancas e incandescentes em todas as direções, como os raios de uma roda. Uma onda de fogo explodiu na direção da voz de Piper.

Um momento depois, Piper gritou:

— Erro-ou! Tá frio, hein!

Meg sacudiu meu braço.

— O QUE A GENTE FAZ?

Minha pele parecia uma salsicha cozida. O sangue fervia nas veias, correndo ao som de *PODE VIR QUENTE QUE EU ESTOU FERVENDO!*

Eu sabia que ia morrer se fosse alvo de mais um daqueles ataques, mesmo que pegasse de raspão. Mas Meg estava certa: tínhamos que fazer alguma coisa. Não podíamos deixar Piper sozinha naquele fogo

cruzado (literalmente).

— Cadê você, Apolo? — provocou Medeia. — Venha dar um oi para seu velho amigo! Vocês, juntos, vão alimentar o Novo Sol!

Outra onda de calor cruzou a garagem a algumas colunas de distância. A essência de Hélio não rugiu nem atordoou a todos com um fogo multicolorido; era uma chama branca fantasmagórica, quase transparente, mas mataria tão rápido quanto se estivéssemos expostos a um reator nuclear. (Aqui vai um anúncio de segurança pública: leitores, aconteça o que acontecer, *não* vão até a usina nuclear do seu bairro e entrem na câmara do reator.)

Eu não tinha nenhuma estratégia para derrotar Medeia. Não tinha poderes divinos, nem sabedoria divina, nem nada além do pavor de saber que, se sobrevivesse àquilo, precisaria de uma nova calça rosa camuflada.

Meg deve ter visto a desesperança em meu rosto.

— PERGUNTA PARA A FLECHA! — gritou. — VOU DISTRAIR A MULHER MÁGICA!

Odiei a ideia. Fiquei tentado a gritar *O QUÊ?*

Mas, antes que eu pudesse fazer isso, Meg saiu correndo.

Remexi na aljava e tirei a Flecha de Dodona.

— Ó Sábio Projétil, precisamos de ajuda!

ORA, NÃO ESTÁ QUENTE DEMAIS NESTE AMBIENTE, MEU CARO?, perguntou a flecha. *OU SÓ EU QUE SINTO ESTE CALOR?*

— Temos uma feiticeira jogando fogo de um titã por aí! — gritei. — Olha!

Eu não sabia se a flecha tinha olhos mágicos, algum radar ou outra forma qualquer de perceber o ambiente, mas estiquei a ponta dela até o canto do pilar, onde Piper e Meg se arriscavam em um jogo de queimado escaldante e mortal com as explosões de Medeia, carregando o fogo de seu avô.

AQUELA JOVEM ACASO CARREGA UMA ZARABATANA?, perguntou a flecha.

— Carrega.

RÁ! FLECHAS SÃO DEVERAS SUPERIORES!

— Ela tem ascendência Cherokee — expliquei. — É uma arma tradicional da família dela. Agora pode *por favor* de me dizer como fazemos para derrotar Medeia?

HUM, refletiu a flecha. *DEVES USAR A ZARABATANA.*

— Mas você acabou de falar…

NÃO QUEIRAS ME LEMBRAR! É ÁRDUO DIZER ISSO! TU JÁ TENS A RESPOSTA!

A flecha ficou quieta. É claro que, na única vez em que eu *quis* que ela elaborasse a resposta, a safada calou a boca. Mas é claro.

Enfiei a flecha na aljava e corri até a coluna seguinte, me

escondendo embaixo de uma placa de BUZINE!

— Piper! — gritei.

Ela olhou para mim cinco pilares à frente. O rosto estava repuxado em uma careta, e os braços pareciam carapaças de lagosta cozida. Minha mente médica percebeu que a garota tinha no máximo algumas horas até a insolação atacar: náusea, tontura, inconsciência, talvez até a morte. Mas optei por me concentrar na parte do *algumas horas*. Precisava acreditar que viveríamos tempo suficiente para morrer de causas mais naturais.

Fiz a mímica de um disparo de zarabatana e apontei na direção de Medeia.

Piper me encarou como se eu fosse louco. Eu não podia culpá-la: mesmo que Medeia não conseguisse desviar o dardo com um sopro de vento, o disparo nunca seria capaz de atravessar aquela parede de calor. Só dei de ombros e expliquei, com movimentos labiais: *Confie em mim. Eu perguntei à flecha.*

Não sei o que Piper entendeu, mas ela pegou a zarabatana.

Enquanto isso, do outro lado do estacionamento, Meg provocava Medeia, daquele seu jeitinho adorável.

— BURRA!

Medeia enviou uma lâmina vertical de calor — embora, a julgar pela mira, ela estivesse tentando assustar Meg, não matá-la.

— Venha aqui logo e acabe com essa idiotice, querida! — chamou ela, enchendo as palavras de preocupação. — Eu não quero machucar você, mas o titã é difícil de controlar!

Cerrei os dentes. Aquelas palavras eram parecidas demais com os jogos mentais de Nero, controlando Meg com a ameaça de seu alter ego, o Besta. Eu só esperava que as plantas fumegantes em seus ouvidos impedissem que ela ouvisse aquelas barbaridades.

Enquanto Medeia estava de costas, procurando Meg, Piper saiu de trás da coluna.

E disparou.

O dardo atravessou a parede de fogo e acertou em cheio as costas de Medeia. Como? Também não sei. Talvez, por ser uma arma Cherokee, o dardo não estivesse sujeito às regras da magia grega. Talvez, assim como bronze celestial passa direto por mortais comuns, sem reconhecê-los como alvos legítimos, as chamas de Hélio não se incomodassem com um mero dardo de zarabatana.

Não importa o motivo, o caso é que a feiticeira foi atingida e gritou. Ela se virou, fazendo cara feia, levou a mão às costas e arrancou o dardo. Então o examinou, incrédula.

— *Um dardo de zarabatana?* Você só pode estar de brincadeira!

Os pilares de fogo continuaram girando ao redor dela, mas nenhum foi disparado na direção de Piper. Medeia cambaleou, os olhos aos

poucos se fechando.

— E estava *envenenado*? — A feiticeira riu, histérica. — Você ia tentar *me* envenenar? Logo eu, a maior especialista em venenos do mundo? Não existe veneno que eu não saiba curar! Você não pode…

Ela caiu de joelhos. Uma saliva verde começou a escorrer de sua boca.

— Q-que mistura é essa?

— Meu avô manda lembranças. É uma antiga receita da família — disse Piper.

Medeia ficou pálida como o fogo incandescente. Ela forçou algumas palavras em meio à ânsia de vômito.

— Você acha que… que isso muda alguma coisa? Meu poder… Eu não conjuro Hélio… Eu o contenho!

Ela caiu de lado. Em vez de se dissipar, o cone de fogo girou ainda mais intensamente ao redor dela.

— Corram — gemi. Então gritei, com toda a força: — CORRAM! AGORA!

Estávamos já na metade do corredor quando o estacionamento atrás de nós explodiu, querendo se passar por uma supernova.

19

Só de cueca e coberto de
Graxa. Mas nada é tão
Divertido quanto acha

NÃO SEI BEM como saímos do Labirinto.

Como ninguém sabia de nada nem estava prestando atenção, vou dizer aqui que foi tudo obra da minha coragem homérica e resistência hercúlea. Sim, deve ter sido isso. Como consegui escapar do pior do calor do titã, usei toda a minha bravura para amparar Piper e Meg, sempre incentivando as duas a continuarem andando. Cambaleamos pelos corredores, os três fumegando e semiconscientes, mas ainda vivos, e fomos refazendo nossos passos até o elevador de carga. Com um último esforço heroico, acionei a alavanca para subirmos.

Chegamos à luz do sol — uma luz *normal*, não o sol zumbi e cruel de um titã quase morto — e desabamos na calçada. O rosto chocado de Grover pairou logo acima de mim.

— Muito quente — choraminguei.

Grover pegou a flauta e começou a tocar. Eu apaguei.

Nos meus sonhos, eu estava em uma festa na Roma Antiga. Calígula tinha acabado de inaugurar o novo palácio na base do monte Palatino — uma ousadia arquitetônica que derrubou a parede dos fundos do Templo de Castor e Pólux para usá-lo como entrada principal. Calígula se considerava um deus, então não via problema nisso, mas as elites romanas ficaram horrorizadas. O sacrilégio era tanto que só seria comparável a alguém que instalasse uma enorme televisão de LED no altar de uma igreja e chamasse a galera para assistir ao campeonato de futebol e beber o vinho da comunhão.

Claro que isso não impediu ninguém de comparecer à festança. Alguns apareceram (disfarçados, óbvio). Mas também, como resistir à tentação de uma festa audaciosa e blasfema com comida de graça? Multidões de fantasiados circulavam pelos enormes salões iluminados por tochas. Em cada canto, músicos tocavam melodias típicas de todo o império; da Gália a Hispânia, da Grécia ao Egito.

Eu estava fantasiado de gladiador. (Com o meu físico divino daquela época, claro que eu podia usar uma roupa ousada dessas. E ficava lindo até demais.) Fui me misturando à multidão de senadores fantasiados de escravos, escravos fantasiados de senadores, pessoas sem criatividade vestidas de fantasmas de toga e dois patrícios empreendedores que elaboraram a melhor fantasia dupla de burro que o mundo já vira.

Eu até que não me importava muito com a questão do sacrilégio do templo/palácio. Não era o *meu* templo, afinal. E, naqueles primeiros anos de Império Romano, eu achava a malícia dos Césares muito revigorante. Além do mais, por que puniríamos nossos maiores benfeitores?

Quando os imperadores expandiram seu poder e influência, também expandiram o *nosso* poder e influência. Roma espalhou os costumes gregos por uma parte enorme do mundo, e nós, olimpianos, viramos os deuses do império! Hórus que saísse do caminho; Marduque teria que se resignar ao cantinho do esquecimento: a hora era dos olimpianos!

E não queríamos botar esse sucesso em risco só porque os imperadores ficaram meio arrogantes. Ainda mais porque eles baseavam sua arrogância na nossa.

Eu andava pela festa incógnito, me divertindo com toda aquela gente linda, quando o imperador finalmente apareceu. Veio numa carruagem dourada puxada por seu cavalo branco favorito, Incitatus.

Na escolta a seu lado, os dois guardas pretorianos eram as únicas pessoas que não estavam fantasiadas. E Caio Júlio César Germânico estava nu em pelo, pintado de dourado da cabeça aos pés, com uma coroa de raios de sol na testa. Ele estava fingindo ser *eu*, é claro. Mas, quando o vi, não foi raiva que senti primeiro — foi admiração. Aquele lindo mortal sem-vergonha tinha encarnado o papel com perfeição.

— Eu sou o Novo Sol! — anunciou ele, sorrindo para a multidão, como se seu sorriso emanasse todo o calor do mundo. — Eu sou Hélio. Eu sou Apolo. Eu sou César. Podem se banhar na minha luz!

A multidão aplaudiu, meio nervosa. Era para se curvar? Era para rir? Era sempre difícil saber com Calígula, e a punição para quem errasse em geral era a morte.

O imperador desceu da carruagem. O cavalo foi levado até a mesa de *hors d'oeuvres* enquanto Calígula e seus guardas circulavam pelo salão.

Calígula parou e apertou a mão de um senador vestido de escravo.

— Mas você está ótimo, Cássio Agripa! Então, quer ser meu escravo?

O senador se curvou.

— Eu sou seu leal servo, César.

— Excelente! — Calígula se virou para os guardas. — Vocês ouviram! Ele agora é meu escravo. Podem levar o homem até meu mestre de escravos, confisquem todas as propriedades e o dinheiro dele. Mas deixem a família livre. Hoje estou me sentindo bem generoso.

O senador gaguejou, mas não conseguiu concatenar as palavras para protestar. Dois guardas o levaram, e Calígula gritou:

— Obrigado pela lealdade!

As pessoas se afastaram depressa, correndo como gado em uma tempestade. Os que antes estavam se adiantando, ansiosos para chamar a atenção do imperador e talvez cair nas graças dele, começaram a recuar e a tentar se misturar à multidão.

— É uma noite ruim — sussurraram alguns, em aviso aos colegas. — Ele está tendo uma noite ruim.

— Fílon! — gritou o imperador, encurralando um pobre jovem que tentava se esconder atrás daquela dupla fantasiada de burro. — Venha aqui, seu canalha!

— Pr-Princeps — gaguejou o homem.

— Eu *a-mei* a sátira que você escreveu sobre mim! Meus guardas encontraram uma cópia no Fórum e me mostraram.

— S-senhor... Foi só uma brincadeirinha, uma coisinha sem graça. Eu não pretendia…

— Mas que besteira! — Calígula sorriu para a multidão. — Fílon não é ótimo, pessoal? Vocês não amam o trabalho dele? Não foi ótimo quando ele me comparou a um cão raivoso?

A multidão estava à beira do pânico. O ar estava tão carregado que quase achei que meu pai também estivesse escondido entre os convidados.

— Eu prometi que os poetas seriam livres para se expressarem! Nada daquela paranoia do velho reinado de Tibério. Eu *admiro* essa sua língua ferina, Fílon. Acho que *todo mundo* deveria ter a chance de admirá-la. Quero recompensá-lo!

Fílon engoliu em seco.

— Obrigado, senhor.

— Guardas, levem o homem daqui. Arranquem a língua dele, mergulhem em prata derretida e deixem em exibição no Fórum, onde todos poderão admirá-la. Sério mesmo, Fílon. Excelente trabalho!

Dois pretorianos levaram o poeta, que gritava e se debatia, histérico.

— Você aí! — gritou Calígula.

Só então percebi que a multidão tinha se afastado, me deixando exposto. Calígula de repente surgiu na minha frente, o rosto coladinho ao meu, estreitando os lindos olhos enquanto analisava minha fantasia e meu físico divino.

— Não sei quem você é.

Eu queria responder. Sabia que aquele César não poderia fazer nada comigo. Na pior das hipóteses, eu só precisaria dizer um *tchau!* e desaparecer em uma nuvem de purpurina. Mas preciso admitir que fiquei paralisado na presença de Calígula. Era um jovem louco, poderoso e imprevisível. Sua audácia me deixava sem fôlego.

Até que finalmente consegui fazer uma reverência.

— Sou um mero ator, César.

— Ah, de fato! — Calígula abriu um sorriso. — E interpreta um gladiador. Então lutaria até a morte em minha honra?

Lembrei a mim mesmo de que eu era imortal, mas levei um tempo para me convencer disso. Puxei a espada de gladiador, que não passava de uma imitação feita de metal leve.

— Pode escolher o oponente, César! — Observei a plateia e gritei: — Vou destruir qualquer um que ofereça ameaça ao meu senhor!

Para demonstrar, me lancei para a frente e cutuquei o peitoral másculo do guarda pretoriano mais próximo. A espada se curvou contra seus músculos. Ergui aquela arma ridícula no ar, o metal amassado num formato que lembrava a letra Z.

Um silêncio perigoso se abateu sobre o salão. Todos os olhos estavam fixos no César.

Depois de um tempo, Calígula riu.

— Muito bem!

Ele me deu tapinhas no ombro e estalou os dedos. Um de seus servos se aproximou e me entregou uma bolsa pesada cheia de moedas de ouro.

Calígula sussurrou em meu ouvido:

— Já me sinto mais seguro.

O imperador seguiu adiante, e as pessoas em volta riram de alívio, algumas até lançando olhares de inveja em minha direção, como se perguntassem: *Qual é o segredo dele?*

Depois disso, fiquei décadas longe de Roma. Era raro ver um homem capaz de perturbar um deus, mas Calígula tinha mesmo me deixado meio inseguro. Ele quase era um Apolo melhor do que eu.

O sonho mudou. Vi Herófila, a Sibila Eritreia, mais uma vez. Ela estendia os braços algemados, o rosto vermelho com o calor e os reflexos da lava ardente aos seus pés.

— Apolo, a empreitada talvez não pareça valer a pena. E não tenho certeza de que valha. Mas você precisa vir. Precisa manter todos unidos, mesmo sob a dor do luto.

Afundei na lava, sumindo enquanto Herófila chamava meu nome, meu corpo se desfazendo até virar cinzas.

Acordei gritando, deitado em um saco de dormir na Cisterna.

Aloe Vera estava parada ao meu lado. Quase todas as folhas triangulares e espetadas de seu cabelo estavam cortadas, deixando-a quase careca.

— Você está bem — garantiu ela, pousando a mão fria na minha testa febril. — Mas passou por muita coisa.

Percebi que estava só de cueca. Meu corpo todo estava marrom-escuro e coberto de seiva de aloe. Não dava para respirar pelo nariz. Levei a mão às narinas e percebi que estavam tampadas com pequenos

plugues nasais verdes de aloe.

Desentupi o nariz.

— E minhas amigas?

Aloe chegou para o lado, e então as vi, mais atrás, deitadas em sacos de dormir. Grover Underwood estava sentado de pernas cruzadas entre as duas adormecidas, também cobertas de gosma. Uma oportunidade perfeita de tirar uma foto de Meg com plugues verdes espetados no nariz, só para poder chantageá-la no futuro, mas eu estava tão aliviado por vê-la viva que não consegui pensar muito nisso. E sem falar que eu também não tinha celular.

— Elas vão ficar bem?

— A situação das meninas era pior que a sua — explicou Grover. — Ficaram em um estado bem delicado por um tempo, mas vão superar. Estou dando néctar e ambrosia para as duas.

Aloe sorriu.

— Além do mais, minhas propriedades de cura são *lendárias*. Espere só para ver. As duas já vão estar acordadas e saracoteando por aí antes mesmo do jantar.

Jantar... Olhei para o círculo laranja-escuro do céu acima da cisterna. Ou era fim de tarde, ou os incêndios florestais estavam muito próximos. Ou ambos.

— E Medeia?

Grover franziu a testa.

— Meg me contou sobre a batalha antes de desmaiar, mas não sei o que aconteceu com a feiticeira. Nem cheguei a ver a mulher.

Meu corpo estremeceu. Queria acreditar que Medeia tinha morrido na explosão, mas duvidava de que nossa sorte pudesse ser tão grande. Ela não parecera se incomodar com o fogo de Hélio, então talvez fosse naturalmente imune. Ou talvez usasse alguma magia protetora.

— E suas amigas dríades? Agave e Jade?

Aloe e o sátiro trocaram um olhar tristonho.

— Agave talvez fique bem — respondeu Grover. — Ela caiu no sono assim que a levamos de volta para sua planta. Mas Jade... — Ele balançou a cabeça.

Eu mal conhecia aquela dríade, só a vira por alguns minutos, mas, ainda assim, a notícia da morte dela me deixou muito abalado. Senti como se *eu* estivesse perdendo as folhas do corpo, perdendo pedaços essenciais de mim mesmo.

Lembrei-me do que Herófila falou, no sonho: *A empreitada talvez não pareça valer a pena. E não tenho certeza de que valha. Mas você precisa vir. Precisa manter todos unidos, mesmo sob a dor do luto.*

Tive medo de que a morte de Jade fosse só uma pequena parte da dor que nos aguardava.

— Sinto muito — falei.

Aloe deu tapinhas no meu ombro coberto de gosma.

— Não é culpa sua, Apolo. Quando vocês a encontraram, ela já estava muito mal. Só teria adiantado se você…

A dríade ficou quieta, mas eu sabia o que ela queria dizer: *se você tivesse seus poderes de cura divinos*. Muita coisa teria sido diferente se eu fosse um deus, não uma farsa, metido num disfarce ridículo de Lester Papadopoulos.

Grover pegou a zarabatana ao lado de Piper. O tubo de bambu estava todo chamuscado, e o fogo abrira vários buracos que provavelmente inutilizariam a arma.

— Tem mais uma coisa que você devia saber. Quando Agave e eu carregamos Jade para fora do labirinto… Sabe aquele guarda de orelhas grandes, o cara de pelo branco? Ele tinha sumido.

Tive que refletir um pouco sobre aquilo.

— Então ele morreu e se desintegrou? Ou só se levantou e saiu andando?

— Não sei. Acha que alguma dessas coisas parece provável?

Nenhuma opção parecia, mas decidi que, no momento, tinha problemas maiores a considerar.

— Hoje à noite, quando Piper e Meg acordarem, vamos ter que fazer outra reunião com suas amigas dríades. Vamos acabar com esse Labirinto de Fogo de uma vez por todas.

20

Uma bela ode aos botânicos
Musa, nos permita
Eles plantam coisas. Uau

NOSSO GRANDIOSO CONSELHO de guerra foi mais um conselho de tédio e descrença.

Graças à magia de Grover e às gosmas (quer dizer, *cuidados*) constantes de Aloe Vera, Piper e Meg aos poucos estavam se recuperando. Nós três até conseguimos tomar banho, nos vestir e andar por aí sem muitos gemidos de dor, mas ainda estávamos bem fracos. Toda vez que eu me levantava rápido demais, Calígulas dourados pequenininhos dançavam diante de meus olhos.

A zarabatana e a aljava de Piper, ambas heranças do avô, estavam destruídas. O cabelo dela estava chamuscado. Os braços queimados, brilhando com aloe, pareciam tijolos esmaltados. Ela ligou para o pai e avisou que passaria a noite com o grupo de estudos, acomodou-se em uma das alcovas da Cisterna com Mellie e Hedge, que a toda hora mandavam que ela bebesse mais água. O bebê Chuck estava no colo de Piper, olhando hipnotizado para o rosto dela, como se fosse a coisa mais incrível do mundo.

Meg, por outro lado, não estava tão serena. Ela ficou sentada perto da piscina, emburrada, os pés na água, um prato de enchiladas de queijo no colo. Estava usando uma camiseta azul-bebê da Maluquice Militar do Macro com o desenho de um AK-47 sorridente e, logo abaixo, uma legenda: TIRINHOS-CLUBE DE ATIRADORES MIRINS. Ao lado dela estava Agave, visivelmente devastada, embora um espinho novo tivesse começado a crescer no local do braço queimado. Suas amigas dríades se aproximavam para oferecer fertilizante, água e enchiladas, mas Agave balançava a cabeça com tristeza, negando, os olhos fixos no amontoado de pétalas de árvore-de-jade em sua mão.

Fiquei sabendo que Jade tinha sido plantada na colina com honras supremas. Com sorte, ela reencarnaria como uma bela suculenta novinha em folha, ou talvez um esquilo de cauda branca. Jade amava esses esquilos.

Grover parecia exausto. As muitas horas tocando música curativa cobraram seu preço, sem mencionar o estresse de ter que voltar dirigindo até Palm Springs a uma velocidade nada segura no carro emprestado/ligeiramente roubado com cinco vítimas de queimaduras graves.

Quando estávamos todos reunidos, com condolências trocadas,

enchiladas comidas, aloe espalhado, dei início à reunião.

— Tudo isso — anunciei — é minha culpa.

Vocês devem imaginar como dizer isso foi difícil para mim. Tais palavras não existiam no vocabulário de Apolo. Bem lá no fundo, eu nutria a esperança de que os sátiros, semideuses e dríades correriam até mim e diriam que nãããão, eu não tinha culpa de nada.

Ninguém fez isso.

Continuei.

— O objetivo de Calígula era o mesmo desde sempre: se tornar um deus. Ele viu seus ancestrais imortalizados depois da morte: Júlio, Augusto, até o velho nojento do Tibério. Mas Calígula não queria esperar a morte. Ele foi o primeiro imperador romano a querer ser um deus *vivo*.

— Calígula já é uma espécie de deus agora, não é? — perguntou Piper. — Você disse que ele e os dois outros imperadores estão no mundo há milhares de anos. Então ele conseguiu o que queria.

— Em parte — concordei. — Mas ser qualquer coisa *menor* não basta para Calígula. Ele sempre sonhou em substituir algum olimpiano. Vivia brincando com a ideia de se tornar o novo Júpiter ou Marte. No final, ele decidiu ser — senti o gosto azedo na boca — o novo eu.

O treinador Hedge coçou a barbicha de bode. (Humm. Se um bode tem uma barbicha de bode, podemos chamá-la apenas de barbicha?)

— Mas e aí? O que acontece? Calígula mata você, coloca um crachá com *Oi, eu sou Apolo!* e entra no Olimpo torcendo para ninguém notar?

— Ele vai fazer pior do que me matar — falei. — Vai *consumir* minha essência, junto com a essência de Hélio, para se tornar o novo deus do Sol.

Figo-da-índia se irritou.

— E os outros olimpianos *permitiriam* isso?

— Os olimpianos — falei, com amargura — permitiram que Zeus tirasse meus poderes e me largasse na Terra. Fizeram metade do trabalho de Calígula *por* ele. Não vão mover um fio de cabelo divino para interferir. Como sempre, vão esperar que os heróis consertem as coisas. Se Calígula se tornar o novo deus do Sol, eu já era. Para sempre. Não vou mais existir. É para isso que Medeia vem se preparando no Labirinto de Fogo. O lugar é uma panela gigantesca para fazer sopa de deus do Sol.

Meg franziu o nariz.

— Que nojo.

Pela primeira vez, eu concordava totalmente com minha amiga.

Parado nas sombras, Josué cruzou os braços.

— Então são os fogos de Hélio que estão matando nossa terra?

Eu abri as mãos.

— Bom, os humanos não estão ajudando. Mas, além da poluição e da mudança climática de sempre, sim, o Labirinto de Fogo foi o que detonou tudo. O que sobrou do titã Hélio está agora perambulando por essa seção do Labirinto embaixo do sul da Califórnia, transformando lentamente a parte de cima em um deserto escaldante.

Agave tocou no rosto queimado. Quando se virou para me encarar, seu olhar estava tão afiado quanto os espinhos.

— Se Medeia conseguir completar o ritual, todo o poder vai para Calígula? O Labirinto vai parar de queimar e nos matar?

Eu nunca pensei em cactos como formas de vida particularmente cruéis, mas ao ser escrutinado pelas outras dríades, consegui imaginá-las me enrolando com uma fita bem bonita, pendurando em mim um cartão que dizia PARA CALÍGULA, COM AMOR. ASS: NATUREZA e deixando o embrulho na porta do imperador.

— Pessoal, isso não vai ajudar em nada — disse Grover. — Calígula é responsável pelo que está acontecendo conosco agora. Ele não está nem aí para os espíritos da natureza. Vocês querem mesmo dar a ele o poder total de um deus do Sol?

As dríades murmuraram em concordância, embora ainda relutantes. Santo Grover. Tenho que me lembrar de enviar a ele um cartão bem bonito no Dia Mundial dos Bodes.

— Então, o que a gente faz? — perguntou Mellie. — Não quero que meu filho cresça em um deserto queimado.

Meg tirou os óculos.

— A gente mata o Calígula.

Era perturbador ouvir uma garota de doze anos falando com tanta frieza sobre assassinato. Mais perturbador ainda era saber que eu estava tentado a concordar com ela.

— Meg — falei —, talvez isso não seja possível. Você se lembra de Cômodo. Ele era o mais fraco dos três imperadores, e o máximo que conseguimos foi expulsá-lo de Indianápolis. Calígula é bem mais poderoso, deve ter muito mais reforços.

— Tô nem aí — murmurou ela. — Ele machucou meu pai. Ele fez… tudo isso — disse, indicando os arredores.

— O que você quer dizer com *tudo isso*? — perguntou Josué.

Meg olhou para mim como quem diz *Sua vez*.

Mais uma vez, expliquei o que vira nas lembranças de Meg: o passado de Aeithales, o terrorismo jurídico e financeiro que Calígula deve ter usado para acabar com o trabalho de Phillip McCaffrey, o jeito como Meg e o pai dela tiveram que fugir antes de seu lar ir para o espaço.

Josué franziu a testa.

— Eu me lembro de um saguaro chamado Hércules, da primeira

estufa. Um dos poucos que sobreviveram ao incêndio da casa. Era um dríade velho e forte, sempre com dor por causa das queimaduras, mas lutando para sobreviver. Ele sempre falava de uma garotinha que morava na casa. Dizia esperar seu retorno. — Josué se virou para Meg, impressionado. — Era *você*?

Meg limpou uma lágrima da bochecha.

— Ele não sobreviveu?

Josué balançou a cabeça.

— Ele morreu alguns anos atrás. Sinto muito.

Agave segurou a mão de Meg.

— Seu pai era um grande herói — disse a dríade. — Ele com certeza fez tudo que estava ao seu alcance para ajudar as plantas.

— Ele era… botânico — disse Meg, pronunciando a palavra com se tivesse acabado de lhe ocorrer.

As dríades baixaram a cabeça. Hedge e Grover tiraram os chapéus.

— Queria saber o que seu pai planejava fazer com aquelas sementes reluzentes — disse Piper. — Como foi que Medeia chamou você mesmo? Descendente de Plemneu?

As dríades soltaram um arquejo coletivo.

— Plemneu? — perguntou Reba. — *Aquele* Plemneu? Ele é famoso até na Argentina!

— Famoso? — perguntei.

Fig riu com deboche.

— Ah, deixa de besteira, Apolo! Você é um deus. Deve conhecer o grande herói Plemneu!

— Hum… — Queria muito culpar minha memória mortal falha, mas eu tinha quase certeza de que nunca tinha ouvido aquele nome, mesmo quando estava no Olimpo. — Que monstro ele matou?

Aloe se afastou de mim, como se não quisesse estar na linha de fogo quando as outras dríades disparassem seus espinhos na minha direção.

— Apolo — repreendeu Reba —, um deus da cura deveria ser mais bem informado.

— Hum, com certeza — concordei. — Mas, hum, informado sobre quem, exatamente…?

— Típico — murmurou Fig. — Os assassinos são lembrados como heróis. Os cultivadores são esquecidos. Menos por nós, espíritos da natureza.

— Plemneu foi um rei grego — explicou Agave. — Um homem nobre, mas seus filhos nasceram com uma maldição. Se algum deles chorasse, uma única vez sequer, ainda que bebês ou durante a infância, eles morreriam na mesma hora.

Eu não sabia bem como isso tornava Plemneu um homem nobre, mas assenti com educação.

— O que aconteceu?
— Ele suplicou ajuda a Deméter — disse Josué. — A própria deusa criou o próximo filho dele, Ortópolis. Em agradecimento, Plemneu construiu um templo para a deusa. Desde então, os descendentes dele se dedicam ao trabalho de Deméter. Sempre são grandes agricultores e botânicos.
Agave apertou a mão de Meg.
— Agora entendo por que seu pai conseguiu construir Aeithales. O trabalho dele devia ser muito especial. Ele não só veio de uma longa linhagem de heróis de Deméter, como atraiu a atenção da própria deusa, sua mãe. Nós estamos honrados de receber você de volta em casa.
— Em casa — concordou Figo-da-índia.
— Em casa — ecoou Josué.
Meg tentou conter as lágrimas.
Pareceu um momento excelente para uma grande roda de violão. Imaginei as dríades se abraçando e se espetando enquanto cantavam “We Are the World”. Eu até cogitei tocar algo no ukulele.
O treinador Hedge nos trouxe de volta à dura realidade.
— Isso tudo é ótimo. — Ele se virou para Meg e fez um aceno respeitoso. — Garota, seu pai devia ser um cara e tanto. Mas, a menos que ele tenha plantado alguma arma secreta, não sei como essa informação vai nos ajudar. Ainda temos um imperador para matar e um Labirinto para destruir.
— Gleeson… — repreendeu Mellie.
— E eu estou errado? — retrucou ele.
Ninguém se pronunciou.
Grover encarou os cascos, desolado.
— O que a gente faz, então?
— Nós seguimos o plano — falei. A certeza na minha voz pareceu surpreender todo mundo. Surpreendeu a mim. — Nós vamos encontrar a Sibila Eritreia. Ela é mais do que uma isca. Ela é a chave de tudo. Tenho certeza.
Piper aninhou o bebê Chuck enquanto ele esticava a mão para a pena de harpia dela.
— Apolo, nós já tentamos percorrer o Labirinto. Você viu o que aconteceu.
— Jason Grace conseguiu — falei. — Ele encontrou o oráculo.
A expressão de Piper mudou.
— Pode ser. Mas, mesmo que você não acredite totalmente na feiticeira, Jason só encontrou o oráculo porque Medeia *quis*.
— Ela mencionou que havia outra forma de andar pelo labirinto — falei. — Os sapatos do imperador. Aparentemente, permitem que Calígula ande por lá sem problemas. Nós precisamos desses sapatos.

Era isso que a profecia queria dizer: *Percorrendo o caminho com as botas inimigas.*

Meg limpou o nariz.

— Então você está dizendo que temos que encontrar a casa de Calígula e roubar os sapatos dele. Enquanto estiver lá, a gente não pode simplesmente matar esse idiota?

Ela fez essa pergunta casualmente, como quem diz: *Nós podemos dar uma passadinha na padaria no caminho de casa?*

Hedge apontou para McCaffrey.

— Estão vendo, *isso* é um plano. Gostei dessa garota.

— Amigos — falei, desejando usar o charme como Piper —, Calígula está vivo há milhares de anos. Ele é um deus menor. Nós não sabemos *como* matá-lo de vez, de forma que ele permaneça morto. Nós também não sabemos como destruir o Labirinto, e não queremos piorar as coisas libertando todo aquele calor divino na superfície. Nossa prioridade tem que ser a Sibila.

— Só porque é a *sua* prioridade? — resmungou Fig.

Eu resisti à vontade de gritar *Dã!*.

— Seja como for — continuei —, para descobrir o paradeiro do imperador, temos que falar com Jason Grace. Medeia mencionou que o oráculo disse a ele como encontrar Calígula. Piper, você pode nos levar até Jason?

Piper franziu a testa. A mãozinha do bebê Chuck segurava o dedo dela, puxando-o perigosamente para perto da boca.

— Jason está morando em um colégio interno em Pasadena — respondeu ela, por fim. — Não sei se ele vai me ouvir. Não sei se vai ajudar. Mas podemos tentar. Minha amiga Annabeth sempre diz que a informação é a arma mais poderosa.

Grover assentiu.

— Eu nunca discuto com Annabeth.

— Está decidido, então — falei. — Amanhã continuamos nossa missão. Vamos tirar Jason Grace da escola.

21

Se a vida lhe der sementes
Seja um otimista
Plante-as no chão duro e seco

EU DORMI MAL.

Foi uma surpresa para vocês? Para mim, foi.

Sonhei com meu oráculo mais famoso, Delfos. Mas não estávamos nos tempos áureos, quando eu teria sido recebido com flores, beijos, doces e a costumeira mesa VIP no lounge do oráculo.

Aquele era um Delfos moderno, sem sacerdotes ou adoradores, cheio do fedor horrendo de Píton, minha arqui-inimiga, que tinha voltado a seu velho lar. O cheiro de ovo podre e carne estragada era inesquecível.

Eu estava nas profundezas das cavernas, onde nenhum mortal jamais entrara. Ao longe, ouvia duas vozes conversando, mas suas silhuetas se perderam entre os vapores vulcânicos.

— Está tudo sob controle — anunciou um deles, no tom alto e anasalado do imperador Nero.

A segunda voz saiu num rosnado, um som que lembrava uma corrente puxando um carrinho velho de montanha-russa subida acima.

— Tem pouquíssima coisa *sob controle* desde que Apolo foi para a Terra. — Era Píton.

Aquela voz fria me causou arrepios de repulsa. Não dava para ver aquela serpente monstruosa, mas eu imaginava seus olhos sinistros, cor de âmbar com pontinhos dourados, seu corpanzil de dragão, suas garras malignas.

— Você tem uma grande oportunidade — continuou Píton. — Apolo está fraco, mortal. Ele caminha ao lado da sua enteada. Como é que esse maldito ainda não está morto?

Nero ficou tenso.

— Eu e meus colegas tivemos uma divergência de opiniões. Cômodo…

— Cômodo é um idiota — sibilou Píton. — Ele só está interessado em espetáculos. Nós dois sabemos disso. E seu tio-avô, Calígula?

Nero hesitou.

— Ele insiste… Ele quer usar o poder de Apolo. Quer que esse antigo deus tenha um fim bem… hã… especial.

O corpanzil de Píton se remexeu na escuridão, mas só notei porque ouvi as escamas roçando na pedra.

— Eu conheço o plano de Calígula. Mas fica a dúvida: quem está

controlando quem? Você me garantiu…

— Sim. Meg McCaffrey *vai* voltar para mim. Ela ainda vai ter serventia. Apolo vai morrer, como prometido.

— Se Calígula conseguir o que pretende, o equilíbrio de poder vai mudar — refletiu Píton. — Claro que eu preferiria apoiar *você*, mas, se um novo deus do Sol se erguer no Oeste…

— Nós dois temos um acordo — rosnou Nero. — Você vai me apoiar depois que o Triunvirato controlar…

— … todos os meios de profecia — completou Píton. — Mas vocês ainda não cumpriram essa parte. Você perdeu Dodona para os semideuses gregos, e a Caverna de Trofônio foi destruída. Eu soube que alguém alertou os romanos sobre os planos de Calígula para o Acampamento Júpiter. Não tenho o menor desejo de comandar o mundo sozinho. Mas, se você falhar e eu mesmo tiver que matar Apolo…

— Eu vou manter meu lado do acordo. Trate de manter o seu.

Píton emitiu um rosnado rouco, uma versão maligna de uma gargalhada.

— Vamos ver. Os próximos dias devem ser muito instrutivos.

* * *

Acordei me sentindo sufocado.

Vi que estava sozinho na Cisterna, o corpo todo tremendo. Os sacos de dormir de Piper e de Meg estavam vazios. O céu acima brilhava em um azul cintilante, e eu quis muito acreditar que isso era um indicativo de que os incêndios tinham sido controlados, porém o mais provável era que significasse apenas que os ventos tinham mudado de direção.

Minha pele tinha cicatrizado bem durante a noite, mas ainda parecia que eu estava mergulhado em um poço de lava. Consegui me vestir, pegar o arco, a aljava e o ukulele com um mínimo de caretas e gemidos, então subi a rampa até a encosta.

Vi Piper logo na base da colina, conversando com Grover no carro do sr. Bedrossian. Perto das ruínas, Meg estava agachada próximo à primeira estufa desmoronada.

Pensei no sonho e ardi de raiva. Se eu ainda fosse um deus, teria urrado meu descontentamento, abrindo um novo Grand Canyon no deserto. Mas, naquelas condições, tudo que pude fazer foi cerrar as mãos com tanta força que as unhas cortaram as palmas.

Já era ruim um trio de imperadores maus quererem meus Oráculos, minha vida e minha essência. Era ruim minha antiga inimiga, Píton, ter tomado Delfos outra vez e agora estar tramando minha morte. Mas pensar em Nero usando Meg como peão naquela jogada dos

imperadores… Não. Eu disse a mim mesmo que não deixaria Meg cair nas garras de Nero mais uma vez. Minha amiga era forte e estava lutando para se libertar da influência maligna do padrasto. Nós já tínhamos passado por coisas demais juntos para ela cair de novo na lábia daquele crápula.

Ainda assim, as palavras de Nero me perturbaram: *Meg McCaffrey vai voltar para mim. Ela ainda vai ter serventia.*

Fiquei imaginando… E se Zeus, meu próprio pai, aparecesse para mim naquele momento e me oferecesse um jeito de voltar ao Olimpo? Que preço eu estaria disposto a pagar? Eu deixaria Meg exposta ao destino? Abandonaria os semideuses, sátiros e dríades, meus companheiros? Esqueceria as coisas terríveis que Zeus fez comigo ao longo dos séculos e engoliria o orgulho só para poder recuperar meu lugar no Olimpo, mesmo sabendo muito bem que ainda estaria sob o controle de Zeus?

Sufoquei essas perguntas. Não sabia se queria lidar com as respostas.

Fui até Meg, na estufa desmoronada.

— Bom dia.

Ela estava remexendo nos destroços e não se deu ao trabalho de olhar para mim. Paredes de policarbonato meio derretidas tinham sido viradas e jogadas de lado, e ela estava com as mãos sujas de terra. Ali perto havia um pote de pasta de amendoim sujo, a tampa enferrujada jogada no chão. Meg segurava, na palma da mão, algumas pedrinhas verdes.

Respirei fundo.

Não eram pedrinhas. Sete hexágonos do tamanho de moedas repousavam nas mãos de Meg, sementes verdes idênticas às das lembranças que ela compartilhara comigo.

— Como? — perguntei.

Ela ergueu o rosto. A roupa do dia era um camuflado azul-turquesa, que dava a ela um ar perigoso e desafiador totalmente diferente do que eu conhecia. Alguém tinha limpado os óculos (a própria Meg nunca fazia isso), e agora dava para ver os olhos dela. Cintilavam tão intensamente quanto as pedrinhas na armação.

— As sementes estavam enterradas. Eu… sonhei com elas. Foi o saguaro Hércules que as escondeu aqui, ele colocou as sementes no pote antes de morrer. Ele estava guardando as sementes para mim... para quando chegasse a hora.

Eu não sabia muito bem o que dizer. *Parabéns. Que sementes lindas*. Sinceramente, eu não entendia muito bem o ciclo de vida das plantas, mas ao menos deu para ver que as sementes não estavam brilhando como nas lembranças de Meg.

— Você acha que elas ainda... hã, funcionam?

— Vamos descobrir. Vou plantar.

Olhei para a colina deserta.

— Vai plantar aqui? Agora?

— É. Chegou a hora.

Como ela poderia saber? Além do mais, não entendi que diferença faria plantar algumas sementes, com o Labirinto de Calígula ateando fogo em metade da Califórnia.

Por outro lado, estávamos prestes a sair em uma nova missão na esperança de encontrar o palácio de Calígula, sem a menor garantia de que voltaríamos vivos. Talvez não houvesse hora melhor que o presente mesmo. E, se isso fosse fazer Meg se sentir melhor, por que não?

— Como posso ajudar?

— Faça buracos — respondeu Meg. Então acrescentou, como se eu precisasse de mais orientação: — Na terra.

Cavei sete buraquinhos com a ponta de uma flecha, abrindo o solo nu, seco e rochoso. Só conseguia pensar que os buracos não pareciam lugares muito confortáveis para brotar e crescer.

Enquanto Meg colocava os hexágonos verdes em suas novas casinhas, recebi a ordem de buscar água no poço da Cisterna.

— Tem que ser de lá — avisou. — E traga uma boa quantidade.

Voltei alguns minutos depois, carregando um copo de plástico extragrande do Enchiladas del Rey. Meg regou as amigas recém-plantadas.

Fiquei esperando, como se alguma coisa dramática fosse acontecer. Com Meg, acabei me acostumando a ver explosões de chia, bebês pêssegos demoníacos e muros instantâneos de morangos.

A terra nem sequer se moveu.

— Acho que vamos ter que esperar — comentou Meg.

Ela abraçou os joelhos e observou o horizonte.

O sol matinal ardia no leste. Tinha nascido, como sempre, mas não graças a mim — ele não ligava se eu estava ou não guiando a carruagem do Sol, ou mesmo se Hélio estava percorrendo os túneis embaixo de Los Angeles, completamente enlouquecido. O cosmos continuava girando, e o Sol seguia seu curso, sempre indiferente ao que os humanos acreditavam. Em outras circunstâncias, eu teria achado isso muito tranquilizador, mas naquela ocasião a indiferença do Sol só me parecia cruel e insultante. Dali a poucos dias, Calígula poderia se tornar uma deidade solar. Com a ameaça de uma liderança tão perversa, era de se pensar que o astro-rei se recusaria a nascer ou se pôr, mas — para meu choque e repulsa —, o dia e a noite continuavam vindo como sempre.

— Cadê ela? — perguntou Meg.

Eu pisquei, sem entender.

— Quem?

— Se minha família é tão importante para ela, depois de milhares de anos de bênçãos e sei lá mais o quê, por que ela nunca…?

Meg balançou a mão para o deserto, como quem diz: *Tanta terra e tão pouca Deméter.*

Ela estava perguntando por que a mãe nunca tinha aparecido para ela, por que tinha permitido que Calígula destruísse o trabalho de seu pai, por que tinha deixado que Nero criasse a filha naquela casa imperial tóxica de Nova York.

Eu não podia responder àquelas perguntas. Ou melhor: como antigo deus, conseguia pensar em várias possíveis respostas, mas nenhuma que faria Meg se sentir melhor. *Deméter estava ocupada demais cuidando das plantações na Tanzânia. Deméter se distraiu inventando novos sabores de cereais matinais. Deméter esqueceu que você existia.*

— Não sei, Meg. Mas isto… — Apontei para os sete pequenos círculos de terra molhada. — Isto é o tipo de coisa do qual sua mãe se orgulharia. Plantar em um lugar impossível. Insistir, sem parar, na criação da vida. Ela é tão otimista que chega a ser ridículo, sabe? Ela com certeza aprovaria isso.

Meg ficou me encarando, como se tentasse decidir se me agradecia ou me batia. Eu já estava acostumado com aquele olhar.

— Vamos — declarou. — Talvez as sementes brotem enquanto a gente estiver longe.

* * *

Meg, Piper e eu entramos no carro do vizinho.

Grover tinha decidido ficar. O sátiro alegou que queria animar as dríades mais abaladas, mas acho que ele só estava exausto depois daquelas excursões comigo e com Meg — todas, sem exceção, nos deixaram à beira da morte. O treinador Hedge se ofereceu para nos acompanhar, mas Mellie logo desofereceu. E nenhuma das dríades parecia muito disposta a ser nosso escudo vegetal, depois do que aconteceu com Jade e Agave. Bem, eu não podia culpá-las.

Pelo menos Piper aceitou dirigir. Se a gente fosse parado por posse de veículo roubado, ela poderia usar o charme para não ser presa. Eu, com a sorte que tenho, acabaria passando o dia na cadeia, no mínimo. E esse rosto de Lester não ficaria nada bom enquadrado atrás das grades.

Refizemos o caminho do dia anterior, passando pelo mesmo terreno destruído pelo calor, o mesmo céu fumacento, o mesmo trânsito congestionando. Ah, a Califórnia é um paraíso.

Ninguém estava muito a fim de papear. Piper manteve os olhos fixos na estrada, provavelmente pensando no reencontro com o ex-

namorado — depois de terem se separado de um jeito tão estranho, ver Jason devia ser a última coisa que ela queria fazer. E, nossa, eu entendia muito bem.

Meg alisava a calça camuflada azul-turquesa. Imaginei que ela estivesse se perguntando por que Calígula achava o projeto botânico tão ameaçador. Parecia inacreditável que toda a vida de Meg tivesse sido alterada por sete sementes verdes — se bem que ela era filha de Deméter. Quando se tratava da deusa das plantas, coisas que pareciam insignificantes podiam ser muito significativas.

As menores sementes crescem para virar carvalhos seculares, era o que Deméter sempre dizia.

Quanto a mim... bem, não faltavam problemas para perturbar minha mente mortal.

Píton estava me esperando. Eu sabia, *tinha certeza* de que ainda precisaria enfrentá-la antes de tudo aquilo acabar. Se por algum milagre eu sobrevivesse aos vários planos dos imperadores de acabarem com a minha vida, se eu derrotasse o Triunvirato e libertasse os outros quatro oráculos e ajeitasse tudo sozinho no mundo mortal, eu *ainda* teria que dar um jeito de arrancar o controle de Delfos do meu inimigo mais antigo. Só então Zeus *talvez* me deixasse voltar a ser deus. Zeus realmente é o retrato da compaixão. Valeu, pai.

Mas, enquanto essa hora não chegava, eu precisava deter Calígula. Precisava acabar com aquele plano de me tornar o ingrediente secreto da sopa de deus do Sol dele. E teria que fazer isso sem nenhum poder divino à disposição. Minhas habilidades no arco e flecha estavam cada vez piores, e meu canto e minha capacidade musical não valiam um caroço de azeitona. Força divina? Carisma? Luz? Poder de fogo? Todos exibiam placas de *esgotado*.

E a possibilidade mais humilhante: imagine se Medeia conseguisse me capturar e tentasse extrair meu poder divino, e acabasse descobrindo que não me restava nenhum?

Mas o que é isso?, gritaria aquela bruxa. *Aqui não tem nada, só esse Lester!*

E depois me mataria mesmo assim, só por garantia.

Foram todas essas possibilidades maravilhosas que embalaram nossa adorável viagem até Pasadena.

— Nunca gostei dessa cidade — murmurei. — Só me lembra programas de auditório, desfiles espalhafatosos e celebridades ultrapassadas e alcoólatras com aquele bronzeado artificial laranja.

Piper pigarreou.

— A mãe de Jason era daqui, sabe? E morreu bem aqui, num acidente de carro.

— Ah, que pena. O que ela fazia?

— Ela era uma celebridade ultrapassada e alcoólatra com

bronzeado artificial laranja.

— Ah. — Fiquei esperando a pontada de constrangimento passar. Levou vários quilômetros. — Então por que Jason quis continuar estudando nesse lugar?

Piper agarrou o volante.

— Depois que terminamos, ele pediu transferência para um colégio interno só para garotos. Fica lá para cima, nas colinas, fora da cidade. Você vai ver. Acho que ele queria uma coisa diferente, mais tranquila e distante. Sem drama.

— Ah, então ele vai *adorar* receber nossa visita — murmurou Meg, olhando pela janela.

Seguimos para fora da cidade, subindo as colinas. Quanto mais alto subíamos, mais as casas iam ficando impressionantes e magníficas, mas até ali, na terra das mansões, as árvores tinham começado a morrer e as bordas dos gramados bem-cuidados estavam secando. Quando até os bairros mais ricos eram afetados pela falta de água e pelo calor acima da média, era *certeza* que a situação estava séria. Os ricos e os deuses eram sempre os últimos a sofrer.

A escola de Jason ficava no topo de uma colina; era um campus imenso, com prédios de tijolos amarelados intercalados com pátios ajardinados e trilhas margeadas por acácias. Logo em frente, delicadas letras de bronze afixadas a um muro baixo de tijolos informavam: COLÉGIO INTERNO EDGARTON.

Estacionamos em uma rua residencial próxima, garantidos pela estratégia de Piper de “se for rebocado, é só a gente pedir algum outro emprestado”.

Um segurança estava parado na entrada, mas Piper explicou que tínhamos permissão para entrar, e o guarda, mesmo parecendo muito confuso, concordou e afirmou que sim, é claro que tínhamos permissão para entrar.

As salas de aula davam para os pátios, e os armários dos alunos ficavam em corredores abertos — um ambiente escolar que não funcionaria em Milwaukee, com sua temporada de nevascas, mas que ali, no sul da Califórnia, só evidenciava como os locais consideravam aquele eterno clima ameno apenas natural. Eu duvidava até que as salas tivessem ar-condicionado. Se Calígula continuasse cozinhando deuses naquele Labirinto de Fogo, o comitê escolar de Edgarton teria que repensar sua arquitetura.

Mesmo insistindo que se distanciara da vida de Jason, Piper sabia o horário dele de cor e nos guiou até a sala do quarto tempo do dia. Espiando pela janela, vi doze jovens alunos. Estavam todos de blazer azul, camisa social, gravata vermelha, calça cinza e sapatos brilhantes, parecendo estagiários de uma firma de advocacia. Na frente da sala, acomodado em uma cadeira de lona típica de diretor de cinema, um

professor de barba metido num terno tweed lia um exemplar de *Júlio César*.

Ugh. Will Shakespeare. Quer dizer, sim, claro que ele era bom, mas *até ele* ficaria horrorizado com a quantidade de horas que os adultos mortais passavam falando sobre suas peças para adolescentes entediados, com a quantidade de cachimbos, paletós tweed, bustos de mármore e dissertações ruins que até *as piores* peças dele inspiraram. Enquanto isso, ninguém dá a mínima para o coitado do Christopher Marlowe. E Chris era *muito* mais bonito.

Mas divago.

Piper deu uma batidinha e abriu a porta. Os jovens de repente pareceram muito interessados. Ela falou com o professor, que abriu um sorriso e fez um sinal de *pode ir* para um jovem na fileira do meio.

Um momento depois, Jason Grace se juntou a nós no corredor.

Eu só tinha visto o rapaz algumas vezes: quando ele era pretor no Acampamento Júpiter, quando visitou Delos e, pouco depois, quando lutamos lado a lado contra os gigantes, lá no Parthenon.

Acho que ele lutou bem, mas a verdade é que eu não estava muito atento aos acontecimentos. Naquela época, eu ainda era um deus, e Jason era só mais um herói na tripulação de semideuses do *Argo II*.

Mas, observando o garoto agora, ele parecia bem impressionante em seu uniforme escolar. O cabelo louro curtinho, os olhos azuis brilhando por trás dos óculos de aro preto. Jason fechou a porta da sala ao sair, abraçou os livros e forçou um sorriso. Uma pequenina cicatriz branca marcava um dos cantos do lábio.

— Piper. Oi.

Era incrível como Piper conseguia parecer tão calma. Depois de tantos términos complicados, eu já sabia que a coisa nunca ficava fácil, e Piper não tinha a vantagem de poder transformar o ex em árvore ou de simplesmente esperar que a vida curta e mortal dele acabasse para voltar a dar as caras na Terra.

— Oi — respondeu ela, com um leve toque de tensão na voz. — Estes são…

— Meg McCaffrey — interrompeu Jason. — E Apolo. Eu estava esperando por vocês.

Mesmo que estivesse nos aguardando, ele não parecia muito animado. Na verdade, ele falou aquilo como se dissesse: *eu estava esperando o resultado do meu eletroencefalograma de emergência.*

Meg examinou Jason de cima a baixo, como se julgasse os óculos do garoto bem inferiores aos dela.

— É?

— É. — Jason olhou para os dois lados do corredor. — Vamos para o meu quarto. Aqui não é seguro.

22

No meu projeto escolar
Fiz um templo pagão
No Banco Imobiliário

NO TRAJETO ATÉ o quarto de Jason, passamos por um professor e dois monitores, mas, graças ao charme de Piper, todos concordaram que era perfeitamente normal nós quatro (inclusive duas meninas) irmos para o alojamento em pleno horário de aula.

Quando chegamos, Piper parou à porta e disse:

— Defina “aqui não é seguro”.

— Há monstros infiltrados no corpo docente. Estou de olho na professora de história. Tenho quase certeza de que ela é uma *empousa*. Já tive que matar meu professor de cálculo avançado, porque ele era um *blemmyae*.

Se tais palavras saíssem da boca de um mortal, ele seria tachado de louco e homicida, mas, quando se tratava de semideuses, era só a descrição de mais um dia na Terra.

— *Blemmyae*, é? — Meg reavaliou Jason, como se decidindo que os óculos dele talvez não fossem tão feios. — Eu odeio *blemmyae*.

Jason deu um sorrisinho e nos mandou entrar.

Eu diria que o lugar era *espartano*, mas já tinha visto os alojamentos dos verdadeiros espartanos — eles achariam o quarto do filho de Júpiter absurdamente confortável.

O espaço de quatro metros quadrados tinha uma estante, uma cama, uma mesa e um armário. O único luxo era uma janela aberta com vista para os cânions, deixando um aroma de jacinto preencher o ar. (*Tinha* que ser de jacinto? Sempre me dá um aperto no peito quando sinto esse cheiro, mesmo depois de milhares de anos.)

Na parede de Jason havia uma foto sorridente da irmã dele, Thalia, com um arco nas costas, o cabelo escuro e curto bagunçado pelo vento. Exceto pelos olhos azuis, ela não se parecia em nada com o irmão.

Se bem que nenhum deles se parecia comigo, e, como filho de Zeus, eu era tecnicamente irmão deles. Eu cheguei a flertar com Thalia, o que… eca. Maldito seja você, pai, por ter tantos filhos! Por sua causa, namorar se tornou um campo minado ao longo dos milênios.

— Sua irmã mandou um oi — falei.

Os olhos de Jason se iluminaram.

— Vocês se encontraram?

Então contei tudo que aconteceu no período que passamos em

Indianápolis: a Estação Intermediária, o imperador Cômodo, as Caçadoras de Ártemis chegando de rapel no estádio de futebol para nos salvar. Voltei mais um pouco e expliquei a questão do Triunvirato e todas as coisas horríveis que aconteceram comigo desde que saí daquela caçamba de lixo em Nova York.

Piper estava sentada no chão, de pernas cruzadas e encostada na parede, o mais longe possível da opção mais confortável, a cama. Meg estava de pé ao lado da escrivaninha de Jason, examinando algum projeto escolar, uma placa de isopor com pequenas caixinhas de plástico em cima, talvez representando prédios.

Quando mencionei casualmente que Leo estava vivo, bem e ocupado em uma missão no Acampamento Júpiter, todas as tomadas soltaram fagulhas. Jason olhou para Piper, atordoado.

— Pois é — disse ela. — Depois de tudo que passamos.

— Eu nem consigo… — Jason se sentou na cama, exausto. — Não sei se choro de felicidade ou de raiva.

— Para que escolher? — resmungou Piper. — Faça as duas coisas.

— Ei, o que é isto? — perguntou Meg.

Jason ficou vermelho.

— Um projeto pessoal.

— É a Colina dos Templos — respondeu Piper, o tom cautelosamente neutro. — No Acampamento Júpiter.

Eu me aproximei para olhar melhor. Piper tinha razão. Reconheci a disposição dos templos e santuários onde os semideuses do Acampamento Júpiter homenageavam as deidades antigas. Cada construção era representada por uma caixinha de plástico, os nomes dos santuários em etiquetas manuscritas coladas no isopor. Jason até marcou as linhas de elevação, apontando os níveis topográficos da colina.

Encontrei meu templo: Apolo, simbolizado por uma construção de plástico vermelho. Não era nem de longe tão bonita quanto a real, com o teto dourado e as filigranas de platina, mas achei melhor não expor minhas observações aos colegas presentes.

— São casinhas de Banco Imobiliário? — perguntou Meg.

Jason deu de ombros.

— Eu usei o que tinha, as casas verdes e os hotéis vermelhos.

Dei mais uma olhada na maquete. Eu não surgia em toda a minha glória na Colina dos Templos fazia um tempo, mas no projeto de Jason o lugar parecia mais cheio do que na minha lembrança. Havia pelo menos vinte pontos que eu não reconhecia.

Eu li algumas das etiquetas.

— Cimopoleia? Caramba, eu não penso nela há séculos! Por que os romanos construíram um santuário para ela?

— Ainda não construíram — disse Jason. — Mas eu prometi a ela

que construiriam. Ela… nos ajudou em nossa viagem a Atenas.

Do jeito que ele falou, concluí que a ajudinha dela significava algo mais parecido com *ela concordou em não nos matar*, o que tinha muito mais a ver com a personalidade de Cimopoleia.

— Eu falei para ela que não deixaria que nenhum deus fosse esquecido — continuou Jason —, nem no Acampamento Júpiter, nem no Acampamento Meio-Sangue. Vou garantir que *todos* tenham algum tipo de santuário nos dois acampamentos.

— Jason passou um tempão fazendo os desenhos — disse Piper. — Depois dá uma olhada no caderno dele.

Jason franziu a testa, sem saber se aquilo era um elogio ou uma crítica. O cheiro de eletricidade ficou mais forte.

— Bem — disse ele por fim —, os desenhos não são nada de mais, na verdade. Vou pedir ajuda a Annabeth para fazer as plantas de verdade.

— Homenagear os deuses é uma tarefa nobre — falei. — Você devia sentir orgulho do seu trabalho.

Jason não parecia nem um pouco orgulhoso, e sim preocupado. Eu me lembrei do que Medeia dissera sobre o encontro do semideus com o oráculo: *A verdade foi o suficiente para destruir o pobre Jason Grace.* Ele não parecia destruído. Mas eu também não parecia Apolo.

— Por que Potina ganhou uma casa e Quirino, um hotel? — perguntou Meg.

— A escolha das peças foi aleatória — admitiu Jason. — Só usei os objetos para marcar as posições.

Franzi a testa. Jurava que a minha peça era um hotel, e não uma casa, como a de Ares, porque eu era mais importante.

Meg deu uma batidinha na peça da mãe.

— Deméter é legal. Você tinha que botar os deuses legais perto dela.

— Meg — repreendi —, não dá para aglomerar os deuses por quem é mais *legal*. Imagina quantas brigas isso não causaria?

Além do mais, pensei, *todo mundo ia querer ficar do meu lado.* Será que eu continuaria sendo tão amado quando e *se* voltasse ao Olimpo?, foi a pergunta amarga que me fiz. Meu tempo como Lester mancharia minha reputação para sempre? Será que eu seria visto como um pateta mortal por toda a eternidade?

— Enfim... — interrompeu Piper. — Vamos ao que interessa: o Labirinto de Fogo.

A garota não acusou Jason de esconder informações. Não contou a ele o que Medeia tinha dito. Só observou o ex-namorado, esperando para ver como ele reagiria.

Jason entrelaçou os dedos e olhou para a *gladius* embainhada que estava encostada na parede, ao lado de um taco de lacrosse e de uma

raquete de tênis. (Esses colégios internos chiques realmente tinham de tudo.)

— Eu não contei a história toda para você — admitiu ele.

Piper ficou em silêncio, o que foi mais poderoso do que qualquer charme que ela poderia jogar.

— Eu… eu encontrei a Sibila — continuou Jason. — Não sei nem explicar *como*. Só caí em um lugar enorme com um poço de lava. A Sibila estava… parada na minha frente, em uma plataforma de pedra, os braços acorrentados em algemas ardentes.

— Herófila — falei. — O nome dela é Herófila.

Jason piscou, confuso, como se ainda conseguisse sentir o calor e as cinzas no aposento.

— Eu queria libertá-la — disse ele. — É claro. Mas ela me disse que não era possível. Tinha que ser… — Ele apontou para mim. — Ela me disse que era uma cilada. O Labirinto inteiro. Uma cilada para Apolo. Ela me disse que você viria me procurar. Você e Meg. Herófila disse que não havia nada que eu pudesse fazer além de ajudá-lo no que precisasse. E pediu que passasse essa mensagem: você tem que salvá-la.

Eu já sabia disso. Tinha visto e ouvido nos meus sonhos. Mas ouvir de Jason, desperto, tornou tudo pior.

Piper apoiou a cabeça na parede e ficou encarando uma infiltração no teto.

— O que mais Herófila disse?

O rosto de Jason se contraiu.

— Pipes… Piper, olha, me desculpa por não ter contado. É que…

— O que mais ela disse? — repetiu Piper.

Jason olhou para Meg e depois para mim, talvez em busca de apoio moral.

— A Sibila me disse onde encontrar o imperador — respondeu ele. — Bom, mais ou menos. Ela disse que Apolo precisaria dessa informação. Que ele precisaria de… um par de sapatos. Sei que não faz muito sentido.

— Na verdade, faz — falei.

Meg passou os dedos pelos telhados de plástico dos templos da maquete.

— Podemos aproveitar e matar o imperador enquanto estivermos roubando os sapatos dele? A Sibila disse alguma coisa sobre isso?

Jason balançou a cabeça.

— Ela só disse que Piper e eu… Nós não podíamos fazer mais nada por conta própria. Tinha que ser Apolo. Se tentássemos… seria perigoso demais.

Piper soltou uma risada seca, levantando as mãos como se estivesse fazendo uma oferenda à infiltração no teto.

— Jason, nós passamos por *tudo* juntos, tudo. Não consigo nem contar quantos perigos enfrentamos, quantas vezes nós quase morremos. Aí agora você vem me dizer que mentiu para me proteger? Sério? Para me impedir de ir atrás de Calígula?

— Eu sabia que você teria ido — murmurou ele. — Independentemente do que a Sibila dissesse.

— Sim, *eu* teria escolhido fazer isso — disse Piper. — Não você.

Ele assentiu, desolado.

— E eu não pensaria duas vezes antes de acompanhar você, fosse qual fosse o risco. Mas do jeito que as coisas andam entre a gente… — Ele deu de ombros. — Trabalhar em equipe tem sido difícil. Eu achei… Eu decidi esperar até Apolo me encontrar. Eu mandei muito mal em não ter contado nada. Me desculpe.

Ele ficou olhando fixamente para a Colina dos Templos, como se estivesse tentando encontrar um lugar para o santuário do deus de quem se sente mal por relacionamentos fracassados. (Ah, não, me confundi. Esse templo já existia. Era o de Afrodite, a mãe de Piper.)

A garota respirou fundo.

— A questão aqui não somos eu e você, Jason. Sátiros e dríades estão morrendo. Calígula está planejando se transformar em um novo deus do Sol. Hoje é a lua nova, e algo muito ruim está prestes a acontecer no Acampamento Júpiter. Enquanto isso, Medeia está naquele labirinto, lançando fogo titã por aí…

— *Medeia*? — Jason se sentou, confuso. A lâmpada no abajur da escrivaninha explodiu e fez chover cacos de vidro na maquete. — Espera aí. O que Medeia tem a ver com isso? E que história é essa de lua nova e Acampamento Júpiter?

Pensei que talvez Piper fosse se recusar a compartilhar a informação, só de raiva, mas ela não fez isso. A garota resumiu para o ex-namorado a profecia de Indiana, que previa corpos enchendo o Tibre, e explicou o projeto culinário de Medeia com o avô.

Jason fez uma cara péssima; parecia que nosso pai tinha jogado um raio nele.

— Eu não tinha a menor ideia de nada disso.

Meg cruzou os braços.

— Então, você vai ajudar a gente ou não?

Jason hesitou, certamente sem saber o que responder à garotinha assustadora com roupa camuflada azul-turquesa.

— C-claro — disse ele, por fim. — Vamos precisar de um carro. E eu vou precisar de uma desculpa para sair do campus.

Ele olhou para Piper, que se levantou.

— Tudo bem. Vou passar na secretaria. Meg, você vem comigo, para o caso de encontrarmos a tal *empousa*. Encontramos vocês no portão. E, Jason…?

— O quê?

— Se você estiver escondendo mais alguma coisa…

— Certo. Eu… eu entendi.

Piper saiu do quarto. Meg me olhou com uma cara de *Tem certeza?*.

— Pode ir — falei. — Vou ajudar Jason a pegar algumas coisas para a viagem.

Quando as garotas saíram, olhei bem nos olhos de Jason Grace e, de um filho de Zeus/Júpiter para outro, falei:

— Tudo bem. O que a Sibila *realmente* disse para você?

23

Olha só que dia lindo!
Ah, não, era engano
Foi só mais uma mentira

JASON DEMOROU PARA responder.

Ele tirou o paletó, que guardou no armário, desatou a gravata e a pendurou em um gancho na parede. Aquela cena me lembrou meu velho amigo Fred Rogers, apresentador de programas infantis — ele irradiava a mesma calma e concentração ao pendurar suas roupas de trabalho. Fred sempre me deixava dormir no sofá dele depois de um dia difícil como deus da poesia. Ele me oferecia biscoitos e leite e cantava até eu me sentir melhor. Minha favorita era "It's You I Like". Ah, como aquele mortal fazia falta!

Depois de todos aqueles procedimentos, Jason prendeu a gládio na cintura. De óculos, camisa social, calça, mocassins e espada, ele parecia menos o sr. Rogers e mais um advogado armado.

— Por que você acha que estou escondendo alguma coisa?

— Ora, por favor! Não tente enrolar, ainda mais quando o assunto é profecia. Não com o deus das profecias e da enrolação.

Jason soltou um suspiro, então dobrou as mangas da camisa, revelando a tatuagem romana na parte interna do antebraço, o emblema de raio do nosso pai.

— Primeiro, não foi bem uma profecia. Parecia mais as perguntas de um jogo de perguntas e respostas da tevê.

— Sim, é assim que a Herófila profetiza.

— E você sabe como são as profecias. Podem ser difíceis de interpretar, mesmo se o oráculo for simpático.

— Jason…

— Ah, está bem. A Sibila disse… Ela disse que, se Piper e eu formos atrás do imperador, um de nós vai morrer.

Morrer. A palavra caiu entre nós com um baque, como um peixão estripado num balcão de cozinha.

Fiquei esperando uma explicação. Jason encarava a base de isopor da maquete da Colina dos Templos como se quisesse dar vida ao diorama com sua mera força de vontade.

— Morrer — repeti.

— É.

— Não foi *desaparecer*, nem *não voltar*, nem *ser derrotado*.

— Não. Foi *morrer*. Ou, mais precisamente: *seis letras, começa com M*.

— Não pode ser *morder*? Nem *mandar*?

Ele ergueu uma das sobrancelhas louras e finas.

— *Se forem atrás do imperador, um de vocês vai... mandar?* Não, Apolo. Só podia ser *morrer*.

— Mas, mesmo assim, isso pode significar muitas coisas. Pode ser uma viagem ao Mundo Inferior. Ou pode ser uma morte como a de Leo, que voltou à vida na mesma hora. Pode ser …

— Agora é *você* quem está enrolando — argumentou Jason. — A Sibila falou de morte. Final. Real. Sem replay. Só estando lá para ver. Ela falou de um jeito... A não ser que você tenha um frasco de cura do médico sobrando…

Jason sabia muito bem que eu não tinha nada disso. Só meu filho Esculápio, deus da medicina, é que tinha acesso à cura do médico que trouxera Leo Valdez de volta à vida. E, como Esculápio queria evitar uma guerra contra Hades, era raro distribuir amostras. Raro tipo: nunca. Leo foi o primeiro sortudo em quatro mil anos, e provavelmente seria o último.

— Mas, mesmo assim… — Busquei teorias alternativas e brechas para a interpretação. Eu não gostava nem de pensar em morte permanente. Como imortal, aquilo era oposto à minha consciência. Por melhor que pudesse ser a pós-vida (e olha que a maioria não chegava nem a ser *boa*), viver ainda era melhor. O calor do Sol de verdade, as cores vibrantes do mundo lá em cima, a comida… Olha, sério: nem os Campos Elísios eram melhores.

O olhar de Jason era implacável. Tive a impressão de que, naquelas semanas desde sua conversa com Herófila, ele já tinha imaginado todos os possíveis cenários. Jason já não estava mais *barganhando* com aquela profecia; tinha passado ao estágio de aceitação da morte. Ele a aceitara na mesma medida que Piper McLean tinha aceitado Oklahoma.

Eu não gostava nada disso. A calma de Jason me lembrou outra vez Fred Rogers, mas de um jeito meio exasperante. Como alguém podia ser assim, aceitando as coisas e mantendo a cabeça no lugar o tempo todo? Às vezes eu só queria que ele ficasse com raiva, que gritasse e esperneasse, chutando os mocassins para o outro lado do quarto.

— Vamos supor que você esteja certo. Por que não contou a verdade a Piper?

— Você sabe o que aconteceu com o pai dela. — Jason examinou os calos nas mãos, prova de que não tinha parado de praticar com a espada. — Ano passado, quando o salvamos do gigante do fogo, lá no Monte Diablo… a cabeça do sr. McLean não ficou nada bem. Agora, com o estresse da falência e tudo o mais... Dá para imaginar o que aconteceria se ele perdesse a filha também?

Eu me lembrei do astro de cinema desgrenhado andando de um

lado para outro na frente de casa, procurando moedas imaginárias.

— Sim, mas não dá para saber *como* a profecia vai se desenrolar.

— Eu não posso deixar que ela se desenrole com a morte de Piper. Ela e o pai estão prontos para sair da cidade agora no fim da semana. Na verdade, ela… não sei se dá para dizer que está *empolgada*, mas está no mínimo aliviada por sair de Los Angeles. Desde que nos conhecemos, tudo que ela queria era ter mais tempo com o pai. E agora eles têm a chance de recomeçar. Piper pode ajudar o pai a levar uma vida mais tranquila. E talvez até possa encontrar um pouco de tranquilidade para si mesma.

A voz dele falhou. Provavelmente por culpa, ou talvez fosse arrependimento ou medo.

— Você queria que ela saísse da cidade em segurança — deduzi. — E depois iria sozinho atrás do imperador.

Jason deu de ombros.

— Bem, eu estaria com você e com Meg. Eu sabia que vocês viriam atrás de mim, já que Herófila me contou. Se você tivesse esperado mais uma semana…

— E aí? Você ia deixar a gente saltitar alegremente até a sua morte? E como isso afetaria *a tranquilidade* de Piper quando ela descobrisse?

Jason ficou com as orelhas vermelhas. Só então reparei como ele era jovem. Tinha no máximo dezessete anos — o que era mais velho do que minha forma mortal, é verdade, mas não muito. Ele tinha perdido a mãe. Depois ainda tinha sobrevivido ao treinamento puxado de Lupa, a deusa-loba, e crescido com a disciplina da Décima Segunda Legião, no Acampamento Júpiter. Tinha lutado contra gigantes e titãs e ajudado a salvar o mundo pelo menos duas vezes. Mas, pelos padrões mortais, nem era adulto. Não tinha idade para votar ou sequer para beber.

E, apesar de toda essa experiência, será que era justo esperar que ele raciocinasse friamente e considerasse os sentimentos de todos enquanto ainda ponderava sobre a própria morte?

Tentei suavizar o tom.

— Você não quer que Piper morra, eu entendo. Ela também não ia querer que *você* morresse. Mas evitar profecias não dá certo. E *muito menos* guardar segredos de amigos, principalmente segredos mortais. Nossa tarefa é enfrentar Calígula juntos, roubar os sapatos daquele maníaco homicida e fugir *sem* a palavra de seis letras começando com M.

A cicatriz no canto da boca de Jason tremeu.

— Mandão?

— Ah, você é ridículo — protestei, mas a piadinha dissolveu um pouco da tensão que me assolava. — Está pronto?

Ele olhou para a foto da irmã, Thalia, e para a maquete da Colina dos Templos.

— Se alguma coisa acontecer comigo…

— Pare com isso.

— Se alguma coisa acontecer, se eu não puder cumprir a promessa que fiz a Cimopoleia... você pode levar meu projeto para o Acampamento Júpiter? Os desenhos dos novos templos nos dois acampamentos estão ali na prateleira.

— Você mesmo vai levar isso para lá — insisti. — E seus novos santuários vão honrar os deuses. Vai ser um sucesso: é um projeto honrado demais para falhar.

Ele tirou um caco de vidro do hotel de Zeus.

— A honra nem sempre importa. Pense só no que aconteceu com você. Já conversou com nosso pai desde…?

Ele teve a decência de não continuar. *Desde que você caiu numa lixeira no corpo de um gorducho de dezesseis anos sem nenhuma habilidade.*

Engoli em seco, sentindo aquele gosto de cobre no ar. As palavras do meu pai ribombaram das profundezas de minha pequena mente mortal: *SUA CULPA. SUA PUNIÇÃO.*

— Zeus não fala comigo desde que me tornei mortal. E minha memória do que aconteceu antes disso é muito confusa. Eu me lembro da batalha do verão passado, lá no Parthenon, e me lembro de Zeus jogando um raio em mim. Depois disso, não há nada até eu acordar caindo do céu, em janeiro… *Nada.*

— Sei como é isso de perder seis meses da sua vida. — Ele me encarou com um olhar sofrido. — Me desculpe por não ter conseguido ajudar mais.

— Como assim? O que mais você poderia ter feito?

— Ah, lá no Parthenon. Tentei conversar com Zeus, falei que era errado punir você. Mas o pai não quis ouvir.

Fiquei olhando para ele sem entender, sentindo o que restava da minha eloquência natural entalada na garganta. Jason Grace tinha feito *o quê*?

Zeus tinha muitos filhos; ou seja, eu tinha muitos meios-irmãos e meias-irmãs. Mas, com exceção de minha irmã gêmea, Ártemis, eu nunca tinha me sentido próximo de nenhum outro filho de Zeus. E *nunca* nenhum irmão tinha me defendido para nosso pai. Aliás, era mais provável que meus irmãos olimpianos tentassem escapar da fúria de Zeus me acusando, aos berros: *foi Apolo!*

E aquele jovem semideus tinha me defendido — sem o menor motivo para isso, aliás. Ele mal me conhecia, mas arriscou a própria vida e enfrentou a fúria de Zeus.

Meu primeiro instinto foi gritar: *VOCÊ É DOIDO?*

Por sorte, logo surgiram palavras mais apropriadas.
— Obrigado.
Jason me segurou pelos ombros — não com raiva, nem mesmo com agressividade; foi mais de um jeito meio fraternal.
— Quero que você me prometa uma coisa: aconteça o que acontecer, quando voltar para o Olimpo, quando voltar a ser deus, quero que você *se lembre*. Não esqueça como é ser humano.
Algumas semanas antes, eu teria rido com deboche. *Por que eu iria querer me lembrar disso?*
No máximo, se eu tivesse sorte de recuperar meu trono divino, a memória da experiência horrenda seria como um filme de terror ruim que finalmente havia terminado. Eu sairia do cinema pensando: *Ufa! Ainda bem que acabou!*
Mas, depois de tudo pelo que passei na Terra, eu tinha uma ideia do que Jason queria dizer. A experiência me ensinou muito sobre a fragilidade e a força dos humanos, e, sendo mortal, eu me sentia... diferente em relação a eles. Aquilo no mínimo me serviria de inspiração para uma nova música!
Mas fiquei relutante em prometer qualquer coisa, até porque eu já estava vivendo sob a maldição de *uma* promessa quebrada. Lá no Acampamento Meio-Sangue, eu me precipitei e jurei pelo rio Estige que não usaria minhas habilidades de arquearia e de música até voltar a ser deus. Mas logo quebrei essa promessa, e, desde então, minhas habilidades estavam se deteriorando.
E eu tinha certeza de que o espírito vingativo do rio Estige ainda não estava satisfeito. Naquele momento, eu quase conseguia sentir a dríade me olhando de cara feia, lá do Mundo Inferior, como quem diz: *Que direito você tem de prometer o que quer que seja, seu quebrador de promessas?*
Mas qual seria a alternativa? Era o mínimo que eu podia fazer por aquele mortal tão corajoso que me defendeu mesmo quando ninguém mais ousou estender a mão para mim.
— Eu prometo. Vou me esforçar ao máximo para lembrar dessa experiência humana. Mas *você* precisa prometer que vai contar a verdade sobre a profecia para a Piper.
Jason deu um tapinha em meus ombros.
— Combinado. Falando nelas, as garotas devem estar esperando.
— Só mais uma coisa — pedi, falando sem pensar. — É sobre Piper. É que... vocês dois parecem um casal tão legal, tão saudável. Você quer mesmo... Ah, você terminou para que ficasse mais fácil para ela ir embora de Los Angeles?
Jason me encarou com seus olhos azuis.
— Ela disse isso?
— Não. Mas Mellie pareceu tão... hã, *chateada* com você...

Jason refletiu.

— Mellie pode me culpar à vontade, não ligo. Acho que é até melhor.

— Então não é verdade?

Notei certa tristeza no olhar de Jason, quase como uma lufada de fumaça ofuscando o céu azul por alguns instantes. Eu me lembrei de Medeia dizendo: *A verdade foi o suficiente para destruir o pobre Jason Grace.*

— Foi a Piper que terminou comigo — explicou, baixinho. — Já faz meses, muito antes do Labirinto de Fogo. Bem, vamos logo. Vamos encontrar Calígula.

24

Venha para Santa Bárbara!
Aqui você vê
Surfistas, peixes, romanos!

ERA UMA PÉSSIMA notícia tanto para nós quanto para o sr. Bedrossian, mas não havia nem sinal do Cadillac Escalade na rua onde ele estava estacionado.

— Ih, o carro foi rebocado — anunciou Piper, muito tranquila, como se aquilo fosse comum.

Ela voltou até a secretaria da escola, de onde saiu alguns minutos depois dirigindo uma van verde e dourada da Edgarton.

Piper parou e abriu a janela.

— E então, crianças: prontos para o nosso passeio?

Jason não parava de olhar pelo retrovisor do passageiro enquanto o carro se afastava da escola; parecia nervoso, talvez com medo de um segurança nos abordar e exigir nossa autorização para sair do campus e ir matar um imperador romano. Mas ninguém foi falar com a gente.

— Para onde vamos? — perguntou Piper, logo que chegamos à estrada.

— Santa Bárbara. — respondeu Jason.

Ela franziu a testa, como se a resposta de Jason fosse só um pouco mais surpreendente do que *Uzbequistão*.

— Então tá.

Ela seguiu as placas para a Rodovia 101.

Daquela vez, para variar, torci para pegarmos bastante trânsito, já que não estava nem um pouco ansioso para ver Calígula. Só que as ruas estavam quase vazias; parecia que as estradas da Califórnia tinham ouvido minhas reclamações e agora queriam vingança.

Ah, então passe rapidinho, Apolo!, parecia dizer a Rodovia 101. *Espero que você tenha uma ótima viagem até a morte humilhante que o espera!*

Ao meu lado, no banco de trás, Meg batucava nos joelhos.

— Falta muito?

Eu não conhecia Santa Bárbara muito bem. Estava torcendo para que Jason dissesse que tínhamos que ir para bem longe, lá depois do Polo Norte, talvez. Não que eu quisesse ficar tanto tempo preso com Meg numa van, mas aí pelo menos poderíamos dar uma paradinha no Acampamento Júpiter e alistar um esquadrão de semideuses bem armados.

— Mais ou menos duas horas — respondeu Jason, destruindo

minhas esperanças. — Vamos subir a costa até aquele píer, Stearns Wharf.

— Você já foi lá? — perguntou Piper.

— Eu… Já. Fui com Tempestade, dar uma olhada na área.

— Tempestade? — perguntei.

— É o cavalo dele — explicou Piper. Então virou outra vez para Jason: — Você foi lá sozinho?

— Bem, Tempestade é um *ventus* — corrigiu Jason, ignorando a pergunta de Piper.

Meg parou de batucar nos joelhos.

— Tipo aquelas coisas de vento que a Medeia tinha?

— Só que Tempestade é simpático. Eu meio que… não é bem domar, mas ficamos amigos. Ele costuma aparecer quando eu chamo e me deixa cavalgar.

— Um cavalo de vento. — Meg parou um pouco para pensar, sem dúvida comparando os méritos de um *ventus* aos de seu bebê pêssego. — Deve ser irado.

— Voltando ao que importa — interveio Piper —, por que você foi dar uma olhada em Stearns Wharf?

Jason pareceu tão desconfortável que fiquei com medo de ele sem querer explodir o sistema elétrico da van.

— A Sibila. Ela me disse que era lá que eu encontraria Calígula. É um dos lugares onde ele para.

Piper franziu a testa, confusa.

— Onde ele *para*?

— O palácio dele não é bem um palácio. Vamos ter que procurar por um barco.

Senti um nó no estômago, que decidiu ir sozinho pegar a saída mais próxima para Palm Springs.

— Ah... — comentei.

— *Ah?* — perguntou Meg. — *Ah* o quê?

— Ah, faz sentido. Na Roma Antiga, Calígula era famoso por suas barcas do prazer, enormes palácios flutuantes com casas de banho, teatros, estátuas giratórias, pistas de corrida, milhares de escravos…

Eu me lembrava de como Poseidon ficara enojado ao ver Calígula passear pela Baía da antiga cidade de Baiae — embora eu ache que talvez fosse só inveja porque o palácio *dele* não tinha estátuas giratórias.

— Mas isso explica por que vocês tiveram tanta dificuldade de encontrar o imperador. Ele pode ir de porto em porto sempre que quiser — comentei.

— É — concordou Jason. — Ele não estava quando eu fui. Acho que a Sibila quis dizer que eu o encontraria em Stearns Wharf *quando fosse a hora*. E acho que a hora é agora. — Ele se remexeu no banco,

inclinando-se para o mais longe possível de Piper. — Falando na Sibila… Tem mais um detalhe que eu não compartilhei sobre essa profecia.

Então ele contou a verdade para Piper sobre a palavra de seis letras que começava com M e não era *morder*.

Piper recebeu a notícia surpreendentemente bem, sem bater nele ou erguer a voz. Ela só ouviu e ficou em silêncio por um quilômetro, mais ou menos.

Até que finalmente balançou a cabeça.

— É um detalhe e tanto.

— Eu devia ter contado.

— É, devia. — Ela girou o volante com a força exata para torcer o pescoço de uma galinha. — Ainda assim… posso ser sincera? Acho que, no seu lugar, eu talvez fizesse a mesma coisa. Também não ia querer que você morresse.

— Então não está brava? — perguntou Jason, surpreso.

— Eu estou furiosa.

— Ah.

— Estou furiosa, mas compreendo.

— Certo.

Reparei em como a conversa fluía fácil entre eles, mesmo quando envolvia questões difíceis. Os dois pareciam se entender bem. Eu me lembrei de Piper falando que ficou desesperada quando se separou de Jason, lá no Labirinto de Fogo, como ela não conseguia suportar a ideia de perder outro amigo.

Mais uma vez, fiquei imaginando o que havia por trás daquele término.

As pessoas mudam, dissera Piper.

Nota dez no quesito blá-blá-blá, garota, mas eu queria saber *os podres*.

— E então, mais alguma surpresa? Algum outro *detalhe* que você esqueceu de mencionar?

Jason balançou a cabeça.

— Acho que é só isso.

— Tudo bem, então. Vamos ao píer e procuramos o barco. Encontramos as botinhas mágicas de Calígula e o matamos se surgir a oportunidade. Mas eu *não* vou deixar você morrer, e vice-versa.

— Não *me* deixem morrer também — acrescentou Meg. — Nem o Apolo.

— Obrigado, Meg. Ouvir isso de você aquece meu coração, ele está quentinho como um burrito descongelado no micro-ondas — comentei.

— Não tem de quê. — Ela enfiou o dedo no nariz, para o caso de morrer e não ter outra chance de tirar meleca. — Como a gente vai

saber qual é o barco certo?

— Acho que vamos saber só de ver — respondi. — Calígula nunca foi muito sutil.

— Supondo que o barco esteja lá — acrescentou Jason.

— É melhor que esteja — alertou Piper. — Senão eu roubei essa van e tirei você da aula de física à toa.

— O que me deixou bem chateado — concordou Jason.

Eles trocaram um sorriso discreto, uma espécie de olhar que dizia *sim, ainda é tudo muito constrangedor, mas não vou deixar você morrer hoje.*

Torci para que a viagem fosse tão tranquila quanto Piper decretara, mas desconfiava que era mais provável ganharmos na Loteria dos Megadeuses do Monte Olimpo. (E olha que o máximo que eu ganhei foram cinco dracmas em uma raspadinha.)

Seguimos em silêncio pela estrada costeira.

O Pacífico cintilava à esquerda, com surfistas cruzando as ondas e palmeiras se balançando ao sabor da brisa. À direita, as colinas secas e marrons estavam cobertas com as flores vermelhas das azaleias murchas que sofriam com o calor. Por mais que eu tentasse, não conseguia evitar pensar naquelas faixas de flores vermelhas como o sangue derramado das dríades mortas em batalha. Pensei em nossos cactos da Cisterna, fazendo de tudo para sobreviver. Eu me lembrei de Jade, arrasada e queimada no Labirinto. Era por elas que eu *tinha* que impedir Calígula. Se eu não conseguisse… *Não,* essa não era uma opção.

Quando enfim chegamos a Santa Bárbara, compreendi por que era provável que Calígula gostasse daquele lugar.

Com um pouco de imaginação, me vi novamente em Baiae, antiga cidade romana à beira-mar. A curva da costa era quase idêntica, assim como as praias douradas, as colinas pontilhadas de lindas casas brancas com telhas vermelhas, as embarcações ancoradas no porto... Até as pessoas tinham os mesmos rostos bronzeados e a mesma expressão de estupor agradável, como se só estivessem matando o tempo entre o surf matinal e o golfe vespertino.

A maior diferença era que o Monte Vesúvio não aparecia ao fundo, mas fiquei com a sensação de outra presença pairando sobre aquela linda cidadezinha, tão perigosa e explosiva quanto o vulcão.

— Calígula está aqui — anunciei quando estacionamos a van no bulevar Cabrillo.

Piper ergueu as sobrancelhas.

— Você está sentindo um distúrbio na força?

— Ah, faça-me o favor — murmurei. — Estou sentindo meu azar de sempre. Esse lugar parece tão inofensivo que *não tem como* a gente não encontrar problemas.

Passamos a tarde andando pela orla de Santa Bárbara, chegamos até a incomodar um bando de pelicanos no sapal e acordamos leões-marinhos que estavam cochilando no píer. Abrimos caminho por hordas de turistas em Stearns Wharf e, no porto, encontramos uma floresta de barcos de um só mastro que circundava alguns iates de luxo, mas nenhum parecia grande ou espalhafatoso o bastante para um imperador romano.

Jason até sobrevoou a área, fazendo um reconhecimento aéreo, mas ao voltar relatou que não havia embarcações suspeitas no horizonte.

— Você estava no seu cavalo, o Tempestade? — perguntou Meg. — Não deu para ver.

Jason sorriu.

— Não, eu só chamo Tempestade em emergências. Eu estava voando sozinho, manipulando o vento.

Meg soltou um muxoxo enquanto examinava os bolsos de sementes.

— Ah, eu só consigo chamar inhames.

Depois de um tempo, desistimos de procurar e nos sentamos em um restaurante perto da praia. Os tacos de peixe grelhado valiam uma ode à Musa Euterpe.

— Não acho má ideia desistir da busca — admiti, enchendo a boca de ceviche apimentado —, mas só se for para jantarmos.

— Isso aqui é só uma pausa rápida — avisou Meg. — E vê se acaba de comer logo.

Queria que ela não tivesse falado aquilo em forma de ordem; ficou difícil relaxar durante o restante da refeição.

Ficamos sentados no café, apreciando a brisa, a comida e o chá gelado até o Sol descer no horizonte, deixando o céu laranja no tom Acampamento Meio-Sangue. Eu me permiti ter a esperança de ter me enganado sobre a presença de Calígula. Tínhamos ido até ali em vão, que alegria! Eu estava prestes a sugerir que voltássemos para a van e talvez procurássemos um hotel, para não ter que dormir mais uma vez num saco de dormir no fundo de um poço no deserto, quando Jason se levantou.

— Ali! — Ele apontou para o mar.

O barco pareceu se materializar num raio de sol, igualzinho ao que minha carruagem do Sol fazia sempre que eu entrava no Estábulo do Poente ao fim de um longo dia. O iate era uma monstruosidade branca e cintilante, com cinco conveses acima da linha da água. As janelas cobertas de insulfilm pareciam os olhos alongados de um inseto. Como acontece com todos os barcos grandes, era difícil julgar o tamanho de longe, mas o fato de ter *dois* helicópteros a bordo, um na proa e outro na popa, além de um pequeno submarino preso em um guindaste a estibordo, informava que não se tratava de uma embarcação comum. Talvez houvesse iates maiores no mundo mortal, mas não muitos.

— *Só pode* ser esse — decretou Piper. — E agora? Será que vai atracar?

— Esperem — alertou Meg. — Olhem.

Outro iate, idêntico ao primeiro, surgiu em meio a um raio de sol, um quilômetro e meio ao sul do anterior.

— Isso é miragem, né? — perguntou Jason, inquieto. — Ou será que é cilada?

Meg grunhiu, consternada, e apontou para outro ponto no mar.

Um terceiro iate surgiu, bem entre os dois primeiros.

— Isso é loucura! — comentou Piper. — Cada um desses barcos deve custar milhões.

— Meio bilhão — corrigi. — Ou mais. Calígula sempre gostou de esbanjar. E ele é parte do Triunvirato, já faz séculos que os imperadores estão acumulando riquezas.

Outro iate apareceu no horizonte, e depois outro. Em pouco tempo havia dezenas, uma frota alinhada na entrada da enseada como uma corda em um arco.

— Não é possível. — Piper esfregou os olhos. — *Só pode* ser uma ilusão.

— Não é.

Senti um aperto no peito. Já tinha visto aquele tipo de exibição.

Enquanto olhávamos, a frota de superiates manobrou para se aproximar, ancorando com a proa de um perto da popa do outro, formando uma barreira flutuante e cintilante de pelo menos um quilômetro e meio, indo de Sycamore Creek até a marina.

— A Ponte de Barcas. Ele fez de novo.

— *De novo?* — perguntou Meg.

— Calígula… na Antiguidade… — Tentei controlar o tremor na voz. — Calígula recebeu uma profecia quando era criança. Um astrólogo romano disse que ele tinha tanta chance de se tornar imperador quanto de atravessar a Baía de Baiae a cavalo; ou seja: nenhuma. Mas Calígula *se tornou* imperador. Depois de subir ao trono, ele ordenou a construção de uma frota de barcos enormes, como esses. — Apontei para os iates à nossa frente. — Depois mandou alinhar as barcas na Baía de Baiae, formando uma ponte enorme, que ele atravessou a cavalo. Foi o maior projeto de construção flutuante já realizado. Calígula nem ao menos sabia nadar, mas isso não o impediu. Ele estava determinado a jogar seu feito na cara do destino.

Piper arregalou os olhos.

— Os mortais devem estar vendo isso, né? Ele não tem como interromper o tráfego marítimo assim sem ser notado.

— Ah, os mortais reparam — concordei. — Olhem só.

Barcos menores começaram a se reunir em volta dos iates, como moscas atraídas por um suntuoso banquete. Vi duas embarcações da

Guarda Costeira, vários barcos da polícia e dezenas de botes infláveis com motores externos, todos guiados por homens de preto armados… a segurança particular do imperador.

— Eles estão *ajudando* — murmurou Meg, com a voz tensa. — Nem mesmo Nero… Ele subornava a polícia e mantinha muitos mercenários, mas nunca se exibiu *assim*.

Jason pegou a gládio.

— Por onde começamos? Onde encontramos Calígula no meio disso tudo?

Eu não queria encontrar Calígula, queria fugir. A ideia de morrer — e uma morte *permanente*, com seis letras e começando com *m*, de repente me pareceu bem próxima. Mas eu sentia que a confiança dos meus amigos estava abalada. Eles precisavam de um plano, não de um Lester apavorado e aos berros.

Apontei para o centro da ponte flutuante.

— Vamos começar no meio, que é sempre o ponto mais fraco de uma corrente.

25

Todos nós no mesmo barco
Opa — dois saíram
Quase todos no mesmo barco

JASON GRACE TINHA que estragar minha frase de efeito perfeita.

Enquanto andávamos pelo cais, ele chegou do meu lado e murmurou:

— Você sabe que isso não é verdade, né? O meio de uma corrente tem a mesma resistência à tração que todas as outras partes, supondo que a força seja aplicada igualmente em todas elas.

— Você está com a consciência pesada porque faltou à aula de física e quer me dar lição agora? Você entendeu o que eu quis dizer! — retruquei, sem paciência.

— Na verdade, não — disse ele. — Por que atacar no meio?

— Porque… não sei! — falei. — Porque não vão estar esperando?

Meg parou na beirada da plataforma.

— Acho que eles estão esperando tudo e qualquer coisa.

Ela estava certa. Quando o sol se pôs, os iates se acenderam como árvores de Natal gigantescas. Holofotes percorriam o céu e o mar como se estivessem anunciando a maior liquidação de colchões de água da história. Dezenas de barquinhos de patrulha cruzavam a enseada, para garantir que os moradores de Santa Bárbara não se atreveriam a usar a costa da cidade deles.

Eu me perguntei se Calígula sempre investiu tanto em segurança ou se estava de fato à nossa espera. Àquela altura, ele já devia saber que tínhamos explodido a Maluquice Militar do Macro e que havíamos confrontado Medeia no Labirinto, supondo que a feiticeira tivesse sobrevivido.

Calígula também havia aprisionado a Sibila Eritreia, o que significava que tinha acesso às mesmas informações que a profetiza dera a Jason. A Sibila podia não *querer* ajudar um imperador do mal que a mantinha algemada a correntes em brasa, mas não podia se recusar a responder a um requerente sincero fazendo perguntas diretas. A natureza da magia dos oráculos era essa. Eu supunha que o máximo que ela poderia fazer era dar respostas vagas, como dicas de palavras cruzadas *muito* difíceis.

Jason observou o movimento dos holofotes.

— Posso levar vocês voando, um de cada vez. Talvez não nos vejam.

— Acho que voar deveria ser nossa última opção — sugeri. — E

precisamos encontrar uma forma de chegar lá antes de ficar muito escuro.

— Por quê? — perguntou Piper. — De noite temos mais chances, porque no escuro dá para se esconder melhor.

— Estriges — falei. — Elas começam a ficar agitadas uma hora depois de o sol se pôr.

— Estriges? — perguntou Piper.

Relatei nossa experiência com as aves demoníacas no Labirinto. Meg fez intervenções muito úteis, como *eca, aham* e *tudo culpa do Apolo*.

Piper estremeceu.

— Nas histórias Cherokee, as corujas são mau sinal. Geralmente são espíritos do mal ou curandeiros à espreita. Se essas estriges são como corujas gigantescas sugadoras de sangue… É, melhor não cruzarmos o caminho delas.

— Concordo — disse Jason. — Mas como vamos chegar aos navios?

— A gente pode pedir carona.

Ela levantou os braços e acenou para o bote mais próximo, a uns cinquenta metros.

— Hum... Piper? — disse Jason.

Meg conjurou suas espadas.

— Tudo bem. Quando chegarem perto, eu acabo com eles.

Eu olhei para minha jovem mestra.

— Meg, eles são *mortais*. Antes de tudo, suas espadas não vão funcionar neles. Além disso, eles não sabem para quem estão trabalhando. Nós não podemos…

— Eles estão trabalhando para o B… para o homem mau — disse ela. — Calígula.

Reparei no ato falho dela. Tive a impressão de que ia dizer *trabalhando para o Besta*.

Ela guardou as espadas, mas a voz continuou fria e determinada. De repente me veio à mente uma imagem horrível: McCaffrey Vingadora à solta no barco, distribuindo socos e sementes.

Jason olhou para mim como se perguntasse: *Você amarra a garota ou eu amarro?*

O bote se aproximou. A bordo havia três homens com roupa camuflada escura, coletes à prova de balas e capacetes. O de trás dirigia o barco. O da frente controlava o holofote. O do meio, sem dúvida o mais simpático, estava com um fuzil apoiado no joelho.

Piper acenou e sorriu para eles.

— Meg, fica quieta. Pode deixar comigo. Me deem espaço para trabalhar, por favor. O charme vai funcionar melhor se vocês não ficarem parados atrás de mim fazendo cara feia.

Fazia sentido que nos afastássemos um pouco. Nós três recuamos, mas Jason e eu tivemos que arrastar Meg.

— Oi! — gritou Piper, quando o barco chegou mais perto. — Não atirem! Somos amigos!

O barco avançava tão rápido que achei que passaria pela gente e só pararia no México. O cara do holofote pulou primeiro, surpreendentemente ágil para um sujeito todo equipado. O cara do fuzil pulou em seguida, dando cobertura enquanto o cara do motor desligava o barco.

O sr. Holofote nos avaliou de cima a baixo, a mão na arma, pronta para agir.

— Quem são vocês?

— Piper, muito prazer! — disse Piper. — Não precisa avisar a ninguém que estamos aqui. E não precisa apontar esse fuzil para a gente!

O rosto do homem se contorceu. Ele começou a abrir um sorriso similar ao de Piper, mas pareceu lembrar que seu trabalho exigia que ele fosse carrancudo e sério. O sr. Fuzil não baixou a arma, e o sr. Motor estava prestes a pegar o walkie-talkie.

— Identidades — gritou o sr. Holofote. — Todos vocês.

Ao meu lado, Meg estava nervosa, pronta para se tornar McCaffrey Vingadora. Jason tentou parecer indiferente, mas a camisa dele estalava com eletricidade.

— Claro! — concordou Piper. — Mas tenho uma ideia bem melhor. Vou colocar a mão no bolso, tá? Não se animem.

Ela tirou de lá um bolo de dinheiro, talvez uns cem dólares. Até onde eu sabia, aquilo devia ser tudo que restara da fortuna dos McLean.

— Sabem, meus amigos e eu estávamos conversando sobre o estresse que deve ser trabalhar aqui. Vocês dão duro dia e noite, e deve ser muito difícil patrulhar a costa! Estávamos sentados naquele café ali, comendo uns tacos de peixe deliciosos, e pensamos: *Ei, aqueles caras merecem descansar um pouco. Vamos pagar o jantar deles!*

Os olhos do sr. Holofote se arregalaram, como se fossem pular da cabeça.

— Descanso para jantar…?

— Claro! — disse Piper. — Podem deixar essas armas enormes de lado, jogar esse walkie-talkie fora. Vamos ficar de olho enquanto vocês comem. Peixe grelhado, tortilha de milho, ceviche, molho picante. — Ela olhou para a gente. — A comida de lá é incrível, não é, pessoal?

Soltamos um murmúrio de concordância.

— Hummm... — disse Meg.

Respostas monossilábicas eram com ela mesma.

O sr. Fuzil baixou a arma.

— Uns tacos de peixe viriam bem a calhar.

— Temos trabalhado tanto... — concordou o sr. Motor. — Merecemos um descanso mesmo.

— É o que estou dizendo! — Piper colocou o dinheiro na mão do sr. Holofote. — Por nossa conta. Obrigada pelo ótimo trabalho!

O cara dos holofotes olhou para o bolo de dinheiro.

— Mas a gente não pode...

— Comer com esse equipamento todo? — sugeriu Piper. — Você está certíssimo. Joguem tudo no barco: o colete, as armas, seus celulares. Isso mesmo. Fiquem à vontade!

Piper precisou de mais minutos, muito poder de persuasão e muitas gracinhas, mas finalmente os três mercenários cederam. Eles agradeceram a Piper, deram um abraço nela e saíram correndo para saborear o delicioso cardápio do restaurante na orla.

Assim que eles saíram de vista, Piper desabou nos braços de Jason.

— Caramba, você está bem? — perguntou ele.

— E-estou. — Ela se afastou, constrangida. — É mais difícil usar charme com um grupo inteiro. Mas vou ficar bem.

— Foi impressionante — falei. — Afrodite não teria se saído melhor.

Piper não pareceu feliz com a minha comparação.

— Temos que ir logo. O charme não vai durar muito tempo.

Meg grunhiu.

— A gente tinha que ter mata...

— Meg — repreendi.

— ... batido neles e deixado todo mundo inconsciente — consertou ela.

— Certo. — Jason limpou a garganta. — Todo mundo para o barco!

Estávamos andando pelo cais quando ouvimos os mercenários gritando “Ei! Parem!”. Ainda meio atordoados e segurando tortillas pela metade, eles correram para dentro da água.

Felizmente, Piper tinha pegado todas as armas e todos os dispositivos de comunicação deles. Ela deu um aceno simpático, e Jason ligou o motor.

Jason, Meg e eu mais do que depressa colocamos os coletes e capacetes dos guardas. Piper continuou com suas roupas comuns, mas, como era a única do grupo que poderia vencer uma batalha apenas com blefe, ela deixou as crianças se divertirem com as fantasias.

Jason era um mercenário perfeito. Meg ficou ridícula: uma garotinha engolida pelo colete à prova de balas do pai. Eu não fiquei muito melhor. O colete apertava minha barriga. (Pneuzinhos malditos e inúteis para batalha!) O capacete era quente como um forno, e o visor ficava caindo na cara, talvez louco para esconder meu rosto

cheio de espinhas.

Jogamos as armas no mar. Pode parecer besteira, mas, como já mencionei, armas de fogo são perigosas nas mãos de semideuses. Independentemente do que Meg dissesse, eu não queria andar por aí massacrando mortais.

Queria acreditar que, se aqueles mercenários realmente entendessem a quem estavam servindo, também largariam as armas. Era inconcebível que os humanos seguissem por livre e espontânea vontade um homem tão mau e perverso… Quer dizer, dá para citar centenas de casos ao longo da história em que foi isso que eles de fato fizeram… Mas eles jamais apoiariam Calígula!

Ao alcançarmos os iates, Jason reduziu a velocidade, para não ultrapassarmos as outras embarcações de patrulha.

Ele seguiu para o iate mais próximo, uma fortaleza de aço branco que se projetava acima de nós. Luzes roxas e douradas cintilavam abaixo da superfície, fazendo com que a embarcação flutuasse numa espécie de nuvem etérea de poder imperial romano. Na proa do navio, pintado em letras pretas maiores do que eu, estava o nome IVLIA DRVSILLA XXVI.

— Júlia Drusila XXVI — disse Piper. — Ela foi alguma imperatriz?

— Não. Era a irmã favorita do imperador — expliquei.

Senti um aperto no peito ao me lembrar da pobrezinha, uma garota tão linda, tão agradável, tão incrivelmente sem noção de nada. O irmão Calígula a idolatrava e se dedicava muito a ela. Quando ele se tornou imperador, insistiu que a irmã fizesse todas as refeições ao seu lado, testemunhasse todos os seus espetáculos imorais, participasse de todos os seus delírios violentos. Ela morreu aos vinte e dois anos, esmagada pelo amor sufocante de um sociopata.

— Ela deve ter sido a única pessoa que Calígula amou — falei. — Só não entendi esse número vinte e seis ao lado do nome dela.

— É porque aquele é o vinte e cinco. — Meg apontou para o barco seguinte da fila, a poucos metros do nosso.

De fato, pintado no casco havia IVLIA DRVSILLA XXV.

— Aposto que o que está atrás da gente é o número vinte e sete.

— Cinquenta iates gigantescos — refleti —, todos em homenagem a Júlia Drusila. É, isso é a cara do Calígula mesmo.

Jason observou a lateral do casco. Não havia escadas, nem alçapões e muito menos botões vermelhos com a indicação: aperte aqui para obter os sapatos de Calígula!

Não tínhamos muito tempo. Havíamos passado pelas embarcações de patrulha e pelos holofotes, mas provavelmente todos os iates tinham câmeras de segurança. Não demoraria para que alguém questionasse por que nosso bote estava parado ao lado do *XXVI*. Além disso, os mercenários que enganamos na praia deviam estar fazendo

de tudo para se comunicarem com os colegas. E não nos esqueçamos das estriges, que provavelmente acordariam a qualquer momento, famintas e atentas a qualquer sinal de invasores estraçalháveis.

— Vou voar e levar vocês — decidiu Jason. — Um de cada vez.

— Eu primeiro — disse Piper. — Caso seja necessário usar o charme em alguém.

Jason se virou, e Piper passou os braços pelo pescoço dele, como se já tivessem feito isso incontáveis vezes. Os ventos sacudiram o bote, agitaram meu cabelo, e Jason e Piper voaram pela lateral do iate.

Ah, que inveja eu sentia de Jason Grace! Era algo tão prosaico navegar pelos ventos. Se eu ainda fosse deus, voaria sem dificuldade com metade das minhas manifestações terrenas amarradas nas costas. Agora, preso naquele corpo patético cheio de pneuzinhos, essa liberdade era apenas um sonho distante.

— Ei. — Meg me cutucou. — Foco.

— Ei, eu sou *puro* foco — falei, indignado. — Você é que tem que me dizer o que está se passando nessa sua cabecinha.

— Como assim? — perguntou ela, fazendo cara feia.

— Essa raiva toda… — expliquei. — Essa obsessão em matar Calígula. Essa disposição para… bater nos mercenários até eles desmaiarem.

— Eles são o inimigo.

O tom dela estava afiado como suas espadas, deixando subentendido que, se eu insistisse naquele assunto, ela poderia acrescentar meu nome à Lista de Pessoas para Bater até Desmaiarem.

Decidi usar a abordagem de Jason: navegar até meu alvo por um caminho mais demorado e mais sinuoso.

— Meg, eu já te contei sobre a primeira vez em que me tornei mortal?

Ela me olhou pelo visor do capacete ridiculamente grande.

— Você fez alguma besteira?

— Bem… é. Eu fiz besteira. Meu pai, Zeus, matou um dos meus filhos preferidos, Esculápio, por trazer pessoas de volta à vida sem permissão. É uma longa história. A questão é… Eu fiquei furioso com Zeus, mas ele era poderoso e assustador demais, e eu jamais conseguiria vencê-lo. Ele me vaporizaria em segundos. Então, me vinguei de outra forma.

Olhei para o alto do iate; nenhum sinal de Jason ou de Piper. Com sorte, isso significava que eles tinham encontrado os sapatos de Calígula e só estavam esperando que um funcionário trouxesse o tamanho certo.

— Pois é — continuei —, eu não podia matar Zeus. Então encontrei quem fazia os raios dele, os Ciclopes. Eu matei *esses caras*, para vingar Esculápio. Como punição, Zeus me fez mortal.

Meg me deu um chute na canela.

— Ai! — gritei. — Qual a necessidade disso?

— Isso é pela sua burrice — respondeu ela. — Matar os Ciclopes foi burrice.

Eu ia protestar e dizer que aquilo tinha acontecido milhares de anos atrás, mas fiquei com medo de ganhar outro chute.

— É — concordei. — Foi burrice. Mas o que quero dizer é: eu projetei minha raiva em outro alvo, um que eu considerava mais seguro. Acho que talvez você esteja fazendo o mesmo agora, Meg. Você está com raiva de Calígula porque é mais seguro do que ficar com raiva do seu padrasto.

Eu preparei minha canela para mais dor.

Meg ficou encarando os tênis.

— Não é isso que estou fazendo.

— Olha, eu não culpo você — acrescentei, mais do que depressa. — Raiva é *bom*. Quer dizer que você está fazendo progresso. Mas tenha em mente que talvez você esteja com raiva da pessoa errada. Eu não quero que você vá com tudo para cima desse imperador específico. Por mais difícil que seja de acreditar, ele é ainda mais traiçoeiro e cruel do que o Ne… o Besta.

Ela fechou os punhos.

— Já falei, não estou fazendo isso. Você não sabe de nada. Não entende nada.

— Você está certa — falei. — O que teve que aguentar na casa de Nero… eu não consigo nem imaginar. Ninguém devia sofrer assim, mas…

— Cala a boca — cortou ela.

Então, claro que eu me calei. As palavras que estava planejando dizer desceram de volta pela minha garganta.

— Você não sabe de nada — repetiu ela. — Esse tal de Calígula fez *muita* coisa contra o meu pai e contra mim. Eu posso ficar com raiva dele, se quiser. Vou matá-lo assim que tiver a chance. Vou… — Ela hesitou, como se um pensamento repentino tivesse lhe ocorrido. — Cadê o Jason? Ele já devia ter voltado.

Eu olhei para cima. Teria gritado se minha voz estivesse funcionando. Duas grandes silhuetas desciam em nossa direção num movimento controlado e silencioso no que pareciam ser paraquedas. Mas então percebi que não eram paraquedas, e sim *orelhas gigantes*. Em uma questão de segundos, pousaram graciosamente em nosso bote, um em cada ponta, as orelhas se recolhendo, as espadas na nossa garganta.

As criaturas eram muito parecidas com o guarda orelhudo que Piper acertara com o dardo na entrada do Labirinto de Fogo, só que aqueles dois eram mais velhos e tinham pelo preto. As espadas tinham

pontas arredondadas com lâminas serradas duplas, apropriadas para bater e cortar. Com um estalo, reconheci as armas: eram khandas, muito usadas no subcontinente indiano. Eu ficaria orgulhoso por ter me lembrado de um fato tão obscuro se naquele momento não estivesse com a lâmina serrada de uma khanda pertinho da minha jugular.

De repente, outro estalo: eu me lembrei de uma das muitas histórias bêbadas de Dioniso sobre suas campanhas militares na Índia: que ele encontrou uma tribo perversa de semi-humanos com oito dedos, orelhas enormes e rostos peludos. Por que não pensei nisso antes? O que Dioniso me contou sobre eles...? Ah, sim. As palavras exatas foram: *Nunca,* nunca *tente lutar contra eles.*

— Vocês são *pandai* — consegui dizer. — Esse é o nome da sua raça.

O capanga ao meu lado mostrou os lindos dentes brancos.

— Somos mesmo! Agora sejam bons prisioneiros e venham conosco. Senão seus amigos morrem.

26

Ah, Florêncio e Piscadela
Preciso de uns versos
Para inserir aqui

TALVEZ JASON, O especialista em física, pudesse me explicar como os *pandai* voavam. Eu, sinceramente, não entendia. Mesmo comigo e com Meg a tiracolo, nossos captores conseguiram chegar ao iate só com o bater das orelhas gigantescas. Eu queria que Hermes tivesse visto. Ele nunca mais se gabaria de conseguir balançar as orelhas.

Os *pandai* nos deixaram no convés de estibordo sem cerimônia nenhuma, onde outros dois apontavam seus arcos para Jason e Piper. Um dos guardas parecia menor e mais jovem do que os outros, com pelo branco em vez de preto. A julgar pela expressão azeda no rosto, supus que era o mesmo que Piper tinha acertado com a receita especial do vovô Tom em Los Angeles.

Nossos amigos estavam ajoelhados, as mãos presas às costas, as armas confiscadas. Jason estava com um olho roxo, e a cabeça de Piper estava suja de sangue.

Na mesma hora corri até ela para ajudá-la (sendo a boa pessoa que eu era) e cutuquei a cabeça dela, tentando determinar a extensão do ferimento.

— Ai — murmurou ela, se afastando. — Eu estou bem.

— Você pode ter tido uma concussão — falei.

Jason deu um suspiro infeliz.

— Esse era o *meu* trabalho. Sou sempre eu que levo a pancada na cabeça. Desculpem, amigos. As coisas não saíram exatamente como o planejado.

O guarda maior, que tinha me carregado até ali, riu com alegria.

— A garota tentou usar charme com a gente! *Pandai*, que escutam todas as nuances da fala! O garoto tentou lutar contra a gente! *Pandai*, que são treinados desde o nascimento para dominar todas as armas! Agora todos vocês vão morrer!

— Morrer! Morrer! — gritaram os outros *pandai*, embora o mais jovenzinho, de pelos brancos, não tenha se juntado ao coro. Seus movimentos eram limitados, como se a perna acertada pelo dardo envenenado ainda não tivesse se recuperado totalmente.

Meg olhou para um inimigo de cada vez, provavelmente avaliando quantos segundos levaria para acabar com todos. As flechas apontadas para o peito de Jason e Piper complicaram o cálculo.

— Meg, não — avisou Jason. — Esses caras… eles são

absurdamente bons. E rápidos.

— Rápidos! Rápidos! — gritaram os *pandai* em concordância.

Observei o convés. Não havia mais nenhum guarda correndo em nossa direção, não havia holofotes nos iluminando. Nenhuma sirene soava. Em algum lugar do barco, ouvia-se uma música suave e tranquila, uma trilha sonora bem diferente do que se esperaria em uma incursão daquela magnitude.

Os *pandai* não pareciam muito alarmados com a nossa presença. Apesar das ameaças, não tinham nos matado ainda. Até tiveram o trabalho de amarrar as mãos de Piper e Jason. Por quê?

Eu me virei para o grandão.

— Meu bom senhor, você é o *panda* chefe?

Ele grunhiu.

— A forma singular é *pandos*. *Odeio* ser chamado de *panda*. Eu tenho *cara* de panda?

Me reservei o direito de não responder à pergunta.

— Bom, sr. Pandos…

— Eu me chamo Acorde — cortou ele.

— Claro. Acorde. — Observei as orelhas majestosas e arrisquei um singelo palpite. — Imagino que você odeie que as pessoas fiquem xeretando o que você faz ou deixa de fazer.

O nariz preto e peludo de Acorde tremeu.

— De onde você tirou isso? Ouviu alguma coisa?

— Nada! — garanti a ele. — Mas aposto que você precisa tomar cuidado. Sempre tem outras pessoas, outros *pandai*, se intrometendo nos seus assuntos. É por isso… É por isso que você ainda não convocou os outros. Você *sabe* que somos prisioneiros importantes. Quer manter o controle da situação e não quer que mais ninguém leve o crédito pelo seu bom trabalho.

Os outros *pandai* resmungaram.

— Bemol, do barco vinte e cinco, está *sempre* de butuca ligada… — murmurou o arqueiro de pelo escuro.

— Levando o crédito pelas nossas ideias — disse o segundo arqueiro. — Como a armadura para orelhas.

— Exatamente! — falei, tentando ignorar Piper, que soltou um *armadura para orelhas?* sem som, incrédula. — E é por isso que, hã, antes de tomarem qualquer atitude precipitada, vocês vão querer ouvir o que tenho a dizer. Em particular.

Acorde riu com deboche.

— Ha!

Seus colegas o imitaram.

— HA-HA!

— Você está mentindo — disse Acorde. — Eu ouvi na sua voz. Está com medo. Blefando. Não tem nada a dizer.

— *Eu* tenho — disse Meg. — Eu sou enteada de Nero.

As orelhas de Acorde ficaram tão vermelhas que fiquei surpreso de ele não ter tido um piripaque.

Os arqueiros, perplexos, baixaram as armas.

— Timbre! Clave! — convocou Acorde. — Mantenham essas flechas em posição! — Ele olhou de cara feia para Meg. — Você parece dizer a verdade, garota. O que a enteada de Nero está fazendo aqui?

— Estou atrás de Calígula — disse Meg. — Para poder matá-lo.

As orelhas dos *pandai* tremeram. Jason e Piper se entreolharam, como se concluindo: *Pronto. É agora que a gente morre.*

Acorde estreitou os olhos, intrigado.

— Você diz que é enteada de Nero. Mas quer matar nosso senhor. Isso não faz sentido.

— Essa história é uma novela — falei. — Com muitos segredos, reviravoltas e chororô. Mas, se vocês nos matarem, vão ficar no escuro, sem saber de nada. Se nos levarem para o imperador, *outra* pessoa vai nos torturar e nos obrigar a contar tudo em primeira mão. Nós adoraríamos compartilhar nossa incrível jornada com vocês. Afinal, foram vocês que nos capturaram. Mas será que não tem um lugarzinho mais reservado onde pudéssemos conversar e ninguém fosse ouvir?

Acorde olhou para a proa do barco, como se desconfiasse que Vector já estaria à espreita.

— Você parece dizer a verdade, mas tem tanta fraqueza e medo na sua voz que é difícil ter certeza.

— Tio Acorde. — O *pandos* de pelos brancos falou pela primeira vez. — Talvez o garoto espinhento tenha razão. Se for informação valiosa…

— Silêncio, Clave! — cortou Acorde. — Você já nos causou muitas desgraças esta semana.

O líder *pandos* tirou mais abraçadeiras de nylon do cinto.

— Timbre, Agudo, amarrem as mãos do espinhento e da enteada de Nero. Nós vamos levá-los lá para baixo, interrogá-los e *depois* entregá-los ao imperador!

— Sim! Sim! — gritaram Timbre e Agudo.

E foi assim que três semideuses poderosos e um antigo e majestoso deus olimpiano foram amarrados e levados para o interior de um iate por quatro criaturas peludas com orelhas do tamanho de antenas parabólicas. Não foi meu melhor momento.

Como eu tinha chegado ao auge da humilhação, supus que Zeus escolheria bem aquele momento para me chamar de volta ao Olimpo, onde os outros deuses passariam as próximas centenas de anos rindo de mim.

Mas não. Eu continuei sendo o bom e patético Lester de sempre.

Os guardas nos levaram para a parte de trás do barco, que tinha seis ofurôs, um chafariz multicolorido e uma pista de dança com luzes douradas e roxas piscando, só esperando que as pessoas chegassem para a festa.

Presa na popa havia uma rampa com tapete vermelho que conectava nosso barco à proa do barco seguinte. Supus que todos os iates estivessem interligados daquela forma, só para o caso de Calígula querer pegar seu carrinho de golfe e fazer um passeio.

Os conveses superiores reluziam com suas janelas de insulfilm e exterior branco. Mais acima, a ponte de comando exibia radares, antenas parabólicas e duas bandeiras ondulantes: uma com a águia imperial de Roma e a outra com um triângulo dourado em um fundo roxo, que eu deduzi ser o logotipo da Triunvirato S.A.

Outros dois guardas protegiam as portas pesadas de carvalho que davam para o interior do convés. O cara da esquerda parecia um mercenário mortal, com o mesmo uniforme preto e colete à prova de balas dos cavalheiros que gentilmente convencemos a degustarem uns tacos de peixe. O cara da direita era um Ciclope (seu olho único e enorme o entregava). Ele tinha cheiro de Ciclope (meia de lã molhada) e se vestia como um Ciclope (jeans rasgado, camiseta preta rasgada e um porrete grande de madeira).

O mercenário humano franziu a testa ao ver nosso adorável grupo formado por captores e prisioneiros.

— O que é isso? — perguntou ele.

— Não é da sua conta, Florêncio — rosnou Acorde. — Deixe a gente passar!

Florêncio? Tive que segurar o riso, porque o doce Florêncio pesava cento e quarenta quilos, tinha cicatrizes de faca no rosto e, *para completar*, tinha um nome melhor do que Lester Papadopoulos.

— São as regras — disse Florêncio. — Se vocês trazem prisioneiros, eu tenho que comunicar.

— Ainda não. — Acorde abriu as orelhas, parecia o pescoço de uma naja. — Este é o *meu* navio. *Eu* determino a hora de comunicar. E estou dizendo que vai ser *depois* que interrogarmos esses invasores.

Florêncio olhou para o parceiro Ciclope.

— O que você acha, Piscadela?

Piscadela… Taí um bom nome para um Ciclope. Eu me perguntei se Florêncio sabia que estava trabalhando com um Ciclope — a Névoa podia ser imprevisível —, mas na mesma hora elaborei a premissa de uma sitcom sobre dois parceiros de trabalho muito atrapalhados, *Florêncio e Piscadela*. Se eu saísse dali vivo, teria que apresentar minha ideia para o pai de Piper. Talvez ele pudesse me ajudar a marcar alguns almoços e vender a ideia. Ah, deuses… Aquela temporada na Califórnia estava mexendo com a minha cabeça.

Piscadela deu de ombros.

— São as orelhas de Acorde que vão ser cortadas se o chefe ficar com raiva.

— Tudo bem. — Florêncio fez sinal para passarmos. — Divirtam-se.

Não tive muito tempo para apreciar o interior opulento do lugar: as luminárias de ouro maciço, os luxuosos tapetes persas, as obras de arte de milhões de dólares, a mobília roxa e felpuda que eu tinha certeza que pertencera ao Prince.

Não vimos nenhum outro guarda e nada de tripulação, o que era bem estranho. Se bem que, mesmo com os recursos inesgotáveis de Calígula, encontrar gente suficiente para cuidar de cinquenta superiates devia ser difícil.

Quando passamos por uma biblioteca com obras de arte penduradas nas paredes, Piper arquejou. Ela apontou com o queixo para um quadro abstrato de Joan Miró.

— Isso veio da casa do meu pai — disse ela.

— Quando sairmos daqui — murmurou Jason —, vamos levar com a gente.

— Eu *ouvi* isso. — Agudo cutucou as costelas de Jason com o cabo da espada.

Jason esbarrou em Piper, que esbarrou em um Picasso. Meg, do alto de seus quarenta e cinco quilos, achou que aquele era o melhor momento para atacar Acorde. Ela mal tinha dado dois passos quando uma flecha se cravou no tapete aos pés dela.

— Nem pense — disse Timbre.

A corda do arco vibrando era a única evidência de que ele tinha feito o disparo. Foi tão rápido que nem *eu*, o deus da arqueria, consegui acreditar no que tinha acabado de acontecer. Meg recuou.

— Eita, tá bom. Credo.

Os *pandai* nos levaram para um salão dianteiro, onde havia uma parede de vidro de cento e oitenta graus com vista para a proa. A estibordo, as luzes de Santa Bárbara cintilavam. À nossa frente, os iates formavam um colar reluzente de ametista, ouro e platina na água escura.

Aquela extravagância toda feriu meu cérebro, e olha que eu sempre adorei uma extravagância.

Os *pandai* pegaram quatro cadeiras almofadadas e nos jogaram em cima delas. Para uma sala de interrogatório, até que aquela não era ruim. Agudo andava de um lado para outro atrás da gente, a espada a postos caso alguém precisasse de uma decapitação de urgência. Timbre e Clave se posicionaram um de cada lado da fileira de cadeiras, os arcos apontados para baixo, mas com flechas preparadas para atirar. Acorde puxou uma cadeira e se sentou diante de nós, abrindo as orelhas em volta do corpo como um manto de rei.

— Aqui tem bastante privacidade — anunciou ele. — Desembuchem.

— Primeiramente — comecei —, eu preciso saber por que vocês não são seguidores de Apolo. Arqueiros incríveis, a melhor audição do mundo, oito dedos em cada mão! Vocês seriam músicos natos! Fomos *feitos* um para o outro!

Acorde me observou.

— Você é o ex-deus, né? Já ouvimos falar sobre você.

— Sou eu mesmo, Apolo em pessoa — confirmei. — Saibam que ainda dá tempo de oferecerem sua lealdade a mim.

A boca de Acorde tremeu. Torci para que ele estivesse à beira das lágrimas; talvez até se jogasse aos meus pés e implorasse pelo meu perdão.

Mas ele só uivou de tanto rir.

— E por que nós precisaríamos de deuses olimpianos? Principalmente de deuses fracos, inúteis e espinhentos?

— Mas há tantas coisas que eu poderia ensinar a vocês! — insisti. — Música! Poesia! Até haicais!

Por alguma razão que não compreendi, Jason olhou para mim e balançou a cabeça com vigor.

— Música e poesia ferem nossos ouvidos — reclamou Acorde. — Nós não precisamos disso!

— Eu gosto de música — murmurou Clave, flexionando os dedos. — Sei tocar um pouco de…

— Silêncio! — gritou Acorde. — Você podia tocar *silêncio* ao menos uma vez, sobrinho inútil!

Arrá, pensei. Mesmo entre os *pandai* havia músicos frustrados. Acorde me lembrou meu pai, Zeus, numa ocasião em que disparou furiosamente pelo corredor do Monte Olimpo (acompanhado de tempestades, trovões, relâmpagos e chuva torrencial) e ordenou que eu parasse de tocar minha cítara infernal. Foi um pedido totalmente injusto. Todo mundo *sabe* que duas da manhã é o melhor horário para praticar cítara.

Talvez eu conseguisse trazer Clave para o nosso lado. Se ao menos houvesse mais tempo... E se não estivéssemos na companhia de três *pandai* mais velhos e maiores. E se em nossa primeira interação com o cara Piper não tivesse disparado um dardo envenenado na perna dele...

Acorde se recostou na cadeira.

— Nós, *pandai*, somos mercenários. Nós *escolhemos* nossos chefes. Por que seguiríamos um deus ultrapassado como você? Houve uma época em que servimos os reis da Índia! Agora, nós servimos Calígula!

— Calígula! Calígula! — gritaram Timbre e Agudo. Mais uma vez, Clave ficou estranhamente quieto, franzindo a testa para o arco.

— O imperador só confia na gente! — gabou-se Timbre.

— É — concordou Agudo. — Ao contrário dos germânicos, *nós* nunca enfiamos espadas nele!

Eu estava prestes a comentar que aquele era um péssimo parâmetro para lealdade, mas Meg passou na minha frente.

— A noite é uma criança — disse ela. — Nós todos podíamos enfiar espadas nele.

Acorde fez um ruído debochado.

— Filha de Nero, ainda estou esperando para ouvir sua história cabeluda e saber seus motivos para querer nosso senhor morto. Espero que seja um enredo bem interessante e cheio de reviravoltas! Me convença de que vocês merecem ser levados vivos até o César, e não como meros defuntos, e talvez eu consiga uma promoção hoje! Eu *não* vou ser passado para trás de novo por algum idiota como Sustenido, do barco três, ou Compasso, do barco quarenta e três.

— Sustenido? — Piper fez um som que ficava entre um soluço e uma risada, que pode ter sido efeito da pancada na cabeça. — Vocês *todos* têm nomes de termos musicais? Meu pai entende um pouco. Ele tem uma coleção de guitarras. Bom… *tinha* uma coleção.

Acorde fez cara feia.

— Termos musicais? Não sei do que você está falando! Se estiver debochando da nossa cultura…

— Ei — disse Meg. — Você quer ou não ouvir minha história?

Nós todos nos viramos para ela.

— Hum... Meg? — falei. — Tem certeza?

Os *pandai* sem dúvida perceberam meu nervosismo, mas não consegui disfarçar. Eu não tinha ideia do que Meg pretendia dizer e se havia alguma chance de isso livrar nossa cara. Sem contar que, conhecendo Meg como eu conhecia, ela soltaria uns dez monossílabos e ponto final. Seria o nosso fim.

— Vou contar todas as reviravoltas e os dramas. — Ela estreitou os olhos. — Mas você tem *certeza* de que estamos sozinhos, sr. Acorde? Não tem mais ninguém ouvindo?

— Claro que não! — respondeu ele. — Este barco é a *minha* base. Aquele vidro é totalmente à prova de som. — Ele indicou o navio na frente do nosso. — Bemol não vai ouvir nada!

— E Compasso? — perguntou Meg. — Sei que ele está no barco quarenta e três com o imperador, mas se os espiões dele estiverem perto…

— Que absurdo! — disse Acorde. — O imperador não está no barco quarenta e três!

Timbre e Agudo riram.

— O barco quarenta e três é o barco dos *sapatos* do imperador, garotinha estúpida — disse Agudo. — Uma função importante, claro,

mas não como abrigar a sala do trono.

— Exato — disse Timbre. — Esse é o barco de Ritmo, o número doze…

— *Silêncio!* — gritou Acorde. — Chega de enrolação, garota. Me conte o que sabe ou morra.

— Tudo bem. — Meg se inclinou para a frente como quem vai contar um segredo. — Reviravoltas e dramas.

As mãos dela dispararam, repentina e inexplicavelmente livres das amarras. Os anéis piscaram quando ela os arremessou, transformando-se em espadas que voaram bem na direção de Acorde e Agudo.

27

Vocês vão ter que escolher
Posso matar todos
Ou vão me ouvir cantar Joe Walsh

OS FILHOS DE Deméter adoram cheirar as flores. Ficam criando campos de sementes. Alimentam o mundo e cuidam da vida.

Também são ótimos em cravar espadas no peito do inimigo.

As lâminas de ouro imperial de Meg acertaram o alvo em cheio: uma se fincou em Acorde com tanta força que o *pandai*-chefe explodiu em uma nuvem de poeira amarela. A outra atravessou o arco de Agudo, entrou no esterno dele e o fez se desintegrar, como areia caindo em uma ampulheta.

Clave disparou com o arco, mas, para a minha sorte, tinha uma mira muito ruim. A flecha passou voando bem diante do meu rosto, as penas raspando meu queixo, e acabou fincada na cadeira em que eu estava sentado.

Piper se balançou para trás na própria cadeira, golpeando Timbre, que acabou errando o golpe de espada. Antes que ele pudesse se recuperar e arrancar a cabeça da filha de Afrodite, Jason se empolgou demais.

Digo isso pelos relâmpagos. O céu lá fora brilhou, a parede de vidro se estilhaçou, e filetes de eletricidade envolveram Timbre, fritando-o até ele virar uma pilha de cinzas. Foi bem eficiente, é verdade, mas não tão discreto quanto eu gostaria.

— Ops... — murmurou Jason.

Soltando um gemido horrorizado, Clave largou o arco e cambaleou para trás, tentando pegar a espada. Meg arrancou a espada que estava fincada na cadeira coberta de pó de Acorde e foi para cima do último sobrevivente.

— Meg, espera!

Ela me olhou de cara feia.

— O que foi?

Tentei erguer as mãos para pedir calma, mas lembrei que elas ainda estavam presas às costas.

— Clave, se render não é vergonha nenhuma — falei. — Você não é um guerreiro.

O *pandai* engoliu em seco.

— V-você não me conhece.

— Você está segurando a espada com a lâmina ao contrário — observei. — Então, a não ser que sua intenção seja acabar com a

própria vida…

Ele se apressou para corrigir a situação.

— Fuja! — pedi. — Essa luta não é sua, você não precisa assumi-la. Saia daqui! Seja o músico que você quer ver no mundo!

Clave deve ter ouvido a sinceridade em minha voz. Ele largou a espada e escapou pelo buraco na parede de vidro, pairando acima do nível da água, abanando as orelhas na escuridão.

— Por que você deixou aquele *pandai* escapar? — perguntou Meg. — Ele vai avisar todo mundo.

— Acho que não vai, não — respondi. — Além do mais, acabamos de anunciar nossa presença com esse relâmpago.

— É, desculpa. Às vezes isso acontece — murmurou Jason.

Relâmpagos pareciam o tipo de poder que ele ainda precisava aprender a controlar, mas não tínhamos tempo para discutir o assunto. Meg cortou as amarras bem na hora em que Florêncio e Piscadela entraram na sala.

— Parem! — gritou Piper.

Florêncio tropeçou e caiu de cara no tapete, o fuzil disparando um cartucho inteiro para o lado, metralhando as pernas de um sofá próximo.

Piscadela ergueu o porrete e atacou. Puxei o arco por instinto, prendi uma flecha e a soltei… direto no olho do Ciclope. Fiquei perplexo. Eu tinha acertado!

Piscadela caiu de joelhos, então seu corpo desabou para o lado e começou a se desintegrar, acabando com todo o roteiro da minha sitcom com companheiros de espécies diferentes.

Piper foi até Florêncio, que gemia de dor por causa do nariz quebrado.

— Obrigada por ter parado — disse, antes de amordaçá-lo e prender seus pulsos e tornozelos com abraçadeiras de náilon que encontrou nos bolsos do brutamontes.

— Bom, isso foi interessante. — Jason se virou para Meg. — E o que você fez foi incrível. Aqueles *pandai*… Quando eu tentei lutar, eles me desarmaram como se fosse brincadeira de criança. Mas *você*, com essas espadas…

Meg ficou com as bochechas vermelhas.

— Ah, não foi nada.

— Foi, *sim*. — Jason se virou para mim. — E agora?

Uma voz seca zumbiu na minha cabeça. *AGORA APOLO, ESTE PATIFE TORPE E VIL, ME REMOVERÁ DO OLHO DESTE MONSTRO IMEDIATAMENTE!*

— Ai, caramba!

Eu tinha feito o que sempre temi e às vezes sonhava em conseguir: sem querer usei a Flecha de Dodona em combate. A seta de madeira

sagrada agora tremia, espetada na cavidade ocular de Piscadela — que tinha sido reduzido a nada, além do crânio. Talvez fosse um espólio de guerra?

— Sinto muito — falei, soltando a flecha.

Meg riu.

— Essa é…?

— A Flecha de Dodona — concordei.

E MINHA FÚRIA NÃO CONHECE LIMITES!, entoou a flecha. *TU ME DISPARASTE PARA TRUCIDAR TEUS INIMIGOS COMO SE EU FOSSE UMA MERA FLECHA!*

— Sim, sim, peço desculpas. Mas agora faça silêncio, por favor. — Eu me virei para meus amigos. — Precisamos agir rápido. Os seguranças já devem estar a caminho.

— E o idiota do imperador está no barco doze — completou Meg. — É para lá que vamos.

— Mas o barco dos sapatos é o quarenta e três — retruquei. — Ele fica para o outro lado.

— E se o idiota do imperador estiver *usando* os sapatos? — insistiu Meg.

— Ei. — Jason apontou para a Flecha de Dodona. — Essa é a fonte móvel de profecias de que você estava falando, não é? Que tal perguntar para ela?

Achei a sugestão irritantemente lógica. Ergui a flecha.

— Você os ouviu, Ó Sábia Flecha. Para que lado vamos?

TU ME MANDAS FAZER SILÊNCIO E DEPOIS TENS CORAGEM DE PEDIR MINHA SABEDORIA? AH, VIDA DE DESGRAÇAS! AH, DESTINO CRUEL! NAS DUAS DIREÇÕES VÓS DEVEIS SEGUIR, SE É O SUCESSO QUE *DESEJAIS. MAS CUIDADO: VEJO GRANDE DOR E SOFRIMENTO NO CAMINHO. SACRIFÍCIO SANGRENTO!*

— E qual é a resposta? — perguntou Piper.

Ah, leitores, fiquei tão tentado a mentir! Queria dizer aos meus amigos que a flecha mandou voltarmos para Los Angeles e reservar quartos em um hotel cinco estrelas.

Meus olhos encontraram os de Jason, e eu me lembrei de como o convencera a contar a verdade sobre a profecia da Sibila para Piper. Decidi que não podia enganá-los.

Contei o que a flecha tinha dito.

— Então temos que nos separar? — Piper balançou a cabeça. — Odiei esse plano.

— Eu também — concordou Jason. — Então claro que deve ser o melhor jeito.

Ele se ajoelhou e pegou a gládio da pilha de poeira que eram os restos de Timbre, então jogou a adaga Katoptris para Piper.

— Eu vou atrás de Calígula — anunciou ele. — Mesmo que os

sapatos não estejam lá, talvez eu consiga ganhar tempo para vocês, distraindo os seguranças.

Meg pegou a outra espada.

— Eu vou junto.

Antes que eu pudesse argumentar, ela pulou pelo buraco da janela — uma ótima metáfora para o modo como ela levava a vida.

Jason lançou um último olhar de preocupação para mim e para Piper.

— Vocês dois, tomem cuidado.

Ele pulou atrás de Meg. Tiros soaram no convés abaixo quase na mesma hora.

Fiz uma careta para Piper.

— Eles eram nossos únicos *guerreiros*. Não devíamos ter deixado os dois irem juntos.

— Não subestime minhas habilidades de luta — protestou Piper. — Agora vamos, temos sapatos a comprar.

* * *

A garota só aceitou esperar o bastante para irmos ao banheiro mais próximo, onde eu pude fazer um curativo decente no seu machucado na cabeça. Ela colocou o capacete de Florêncio, e saímos.

Logo percebi que Piper não precisava do charme para persuadir as pessoas. Ela andava com confiança, seguindo de barco em barco como se fosse perfeitamente normal estar lá. Os iates tinham poucos guardas, talvez porque a maioria dos *pandai* e das estriges já tivessem voado até a embarcação vinte e seis, querendo verificar o que tinha sido aquele relâmpago. Os poucos mercenários mortais por quem passamos nem olharam duas vezes para Piper e, como eu ia logo atrás, também me ignoraram. Parecia que, já que estavam acostumados a trabalhar com Ciclopes e Orelhudos, podiam deixar passar dois adolescentes vestidos para a batalha.

O barco vinte e oito era um parque aquático flutuante, com piscinas de vários níveis interligadas por cachoeiras, escorregas e tobogãs transparentes. Um salva-vidas solitário nos ofereceu uma toalha quando passamos, parecendo bem chateado com nossa recusa.

O barco vinte e nove era um spa completo. Saía vapor de todas as escotilhas abertas, e, na popa, um exército de massagistas e esteticistas entediados esperava, a postos, caso Calígula decidisse aparecer com mais cinquenta amigos para uma festa regada a shiatsu e manicures. Fiquei tentado a dar uma paradinha para uma massagem nos ombros, mas, como Piper, filha de Afrodite, passou direto sem nem olhar o que havia por ali, decidi que seria melhor evitar mais esse constrangimento.

O barco trinta era um banquete, literalmente. O iate parecia planejado para oferecer um bufê vinte e quatro horas, mas ninguém estava aproveitando. Havia chefs de plantão, garçons à espera. Os pratos eram trocados a intervalos regulares. A comida que sobrava, que parecia suficiente para alimentar toda a área metropolitana de Los Angeles, devia ser jogada no mar — típica extravagância de Calígula, que achava que seu sanduíche de presunto ficava *tão* mais gostoso sabendo que centenas de sanduíches idênticos tinham sido desperdiçados enquanto os chefs esperavam que ele ficasse com fome.

Nossa sorte falhou no barco trinta e um. Eu soube que estávamos encrencados assim que atravessamos a rampa com tapete vermelho até a proa. Grupos de mercenários de folga relaxavam aqui e ali, conversando, comendo, mexendo no celular... Fomos recebidos por testas franzidas e olhares questionadores.

Pela tensão na postura de Piper, percebi que ela também notara o problema. Mas, antes que eu pudesse dizer *Vixe, Piper, acho que viemos parar no quartel de Calígula e vamos morrer*, ela seguiu em frente, sem dúvida decidindo que seria tão perigoso voltar quanto abrir caminho na marra.

Ela estava enganada.

Na popa, acabamos nos deparando com um jogo de vôlei entre Ciclopes e mortais. Em uma quadra de areia, seis Ciclopes peludos só de sunga jogavam contra seis mortais igualmente peludos só de calças camufladas. Ali por perto, mais mercenários de folga faziam churrasco, riam, afiavam as facas e comparavam cicatrizes e tatuagens.

Na churrasqueira, um cara tão grande que mais parecia dois, com cabelo raspado e tatuagem de MÃE TE AMO (sic.) no peito nos viu e exclamou:

— Ei!

O jogo de vôlei parou. Todo mundo se virou para a gente.

Piper tirou o capacete.

— Apolo, me dá cobertura!

Fiquei com medo de que ela fosse bancar a Meg e partisse para a luta. Nesse caso, *dar cobertura* significaria virar picadinho nas mãos de ex-militares suados, o que *não* estava na minha lista de coisas a fazer antes de morrer.

Em vez disso, Piper começou a cantar.

Eu não sabia o que me surpreendia mais: a voz linda e melodiosa dela ou a música escolhida.

Reconheci a canção na mesma hora: “Life of Illusion”, de Joe Walsh. Minhas memórias dos anos 1980 eram meio confusas, mas eu me lembrava bem daquela música. Era 1981, o comecinho da MTV. Ah, como eram lindos os vídeos que produzi para o Blondie e para as

Go-Gos! Usamos tanto laquê e roupa de lycra com estampa de oncinha!

O grupo de mercenários ficou ouvindo, num silêncio confuso. Será que deviam nos matar logo? Ou era melhor esperar a apresentação acabar? Não era todo dia que alguém cantava Joe Walsh no meio de um jogo de vôlei. Tenho certeza de que os mercenários não chegaram a um consenso sobre qual seria a forma correta de proceder.

Depois de alguns versos, Piper me encarou com um olhar intenso, como quem diz: *Vai uma ajudinha aí?*

Ah, ela queria que eu desse cobertura *com a música*!

Muito aliviado, peguei meu ukulele e toquei junto. Na verdade, a voz de Piper era tão boa que ela não precisava de ajuda. A garota cantava com paixão e clareza, gerando uma onda de emoção que atingia a todos. Aquilo era mais do que uma performance apaixonada, era mais do que charme.

Piper andou pela multidão, cantando sua vida ilusória, incorporando a música. Encheu as palavras de dor e sofrimento, transformando a melodia animada de Walsh em uma confissão melancólica. Ela falou em derrubar as muralhas da incerteza, de aguentar as pequenas surpresas que a natureza lhe oferecia, de entender quem ela era de verdade.

A letra continuou a mesma, mas mesmo assim senti a história dela em cada verso: as dificuldades como filha negligenciada de um ator de cinema famoso, os sentimentos conflitantes sobre a descoberta de que era filha de Afrodite e, o mais doloroso de tudo, a percepção de que o suposto amor da sua vida, Jason Grace, não era alguém com quem queira estar envolvida romanticamente. Eu não entendi tudo, mas o poder daquela voz era inegável, e meu ukulele reagiu. Os acordes que eu toquei ficaram mais ressoantes, os riffs saíram num ritmo mais soul. Cada nota que eu tocava era um grito de solidariedade por Piper McLean, minha habilidade musical ampliando a dela.

Os guardas perderam a concentração. Alguns se sentaram e aninharam a cabeça nas mãos, outros ficaram olhando para o nada, deixando a carne queimar na churrasqueira.

Ninguém nos impediu quando atravessamos a popa. Ninguém nos seguiu pela ponte até o barco trinta e dois. Já estávamos na metade desse iate quando Piper terminou a música e se apoiou na parede mais próxima. Estava com os olhos vermelhos, o rosto inundado de emoção.

Eu a encarei, impressionado.

— Piper? Como você…?

— Primeiro sapatos. Depois conversa — gemeu ela.

E seguiu cambaleando.

28

Um deus vestido de deus
Vestido de um…
Não. Deprimente demais

NENHUM MERCENÁRIO SE deu ao trabalho de nos seguir. E como poderiam? Não dava para esperar que alguém fosse se meter numa perseguição depois de uma performance daquelas, nem mesmo guerreiros durões. Deviam estar chorando nos braços uns dos outros ou procurando caixas de lenço de papel pelo iate.

Seguimos pelos outros superiates de Calígula da casa dos trinta usando dissimulação sempre que necessário, mas em geral contando apenas com a apatia dos tripulantes. Calígula sempre inspirou medo nos servos, mas isso não era o mesmo que lealdade. Ninguém nem quis saber da gente.

No barco quarenta, Piper desabou. Corri para ajudar, mas ela me empurrou para longe, resmungando:

— Estou bem.

— Você não está nada bem. Deve ter tido uma concussão e ainda acabou de usar um charme musical poderoso. Precisa descansar um tempinho.

— Não *temos* um tempinho.

Eu estava perfeitamente ciente disso. Volta e meia ouvíamos tiros pipocando pelo porto, da direção de onde tínhamos vindo. O *scree* agudo das estriges cortava o ar noturno. Nossos amigos tinham ido ganhar tempo, e não podíamos desperdiçar nem um segundo sequer.

Além disso, era a noite da lua nova. Os planos de Calígula para o Acampamento Júpiter, ao norte, estavam acontecendo naquele momento, fossem quais fossem. Só me restava torcer para que Leo tivesse conseguido avisar os semideuses romanos a tempo de eles impedirem qualquer tragédia. Estar impotente para ajudá-los era um sentimento terrível que me deixava muito ansioso, tanto que eu não queria desperdiçar nenhum segundo.

— Mas, mesmo assim, eu *realmente* não tenho tempo de lidar com você morrendo ou entrando em coma. Então você *vai* parar um pouco para se sentar. Vamos procurar um lugar fechado.

Piper estava fraca demais para protestar muito. Naquelas condições, eu duvidava que ela fosse conseguir usar o charme até para se livrar de pagar estacionamento. Eu a carreguei para dentro do iate quarenta, que era dedicado ao closet de Calígula.

Passamos por diversos aposentos cheios de roupas: ternos, togas,

armaduras, vestidos (por que não?) e diversas fantasias: pirata, Apolo, panda... (Mais uma vez: por que não?)

Fiquei tentado a me fantasiar de Apolo, só para sentir mais pena de mim mesmo, mas não pude parar e cobrir o corpo de tinta dourada. Por que os mortais achavam que eu era dourado? Eu *poderia* ser, se quisesse, mas o brilho ofuscava minha beleza natural. Correção: minha *antiga* beleza natural.

Depois de um tempão, encontramos um camarim com sofá. Tirei uma pilha de vestidos de baile de cima e mandei Piper se sentar. Peguei um quadradinho de ambrosia meio amassado e a mandei comer. (Caramba, como eu sabia ser firme quando precisava. Pelo menos esse poder divino eu não tinha perdido.)

Enquanto Piper mordiscava a barrinha de proteína divina, fiquei olhando, melancólico, para as araras de roupas chiques feitas sob medida.

— Por que os sapatos não podiam ficar aqui? Este é o barco guarda-roupa.

— Ai, Apolo, por favor. — Piper fez uma careta enquanto se acomodava nas almofadas. — *Todo mundo* sabe que os sapatos têm que ter um superiate só para eles.

— Não sei se você está falando sério.

Piper pegou um vestido Stella McCartney de seda escarlate com decote enorme.

— Que lindo. — Ela pegou a adaga, trincando os dentes pelo esforço, e abriu um rasgo bem na frente, a partir do decote. — Ah, isso foi ótimo.

Aquilo não fez muito sentido para mim. Não dava para atingir Calígula só estragando as coisas dele — Calígula tinha *tudo*. Rasgar o vestido também não pareceu deixá-la mais feliz. Graças à ambrosia, Piper já tinha um pouco mais de cor no rosto, e os olhos não estavam tão embotados de dor, mas ela continuava com a mesma expressão perturbada, igualzinha à mãe sempre que ouvia alguém elogiar a beleza de Scarlet Johansson. (Dica: *Nunca* mencionem Scarlet Johansson perto de Afrodite.)

— A música que você cantou para os mercenários, "Life of Illusion."

Piper estreitou um pouco os olhos, como se já soubesse que essa conversa seria inevitável e estivesse cansada demais para tentar evitá-la.

— É de uma velha memória. Logo depois que meu pai conseguiu o primeiro grande papel no cinema, ele botou essa música para tocar bem alto, no carro. Estávamos indo para a casa nova, a de Malibu, e ele cantou para mim. A gente estava tão feliz... Acho que eu estava... sei lá, na pré-escola.

— Mas o jeito como você cantou... Parecia que era sobre você, sobre o término com Jason.

Ela examinou a adaga. A lâmina estava vazia, sem visões.

— Eu tentei tanto... — murmurou. — Depois da guerra com Gaia, tentei me convencer de que ficaria tudo bem. E por um tempo, talvez uns meses, eu achei que estivesse mesmo. Jason é ótimo; ele é meu melhor amigo, ainda mais do que Annabeth. Mas... — ela espalmou as mãos — aquilo que eu achei que encontraria, o meu "felizes para sempre"… Bem, não está lá.

Eu assenti.

— Esse relacionamento nasceu de uma crise. E romances assim são difíceis de manter depois que a crise acaba.

— Não foi só isso.

— Um século atrás, eu namorei a grã-duquesa Tatiana Romanova. O nosso relacionamento foi ótimo durante a Revolução Russa; ela estava muito estressada, muito assustada, e precisava muito de mim. Mas, depois que a crise passou, a magia não estava mais lá. Espera... Na verdade talvez tenha sido porque ela foi executada junto com o restante da família. Mas mesmo assim…

— Era eu.

Eu estava perdido no Palácio de Inverno, imerso na fumaça acre das armas e no frio intenso de 1917. Mas voltei ao presente quando ela falou aquilo.

— Como assim, você? Quer dizer que você percebeu que não amava Jason? Isso não é culpa de ninguém.

Piper fez careta, como se eu ainda não tivesse entendido o que ela queria dizer… ou talvez como se ela mesma não tivesse certeza.

— Eu sei que não é culpa de ninguém. E eu *amo* Jason. Mas… como eu falei: foi um relacionamento forçado, tudo começou com Hera, a deusa do casamento, querendo formar um casalzinho feliz. As minhas lembranças do começo do namoro, dos nossos primeiros meses juntos, eram tudo ilusão. E, assim que eu descobri *isso*, antes mesmo de conseguir entender o que aquilo queria dizer, Afrodite me assumiu. De repente, a deusa do amor era minha mãe.

Ela balançou a cabeça, consternada.

— Afrodite me fez pensar que eu era… que eu precisava… — Ela soltou um suspiro. — Olhe só para mim: a grande encantadora, cheia de charme, sem palavras. Afrodite espera que suas filhas tenham os homens na palma da mão, que partam corações, essas coisas.

Eu ainda me lembrava das muitas vezes em que Afrodite e eu nos desentendemos. Eu adorava um romance, e ela sempre achou muito engraçado botar amantes trágicos no meu caminho.

— Sim. Sua mãe tem concepções bem específicas sobre como devem ser os relacionamentos.

— Então, considerando isso tudo... Eu tinha a deusa do casamento querendo que eu me acertasse com um cara legal e a deusa do amor querendo que eu seduzisse tudo e todos. Aí eu, sei lá…

— Você ainda está tentando entender quem é no meio de toda essa pressão.

Ela ficou encarando o vestido vermelho destroçado.

— Sabe, segundo a tradição Cherokee, a herança vem do lado materno. O clã dela é o seu clã. O lado do pai não conta. — Ela soltou uma risada amarga. — Ou seja: tecnicamente eu não sou nem Cherokee. Não sou de nenhum dos sete clãs principais, já que minha mãe é uma deusa grega.

— Ah.

— Então, sabe... será que eu não tenho *nem isso* para me definir? Passei os últimos meses tentando entender mais sobre a minha herança. Peguei a zarabatana do meu avô e conversei muito com meu pai sobre a história da família, para tentar fazer com que ele se distraísse dos problemas. Mas e se eu não for *nenhuma* das coisas que me disseram que eu sou? Tenho que descobrir quem sou.

— E você já chegou a alguma conclusão?

Ela colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Estou no processo.

Eu entendia isso; também estava no processo. Era bem doloroso.

Lembrei um verso da música de Joe Walsh:

— A natureza ama suas pequenas surpresas.

Piper bufou, irônica.

— Ah, se ama.

Olhei para as araras de roupas de Calígula. Vestidos de noiva e ternos Armani estavam misturados a peças como armaduras de gladiador.

— Eu tenho observado que vocês, humanos, são muito mais que a sua história. Vocês podem escolher o quanto de seus antepassados querem incorporar em suas identidades, podem superar as expectativas da família e da sociedade. O que você não pode, nem nunca deve fazer, é tentar se tornar uma pessoa diferente de quem é… Ouviu bem, dona Piper McLean?

Ela abriu um sorriso melancólico.

— Legal. Gostei disso, Apolo. Tem certeza de que você não é o deus da sabedoria?

— Eu me candidatei ao cargo, mas passaram para outro. Tinha alguma coisa a ver com a invenção das azeitonas. — Eu revirei os olhos.

Piper caiu na gargalhada, e foi como se um vento bom e forte finalmente afastasse a fumaça dos incêndios da Califórnia. Sorri também. Quando foi a última vez em que tive uma conversa tão

positiva com um semelhante, um amigo, uma alma como a minha? Não conseguia lembrar.

Piper se levantou com dificuldade.

— Muito bem, ó grande sábio. Melhor a gente ir, temos vários outros barcos para invadir.

* * *

O iate quarenta e um era o departamento de lingerie. Vou poupar vocês dos detalhes sórdidos.

O barco quarenta e dois era um superiate comum, com poucos tripulantes (que nos ignoraram), dois mercenários (que Piper mandou pular no mar) e um cara de duas cabeças (que, por pura sorte, consegui acertar na virilha, fazendo com que ele se desintegrasse).

— Por que alguém colocaria um barco comum entre das roupas e o dos sapatos? — questionou Piper. — Péssima organização.

Ela parecia incrivelmente calma, enquanto eu estava com os nervos à flor da pele. Senti como se estivesse me despedaçando, como acontecia sempre que dezenas de cidades gregas oravam ao mesmo tempo para que eu manifestasse meu eu glorioso. É *tão* irritante quando as cidades não coordenam seus dias sagrados!

Atravessamos o iate por bombordo, e achei ter visto algo se movimentando no céu. Uma forma pálida pairava logo acima, grande demais para ser uma gaivota.

— Acho que estamos sendo seguidos — alertei. — Deve ser nosso amigo Clave.

Piper olhou para cima.

— E o que vamos fazer?

— Acho melhor não fazermos nada. Se ele quisesse atacar ou avisar os comparsas, já teria feito isso.

Piper não pareceu feliz com nosso perseguidor orelhudo, mas seguimos em frente.

Até que finalmente chegamos ao *Júlia Drusila XLIII*, o famoso navio dos sapatos.

Daquela vez, graças à dica de Acorde e seus homens, já estávamos à espera dos guardas *pandai*, liderados pelo temeroso Compasso.

Preparei o ukulele assim que pisamos no convés dianteiro. Piper murmurou:

— Uau, espero que ninguém descubra nosso maior segredo!

Quatro *pandai* chegaram correndo na mesma hora, dois de bombordo e dois de estibordo, tropeçando uns nos outros no desespero de tentar nos alcançar primeiro.

Assim que consegui ver bem os lóbulos de suas orelhas, dedilhei um trítono de dó menor dissonante — coisa que, para criaturas com

audição tão sensível, devia ter sido como usar um cotonete eletrificado.

Os *pandai* berraram e caíram de joelhos, o que deu a Piper tempo de desarmá-los e amarrar suas mãos. Interrompi o ataque tortuoso com o ukulele.

— Qual de vocês é o Compasso? — perguntei.

O *pandos* da esquerda rosnou:

— Quem quer saber?

— Oi, Compasso! — cumprimentei. — Estamos procurando os sapatos mágicos do imperador. Aqueles que permitem que ele ande pelo Labirinto de Fogo, sabe? Você pouparia muito do nosso tempo se dissesse onde eles estão.

Ele se debateu e xingou.

— Nunca!

— Ou posso deixar minha amiga aqui procurar enquanto faço uma serenata com meu ukulele desafinado. Já ouviu “Total Eclipse of the Heart”, da Bonnie Tyler?

Compasso estremeceu, apavorado com a ideia.

— No segundo convés, a bombordo, terceira porta! — admitiu. — Por favor, “Total Eclipse of the Heart” não! “Total Eclipse of the Heart” não!

— Ah, tenham uma bela noite — desejei.

Deixamos os *pandai* em paz e fomos procurar sapatos.

29

Um cavalo é um cavalo
Claro, ninguém pode...
CORRAM! ELE ESTÁ CHEGANDO!

O IATE ERA uma mansão flutuante cheia de sapatos. Hermes estaria no paraíso.

Não que ele fosse *o deus dos sapatos*, vejam bem, mas é que, como deidade padroeira dos viajantes, era o mais próximo disso em termos olimpianos. Sua coleção de Nike Air era inigualável. Sem falar que ele tinha armários de sandálias aladas, separadas em fileiras de couro envernizado e prateleiras de camurça azul... e, claro, patins. Ainda tenho pesadelos com as visões de Hermes patinando pelo Olimpo com aquele cabelão, usando um short justinho e meias listradas de lurex, ouvindo Donna Summer em seu walkman.

Piper e eu seguíamos para o segundo convés a bombordo. No caminho, passamos por pedestais iluminados exibindo sapatos de grife; um corredor coberto de prateleiras do chão ao teto cheias de botas vermelhas; e um quarto só para chuteiras (para que Calígula queria tantas chuteiras, eu não sei).

A sala indicada por Compasso parecia servir mais para abrigar uma quantidade impressionante de sapatos do que para ostentar a qualidade das marcas.

O aposento era grande como um bom apartamento, e as janelas tinham vista para o mar — assim os estimados sapatos do imperador poderiam apreciar a paisagem. Bem no meio ficavam dois sofás muito confortáveis virados para uma mesa de centro onde repousava uma pequena coleção de garrafas de água mineral exóticas, para o caso de alguém sentir sede e precisar se reidratar enquanto se recuperava de calçar o sapato esquerdo e esperava para botar o direito.

Quanto aos sapatos em si, as paredes dos fundos e a da frente estavam alinhadas com fileiras de…

— Minha nossa! — exclamou Piper.

Achei que isso resumia muito bem: fileiras de *minha nossa!*.

Um par das botas de batalha de Hefesto estava exposto num pedestal central: eram dispositivos enormes com saltos e bicos cobertos de spikes e meias embutidas de cota de malha. Os cadarços eram pequeninas serpentes de bronze autômatas, programadas para impedir que qualquer pessoa não autorizada tentasse calçar as botas.

Em outro pedestal, numa caixa de vidro, voava um par de sandálias aladas, tentando escapar.

— Será que são essas? — perguntou Piper, apontando. — Assim poderíamos voar pelo Labirinto.

A ideia era ótima, mas eu balancei a cabeça.

— Sapatos alados são muito complicados. Se estiverem encantados, podem nos levar para o lugar errado…

— Ah, certo. Percy já me contou de um par que quase… Bem, deixa pra lá.

Examinamos os outros pedestais. Alguns sapatos exibidos não passavam de simples modelos únicos: botas plataforma cravejadas de diamantes, sapatos sociais feitos de pele do extinto dodô (mas que coisa vil!) e um par de Adidas assinado por todos os jogadores do LA Lakers de 1987.

Outros eram sapatos mágicos, muito bem indicados. Um par de chinelos tecido por Hipnos, para dar sonhos agradáveis e sono profundo; um par de sapatos de dança elaborado por minha grande amiga Terpsícore, a Musa da dança — esses eram raros. Astaire e Rogers tinham um par cada, assim como Baryshnikov. Também havia um par de mocassins velho de Poseidon, que garantia tempo perfeito na praia, boa pescaria, ondas altas e bronzeado de primeira. Achei uma ideia ótima.

— Ali! — Piper apontou para um velho par de sandálias de couro jogado de qualquer jeito no canto do quarto. — Podemos supor que os sapatos menos prováveis são na verdade os mais prováveis?

Não gostei daquela suposição. Sempre preferi quando o popular, maravilhoso ou talentoso era mesmo o mais popular ou maravilhoso ou talentoso — o que em geral era eu, claro. Mas, naquele caso, achava que Piper podia estar certa.

Eu me ajoelhei ao lado do par.

— São cáligas, sandálias de legionário.

Com o dedo indicador, ergui os sapatos pelas tiras. Não tinham nada de muito especial, eram só solas de couro e tiras amaciadas e escurecidas pelo tempo. Pareciam ter visto muitas marchas, mas estavam muito bem cuidadas; deviam ter recebido amor e atenção ao longo dos séculos.

— Cáligas — repetiu Piper. — De Calígula.

— Exatamente. São a versão adulta das botinhas que geraram o apelido de infância de Gaius Julius Caesar Augustus Germanicus.

Piper fez careta.

— Está sentindo algum resquício de magia nelas?

— Bem, elas não estão vibrando de energia nem nada. E também não estão trazendo grandes memórias de pés fedidos ou me dando vontade de calçá-las, mas acho que são os sapatos certos. São do modelo que o batizou, então carregam seu poder.

— Hum. Bem, se você consegue falar com uma flecha, deve

conseguir decifrar um par de sandálias.

— É um dom — concordei.

Piper se ajoelhou ao meu lado e pegou um dos pés da sandália.

— Não cabem em mim, são grandes demais. Parecem ser do seu tamanho.

— Está dizendo que eu tenho pés grandes?

Ela abriu um sorriso.

— Essas sandálias devem ser tão desconfortáveis quanto os sapatos da vergonha, um par de sapatos de enfermeira branco e horrível que tinha lá no chalé de Afrodite. A pessoa era obrigada a usar como punição, quando fazia alguma coisa ruim.

— Nossa, isso é a cara da Afrodite.

— Eu me livrei daqueles sapatos. Mas estes aqui… Acho que, se você não ligar de botar os pés onde os de Calígula já estiveram…

— PERIGO! — gritou uma voz atrás de nós.

Chegar sorrateiramente por trás de alguém e gritar *perigo* é um excelente jeito de fazer a pessoa ao mesmo tempo pular, girar e cair de bunda — que foi exatamente o que aconteceu comigo e com Piper.

E eis que surge Clave, com o pelo branco todo despenteado e encharcado, como se tivesse acabado de atravessar a piscina de Calígula. As mãos de oito dedos estavam apoiadas no batente da porta, e sua respiração estava arquejante. O terno preto estava em farrapos.

— Estriges! — anunciou, ofegante.

Meu coração pulou para a boca.

— Estão atrás de você?

Ele balançou a cabeça, as orelhas ondulando como lulas em pânico.

— Acho que consegui despistar todas, mas…

— E por que você veio aqui? — perguntou Piper, levando a mão à adaga.

O olhar no rosto de Clave era um misto de desejo e pânico. Ele apontou para o meu ukulele.

— Pode me ensinar a tocar?

— É… posso. Se bem que um violão seria melhor, considerando o tamanho das suas mãos.

— Aquele acorde, o que fez Compasso berrar. É esse que eu quero.

Eu me levantei bem devagar, querendo evitar assustá-lo ainda mais.

— O conhecimento do trítono de dó menor dissonante é uma grande responsabilidade. Mas, sim, posso ensiná-lo a você.

— E tem você também. — Ele olhou para Piper. — Aquele jeito como você cantou... pode me ensinar?

Piper afastou a mão do cabo da adaga.

— Eu… eu acho que posso tentar, mas…

— Então temos que fugir agora mesmo! — exclamou Clave. — Eles

já pegaram seus amigos!

— *O quê?* — Piper se levantou. — Tem certeza?

— A garota apavorante. O menino do raio. Tenho certeza.

Engoli em seco, contendo o desespero. Clave tinha dado uma descrição impecável de Meg e Jason.

— Onde? — perguntei. — Quem os pegou?

— *Ele*. O imperador. E o pessoal daqui a pouco chega. Temos que sair voando! Vamos ser os melhores músicos do mundo!

Em outras circunstâncias, eu teria achado aquele conselho excelente. Mas não com Meg e Jason em perigo. Enrolei as sandálias do imperador e as enfiei bem no fundo da aljava.

— Você pode nos levar até nossos amigos?

— Não! — berrou Clave. — Vocês vão morrer! A feiticeira…

Como foi que Clave não ouviu os inimigos se esgueirando atrás dele? Não sei. Talvez o raio de Jason tivesse deteriorado um pouco sua audição. Talvez ele estivesse nervoso demais, concentrado demais em tentar nos convencer a fugir para prestar atenção ao que acontecia logo atrás.

Fosse qual fosse o caso, Clave caiu para a frente, dando de cara na redoma de vidro que guardava as sandálias aladas. Ele desabou no tapete, quebrando a redoma, e as sandálias, livres, ficaram chutando sua cabeça. Nas costas dele dava para ver, bem destacadas, duas marcas fundas no formato de cascos de cavalo.

Um majestoso garanhão branco estava parado à porta, a cabeça quase tocando o topo do batente. Foi naquele momento que compreendi por que os iates do imperador tinham tetos tão altos, com corredores e portas tão largos: tinham sido feitos para acomodar o cavalo.

— Incitatus — cumprimentei.

O cavalo me encarou de uma forma que nenhum cavalo no mundo deveria ser capaz de fazer, as enormes pupilas castanhas cintilando com uma inteligência maliciosa.

— Apolo.

Piper pareceu atordoada, o que é normal ao encontrar um cavalo falante dentro de um iate cheio de sapatos.

— Mas o que…? — Ela não teve tempo de terminar a pergunta.

Incitatus atacou, pisoteando a mesa de centro, e deu uma cabeçada em Piper, jogando-a longe. Ela bateu na parede com um estalo horrível e desabou no chão.

Corri para socorrê-la, mas o cavalo avançou em mim, me arremessando no sofá mais próximo.

— Ora, ora...

Incitatus observou o aposento, contabilizando o estrago: pedestais virados; a mesa de centro destruída; as garrafas de água mineral

exótica quebradas, escorrendo pelo tapete; Clave gemendo no chão, ainda sendo chutado pelas sandálias aladas; Piper imóvel, com sangue escorrendo do nariz; e eu no sofá, apalpando as costelas machucadas.

— Ah, me desculpe por invadir sua invasão. Eu tinha que apagar a garota rapidamente, entende? Não gosto de gente que usa charme.

Era a mesma voz que ouvi quando estava escondido na caçamba de lixo atrás da Maluquice Militar do Macro — uma voz grave e cansada, com toques de irritação, como se já tivesse visto todas as coisas estúpidas possíveis que se poderiam esperar dos bípedes.

Olhei para Piper McLean, horrorizado. Ela parecia não estar respirando. Eu me lembrei das palavras da Sibila… principalmente a parte da palavra terrível que começa com *M*.

— Você… você a matou — gaguejei.

— Matei? — Incitatus enfiou o focinho no peito de Piper. — Que nada, ela ainda está viva. Mas não vai durar muito. Agora, venha. O imperador quer ver você.

30

Nunca vou deixar você
O amor vai nos unir
Mas cola também funciona

ALGUNS DOS MEUS melhores amigos são cavalos mágicos.

Árion, o corcel mais veloz do mundo, é meu primo, embora raramente apareça nos jantares de família. O famoso cavalo alado Pégaso também é meu primo, mas de segundo grau, acho, porque a mãe dele era uma górgona. Não sei bem como isso funciona. E, claro, os cavalos do Sol eram os meus favoritos, embora, felizmente, nenhum deles falasse.

Mas Incitatus? Eu não ia muito com a cara dele.

Ele era um animal bem bonito: alto e musculoso, o pelo brilhando como uma nuvem iluminada pelo Sol. A cauda branca sedosa balançava de um lado para outro como se desafiando qualquer mosca, semideus ou outras pestes a se aproximarem da traseira dele. Ele não usava rédea nem sela, embora ferraduras douradas cintilassem em seus cascos.

A pedância dele me irritava. A voz aborrecida fazia com que eu me sentisse pequeno e insignificante. Mas o que eu realmente odiava eram os olhos. Olhos de cavalo não deveriam ser tão frios e inteligentes.

— Suba — disse ele. — Meu garoto está esperando.

— Seu *garoto*?

Ele mostrou os dentes brancos como mármore.

— Você sabe de quem estou falando. Cezão. Calígula. O Novo Sol que vai comer você no café da manhã.

Afundei ainda mais nas almofadas do sofá. Meu coração disparou. Incitatus se movia muito rápido, eu já tinha visto. Minhas chances contra ele eram nulas. Eu jamais conseguiria disparar uma flecha ou dedilhar uma melodia antes de receber um coice na cara.

Seria o momento perfeito para ser surpreendido por uma onda de força divina, para que eu pudesse jogar aquele cavalo prepotente pela janela, mas não senti nem um pingo de energia imortal no meu corpo.

Receber qualquer tipo de ajuda estava fora de cogitação. Piper soltou um gemido e mexeu um pouco os dedos. Estava, no máximo, semiconsciente. Clave choramingou e tentou se encolher todo para fugir da violência dos sapatos alados.

Eu me levantei do sofá, fechei as mãos e me obriguei a encarar Incitatus.

— Eu ainda sou o deus Apolo — avisei. — Já enfrentei dois

imperadores. Venci os dois. Não me teste, cavalo.

Incitatus resfolegou.

— Aham, *Lester*, senta lá. Você está ficando mais fraco. Não tem mais quase nada. Estamos de olho em você. Agora pare com essa ladainha.

— E como você vai me forçar a ir com você? — perguntei. — Você não pode me pegar e me jogar no seu lombo. Você não tem mãos! Não tem polegares! Esse foi seu erro fatal!

— Ah, bom, sempre dá para chutar a sua cara. Ou… — Incitatus relinchou, emitindo o mesmo som de alguém chamando um cachorro.

Compasso e dois guardas apareceram.

— Chamou, lorde Corcel?

O cavalo sorriu para mim.

— Eu não preciso de polegares quando tenho servos. É verdade que são servos *ridículos* que tive que libertar com os dentes das próprias abraçadeiras…

— Lorde Corcel — protestou Compasso. — Foi aquele ukulele! Nós não conseguimos…

— Coloquem os dois aqui em cima logo — ordenou Incitatus —, antes que eu fique de mau humor.

Compasso e seus companheiros obedeceram. Eles me forçaram a subir atrás de Piper e amarraram minhas mãos de novo, pelo menos na frente, para eu conseguir me equilibrar.

Finalmente, colocaram Clave de pé. Guardaram os sapatos alados fisicamente abusivos em uma caixa, prenderam as mãos do jovem *pandos* e o fizeram marchar à frente do nosso lamentável grupo. Seguimos até o convés e refizemos o caminho pela ponte flutuante de superiates, e eu tinha que me abaixar toda vez que passávamos por alguma porta.

Incitatus trotou em um ritmo tranquilo. Sempre que cruzávamos com mercenários ou tripulantes, eles se ajoelhavam e faziam reverência. Eu queria acreditar que eles estavam me homenageando, mas desconfiava que estivessem homenageando a capacidade do cavalo de afundar a cabeça deles se não demonstrassem respeito.

Clave tropeçou. Os outros *pandai* o levantaram e o empurraram à frente. Piper toda hora escorregava do lombo do corcel, mesmo eu fazendo de tudo para mantê-la no lugar.

Em determinado momento, ela murmurou:

— Ia-aa.

Isso podia significar *Obrigada* ou *Desamarra* ou *Por que minha boca está com gosto de ferradura?*

A adaga dela, Katoptris, estava ao meu alcance. Olhei para o cabo, me perguntando se conseguiria puxá-la com rapidez suficiente para me soltar ou para enfiá-la no pescoço do cavalo.

— Eu não faria isso, se fosse você — disse Incitatus.
Estremeci.
— O quê?
— Usar a faca. Seria uma decisão ruim.
— Você… você lê mentes?
O cavalo riu com deboche.
— Não preciso ler mentes. Sabe o quanto dá para deduzir pela linguagem corporal de uma pessoa que está montada em você?
— Eu… Eu não posso afirmar que já tenha passado por essa experiência.
— Bom, percebi o que você estava planejando. Portanto, não faça isso. Eu teria que jogar você longe. Você e sua namorada provavelmente bateriam com a cabeça e morreriam…
— Ela não é minha namorada!
— … sem falar que o Cezão ficaria irritado. Ele quer que você morra de um jeito específico.
— Ah. — Meu estômago ficou tão dolorido quanto minhas costelas. Eu me perguntei se havia um termo especial para definir o enjoo de quem monta um cavalo em cima de um barco. — Então, quando você disse que Calígula ia *me comer no café da manhã…*
— Ah, eu não quis dizer literalmente.
— Graças aos deuses.
— Eu quis dizer que a feiticeira Medeia vai acorrentar você e esfolar sua forma humana para extrair quaisquer restos que ainda existam da sua essência divina. Depois, Calígula vai consumir sua essência, junto com a de Hélio, e vai se tornar o novo deus do Sol.
— Ah. — Achei que fosse desmaiar. Eu supunha que ainda restava *alguma* essência divina dentro de mim, uma pequena fagulha da minha antiga grandiosidade que me permitia lembrar quem eu era e o que um dia já fora capaz de fazer. Eu não queria que esses últimos vestígios de divindade fossem sugados de mim, principalmente se o processo envolvesse me esfolar. A ideia embrulhou meu estômago. Será que Piper ficaria muito chateada se eu vomitasse nela? — Você… Você me parece ser um cavalo sensato, Incitatus. Por que está ajudando uma pessoa volátil e traiçoeira como Calígula?
Incitatus relinchou.
— Volátil é a vovozinha. O garoto me escuta. Precisa de mim. Não importa se os outros o consideram violento e imprevisível. Eu consigo mantê-lo sob controle, usá-lo para conseguir executar meus planos. Estou apostando no cavalo certo.
Ele não pareceu ver a ironia de um cavalo apostando no cavalo certo. Fiquei surpreso ao saber que Incitatus tinha planos próprios. A maioria dos planos equinos eram bem simples: comer, correr, correr mais um pouco, receber uma boa escovada. Repetir na ordem

desejada.

— Calígula sabe que você está, hum, se aproveitando dele?

— É claro! — disse o cavalo. — O garoto não é burro. Quando ele conseguir o que quiser, bem… cada um vai seguir o seu caminho. Eu pretendo aniquilar a raça humana e instituir um governo formado por cavalos, para cavalos.

— Você… o quê?

— Você acha que um governo equino é mais incoerente do que um mundo governado por deuses olimpianos?

— Eu nunca tinha pensado nisso.

— E nem pensaria, não é? Você, com sua arrogância bípede! *Você* não passa sua vida com humanos que só querem *montar* em você ou que você puxe as carroças deles. Ah, estou gastando saliva. Você não vai existir por tempo suficiente para ver a revolução.

Ah, leitores, mal consigo expressar meu pavor. Não pela ideia de uma revolução equina, mas por pensar que minha vida estava prestes a terminar! Sim, eu sei que os mortais também têm que lidar com a morte, mas é *pior* para um deus, acreditem! Eu tinha passado milênios sabendo que era imune ao grande ciclo da vida. E de repente descubro… *hahaha, não é bem assim!* Eu ia ser esfolado e consumido por um homem que recebia conselhos de um cavalo falante e militante da causa cavalesca!

Conforme seguíamos pela série de superiates, víamos mais e mais sinais da batalha recente. O barco vinte parecia ter sido acertado inúmeras vezes por um raio. Estava caindo aos pedaços, todo chamuscado e tomado por fumaça, os conveses superiores enegrecidos cobertos de espuma de extintor de incêndio.

O barco dezoito tinha sido convertido em um centro de triagem. Havia feridos por todos os lados, gemendo por causa de cabeças amassadas, membros quebrados, narizes sangrando e virilhas doloridas. Muitos dos ferimentos eram na altura do joelho para baixo, o alvo preferido dos chutes de Meg McCaffrey. Um bando de estriges girava acima, aos berros, mortas de fome. Talvez estivessem só de guarda, mas tive a impressão de que estavam esperando para ver quem ali não sobreviveria.

O barco quatorze era o golpe de misericórdia de Meg McCaffrey. O iate todo havia sido tomado por hera japonesa, inclusive a tripulação, que estava presa às paredes por uma teia densa de trepadeiras. Um grupo de horticultores, sem dúvida vindo do jardim botânico no barco dezesseis, tentava libertar os colegas usando cortadores e aparadores de grama.

Fiquei emocionado ao ver que nossos amigos tinham chegado tão longe e provocado tanto estrago. Talvez Clave tivesse se enganado — eles não tinham sido capturados coisa nenhuma. Dois semideuses

como Jason e Meg teriam conseguido escapar se fossem encurralados. Bom, pelo menos eu estava contando com isso, já que precisava que eles me salvassem.

Mas e se eles não aparecessem? Esquadrinhei meu cérebro em busca de ideias inteligentes e planos intrincados, mas descobri que minha mente era um computador velho e lento com pouca memória.

Consegui elaborar a fase 1 do meu grande plano: eu fugiria e depois libertaria meus amigos. Eu estava me dedicando à fase 2 — *como faço isso?* — quando meu tempo se esgotou. Incitatus atravessou a ponte até o convés do *Júlia Drusila XII*, percorreu uma série de portas duplas douradas e nos carregou por uma rampa até o interior do barco, que continha um único salão enorme, a câmara de audiências de Calígula.

Entrar naquele espaço era como ser engolido por um monstro marinho. Tenho certeza de que o efeito era intencional. O imperador queria que todos sentissem pânico e impotência ao chegar ali.

Você foi abocanhado, o salão parecia dizer. *Agora, vai ser digerido.*

Não havia janelas. As paredes de quinze metros gritavam com afrescos espalhafatosos de batalhas, vulcões, tempestades, festas loucas — imagens que representavam a loucura do poder, a ausência de limites, o domínio sobre a natureza.

O piso era um estudo similar do caos: mosaicos intrincados e assustadores de deuses sendo devorados por vários monstros. Acima, o teto era pintado de preto, e pendurado nele havia candelabros dourados, esqueletos em gaiolas e espadas penduradas pelos mais finos cordões, prontas para empalar qualquer um que passasse embaixo.

Eu me vi pendendo para o lado, tentando me equilibrar em cima do Incitatus, mas era impossível. Não era seguro olhar para nenhum canto da câmara, e o balanço do iate não ajudava.

Montando guarda ao longo da sala do trono havia doze *pandai*, seis a bombordo e seis a estibordo. Eles seguravam lanças com pontas douradas e usavam cota de malha dourada da cabeça aos pés, inclusive abas enormes de metal sobre as orelhas, que, ao serem acertadas, deviam provocar um zumbido terrível.

Na extremidade do salão, onde o casco do navio se estreitava até formar uma ponta, ficava o púlpito do imperador, encostado na parede, como o de qualquer governante paranoico que se preze. À frente dele havia duas colunas de vento e destroços que não consegui compreender; algum tipo de arte performática de *ventus*?

À direita do imperador havia outro *pandos* vestido com um traje completo de comandante pretor; supus que fosse Ritmo, o capitão da guarda. À esquerda do imperador estava Medeia, os olhos brilhando, vitoriosos.

Calígula não tinha mudado nada: continuava pequeno e magro, bonito apesar dos olhos muito separados, das orelhas muito proeminentes (mas não em comparação aos *pandai*), do sorriso muito amarelo.

Ele usava uma calça branca, mocassins brancos, uma camisa listrada azul e branca, um blazer azul e um quepe de capitão. Tive um flashback horrível de 1975, quando cometi o erro de abençoar Captain e Tennille com seu sucesso "Love Will Keep Us Together". Se Calígula era o capitão, isso tornava Medeia *Tennille*, o que parecia errado em muitos níveis. Tentei afastar o pensamento.

Conforme nossa procissão se aproximava do trono, Calígula se inclinava para a frente e esfregava as mãos, como se o próximo prato do jantar tivesse acabado de ser servido.

— Momento perfeito! — disse ele. — Estou tendo uma conversa fascinante com seus amigos.

Meus amigos?

Só então meu cérebro conseguiu registrar o que havia dentro das colunas de vento.

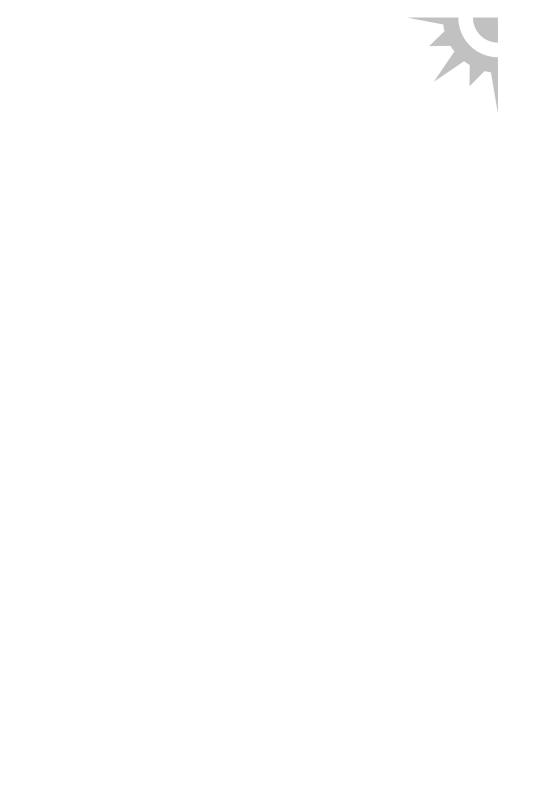
Em uma pairava Jason Grace. Na outra, Meg McCaffrey. Os dois lutavam para se libertar, sem sucesso, gritando sem emitir som algum. Suas prisões em forma de tornado giravam com detritos cintilantes, pedacinhos de bronze celestial e ouro imperial que cortavam as roupas e pele deles, destruindo-os aos poucos.

Calígula se levantou, os olhos castanhos plácidos fixos em mim.

— Incitatus, esse não pode ser ele, pode?

— É sim, amigão — disse o cavalo. — Deixe-me apresentar essa forma lamentável do deus Apolo, também conhecida como Lester Papadopoulos.

O corcel se ajoelhou nas patas da frente e lançou seus passageiros no chão.

31

Vou te dar meu coração
Ei! Que faca é essa?
Era só uma metáfora!

EU CONSEGUIA LISTAR inúmeras qualidades de Calígula, mas *amigo* não era uma delas.

Ainda assim, Incitatus pareceu perfeitamente à vontade na presença do imperador. Ele trotou para estibordo, onde dois *pandai* escovaram seu pelo enquanto um terceiro se ajoelhou diante dele, trazendo um balde de ouro cheio de aveia.

Jason Grace se debateu no túnel de vento e detritos que o cercava, tentando se soltar, e olhou aflito para Piper, gritando alguma coisa que não consegui ouvir. Na outra coluna de vento, Meg flutuava, braços e pernas cruzados, fazendo cara feia enquanto ignorava os estilhaços de metal cortando seu rosto. Parecia um gênio irritado.

Calígula desceu do pequeno palanque que abrigava o trono e se aproximou fazendo uma dancinha animada, talvez efeito daquela roupa de capitão. Ele parou a alguns metros diante de mim e exibiu dois anéis de ouro na palma da mão: as espadas de Meg.

— Ah, essa deve ser a adorável Piper McLean. — Ele franziu a testa, como se só então percebesse que a garota estava inconsciente. — Minha nossa, o que aconteceu com ela? Não tenho como zombar de ninguém nesse estado. Ritmo!

O pretor estalou os dedos, e dois guardas correram e levantaram Piper. Um deles passou um pequeno frasco aberto debaixo do nariz dela — deviam ser sais aromáticos, ou algum equivalente mágico horrendo de Medeia.

Piper ergueu a cabeça. Seu corpo estremeceu, e ela se desvencilhou dos *pandai*.

— Eu estou bem. — Ela piscou, olhando em volta. Reparou em Jason e Meg nas colunas de vento e olhou para Calígula de cara feia. Tentou sacar a adaga, mas parecia que seus dedos não estavam funcionando. — Eu vou *matar* você.

Calígula riu.

— Ah, meu bem, isso seria uma graça. Mas vamos deixar para nos matar depois, está bem? Tenho outras prioridades no momento.

Ele abriu um sorriso enorme para mim.

— Ah, Lester. Que *presente* de Júpiter!

Ele andou ao meu redor, passando as pontas dos dedos por meus ombros como se quisesse verificar se tinha poeira. Eu deveria ter

atacado, mas Calígula irradiava uma confiança tão tranquila, uma aura tão poderosa, que minha mente ficou confusa.

— Não sobrou muito da sua divindade, não é mesmo? Mas não precisa se preocupar, Medeia vai conseguir extrair alguma coisa daí. Então pode deixar que eu me vingo de Zeus *por você*. Encare como um prêmio de consolação.

— Eu… eu não quero vingança.

— Claro que quer! Vai ser maravilhoso, espere só para ver. Bem, na verdade você não vai poder ver nada, porque vai estar morto, mas pode confiar: você se orgulharia da minha vingança.

— César — interveio Medeia, do outro lado da plataforma —, será que dá para começarmos daqui a pouquinho?

Ela se esforçou para esconder, mas notei a tensão em sua voz. Como tínhamos visto naquele estacionamento maléfico, até os poderes de Medeia tinham limites. Manter Meg e Jason em tornados gêmeos devia exigir muito de sua força, e ela não tinha como manter as prisões de ventus *e* fazer a tal magia para tirar minha divindade. Se eu arranjasse um jeito de explorar essa fraqueza…

Uma leve irritação perpassou o rosto de Calígula.

— É claro, Medeia. Só um instantinho. Primeiro tenho que parabenizar meus servos leais… — Ele se virou para os *pandai* que tinham vindo com a gente lá do iate dos sapatos. — Qual de vocês é Compasso?

Compasso fez uma mesura, estendendo as orelhas pelo mosaico do piso.

— S-sou eu, senhor.

— Ah, você sempre me serviu muito bem, não foi?

— Sim, senhor!

— Até hoje.

Pela cara do *pandos*, ele parecia estar tentando engolir um nó na garganta do tamanho de um ukulele.

— Eles… eles nos enganaram, meu senhor! Tocaram uma música horrível!

— Ah, entendi. E como você pretende resolver isso? Como posso ter certeza da sua lealdade?

— Eu… eu lhe ofereço meu coração, senhor! Agora e sempre! Meus homens e eu somos…

Ele tapou a boca com as mãos enormes.

Calígula abriu um sorriso frio.

— Há... Ritmo?

O comandante dos *pandai* deu um passo à frente.

— Senhor?

— Você ouviu o Compasso, não ouviu?

— Ouvi sim, senhor. O coração dele é seu. E o dos homens dele

também.

— Muito bem, então. — Calígula os mandou sair da sala com um leve aceno. — Pode levá-los lá para fora e pegar o que é meu.

Os guardas marcharam, levando Compasso e seus dois tenentes.

— Não! — gritava Compasso. — Não, eu… eu não quis dizer…

Os três condenados choraram e se debateram, mas não adiantou: os *pandai* de armaduras douradas os arrastaram para fora.

Ritmo apontou para Clave, que tremia e choramingava ao lado de Piper.

— E esse, meu senhor?

Calígula estreitou os olhos, pensativo.

— Por que esse tem pelo branco mesmo?

— Porque ele ainda é jovem, lorde — explicou Ritmo, sem o menor toque de solidariedade na voz. — No nosso povo, o pelo escurece com a idade.

— Entendi. — Calígula acariciou o rosto de Clave com as costas da mão; o jovem *pandos* choramingou ainda mais alto. — Deixe-o aí. É um mocinho bem divertido e parece inofensivo. Agora vá, comandante. Depois traga os corações.

Ritmo fez uma reverência e saiu.

Meu coração martelava, agitado, prestes a sair pela boca. Eu tentava me convencer de que as coisas não estavam tão ruins assim. Metade da guarda do imperador e o comandante tinham acabado de sair, e Medeia tinha que controlar dois *venti*. Com isso, restavam apenas seis *pandai* de elite, um cavalo assassino e um imperador imortal. Era o melhor momento para executar meu plano perfeito e genial… Quer dizer, se eu tivesse um.

Calígula parou ao meu lado e passou o braço pelos meus ombros, como se fôssemos velhos amigos.

— Viu só, Apolo? Eu não sou *doido*. Não sou *cruel*. Só levo a sério o que as pessoas falam. Se você me prometer sua vida, seu coração, sua riqueza… Bem, qualquer promessa tem que ser *sincera*, não acha?

Meus olhos lacrimejavam, mas eu estava com medo demais para piscar.

— Veja sua amiga Piper, por exemplo. Ela só queria passar um tempo com o pai e se ressentia muito da carreira dele. Então sabe o que eu fiz? Acabei com a carreira dele! Se a menina tivesse simplesmente ido com o pai para Oklahoma, como planejado, ela teria o que queria! Mas você acha que ouvi algum agradecimento? Claro que não! Em vez disso, ela vem aqui me matar.

— E *vou conseguir* — interveio Piper, com a voz um pouco mais firme. — Pode acreditar.

— É disso que estou falando — observou Calígula. — As pessoas nunca demonstram gratidão.

Ele deu tapinhas no meu peito, e senti uma dor aguda reverberando nas costelas machucadas.

— E Jason Grace? Ele quer ser sacerdote ou coisa do tipo, quer construir santuários para os deuses. Então, olha que ótimo: *eu sou um deus*. Não tenho problema nenhum com isso! Aí ele vem aqui e destrói meus iates com um monte de raios. Isso lá é jeito de um sacerdote se comportar? Não mesmo!

Ele foi até as colunas de vento, o que deixou suas costas expostas, só que nem Piper nem eu fizemos menção de atacar. Nem mesmo agora, recontando a história para vocês, eu consigo explicar por quê. Eu me sentia tão impotente, como se estivesse preso em uma visão de algo que acontecera séculos antes. Pela primeira vez, sentia como seria se o Triunvirato controlasse todos os Oráculos. Além de prever o futuro, eles dariam ao destino a forma que quisessem. Cada palavra deles se tornaria um destino inexorável.

— E essa aqui. — Calígula examinou Meg McCaffrey. — O pai dela chegou a jurar que não descansaria até reencarnar as nascidas do sangue, as esposas de prata! *Dá para acreditar*?

Nascidas do sangue. Esposas de prata. Essas palavras abalaram meu sistema nervoso. Sentia que deveria saber o que significavam, que deveria entender como aquilo se relacionava às sete sementes verdes que Meg tinha plantado na encosta da colina. Como sempre, meu cérebro humano gritou em protesto enquanto eu tentava arrancar a informação das profundezas. Eu quase conseguia ver a mensagem irritante de arquivo não encontrado piscando na minha mente.

Calígula sorriu.

— Bom, é claro que acreditei na palavra do dr. McCaffrey! Tive que queimar a fortaleza dele até não sobrar nada. Mas, sinceramente, fui generoso e permiti que ele e a filha continuassem vivos. A pequena Meg teve uma vida maravilhosa com meu sobrinho, Nero. Se ela tivesse cumprido as promessas que fez a ele… — O imperador fez que não com o dedo, encarando a menina.

Do outro lado da sala, Incitatus ergueu o rosto do balde de ouro com aveia e arrotou.

— Ei, Cezão? Esse discurso está ótimo e tal, mas não seria melhor matar logo os dois nos redemoinhos, para Medeia poder se concentrar na tarefa de esfolar Lester vivo? Quero muito ver isso.

— Sim, por favor — concordou Medeia, cerrando os dentes, já exausta.

— NÃO! — gritou Piper, com a voz trêmula. — Calígula, solte os meus amigos.

Ela tentou usar o charme, só que mal conseguia ficar de pé.

Calígula riu.

— Ah, minha querida, a própria Medeia me treinou para resistir ao

charme. Você vai ter que fazer melhor do que isso se…

— Incitatus — chamou Piper, com a voz um pouco mais firme —, dê um coice na cabeça da Medeia.

Incitatus inspirou, inflando as narinas.

— Acho que vou dar um coice na cabeça da Medeia.

— Não vai, não! — berrou a feiticeira, numa explosão intensa de charme. — Calígula, silencie essa garota.

O imperador foi até Piper.

— Me desculpe, querida.

Ele golpeou a boca de Piper com tanta força que o corpo dela girou trezentos e sessenta graus antes de desabar no chão.

— AHHH! — Incitatus relinchou de prazer. — Essa foi boa!

Eu surtei.

Nunca tinha sentido tanta raiva. Nem mesmo quando destruí toda a família dos nióbidas, que me insultou. Nem mesmo quando lutei contra Hércules na câmara de Delfos. Nem mesmo quando exterminei os Ciclopes que forjavam os raios assassinos do meu pai.

Bem naquele momento, decidi que Piper McLean não morreria naquela noite. Parti para cima de Calígula, determinado a agarrar seu pescoço. Queria estrangular aquele imperador maldito, queria pelo menos arrancar aquele sorriso arrogante do rosto dele.

Tinha certeza de que meu poder divino voltaria. Tinha certeza de que, com a minha fúria, eu deixaria o imperador romano em pedacinhos.

Mas Calígula só me empurrou sem nem mesmo se dignar a me olhar.

— Ora, Lester, por favor. Você está me dando vergonha alheia.

Piper continuou estendida no chão, tremendo como se estivesse com frio.

Clave estava agachado ali perto, num esforço vão de cobrir as orelhas enormes. Com certeza estava arrependido de ter decidido seguir seu sonho de se tornar um grande músico.

Encarei os ciclones gêmeos, torcendo para Jason e Meg terem conseguido escapar. Não tinham. Mas, estranhamente, como se tivessem feito um acordo tácito, eles pareciam ter trocado de papel.

Jason não parecia mais furioso, mesmo após ter visto Piper sendo golpeada. Em vez disso, ele flutuava, paralisado, numa raiva imóvel, os olhos fechados, o rosto duro como pedra. Meg, por sua vez, atacava a jaula de *ventus* com unhas e dentes, gritando coisas que eu não conseguia ouvir. Suas roupas estavam em farrapos, e o rosto já exibia dezenas de cortes sangrentos, mas ela não parecia ligar: chutava e socava e tacava pacotes de sementes no redemoinho, provocando explosões festivas de amores-perfeitos e narcisos em meio aos destroços.

Medeia, parada perto do platô, estava pálida e suada. Neutralizar o charme de Piper devia ter lhe custado caro, mas isso não servia de consolo.

Ritmo e os guardas logo estariam de volta com os corações dos inimigos do imperador.

Um pensamento frio me dominou. *Os corações dos inimigos dele.*

Senti como se *eu* tivesse levado um tapa. O imperador precisava de mim vivo, ao menos por enquanto. O que significava que minha única vantagem…

Eu devia estar exalando felicidade, porque Calígula caiu na gargalhada.

— Apolo, você está com uma cara! Parece que alguém pisou na sua lira favorita! — Ele estalou a língua. — Acha que sua vida está ruim? Eu cresci refém no palácio do tio Tibério. Tem *alguma* ideia de como aquele homem era péssimo? Eu acordava todo dia só esperando ser assassinado, como aconteceu com o resto da minha família. Acabei desenvolvendo talento para a atuação. Eu me tornava o que Tibério precisasse que eu fosse. E *eu sobrevivi*. Mas você? Sua vida foi maravilhosa do começo ao fim! Você é mole demais para ser mortal.

Ele se virou para Medeia.

— Muito bem, feiticeira! Pode aumentar a velocidade dos liquidificadores e fazer *vitamina* dos prisioneiros. Daí lidamos com Apolo.

Medeia sorriu.

— Com prazer.

— Espere! — gritei, tirando uma flecha da aljava.

Os guardas do imperador que ainda estavam por lá ergueram as lanças, mas Calígula gritou:

— NÃO ATAQUEM!

Não tentei puxar o arco, não parti para cima de Calígula. Só apertei a ponta da flecha no peito.

O sorriso de Calígula sumiu. Ele me encarou, sem conseguir disfarçar o desprezo que sentia.

— Lester… o que você está fazendo?

— Solte meus amigos — exigi. — Todos. Aí pode ficar comigo.

Os olhos do imperador reluziram, brilhando como os de uma estrige.

— E se eu não soltar?

Reuni coragem, fazendo uma ameaça que nunca imaginei que faria, não em meus quatro mil anos de vida.

— Eu vou me matar.

32

Não me obrigue a fazer isso
Eu sou doida, olha
Que eu faço... Ei! Não! Para!

***AH, NÃO, TU** não* farás isso, zumbiu uma voz na minha cabeça.

Meu nobre gesto foi arruinado quando me dei conta de que, mais uma vez, eu tinha puxado a Flecha de Dodona por engano. Ela tremeu violentamente na minha mão, sem dúvida me fazendo parecer ainda mais apavorado do que eu já estava. Ainda assim, eu a segurei com firmeza.

Calígula estreitou os olhos.

— Você não faria isso. Jamais se sacrificaria, não tem essa capacidade!

— Solte todos eles agora. — Eu pressionei a flecha no peito com ainda mais força, o suficiente para cortar a pele. — Ou você nunca vai ser o deus do Sol.

A flecha zumbiu com fúria: *MATA A TI MESMO COM OUTRO PROJÉTIL, PATIFE. ARMA COMUM DE MATAR EU NÃO SOU!*

— Medeia! — gritou Calígula. — Se ele se matar dessa forma, você ainda consegue fazer sua magia?

— Você *sabe* que não — reclamou ela. — É um ritual complicado! Não podemos permitir que ele tenha uma morte descuidada assim antes que eu esteja preparada.

— Bom, isso é um tanto irritante. — Calígula suspirou. — Olha, Apolo, você não pode esperar que essa história tenha um final feliz. Eu não sou Cômodo. Não estou de brincadeira. Seja um bom menino e deixe Medeia matar você do jeito correto. Depois, prometo que vou dar a seus amiguinhos um fim indolor. É minha melhor oferta.

Algo me dizia que Calígula seria um péssimo vendedor.

Ao meu lado, Piper tremia no chão, desorientada, as sinapses cerebrais provavelmente corroídas pelas muitas pancadas que levara. Clave se embrulhara nas próprias orelhas. Jason continuou meditando dentro da coluna de detritos giratórios, embora eu não conseguisse imaginá-lo atingindo o nirvana naquelas circunstâncias.

Meg gritava e gesticulava para mim, talvez me dizendo para deixar de ser ridículo e baixar a flecha. Pela primeira vez, eu não conseguia ouvir as ordens dela, mas isso não me trouxe qualquer tipo de felicidade.

Os guardas do imperador se mantiveram em suas posições, segurando as lanças. Incitatus mastigava sua aveia tranquilamente,

como se estivesse assistindo a um filme.

— Última chance — anunciou Calígula.

Em algum lugar atrás de mim, no alto da rampa, uma voz gritou:

— Meu lorde!

— O que foi, Flange? — perguntou o imperador. — Estou um pouco ocupado aqui.

— N-notícias, meu lorde.

— Depois.

— Lorde, é sobre o ataque no norte.

Fui tomado por uma onda de esperança. O ataque ao Acampamento Júpiter estava marcado para aquela noite. Minha audição não era tão boa como a de um *pandos*, mas a urgência histérica na voz de Flange deixava claro que ele *não* tinha boas notícias para o imperador.

A expressão de Calígula se transformou.

— Venha aqui, então. E não toque no idiota com a flecha.

O *pandos* passou por mim e sussurrou alguma coisa no ouvido do imperador. Calígula poderia até se considerar um ótimo ator, mas não se saiu muito bem ao tentar esconder a repulsa.

— Que decepcionante. — Ele jogou os anéis de ouro de Meg no chão como se fossem pedrinhas sem valor. — Flange, sua espada, por favor.

— Eu… — Desajeitado, o *pandos* pegou sua khanda e a entregou ao imperador. — S-sim, senhor.

Calígula examinou a serra afiada da arma e, muito educado, a devolveu ao dono, cravando-a na barriga do pobre orelhudo. Aos berros, Flange se transformou em cinzas.

O imperador se virou para mim.

— Onde nós estávamos?

— Seu ataque ao norte — respondi. — Deu errado, é?

Não foi muito esperto da minha parte provocá-lo, mas foi mais forte do que eu. Assim como Meg McCaffrey, eu só queria ferir Calígula, destruir tudo que ele tinha até virar pó.

Ele ignorou minha pergunta.

— Já vi que vou ter que botar a mão na massa. Tudo bem. Era de se pensar que um acampamento de semideuses *romanos* obedeceria às ordens de um imperador *romano*, mas não.

— A Décima Segunda Legião tem um longo histórico de apoio aos *bons* imperadores — falei. — E de deposição dos ruins.

O olho esquerdo de Calígula tremeu.

— Coro, cadê você?

Um dos *pandai* que escovavam Incitatus parou o que estava fazendo na mesma hora.

— Sim, lorde?

— Convoque seus homens — disse Calígula. — Avise a todos que

vamos encerrar a formação imediatamente e velejar para o norte. Temos que resolver algumas pendências na Baía.

— Mas, senhor… — Coro olhou para mim, como se avaliando se eu oferecia alguma ameaça e se deveria deixar o imperador sozinho comigo. — Sim, senhor.

O restante dos *pandai* saiu, e não havia mais ninguém para segurar o balde de ouro com aveia de Incitatus.

— Ei, Cezão — disse o corcel. — Você não está botando a carruagem na frente dos cavalos? Antes de partirmos para a guerra, você tem que concluir o serviço com Lester.

— Ah, eu vou fazer isso — prometeu Calígula. — Agora, Lester, nós dois sabemos que você não vai…

Ele avançou numa velocidade surpreendente e tentou pegar a flecha, mas eu já tinha pensado em tudo. Antes que ele conseguisse roubar a flecha, eu a enfiei no peito. Rá! Isso era para Calígula aprender a não me subestimar!

Queridos leitores, é preciso muita força de vontade para ferir a si mesmo de propósito. Não falo nem do tipo *bom* de força de vontade, e sim do tipo burro e descuidado que vocês *nunca* devem almejar ter, mesmo que para salvar seus amigos.

Quando me perfurei, fiquei chocado com a dor que senti. Por que se matar tinha que *doer* tanto?

Meu tutano virou lava. Meus pulmões se encheram de areia quente e molhada. Com a camisa encharcada de sangue, caí de joelhos, ofegante e tonto. O mundo girou à minha volta como se a sala do trono tivesse se transformado numa grande prisão de *ventus*.

VILANIA!, a voz da Flecha de Dodona zumbiu na minha mente (e agora também no meu peito). *NÃO CREIO QUE TU ME EMPALASTE AQUI! Ó CARNE VIL E MONSTRUOSA!*

Uma parte distante do meu cérebro considerou aquela reclamação injusta, uma vez que era eu quem estava à beira da morte, mas eu estava fraco demais para discutir.

Calígula correu e segurou a flecha, mas Medeia gritou:

— Pare!

Ela disparou pela sala e se ajoelhou ao meu lado.

— Puxar a flecha pode piorar as coisas! — brigou ela.

— Ele enfiou uma flecha no peito — disse Calígula. — Como pode ficar pior?

— Tolo — murmurou ela. Eu não sabia se o comentário tinha sido dirigido a mim ou a Calígula. — Eu não quero que ele tenha uma hemorragia. — Ela tirou uma bolsinha de seda preta do cinto, pegou um frasco de vidro lá dentro e entregou a bolsa a Calígula. — Segure isso.

Ela então derramou o conteúdo do frasco no ferimento.

FRIO!, reclamou a Flecha de Dodona. *FRIO! FRIO!*

Eu não senti nada. O ferimento queimava, a dor lancinante se transformando em um latejar constante que se espalhava por todo o corpo. Eu podia estar errado, mas achei que não era um bom sinal.

Incitatus se aproximou.

— Nossa, ele fez isso mesmo. Por essa eu não esperava.

Medeia examinou a ferida e em seguida soltou um palavrão em cólquida antigo que difamava o passado amoroso de minha mãe.

— Esse idiota não é capaz nem de se *matar* direito — resmungou a feiticeira. — De alguma forma, ele errou o coração.

FUI EU, BRUXA!, entoou a flecha no meu peito. *TU ACHAS QUE EU ME DISPORIA A SER FINCADA NO REPUGNANTE CORAÇÃO DE LESTER? EU DESVIEI E ESCAPEI DE TAMANHA HUMILHAÇÃO!*

Por favor, depois me lembrem de agradecer à Flecha de Dodona. Ou espatifá-la. O que fizer mais sentido no momento.

Medeia se virou para o imperador.

— Frasco vermelho, agora!

Calígula fez cara feia, nada feliz em ter que bancar o enfermeiro.

— Olha, eu nunca mexo na bolsa de uma mulher. Na de uma feiticeira, então, nem pensar.

Provavelmente esse fora o indício mais claro até o momento de que o homem era bastante são.

— Se você quer ser o deus do Sol — rosnou Medeia —, é melhor fazer o que estou mandando!

Calígula pegou o frasco.

Medeia derramou o conteúdo gosmento na mão direita. Com a esquerda, segurou a Flecha de Dodona e a arrancou do meu peito.

Eu urrei de dor. Minha visão escureceu. Meu peito parecia ter sido perfurado por uma britadeira. Quando recobrei os sentidos, o ferimento estava coberto por uma substância vermelha parecida com cera de depilação. A dor era excruciante, insuportável, mas pelo menos eu conseguia respirar.

Se eu não estivesse tão sofrido, teria aberto um sorrisão vitorioso. Eu tinha conhecimento dos poderes de cura de Medeia. A feiticeira era quase tão habilidosa quanto meu filho Esculápio, embora seu cuidado com os pacientes não fosse tão bom, e suas curas tendessem a envolver magia negra, ingredientes macabros e lágrimas de criancinhas.

É claro que eu não achava que Calígula libertaria meus amigos, mas torcia para que, distraída pela minha morte iminente, Medeia perdesse o controle dos **venti**. E foi o que aconteceu.

Aquela cena ficará para sempre gravada na minha mente: Incitatus olhando para mim, o focinho pontilhado de aveia; a feiticeira Medeia examinando meu ferimento, as mãos grudentas de sangue e cera

mágica; Calígula de pé ao meu lado, a calça e os sapatos brancos esplêndidos salpicados com meu sangue; e Piper e Clave no chão, a presença deles momentaneamente esquecida por nossos captores. Até Meg parecia imóvel na sua prisão rodopiante, horrorizada com o que eu fizera.

Aquele foi o último momento antes de tudo dar errado, antes de nossa grande tragédia se desenrolar, quando Jason Grace esticou os braços, e as jaulas de vento explodiram.

33

Não trago boas notícias
Sintam-se avisados
Melhor parar por aqui

UM TORNADO É algo que acaba com o seu dia.

Eu já vira o rastro de destruição que os tornados furiosos de Zeus haviam deixado no Kansas. Então não foi nenhuma surpresa para mim quando os dois espíritos do vento cheios de detritos dispararam pelo *Júlia Drusila XII* como serras elétricas.

Tenho certeza de que todos teríamos morrido se Jason não tivesse canalizado a explosão para cima, para baixo e para os lados, em uma onda tridimensional, estourando as paredes, o teto negro (fazendo chover candelabros dourados e espadas) e atravessando o piso de mosaico até as entranhas do navio. O iate gemeu e chacoalhou, metal, madeira e vidro estalando como ossos mastigados por um monstro.

Incitatus e Calígula foram arremessados em uma direção, Medeia na outra. Os três não sofreram nem um arranhão, nada. Como infelizmente estava à esquerda de Jason quando os *venti* explodiram, Meg McCaffrey voou por um rombo na parede e desapareceu na escuridão.

Tentei gritar, mas acho que tudo que deve ter saído foi um gemido moribundo. Com a explosão ressoando nos meus ouvidos, eu não tinha certeza.

Eu mal conseguia me mexer, muito menos ir atrás da minha jovem amiga. Em pânico, olhei ao redor e encontrei Clave.

Os olhos do jovem *pandos* estavam quase do tamanho das orelhas. Uma espada dourada caíra do teto e se fincara no espaço entre as pernas dele.

— Salve Meg — grunhi —, e ensino você a tocar qualquer instrumento que desejar.

Achava que meus balbucios seriam incompreensíveis até aos ouvidos *pandai*, mas Clave pareceu ter entendido o recado. A expressão dele mudou de choque para uma determinação imprudente. O orelhudo correu pelo piso inclinado, abriu as orelhas e pulou pela abertura.

A rachadura no chão começou a aumentar, nos separando de Jason. Cascatas começaram a jorrar de todos os lados, cobrindo o piso de água escura e destroços, ocupando o vão cada vez maior no centro do salão. Abaixo, vapor saía do maquinário danificado. Chamas surgiram enquanto a água do mar inundava os compartimentos de carga.

Acima, contornando as beiradas do teto aberto, apareceram *pandai*, gritando e preparando suas armas… até o céu se iluminar e filetes de raios transformarem os guardas em poeira.

Do outro lado da sala, em meio à fumaça, surgiu Jason, com a gládio na mão.

— Você é um daqueles pestinhas do Acampamento Júpiter, não é? — rosnou Calígula.

— Meu nome é Jason Grace — retrucou ele, irritado. — Antigo pretor da Décima Segunda Legião. Filho de Júpiter. Filho de Roma. Mas pertenço aos dois acampamentos.

— Que bom — disse Calígula. — Vou considerar *você* responsável pela traição do Acampamento Júpiter esta noite. Incitatus!

O imperador pegou uma lança dourada que rolava pelo chão, subiu nas costas do corcel falante, disparou por um vão e pulou. Depressa, Jason saiu do caminho para não ser pisoteado.

De algum lugar à minha esquerda veio um uivo de raiva. Era Piper McLean, de pé. Seu rosto estava um pesadelo: o lábio superior inchado e ferido, o maxilar, torto, e um filete de sangue escorrendo pelo canto da boca.

Ela atacou Medeia, que se virou a tempo de receber um belo soco no nariz. Cambaleante, a feiticeira tentou se equilibrar, mas Piper a empurrou pelo vão que se abrira no chão, e Medeia desapareceu na confusão de fogo e água lá embaixo.

Piper gritou algo para Jason. Ela poderia estar dizendo *VENHA!*, mas o que saiu foi um urro gutural.

O filho de Júpiter estava um pouco ocupado. Ele desviou do ataque de Incitatus e se defendeu da lança de Calígula com sua espada, mas seus movimentos estavam cada vez mais lentos, provavelmente por causa da quantidade avassaladora de energia necessária para controlar os ventos e os raios.

— Saiam daqui! — gritou ele. — Agora!

Uma flecha atingiu a coxa esquerda do garoto, que grunhiu e cambaleou. Acima de nós, mais *pandai* se reuniram, arriscando-se a serem atingidos novamente por relâmpagos.

Piper gritou para alertar Jason de que Calígula se aproximava, mas o garoto só conseguiu rolar para o lado. Ele ergueu uma das mãos, e um sopro de vento o impulsionou para cima. Então, de uma hora para outra, ele apareceu sentado em uma nuvem com patas no formato de tornados e uma juba de raios elétricos — era Tempestade, seu corcel de vento.

Ele cavalgou na direção de Calígula, sua espada contra a lança do imperador. Outra flecha acertou Jason no braço.

— Eu não estava brincando! — gritou Calígula. — Ninguém cruza meu caminho e sai vivo!

Abaixo, uma explosão sacudiu o barco. A sala se abriu ainda mais. Piper se desequilibrou, o que pode ter salvado a vida dela, porque três flechas acertaram o local onde ela estava segundos antes.

De alguma forma, ela me levantou. Eu estava com a Flecha de Dodona nas mãos, apesar de não fazer ideia de como ela fora parar ali. Não vi sinal de Clave, Meg ou Medeia. Uma flecha surgiu na ponta do meu sapato. Eu já estava com tanta dor por causa dos acontecimentos anteriormente citados que não consegui concluir se a flecha tinha perfurado meu pé ou não.

Piper puxou meu braço e apontou para Jason, as palavras urgentes, mas ininteligíveis. Eu queria ajudá-lo, mas como? Eu tinha enfiado uma flecha no peito, gente. Se desse um espirrinho que fosse, era capaz de soltar o plugue vermelho do ferimento e sofrer uma hemorragia fatal. Eu não conseguiria puxar o arco nem dedilhar o ukulele. Enquanto isso, no céu aberto acima, mais e mais *pandai* surgiam, loucos para que eu cometesse um flechicídio.

A situação de Piper não estava muito melhor. Ela estar de pé já era um milagre, o tipo de milagre que volta para te matar assim que o choque de adrenalina passa.

Ainda assim, como teríamos coragem de ir embora?

Assisti horrorizado ao embate entre Jason e Calígula. As pernas do garoto sangravam, fruto das flechadas, mas Jason de alguma forma ainda conseguia empunhar a espada. O espaço era pequeno demais para dois homens a cavalo, mas eles andavam em círculos, um de frente para o outro, trocando golpes. Incitatus chutou Tempestade com as ferraduras douradas das patas da frente. O *ventus* reagiu com uma explosão de eletricidade que chamuscou os flancos brancos do corcel.

Enquanto o antigo pretor e o imperador lutavam, o olhar de Jason atravessou a sala do trono destruída e me encontrou. A expressão dele me revelou exatamente qual era seu plano. Como eu, ele tinha decidido que Piper McLean não morreria naquela noite. Por algum motivo, ele tinha decidido que eu também não.

Ele gritou de novo:

— FUJAM! Lembre!

Eu estava lento, atordoado. Jason sustentou meu olhar uma fração de segundo a mais, talvez para ter certeza de que a última palavra penetraria na minha mente: *lembre*, a promessa que ele extraiu de mim um milhão de anos antes, naquela manhã, no dormitório em Pasadena.

Calígula aproveitou o momento de distração e girou, arremessando a lança direto nas costas de Jason. Piper gritou. O corpo do rapaz se enrijeceu, os olhos azuis arregalados, perplexos.

Ele tombou para a frente e abraçou o pescoço de Tempestade. Seus

lábios se moveram enquanto ele sussurrava alguma coisa para seu cavalo.

Leve-o embora!, murmurei, sabendo que nenhum deus ouviria minha súplica. *Por favor, que Tempestade o leve para um lugar seguro!*

Jason caiu do cavalo. Bateu de cara no chão, a lança ainda nas costas, a gládio escapando da mão.

Incitatus trotou até o semideus caído. Flechas continuaram chovendo à nossa volta.

Calígula olhou para mim com a mesma expressão de desagrado de meu pai antes de anunciar uma de suas punições: *Olhe o que você me fez fazer.*

— Eu avisei — disse Calígula. Em seguida, olhou para os *pandai* acima de nós. — Apolo vive. Ele não oferece perigo. Mas matem a garota.

Piper deu um berro, tremendo de fúria, devastada. Entrei na frente dela e esperei a morte chegar, me perguntando onde a primeira flecha acertaria. Vi Calígula pegar a lança e enfiar de novo nas costas de Jason, destruindo qualquer chance que pudesse haver de nosso amigo ainda estar vivo.

Quando os *pandai* puxaram os arcos e miraram, o ar estalou com ozônio carregado. Os ventos rodopiaram à nossa volta. De repente, Piper e eu fomos arrancados do casco ardente do *Júlia Drusila XII* nas costas de Tempestade, o *ventus* executando as últimas ordens de Jason de nos levar para longe dali em segurança, mesmo contra a nossa vontade.

Eu chorei de desespero quando disparamos pela superfície do porto de Santa Bárbara, os sons das explosões ainda ressoando atrás de nós.

34

Um acidente de surfe
Apenas metáfora
Para “pior noite do ano”

PASSEI AS HORAS seguintes abandonado por minha própria mente.

Não me lembro de Tempestade ter nos deixado na praia, mas ele deve ter feito isso. Só tenho memórias de alguns momentos: Piper gritando comigo; Piper sentada perto da água, tremendo de tanto chorar; Piper agarrando nacos de areia molhada e os arremessando nas ondas. Ela chegou até a jogar longe a ambrosia e o néctar que tentei fazê-la comer.

Eu me lembro de andar bem devagar pela estreita faixa de areia, os pés descalços, a camisa gelada, molhada da água do mar. Aquele tampão de gosma cicatrizante latejava em meu peito, de vez em quando deixando vazar um pouco de sangue.

Não estávamos mais em Santa Bárbara. Não vi nenhum porto nem fila de superiates, só o mar escuro do Pacífico de um lado e, do outro, um penhasco sombreado. Uma escada de madeira subia em ziguezague, levando até uma casa iluminada lá no topo.

Meg McCaffrey se sentou ao lado de Piper. Espera — quando ela chegou? Meg estava encharcada e com as roupas rasgadas, o rosto e os braços parecendo uma zona de guerra, cheios de cortes e hematomas. Ela dividiu um pouco de ambrosia com a filha de Afrodite — parece que a *minha* ambrosia não era boa o suficiente. Clave estava parado ao longe, encolhido na base do penhasco, olhando para mim, ansioso, como se quisesse logo a primeira aula de música. O *pandos* devia ter feito o que pedi: deu um jeito de encontrar Meg, tirou a menina do mar e voou até onde estávamos… onde quer que fosse.

Minha memória mais clara é de Piper dizendo: *Ele não está morto.*

Ela começou a repetir isso sem parar assim que conseguiu reunir forças para falar, depois que o néctar e a ambrosia amenizaram o inchaço em sua boca. Mas ela ainda estava com cara péssima: o lábio superior precisava de pontos, e o machucado deixaria uma cicatriz; o maxilar, o queixo e o lábio inferior eram um único hematoma gigante cor de beringela. Tive a impressão de que a conta do dentista seria bem alta. Mas, mesmo assim, se forçou a falar, determinada:

— Ele não está morto.

Meg a segurou pelos ombros.

— Pode ser. Vamos descobrir. Você precisa descansar e melhorar.

Encarei minha jovem mestra, incrédulo.

— *Pode ser?* Meg, você não viu o que aconteceu! Ele… Jason… a lança…

Meg me olhou de cara feia. Ela não chegou a soltar um *cala a boca*, mas compreendi a ordem muito bem. Os anéis dourados cintilavam em suas mãos, e eu me perguntei como ela conseguira recuperá-los. Talvez, como tantas armas mágicas, as espadas voltassem sozinhas para o dono, depois de perdidas. Era *a cara* de Nero dar esses presentes grudentos para a enteada.

— Tempestade vai encontrar Jason — insistiu Meg. — A gente só precisa esperar.

Tempestade… certo. Depois que Piper e eu chegamos naquela praia, eu me lembro vagamente de ver a semideusa ameaçando o espírito, usando palavras emboladas e gestos confusos para mandá-lo de volta aos iates, em busca de Jason. Tempestade saiu em disparada pelo mar, parecendo uma tromba d'água eletrificada.

Observando o horizonte, eu tentava decidir se valia a pena nutrir esperanças.

As memórias do navio estavam voltando, as peças se unindo em um afresco ainda mais horrível do que qualquer coisa pintada nas paredes de Calígula.

O imperador tinha me avisado: *ele não estava brincando*. Era verdade, ele realmente não era como Cômodo. Por mais que amasse o teatro, Calígula nunca estragaria uma execução acrescentando efeitos especiais brilhantes, avestruzes, bolas de basquete, carros de corrida e música. Calígula não *fingia* matar; ele *matava*.

— Ele não está morto — repetiu Piper, concentrada naquele mantra, como se quisesse usar o charme em si mesma e em nós. — Ele já passou por tanta coisa; não vai morrer assim.

Eu queria acreditar.

Mas, para meu azar, já tinha testemunhado dezenas de milhares de mortes mortais. Poucas tinham significado. A maioria vinha em algum momento inapropriado, inesperado, sem dignidade nem sentido e pelo menos com um pouco de constrangimento. Os humanos que mereciam morrer viviam uma eternidade; e os que mereciam viver sempre iam cedo demais.

Um combate contra um imperador maligno para salvar os amigos: parecia uma morte bem plausível para um herói como Jason Grace. Ele tinha me *contado* o que ouvira da Sibila Eritreia. Se eu não tivesse pedido que ele fosse conosco…

Não fique se culpando por isso, interveio o Apolo Egoísta. *Foi escolha dele.*

Mas a missão era minha!, retrucou o Apolo Culpado. *Se não fosse por mim, Jason estaria seguro em seu quarto no alojamento, desenhando novos santuários para deidades obscuras! E Piper McLean estaria ilesa, passando*

tempo com o pai, se preparando para uma nova vida em Oklahoma.

O Apolo Egoísta não teve nada a dizer depois disso — ou, se teve, foi egoísta o bastante para guardar só para si.

Só me restava olhar o mar e esperar, torcendo para ver Jason Grace voltar cavalgando pela escuridão, vivo e bem.

Depois de um tempo, o cheiro de ozônio tomou o ar, e relâmpagos estalaram na superfície da água. Tempestade correu até a areia, trazendo no lombo uma forma escura sem vida que lembrava um alforje.

O cavalo do vento se ajoelhou e, com toda a delicadeza, depositou Jason na areia. Piper deu um berro e correu até ele, com Meg atrás. A pior parte foi a expressão momentânea de alívio no rosto delas, poucos segundos antes de toda e qualquer esperança ser destruída.

Jason estava com a pele cor de pergaminho pontilhada de gosma, areia e espuma. O mar tinha lavado o sangue, mas a camisa social do uniforme da escola ostentava uma mancha escura, angulosa como uma faixa presidencial. Flechas estavam fincadas nos braços e nas pernas, e a mão direita estava rígida, estendida, como se ele ainda estivesse nos mandando fugir. A expressão em seu rosto não parecia torturada nem assustada: ele parecia em paz, como se tivesse acabado de cair no sono depois de um dia difícil. Eu não queria acordá-lo.

Piper o sacudiu, aos prantos. Sua voz ecoou nos penhascos:

— JASON!

Meg fez uma careta. Então se sentou de volta na areia e olhou para mim.

— Conserta ele.

A força da ordem me fez avançar até Jason e me ajoelhar ao lado dele. Toquei sua testa fria, confirmando o óbvio.

— Meg, eu não tenho como consertar a morte. Queria ter esse poder.

— Sempre tem um jeito — retrucou Piper. — A cura do médico! Leo tomou!

Balancei a cabeça e tentei explicar, com toda a delicadeza possível:

— Leo estava com a cura pronta quando morreu. Ele passou por muitas dificuldades para conseguir os ingredientes, e mesmo assim precisou de Esculápio para fazer a poção. Não funcionaria nesse caso. Lamento muito, Piper. É tarde demais.

— Não. Não, os Cherokee sempre ensinaram… — Ela soltou um suspiro, trêmula, como se estivesse lutando para falar todas aquelas palavras. — Uma das histórias mais importantes… Logo que o homem começou a destruir a natureza, os animais decidiram que ele era uma ameaça. Todos prometeram lutar para acabar com aquilo, e cada animal escolheu um jeito diferente de matar os humanos. Mas as plantas… as plantas eram gentis e compreensivas, e elas prometeram

o *oposto*. Prometeram que cada uma encontraria um jeito de proteger as pessoas. Então existe pelo menos uma planta para cada cura, seja qual for a doença, o veneno ou o ferimento. *Alguma* planta tem a cura para o Jason. Você só precisa saber qual!

— Piper, essa é mesmo uma história muito sábia — falei. — Mas, mesmo se eu ainda fosse um deus, não poderia oferecer um remédio que trouxesse os mortos de volta à vida. Se isso existisse, Hades nunca permitiria que fosse usado.

— Então vamos para as Portas da Morte! Foi assim que *Medeia* voltou! Por que Jason não pode fazer o mesmo? Sempre tem um jeito de enganar o sistema, Apolo. Me ajude!

O charme dela me atingiu como uma onda, me afetando com a mesma intensidade de uma ordem de Meg, mas eu apenas continuei onde estava, admirando a expressão tranquila de Jason.

— Piper, você e Jason lutaram para *fechar* as Portas da Morte. Sabiam que não era certo deixar os mortos voltarem para o mundo dos vivos. Jason Grace era muitas coisas, mas não era trapaceiro. Acha mesmo que ele ia querer que você revirasse o céu, a terra e o Mundo Inferior para trazê-lo de volta?

Os olhos dela arderam de raiva.

— Você não liga porque é um deus. Vai voltar para o Olimpo assim que libertar seus Oráculos, não é? Então por que se importaria? Você está só usando a gente para conseguir o que quer, como todos os outros deuses.

— Ei — interveio Meg, com a voz ao mesmo tempo firme e gentil. — Isso não vai ajudar.

Piper pressionou a mão no peito de Jason.

— Por que ele morreu, Apolo? Por um par de *sapatos*?

Uma pontada de pânico quase fez o plugue de cera curativa que tapava a ferida em meu peito explodir. Eu tinha me esquecido completamente dos sapatos. Peguei a aljava nas costas e a virei de cabeça para baixo, espalhando todas as flechas na areia.

As sandálias de Calígula caíram no chão.

— Estão aqui. — Eu as peguei, as mãos trêmulas. — Pelo menos… pelo menos estamos com elas.

Piper soltou um soluço desesperado e acariciou o cabelo de Jason.

— Ah, que ótimo! Pode ir ver seu oráculo agora. O oráculo que fez Jason MORRER!

De algum ponto mais atrás, os gritos de um homem ecoam:

— Piper?!

Tempestade fugiu, se desfazendo em vento e chuva.

Tristan McLean desceu a escada e se aproximou, usando uma calça de flanela quadriculada e uma camiseta branca.

Claro. Tempestade tinha nos levado para a casa dos McLean, em

Malibu. De alguma forma, ele sabia para onde ir. Tristan deve ter ouvido os gritos da filha e foi ver o que estava acontecendo.

Ele correu até nós, os chinelos quase saindo dos pés, a calça espalhando areia a cada passada, a camisa balançando ao vento. O cabelo escuro e desgrenhado caía nos olhos, mas não escondia a expressão alarmada.

— Piper, o que aconteceu? Eu estava no terraço e…

Ele congelou, vendo primeiro o rosto ferido da filha, depois o garoto caído na areia.

— Ah, não, não... — Ele correu até Piper. — O que… Como…? Quem…?

Depois de ter certeza de que Piper não corria perigo, ele se ajoelhou ao lado de Jason e tentou sentir alguma pulsação no pescoço. Então levou o ouvido à boca de Jason, para ouvir a respiração. Claro que não encontrou nada.

Ele nos encarou, consternado. Teve que olhar uma segunda vez para Clave, agachado ali perto, as enormes orelhas brancas espalhadas na areia.

Quase senti a Névoa girando em volta de Tristan, que tentava decifrar o que estava vendo, organizar tudo num contexto que seu cérebro mortal conseguisse entender.

— Foi um acidente de surfe? — arriscou. — Ah, Piper, você *sabe* como essas rochas são perigosas! Por que você não veio *falar comigo*…? Como…? Não importa, não importa.

Com as mãos trêmulas, ele tirou o celular do bolso do pijama e ligou para a emergência.

O celular chiou e apitou.

— Meu celular não está… Eu… eu não estou entendendo...

Piper caiu no choro, apertando o rosto no peito do pai.

Naquele momento, Tristan McLean poderia ter desmoronado de vez. Sua carreira tinha sido destruída; ele tinha perdido tudo pelo que trabalhara em toda a vida. E ainda encontrara a filha ferida junto do ex-namorado morto na praia de sua propriedade. Com certeza aquilo era suficiente para fazer evaporar a sanidade de uma pessoa. Calígula teria mais um motivo para celebrar a boa noite de sadismo.

No entanto, mais uma vez, a resiliência humana me surpreendeu. Tristan McLean pareceu determinado, totalmente concentrado no presente. Devia ter percebido que a filha precisava dele, que não era hora de desabar e de se desesperar. Ele tinha um último papel importante para interpretar: o papel de pai.

— Vai ficar tudo bem, meu amor — disse Tristan, aninhando a cabeça da filha. — Vai ficar tudo bem. A gente… a gente vai dar um jeito. A gente vai sobreviver a mais essa.

Ele se virou e apontou para Clave, ainda agachado perto do

penhasco.

— Você.

O *pandos* sibilou para ele, como um gato.

O sr. McLean piscou, a mente apagando tudo aquilo na marra.

Então ele apontou para mim.

— Você. Leve os outros lá para casa. Eu vou ficar aqui com Piper. Use o telefone fixo na cozinha e ligue para a emergência. Diga… — Ele olhou para o corpo de Jason. — Diga para virem imediatamente.

Piper ergueu o rosto para me encarar, os olhos inchados e vermelhos.

— Apolo, não volte mais. Não volte, ouviu bem? Só… só vá embora.

— Piper... — argumentou o pai. — Não é…

— NÃO VOLTE NUNCA MAIS! — gritou ela.

Subimos a escada bamba, e eu não sabia o que me afetava mais: o corpo exausto ou a pancada de dor e culpa se espalhando por meu peito. O choro de Piper, ecoando nos penhascos escuros, me acompanhou por todo o caminho até a casa.

35

Não cometa esse meu erro
Nenhum dos pandai
Pode ter ukulele

AS COISAS APENAS foram de mal a pior.

Nem Meg nem eu conseguimos fazer o telefone da cozinha funcionar; a maldição que afetava o uso das comunicações por semideuses impediu que conseguíssemos sinal.

No desespero, pedi para Clave tentar. Com ele, o telefone funcionou perfeitamente, o que interpretei como uma afronta pessoal.

Mandei que ligasse para o número do atendimento de emergências da região, o 9-1-1, mas Clave não conseguia. Depois de muitas falhas, percebi que ele estava usando as letras do teclado e tentando ligar para I-X-I-I. Ensinei a forma correta e finalmente conseguimos falar com alguém.

— Pode ajudar, sim — respondeu ele, para o atendente. — Tem um humano morto na praia. Ele precisa de ajuda… O endereço?

— Oro del Mar, doze — respondi.

Clave repassou a informação.

— Correto... Quem sou eu!? — Ele desligou na cara do atendente, rosnando.

Pareceu um bom momento para irmos embora.

Claro que a desgraça vem sempre acompanhada: o Chevette de Gleeson Hedge ainda estava estacionado na frente da casa dos McLean. Por falta de opção, fui obrigado a dirigir até Palm Springs. Ainda me sentia péssimo, mas a cola mágica de Medeia em meu peito parecia estar curando o ferimento bem lenta e dolorosamente, como um exército de demônios minúsculos munidos de grampeadores correndo para cima e para baixo na minha caixa torácica.

Meg foi no banco do carona, empesteando o carro com cheiro de suor defumado, roupas molhadas e maçãs queimadas. Clave ficou atrás, dedilhando em meu ukulele de combate, embora eu ainda não tivesse lhe ensinado nenhum acorde. Como eu já imaginava, o instrumento era pequeno demais para suas mãos de oito dedos. Cada vez que Clave tocava uma combinação ruim de notas (ou seja, sempre que tocava qualquer coisa), ele rosnava para o instrumento, como se desse para intimidar o coitado do ukulele até fazê-lo cooperar.

Eu ainda estava atordoado. Quanto mais nos afastávamos de Malibu, mais eu tentava me convencer do mantra que não parava de repetir: *Não. Isso não pode ter acontecido. Tudo isso foi um pesadelo. Eu*

não vi Jason Grace morrer. Não deixei Piper McLean chorando naquela praia. Eu jamais permitiria que uma coisa dessas acontecesse. Eu sou um deus do bem!

Mas não conseguia acreditar em mim mesmo.

Na verdade, eu de fato merecia estar dirigindo um Chevette amarelo no meio da noite, junto com uma garota mal-humorada e maltrapilha e um *pandos* obcecado por ukuleles.

E eu nem sabia por que estávamos voltando para Palm Springs. De que adiantaria? Sim, Grover e nossos outros amigos nos esperavam lá, mas levávamos apenas notícias trágicas e um par de sandálias velhas. Nosso verdadeiro propósito, a entrada do Labirinto de Fogo, ficava no centro de Los Angeles. Era para lá que deveríamos ir, para libertar a Sibila de sua prisão. Só assim poderíamos garantir que a morte de Jason não tinha sido em vão.

Ah, mas quem eu queria enganar? Eu não estava em condições de fazer nada, e Meg não estava muito melhor. Meu único objetivo era chegar a Palm Springs sem dormir ao volante, para finalmente poder me encolher num cantinho no fundo da Cisterna e chorar até cair no sono.

Meg apoiou os pés no painel. A armação dos óculos de gatinho tinha rachado bem no meio, mas ela continuava usando mesmo assim.

— Ela só precisa de um tempo — comentou. — Agora ela está muito irritada.

Num primeiro momento achei que Meg estivesse falando de si mesma na terceira pessoa. Ah, era tudo de que eu precisava! Então percebi que ela se referia a Piper McLean — do jeito dela, Meg estava tentando me consolar. Ah, aquele dia não parava de trazer surpresas e maravilhas aterradoras.

— Eu sei — respondi.

— Você tentou se matar.

— Eu… eu achei que isso… distrairia Medeia. Foi um erro. Foi tudo culpa minha.

— Que nada. Eu entendo.

Meg McCaffrey sentia compaixão por mim? Tive que me segurar para não cair no choro.

— Jason também fez uma escolha — continuou ela. — Assim como você. Os heróis têm que estar sempre prontos para fazer sacrifícios.

Fiquei meio incomodado, e não só porque Meg tinha conseguido falar tanta coisa de uma vez só. Não gostei da definição dela de heroísmo. Sempre pensei em um herói como alguém que ocupava a posição de destaque do carro alegórico durante um desfile, acenava para a plateia, jogava doces para as crianças e curtia a adulação das pessoas comuns. Mas se *sacrificar*? Não. Definitivamente não constava como requisito no anúncio de recrutamento de heróis.

Além disso, Meg parecia estar *me* chamando de herói, me colocando na mesma categoria de Jason Grace. Aquilo não pareceu certo. Eu era muito melhor como deus do que como herói. Aquilo que eu disse a Piper sobre a finalidade da morte era verdade: Jason não voltaria. Se eu morresse aqui na Terra, também não teria uma segunda chance. E eu nunca conseguiria encarar aquilo com a mesma tranquilidade de Jason. Enfiei aquela flecha no peito *esperando* que Medeia me curasse, só para ela poder me esfolar vivo alguns minutos depois. Eu era mesmo um covarde.

Meg cutucou um calo na palma da mão.

— Você estava certo. Sobre Calígula. E Nero. Sobre meus motivos para estar com tanta raiva.

Ela franzia a testa, concentrada. Meg tinha dito os nomes dos imperadores com um distanciamento estranho, como se examinasse amostras de vírus mortais expostas em um cofre de vidro.

— E como você está se sentindo agora? — perguntei.

Meg deu de ombros.

— Igual. Diferente. Não sei. Sabe quando se corta uma planta pela raiz? É assim que eu me sinto. É difícil.

Aquelas explicações confusas fizeram sentido para mim, o que não era um bom sinal para a minha sanidade. Lembrei-me de Delos, a ilha onde minha irmã e eu nascemos, um pedaço de terra que flutuava no mar, sem raízes, até minha mãe, Leto, ir para lá.

Eu achava difícil imaginar o mundo antes da minha existência, pensar em Delos como um lugar à deriva. Meu lar literalmente criou raízes por causa da minha existência. Eu nunca tive dúvidas de quem eu era, de quem eram meus pais, ou de onde eu tinha vindo.

A Delos de Meg nunca fincara raízes, estava sempre à deriva. Como eu podia culpá-la por toda aquela raiva?

— Sua família é bem antiga — comentei. — Você deveria ter muito orgulho da sua herança, de ser uma descendente de Plemneu. Seu pai estava fazendo um trabalho importante em Aeithales. As nascidas do sangue, as esposas de prata… Calígula morre de medo daquelas sementes que você plantou, o que quer que sejam.

O rosto de Meg tinha tantos machucados que era difícil dizer se ela estava ou não franzindo a testa.

— E se eu não conseguir fazer aquelas sementes crescerem?

Não arrisquei uma resposta; não suportava nem pensar em mais algum fracasso naquela noite.

Clave enfiou a cabeça entre os bancos da frente.

— Me mostra agora aquele trítono de dó menor dissonante?

* * *

Nosso retorno a Palm Springs não foi nada feliz.

Só de ver nosso estado, as dríades que estavam de plantão souberam que trazíamos más notícias. Eram duas da madrugada, mas elas reuniram todas as plantas da área na Cisterna, além de Grover, o treinador Hedge, Mellie e o bebê Chuck.

Josué olhou com desprezo para Clave.

— Por que você trouxe essa criatura para o nosso meio?

— O mais importante é saber onde estão Piper e Jason — interveio Grover.

Ele me encarou, e de repente toda aquela compostura desabou como um castelo de cartas.

— Ah, não... Não.

Contamos nossa história — ou melhor, eu contei; Meg só ficou sentada na beira do lago, encarando a água com uma expressão desolada. Clave se enfiou em um dos nichos e enrolou as orelhas em volta do corpo como um cobertor, aninhando meu ukulele com o mesmo cuidado com que Mellie aninhava o bebê Chuck.

Minha voz falhou várias vezes enquanto eu descrevia a batalha final de Jason. Foi ali que a morte dele finalmente se tornou real para mim, e perdi qualquer esperança de acordar daquele pesadelo.

Esperei que o treinador Hedge explodisse, que começasse a bater em tudo e em todos com aquele bastão, mas ele me surpreendeu tanto quanto Tristan McLean, mais cedo. O sátiro ficou imóvel e calmo, a voz tão controlada que me deu raiva.

— Eu era o protetor do garoto — comentou. — Eu devia ter estado lá.

Grover tentou consolá-lo, mas Hedge apenas ergueu a mão para impedi-lo.

— Não. Não faça isso. — Ele olhou para Mellie. — Piper vai precisar da gente.

A ninfa das nuvens secou uma lágrima.

— Sim. Claro.

Aloe Vera apertou as mãos no peito.

— Será que é melhor eu ir junto? Talvez eu possa ajudar de algum jeito. — Ela me olhou com desconfiança. — Vocês *tentaram* passar aloe vera no garoto?

— Infelizmente, ele morreu de verdade — respondi. — Nem mesmo os poderes da aloe poderiam ajudar.

Ela não pareceu convencida, mas Mellie apertou seu ombro.

— Você é necessária aqui, Aloe. Cure Apolo e Meg. Gleeson, pegue a bolsa de fraldas, eu encontro você no carro.

Ela saiu flutuando da Cisterna, levando o filho nos braços.

Hedge estalou os dedos para mim.

— Cadê as chaves do Chevette?

Joguei o chaveiro para ele.

— Por favor, não faça nada precipitado. Calígula é... Você não pode...

Hesitei diante do olhar frio de Hedge.

— Tenho que cuidar da Piper; essa é minha prioridade — disse ele. — As atitudes precipitadas eu deixo para outras pessoas.

A voz dele saiu com um tom amargo e acusatório. Vindo do treinador Hedge, aquilo me parecia bem injusto, mas não tive coragem de protestar.

Depois que a família Hedge foi embora, Aloe Vera cuidou de Meg e de mim, passando gosma em nossos ferimentos. Ela soltou um muxoxo de reprovação ao ver o plugue vermelho em meu peito e o substituiu por um pedaço verde de seu lindo cabelo.

As outras dríades pareciam não saber o que fazer ou dizer; só ficaram paradas ali pelo lago, pensando e esperando. Por serem plantas, talvez ficassem bem à vontade com longos silêncios.

Grover Underwood se sentou ao lado de Meg e dedilhou a flauta.

— Perder um semideus... — Ele balançou a cabeça. — Essa é a pior coisa que pode acontecer a um protetor. Anos atrás, quando achei que tinha perdido Thalia Grace... — Ele parou de falar e desmoronou com o peso do desespero. — Ah, Thalia. Quando ela souber disso...

Eu achava que não poderia me sentir pior, mas aquilo cravou ainda mais lâminas no meu peito. Thalia Grace tinha salvado minha vida em Indianápolis, e a fúria dela em combate só rivalizava com o carinho que sentia pelo irmão. Senti que *eu* deveria dar a notícia a ela. Por outro lado, não queria estar na mesma cidade que Thalia quando ela ficasse sabendo o que aconteceu.

Olhei para meus amigos, todos muito desanimados, e me lembrei das palavras da Sibila, em meu sonho: *A empreitada talvez não pareça valer a pena. E não tenho certeza de que valha. Mas você tem que vir. Precisa manter todos unidos, mesmo sob a dor do luto.* Agora, eu entendia, mesmo preferindo não entender. Como eu podia unir e liderar uma Cisterna inteira de dríades espinhosas quando não tinha forças nem para *me* obrigar a fazer qualquer coisa?

Mesmo assim, ergui o par de cáligas velhas que tínhamos roubado no iate dos sapatos.

— Pelo menos temos isto. Jason deu a vida para podermos ter a chance de impedir os planos de Calígula. Amanhã, vou calçar estas sandálias e entrar no Labirinto de Fogo. Vou dar um jeito de libertar o oráculo e acabar com os incêndios de Hélio.

Achei que foi um bom discurso motivacional, todo elaborado para recobrar a confiança e tranquilizar meus amigos. Deixei de fora a parte sobre não ter a menor ideia de como fazer nenhuma daquelas coisas.

Figo-da-índia se empertigou, em movimentos intensos e deliberados.

— Você não está em condições de fazer nada disso. Além do mais, Calígula deve saber o que você está planejando, e vai estar esperando. Dessa vez ele vai estar preparado.

— É verdade — interveio Clave, de seu cantinho.

As dríades fizeram cara feia.

— O que esse cara está fazendo aqui? — perguntou Cholla.

— Veio fazer aulas de música — expliquei.

Claro que isso me rendeu vários olhares confusos.

— É uma longa história. Mas Clave arriscou a vida por nós, lá nos iates do imperador. Ele salvou Meg. Podemos confiar nele. — Torci para estar certo. — Clave, você sabe de alguma coisa que possa nos ajudar?

O *pandos* franziu o nariz peludo branco (o que não foi muito fofo nem me deu vontade de fazer carinho nele, ao contrário do que vocês devem estar imaginando).

— Não use a entrada principal do centro da cidade. Vão estar esperando.

— Mas nós conseguimos passar *por você* — comentou Meg.

As bordas das orelhas gigantescas de Clave enrubesceram, e ele murmurou:

— Aquilo foi diferente. Meu tio me colocou lá de castigo. Era o turno do almoço. *Ninguém* ataca na hora do almoço. — Ele olhou de cara feia para mim, como se eu devesse saber disso. — Agora eles devem ter deixado mais guerreiros a postos na porta. E mais armadilhas. Até o cavalo pode estar lá. Ele é muito rápido, consegue chegar bem depressa. Basta uma ligação.

Eu me lembrei de como Incitatus chegara rápido lá na Maluquice Militar do Macro e de como ele lutou a bordo do navio. Não estava nem um pouco ansioso para encontrá-lo de novo.

— Tem alguma outra entrada? — perguntei. — Qualquer coisa menos perigosa e mais convenientemente próxima da sala do oráculo?

Clave abraçou seu ukulele — ou melhor, *meu* ukulele — com mais força.

— Tem uma. Só eu conheço. Os outros não sabem que existe.

Grover inclinou a cabeça, desconfiado.

— Preciso dizer que isso parece um pouco conveniente *demais*.

O *pandos* fez uma careta amargurada.

— Eu gosto de explorar, o que mais ninguém gosta. O tio Acorde… Ele sempre dizia que eu sou muito distraído. Mas quem explora descobre coisas.

Taí uma verdade incontestável. Sempre que eu explorava, descobria coisas perigosas que queriam me matar. E duvidava muito que o dia

seguinte no Labirinto seria diferente.

— E você pode nos levar até essa entrada secreta? — perguntei.

Clave assentiu.

— Aí vocês vão ter uma chance. Assim talvez consigam entrar escondidos e chegar ao oráculo antes de serem descobertos pelos guardas. Daí, depois que você sair, pode me dar aulas de música.

As dríades me encararam, praticamente revirando os olhos. Aquilo não ajudou em nada. *Ei, não podemos lhe dizer como morrer*, pareciam dizer. *A escolha é sua.*

Meg decidiu por mim.

— Nós vamos. Grover, quer vir junto?

O sátiro suspirou.

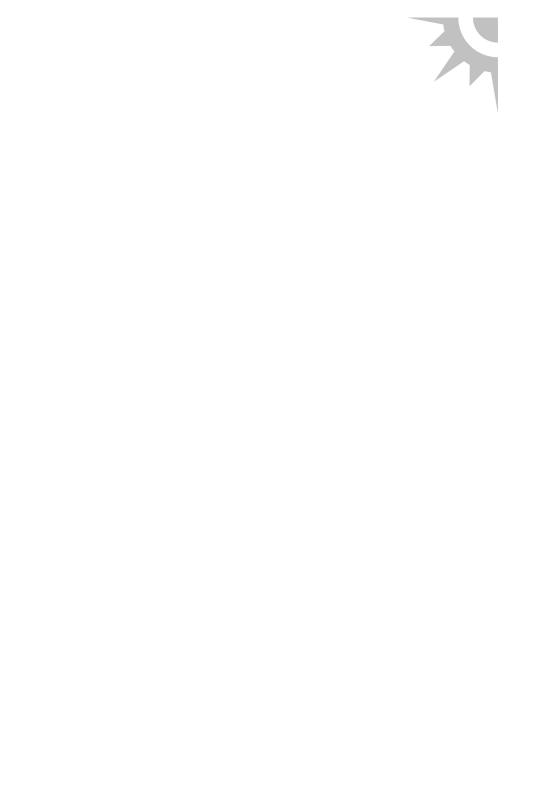
— Claro. Mas primeiro vocês precisam dormir.

— E se curar — acrescentou Aloe.

— E que tal umas enchiladas? — pedi. — Quem sabe no café da manhã?

Isso foi um consenso.

Então, com a promessa de enchiladas pela frente (além de uma ida provavelmente fatal ao Labirinto de Fogo), eu me aninhei no saco de dormir e apaguei.

36

Fá suspenso: um acorde
Tocado antes
De um ataque repentino…

ACORDEI COBERTO DE gosma e com espinhos de aloe (isso nunca ia acabar) nas narinas.

Pelo menos minhas costelas não pareciam mais depósitos de lava. A ferida em meu peito havia sarado, restando apenas uma cicatriz para contar a história. Nunca em minha longa vida eu tive uma cicatriz. Queria considerá-la uma espécie de medalha de honra, mas temia que, sempre que olhasse para ela, eu me lembrasse da pior noite da minha vida.

Eu tinha dormido profundamente, sem sonhar. Aquela aloe vera era das boas.

O sol ardia no céu. A Cisterna estava vazia, exceto por mim e Clave, que estava roncando em seu nicho, aninhando o ukulele como se fosse um ursinho de pelúcia. Alguém, provavelmente horas atrás, tinha deixado um prato de enchiladas e um copo de refrigerante ao lado do meu saco de dormir. A comida estava morna; o gelo na bebida tinha derretido, mas eu não estava nem aí: comi e bebi com avidez. Fiquei agradecido pela existência de molho picante, que afastou do meu nariz a lembrança do cheiro de iates em chamas.

Depois que tirei a gosma do corpo e me lavei no laguinho, coloquei roupas limpas adquiridas na Macro, uniformes camuflados na cor branco-ártico, porque obviamente havia demanda para esse tipo de coisa no Deserto de Mojave.

Pendurei a aljava e o arco no ombro. Amarrei os sapatos de Calígula no cinto. Pensei em pegar o ukulele de Clave, mas decidi que ele seria o responsável pelo instrumento a partir daquele momento, porque eu não queria levar uma mordida na mão.

Finalmente, subi a rampa da Cisterna, assolado pelo calor opressivo de Palm Springs.

De acordo com o ângulo do sol, era em torno de três da tarde. Eu me perguntei por que Meg me deixou dormir tanto. Olhei para a encosta e não vi ninguém. Cheguei a imaginar (com uma pontada de culpa) que Meg e Grover não conseguiram me acordar e decidiram ir sozinhos até o Labirinto.

Droga!, eu diria quando eles voltassem. *Foi mal, pessoal! Eu queria tanto ter ido com vocês!*

Mas não. As sandálias de Calígula estavam comigo. Eles não teriam

partido sem elas. Nem sem Clave, porque ele era o único que conhecia a entrada supersecreta do labirinto.

Captei um vislumbre de movimento: duas sombras se movendo atrás da estufa mais próxima. Cheguei mais perto e ouvi vozes: Meg e Josué.

Eu não sabia se era melhor deixá-los a sós ou ir até lá e gritar: *Meg, agora não é hora de flertar com o namoradinho planta!*

Mas então percebi que eles conversavam sobre clima e épocas de cultivo. Nossa, muito interessante mesmo. Eu os encontrei observando uma fileira de sete plantinhas que tinham surgido no solo pedregoso… no exato lugar onde, no dia anterior, Meg tinha plantado suas sementes.

Josué me viu na mesma hora, um sinal claro de que minha camuflagem ártica estava funcionando.

— É. Ele está vivo — anunciou, não muito empolgado com a constatação. — Estávamos aqui examinando os recém-chegados.

Cada mudinha tinha uns noventa centímetros, com galhos brancos e folhas verdes bem clarinhas que pareciam delicadas demais para o calor do deserto.

— São freixos — falei, atordoado.

Freixos eram velhos conhecidos meus… Bom, mais do que a maioria das árvores, pelo menos. Muito tempo antes, eu já fora chamado de *Apollo Meliai*, Apolo dos Freixos, por causa de um bosque sagrado que eu tinha em… Ih, onde era mesmo? Na época eu tinha tantas propriedades que nunca conseguia me lembrar de todas.

Minha mente começou a rodopiar. A palavra *meliai* me lembrava alguma outra coisa além de *freixo*. Tinha um significado especial. Apesar de terem sido plantadas em condições hostis, aquelas jovens plantas irradiavam uma força e uma energia que até eu conseguia sentir. Elas germinaram durante a noite e cresceram, cheias de saúde. Eu me perguntei como estariam no dia seguinte.

Meliai… Eu busquei a palavra em minhas recordações. Lembrei-me das palavras de Calígula: *Nascidas do sangue. Esposas de prata.*

Meg franziu a testa. Sua aparência estava bem melhor — usava suas boas e velhas roupas coloridas de sinal de trânsito, que foram milagrosamente costuradas e lavadas. (Provavelmente obra das dríades, que eram ótimas com tecidos.) Os óculos de gatinho tinham sido remendados com fita isolante azul. As cicatrizes nos braços e no rosto tinham se tornado marcas brancas claras, como rastros de meteoro pelo céu.

— Não estou entendendo nada — disse ela. — Freixos não crescem no deserto. Por que meu pai estava fazendo experimentos com eles?

— As Melíades — falei.

Os olhos de Josué cintilaram.

— Pensei o mesmo.

— Quem? — perguntou Meg.

— Acho que seu pai estava fazendo mais do que apenas pesquisar uma variação nova e mais resistente de planta — expliquei. — Ele estava tentando recriar… ou melhor, *reencarnar* uma antiga espécie de dríade.

Eu estava imaginando coisas, ou as plantinhas tremeram quando falei aquilo? Minha vontade era me virar e sair correndo, mas me contive. Eram só mudas, eu lembrei a mim mesmo, lindas e inofensivas plantas bebês que não tinham intenção nenhuma de me assassinar.

Josué se ajoelhou. Com aquela roupa cáqui e o cabelo verde-acinzentado desgrenhado, ele parecia um especialista em vida selvagem prestes a mostrar uma espécie mortal de escorpião em um programa na televisão, mas ele só tocou nos galhos da muda mais próxima e afastou a mão na mesma hora.

— Será? — refletiu ele. — Elas ainda não estão conscientes, mas o poder que sinto…

Meg cruzou os braços e fez beicinho.

— Bom, eu não teria plantado essas sementes aqui se soubesse que eram freixos importantes, blá-blá-blá. Ninguém me *contou*.

Josué abriu um sorrisinho seco para ela.

— Meg McCaffrey, se elas *forem* as Melíades, vão sobreviver mesmo neste clima de deserto. Elas foram as primeiras dríades, sete irmãs nascidas quando Urano foi assassinado e seu sangue caiu no solo de Gaia. Surgiram junto com as Fúrias, a partir da mesma força gigantesca.

Estremeci. Eu não gostava das Fúrias. Elas eram feias, mal-humoradas e tinham um péssimo gosto musical.

— As nascidas do sangue — falei. — Foi assim que Calígula as chamou. De *esposas de prata*, também.

— Humm. — Josué assentiu. — De acordo com a lenda, as Melíades se casaram com humanos que viveram durante a Idade da Prata e geraram os homens da Idade do Bronze. Mas todos cometemos erros.

Observei as mudas. Elas não pareciam ser as mães da humanidade da Idade do Bronze. Também não se pareciam com as Fúrias.

— Reencarnar seres tão poderosos seria *possível*? — refleti. — Mesmo para um botânico talentoso como o dr. McCaffrey, com a benção de Deméter?

Josué deu de ombros, pensativo.

— E quem vai dizer que não? Parece que a família de Plemneu passou milênios trabalhando para isso. Ninguém seria mais adequado. O dr. McCaffrey aperfeiçoou as sementes. A filha dele as plantou.

Meg ficou vermelha.

— Não sei. Sei lá. Parece estranho.

Josué observou os jovens freixos.

— Vamos ter que esperar para ver. Mas imaginem sete dríades primordiais, seres de grande poder, dedicados à preservação da natureza e à destruição de qualquer um que a ameace. — A expressão dele ganhou ares inesperadamente belicosos para uma planta que gerava flores. — Para Calígula, isso certamente representaria um grande perigo.

Perigo grande o suficiente para que ele botasse fogo na casa de um botânico e o mandasse junto com a filha direto para os braços de Nero? Provavelmente.

Josué se levantou.

— Bem, eu preciso dormir. Mesmo para mim, as horas do dia são puxadas. Vamos ficar de olho nas nossas novas amigas. Boa sorte na sua missão! — disse ele, e então se transformou em uma nuvem de fibras vegetais.

Meg parecia desnorteada, talvez porque eu tivesse interrompido sua conversa/flerte com Josué sobre zonas climáticas.

— Freixos — resmungou ela. — E eu os plantei no deserto.

— Você os plantou onde eles precisavam estar — falei. — Se forem mesmo as Melíades — balancei a cabeça, ainda perplexo com aquela possibilidade —, elas vão responder a *você*, Meg. Você trouxe de volta uma força vital que está ausente há milênios. Isso é impressionante.

— Está debochando de mim? — perguntou ela.

— Não — garanti. — Você é filha da sua mãe, Meg McCaffrey. É uma menina impressionante.

— Humpf.

Eu entendia o ceticismo dela.

Deméter raramente era descrita como *impressionante*. Na maioria das vezes, ela era ridicularizada por não ser uma deusa muito interessante ou poderosa. Como as plantas, Deméter trabalhava lenta e silenciosamente. Suas ações se desenvolviam ao longo dos séculos e, quando davam frutos (péssimo trocadilho, me perdoem), eram extraordinárias. Como Meg McCaffrey.

— Vai lá acordar o Clave — ordenou ela. — Encontro você na estrada. Grover vai arrumar um carro para a gente.

* * *

O sátiro era quase tão bom quanto Piper McLean para obter veículos de luxo. Ele apareceu com um Mercedes XLS vermelho. Em outras circunstâncias, eu não teria reclamado, mas o carro era igual ao que Meg e eu usamos para ir de Indianápolis até a Caverna de Trofônio.

Eu adoraria dizer que não acreditava em maus presságios, mas, como eu era o deus dos presságios…

Pelo menos Grover aceitou dirigir. A direção dos ventos tinha mudado, agora eles rumavam ao sul, assolando o vale Morongo com fumaça de incêndios e com congestionamentos ainda mais intensos do que o habitual. No céu vespertino acima, o sol parecia mais um olho macabro.

Eu temia que o astro-rei mantivesse essa hostilidade pelo restante da eternidade se Calígula se tornasse o novo deus solar… mas não, aquela não era hora de pensar nisso.

Eu não gostava nem de pensar no tanto de modificações horríveis que ele faria na carruagem do Sol se passasse a conduzi-la: alto-falantes enormes, iluminação inferior de néon, película fosca, uma buzina que tocava o refrão de "Apettite for Destruction". Havia limite para tudo.

Eu me sentei no banco de trás com Clave e tentei ensinar a ele os acordes básicos do ukulele. Ele aprendia rápido, apesar do tamanho das mãos, mas ficou sem paciência para os acordes básicos e quis treinar combinações mais exóticas.

— Me mostre o fá suspenso de novo — disse ele. — Gostei dele.

É claro que ele ia gostar dos acordes mais imprevisíveis.

— Temos que comprar um violão maior para você — insisti mais uma vez. — Ou até um alaúde.

— Você toca ukulele — insistiu ele. — Eu vou tocar ukulele também.

Por que eu sempre atraía companhias teimosas? Era minha personalidade cativante e relaxada? Vai saber.

Quando Clave se concentrava para tocar o ukulele, por algum motivo sua expressão me lembrava a de Meg: um rosto tão jovem, mas tão atento e sério, como se o destino da humanidade dependesse daquele acorde específico sendo tocado com perfeição, daquele pacote de sementes específico sendo cultivado, daquele saco de frutas podres específico sendo jogado na cara de um trombadinha específico.

Eu não sabia bem por que essa semelhança me fazia gostar de Clave, mas fiquei pensando em tudo que ele tinha perdido desde o dia anterior — o trabalho, o tio, por pouco a vida — e em tudo que ele arriscara ao vir conosco.

— Acho que não cheguei a me desculpar... pelo que aconteceu com seu tio Acorde — falei.

Clave cheirou as cordas do ukulele.

— Se desculpar pelo quê?

— Hã… É só que, você sabe, a gente diz isso quando… mata os parentes de alguém.

— Eu nunca gostei dele, na verdade — confessou Clave. — Minha

mãe que me mandou procurá-lo, disse que ele me tornaria um *verdadeiro* guerreiro *pandos*. — Ele dedilhou as cordas e tirou uma sétima diminuta sem querer. Pareceu satisfeito. — Só que eu não quero ser um guerreiro. O que você faz da vida?

— Eu… hã… sou o deus da música.

— Então é isso que eu vou ser. Um deus da música.

Meg olhou para trás e abriu um sorrisinho.

Dei um tapinha encorajador no ombro de Clave, torcendo para que ele não decidisse me esfolar vivo e consumir minha essência. Já tinha bastante gente na fila para fazer isso.

— Bom, vamos dominar esses acordes primeiro, que tal?

Nós seguimos para o norte, passando por San Bernardino e Pasadena. Observei a colina onde ficava a escola de Jason e me perguntei o que o corpo docente faria quando descobrisse que um de seus alunos tinha desaparecido e que a van da escola fora furtada e abandonada na costa de Santa Bárbara. Pensei na maquete da Colina dos Templos de Jason, nos desenhos em seu caderno. Achava muito improvável que eu sobrevivesse para cumprir minha promessa de levar os desenhos dos novos templos aos acampamentos. A ideia de fracassar mais uma vez machucou meu coração ainda mais do que a tentativa de Clave de tocar um sol bemol maior.

A certa altura, Clave indicou que deveríamos rumar ao sul pela Rodovia 5. Pegamos a estrada Crystal Springs e entramos no parque Griffith, com suas ruas sinuosas, campos de golfe e bosques de eucalipto.

— Mais à frente — disse Clave. — Segunda à direita. Subindo aquela colina.

Ele nos guiou até uma ruazinha de cascalho que não tinha sido feita para um Mercedes XLS.

— Fica lá em cima. — Clave apontou para o bosque. — Temos que ir andando.

Grover parou ao lado de um arbusto de yucca, que até onde eu sabia era amiga dele. Havia uma plaquinha em que se lia ANTIGO ZOOLÓGICO DE LOS ANGELES.

— Eu conheço este lugar. — O cavanhaque de Grover tremeu. — Eu odeio este lugar. Por que você nos trouxe até aqui?

— Já falei, ué — disse Clave. — Entrada do Labirinto.

— Mas… — Grover engoliu em seco, tentando conciliar sua aversão natural a lugares que enjaulavam animais e seu desejo de destruir o Labirinto de Fogo. — Ok. Vamos lá.

Meg parecia mais tranquila, na medida do possível. Ela inspirou o ar fresco (para os padrões de Los Angeles) e até deu algumas estrelas hesitantes enquanto subíamos pela trilha.

Chegamos ao topo da encosta e observamos as ruínas do zoológico

que se estendiam abaixo de nós: caminhos cobertos de mato, muros de cimento caindo aos pedaços, jaulas enferrujadas e cavernas artificiais cheias de destroços.

Grover se encolheu, tremendo apesar do calor.

— Os humanos abandonaram este lugar décadas atrás, quando construíram o zoológico novo. Ainda dá para sentir a dor e a tristeza dos animais que ficavam presos aqui. É horrível.

— Aqui embaixo!

Clave abriu as orelhas e desceu pairando até as ruínas, pousando em uma gruta profunda.

Como não tínhamos orelhas que serviam de asas, tivemos que descer pelo caminho irregular. Alguns minutos depois, nos juntamos a Clave no fundo de um pequeno vale sujo de cimento e coberto de folhas secas e lixo.

— Uma jaula de urso? — Grover ficou pálido. — Ai. Que dó dos ursos.

Clave encostou as mãos de oito dedos na parede dos fundos da jaula. Ele fez uma careta.

— Isso não está certo. Devia estar aqui.

Meu ânimo foi parar no fundo do poço.

— Você está dizendo que sua entrada secreta sumiu?

Clave rosnou de frustração.

— Eu não devia ter falado deste lugar para o Pentagrama. Acorde deve ter ouvido nossa conversa e fechou a entrada.

Fiquei tentado a observar que *nunca* era boa ideia compartilhar seus segredos com alguém chamado Pentagrama, mas não queria deixar Clave mais irritado do que ele já estava.

— E agora? — perguntou Meg. — Usamos a entrada do centro?

— É muito perigoso — disse Clave. — *Tem que haver* um jeito de abrir isso!

Grover estava tão inquieto que me perguntei se um esquilo tinha entrado na calça dele. O sátiro parecia louco para sair daquele lugar o mais rápido possível, mas só suspirou e perguntou:

— O que a profecia dizia sobre seu guia com patas?

— Que só você sabia o caminho — respondi. — Mas você já nos levou até Palm Springs, então sua contribuição pode ter acabado por aí.

Com relutância, Grover pegou a flauta.

— Acho que ainda posso contribuir mais.

— Uma música de abertura? — perguntei. — Como Hedge fez na loja de Macro?

Grover assentiu.

— Eu não faço isso há um tempo. Na última vez, abri uma passagem do Central Park para o Mundo Inferior.

— Só nos leve para o Labirinto — pedi. — Nada de Mundo Inferior, por favor.

Ele pegou a flauta e tocou “Tom Sawyer”, do Rush. Clave pareceu hipnotizado. Meg cobriu os ouvidos.

A parede de cimento tremeu, rachando ao meio e revelando uma escadaria rudimentar e íngreme em direção à escuridão.

— Perfeito — resmungou Grover. — Zoológicos e passagens subterrâneas: meus lugares preferidos no mundo.

Meg conjurou as espadas e entrou. Depois de respirar fundo, Grover foi atrás.

Eu me virei para Clave.

— Você vem com a gente?

Ele fez que não.

— Já falei. Não sou guerreiro. Vou vigiar a saída e treinar alguns acordes.

— Mas eu posso precisar do uku…

— Vou treinar alguns acordes — insistiu ele, e começou a dedilhar um fá suspenso.

Segui meus amigos, a melodia do ukulele ainda soando atrás de mim — era exatamente o tipo de música de fundo que precedia um confronto dramático e arrepiante.

Às vezes eu odeio fás suspensos.

37

Vamos jogar? É bem fácil
Tente adivinhar
Senão vai morrer queimado

AQUELA PARTE DO labirinto não tinha elevadores, nem servidores públicos, nem placas nos lembrando de buzinar antes de virar na próxima esquina.

Descemos a escada e encontramos um poço vertical. Grover, com suas patas de bode acostumadas a escalar montanhas, não teve dificuldade alguma para chegar lá embaixo. Depois que ele nos assegurou de que não havia monstros ou ursos à nossa espera, Meg fez com que uma glicínia densa crescesse na lateral do poço, o que nos forneceu alguns apoios bem cheirosos.

Nós então nos deparamos com uma pequena câmara quadrada de onde irradiavam quatro túneis, um de cada parede. O ar estava quente e seco, como se os incêndios de Hélio houvessem passado por ali recentemente. Eu estava encharcado de suor. Na minha aljava, os cabos das flechas estalavam, e as penas sibilavam.

Desolado, Grover espiou o pouquinho de luz do sol que passava pela entrada do poço.

— Nós vamos voltar lá para cima — prometi a ele.

— Eu só estava me perguntando se Piper recebeu minha mensagem.

— Que mensagem? — perguntou Meg.

— Eu esbarrei com uma ninfa das nuvens quando fui pegar o Mercedes — disse ele, como se fosse muito normal esbarrar com ninfas das nuvens ao pegar carros emprestados. — Pedi que ela entregasse uma mensagem a Mellie, para contar o que íamos fazer… Supondo, é claro, que a ninfa chegasse lá em segurança.

Não compreendi por que Grover só mencionara isso naquele momento.

— Você queria que a Piper encontrasse a gente aqui?

— Não exatamente… — A expressão dele dizia *sim, por favor, deuses, a gente precisa da ajuda dela.* — Eu só achei que ela devia saber o que estamos fazendo, para o caso de… — A expressão dele dizia *para o caso de entrarmos em combustão e nunca mais ouvirem falar da gente.*

Não gostei da expressão de Grover.

— Hora dos sapatos — disse Meg.

Notei que ela olhava para mim.

— Que foi?
— Os sapatos.
Ela apontou para as sandálias penduradas no meu cinto.
— Ah, é. — Eu as peguei. — Será que, hã, algum de vocês quer experimentar essas belezinhas?
— Tô fora — disse Meg.
Grover estremeceu.
— Eu já passei por maus bocados com calçados encantados.
Não me empolgava muito a perspectiva de usar as sandálias de um imperador do mal — temia que me transformassem em um psicopata sedento de poder. Além do mais, elas não combinavam com minha camuflagem ártica. Mesmo assim, me sentei no chão e amarrei as cáligas, vislumbrando a infinidade de coisas que o Império Romano poderia ter conquistado se tivesse conhecido as tiras de velcro.
Eu me levantei e tentei dar alguns passos. As sandálias machucaram meus tornozelos e beliscaram meus calcanhares, mas pelo menos não me senti mais sociopata do que o habitual. Com sorte eu não tinha sido infectado com Caligulite.
— Certo — falei. — Sapatos, nos levem até a Sibila Eritreia.
Os sapatos não fizeram nada. Mexi um dedão para um lado, depois para outro, porque vai que eles precisavam de uma forcinha? Verifiquei as solas para ver se havia botões ou algum compartimento para pilhas. Nada.
— O que a gente faz agora? — perguntei, para ninguém em particular.
A câmara se iluminou com uma luz dourada leve, como se alguém tivesse acendido um dimmer.
— Pessoal.
Grover apontou para os nossos pés. No piso áspero de cimento, surgiu um quadrado de um metro e meio com contorno dourado. Se fosse um alçapão, nós todos teríamos caído. Quadrados idênticos apareceram em cada um dos corredores, como em um jogo de tabuleiro. Cada caminho era de um tamanho diferente. Um continha apenas três quadrados. Outro, cinco. O terceiro, sete. E o último, seis.
Na parede à minha direita, uma inscrição dourada apareceu em grego antigo: *Matador de Píton, da lira dourada, armado com flechas de terror.*
— O que está acontecendo? — perguntou Meg. — O que tem escrito aí?
— Você não sabe ler grego antigo? — perguntei.
— E você não sabe a diferença entre um morango e um inhame — retrucou ela. — E aí? O que está escrito?
Traduzi a frase.
Grover coçou o cavanhaque.

— Esse não é o Apolo? Quer dizer, você. Quando você era… um deus.

Tentei não levar para o pessoal.

— Claro que é o Apolo. Quer dizer, sou eu.

— Então o Labirinto está… dando boas-vindas a você? — perguntou Meg.

Até que eu tinha gostado. Sempre quis uma assistente virtual ativada por voz no meu palácio no Olimpo, mas Hefesto teve uns probleminhas para desenvolver a tecnologia. Na única vez que tentou, deu à assistente o nome *Sirialexastrophona*. Ela só atendia quando seu nome era pronunciado com perfeição, e ainda por cima não acertava um pedido meu. Eu dizia: *Sirialexastrophona, envie uma flecha com uma peste para destruir Corinto, por favor.* E ela respondia: *Acho que você disse:* Não tem um homem que preste e você quer um lindo amor.

Eu achava bem improvável que houvessem instalado uma assistente virtual no Labirinto de Fogo, e, se fosse o caso, ela só serviria para me dizer a que temperatura eu gostaria de ser cozido.

— É um enigma de palavras — concluí. — Um acróstico ou uma cruzadinha. A Sibila está tentando nos guiar até ela.

Meg franziu a testa, observando os quatro corredores à nossa frente.

— Se ela está realmente tentando ajudar, por que não facilita as coisas para o nosso lado e nos diz logo a direção certa?

— É assim que Herófila opera — expliquei. — É a única forma que pode nos ajudar. Acredito que temos que, hã, preencher os quadradinhos com a resposta correta.

Grover coçou a cabeça, confuso.

— Alguém tem uma caneta dourada gigante? Bem que Percy podia estar aqui.

— Acho que não vamos precisar dele — falei. — Nós só precisamos andar na direção certa e escrever meu nome. *Apolo*, cinco letras. Só um desses corredores tem cinco espaços.

— Você está contando o espaço onde estamos? — perguntou Meg.

— Hã, não. Vamos supor que esse seja o *início* — falei, mas eu já não tinha mais tanta certeza da resposta.

— E se a resposta for *Lester*? — cogitou ela. — Aí vão ser seis espaços.

A ideia fez minha garganta coçar.

— Você pode parar de fazer perguntas boas? Eu já tinha solucionado tudo!

— Será que a resposta é em grego? — acrescentou Grover. — A pergunta está em grego. Quantos espaços seu nome teria, assim?

Outra observação irritantemente lógica. Meu nome em grego era Απολλων.

— Aí seriam sete espaços — concluí. — Mesmo se for transcrito, é Apollon.

— Que tal perguntar à Flecha de Dodona? — sugeriu Grover.

A cicatriz no meu peito formigou como uma tomada elétrica defeituosa.

— Isso deve ser contra as regras.

Meg fez um ruído debochado.

— Você só não quer falar com a flecha. Não custa nada tentar.

Se eu me recusasse, ela provavelmente ordenaria que eu pegasse a flecha, então fiz logo isso.

AFASTA-TE, PATIFE!, zumbiu ela, furiosa. *NUNCA MAIS TU VAIS ME ENFIAR NO TEU DESPREZÍVEL PEITO! NEM NOS OLHOS DOS TEUS INIMIGOS!*

— Relaxa, flecha — pedi. — Só preciso de um conselho.

É O QUE DIZES AGORA, PORÉM, AVISO-TE LOGO… A flecha ficou completamente imóvel. *ENTRETANTO, DE FATO. O QUE VEJO DIANTE DE MEUS OLHOS É UM ENIGMA COM PALAVRAS CRUZADAS? SOU VERDADEIRAMENTE ENCANTADA POR PALAVRAS CRUZADAS.*

— Ah, que alegria. Ah, que felicidade. — Eu me virei para os meus amigos. — A flecha ama palavras cruzadas.

Expliquei o problema para a flecha, que quis porque quis olhar melhor os quadrados no chão e a dica escrita na parede. Olhar melhor… Com que olhos, gente? É um mistério.

A flecha zumbiu, pensativa. *AVALIO QUE A RESPOSTA DEVE SER NA LÍNGUA COMUM. SERIA MELHOR TU USARES O NOME COM O QUAL ESTÁS MAIS FAMILIARIZADO NOS DIAS ATUAIS.*

— Ela diz… — Eu suspirei. — Ela diz que a resposta vai ser na nossa língua. Espero que esteja se referindo à língua moderna, e não essa versão estranha e shakespeariana que ela fala…

TAL DIALETO NÃO É ESTRANHO!, protestou a flecha.

— Porque não dá para escrever ali *Apolônio é a decifração incontestável.*

OH, HA-HA. UM GRACEJO TÃO FRACO QUANTO TEUS MÚSCULOS.

— Obrigado por jogar. — Guardei a flecha. — É isso, amigos: o túnel com cinco quadrados. *Apolo*. Vamos?

— E se a gente escolher errado? — perguntou Grover.

— Bom — falei —, talvez as sandálias mágicas ajudem. Ou talvez elas só nos permitam participar do jogo. Mas, se desviarmos do caminho certo, apesar dos esforços da Sibila para nos ajudar, talvez nos deparemos com a fúria do Labirinto…

— E aí a gente morre queimado — disse Meg.

— Amo jogos — disse Grover. — Vai na frente.

— A resposta é *Apolo*! — gritei, só para deixar registrado.

Assim que pisei no quadrado seguinte, uma letra *A* grande apareceu embaixo dos meus pés.

Interpretei isso como um bom sinal. Dei outro passo, e um *P* apareceu. Meus dois amigos me seguiram.

Finalmente, saímos do quinto quadrado em uma câmara idêntica à anterior. Olhamos para trás e vimos que a palavra *APOLO* cintilava atrás da gente. À nossa frente, mais três corredores com fileiras douradas de quadrados se abriam: esquerda, direita e adiante.

— Tem outra pista. — Meg apontou para a parede. — Por que essa está na nossa língua?

— Não sei — falei, e li em voz alta as palavras iluminadas. — "*Jano, arauto de novas entradas, primeiro do suave ano, e cada lado.*"

— Ah, aquele cara. O deus romano das portas. — Grover estremeceu. — Já me encontrei com ele. — O sátiro olhou ao redor com desconfiança. — Espero que não apareça aqui. Ele adoraria este lugar.

Meg passou os dedos pelas linhas douradas.

— Meio fácil, não? O nome dele está bem na pista. Quatro letras, J-A-N-O, então só pode ser por ali. — Ela apontou para o corredor da esquerda, que era o único com quatro espaços.

Olhei para a pista e para os quadrados. Algo mais incômodo que o calor percorria meu corpo, mas eu ainda não sabia o que era.

— *Jano* não é a resposta — concluí. — Acho que temos que preencher as lacunas, não acham? *E cada lado* o quê?

— Encara — respondeu Grover. — Cada lado... Dois lados... Duas caras. Jano tinha duas caras, e não quero ver nenhuma delas de novo.

— A resposta correta é *encara*! — anunciei para o corredor vazio.

Não obtive resposta, mas, quando seguimos pelo corredor da direita, a palavra *ENCARA* apareceu. Felizmente, não fomos fritados vivos por fogo titã.

Na câmara seguinte, novos corredores se estendiam novamente em três direções. Daquela vez, a pista iluminada na parede estava novamente em grego antigo.

Senti um calafrio quando li a frase.

— Eu conheço isso! É de um poema de Baquílides — traduzi para meus amigos. — *Mas o deus mais alto, poderoso com seu raio, enviou Hipnos e seu gêmeo do nevado Olimpo para o guerreiro destemido Sarpedão.*

Meg e Grover me olharam, intrigados. Francamente: então só porque eu estava usando os sapatos de Calígula, eu tinha que fazer *tudo*?

— Tem alguma coisa diferente nesse verso — falei. — Eu me lembro da cena. Sarpedão morre. Zeus ordena que retirem o corpo

dele do campo de batalhas. Mas as palavras…

— Hipnos é o deus do sono — disse Grover. — No chalé dele fazem um leite com biscoitos *excelente*. Mas quem é o gêmeo dele?

Meu coração deu um salto.

— É isso que está diferente. No verso atual, não diz *gêmeo*. Diz o nome do gêmeo: Tânatos. Ou seja, *Morte*.

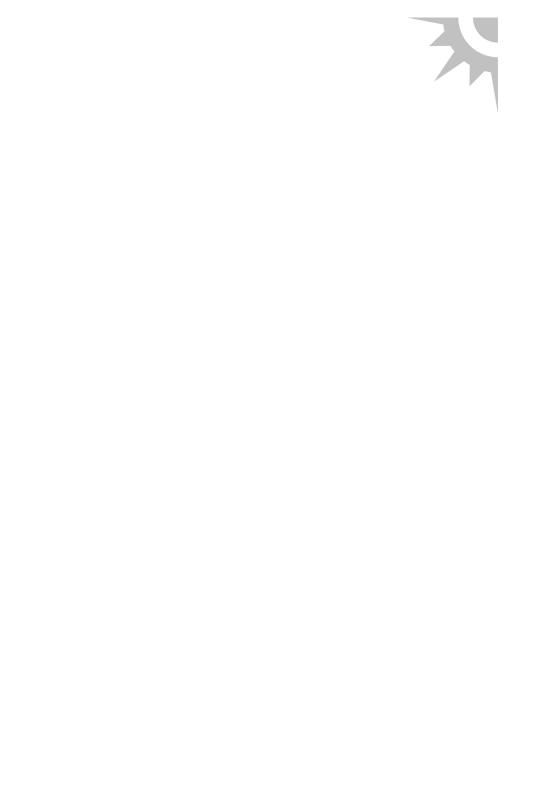
Observei os três túneis. Nenhum com sete quadradinhos, para Tânatos. Um tinha dez, um tinha quatro e um tinha cinco, o espaço certinho para caber MORTE.

— Ah, não…

Eu me apoiei na parede mais próxima. Parecia que um dos espinhos de Aloe Vera estava escorregando lentamente pelas minhas costas.

— Por que a cara de pânico? — perguntou Meg. — Você está indo superbem.

— Porque, Meg — falei —, nós não estamos apenas resolvendo enigmas aleatórios. Estamos montando uma profecia que é um enigma de palavras. E até agora ela diz *APOLO ENCARA MORTE*.

38

Vou cantar para mim mesmo!
Esse Apolo é mesmo
Muito, muito genial

EU ODIAVA ESTAR certo.

Quando chegamos ao fim do túnel, a palavra *MORTE* cintilava nos ladrilhos do chão. Entramos em uma câmara circular maior, com cinco novos túneis se abrindo diante de nós, como dedos gigantes e autômatos.

Fiquei esperando uma nova pista aparecer na parede. Não importava o que fosse, eu só torcia desesperadamente para que a resposta fosse *SÓ QUE NÃO*. Ou *E GANHA FÁCIL!*

— Por que nada acontece? — perguntou Grover.

— Escutem — disse Meg.

Eu só ouvia meu próprio coração batendo acelerado, mas depois de um tempo consegui escutar o que Meg estava indicando: um grito distante de dor, um chamado grave e gutural, mais animalesco que humano. Estava acompanhado por um som de estalar de fogo, como se… *Ah, deuses*. Como se alguém ou algo tivesse se queimado com o calor de um titã e estivesse morrendo bem lentamente.

— Parece um monstro — concluiu Grover. — Será que a gente ajuda?

— Como? — perguntou Meg.

A pergunta fazia sentido. O barulho ecoou, tão difuso que não dava para saber de que corredor vinha — seria difícil chegar lá, mesmo se tivéssemos a liberdade de escolher o caminho sem precisar resolver enigmas.

— Temos que seguir em frente — decidi. — Medeia deve ter colocado alguns monstros de guarda por aqui. Deve ser um deles. Duvido que ela se incomode se alguns deles caírem no fogo de vez em quando.

Grover fez careta.

— Não parece certo deixar alguém sofrendo.

— E tem mais: e se um desses monstros disparar uma chama na gente? — acrescentou Meg.

Olhei para minha jovem mestra.

— Hoje você só quer saber de fazer perguntas sombrias. Precisamos ter fé.

— Na Sibila? Ou nesses sapatos do mal?

Eu não tinha resposta para isso. Mas fui salvo pelo gongo — ou

melhor, pela aparição tardia da dica seguinte: três linhas douradas em latim.

Grover pareceu animado:

— Ah, latim! Esperem, essa eu consigo decifrar. — Ele estreitou os olhos para as palavras, mas depois de um tempo soltou um suspiro, desanimado. — Não consigo, não.

— Ora, francamente. Nem grego nem latim? — perguntei. — O que vocês aprendem na escola dos sátiros?

— Coisas importantes, sabe como é. Coisas sobre plantas, por exemplo.

— *Obrigada* — murmurou Meg.

Traduzi a dica para meus amigos menos esclarecidos:

Sobre a fuga do rei contarei.
Foi do povo romano o último rei
um homem injusto, mas pujante na guerra.

— Ah, acho que é uma citação de Ovídio — expliquei.

Nenhum dos meus companheiros pareceu impressionado.

— Então, qual é a resposta? — perguntou Meg. — O último imperador romano?

— Não, não era um imperador — respondi. — Nos primeiros dias de Roma, a cidade era governada por reis. Depois que o último deles, o sétimo, foi deposto, a república foi instaurada.

Tentei me lembrar do Reino de Roma. Foi um período meio confuso para mim. Naquela época, nós, os deuses, ainda ficávamos na Grécia, e Roma era só um fim de mundo distante. Mas o último rei… Ele trazia memórias ruins.

Meg interrompeu meus pensamentos.

— O que é *pujante*?

— Quer dizer poderoso — expliquei.

— Não parece. Se alguém me chamasse de *pujante*, eu ia acabar com a raça dele!

— Mas você é mesmo *pujante* na guerra.

Ela me bateu.

— Ai.

— Gente, e qual é o nome do último rei de Roma? — interveio Grover.

Pensei um pouco.

— Pera. É Ta…. Olha, está na ponta da língua, mas eu não consigo lembrar. Ta-alguma coisa.

— Taco? — sugeriu Grover, querendo ajudar.

— Por que um rei de Roma se chamaria Taco?

— Sei lá. — Ele passou a mão na barriga. — Estou com fome.

Ah, maldito sátiro! Depois disso eu só ia conseguir pensar em tacos. Passados alguns instantes, a resposta me ocorreu.

— Tarquínio! Ou Tarquinius, no latim original.

— Bem, e qual dos dois vamos usar? — indagou Meg.

Examinei os corredores. O túnel da extrema esquerda, o polegar da mão autômata, tinha dez espaços, o suficiente para *Tarquinius*. O túnel do meio tinha nove, o suficiente para *Tarquínio*.

— É aquele — decidi, apontando para o túnel do meio.

— Como você pode ter certeza? — perguntou Grover. — Só porque a flecha falou que as respostas estariam na nossa língua?

— Isso. E também porque esses túneis parecem os cinco dedos de uma mão. Acho que faz todo o sentido o Labirinto mostrar o dedo do meio para mim. — Ergui a voz. — Não é mesmo? A resposta é *Tarquínio*, o dedo do meio? Também te amo, Labirinto!

Seguimos pelo corredor do meio, e o nome *TARQUÍNIO* foi aparecendo em dourado no chão. O corredor nos levou até uma câmara quadrada, o maior espaço que tínhamos encontrado até o momento. As paredes e o piso eram cobertos de mosaicos romanos desbotados que pareciam originais — se bem que eu tinha quase certeza de que os romanos nunca colonizaram nenhuma parte da área metropolitana de Los Angeles.

O ar ali parecia mais seco e abafado, e o chão estava quente o bastante para que eu sentisse o calor através das solas das sandálias. Mas tinha um ponto positivo: só havia três novos túneis para escolher, em vez de cinco.

Grover farejou no ar.

— Não gostei dessa câmara. Tem cheiro de… alguma coisa monstruosa.

Meg pegou as espadas.

— E vem de que direção?

— Hã… todas?

— Olhem só! — chamei, tentando parecer animado. — Outra pista.

Fomos até a parede de mosaicos mais próxima, onde duas linhas douradas reluziam nos azulejos.

Folhas, folhas-corporais, crescendo acima de mim, acima da morte
Raízes perenes, longas folhas — Ah, o inverno não as congelará, folhas delicadas

Talvez meu cérebro ainda estivesse preso no modo latim-grego, porque aqueles versos não significaram nada para mim — mesmo estando na nossa língua.

— Gostei — comentou Meg. — É sobre folhas.

— É, um monte de folhas — concordei. — Mas não faz o menor

sentido.

Grover engasgou, chocado.

— Como assim, *não faz sentido?* Você não reconheceu?

— Hã... deveria?

— Você é *o deus da poesia*!

Senti que estava corando.

— Eu *era* o deus da poesia, mas isso não quer dizer que eu seja uma enciclopédia ambulante de todo e qualquer verso obscuro já escrito…

— *Obscuro?* — exclamou Grover, numa voz aguda e irritante que ecoou pelos corredores. — É do Walt Whitman! De *Folhas de relva*! Não lembro qual o poema exatamente, mas…

— Então você lê poesia? — interrompeu Meg.

Grover umedeceu os lábios.

— Ah, sabe como é… Nesse caso é poesia sobre a natureza. Para um humano, Whitman sabia dizer umas coisas lindas sobre as árvores.

— E as folhas — acrescentou Meg. — E as raízes.

— Isso aí.

Tive vontade de explicar direitinho para eles como Walt Whitman era superestimado. Ele ficava cantando sozinho, em vez de elogiar os outros — como *eu*, por exemplo. Acabei decidindo que a crítica podia esperar.

— Então você sabe a resposta? — perguntei a Grover. — É de preencher as lacunas? É questão de múltipla escolha? Ou de dizer se é verdadeiro ou falso?

Grover analisou os versos.

— Acho… É. Tem alguma coisa faltando no começo. Se não me engano começa com "Folhas-tumulares, folhas-corporais".

— Folhas de tumba? — perguntou Meg. — Isso não faz sentido. Se bem que "folhas de corpo" também não faz. A não ser que ele esteja falando de uma dríade.

— São metáforas — expliquei. — Ele claramente está usando recursos poéticos para descrever um lugar que foi assolado pela morte, intocado pelos humanos, e a vegetação acabou crescendo…

— Ah, então agora você é especialista em Walt Whitman? — provocou Grover.

— Ah, sátiro, não venha me provocar. Quando eu voltar a ser deus…

— Parem com isso, vocês dois — ordenou Meg. — Apolo, diga a resposta.

— Ok. — Soltei um suspiro. — Labirinto, a resposta é *tumba*.

Mais uma vez, conseguimos avançar tranquilamente pelo dedo do meio — quer dizer, pelo corredor central. A palavra *TUMBA* brilhava nos cinco quadrados atrás de nós.

Chegamos a uma câmara circular ainda maior e mais decorada que

a anterior. O teto abobadado exibia um mosaico azul e prateado com os signos do zodíaco. Bem no meio ficava um chafariz antigo, mas, infelizmente, seco. (Seria ótimo beber alguma coisa. Interpretar poesia e resolver enigmas dava uma baita sede.)

— As câmaras estão cada vez maiores e mais elaboradas — comentou Grover.

— Talvez isso seja bom — respondi. — Talvez seja um sinal de que estamos chegando.

Meg examinou as imagens do zodíaco.

— Tem certeza de que não viramos no corredor errado? Essa profecia que estamos escrevendo não está mais fazendo sentido. *Apolo encara morte tumba Tarquínio*.

— Acho que temos que incluir as palavras menores e colocar as palavras numa ordem que faça mais sentido — expliquei. — A mensagem deve ser *Apolo encara a morte na tumba de Tarquínio*. — Engoli em seco. — Na verdade, não gostei nada dessa mensagem. Talvez as palavrinhas faltando sejam *Apolo NÃO encara a morte; a tumba de Tarquínio*… alguma coisa. Talvez as próximas palavras sejam *guarda um fabuloso prêmio.*

— Aham.

Meg apontou para a borda do chafariz, onde a pista seguinte tinha aparecido. Eram três versos:

Batizada em homenagem ao amor caído de Apolo, essa flor deve ser plantada no outono
Coloque o bulbo na terra com a ponta fina para cima. Cubra com terra
E regue bem… se estiver transplantando uma muda.

Tive que segurar um soluço.

Primeiro o labirinto me obriga a ler Walt Whitman, depois me provoca com meu passado? Ficam falando do meu falecido amor, Jacinto, reduzindo sua morte trágica a um trecho de enigma de oráculo… Não! Aquilo era demais para mim.

Eu me sentei na beirada do chafariz e enfiei o rosto nas mãos.

— O que foi? — perguntou Grover, nervoso.

Meg respondeu por mim:

— Esses versos falam sobre um antigo namorado dele, aquele com nome de planta... Narciso?

— *Jacinto* — corrigi.

Eu me levantei, a tristeza se transformando em raiva. Meus amigos se afastaram um pouco, talvez se perguntando se eu tinha enlouquecido de vez. Para ser bem sincero, eu estava mesmo louco de ódio.

— Herófila! — gritei, para o escuro. — Achei que fôssemos amigos!

— Hã, Apolo... — chamou Meg. — Acho que ela não está fazendo isso para provocar você. A resposta é sobre a flor *jacinto*, não seu ex. Tenho quase certeza de que esse trecho é do *Almanaque do fazendeiro*...

— Pode ser até da lista telefônica que eu não ligo! Chega! *JACINTO!* — gritei para os corredores. — A resposta é *JACINTO*! Pronto! Está feliz?

Meg gritou:

— NÃO!

Em retrospecto, ela deveria ter gritado *Apolo, pare!*, e eu não teria escolha além de obedecer à sua ordem. Considerando isso, tudo o que aconteceu depois é culpa de Meg.

Segui pelo corredor com sete quadrados.

Grover e Meg saíram correndo atrás de mim, mas, quando finalmente me alcançam, já era tarde demais.

Olhei para trás, esperando ver a palavra *JACINTO* escrita no chão. Mas só seis quadradinhos estavam iluminados, num tom vermelho de caneta de correção:

E
X
C
E
T
O

O piso do túnel desapareceu sob nossos pés, e caímos em um poço de fogo.

39

Vou protegê-lo das chamas
Nobre sacrifício
Uau, como eu sou legal!

EM OUTRAS CIRCUNSTÂNCIAS, eu teria ficado muito satisfeito ao ver a palavra *EXCETO*.

Apolo encara a morte na tumba de Tarquínio, exceto…

Ah, que preposição maravilhosa! Indicava que havia uma forma de evitar aquela morte em potencial, e eu era *completamente a favor* de evitar qualquer morte em potencial.

Só que, para minha infelicidade, cair em um poço de fogo sufocou minha esperança recém-adquirida.

Parei no meio da queda, antes mesmo de conseguir entender o que estava acontecendo. A tira da aljava apertava meu peito, e o pé esquerdo parecia prestes a se soltar do tornozelo.

Estava pendurado junto à parede e, uns seis metros abaixo, havia um rio de fogo. Meg estava agarrada ao meu pé, desesperada, e, logo acima, Grover me segurava pela aljava com uma das mãos enquanto se apoiava em uma pequena protuberância na pedra com a outra. Ele tirou os sapatos e tentou usar os cascos para se apoiar na parede.

— Muito bem, ó, bravo sátiro! — gritei. — Agora nos puxe pra cima!

Grover arregalou os olhos, com o rosto molhado de suor, e soltou um gemido meio mal-humorado, que parecia indicar que ele não tinha forças para puxar os três para fora do poço.

Se eu sobrevivesse e voltasse a ser deus, teria uma conversa muito séria com o Conselho dos Anciãos de Casco Fendido sobre as aulas de educação física na escola de sátiros.

Cravei as unhas na parede, torcendo para encontrar uma fresta ou um botão que liberasse a saída de emergência. Não achei nada.

Logo abaixo de mim, Meg gritou:

— É SÉRIO ISSO, Apolo? É para regar bem os jacintos, EXCETO se estiver transplantando uma muda!

— Como eu ia saber? — protestei.

— Você CRIOU os jacintos!

Argh, aquela lógica mortal. Criar uma coisa não significa compreendê-la. Se fosse o caso, Prometeu saberia tudo sobre os humanos — e eu garanto que não é o caso. Só porque eu criei os jacintos significa que tenho a obrigação de saber como plantá-los e regá-los?

— Me ajudem! — gritou Grover.

Seus cascos deslizaram pelas pequenas protuberâncias da parede. Seus dedos tremiam, assim como os braços, como se estivessem sustentando o peso de duas pessoas — o que não deixava de ser verdade.

O calor que vinha lá de baixo era tão intenso que estava difícil raciocinar. Quem já ficou muito perto de uma churrasqueira ou teve que abrir um forno bem quente para ver se a comida estava no ponto pode imaginar a sensação — só que multiplicada por cem. Meus olhos e minha boca se ressecaram. Se respirasse aquele ar escaldante mais um pouco, eu talvez desmaiasse.

O rio de fogo abaixo parecia serpentear por uma superfície de pedra. A queda em si não seria fatal, bastava dar um jeito de apagar aquele fogo…

Foi quando tive uma ideia — uma bem ruim; a culpa era do meu cérebro, já em ebulição. Aquelas chamas eram controladas pela essência de Hélio, então, se uma pequena parte da consciência dele ainda existisse… Bem, na teoria, eu poderia me comunicar com o titã. Talvez, se tocasse no fogo, eu poderia convencê-lo de que não éramos inimigos e de que ele deveria nos deixar viver. Provavelmente eu só teria três nanossegundos para isso, antes de morrer em agonia. Além do mais, se eu caísse, meus amigos talvez tivessem a chance de sair. Afinal, eu era o mais pesado do grupo, graças à crueldade de Zeus e à sua maldição dos pneuzinhos.

É. Péssima, péssima ideia. Eu nunca teria nem coragem de tentar se não fosse a memória de Jason Grace e do que ele tinha feito para me salvar.

— Meg, você consegue se segurar na parede? — perguntei.

— E eu lá tenho cara de Homem-Aranha?

Pouquíssimas pessoas ficam tão bem de roupa de lycra quanto o Homem-Aranha, e Meg não era uma delas.

— Use suas espadas! — gritei.

Meg usou apenas uma das mãos para se segurar ao meu tornozelo e conjurou uma espada com a outra, golpeando a parede uma, duas vezes. A lâmina curva não facilitava o trabalho. No terceiro golpe, a ponta afundou na pedra, e Meg se agarrou ao cabo, soltando meu tornozelo e se sustentando acima das chamas só com uma das espadas.

— Pronto! E agora?

— Fique aí!

— Ah, isso eu consigo!

— Grover! Pode me largar agora, mas não se preocupe. Eu tenho um…

Grover me largou.

Olha, francamente, que tipo de protetor joga uma pessoa no fogo só

porque a pessoa disse que tudo bem ser jogada no fogo? Eu tinha imaginado que teríamos uma longa discussão, em que eu precisaria garantir que tinha mesmo um plano para sair ileso e salvar a todos nós. Esperava que, no mínimo, Grover e Meg fossem protestar (bem, talvez não Meg), pedindo para que eu não me sacrificasse por eles, alegando que eu não tinha como sobreviver às chamas, esse tipo de coisa. Mas não, nada disso: o sátiro me largou sem a menor cerimônia.

Pelo menos não tive tempo de reconsiderar minha decisão.

Eu não podia me dar ao luxo de sofrer com dúvidas tipo *E se não der certo? E se eu não conseguir sobreviver ao fogo solar, que já foi tão natural para mim? E se essa profecia tão fofa, que ainda estamos desvendando, sobre eu morrer na tumba de Tarquínio, NÃO for um indicativo de que não vou morrer antes, agora mesmo, neste Labirinto de Fogo horrível?*

Eu não me lembro do momento em que cheguei ao chão.

Minha alma pareceu sair do corpo, e eu me vi milhares de anos no passado, na primeira manhã em que me tornei deus do Sol.

Hélio tinha sumido da noite para o dia. Eu não sabia dizer qual das orações feitas a mim finalmente alterara o equilíbrio das divindades, banindo o velho titã para o esquecimento enquanto me promovia ao posto dele, mas ali estava eu, no Palácio do Sol.

Ansioso e apavorado, eu abri as portas da sala do trono. O ar queimava. As luzes me cegaram.

O enorme trono dourado de Hélio estava vazio, a capa dele ainda dobrada no apoio de braço. O elmo, o chicote e os sapatos dourados estavam na plataforma, prontos para serem usados. Mas o titã tinha simplesmente desaparecido.

Eu sou um deus, disse a mim mesmo. *Vou dar conta.*

Andei até o trono, me forçando a não entrar em combustão. Nunca iam me deixar em paz se eu saísse do palácio correndo e gritando com a toga em chamas logo no primeiro dia de trabalho.

O fogo à minha frente foi recuando aos poucos. Com pura força de vontade, eu aumentei de tamanho até conseguir vestir o elmo e a capa de meu predecessor.

Mas não quis me sentar no trono, não naquele primeiro momento. Eu ainda tinha um importante trabalho a fazer, e pouquíssimo tempo para resolver tudo.

Olhei para o chicote. Alguns treinadores dizem que não se pode ser amistoso com um novo grupo de cavalos, que os bichos acabam achando que você é fraco. Mesmo assim, decidi deixar o açoite de lado: não queria ganhar a fama de rigoroso.

Entrei no estábulo, e a beleza da carruagem do Sol me deixou com lágrimas nos olhos. Os quatro cavalos do Sol já estavam preparados, os cascos dourados polidos, as crinas de fogo ondulando, os olhos

como lingotes derretidos.

Os cavalos me encararam, receosos. *Quem é você?*

— Eu sou Apolo — anunciei, tentando soar confiante. — E nós vamos ter um dia ótimo!

Pulei para a carruagem, e partimos.

Preciso admitir que o começo foi complicado — era muita coisa para aprender, mais do que eu conseguia absorver num dia só. Eu talvez tenha, sem querer, dado algumas piruetas pelo céu. Talvez tenha derretido algumas geleiras e criado novos desertos até descobrir a altitude ideal para o trajeto. Mas, já no fim do dia, eu me sentia completamente confortável naquela carruagem. Os cavalos tinham se submetido à minha vontade, à *minha* personalidade. E eu era Apolo, o deus do Sol.

Então, caindo, tentei me agarrar àquela confiança, ao júbilo do meu primeiro dia.

Voltei a mim no fundo do poço, agachado entre as chamas.

— Hélio. Sou eu.

As chamas giraram ao meu redor, tentando incinerar minha pele e dissolver minha alma. Eu sentia a presença amarga, difusa e furiosa do titã, que parecia querer me chicotear mil vezes por segundo.

— Eu não vou ser queimado. Eu sou Apolo, sou seu herdeiro por direito.

O fogo ficou mais quente. Hélio se ressentia de mim. Mas, espere... não era só isso. Ele também odiava *estar ali*. Odiava o Labirinto, aquela prisão que o mantinha em uma semivida.

— Vou libertar você — prometi.

O fogo estalou e sibilou em meus ouvidos. Talvez fosse só o barulho da minha cabeça pegando fogo, mas achei ter ouvido uma voz nas chamas. *MATE. ELA.*

Ela…

Medeia.

As emoções de Hélio queimaram e arderam, abrindo caminho pela minha mente. Senti o ódio dele pela neta feiticeira. O que Medeia dissera sobre conter a fúria de Hélio… Bem, talvez fosse verdade, mas o principal é que ela estava tentando conter a fúria de Hélio para que ele não *a matasse*. Medeia tinha acorrentado o avô, subjugado sua vontade à dela. E, para sobreviver, ela se cobrira de proteções poderosas contra o fogo divino do titã. Hélio não gostava de mim, não mesmo. Mas ele *odiava* a magia presunçosa de Medeia. E, para Hélio se ver livre daquele tormento, Medeia precisava morrer.

Fiquei me perguntando, não pela primeira vez, por que as divindades gregas nunca criaram o deus da terapia familiar. Teria sido muito útil. Bem, talvez houvesse alguém responsável por isso antes de eu nascer e o funcionário tenha pedido demissão. Ou quem sabe tenha

sido engolido por Cronos.

Fosse qual fosse o caso, eu me virei para as chamas e repeti:

— Vou fazer isso. Vou libertar você. Mas antes você precisa deixar a gente passar.

O fogo se afastou imediatamente, abrindo caminho como um rasgo se alastrando pelo universo.

Respirei fundo, ofegante. Minha pele ardia, e minha roupa de camuflagem ártica estava com um tom de cinza meio tostado. Mas eu estava vivo. O lugar esfriou depressa, e logo percebi que as chamas tinham recuado por um túnel que saía da câmara.

— Meg! Grover! Podem descer…

Meg caiu em cima de mim, me esmagando um pouco.

— Ai! Não precisa ser assim!

Grover foi mais cortês, escalando tranquilamente até o fundo e pulando para o chão com uma destreza digna de suas patas de bode. Ele cheirava a cobertor de lã chamuscado, e seu rosto estava bem vermelho, como se queimado de sol. O gorro tinha caído no fogo, e os chifres despontavam dos cabelos, fumegantes, parecendo minivulcões prestes a entrar em erupção. Não sei como, mas Meg parecia ótima — até tinha conseguido soltar a espada da parede antes de cair. Ela pegou o cantil do cinto, bebeu quase toda a água e deu o restante para Grover.

— Nossa, obrigado — resmunguei.

— Você conseguiu derrotar o calor — comentou ela. — Bom trabalho. Finalmente usou um pouco de poder divino?

— Há… Acho que foi mais graças a Hélio, que decidiu nos deixar passar. Ele quer sair deste Labirinto tanto quanto nós queremos que ele saia. E quer que a gente mate Medeia.

Grover engoliu em seco.

— Então… quer dizer que ela está aqui embaixo? Ela não morreu naquele iate?

— Vai saber. — Meg estreitou os olhos para o corredor fumacento. — Então Hélio prometeu que não vai nos queimar se você errar mais alguma resposta?

— Eu… Não foi culpa minha!

— Foi, sim — acusou Meg.

— Meio que foi mesmo — concordou Grover.

Ora, francamente. Eu caio em um poço ardente, negocio uma trégua com um titã e afasto uma tempestade de fogo para salvar meus amigos, e eles só sabem falar de como eu não decorei as instruções do *Almanaque do Fazendeiro*.

— Olha, acho que não dá para afirmar que Hélio *nunca* vai nos queimar — expliquei. — Assim como não podemos esperar que Herófila pare de mandar mensagens em forma de palavras cruzadas.

Isso é da natureza deles. Acho que ganhamos um passe livre, mas com prazo de validade.

Grover apagou as brasas nas pontas dos chifres.

— Bom, então não vamos desperdiçar a oportunidade.

— Certo. — Ajeitei a calça camuflada meio tostada e tentei recobrar a confiança que usei naquele primeiro encontro com meus cavalos do Sol. — Vamos, venham comigo. Tenho certeza de que vai ficar tudo bem!

40

Você desvendou esse enigma
Congratulações
Você ganhou… inimigos

TUDO BEM, **NESSE** caso, queria dizer *tudo bem se vocês gostam de lava, correntes e magia negra*.

O corredor nos levou direto à câmara do oráculo. Por um lado… Viva! Por outro, ai. O salão era retangular, do tamanho de uma quadra de basquete. Nas paredes havia umas seis entradas, seis passagens simples de pedra com um pequeno patamar acima do lago de lava das minhas visões. Só então percebi que a substância borbulhante e brilhante não era lava. Era o icor divino de Hélio, mais quente do que lava, mais poderoso do que combustível de foguete, *impossível* de tirar se pingasse nos sapatos (eu já havia tentado). Nós tínhamos chegado ao centro do Labirinto, ao tanque do poder de Hélio.

Flutuando na superfície de icor havia ladrilhos grandes de pedra, cada um com meio metro de lado, formando colunas e linhas que não pareciam seguir qualquer lógica.

— É um jogo de palavras cruzadas — disse Grover.

É claro que era. Infelizmente, nenhuma das pontes de pedra ia até nossa sacada, e nenhuma levava ao lado oposto do salão, onde a Sibila Eritreia jazia abandonada em uma plataforma de pedra. O lugar lembrava uma solitária de cadeia, com apenas um colchão, uma mesa e uma privada. (Sim, até Sibilas imortais tinham necessidades fisiológicas. Inclusive, algumas das melhores profecias aconteceram… Deixem pra lá.)

Senti um aperto no peito ao ver Herófila naquelas condições. Ela estava como nas minhas lembranças: uma jovem de cabelo castanho trançado, pele clara e corpo atlético, fruto da mãe náiade forte e do pai corpulento. Sua veste branca estava toda chamuscada. Ela observava atentamente uma entrada na parede à esquerda, então não pareceu reparar que estávamos do outro lado.

— É ela? — sussurrou Meg.

— Você está vendo algum outro oráculo aqui? — falei.

— Então *fala* com ela, ué.

Eu me perguntei por que eu sempre que tinha que fazer tudo, mas limpei a garganta e gritei:

— Herófila!

A Sibila se levantou em um pulo. Só então reparei nas correntes, os mesmos elos em brasa de minhas visões, presos aos pulsos e aos

tornozelos dela, prendendo-a à plataforma e limitando seus movimentos a quase nada. Quanta indignidade!

— Apolo!

Pensei que o rosto dela se iluminaria de alegria quando me visse, mas, em vez disso, a profetisa pareceu chocada.

— Achei que você viria pela outra… — A voz dela sumiu. Herófila estreitou os olhos, concentrada, e disse: — Oito letras, terminando em *M*.

— *Passagem?* — arriscou Grover.

As pedras no lago se moveram e mudaram de posição. Um bloco surgiu em frente à nossa pequena plataforma. Outros sete apareceram depois, formando uma ponte com oito pedras. Letras douradas surgiram, começando com o *M* aos nossos pés: *PASSAGEM*.

Herófila bateu palmas com empolgação, balançando as correntes.

— Muito bem! Andem logo!

Eu não estava muito animado para atravessar uma balsa de pedra flutuante em um lago de icor fervente, mas Meg deu um passo à frente, e Grover e eu fomos atrás.

— Sem querer ofender, dona moça — gritou Meg para a Sibila —, mas a gente já quase caiu em um negócio de lava. Você não pode só fazer logo uma ponte até aí, sem mais enigmas?

— Eu bem que queria! — disse Herófila. — Essa é minha maldição! Ou eu falo assim, ou fico completamente… — Ela engasgou. — Dez letras. A sexta é *C*.

— *Calada!* — gritou Grover.

Nossa pedra ribombou e balançou. Grover se desequilibrou, e se não fosse por Meg, que o segurou, o sátiro teria caído. Ainda bem que existem pessoas baixas, porque o centro de gravidade delas também é baixo.

— *Calada* não! — gritei. — Essa não é nossa resposta final! Até porque *calada* só tem seis letras. Não seríamos burros a esse ponto.

Fiz cara feia para o sátiro.

— Desculpa — murmurou ele. — Me empolguei.

Meg observou as pedras. Na armação dos óculos, as pedrinhas brilhavam em vermelho.

— *Contestada*? — sugeriu ela. — São dez letras.

— Primeiro de tudo — falei —, estou surpreso por você conhecer essa palavra. Em segundo lugar, contexto. "Fico completamente *contestada*" não faz sentido. Além disso, o *C* estaria no lugar errado.

— Qual é a resposta certa, então, deus sabichão? — perguntou ela. — E vê se não erra dessa vez.

Que injustiça! Tentei pensar em sinônimos para *calada*, mas não encontrei muitos. Eu gostava de música e poesia, ora. Silêncio não era minha praia.

— *Silenciosa* — falei, por fim. — Só pode ser isso.

As pedras nos recompensaram formando uma segunda ponte, *SILENCIOSA*, que cruzava a primeira ponte, no primeiro *A* de *passagem*. No entanto, como a nova ponte levava para outro lado, não chegamos mais perto da plataforma do oráculo.

— Herófila! — gritei. — Olha, entendo sua situação. Mas não teria como você manipular o tamanho das respostas? Será que a próxima pode ser uma palavra bem comprida e bem fácil que leve até a sua plataforma?

— Você sabe que não posso, Apolo. — Ela juntou as mãos. — Mas, por favor, vocês *têm* que correr se quiserem impedir que Calígula se torne um… — Ela engasgou. — Quatro letras, a primeira é *D*.

— *Deus* — constatei, frustrado.

Uma terceira ponte se formou: quatro pedras, tocando no *E* de *silenciosa*, o que nos deixou apenas uma pedra mais perto do nosso objetivo. Meg, Grover e eu nos esprememos no *D*. O salão parecia ainda mais quente, como se o icor de Hélio ficasse cada vez mais furioso à medida que nos aproximávamos da Herófila. Suávamos sem parar, e minha roupa camuflada ártica estava encharcada. Um abraço em grupo não me deixava tão desconfortável desde o show dos Rolling Stones no Madison Square Garden, em 1969. (Dica: Por mais tentador que possa parecer, não abrace Mick Jagger e Keith Richards na hora do bis. Como eles *suam*.)

Herófila suspirou.

— Sinto muito, meus amigos. Vou tentar de novo. Às vezes eu desejo que a profecia fosse um presente que eu nunca… — Ela fez uma careta de dor. — Quatro letras. A última é *I*.

Grover se virou.

— Ué, como assim? O *I* está atrás da gente.

Tentei examinar as linhas e colunas que tínhamos até o momento, mas não foi uma tarefa muito fácil, porque o calor era tão grande que parecia que tinham espremido cebolas nos meus olhos.

— Talvez — falei — essa nova palavra seja na vertical e saia do *I* de *silenciosa*.

Os olhos de Herófila cintilaram, encorajadores.

Meg limpou o suor da testa.

— Bom, então por que a gente fez o *deus*? Não adiantou nada.

— Ah, não — gemeu Grover. — Nós ainda estamos formando a profecia, não é? *Passagem, silenciosa, deus*? O que isso quer dizer?

— Eu… não sei — admiti, meus neurônios fervendo no cérebro como macarrão em sopa de letrinhas. — Vamos descobrir mais algumas palavras. Herófila disse: às vezes desejo que a profecia fosse um presente que eu nunca… o quê?

— *Ganhei* não cabe — murmurou Meg.

— *Recebi?* — sugeriu Grover. — Não. Letras demais.

— Talvez seja uma metáfora — cogitei. — Um presente que eu nunca… *abri*?

Grover engoliu em seco.

— É nossa resposta final?

Ele e Meg olharam para o icor fervente e depois para mim, hesitantes. A fé deles nas minhas habilidades me comovia.

— Sim — decidi. — Herófila, a resposta é *abri*.

A Sibila suspirou de alívio quando uma nova ponte surgiu do primeiro *I* de *silenciosa*, nos levando pelo lago. Amontoados no *A* de *ABRI*, apenas um metro e meio nos separava da plataforma da Sibila.

— Será que não dá para a gente pular? — perguntou Meg.

Herófila sufocou um grito.

— Acho que um pulo não seria uma atitude muito inteligente — falei. — Temos que completar as palavras cruzadas. Herófila, uma palavrinha pequena para avançarmos?

Com muita cautela, a Sibila falou:

— Palavra de três letras, horizontal. Começa com *A*. Palavra pequena, vertical. *Sozinho, sem ninguém*.

— Uma jogada dupla! — Olhei para os meus amigos. — Acho que as palavras são *alô,* na horizontal, e *só*, na vertical. Deve ser suficiente para chegarmos à plataforma.

Grover espiou pela lateral da pedra, onde o lago de icor borbulhava.

— Não quero nadar tanto e morrer na lava. *Alô* é uma palavra aceitável?

— Não tenho o manual das palavras cruzadas aqui comigo, me desculpe, mas acho que sim — falei.

Fiquei feliz por não estarmos jogando Scrabble. Atena, com aquele seu vocabulário absurdo, sempre ganhava. Uma vez, ela formou a palavra *abaxial*, e Zeus ficou com tanta raiva que jogou um raio no topo do Monte Parnasso.

— Essa é nossa resposta, Sibila — falei. — *Alô* e *só*.

Mais três pedras surgiram, ligando a ponte à plataforma de Herófila. Corremos até ela, e Herófila bateu palmas e chorou de alegria. Ela estendeu os braços para me abraçar, mas se deu conta de que ainda estava presa às correntes.

Meg observou o caminho de respostas atrás de nós.

— Tá. Se esse é o final da profecia, o que significa? *Passagem silenciosa deus abri alô só*?

Herófila começou a dizer alguma coisa, mas então hesitou. Ela me encarou, esperançosa.

— Vamos pensar em palavras pequenas de novo — arrisquei. — Se juntarmos a primeira parte do labirinto, nós temos *Apolo encara a*

morte na tumba de Tarquínio exceto… hã, *a passagem*… para? — Olhei para Herófila, que assentiu, me incentivando. — *A passagem para o deus silencioso só abri*… — Estranhei a frase e tentei reorganizá-la. — *A passagem para o deus silencioso só for aberta por...*

— Você esqueceu o *alô* — disse Grover.

— Acho que a gente pode pular o *alô*, considerando que foi jogada dupla.

Grover puxou o cavanhaque chamuscado.

— É por isso que não gosto de palavras cruzadas. Regras demais.

— Então Apolo, quer dizer, eu encaro a morte na tumba de Tarquínio, exceto se a passagem para o deus silencioso só for aberta por… pelo quê? Meg está certa. Tem que ter mais alguma parte na profecia.

Em algum lugar à minha esquerda, uma voz familiar disse:

— Não necessariamente.

Em um peitoril na parede, estava a feiticeira Medeia, parecendo bem viva e feliz em nos ver. Atrás dela, dois guardas *pandos* seguravam um prisioneiro acorrentado e machucado: nosso amigo Clave.

— Oi, meus queridos. — Medeia sorriu. — Então, a profecia não precisa de final, porque vocês todos vão morrer mesmo!

41

A Meg está cantando
É o fim dos tempos
Estamos muito ferrados

MEG ATACOU PRIMEIRO.

Com movimentos rápidos e precisos, ela quebrou as correntes que aprisionavam a Sibila e fuzilou Medeia com seu olhar obstinado, como quem diz: *A-rá! Eu tenho um oráculo, você não teeeem!*

As algemas se soltaram dos pulsos e tornozelos de Herófila, revelando queimaduras profundas. Herófila cambaleou para trás, levando as mãos ao peito. Parecia mais horrorizada do que agradecida.

— Meg McCaffrey, não! Você não devia…

Se a próxima pista seria horizontal ou vertical, grande ou pequena, fácil ou difícil, não importava mais. As correntes partidas se refizeram. Em seguida, como cobras, deram o bote… em mim, não em Herófila. Elas prenderam meus pulsos e tornozelos. A dor foi tão intensa que no começo a sensação foi fresca e agradável. De repente, eu gritei.

Meg bateu nas correntes novamente, mas elas passaram a repelir as lâminas. A cada golpe, as correntes ficavam mais apertadas, me puxando para baixo até que eu enfim me agachasse. Com minha força insignificante, lutei para me livrar, mas logo percebi que era má ideia. Era como pressionar os pulsos em grelhas fervilhantes. Quase desmaiei de dor, e o cheiro… Ah, deuses, eu *não* gostei do cheiro de Lester frito. Só quando me resignei, permitindo que as algemas me levassem aonde quisessem, consegui que a dor se mantivesse só excruciante, e não insuportável.

Medeia gargalhou, apreciando meus contorcionismos.

— Muito bem, Meg McCaffrey! Eu mesma ia acorrentar Apolo, mas você me poupou um feitiço.

Eu caí de joelhos.

— Meg, Grover… tirem a Sibila daqui. Vão!

Reparem: mais um gesto corajoso de autossacrifício. Espero que vocês estejam anotando.

Mas não adiantou nada. Medeia estalou os dedos, e todas as pedras deslizaram pela superfície de icor, se afastando da plataforma de Sibila e nos isolando de tudo. Não havia como escapar dali.

Atrás da feiticeira, os dois guardas jogaram Clave no chão. Ele se arrastou e se recostou na parede, as mãos algemadas se recusando a largar meu ukulele de combate. Seu olho esquerdo estava roxo, os

lábios, cortados; dois dedos da mão direita estavam virados em um ângulo estranho. O *pandos* me encarou, o rosto tomado pela vergonha, e eu queria dizer que ele não tinha culpa de nada, que fomos nós que erramos ao deixá-lo sozinho montando guarda, que ele ainda conseguiria tocar ukulele maravilhosamente bem, mesmo com dois dedos quebrados!

Só que eu mal conseguia raciocinar, muito menos consolar meu jovem aluno.

Os dois guardas abriram as orelhas gigantescas e flutuaram pela câmara, deixando a brisa quente os carregar até duas pedras, uma em cada extremidade da plataforma. Os capangas puxaram suas khandas e esperaram, preparados para nos deter caso fôssemos idiotas o bastante para tentar pular.

— Você matou o Timbre — rosnou um.

— Você matou o Agudo — rosnou outro.

No peitoril, Medeia riu.

— Está vendo, Apolo? Escolhi voluntários muito motivados! Os outros estavam implorando para me acompanhar até aqui, mas…

— Tem mais lá fora? — perguntou Meg.

Não consegui entender se ela achava a ideia animadora (*Eba, menos para matar agora!*) ou desoladora (*Droga, mais para matar depois!*).

— É claro, minha querida — respondeu Medeia. — Mesmo que você tomasse a decisão erradíssima de fugir daqui, não importaria. Mas Arranjo e Decibel não vão deixar isso acontecer, vão?

— Eu sou o Arranjo — disse Arranjo.

— Eu sou o Decibel — disse Decibel. — Podemos matar eles agora?

— Ainda não — disse Medeia. — Apolo está exatamente onde preciso que esteja, pronto para ser dissolvido. Quanto aos outros, relaxem. Se fizerem qualquer coisa para me deter, mando Arranjo e Decibel matarem vocês *na mesma hora*, ok? Isso nem vai ser muito legal, porque aí o sangue de vocês pode espirrar no icor e estragar a pureza da mistura. — Ela abriu as mãos. — Então estamos combinados. Nada de sangue contaminando o icor. Só vou precisar da essência de Apolo para essa receita.

Não gostei da forma como ela se referiu a mim, como se eu já estivesse morto e fosse só mais um ingrediente qualquer, como olhos de sapo ou açafrão.

— Eu *não* vou ser dissolvido — rosnei.

— Ah, Lester — disse ela. — *Vai,* sim.

As correntes me apertaram ainda mais, me forçando a ficar de quatro. Como Herófila suportava tamanha dor há tanto tempo? Se bem que ela era imortal, e eu, não.

— Que comece o ritual! — gritou Medeia, e começou a cantarolar.

O branco puro do icor fervilhante alterou a cor da câmara. Cacos

de vidro afiados pareciam se mover debaixo da minha pele, arrancando minha forma mortal, me transformando em palavras cruzadas em que *nenhuma* das respostas era *Apolo*. Eu gritei. Eu balbuciei. Talvez tenha implorado pela minha vida. Para a sorte da pouquíssima dignidade que ainda me restava, mal consegui formar frases inteiras.

Nas profundezas atordoadas da minha agonia, tive um vislumbre de meus amigos, que recuavam, apavorados diante do vapor e do fogo que jorravam das rachaduras em meu corpo.

O medo deles era compreensível. Quem poderia julgá-los? No momento, era mais provável que eu explodisse do que os pacotes tamanho família das granadas de Macro, e minha embalagem não era *tão* resistente.

— Meg — chamou Grover, tentando pegar a flauta —, vou fazer uma música da natureza para ver se consigo atrapalhar essa cantoria, ou talvez pedir ajuda.

Meg segurou as espadas.

— Nesse calor? Aqui embaixo?

— A natureza é nossa única chance de sair daqui! — disse ele. — Me dê cobertura!

Ele começou a tocar a flauta. Meg montou guarda, com as espadas erguidas. Até Herófila ajudou, fechando os punhos e fazendo cara de má, disposta a mostrar aos *pandai* como as Sibilas lidavam com rufiões na Eritreia.

Os mercenários pareceram meio desorientados, sem saber como reagir. A música os incomodava, e eles cobriram a cabeça com as grandes orelhas como se fossem turbantes, mas não atacaram. Medeia não tinha dado a ordem ainda, e por mais irritante que a música de Grover fosse, eles não sabiam ao certo se aquilo constituía ou não um ato de agressão.

Enquanto isso, eu lutava para não ser esfolado. Cada pedacinho da minha força de vontade estava dedicada a me manter inteiro. Eu era Apolo, não era? Eu… eu era lindo e as pessoas me amavam. O mundo precisava de mim!

O canto de Medeia minou minha confiança. A letra em cólquida antigo perfurou minha mente. Quem precisava desses deuses antigos, afinal? Quem ligava para Apolo? Calígula era muito mais interessante! Era mais adequado ao mundo moderno. Ele fazia sentido. Eu, não. Por que eu não deixava logo essa coisa de divindade pra lá? Assim eu poderia ficar em paz para sempre.

A dor é uma coisa interessante. Você acha que chegou ao seu limite e que não há como sofrer mais, mas então descobre que há outro nível de agonia. E depois mais outro. Os cacos de vidro debaixo da minha pele cortavam e se moviam e rasgavam e queimavam, como se

erupções solares dominassem meu corpo mortal patético, atravessando a camuflagem ártica barata da loja de Macro. Eu perdi a noção de quem eu era, de por que estava lutando para ficar vivo. Meu único desejo era desistir, para dar fim ao sofrimento.

Mas então Grover encontrou seu ritmo. As notas ficaram mais confiantes e animadas, a cadência, mais regular. Ele se dedicou a uma melodia vigorosa e aflita, do tipo que os sátiros tocavam durante a primavera nas campinas da Grécia antiga, torcendo para que as belas músicas encorajassem as dríades a se aproximarem e dançarem com eles no meio das flores.

Aquele calabouço de palavras cruzadas em chamas era o pior contexto possível para uma música como aquela; nenhum espírito da natureza a ouviria. Nenhuma dríade dançaria conosco. Ainda assim, a melodia aliviava minha dor. Diminuía a intensidade do calor, como um pano frio e úmido na minha testa febril.

O canto de Medeia hesitou. Ela olhou para Grover com ódio.

— É sério, sátiro? Você vai parar de vez com essa bobagem ou vou ter que obrigá-lo?

Grover tocou ainda mais freneticamente, um pedido de socorro que ecoava pela câmara, fazendo os corredores reverberarem como os tubos de um órgão de igreja.

Meg se juntou a ele, entoando palavras sem sentido em um tom terrível.

— E aí, natureza? Nós amamos as plantas. Venham, lindas dríades, e, hã, cresçam e… matem essa feiticeira e tal.

Herófila, cuja voz já fora tão linda, que nascera cantando profecias, olhou para Meg bastante consternada. Aquela mulher era uma santa mesmo, porque qualquer outra naquela posição já teria dado um soco na garota.

Medeia suspirou.

— Tudo bem, já chega. Meg, sinto muito, mas você vai morrer. Tenho certeza de que Nero vai me perdoar por isso quando eu contar para ele como você cantou mal. Arranjo, Decibel: silenciem os dois.

Clave gorgolejou, nervoso, e tentou tocar o ukulele, apesar das mãos amarradas e dos dois dedos quebrados.

Enquanto isso, Arranjo e Decibel sorriram de prazer.

— É chegada a hora da vingança. MORRAM! MORRAM!

Eles desenrolaram as orelhas, levantaram as espadas e pularam na plataforma.

Meg poderia ter dizimado os dois com suas queridas espadas?

Não sei. Mas ela fez uma coisa quase tão surpreendente quanto sua vontade repentina de cantar. Talvez, ao olhar para o coitado do Clave, ela tenha decidido que sangue de *pandos* suficiente tinha sido derramado. Talvez ela ainda estivesse pensando na raiva mal

direcionada e a quem deveria *realmente* dedicar todo aquele ódio. Fosse qual fosse o caso, as espadas voltaram ao formato de anéis. Ela pegou um pacote no cinto e o abriu, espalhando sementes no caminho dos *pandai*.

Arranjo e Decibel deram um grito quando as plantas surgiram, cobrindo-os de uma camada verde de erva-de-santiago. Arranjo cambaleou até a parede mais próxima e começou a espirrar sem parar, a planta o prendendo à pedra como uma mosca em uma teia de aranha. Decibel caiu na plataforma bem aos pés de Meg, tão coberto de plantas que ele mais parecia um arbusto com uma crise de espirros.

Medeia revirou os olhos.

— Que inferno… Eu falei para Calígula que guerreiros de dentes de dragão eram guardas *muito* melhores, mas *nãããããão*, ele *insistiu* em contratar *pandai*. — Ela balançou a cabeça, impaciente. — Desculpem, rapazes. Vocês tiveram sua chance.

Ela estalou os dedos de novo. Um *ventus* ganhou vida, gerando um ciclone de cinzas. O espírito avançou em Arranjo, arrancou o *pandos* da parede e o despejou no lago de icor fervilhante. Simples assim. Em seguida, atravessou a plataforma, roçando nos pés dos meus amigos, e empurrou Decibel, que chorava e espirrava, em direção ao mesmo destino do companheiro.

— Agora — disse Medeia —, se eu puder dar um conselho a vocês, seria: FIQUEM QUIETOS.

O *ventus* atacou, envolvendo Meg e Grover e erguendo-os da plataforma.

Eu gritei, me debatendo nas correntes, certo de que Medeia jogaria meus amigos no fogo, mas eles só ficaram suspensos no ar. Grover ainda tocava a flauta, embora nenhum som atravessasse a barreira de vento. Meg estava furiosa e aos berros, provavelmente vociferando algo como: ISSO DE NOVO? VOCÊ ESTÁ DE BRINCADEIRA COM A MINHA CARA?

Herófila não foi capturada pelo *ventus*. Medeia não devia considerá-la uma ameaça. A profetisa parou ao meu lado, os punhos ainda fechados. Fiquei agradecido por aquilo, achei fofo e tal, mas não via o que uma Sibila boxeadora poderia fazer para deter Medeia.

— Tudo bem! — disse a feiticeira, com um brilho vitorioso nos olhos. — Vou começar de novo. Entoar esse canto ao mesmo tempo em que controlo um *ventus* não é muito fácil, então se comportem. Senão posso me desconcentrar e largar Meg e Grover no icor. E já temos impurezas demais lá dentro, com os *pandai* e as plantas. Agora, onde estávamos? Ah, sim! Esfolando sua forma mortal!

42

Quem quer uma profecia?
Então se preparem
Para todo o blá-blá-blá

— RESISTA! — HERÓFILA SE ajoelhou ao meu lado. — Apolo, você tem que resistir!

Eu sentia muita dor para conseguir falar qualquer coisa, mas do contrário teria dito: *Resistir. Nossa, obrigado por essa pérola de sabedoria! Você deve ser um oráculo ou algo do tipo!*

Pelo menos ela não me fez participar de um jogo de palavras cruzadas inútil e andar sobre pedras com as letras de *RESISTIR*.

Suor escorria pelo meu rosto, e meu corpo fervia, e não do jeito bom de quando eu era deus.

A feiticeira prosseguiu com a cantiga. Ela devia estar reunindo todas as forças que tinha, mas daquela vez não vi como tirar vantagem da situação. Eu estava acorrentado, então não daria para repetir o truque da flecha no peito, e, mesmo que repetisse, Medeia provavelmente já estava quase no fim no ritual, então minha vida não valeria de nada. A minha essência escorreria para o lago de icor.

Eu não podia tocar flauta, como Grover. Não podia contar com as plantas, como Meg. Não era poderoso como Jason Grace, para romper a jaula de *ventus* e salvar meus amigos.

Resistir… Fazendo o quê?

Minha mente começou a cambalear. Tentei me agarrar ao dia do meu nascimento (sim, eu conseguia me lembrar de uma ocasião tão antiga), quando pulei do útero da minha mãe e comecei a cantar e dançar, espalhando pelo mundo minha voz gloriosa. Eu me lembrava da minha primeira ida ao abismo de Delfos, lutando contra minha arqui-inimiga Píton, sentindo-a se enrolar ao meu corpo imortal.

Outras lembranças eram mais traiçoeiras. Eu me recordava de cruzar o céu na carruagem do Sol... Mas eu não era eu… Era Hélio, titã do Sol, estalando meu chicote flamejante no lombo dos corcéis. Eu me vi pintado de dourado, com uma coroa de raios na cabeça, passando por uma multidão de adoradores mortais… mas eu era o imperador Calígula, o Novo Sol.

Quem eu era, afinal?

Tentei visualizar o rosto de minha mãe, Leto. Não consegui. Meu pai, Zeus, com sua carranca feia e apavorante, era só uma vaga lembrança. Minha irmã… Claro, eu jamais esqueceria minha irmã gêmea! Mas até as feições dela se desfaziam em minha mente. Ela

tinha olhos prateados. E cheiro de madressilva. O que mais? Entrei em pânico. Não conseguia mais lembrar meu *próprio* nome.

Apoiei as mãos na pedra e abri os dedos — eles soltaram fumaça e estalaram, como galhos ao vento. Parecia que meu corpo estava se transformando em pixels, como aconteceu com os *pandai* quando eles se desintegraram.

Herófila sussurrou no meu ouvido:

— Aguente mais um pouco! A ajuda vai chegar!

Mesmo sendo um oráculo, não tinha como ela ter certeza disso. Quem apareceria para me salvar? Quem *poderia* me salvar?

— Você assumiu o meu lugar — disse ela. — Use isso!

Eu gemi de fúria e frustração. Por que ela estava falando coisas sem sentido? Por que não podia voltar a falar em enigmas? Como eu podia *usar* o fato de estar no lugar dela, acorrentado? Eu não era um oráculo. Não era nem mais um deus. Eu era... Lester? Ah, ótimo. *Esse* nome eu lembrava.

Olhei para as colunas de blocos de pedra, agora todos vazios, como se esperassem um novo desafio. A profecia não estava completa. Talvez, se eu conseguisse encontrar uma forma de terminá-la... Faria diferença?

Eu *tinha* que fazer aquilo. Jason deu a vida para podermos chegar até ali. Meus amigos arriscaram tudo. Eu não podia simplesmente desistir. Para libertar o oráculo, para libertar Hélio do Labirinto de Fogo... eu precisava terminar o que tínhamos começado.

O cântico de Medeia prosseguia, se alinhando a meus batimentos cardíacos, tomando o controle da minha mente. Eu precisava ignorá-lo, interrompê-lo, como Grover tinha feito quando começou a tocar sua flauta.

Você assumiu o meu lugar, dissera Herófila.

Eu era Apolo, o deus da profecia. Era hora de ser meu próprio oráculo.

Tentei me concentrar nos blocos de pedra. Veias saltaram na minha testa, tamanha era a força que eu fazia.

— *A-Amálgama bronze ouro* — balbuciei.

As pedras se deslocaram, formando uma fileira de três pedras no canto superior esquerdo, uma palavra por quadrado: *AMÁLGAMA BRONZE OURO*.

— Isso! — disse a Sibila. — Isso mesmo! Continue!

Eu não aguentaria muito tempo. As correntes me queimavam e me puxavam para baixo. Eu gemia de dor.

— *Nascente encontra poente.*

Uma segunda fileira de três pedras se formou embaixo da primeira, exibindo as três palavras que eu tinha acabado de falar.

Mais versos saíram de mim:

Alforriadas as legiões.
Sobre profundezas, luz;
Contra muitos, um,
Isento de derrotas.
Ditas palavras antigas,
Abalando velhas fundações!

O que tudo aquilo significava? Eu não tinha a menor ideia.

A câmara ribombou quando mais blocos se deslocaram, novas pedras surgindo do lago para acomodar as palavras. O lado esquerdo inteiro do lago estava agora coberto pelas oito fileiras de três palavras, cobrindo parte do lago de icor. O calor diminuiu. Minhas algemas esfriaram. O cântico de Medeia hesitou, afrouxando o controle dela sobre minha consciência.

— Que palhaçada é essa? — sibilou a feiticeira. — Estamos quase acabando! Não vou parar por nada! *Vou* matar seus amigos se você não…

Atrás dela, Clave dedilhou um fá suspenso no ukulele. Medeia, que aparentemente tinha se esquecido dele, deu um pulo de susto e quase caiu na lava.

— Você também? — gritou ela. — ME DEIXE TRABALHAR!

Herófila sussurrou no meu ouvido:

— Vai logo!

Eu entendi o que estava acontecendo. Clave estava tentando ganhar tempo para mim distraindo Medeia. Ele não se intimidou e continuou tocando seu (meu) ukulele, uma série dos acordes mais irritantes que eu havia ensinado a ele e alguns que ele devia estar inventando na hora. Enquanto isso, Meg e Grover giravam na jaula de ventus, tentando escapar, sem sucesso. Um movimento dos dedos de Medeia, e eles teriam o mesmo destino que Arranjo e Decibel.

Tentar continuar a profecia foi ainda mais difícil do que desatolar a carruagem do Sol da lama. (Não queiram nem saber. É uma longa história envolvendo belas náiades do pântano.)

De alguma forma, grunhi mais um verso.

— *Destruir o tirano*.

Mais três pedras se alinharam, daquela vez do lado superior direito do salão.

— *Encorajar o alado* — continuei.

Meus deuses, pensei, *eu estou falando coisas sem sentido!* Mas as pedras continuaram obedecendo à minha voz, bem melhor do que Sirialexastrophona, diga-se de passagem.

Beirando colinas douradas
Está o potro.

As pedras continuaram se rearranjando, formando uma segunda coluna de linhas de três pedras que só deixavam uma faixa estreita de lago ardente no meio do salão.

Medeia tentou ignorar o *pandos*. Voltou a cantarolar, mas Clave na mesma hora atrapalhou mais uma vez a concentração dela com um lá bemol menor.

— Chega disso, *pandos*! — berrou a feiticeira.

Ela puxou uma adaga das dobras do vestido.

— Apolo, não pare — avisou Herófila. — Você não deve…

Medeia enfiou com força a adaga na barriga de Clave, interrompendo a serenata desafinada.

Eu chorei de pavor, mas me forcei a entoar mais versos:

— *Liras e trompetes* — gemi, quase sem voz. — *Outra maré vermelha…*

— Pare com isso! — gritou Medeia. — *Ventus*, jogue os prisioneiros…

Clave dedilhou um acorde ainda mais horrível.

— AHHH!

A feiticeira se virou e deu outra punhalada em Clave.

— *Ninho do estranho* — solucei.

Outro fá suspenso do *pandos*, outro golpe da adaga de Medeia.

— *A glória recuperar!* — gritei.

As últimas pedras se acomodaram, completando a segunda coluna de linhas do outro lado da sala até a beirada da nossa plataforma.

Eu *senti* que a profecia tinha se completado, e era como se enfim eu conseguisse respirar depois de quase me afogar. As chamas de Hélio, que agora eram apenas uma fina linha no centro do salão, esfriaram e assumiram o tom vermelho do bom e velho fogo ao qual estamos acostumados.

— Isso! — disse Herófila.

Medeia se virou, rosnando. Suas mãos brilhavam com o sangue do *pandos*. Atrás dela, Clave caiu de lado, gemendo e apertando o ukulele na barriga ferida.

— Ah, muito bem, *Apolo* — disse Medeia, com desprezo. — Você fez esse *pandos* morrer por você, e por *nada*. Minha magia já está quase completa. Só me resta esfolar você do jeito tradicional. — Ela puxou a faca. — Quanto aos seus amigos… Ela estalou os dedos sujos de sangue. — *Ventus*, mate-os.

43

Aí vai o melhor capítulo
É horrível, mas
Só tem uma morte ruim

ENTÃO ELA MORREU.

Não vou mentir, meus caros leitores. Quase toda essa narrativa foi muito difícil de escrever, mas aquela frase ali em cima me deu puro prazer. Ah, vocês tinham que ver a cara de Medeia!

Mas primeiro preciso voltar um pouco.

Querem saber como se deu esse maravilhoso acaso do destino?

Medeia ficou paralisada. Arregalou os olhos. E caiu de joelhos, soltando a faca. Então bateu de cara no chão, revelando uma recém-chegada: Piper McLean, com a armadura de couro por cima das roupas comuns, pontos novos no ferimento do lábio e o rosto ainda todo machucado, mas cheio de determinação. As pontas do cabelo estavam chamuscadas, e uma fina camada de cinzas cobria seus braços. Sua adaga, Katoptris, estava fincada nas costas de Medeia.

Atrás de Piper vinham sete donzelas guerreiras. A princípio achei que fossem as Caçadoras de Ártemis vindo me salvar uma segunda vez, mas aquelas guerreiras estavam armadas com escudos e lanças feitos de madeira cor de mel.

O *ventus* atrás de mim parou e se desenrolou, e Meg e Grover desabaram no chão. As correntes derretidas em meus braços viraram pó de carvão, e Herófila me segurou quando ameacei desmoronar.

As mãos de Medeia estavam tremendo. Ela virou o rosto de lado e abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu.

Piper se ajoelhou perto da feiticeira, tocando seu ombro num gesto quase carinhoso e delicado. Então, com a outra mão, puxou Katoptris, fincada nas costas de Medeia.

— Uma resposta à altura daquela sua bela facada nas costas. — Piper deu um beijo na bochecha de Medeia. — Eu lhe pediria para dar um "oi" a Jason por mim, mas ele vai para os Campos Elísios. Você… não.

Os olhos da feiticeira se fecharam, e ela parou de se mexer. Piper encarou as aliadas em suas armaduras de madeira.

— Que tal jogar essa bruxa no fogo?

— BOA IDEIA! — gritaram as sete donzelas, em uníssono.

Elas avançaram até Medeia, ergueram o corpo da feiticeira e, sem a menor cerimônia, o jogaram na poça ardente do avô.

Piper limpou o sangue da adaga na calça jeans. Com a boca

inchada e cheia de pontos, seu sorriso era mais grotesco que simpático.

— Oi, pessoal.

Comecei a soluçar, um choro de partir o coração — provavelmente não era o que Piper esperava. Dei um jeito de me levantar, ignorando a dor lancinante nos tornozelos, e passei direto por ela, correndo para chegar até onde Clave estava caído, gorgolejando.

— Ah, meu bravo amigo...

Meus olhos ardiam com lágrimas. Eu não ligava para a dor excruciante que sentia, para minha pele queimada que gritava sempre que eu tentava me mexer.

O rosto peludo de Clave estava em choque. Sangue pontilhava seu pelo branco como a neve, e o abdome estava uma desgraça. Ele segurava o ukulele junto ao peito, como se fosse a única coisa que o ancorava ao mundo dos vivos.

— Você nos salvou — falei, com dificuldade. — Você… você conseguiu ganhar tempo para nós. Vou dar um jeito de curar esses ferimentos.

Ele me encarou, os olhos fixos, e conseguiu dizer:

— Música. Deus.

Ri, meio nervoso.

— Sim, meu jovem amigo. Você é um deus da música! Eu… eu vou lhe ensinar todos os acordes. Nós vamos fazer um concerto com as Nove Musas. Quando… Quando eu voltar para o Olimpo…

Minha voz falhou.

Clave não ouviu. Ele estava com os olhos vidrados, e a tensão nos músculos relaxou. Seu corpo murchou e foi se desfazendo em pó, desabando sobre si mesmo até restar apenas o ukulele, descansando em uma pilha de poeira — um pequeno monumento tristonho aos meus muitos fracassos.

Não sei quanto tempo passei ali, ajoelhado, atordoado e trêmulo. Chorar doía, mas eu chorei mesmo assim.

Depois de um tempo, Piper veio se ajoelhar ao meu lado. A garota parecia entender a minha dor, mas achei que, em algum lugar atrás daqueles lindos olhos multicoloridos, ela estava pensando: *Mais uma vida perdida por sua causa, Lester. Mais uma morte que você não pôde consertar.*

Mas ela não disse isso. Apenas guardou a adaga e falou:

— Depois a gente chora nossas perdas. Nosso trabalho ainda não acabou.

Nosso trabalho. Ela foi ajudar, mesmo depois de tudo, apesar de Jason… Eu não podia desmoronar naquele momento — pelo menos não mais do que já tinha desmoronado.

Peguei meu ukulele. Estava prestes a murmurar alguma promessa

para os restos poeirentos de Clave, mas então me dei conta do resultado de minhas últimas promessas. Tinha prometido ensinar o jovem *pandos* a tocar qualquer instrumento que ele quisesse, e ele estava morto. Apesar do calor ardente daquela câmara, eu senti o olhar frio de Estige sobre mim.

Eu me apoiei em Piper, que me ajudou a chegar à plataforma onde Meg, Grover e Herófila esperavam.

As sete guerreiras estavam ali perto, parecendo aguardar ordens.

Assim como os escudos, as armaduras eram peças muito bem elaboradas de madeira. As mulheres eram imponentes, todas com quase dois metros de altura, os rostos tão lustrosos e belamente esculpidos quanto as armaduras. Os cabelos de vários tons de branco, louro, dourado e castanho-claro caíam pelas costas em cascatas de tranças. Seus olhos eram de um tom verde-clorofila, assim como as veias aparentes dos membros musculosos.

Eram dríades, mas diferentes de qualquer outra dríade que eu conhecesse. Nunca vi nada igual.

— Vocês são as Melíades — constatei.

As mulheres me olharam com um interesse perturbador, como se quisessem tanto dançar comigo quanto lutar contra mim e me jogar no fogo.

A da extrema esquerda falou:

— Nós somos as Melíades. Você é A Meg?

Pisquei, confuso. Elas pareciam esperar por um *sim*, mas, mesmo naquele meu estado deplorável, eu tinha certeza de que não era Meg.

— Ei, pessoal, a Meg McCaffrey é esta aqui — interveio Piper, apontando para a pessoa certa.

As Melíades saíram marchando, erguendo os joelhos mais alto do que era de fato necessário, e se agruparam em um semicírculo ao redor de Meg, como se estivessem fazendo uma manobra marcial. Então pararam, bateram as lanças nos escudos uma vez e baixaram a cabeça respeitosamente.

— VIVA A MEG MCCAFFREY! — gritaram. — FILHA DE QUEM NOS CRIOU!

Grover e Herófila chegaram para o canto, quase como se quisessem se esconder atrás da privada da Sibila.

Meg examinou as sete dríades. Minha jovem mestra estava com o cabelo desgrenhado pelo *ventus*. A fita isolante tinha se soltado dos óculos, e ela parecia estar usando dois monóculos encrustados de pedrinhas. As roupas tinham voltado a ser um conjunto de trapos queimados e rasgados — uma aparência que, na minha opinião, era exatamente a que *A Meg McCaffrey* deveria ter.

Ela usou de sua eloquência habitual:

— Oi.

Piper curvou os lábios num quase sorriso.
— Encontrei essas mulheres na entrada do Labirinto. Elas vieram atrás de você. Disseram que ouviram sua música.
— Minha música? — perguntou Meg.
— A música! — gritou Grover. — Funcionou?
— Nós atendemos ao chamado da natureza! — exclamou a dríade líder.
Isso tinha um significado diferente para os mortais, mas decidi não entrar nesse mérito.
— Ouvimos a flauta de um Senhor da Natureza! — prosseguiu outra dríade. — Deve ser você, sátiro. Saúdem o sátiro!
— VIVA O SÁTIRO! — ecoaram as outras.
— Hã, ok... — respondeu Grover, meio sem forças. — Saudações para vocês também.
— Mas, acima de tudo — explicou uma terceira dríade —, ouvimos o chamado de Meg, filha de quem nos criou. Viva!
— VIVA! — ecoaram as outras.
Aquilo já era "viva" demais para a minha vida.
Meg estreitou os olhos.
— Esse *quem nos criou* aí... Vocês estão falando do meu pai, o botânico, ou da minha mãe, Deméter?
As dríades se juntaram para cochichar.
Depois de um tempo, a líder se pronunciou:
— Excelente questão. Estávamos falando de McCaffrey, o grande criador de dríades. Só que agora percebemos que você também é filha de Deméter. Você é duplamente abençoada, filha de dois criadores! Estamos ao seu serviço!
Meg cutucou o nariz.
— Estão ao meu serviço, é? — Ela olhou para mim, como quem pergunta: *por que você não pode ser um servo incrível como elas?* — E como nos encontraram?
— Nós temos muitos poderes! — gritou uma. — Nós nascemos do sangue da Mãe Terra!
— A força primordial da vida corre em nós! — explicou outra.
— Nós amamentamos Zeus quando bebê! — acrescentou uma terceira. — Geramos uma raça inteira de homens, os guerreiros do Bronze!
— Nós somos as Melíades! — exclamou uma quarta.
— Somos os poderosos freixos! — gritou uma quinta.
Com isso, não restou muito para as duas últimas explicarem. Elas apenas murmuraram:
— Freixos. É, somos freixos.
Piper interveio, explicando o lado dela:
— O treinador Hedge recebeu a mensagem de Grover pela ninfa

das nuvens, e eu vim atrás de vocês. Só que eu não sabia onde era a entrada secreta, então voltei lá no centro de Los Angeles.

— *Sozinha?* — perguntou Grover.

Os olhos de Piper assumiram um tom sombrio, e eu compreendi que, por mais que ela de fato quisesse nos ajudar, tinha ido até lá mais para se vingar de Medeia do que qualquer coisa. Sair viva… não era uma prioridade.

— Encontrei essas mulheres na cidade, e meio que forjamos uma aliança.

Grover engoliu em seco.

— Mas Clave disse que a entrada principal era uma armadilha mortal! Que o lugar era mantido sob extrema vigilância!

— É, era mesmo. Só que... — Piper apontou para as dríades. — Não é mais.

As Melíades pareciam satisfeitas.

— O freixo é poderoso — explicou uma.

As outras murmuraram, concordando.

Herófila saiu de seu esconderijo atrás da privada.

— Mas o fogo! Como vocês…?

— Ah! É necessário mais do que fogo de um titã do Sol para nos destruir! — gritou uma dríade, erguendo o escudo. Um dos cantos estava preto, mas a fuligem já estava sumindo, revelando madeira nova e intacta por baixo.

A julgar pelo tanto que Meg franziu a testa, sua mente devia estar disparada, o que me deixava meio aflito.

— Então… vocês agora servem a mim?

As dríades bateram outra vez nos escudos, todas ao mesmo tempo.

— Vamos obedecer às ordens de Meg McCaffrey! — exclamou a líder.

— Tipo, se eu pedisse para vocês buscarem umas enchiladas…?

— Nós apenas perguntaríamos quantas! — gritou outra dríade. — E se é para pedir com ou sem molho de pimenta!

Meg assentiu.

— Ótimo. Mas, primeiro, será que vocês podem nos tirar deste Labirinto em segurança?

— Assim será feito! — exclamou a líder.

— Esperem! — interveio Piper. — E aquilo?

Ela apontou para as pedras no chão, onde minhas palavras douradas e sem sentido ainda brilhavam.

Enfim pude apreciar o arranjo das frases, o que não pude fazer quando estava ajoelhado e acorrentado.

AMÁLGAMA BRONZE OURO

NASCENTE ENCONTRA POENTE

ALFORRIADAS AS LEGIÕES

SOBRE PROFUNDEZAS, LUZ

CONTRA MUITOS, UM

ISENTO DE DERROTAS

DITAS PALAVRAS ANTIGAS

ABALANDO VELHAS FUNDAÇÕES

DESTRUIR O TIRANO

ENCORAJAR O ALADO

BEIRANDO COLINAS DOURADAS

ESTÁ O POTRO

LIRAS E TROMPETES

OUTRA MARÉ VERMELHA

NINHO DO ESTRANHO

A GLÓRIA RECUPERAR

— O que isso quer dizer? — perguntou Grover, olhando para mim como se esperasse que eu entendesse alguma coisa daquilo.

Minha mente estava em frangalhos, latejando de exaustão e tristeza. Enquanto Clave distraía Medeia, ganhando tempo para Piper chegar e salvar a vida dos meus amigos, comecei a falar aquelas coisas sem sentido. Coisas que agora estavam arranjadas em duas colunas de texto separadas por uma linha vertical de fogo. Muito mal diagramado, e não era nem em uma fonte decente.

— Quer dizer que Apolo conseguiu! — anunciou Sibila, orgulhosa. — Ele concluiu a profecia!

Balancei a cabeça.

— Não concluí, não. *Apolo encara a morte na tumba de Tarquínio exceto se a passagem para o deus silencioso só for aberta por*…

Piper examinou o texto.

— É muita coisa. Não é melhor anotar?

O sorriso da Sibila fraquejou.

— Espera… vocês não veem? Está tão óbvio!

Grover estreitou os olhos, examinando as palavras douradas.

— Vendo o quê?

— Ah! — Meg assentiu. — Ah, agora sim.

As sete dríades se inclinaram para a frente, fascinadas.

— O que devemos ver, ó grande filha do criador? — perguntou a líder.

— É um acróstico. Só tem que ler a primeira letra de cada frase — explicou Meg.

Ela correu até o canto superior esquerdo do salão e foi andando junto da primeira letra de cada linha. Então subiu, pulou a linha de fogo do meio e desceu junto das primeiras letras das linhas da outra coluna, recitando cada letra em voz alta:

— *A-N-A-S-C-I-D-A-D-E-B-E-L-O-N-A*.

— Uau. — Piper balançou a cabeça, impressionada. — Ainda não sei bem o que quer dizer esse negócio de Tarquínio, deus silencioso e

tudo o mais, mas parece que você precisa da ajuda da filha de Belona. É a pretora sênior do Acampamento Júpiter, Reyna Avila Ramírez-Arellano.

44

Ei, vocês são dríades?
Isso é bem sério
Adeus, cavalinho

— **VIVA A MEG MCCAFFREY!** — gritou a dríade líder. — Viva a solucionadora do enigma!

— VIVA! — concordaram as outras, erguendo bem os joelhos ao marchar, batendo as lanças nos escudos e se prontificando a buscar enchiladas.

Será que Meg merecia mesmo todos aqueles vivas? Fica aí o questionamento. Eu poderia tranquilamente ter resolvido o enigma, se não tivesse acabado de ser magicamente meio esfolado e preso a correntes ardentes. Também tinha certeza de que Meg só sabia que era um acróstico porque *eu* já tinha explicado o que era.

Mas tínhamos problemas maiores. Naquela hora, a câmara começou a tremer. Poeira caía do teto, e algumas pedras se soltaram e desabaram na poça ardente de icor.

— Temos que ir embora — anunciou Herófila. — A profecia está completa, e eu estou livre. Este salão não vai durar muito tempo.

— Gostei dessa ideia de ir embora! — concordou Grover.

Eu também tinha gostado, mas ainda tinha uma promessa — uma que eu pretendia cumprir, mesmo que Estige já me odiasse no momento.

Eu me ajoelhei na beirada da plataforma e olhei para o icor borbulhante.

— Hã, Apolo? — chamou Meg.

— Devemos puxá-lo? — perguntou uma dríade.

— Devemos empurrá-lo? — sugeriu outra.

Meg não respondeu. Talvez estivesse avaliando qual era a melhor opção. Tentei me concentrar no fogo abaixo, e murmurei:

— Hélio, sua prisão acabou. Medeia está morta.

O icor se agitou e brilhou. Senti a raiva daquela meia consciência do titã. Agora que estava livre, será que Hélio considerava atravessar os túneis com seu poder, transformando toda aquela área num deserto? Ele também não devia estar muito feliz de ter dois *pandai*, algumas plantas e sua neta maligna despejados em sua essência boa e efervescente.

— Olha, você tem todo o direito de estar irritado — argumentei. — Mas, sabe, eu me lembro de como você era. Do seu brilho, do seu calor. Eu me lembro de como você era amigo dos deuses e dos mortais

da Terra. Nunca vou conseguir fazer um trabalho tão magnífico quanto o seu, nunca vou ser um deus do Sol tão bom, mas sempre tento honrar sua memória, lembrar suas *melhores* qualidades.

O icor borbulhou ainda mais intensamente.

Estou só conversando com um velho amigo, disse a mim mesmo. *Não é nem um pouco como convencer um míssil intercontinental a não disparar por conta própria.*

— Eu vou resistir. *Vou* recuperar a carruagem do Sol. E, enquanto eu for o condutor dela, você será lembrado. Manterei seus antigos caminhos pelo céu. Mas você sabe, mais do que ninguém, que o fogo do Sol não pertence à Terra, nem foi feito para *destruir* a Terra, apenas para aquecer a superfície! Calígula e Medeia transformaram você em uma arma, mas não permita que eles vençam! Você só precisa *descansar*. Volte para o éter do Caos, meu velho amigo. Fique em paz.

O icor ficou branco e incandescente. Meu rosto estava prestes a receber um peeling completo. De repente, a essência ardente tremeluziu e cintilou, como um lago de asas de mariposa. Então o icor sumiu. O calor se dissipou, as pedras nas plataformas flutuantes se desintegraram até virar pó e caíram no vão que aquele lago de lava tinha deixado. As terríveis queimaduras em meus braços sumiram, a pele rachada cicatrizou. A dor diminuiu para um nível tolerável de agonia, uma coisa só "fui torturado por seis horas", e eu desabei no chão de pedra, tremendo e com frio.

— Você conseguiu! — gritou Grover, rindo, olhando para Meg e para as dríades, impressionado. — Estão sentindo? A onda de calor, a seca, os incêndios… acabaram!

— De fato — concordou a líder das dríades. — O servo fracote da Meg McCaffrey salvou a natureza! Viva a Meg McCaffrey!

— VIVA! — gritaram as outras dríades.

Eu não tinha forças para protestar.

A câmara ribombou, num tremor ainda mais violento. Uma enorme rachadura em zigue-zague se abriu no meio do teto.

— Vamos sair daqui. — Meg se virou para as dríades. — Ajudem Apolo.

— A Meg McCaffrey mandou! — urrou a dríade líder.

Duas dríades me botaram de pé e me carregaram. Tentei me apoiar nos pés só para manter algum resquício de dignidade, mas era como tentar deslizar em patins com rodinhas de biscoitos molhados.

— Vocês sabem onde é a saída? — perguntou Grover.

— *Agora* sabemos — explicou uma das dríades. — É o caminho mais rápido até a natureza, coisa que sempre sabemos encontrar.

Em uma escala de zero a dez, em que dez é *Socorro, vou morrer!*, sair do labirinto era definitivamente um dez. Mas, como tudo que tinha acontecido naquela semana era um quinze, pareceu moleza. Os

tetos dos túneis desabavam, o chão se abria. Monstros atacaram, mas foram prontamente assassinados por sete dríades ansiosas que não paravam de gritar “VIVA!”.

Enfim chegamos a um vão estreito, uma ladeira bem íngreme que subia na direção de um quadradinho de luz.

— Não foi por aqui que entramos — comentou Grover, aflito.

— Mas é bem perto — retrucou a dríade líder. — Nós vamos em frente.

Ninguém se opôs. As sete dríades ergueram os escudos e subiram em fila única. Piper e Herófila foram atrás, seguidos por Meg e Grover. Eu fui o último, já bem o suficiente para engatinhar sozinho sem chorar nem gemer demais.

Quando finalmente saí e fiquei de pé, a batalha já estava prestes a começar.

Estávamos de volta à jaula do urso (como aquele poço conseguiu nos levar para lá, eu não sei). As Melíades tinham formado uma barreira protetora em volta da entrada do túnel, e meus amigos estavam logo atrás, empunhando suas armas. Logo acima, contornando a beirada do poço de cimento, doze *pandai* esperavam, as flechas já montadas nos arcos. Entre eles estava o grande corcel, Incitatus.

Quando me viu, o cavalo jogou a linda crina para o lado.

— Ah, então *aí* está Apolo. Parece que Medeia não conseguiu selar o trato, não foi?

— Medeia está morta — anunciei. — E você vai ser o próximo, se não fugir *agora*.

Incitatus relinchou.

— Nunca gostei daquela feiticeira. Você realmente espera que eu me renda? Lester, já se olhou no espelho? Você não está em condições de fazer nenhuma ameaça. Apesar de tudo, ainda estamos em vantagem aqui. Sem falar que você já viu a habilidade dos *pandai* com as flechas. Não sei quem são essas suas belas aliadas de armaduras de madeira, mas não importa. Aceite a derrota e se renda logo, sem reclamar. Cezão foi para o norte, para lidar com seus amigos lá na Baía de São Francisco, mas não vai ser difícil alcançar a frota. Meu garoto tem *várias* coisinhas especiais planejadas só para você.

Piper rosnou. Parecia que a mão de Herófila em seu ombro era a única coisa que a impedia de atacar nosso inimigo sozinha.

As espadas de Meg reluziram ao sol da tarde, e ela se virou para as dríades:

— Ei, moças dos freixos! Quão rápido vocês conseguem chegar lá em cima?

A líder deu uma olhada antes de responder:

— Bem rápido, ó Meg McCaffrey.

— Legal. — Então Meg se virou para o cavalo e os *pandai*: — Última chance de vocês se renderem!

Incitatus soltou um suspiro.

— Ai, tá bom.

— "Ai, tá bom", você se rende? — indagou a menina.

— Não. Ai, tá bom, vamos matar vocês logo. *Pandai*…

— Dríades, ATAQUEM!

— *Dríades?* — perguntou Incitatus, incrédulo.

Foi a última coisa que ele disse.

As Melíades avançaram, como se aqueles paredões de pedra só tivessem um degrau de altura. Os doze arqueiros *pandai*, os mais rápidos do Oeste, não conseguiram disparar uma única flecha antes de serem atravessados pelas lanças de freixo e virarem pó.

Incitatus relinchou, em pânico. Quando as Melíades o cercaram, ele empinou e coiceou com suas ferraduras de ouro, mas nem sua força lendária era páreo para aqueles espíritos das árvores, aquelas assassinas primordiais. O corcel hesitou e caiu, atravessado por várias lanças.

As dríades se viraram para Meg.

— A tarefa foi cumprida! — anunciou a líder. — A Meg McCaffrey vai querer as enchiladas agora?

Piper, ao meu lado, pareceu meio enjoada, como se, depois daquela carnificina, a vingança parecesse menos atraente.

— E eu achando que a *minha* voz era poderosa.

Grover concordou, perplexo:

— Eu nunca tive pesadelos com árvores, mas acho que, depois de hoje, isso vai mudar.

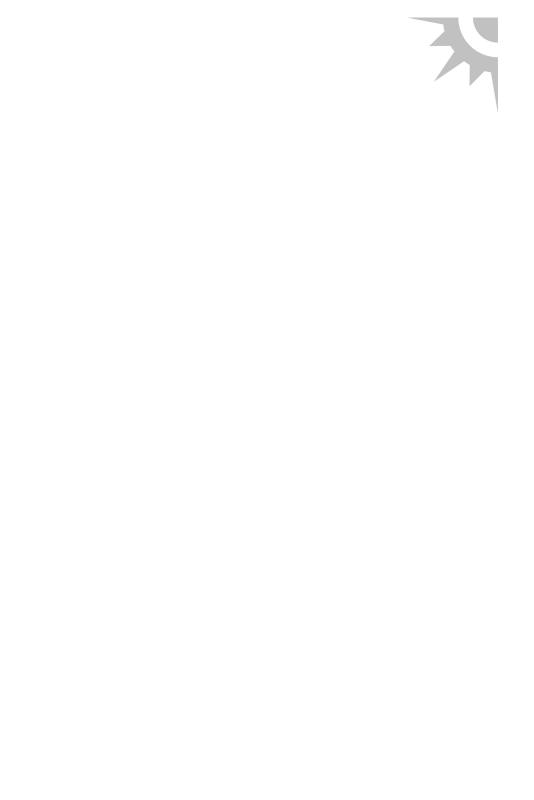
Até Meg parecia incomodada, como se só então compreendesse o poder que tinha recebido. Fiquei aliviado ao notar aquele incômodo; era sinal de que Meg continuava sendo uma boa pessoa. O poder deixa as pessoas boas incomodadas, em vez de satisfeitas e orgulhosas. É por isso que é raro ver pessoas boas no poder.

— Vamos sair daqui — decidiu ela.

— Para onde devemos ir, ó Meg McCaffrey? — perguntou a dríade líder.

— Para casa. Vamos para Palm Springs.

Não havia amargura em sua voz quando ela associou *casa* a *Palm Springs.* Assim como as dríades, ela precisava voltar às suas raízes.

45

Flores do deserto nascem
Ar açucarado
Quer criar um game show!

PIPER NÃO FOI com a gente.

Ela disse que precisava voltar para Malibu, já que não queria preocupar o pai nem os Hedge. Iriam todos para Oklahoma juntos na noite seguinte, e ela tinha muitas providências a tomar. O tom sombrio com que ela disse aquilo deu a entender que essas providências tinham a ver com *o funeral* de Jason.

— Me encontre amanhã à tarde. — Ela me entregou uma folha amarela dobrada, um aviso de despejo da N. H. Financeira. Atrás estava anotado um endereço em Santa Mônica. — Vamos lhe indicar o caminho certo.

Eu não sabia bem o que ela queria dizer com aquilo, mas fiquei sem explicação. Piper seguiu para o estacionamento do campo de golfe mais próximo, sem dúvida para pegar emprestado algum veículo de qualidade.

Nós, que ficamos, voltamos para Palm Springs no Mercedes vermelho. Herófila foi dirigindo (Quem poderia imaginar que os antigos Oráculos sabiam dirigir?), Meg se sentou na frente, ao lado dela, e Grover e eu ficamos no banco de trás. Foi impossível não pensar em Clave, que estivera ali, naquele mesmo lugar, poucas horas antes, ansioso para aprender os acordes e se tornar um deus da música.

Talvez eu tenha chorado um pouquinho.

As sete Melíades marchavam ao lado do carro, parecendo agentes do serviço secreto escoltando algum oficial. Elas nos acompanharam sem dificuldade, mesmo quando pegamos a estrada, deixando o trânsito para trás.

Apesar da vitória, o humor do grupo estava bem soturno. Ninguém começou nenhuma conversa animada. Teve até um momento em que Herófila tentou quebrar o gelo, sugerindo um jogo:

— Adivinhem só o que estou vendo…

— Não — respondemos todos, em uníssono.

Depois disso, seguimos em silêncio.

A temperatura lá fora tinha caído pelo menos uns dez graus. Uma neblina marítima havia se instalado na orla de Los Angeles, uma camada úmida que encharcava o calor seco e a fumaça. Quando chegamos a San Bernardino, nuvens negras cobriam as colinas, volta e

meia soltando jatos de chuva nos montes secos e chamuscados.

Quando Palm Springs se revelou à nossa frente, Grover começou a chorar de alegria. O deserto exibia um tapete de flores silvestres: calêndulas, papoulas, dentes-de-leão e prímulas, todas cintilando com gotículas da chuva que acabara de passar, deixando o ar fresco e doce.

Dezenas de dríades nos esperavam na colina da Cisterna. Aloe Vera tratou nossos ferimentos, e Figo-da-índia fez cara feia, perguntando como tínhamos conseguido estragar as roupas *mais uma vez*. Reba ficou tão feliz que tentou dançar tango comigo, mas aquelas sandálias de Calígula não tinham sido feitas para passos complexos. Todos se reuniram em volta das Melíades, perplexos.

Josué abraçou Meg com tanta força que ela soltou um gemidinho de dor.

— Você conseguiu! Os incêndios *acabaram*! — exclamou o dríade.

— Pois é, a gente percebeu... — resmungou ela.

— E essas… — Ele olhou para as Melíades. — Eu… Eu vi quando elas saíram das mudinhas, mais cedo. Elas disseram que ouviram uma música, um som que *precisavam* seguir. Foi você?

— Foi. — Meg não pareceu gostar do jeito como Josué encarava as dríades dos freixos, boquiaberto. — Elas são minhas novas minions.

— Nós somos as Melíades! — afirmou a líder, parecendo concordar. Ela se ajoelhou na frente de Meg. — Pedimos orientação, ó Meg McCaffrey! Onde devemos plantar nossas raízes?

— Plantar? Mas achei que…

— Podemos ficar na encosta onde você nos plantou, ó Grande Meg — explicou a líder. — Mas, se quiser que plantemos nossas raízes em outro lugar, precisa decidir rápido! Não demorará para crescermos, e ficaremos grandes e fortes demais para sermos transplantadas!

De repente visualizei como seria se comprássemos uma picape e enchêssemos a caçamba de terra, para ir até São Francisco levando sete freixos assassinos. Gostei da ideia, mas, infelizmente, sabia que não daria certo. Árvores não gostam muito de viagens de carro.

Meg coçou a cabeça.

— Mas se vocês ficarem aqui… vão ficar bem? Quer dizer, no deserto e tudo o mais?

— Nós vamos ficar ótimas — respondeu a líder.

— Se bem que um pouco mais de sombra e água fresca seria melhor — argumentou um segundo freixo.

Josué pigarreou, então ajeitou o cabelo desgrenhado, meio constrangido.

— Nós... Hum... Nós ficaríamos honrados de ter vocês conosco! A natureza já é bem forte aqui, mas, com as Melíades ao nosso lado …

— É — concordou Fig. — Ninguém nunca mais nos incomodaria. Aí poderíamos crescer em paz!

Aloe Vera encarou as Melíades de cima a baixo, em dúvida. Parecia que ela não confiava em formas de vida que precisavam tão pouco de cura.

— Mas até onde vai o alcance de vocês? — perguntou Aloe. — Quanto conseguem proteger?

Uma terceira Melíade riu.

— Marchamos hoje até Los Angeles! E não tivemos nenhum problema. Se nossas raízes ficarem aqui, podemos proteger tudo num raio de cem léguas!

Reba mexeu no cabelo escuro.

— Isso é longe o bastante para chegar à Argentina?

— Não — respondeu Grover. — Mas cobriria quase todo o sul da Califórnia. O que você acha, Meg?

Minha mestra semideusa estava tão cansada que se balançava como uma mudinha. Fiquei esperando que ela fosse murmurar um *sei lá* digno de Meg e desmaiar, mas logo depois ela falou para as Melíades:

— Venham comigo.

Fomos todos atrás dela, até a beira da Cisterna. Meg apontou para o poço sombreado, com o lago azul no meio.

— Que tal em volta do lago? Tem sombra, água. Acho… acho que meu pai teria gostado disso.

— A filha do criador mandou! — gritou uma Melíade.

— Filha de dois criadores! — completou outra.

— Duplamente abençoada!

— Sábia solucionadora de enigmas!

— A Meg McCaffrey!

Isso deixou pouca coisa para as duas últimas, que apenas murmuraram:

— É. A Meg McCaffrey. Isso aí.

As outras dríades assentiram, murmurando em concordância. Os freixos ocupariam o lugar onde comíamos nossas enchiladas, mas ninguém reclamou.

— Um bosque sagrado de freixos — comentei. — Eu tinha um desses na Antiguidade. Ah, Meg, é perfeito.

Olhei para a Sibila, um pouco afastada da aglomeração, em silêncio. Devia estar atordoada por ver tanta gente junta, depois daquele longo cativeiro.

— Herófila, este bosque vai ser bem protegido. Ninguém, nem mesmo Calígula, seria uma ameaça. Não quero lhe dizer o que fazer, a escolha é sua. Mas o que acha de este ser seu novo lar?

Herófila suspirou, hesitante. O cabelo castanho era da mesma cor das colinas do deserto à luz da tarde. Será que ela estava pensando em como aquele lugar era diferente da colina onde nasceu, bem longe, na Eritreia, onde ficava sua caverna?

— Eu poderia ser feliz aqui — decidiu a profetisa. — Eu inicialmente tinha pensado em... Olha, é só uma ideia, mas é que fiquei sabendo que muitos game shows são gravados em Pasadena. Tenho várias ideias para alguns.

Figo-da-índia estremeceu.

— Por que não deixa para pensar nisso mais tarde, querida? Fique um pouco aqui com a gente!

Era um bom conselho, vindo de um cacto.

Aloe Vera assentiu.

— Ficaríamos honrados em ter um oráculo aqui conosco! Você pode me avisar sempre que alguém for ficar resfriado!

— Sim, receberíamos você de braços abertos — concordou Josué. — Quer dizer, menos os que têm espinhos. Acho que esses só dariam um tchauzinho.

Herófila abriu um sorriso.

— Muito bem. Seria uma…

Ela engasgou, como se fosse começar uma nova profecia que teríamos que quebrar a cabeça para resolver.

— Que beleza! — interrompi. — Não precisa agradecer! Está decidido!

Foi assim que Palm Springs ganhou um oráculo e o resto do mundo foi poupado de vários novos game shows questionáveis, como *Sibila da Fortuna* ou *Show do Oráculo*. Uma vitória para todos.

Passamos o restante da noite construindo um novo acampamento na encosta, jantando (optei por enchiladas de frango, obrigado por perguntar) e garantindo a Aloe Vera que nossas camadas de gosma medicinal estavam grossas o bastante. As Melíades removeram as mudinhas da encosta e as replantaram na Cisterna, o que acho que seria uma versão dríade de dizer que elas foram cuidar da própria vida.

No pôr do sol, a líder foi até Meg e fez uma reverência.

— Vamos dormir agora, ó Meg McCaffrey. Mas responderemos sempre que você chamar, se estivermos ao alcance! Vamos proteger esta terra em nome de Meg McCaffrey!

— Valeu — respondeu a garota, poética como sempre.

As Melíades sumiram dentro de seus sete freixos, que agora circundavam o lago, os galhos cintilando com uma luz suave e opaca. As outras dríades ficaram andando pela encosta, apreciando o ar fresco e as estrelas do céu noturno límpido enquanto mostravam a nova casa para a Sibila.

— E aqui tem mais algumas pedras — iam dizendo. — E, ali, mais pedras.

Grover se sentou junto de mim e de Meg, soltando um suspiro satisfeito.

O sátiro tinha mudado de roupa; agora usava gorro verde, camisa tie-dye, calça jeans limpa e um novo par de tênis adaptados para seus cascos. Senti um aperto no peito quando o vi com uma mochila no ombro e todo preparado para partir. Apenas perguntei:

— Vai a algum lugar?

Ele sorriu.

— Vou voltar para o Acampamento Meio-Sangue.

— *Agora?* — indagou Meg.

Ele abriu os braços, num gesto de *e por que não?*.

— Estou aqui *há anos*. Graças a vocês, meu trabalho aqui finalmente acabou! Sei que *vocês* ainda têm um longo caminho pela frente, que precisam libertar os Oráculos e tudo o mais, mas…

Ele era educado demais para concluir o pensamento: *mas, por favor, não me peçam para ir junto.*

— Você merece voltar para casa — respondi, melancólico, desejando poder fazer o mesmo. — Mas não vai descansar nem esta noite?

O olhar de Grover se perdeu no horizonte.

— Preciso voltar. Sátiros não são dríades, mas também temos raízes. O Acampamento Meio-Sangue é a minha casa, e estou longe há tempo demais. Espero que Junípero não tenha arrumado um bode novo…

Lembrei de como a dríade Juníper estava preocupada com o namorado quando visitei o acampamento.

— Duvido que ela conseguiria achar substituto para um sátiro tão maravilhoso — respondi. — Obrigado, Grover Underwood. Não teríamos conseguido sem você e Walt Whitman.

Ele riu, mas logo ficou sério.

— Só não queria que tivéssemos perdido Jason e…

Ele olhou para o ukulele que descansava em meu colo. Eu não o perdia de vista desde que voltamos, mas também não tinha conseguido juntar coragem para sequer afinar as cordas, quem dirá tocar alguma coisa.

— Sim — concordei. — E Jade. E todos os outros que pereceram na busca pelo Labirinto de Fogo. E também nos incêndios, nas secas…

Uau. Grover era mesmo muito bom em cortar o clima: antes de ele chegar, eu até estava me sentindo bem. Pelo menos por um segundo.

O cavanhaque dele tremeu.

— Sei que vocês vão conseguir chegar ao Acampamento Júpiter. Nunca fui lá e não conheço Reyna, mas soube que ela é gente boa. Meu amigo Ciclope, Tyson, também está lá. Diga que mandei um oi.

Fiquei pensando no que nos esperava no norte. Não tínhamos a menor ideia do que estava acontecendo no Acampamento Júpiter, não sabíamos se Leo Valdez ainda estava lá ou se já tinha voltado para

Indianápolis. Nossas únicas informações eram o que descobrimos a bordo do iate de Calígula: o ataque durante a lua nova não tinha ido bem, e o imperador, agora sem seu cavalo e sua feiticeira, estava indo para lá resolver o problema pessoalmente. Precisávamos chegar primeiro.

— Nós vamos ficar bem — afirmei, tentando me convencer. — Já tiramos três Oráculos do Triunvirato. Fora o próprio Delfos, só resta uma fonte de profecia: os livros sibilinos… ou melhor, o que a harpia Ella está tentando reconstruir a partir do que se lembra deles.

Grover franziu a testa.

— É. Ella, a namorada de Tyson.

Ele parecia meio confuso, como se não fizesse sentido que um Ciclope namorasse uma harpia. Ainda mais uma harpia com memória fotográfica — memória essa que, aliás, era tudo que tínhamos para consultar os livros de profecias, queimados séculos antes.

Bem pouco do que estávamos vivendo fazia sentido, mas eu já tinha sido um olimpiano, estava acostumado com essas incoerências.

— Obrigado, Grover. — Meg abraçou o sátiro e deu um beijo na bochecha dele, um gesto de gratidão que ela nunca nem cogitou repetir comigo.

— Sem problema. E obrigado a você, Meg. Você… — Ele engoliu em seco. — Você é uma ótima amiga. Adoro nossas conversas sobre plantas.

— Sabe, eu também estava lá — comentei.

Grover abriu um sorriso tímido e se levantou, prendendo as tiras da mochila no peito.

— Durmam bem. E boa sorte. Tenho a sensação de que ainda vamos nos encontrar antes de… É.

Antes de eu voltar ao Olimpo e recuperar meu trono imortal?

Antes de todos encontrarmos uma morte trágica nas mãos do Triunvirato?

Eu não sabia.

Depois que Grover foi embora, fiquei com um vazio no peito, como se o buraco que fiz com a Flecha de Dodona estivesse ficando mais fundo e mais largo. Desatei as sandálias de Calígula e as joguei longe.

Dormi mal e tive um pesadelo horrível.

Estava deitado no fundo de um rio frio e escuro. Acima de mim flutuava uma mulher com roupa preta e sedosa. Era a deusa Estige, encarnação viva das águas do inferno.

— Mais promessas quebradas — sibilou ela.

Senti um soluço subir pela garganta. Eu não precisava ser relembrado disso.

— Jason Grace morreu — continuou ela. — Assim como o jovem *pandos*.

Ele tinha nome!, quis gritar. *Ele se chamava Clave!*

— Já começou a se arrepender da idiotice que foi aquela promessa precipitada que fez pelas minhas águas? — perguntou Estige. — Haverá mais mortes. Minha fúria não vai poupar ninguém próximo de você até que tudo esteja consertado. Aproveite seu tempo como mortal, Apolo!

A água foi enchendo meus pulmões, como se meu corpo só então tivesse lembrado que precisava de oxigênio.

Acordei ofegante.

Já estava amanhecendo no deserto. Eu abraçava o ukulele com tanta força que fiquei com marcas nos antebraços, e até meu peito ficou um pouco machucado. O saco de dormir de Meg estava vazio, mas nem precisei procurá-la: ela veio descendo a colina na minha direção, com um brilho estranho e muito animado nos olhos.

— Apolo, acorda. Você precisa ver isso!

46

Mas que bela viagem
Bon Jovi no rádio
Eu não mereço isso

A MANSÃO MCCAFFREY tinha renascido.

Ou melhor, tinha *florescido*.

Ao longo da noite, as tábuas madeira de lei tinham crescido e se espalhado em uma velocidade incrível, formando as vigas e o piso de uma casa de vários andares muito parecida com a antiga. Enormes trepadeiras, muito densas, surgiram das ruínas de pedra, trançadas até criar paredes e tetos, deixando espaço para janelas e claraboias protegidas por toldos de glicínias.

A maior diferença da nova casa para a antiga era que o salão envolvia a Cisterna como uma ferradura, deixando o bosque de freixos a céu aberto.

— Espero que vocês gostem — comentou Aloe Vera, nos levando para visitar o lugar. — Nós nos reunimos e decidimos que era o mínimo que poderíamos fazer.

O interior era fresco e confortável, com chafarizes e água corrente em todos os aposentos, o encanamento todo feito de raízes vivas que puxavam a água de lagos subterrâneos. Cactos em flor e árvores de Josué decoravam o ambiente, e galhos enormes tinham assumido a forma de móveis. Até a antiga escrivaninha do dr. McCaffrey fora recriada.

Meg fungou e piscou várias vezes.

— Ah, querida! — exclamou Aloe Vera. — Será que você é alérgica à casa?!

— Não, não é isso. Este lugar é incrível!

Meg se jogou nos braços de Aloe, ignorando os muitos espinhos afiados da dríade.

— Uau...! — comentei. (Parece que a capacidade poética de Meg estava me contaminando.) — Quantos espíritos da natureza trabalharam para fazer isso?

Aloe deu de ombros, modesta.

— Todas as dríades do deserto do Mojave quiseram ajudar. Vocês nos salvaram! E, além de tudo, você *recuperou as Melíades*. — Ela deu um beijo na bochecha de Meg. — Seu pai ficaria tão orgulhoso! Você completou o trabalho dele.

Meg piscou para conter as lágrimas.

— Eu só queria que...

Ela não precisou terminar. Todos sabíamos quantas vidas *não* tinham sido salvas.

— Você vai ficar? — perguntou Aloe. — Aeithales é a sua casa.

Meg admirou a vista do deserto. Eu estava morrendo de medo de ela dizer que sim. Sua ordem final seria que eu continuasse a missão sozinho, e daquela vez ela estaria falando sério. Bem, e por que não? Ela havia encontrado seu lar, e tinha amigos ali. Tinha inclusive sete dríades muito poderosas que lhe dariam vivas e lhe serviriam enchiladas todas as manhãs. Ela poderia virar a protetora do sul da Califórnia, longe do alcance de Nero. Poderia ter paz.

Poucas semanas atrás, a ideia de ficar livre de Meg me deixaria eufórico, mas naquele momento só cogitar a possibilidade já me desesperava. Sim, eu queria que ela fosse feliz, mas sabia que Meg ainda tinha muitas coisas a fazer — e a primeira delas era enfrentar Nero outra vez, para fechar aquele capítulo horrível com um confronto e uma vitória sobre o Besta.

Ah, e eu também precisava da ajuda dela. Podem me chamar de egoísta, mas eu não conseguia me imaginar seguindo adiante sem minha amiga.

Meg apertou a mão de Aloe.

— Talvez um dia. Espero voltar logo. Mas agora… nós temos que ir a alguns lugares.

* * *

Grover fora muito generoso em deixar o Mercedes que tinha pegado emprestado em… algum lugar.

Depois de nos despedirmos de Herófila e das dríades, que discutiam planos para criar um gigantesco tabuleiro de palavras cruzadas no chão de um dos quartos de hóspedes de Aeithales, fomos até Santa Mônica atrás do endereço que Piper me dera. Eu não parava de olhar pelo retrovisor, me perguntando se a polícia nos pararia pelo roubo do carro. Seria uma conclusão ótima para aquele fim de semana.

Levamos um tempo para encontrar o lugar, um aeroporto particular perto da costa de Santa Mônica.

Um segurança nos deixou passar pelo portão sem fazer perguntas, como se já estivesse esperando dois adolescentes em um Mercedes vermelho possivelmente roubado. Avançamos pela pista principal.

Um Cessna branco reluzente estava parado perto do galpão de embarque, junto do Chevette amarelo do treinador Hedge. Cheguei a tremer, achando que estávamos presos em um episódio de *Show do Oráculo*. Primeiro prêmio: o Cessna. Segundo prêmio… Não, eu não suportava nem pensar.

O treinador Hedge estava trocando a fralda do bebê Chuck no capô

do Chevette, distraindo o filho e deixando que ele mastigasse uma granada. (Devia ser só uma embalagem vazia. Provavelmente. Espero.) Mellie estava ao lado dele, monitorando tudo.

Quando nos viu, a dríade acenou e abriu um sorriso triste. Ela apontou para o avião, onde Piper estava parada na base da escada, falando com o piloto.

Ela segurava uma caixa grande e levava uns livros debaixo do braço. O compartimento de bagagem estava aberto, na parte direita da aeronave, perto da cauda, e funcionários prendiam lá dentro uma caixa grande de madeira com detalhes de metal, tomando muito cuidado. Era um caixão.

Quando Meg e eu nos aproximamos, o capitão apertou a mão de Piper, solidário à dor da menina.

— Está tudo em ordem, srta. McLean. Ficarei a bordo fazendo as verificações pré-voo até os passageiros estarem prontos.

Ele acenou e entrou no avião.

Piper usava uma calça jeans surrada e uma regata verde camuflada. Tinha cortado o cabelo mais curto e repicado — provavelmente porque boa parte tinha sido queimada —, o que a deixava bizarramente parecida com Thalia Grace. Seus olhos bicolores refletiam o asfalto cinza, e ela poderia se passar facilmente por uma filha de Atena.

O pacote que ela estava segurando era, claro, a maquete que Jason fez da Colina dos Templos, no Acampamento Júpiter. E debaixo do braço estavam os dois cadernos com os desenhos dos novos templos.

Senti um nó na garganta.

— Ah.

— É — respondeu a garota. — A escola me deixou pegar as coisas dele.

Peguei a maquete como quem seguraria a bandeira no funeral de um soldado. Meg guardou os cadernos na mochila.

— Você está indo para Oklahoma? — perguntei, apontando para o avião com o queixo.

Piper riu.

— Bom, sim. Mas vamos de carro, meu pai alugou um. Eu e os Hedge vamos encontrar com ele no Dunkin' Donuts. — Ela abriu um sorriso triste. — Foi o primeiro lugar aonde ele me levou para tomar café da manhã quando nos mudamos para cá.

— De carro? — perguntou Meg. — Mas…

— O avião é para vocês — explicou a menina. — E para... Jason. Meu pai tinha muitas milhas e crédito de combustível suficientes para uma última viagem. Falei com ele que queria mandar Jason para casa... Quer dizer, para a casa onde ele ficou mais tempo, na Baía, e que vocês dois poderiam levá-lo até lá… Papai concordou que seria

um excelente uso do avião. Estamos felizes em ir de carro.

Olhei para a maquete da Colina dos Templos, com todas as casinhas do Banco Imobiliário marcadas com a letra de Jason. Li a etiqueta: APOLO. Me lembrei da voz dele dizendo meu nome, pedindo um favor: *Aconteça o que acontecer, quando você voltar ao Olimpo, quando for deus de novo,* lembre-se. *Lembre-se de como é ser humano.*

Aquilo era ser humano: ficar parado numa pista de pouso e decolagem, vendo mortais colocarem o corpo de um amigo e herói no compartimento de carga, sabendo que ele nunca mais voltaria. Dizer adeus a uma jovem que estava sofrendo e que tinha feito de tudo para nos ajudar, sabendo que nunca poderia retribuir, nunca poderia compensá-la por tudo que ela perdeu.

— Piper, eu… — Minha voz engasgou, como a da Sibila.

— Tudo bem — interrompeu ela. — Só chegue bem ao Acampamento Júpiter. Peça que deem a Jason o enterro romano que ele merece. E acabe com a raça de Calígula.

Ela não falou de um jeito amargo, como eu esperava. Suas palavras eram áridas e secas como o ar de Palm Springs. Sem nenhum julgamento, só com um calor natural.

Meg olhou para o caixão no compartimento de carga e pareceu incomodada de voar com um companheiro morto. Eu não conseguia culpá-la: havia um motivo para eu nunca ter convidado Hades para dar um passeio pelo Sol. Dava azar misturar o Mundo Inferior e o Superior.

Ainda assim, Meg murmurou:

— Obrigada.

Piper puxou a garota para um abraço e beijou sua testa.

— Não foi nada. E, se algum dia você for a Tahlequah, vá me visitar, está bem?

Pensei nos milhões de jovens que oravam para mim todos os anos, na esperança de deixar suas cidadezinhas espalhadas pelo mundo e ir para Los Angeles, para fazerem seus enormes sonhos se tornarem realidade. Piper McLean estava seguindo o caminho contrário, deixando o glamour e brilho da antiga vida do pai, voltando para a pequena Tahlequah, em Oklahoma. Ela parecia tranquila com a ideia, como se soubesse que sua própria Aeithales estava lhe esperando.

Mellie e o treinador Hedge se aproximaram. O bebê Chuck ainda mastigava alegremente a granada, nos braços do pai.

— Ei, Piper, está pronta? — perguntou o treinador. — Temos um longo caminho pela frente.

O sátiro parecia sério e determinado. Ele encarou o caixão no compartimento de carga e desviou os olhos depressa para o chão.

— Quase lá. Tem certeza de que o Chevette vai aguentar uma viagem tão longa?

— Claro! Só... hã... fiquem por perto, para o caso de o carro alugado quebrar e vocês precisarem de ajuda.

Mellie revirou os olhos.

— Chuck e eu vamos com vocês.

O treinador pigarreou.

— Tudo bem. Vou ter bastante tempo para ouvir minhas músicas. Tenho toda a discografia do Bon Jovi em fita cassete!

Tentei abrir um sorriso encorajador, mas, se visse Hades de novo, daria uma nova sugestão de tortura para os Campos da Punição: *Chevette. Viagem de carro. Discografia do Bon Jovi em fita cassete.*

Meg deu um leve peteleco na ponta do nariz do bebê Chuck, o que fez com que ele risse e cuspisse raspas de granada.

— O que vocês vão fazer em Oklahoma? — perguntou ela.

— Treinar, claro! — respondeu o treinador. — Tem times jovens muito bons por lá. E fiquei sabendo que a natureza é bem forte. É um bom lugar para criar um filho.

— E sempre tem trabalho para ninfas de nuvens — completou Mellie. — Todo mundo precisa de nuvens.

Meg olhou para o céu, talvez se perguntando quantas daquelas nuvens eram ninfas ganhando apenas o salário mínimo. Então, do nada, ficou boquiaberta.

— Hã... gente?

Ela apontou para o norte.

Uma enorme silhueta brilhante surgiu em meio às nuvens brancas. Por um instante, achei que fosse um avião pequeno. Mas então a silhueta bateu as asas.

Os funcionários do aeroporto particular já estavam trabalhando quando Festus, o dragão de bronze, se aproximou para pousar. Ele trazia Leo Valdez consigo.

Os funcionários balançaram os cones de luz laranja, guiando Festus para um espaço ao lado do Cessna. Nenhum dos mortais pareceu achar aquilo incomum. Um deles gritou para Leo, perguntando se ele precisava de combustível.

O semideus sorriu.

— Não, valeu. Mas se puderem lavar e encerar meu garoto... Talvez um pouco de molho de pimenta. Seria ótimo.

Festus rugiu em aprovação.

Leo Valdez desceu e correu na nossa direção. Fossem quais fossem as aventuras vividas no Acampamento Júpiter, ele parecia ter saído com o cabelo preto cacheado, o sorriso malicioso e o corpinho élfico intactos. Leo usava uma camiseta roxa com palavras douradas escritas em latim: MINHA GALERA FOI PARA NOVA ROMA E TUDO QUE EU GANHEI FOI ESSA CAMISETA RIDÍCULA.

— Agora a festa pode começar! — anunciou ele. — Aí estão os

meus amigos!

Eu não sabia o que dizer. Ficamos parados, atordoados, enquanto Leo nos abraçava.

— Cara, o que está rolando? — perguntou ele. — Alguém jogou uma granada em vocês? Tenho boas e más notícias de Nova Roma, mas primeiro... — Ele nos encarou, notando a expressão em nossos rostos. E começou a ficar mais sério. — Cadê o Jason?

47

Nosso cardápio inclui
Lágrimas de deus
Não devolvemos seu dinheiro

PIPER DESMORONOU. AOS prantos, contou o que havia acontecido. Perplexo e com os olhos cheios de lágrimas, o filho de Hefesto abraçou a amiga com força e chorou sem parar.

Os funcionários do aeroporto se afastaram. Os Hedge voltaram para o Chevette, e o treinador abraçou a esposa e o filho, buscando conforto na família, como sempre fazemos diante de tragédias que sabemos que podem afetar qualquer um, a qualquer momento.

Meg e eu ficamos mais ao lado, a maquete de Jason ainda nas minhas mãos.

Perto do Cessna, Festus ergueu a cabeça e soltou um lamento baixo e sofrido, cuspindo fogo no céu. Os funcionários do aeroporto que lavavam suas asas pareceram um pouco tensos, talvez porque jatinhos particulares normalmente não choravam nem expeliam fogo pelas narinas, muito menos... tinham narinas.

Era como se o ar à nossa volta tivesse se cristalizado, formando cacos de tristeza que nos cortariam se nos movêssemos.

Leo parecia ter sido espancado. (E, se tinha uma coisa que aquele menino fazia, era apanhar.) Ele enxugou as lágrimas, observando o compartimento de carga e a maquete que eu segurava.

— Eu não… Eu não pude nem me despedir — murmurou ele.

Piper balançou a cabeça.

— Nem eu. Aconteceu muito rápido. Ele só…

— Ele fez o que sempre fazia — disse Leo. — Salvou o dia.

Piper respirou fundo, ainda tremendo.

— E você? O que me conta?

— O que eu conto? — Leo segurou o choro. — Depois *disso*, quem liga para o que eu tenho para contar?

— Ei. — Piper deu um soco no braço dele. — Apolo me explicou o que você foi fazer lá. O que aconteceu no Acampamento Júpiter?

Leo bateu com os dedos nas coxas, como se tivesse duas conversas simultâneas em código Morse.

— Nós… nós impedimos o ataque. Mais ou menos. O estrago foi grande. Essa é a parte ruim. Muita gente boa… — Ele olhou para o compartimento de carga. — Bom, Frank, Reyna e Hazel estão bem. Essa é a boa notícia… — Ele estremeceu. — Deuses. Até pensar é difícil. É normal? Esquecer como se pensa?

Eu podia garantir que sim, ao menos na minha experiência.

O comandante desceu a escada do avião.

— Lamento, srta. McLean, mas já estamos na fila de decolagem. Se não quisermos perder nossa janela…

— Certo — disse Piper. — Claro. Apolo e Meg, vocês têm que ir agora. Vou ficar bem com o treinador e Mellie. Leo…

— Ah, não, a senhorita não vai se livrar de mim — disse Leo. — Você acabou de ganhar uma carona no dragão de bronze até Oklahoma.

— Leo…

— Você vai com a gente. Ponto final — insistiu ele. — Além do mais, Oklahoma fica mais ou menos no caminho para Indianápolis.

Piper abriu um sorriso triste e fraco.

— Você vai se estabelecer em Indianápolis. Eu, em Tahlequah. Estamos mesmo nos aventurando por aí, não é?

Leo se virou para nós.

— Vão, pessoal. Levem… Levem Jason pra casa. Façam o melhor para ele. Vocês vão encontrar o Acampamento Júpiter, está no mesmo lugar de sempre.

Na última vez que vi meus amigos, da janela do avião, eles estavam reunidos perto da pista, combinando a viagem para o leste a bordo do dragão de bronze e do Chevette amarelo.

Eu e Meg seguimos nosso caminho, deslizando pelo céu a caminho do Acampamento Júpiter, onde encontraríamos Reyna, a filha de Belona.

Eu não fazia ideia de como achar a tumba de Tarquínio, nem de quem era o tal deus silencioso. Não fazia ideia de como impedir Calígula de atacar o acampamento romano destruído. Mas nada disso me incomodava tanto quanto o que já tinha acontecido: tantas vidas destruídas, o caixão de um herói no compartimento de carga, três imperadores ainda vivos, prontos para arruinar pessoas de quem eu gostava.

Eu me vi chorando.

Era ridículo. Deuses não choram. Mas, quando olhei para a maquete de Jason no assento ao meu lado, só consegui pensar que ele nunca veria seus planos concluídos. Quando segurava o ukulele, só conseguia visualizar Clave tocando seu último acorde com os dedos quebrados.

— Ei. — Meg se virou no assento à minha frente. Apesar dos óculos de gatinha de sempre e das roupas que pareciam ter sido escolhidas por uma criança de três anos (de alguma forma remendadas novamente pela magia das sempre pacientes dríades), Meg parecia mais adulta naquele momento. — Nós vamos dar um jeito.

Eu balancei a cabeça, desolado.

— Como, Meg? Calígula está indo para o norte. Nero ainda está por aí. Nós enfrentamos três imperadores, mas não derrotamos nenhum. E Píton…

Ela deu um peteleco no meu nariz, com muito mais força do que tinha feito no bebê Chuck.

— Ai!

— Dá para ficar quieto um pouquinho?

— Eu… Tá bom.

— Cara, presta atenção: *ao Tibre vivo chegar, só então Apolo começa a dançar*. Era o que a profecia dizia em Indiana, não era? Vai fazer sentido quando chegarmos lá. Você vai vencer o Triunvirato.

— Isso é uma ordem? — perguntei.

— É uma promessa.

Eu queria que ela não tivesse usado aquela palavra. Eu quase ouvia as gargalhadas da deusa Estige ecoando do compartimento de carga, onde o filho de Júpiter agora descansava no caixão.

Aquele pensamento me encheu de raiva. Meg estava certa. Eu *derrotaria* os imperadores. Libertaria Delfos de Píton. Eu não permitiria que o sacrifício dos meus amigos fosse em vão.

Talvez aquela missão tivesse terminado em um amargo fá suspenso. Nós ainda tínhamos muito a fazer.

Mas, daquele momento em diante, eu seria mais do que Lester. Seria mais do que um observador.

Eu seria Apolo.

Eu lembraria.

GUIA PARA ENTENDER APOLO

Acampamento Júpiter — campo de treinamento para semideuses romanos localizado entre as Oakland Hills e as Berkeley Hills, na Califórnia

Acampamento Meio-Sangue — campo de treinamento para semideuses gregos localizado em Long Island, Nova York

Adriano — décimo quarto imperador de Roma; governou de 117 d.C. a 138 d.C.; conhecido por construir um muro que delimitou a fronteira norte da Britânia

aeithales — grego antigo para sempre-viva

Afrodite — deusa grega do amor e da beleza. Forma romana: Vênus

Alexandre, o Grande — rei do antigo reino grego da Macedônia de 336 a.C. a 323 a.C.; ele uniu as cidades-estados gregas e conquistou a Pérsia

ambrosia — alimento dos deuses; dá imortalidade a quem a ingere. Semideuses podem ingeri-la em pequenas quantidades para curar ferimentos

Ares — deus grego da guerra; filho de Zeus e Hera e meio-irmão de Atena. Forma romana: Marte

Argo II — trirreme voador construído pelo chalé de Hefesto no Acampamento Meio-Sangue para levar os semideuses da Profecia dos Sete até a Grécia

Ártemis — deusa grega da caça e da lua; filha de Zeus e Leto e irmã gêmea de Apolo

Atena — deusa grega da sabedoria

Belona — deusa romana da guerra; filha de Júpiter e Juno

blemmyae — criaturas sem cabeça e cujo rosto se localiza no peito

Britomártis — deusa grega das redes de caça e de pescaria. Seu animal sagrado é o grifo

bronze celestial — metal poderoso e mágico usado para criar armas portadas pelos deuses gregos e seus filhos semideuses

cáligas (em latim: *caligae*; *caliga*, sing.) — botas militares romanas

Calígula — apelido do terceiro dos imperadores de Roma, Caio Júlio César Augusto Germânico, famoso por sua crueldade e carnificina durante os quatro anos em que governou, de 37 d.C. a 41 d.C. Ele foi assassinado por um de seus guardas

Campos Elísios — paraíso para o qual os heróis gregos eram enviados quando os deuses lhes ofereciam imortalidade

Caverna de Trofônio — fenda profunda e lar do Oráculo de Trofônio

Ciclopes — raça primordial de gigantes que tem um único olho no

meio da testa

Cimopoleia — deusa grega das ondas violentas de tempestade; filha de Poseidon

Cláudio — imperador romano de 41 d.C. a 54 d.C. Sucessor e tio de Calígula

Cômodo — Lúcio Aurélio Cômodo era filho do imperador romano Marco Aurélio. Tornou-se coimperador aos dezesseis anos e imperador aos dezoito, quando o pai morreu. Governou de 177 d.C. a 192 d.C. e era megalomaníaco e cruel; considerava-se o Novo Hércules e gostava de matar animais e de lutar com gladiadores no Coliseu

cura do médico — mistura criada por Esculápio, deus da medicina, para trazer uma pessoa de volta do mundo dos mortos

Dafne — linda náiade que chamou a atenção de Apolo. Ela foi transformada em loureiro para fugir do deus

Dédalo — hábil artesão que criou o Labirinto em Creta onde o Minotauro (parte homem, parte touro) era mantido

Delos — ilha grega no mar Egeu, perto de Míconos; local de nascimento de Apolo

Deméter — deusa grega da agricultura; filha dos titãs Reia e Cronos

denário — moeda romana

Dioniso — deus grego do vinho e da orgia; filho de Zeus

dríade — um espírito (normalmente feminino) associado com certa árvore

Edésia — deusa romana dos banquetes

empousa — monstro alado sugador de sangue, filha da deusa Hécate

Encélado — gigante filho de Gaia e Urano; principal adversário de Atena durante a Guerra dos Gigantes

Eneias — príncipe de Troia e considerado ancestral dos romanos; herói do épico de Virgílio, *Eneida*

Esculápio — deus da medicina; filho de Apolo. Seu templo era o centro médico da Grécia Antiga

espartano — pessoa ou objeto proveniente de Esparta, uma cidade-estado na antiga Grécia com grande poderio militar

Estação Intermediária — local de refúgio de semideuses, monstros pacíficos e Caçadoras de Ártemis, localizada acima da Union Station, em Indianápolis, Indiana

Estige — poderosa ninfa da água; filha mais velha do titã do mar, Oceano. Deusa do rio mais importante do Mundo Inferior. Deusa do ódio. O rio Estige foi batizado em homenagem a ela

estrige — ave similar a uma coruja, grande e bebedora de sangue, portadora de maus presságios

Euterpe — deusa grega da poesia lírica; uma das Nove Musas. Filha de Zeus e Mnemosine

falange — corpo de soldados fortemente armados em formação fechada

Felipe da Macedônia — rei do antigo reino grego da Macedônia de 359 a.C. até seu assassinato, em 336 a.C. Pai de Alexandre, o Grande

Ferônia — deusa romana da vida selvagem, também associada à fertilidade, saúde e abundância

ferro estígio — metal mágico raro capaz de matar monstros

Fúrias — deusas da vingança

Gaia — deusa grega da terra; esposa de Urano; mãe dos titãs, gigantes, ciclopes e outros monstros

Germânico — filho adotivo do imperador romano Tibério; tornou-se proeminente general do Império Romano, com campanhas de sucesso na Germânia. Pai de Calígula

gládio — espada; arma principal dos soldados rasos romanos

guarda pretoriana — unidade de elite do Exército do Império Romano

Guerra de Troia — de acordo com as lendas, a Guerra de Troia foi declarada contra a cidade de Troia pelos *achaeans* (gregos), quando Páris, príncipe de Troia, roubou Helena de seu marido, Menelau, rei de Esparta

Hades — deus grego da morte e das riquezas. Senhor do Mundo Inferior

harpia — criatura fêmea alada que rouba objetos

Hécate — deusa da magia e das encruzilhadas

Hécuba — rainha de Troia, esposa do rei Príamo, governante durante a guerra de Troia

Hefesto — deus grego do fogo (inclusive o vulcânico), do artesanato e dos ferreiros; filho de Zeus e Hera, casado com Afrodite. Forma romana: Vulcano

Helena de Troia — filha de Zeus e Leda, considerada a mulher mais bonita do mundo; ela deflagrou a Guerra de Troia quando deixou o marido Menelau por Páris, um príncipe de Troia

Hélio — titã deus do Sol; filho do titã Hiperíon e da titã Teia

Hera — deusa grega do casamento; esposa e irmã de Zeus. Madrasta de Apolo

Hércules — filho de Júpiter e Alcmena, que nasceu com grande força; conhecido como Héracles na mitologia romana

Hermes — deus grego dos viajantes; guia dos espíritos dos mortos; deus da comunicação

Herófila — filha de uma ninfa da água; tinha uma voz tão linda que Apolo a abençoou com o dom da profecia, e ela então se tornou a Sibila Eritreia

Héstia — deusa grega do lar

hidra — serpente marinha de muitas cabeças
Hipnos — deus grego do sono
Incitatus — cavalo favorito do imperador romano Calígula
Jacinto — herói grego e amante de Apolo. Morreu enquanto tentava impressionar o deus com suas habilidades de lançamento de disco
Jano — deus romano dos começos, aberturas, passagens, portões, portais, tempo e finais; representado com duas caras
Javali de Erimanto — javali gigante que aterrorizou o povo da ilha de Erimanto até Hércules derrotá-lo no terceiro de seus doze trabalhos
Júpiter — deus romano do céu e rei dos deuses. Forma grega: Zeus
Katoptris — grego para *espelho*; uma adaga que já pertenceu a Helena de Troia
khanda — espada reta com fio duplo; um símbolo importante do sikhismo
kusarigama — arma tradicional japonesa que consiste em uma foice presa a uma corrente
La Ventana — local de eventos de tango em Buenos Aires, Argentina
Labirinto — um labirinto subterrâneo construído originalmente na ilha de Creta pelo artesão Dédalo para aprisionar o Minotauro
Leto — mãe de Ártemis e Apolo com Zeus; deusa da maternidade
legionário — membro do exército romano
Lucrécia Bórgia — filha de um papa e sua amante; uma linda nobre que ficou conhecida por sua habilidade política na Itália do século XV
Marco Aurélio — imperador romano de 161 d.C. a 180 d.C. Pai de Cômodo. Considerado o último dos “Cinco Bons Imperadores”
Marte — deus romano da guerra. Forma grega: Ares
Medeia — feiticeira grega, filha do rei Eetes da Cólquida e neta do titã do Sol, Hélio. Esposa do herói Jasão, a quem ela ajudou a obter o Velocino de Ouro
medronheiro — qualquer arbusto ou árvore da família da urze com flores brancas ou rosa e frutinhas vermelhas ou laranja
Méfitis — deusa dos gases fedorentos, adorada especialmente em pântanos e áreas vulcânicas
Melíades — ninfas gregas dos freixos, nascidas de Gaia. Elas alimentaram e criaram Zeus em Creta
Michelangelo — escultor, pintor, arquiteto e poeta italiano da Alta Renascença; um grande gênio da história da arte ocidental. Entre suas muitas obras-primas está a pintura no teto da Capela Sistina, no Vaticano
Minotauro — filho de Minos de Creta, tinha cabeça de touro e corpo de homem. O Minotauro ficava no Labirinto e matava as pessoas que eram enviadas para lá. Foi finalmente derrotado por Teseu

Monte Olimpo — lar dos doze olimpianos

Monte Palatino — o mais famoso dos sete montes de Roma; considerado um dos bairros mais desejados da antiga Roma, era lar de aristocratas e imperadores

Monte Vesúvio — um vulcão perto da Baía de Nápoles, na Itália, que entrou em erupção no ano 79 d.C., soterrando a cidade romana de Pompeia com cinzas

Mundo Inferior — reino dos mortos, para onde as almas vão pela eternidade; governado por Hades

Neos Helios — grego para *novo sol*, um título adotado pelo imperador romano Calígula

Nero — imperador romano de 54 d.C a 68 d.C. Mandou matar a mãe e a primeira esposa. Muitos acreditam que foi o responsável por iniciar um incêndio que destruiu Roma, mas culpou os cristãos, a quem condenava à morte e queimava em cruzes. Ele construiu um palácio novo e extravagante na área destruída e perdeu apoio quando os gastos da construção o obrigaram a aumentar os impostos. Cometeu suicídio

Névio Sutório Macro — prefeito da guarda pretoriana de 31 d.C. a 38 d.C. Serviu aos imperadores Tibério e Calígula

ninfa — deidade feminina que dá vitalidade à natureza

Niobides — crianças mortas por Apolo e Ártemis quando a mãe delas, Níobe, se gabou de ter mais filhos do que Leto, a mãe dos gêmeos

Nove Musas — deusas que concedem inspiração para artistas e protegem as criações e expressões artísticas. Filhas de Zeus e Mnemosine. Quando crianças, foram alunas de Apolo. Seus nomes são Clio, Euterpe, Tália, Melpômene, Terpsícore, Erato, Polímnia, Urânia e Calíope

nunchaku — originalmente uma ferramenta utilizada no campo para colher arroz; uma arma de Okinawa que consiste em duas varas ligadas em uma das pontas por uma corrente ou corda curta

Oráculo de Delfos — porta-voz das profecias de Apolo

Oráculo de Trofônio — Trofônio foi um grego transformado em Oráculo após a morte; localizado na Caverna de Trofônio; famoso por aterrorizar todos que o procuravam

Ortópolis — único filho de Plemneu que sobreviveu ao nascimento. Disfarçada de velha, Deméter o amamentou, garantindo a sobrevivência do menino

ouro imperial — metal raro letal para monstros, consagrado no Panteão; sua existência era um segredo muito bem guardado dos imperadores

Pã — deus grego da natureza; filho de Hermes

***pandai* (*pandos*, sing.) —** tribo de criaturas com orelhas gigantescas, oito dedos nas mãos e nos pés e corpos cobertos de pelos brancos

que ficam pretos com a idade

parazônio — adaga de lâmina triangular usada por mulheres na Grécia antiga

Pequeno Tibre — barreira do Acampamento Júpiter

Petersburg — batalha da Guerra de Secessão na Virgínia na qual uma carga explosiva designada para ser usada contra os Confederados levou à morte quatro mil soldados da União

Píton — serpente monstruosa que Gaia designou para proteger o Oráculo de Delfos

Plemneu — pai de Ortópolis, que Deméter criou para garantir que sobrevivesse

Pompeia — cidade romana destruída em 79 d.C., quando o vulcão do Monte Vesúvio entrou em erupção e a cobriu de cinzas

Portas da Morte — portal para a Casa de Hades localizado no Tártaro. As portas têm dois lados: um no mundo mortal, o outro no Mundo Inferior

Poseidon — deus grego do mar; filho dos titãs Cronos e Reia, irmão de Zeus e Hades

pretor — pessoa eleita para magistrado e comandante do Exército romano

princeps — latim para *primeiro cidadão* ou *primeiro na linhagem*; os primeiros imperadores romanos adotaram esse título, que a partir de então passou a significar *príncipe de Roma*

rio Estige — rio que forma a fronteira entre a Terra e o Mundo Inferior

rio Tibre — o terceiro rio mais longo da Itália. Roma foi fundada às suas margens. Na Roma antiga, os criminosos executados eram jogados no rio

Sarpedão — um filho de Zeus que era príncipe da Lícia e foi herói na Guerra de Troia. Ele lutou com bravura ao lado dos troianos, mas foi morto pelo guerreiro grego Pátroclo.

sátiro — deus grego da floresta, parte bode e parte homem

Saturnália — antigo festival romano que acontecia em dezembro em homenagem a Saturno, o equivalente romano de Cronos

shuriken — estrela ninja de arremesso; arma plana com lâminas usada como adaga ou para distrair o adversário

Sibila — uma profetisa

Sibila Eritreia — profetisa que controlava o Oráculo de Apolo na Eritreia, na Jônia

Tarquínio — Lúcio Tarquínio Soberbo foi o sétimo e último rei de Roma, tendo reinado de 535 a.C. até 509 a.C., quando, depois de um levante popular, a República Romana foi estabelecida

Templo de Cástor e Pólux — antigo templo no Fórum Romano, em Roma, erguido em homenagem aos filhos gêmeos semideuses de

Júpiter e Leda e dedicado ao general romano Aulo Postúmio, que teve uma grande vitória na batalha do lago Régilo

Termópilas — passagem na montanha perto do mar no norte da Grécia que foi o local de várias batalhas, a mais famosa sendo entre os persas e os gregos durante a invasão persa de 480 a.C a 479 a.C.

Terpsícore — deusa grega da dança; uma das Nove Musas

titãs — raça de deidades gregas poderosas, descendentes de Gaia e Urano, que governaram durante a Era de Ouro e foram derrubados por uma raça de deuses mais jovens, os olimpianos

trirreme — antigo navio de guerra grego ou romano com três fileiras de remo de cada lado

triunvirato — aliança política formada entre três indivíduos

Trofônio — semideus filho de Apolo, criador do templo de Apolo em Delfos e espírito do Oráculo das Sombras. Ele decapitou o meio-irmão Agamedes para que não o identificassem depois do roubo do tesouro do rei Hirieu

Troia — cidade romana situada na Turquia dos dias atuais; local da Guerra de Troia

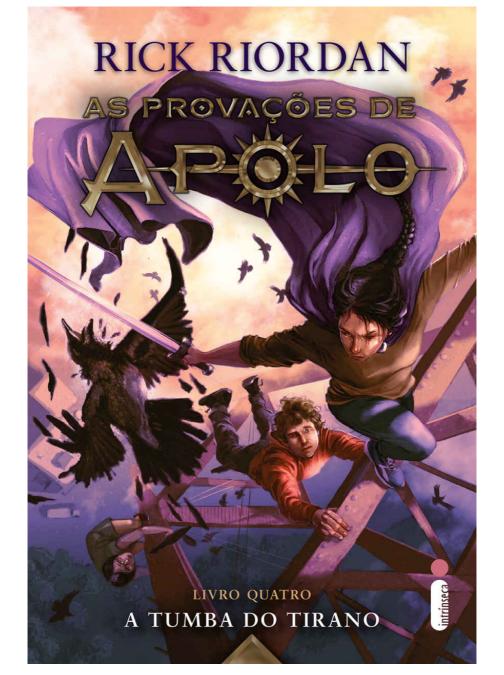
Urano — personificação grega do céu; marido de Gaia e pai dos titãs

ventus **(*venti*, pl.) —** espíritos das tempestades

Vulcano — deus romano do fogo, inclusive o vulcânico, e dos ferreiros. Forma grega: Hefesto

Velocino de Ouro — cobiçada pele de um carneiro alado com lã de ouro. Ficou sob o domínio do rei Eetes, da Cólquida, e protegido por um dragão até Jasão e os Argonautas o recuperarem

Zeus — deus grego do céu e rei dos deuses. Forma romana: Júpiter

RICK RIORDAN
AS PROVAÇÕES DE
APOLO
LIVRO QUATRO
A TUMBA DO TIRANO
intrínseca

RICK RIORDAN

LIVRO QUATRO

A TUMBA DO TIRANO

Tradução de Regiane Winarski e Giu Alonso

Em memória de Diane Martinez, que mudou muitas vidas para melhor

A profecia das sombras

Palavras forjadas da memória ardem
Antes da nova lua no Monte do Diabo
Um terrível desafio para o lorde jovem
Até o Tibre se encher de corpos empilhados.

Para o sul o Sol segue caminho,
Por labirintos obscuros e terras fatais arrasadas
Até achar o dono do cavalo branquinho
E arrancar os ditos do falante de palavras cruzadas.

Ao palácio ocidental Lester tem que viajar,
A filha de Deméter encontra raízes antigas.
Só o guia com patas sabe como chegar
Percorrendo o caminho com as botas inimigas.

Ao conhecer os três e ao Tibre vivo chegar,
Só então Apolo começa a dançar.

1

Acabou a comida aqui
Meg comeu a jujuba toda
Por favor, caia fora do meu rabecão

EU SOU A favor de devolver corpos.

Parece um gesto básico de cortesia, não? Quando um guerreiro morre, temos que fazer o possível para levar o corpo dele de volta para seu povo, para que providencie os ritos funerários. Talvez eu seja antiquado (afinal, tenho mais de 4 mil anos), mas acho grosseria não dar um fim adequado aos defuntos.

Aquiles durante a Guerra de Troia, por exemplo. Um panaca. Passou dias arrastando o corpo de Heitor, maior guerreiro troiano, em sua carruagem, ao redor dos muros da cidade. Até que eu consegui convencer Zeus a forçar o valentão a devolver o corpo aos pais para que o coitado tivesse um enterro decente. *Por favor*, né. Um pouco de respeito por quem acabamos de matar não faz mal a ninguém.

Teve também o cadáver de Oliver Cromwell. Não que eu fosse muito fã do cara, mas tenha dó. Primeiro, os ingleses o enterram com honras. Depois, resolvem odiar o homem, tiram o corpo da cova e o "executam". A cabeça dele cai do espeto onde ficou empalada por décadas e é passada de colecionador em colecionador por quase três séculos como um daqueles globos de neve que as pessoas dão de lembrancinha, só que nojento. Finalmente, em 1960, eu sussurrei no ouvido de umas pessoas influentes: *Já chega. Sou o deus Apolo e ordeno que enterrem essa coisa. Vocês estão me enojando.*

Quando chegou a vez de Jason Grace, meu falecido amigo e meio-irmão, eu não ia dar chance ao azar. Acompanharia pessoalmente o caixão até o Acampamento Júpiter e prestaria todas as homenagens.

Acabou sendo uma boa decisão. Considerando que os ghouls nos atacaram e tudo mais.

* * *

A Baía de São Francisco no pôr do sol parecia um caldeirão de cobre derretido quando nosso avião particular pousou no aeroporto de Oakland. Digo *nosso* avião particular porque a viagem fretada foi um presente de despedida da nossa amiga Piper McLean e seu pai astro de cinema. (Todo mundo deveria ter pelo menos um amigo com um astro de cinema na família.)

Esperando na pista havia outra surpresa que os McLean devem ter providenciado para nós: um rabecão preto novinho em folha.

Meg McCaffrey e eu esticamos um pouco as pernas do lado de fora enquanto a equipe no solo, muito séria, retirava o caixão de Jason do bagageiro do avião. A caixa de mogno polido resplandecia à luz do fim de tarde. Os apetrechos de metal cintilavam em vermelho. Odiei a beleza daquilo. A morte não deveria ser bonita.

A equipe o colocou no rabecão e guardou nossa bagagem no banco de trás. Não tínhamos muita coisa: a mochila da Meg e a minha, meu arco, minha aljava e o ukulele, alguns cadernos de desenho e um diorama que herdamos de Jason.

Assinei uns papéis, aceitei as condolências da tripulação e apertei a mão de um agente funerário simpático, que depois de me dar a chave do rabecão foi embora.

Fiquei olhando para a chave e depois para Meg McCaffrey, que arrancava com o dente a cabeça de uma jujuba em forma de peixe. O avião tinha um estoque de seis latas daquela bala molenga. Que foi detonado. Meg, sozinha, destruiu o ecossistema de jujubas de peixe.

— Vou ter que dirigir? — questionei. — Esse rabecão é alugado? Acho muito difícil que minha habilitação júnior de Nova York cubra isso.

Meg deu de ombros. Durante nosso voo, ela havia insistido em se esparramar no sofá do avião, e seu cabelo preto e curtinho acabou todo amassado dos lados. A ponta dos óculos de gatinha com pedrinhas brilhantes saía do cabelo como uma barbatana de tubarão da era disco.

O resto do figurino estava igualmente vergonhoso: tênis largo de cano alto vermelho, uma legging amarela puída e o tão amado vestido verde na altura dos joelhos que ela havia ganhado da mãe de Percy Jackson. Com *tão amado* quero dizer que o vestido que passou por tantas batalhas foi lavado e remendado tantas vezes que estava mais para um balão de ar murcho do que para uma peça de roupa. Na cintura de Meg estava a *pièce de résistance*: o cinto de jardinagem cheio de bolsos, porque os filhos de Deméter nunca saem de casa sem isso.

— Não tenho habilitação — disse ela, como se alguém precisasse me lembrar que minha vida, no momento, estava sendo controlada por uma garota de doze anos. — Eu vou na frente!

Disputar o banco da frente de um rabecão não era nada apropriado. Mesmo assim, Meg saltitou até lá e entrou no carro. Eu me sentei ao volante. Logo estávamos saindo do aeroporto e seguindo para o norte pela I-880 em nosso lutomóvel preto alugado.

Ah, a Bay Area… eu tinha passado bons momentos ali. A bacia geográfica deformada e ampla era repleta de pessoas e lugares interessantes. Eu amava as colinas verdes e douradas, a costa coberta

de neblina, a malha brilhante de pontes e o zigue-zague doido dos bairros grudados uns nos outros feito passageiros do metrô na hora do rush.

Nos anos 1950, toquei com Dizzy Gillespie no Bop City, na Fillmore. Durante o Verão do Amor, organizei uma apresentação de jazz no parque Golden Gate com o Grateful Dead. (Que caras adoráveis, mas precisavam mesmo fazer aqueles solos de quinze minutos?) Nos anos 1980, andei pra cima e pra baixo por Oakland com Stan Burrell, também conhecido como MC Hammer, enquanto ele inventava o rap pop. Não posso pedir crédito pelas músicas do Stan, mas dei, sim, alguns palpites no aspecto visual. Sabe aquelas calças largas douradas? Ideia minha. De nada, fashionistas.

A maior parte da Bay Area trazia boas lembranças. Mas, enquanto dirigia, não pude deixar de olhar para noroeste… na direção do condado Marin e do pico escuro do monte Tamalpais. Nós, deuses, conhecíamos o lugar como monte Otris, lar dos Titãs. Apesar de nossos antigos inimigos terem sido vencidos, e seus palácios, destruídos, eu ainda sentia a energia maligna do local, como um ímã tentando extrair o ferro do meu sangue agora mortal.

Fiz o que pude para afastar a sensação. Tínhamos outros problemas para resolver. Além do mais, estávamos indo para o Acampamento Júpiter, território amigável daquele lado da baía. Eu tinha Meg para me apoiar, dirigia um rabecão. O que poderia dar errado?

A rodovia Nimitz serpenteava pelas planícies da East Bay, passando por armazéns e docas, shoppings a céu aberto e fileiras de bangalôs caindo aos pedaços. À nossa direita estava o centro de Oakland, o pequeno aglomerado de arranha-céus contrastando com São Francisco, a vizinha descolada do outro lado da baía, como se proclamasse *Olhe para a gente! Também existimos!*.

Meg se recostou no banco, apoiou os tênis vermelhos no painel e abriu a janela.

— Gostei daqui — concluiu ela.

— Acabamos de chegar. Do que você gostou exatamente? Dos armazéns abandonados? Da placa do Bo’s Frango e Waffles?

— Da natureza.

— Concreto conta como natureza?

— Tem árvores também. Plantas florescendo. Umidade no ar. Os eucaliptos têm um cheiro tão bom. Não é como…

Ela não precisou terminar a frase. Nossa estadia no sul da Califórnia foi marcada por temperaturas ardentes, seca extrema e incêndios florestais incontroláveis, tudo graças ao mágico Labirinto de Fogo controlado por Calígula e sua melhor amiga feiticeira cheia de ódio, Medeia. A Bay Area não estava passando por nenhum daqueles problemas. Ao menos não por enquanto.

Nós matamos Medeia. Extinguimos o Labirinto de Fogo. Libertamos a Sibila Eritreia e proporcionamos alívio para os mortais e para os espíritos fulminantes da natureza no sul da Califórnia.

Mas Calígula ainda estava vivinho. Ele e os outros imperadores do Triunvirato continuavam determinados a controlar todas as formas de profecia, dominar o mundo e escrever o futuro à sua imagem sádica. Naquele exato momento, a frota de iates de luxo do mal pertencente a Calígula seguia em direção a São Francisco para atacar o Acampamento Júpiter. Eu mal podia imaginar que tipo de destruição infernal o imperador jogaria em Oakland e no Bo's Frango e Waffles.

Mesmo que conseguíssemos derrotar o Triunvirato, ainda teríamos que lidar com minha antiga inimiga Píton, que no momento controlava o mais importante dos oráculos, o de Delfos. Como derrotá-la na minha atual condição, um fracote de dezesseis anos, eu não tinha a menor ideia.

Mas, ei. Fora isso, estava tudo bem. Os eucaliptos tinham um cheiro bom.

O tráfego ficou lento na junção com a I-580. Pelo visto, os motoristas da Califórnia não costumavam dar passagem a rabecões por questão de respeito. Talvez tivessem concluído que, com pelo menos um dos passageiros a bordo já morto, não estávamos com pressa.

Meg ficou brincando com o controle da janela, subindo e descendo o vidro. *Reeee. Reeee. Reeee.*

— Você sabe chegar no Acampamento Júpiter? — perguntou ela.

— Claro.

— É que você disse a mesma coisa sobre o Acampamento Meio-Sangue.

— A gente chegou lá! Em algum momento.

— Congelados e meio mortos.

— Olha, a entrada do acampamento fica bem ali. — Fiz um gesto vago na direção de Oakland Hills. — Tem uma passagem secreta no túnel Caldecott, se não me engano.

— Se não se engana?

— Bom, eu nunca fui *dirigindo* para o Acampamento Júpiter — admiti. — Normalmente, desço dos céus na minha gloriosa carruagem do Sol. Mas sei que o túnel Caldecott é a entrada principal. Deve ter uma placa. Talvez uma faixa dizendo *apenas para semideuses*.

Meg me espiou por cima dos óculos.

— Você é o deus mais burro do mundo.

Ela subiu a janela com o *reeee SHLUMP!* final, um som que me trouxe a incômoda lembrança de uma lâmina de guilhotina.

Viramos na rodovia 24. O congestionamento diminuiu próximo das colinas. As pistas elevadas passavam por bairros de ruas sinuosas com coníferas altas e casas brancas de estuque nas encostas de ravinas

gramadas.

Uma placa prometeu que a entrada do túnel Caldecott chegaria em 3 km. Isso deveria ter me servido de consolo. Logo nós passaríamos pelas fronteiras do Acampamento Júpiter e entraríamos num vale magicamente camuflado e extremamente seguro onde eu contaria com toda uma legião romana para me proteger das minhas preocupações, ao menos por um tempo.

Então por que os pelos da minha nuca se eriçavam feito um porco-espinho?

Alguma coisa estava errada. Acabei me dando conta de que a inquietação que eu estava sentindo desde que havíamos pousado talvez não fosse causada pela ameaça distante do Calígula, nem pela antiga base Titã no monte Tamalpais, mas algo mais imediato… algo malévolo, vindo em nossa direção.

Olhei pelo retrovisor. Pela cortina transparente da janela de trás só vi o tráfego. Mas então, na superfície polida da tampa do caixão do Jason, vislumbrei o reflexo de um vulto se movendo lá fora… como se um objeto do tamanho de um humano tivesse passado voando pelo rabecão.

— Ei, Meg. — Tentei manter o tom de voz normal. — Está vendo alguma coisa diferente atrás da gente?

— Diferente como?

TUM.

O rabecão sacudiu como se tivéssemos sido acoplados a um trailer cheio de sucatas de metal. No teto acolchoado acima da minha cabeça, surgiram duas pegadas.

— Alguma coisa pousou aqui em cima — deduziu Meg.

— Obrigado, Sherlock McCaffrey! Dá para você tirar?

— Tirar? Como?

Era uma pergunta irritantemente plausível. Meg conseguia transformar os anéis dos seus dedos do meio em duas terríveis espadas douradas, mas se as conjurasse em um ambiente fechado, como o interior do rabecão, ela a) não teria espaço para mover as espadas e b) poderia acabar empalando a mim ou a si mesma.

CREC. CREC. As pegadas ficaram mais profundas quando a coisa se equilibrou como um surfista numa prancha. Só algo muito pesado afundaria naquele teto de metal.

Um choramingo borbulhou na minha garganta. Minhas mãos tremeram no volante. Desejei pegar meu arco e minha aljava no banco de trás, mas não teria como usá-los. Não se deve mesmo dirigir usando armas impulsoras, crianças.

— Talvez dê para você abrir a janela — falei para Meg. — Se debruçar para fora e mandar essa coisa embora.

— Hum, não. — (Deuses, como ela era teimosa.) — E se você

tentar sacudir o carro até a coisa cair?

Antes que eu pudesse explicar que aquela era uma péssima ideia para se botar em prática estando a oitenta quilômetros por hora numa rodovia, ouvi o som de uma lata de alumínio sendo aberta… o assobio seco e pneumático de ar escapando pelo metal. Uma garra perfurou o teto, uma unha branca suja do tamanho de uma broca. Depois outra. E outra. E mais outra, até o forro estar pontilhado por dez espetos brancos; o número exato de duas mãos grandes.

— Meg? — choraminguei. — Será que você pode…?

Não sei como eu poderia ter terminado essa frase. *Me proteger? Matar essa coisa? Dar uma olhada lá atrás para ver se tem uma cueca limpa?*

Fui grosseiramente interrompido pela criatura abrindo nosso teto como se fosse a embalagem de um presente de aniversário.

Olhando para mim pelo buraco arrancado havia um ghoul humanoide fulminante, a carapaça preta-azulada brilhando como a de uma mosca, os olhos de órbitas brancas leitosas, dentes com saliva pingando. Na cintura usava uma tanga de penas pretas ensebadas. O cheiro da criatura era mais pútrido do que qualquer lixeira… e sei do que estou falando, pois já caí em algumas.

— COMIDA! — berrou a coisa.

— Mata isso! — gritei para Meg.

— Desvia! — respondeu ela.

Uma das muitas coisas irritantes de estar encarcerado no meu decrépito corpo mortal: eu era servo de Meg McCaffrey. Estava fadado a obedecer a suas ordens diretas. Então, quando ela gritou “Desvia!”, girei o volante com força para a direita. O rabecão respondeu prontamente. Cortou três pistas de tráfego, atravessou a grade na lateral da estrada e despencou no cânion.

2

Cara, que coisa feia
Um cara tentou comer meu cara
O meu cara morto, cara

EU GOSTO DE carros voadores. Gosto mais ainda quando o carro voa de verdade.

Quando o rabecão alcançou gravidade zero, tive alguns microssegundos para apreciar o cenário abaixo: um laguinho lindo cercado de eucaliptos, caminhos para pedestres e uma pequena praia na margem mais distante, onde um grupo fazia piquenique no fim da tarde e relaxava deitado em cobertores.

Ah, que bom, pensou uma pequena parte do meu cérebro. *Talvez a gente pelo menos caia na água.*

Mas, então, despencamos... não no lago, e sim nas árvores.

Um som semelhante ao dó agudo de Luciano Pavarotti em *Don Giovanni* saiu da minha garganta. Minhas mãos grudaram no volante.

Conforme mergulhamos nos eucaliptos, o ghoul sumiu do nosso teto, quase como se os galhos das árvores o tivessem empurrado para longe de propósito. O rabecão pareceu ter encurvado outros galhos, o que desacelerou a queda. Fomos jogados de um galho folhoso com cheiro de sauna a outro, até chegarmos no chão ainda sobre quatro rodas e com um baque forte. Tarde demais, os air bags se abriram, empurrando minha cabeça contra o banco.

Amebas amarelas dançaram na minha frente. O gosto de sangue fez minha garganta arder. Tateei até encontrar a maçaneta, me espremi entre o air bag e o assento para tentar sair e caí na grama macia e fresca.

— Blerg! — falei.

Ouvi Meg vomitando ali perto. Pelo menos assim eu soube que ainda estava viva. Uns três metros à minha esquerda, a água batia na margem do lago. Bem acima de mim, perto do topo do eucalipto mais alto, nosso amigo preto-azulado demoníaco rosnava e se contorcia, preso em uma jaula de galhos.

Usei todas as minhas forças para me sentar. Meu nariz latejava. Meu rosto parecia empastado de pomada mentolada.

— Meg?

Ela apareceu cambaleando na frente do rabecão. Havia hematomas se formando em torno dos olhos, sem dúvida cortesia do air bag do passageiro. Embora tortos, os óculos estavam intactos.

— Você desvia muito mal.

— Ah, meus deuses! — protestei. — Você me *mandou*… — Meu cérebro travou. — Espera. Como a gente ainda está vivo? Foi *você* que curvou os galhos das árvores?

— Dã. — Ela mexeu as mãos, e suas espadas douradas gêmeas apareceram. Meg as usou como bastões de esqui, para se firmar. — Mas eles não vão segurar aquele monstro por muito tempo. Se prepara.

— O quê? — gritei. — Espera. Não. Não estou preparado!

Eu me levantei, apoiado na porta do passageiro.

Do outro lado do lago, o pessoal do piquenique ficou de pé. Imagino que um rabecão caindo do céu tenha chamado a atenção deles. Minha visão estava embaçada, mas havia algo estranho com o grupo… Um deles usava armadura? Outro tinha pernas de bode?

Mesmo que fossem amigáveis, estavam longe demais para ajudar.

Manquei até a porta de trás do carro. O caixão de Jason parecia seguro ali. Peguei meu arco e minha aljava. Meu ukulele tinha desaparecido embaixo do banco. Eu teria que ficar sem ele.

Lá em cima, a criatura uivou e se debateu na jaula.

Meg tropeçou. Sua testa estava coberta de suor. O ghoul se soltou e despencou, caindo a poucos metros da gente. Eu esperava que as pernas da criatura pelo menos se quebrassem com o impacto, mas não tivemos essa sorte. Ela deu alguns passos, os pés abrindo crateras úmidas na grama, então se empertigou e rosnou, os dentes brancos e afiados parecendo uma cerquinha branca.

— MATAR E COMER! — gritou.

Que voz melódica linda. Aquele ghoul poderia ser vocalista de qualquer grupo de death metal norueguês.

— Espera! — Minha voz soou aguda. — Eu… Eu te conheço. — Balancei o dedo, como se isso pudesse fazer minha memória pegar no tranco. Na minha outra mão, o arco tremeu. As flechas sacudiram na aljava. — E-espera, eu vou lembrar!

O ghoul hesitou. Eu sempre acreditei que as criaturas mais sencientes gostam de ser reconhecidas. Sejamos deuses, pessoas ou escravos ghouls com tanga de pena de abutre, gostamos que saibam quem somos, falem nosso nome e apreciem nossa existência.

Mas é claro que eu só estava tentando ganhar tempo. Esperava que Meg recuperasse o fôlego, atacasse a criatura e a partisse em forma de *pappardelle* de ghoul pútrido. Mas, no momento, ela parecia incapaz de usar as espadas para qualquer coisa além de se escorar. Imagino que controlar árvores gigantescas seja cansativo mas, francamente, ela não podia ter esperado para ficar sem energia *depois* de matar o Fralda de Abutre?

Espera. Fralda de Abutre… Dei outra olhada no ghoul: a estranha pele manchada de azul e preto, os olhos leitosos, a boca enorme e as

narinas apertadinhas. O ser tinha cheiro de carne rançosa e usava penas de uma ave carniceira…

— Conheço *mesmo* — concluí. — Você é um *eurínomo*.

Desafio vocês a dizerem *Você é um eurínomo* com a língua pesada feito chumbo, o corpo tremendo de pavor e tendo acabado de levar um soco na cara do air bag de um rabecão.

Os lábios do ghoul se curvaram. Filetes prateados de saliva pingaram de seu queixo.

— SIM! A COMIDA DISSE MEU NOME!

— M-mas você é um comedor de cadáveres! — protestei. — Deveria estar no Mundo Inferior, trabalhando para Hades!

O ghoul inclinou a cabeça, como se tentasse recordar as palavras *Mundo Inferior* e *Hades*. Não pareceram tanto de seu agrado quanto *matar* e *comer*.

— HADES ME DÁ MORTO VELHO! — gritou. — O MESTRE ME DÁ FRESCO!

— Mestre?

— O MESTRE!

Eu queria muito que o Fralda de Abutre não gritasse. Não dava para ver nenhuma orelha ali, então talvez seu controle de volume estivesse desajustado. Ou talvez ele só quisesse borrifar aquela saliva nojenta pelo maior raio possível.

— Se está falando de Calígula — arrisquei —, tenho certeza de que ele fez todo tipo de promessa, mas posso afirmar que Calígula *não* é…

— RÁ! COMIDA BURRA! CALÍGULA NÃO É O MESTRE!

— Não é o mestre?

— NÃO É O MESTRE!

— MEG! — gritei.

Aff. Agora era *eu* quem estava gritando.

— Que foi? — chiou Meg. Ela conseguia passar uma imagem corajosa e guerreira mesmo se aproximando feito uma vovó com bengalas de espadas. — Um minutinho por favor.

Estava claro que ela não assumiria a liderança naquela luta. Se eu deixasse o Fralda de Abutre chegar perto dela, ele a mataria, e achei essa ideia só noventa e cinco por cento inaceitável.

— Bom, eurínomo — falei —, seja lá quem for seu mestre, você não vai matar nem comer ninguém hoje!

Puxei uma flecha da aljava. Prendi-a no arco e mirei, como tinha feito milhões de vezes antes, literalmente… Só que esse feito não causava mais tanto impacto, visto que minhas mãos tremiam e meus joelhos batiam.

Por que os mortais tremem quando estão com medo, afinal? É tão contraproducente. Se *eu* tivesse criado os humanos, teria dado a eles determinação de aço e força sobre-humana em momentos de pavor.

O ghoul sibilou, espirrando mais saliva.

— LOGO OS EXÉRCITOS DO MESTRE VÃO SE ERGUER DE NOVO! VAMOS TERMINAR O SERVIÇO! VOU FAZER PICADINHO DA COMIDA, QUE VAI SE JUNTAR A NÓS!

A comida vai se juntar a vocês? Meu estômago passou por uma perda repentina de pressão na cabine. Lembrei por que Hades amava tanto aqueles eurínomos. O menor corte feito pelas garras deles provocava uma doença feroz nos mortais, que, quando morriam, se reerguiam na forma do que os gregos chamavam de *vrykolakai*… ou, no jargão da televisão, zumbis.

E isso nem era o pior. Se um eurínomo conseguisse devorar toda a carne de um cadáver, deixando só os ossos, o esqueleto se reanimaria como o tipo mais feroz e casca-grossa de guerreiro morto-vivo. Muitos deles integravam a guarda de elite do palácio de Hades, um emprego para o qual eu *não* queria me candidatar.

— Meg? — Mantive a flecha apontada para o peito do ghoul. — Para trás. Não deixe essa coisa arranhar você.

— Mas…

— Por favor — supliquei. — Uma vez na vida, acredite em mim.

O Fralda de Abutre rosnou.

— A COMIDA FALA DEMAIS! FAMINTO!

Ele me atacou.

Eu disparei.

A flecha encontrou o alvo, bem no meio do peito do ghoul, mas ricocheteou como uma marreta de borracha no metal. A ponta de bronze celestial devia ter machucado, pelo menos. O ghoul gritou e parou na hora, com um ferimento inchado e fumegante no esterno. Mas o monstro continuava vivo. Talvez, se eu conseguisse dar vinte ou trinta disparos no mesmo ponto, pudesse provocar algum dano.

Com as mãos trêmulas, encaixei outra flecha.

— F-foi só um aviso! — blefei. — A próxima vai matar!

O Fralda de Abutre emitiu um gorgolejo, que eu esperava que significasse que ele ia se engasgar até a morte. Mas então percebi que ele estava rindo.

— QUER QUE EU COMA A COMIDA DIFERENTE PRIMEIRO? QUE GUARDE VOCÊ PARA A SOBREMESA?

Ele abriu as garras, apontando para o rabecão.

Eu não entendi. Recusei-me a entender. Ele queria comer os air bags? O estofamento?

Meg entendeu primeiro. Então gritou de fúria.

A criatura era uma devoradora de mortos. Estávamos dirigindo um rabecão.

— NÃO! — gritou Meg. — Deixa ele em paz!

Ela foi para cima do ghoul, erguendo as espadas, mas não estava

em condições de enfrentar Meg. Empurrei a criatura para o lado com o ombro, parei entre os dois e disparei várias vezes.

As flechas bateram na pele preta-azulada do monstro, deixando ferimentos fumegantes e irritantemente não letais. O Fralda de Abutre cambaleou na minha direção, rosnando de dor, o corpo se contorcendo pelo impacto de cada disparo.

Estava a um metro e meio.

E então, a um metro, as garras se abriram para estraçalhar meu rosto.

Em algum lugar atrás de mim, uma voz de mulher gritou:

— EI!

O som distraiu o Fralda de Abutre por tempo suficiente para que eu caísse corajosamente de bunda no chão. Eu me arrastei para longe das garras.

O Fralda de Abutre piscou, confuso com a nova plateia. A uns três metros, uma variedade de faunos e dríades, pouco mais de dez no total, estava tentando se esconder atrás de uma jovem desengonçada de cabelo rosa com armadura de legionária romana.

A garota se atrapalhou com uma espécie de arma de projéteis. Ah, caramba. Uma *manubalista*. Uma besta romana pesada. Aqueles troços eram *horríveis*. Lentos. Poderosos. Notadamente instáveis. A seta estava na posição. Ela girou a manivela do cabo, as mãos tremendo tanto quanto as minhas.

Enquanto isso, à minha esquerda, Meg gemeu na grama, tentando se levantar.

— Você me *empurrou* — reclamou, mas tenho certeza de que na verdade isso significava *Obrigada, Apolo, por salvar minha vida*.

A garota de cabelo rosa ergueu a manubalista. Com as pernas longas e bambas, ela me lembrava uma girafa bebê.

— A-afaste-se deles — ordenou ao ghoul.

O Fralda de Abutre direcionou a ela seus chiados e cuspes.

— MAIS COMIDA! VOCÊS TODOS VÃO SE JUNTAR AOS MORTOS DO REI!

— Cara. — Um dos faunos, nervoso, coçou a barriga por baixo da camiseta que dizia REPÚBLICA POPULAR DE BERKELEY. — Isso não é legal.

— Não é legal — repetiram vários amigos dele.

— VOCÊS NÃO PODEM SE OPOR A MIM, ROMANOS! — rosnou o ghoul. — JÁ PROVEI DA CARNE DOS SEUS COMPANHEIROS! NA LUA SANGRENTA, VOCÊS VÃO SE JUNTAR A ELES…

TUNC.

Uma seta feita de ouro imperial se materializou no meio do peito do Fralda de Abutre. Os olhos leitosos do ghoul se arregalaram de surpresa. A legionária romana ficou tão perplexa quanto ele.

— Cara, você acertou — disse um dos faunos, como se isso

ofendesse suas sensibilidades.

O ghoul se desfez em poeira e penas de abutre. A seta desabou no chão.

Meg foi mancando até mim.

— Está vendo? É *assim* que se mata aquele troço.

— Ah, cala a boca — resmunguei.

Nós nos viramos para aquela improvável heroína.

A garota de cabelo rosa franziu a testa para a pilha de poeira, o queixo tremendo como se ela fosse chorar, e murmurou:

— Eu *odeio* essas coisas.

— V-você já tinha enfrentado algo assim? — perguntei.

Ela me olhou como se a pergunta fosse insultante e estúpida.

Um dos faunos a cutucou.

— Lavínia, cara, pergunta quem são esses dois.

— Hum, é. — Lavínia pigarreou. — Quem são vocês?

Levantei-me com muito esforço e tentei me recompor um pouco.

— Sou Apolo. Esta é a Meg. Obrigado por nos salvar.

Lavínia me encarou, confusa.

— Apolo, o…

— É uma longa história. Estamos transportando o corpo do nosso amigo, Jason Grace, para o Acampamento Júpiter, para um funeral. Vocês podem nos ajudar?

O queixo de Lavínia caiu.

— Jason Grace… está morto?

Antes que eu pudesse responder, de algum lugar da rodovia 24 veio um berro de fúria e angústia.

— Hum, pessoal — disse um dos faunos —, esses tais de ghouls não costumam caçar em duplas?

Lavínia engoliu em seco.

— É. Vamos para o acampamento. Lá, poderemos conversar sobre — ela indicou o rabecão sem jeito — quem está morto e por quê.

3

Não consigo mascar chiclete
E correr com um caixão
Ao mesmo tempo. E daí?

QUANTOS ESPÍRITOS DA natureza são necessários para se carregar um caixão?

A resposta é desconhecida, pois todas as dríades e os faunos, com exceção de um, sumiram entre as árvores assim que perceberam que havia trabalho envolvido. O último fauno também teria nos abandonado, mas Lavínia o segurou pelo pulso.

— Ah, não, você não, Don.

Por trás dos óculos em tons do arco-íris, os olhos do fauno Don transpareciam pânico. O cavanhaque tremelicou, um tique facial que me deixou com saudade do sátiro Grover.

(Caso vocês estejam na dúvida, faunos e sátiros são a mesma coisa. Faunos são basicamente a versão romana dos sátiros, e não são tão bons em… Bom, em nada, na verdade.)

— Ei, eu adoraria ajudar — disse Don. — É que me lembrei de um compromisso…

— Faunos não marcam compromissos — observou Lavínia.

— Eu estacionei em fila dupla…

— Você não tem carro.

— Tenho que dar comida para o meu cachorro…

— Don! — interrompeu Lavínia. — Você me *deve*.

— Está bem, está bem. — Don soltou-se e massageou o pulso, irritado. — Olha, eu posso ter dito que a Carvalho Venenoso *talvez* estivesse no piquenique, mas não fiz nenhuma *promessa* de que ela estaria, sabe.

O rosto de Lavínia ficou vermelho-terracota.

— Eu não estava falando disso! É que já quebrei seu galho umas mil vezes. Agora, você precisa me ajudar com *isso*.

Ela apontou vagamente para mim, para o rabecão e para o mundo em geral. Fiquei me perguntando se Lavínia era nova no Acampamento Júpiter. Ela parecia desconfortável na armadura de legionária. Ficava mexendo os ombros, dobrando os joelhos, puxando o pingente prateado da estrela de davi no pescoço longo e fino. Os olhos castanho-claros e o tufo de cabelo rosa só acentuaram minha primeira impressão da garota: um bebê girafa que cambaleou para longe da mãe pela primeira vez e começou a examinar a savana se perguntando: *O que que eu estou fazendo aqui?*

Meg parou do meu lado e segurou na minha aljava para se equilibrar, me enforcando com a alça.

— Quem é Carvalho Venenoso?

— Meg — repreendi —, isso não é da nossa conta. Mas, se eu tivesse que chutar, diria que Carvalho Venenoso é uma dríade em quem a Lavínia aqui está interessada, assim como você se interessou por Josué em Palm Springs.

— Eu *não* me interessei… — rosnou Meg.

— Eu *não* estou interessada — reforçou Lavínia.

Ambas ficaram em silêncio, olhando de cara feia uma para a outra.

— Além do mais — disse Meg —, Carvalho Venenoso não é… venenosa?

Lavínia levantou as mãos como se pensasse *Ah, não, essa pergunta de novo?*.

— A Carvalho Venenoso é linda! O que não quer dizer que eu sairia com ela…

Don soltou uma risada debochada.

— Sei.

Lavínia disparou setas de besta no fauno com o olhar.

— Mas eu *cogitaria*… se houvesse química, ou sei lá. E é por isso que eu estava disposta a fugir da minha patrulha para vir a este *piquenique*, onde Don me garantiu…

— Opa, ei! — Don riu de nervoso. — Não deveríamos estar levando esses caras para o acampamento? E o rabecão? Ainda funciona?

Retiro o que disse sobre faunos não servirem para nada. Don era ótimo em mudar de assunto.

Ao observar melhor, vi o tamanho do estrago no rabecão. Fora os inúmeros amassados e arranhões com aroma de eucalipto, a parte da frente tinha ficado destruída ao passar pela grade de proteção da estrada, lembrando o acordeão de Flaco Jiménez depois que bati nele com um taco de beisebol. (Desculpe, Flaco, mas você tocou tão bem que fiquei com inveja e o acordeão teve que morrer.)

— Nós podemos carregar o caixão — sugeriu Lavínia. — Nós quatro.

Outro grito furioso atravessou o ar do fim da tarde. Pareceu mais próximo dessa vez, em algum ponto ao norte da rodovia.

— Não vamos conseguir — falei —, não vai dar para subirmos o caminho todo até o túnel Caldecott.

— Tem outro caminho — disse Lavínia. — Uma entrada secreta do acampamento. Bem mais perto.

— Gosto de perto — retrucou Meg.

— O problema é que eu deveria estar de guarda agora. Meu turno está quase acabando. Não sei quanto tempo minha colega consegue cobrir para mim. Por isso, quando chegarmos ao acampamento,

deixem que eu falo sobre onde e como nos conhecemos — disse Lavínia.

Don estremeceu.

— Se alguém descobrir que Lavínia abandonou o trabalho de sentinela de novo…

— De novo? — perguntei.

— Cala a boca, Don — disparou Lavínia.

Por um lado, os problemas da Lavínia pareciam triviais em comparação a, digamos, morrer e ser comido por um ghoul. Por outro, eu sabia que as punições da legião romana podiam ser bem rigorosas. Costumavam envolver chicotes, correntes e animais raivosos vivos, basicamente um show do Ozzy Osbourne na década de 1980.

— Você deve gostar muito dessa Carvalho Venenoso — concluí.

Lavínia grunhiu. Pegou a manubalista e a sacudiu na minha direção de forma ameaçadora.

— Eu te ajudo, você me ajuda. O acordo é esse.

Meg respondeu por mim:

— Combinado. A que velocidade conseguimos correr com um caixão?

* * *

Não tanta, conforme descobrimos.

Depois de pegar o resto das nossas coisas no rabecão, Meg e eu seguramos a parte de trás do caixão de Jason. Lavínia e Don pegaram a frente. Fizemos uma corridinha desajeitada de carregadores de caixão pela margem do lago, eu morrendo de nervosismo olhando para a copa das árvores, torcendo para que não chovesse mais nenhum ghoul do céu.

Lavínia nos prometeu que a entrada secreta ficava do outro lado do lago. O problema era que ficava *do outro lado do lago*, ou seja, como não daria para andar sobre a água, teríamos que contornar a margem e caminhar por uns quatrocentos metros.

— Ah, fala sério — disse Lavínia quando reclamei. — Nós viemos correndo da praia até aqui para ajudar vocês. O mínimo que podem fazer é correr de volta conosco.

— Sim — falei —, mas esse caixão é pesado.

— Concordo com ele — acompanhou Don.

Lavínia deu uma risadinha de desdém.

— Vocês deveriam tentar marchar trinta quilômetros com traje completo de legionário.

— Não, obrigado — murmurei.

Meg não disse nada. Apesar da expressão exausta e da respiração ofegante, carregou seu lado do caixão sem reclamar. Provavelmente só

para me irritar.

Finalmente, chegamos à praia do piquenique. Uma placa no começo da trilha dizia:

LAGO TEMESCAL
NADE POR SUA CONTA E RISCO

Típico dos mortais: fazem escarcéu por causa de afogamento, mas não de ghouls carnívoros.

Lavínia nos levou até um pequeno prédio com banheiros e vestiário. Nos fundos, semiescondida no meio de amoreiras, havia uma porta de metal, que Lavínia abriu com um chute. Dentro, tinha um vão escuro.

— Imagino que os mortais não conhecem essa entrada — supus.

Don riu.

— Que nada, cara, eles acham que é uma sala de gerador ou algo do tipo. A maioria dos legionários também não sabe. Só os descolados que nem a Lavínia.

— Você não vai escapar do trabalho, Don — disse Lavínia. — Vamos botar o caixão no chão por um segundo.

Fiz uma oração silenciosa de agradecimento. Meus ombros estavam doendo. Minhas costas, molhadas de suor. Aquilo tudo me lembrou a época em que Hera me fez arrastar um trono de ouro maciço pela sala olimpiana dela até encontrar o melhor lugar para ele. Aff, aquela deusa.

Lavínia tirou um pacote de chiclete do bolso da calça jeans, enfiou três na boca e ofereceu para mim e para Meg.

— Não, obrigado — falei.

— Eu quero — disse Meg.

— Eu também! — disse Don.

Lavínia afastou o pacote de chiclete dele.

— Don, você sabe que chiclete não te faz bem. Da última vez, ficou abraçado à privada por dias.

Don fez biquinho.

— Mas é *gostoso*.

Lavínia espiou o túnel, mascando furiosamente o chiclete.

— É estreito demais para quatro pessoas carregarem o caixão. Eu vou na frente. Don, você e o Apolo — ela franziu a testa como se ainda não conseguisse acreditar que aquele era o meu nome — pegam cada um uma ponta.

— Só nós dois? — protestei.

— Não vai rolar! — concordou Don.

— Carreguem como se fosse um sofá — explicou Lavínia, como se isso fizesse algum sentido para mim. — E você… Qual é mesmo seu nome? Peg?

— Meg.

— Tem alguma coisa que possa descartar? — perguntou Lavínia. — Tipo… essa placa debaixo do braço… É um trabalho da escola?

Meg devia estar absurdamente cansada, porque não fez cara feia, não bateu em Lavínia e nem fez gerânios brotarem nas orelhas dela. Só se virou para o lado e protegeu o diorama do Jason com o corpo.

— Não. Isso é importante.

— Tudo bem. — Lavínia coçou a sobrancelha, que, como o cabelo, era rosa-clara. — Acho melhor então só ficar atrás. Proteja a retaguarda. Essa porta não pode ser trancada, ou seja…

Como se combinado, do outro lado do lago soou o uivo mais alto que tínhamos ouvido até então, tão raivoso como se o ghoul tivesse descoberto a poeira e a fralda de penas do camarada derrotado.

— Vamos! — disse Lavínia.

Comecei a repensar minha impressão da nossa amiga de cabelo rosa. Para uma girafa bebê assustada ela sabia ser *bem* mandona.

Descemos em fila única pela passagem, eu carregando a parte de trás do caixão, e Don, a da frente.

O chiclete de Lavínia deu aroma ao ar rançoso, e o túnel ficou com cheiro de algodão-doce mofado. Cada vez que Lavínia ou Meg estouravam uma bola, eu me encolhia. Meus dedos logo começaram a doer com o peso.

— Falta muito? — perguntei.

— A gente mal entrou no túnel — respondeu Lavínia.

— Então… não falta muito?

— Uns quatrocentos metros, talvez.

Tentei soltar um grunhido de resistência viril. O que saiu foi um choramingo.

— Pessoal — disse Meg atrás de mim —, temos que ir mais rápido.

— Está vendo alguma coisa? — perguntou Don.

— Ainda não — disse Meg. — É só um pressentimento.

Pressentimento. Eu odiava aquilo.

A única iluminação no lugar era fornecida pelas nossas armas. As peças de ouro da manubalista penduradas nas costas da Lavínia geravam uma aura fantasmagórica no cabelo rosa. O brilho das espadas da Meg projetava nossas sombras alongadas nas paredes, dando a sensação de que caminhávamos no meio de uma multidão espectral. Sempre que Don olhava para trás, as lentes em tons do arco-íris pareciam flutuar na escuridão como poças de óleo na água.

Minhas mãos e meus antebraços queimavam por causa do esforço, mas Don parecia tirar de letra. Eu estava determinado a não implorar por misericórdia antes do fauno.

O caminho ficou mais largo e plano. Resolvi encarar isso como um bom sinal, embora nem Meg nem Lavínia tivessem se oferecido para

ajudar a carregar o caixão.

Minhas mãos enfim cederam.

— Parem.

Se Don e eu tivéssemos colocado o caixão do Jason no chão um instante mais tarde, eu o teria deixado cair. Havia marcas vermelhas encravadas nos meus dedos. Bolhas começavam a se formar nas palmas. Parecia que eu tinha acabado de tocar guitarra por nove horas num duelo de jazz com Pat Metheny, usando uma Fender Stratocaster de ferro de quase trezentos quilos.

— Ai — murmurei, porque já fui o deus da poesia e tenho grandes poderes descritivos.

— Não podemos descansar muito — alertou Lavínia. — Meu turno de sentinela já deve ter terminado. Minha parceira deve estar perguntando por mim.

Quase dei uma risada. Eu havia esquecido que, além de todos os nossos problemas, ainda deveríamos nos preocupar com Lavínia matando o trabalho.

— Sua parceira vai entregar você?

Lavínia encarou a escuridão.

— Só se não tiver escolha. Ela é meu centurião, mas é legal.

— Seu *centurião* deu permissão para você sair? — perguntei.

— Não exatamente. — Lavínia puxou o pingente de estrela de davi. — Ela meio que só fez vista grossa, sabe? Ela entende.

Don riu.

— Entende como é ter um crush?

— Não! — retrucou Lavínia. — Como é ficar *parada* montando guarda por cinco horas seguidas. Aff. Eu não consigo! Principalmente depois de tudo que aconteceu recentemente.

Avaliei como Lavínia mexia no colar, mastigava com ferocidade o chiclete, não parava quieta com aquelas pernas bambas. A maioria dos semideuses tem alguma forma de déficit de atenção/distúrbio de hiperatividade. Foram feitos para estarem em movimento constante, pulando de batalha em batalha. Mas Lavínia era a hiperatividade em pessoa.

— Quando você diz "tudo que aconteceu recentemente..." — comecei, mas, antes que pudesse terminar, Don enrijeceu.

O nariz e o cavanhaque tremelicaram. Eu tinha passado tempo suficiente no Labirinto com Grover Underwood para saber o que aquilo significava.

— Que cheiro você está sentindo? — perguntei.

— Não sei bem... — Ele farejou. — Está perto. E é fedido.

— Ah. — Fiquei vermelho. — Eu tomei banho de manhã, mas quando faço muito esforço, este corpo mortal sua...

— Não é isso. Escute!

Meg se virou para trás. Ergueu as espadas e esperou. Lavínia pegou a manubalista e espiou as sombras à sua frente.

Finalmente, mais alto que as batidas do meu coração, ouvi o tilintar de metal e o eco de passos na pedra. Alguém vinha correndo em nossa direção.

— Eles estão vindo — disse Meg.

— Não, esperem — rebateu Lavínia. — É ela!

Tive a sensação de que Meg e Lavínia estavam falando de coisas diferentes e não sabia se gostava de alguma das opções.

— Ela quem? — perguntei.

— Eles quem? — guinchou Don.

Lavínia levantou a mão e gritou:

— Estou aqui!

— *Shhhh!* — disse Meg, ainda virada para o lado por onde tínhamos entrado. — Lavínia, o que está *acontecendo*?

Uma jovem apareceu no nosso círculo de luz, vinda da direção do Acampamento Júpiter.

Tinha aproximadamente a idade de Lavínia, uns quatorze ou quinze anos, com pele escura e olhos cor de âmbar. O cabelo castanho e cacheado envolvia seus ombros. As grevas e o peitoral de legionária brilhavam sobre a calça jeans e uma camiseta roxa. Tinha uma insígnia de centurião presa no peitoral e uma *espata* pendurada no quadril, uma espada de cavalaria. Ah, sim… eu a reconheci da tripulação do *Argo II*.

— Hazel Levesque — falei. — Graças aos deuses.

Hazel parou onde estava, sem dúvida se perguntando quem eu era, como a conhecia e por que estava rindo que nem bobo. Ela olhou para Don, para Meg e para o caixão.

— Lavínia, o que está acontecendo?

— Pessoal — interrompeu Meg. — Temos companhia.

Ela não se referia a Hazel. Atrás de nós, na extremidade do feixe de luz emitido pelas espadas da Meg, um vulto apareceu, a pele preta-azulada reluzindo, os dentes pingando saliva. Outro ghoul idêntico surgiu logo depois.

Que sorte a nossa. Os eurínomos estavam nos oferecendo um especial *mate um, ganhe dois.*

4

Nada de música no ukulele?
Não precisa arrancar minhas tripas
Um simples "não" basta

— **AH** — disse Don, baixinho. — Era *isso* que estava fedendo.

— Pensei que você tivesse dito que eles andam em dupla — reclamei.

— Ou trios — choramingou o fauno. — Às vezes em trios.

Os eurínomos rosnaram, arrastando-se para longe das espadas de Meg. Atrás de mim, Lavínia engrenou a manubalista, *clique, clique, clique*, mas a arma era tão lenta de preparar que só ficaria pronta lá para quinta-feira. A espata de Hazel fez um ruído arrastado quando ela puxou a lâmina da bainha. Também não era lá a melhor arma para uma luta em local apertado.

Meg pareceu não saber se deveria atacar, manter-se firme ou desabar de exaustão. Abençoado fosse seu coraçãozinho teimoso, pois ela ainda estava com o diorama do Jason embaixo do braço, que não a ajudaria na batalha.

Tentei pegar uma arma e acabei com meu ukulele na mão. Por que não? Era só um pouco mais ridículo do que uma espata ou uma manubalista.

Meu nariz devia estar quebrado por causa do air bag do rabecão, mas meu olfato infelizmente não tinha sido afetado. A combinação de fedor de ghoul com aroma de chiclete fez minhas narinas arderem e meus olhos lacrimejarem.

— COMIDA — disse o primeiro ghoul.

— COMIDA! — concordou o segundo.

Eles pareciam maravilhados, como se fôssemos pratos favoritos que não eram servidos havia séculos.

Hazel falou, com calma e firmeza:

— Pessoal, nós enfrentamos essas coisas na batalha. Não deixem que arranhem vocês.

Seu jeito de falar *batalha* me deu a sensação de que estava se referindo a um evento horrível. Lembrei o que Leo Valdez nos contara em Los Angeles: o Acampamento Júpiter tinha sofrido muitos danos e perdido boas pessoas na última batalha. Eu estava começando a entender a gravidade da situação.

— Nada de arranhões — concordei. — Meg, segure eles aí. Vou arriscar uma música.

Minha ideia era simples: dedilhar uma canção sonolenta, deixar as

criaturas em estado de estupor e matá-las em um ato lento e civilizado.

Subestimei o ódio dos eurínomos por ukuleles. Assim que anunciei minhas intenções, eles uivaram e atacaram.

Recuei e caí sentado no caixão de Jason. Don berrou e se encolheu. Lavínia ainda estava girando a manivela da manubalista. Então Hazel gritou:

— Abre um buraco!

O que, naquele momento, não fez sentido algum para mim.

Meg entrou em ação, cortou o braço de um ghoul e golpeou as pernas do outro, mas seus movimentos estavam arrastados, e com o diorama debaixo do braço, ela só podia usar bem uma espada. Se os ghouls tivessem interesse em matá-la, ela não teria chance. Mas passaram direto, decididos a me impedir de dedilhar um acorde.

Todo mundo se acha crítico musical, impressionante.

— COMIDA! — gritou o ghoul de um braço só, pulando em mim com as cinco unhas restantes.

Eu tentei encolher a barriga. Tentei mesmo.

Mas, ah, maldita banha! Se estivesse na minha forma divina, as garras do ghoul jamais haveriam me alcançado. Meu abdome de bronze esculpido teria rido da tentativa do monstro de tocá-lo. Mas, veja só, o corpo do Lester me deixou na mão de novo.

O eurínomo passou a mão pela minha barriga, embaixo do ukulele. A ponta do dedo do meio, de leve, bem de leve, encontrou pele. A unha cortou minha camisa e minha barriga como uma navalha cega.

Tombei para o lado, sangue quente escorrendo na cintura da calça.

Hazel Levesque deu um berro desafiador. Pulou o caixão e enfiou a espata na clavícula do eurínomo, criando o primeiro palitinho de ghoul do mundo.

O eurínomo gritou e recuou, arrancando a espata da mão da Hazel. O ferimento feito pela lâmina de ouro imperial soltava fumaça. E então, e não há jeito delicado de dizer isso, o ghoul explodiu em pedaços de cinza fumegante. A espata caiu no piso de pedra.

O segundo tinha parado para encarar Meg, como qualquer um faria se tivesse as coxas atacadas por uma menina irritante de doze anos, mas, quando o companheiro gritou, ele se virou para nós. Isso deu abertura a Meg, mas, em vez de atacar, ela passou pelo monstro e veio correndo até mim, as lâminas voltando à forma de anéis.

— Você está bem? — perguntou ela. — Ah, NÃO. Está sangrando. Você *disse* para não deixarmos eles nos arranharem. Mas *você foi* arranhado!

Eu não sabia se deveria ficar emocionado com a preocupação dela ou irritado pelo tom.

— Eu não *planejei* isso, Meg.

— Pessoal! — gritou Lavínia.

O ghoul deu um passo à frente, parando entre Hazel e a espata caída. Don continuou se encolhendo como um campeão. A manubalista de Lavínia ainda estava na metade da preparação. Meg e eu nos espremíamos lado a lado perto do caixão de Jason.

Isso fez de Hazel, de mãos vazias, o único obstáculo entre o eurínomo e uma refeição de cinco pratos.

— Vocês não têm como ganhar — chiou a criatura.

Sua voz mudou. Ficou mais grave, o volume modulado.

— Vocês vão se juntar a seus camaradas na minha tumba.

Com a cabeça latejando e a barriga dolorida, tive dificuldade de acompanhar as palavras, mas Hazel pareceu entender.

— Quem é você? — perguntou ela. — Que tal parar de se esconder por trás das suas criaturas e se revelar de uma vez?!

O eurínomo piscou. Os olhos passaram de branco leitoso para um roxo brilhante, como chamas de iodo.

— Hazel Levesque. Você dentre todo mundo deveria compreender o limite frágil entre a vida e a morte. Mas não tenha medo. Vou reservar seu lugar especial ao meu lado, junto com seu amado Frank. Vocês vão ser esqueletos gloriosos.

Hazel cerrou os punhos. Quando olhou para nós, sua expressão estava quase tão intimidante quanto a do ghoul.

— Para trás — avisou ela. — O máximo que conseguirem.

Meg meio que me arrastou até a frente do caixão. Minha barriga parecia ter sido fechada com um zíper incandescente. Lavínia segurou Don pela gola da camiseta e o puxou para se acovardar em um ponto mais seguro.

O ghoul riu.

— Como você vai me derrotar, Hazel? Com isto? — Ele chutou a espata para longe. — Eu conjurei mais mortos-vivos. Estarão aqui em breve.

Apesar da dor, eu me esforcei para me levantar. Não podia deixar Hazel sozinha. Mas Lavínia botou a mão no meu ombro.

— Espere — murmurou ela. — Deixe que a Hazel cuide disso.

Pareceu ridiculamente otimista, mas, para minha vergonha, eu esperei. Mais sangue quente encharcou minha cueca. Pelo menos eu esperava que fosse sangue.

O eurínomo limpou baba da boca com o dedo de unha grande.

— A não ser que você pretenda correr e abandonar o lindo caixão, é melhor se render. Nós somos fortes debaixo da terra, filha de Plutão. Fortes demais para você.

— Ah, é? — A voz de Hazel permaneceu firme, quase como se jogasse conversa fora. — Fortes debaixo da terra. Bom saber.

O túnel estremeceu. Rachaduras apareceram nas paredes, fissuras

irregulares se abrindo pela pedra. Abaixo dos pés do ghoul, uma coluna de quartzo branco se ergueu, espetando o monstro no teto e o reduzindo a penas de abutre que explodiram feito confetes.

Hazel se virou para nós como se nada muito incrível tivesse acontecido.

— Don, Lavínia, tirem… — Ela olhou com inquietação para o caixão. — Tirem isso daqui. Você — ela apontou para Meg —, ajude seu amigo, por favor. Temos curandeiros no acampamento que podem cuidar de arranhão de ghoul.

— Espera! — falei. — O q-que acabou de acontecer? A voz…

— Já vi isso acontecer com um ghoul — disse Hazel, sombria. — Explico mais tarde. Agora, vamos. Vou me juntar a vocês em um segundo.

Comecei a protestar, mas Hazel balançou a cabeça para que eu parasse.

— Só vou pegar minha espada e garantir que nenhuma dessas coisas possa nos seguir. Vão!

Detritos caíram de novas rachaduras no teto. Talvez sair dali não fosse uma ideia tão ruim.

Apoiado em Meg, consegui cambalear pelo túnel. Lavínia e Don carregaram o caixão de Jason. Eu estava com tanta dor que nem tive energia para gritar que Lavínia o carregasse como um sofá.

Tínhamos andado uns quinze metros quando o túnel ribombou com mais força. Olhei para trás a tempo de levar uma nuvem de detritos na cara.

— Hazel! — chamou Lavínia no meio do redemoinho de poeira.

Em um piscar de olhos, Hazel Levesque surgiu, coberta da cabeça aos pés de pó de quartzo cintilante, a espada brilhando na mão.

— Estou bem — anunciou. — Mas ninguém mais vai passar por ali. Agora — ela apontou para o caixão — alguém quer me contar quem está aí dentro?

* * *

Eu não queria.

Não depois de ver como Hazel perfurava os inimigos.

Mesmo assim… eu devia a Jason. Hazel era amiga dele.

Eu me preparei, abri a boca, mas a própria Hazel tomou meu lugar.

— É o Jason — disse ela, como se a informação tivesse sido sussurrada no ouvido dela. — Ah, deuses.

Ela correu até o caixão. Caiu de joelhos e se debruçou sobre a tampa. Soltou um único soluço de sofrimento. Então, baixou a cabeça e tremeu em silêncio. Mechas de cabelo caíram no pó de quartzo sobre a superfície de madeira polida, imprimindo na poeira linhas que

lembravam as leituras de um sismógrafo.

Sem olhar para cima, ela murmurou:

— Eu tive pesadelos. Um barco. Um homem a cavalo. Uma… uma lança. Como aconteceu?

Tentei explicar da melhor forma. Contei sobre minha queda no mundo mortal, minhas aventuras com Meg, nossa luta a bordo do iate de Calígula e que Jason morreu tentando nos salvar. Recontar a história trouxe à tona toda a dor e o terror. Eu me lembrei do cheiro intenso de ozônio dos espíritos do vento rodopiando em volta de Meg e Jason, da dor das algemas de plástico nos meus pulsos, da vanglória impiedosa e satisfeita de Calígula: *Ninguém cruza meu caminho e sai vivo!*

Foi tudo tão horrível que por um momento esqueci o corte doloroso na barriga.

Lavínia olhou para o chão. Meg tentou ao máximo estancar meu sangramento usando um vestido que tinha na mochila. Don observou o teto, onde uma nova rachadura ziguezagueou sobre nossas cabeças.

— Desculpe interromper — disse o fauno —, mas não seria melhor continuar com isso lá fora?

Hazel pressionou os dedos na tampa do caixão.

— Estou com tanta raiva de você. Por fazer isso com Piper. Conosco. Não deixar que ajudássemos. O que passou pela sua cabeça?

Demorei um instante para entender que ela não estava falando conosco. Estava falando com Jason.

Lentamente, ela se levantou. Sua boca tremia. Ela se empertigou, como se conjurando colunas internas de quartzo para sustentar seu esqueleto.

— Me deixem carregar um lado — disse ela. — Vamos levá-lo para casa.

Nós seguimos em silêncio, os carregadores mais tristes do mundo. Todos cobertos de poeira e cinzas de monstro. Na frente do caixão, Lavínia se contorcia na armadura, olhando ocasionalmente para Hazel, que olhava fixamente para a frente. Nem pareceu notar a pena de abutre presa na manga da camiseta.

Meg e Don carregaram a parte de trás do caixão. Os olhos de Meg estavam roxos por causa do acidente de carro, fazendo-a parecer um guaxinim enorme e malvestido. Don ficava se mexendo, inclinando a cabeça para a esquerda, como se quisesse ouvir o que o ombro estava dizendo.

Cambaleei atrás deles, com o vestido de Meg comprimido a barriga. O sangramento parecia ter parado, mas o corte ainda ardia e repuxava. Eu esperava que Hazel estivesse certa sobre os curandeiros do acampamento. Eu não gostava nada da ideia de virar um figurante de *The Walking Dead*.

A calma da Hazel me deixou inquieto. Eu quase teria preferido que ela estivesse gritando e jogando coisas em mim. A infelicidade dela parecia a austeridade fria de uma montanha. Se você ficasse parado ao lado da montanha e fechasse os olhos, mesmo não conseguindo ver nem ouvir nada, *saberia* que ela estava lá, pesada e poderosa, indescritível, uma força geológica tão antiga que até os deuses imortais se sentiam mosquitinhos. Eu tinha medo do que aconteceria se o vulcão de emoções de Hazel entrassem em atividade.

Enfim chegamos a céu aberto. Paramos em um promontório de pedra na metade da colina, com o vale de Nova Roma abaixo. No crepúsculo, as colinas tinham uma coloração violeta. A brisa fresca cheirava a fumaça de madeira e lilases.

— Uau! — exclamou Meg, notando a vista.

Bem como eu lembrava, o Pequeno Tibre serpenteava pelo vale, resplandecendo em curvas que desembocavam em um lago azul, onde deveria ficar a área central do acampamento. Na margem norte do lago estava a própria Nova Roma, uma versão menor da cidade imperial original.

Pelo que Leo contou da batalha recente, eu esperava ver o lugar demolido. Mas, de longe, à luz fraca, tudo parecia normal: os prédios brancos com telhas vermelhas, o Senado abobadado, o Circus Maximus e o Coliseu.

A margem sul do lago era o local da Colina dos Templos, com a variedade caótica de templos e monumentos. No cume, acima de tudo, ficava o impressionante tributo ao ego do meu pai, o Templo de Jupiter Optimus Maximus. Se possível, sua encarnação romana, Júpiter, era ainda mais insuportável do que a personalidade grega original de Zeus. (E, sim, nós, deuses, temos personalidades múltiplas, porque vocês, mortais, não param de mudar de ideia sobre como nós somos. É cansativo.)

No passado, sempre odiava olhar para a Colina dos Templos, porque o meu templo não era o maior. Obviamente, *deveria* ser. Depois passei a odiar por um motivo diferente. Eu só conseguia pensar no diorama que Meg carregava e nos cadernos na mochila dela, com os esboços da Colina dos Templos reimaginada por Jason Grace. Em comparação à maquete de isopor do Jason, com os bilhetes escritos à mão e pecinhas de *Monopoly* coladas, a verdadeira Colina dos Templos parecia um tributo indigno aos deuses. Nunca seria tão valorosa quanto a bondade de Jason, seu desejo ardoroso de honrar *todos* os deuses e não deixar nenhum de fora.

Eu me obriguei a virar o rosto.

Logo abaixo, a cerca de oitocentos metros de onde estávamos, ficava o Acampamento Júpiter em si. Com os muros de piquetes, as torres de observação e as trincheiras, além das impecáveis fileiras de

barracas formando duas ruas principais, poderia ser qualquer acampamento legionário romano, em qualquer lugar do antigo império, em qualquer momento dos muitos séculos do domínio de Roma. Os romanos tinham um padrão tão consistente de construção de seus fortes, quer pretendessem passar uma noite ou uma década, que quem conhecesse um acampamento conhecia todos. Era possível acordar no meio da noite e cambalear na escuridão completa sabendo exatamente onde ficava tudo. Claro que, quando visitava acampamentos romanos, eu costumava passar o tempo todo na barraca do comandante, relaxando e comendo uvas, como fazia com Cômodo… Ah, deuses, por que eu me torturava com esses pensamentos?

— Bom. — A voz da Hazel me arrancou do devaneio. — Quando chegarmos ao acampamento, a história é a seguinte: Lavínia, você foi ao Temescal por ordens minhas, porque viu o rabecão atravessar a grade da estrada. Fiquei de guarda até o turno seguinte chegar e fui correndo te ajudar, porque achei que você pudesse estar em perigo. Nós enfrentamos os ghouls, salvamos esse pessoal etc. Entendeu?

— Falando nisso… — interrompeu Don. — Acho que agora é com vocês, né? Considerando que a barra vai pesar para o lado de vocês e tudo mais. Então já vou indo…

Lavínia lançou um olhar feroz para ele.

— Ou posso ficar por aqui — acrescentou ele, depressa. — Sabe como é, pelo prazer de ajudar.

Hazel ajeitou a mão na alça do caixão.

— Lembrem, somos uma guarda de honra. Por mais desgrenhados que estejamos, temos um dever. Estamos trazendo um companheiro abatido para casa. Entendido?

— Sim, centurião — disse Lavínia com timidez. — E... Hazel? Obrigada.

Hazel se contraiu, como se arrependida do coração mole que tinha.

— Quando chegarmos ao *principia* — o olhar dela parou em mim —, nosso deus visitante poderá explicar aos líderes o que aconteceu com Jason Grace.

5

Oi, pessoal,
Aqui vai uma canção chamada
“Eu posso ser bem ridículo”

AS SENTINELAS LEGIONÁRIAS nos viram de longe, como sentinelas legionárias devem mesmo fazer.

Quando nosso pequeno grupo chegou ao portão principal do forte, uma pequena multidão havia se formado. Semideuses dos dois lados da rua nos observaram com um silêncio curioso enquanto nos aproximávamos carregando o caixão de Jason. Ninguém nos questionou. Nem tentou nos impedir. O peso de todos aqueles olhos foi opressor.

Hazel nos levou direto pela Via Praetoria.

Alguns legionários estavam nas portas de seus alojamentos, as armaduras parcialmente polidas esquecidas por um instante, os violões deixados de lado, os jogos de cartas incompletos. *Lares* roxos brilhantes, os deuses caseiros da legião, vagavam pelo lugar, atravessando paredes ou pessoas, dando pouca importância ao espaço pessoal de cada um. Águias gigantes sobrevoavam e nos olhavam como potenciais roedores saborosos.

Comecei a perceber como o grupo era *pequeno*. O acampamento parecia… não exatamente deserto, mas desfalcado. Alguns jovens heróis andavam de muletas. Outros estavam com um dos braços engessados. Talvez os ausentes só estivessem nos alojamentos, ou na enfermaria, ou em uma marcha distante, mas não gostei das expressões assombradas e sofridas dos legionários que nos observavam.

Eu me lembrei das palavras de vanglória do eurínomo no lago Temescal: *JÁ PROVEI DA CARNE DOS SEUS COMPANHEIROS! NA LUA SANGRENTA, VOCÊS VÃO SE JUNTAR A ELES.*

Não sabia bem o que era uma lua sangrenta. Assuntos lunares eram com minha irmã. Mas não me soou nada bom. Por mim já bastava de sangue. Pelo aspecto dos legionários, para eles também.

Então pensei em outra coisa que o ghoul tinha dito: *VOCÊS TODOS VÃO SE JUNTAR AOS MORTOS DO REI.* Pensei nas palavras da profecia que recebemos no Labirinto de Fogo, e uma percepção perturbadora começou a se formar na minha mente. Fiz de tudo para sufocá-la. Eu já tinha batido minha cota diária de terror.

Passamos pelas vitrines dos comerciantes que tinham permissão de operar dentro dos muros do forte; só os serviços mais essenciais, como

um vendedor de carruagens, um ferreiro, uma loja de materiais de gladiadores e um café. Na frente do estabelecimento havia um barista de duas cabeças, nos olhando com duas caras feias, o avental verde manchado de espuma de *latte*.

Finalmente chegamos ao cruzamento principal, onde duas ruas formavam um T na frente do *principia*. Nos degraus do prédio branco e reluzente do quartel-general, os pretores da legião nos esperavam.

Quase não reconheci Frank Zhang. Na primeira vez que o vi, quando eu era um deus, e ele, um novato nas legiões, Frank era um garoto corpulento com carinha de bebê, cabelo escuro achatado no alto da cabeça e uma obsessão fofa por arquearia. Ele cismou que eu talvez fosse pai dele. Orava para mim o tempo todo. Sinceramente, ele era tão fofo que eu ficaria feliz em adotá-lo, mas, ora, era filho de Marte.

Na segunda vez que vi Frank, durante sua viagem no *Argo II*, ele tinha espichado, tomou uma injeção mágica de testosterona ou coisa parecida. Ficou mais alto, mais forte, mais imponente… embora ainda de um jeito adorável, fofo, parecia um ursinho.

Na atual conjuntura, como eu vinha reparando com frequência nos jovens ainda em formação, o peso de Frank finalmente tinha começado a se equilibrar ao crescimento repentino. Tinha voltado a ser um cara grande, atarracado e com bochechas de bebê que davam vontade de apertar, só que maior e mais musculoso. Aparentemente, caiu da cama e veio nos encontrar, embora a noite estivesse apenas começando. O cabelo estava de pé como uma onda quebrando. Uma das barras da calça jeans estava enfiada na meia. Usava uma camisa de pijama de seda amarela estampada com águias e ursos, um detalhe que ele se esforçava para esconder com a capa roxa de pretor.

Uma coisa que não tinha mudado era sua postura; o corpo ligeiramente desajeitado, a testa franzida perplexa, como se ele estivesse pensando o tempo todo: *Era mesmo para eu estar aqui?*

A sensação era compreensível. Frank tinha subido de *probatio* para centurião e depois para pretor em tempo recorde. Desde Júlio César, nenhum oficial romano ascendera de forma tão rápida e brilhante. Mas essa não é uma comparação que eu compartilharia com ele, considerando o que aconteceu com Júlio.

Meu olhar foi capturado pela jovem ao lado de Frank: a pretora Reyna Avila Ramírez-Arellano… e então lembrei.

Uma bola de boliche de pânico se formou no meu coração e rolou até meu intestino delgado. Que bom que eu não estava carregando o caixão de Jason, ou teria deixado cair.

Como posso explicar?

Vocês já tiveram uma experiência tão dolorosa ou constrangedora que *literalmente* esqueceram que aconteceu? Sua mente desassocia,

foge do incidente gritando *Não, não, não* e se recusa a reconhecer a lembrança novamente?

Esse era o meu caso com Reyna Avila Ramírez-Arellano.

Ah, sim, eu sabia quem ela era. Estava familiarizado com seu nome e sua reputação. Tinha total consciência de que estávamos destinados a encontrá-la no Acampamento Júpiter. A profecia que deciframos no Labirinto de Fogo me contou.

Mas meu confuso cérebro mortal se recusou a fazer a conexão mais importante: que essa Reyna era *aquela* Reyna, cujo rosto tinha sido mostrado a mim tanto tempo antes por certa irritante deusa do amor.

É ela!, meu cérebro gritou para mim quando parei na frente dela com minha glória de banhas e acne, apertando um vestido ensanguentado na barriga. *Ah, nossa, ela é linda!*

Agora você a reconhece?, respondi num grito mental. *Agora quer falar sobre ela? Não dá para esquecer de novo?*

Mas lembra o que Vênus disse?, insistiu meu cérebro. *Você deve ficar longe da Reyna, senão…*

Sim, eu lembro! Cala a boca!

Vocês têm conversas assim com a própria mente, não têm? É completamente normal, né?

Reyna era mesmo linda e imponente. Sua armadura de ouro imperial tinha um manto roxo. Medalhas militares cintilavam no peito. O rabo de cavalo escuro ficava pendurado no ombro como um chicote e os olhos de obsidiana eram tão penetrantes quanto os das águias que voavam em círculos acima de nós.

Consegui desviar o olhar. Meu rosto queimava de humilhação. Eu podia ouvir os deuses rindo depois que Vênus fez a declaração para mim, os avisos sombrios de que se eu ousasse…

PING! Num gesto de misericórdia, a manubalista da Lavínia escolheu aquele momento para engrenar mais um pouco, atraindo a atenção de todo mundo para a garota.

— Hã, e-então — gaguejou ela —, nós estávamos de guarda quando vi um rabecão passar voando pela grade da estrada…

Reyna ergueu a mão exigindo silêncio.

— Centurião Levesque. — O tom de Reyna era cauteloso e cansado, como se não fôssemos a primeira procissão abatida a levar um caixão até o acampamento. — Seu relatório, por favor.

Hazel olhou para os outros carregadores. Juntos, eles baixaram gentilmente o caixão.

— Pretores — disse Hazel —, nós salvamos esses viajantes nas fronteiras do acampamento. Essa é Meg.

— Oi. Tem um banheiro aqui? Preciso fazer xixi — disse Meg.

Hazel pareceu aflita.

— Hã, espere um segundo, Meg. E esse… — Ela hesitou, como se

não conseguisse acreditar no que ia dizer. — Esse é Apolo.

A multidão murmurou, agitada. Captei trechos de conversas:

— *Ela disse…?*

— *Na verdade, não…*

— *Cara, óbvio que não…*

— *Batizado em homenagem…?*

— *Só nos sonhos dele…*

— Acalmem-se — ordenou Frank Zhang, cobrindo mais a camisa do pijama com o manto roxo.

Ele me observou, talvez procurando algum sinal de que eu fosse mesmo Apolo, o deus que ele sempre admirou. E piscou, como se o conceito tivesse provocado um curto-circuito no cérebro.

— Hazel, você pode… explicar isso? — pediu ele. — E, hum, o caixão?

Hazel fixou os olhos dourados em mim, me dando uma ordem silenciosa: *Conte para eles.*

Eu não sabia por onde começar.

Não era um grande orador, como Júlio ou Cícero. Não era contador de histórias feito Hermes. (Cara, aquele sujeito conta cada uma!) Como poderia explicar os tantos meses de experiências horríveis que me levaram a estar ali com Meg e com o corpo do nosso heroico amigo?

Olhei para o meu ukulele.

Pensei em Piper McLean a bordo do iate de Calígula… quando ela começou a cantar "Life of Illusion" no meio de uma gangue de mercenários insensíveis. Ela os deixou completamente indefesos, hipnotizados com a serenata sobre melancolia e arrependimento.

Eu não era encantador como Piper. Mas *era* músico, e Jason sem dúvida merecia um tributo.

Depois do que aconteceu com o eurínomo, o ukulele passou a me deixar nervoso, por isso comecei a canção a capela.

Nos primeiros compassos, minha voz falhou. Eu não tinha ideia do que estava fazendo. As palavras simplesmente brotaram das profundezas como as nuvens de detritos do túnel que Hazel fez desabar.

Cantei sobre a minha queda do Olimpo, sobre como fui parar em Nova York e fiquei preso a Meg McCaffrey. Cantei sobre o tempo que passamos no Acampamento Meio-Sangue, onde descobrimos a trama do Triunvirato para controlar os grandes oráculos e, consequentemente, o futuro do mundo. Cantei sobre a infância da Meg, seus anos terríveis de terrorismo psicológico no lar de Nero e que uma hora conseguimos expulsar o imperador do Bosque de Dodona. Cantei sobre nossa batalha contra Cômodo na Estação Intermediária em Indianápolis, sobre nossa jornada horrível pelo Labirinto de Fogo

de Calígula para libertar a Sibila Eritreia.

Depois de cada verso, cantei um refrão sobre Jason: sua resistência final no iate de Calígula, enfrentando corajosamente a morte para que sobrevivêssemos e continuássemos com a missão. Tudo que passamos culminou no sacrifício de Jason. Tudo que poderia vir depois, se tivéssemos a sorte de derrotar o Triunvirato e Píton em Delfos, seria possível por causa *dele*.

A música não era nada sobre mim. (Eu sei. Eu também mal podia acreditar.) Era "A queda de Jason Grace". Nos últimos versos, cantei sobre o sonho de Jason para a Colina dos Templos, seu plano de acrescentar templos até que todos os deuses e deusas, por mais obscuros que fossem, tivessem sua devida homenagem.

Peguei o diorama com Meg, ergui-o para mostrar aos semideuses reunidos e o coloquei sobre o caixão de Jason como a bandeira de um soldado.

Não sei bem por quanto tempo cantei. Quando cheguei ao fim do último verso, o céu estava completamente escuro. Minha garganta estava quente e seca como um cartucho de arma usado.

As águias gigantescas tinham se aglomerado em telhados próximos. Olhavam para mim com uma espécie de respeito.

O rosto dos legionários estava coberto de lágrimas. Alguns fungavam, limpando o nariz. Outros se abraçavam e choravam em silêncio.

Percebi que eles não sofriam só por Jason. A música tinha libertado a dor coletiva pela batalha recente, pelas perdas, que, considerando o tamanho diminuto do grupo, deviam ter sido enormes. A música de Jason virou a música deles. Ao homenageá-lo, homenageávamos todos os mortos.

Nos degraus do *principia*, os pretores despertaram do seu sofrimento particular. Reyna respirou fundo, devastada. Trocou um olhar com Frank, que mal conseguia controlar o tremor do lábio. Os dois líderes pareceram chegar a um acordo silencioso.

— Vamos fazer um funeral de estado — anunciou Reyna.

— E vamos realizar o sonho de Jason — acrescentou Frank. — Aqueles tempos e… tudo que Ja… — A voz dele falhou ao pronunciar o nome do amigo. Ele precisou de cinco segundos para se recompor. — Tudo que ele imaginou. Vamos construir tudo em um fim de semana.

Senti o humor das pessoas mudar de forma tão palpável quanto o sol afastando uma frente fria, a dor virando determinação.

Alguns assentiram e murmuraram, concordando. Um grupo gritou: *Ave! Viva!* O resto das pessoas acompanhou o grito. Dardos martelavam escudos.

Ninguém hesitou diante da ideia de reconstruir a Colina dos

Templos em um fim de semana. Uma tarefa assim teria sido impossível até para o corpo mais habilidoso de engenheiros. Mas aquela era uma legião romana.

— Apolo e Meg serão hóspedes do Acampamento Júpiter — disse Reyna. — Vamos providenciar um lugar para eles ficarem…

— E um banheiro? — pediu Meg, se contorcendo com os joelhos grudados.

Reyna conseguiu abrir um breve sorriso.

— Claro. Juntos, vamos chorar e homenagear nossos mortos. Depois, vamos discutir nosso plano de guerra.

Os legionários comemoraram e bateram nos escudos.

Eu ia dizer uma coisa eloquente, para agradecer a Reyna e Frank pela hospitalidade.

Mas toda a energia que me restara tinha sido gasta na música. O ferimento na minha barriga estava queimando. Minha cabeça girou no pescoço como um carrossel.

Caí de cara no chão e comi terra.

6

Velejando pra guerra ao norte
Com Shirley Temple e
Três cerejas. Tenham medo.

AH, OS SONHOS.

Queridos leitores, caso vocês já estejam cansados de ouvir sobre meus terríveis pesadelos proféticos, não posso culpá-los. Mas pensem em como *eu* me sentia ao vivenciá-los. Era como se a Pítia de Delfos ficasse me ligando sem querer a noite toda, murmurando versos de profecia que eu não pedi nem queria ouvir.

Vi uma frota de iates de luxo atravessando as ondas da costa da Califórnia sob o luar, cinquenta barcos em formação, com proas cintilantes e bandeirolas roxas balançando ao vento em torres de comunicação iluminadas. Os conveses estavam lotados de todos os tipos de monstro: Ciclopes, centauros selvagens, *pandai* orelhudos e *blemmyae* com a cabeça no peito. No convés posterior de cada iate, um grupo de criaturas parecia construir algo que parecia um barracão ou… ou algum tipo de arma de cerco.

Meu sonho focou na ponte do iate principal. A tripulação andava de um lado para outro, verificando monitores e ajustando instrumentos. Relaxando atrás deles, em poltronas idênticas com estofamento dourado, estavam duas das pessoas que eu mais detestava no mundo.

Na da esquerda reconheci o imperador Cômodo. A bermuda azul-clara exibia as panturrilhas bronzeadas e os pés descalços de unhas feitas. O moletom cinza dos Indianápolis Colts estava aberto, revelando o abdome perfeitamente esculpido. Ele era muito corajoso de usar roupas dos Colts, já que nós o humilháramos no estádio do time poucas semanas antes. (Claro que também nos humilhamos, mas prefiro ignorar essa parte.)

O rosto dele estava quase como eu lembrava: bonito de dar raiva, com perfil esculpido arrogante e cachos dourados caindo sobre a testa. Mas a pele ao redor dos olhos parecia ter sido lixada. As pupilas estavam enevoadas. Na última vez que nos encontramos, eu o ceguei com uma explosão de brilho divino, e era óbvio que ele ainda não tinha se recuperado. Essa foi a única coisa boa em vê-lo de novo.

Na outra poltrona estava Caio Júlio César Augusto Germânico, também conhecido como Calígula.

A raiva tingiu meu sonho de vermelho. Como Calígula podia relaxar daquele jeito, com seu traje ridículo de capitão — calça branca

e mocassins, blazer azul por cima de uma camiseta listrada, o quepe inclinado em um ângulo jovial sobre o cabelo castanho —, quando poucos dias antes tinha matado Jason Grace? Como ousava tomar uma bebida geladinha e refrescante decorada com três cerejas ao marrasquino (*Três! Monstro!*) e sorrir com tamanha satisfação?

Calígula parecia humano, mas eu sabia que ele não merecia nem um pingo da minha compaixão. Queria estrangulá-lo. Mas só podia assistir e ficar furioso.

— Piloto! — gritou Calígula, com um ar preguiçoso. — Qual é nossa velocidade?

— Cinco nós, senhor — respondeu um dos mortais uniformizados. — Devo aumentar?

— Não, não. — Calígula pegou uma das cerejas e a botou na boca. Mastigou e sorriu, exibindo dentes vermelhos brilhantes. — Na verdade, vamos diminuir para quatro nós. A jornada faz parte da diversão!

— Sim, senhor!

Cômodo franziu a testa. Girou o gelo na bebida, que era transparente e cheia de bolhas, com xarope vermelho no fundo. Ele só tinha duas cerejas, sem dúvida porque Calígula nunca permitiria que Cômodo se igualasse a ele em nada.

— Não entendo por que estamos indo tão devagar — resmungou ele. — A essa altura, já devíamos estar lá.

Calígula riu.

— Caro amigo, é tudo uma questão de chegar no momento certo. Temos que conceder ao nosso aliado falecido uma oportunidade para atacar.

Cômodo estremeceu.

— Eu *odeio* nosso aliado falecido. Você tem certeza de que ele pode ser controlado…

— Nós já discutimos isso. — O tom de Calígula foi leve, tranquilo e agradavelmente homicida, como se dissesse: *Se me questionar de novo, vou controlar você com algumas gotas de cianeto na sua bebida.* — Você devia confiar mais em mim, Cômodo. Lembre-se de quem o ajudou na hora que mais precisava.

— Eu já agradeci várias vezes — afirmou Cômodo. — Além do mais, não foi culpa minha. Como eu ia saber que Apolo ainda tinha um pouco de poder divino? — Ele piscou com dor. — Ele venceu você e seu cavalo também.

Uma expressão de irritação surgiu rapidamente no rosto de Calígula.

— Sim, ora, em breve consertaremos as coisas. Unindo nossas tropas, temos força mais do que suficiente para suplantar a sofrida Décima Segunda Legião. E se eles forem teimosos demais para se

renderem, sempre temos o Plano B. — Então gritou por cima do ombro: — Ei, Coro?

Um *pandos* veio correndo do convés posterior, as orelhas enormes e peludas balançando como dois tapetes. Segurava uma grande folha de papel, dobrada como um mapa ou uma lista de instruções.

— P-pois não, princeps?

— Relatório de progresso.

— Ah. — O rosto peludo e escuro de Coro tremeu. — Bom! Bom, lorde! Mais uma semana?

— Uma semana — repetiu Calígula.

— Bom, lorde, estas instruções… — Coro virou o papel de cabeça para baixo e franziu a testa. — Ainda estamos procurando todos os "buracos A" nas "peças de montagem 7". E não enviaram porcas suficientes. E as pilhas não são do tamanho padrão, então…

— Uma semana — repetiu Calígula, o tom ainda agradável. — Mas a lua sangrenta vai chegar em…

O *pandos* fez uma careta.

— Cinco dias?

— Então você consegue terminar o trabalho em cinco dias? Excelente! Continue.

Coro engoliu em seco e se afastou o mais rápido que seus pés peludos conseguiram.

Calígula sorriu para o outro imperador.

— Está vendo, Cômodo? Em pouco tempo o Acampamento Júpiter vai ser nosso. Com sorte, também vamos pôr as mãos nos livros sibilinos. E aí teremos poder de barganha de verdade. Quando for a hora de enfrentar Píton e dividir o mundo entre nós três, você vai se lembrar de quem o ajudou… e de quem não ajudou.

— Ah, vou lembrar, sim. Nero idiota. — Cômodo mexeu nos cubos de gelo na bebida. — Qual é mesmo o nome deste drinque? Shirley Temple?

— Não, este é o Roy Rogers — respondeu Calígula. — O meu é o Shirley Temple.

— E você tem certeza de que é isso que guerreiros modernos tomam antes de ir para a batalha?

— Absoluta. Agora aproveite a viagem, meu amigo. Você vai ter cinco dias inteiros para caprichar no bronzeado e recuperar a visão. E aí vamos ter uma bela carnificina na Bay Area!

A cena sumiu, e eu afundei numa escuridão fria.

Fui parar numa câmara de pedra mal iluminada cheia de mortos-vivos agitados, fedorentos e barulhentos. Alguns eram tão murchos quanto múmias egípcias. Outros pareciam quase vivos, exceto pelos ferimentos pavorosos e claramente mortais. Do outro lado da câmara, sentada entre duas colunas dilapidadas, havia… uma presença,

envolta por uma névoa magenta. Ergueu a face esquelética, fixando os olhos roxos ardentes em mim, os mesmos olhos que me encararam através do ghoul possuído no túnel, e começou a rir.

O ferimento na minha barriga ardeu como pólvora.

Acordei gritando de dor. Estava tremendo e suando em um quarto que não reconhecia.

— Você também? — perguntou Meg.

Ela estava de pé ao lado da minha cama, de frente para uma janela aberta, remexendo numa jardineira. Os bolsos do cinto de jardinagem estavam lotados de bulbos, pacotes de sementes e ferramentas. Em uma das mãos enlameadas, ela segurava uma pá. Típico dos filhos de Deméter. É impossível levá-los para qualquer lugar sem que comecem a mexer na lama.

— O q-que está acontecendo?

Tentei me sentar, mas isso se provou um erro.

Minha barriga estava mesmo ardendo em agonia. Olhei para baixo e vi meu abdome exposto envolto em ataduras com cheiro de ervas e pomadas. Se os curandeiros do acampamento já tinham me tratado, por que eu ainda sentia tanta dor?

— Onde estamos? — gemi.

— No café.

Essa declaração parecia ridícula até para os padrões de Meg.

Nosso quarto não tinha balcão, nem máquina de *espresso*, nem barista, nem doces gostosos. Era um cubículo de paredes brancas com dois colchões, uma janela aberta entre eles e um alçapão no canto mais distante, o que me fez acreditar que estávamos num sótão. Era quase como uma cela, só que a janela não tinha grades e o colchão era de uma qualidade inferior. (Sim, foi isso que eu disse. Fiz uma pesquisa na prisão de Folson com Johnny Cash. É uma longa história.)

— O café fica lá embaixo — esclareceu Meg. — Aqui é o quarto extra do Bombilo.

Tinha lembranças de um barista de duas cabeças e avental verde fazer careta para a gente na Via Praetoria. Eu me perguntei por que ele seria gentil a ponto de nos oferecer abrigo e por que, dentre tantos lugares, a legião tinha decidido nos botar ali.

— Por que exatamente…?

— Erva lemuriana — respondeu Meg. — Bombilo tinha o suprimento mais próximo. Os curandeiros precisavam dela para seu ferimento.

Ela deu de ombros, como quem diz *Curandeiros, vai entender!*, e voltou a plantar bulbos de íris.

Eu cheirei minhas ataduras. Um dos odores que detectei foi mesmo de erva lemuriana. Era eficiente contra mortos-vivos, embora o Festival Lemuriano só acontecesse em junho e ainda estivéssemos em

abril… Ah, não era tão surpreendente termos ido parar no café. Todos os anos, os comerciantes pareciam começar a temporada lemuriana mais cedo (*latte* com erva lemuriana, bolinhos de erva lemuriana), como se mal pudéssemos esperar para comemorar a época de exorcizar espíritos malignos comendo doces com gosto suave de feijão-de-lima e pó de túmulo. Hum, delícia.

Que outros cheiros eu sentia no bálsamo curativo… açafrão, mirra, pó de chifre de unicórnio? Ah, esses curandeiros romanos eram bons. Então por que eu não estava me sentindo melhor?

— Eles não queriam ficar transportando você de um lado para outro — disse Meg. — Por isso, acabamos ficando aqui. É bom. O banheiro fica lá embaixo. E tem café de graça.

— Você não toma café.

— Agora eu tomo.

Eu estremeci.

— Uma Meg cheia de cafeína. É tudo de que preciso. Quanto tempo fiquei apagado?

— Um dia e meio.

— *O quê?!*

— Você precisava descansar. Além do mais, você não é tão chato quando está inconsciente.

Eu não tinha energia para responder à altura. Esfreguei os olhos para limpar as remelas e me obriguei a me sentar, lutando contra a dor e a náusea.

Meg me olhou com preocupação, o que devia significar que minha aparência estava pior do que como eu me sentia.

— Como você está? — perguntou ela.

— Bem — menti. — O que você quis dizer antes, quando falou "você também"?

A expressão dela se fechou como a porta de um abrigo contra furacões.

— Pesadelos. Eu acordei gritando duas vezes. Você não chegou a acordar, mas… — Ela pegou terra com a pá. — Este lugar me lembra… você sabe.

Lamentei não ter pensado nisso antes. Depois de Meg ter passado a infância no Lar Imperial de Nero, cercada de criados que falavam latim e de guardas que usavam armadura romana, faixas roxas, toda a regalia do antigo império… é claro que o Acampamento Júpiter despertaria lembranças desagradáveis.

— Sinto muito — falei. — Você sonhou… alguma coisa que eu deveria saber?

— O de sempre. — O tom dela deixou claro que não queria que eu insistisse no assunto. — E você?

Pensei no meu sonho com os dois imperadores relaxando no iate

que seguia em direção ao Acampamento Júpiter, bebendo drinques decorados com cerejas enquanto suas tropas se apressavam para montar armas secretas encomendadas na IKEA.

Nosso aliado falecido. Plano B. Cinco dias.

Vi os olhos roxos brilhantes em uma câmara cheia de mortos-vivos. Os mortos do *rei*.

— O de sempre — concordei. — Pode me ajudar a levantar?

Doeu ficar de pé, mas se eu tinha ficado deitado num colchão por um dia e meio, precisava me mover antes que meus músculos virassem tapioca. Além do mais, estava começando a perceber que sentia fome e sede e, nas palavras imortais de Meg McCaffrey, precisava fazer xixi. Os corpos humanos são irritantes mesmo.

Apoiei-me no parapeito da janela e olhei lá para fora. Abaixo, semideuses trabalhavam na Via Praetoria… carregando suprimentos, cumprindo tarefas, correndo entre os alojamentos e o refeitório. A mortalha de choque e dor havia sumido. Agora, todos pareciam ocupados e determinados. Ao sul, a Colina dos Templos estava a todo vapor. Armas de cerco tinham sido convertidas em guindastes e escavadeiras. Andaimes foram erigidos em mais de dez locais. Os sons de marteladas e pedras sendo cortadas ecoavam pelo vale. Da janela, consegui identificar pelo menos dez pequenos novos templos e dois templos grandes que não estavam lá quando chegamos, com vários outros em andamento.

— Uau — murmurei. — Esses romanos não brincam em serviço.

— Esta noite é o funeral do Jason — informou-me Meg. — Estão tentando terminar o trabalho antes.

A julgar pelo ângulo do sol, eram quase duas da tarde. Considerando o ritmo de trabalho deles até ali, eu achava que isso daria à legião tempo suficiente para terminar a Colina dos Templos e talvez até construir um ou dois estádios esportivos antes do jantar.

Jason ficaria tão orgulhoso. Eu queria que ele pudesse ver o que tinha inspirado.

Minha visão vacilou e escureceu. Achei que fosse desmaiar de novo. Então percebi que algo grande e escuro realmente tinha passado voando pela minha cara, direto pela janela aberta.

Eu me virei e vi um corvo pousado no meu colchão. Ele inflou as penas brilhantes e me observou com um olho preto. CUÁ!

— Meg, está vendo isso?

— Estou. — Ela nem ergueu o olhar dos bulbos de íris. — Oi, Frank. E aí?

O pássaro mudou de forma, crescendo e virando um homem corpulento, as penas virando roupas, e então Frank Zhang estava na nossa frente, o cabelo agora lavado e penteado, a camisa do pijama dando lugar à camiseta roxa do Acampamento Júpiter.

— Oi, Meg — disse ele, como se fosse completamente normal mudar de espécie durante uma conversa. — Tudo está dentro do cronograma. Eu só queria ver se Apolo tinha acordado e… obviamente, ele acordou. — Ele deu um aceno constrangido. — Quer dizer, você acordou. Porque, hã, estou sentado no seu colchão. É melhor eu me levantar.

Ele ficou de pé, puxou a camiseta e pareceu não saber onde enfiar as mãos. Houve uma época em que eu achava supernormal esse nervosismo dos mortais que eu encontrava, mas agora demorei um momento para perceber que Frank ainda estava embasbacado com minha presença. Talvez, por ser metamorfo, estivesse mais disposto do que a maioria a acreditar que, apesar da minha aparência mortal nada impressionante, eu ainda era o mesmo velho deus da arquearia por dentro.

Estão vendo? Eu falei que o Frank era adorável.

— Enfim, Meg e eu andamos conversando nesse último dia e meio, enquanto você estava desmaiado, quer dizer, se recuperando, dormindo, sabe. Tudo bem. Você precisava descansar. Espero que esteja melhor.

Apesar de me sentir péssimo, não pude conter um sorriso.

— Vocês foram muito gentis conosco, pretor Zhang. Obrigado.

— Hum, claro. É uma honra, sabe, considerando que você é… ou era…

— Ugh. Frank. — Meg deu as costas para a jardineira. — É só o Lester. Não o trate como se fosse extraordinário ou coisa assim.

— Ora, Meg — falei —, se Frank quer me tratar como se eu fosse extraordinário…

— Frank, conta logo para ele.

O pretor olhou para a gente apreensivo, como se para ter certeza de que o Show da Meg e do Apolo tinha acabado.

— Meg explicou a profecia que você recebeu no Labirinto de Fogo. *Apolo encara a morte na tumba de Tarquínio exceto se a passagem para o deus silencioso só for aberta pela nascida de Belona*, certo?

Eu estremeci. Não queria ser lembrado daquelas palavras, principalmente considerando meus sonhos e a sugestão de que eu enfrentaria a morte em breve. Já tinha passado por aquilo. Acabei com um buraco na barriga.

— É — falei desanimado. — Por acaso você descobriu o que os versos querem dizer e já resolveu toda essa situação? É isso?

— Hum, não exatamente — disse Frank. — Mas a profecia respondeu algumas perguntas sobre… bom, sobre o que anda acontecendo por aqui. Forneceu informação suficiente para Ella e Tyson trabalharem. Eles talvez tenham uma pista.

— Ella e Tyson… — repeti, remexendo meu cérebro mortal lento.

— A harpia e o Ciclope que estavam trabalhando para reconstruir os livros sibilinos.

— Eles mesmos. Se você estiver se sentindo disposto, pensei em darmos um passeio até Nova Roma.

7

Uma bela caminhada na cidade
Feliz aniversário pro Lester
Tome dor embrulhada pra presente

EU NÃO ESTAVA me sentindo muito disposto.

Minha barriga doía horrores. Eu mal me aguentava de pé. Mesmo depois de usar o banheiro, tomar banho, trocar de roupa e tomar um *latte* com erva lemuriana e comer um bolinho de Bombilo, nosso anfitrião mal-humorado, eu não via como seria possível caminhar um quilômetro e meio até Nova Roma.

Eu não tinha desejo nenhum de descobrir mais sobre a profecia do Labirinto de Fogo. Não queria enfrentar mais desafios impossíveis, principalmente depois do meu sonho com aquela coisa na tumba. Eu nem queria ser humano. Mas, por ora, não tinha escolha.

O que os mortais dizem? *Engole o choro?* Engoli bem engolido.

Meg ficou no acampamento. Ela tinha combinado com Lavínia de alimentar os unicórnios e tinha medo de perder a hora se fosse a algum lugar. Considerando a reputação da Lavínia de sumir, acho que a preocupação da Meg era válida.

Frank me levou pelo portão principal. As sentinelas fizeram posição de sentido. Tiveram que se manter na pose por bastante tempo, pois eu estava praticamente me arrastando. Eu as vi me observando com apreensão, talvez porque estivessem com medo de eu engatar outra canção triste, ou talvez porque ainda não conseguiam acreditar que aquele adolescente maltrapilho já tinha sido o deus Apolo.

Fazia uma tarde perfeita na Califórnia: céu turquesa, grama dourada ondulando nas colinas, eucaliptos e cedros balançando na brisa quente. Isso deveria ter afastado qualquer pensamento sobre túneis escuros e mortos-vivos, mas eu não conseguia tirar o cheiro de pó de túmulo das narinas. Tomar o *latte* com erva lemuriana não ajudou.

Frank me acompanhou, se posicionando perto o bastante para eu poder me apoiar nele caso ficasse trêmulo, mas sem insistir em ajudar.

— E então, o que rola entre você e a Reyna? — perguntou ele, por fim.

Eu tropecei e senti novas pontadas de dor no abdome.

— O quê? Nada. O quê?

Frank tirou uma pena de corvo da capa. Eu me perguntei como isso funcionava — ficar com pedaços depois de mudar de forma. Ele alguma vez teria descartado uma pena e depois percebido, *Ops, esse*

era meu dedo mindinho? Eu tinha ouvido boatos de que Frank podia até virar um enxame de abelhas. Até eu, um antigo deus que se transformava o tempo todo, não fazia ideia de como isso era possível.

— É que… quando viu a Reyna — continuou ele —, você ficou paralisado, tipo… sei lá, como se tivesse lembrado que devia dinheiro a ela.

Tive que reprimir uma gargalhada amarga. Quem me dera meu problema em relação a Reyna fosse tão simples.

O incidente voltou com a clareza de um vidro quebrado: Vênus me repreendendo, me avisando, me censurando como só ela podia fazer. *Você não vai botar sua cara divina feia e indigna perto dela, senão eu juro pelo Estige…*

E é claro que ela fez isso na sala do trono, na presença de todos os outros olimpianos, enquanto eles gargalhavam com crueldade e gritavam *Eita!*. Até meu pai riu. Ah, sim. Ele adorou cada minuto.

Eu estremeci.

— Não há *nada* entre a gente — falei com sinceridade. — Acho que nunca trocamos mais do que umas poucas palavras.

Frank observou meu rosto. Obviamente, percebeu que eu estava omitindo alguma coisa, mas não me pressionou.

— Entendi. Bom, você vai vê-la esta noite no funeral. Ela está tentando dormir agora.

Quase perguntei por que Reyna estaria dormindo no meio da tarde. Mas lembrei que Frank estava de pijama quando o encontramos, à noite… Foi mesmo dois dias antes?

— Vocês estão se revezando — comentei. — Para que um de vocês esteja sempre de plantão, certo?

— É o único jeito. Ainda estamos em alerta. Todos estão tensos. Desde a batalha, tem tanta coisa para fazer…

Ele disse a palavra *batalha* da mesma forma que Hazel, como se fosse um ponto único e terrível de virada na história.

Como todas as profecias com as quais Meg e eu nos deparamos na nossa aventura, a previsão sinistra da Profecia das Sombras sobre o Acampamento Júpiter permanecia impressa na minha mente:

Palavras forjadas da memória ardem
Antes da nova lua no Monte do Diabo
Um terrível desafio para o lorde jovem
Até o Tibre se encher de corpos empilhados.

Depois de ouvir isso, Leo Valdez atravessou o país no seu dragão de bronze, na esperança de avisar o acampamento. De acordo com Leo, ele chegou bem na hora do ataque, mas as consequências foram terríveis mesmo assim.

Frank devia ter notado minha expressão de sofrimento.

— Teria sido pior se não fosse por você — disse ele, o que só me causou ainda mais culpa. — Se não tivesse mandado o Leo vir aqui nos avisar. Um dia, do nada, ele chegou voando.

— Deve ter sido um baita choque, já que vocês achavam que ele estava morto.

Os olhos escuros de Frank cintilaram como se ainda fossem de um corvo.

— É. Estávamos com tanta raiva do Leo por ele ter nos deixado preocupados que fizemos uma fila para bater nele.

— Fizeram isso no Acampamento Meio-Sangue também. Mentes gregas pensam igual.

— Aham. — O olhar do Frank se desviou para o horizonte. — Nós tivemos um dia inteiro para nos preparar. Ajudou. Mas não foi suficiente. Eles vieram de lá. — Ele apontou para o norte, para Berkeley Hills. — Pareciam um enxame. É a única forma de descrever. Eu já lutei com mortos-vivos, mas isso… — Frank balançou a cabeça. — Hazel os chamou de zumbis. Minha avó os teria chamado de *jiangshi*. Os romanos têm muitas palavras para eles: *immortuos, lamia, nuntius*.

— *Mensageiro* — falei, traduzindo a última palavra.

Sempre me pareceu um termo estranho. Mensageiro de quem? Não de Hades. Ele odiava quando os cadáveres saíam vagando pelo mundo mortal, porque isso fazia com que parecesse um guardião relapso.

— Os gregos os chamam de *vrykolakai* — falei. — Normalmente, é bem raro encontrar um.

— Havia centenas — disse Frank. — Junto com dezenas daquelas outras coisas mortas-vivas, os eurínomos, agindo como pastores. Nós fomos para cima deles com tudo. Eles continuaram vindo. Imaginamos que ter um dragão que cospe fogo faria toda a diferença, mas Festus não pôde fazer muito. Os mortos-vivos não são tão inflamáveis quanto pensávamos.

Hades tinha me explicado isso uma vez, em uma das suas famosas e constrangedoras tentativas de bater papo, quando acabava revelando detalhes demais. Chamas não detinham mortos-vivos. Eles só passavam direto por elas, por mais crocantes que acabassem ficando. Era por isso que ele não usava o Flegetonte, o Rio de Fogo, como limite do reino. Mas água corrente, principalmente as águas escuras e mágicas do rio Estige, eram outra história…

Observei a corrente cintilante do Pequeno Tibre. De repente, um verso da Profecia das Sombras fez sentido para mim.

— *Até o Tibre se encher de corpos empilhados.* Vocês os barraram no rio.

Frank assentiu.

— Eles não gostam de água corrente. Foi lá que viramos a batalha. Mas sabe esse verso sobre "corpos empilhados"? Não significa o que você pensa.

— Então o que…?

— PAREM! — gritou uma voz bem na minha frente.

Eu estava tão absorto na história de Frank que não percebei como estávamos chegando perto da cidade. Só reparei na estátua na lateral da estrada quando ela gritou comigo.

Término, o deus dos limites, não havia mudado nada. Da cintura para cima, era um homem escultural com nariz grande, cabelo cacheado e expressão entediada (talvez por ter sido esculpido sem braços). Da cintura para baixo, ele era um bloco de mármore branco. Eu brincava que ele devia experimentar uma calça jeans skinny, porque o deixaria mais magro. Pelo jeito como me olhou agora, acho que ainda se lembrava dos insultos.

— Ora, ora — disse ele. — Quem temos aqui?

Eu suspirei.

— Término, a gente pode deixar isso para outra hora?

— Não! — berrou ele. — Não, a gente *não pode* deixar isso para outra hora. Eu preciso ver sua identificação.

Frank pigarreou.

— Hum, Término… — Ele bateu nas insígnias de pretor.

— Sim, pretor Frank Zhang. Você pode ir. Mas seu *amigo* aqui…

— Término — protestei —, você sabe muito bem quem eu sou.

— Identificação!

Uma sensação fria e gosmenta se instalou na minha barriga cheia de erva lemuriana sob as ataduras.

— Ah, você não pode estar querendo dizer…

— Identificação.

Eu queria protestar contra essa crueldade desnecessária. Mas não há como argumentar com burocratas, guardas de trânsito ou deuses das fronteiras. Resistir era inútil.

Com os ombros caídos em derrota, peguei a carteira de motorista provisória que Zeus me deu quando eu caí na Terra. Nome: Lester Papadopoulos. Idade: 16 anos. Estado: Nova York. Foto: Trágica.

— Me dá aqui — exigiu Término.

— Você não…

Eu me segurei antes que pudesse dizer *tem mãos*. Término tinha uma ilusão teimosa sobre seus membros fantasmas. Ergui a carteira de motorista. Frank se inclinou, curioso, mas me viu fazendo cara feia e recuou.

— Muito bem, *Lester* — disse Término. — É incomum receber um visitante mortal na nossa cidade, ao menos um visitante *extremamente* mortal, mas acho que podemos lhe dar permissão. Veio comprar uma

toga nova? Uma calça jeans skinny, talvez?

Engoli minha amargura. Existe alguém mais vingativo do que um deus menor quando finalmente leva a melhor sobre um deus maior?

— Podemos passar? — perguntei.

— Alguma arma a declarar?

Em épocas melhores, eu teria respondido *Só minha personalidade arrasadora.* Mas eu já tinha passado do ponto de achar isso irônico. Porém, a pergunta me fez pensar no que tinha acontecido com meu ukulele, meu arco e minha aljava. Será que estavam embaixo do meu colchão? Se os romanos tivessem perdido minha aljava junto com minha profética e falante Flecha de Dodona, eu teria que lhes comprar um presente de agradecimento.

— Nada de armas — murmurei.

— Muito bem — disse Término. — Pode passar. E parece que seu aniversário está chegando, Lester. Parabéns.

— Eu… o quê?

— Vocês estão atrapalhando a fila! Próximo!

Não tinha ninguém atrás de nós, mas Término nos mandou para a cidade, gritando para um grupo inexistente de visitantes que parassem de empurrar e formassem uma fila única.

— Seu aniversário está chegando? — perguntou Frank conforme fomos andando. — Parabéns!

— Não deveria estar. — Olhei para minha habilitação. — Aqui diz 8 de abril. Não pode estar certo. Eu nasci no sétimo dia do sétimo mês. Claro que os meses eram diferentes naquela época. Hum, o mês de gamélion, talvez? Mas isso foi no inverno…

— E como os deuses comemoram? — continuou Frank. — Você tem dezessete anos agora? Ou 4.017? Vocês comem bolo?

Ele pareceu esperançoso sobre essa última parte, como se estivesse imaginando um bolo monstruoso com glacê dourado e dezessete velas romanas no topo.

Tentei calcular minha verdadeira data de nascimento. O esforço fez minha cabeça latejar. Mesmo quando eu tinha memória divina, odiava ficar acompanhando as datas: o antigo calendário lunar, o calendário juliano, o calendário gregoriano, ano bissexto, horário de verão. Ugh. Não dava para chamar todos os dias de *Dia do Apolo* e pronto?

Mas Zeus tinha designado uma nova data de nascimento para mim: 8 de abril. Por quê? Sete era meu número sagrado. A data não tinha nenhum sete. Nem a soma era divisível por sete. Por que Zeus marcaria meu aniversário para dali a quatro dias?

Eu parei de repente, como se minhas próprias pernas tivessem se transformado em mármore. No meu sonho, Calígula insistiu para que seus *pandai* terminassem o trabalho quando a lua sangrenta surgisse, em cinco dias. Se o que observei aconteceu na noite anterior… isso

queria dizer que só faltavam quatro dias, o que queria dizer que o fatídico dia seria 8 de abril, aniversário do Lester.

— O que foi? — perguntou Frank. — Você ficou pálido de repente.

— Eu… eu acho que meu pai me deixou um aviso — falei. — Ou talvez uma ameaça? E Término acabou de me fazer perceber isso.

— Como seu aniversário pode ser uma ameaça?

— Sou mortal agora. Aniversários *sempre* são uma ameaça.

Lutei contra uma onda de ansiedade. Eu queria sair correndo dali, mas não havia para onde ir, só em frente, para Nova Roma, para colher mais informações indesejadas sobre minha desgraça iminente.

— Vai na frente, Frank Zhang — falei com desânimo, guardando a carteira de motorista. — Talvez Tyson e Ella tenham algumas respostas.

* * *

Nova Roma… a cidade mais provável na Terra de se encontrar deuses olimpianos disfarçados se esgueirando pelos cantos. (Seguida de perto por Nova York e Cozumel nas férias de primavera. Não nos julguem.)

Quando era deus, eu costumava ficar invisível e pairar acima dos telhados de telhas vermelhas ou andar pelas ruas da cidade como mortal, apreciando a vista, os sons e cheiros do nosso auge imperial.

Ali não era a mesma coisa que a Roma Antiga, claro. Tinham feito muitas melhorias. Para começar, não havia escravidão. A higiene pessoal era melhor. Subura, o quarteirão pobre com moradias caindo aos pedaços, também não existia mais.

Nova Roma também não era uma imitação triste estilo parque temático, como a Torre Eiffel de mentira no meio de Las Vegas. Era uma cidade viva onde o moderno e o antigo se misturavam. Ao andar pelo Fórum, ouvi conversas em mais de dez idiomas, incluindo latim. Uma banda de músicos estava fazendo uma improvisação com liras, violões e uma tábua de lavar roupa. Crianças brincavam nos chafarizes enquanto adultos observavam sentados debaixo de treliças com videiras fazendo sombra. Lares vagavam aqui e ali, se tornando mais visíveis nas sombras compridas da tarde. Todo tipo de gente se misturava e conversava: criaturas com uma cabeça, com duas cabeças, até cinocéfalos com cabeça de cachorro, que sorriam, arfavam e latiam para se fazerem entender.

Era uma Roma menor, mais gentil e melhor; a Roma que sempre achávamos que os mortais eram capazes de ter, mas nunca conseguiram. E, sim, claro que deuses visitavam o acampamento por nostalgia, para reviver os séculos maravilhosos em que os mortais nos adoravam livremente pelo império, perfumando o ar com sacrifícios queimados na fogueira.

Pode parecer patético para vocês, como um cruzeiro de shows de músicas antigas, com o objetivo de agradar fãs idosos de bandas ultrapassadas. Mas o que posso dizer? A nostalgia é uma doença que a imortalidade não pode curar.

Quando nos aproximamos do Senado, comecei a encontrar vestígios da batalha recente. Rachaduras no domo brilhavam com um adesivo prateado. As paredes de alguns prédios tinham sido remendadas com pressa. Assim como no acampamento, as ruas da cidade pareciam menos cheias do que eu lembrava, e nos momentos mais ruidosos (quando um cinocéfalo latia ou o martelo de um ferreiro batia numa peça de armadura), as pessoas próximas se encolhiam, como se cogitando se precisariam procurar um abrigo para se proteger.

Era uma cidade traumatizada se esforçando muito para voltar ao normal. E com base no que vi nos meus sonhos, Nova Roma estava prestes a sofrer um novo ataque em poucos dias.

— Quantas pessoas vocês perderam? — perguntei a Frank.

Eu estava com medo de ouvir números, mas me senti obrigado a perguntar.

Frank olhou ao redor para verificar se tinha mais alguém por perto. Estávamos subindo por uma das muitas ruas sinuosas de paralelepípedo, na direção dos bairros residenciais.

— É difícil ter um número exato — disse ele. — Da legião em si, pelo menos 25. É a quantidade que falta do registro. Nossa força máxima é… *era* de 250. Não que tenhamos sempre esse número no acampamento, mas mesmo assim. A batalha literalmente nos dizimou.

Senti como se um Lar tivesse me atravessado. A dizimação, a antiga punição para legiões ruins, era uma coisa horrível: um soldado a cada dez era morto, fosse ele culpado ou inocente.

— Sinto muito, Frank. Eu deveria…

Eu não sabia como terminar aquela frase. Deveria o quê? Eu não era mais um deus. Não podia mais estalar os dedos e fazer zumbis explodirem a mil quilômetros de distância. Eu nunca tinha apreciado adequadamente prazeres simples como esse.

Frank puxou o manto em volta dos ombros.

— As perdas civis foram maiores. Muitos dos legionários aposentados de Nova Roma foram ajudar. Eles sempre funcionaram como reserva. Sabe aquele verso da profecia que você mencionou, *Até o Tibre se encher de corpos empilhados*? Esses corpos foram levados, e não deu tempo de contar.

O ferimento na minha barriga começou a arder.

— Levados como?

— Alguns foram arrastados pelos mortos-vivos enquanto batiam em retirada. Tentamos recuperar todos, mas… — Ele mostrou a palma das mãos. — Alguns foram engolidos pelo chão. Nem Hazel conseguiu

explicar. A maioria foi levada pela correnteza durante a luta no Pequeno Tibre. As náiades tentaram procurá-los e recuperá-los para nós. Mas não conseguiram.

Ele não expressou a face extremamente horrível dessa tragédia, mas imaginei que estivesse pensando nela. Os mortos não tinham simplesmente desaparecido. Eles voltariam… como inimigos.

Frank manteve o olhar nos paralelepípedos.

— Eu tento não ficar pensando nisso. Tenho que liderar, ser confiante, sabe? Mas hoje, por exemplo, quando vimos Término… Tem uma garota, Julia, que costuma ajudá-lo. Ela tem uns 7 anos. É um amor.

— Ela não estava lá hoje.

— Não — concordou Frank. — Ela está com uma família adotiva. Os pais morreram na luta.

Isso foi demais para mim. Apoiei a mão na parede mais próxima. Mais uma garotinha inocente que estava sofrendo, como Meg McCaffrey quando Nero matou o pai dela… Como Georgina, quando foi tirada das mães em Indianápolis. Esses três imperadores romanos monstruosos tinham destruído muitas vidas. Eu *tinha* que pôr um fim nisso.

Frank segurou meu braço com gentileza.

— Um pé na frente do outro. É a única forma de agir.

Eu tinha ido lá apoiar os romanos. Mas aquele romano é que estava me apoiando.

Nós passamos por cafés e lojas. Tentei me concentrar em qualquer coisa positiva. As videiras estavam floridas. As fontes ainda tinham água corrente. Os prédios naquele bairro estavam intactos.

— Pelo menos… pelo menos a cidade não pegou fogo — comentei.

Frank franziu a testa como se não visse motivo para otimismo.

— Como assim?

— O outro verso da profecia: *Palavras forjadas da memória ardem*. Faz referência ao trabalho de Ella e Tyson nos livros sibilinos, não é? Os livros devem estar em segurança, considerando que vocês impediram que a cidade pegasse fogo.

— Ah. — Frank fez um som que foi algo entre uma tosse e uma risada. — É, engraçado você comentar isso…

Ele parou na frente de uma livraria de aparência modesta. No toldo verde estava pintada a palavra libri. Havia estantes de livros usados de capa dura na calçada. Atrás da vitrine, um gato laranja enorme pegava sol em cima de uma pilha de dicionários.

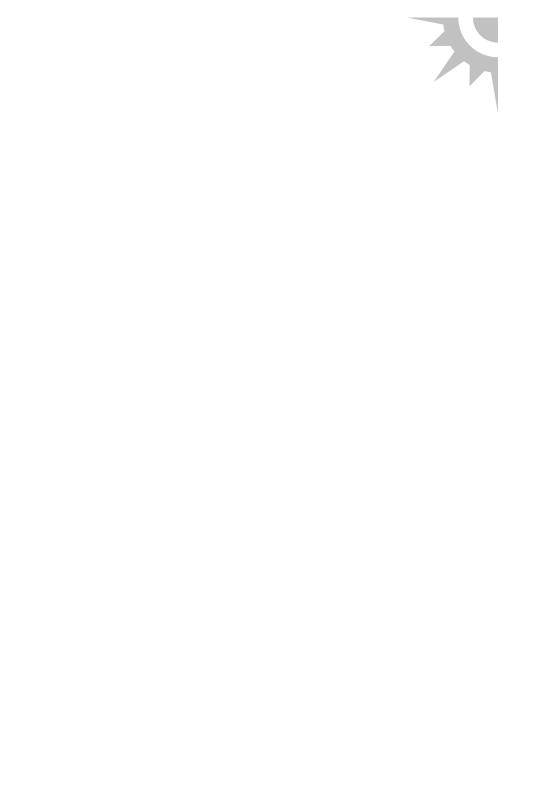
— Os versos das profecias nem sempre significam o que você acha que significam.

Frank bateu à porta: três batidas curtas, duas longas e duas rápidas.

Imediatamente, a porta se abriu. Um Ciclope sorridente sem camisa

surgiu na abertura.

— Entrem! — disse Tyson. — Estou fazendo uma tatuagem!

8

Tatuagem! Faça a sua!
De graça onde se vendem livros
E tem também um gato

MEU CONSELHO: nunca entre no estúdio de tatuagem de um Ciclope. O odor é inesquecível, como uma tina fervente de tinta e bolsas de couro. A pele de Ciclope é bem mais resistente do que a pele humana e exige agulhas superaquecidas para injetar a tinta, por isso o cheiro terrível de queimado.

Como eu sabia disso? Eu tinha um histórico extenso e ruim com Ciclopes.

Milênios antes, eu matei quatro dos Ciclopes favoritos do meu pai porque eles fizeram um raio que matou meu filho, Esculápio. (E porque eu não podia matar o verdadeiro assassino, que era... pois é, Zeus.) Foi assim que fui banido para a Terra como mortal da primeira vez. O fedor de Ciclope queimado trouxe de volta a lembrança daquela fúria maravilhosa.

Depois, encontrei Ciclopes incontáveis vezes ao longo dos anos: lutando ao lado deles na primeira guerra dos titãs (sempre com um pregador de roupas no nariz), tentando ensiná-los a como fazer um arco decente apesar de eles não terem percepção de profundidade, surpreendendo um no banheiro no Labirinto durante minha jornada com Meg e Grover. *Essa* imagem eu nunca vou conseguir apagar da mente.

Vejam bem, eu não tinha nada contra Tyson. Percy Jackson o chamava de irmão. Depois da última guerra contra Cronos, Zeus recompensou o Ciclope com o título de general e uma vara muito bonita.

Para um Ciclope, Tyson até que era tolerável. Ele não ocupava mais espaço do que um humano corpulento. Nunca tinha forjado um raio que tivesse matado alguém de quem eu gostava. O olho castanho grande e gentil e o sorriso largo o faziam parecer quase tão fofo quanto Frank. E o melhor de tudo: ele tinha se dedicado a ajudar a harpia Ella a reconstruir os livros sibilinos.

Reconstruir livros perdidos de profecia sempre é uma boa maneira de conquistar o coração de um deus da profecia.

Ainda assim, quando Tyson se virou para nos guiar pela livraria, tive que sufocar um gritinho de horror. Parecia que a obra completa de Charles Dickens estava sendo gravada nas costas dele. Do pescoço até metade das costas havia linhas e linhas de palavras em roxo,

interrompida apenas por marcas esbranquiçadas de cicatrizes antigas.

Ao meu lado, Frank sussurrou:

— Não.

Percebi que eu estava à beira das lágrimas. Estava apavorado com a ideia de tantas tatuagens e das violências que o pobre Ciclope sofreu para ganhar aquelas cicatrizes. Eu queria chorar e dizer *Coitadinho!* ou mesmo dar um abraço no Ciclope sem camisa (o que seria uma experiência inédita para mim). Frank tentava me avisar para não fazer escândalo por causa das costas de Tyson.

Sequei os olhos e tentei me recompor.

No meio da livraria, Tyson parou e se virou para nós. Ele sorriu e abriu os braços orgulhoso.

— Estão vendo? Livros!

Ele não estava mentindo. Do caixa/balcão de informações no centro da loja, estantes irradiavam em todas as direções, lotadas com tomos de todos os tamanhos e formas. Duas escadas levavam a um mezanino com grade, também com livros de uma parede à outra. Poltronas macias ocupavam cada cantinho disponível. Janelas enormes ofereciam vista do aqueduto da cidade e das colinas ao longe. A luz do sol entrava como mel quente, fazendo a loja parecer confortável e tranquila.

Seria o lugar perfeito para se sentar e folhear um romance relaxante, exceto pelo odor irritante de óleo fervente e couro. Não havia equipamento de tatuagem visível, mas, perto da parede dos fundos, debaixo de uma placa que dizia COLEÇÕES ESPECIAIS, um par de cortinas grossas de veludo parecia oferecer acesso a uma sala privada.

— Que legal — falei, tentando não fazer parecer uma pergunta.

— Livros! — repetiu Tyson. — Porque é uma livraria!

— Claro. — Eu assenti. — Essa loja, hum, é sua?

Tyson fez beicinho.

— Não. Mais ou menos. O dono morreu. Na batalha. Foi triste.

— Ah. — Eu não sabia o que dizer. — De qualquer modo, é bom ver você de novo, Tyson. Você não deve me reconhecer nessa forma, mas…

— Você é Apolo! — Ele riu. — Você está engraçado agora.

Frank cobriu a boca e tossiu, sem dúvida para esconder um sorriso.

— Tyson, a Ella está? Eu queria que Apolo ouvisse o que vocês descobriram.

— Ella está nos fundos. Estava fazendo uma tatuagem em mim! — Ele se inclinou na minha direção e baixou a voz. — A Ella é bonita. Mas *shhh*. Ela não gosta que eu fique falando isso o tempo todo. Fica sem graça. Aí eu fico sem graça também.

— Não vou falar nada — prometi. — Vá na frente, general Tyson.

— General. — Tyson riu mais um pouco. — Sim. Sou eu. Eu

esmaguei umas cabeças na guerra!

Ele foi galopando como se estivesse montado num cavalinho de pau e passou direto pela cortina de veludo.

Parte de mim queria se virar, sair correndo e arrastar Frank para tomar outra xícara de café. Eu tinha medo do que poderíamos encontrar do outro lado da cortina.

Então uma coisa aos meus pés disse *Miau.*

O gato tinha me encontrado. O gato laranja enorme, que devia ter comido todos os outros gatos da livraria para chegar ao seu tamanho atual, esfregou a cabeça na minha perna.

— Está tocando em mim — reclamei.

— O nome dele é Aristófanes. — Frank sorriu. — Ele é bonzinho. Além do mais, você sabe a opinião dos romanos sobre os gatos.

— Sim, sim, não me lembre.

Eu nunca fui fã de felinos. Eram egoístas, arrogantes e se achavam os donos do mundo. Em outras palavras… Tudo bem, eu admito: não gostava da concorrência.

Mas, para os romanos, os gatos eram símbolo de liberdade e independência. Eles podiam vagar onde quisessem, mesmo dentro dos templos. Várias vezes ao longo dos séculos eu me deparei com meu altar fedendo a xixi de gato.

Miau, disse Aristófanes de novo. Os olhos sonolentos, verde-claros como polpa de limão, pareciam dizer *Você é meu agora... e pode ser que eu faça xixi em você depois.*

— Tenho que ir — falei para o gato. — Frank Zhang, vamos encontrar nossa harpia.

* * *

Como já desconfiava, a sala de coleções especiais tinha sido transformada em estúdio de tatuagem.

As estantes com rodinhas, repletas de livros com capa de couro, caixas de madeira de pergaminhos e tabuletas cuneiformes de argila, estavam agora encostadas na parede. Dominando o centro da sala havia uma cadeira preta de couro reclinada com braços dobráveis que cintilava sob uma lâmpada de LED. Ao lado dela havia uma estação de trabalho com quatro pistolas com agulhas de aço conectadas a mangueiras de tinta.

Eu nunca tinha feito uma tatuagem. Quando era deus, se queria tinta na pele, podia fazê-la surgir num piscar de olhos. Mas aquela sala me lembrou algo saído da cabeça de Hefesto, um experimento lunático em odontologia divina, talvez.

No canto mais afastado, uma escada levava a um mezanino similar ao da sala principal. Duas áreas de dormir tinham sido criadas ali:

uma era um ninho de harpia feito de palha, tecido e papel picado; a outra, uma espécie de forte de papelão feito de caixas antigas de eletrodomésticos. Decidi que era melhor não perguntar.

Andando atrás da cadeira estava a própria Ella, murmurando como se estivesse no meio de uma discussão interna.

Aristófanes, que tinha nos seguido até os fundos da livraria, foi atrás da harpia, tentando esfregar a cabeça nas pernas de ave de Ella. De vez em quando, uma das penas cor de ferrugem se soltava e Aristófanes pulava em cima. Ella ignorou o gato completamente. Eles pareciam feitos um para o outro, saídos direto dos Campos Elísios.

— Fogo… — murmurou Ella. — Fogo com… alguma coisa, alguma coisa… alguma coisa, ponte. Duas vezes alguma coisa, alguma coisa… Hum.

A harpia parecia agitada, mas eu achava que esse era seu estado natural. Pelo pouco que sabia, Percy, Hazel e Frank encontraram Ella morando em Portland, na biblioteca principal do Oregon, sobrevivendo de restos de comida e fazendo ninho em romances descartados. Em algum momento, a harpia por acaso encontrou exemplares dos livros sibilinos, três volumes que todos achavam que tinham se perdido para sempre num incêndio perto do final do Império Romano. (Encontrar um exemplar seria como encontrar uma gravação inédita de Bessie Smith ou a primeira edição de um *Batman* de 1940 em perfeitas condições, só que mais… hum, *profetizante*.)

No entanto, com a memória fotográfica incoerente, Ella era agora a única fonte dessas antigas profecias. Percy, Hazel e Frank a levaram para o Acampamento Júpiter, onde poderia viver em segurança e, com sorte, recriar os livros perdidos com a ajuda de Tyson, seu dedicado namorado. (Ou será que o termo correto era “alma gêmea interespécie”?)

Fora isso, Ella era um enigma envolto em penas vermelhas e numa túnica de linho.

— Não, não, não. — Ela passou a mão pelos cachos ruivos abundantes, desgrenhando o cabelo de forma tão vigorosa que fiquei com medo de ela ter lacerações no couro cabeludo. — Não são palavras suficientes. “Palavras, palavras, palavras.” *Hamlet*, ato dois, cena dois.

Ella parecia bem saudável para uma antiga harpia sem-teto. O rosto humanoide era anguloso, mas não esquelético. As penas dos braços eram bem cuidadas. O peso parecia adequado para uma ave, então ela devia estar ingerindo alpiste, ou tacos, ou o que quer que as harpias gostassem de comer em grandes quantidades. As garras em seus pés tinham marcado um caminho bem definido no ponto do carpete onde ela estava caminhando.

— Ella, olha! — anunciou Tyson. — Amigos!

A harpia franziu a testa, os olhos se desviando para Frank e para mim como se fôssemos incômodos menores — quadros pendurados tortos numa parede.

— Não. — As unhas longas bateram umas nas outras. — Tyson precisa de mais tatuagens.

— Tudo bem!

Tyson sorriu como se tivesse recebido uma notícia fantástica. Ele foi até a cadeira reclinável.

— Esperem! — Já era bem ruim *sentir o cheiro* das tatuagens. Se eu as visse sendo feitas, tinha certeza de que vomitaria em cima de Aristófanes. — Ella, antes de começar, você pode me explicar o que está acontecendo, por favor?

— "What's Going On" — disse Ella. — Marvin Gaye, 1971.

— Sim, eu sei. Eu ajudei a compor essa música.

— Não. — Ella balançou a cabeça. — Composta por Renaldo Benson, Al Cleveland e Marvin Gaye; inspirada num ato de brutalidade policial.

Frank abriu um sorrisinho.

— Não dá para discutir com a harpia.

— Não — concordou Ella. — Não dá.

A harpia se aproximou e me observou com mais atenção, farejando minha barriga com o curativo, cutucando meu peito. Suas penas brilhavam como ferrugem na chuva.

— Apolo — afirmou ela. — Mas está tudo errado. Corpo errado. *Os invasores de corpos*, dirigido por Don Siegel, 1956.

Enquanto isso, Tyson tinha inclinado a cadeira de tatuagem até deixá-la totalmente reta. Ele se deitou de bruços, as palavras roxas recentes ondulando nas costas musculosas e cheias de cicatrizes.

— Estou pronto! — anunciou ele.

O óbvio finalmente ficou claro para mim.

— *Palavras forjadas da memória ardem* — relembrei. — Você está reescrevendo os livros sibilinos no Tyson com agulhas quentes. Era isso que a profecia queria dizer.

— Isso. — Ella cutucou meus pneuzinhos como se avaliando se era uma boa superfície de escrita. — Hum. Não. Mole demais.

— Valeu — resmunguei.

Frank se remexeu, parecendo de repente envergonhado da sua própria superfície de escrita.

— Ella diz que esse é o único jeito de registrar as palavras na ordem certa — explicou o semideus romano. — Em pele viva.

Eu não deveria ter ficado surpreso. Nos meses anteriores, descobri profecias ouvindo as vozes insanas de árvores, tendo alucinações em uma caverna escura e correndo por um jogo de palavras cruzadas em chamas. Em comparação, organizar um manuscrito nas costas de um

Ciclope parecia bem civilizado.

— Mas… até onde vocês chegaram? — perguntei.

— Até a primeira vértebra lombar — respondeu Ella.

Ela não parecia estar brincando.

De bruços no leito de tortura, Tyson balançou os pés com empolgação.

— ESTOU PRONTO! Ah, cara! Tatuagem faz cosquinha!

— Ella — tentei de novo —, o que quero dizer é o seguinte: você descobriu alguma coisa de *útil* em relação a... bom, sei lá, ameaças nos próximos quatro dias? Frank disse que você tinha uma pista.

— Isso, achei a tumba. — A harpia cutucou meus pneuzinhos de novo. — Morte, morte, morte. Muita morte.

9

Queridos amigos,
Estamos aqui reunidos
Porque Hera fede. Amém.

SE TEM COISA pior do que ouvir *Morte, morte, morte* é ouvir essas palavras enquanto alguém cutuca seus pneuzinhos.

— Você pode ser mais específica?

O que eu realmente queria perguntar: *Você pode fazer isso tudo sumir e parar de me cutucar?* Mas eu duvidava que qualquer um dos dois desejos fosse ser concedido.

— Referências cruzadas — disse Ella.

— Como?

— A tumba de Tarquínio. As palavras do Labirinto de Fogo. Frank me contou: *Apolo encara a morte na tumba de Tarquínio exceto se a passagem para o deus silencioso só for aberta pela nascida de Belona*.

— Eu sei a profecia — falei. — Eu meio que queria que as pessoas parassem de repetir. O que exatamente…?

— Eu fiz a referência cruzada de *Tarquínio* e *Belona* e *deus silencioso* no índice do Tyson.

Eu me virei para Frank, que parecia ser a única outra pessoa sã no local.

— Tyson tem um índice?

Frank deu de ombros.

— Ele não seria um bom livro de referência se não tivesse um índice.

— Na parte de trás da minha coxa! — exclamou Tyson, ainda balançando os pés com alegria, esperando para ser perfurado com agulhas quentes. — Quer ver?

— Não! Deuses, não. Então você fez a referência cruzada…

— Isso, isso — disse ela. — Não tem entrada nenhuma para *Belona* nem *deus silencioso*. Hum. — Ela bateu nas laterais da cabeça. — Preciso de mais palavras para isso. Mas *tumba de Tarquínio*. Isso. Encontrei um verso.

Ela foi até a cadeira de tatuagem, com Aristófanes trotando logo atrás, batendo nas asas. Ella bateu na omoplata de Tyson.

— Aqui.

Tyson riu.

— *Um gato selvagem perto de luzes que giram* — leu Ella em voz alta. — *A tumba de Tarquínio com cavalos que brilham. Para a porta abrir no ato, dois cinquenta e quatro.*

Miau, disse Aristófanes.

— Não, Aristófanes — disse Ella, a voz suave —, você não é um gato selvagem.

O animal ronronou como uma serra elétrica.

Esperei por mais profecias. A maior parte dos livros sibilinos era como livros de receitas, com instruções de sacrifícios para acalmar os deuses caso certas catástrofes acontecessem. Praga de gafanhotos destruindo sua plantação? Experimente o suflê de Ceres com pães de mel assados no altar dela por três dias. Terremoto destruindo a cidade? Quando Netuno voltar para casa esta noite, surpreenda-o com três touros negros cobertos de óleo sagrado e queimando em uma fogueira com ramos de alecrim!

Mas Ella parecia ter terminado.

— Frank — falei —, isso fez algum sentido para você?

Ele franziu a testa.

— Eu achei que *você* fosse entender.

Quando as pessoas perceberiam que não era por eu ser o deus da profecia que eu *entendia* as profecias? Eu também era o deus da poesia. Isso queria dizer que eu entendia as metáforas em *A terra devastada*, de T. S. Eliot? Não.

— Ella, esse trecho pode estar descrevendo um local?

— Isso, isso. E próximo, provavelmente. Mas só para entrar. Olhar. Encontrar as coisas certas e sair. Não para matar Tarquínio, o Soberbo. Ele está bem morto para poder ser morto. Para isso, hum… Preciso de mais palavras.

Frank Zhang mexeu na medalha de Coroa Mural no peito.

— Tarquínio, o Soberbo. O último rei de Roma. Ele era considerado um mito mesmo na época do Império Romano. A tumba dele nunca foi descoberta. Por que ele…?

Ele indicou o local ao redor.

— Estaria bem no nosso quintal? — concluí. — Provavelmente pelo mesmo motivo que o Monte Olimpo paira acima de Nova York e o Acampamento Júpiter fica na Bay Area.

— Faz sentido — admitiu Frank. — Ainda assim, se a tumba de um rei romano estivesse próxima do Acampamento Júpiter, por que só estamos descobrindo isso agora? Por que o ataque dos mortos-vivos?

Eu não tinha resposta. Estava tão obcecado por Calígula e Cômodo que não tinha pensado muito em Tarquínio, o Soberbo. Por mais cruel que pudesse ter sido, Tarquínio era peixe pequeno em comparação aos imperadores. Eu também não entendia por que um rei romano semilendário, bárbaro e aparentemente morto-vivo se uniria ao Triunvirato.

Uma lembrança distante fez cócegas na base do meu crânio… Não podia ser coincidência que Tarquínio se revelasse quando Ella e Tyson

estavam reconstruindo os livros sibilinos.

Eu me lembrei do sonho com a entidade de olhos roxos e voz grave que possuiu o eurínomo no túnel. *Você dentre todo mundo deveria compreender o limite frágil entre a vida e a morte.*

O corte na minha barriga latejou. Pela primeira vez, só para variar, eu desejei poder encontrar uma tumba cujos ocupantes estivessem realmente mortos.

— Então, Ella — falei —, você sugere que encontremos essa tumba.

— Isso. Entre na tumba. *Tomb Raider* para PC, Playstation e Sega Saturn, 1996. *As tumbas de Atuan*, Ursula K. Le Guin, publicado em 1971.

Mal reparei nas informações estranhas desta vez. Se eu ficasse ali por mais tempo, provavelmente acabaria falando em *Ellaês* também, soltando referências aleatórias da Wikipédia no fim de cada frase. Eu precisava ir embora antes que isso acontecesse.

— Mas a gente só precisa entrar para olhar — falei. — Para encontrar…

— As coisas certas. Isso, isso.

— E depois?

— Voltar vivo. "Stayin' Alive", dos Bee Gees, segundo single, trilha sonora do filme *Os embalos de sábado à noite*, 1977.

— Certo. E… você tem certeza de que não tem mais informações no índice do Ciclope que poderiam ser... hã... úteis?

— Hum. — Ella olhou para Frank, se aproximou e farejou o rosto dele. — Graveto queimado. Alguma coisa. Não. Isso vem depois.

Frank não pareceria tanto um animal encurralado mesmo que tivesse virado um.

— Hã, Ella? Nós não falamos sobre o graveto queimado.

Isso me lembrou outro motivo para eu gostar do Frank Zhang. Ele também era membro do clube *Odeio Hera*. No caso de Frank, Hera tinha inexplicavelmente conectado a força vital dele a um pedacinho de madeira, que eu sabia que Frank agora carregava para todos os lados. Se a madeira pegasse fogo, Frank também pegaria. Era algo típico da Hera: *Eu te amo e você é meu herói especial. Aqui, pegue este graveto. Quando ele pegar fogo, você vai morrer, HA-HA-HA-HA-HA.* Eu detestava aquela mulher.

Ella eriçou as penas, oferecendo a Aristófanes vários novos alvos para brincar.

— Fogo com… alguma coisa, alguma coisa ponte. Duas vezes alguma coisa, alguma coisa… Hum, não. Isso vem depois. Preciso de mais palavras. Tyson precisa de uma tatuagem.

— Viva! — disse Tyson. — Você pode fazer um desenho do Arco-Íris? Ele é meu amigo! É um cavalo-marinho!

— Um arco-íris é feito de luz branca — falou Ella. — Em refração

por gotas de água.

— E também é um cavalo-marinho! — disse Tyson.

— Aff — bufou ela.

Tive a sensação de que tinha acabado de testemunhar o mais perto que a harpia e o Ciclope chegaram de ter uma discussão.

— Vocês dois podem ir. — Ela fez sinal para irmos embora. — Voltem amanhã. Talvez em três dias. “Eight Days a Week”, Beatles, lançamento no Reino Unido em 1964. Ainda não tenho certeza.

Eu estava prestes a protestar que só tínhamos quatro dias até os iates de Calígula chegarem e o Acampamento Júpiter ser massacrado novamente, mas Frank me impediu, segurando meu braço.

— É melhor irmos embora. Para deixá-la trabalhar. Está quase na hora da reunião do fim da tarde.

Depois da menção ao graveto, tive a sensação de que ele usaria qualquer desculpa, até mesmo do nível fauno, para sair daquela livraria.

Meu último vislumbre da sala de coleções especiais foi de Ella segurando a pistola de tatuagem, escrevendo nas costas de Tyson enquanto o Ciclope ria, dizendo “FAZ COSQUINHA!”, e Aristófanes usava as pernas de couro áspero da harpia para afiar as unhas.

Algumas imagens, como tatuagens em Ciclopes, são permanentes quando queimadas no seu cérebro.

* * *

Frank me levou de volta ao acampamento o mais rápido que minha barriga ferida aguentou.

Eu queria perguntar sobre os comentários de Ella, mas Frank não estava muito falante. De vez em quando, sua mão ia até a lateral do cinto, onde havia uma bolsa de pano pendurada atrás da bainha da espada. Eu não tinha reparado naquilo antes, mas supus que era onde ele guardava o Suvenir Mortal Amaldiçoado por Hera™.

Ou talvez Frank estivesse com aquele ar sombrio porque sabia o que nos esperava na reunião.

A legião tinha se reunido para o cortejo fúnebre.

Liderando a coluna estava Hannibal, o elefante da legião, com um colete à prova de balas e flores pretas. Preso atrás dele havia um carrinho com o caixão de Jason, decorado em roxo e dourado. A Quinta Coorte, unidade original de Jason, serviu de guarda de honra e portadores de tochas dos dois lados do carrinho. Com eles, entre Hazel e Lavínia, estava Meg McCaffrey. Ela franziu a testa quando me viu e falou movendo apenas os lábios: *Você está atrasado*.

Frank correu até Reyna, que estava de pé ao lado de Hannibal.

A pretora sênior estava com a cara exausta e abatida, como se

tivesse passado as últimas horas chorando e depois tivesse se recomposto da melhor maneira que pôde. Ao lado dela estava o porta-estandarte da legião, segurando a águia da Décima Segunda Legião.

Ficar perto da águia fez meus pelos se eriçarem. O ícone dourado exalava o poder de Júpiter. O ar em volta estalava com a eletricidade.

— Apolo. — O tom de Reyna foi formal, seus olhos como poços sem fundo. — Está preparado?

— Para…? — A pergunta morreu na minha garganta.

Todos me olhavam com expectativa. Queriam outra música?

Não. Claro. A legião não tinha sacerdote supremo, não tinha pontífice máximo. Seu antigo áugure, Octavian, um de meus descendentes, morreu na batalha contra Gaia. (E confesso que não fiquei muito triste, mas isso é outra história.) Jason seria a próxima escolha lógica para essa função, mas ele era nosso convidado de honra. Isso queria dizer que eu, como antigo deus, era a maior autoridade espiritual ali. Era esperado que eu conduzisse os ritos funerários.

Os romanos davam muita importância à etiqueta. Eu não poderia sair de fininho sem que isso fosse visto como um mau presságio. Além do mais, eu devia a Jason o meu melhor, mesmo que fosse uma triste versão Lester Papadopoulos do meu melhor.

Tentei lembrar a invocação romana correta.

Queridos amigos…? Não.

Por que esta noite é diferente…? Não.

A-há.

— Venham, amigos — falei. — Vamos escoltar nosso irmão para sua celebração final.

Acho que fiz direitinho. Ninguém pareceu escandalizado. Eu me virei e fui na frente para fora do forte, a legião inteira atrás em um silêncio sinistro.

Na estrada até a Colina dos Templos, tive alguns momentos de pânico. E se eu levasse a procissão na direção errada? E se acabasse no estacionamento de um supermercado em Oakland?

A águia dourada da Décima Segunda Legião pairava acima do meu ombro, carregando o ar de ozônio. Imaginei Júpiter falando em meio aos estalos e zumbidos, como uma voz por rádio de ondas curtas: *SUA CULPA. SUA PUNIÇÃO.*

Em janeiro, quando caí na Terra, essas palavras pareceram horrivelmente injustas. Agora, enquanto guiava Jason Grace para seu descanso final, eu *acreditei* nelas. Grande parte do que tinha acontecido *era* culpa minha. Grande parte jamais poderia ser consertada.

Jason tinha me feito fazer uma promessa: *Quando for deus de novo, lembre-se. Lembre-se de como é ser humano.*

Eu pretendia cumprir essa promessa se sobrevivesse por tempo suficiente. Mas, enquanto isso, havia formas mais urgentes de honrar o nome de Jason: protegendo o Acampamento Júpiter, derrotando o Triunvirato e, de acordo com Ella, descendo até a tumba de um rei morto-vivo.

As palavras da harpia vibravam na minha cabeça: *Um gato selvagem perto de luzes que giram. A tumba de Tarquínio com cavalos que brilham. Para a porta abrir no ato, dois cinquenta e quatro.*

Mesmo para uma profecia, aquilo parecia pura baboseira.

A Sibila de Cumas sempre foi vaga e verborrágica. Além disso, se recusava a aceitar sugestões editoriais. Tinha escrito nove volumes de livros sibilinos — sério, quem precisa de *nove livros* para terminar uma série? Eu me senti secretamente vingado quando ela só conseguiu vendê-los para os romanos após reduzi-los a uma trilogia. Os outros seis volumes foram direto para o fogo quando…

Eu parei.

Atrás de mim, a procissão parou junto.

— Apolo? — sussurrou Reyna.

Eu não devia parar. Estava conduzindo o funeral do Jason. Não podia me jogar no chão, me encolher e chorar. Isso estava proibido. Mas, pelos shorts de ginástica de Júpiter, por que meu cérebro insistia em se lembrar de fatos importantes em momentos tão inconvenientes?

Claro que Tarquínio estava ligado aos livros sibilinos. Claro que escolheria agora para se revelar e enviar um exército de mortos-vivos ao Acampamento Júpiter. E a própria Sibila de Cumas… Era possível…?

— Apolo — chamou Reyna, dessa vez com mais insistência.

— Estou bem — menti.

Um problema de cada vez. Jason Grace merecia minha total atenção. Afastei os pensamentos turbulentos e segui em frente.

Quando cheguei à Colina dos Templos, ficou óbvio para onde deveria ir. Na base do Templo de Júpiter havia uma pira de madeira elaborada. Em cada canto, um guarda de honra esperava com uma tocha acesa. O caixão de Jason queimaria na sombra do templo do nosso pai. Isso parecia amargamente apropriado.

As coortes da legião se abriram em um semicírculo em volta da pira, os Lares brilhando como velas de aniversário. A Quinta Coorte colocou o caixão de Jason na pira. Hannibal e o carrinho funerário foram levados dali.

Atrás da legião, próximos das luzes das tochas, *aurae*, espíritos do vento, se moviam, montando mesas dobráveis com toalhas pretas. Outros apareceram com jarras de bebidas, pilhas de pratos e cestos de comida. Nenhum funeral romano estaria completo sem uma última refeição para o falecido. Só depois que a comida fosse compartilhada

pelos presentes é que os romanos saberiam que o espírito de Jason seguiria em segurança até o Mundo Inferior, imune a indignidades como se tornar um fantasma inquieto ou um zumbi.

Enquanto os legionários se acomodavam, Reyna e Frank se juntaram a mim na pira.

— Por um minuto fiquei preocupada — comentou Reyna. — O ferimento ainda está incomodando?

— Está melhor — falei, apesar de talvez estar tentando tranquilizar mais a mim mesmo do que a ela. Além do mais, por que ela ficava tão linda à luz do fogo?

— Vamos pedir aos curandeiros para olharem de novo — prometeu Frank. — Por que você parou?

— É que… eu me lembrei de uma coisa. Conto mais tarde. Vocês conseguiram avisar a família do Jason? Thalia?

Eles trocaram olhares frustrados.

— Nós tentamos, claro — disse Reyna. — Thalia é sua única parente viva. Mas, com os problemas de comunicação…

Assenti, nada surpreso. Uma das coisas mais irritantes que o Triunvirato fez foi acabar com todas as formas de comunicação mágica usadas pelos semideuses. As Mensagens de Íris falhavam. As cartas enviadas pelos espíritos do vento não chegavam. Até a tecnologia mortal, que os semideuses tentavam evitar porque atraía monstros, agora não funcionava. Eu não tinha ideia de como os imperadores conseguiram isso.

— Eu queria que pudéssemos esperar a Thalia — falei, vendo os últimos membros da Quinta Coorte descerem da pira.

— Eu também — concordou Reyna. — Mas…

— Eu sei.

Os ritos funerais romanos tinham que ser executados o mais rápido possível. A cremação era necessária para libertar o espírito de Jason. Permitiria que a comunidade passasse pelo luto e pela cura… ou pelo menos que voltasse nossa atenção para a próxima ameaça.

— Vamos começar — falei.

Reyna e Frank se juntaram à linha de frente.

Comecei a falar, os versos do ritual em latim saindo de mim. Cantarolei por instinto, pouco ciente do significado das palavras. Eu já tinha louvado Jason com minha canção. Aquilo foi bem pessoal. Essa cerimônia se tratava de uma formalidade necessária.

Em um canto da minha mente, me perguntei se era assim que os mortais se sentiam quando oravam para mim. Talvez suas devoções não passassem de um hábito, recitadas enquanto suas mentes vagavam para outros assuntos, desinteressados na minha glória. Achei a ideia estranhamente… compreensível. Agora que eu era mortal, por que não deveria praticar resistência não violenta contra os deuses também?

Terminei minha bênção.

Fiz sinal para as *aurae* distribuírem o banquete e colocarem a primeira porção no caixão de Jason, para que ele compartilhasse simbolicamente da última refeição com seus irmãos no mundo mortal. Quando isso acontecesse e a pira fosse acesa, a alma de Jason atravessaria o Estige… Era o que a tradição romana dizia.

Antes que as tochas pudessem acender a madeira da pira, um uivo de súplica ecoou ao longe. Uma onda de inquietação se espalhou pelos semideuses reunidos. Suas expressões não foram exatamente de preocupação, mas definitivamente de surpresa, como se eles não estivessem esperando mais convidados. Hannibal grunhiu e bateu os pés.

Nas extremidades do nosso grupo, lobos cinzentos surgiram da escuridão; dezenas de animais enormes, uivando pela morte de Jason, membro da matilha deles.

Diretamente atrás da pira, nos degraus do templo de Júpiter, uma loba enorme surgiu, o pelo prateado brilhando à luz das tochas.

Senti todos os membros da legião prenderem a respiração. Ninguém se ajoelhou. Ao ficar de frente para Lupa, a deusa loba, espírito guardião de Roma, ninguém se ajoelha ou exibe sinais de fraqueza. Nós ficamos respeitosamente de pé, firmes em nossos lugares, enquanto a matilha uivava ao nosso redor.

Por fim, Lupa fixou os olhos amarelos em mim. Com um repuxar dos lábios, ela me deu uma ordem simples: *Venha*.

Ela se virou e entrou na escuridão do templo.

Reyna se aproximou de mim.

— Parece que a deusa loba deseja uma conversa em particular. — Ela franziu a testa, parecendo preocupada. — Vamos começar o banquete. Pode ir. Tomara que Lupa não esteja com raiva. Nem com fome.

10

Cantem comigo:
Quem tem medo do lobo bom?
Eu. Eu tenho.

LUPA ESTAVA com raiva *e* com fome.

Eu não alegava ser fluente em lupino, mas tinha passado tempo suficiente perto da matilha da minha irmã para entender o básico. Os sentimentos eram os mais fáceis de interpretar. Lupa, como todos da sua espécie, falava em uma combinação de olhares, rosnados, tremores de orelha, posturas e feromônios. Era uma língua elegante, embora não muito adequada para pares de versos rimados. Acreditem, eu tentei. Nada rima com *grr-rrr-row-rrr*.

Lupa estava tremendo de fúria pela morte de Jason. As cetonas em seu hálito indicavam que ela não comia havia dias. A raiva a deixava faminta. A fome a deixava com raiva. E as narinas tremendo me disseram que eu era o mortal suculento mais próximo e conveniente.

Ainda assim, eu a segui até o templo enorme de Júpiter. Eu não tinha muita escolha.

Ladeando o pavilhão a céu aberto, colunas do tamanho de sequoias sustentavam o teto abobadado e dourado. O piso era um mosaico colorido de inscrições em latim: profecias, memoriais, avisos para louvar Júpiter ou enfrentar seus raios. No centro, atrás de um altar de mármore, havia uma estátua dourada enorme do meu pai: Jupiter Optimus Maximus com uma toga de seda roxa grande o suficiente para ser usada como vela de navio. Ele parecia severo, sábio e paternal, embora só fosse uma dessas três coisas na vida real.

Ao vê-lo acima de mim, o raio erguido, tive que lutar contra a vontade de me ajoelhar e começar a suplicar. Eu sabia que era só uma estátua, mas quem já sofreu um trauma vai entender. Não é preciso muito para deflagrar os antigos medos: um olhar, um som, uma situação familiar. Ou uma estátua dourada de quinze metros do seu agressor, isso também funciona.

Lupa parou na frente do altar. Uma neblina envolvia seu pelo como se ela estivesse exalando mercúrio.

É sua hora, disse ela.

Ou algo parecido. Os gestos da deusa transmitiam expectativa e urgência. Ela queria que eu fizesse alguma coisa. Seu odor me dizia que não tinha certeza de que eu era capaz.

Engoli em seco, o que por si só já queria dizer *Estou com medo* em lupino. Sem dúvida Lupa já sentia o cheiro do meu medo. Não era

possível mentir na língua dela. Ameaçar, intimidar, bajular… sim. Mas não mentir descaradamente.

— Minha hora — falei. — De quê, exatamente?

Ela bateu os dentes com irritação. *De ser Apolo. A matilha precisa de você.*

Senti vontade de gritar: *Estou* tentando *ser Apolo! Não é tão fácil!*

Mas segurei minha linguagem corporal para que não transmitisse essa mensagem.

Falar cara a cara com qualquer deus é algo perigoso. Eu tinha perdido a prática. Era verdade que eu tinha me encontrado com Britomártis em Indianápolis, mas ela não contava. Aquela lá gostava demais de me torturar para tentar me matar. Mas com Lupa… eu tinha que tomar cuidado.

Mesmo quando eu era um deus, nunca consegui entender direito a deusa loba. Lupa não andava com os olimpianos. Nunca ia a jantares familiares durante a Saturnália. Ela nunca foi ao nosso grupo de leitura mensal, nem quando discutimos *Dança com lobos*.

— Tudo bem — cedi. — Sei o que você quer dizer. Os versos finais da Profecia das Sombras. Eu cheguei ao Tibre vivo etc. Agora, tenho que “começar a dançar”. Imagino que isso envolva mais do que dançar e estalar os dedos, né?

O estômago de Lupa roncou. Quanto mais eu falava, mais suculentos parecia.

A matilha está fraca. Muitos morreram. Quando o inimigo cercar este lugar, você precisa demonstrar força. Precisa chamar ajuda.

Tentei sufocar outra exibição lupina de irritação. Lupa era uma deusa. Aquela era a cidade dela, o acampamento dela. Ela tinha uma matilha de lobos sobrenaturais sob seu comando. Por que *ela* não podia ajudar?

Mas é claro que eu sabia a resposta. Lobos não são lutadores de linha de frente. São caçadores que só atacam quando estão em número superior. Lupa esperava que os romanos resolvessem os próprios problemas. Que fossem autossuficientes ou morressem. Ela daria conselhos. Ensinaria, guiaria e avisaria. Mas não lutaria as batalhas deles. As *nossas* batalhas.

O que me fez questionar por que ela estava me dizendo para pedir ajuda. E ajuda *de quem*?

Minha expressão e minha linguagem corporal deviam ter transmitido a pergunta.

Ela balançou as orelhas. *Norte. Explore a tumba. Encontre as respostas. Esse é o primeiro passo.*

Do lado de fora, na base do templo, a pira funerária estalou e rugiu. Saía fumaça pela rotunda aberta, envolvendo a estátua de Júpiter. Eu esperava que, em algum lugar do Monte Olimpo, os seios

da face divinos do meu pai estivessem sofrendo.

— Tarquínio, o Soberbo — falei. — Foi ele que mandou os mortos-vivos. Ele vai atacar novamente durante a lua sangrenta.

As narinas de Lupa tremeram em confirmação. *O fedor dele está em você. Tome cuidado com a tumba. Os imperadores foram tolos de confiar nele.*

Imperador era um conceito difícil de expressar em lupino. O termo para isso podia significar *lobo alfa* ou *líder de matilha* ou *submeta-se a mim agora antes que eu arranque seu pescoço.* Eu tinha quase certeza de que tinha interpretado o que Lupa quis dizer corretamente. Os feromônios dela transmitiam *perigo*, *nojo*, *apreensão*, *ultraje*, *mais perigo.*

Botei a mão sobre o curativo na barriga. Eu estava melhorando… não estava? Tinha sido besuntado com erva lemuriana e raspas de chifre de unicórnio suficientes para matar um mastodonte zumbi. Mas não gostei do olhar preocupado de Lupa nem da ideia de que o fedor de alguém estava em mim, principalmente o de um rei morto-vivo.

— Depois que eu explorar essa tumba e sair de lá vivo… o que acontece?

O caminho vai ficar mais claro. Para derrotar o grande silêncio. Então peça ajuda. Sem isso, toda a matilha vai morrer.

Eu não tinha tanta certeza de que havia compreendido essa parte.

— Derrotar o silêncio? Você está falando do deus silencioso? A passagem que Reyna teoricamente tem que abrir?

A resposta dela foi frustrantemente ambivalente. Poderia significar *Sim e não* ou *Mais ou menos* ou *Por que você é tão burro?*.

Olhei para o Grande Pai Dourado.

Zeus tinha me jogado no meio de toda aquela confusão. Tirou meu poder e me chutou para a Terra para libertar os oráculos, derrotar os imperadores e… Ah, espere! Ganhei um deus morto-vivo de bônus e um deus silencioso também! Eu esperava que a fuligem da pira funerária estivesse irritando Júpiter. Eu queria subir pelas pernas dele e escrever *ME LAVE!* com o dedo em seu peito.

Fechei os olhos. Não devia ser a coisa mais sábia a fazer quando se está cara a cara com um lobo gigante, mas havia ideias demais rodopiando na minha cabeça. Pensei nos livros sibilinos, nas várias recomendações que continham para afastar desastres. Considerei o que Lupa poderia estar querendo dizer com *grande silêncio*. E pedir ajuda.

Meus olhos se abriram.

— Ajuda. Ajuda divina. Você quer dizer que, se eu sobreviver à tumba e… e derrotar o troço silencioso, eu talvez consiga pedir ajuda *divina*?

Lupa soltou um rosnado do fundo do peito. *Finalmente entendeu. Isso*

vai ser o começo. O primeiro passo para voltar à sua matilha.

Meu coração disparou como se estivesse rolando escada abaixo. A mensagem de Lupa parecia boa demais para ser verdade. Eu poderia fazer contato com os olimpianos, apesar das ordens de Zeus para me ignorarem enquanto eu fosse humano. Eu talvez pudesse até invocar a ajuda deles para salvar o Acampamento Júpiter. De repente, eu me senti *mesmo* melhor. Minha barriga não estava mais doendo. Meus nervos formigaram com uma sensação que eu não experimentava havia tanto tempo que quase não reconheci: esperança.

Cuidado. Lupa me trouxe de volta à realidade com um rosnado baixo. *O caminho é difícil. Você vai enfrentar mais sacrifícios. Morte. Sangue.*

— Não. — Encarei-a nos olhos, um sinal perigoso de desafio que me surpreendeu tanto quanto a ela. — Não, eu vou conseguir. Não vou permitir mais perdas. Tem que haver um jeito.

Consegui manter o contato visual por três segundos antes de afastar o olhar.

Lupa fungou, um som superior de *Claro que eu venci*, mas pensei detectar um toque de aprovação ressentida também. Percebi que Lupa apreciava minha coragem e determinação, mesmo não acreditando que eu seria capaz de fazer o que falei. Talvez *especialmente* porque não acreditava.

Volte para a festa, ordenou ela. *Diga a eles que você tem a minha bênção. Continue a agir com coragem. É assim que tudo começa.*

Observei as antigas profecias no mosaico do chão. Eu tinha perdido amigos para o Triunvirato. Tinha sofrido. Mas percebi que Lupa também. Seus filhos romanos foram dizimados. Ela carregava a dor da morte de todos eles. Mas tinha que demonstrar confiança, mesmo com sua matilha enfrentando a ameaça da extinção.

Era impossível mentir em lupino. Mas era possível blefar. Às vezes, era *necessário* blefar para manter a matilha unida. O que os mortais dizem? *Levanta, sacode a poeira, dá a volta por cima*? É uma filosofia bem lupina.

— Obrigado. — Ergui o rosto, mas Lupa já tinha ido embora. Não restava nada além da neblina prateada se misturando à fumaça da pira de Jason.

* * *

Contei a versão resumida para Reyna e Frank: eu recebi a bênção da deusa loba. Prometi contar mais no dia seguinte, quando tivesse tido tempo de entender tudo aquilo. Enquanto isso, confiei que a notícia sobre Lupa ter me dado orientação se espalharia pela legião. Seria suficiente por enquanto. Aqueles semideuses precisavam de todo o

conforto que pudessem receber.

Enquanto a pira ardia, Frank e Hazel ficaram de mãos dadas, fazendo vigília enquanto Jason fazia sua última viagem. Fiquei sentado em uma toalha de piquenique funerário com Meg, que comeu tudo que havia por ali e ficou falando sem parar sobre sua tarde excelente cuidando de unicórnios com Lavínia. Meg se gabou que Lavínia até deixou que ela limpasse os estábulos.

— Ela passou a perna em você — observei.

Meg franziu a testa, a boca cheia de hambúrguer.

— Como assim?

— Deixa pra lá. O que você estava falando, era sobre cocô de unicórnio?

Tentei comer, mas, apesar da fome, a comida tinha gosto de poeira.

Quando as últimas brasas da pira se apagaram e os espíritos do vento levaram o que restava do banquete, nós seguimos os legionários de volta ao acampamento.

No quarto de hóspedes de Bombilo, me deitei no colchão e observei as rachaduras no teto. Imaginei que fossem as linhas de profecia tatuadas nas costas de um Ciclope. Se eu ficasse olhando por bastante tempo, talvez começassem a fazer sentido, ou pelo menos eu conseguiria encontrar o índice.

Meg jogou um sapato em mim.

— Você precisa descansar. Amanhã é a reunião do Senado.

Tirei o tênis vermelho de cano alto dela do meu peito.

— Você também não está dormindo.

— É, mas você vai ter que falar. Eles vão querer saber seu plano.

— Meu *plano*?

— É, tipo um discurso. Para inspirá-los e tal. Convencê-los do que fazer. Vão votar e tudo.

— Uma tarde nos estábulos dos unicórnios e você virou especialista nos procedimentos dos senadores romanos?

— A Lavínia me contou — disse Meg com arrogância.

Ela estava deitada no colchão, jogando o outro tênis no ar e o pegando de novo. Como ela conseguia isso sem os óculos eu não fazia ideia.

Sem os óculos estilo gatinho com pedrinhas brilhantes, o rosto dela parecia mais velho, os olhos mais escuros e sérios. Eu até a chamaria de madura se ela não tivesse voltado do dia nos estábulos usando uma camiseta verde com purpurina que dizia VNICORNES IMPERANT!

— E se eu não tiver um plano? — perguntei.

Eu esperava que Meg jogasse o outro sapato em mim. Mas ela só disse:

— Você tem.

— Tenho?

— Tem. Pode não ter organizado tudo ainda, mas vai estar com tudo pronto até amanhã.

Eu não sabia se ela estava me dando uma ordem, expressando sua fé em mim ou apenas subestimando amplamente os perigos que íamos enfrentar.

Continue a agir com coragem, dissera Lupa. *É assim que tudo começa.*

— Tudo bem — falei, hesitante. — Bom, para começar, eu estava pensando que podíamos…

— Não agora! Amanhã. Não quero spoilers.

Ah. *Essa* era a Meg que eu conhecia e tolerava.

— Qual é seu problema com spoilers? — perguntei.

— Eu odeio.

— Estou tentando discutir estratégias com v…

— Não.

— Falar sobre minhas ideias…

— Não. — Ela jogou o sapato de lado, botou um travesseiro em cima da cabeça e ordenou, com a voz abafada: — Vai dormir!

Eu não tinha chance contra uma ordem direta. O cansaço tomou conta de mim e minhas pálpebras se fecharam.

11

Sujeira e chiclete
Lavínia trouxe o bastante
Para o Senado inteiro

COMO SABER se é sonho ou pesadelo?

Se tiver um livro pegando fogo, deve ser pesadelo.

Eu me vi no salão do Senado romano; não a enorme e famosa câmara da república ou do império, mas o *antigo* salão do Senado do reino romano. As paredes de tijolos de barro tinham uma pintura mal-acabada branca e vermelha. O piso imundo estava coberto de palha. O fogo dos braseiros de ferro soltava fuligem e fumaça, escurecendo o teto de gesso.

Não havia mármore refinado ali. Tampouco seda exótica ou o tom roxo imperial. Era Roma em sua forma mais antiga e crua: apenas fome e maldade. Os guardas reais usavam armadura de couro curado por cima de túnicas suadas. As lanças de ferro preto tinham um polimento rudimentar, os elmos eram feitos de pele de lobo. Havia mulheres escravizadas ajoelhadas ao pé do trono, que era uma placa de pedra grosseiramente talhada e coberta de peles. Dos dois lados do aposento havia bancos rústicos de madeira: as bancadas dos senadores, que se sentavam ali mais como prisioneiros ou espectadores do que políticos poderosos. Naquela era, os senadores só tinham um poder: votar em um novo rei quando o antigo morria. Fora isso, deveriam aplaudir ou se calar, conforme requisitado.

No trono estava Lúcio Tarquínio Soberbo, o sétimo rei de Roma, assassino, conspirador e capataz de escravos, gente boa mesmo. O rosto dele era como porcelana úmida cortada com faca de carne: boca larga e com dentes brilhantes repuxada em uma careta torta; maçãs do rosto proeminentes demais; nariz quebrado e cicatrizado em um zigue-zague nada harmônico; pálpebras pesadas, expressão desconfiada e cabelo comprido e seco que parecia argila com respingos de chuva.

Alguns anos antes, quando assumiu o trono, Tarquínio foi elogiado por sua aparência viril e sua força física. Cegou os senadores com lisonjas e presentes, acomodou-se no trono do sogro e persuadiu o Senado a confirmá-lo como novo rei.

Quando o antigo rei entrou correndo para protestar que ainda estava, ora, bem vivinho, Tarquínio o pegou como se fosse um saco de nabos, o carregou para fora e o jogou na rua, onde a filha do antigo rei, esposa de Tarquínio, passou por cima do infeliz pai com a carruagem, sujando as rodas com o sangue dele.

Um adorável começo para um adorável reinado.

Então, Tarquínio carregava o peso dos anos. Estava corcunda e mais corpulento, como se todos os projetos de construção que ele obrigou seu povo a fazer tivessem sido empilhados sobre seus ombros. Usava a pele de um lobo como manto. Sua veste era de um rosa-escuro manchado, e era impossível saber se havia sido vermelha e depois respingada com água sanitária ou se havia sido branca e depois respingada com sangue.

Com exceção dos guardas, a única pessoa de pé na sala era uma idosa de frente para o trono. A capa de tom rosado e capuz, o porte robusto e as costas curvadas pareciam uma espécie de caricatura do próprio rei: a versão *Saturday Night Live* de Tarquínio. Ela carregava uma pilha de seis livros com capas de couro, cada um do tamanho de uma camisa dobrada e tão moles quanto.

O rei olhou com desprezo para ela.

— Você voltou. Por quê?

— Para oferecer o mesmo acordo de antes.

A voz da mulher era rouca, como se ela tivesse passado algum tempo gritando. Quando tirou o capuz, o cabelo grisalho grosso e o rosto abatido que foram revelados lhe deixavam ainda mais com cara de irmã gêmea de Tarquínio. Mas não. Era a Sibila de Cumas.

Ao vê-la de novo, meu coração se apertou. Ela já tinha sido uma jovem adorável: inteligente, determinada, apaixonada por seu trabalho profético. Queria mudar o mundo. Mas as coisas entre nós azedaram, e quem acabou mudando foi *ela*... por minha causa.

A aparência era só o começo da maldição que joguei nela. Ficaria muito, muito pior com o passar dos séculos. Como fui ter essa ideia? Como pude ser tão cruel? A culpa pelo que fiz ardeu mais do que qualquer arranhão de ghoul.

Tarquínio se mexeu no trono. Tentou dar uma risada, mas o som que saiu parecia mais com um berro assustado.

— Você deve ser louca, mulher. Seu preço original teria falido meu governo, e isso foi quando você tinha *nove* livros. Queimou três e agora volta me oferecendo apenas seis pelo mesmo preço exorbitante?

A mulher mostrou os livros, uma das mãos erguidas como se estivesse se preparando para fazer um juramento.

— Conhecimento é caro, rei de Roma. Quanto menos há, mais vale. Fique satisfeito por eu não cobrar o dobro.

— Ah, entendi! Eu deveria ficar *agradecido*, então.

O rei olhou para a plateia cativa de senadores buscando apoio. Essa era a deixa para que rissem e debochassem da mulher. Ninguém fez isso. Eles pareciam ter mais medo da Sibila do que do rei.

— Não espero gratidão de gente como você — disparou Sibila. — Mas você deveria agir pelo próprio bem e pelo do reino. Ofereço

conhecimento do futuro… como escapar de desastres, convocar a ajuda dos deuses, fazer de Roma um grande império. Todo esse conhecimento está aqui. Pelo menos… ainda restam seis volumes.

— Ridículo! — exclamou o rei. — Eu deveria mandar executá-la por desrespeito!

— Se ao menos isso fosse possível. — A voz da Sibila soou amarga e calma, como uma manhã no Ártico. — Você recusa minha proposta, então?

— Sou o alto sacerdote, além de rei! — gritou Tarquínio. — Só *eu* decido como agradar os deuses! Não preciso…

A Sibila pegou os três livros de cima da pilha e os jogou casualmente no braseiro mais próximo. Os livros foram consumidos pelo fogo no mesmo instante, como se tivessem sido escritos com querosene em folhas de papel de arroz. Com um único rugido alto, sumiram.

Os guardas apertaram as lanças. Os senadores murmuraram e se mexeram nos bancos. Talvez sentissem o que *eu* estava sentindo: um suspiro cósmico de angústia, o exalar do destino com tantos volumes de conhecimentos proféticos sumindo do mundo, lançando uma sombra no futuro, jogando gerações na escuridão.

Como a Sibila pôde fazer aquilo? Por quê?

Talvez fosse seu modo de se vingar de mim. Eu a criticara por escrever tantos volumes, por não me deixar supervisionar seu trabalho. Mas quando ela escreveu os livros sibilinos, eu estava com raiva por outros motivos. Minha maldição já tinha sido proferida. Nosso relacionamento não tinha mais jeito. Ao queimar os próprios livros, ela cuspia nas minhas críticas, no dom profético que eu tinha lhe oferecido e no preço extremamente alto que ela pagou para ser minha sibila.

Ou talvez sua motivação fosse algo além de amargura. Talvez tivesse motivo para desafiar Tarquínio daquele jeito e executar uma pena tão alta pela teimosia dele.

— Última chance — disse ela para o rei. — Ofereço três livros de profecia pelo mesmo preço de antes.

— Pelo mesmo… — O rei engasgou com a raiva.

Vi quanto ele queria recusar. Queria gritar obscenidades para a Sibila e mandar que os guardas a empalassem ali mesmo.

Mas os senadores dele, agitados, não paravam de sussurrar. Os guardas estavam pálidos de medo. As mulheres escravizadas se esforçavam ao máximo para se esconder atrás da bancada do trono.

Os romanos eram um povo supersticioso.

Tarquínio sabia disso.

Como alto sacerdote, ele era responsável por argumentar com os deuses para proteger seus súditos. Em *nenhuma* circunstância deveria

deixar os deuses com raiva. Aquela idosa estava lhe oferecendo conhecimento profético que ajudaria o reino. As pessoas na sala do trono *sentiam* o poder dela, a proximidade do divino.

Se Tarquínio permitisse que ela queimasse os últimos livros, se recusasse a proposta dela… talvez não fosse a Sibila que os guardas empalariam.

— E então? — perguntou a Sibila, segurando os três volumes que restavam junto às chamas.

Tarquínio engoliu a raiva. Entre dentes, espremeu as palavras:

— Eu aceito sua proposta.

— Que bom — disse a Sibila, sem qualquer sinal de alívio ou decepção no rosto. — Que o pagamento seja levado para o Pomério. Quando eu receber, você terá os livros.

A Sibila desapareceu em um brilho de luz azul. Meu sonho se dissolveu com ela.

* * *

— Vista seu lençol.

Meg jogou uma toga na minha cara, nem de perto o melhor jeito de ser acordado.

Pisquei, meio grogue, o cheiro de fumaça, palha mofada e romanos suados ainda no nariz.

— Uma toga? Mas não sou senador.

— Você é honorário, porque já foi um deus, ou sei lá o quê. — Meg fez beicinho. — *Eu* não posso usar um lençol.

Uma imagem horrível me ocorreu: Meg com uma toga nas cores do semáforo, sementes de plantas caindo das dobras do tecido. Ela teria que se virar com a camiseta de unicórnio purpurinada.

Bombilo me lançou seu habitual olhar mal-encarado de bom-dia quando desci para usar o banheiro do café. Eu me lavei e troquei as ataduras com um kit que os curandeiros tiveram o cuidado de deixar no nosso quarto. O arranhão do ghoul não parecia pior, mas ainda estava inchado e vermelho. Ainda ardia. Era normal, né? Tentei me convencer de que sim. Como dizem por aí, médicos deuses são os piores pacientes deuses.

Eu me vesti, tentando lembrar como amarrar uma toga, e refleti sobre as coisas que aprendi com meu sonho. Número um: fui uma pessoa horrível que arruinou vidas. Número dois: não havia uma única coisa ruim que eu tivesse feito nos últimos quatro mil anos que *não* voltaria para me morder no *clunis*, e eu estava começando a achar que merecia.

A Sibila de Cumas. Ah, Apolo, o que você tinha na *cabeça*?

Infelizmente, eu sabia o que tinha na cabeça: uma bela jovem com

quem eu queria ficar, embora ela fosse minha Sibila. Mas ela foi mais inteligente do que eu, que, sendo um péssimo perdedor, a amaldiçoei.

Não era surpresa que eu estivesse, então, pagando o preço: procurando o rei romano do mal para quem ela vendeu os livros sibilinos. Se Tarquínio ainda estava se agarrando a uma terrível existência pós-morte, a Sibila de Cumas também poderia estar viva? Estremeci só de pensar em como ela estaria depois de tantos séculos e em quanto seu ódio por mim teria crescido.

Uma coisa de cada vez: eu tinha que contar ao Senado meu plano maravilhoso para endireitar as coisas e salvar todos nós. Eu tinha um plano maravilhoso? O mais chocante era que talvez sim. Ou pelo menos o começo de um plano maravilhoso. O sumário maravilhoso de um plano.

Quando estávamos saindo, Meg e eu pegamos *lattes* com erva lemuriana e dois muffins de mirtilo, porque claramente Meg precisava de mais açúcar e cafeína, e nos juntamos à procissão desfalcada de semideuses indo para a cidade.

Quando chegamos ao Senado, todos estavam tomando seus lugares. Nos dois lados da tribuna, os pretores Reyna e Frank usavam seus melhores trajes dourados e roxos. A primeira fila de bancos estava ocupada pelos dez senadores do acampamento, cada um usando uma toga branca com bordados roxos, junto com os veteranos mais antigos, as pessoas com dificuldades de acesso, Ella e Tyson. Ella estava agitada, se esforçando para não encostar no senador da esquerda. Tyson sorriu para o Lar à sua direita, balançando os dedos dentro da caixa torácica vaporosa do fantasma.

Atrás deles, o semicírculo de arquibancadas estava lotado de legionários, Lares, veteranos aposentados e outros cidadãos de Nova Roma. Eu não via um salão cheio assim desde a Segunda Turnê Americana de Charles Dickens em 1867. (Grande show. Ainda tenho a camiseta autografada numa moldura no meu quarto no Palácio do Sol.)

Pensei que deveria me sentar na frente, por ser portador honorário de roupa de cama, mas não havia espaço. Então, vi Lavínia (valeu, cabelo rosa) acenando para nós na fila de trás. Ela deu batidinhas no banco ao seu lado, indicando que tinha guardado nossos lugares. Que gesto atencioso. Ou talvez ela quisesse alguma coisa.

Quando Meg e eu nos sentamos cada um de um lado dela, Lavínia cumprimentou Meg com o soquinho supersecreto da Irmandade dos Unicórnios, se virou e me cutucou com o cotovelo magro.

— Então você é mesmo Apolo! Deve conhecer a minha mãe.

— Eu… o quê?

As sobrancelhas dela estavam ainda mais desconcertantes. As raízes escuras tinham começado a crescer embaixo da tinta rosa, fazendo

com que o resto parecesse pairar meio descentralizado, como se os fios cor-de-rosa fossem flutuar para longe do rosto dela.

— Minha mãe — repetiu, estourando uma bola de chiclete. — Terpsícore.

— A… a Musa da dança. Está me perguntando se ela é sua mãe ou se eu a conheço?

— Claro que ela é minha mãe.

— Claro que eu a conheço.

— Que bom! — Lavínia batucou nos joelhos, como se para provar que tinha ritmo de dançarina, apesar de tão estabanada. — Quero saber os podres dela!

— Podres?

— Eu não a conheço.

— Ah. Hã…

Ao longo dos séculos, tive muitas conversas com semideuses que queriam saber mais sobre seus pais deuses ausentes. Essas conversas raramente iam bem. Tentei conjurar uma imagem de Terpsícore, mas minhas lembranças do Olimpo ficavam cada vez mais confusas. Eu me lembrava vagamente da Musa brincando em um dos parques do Monte Olimpo, jogando pétalas de rosas no caminho enquanto rodopiava e fazia piruetas. Para falar a verdade, Terpsícore nunca foi minha favorita das Nove Musas. Ela tirava os holofotes de mim, a quem pertenciam por direito.

— Ela tinha a mesma cor de cabelo que você — arrisquei dizer.

— Rosa?

— Não… eu me referi ao castanho. Muito inquieta, acho, que nem você. Só ficava feliz quando em movimento, mas…

Minha voz morreu. O que eu poderia dizer que não fosse soar cruel? Terpsícore era graciosa, tinha postura e não parecia uma girafa desengonçada? Lavínia tinha certeza de que não havia qualquer engano sobre sua maternidade? Porque eu não conseguia acreditar que elas tinham parentesco.

— Mas o quê? — insistiu ela.

— Nada. Está difícil lembrar.

Na tribuna, Reyna pedia silêncio.

— Pessoal, por favor, ocupem seus lugares! Temos que começar. Dakota, você pode chegar um pouco para o lado para abrir espaço… Obrigada.

Lavínia me olhou com ceticismo.

— É o podre mais sem graça do mundo. Se não pode me falar da minha mãe, ao menos me conte o que está rolando entre você e a senhorita pretora ali.

Eu me encolhi. O banco de repente pareceu bem mais duro embaixo do meu *clunis*.

— Não tem nada para contar.

— Ah, por favor. E esses seus olhares furtivos para Reyna desde que chegou aqui? Eu reparei. Meg também reparou.

— Eu reparei — confirmou Meg.

— Até Frank Zhang reparou.

Lavínia levantou a palma das mãos como se tivesse acabado de oferecer a maior prova de obviedade do mundo.

Reyna começou a falar com a plateia.

— Senadores, convidados, convocamos esta reunião de emergência para discutir…

— Sinceramente — sussurrei para Lavínia —, é constrangedor. Você não entenderia.

Ela tentou segurar o riso.

— Constrangedor é contar para o rabino que Daniella Bernstein vai ser sua acompanhante na sua festa de bat mitzvah. Ou contar para o seu pai que o único tipo de dança que você quer fazer é sapateado, encerrando assim a tradição da família Asimov. Eu sei bem o que é constrangedor.

Reyna continuou:

— Diante do sacrifício final de Jason Grace e da nossa recente batalha contra os mortos-vivos, temos que encarar com muita seriedade a ameaça…

— Espere — sussurrei para Lavínia, assimilando as palavras dela. — Seu pai é Sergei Asimov? O dançarino? O… — Parei antes de dizer *o astro do balé russo lindo de morrer*, mas a julgar pelo revirar dos olhos de Lavínia, ela sabia o que eu estava pensando.

— É, é — disse ela. — Pare de tentar mudar de assunto. Você vai contar…

— Lavínia Asimov! — chamou Reyna, da Tribuna. — Quer dizer alguma coisa?

Todos os olhares se voltaram para nós. Alguns legionários deram risadinhas, como se não fosse a primeira vez que chamavam a atenção de Lavínia durante uma reunião do Senado.

Ela olhou de um lado para outro e apontou para si mesma, como se não soubesse com qual das muitas Lavínias Asimov Reyna poderia estar falando.

— Não, senhora. Tudo bem aqui.

Reyna não ficou muito contente ao ser chamada de *senhora*.

— Reparei também que está mascando chiclete. Trouxe o suficiente para o Senado todo?

— Er, quer dizer… — Lavínia tirou vários pacotes de chiclete dos bolsos. Olhou para a multidão e fez uma estimativa rápida. — Talvez?

Reyna olhou para o alto, como se perguntando aos deuses *Por que eu tenho que ser a única adulta no salão?*.

— Vou supor — disse a pretora — que você só estava tentando chamar atenção para o convidado sentado ao seu lado, que tem informações importantes a compartilhar. Lester Papadopoulos, levante-se e fale com o Senado!

12

Agora eu tenho um plano
De bolar um plano sobre
O plano do meu plano.

NORMALMENTE, quando vou me apresentar, eu espero nos bastidores. Quando sou anunciado e a plateia entra em frenesi, eu pulo das cortinas, o holofote me encontra e TA-DA! Eu sou UM DEUS!

A apresentação de Reyna não inspirou aplausos enlouquecidos. *Lester Papadopoulos, levante-se e fale com o Senado* foi tão empolgante quanto *Agora vamos ver um PowerPoint sobre advérbios.*

Quando pisei no corredor, Lavínia colocou o pé na minha frente e eu tropecei. Olhei com raiva para ela, que fez carinha inocente, como se seu pé estivesse ali por acaso. Se bem que, considerando o tamanho das pernas dela, era possível.

Todos ficaram olhando enquanto eu andava pela multidão, tentando não tropeçar na toga.

— Com licença. Desculpe. Com licença.

Quando cheguei à tribuna, a plateia estava tomada por um misto de tédio e impaciência. Sem dúvida, todos estariam olhando o celular… caso semideuses pudessem usar smartphones sem correr o risco de sofrer ataques de monstros. Por isso eles não tinham alternativa a não ser olhar para mim. Eu os encantara dois dias antes com um tributo musical fantástico a Jason Grace, mas o que vinha fazendo por eles ultimamente? Só os Lares não pareceram incomodados em esperar. Aguentariam ficar sentados em bancos duros por uma eternidade.

Da fila de trás, Meg acenou para mim. A expressão dela estava menos para *Ei, você vai se sair superbem* e mais para *Anda logo*. Olhei para Tyson, que sorria para mim da primeira fila. Quando é preciso se concentrar no Ciclope da plateia em busca de apoio moral, é certo que a experiência vai ser um horror.

— Bom… Oi.

Ótimo começo. Eu esperava que outra explosão de inspiração pudesse trazer uma nova música. Nada aconteceu. Eu havia deixado o ukulele no quarto, com a certeza de que, se o trouxesse para a cidade, Término o teria confiscado como arma.

— Tenho uma notícia ruim — falei. — E mais outra. Qual vocês querem ouvir primeiro?

A plateia trocou olhares apreensivos.

— Começa com a notícia ruim. É sempre melhor! — gritou Lavínia.

— Ei — repreendeu Frank. — Um pouco de decoro não faz mal, sabe?

Restaurada a solenidade na reunião do Senado, Frank fez sinal para que eu continuasse.

— Os imperadores Cômodo e Calígula juntaram forças — falei. Descrevi o que vi no meu sonho. — Eles estão vindo para cá neste momento com uma frota de cinquenta iates, todos equipados com uma espécie de nova arma terrível. Vão chegar aqui na lua sangrenta. Que, pelo que eu soube, é em três dias, 8 de abril, que por acaso é também o dia do aniversário de Lester Papadopoulos.

— Feliz aniversário! — disse Tyson.

— Obrigado. Além disso, não sei bem o que é uma lua sangrenta.

Alguém levantou a mão na segunda fila.

— Pode falar, Ida — disse Reyna, e acrescentou, para mim: — Centuriã do Segundo Coorte, legado de Luna.

— Sério?

Minha intenção não foi falar com um tom de incredulidade, mas Luna, uma titã, era encarregada da Lua antes que minha irmã Ártemis assumisse o cargo. Até onde eu sabia, Luna tinha sumido milênios antes. Se bem que eu achava que não havia mais nada de Hélio, o titã do Sol, até descobrir que Medeia estava coletando pedaços da consciência dele para aquecer o Labirinto de Fogo. Aqueles titãs eram como minhas espinhas. Toda hora aparece uma.

A centuriã se levantou de cara feia.

— Sim, sério. Uma lua sangrenta é uma lua cheia que fica vermelha por causa de um eclipse lunar total. É um péssimo momento para lutar contra mortos-vivos. Eles ficam mais poderosos nessas noites.

— Na verdade… — Ella se levantou, mexendo nas garras dos dedos. — Na verdade, a cor é causada pela dispersão de luz refletida do nascer e do pôr do sol da Terra. Uma verdadeira lua sangrenta se refere a quatro eclipses lunares seguidos. O próximo é no dia 8 de abril, isso mesmo. *Almanaque do Velho Fazendeiro*. Suplemento com o calendário das fases lunares.

Ela desabou de volta no banco, deixando a plateia num silêncio atordoado. Nada é tão desconcertante quanto uma criatura sobrenatural dando explicações científicas.

— Obrigada, Ida e Ella — disse Reyna. — Lester, você tinha mais alguma coisa a acrescentar?

O tom dela sugeria que não haveria problema algum se eu não tivesse, considerando que eu já havia compartilhado informações suficientes para causar um pânico generalizado no acampamento.

— Infelizmente, tenho — falei. — Os imperadores se aliaram a Tarquínio, o Orgulhoso.

Os Lares presentes oscilaram e piscaram.

— Impossível! — gritou um.

— Horrível! — gritou outro.

— Vamos todos morrer! — gritou um terceiro, aparentemente esquecendo que já estava morto.

— Pessoal, calma — pediu Frank. — Deixem Apolo falar.

Seu estilo de liderança era menos formal do que o da Reyna, mas pareceu inspirar o mesmo respeito. A plateia se acalmou e esperou que eu continuasse.

— Tarquínio é agora uma criatura morta-viva — expliquei. — A tumba dele é aqui perto. Ele foi responsável pelo ataque que vocês rechaçaram na lua nova…

— Que também não é uma época nada boa para lutar contra mortos-vivos — observou Ida.

— E ele vai atacar de novo na lua sangrenta, em sintonia com o ataque dos imperadores.

Fiz de tudo para explicar o que vi nos sonhos e o que Frank e eu havíamos discutido com Ella. Não mencionei a referência ao graveto maldito de Frank, em parte porque não entendi, em parte porque Frank me lançava aquele seu olhar suplicante de ursinho de pelúcia.

— Como foi Tarquínio quem comprou originalmente os livros sibilinos — resumi —, em uma lógica meio distorcida, faz sentido ele reaparecer agora, quando o Acampamento Júpiter está tentando reconstruir essas profecias. Tarquínio acabaria… *invocado* pelo que Ella está fazendo.

— Enraivecido — sugeriu Ella. — Enfurecido. Homicida.

Ao olhar para a harpia, pensei na Sibila de Cumas e na maldição terrível que joguei nela. Pensei em como Ella poderia sofrer só porque a coagimos a entrar no negócio das profecias. Lupa tinha me avisado: *Você vai enfrentar mais sacrifícios. Morte. Sangue.*

Afastei aquela ideia na marra.

— Enfim, Tarquínio já era bem monstruoso quando estava vivo. Os romanos o desprezavam tanto que acabaram com a monarquia para sempre. Mesmo séculos depois, os imperadores nunca ousaram se chamar de reis. Tarquínio morreu no exílio. A tumba dele nunca foi localizada.

— E, agora, está aqui — disse Reyna.

Não era uma pergunta. Ela tinha aceitado que uma tumba romana antiga podia aparecer no norte da Califórnia, onde não tinha por que estar. Os deuses se moviam. Os acampamentos dos semideuses se moviam. Foi questão de azar o lar de um morto-vivo maligno resolver ser nosso vizinho. Nós precisávamos de zoneamento de gramados mitológicos mais rigorosos.

Na primeira fila, ao lado da Hazel, um senador se levantou para falar. Ele tinha cabelo escuro encaracolado, olhos azuis um pouco

juntos demais e uma mancha de nascença vermelha no lábio superior.

— Então, resumindo: em três dias, vamos enfrentar uma invasão de dois imperadores malignos, seus exércitos e cinquenta barcos com armas que não entendemos, além de outra onda de mortos-vivos como a que quase nos destruiu da última vez, quando estávamos bem mais fortes. Se essa é a notícia ruim, qual é a notícia ruim?

— Imagino que estejamos caminhando para isso, Dakota. — Reyna se virou para mim. — Certo, Lester?

— A outra notícia ruim é que eu tenho um plano, mas vai ser difícil, talvez impossível de executar, e algumas partes do plano não estão exatamente… dignas de serem chamadas de plano ainda.

Dakota esfregou as mãos.

— Bom, estou animado. Vamos ouvir!

Ele se recostou, tirou uma garrafinha de dentro da toga e tomou um gole. Suspeitei de que fosse filho de Baco e, a julgar pelo cheiro que se espalhou pelo Senado, de que sua bebida preferida fosse Tang de frutas.

Respirei fundo.

— Bom. Os livros sibilinos são basicamente receitas de emergência, certo? Sacrifícios. Orações rituais. Algumas elaboradas para acalmar a ira dos deuses. Outras para chamar ajuda divina contra inimigos. Eu acredito… Tenho quase certeza… de que se conseguirmos encontrar a receita certa para o nosso problema e segui-la à risca, acho que consigo chamar ajuda do Monte Olimpo.

Ninguém riu nem me chamou de maluco. Deuses não costumam interferir em questões de semideuses, mas em raras ocasiões isso acontecia. A ideia não era completamente absurda. Por outro lado, ninguém pareceu ter certeza absoluta de que eu conseguiria fazer aquilo.

Outro senador levantou a mão.

— Hã, sou o senador Larry, Terceiro Coorte, filho de Mercúrio. Com *ajuda*, você quer dizer… batalhões de deuses vindo para cá de carruagem, ou está mais para uns deuses nos dando as bênçãos, tipo, *Ei, boa sorte com isso aí, legião*?*!*

Uma antiga reação defensiva aflorou. Eu queria argumentar que nós, deuses, nunca deixaríamos nossos seguidores desesperados sem amparo dessa maneira. Mas claro que deixávamos. O tempo todo.

— Boa pergunta, senador Larry — admiti. — Provavelmente, seria algo entre esses extremos. Mas tenho confiança de que seria ajuda de verdade, capaz de virar o jogo. Pode ser a única forma de salvar Nova Roma. E eu tenho que acreditar que Zeus, quer dizer, Júpiter, não botou meu suposto aniversário para 8 de abril à toa. Só pode ser um ponto de virada, o dia em que eu finalmente…

Minha voz falhou. Não contei o outro lado daquele raciocínio: que

8 de abril talvez fosse o dia em que eu começaria a me provar digno de me juntar novamente aos deuses ou meu último aniversário, o dia em que eu pegaria fogo de uma vez por todas.

Mais murmúrios na multidão. Muitas expressões sérias. Mas não detectei pânico. Nem os Lares gritaram *Vamos todos morrer!*. Os semideuses reunidos eram romanos, afinal. Estavam acostumados a enfrentar grandes apuros, poucas chances e inimigos fortes.

— Tudo bem. — Hazel Levesque falou pela primeira vez. — E como vamos encontrar a receita certa? Por onde começamos?

Apreciei o tom de confiança dela. Era como se estivesse perguntando se podia ajudar com algo completamente factível, tipo carregar sacolas de compras ou empalar ghouls com espetos de quartzo.

— O primeiro passo — falei — é encontrar e explorar a tumba de Tarquínio…

— E matá-lo! — gritou um dos Lares.

— Não, Marcus Apulius! — repreendeu um dos companheiros dele. — Tarquínio está tão morto quanto a gente!

— Ué, vamos fazer o quê, então? — resmungou Marcus Apulius. — Pedir com gentileza que ele deixe a gente em paz? Estamos falando de Tarquínio, o Orgulhoso! Ele é um maníaco!

— O primeiro passo — falei — é só *explorar* a tumba e, ah, encontrar as coisas certas, como a Ella disse.

— Isso — concordou a harpia. — A Ella disse isso.

— Tenho que supor — prossegui — que, se nos sairmos bem nisso e sobrevivermos a essa etapa, acabaremos descobrindo como proceder. Agora, a única coisa que posso afirmar é que o próximo passo vai ser encontrar um deus silencioso, o que quer que isso signifique.

Frank se sentou na beirada da cadeira de pretor.

— Mas você não conhece todos os deuses, Apolo? Afinal, você *é* um deus. Ou *era*. Existe um deus do silêncio?

Suspirei.

— Frank, eu mal consigo conhecer direito a minha *família* de deuses. Há centenas de deuses menores. Não me lembro de nenhum deus silencioso. Claro que, se *houver*, duvido que seríamos amigos, considerando que sou o deus da música.

Frank ficou desanimado, o que me deixou arrependido. Eu não pretendia descontar minhas frustrações em uma das poucas pessoas que ainda me chamavam de Apolo sem um pingo de ironia.

— Vamos cuidar de uma coisa de cada vez — sugeriu Reyna. — Primeiro, a tumba de Tarquínio. Temos uma pista sobre a localização, não temos, Ella?

— Isso, isso. — A harpia fechou os olhos e recitou: — *Um gato selvagem perto de luzes que giram. A tumba de Tarquínio com cavalos que*

brilham. Para a porta abrir no ato, dois cinquenta e quatro.

— Isso é uma profecia! — exclamou Tyson. — Tenho nas minhas costas! — O Ciclope se levantou e arrancou a camisa tão rápido que eu só pude crer que ele devia estar mesmo esperando uma desculpa para fazer isso. — Estão vendo?

A plateia toda chegou para a frente, embora fosse impossível ler as tatuagens de qualquer distância.

— Também tenho um cavalo-marinho em cima do rim — anunciou ele com orgulho. — Não é fofo?

Hazel desviou o olhar como se pudesse desmaiar bem ali de constrangimento.

— Tyson, você pode...? Sei que é um cavalo-marinho adorável, mas... pode vestir a camisa, por favor? Ninguém aqui sabe o que esses versos *significam*?

Os romanos fizeram um momento de silêncio pela morte da clareza que todas as profecias simbolizavam.

Lavínia soltou uma risada debochada.

— É sério? Ninguém entendeu?

— Lavínia — disse Reyna, a voz tensa —, você está sugerindo...

— Que sei onde fica a tumba? — Lavínia abriu as mãos. — Ora, *Um gato selvagem perto de luzes que giram. A tumba de Tarquínio com cavalos que brilham.* Tem uma rua chamada Gato Selvagem lá nas colinas. — Ela apontou para o norte. — E *cavalos que brilham, luzes que giram*? É o carrossel do parque Tilden, não é?

— Ahhhh.

Vários Lares assentiram, como se passassem todo o tempo livre andando nos carrosséis da região.

Frank se mexeu no assento.

— Você acha que a tumba de um rei romano do mal fica debaixo de um carrossel?

— Ei, eu não escrevi a profecia — retrucou Lavínia. — Além do mais, faz tanto sentido quanto qualquer outra coisa que enfrentamos.

Disso ninguém discordou. Os semideuses comem coisas estranhas no café, no almoço e no jantar. Estão acostumados a muitas maluquices.

— Tudo bem — disse Reyna. — Temos um objetivo. Precisamos de uma missão. Uma missão *curta*, claro, considerando que o tempo é bastante limitado. Além disso, temos que designar uma equipe de heróis que seja aprovada pelo Senado.

— Nós. — Meg se levantou. — Tem que ser Lester e eu.

Eu engoli em seco.

— Ela está certa — falei, o que contou como meu ato heroico do dia. — Isso faz parte da minha missão maior de recuperar meu lugar entre os deuses. Eu trouxe esse problema para a porta de vocês.

Preciso consertar as coisas. Por favor, não tentem me convencer a não ir.

Esperei desesperadamente, em vão, que alguém tentasse me convencer a não ir. Hazel Levesque se levantou.

— Eu também vou. É necessária a presença de uma centuriã para liderar a missão. Se esse lugar é subterrâneo, bom, essa é minha especialidade.

O tom dela também dizia *Eu tenho contas a acertar.*

E não haveria nenhum problema nisso, só que lembrei como Hazel tinha trazido abaixo aquele túnel que pegamos até o acampamento. Tive um vislumbre apavorante de um carrossel desabando na minha cabeça.

— São três pessoas — disse Reyna. — O número correto para uma missão. Agora…

— Duas e meia — interrompeu Meg.

Reyna franziu a testa.

— Como assim?

— Lester é meu servo. Nós somos uma equipe. Ele não deveria contar como um participante completo.

— Ah, para com isso! — protestei.

— Então podemos levar mais uma pessoa — propôs Meg.

Frank se empertigou.

— Eu adoraria…

— Se você não tivesse deveres de Pretor a cumprir — completou Reyna, olhando para ele com cara de *Você não vai me deixar sozinha, cara.* — Enquanto a equipe estiver fora, o resto de nós tem que preparar as defesas do vale. Tem muito a ser feito.

— Certo. — Frank suspirou. — Tem mais alguém…?

POP!

O som foi tão alto que metade dos Lares se desintegrou de susto. Vários senadores se enfiaram debaixo do banco.

Na fileira de trás, Lavínia estava com uma bola de chiclete rosa estourada na cara. Ela rapidamente soltou o chiclete e o enfiou de volta na boca.

— Lavínia — disse Reyna. — Perfeito. Obrigada por se voluntariar.

— Eu… Mas…

— Convoco a votação do Senado! — disse Reyna. — Vamos enviar Hazel, Lester, Meg e Lavínia numa missão para encontrar a tumba de Tarquínio?

A medida passou com unanimidade.

Recebemos aprovação total do Senado para procurar uma tumba debaixo de um carrossel e enfrentar o pior rei da história romana, que por acaso também era um lorde zumbi.

Meu dia só melhorava.

13

Desastre romântico
Sou um perigo para meninos e meninas
Quer sair comigo?

— **MASCAR CHICLETE AGORA** é crime.

Lavínia jogou do telhado um pedaço de seu sanduíche, que foi imediatamente capturado por uma gaivota.

Para nosso piquenique de almoço, ela me levou com Hazel e Meg ao lugar aonde mais gostava de ir para pensar: o telhado da torre do sino da Universidade de Nova Roma, cuja entrada descobriu sozinha. As pessoas não eram encorajadas a subir lá, mas também não era estritamente proibido; o tipo de espaço que Lavínia aparentemente mais gostava de habitar.

Ela explicou que gostava de ficar ali por ser logo acima do Jardim dos Faunos, aonde Reyna mais gostava de ir para pensar. Não era o caso no momento, mas, sempre que Reyna estava lá, Lavínia podia olhar para a pretora, trinta metros abaixo, e se gabar: *Ha-ha, meu lugar de pensar é mais alto do que o seu lugar de pensar.*

Ali, sentado nas telhas de argila vermelha precariamente inclinadas, com uma focaccia pela metade no colo, eu via a cidade e o vale espalhados lá embaixo; tudo que tínhamos a perder na invasão futura. Depois, ficavam as planícies de Oakland e a Baía de São Francisco, que em poucos dias estaria pontilhada de luxuosos iates bélicos de Calígula.

— Sinceramente. — Lavínia jogou outro pedaço de queijo quente para as gaivotas. — Se os legionários saíssem para fazer uma porcaria de uma *caminhada* de vez em quando, saberiam da existência da rua Gato Selvagem.

Eu assenti, embora desconfiasse de que a maioria dos legionários, que passavam boa parte do tempo marchando com armaduras pesadas, não veria muita graça em fazer caminhadas. Mas Lavínia parecia conhecer cada estradinha, trilha e túnel secreto num raio de trinta quilômetros do Acampamento Júpiter… porque, imagino eu, nunca se sabe quando será preciso dar uma escapada para ir a um encontro com uma Cicuta ou uma Beladona bonitinha.

Do meu outro lado, Hazel ignorou o wrap vegetariano e resmungou:

— Não acredito que Frank… Se oferecer como voluntário… Está péssimo depois das maluquices na batalha…

Ali perto, depois de ter massacrado seu almoço, Meg começou a dar

estrelas para ajudar na digestão. Cada vez que ela encostava no chão e recuperava o equilíbrio em cima das telhas frouxas, meu coração subia um pouco mais pela garganta.

— Meg, você poderia não fazer isso, *por favor*? — pedi.

— É divertido. — Ela fixou o olhar no horizonte e anunciou: — Eu quero um unicórnio. — E deu outra estrela.

Lavínia murmurou para o nada:

— Você estourou uma bola de chiclete, vai ser perfeita para a missão!

— Por que eu tenho que gostar de um cara que flerta com a morte? — refletiu Hazel.

— Meg — supliquei —, você vai cair.

— Um unicórnio pequeno serve — disse Meg. — Não é justo terem tantos aqui e eu não poder ficar com *nenhum*.

Continuamos esse quarteto desarmônico até uma águia gigante descer do céu, pegar o resto do queijo quente da mão de Lavínia e sair voando, deixando para trás um bando de gaivotas irritadas.

— Típico. — Lavínia limpou as mãos na calça. — Não posso nem comer um sanduíche em paz.

Enfiei o resto da focaccia na boca caso a águia resolvesse voltar em busca de mais.

— Bom — disse Hazel, suspirando —, pelo menos temos a tarde de folga para fazer planos. — Ela deu metade do wrap vegetariano para Lavínia.

Lavínia piscou, aparentemente sem saber como reagir ao gesto de gentileza.

— Eu... Hã, obrigada. Mas o que tem para planejar? Vamos até o carrossel, encontramos a tumba, tentamos não morrer.

Engoli o último pedaço, torcendo para que a comida empurrasse meu coração de volta para o local certo.

— Talvez a gente possa se concentrar na parte de *não morrer*. Por exemplo, por que esperar até de noite? Não seria mais seguro ir durante o dia?

— É sempre escuro no subterrâneo — disse Hazel. — Além do mais, durante o dia, vai ter muita criança no carrossel. Não quero que nenhuma se machuque. À noite, o local vai estar deserto.

Meg desabou do nosso lado, o cabelo parecendo um arbusto desgrenhado.

— E aí, Hazel, consegue fazer outras coisas bacanas debaixo da terra? Ouvi dizer que você consegue atrair diamantes e rubis.

Hazel franziu a testa.

— Quem disse?

— Lavínia, por exemplo — disse Meg.

— Ai, meus deuses! — disse Lavínia. — Valeu, hein, Meg!

Hazel olhou para o céu como se desejando que uma águia gigante descesse e a levasse embora.

— Eu consigo atrair metais preciosos, sim. Riquezas da terra. É uma coisa de Plutão. Mas não se pode gastar as coisas que eu atraio, Meg.

Eu me reclinei nas telhas.

— Porque são amaldiçoadas? Acho que me lembro de ouvir alguma coisa sobre uma maldição… e não foi Lavínia quem me contou nem nada — acrescentei depressa.

Hazel mexeu no wrap vegetariano.

— Não é bem uma *maldição* hoje em dia. Antigamente, eu não conseguia controlar. Diamantes, moedas de ouro, coisas assim brotavam do chão sempre que eu ficava nervosa.

— Legal — disse Meg.

— Não era, não — garantiu Hazel. — Se alguém pegasse os tesouros e tentasse gastá-los… coisas horríveis aconteciam.

— Ah. E agora? — perguntou Meg.

— Desde que conheci Frank… — Hazel hesitou. — Muito tempo atrás, Plutão me disse que um descendente de Poseidon acabaria com a minha maldição. É complicado, mas Frank *é* descendente de Poseidon por parte de mãe. Quando começamos a namorar… Ele é uma *boa pessoa*, sabe? Não estou dizendo que eu precisava de um rapaz para resolver meus problemas…

— Um *rapaz*? — questionou Meg.

A pálpebra direita de Hazel teve um espasmo.

— Desculpa. Eu cresci nos anos 1930. Às vezes, escorrego no vocabulário. Não estou dizendo que eu precisava de um *cara* para resolver meus problemas. Mas é que Frank tinha sua maldição própria para resolver e me entendia. Nós nos ajudamos em momentos ruins, conversando, reaprendendo a ser feliz. Ele me faz sentir…

— Amada? — sugeri.

Lavínia me encarou e murmurou: *Que fofo*.

Hazel dobrou as pernas.

— Não sei por que estou contando isso tudo. Mas, sim. Agora, controlo meus poderes bem melhor. Não surgem pedras preciosas do nada quando me chateio. Mesmo assim, essas pedras não devem ser usadas. Acho… Minha intuição diz que Plutão não gostaria disso. Não quero descobrir o que aconteceria se alguém tentasse.

Meg fez beicinho.

— Então você não pode me dar nem um diamante pequenininho? Só para eu brincar?

— Meg... — repreendi.

— Um rubi?

— Meg.

— Deixa pra lá. — Meg franziu a testa e ficou estudando sua camiseta de unicórnio, sem dúvida pensando em como ficaria legal decorada com vários milhões de dólares em pedras preciosas. — Eu só quero lutar.

— Você provavelmente vai realizar seu desejo — disse Hazel. — Mas não esqueça que esta noite a ideia é explorar e obter informações. Vamos precisar ser furtivos.

— Isso mesmo, Meg — falei. — Porque, se você lembra bem, *Apolo encara a morte na tumba de Tarquínio*. Se tenho que encarar a morte, prefiro fazer isso escondido nas sombras e fugir sem a morte nunca saber que estive lá.

Meg se irritou, como se eu tivesse sugerido uma regra injusta no pique-pega.

— Tudo bem. Acho que consigo ser furtiva.

— Que bom — disse Hazel. — E, Lavínia, nada de chiclete.

— Me dá algum crédito. Eu tenho movimentos bem sorrateiros. — Ela balançou os pés. — Filha de Terpsícore, sabe.

— Hum — respondeu Hazel. — Tudo bem. Peguem seus suprimentos e descansem. Vamos nos encontrar no Campo de Marte ao pôr do sol.

* * *

Descansar deveria ter sido uma tarefa fácil.

Meg foi explorar o acampamento (leia-se: ver os unicórnios de novo), deixando o quarto no segundo andar do café só para mim. Fiquei deitado no colchão, apreciando o silêncio, olhando para as íris de Meg recém-plantadas, que floresciam no vaso da janela. Ainda assim, não consegui dormir.

O ferimento na minha barriga latejava. Minha cabeça zumbia.

Pensei em Hazel Levesque, que deu a Frank os créditos por acabar com sua maldição. Todo mundo merecia alguém que pudesse acabar com maldições por meio do amor. Mas esse não era meu destino. Até meus maiores romances *provocaram* maldições, e não o contrário.

Dafne. Jacinto.

E, mais tarde, sim, a Sibila de Cumas.

Eu me lembrava do dia em que nos sentamos na praia, o Mediterrâneo esparramado na nossa frente como uma folha de vidro azul. Atrás de nós, na colina onde ficava a caverna da Sibila, as oliveiras tostavam e as cigarras zumbiam no calor do verão do sul da Itália. Ao longe estava o monte Vesúvio, enevoado e roxo.

Conjurar uma imagem da Sibila era mais difícil; não a mulher corcunda e desgrenhada que vi na sala do trono de Tarquínio, mas a linda jovem naquela praia, séculos antes, quando Cumas ainda era

uma colônia grega.

Eu amava tudo nela: o sol se refletindo em seu cabelo, o brilho malicioso nos olhos, o sorriso fácil. Ela não parecia se importar por eu ser um deus, apesar de precisar abrir mão de tudo para ser meu Oráculo: da família, do futuro, até mesmo do nome. Depois do juramento a mim, passou a ser conhecida apenas como Sibila, a voz de Apolo.

Mas isso não foi suficiente para mim. Eu estava apaixonado. Convenci-me de que era amor, o verdadeiro romance que apagaria todos os meus erros anteriores. Eu queria que Sibila fosse minha parceira por toda a eternidade. Com o passar daquela tarde, tentei convencê-la e supliquei.

— Você poderia ser muito mais do que minha sacerdotisa — pedi. — Case comigo!

Ela riu.

— Você não pode estar falando sério.

— Estou! Peça qualquer coisa em troca e será sua.

Ela enrolou uma mecha de cachos castanhos no dedo.

— Tudo que eu sempre quis foi ser Sibila, guiar as pessoas desta terra para um futuro melhor. Você já me deu isso. Então, *ha-ha*, o jogo virou.

— Mas… mas você só tem uma vida! Se fosse imortal, poderia guiar os humanos para uma vida melhor eternamente, ao meu lado!

Ela me olhou de soslaio.

— Apolo, por favor. Você enjoaria de mim depois de uma semana.

— Nunca!

— Então está dizendo — ela pegou dois punhados de areia — que, se eu desejasse essa quantidade de grãos de areia nas minhas mãos em anos de vida, você me daria.

— Está feito! — declarei. Na mesma hora, senti parte do meu poder fluindo para a força vital dela. — E agora, meu amor…

— Opa, opa! — Ela largou a areia, levantou-se e começou a recuar como se de repente eu tivesse ficado radioativo. — Foi hipotético, seu galanteador! Eu não aceitei…

— O que está feito está feito! — Eu me levantei. — Um desejo não pode ser retirado. Agora você precisa honrar sua parte do acordo.

Os olhos dela se arregalaram de pânico.

— Eu… Eu não posso. Não quero!

Eu ri, achando que ela só estava nervosa. Abri os braços.

— Não tenha medo.

— *É claro* que estou com medo! — Ela recuou ainda mais. — Nada de bom acontece com seus amantes! Eu só queria ser sua Sibila, e agora você estragou tudo!

Meu sorriso desmoronou. Senti meu ardor esfriando, ficando

tempestuoso.

— Não me irrite, Sibila. Estou lhe oferecendo o universo. Já lhe dei vida quase imortal. Você não pode recusar o pagamento.

— *Pagamento?* — Ela cerrou os punhos. — Como ousa pensar em mim como uma *transação*?

Eu franzi a testa. A tarde não estava se desenrolando como eu tinha planejado.

— Eu não quis dizer… Obviamente, eu não estava…

— Bom, *lorde* Apolo — rosnou ela —, se isso é uma transação, vou adiar o pagamento até sua parte do acordo estar completa. Você mesmo disse: vida *quase* imortal. Vou viver até os grãos de areia acabarem, não é? Volte a me procurar no final desse período. Se ainda me quiser, serei sua.

Meus ombros despencaram. De repente, todas as coisas que eu amava em Sibila se tornaram características que eu odiava: a atitude determinada, a insubordinação, a beleza irritante e inalcançável. Principalmente a beleza.

— Muito bem. — Minha voz ficou inacreditavelmente fria para um deus do Sol. — Quer discutir as letras miúdas do seu *contrato*? Eu prometi vida, não juventude. Você pode ter seus séculos de existência. Vai continuar sendo minha Sibila. Não posso retirar essas coisas depois de concedidas. Mas você vai envelhecer. Vai murchar. Não vai *conseguir* morrer.

— Eu prefiro isso! — As palavras ditas eram desafiadoras, mas a voz falhou de medo.

— Ótimo! — respondi com rispidez.

— Ótimo! — gritou ela.

Sumi em uma coluna de chamas depois de ter conseguido deixar as coisas bem estranhas mesmo.

Ao longo dos séculos, Sibila murchou, como disse que aconteceria. A forma física durou mais do que a de qualquer mortal comum, mas a dor que lhe causei, o sofrimento duradouro… Mesmo que tivesse arrependimentos, eu não poderia retirar minha maldição precipitada da mesma forma que ela não poderia retirar seu desejo. Finalmente, próximo ao fim do Império Romano, ouvi rumores de que o corpo de Sibila tinha apodrecido completamente, e mesmo assim ela não morria. As cuidadoras mantinham sua força vital, um leve sussurro de voz, em um pote de vidro.

Supus que o pote houvesse se perdido um tempo depois. Que os grãos de areia de Sibila tivessem finalmente acabado. Mas e se eu estivesse errado? Se ela ainda estivesse viva, eu duvidava de que usaria o sussurro de voz que restava para enaltecer Apolo nas redes sociais.

Eu merecia o ódio dela. Enfim entendi isso.

Ah, Jason Grace… Eu prometi a você que me lembraria de como era ser humano. Mas por que a vergonha humana tinha que doer tanto? Por que não havia um botão de desligar?

E, ao pensar em Sibila, eu não podia deixar de considerar a *outra* jovem com uma maldição: Reyna Avila Ramírez-Arellano.

Fui pego totalmente de surpresa no dia em que entrei na sala do trono no Monte Olimpo, elegantemente atrasado para nossa reunião, como sempre, e encontrei Vênus estudando a imagem luminosa de uma jovem que flutuava sobre a palma de sua mão. A expressão da deusa estava cansada e perturbada… algo que eu não via com frequência.

— Quem é essa? — perguntei, com ingenuidade. — Ela é linda.

Foi o gatilho de que Vênus precisava para soltar toda a sua fúria. Ela me contou o destino de Reyna: nenhum semideus seria capaz de curar o coração dela. Mas isso NÃO queria dizer que eu era a resposta para o problema de Reyna. Pelo contrário. Na frente de todo o conjunto de deuses, Vênus anunciou que eu era indigno. Um desastre. Eu havia arruinado todos os relacionamentos que vivi e deveria manter minha fuça divina longe de Reyna, senão Vênus me amaldiçoaria com mais azar no amor do que eu já tinha.

A gargalhada debochada dos outros deuses ainda ecoava nos meus ouvidos.

Se não fosse aquele encontro, eu talvez nem soubesse que Reyna existia. Eu certamente não a cobiçava. Mas sempre queremos o que não podemos ter. Quando Vênus declarou que Reyna era proibida, eu passei a ficar fascinado por ela.

Por que Vênus foi tão enfática? O que o destino de Reyna significava?

Acho que agora entendo tudo. Como Lester Papadopoulos, eu não tinha mais uma *fuça divina*. Eu não era mortal, nem deus nem semideus. Vênus por acaso sabia que isso aconteceria um dia? Será que havia me mostrado Reyna e me avisado para ficar longe dela sabendo perfeitamente bem que eu acabaria ficando obcecado?

Vênus era uma deusa ardilosa. Fazia jogos dentro de jogos. Se meu destino fosse me tornar o verdadeiro amor de Reyna, acabar com a maldição dela como Frank fez com Hazel, será que Vênus permitiria?

Mas, ao mesmo tempo, eu *era* um desastre no amor. Tinha estragado todos os meus relacionamentos. Só gerei destruição e sofrimento para os rapazes e moças que amei. Como poderia acreditar que seria bom para a pretora?

Fiquei deitado no colchão, os pensamentos girando na cabeça até o fim da tarde. Acabei desistindo da ideia de descansar. Peguei meus suprimentos — a aljava, o arco, o ukulele e a mochila — e saí. Eu precisava de orientação e só conseguia pensar em um jeito de

conseguir.

14

Flecha relutante
Conceda-me uma dádiva:
Permissão pra pular fora

EU TINHA O Campo de Marte todo para mim.

Como não havia nenhum jogo de guerra marcado para aquela noite, eu podia brincar no campo quanto quisesse, admirando os destroços de carruagens, ameias quebradas, poços fumegantes e trincheiras cheias de espetos afiados. Outra caminhada romântica ao pôr do sol desperdiçada por não ter com quem compartilhar.

Subi em uma antiga torre de cerco e me sentei virado para as colinas do norte. Respirei fundo, enfiei a mão na aljava e peguei a Flecha de Dodona. Eu tinha passado vários dias sem falar com meu projétil perspicaz irritante, o que eu considerava uma vitória, mas, que os deuses me ajudassem, não consegui pensar em ninguém a quem recorrer.

— Preciso de ajuda.

A flecha permaneceu em silêncio, talvez surpresa pela minha admissão. Ou talvez eu tivesse pegado a flecha errada e estivesse falando com um objeto inanimado. Finalmente, a haste tremeu na minha mão. A voz ressoou na minha mente como um diapasão tespiense: *TUAS PALAVRAS SÃO VERDADEIRAS. MAS EM QUE SENTIDO FALAS?*

O tom pareceu menos desdenhoso que o habitual. Isso me assustou.

— Eu… Eu tenho que demonstrar força — falei. — De acordo com Lupa, tenho que salvar a situação, senão a matilha, Nova Roma, vai morrer. Mas como eu *faço* isso?

Contei para a flecha tudo que tinha acontecido nos dias anteriores: meu encontro com os eurínomos, meus sonhos com os imperadores e com Tarquínio, minha conversa com Lupa, nossa missão do Senado romano. Para minha surpresa, foi bom desabafar sobre meus problemas. Considerando que a flecha não tinha ouvidos, até que era uma boa ouvinte. Não parecia entediada, chocada ou repugnada porque não tinha rosto.

— Eu cheguei ao Tibre vivo — resumi —, como a profecia disse. Agora, como eu “começo a dançar”? Esse corpo mortal tem um botão “reiniciar”?

A flecha zumbiu: *PENSAREI SOBRE ISSO.*

— Só isso? Nenhum conselho? Nenhum comentário mordaz?

DÁ-ME TEMPO PARA CONSIDERAR, Ó IMPACIENTE LESTER.

— Mas eu não *tenho* tempo! Vamos sair para a tumba de Tarquínio em… — Olhei para oeste, onde o sol começava a descer atrás das colinas — basicamente, agora!

A JORNADA ATÉ A TUMBA NÃO VAI SER TEU DESAFIO FINAL. A NÃO SER QUE TU SEJAS MUITO RUIM MESMO.

— Isso é para me animar?

NÃO LUTES COM O REI, disse a flecha. *ESCUTA O QUE TU NECESSITAS E METE O PÉ.*

— Você acabou de usar a expressão “meter o pé”?

TENTO FALAR ABERTAMENTE CONTIGO, CONCEDER-TE UMA DÁDIVA, E TU AINDA RECLAMAS.

— Agradeço uma boa dádiva como qualquer um agradeceria. Mas, se quero contribuir com essa missão e não só ficar escondido num canto, preciso saber como — minha voz falhou — como ser *eu* de novo.

A vibração na flecha foi quase como um ronronado de gato, tentando acalmar um humano perturbado. *TENS CERTEZA DE QUE ESSA É TUA VONTADE?*

— Como assim? — perguntei. — Esse é o objetivo! Tudo que estou fazendo é pra…

— Você está falando com a flecha? — perguntou uma voz abaixo de mim.

Na base da torre de cerco estava Frank Zhang com o elefante Hannibal ao lado, batendo a pata na lama com impaciência.

Eu estava tão distraído que deixei um elefante me pegar de surpresa.

— Oi — gemi, a voz ainda carregada de emoção. — Eu só estava… Esta flecha dá conselhos proféticos. Ela fala. Na minha cabeça.

O abençoado Frank conseguiu não esboçar qualquer reação.

— Tudo bem. Posso ir embora se…

— Não, não. — Enfiei a flecha de volta na aljava. — Ela precisa de tempo para pensar. O que trouxe você aqui?

— Vim trazer o elefante para passear. — Frank apontou para Hannibal, caso eu não soubesse a qual elefante ele se referia. — Ele fica agitado quando não temos jogos de guerra. Bobby era o cuidador do elefante, mas…

Frank deu de ombros, impassível. Entendi o que ele queria dizer: Bobby foi outra casualidade da batalha. Morto… ou coisa pior.

Hannibal deu um grunhido grave. Passou a tromba em volta de um aríete, levantou-o e começou a batê-lo no chão como se fosse um pilão.

Isso me lembrou minha amiga elefante Lívia na Estação Intermediária de Indianápolis. Ela também estava sofrendo a perda do companheiro nos jogos brutais de Cômodo. Se sobrevivêssemos à

batalha que viria, talvez eu devesse tentar apresentar Lívia a Hannibal. Eles formariam um casal fofo.

Dei um tapa mental no meu próprio rosto. O que eu estava pensando? Já tinha preocupações demais para ficar bancando o cupido entre paquidermes.

Saí de onde estava, tomando o cuidado de proteger a barriga com curativo.

Frank me observou, talvez estivesse preocupado com a rigidez dos meus movimentos.

— Pronto para sua missão? — perguntou.

— Alguém já respondeu *sim* para essa pergunta?

— Tem razão.

— E o que vocês vão fazer enquanto estivermos fora?

Frank passou a mão pelo cabelo curto.

— Tudo que pudermos. Fortalecer as defesas do vale. Manter Ella e Tyson trabalhando nos livros sibilinos. Enviar águias para vigiar a costa. Manter a legião fazendo exercícios para que não tenham tempo de se preocupar com o que vai acontecer. Mas o principal? Estar com as tropas, garantir que tudo vai ficar bem.

Mentir para eles, em outras palavras, pensei, embora fosse um gesto amargo e cruel.

Hannibal enfiou o aríete em um buraco. Bateu no tronco velho como quem diz *Pronto, amiguinho. Pode começar a crescer de novo.*

Até o elefante estava terrivelmente otimista.

— Não sei como você consegue — admiti. — Se manter positivo depois de tudo que aconteceu.

Frank chutou um pedaço de pedra.

— Qual é a alternativa?

— Colapso nervoso? — sugeri. — Fugir? Mas até que sou novo nessa coisa de *mortalidade*.

— Ah, bom. Não posso dizer que essas ideias não passaram pela minha cabeça, só que não se pode fazer isso quando se é pretor. — Ele franziu a testa. — Mas estou preocupado com Reyna. Ela está carregando o peso há mais tempo do que eu. *Anos* a mais. Todo esse esforço… Sei lá. Eu só queria poder ajudar mais.

Relembrei o aviso de Vênus: *Você não vai chegar com essa fuça divina indigna perto dela*. Eu não sabia qual ideia era mais apavorante: a de que eu poderia tornar a vida da Reyna pior ou a de que poderia ser responsável por alguma melhora.

Frank aparentemente interpretou errado minha expressão de preocupação.

— Ei, você vai ficar bem. Hazel vai te proteger. Ela é uma semideusa poderosa.

Eu assenti, tentando engolir o amargor na boca. Estava cansado de

ser protegido pelos outros. Se consultei a flecha foi justamente para tentar entender como poderia voltar ao trabalho de proteger os *outros*. Isso era tão fácil com meus poderes divinos.

Será que era mesmo?, outra parte do meu cérebro perguntou. *Você protegeu a Sibila? Jacinto ou Dafne? Ou seu próprio filho, Esculápio? Devo continuar?*

Cala a boca, eu, pensei.

— Hazel parece mais preocupada com *você* — comentei. — Ela mencionou que você fez algumas maluquices na última batalha.

Frank se mexeu como se tentasse tirar um cubo de gelo de dentro da camisa.

— Não foi bem assim. Eu só fiz o que tinha que fazer.

— E seu graveto? — Apontei para a bolsinha pendurada no cinto. — Você não está preocupado com o que a Ella disse...? Sobre fogo e pontes?

Frank abriu um sorrisinho seco.

— Como assim, preocupado, eu?

Ele enfiou a mão na bolsinha e tirou casualmente o elemento do qual sua vida dependia: um pedaço de madeira queimada do tamanho de um controle remoto. Jogou-o para o alto e pegou, o que quase me causou um ataque de pânico. Foi quase como se tivesse arrancado o coração ainda batendo e começado a fazer malabarismos.

Até o Hannibal parecia incomodado. O elefante se mexeu e balançou a cabeça enorme.

— Esse pedaço de madeira não deveria estar no cofre do *principia*? — perguntei. — Ou coberto de retardante de chamas mágico, pelo menos?

— A bolsinha é à prova de fogo. Presente do Leo. Hazel carregou pra mim por um tempo. Conversamos sobre outras formas de mantê-lo protegido. Mas, sinceramente, eu meio que aprendi a aceitar o perigo. Prefiro carregar o graveto comigo. Sabe como é quando se trata de profecias. Quanto mais tentamos evitar, mais fracassamos.

Taí uma verdade. Ainda assim, havia uma linha tênue entre aceitar o destino e provocá-lo.

— Estou supondo que Hazel ache você descuidado.

— Essa conversa nunca acaba. — Ele guardou o graveto na bolsa. — Eu juro que *não* gosto de flertar com a morte. É que... não posso deixar o medo me frear. Cada vez que lidero a legião numa batalha, tenho que botar tudo em jogo, me comprometer cem por cento com a batalha. Nós todos. É o único jeito de vencer.

— Essa é uma coisa bem *Marte* de se dizer — comentei. — Apesar das minhas muitas diferenças com Marte, isso foi um elogio.

Frank assentiu.

— Sabe, eu estava bem aqui quando Marte apareceu no campo de

batalha no ano passado e me disse que eu era filho dele. Parece que faz tanto tempo. — Ele me observou rapidamente. — Não acredito que eu achava…

— Que eu era seu pai? Mas somos tão parecidos.

Ele riu.

— Só se cuida, tá? Acho que não aguento um mundo sem Apolo.

O tom dele foi tão genuíno que fiquei com os olhos marejados. Tinha começado a aceitar que ninguém queria Apolo de volta, nem meus companheiros deuses, nem os semideuses, talvez nem mesmo minha flecha falante. Mas Frank Zhang ainda acreditava em mim.

Antes que pudesse fazer algo constrangedor, como abraçar, chorar ou começar a acreditar que eu era um indivíduo digno, vi meus três parceiros de missão se aproximarem.

Lavínia usava uma camiseta roxa do acampamento e um short jeans velho por cima de uma legging prateada. Os tênis tinham cadarços cor-de-rosa com glitter que combinavam com o cabelo da menina e sem dúvida a ajudavam com os movimentos furtivos. A manubalista estava pendurada no ombro.

Hazel estava um pouco mais ninja com o jeans preto, o casaco de zíper também preto e a espada enorme de cavalaria presa no cinto. Lembrei que ela preferia a espata porque às vezes lutava a cavalo, montada em Arion, o garanhão imortal. Infelizmente, eu duvidava que Hazel fosse convocar Arion para nossa missão do dia. Um cavalo mágico não seria muito útil para entrar escondido em uma tumba subterrânea.

Quanto a Meg, era a mesma Meg de sempre. Os tênis vermelhos de cano alto e a legging amarela em um conflito épico com a nova camiseta de unicórnio, que ela parecia determinada a usar até se desfazer. Ela tinha colocado curativos adesivos nas bochechas, como guerreiros e jogadores de futebol às vezes fazem. Talvez achasse que isso lhe daria um visual “militar”, embora os curativos tivessem estampas da Dora, a Aventureira.

— Para que isso? — perguntei.

— Afastam a luz dos meus olhos.

— Vai anoitecer daqui a pouco. Nós vamos para debaixo da terra.

— Me deixam assustadora.

— Nem perto disso.

— Cala a boca — ordenou ela, e obviamente eu tive que calar.

Hazel tocou no cotovelo do Frank.

— Posso falar com você um segundo?

Não era uma pergunta. Ela o levou para longe, seguida por Hannibal, que pelo visto tinha concluído que a conversa particular entre eles precisava de um elefante.

— Ei. — Lavínia se virou para Meg e para mim. — Pode ser que a

gente acabe esperando um bom tempo. Quando aqueles dois começam a querer um cuidar do outro… Eu juro, se eles pudessem envolver o outro com pedacinhos de isopor, eles envolveriam.

Ela falou com certo tom de crítica e certo tom de melancolia, como se desejasse ter uma namorada superprotetora que *a* envolvesse com pedacinhos de isopor. Eu entendia bem.

Hazel e Frank tiveram uma conversa tensa. Eu não conseguia ouvir o que diziam, mas imaginei algo mais ou menos assim:

Estou preocupada com você.

Não, eu *estou preocupado com* você.

Mas eu *estou* mais *preocupada.*

Não, eu *estou mais preocupado.*

Enquanto isso, Hannibal ficou batendo o pé no chão e grunhindo como se estivesse se divertindo.

Finalmente, Hazel tocou o braço de Frank, como se tivesse medo de que ele fosse se dissolver em fumaça. Depois, voltou até nós.

— Tudo bem — anunciou ela, a expressão obstinada. — Vamos procurar essa tumba antes que eu mude de ideia.

15

Carrossel de pesadelo
Pode deixar seus filhos andarem
Eles vão ficar ótimos

— **QUE BELA NOITE** para uma caminhada — disse Lavínia.

O mais triste era que eu acho que ela estava falando sério.

Àquela altura, já estávamos andando em Berkeley Hills havia mais de uma hora. Apesar do tempo fresco, eu estava pingando de suor e sem fôlego. Por que as colinas tinham que ser inclinadas? E Lavínia não queria saber de ficar nos vales. Ah, não. Ela queria conquistar todos os cumes, sem qualquer motivo aparente. Que nem tolos, fomos atrás dela.

Atravessamos o limite do Acampamento Júpiter tranquilamente. Término nem apareceu para checar nosso passaporte. Até aquele momento, não tínhamos sido abordados por ghouls e nem por faunos pedindo esmola.

O ambiente era bem agradável. A trilha serpenteava em meio a sálvia e louro aromáticos. À esquerda, uma neblina prateada cobria a Baía de São Francisco. À frente, as colinas formavam um arquipélago de escuridão no oceano de luzes das cidades. Parques regionais e reservas naturais mantinham a área praticamente selvagem, explicou Lavínia.

— Só tomem cuidado com os pumas — disse ela. — Tem muitos nessas colinas.

— Nós vamos enfrentar mortos-vivos — falei — e você está preocupada com pumas?

Lavínia me lançou um olhar que dizia *Cara.*

Ela estava certa, claro. Com a minha sorte, eu provavelmente iria até ali, lutaria com monstros e imperadores do mal e acabaria morto por um gato gigante.

— Falta muito? — perguntei.

— De novo, não — disse Lavínia. — Você nem está carregando um caixão desta vez. Estamos na metade do caminho.

— Metade. E a gente não podia ter vindo de carro, águia gigante ou elefante?

Hazel me deu um tapinha no ombro.

— Relaxa, Apolo. Chegar sorrateiramente a pé chama menos atenção. Além do mais, essa missão é fácil. A maioria das minhas é do tipo *Vá para o Alasca e lute com literalmente tudo que tiver no caminho* ou *Veleje metade do mundo e passe meses vomitando.* Esta é só *Suba*

aquela colina e olhe um carrossel.

— Um carrossel *infestado de zumbis* — corrigi. — E já subimos várias colinas.

Hazel olhou para Meg.

— Ele sempre reclama assim?

— Ele reclamava bem mais.

Hazel assobiou de leve.

— Eu sei — concordou Meg. — Um bebezão.

— Como é que é? — exclamei.

— *Shh* — disse Lavínia antes de fazer e estourar uma bola rosa enorme. — Furtivamente, lembra?

Continuamos pela trilha por mais uma hora, mais ou menos. Assim que passamos por um lago prateado entre as colinas, não pude deixar de pensar que era o tipo de lugar que minha irmã amaria. Ah, como eu queria que ela aparecesse com as Caçadoras!

Apesar das nossas diferenças, Ártemis me entendia. Bom, está bem, ela me tolerava. Na maior parte do tempo. Tudo bem, *às vezes*. Eu desejava ver seu rosto lindo e irritante de novo. Veja quão patético e solitário eu estava.

Meg andava alguns metros à minha frente, ao lado de Lavínia, para compartilharem chiclete e conversarem sobre unicórnios. Hazel ia ao meu lado, embora eu tivesse a sensação de que ela só queria mesmo era ter certeza de que eu não ia cair.

— Você não está com uma cara muito boa — observou ela.

— Como você sabe? Pelo suor? A respiração ofegante?

Na escuridão, os olhos dourados de Hazel lembravam os de uma coruja: extremamente alerta, pronta para voar ou atacar, o que fosse necessário.

— Como está o ferimento na barriga?

— Melhor — falei, embora tivesse cada vez mais dificuldade de convencer a mim mesmo.

Hazel arrumou o rabo de cavalo, mas era uma batalha perdida. O cabelo era tão comprido, tão cacheado e volumoso que ficava fugindo do elástico.

— Chega de cortes, tá? Tem mais alguma coisa que você pode me contar sobre Tarquínio? As fraquezas? Os pontos cegos? O que o irrita?

— Não ensinam história romana como parte do treinamento da legião?

— Bom, sim. Mas posso ter me desligado durante as aulas. Eu estudava numa escola católica em Nova Orleans nos anos 1930. Tenho muita experiência em me desligar dos professores.

— Nossa, entendo. Sócrates. Muito inteligente e tal, mas seus grupos de discussão… não eram lá muito cativantes.

— Mas e Tarquínio?

— Certo. Ele era louco por poder. Arrogante. Violento. Matava qualquer um que ficasse em seu caminho.

— Como os imperadores.

— Mas sem o refinamento deles. Tarquínio também era obcecado por projetos arquitetônicos. Ele começou o Templo de Júpiter. O esgoto principal de Roma também.

— Queria entrar para a história.

— Os súditos acabaram ficando tão cansados dos impostos e do trabalho forçado que se rebelaram.

— Eles não gostavam de cavar um esgoto? Não consigo imaginar por quê.

Passou pela minha cabeça que Hazel não estava tão interessada nas minhas informações, e sim em me distrair das minhas preocupações. Achei legal da parte dela, mas tive dificuldade de retribuir o sorriso. Ficava pensando na voz de Tarquínio falando através do ghoul no túnel. Ele sabia o nome de Hazel. Prometeu a ela um lugar especial em sua horda de mortos-vivos.

— Tarquínio é ardiloso — falei. — Como qualquer verdadeiro psicopata, sempre foi bom em manipular pessoas. Quanto a fraquezas, não sei. A implacabilidade, talvez. Mesmo depois que foi expulso de Roma, nunca parou de tentar recuperar a coroa. Ficava reunindo novos aliados, atacando a cidade várias e várias vezes, mesmo quando estava claro que ele não tinha força para vencer.

— Ao que parece, ele ainda não desistiu. — Hazel tirou um galho de eucalipto do caminho. — Bom, vamos seguir o plano: entrar rapidamente, investigar, sair. Pelo menos Frank está em segurança no acampamento.

— Você valoriza a vida dele mais que a sua?

— Não. Bom…

— Pode parar no *não*.

Hazel deu de ombros.

— É que Frank parece estar *procurando* perigo atualmente. Ele não te contou o que fez na Batalha da Lua Nova, né?

— Ele disse que a batalha virou no Pequeno Tibre. Que zumbis não gostam de água corrente.

— *Frank* virou a maré da batalha quase sozinho. Os semideuses estavam caindo em volta dele. Ele continuou lutando, se transformou em uma cobra gigante, em dragão, em hipopótamo. — Ela estremeceu. — Ele é um hipopótamo *apavorante*. Quando Reyna e eu conseguimos levar reforços, o inimigo já estava recuando. Frank não teve medo. Eu só… — A voz dela ficou mais tensa. — Não quero perdê-lo. Principalmente depois do que aconteceu com Jason.

Tentei comparar Frank Zhang da história de Hazel, um hipopótamo

destemido, uma máquina de matar, com o pretor tranquilo e fofo que dormia de pijama amarelo com estampa de águias e ursos. Lembrei de como jogou, casualmente, o pedaço de madeira para cima. Ele me garantiu que não gostava de flertar com a morte. Mas Jason Grace também não gostava.

— Eu não pretendo perder mais ninguém — falei para Hazel.

Controlei-me antes de fazer uma promessa.

A deusa do rio Estige havia me esfolado por causa dos meus juramentos não cumpridos. Ela tinha me avisado que todo mundo ao redor pagaria pelos meus crimes. Lupa também previu mais sangue e sacrifício. Como eu poderia prometer a Hazel que qualquer um de nós ficaria bem?

Lavínia e Meg pararam tão abruptamente que quase topei com elas.

— Está vendo? — Lavínia apontou por uma abertura nas árvores. — Estamos quase chegando.

No vale abaixo, um estacionamento vazio e uma área de piquenique ocupavam uma clareira nas sequoias. Na extremidade da campina, silencioso e imóvel, havia um carrossel com todas as luzes acesas.

— Por que está ligado? — questionei.

— Pode ser que tenha alguém em casa — disse Hazel.

— Eu gosto de carrosséis — disse Meg, e seguiu para o caminho.

* * *

O carrossel tinha um domo marrom que parecia um chapéu de safári gigante. Por trás de uma barricada de grades azul-petróleo e amarelas, o brinquedo ardia com centenas de luzes. Os animais pintados lançavam sombras longas e distorcidas na grama. Os cavalos pareciam paralisados de pânico, os olhos enlouquecidos, as pernas da frente chutando. Uma zebra tinha a cabeça erguida como se em sofrimento. Um galo gigante ostentava a crista vermelha e esticava as garras. Havia até um cavalo-marinho como o amigo de Tyson, Arco-Íris, mas parecia estar rosnando. Que tipo de pai ou mãe deixaria o filho andar em criaturas tão horrorosas? Talvez Zeus, pensei.

Nós nos aproximamos com cautela, mas nada pareceu uma ameaça, nem vivo nem morto. O local estava vazio, apenas inexplicavelmente iluminado.

As espadas reluzentes de Meg fizeram a grama bruxulear aos pés dela. Lavínia empunhou a manubalista engatilhada e pronta. Com o cabelo rosa e os membros compridos, ela era quem tinha mais chance de se esgueirar até os animais do carrossel e se camuflar entre eles, mas decidi não compartilhar essa observação, pois certamente acabaria levando um tiro. Hazel deixou a espada na bainha. Mesmo de

mãos vazias, irradiava um aspecto mais ameaçador do que qualquer um de nós.

Eu me perguntei se deveria pegar meu arco. Mas olhei para baixo e percebi que instintivamente tinha preparado meu ukulele de combate. Certo. Eu poderia providenciar uma canção alegre se nos víssemos no meio de uma batalha. Isso contava como heroísmo?

— Tem alguma coisa errada — murmurou Lavínia.

— Jura?

Meg se agachou. Botou uma das espadas no chão e tocou na grama com a ponta dos dedos. Sua mão gerou uma ondulação no gramado, como uma pedra caindo na água.

— Tem algo errado com o solo aqui — disse ela. — As raízes não querem ir fundo.

Hazel arqueou as sobrancelhas.

— Você fala com plantas.

— Não é bem falar — respondeu Meg. — Mas, sim. Nem as árvores gostam daqui. Elas estão tentando crescer para longe daquele carrossel o mais rápido possível.

— O que, considerando que são árvores, não é muito rápido — observei.

Hazel observou os arredores.

— Vamos ver o que consigo descobrir.

Ela se ajoelhou na beirada da base do carrossel e encostou a palma da mão no concreto. Não vimos nenhuma ondulação, nada ressoando nem tremendo, mas depois de contar até três, Hazel afastou a mão. Cambaleou para trás e quase caiu em cima de Lavínia.

— Deuses. — O corpo todo dela tremia. — Tem… Tem um complexo *enorme* de túneis aí embaixo.

Minha boca ficou seca.

— Parte do Labirinto?

— Não. Acho que não. Parece isolado. A estrutura é antiga, mas… mas não está aqui há muito tempo. Sei que não faz sentido.

— Faz, se a tumba foi realocada — falei.

— Ou voltou a crescer — sugeriu Meg. — Como uma árvore podada. Ou um esporo de fungo.

— Que nojo — disse Lavínia.

Hazel abraçou os cotovelos.

— O local está cheio de morte. Eu sou filha de Plutão. Já estive no Mundo Inferior. Mas isso é pior, não sei dizer como.

— Não morri de amores por isso — murmurou Lavínia.

Olhei para o meu ukulele, desejando ter levado um instrumento maior atrás do qual pudesse me esconder. Um contrabaixo, talvez.

— Como a gente vai entrar?

Eu esperava que a resposta fosse *Droga, não dá*.

— Por ali. — Hazel apontou para uma parte do concreto diferente do resto.

Nós a seguimos até lá. Ela passou os dedos pela superfície escura, deixando marcas prateadas reluzentes que contornavam uma placa retangular do tamanho de um caixão. Ah, por que eu tinha que fazer logo essa analogia?

Ela posicionou a mão no meio do retângulo.

— Acho que tenho que escrever alguma coisa aqui. Uma combinação, talvez?

— *Para a porta abrir no ato* — relembrou Lavínia —*, dois cinquenta e quatro.*

— Espere! — Lutei contra uma onda de pânico. — Tem várias formas de escrever "dois cinquenta e quatro".

Hazel assentiu.

— Algarismos romanos, então?

— Sim. Mas dois cinco quatro seria escrito de um jeito diferente em algarismos romanos do que duzentos e cinquenta e quatro, que é diferente de dois e cinquenta e quatro.

— Qual desses, então? — perguntou Meg.

Tentei pensar.

— Tarquínio teria um motivo para escolher esse número. E seria algo sobre ele mesmo.

Lavínia estourou uma pequena bola de chiclete, discretamente.

— Tipo usar o aniversário como senha?

— Exatamente — falei. — Mas ele não usaria o aniversário. Não nesta tumba. Talvez a data de morte? Só que não pode ser isso. Ninguém tem certeza de quando ele morreu, porque estava em exílio e foi enterrado secretamente, mas deve ter sido por volta de 495 a.C., não 254.

— Sistema errado de datas — disse Meg.

Nós todos olhamos para ela.

— O que foi? — perguntou ela. — Fui criada no palácio de um imperador do mal. Nós datávamos tudo a partir da fundação de Roma. AUC. *Ab urbe condita*, certo?

— Meus deuses! — exclamei. — Boa, Meg. E 254 AUC seria… Vejamos… 500 a.C. É bem perto de 495.

Os dedos de Hazel continuaram pairando hesitantes sobre o concreto.

— Perto o suficiente para corrermos o risco?

— Sim — falei, tentando canalizar meu nível Frank Zhang de confiança. — Escreva como data: duzentos e cinquenta e quatro. *C-C-L-I-V*.

Hazel fez isso. Os números brilharam em prateado. A placa de pedra inteira se dissipou em fumaça, revelando degraus que levavam à

escuridão.

— Muito bem — disse Hazel. — Tenho a sensação de que a próxima parte vai ser mais difícil. Venham comigo. Pisem só onde eu pisar. E *não* façam nenhum barulho.

16

Conheçam o novo Tarquínio
É igual ao velho, mas
Com bem menos carne

ENTÃO… nada de melodias alegres no ukulele.

Tudo bem.

Segui silenciosamente Hazel pelos degraus da tumba-carrossel.

Enquanto descíamos, me perguntei por que Tarquínio tinha escolhido morar embaixo de um carrossel. Ele tinha visto a esposa atropelar o próprio pai com uma carruagem. Talvez gostasse de ter um anel infinito de cavalos e monstros circulando acima de seu local de descanso, protegendo a tumba com suas expressões ferozes, mesmo que na maior parte do tempo fossem cavalgados por criancinhas mortais. (Que, de certa forma, eu achava igualmente ferozes.) Tarquínio tinha um senso de humor brutal. Ele gostava de destruir famílias, de transformar a alegria delas em sofrimento. Era o tipo de pessoa que usaria crianças como escudo sem pensar duas vezes. Sem dúvida achava divertido colocar a tumba embaixo de um brinquedo de criança luminoso e colorido.

Meus joelhos tremeram de pavor. Precisei me lembrar de que havia um motivo para eu estar adentrando o covil daquele assassino. Não lembrava bem que motivo era esse no momento, mas tinha que haver um.

Os degraus terminavam em um longo corredor, as paredes de calcário decoradas com fileiras de máscaras mortuárias de gesso. A princípio, não achei isso estranho. A maioria dos romanos ricos tinha uma coleção de máscaras mortuárias em homenagem aos ancestrais. Mas aí, reparei nas expressões das máscaras. Como os animais do carrossel, os rostos de gesso estavam paralisados em expressões de pânico, sofrimento, fúria e pavor. Não eram tributos. Eram troféus.

Olhei para Meg e Lavínia atrás de mim. Meg estava na base da escada, impedindo uma possível retirada. O sorriso do unicórnio cintilante em sua camiseta era tenebroso.

Lavínia me encarou como quem diz *Sim, essas máscaras são bizarras. Continue andando.*

Seguimos Hazel pelo corredor, os estalos e ruídos das nossas armas ecoando no teto abobadado. Eu tinha certeza de que o Laboratório de Sismologia de Berkeley, a vários quilômetros de distância, captaria meus batimentos no sismógrafo e dispararia avisos de terremoto.

O túnel se dividiu várias vezes, mas Hazel sempre parecia saber a

direção que deveríamos tomar. De tempos em tempos ela parava, olhava para nós e apontava com urgência para alguma parte do piso, nos lembrando de não nos afastar dos passos dela. Eu não sabia o que aconteceria se eu desse um passo em falso, mas não tinha a menor vontade de ter minha máscara mortuária acrescentada à coleção de Tarquínio.

Depois do que pareceram horas, comecei a ouvir água gotejando em algum lugar à frente. O túnel se abriu para um salão circular como uma cisterna enorme, o piso se restringindo a um caminho estreito de pedra acima de uma piscina escura e funda. Na parede mais distante havia seis cestas de vime penduradas parecendo armadilhas de lagosta, cada uma com uma abertura circular no fundo do tamanho certo para… Ah, deuses. Cada cesta era do tamanho certo para ser encaixada na cabeça de uma pessoa.

Deixei escapar um gemido.

Hazel olhou para trás e perguntou, sem emitir som: *O que foi?*

Uma história quase esquecida surgiu na agitação do meu cérebro: Tarquínio executou um de seus inimigos o afogando em uma piscina sagrada… amarrando as mãos do homem, colocando uma cesta de vime sobre a cabeça dele e acrescentando pedras lentamente até que o homem não conseguisse mais manter a cabeça acima da superfície.

Aparentemente, Tarquínio ainda apreciava essa forma de entretenimento.

Balancei a cabeça. *Você não vai querer saber.*

Hazel, sábia como era, acreditou na minha palavra. E seguiu adiante.

Pouco antes de chegarmos à câmara seguinte, Hazel levantou a mão em alerta. Nós paramos. Segui o olhar dela e vi dois guardas esqueletos do outro lado do salão, ladeando um arco de pedra com entalhes elaborados. Os guardas estavam um de frente para o outro e usavam elmos de guerra fechados, talvez o único motivo para ainda não terem nos visto. Se fizéssemos qualquer ruído, se eles olhassem na nossa direção por algum motivo, seríamos descobertos.

Uns vinte metros nos separavam deles. O piso da câmara estava coberto de ossos humanos envelhecidos. Não tinha como nos aproximarmos sorrateiramente. Eles eram guerreiros esqueleto, a força especial do Mundo Inferior. E eu tinha zero vontade de lutar contra eles. Estremeci, me perguntando quem teriam sido antes dos eurínomos os destruírem até os ossos.

Encarei Hazel e apontei para o caminho pelo qual tínhamos vindo. *Bater em retirada?*

Ela balançou a cabeça. *Espera.*

Hazel fechou os olhos. Uma gota de suor escorreu por seu rosto.

Os dois guardas se enrijeceram em posição de sentido. Viraram-se

de costas para nós e passaram marchando pelo arco, lado a lado, a caminho da escuridão.

O chiclete da Lavínia quase caiu da boca.

— Como você fez isso? — sussurrou ela.

Hazel levou um dedo aos lábios e fez sinal para irmos atrás dela.

A câmara estava vazia agora, exceto pelos ossos espalhados no chão. Talvez os guerreiros esqueleto tivessem ido até ali buscar partes extras. Na parede em frente, acima do arco, havia uma sacada com uma escadaria de cada lado. A grade era feita de esqueletos humanos retorcidos e trançados, o que não me apavorou nadinha. Havia duas portas na sacada. Exceto pelo arco principal por onde os esqueletos tinham marchado, aquelas portas pareciam ser as únicas saídas da câmara.

Hazel nos levou pela escadaria da esquerda. E, por motivos que só ela sabia, cruzou a sacada e entrou na porta da direita. Nós a seguimos.

No final de um corredor curto, uns cinco metros à frente, a luz do fogo iluminava outra sacada com grade feita de ossos, idêntica àquela que tínhamos acabado de atravessar. Eu não conseguia ver o que havia na câmara abaixo, mas sabia que não estava vazia. Uma voz grave ecoava… uma voz familiar.

Meg moveu os pulsos, transformando as espadas de volta em anéis… não por estarmos fora de perigo, mas porque ela entendeu que qualquer brilho poderia revelar nossa presença. Lavínia tirou um pedaço de pano do bolso de trás e cobriu a manubalista. Hazel me olhou com uma expressão de aviso que era completamente desnecessária.

Eu sabia o que havia à frente. Tarquínio, o Soberbo, estava falando.

* * *

Eu me agachei atrás da grade de esqueleto da sacada e espiei a sala do trono, torcendo desesperadamente para nenhum dos mortos-vivos erguer o olhar e nos ver. Ou sentir nosso cheiro. Ah, odor corporal humano, por que você tinha que ser tão pungente depois de várias horas de caminhada?

Na parede mais distante, entre dois pilares de pedra enormes, havia um sarcófago entalhado com imagens de monstros e animais selvagens em baixo-relevo, bem parecidas com as criaturas no carrossel do parque Tilden. Reclinada sobre a tampa do sarcófago estava a coisa que um dia tinha sido Tarquínio. Sua toga não era lavada havia milhares de anos, eram apenas trapos mofados. O corpo tinha murchado até virar um esqueleto negro. Havia pedaços de musgo grudados no maxilar e no crânio, deixando-o com uma barba e um

penteado grotescos. Filetes de névoa roxa cintilante saíam da caixa torácica e envolviam as juntas, enrolando-se no pescoço e entrando no crânio, iluminando as órbitas com um tom intenso de magenta.

O que quer que aquela luz roxa fosse, parecia ser a responsável por manter Tarquínio de pé. Não devia ser sua alma. Se é que Tarquínio tinha uma. Era mais provável que fosse pura ambição e ódio, uma recusa teimosa de desistir, independentemente do tempo que estivesse morto.

O rei parecia estar dando uma bronca nos dois guardas esqueletos que Hazel tinha manipulado.

— Por acaso eu chamei vocês aqui? — indagou o rei. — Não, não chamei. Então, o que estão fazendo?

Os esqueletos se entreolharam, como se fazendo a mesma pergunta.

— Voltem aos seus postos!

Os guardas saíram marchando da câmara.

Isso deixou três eurínomos e seis zumbis andando pela sala, mas eu tinha a sensação de que talvez houvesse mais logo abaixo da sacada. Para piorar, os zumbis, ou *vrykolakai*, como vocês preferirem chamar, eram antigos legionários romanos. A maioria ainda estava vestida para batalha, com armaduras amassadas e roupas rasgadas, a pele inchada, os lábios azuis, ferimentos abertos no peito e nos membros.

A dor na minha barriga ficou quase intolerável. As palavras da profecia do Labirinto de Fogo se repetiam na minha mente: *Apolo encara a morte. Apolo encara a morte.*

Ao meu lado, Lavínia começou a tremer e seus olhos ficaram cheios de lágrimas. O olhar dela estava grudado em um dos legionários mortos: um jovem com cabelo castanho comprido com o lado esquerdo do rosto muito queimado. Um amigo, talvez. Hazel apertou o ombro de Lavínia, talvez para consolá-la, talvez para lembrá-la de ficar em silêncio. Meg se ajoelhou do meu outro lado, os óculos cintilando. Desejei desesperadamente ter um marcador permanente para pintar as pedrinhas de seus óculos.

Ela parecia estar contando os inimigos, calculando a rapidez com que conseguiria derrotá-los. Eu tinha muita confiança na habilidade da Meg com as espadas, pelo menos quando não estava exausta de entortar eucaliptos, mas também sabia que aqueles inimigos eram muitos e poderosos demais.

Toquei no joelho dela, chamando sua atenção. Balancei a cabeça e bati na orelha, lembrando a ela que estávamos ali para espionar, não lutar.

Meg mostrou a língua.

Como vocês podem ver, a gente se entendia muito bem.

Abaixo, Tarquínio resmungou alguma coisa sobre a dificuldade de encontrar bons funcionários.

— Alguém viu o Célio? Onde ele está? CÉLIO!

Um momento depois, um eurínomo surgiu de um túnel lateral. Ele se ajoelhou na frente do rei e gritou:

— COMER CARNE! AGOOOORA!

Tarquínio sibilou.

— Célio, já conversamos sobre isso. Controle-se!

Célio deu um tapa na própria cara.

— Sim, majestade. — A voz dele tinha se transformado, adquirindo um sotaque britânico comedido. — Sinto muito. Tudo está saindo conforme o planejado. A frota deve chegar em três dias, bem a tempo do nascimento da lua sangrenta.

— Muito bem. E nossas tropas?

— COMER CARNE! — Célio bateu na própria cara de novo. — Mil desculpas, majestade. Sim, está tudo pronto. Os romanos não desconfiam de nada. Quando se virarem para o litoral para esperarem os imperadores, vamos atacar!

— Ótimo. É essencial tomarmos a cidade primeiro. Quando os imperadores chegarem, já quero estar no controle! Eles podem botar fogo no resto da Bay Area se quiserem, mas a cidade é minha.

Meg apertou os punhos até ficarem da cor da grade feita de ossos. Depois das nossas experiências com as dríades afetadas pelo calor no sul da Califórnia, ela ficou um pouco sensível quando megalomaníacos do mal ameaçavam começar um incêndio florestal.

Olhei para ela com minha expressão mais séria de *Fica calma*, mas ela não parecia estar prestando atenção.

Na câmara, Tarquínio dizia:

— E o silencioso?

— Ele está bem protegido, majestade — prometeu Célio.

— Hum... Dobre o rebanho mesmo assim. Temos que garantir.

— Mas os romanos não têm como saber sobre Sutro…

— Silêncio! — ordenou Tarquínio.

Célio choramingou.

— Sim, majestade. CARNE! Sinto muito, majestade. MUITA CARNE!

Tarquínio ergueu o crânio roxo reluzente na direção da sacada. Rezei para que ele não tivesse reparado na gente. Lavínia parou de mascar o chiclete. Hazel parecia profundamente concentrada, talvez torcendo com todas as forças para que o rei morto-vivo olhasse para o outro lado.

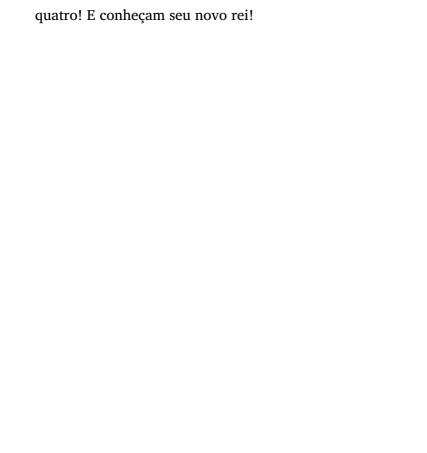
Após dez segundos, Tarquínio riu.

— Bom, Célio, parece que você vai poder comer carne antes do que imaginávamos.

— Senhor?

— Temos intrusos. — Tarquínio ergueu a voz. — Desçam, vocês

quatro! E conheçam seu novo rei!

17

Meg, não ouse… MEG!
Ou você podia nos fazer morrer
Ah, claro, isso também pode ser

EU ESPERAVA que houvesse quatro outros intrusos escondidos em algum lugar daquela sacada. Certamente Tarquínio estaria falando com eles e não conosco.

Hazel fez sinal com o polegar na direção da saída, o sinal universal para *HORA DE METER O PÉ!* Lavínia começou a engatinhar até lá. Eu estava prestes a segui-la quando Meg estragou tudo.

Ela se levantou, ereta (bom, tão ereta quando Meg consegue), conjurou as espadas e pulou por cima da grade.

— MEEEEEEEEEGAH! — gritei, meio grito de guerra, meio *Por Hades, o que você está fazendo?*.

Num instante, eu estava de pé, o arco armado, disparando uma flecha atrás da outra. Hazel murmurou um palavrão que uma dama dos anos 1930 não deveria conhecer, empunhou a espada de cavalaria e pulou no meio da confusão, para que Meg não precisasse lutar sozinha. Lavínia se levantou, brigando para descobrir a manubalista, mas o pano parecia ter ficado preso.

Mais mortos-vivos foram para cima de Meg embaixo da sacada. As espadas gêmeas giraram e brilharam, cortando membros e cabeças, reduzindo zumbis a poeira. Hazel decapitou Célio e se virou para enfrentar mais dois eurínomos.

O falecido antigo legionário com o rosto queimado teria enfiado uma espada nas costas de Hazel, mas Lavínia libertou a besta bem na hora. O dardo de ouro imperial acertou o zumbi entre as omoplatas, fazendo-o implodir em uma pilha de armadura e roupas.

— Foi mal, Bobby! — disse Lavínia, com um soluço.

Fiz uma nota mental de nunca contar a Hannibal como seu antigo treinador morreu de vez.

Continuei disparando até só restar a Flecha de Dodona na aljava. Em retrospecto, percebi que tinha disparado doze flechas em trinta segundos, todas certeiras. Meus dedos estavam soltando fumaça. Eu não disparava uma saraivada daquelas desde que era um deus.

Isso deveria ter me alegrado, mas qualquer sensação de satisfação foi interrompida pela gargalhada de Tarquínio. Quando Hazel e Meg golpearam seus últimos capangas, ele se levantou do sofá de sarcófago e nos aplaudiu. Nada parece mais macabro do que o aplauso lento e irônico de um esqueleto.

— Adorável! — disse ele. — Ah, isso foi ótimo! Vocês vão ser os membros mais valiosos da minha equipe!

Meg atacou.

O rei não tocou nela, mas, com um movimento da mão, uma força invisível arremessou Meg na parede mais distante. Suas espadas caíram no chão.

Um som gutural escapou da minha garganta. Pulei a amurada e escorreguei em um dos cabos das minhas flechas usadas (que são tão traiçoeiros quanto cascas de banana). Caí de bunda no chão. Não foi minha entrada mais heroica. Enquanto isso, Hazel correu até Tarquínio. Ela foi jogada longe por outra explosão de força invisível.

A risada profunda do tirano ressoou pela câmara. Dos corredores dos dois lados do sarcófago, o som de pés correndo e armaduras estalando ecoou, ficando cada vez mais próximo. Na sacada, Lavínia girava furiosamente a manivela da manubalista. Se eu conseguisse ganhar uns vinte minutos, ela talvez conseguisse dar um segundo disparo.

— Bom, Apolo — disse Tarquínio, filetes roxos de névoa escorrendo pelas órbitas até a boca. Eca. — Parece que nós dois não envelhecemos bem.

Meu coração disparou. Procurei flechas que pudesse usar, mas só encontrei quatro cabos quebrados. Fiquei meio tentado a disparar a Flecha de Dodona, mas não podia correr o risco de dar a Tarquínio uma arma com conhecimento profético. Flechas falantes podem ser torturadas? Eu não queria descobrir.

Meg se levantou com dificuldade. Parecia não estar ferida, mas sim mal-humorada, como ficava sempre que era jogada em paredes. Imaginei que estivesse pensando a mesma coisa que eu: a situação era bem familiar, parecida demais com o iate de Calígula, quando Meg e Jason foram aprisionados por *venti*. Eu não podia deixar que aquela situação se repetisse. Estava cansado de monarcas malignos nos jogando para lá e para cá como bonecos de pano.

Hazel se levantou, coberta da cabeça aos pés de pó de zumbi. Isso não podia fazer bem para seus pulmões. Comecei a imaginar se podíamos convencer Justitia, a deusa romana da justiça, a abrir uma ação judicial coletiva em nosso nome contra Tarquínio por condições insalubres de tumba.

— Pessoal, para trás — disse Hazel.

Foi a mesma coisa que ela disse no túnel que levava ao acampamento, pouco antes de transformar o eurínomo em arte no teto.

Tarquínio apenas riu.

— Ah, Hazel Levesque, seus truques inteligentes com pedras não vão funcionar aqui. Este é meu território! Meus reforços vão chegar a

qualquer momento. Vai ser mais fácil se vocês não resistirem. Ouvi dizer que é menos sofrido morrer assim.

Acima de mim, Lavínia continuava engrenando o canhão manual.

Meg ergueu as espadas.

— Lutar ou fugir, pessoal?

Pela raiva com que ela olhava para Tarquínio, eu tinha certeza de que sabia o que ela escolheria.

— Ah, criança... — disse Tarquínio. — Você pode tentar fugir, mas em pouco tempo vai estar lutando ao meu lado com essas suas espadas maravilhosas. Quanto a Apolo… ele não vai a lugar algum.

Ele dobrou os dedos. Apesar da distância entre nós dois, minha barriga entrou em convulsão, como se espetos quentes perfurassem meu peito e minha virilha. Eu gritei. Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Pare! — Lavínia pulou da varanda e caiu ao meu lado. — O que você está fazendo com ele?

Meg atacou o rei morto-vivo de novo, talvez esperando pegá-lo desprevenido. Sem nem olhar para ela, Tarquínio a jogou longe com outra explosão de força. Hazel estava tensa como uma coluna de calcário, os olhos fixos na parede atrás do rei. Pequenas rachaduras começaram a se espalhar na pedra.

— Ora, Lavínia, estou chamando Apolo de volta para casa! — Ele sorriu, a única expressão facial que era capaz de fazer, considerando que não tinha rosto. — O pobre Lester acabaria me procurando de qualquer jeito quando o veneno chegasse ao cérebro. Mas tê-lo aqui tão rápido… é um prazer especial!

Ele fechou o punho ossudo. Minha dor triplicou. Gemi e balbuciei. Minha visão foi tomada por vermelho. Como era possível sentir tanta dor e não morrer?

— Deixa ele em paz! — gritou Meg.

Dos túneis dos dois lados de Tarquínio, mais zumbis começaram a entrar na sala.

— Corram — ofeguei. — Fujam daqui.

Eu agora entendia os versos do Labirinto de Fogo: eu encararia a morte na tumba de Tarquínio, ou um destino *pior* do que a morte. Mas não permitiria que meus amigos também morressem.

Teimosamente, irritantemente, eles se recusaram a ir embora.

— Apolo é *meu* servo agora, Meg McCaffrey — disse Tarquínio. — Você não deveria lamentar por ele. Ele é terrível com as pessoas que ama. Pode perguntar à Sibila.

O rei me olhou enquanto eu me contorcia como um inseto preso em um quadro de cortiça.

— Espero que a Sibila dure o suficiente para vê-lo humilhado. Pode ser o que finalmente vai destruí-la. E quando aqueles imperadores

trapalhões chegarem, eles vão ver o verdadeiro horror de um rei romano!

Hazel urrou. A parede atrás de Tarquínio desabou, levando junto metade do teto. O rei e suas tropas desapareceram debaixo de uma avalanche de pedras do tamanho de tanques de guerra.

Minha dor diminuiu ao nível insuportável. Lavínia e Meg me levantaram, linhas arroxeadas subindo pelos meus braços. Isso não podia ser um bom sinal.

Hazel se aproximou, mancando. As córneas dela tinham ficado de um tom nada saudável de cinza.

— Nós temos que ir.

Lavínia olhou para a pilha de destroços.

— Mas ele não…?

— Não está morto — afirmou Hazel, com uma decepção amarga. — Sinto-o se mexendo lá embaixo, tentando… — Ela tremeu. — Não importa. Mais mortos-vivos virão. Vamos!

* * *

Era mais fácil falar do que fazer.

Hazel saiu mancando, respirando com dificuldade e nos levando por outros túneis. Meg protegeu nossa retaguarda, fazendo picadinho dos zumbis que apareciam pelo caminho. Lavínia teve que carregar boa parte do meu peso, mas ela era inesperadamente forte, assim como inesperadamente ágil. Parecia não ter dificuldade para carregar minha carcaça lamentável pela tumba.

Eu estava apenas semiconsciente dos meus arredores. Meu arco batia no ukulele, fazendo soar um acorde aberto perturbador em perfeita sincronia com meu cérebro abalado.

O que tinha acontecido?

Depois daquele lindo momento de heroísmo divino com meu arco, eu sofri um revés feio e talvez mortal com o ferimento na barriga. Agora, tinha que admitir que *não* estava melhorando. Tarquínio falou sobre o veneno seguindo lentamente até meu cérebro. Apesar de todos os esforços dos curandeiros do acampamento, eu estava me transformando em uma das criaturas do rei. Ao enfrentá-lo, parecia que tinha acelerado o processo.

Isso deveria ter me apavorado. O fato de que eu conseguia pensar no assunto com tanto distanciamento era preocupante por si só. A parte médica da minha mente decidiu que eu devia estar entrando em choque. Ou possivelmente só, sabe como é, morrendo.

Hazel parou numa bifurcação.

— Eu… não tenho certeza.

— Como assim? — perguntou Meg.

As córneas da Hazel ainda estavam da cor de argila molhada.
— Não consigo entender. Deveria haver uma saída aqui. Estamos perto da superfície, mas… Sinto muito, pessoal.
Meg retraiu as espadas.
— Tudo bem. Fica vigiando.
— O que você vai fazer? — perguntou Lavínia.
Meg tocou na parede mais próxima. O teto começou a rachar. Tive uma visão de todos nós sendo soterrados como Tarquínio, presos debaixo de várias toneladas de pedra… o que, no meu estado mental, parecia um jeito engraçado de morrer. Mas o que aconteceu foi que dezenas de raízes de árvores penetraram nas rachaduras, separando as pedras. Mesmo sendo um deus antigo acostumado com magia, achei aquilo fascinante. As raízes espiralavam e se entrelaçavam, empurrando a terra para o lado, permitindo que o luar penetrasse no túnel. Em instantes, estávamos na base de uma rampa suave de pedra (ou de raízes?) com apoios para as mãos e para os pés.
Meg farejou o ar acima.
— Pelo cheiro, está seguro. Vamos.
Enquanto Hazel montava guarda, Meg e Lavínia me ajudaram a subir pela rampa. Meg puxou. Lavínia empurrou. Foi muito indigno, mas a ideia da manubalista parcialmente engrenada da Lavínia balançando em algum lugar perto do meu traseiro delicado me deu o incentivo de que eu precisava para seguir em frente.
Saímos na base de uma sequoia no meio da floresta. Não estávamos perto do carrossel. Meg deu a mão para Hazel e tocou no tronco da árvore. A rampa desapareceu sob a grama.
Hazel cambaleou.
— Onde estamos?
— Por aqui — anunciou Lavínia.
Ela carregou meu peso de novo, apesar dos meus protestos dizendo que estava bem. Sério, eu só estava morrendo um pouco, normal. Nós nos arrastamos por uma trilha no meio de sequoias enormes. Eu não conseguia ver as estrelas nem detectar qualquer ponto de referência. Não tinha ideia da direção que estávamos tomando, mas Lavínia parecia ter certeza.
— Como você sabe onde estamos? — perguntei.
— Já falei — disse ela. — Eu gosto de explorar.
Ela deve gostar muito da Carvalho Venenoso, pensei pela milionésima vez. Mas também me perguntei se Lavínia simplesmente se sentia mais à vontade na natureza do que no acampamento. Ela e a minha irmã se dariam muito bem.
— Alguma de vocês está ferida? — perguntei. — Algum morto-vivo arranhou vocês?
As garotas balançaram a cabeça.

— E você? — Meg franziu a testa e apontou para minha barriga. — Achei que estivesse melhorando.

— Acho que eu estava sendo otimista demais.

Eu queria repreendê-la por pular para o combate e quase nos matar, mas não tinha energia para isso. Além do mais, pelo jeito como ela estava me olhando, fiquei com a sensação de que a fachada mal-humorada poderia desabar e virar lágrimas mais rápido do que o teto tinha desabado em Tarquínio.

Hazel me olhou com cautela.

— Você deveria estar curado. Não entendo.

— Lavínia, você tem um chiclete? — pedi.

— Sério?

Ela revirou os bolsos e me deu um.

— Você é uma influência muito forte — falei.

Com dedos pesados, consegui abrir o chiclete e enfiar na boca. O sabor era doce demais. Tinha *gosto* rosa. Ainda assim, era melhor do que o gosto de veneno azedo de morto-vivo na minha língua. Eu mastiguei, feliz de ter algo em que me concentrar além da lembrança dos dedos de esqueleto de Tarquínio se fechando e enfiando foices de fogo nos meus intestinos. E o que ele falou sobre a Sibila…? Não. Eu não era capaz de pensar nisso agora.

Depois de algumas centenas de metros de caminhada tortuosa, nós chegamos a um riacho.

— Estamos perto — disse Lavínia.

Hazel olhou para trás.

— Sinto uns doze esqueletos atrás de nós, se aproximando rápido.

Eu não via nem ouvia nada, mas acreditei nela.

— Vão. Vocês vão se deslocar mais rápido sem mim.

— Nem pensar — disse Meg.

— Aqui, segura o Apolo. — Lavínia me ofereceu para Meg como se eu fosse uma sacola de compras. — Atravessem o riacho, subam aquela colina. De lá, vocês vão ver o Acampamento Júpiter.

Meg ajeitou os óculos sujos.

— E você?

— Eu vou distraí-los.

Lavínia bateu na manubalista.

— Essa é uma péssima ideia — falei.

— É a minha especialidade — respondeu Lavínia.

Eu não sabia se ela queria dizer *distrair os inimigos* ou *ter péssimas ideias*.

— Ela está certa — decidiu Hazel. — Tome cuidado, legionária. Nos vemos no acampamento.

Lavínia assentiu e correu para a floresta.

— Tem certeza de que isso foi inteligente? — perguntei a Hazel.

— Não — admitiu ela. — Mas o que quer que a Lavínia faça, ela sempre consegue voltar ilesa. Agora, vamos levar você para casa.

18

Na cozinha com o Pranjal
Morugem e chifre de unicórnio
Zumbi cozido no molho

CASA. Que palavra maravilhosa.

Eu não tinha ideia do que significava, mas soava bem.

Em algum lugar na trilha de volta ao acampamento, minha mente devia ter se separado do meu corpo. Não me lembro de desmaiar. Não me lembro de chegar ao vale. Mas, em algum momento, minha consciência se foi como um balão de hélio fujão.

Eu sonhei com casas. Eu já tinha tido uma?

Delos era meu local de nascimento, mas só porque minha mãe, Leto, se refugiou lá quando estava grávida para fugir da fúria de Hera. A ilha serviu como santuário de emergência para minha irmã e para mim, mas nunca senti que era minha *casa*, assim como o banco de trás de um táxi não seria o lar de uma criança que nasceu a caminho do hospital.

O Monte Olimpo? Eu tinha um palácio lá. Visitava nas férias. Mas sempre parecia mais o lugar onde meu pai morava com minha madrasta.

O Palácio do Sol? Era a antiga casa de Hélio. Eu só redecorei.

Até Delfos, lar do meu maior oráculo, foi originalmente de Píton. Não importava o esforço, era *impossível* tirar o cheiro de pele de cobra velha de uma caverna vulcânica.

Era triste dizer, mas nos meus mais de quatro mil anos, as vezes em que me senti mais em casa foram nos meses anteriores: no Acampamento Meio-Sangue, dividindo o chalé com meus filhos semideuses; na Estação Intermediária com Emma, Jo, Georgina, Leo e Calipso, todos nós sentados em volta da mesa de jantar cortando legumes da horta para o jantar; na Cisterna de Palm Springs com Meg, Grover, Mellie, o treinador Hedge e uma variedade de dríades de cactos; e agora, no Acampamento Júpiter, onde os romanos tensos e abalados, apesar dos muitos problemas, apesar de eu levar infelicidade e desastre aonde quer que fosse, me receberam com respeito, um quarto no sótão do café e uns lençóis lindos para vestir.

Esses lugares eram casas. Se eu merecia fazer parte delas… essa já era outra história.

Eu queria me prender a essas lembranças boas. Comecei a desconfiar de que talvez estivesse morrendo, quem sabe em coma no chão da floresta com veneno de morto-vivo se espalhando pelas

minhas veias. Queria que meus últimos pensamentos fossem felizes. Mas meu cérebro tinha outros planos.

Eu me vi na caverna de Delfos.

Ali perto, se arrastando pela escuridão, envolta em fumaça laranja e amarela, estava a forma familiar de Píton, como o maior e mais rançoso dragão-de-komodo do mundo. O cheiro era opressivo e azedo, uma pressão física que comprimia meus pulmões e fazia minhas narinas arderem. Seus olhos brilharam em meio ao vapor sulfuroso como faróis.

— Você acha que importa. — A voz explosiva de Píton fez meus dentes baterem. — Essas pequenas vitórias. Acha que levam a alguma coisa?

Eu não conseguia falar. Minha boca ainda estava com gosto de chiclete. Fiquei agradecido pela doçura exagerada, um lembrete de que um mundo existia fora daquela caverna dos horrores.

Píton se aproximou. Eu queria pegar o arco, mas meus braços estavam paralisados.

— Foram todas em vão — disse ele. — As mortes que você provocou, as mortes que *vai* provocar, elas não importam. Mesmo que vença todas as batalhas, ainda assim vai perder a guerra. Como sempre, você não entende o que de fato está em jogo. Se me enfrentar, você vai morrer.

Ele abriu a bocarra, os lábios reptilianos repuxados por cima de dentes brilhantes.

— AH!

Abri os olhos, meu corpo inteiro tremendo.

— Ah, que bom — disse uma voz. — Você acordou.

Eu estava deitado no chão dentro de uma estrutura de madeira que parecia... ah, um estábulo. Os cheiros de feno e bosta de cavalo chegaram às minhas narinas. Um cobertor de aniagem pinicava minhas costas. Havia dois rostos desconhecidos me olhando. Um era de um jovem bonito com cabelo preto sedoso, testa larga e pardo.

O outro era de um unicórnio. O focinho brilhava com muco. Os olhos azuis arregalados, grandes e fixos me encaravam como se eu fosse um saco saboroso de aveia. Na ponta do chifre havia um ralador de queijo com manivela.

— AH! — gritei de novo.

— Calma, seu bobo — disse Meg em algum lugar à esquerda. — Você está seguro.

Eu não conseguia vê-la. Minha visão periférica ainda estava borrada e rosada.

Apontei com fraqueza para o unicórnio.

— Ralador de queijo.

— Sim — disse o jovem adorável. — É o jeito mais fácil de jogar

uma dose de raspas de chifre direto no ferimento. Buster não se importa. Não é, Buster?

O unicórnio Buster continuou me encarando. Eu não sabia se ele estava vivo ou se era só um unicórnio de mentira que tinham deixado ali.

— Meu nome é Pranjal — disse o jovem. — Curandeiro-chefe da legião. Cuidei do seu ferimento quando você chegou ao acampamento, mas não chegamos a ser apresentados, porque você estava inconsciente. Sou filho de Esculápio. Acho que isso faz de você meu avô.

Eu gemi.

— Por favor, não me chame de vovô. Já estou me sentindo péssimo. Estão… estão todas bem? Lavínia? Hazel?

Meg se aproximou. Os óculos dela estavam limpos, o cabelo lavado e as roupas estavam diferentes, o que queria dizer que eu devia ter ficado um bom tempo apagado.

— Estamos todas bem. Lavínia voltou logo depois de nós. Mas você quase morreu. — Ela pareceu irritada, como se minha morte pudesse ser um grande inconveniente. — Você devia ter contado que o ferimento estava piorando.

— Eu achei… achei que ia cicatrizar.

Pranjal franziu a testa.

— Sim, bom, *deveria*. Você teve um médico excelente, modéstia à parte. Nós temos experiência com infecção de morto-vivo. Costuma ser curável se iniciarmos o tratamento em até 24 horas.

— Mas *você*... — disse Meg, me olhando de cara feia. — Você não está respondendo ao tratamento.

— Não é *minha* culpa!

— Pode ser seu lado divino — refletiu Pranjal. — Eu nunca tive um paciente que já foi imortal. Isso talvez o torne resistente à cura de semideus ou mais suscetível a arranhões de morto-vivo. Não sei.

Eu me apoiei nos cotovelos. Estava com o peito nu. Meu ferimento estava com um curativo novo e eu não tinha como saber como estava a aparência, mas a dor tinha diminuído bastante. Filetes de infecção rosa ainda se espalhavam a partir da minha barriga, subindo pelo peito e descendo pelos braços, mas a cor estava de um lilás bem claro.

— O que você fez obviamente ajudou — falei.

— Vamos ver. — A testa franzida do Pranjal não foi muito animadora. — Eu tentei uma mistura especial, uma espécie de equivalente mágico a um antibiótico de amplo espectro. Exigiu uma variedade especial de *Stellaria media*, morugem mágica, que não cresce no norte da Califórnia.

— Agora cresce — declarou Meg.

— Sim — concordou Pranjal com um sorriso. — Eu talvez precise

segurar a Meg aqui. Ela é bem útil no crescimento de plantas medicinais.

Meg corou.

Buster ainda não tinha se mexido nem piscado. Eu imaginava que Pranjal de tempos em tempos botasse uma colher embaixo da narina do unicórnio, para ter certeza de que ele ainda estava respirando.

— De qualquer modo — continuou Pranjal —, o unguento que usei não é uma cura. Só vai desacelerar sua… sua condição.

Minha condição. Que eufemismo maravilhoso para alguém que estava virando um cadáver ambulante.

— E se eu quiser uma cura? — perguntei. — O que, aliás, eu quero.

— Isso vai exigir uma cura mais poderosa do que sou capaz de fazer — confessou ele. — Cura do nível *divino*.

Senti vontade de chorar. Concluí que Pranjal precisava melhorar no trato com pacientes, talvez oferecendo curas milagrosas e imediatas que não exigissem intervenção divina.

— Nós podemos tentar mais raspas de chifre de unicórnio — sugeriu Meg. — É divertido. Quer dizer, pode dar certo.

Entre a ansiedade da Meg para usar o ralador de queijo e o olhar faminto de Buster, eu estava começando a me sentir um prato de macarrão.

— Você não tem conhecimento de algum deus de cura disponível, tem?

— Na verdade — disse Pranjal —, se estiver disposto, você devia se vestir e ir com Meg até o *principia*. Reyna e Frank estão ansiosos para falar com você.

* * *

Meg ficou com pena de mim.

Antes de encontrarmos os pretores, ela me levou de volta ao café do Bombilo, para que eu tomasse banho e trocasse de roupa. Depois, paramos no refeitório da legião para comer. A julgar pelo ângulo do sol e pelo lugar quase vazio, achei que era final da tarde, entre o almoço e o jantar, o que significava que fiquei inconsciente por quase um dia inteiro.

Em dois dias seria 8 de abril… a lua sangrenta, o aniversário do Lester, o dia em que dois imperadores do mal e um rei morto-vivo atacariam o Acampamento Júpiter. O lado bom era que estavam servindo palitinhos de peixe empanado.

Quando acabei a refeição (eis um segredo culinário que descobri: ketchup melhora mesmo batata frita e palitos de peixe empanado), Meg me acompanhou pela Via Praetoria até o quartel-general da legião.

A maioria dos romanos parecia ter saído para fazer o que os romanos faziam no final da tarde: marchar, cavar trincheiras, jogar *Fortiusnitius*… eu não fazia ideia. Os poucos legionários por quem passamos me encararam, interrompendo as conversas de repente. Acho que a história da nossa aventura na tumba de Tarquínio tinha se espalhado. Talvez tivessem ouvido falar do meu probleminha de estar virando zumbi e estivessem esperando que eu começasse a gritar exigindo cérebros.

Aquele pensamento me fez estremecer. O ferimento na minha barriga parecia estar melhorando. Eu conseguia andar sem fazer careta. O sol estava brilhando. Eu tinha feito uma boa refeição. Como ainda podia estar envenenado?

A negação é algo poderoso.

Infelizmente, eu desconfiava que Pranjal estivesse certo. Ele só tinha desacelerado a infecção. Minha condição estava além de qualquer coisa que curandeiros do acampamento, gregos ou romanos, pudessem resolver. Eu precisava de ajuda divina, uma coisa que Zeus tinha proibido expressamente os outros deuses de me darem.

Os guardas do *praetorium* nos deixaram entrar imediatamente. Lá dentro, Reyna e Frank estavam sentados a uma mesa comprida cheia de mapas, livros, adagas e um pote grande de jujubas. Junto à parede dos fundos, na frente de uma cortina roxa, estava a águia dourada da legião, vibrando de energia. Ficar tão perto dela fez os pelos dos meus braços se eriçarem. Eu não sabia como os pretores aguentavam trabalhar com aquela coisa ali. Eles não leram os artigos médicos sobre os efeitos da longa exposição a estandartes romanos eletromagnéticos?

Frank parecia pronto para a batalha, de armadura completa. Reyna parecia ter acabado de acordar. Ela estava com o manto roxo jogado de qualquer jeito sobre uma camiseta grande demais dizendo PUERTO RICO FUERTE, que fiquei imaginando se era seu pijama… mas isso não era da minha conta. O lado esquerdo do cabelo escuro estava um amontoado adorável de partes amassadas que me fez imaginar se ela dormia apoiada daquele lado… e, novamente, isso não era da minha conta.

Havia dois autômatos que eu não tinha visto antes encolhidos no tapete aos pés dela; eram dois galgos, um dourado e um prateado. Os dois ergueram a cabeça quando me viram, farejaram o ar e rosnaram, como quem diz *Ei, mãe, esse cara tem cheiro de zumbi. A gente pode matar ele?*

Reyna os mandou ficar quietos. Tirou algumas jujubas do pote e as jogou para os cachorros. Eu não sabia bem por que galgos metálicos gostariam de bala, mas eles comeram as jujubas e voltaram a se deitar no tapete.

— Hã, cachorros bonitos — falei. — Por que não os vi antes?

— Aurum e Argentum estavam fora, em uma busca — disse Reyna, em um tom que desencorajava perguntas. — Como está seu ferimento?

— Meu ferimento está ótimo. Já eu, nem tanto.

— Ele está melhor do que antes — insistiu Meg. — Ralei raspas de chifre de unicórnio no corte dele. Foi legal.

— Pranjal ajudou — falei.

Frank apontou para os dois assentos para visitantes.

— Fiquem à vontade.

À vontade era um termo relativo. Os bancos dobráveis de três pernas não pareciam confortáveis como as cadeiras dos pretores. Também me lembravam o banco de três pés do oráculo de Delfos, que me lembrou Rachel Elizabeth Dare no Acampamento Meio-Sangue, que estava esperando não tão pacientemente que eu restaurasse seus poderes de profecia. Pensar nela me lembrou a caverna de Delfos, que me lembrou Píton, que me lembrou meu pesadelo e o medo que eu tinha de morrer. Odeio fluxos de consciência.

Quando nos sentamos, Reyna abriu um pergaminho na mesa.

— Nós estamos trabalhando com Ella e Tyson desde ontem para tentar decifrar mais alguns versos da profecia.

— Fizemos progresso — acrescentou Frank. — *Talvez* tenhamos encontrado a receita sobre a qual você falou na reunião do Senado, o ritual que pode conjurar ajuda divina para salvar o acampamento.

— Isso é uma boa notícia, não é? — Meg esticou a mão para o pote de jujubas, mas desistiu da ideia quando Aurum e Argentum começaram a rosnar.

— Talvez. — Reyna trocou um olhar preocupado com Frank. — A questão é que, se a gente estiver interpretando direito… o ritual requer um sacrifício.

Os palitinhos de peixe começaram a lutar com as batatas fritas no meu estômago.

— Não pode ser — falei. — Nós deuses nunca pediríamos que os mortais sacrificassem um de vocês. Paramos com isso séculos atrás! Ou milênios atrás, não lembro bem. Mas tenho *certeza* de que paramos!

Frank agarrou os braços da cadeira.

— É, essa é a questão. Não é a morte de um mortal.

— Não. — Reyna grudou o olhar em mim. — Parece que esse ritual exige a morte de um deus.

19

Ó, livro, qual é o meu destino?
Qual é o segredo da vida?
Ver Apêndice F

POR QUE todo mundo estava me olhando?

Eu não podia fazer nada se era o único (ex-)deus ali.

Reyna se inclinou por cima do pergaminho e passou os dedos na superfície.

— Frank copiou essas linhas das costas do Tyson. Como você já deve imaginar, parecem mais um manual de instruções do que uma profecia…

Eu estava à beira de um ataque de pânico. Queria arrancar o pergaminho da Reyna e ler a má notícia. Meu nome era mencionado? *Eu* ser oferecido em sacrifício não poderia satisfazer os deuses, poderia? Se os olimpianos começassem a sacrificar uns aos outros, isso abriria um precedente horrível.

Meg encarou o pote de jujubas enquanto os galgos olhavam para ela.

— Qual deus morre?

— Bom, essa linha especificamente… — Reyna apertou os olhos e empurrou o pergaminho para Frank. — Que palavra é essa?

Frank ficou constrangido.

— *Estilhaçado*. Desculpa, eu estava escrevendo rápido.

— Não, não. Tudo bem. Sua caligrafia é melhor do que a minha...

— Vocês podem só me contar o que diz aí? — supliquei.

— Certo, desculpa — disse Reyna. — Bom, não é exatamente poesia, como o soneto que você descobriu em Indianápolis…

— Reyna!

— Tudo bem, tudo bem. Diz: *O que deve ser feito no dia de maior necessidade: reunir os ingredientes para uma oferenda do tipo seis (ver Apêndice B)…*

— Estamos ferrados — choraminguei. — Nunca vamos conseguir reunir esses… o que quer que forem.

— Essa parte é fácil — garantiu Frank. — Ella tem a lista de ingredientes. Disse que só tem coisas comuns.

Ele fez sinal para Reyna continuar.

— *Acrescentar o último suspiro do deus que não fala quando sua alma for libertada* — leu Reyna em voz alta — *e vidro estilhaçado. Em seguida, a oração de conjuração de deidade única (ver Apêndice C) deve ser murmurada no arco-íris.* — Ela respirou fundo. — Nós ainda não

temos o texto da oração, mas Ella está confiante de que vai conseguir transcrevê-lo antes de a batalha começar, agora que ela sabe o que procurar no Apêndice C.

Frank me olhou, esperando minha reação.

— O resto faz algum sentido para você?

Fiquei tão aliviado que quase caí do banco de três pernas.

— Vocês me deixaram tenso. Eu achei… Bom, já fui chamado de muitas coisas, mas nunca de *o deus que não fala*. Parece que temos que encontrar o tal deus silencioso, de quem falamos antes, e, hã…

— Matá-lo? — perguntou Reyna. — Como matar um deus poderia agradar aos deuses?

Eu não tinha uma resposta. Por outro lado, muitas profecias pareciam ilógicas até acontecerem. Só em retrospecto é que pareciam óbvias.

— Talvez, se a gente soubesse de que deus estamos falando… — Bati com o punho no joelho. — Tenho a sensação de que eu deveria saber, mas está enterrado bem fundo. Uma lembrança obscura. Vocês já olharam a biblioteca, procuraram no Google, essas coisas?

— Claro que sim — disse Frank. — Não há nada sobre um deus romano ou grego do silêncio.

Romano ou grego. Eu tinha certeza de que alguma peça estava faltando… tipo parte do meu cérebro. *Último suspiro. Sua alma for libertada.* Parecia mesmo a instrução para um sacrifício.

— Preciso pensar. Quanto ao resto das instruções: *vidro estilhaçado* parece um pedido estranho, mas acho que dá para encontrar com facilidade.

— A gente pode quebrar o pote de jujuba — sugeriu Meg.

Reyna e Frank a ignoraram educadamente.

— E a parte sobre a *deidade única*? — perguntou Frank. — Acho que isso quer dizer que não vamos receber um grupo de deuses descendo numa carruagem?

— Provavelmente não — concordei.

Mas minha pulsação acelerou. A possibilidade de poder falar com pelo menos *um* colega olimpiano depois de tanto tempo, de chamar ajuda divina de primeira qualidade, de peso, criada solta em fazendas da região… Achei a ideia ao mesmo tempo empolgante e apavorante. Eu poderia escolher que deus chamaria ou isso seria pré-determinado pela oração?

— Ainda assim, um deus pode fazer toda diferença.

Meg deu de ombros.

— Depende do deus.

— Isso magoou — falei.

— E a última parte? — perguntou Reyna. — *A oração deve ser murmurada no arco-íris*.

— Mensagem de Íris — falei, feliz de poder responder uma pergunta, pelo menos. — É uma coisa grega, um jeito de suplicar a Íris, deusa do arco-íris, para levar uma mensagem… nesse caso, uma oração até o Monte Olimpo. A fórmula é bem simples.

— Mas… — Frank franziu a testa. — Percy me contou sobre as mensagens de Íris. Não estão funcionando, não é? Desde que toda a nossa comunicação ficou silenciosa.

Comunicação, pensei. *Silenciosa. O deus silencioso.*

Senti como se tivesse caído no fundo de uma piscina muito fria.

— Ai, sou tão burro.

Meg riu, mas resistiu a emitir os muitos comentários sarcásticos que certamente enchiam sua mente. Eu, por minha vez, resisti à vontade de derrubá-la do banco.

— Esse deus silencioso, seja lá quem for… E se *ele* for o motivo para as nossas comunicações não funcionarem? E se o Triunvirato estiver controlando o poder dele para nos impedir de falar uns com os outros, para não deixar que a gente peça ajuda divina?

Reyna cruzou os braços e cobriu a palavra FUERTE da camiseta.

— Você está dizendo que esse deus silencioso está alinhado com o Triunvirato? Que temos que matá-lo para abrir nossos meios de comunicação? E aí poderíamos enviar uma mensagem de Íris, fazer o ritual e receber ajuda divina? Ainda estou empacada na parte de que temos que *matar um deus*.

Pensei na Sibila Eritreia, que salvamos da prisão no Labirinto de Fogo.

— Talvez esse deus esteja sendo manipulado. Ele pode ter sido capturado ou… não sei, coagido de alguma forma.

— Então precisamos matá-lo para libertá-lo? — perguntou Frank. — Tenho que concordar com a Reyna. Parece um pouco demais.

— Só tem um jeito de descobrir — disse Meg. — A gente vai até aquele lugar, o tal Sutro. Posso dar jujuba para os cachorros?

Sem esperar permissão, ela pegou o pote de jujubas e o abriu.

Aurum e Argentum, depois de ouvirem as palavras mágicas *jujuba* e *cachorros*, não rosnaram nem fizeram picadinho de Meg. Eles se levantaram, foram até o lado dela e ficaram sentados olhando para Meg, os olhos de pedra enviando a mensagem *Por favor, por favor, por favor*.

Meg deu uma jujuba para cada um e comeu duas. Duas para os cachorros, duas para ela. Meg tinha evitado uma crise diplomática.

— Meg está certa. Sutro é o local que o capanga do Tarquínio mencionou — comentei. — Supostamente, vamos encontrar o deus silencioso lá.

— Monte Sutro? — perguntou Reyna. — Ou a Torre Sutro? Ele disse qual?

Frank ergueu uma das sobrancelhas.
— Não é o mesmo lugar? Eu só chamo aquela área de Colina Sutro.
— Na verdade, a maior colina é o monte Sutro — disse Reyna. — A antena gigante fica numa colina diferente. É a Torre Sutro. Só sei disso porque Aurum e Argentum gostam de passear lá.
Os galgos viraram a cabeça ao ouvirem a palavra *passear*, mas voltaram a observar a mão de Meg dentro do pote de jujubas. Tentei imaginar Reyna passeando com os cachorros por diversão. Perguntei-me se Lavínia sabia que esse era o passatempo dela. Talvez Lavínia se dedicasse tanto a explorar a região só para tentar superar sua pretora, da mesma forma que seu local preferido para pensar era o que ficava acima do de Reyna.
Mas então decidi que tentar fazer uma análise psicológica da minha amiga de cabelo rosa, praticante de sapateado e portadora de manubalista era uma guerra perdida.
— Esse tal Sutro fica aqui perto? — Meg estava traçando lentamente todas as jujubas verdes, o que estava deixando os dedos dela verdes de um jeito diferente.
— Fica do outro lado da baía, em São Francisco — disse Reyna. — A torre é enorme. Dá para ver de toda a Bay Area.
— Que lugar estranho para deixar alguém preso — comentou Frank. — Mas não é mais estranho do que embaixo de um carrossel.
Tentei lembrar se eu já tinha ido à Torre Sutro ou em algum dos outros vários lugares chamados Sutro em São Francisco. Nada me veio à mente, mas as instruções nos livros sibilinos me deixaram nervoso. O último suspiro de um deus não era um ingrediente que a maioria dos templos romanos antigos guardava na despensa. E libertar a alma de um deus era *mesmo* uma coisa que os romanos não deviam fazer sem a supervisão de adultos.
Se o deus silencioso fosse parte do esquema de controle do Triunvirato, por que Tarquínio teria acesso a ele? O que Tarquínio quis dizer com "dobrar a guarda" para proteger o local do deus? E o que ele disse sobre a Sibila: *Espero que a Sibila dure o suficiente para vê-lo humilhado. Pode ser o que finalmente vai quebrá-la*. Ele só estava tentando me provocar? Se a Sibila de Cumas realmente estava viva, prisioneira de Tarquínio, eu tinha a obrigação de ajudá-la.
Ajudá-la, repetiu a parte cínica da minha mente. *Como você ajudou no passado?*
— Seja lá onde o deus silencioso estiver — falei —, o lugar vai estar cheio de guardas, principalmente agora. Tarquínio sabe que vamos tentar localizar o esconderijo.
— E nós temos que fazer o ritual no dia 8 de abril — disse Reyna. — *O dia de maior necessidade.*
Frank grunhiu.

— Que bom que não temos mais nada marcado para esse dia. Tipo sermos invadidos por dois exércitos, por exemplo.

— Pelos deuses, Meg — disse Reyna. — Você vai passar mal. Nunca vou conseguir tirar tanto açúcar das engrenagens do Aurum e do Argentum.

— Tudo bem. — Meg botou o pote de jujubas de volta na mesa, mas não sem antes pegar mais um punhado para si e seus cúmplices caninos. — Então temos que esperar até depois de amanhã? O que a gente faz até lá?

— Ah, a gente tem muita coisa para fazer — prometeu Frank. — Planejar. Construir defesas. Jogos de guerra amanhã, o dia todo. Nós temos que debater com a legião todos os cenários possíveis. Além disso…

A voz dele falhou, como se ele tivesse percebido que estava prestes a revelar algo em voz alta que era melhor guardar para si. Sua mão foi na direção da bolsinha onde ele guardava o graveto queimado.

Perguntei-me se ele tinha recebido alguma informação adicional de Ella e Tyson… talvez mais divagações sobre pontes, fogo etc. etc. etc. Se sim, Frank não queria compartilhar.

— Além disso — recomeçou ele —, vocês precisam descansar para a missão. Vão ter que sair para ir a Sutro bem cedo no aniversário do Lester.

— A gente pode não chamar assim? — pedi.

— E quem são "vocês"? — perguntou Reyna. — A gente talvez precise de outra votação no Senado para decidir quem vai na missão.

— Que nada — disse Frank. — A gente pode até falar com os senadores, mas isso é claramente uma extensão da primeira missão, não é? Além disso, em situações de guerra, você e eu temos total poder executivo.

Reyna olhou para o colega.

— Ora, Frank Zhang. Você andou estudando o manual dos pretores.

— Um pouco, talvez. — Frank limpou a garganta. — Mas a gente sabe quem tem que ir: Apolo, Meg e você. A passagem para o deus silencioso tem que ser aberta pela filha de Belona.

— Mas… — Reyna olhou para todos ao redor da mesa. — Não posso sair no dia de uma batalha importante. O poder de Belona tem tudo a ver com a força dos números. Eu preciso liderar as tropas.

— E você vai — prometeu Frank. — Assim que voltar de São Francisco. Até lá, eu protejo o acampamento. Deixa comigo.

Reyna hesitou, mas pensei ter visto um brilho nos olhos dela.

— Tem certeza, Frank? Quer dizer, sim, claro que você consegue. Eu sei que consegue, mas…

— Vou ficar bem. — Frank sorriu com sinceridade. — Apolo e Meg precisam de você nessa missão. Vai lá.

Por que Reyna parecia tão empolgada? O trabalho dela devia ser bem difícil para, mesmo depois de carregar o peso da liderança por tanto tempo, ela estava ansiosa para viver uma aventura do outro lado da baía e matar um deus.

— É… talvez seja melhor mesmo… — disse ela, com relutância obviamente fingida.

— Combinado, então. — Frank se virou para Meg e para mim. — Vão descansar. Amanhã vai ser um dia agitado. Vamos precisar da sua ajuda com os jogos de guerra. Tenho uma função especial em mente para os dois.

20

Bola de hamster da morte
Me poupe do seu destino em chamas
Não estou sentindo

AH, CARA, uma função especial!

A expectativa estava me matando. Ou talvez fosse o veneno nas minhas veias.

Assim que voltei para o sótão do café, eu me deitei na cama.

Meg bufou.

— Ainda está claro lá fora. Você dormiu o dia todo.

— Não virar zumbi é cansativo.

— Eu sei! — disse ela com rispidez. — Desculpa!

Olhei para cima, surpreso com o tom dela. Meg chutou um copo de papel velho de *latte*. Sentou-se na cama dela e olhou de cara feia para o chão.

— Meg?

Na jardineira da janela, íris cresceram com tanta velocidade que as flores se abriram como milhos de pipoca. Alguns minutos antes, Meg estava me insultando alegremente e devorando jujubas. Agora… estava *chorando*?

— Meg. — Eu me sentei e tentei não fazer uma careta. — Meg, você não é responsável por eu ter me machucado.

Ela girou o anel da mão direita e o da esquerda, como se tivessem ficado pequenos demais para seus dedos.

— Eu só achei… que se ele morresse… — Ela limpou o nariz. — Seria como nas histórias. Você mata o mestre e pode libertar as pessoas que ele transformou.

Demorei um momento para entender. Eu tinha certeza de que a dinâmica que ela estava descrevendo se aplicava a vampiros, não a zumbis, mas entendi aonde queria chegar.

— Você está falando de Tarquínio — falei. — Você pulou na sala do trono porque… queria me salvar?

— Dã — murmurou ela, sem qualquer entusiasmo.

Botei a mão sobre o curativo no meu abdome. Fiquei com tanta raiva de Meg por ser descuidada na tumba. Supus que ela só estivesse sendo impulsiva, reagindo aos planos de Tarquínio de deixar a Bay Area pegar fogo. Mas ela entrou naquela batalha por *mim*… com a esperança de poder matar Tarquínio e desfazer minha maldição. Isso foi *antes* de eu perceber como minha condição estava ruim. Meg devia estar mais preocupada do que revelou, ou estava com uma intuição

muito boa.

E isso tirava toda a graça de criticá-la.

— Ah, Meg. — Eu balancei a cabeça. — Foi um ato louco e sem sentido e amo você por isso. Mas não se culpe. O remédio do Pranjal me fez ganhar tempo. E você também, claro, com sua habilidade de ralar queijo e a morugem mágica. Você fez tudo que podia. Quando conjurarmos ajuda divina, posso pedir cura completa. Tenho certeza de que vou ficar novinho em folha. Ou pelo menos tão novinho quanto o Lester pode ficar.

Meg inclinou a cabeça, deixando os óculos tortos praticamente na horizontal.

— Como pode ter certeza? Esse deus vai nos conceder três desejos, por acaso?

Eu pensei nisso. Quando meus seguidores chamavam, eu aparecia e concedia três desejos? Ha-ha, não. Talvez *um* desejo, e se esse desejo fosse uma coisa que eu já queria que acontecesse. E se esse ritual só me permitisse chamar um deus, qual seria, supondo que eu poderia escolher? Talvez meu filho Esculápio pudesse me curar, mas ele não poderia lutar contra as forças dos imperadores romanos e as hordas de mortos-vivos. Marte talvez nos concedesse sucesso no campo de batalha, mas olharia para o meu ferimento e diria algo como *Nossa, que droga. Morra com bravura!*.

Aqui estava eu, com linhas arroxeadas descendo pelo braço, dizendo para Meg não se preocupar.

— Não tenho, Meg — confessei. — Você está certa. Eu não tenho como saber que tudo vai ficar bem. Mas *posso* prometer que não vou desistir. Já chegamos tão longe. Não vou deixar um arranhão na barriga nos impedir de derrotar o Triunvirato.

O nariz dela estava escorrendo tanto que teria deixado o unicórnio Buster orgulhoso. Ela fungou e limpou o lábio superior com o nó do dedo.

— Não quero perder outra pessoa.

Minha mente não estava funcionando direito. Tive dificuldade de entender o fato de que, ao dizer “outra pessoa”, Meg estava se referindo a *mim*.

Pensei em uma das lembranças mais antigas dela, que testemunhei nos meus sonhos: Meg observando o corpo sem vida do pai nos degraus da Grand Central Station enquanto Nero, o homem que o assassinou, a abraçava e prometia que ia cuidar dela.

Eu me lembrei de como ela me traiu no Bosque de Dodona por medo do Besta, o lado sombrio de Nero, e como ela se sentiu péssima depois, quando nos reencontramos em Indianápolis. Ela pegou toda a raiva, culpa e frustração e projetou em Calígula (o que, para ser sincero, era uma ótima ideia). Meg, sem conseguir atacar Nero, quis

matar Calígula. E quando quem morreu foi Jason, ela ficou arrasada.

Agora, fora todas as lembranças ruins que a atmosfera romana do Acampamento Júpiter podia ter deflagrado nela, Meg estava enfrentando a perspectiva de me perder. Em um momento de choque, como se diante de um unicórnio me encarando de perto, eu percebi que, apesar de todo o trabalho que Meg me dava e do jeito como ficava me dando ordens, ela gostava de mim. Nos três meses anteriores, eu fui seu único amigo constante, assim como ela foi a minha.

A única pessoa que talvez tivesse chegado perto foi Pêssego, o seguidor espírito de árvore frutífera de Meg, e não o víamos desde Indianápolis. No começo, concluí que Pêssego fosse temperamental e só aparecia quando dava na telha, como a maioria das criaturas sobrenaturais. Mas, se ele *tivesse* tentado nos seguir até Palm Springs, onde até os cactos estavam com dificuldade de sobreviver… Eu não confiava na chance de sobrevivência de um pessegueiro lá, e menos ainda no Labirinto de Fogo.

Meg não mencionou Pêssego sequer uma vez desde que entramos no Labirinto. Agora, eu percebia que a ausência do companheiro também devia ser um peso, junto com todas as suas outras preocupações.

Que amigo horrível eu fui.

— Vem cá. — Eu abri os braços. — Por favor.

Meg hesitou. Ainda fungando, ela se levantou do colchão e veio andando na minha direção. Caiu no meu abraço como se eu fosse uma almofada confortável. Grunhi, surpreso com o quanto ela era dura e pesada. Ela cheirava a casca de maçã e lama, mas não me importei. Nem com isso nem com o nariz escorrendo e as lágrimas encharcando meu ombro.

Eu sempre me perguntei como seria ter irmãos mais novos. Às vezes, eu tratava Ártemis como uma, porque nasci alguns minutos antes, mas fazia isso só para irritá-la. Com Meg, eu sentia que isso era verdade. Eu tinha alguém que dependia de mim, que precisava de mim por perto por mais que irritássemos um ao outro. Pensei em Hazel e Frank e em suas maldições. Eu achava que esse tipo de amor podia surgir de tipos variados de relacionamento.

— Pronto. — Meg se afastou, secando as bochechas furiosamente. — Chega. Vai dormir. Vou… Vou procurar o jantar, sei lá.

Por muito tempo depois que ela saiu, fiquei deitado na cama encarando o teto.

Ouvi música vinda do café: os sons tranquilizadores do piano de Horace Silver, pontuados pelo chiado da máquina de *espresso*, acompanhando Bombilo cantando com suas duas cabeças. Depois de passar alguns dias com esses ruídos, eu os achava reconfortantes, até

mesmo familiares. Acabei pegando no sono, torcendo para ter sonhos calorosos e fofos com Meg e eu saltitando por campos ensolarados com nossos amigos elefante, unicórnio e galgos de metal.

Mas acabei dando de cara com os imperadores de novo.

* * *

Da minha lista de lugares em que menos queria estar, o iate do Calígula ficava no topo, junto com a tumba de Tarquínio, o eterno abismo do Caos e a fábrica de queijos Limburger em Liège, na Bélgica, para onde as meias fedidas de academia iam para se sentirem em casa.

Cômodo estava relaxado numa espreguiçadeira no convés, com uma folha de alumínio refletindo o sol diretamente no rosto dele. Os olhos machucados estavam cobertos por óculos escuros. Ele usava apenas uma sunguinha e Crocs cor-de-rosa. Podem ter certeza de que não reparei na forma como o bronzeador fazia seu corpo musculoso brilhar.

Calígula estava ali usando seu uniforme de capitão: blazer branco, calça escura e uma camiseta listrada, tudo muito bem passado. O rosto cruel estava quase angelical ao admirar o dispositivo que agora ocupava todo o convés de popa. O morteiro era do tamanho de uma jacuzzi, o canhão de ferro escuro com sessenta centímetros de espessura e diâmetro amplo o suficiente para acomodar um carro. No cano, uma esfera verde enorme brilhava como uma bola de hamster radioativa gigante.

Os *pandai* corriam pelo convés, as orelhas enormes balançando, as mãos peludas se movendo em velocidade sobrenatural conectando cabos e lubrificando engrenagens na base da arma. Alguns dos *pandai* eram jovens o suficiente para terem o pelo branco, o que fez meu coração doer, pois me lembrei da breve amizade com Clave, o jovem aspirante a músico que perdeu a vida no Labirinto de Fogo.

— É maravilhoso! — Calígula abriu um sorriso largo enquanto contornava o morteiro. — Está pronto para testes?

— Sim, lorde! — disse o *pandos* Coro. — É claro que as esferas de fogo grego são muito, muito caras, então…

— VAI LOGO! — gritou Calígula.

Coro soltou um berro e saiu correndo até o painel de controle.

Fogo grego. Eu odiava isso, e eu era um deus do sol que andava numa carruagem em chamas. Viscoso, verde e impossível de apagar, o fogo grego era terrível. Um copo queimaria um prédio inteiro, e aquela esfera brilhante tinha mais do que eu já tinha visto reunido num mesmo lugar.

— Cômodo? — chamou Calígula. — Acho que você vai querer ver isso.

— Estou prestando atenção — respondeu Cômodo, virando o rosto para pegar melhor o sol.

Calígula suspirou.

— Coro, pode prosseguir.

O *pandos* anunciou as instruções em seu próprio idioma. Os outros *pandai* giraram manivelas e botões, erguendo lentamente o morteiro até apontá-lo para o mar. Coro verificou o painel de controle duas vezes e gritou:

— *Ūnus, duo, trēs!*

Fazendo um *bum* poderoso, o morteiro disparou. O barco inteiro tremeu com o coice. A bola de hamster gigante disparou para cima até se transformar numa bola de gude verde no céu e despencou na direção do horizonte. O céu ardeu em esmeralda. Um momento depois, um vento quente sacudiu o barco trazendo um cheiro de sal queimado e peixe cozido. Ao longe, um gêiser de fogo verde agitou o mar fervente.

— Ah, que lindo. — Calígula sorriu para Coro. — E você tem um míssil para cada barco?

— Sim, lorde. Como instruído.

— O alcance?

— Depois que passarmos pela ilha Treasure, vamos poder apontar todas as armas para o Acampamento Júpiter, meu lorde. Nenhuma defesa mágica pode segurar uma saraivada tão gigantesca. Aniquilação total!

— Ótimo — disse Calígula. — Meu tipo favorito.

— Lembre-se, Calígula — disse Cômodo da espreguiçadeira, sem nem ter se virado para ver a explosão —, primeiro vamos tentar um ataque por terra. Talvez eles sejam sábios e se rendam! Nós queremos Nova Roma intacta e a harpia e o Ciclope vivos, se possível.

— Sim, sim — respondeu Calígula. — Se possível.

Ele pareceu saborear as palavras como uma linda mentira. Seus olhos cintilaram no pôr do sol artificial verde.

— De qualquer modo, vai ser divertido.

* * *

Acordei sozinho, o sol queimando meu rosto. Por um segundo, achei que estivesse em uma espreguiçadeira me bronzeando ao lado de Cômodo. Mas, não. Os dias em que Cômodo e eu andávamos juntos tinham ficado para trás.

Eu me sentei, grogue, desorientado e desidratado. Por que ainda estava claro lá fora?

Mas percebi, a julgar pelo ângulo do raio de sol entrando no quarto, que devia ser meio-dia. Dormi a noite inteira e metade do dia.

E ainda me sentia exausto.

Apertei delicadamente o curativo na barriga. Fiquei horrorizado de sentir o ferimento dolorido de novo. As linhas roxas tinham escurecido. Isso só podia significar uma coisa: era hora de usar mangas compridas. Não importava o que acontecesse nas vinte e quatro horas seguintes, não deixaria Meg mais preocupada. Eu seria corajoso até o momento final.

Uau. Quem era esse novo Apolo?

Depois que troquei de roupa e saí trôpego do café de Bombilo, vi que a maior parte da legião tinha se reunido no refeitório para o almoço. Como sempre, estava borbulhando de atividade. Semideuses, agrupados por coorte, estavam recostados em sofás em volta de mesas baixas enquanto *aurae* voavam com pratos de comida e jarras de bebida. Flâmulas de jogos de guerra e estandartes de coortes farfalhavam nas vigas de cedro do teto. Quando terminaram de comer, os presentes se levantaram cautelosamente e andaram encolhidos para não serem decapitados por um prato de frios voador. Exceto os Lares, claro. Eles não se importavam com quais iguarias voavam por suas fuças ectoplásmicas.

Vi Frank na mesa dos pretores, absorto numa conversa com Hazel e o restante dos centuriões. Reyna não estava por perto; talvez estivesse cochilando ou se preparando para os jogos de guerra da tarde. Considerando o que íamos enfrentar no dia seguinte, Frank parecia incrivelmente relaxado. Enquanto conversava com os oficiais, ele até abriu um sorriso, o que pareceu deixar os outros mais tranquilos.

Como seria simples destruir a confiança frágil deles, pensei, só descrevendo a frota de iates que vi no sonho. Ainda não, decidi. Não fazia sentido estragar a refeição.

— Ei, Lester! — gritou Lavínia do outro lado do refeitório, acenando para mim como se eu fosse um garçom.

Eu me juntei a ela e Meg na mesa da Quinta Coorte. Uma das *aurae* me ofereceu um cálice de água e deixou uma jarra na mesa. Aparentemente, minha sede era bem óbvia.

Lavínia se inclinou para a frente, as sobrancelhas arqueadas como arco-íris rosa e castanhos.

— Então é verdade?

Franzi a testa para Meg, imaginando qual das muitas histórias constrangedoras a meu respeito ela teria contado. Minha amiga estava ocupada demais engolindo uma fileira de cachorros-quentes para prestar atenção na conversa.

— O que é verdade? — perguntei.

— Os sapatos.

— Sapatos?

Lavínia ergueu as mãos.

— Os sapatos de dança de Terpsícore! Meg estava nos contando o que aconteceu nos iates do Calígula. Ela disse que você e a tal Piper viram um par de sapatos de Terpsícore!

— Ah. — Eu tinha me esquecido completamente disso e do fato de que tinha contado para Meg. Estranho, mas os outros eventos no barco do Calígula, como ser capturado, ver Jason ser morto na nossa frente, quase não escapar vivos, fez com que eu esquecesse a coleção de calçados do imperador.

— Meg, de todas as coisas que você poderia ter escolhido para contar, você contou sobre *isso*? — falei.

— Não foi ideia minha. — De alguma forma, Meg conseguiu falar com metade de um cachorro-quente na boca. — Lavínia gosta de sapatos.

— Bom, o que você achou que eu fosse perguntar? — perguntou Lavínia. — Você me conta que o imperador tem um barco cheio de sapatos, claro que vou questionar se você viu algum de dança! Então é verdade, Lester?

— Quer dizer… é. Nós vimos um par de…

— Uau. — Lavínia se recostou, cruzou os braços e me olhou de cara feia. — *Uau*. Você esperou até agora para me contar isso? Sabe como esses sapatos são raros? Como são importantes… — Ela pareceu engasgar com a própria indignação. — Uau.

Ao redor da mesa, os colegas de Lavínia exibiram uma variedade de reações. Alguns reviraram os olhos, alguns deram sorrisinhos, alguns continuaram comendo como se nada que Lavínia fizesse pudesse surpreendê-los.

Um garoto mais velho com cabelo castanho desgrenhado ousou me defender.

— Lavínia, Apolo está com outras coisas na cabeça.

— Ah, pelos deuses, Thomas! — bradou Lavínia. — É claro que você não entenderia! Você nunca tira essas botas!

Thomas franziu a testa para seus coturnos.

— O que que tem meus sapatos? São confortáveis.

— Aff. — Lavínia se virou para Meg. — Temos que pensar num jeito de subir naquele barco e resgatar os sapatos.

— Nem pensar. — Meg lambeu uma gota de molho do polegar. — É perigoso demais.

— Mas…

— Lavínia — interrompi. — Você *não pode*.

Ela devia ter ouvido o medo e a urgência presentes na minha voz. Nos dias anteriores, eu desenvolvi um carinho estranho pela garota. Não queria vê-la ir para o abate, principalmente depois do meu sonho com aqueles morteiros carregados com fogo grego.

Ela mexeu o pingente de Estrela de Davi para lá e para cá.

— Você tem alguma informação nova? Manda.

Antes que eu pudesse responder, um prato de comida veio voando para as minhas mãos. As *aurae* decidiram que eu precisava de nuggets de frango e batata frita. Muita. Ou isso ou elas tinham ouvido a palavra *manda* como uma ordem.

Um momento depois, Hazel e o outro centurião da Quinta Coorte se juntaram a nós, um jovem de cabelo escuro e manchas vermelhas estranhas em volta da boca. Ah, sim. Dakota, filho de Baco.

— O que está havendo? — perguntou Dakota.

— Lester tem novidades.

Lavínia me encarou com expectativa, como se eu pudesse estar escondendo o paradeiro do tutu mágico de Terpsícore (que, para deixar registrado, eu não via tinha séculos).

Respirei fundo. Eu não sabia se era o momento certo para contar sobre meu sonho. Deveria relatar para os pretores primeiro. Mas Hazel assentiu como quem diz *Pode falar*. Decidi que isso bastava.

Descrevi o que vi: um morteiro top de linha da IKEA, totalmente montado, disparando uma bola de hamster gigante de morte verde flamejante que explodiu no oceano Pacífico. Expliquei que, aparentemente, os imperadores tinham cinquenta morteiros daqueles, um em cada navio, o que seria capaz de obliterar o Acampamento Júpiter assim que chegassem à baía.

O rosto do Dakota ficou tão vermelho quanto a boca.

— Preciso de mais Tang.

O fato de que nenhum cálice voou na mão dele me disse que as *aurae* discordavam.

Lavínia parecia ter levado um tapa com uma das sapatilhas de balé da mãe. Meg continuou devorando cachorros-quentes como se pudessem ser os últimos que comeria na vida.

Hazel mordeu o lábio, pensativa, talvez tentando extrair alguma boa notícia daquilo. Ela pareceu achar isso mais difícil do que fazer diamantes brotarem do chão.

— Olha, pessoal, nós sabíamos que os imperadores estavam montando armas secretas. Pelo menos agora sabemos que armas são essas. Vou passar essa informação para os pretores, mas isso não muda nada. Vocês todos se saíram muito bem nos treinos matinais — ela hesitou, mas decidiu generosamente não acrescentar *exceto Apolo, que dormiu o tempo todo* —, e hoje à tarde um dos nossos jogos de guerra vai ser sobre subir a bordo de barcos inimigos. Vamos estar preparados.

Pelas expressões na mesa, percebi que a Quinta Coorte não ficou tranquilizada. Os romanos nunca foram conhecidos pela destreza naval. Na última vez que verifiquei, a "marinha" do Acampamento Júpiter consistia de uns trirremes velhos que eles só usavam para

batalhas navais encenadas no Coliseu e um barco a remo que ficava atracado em Alameda. Treinar como invadir barcos inimigos seria menos praticar um plano de batalha factível e mais manter os legionários ocupados para que não pensassem no fim iminente.

Thomas esfregou a testa.

— Eu odeio a minha vida.

— Controle-se, legionário! — disse Hazel. — Foi com isso que a gente se comprometeu. Defender o legado de Roma.

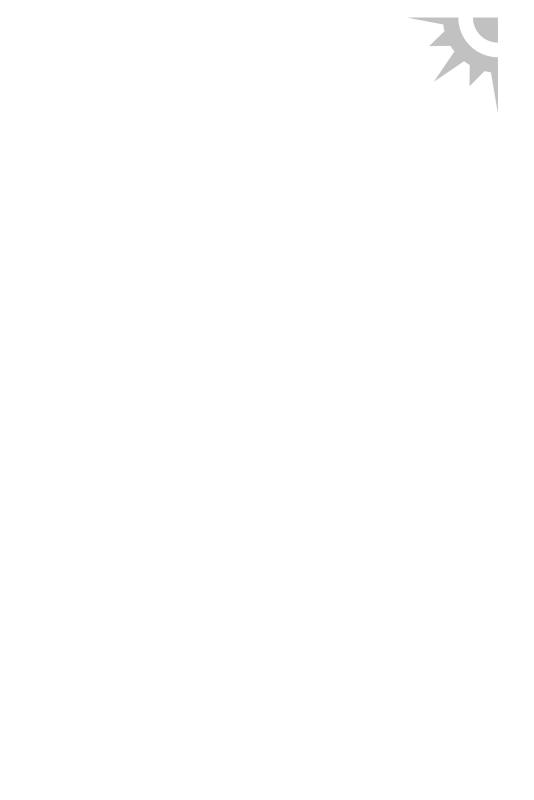
— De seus próprios imperadores — comentou Thomas arrasado.

— Lamento dizer, mas a maior ameaça ao império quase sempre eram os próprios imperadores — observei.

Ninguém protestou.

Na mesa dos oficiais, Frank Zhang se levantou. Por todo o salão, jarras e pratos pararam no ar, esperando respeitosamente.

— Legionários! — anunciou Frank, abrindo um sorriso confiante. — As atividades recomeçarão no Campo de Marte em vinte minutos. Treinem como se sua vida dependesse disso, porque depende mesmo!

21

Estão vendo isso, crianças?
É assim que não se faz.
Alguma pergunta? Estão liberados.

— COMO ESTÁ O ferimento? — perguntou Hazel.

Eu sabia que a intenção dela era boa, mas estava ficando cansado daquela pergunta, e ainda mais cansado do ferimento.

Saímos lado a lado pelos portões principais, na direção do Campo de Marte. Logo à frente, Meg dava estrelinhas pelo caminho. Como ela fazia isso sem regurgitar os quatro cachorros-quentes que havia comido, eu não tinha ideia.

— Ah, você sabe — falei, numa tentativa horrenda de parecer animado. — Considerando tudo, estou bem.

Meu antigo eu imortal teria gargalhado. *Bem? Está de brincadeira?*

Nos últimos meses, eu havia reduzido drasticamente minhas expectativas. A essa altura, *bem* significava *ainda capaz de andar e respirar*.

— Eu deveria ter percebido antes — disse Hazel. — Sua aura de morte está ficando cada vez mais forte…

— Será que dá para a gente não falar da minha aura de morte?

— Foi mal, é só que… Queria que Nico estivesse aqui. Talvez ele soubesse como resolver isso.

Eu não teria me importado se o meio-irmão de Hazel desse as caras. Nico di Angelo, filho de Hades, teria sido bem útil na nossa batalha contra Nero no Acampamento Meio-Sangue. E é claro que o namorado dele, meu filho Will Solace, era um excelente curandeiro. Ainda assim, eu supunha que eles não conseguiriam ter feito muito mais que Pranjal. Se Will e Nico estivessem aqui, seriam só mais duas pessoas para me causar preocupação — mais duas pessoas que amo me observando com cautela, tentando calcular quanto tempo eu teria até me transformar de vez em zumbi.

— Agradeço a preocupação, mas… O que a Lavínia está fazendo?

A uns cem metros, Lavínia e Don, o fauno, estavam parados numa ponte acima do Pequeno Tibre — situado *bem longe* do Campo de Marte —, tendo o que parecia uma discussão séria. Talvez eu não devesse ter chamado a atenção de Hazel para isso. Por outro lado, se Lavínia queria passar despercebida, deveria ter escolhido outra cor de cabelo — tipo verde-camuflagem, por exemplo — e se controlado nos gestos.

— Não sei. — A expressão de Hazel me lembrou a de uma mãe

cansada que encontra o filho pequeno tentando entrar na exposição dos primatas pela décima vez. — Lavínia!

Ela olhou para nós. Ergueu a mão, como se dissesse *Só um minuto*, então voltou a discutir com Don.

— Será que sou jovem demais para ter úlceras? — Hazel se perguntou em voz alta.

Eu vinha encontrando poucas brechas para piadas, levando em conta tudo que estava acontecendo, mas aquele comentário me fez rir.

Quando nos aproximamos do Campo de Marte, vi legionários se organizando em coortes, se espalhando pelas diferentes atividades que aconteciam em pontos variados do descampado. Um grupo estava cavando trincheiras defensivas. Outro se reunira na margem de um lago artificial que não existia no dia anterior, esperando para invadir dois barcos improvisados que não tinham nenhuma semelhança com os iates de Calígula. Um terceiro grupo descia um morro escorregando nos escudos.

Hazel suspirou.

— Esses são os meus delinquentes. Se você me dá licença, tenho que ensiná-los a matar ghouls.

Ela saiu dando uma corridinha, me deixando sozinho com a minha companheira fazedora de estrelinhas.

— Então, aonde vamos? — perguntei para Meg. — Frank disse que a gente tinha, hum, trabalhos especiais?

— Aham. — Meg apontou para o extremo do campo, onde a Quinta Coorte esperava junto a alguns alvos. — Você vai dar aula de arco e flecha.

Fiquei encarando Meg sem entender.

— Eu vou fazer *o quê*?

— Frank deu a aula da manhã, já que você não acordou por *nada*. Agora é a sua vez.

— Mas… Eu não posso ensinar arco e flecha sendo Lester, especialmente nesse estado! Além disso, os romanos nunca utilizam arco e flechas em combate. Eles se acham bons demais para armas de projétil!

— Melhor pensar diferente se a gente quer mesmo derrotar os imperadores — disse Meg. — Tipo eu. Estou armando os unicórnios.

— Você está… Espera, o quê?

— Até mais.

Meg saiu saltitando pelo campo em direção a um picadeiro grande onde a Primeira Coorte e uma manada de unicórnios se encaravam, desconfiados. Eu não conseguia imaginar como Meg planejava armar aquelas criaturas tão pacíficas, ou quem lhe dera permissão para tentar, mas tive uma terrível visão repentina dos romanos e dos unicórnios se enfrentando com grandes raladores de queijo. Decidi

cuidar da minha própria vida.

Com um suspiro, me virei para os alvos e fui falar com meus novos pupilos.

* * *

A única coisa mais assustadora que ser ruim no tiro com arco foi descobrir que de repente eu era bom de novo. Isso pode não parecer um problema, mas desde que me tornei mortal já tinha vivido alguns rompantes de poder divino. Toda vez que isso acontecia, porém, meus poderes logo evaporavam, me deixando ainda mais amargo e desiludido que antes.

Claro, eu tinha atirado bem na tumba de Tarquínio, mas isso não significava que eu poderia repetir o feito. Se eu tentasse demonstrar as técnicas de tiro corretas na frente de uma coorte inteira e acabasse atingindo um dos unicórnios de Meg na bunda, ia morrer de vergonha muito antes de o veneno zumbi acabar comigo.

— Certo, vamos lá, pessoal — falei. — Acho que podemos começar.

Dakota revirava a aljava manchada, tentando encontrar uma flecha que não estivesse torta. Aparentemente ele achou que seria uma ótima ideia guardar o equipamento de arco e flecha na sauna. Thomas e outro legionário (Marcus?) duelavam com os arcos como se fossem espadas. O porta-estandarte da legião, Jacob, puxava a corda do arco com a ponta da flecha diretamente no nível dos olhos, o que explicava por que seu olho esquerdo estava com um curativo desde a aula da manhã. Ele parecia ansioso para acabar com a própria visão de vez.

— Vamos lá, pessoal! — gritou Lavínia, que se aproximara sem ser notada apesar do atraso (um dos seus superpoderes) e decidiu que me ajudaria a reunir a tropa. — Apolo talvez saiba uma coisinha ou outra!

Enfim eu tinha chegado ao fundo do poço: o maior elogio que eu poderia receber de um mortal era que eu talvez soubesse “uma coisinha ou outra”.

Limpei a garganta. Já tinha enfrentado plateias muito maiores. Por que estava tão nervoso? Ah, verdade. Porque eu era um adolescente de dezesseis anos terrivelmente incompetente.

— Então… Vamos falar de mira. — Minha voz afinou, é claro. — Pés afastados. Puxem bem a corda. Então localizem o alvo com o olho dominante. Ou, no caso de Jacob, com o olho que estiver bom. Mirem pelo marcador de visão, se tiver.

— Eu não tenho um marcador de visão — disse Marcus.

— É essa coisinha redonda aqui. — Lavínia mostrou a ele.

— Então eu tenho um marcador de visão — corrigiu-se Marcus.

— Então soltem a flecha — falei. — Assim.

Eu atingi o alvo mais próximo, e depois o próximo, e o próximo

depois deste, atirando sem parar, em um tipo de transe.

Foi só depois de vinte flechadas que percebi que tinha acertado todos os alvos em cheio, duas flechas em cada, o mais distante a duzentos metros. Mamão com açúcar para Apolo. Para Lester, quase impossível.

Os legionários ficaram olhando para mim, de queixo caído.

— É para a gente fazer *isso*? — questionou Dakota.

Lavínia me deu um soquinho no ombro.

— Viu, gente? Eu falei que Apolo não era tão ruim assim!

Tive que concordar. Eu me sentia estranhamente não *tão* ruim mesmo.

A exibição de pontaria não drenou minha energia. Também não parecia as explosões repentinas de poder divino que haviam me acometido anteriormente. Fiquei tentado a pedir outra aljava para ver se conseguiria continuar atirando com a mesma eficiência, mas fiquei com medo de abusar da sorte.

— Então… — engasguei. — Eu, hum, não espero que vocês consigam atirar tão bem assim de início. Só estava demonstrando o que é possível fazer com bastante treino. Vamos tentar?

Fiquei aliviado por tirar o foco de mim mesmo. Organizei a coorte em uma linha de tiro e fui de um em um, oferecendo conselhos. Apesar das flechas tortas, Dakota não foi tão mal. Até acertou o alvo algumas vezes. Jacob conseguiu não arrancar o outro olho. A maior parte das flechas de Marcus acabou fincada no chão de terra, ricocheteando em pedras e nas trincheiras, o que fez com que a Quarta Coorte, que estava cavando, gritasse em nossa direção pedindo cuidado.

Depois de uma hora de frustração com o arco comum, Lavínia desistiu e pegou sua manubalista. O primeiro dardo derrubou o alvo dos cinquenta metros.

— Por que você insiste em usar essa monstruosidade lerda? — perguntei. — Se é tão hiperativa, um arco normal não te daria mais uma satisfação mais imediata?

Ela deu de ombros.

— Talvez, mas a manubalista tem presença. Aliás — ela se inclinou na minha direção, com o rosto sério —, tenho que falar com você.

— Isso não me parece boa coisa.

— Não, não é. Eu…

Ao longe, uma corneta soou.

— Certo, pessoal! — chamou Dakota. — Hora de mudar de atividade! Bom trabalho em equipe!

Lavínia me deu outro soquinho no braço.

— Até mais, Lester.

A Quinta Coorte largou as armas e correu para a próxima atividade,

me deixando para recolher as flechas todas sozinho. Cretinos.

Passei o restante da tarde na estação de arco e flechas, treinando uma coorte de cada vez. Conforme as horas se passavam, tanto a tarefa de atirar quanto a de ensinar foram ficando menos assustadoras para mim. Quando estava terminando os trabalhos com o último grupo, a Primeira Coorte, estava convencido de que minha habilidade no arco e flecha havia mesmo melhorado definitivamente.

Eu não sabia o motivo. Ainda não conseguia atirar com a qualidade divina, mas sem dúvida estava melhor que o semideus arqueiro médio ou um medalhista olímpico. Estava começando a "dançar". Considerei pegar a Flecha de Dodona para esfregar meu sucesso na cara dela. *Viu o que consigo fazer?* Mas isso poderia acabar dando azar. Além disso, saber que eu estava morrendo com veneno zumbi às vésperas de uma imensa batalha meio que era um banho de água fria na minha habilidade de atirar perfeitamente de novo.

Os romanos ficaram devidamente impressionados. Alguns até aprenderam um pouco, por exemplo, a atirar sem se cegar ou atingir o colega ao lado. Ainda assim, dava para ver que eles estavam mais animados com as outras atividades. Entreouvi um bocado de sussurros sobre os unicórnios e a técnica de matar ghouls supersecreta de Hazel. Larry da Terceira Coorte tinha se divertido tanto invadindo os barcos que declarou que queria ser pirata quando crescesse. Suspeitei de que a maioria dos legionários tinha gostado mais de cavar trincheiras do que da minha aula.

Já era noite quando a corneta final tocou e as coortes voltaram para o acampamento. Eu estava exausto e faminto. Fiquei me perguntando se é assim que professores mortais se sentem depois de um dia inteiro dando aulas. Se for, não entendo como eles conseguem. Espero que sejam recompensados com grandes quantias de ouro, diamantes e especiarias raras.

Pelo menos as coortes pareciam de bom humor. Se o objetivo dos pretores era desviar a atenção das tropas dos seus medos e dar uma animada antes da batalha, nossa tarde havia sido um sucesso. Se o objetivo era treinar a legião para efetivamente repelir nossos inimigos… então eu estava menos que esperançoso. Além disso, todos tinham passado o dia cuidadosamente evitando comentar a pior coisa do ataque do dia seguinte. Os romanos teriam que enfrentar seus antigos camaradas voltando como zumbis sob o comando de Tarquínio. Eu vi como foi difícil para Lavínia abater Bobby na tumba. Eu me perguntei se o ânimo da legião se manteria em alta depois que eles enfrentassem o mesmo dilema moral cinquenta ou sessenta vezes.

Eu estava pegando a Via Principalis, rumo ao salão de refeições, quando uma voz chamou:

— Psiu!

Escondidos no beco entre o café de Bombilo e a oficina de bigas estavam Lavínia e Don. O fauno usava, eu juro, um sobretudo por cima da camiseta tie-dye, como se isso fosse fazê-lo parecer menos suspeito. Lavínia estava com um boné preto cobrindo o cabelo cor-de-rosa.

— Vem cá! — sussurrou ela.

— Mas o jantar…

— A gente precisa de você.

— Vocês vão me roubar?

Ela foi até mim, agarrou meu braço e me puxou para o beco escuro.

— Não se preocupe, cara! — falou Don. — Ninguém está te roubando. Mas, tipo, se você tiver algum trocado…

— Cala a boca, Don — interrompeu Lavinia.

— Eu vou calar a boca — concordou ele.

— Lester — disse Lavínia. — Você precisa vir com a gente.

— Lavínia, eu estou cansado. Com fome. E não tenho trocado. Será que não dá para esperar…?

— Não. Porque amanhã pode ser que todo mundo morra, e isso é importante. A gente vai sair escondido.

— Sair escondido?

— Sim — disse Don. — É quando você sai. E faz isso escondido.

— Por quê? — exigi saber.

— Você vai ver.

O tom de Lavínia era assustador, como se ela não pudesse explicar como o meu caixão era e eu tivesse que admirá-lo com meus próprios olhos.

— E se a gente for pego?

— Ah! — Don se animou. — Eu sei a resposta! Sendo uma primeira ofensa, o castigo é limpar as latrinas por um mês. Mas a parada é que, se todo mundo morrer amanhã, isso não vai fazer diferença!

Com essas boas notícias, Lavínia e Don seguraram minhas mãos e me puxaram pela escuridão.

22

Eu canto sobre plantas mortas
E arbustos heroicos
Muito inspirador mesmo

SAIR ESCONDIDO de um acampamento militar romano não deveria ter sido tão fácil.

Depois de passarmos em segurança por um buraco na cerca, descermos por um fosso, atravessarmos um túnel, passarmos pelos piquetes e fugirmos das torres de sentinela do acampamento, Don explicou com todo o prazer como ele tinha realizado a façanha.

— Cara, este lugar foi feito para manter exércitos do lado de fora. Não para manter legionários do lado de dentro ou impedir, sabe, um ou outro fauno bem-intencionado que só quer uma refeição quentinha. Sabendo o horário das patrulhas e mudando o local de entrada com alguma regularidade, é fácil.

— Isso parece impressionantemente engenhoso para um fauno — observei.

Don abriu um sorrisão.

— Ei, camarada. Relaxar não é moleza.

— A gente tem um longo caminho pela frente — comentou Lavínia. — Melhor ir andando.

Tentei não reclamar. Outra caminhada noturna com Lavínia não estava nos meus planos para a noite. Mas eu tinha que admitir que estava curioso. Sobre o que será que ela e Don estavam discutindo antes? Por que será que ela queria falar comigo mais cedo? E aonde estávamos indo? Com seus olhos cinzentos e o boné escuro cobrindo o cabelo, Lavínia parecia preocupada e determinada, menos uma girafa desajeitada e mais uma gazela tensa. Eu já tinha visto o pai dela, Sergei Asimov, se apresentar uma vez no Balé de Moscou. Ele fazia exatamente a mesma cara antes de começar um *grand jeté*.

Eu queria perguntar a Lavínia o que estava havendo, mas a postura dela deixava claro que não estava a fim de conversa. Pelo menos não por enquanto. Caminhamos em silêncio até sairmos do vale e chegarmos às ruas de Berkeley.

Já devia passar de meia-noite quando chegamos ao People's Park.

Eu não visitava o lugar desde 1969, quando dei uma passada para ouvir umas músicas hippies e conferir a moda *flower power*, mas acabei no meio de uma manifestação. Os policiais munidos de gás lacrimogêneo, espingardas e cassetetes não foram nada *chuchu beleza*. Precisei de todo o meu controle celestial para não revelar minha

forma divina e transformar todo mundo num raio de dez quilômetros em cinzas.

Agora, décadas depois, o parque caindo aos pedaços ainda parecia sofrer com as consequências do evento. No gramado ressecado e marrom havia roupas largadas e placas de papelão com dizeres rabiscados como ESPAÇO VERDE NÃO É LUGAR DE DORMIR e SALVEM NOSSO PARQUE. Vários tocos de árvores estavam decorados com vasos de plantinhas e cordões de contas, como santuários para guerreiros caídos. Lixeiras transbordavam. Moradores de rua dormiam em bancos ou reviravam carrinhos de mercado que continham suas posses materiais.

No extremo da praça, ocupando um palco alto de compensado, estava o maior grupo de dríades e faunos que eu já tinha visto. Para mim fez todo o sentido que faunos habitassem o People's Park. Eles podiam ficar de preguiça, pedir esmolas, comer comida das lixeiras e passar totalmente despercebidos. As dríades me surpreenderam mais. Havia pelo menos umas vinte e cinco ali. Algumas, eu imaginei, eram os espíritos dos eucaliptos e das sequoias locais, mas a maioria, considerando como estavam abatidas, devia ser composta por dríades dos sofridos arbustos, gramas e ervas-daninhas do parque. (Sem julgamento às dríades das ervas-daninhas. Eu já conheci algumas belas dríades de capim.)

Os faunos e dríades estavam sentados em um círculo amplo, como se preparando-se para uma sessão de cantoria ao redor de uma fogueira invisível. Tive a sensação de que estavam esperando por nós — por *mim* — para começar a música.

Eu já estava nervoso o bastante. Então vi um rosto familiar e quase senti meu coração infectado por maldição zumbi sair pela boca.

— *Pêssego?*

O *karpos* bebê demoníaco de Meg mostrou as presas e respondeu:

— Pêssego!

Suas asas de galhos tinham perdido algumas folhas. Seu cabelo cacheado verde estava seco e amarronzado nas pontas, e os olhos brilhantes pareciam mais apagados do que eu me lembrava. Ele devia ter passado por muitas dificuldades para nos encontrar no Norte da Califórnia, mas seu rosnado continuava assustador a ponto de me fazer temer pelo controle da minha bexiga.

— Onde você *esteve*? — exigi saber.

— Pêssego!

Eu me senti um idiota por perguntar. É claro que ele estava em *pêssego*, provavelmente porque *pêssego*, *pêssego* e *pêssego* também.

— A Meg sabe que você está aqui? Como você…?

Lavínia segurou meu ombro.

— Ei, Apolo? A gente não tem muito tempo. Pêssego nos contou o

que viu no sul da Califórnia, mas chegou aqui tarde demais para ajudar. Ele estragou as asas tentando chegar aqui o mais rápido possível. Ele quer que você conte para o grupo em primeira mão o que aconteceu por lá.

Observei as expressões do grupo. Os espíritos da natureza estavam assustados, apreensivos, raivosos — mas pareciam sobretudo cansados de sentir raiva. Eu já tinha visto aquele olhar em muitas dríades nos dias recentes da civilização humana. Havia um limite para a quantidade de poluição que uma planta média é capaz de respirar, beber e mergulhar os galhos antes de perder a esperança.

Agora Lavínia queria que eu destruísse seus espíritos de vez ao contar o que havia acontecido com seus companheiros em Los Angeles e qual era a destruição feroz que os aguardava. Em outras palavras, ela queria que eu fosse morto por um bando de arbustos irritados.

Engoli em seco.

— Hum…

— Aqui. Isso vai ajudar.

Lavínia tirou a mochila do ombro. Eu não tinha prestado muita atenção ao volume da mochila, porque ela sempre carregava uma tonelada de equipamento, mas quando Lavínia abriu o zíper, a última coisa que esperava vê-la tirar dali era meu ukulele — recém-polido e com cordas novas.

— Como…? — perguntei quando ela colocou o instrumento nas minhas mãos.

— Roubei do seu quarto — disse ela, como se fosse óbvio que era isso que amigos faziam. — Você estava dormindo fazia séculos. Eu levei para uma amiga que conserta instrumentos. Marilyn, filha de Euterpe. Sabe, a Musa da Música.

— Eu… eu conheço Euterpe. É claro. A especialidade dela é flautas, não ukuleles. Mas os trastes da escala estão perfeitos agora. Marilyn deve ser… Eu estou tão… — Percebi que não estava falando coisa com coisa. — Obrigado.

Lavínia grudou os olhos em mim, ordenando em silêncio que eu recompensasse seu esforço. Ela deu um passo para trás e se sentou junto aos espíritos da natureza.

Comecei a tocar. Lavínia tinha razão: o instrumento ajudava. Não que ele me escondesse — como já descobri, não é possível se esconder atrás de um ukulele, mas dava mais confiança à minha voz. Depois de alguns soturnos acordes menores, comecei a cantar “A queda de Jason Grace”, como eu havia feito assim que chegamos ao Acampamento Júpiter. A música logo se transformou, porém. Como todo bom artista, adaptei o material ao público.

Cantei sobre os incêndios florestais e as secas que arrasaram o sul da Califórnia. Cantei sobre os bravos cactos e sátiros da Cisterna em

Palm Springs, que lutaram bravamente para encontrar a fonte da destruição. Cantei sobre as dríades Agave e Jade, ambas gravemente feridas no Labirinto de Fogo, e como Jade havia morrido nos braços de Aloe Vera. Acrescentei algumas estrofes esperançosas sobre Meg e o renascimento das dríades guerreiras Melíades, sobre como havíamos destruído o Labirinto de Fogo e dado à vegetação da região pelo menos alguma chance de se regenerar. Mas eu não podia esconder os perigos que nos aguardavam. Descrevi o que tinha visto nos meus sonhos: os iates chegando com suas armas ardentes, a devastação infernal que tomaria toda a Bay Area.

Depois de tocar o último acorde, ergui os olhos. Lágrimas verdes reluziam nos olhos das dríades. Faunos soluçavam descontroladamente.

Pêssego se virou para os outros e rosnou:

— Pêssego!

Desta vez, eu tive quase certeza de que entendi o significado: *Viu? Eu falei pra vocês!*

Don fungou, secando os olhos com o que parecia uma embalagem usada de burrito.

— É verdade, então. Está acontecendo. Que Fauno nos proteja…

Lavínia também secava algumas lágrimas.

— Obrigada, Apolo.

Como se eu tivesse feito algum favor. Então por que eu me sentia como se tivesse acabado de puxar as raízes de cada um daqueles espíritos da natureza? Eu havia passado tanto tempo me preocupando com o destino de Nova Roma e do Acampamento Júpiter, dos Oráculos, dos meus amigos, e o meu. Mas esses capins e lodoeiros mereciam viver tanto quanto nós. Eles também estavam enfrentando a morte. Estavam apavorados. Se os imperadores disparassem as armas, eles não teriam chance. Os mortais sem-teto com seus carrinhos de supermercado no People's Park também seriam destruídos, junto com os legionários. A vida deles não valia menos do que quaisquer outras.

Os mortais talvez não entendessem o desastre. Atribuiriam a incêndios florestais fora de controle ou a qualquer outra causa que seus cérebros fossem capazes de compreender. Mas eu saberia a verdade: se aquela imensa, estranha e bela parte da costa da Califórnia queimasse, seria porque eu falhei em impedir meus inimigos.

— Certo, pessoal — continuou Lavínia, depois de um momento para se recompor. — Vocês ouviram. Os imperadores estarão aqui amanhã de noite.

— Mas então não temos tempo nenhum — disse uma dríade sequoia. — Se eles fizerem com a Bay Area o que fizeram em Los Angeles…

Senti o medo atravessar o grupo como um vento frio.

— A legião vai enfrentá-los, não vai? — perguntou um fauno, nervoso. — Quer dizer, eles podem ganhar.

— Que isso, Reginald — retrucou uma dríade. — Você quer mesmo depender de mortais para nos proteger? Quando foi que *isso* já funcionou?

Os outros resmungaram, concordando.

— Para ser justa — interrompeu Lavínia —, Frank e Reyna estão se esforçando. Vão mandar uma equipe pequena de soldados para interceptar os navios. Michael Kahale e alguns outros semideuses escolhidos a dedo. Mas eu não estou otimista.

— Eu não soube de nada disso — falei. — Como você descobriu?

Ela ergueu as sobrancelhas cor-de-rosa como se dissesse: *Por favor.*

— E é claro que o Lester aqui vai tentar invocar ajuda divina com algum ritual supersecreto, mas…

Ela nem precisou completar. Também não estava otimista em relação a isso.

— Então, o que vocês vão fazer? — perguntei. — O que vocês *podem* fazer?

Não era minha intenção criticar. Eu só não conseguia imaginar nenhuma opção.

A expressão de pânico dos faunos parecia indicar o plano deles: comprar passagens de ônibus para Portland, no Oregon, imediatamente. Mas isso não ajudaria as dríades. Elas literalmente estavam enraizadas a seus solos nativos. Talvez pudessem entrar em uma hibernação profunda, como as dríades do sul fizeram. Mas isso seria o suficiente para que sobrevivessem a uma tempestade de fogo? Eu já tinha ouvido histórias sobre certas espécies de plantas que germinaram e voltaram a crescer depois de incêndios devastadores, mas duvidava de que a maioria tivesse essa habilidade.

Para ser sincero, eu não sabia muito sobre o ciclo de vida das dríades, ou como elas se protegiam de desastres climáticos. Talvez se, nos últimos séculos, eu tivesse passado mais tempo conversando com elas e menos perseguindo-as…

Nossa, eu era outra pessoa *mesmo*.

— Temos muito a discutir — disse uma das dríades.

— Pêssego — concordou Pêssego, me encarando com uma mensagem clara: *Fora*.

Eu tinha tantas perguntas para ele: por que tinha desaparecido por tanto tempo? Por que estava aqui, e não com Meg?

Eu suspeitava de que não receberia qualquer resposta naquela noite. Pelo menos nada além de rosnados, mordidas e a palavra *pêssego*. Pensei no que a dríade dissera sobre não confiar nos humanos para resolver problemas de espíritos da natureza. Aparentemente, isso também incluía a mim. A mensagem estava entregue. Agora eu podia

me retirar.

Meu coração já estava pesado, e Meg não estava num momento psicológico dos mais estáveis… Não sabia como poderia dar a notícia de que seu demoniozinho que mal tinha largado as fraldas havia se transformado num pêssego selvagem.

— Vamos levar você de volta para o acampamento — disse Lavínia. — Você tem um dia complicado pela frente.

Deixamos Don lá com os outros espíritos da natureza, todos mergulhados em conversas sérias sobre a crise, e voltamos pela Telegraph Avenue.

Depois de alguns quarteirões, reuni coragem para perguntar:

— O que eles vão fazer?

Lavínia levou um susto, como se por um instante tivesse esquecido a minha presença.

— Você quer dizer o que *vocês* vão fazer. Porque eu vou com eles.

Senti um nó na garganta.

— Lavínia, você está me assustando. O que está planejando fazer?

— Eu tentei deixar pra lá — resmungou ela. Na luz dos postes, os fios de cabelo cor-de-rosa que escapavam do boné pareciam flutuar ao redor da cabeça dela como algodão-doce. — Depois do que vimos na tumba, Bobby e os outros, depois que você descreveu o que vamos enfrentar amanhã…

— Lavínia, por favor…

— Eu não consigo entrar na formação como um bom soldado. Ficar lado a lado e escudo com escudo com os outros, marchando para a morte que nem todo mundo? Isso não vai ajudar ninguém.

— Mas…

— É melhor não perguntar. — O rosnado dela foi quase tão assustador quanto o de Pêssego. — E é *definitivamente* melhor você não falar nada com ninguém sobre o que aconteceu hoje à noite. Agora vamos.

Ela ignorou minhas perguntas durante o restante do trajeto de volta. Parecia ter uma nuvem escura com cheiro de chiclete flutuando acima da cabeça. Conseguiu me fazer passar com segurança pelas sentinelas, pelo buraco no muro e de volta ao café antes de sumir na noite sem nem se despedir.

Talvez eu devesse tê-la impedido. Acionado o alarme. Tê-la jogado na prisão. Mas qual teria sido a vantagem? Minha impressão era de que Lavínia nunca se sentira confortável na legião. Afinal, ela passava a maior parte do tempo procurando passagens secretas e trilhas escondidas para sair do vale. Enfim havia conseguido.

Tive uma sensação ruim de que nunca mais a veria. Ela estaria no próximo ônibus para Portland com mais algumas dúzias de faunos, e por mais que eu quisesse ficar com raiva disso, só conseguia sentir

tristeza. No lugar dela, será que eu teria feito diferente?

Quando voltei para o nosso quarto, Meg estava desmaiada, roncando, os óculos pendurados na ponta dos dedos, os lençóis emaranhados aos seus pés. Tentei cobri-la como pude. Se estava tendo pesadelos com o amigo espírito do pêssego conspirando com as dríades locais, eu não sabia dizer. No dia seguinte, eu teria que resolver o que contar a ela. No momento, só ia deixá-la dormir.

Fui me deitar, com a certeza de que passaria a noite inteira me revirando na cama.

Mas apaguei imediatamente.

* * *

Quando acordei, o sol da manhã batia no meu rosto. A cama de Meg estava vazia. Percebi que tinha dormido como um defunto — sem sonhos, sem visões. Isso não me reconfortou. Quando os pesadelos sumiam, isso normalmente significava que tinha algo se aproximando — algo ainda pior.

Eu me vesti e peguei meus equipamentos, tentando não pensar em como estava cansado e como minha barriga doía. Então peguei um muffin e um café com Bombilo e saí para encontrar meus amigos. Naquele dia, de um jeito ou de outro, o destino de Nova Roma seria decidido.

23

Na minha picape
Com os meus cães e minhas armas
E esse idiota do Lester

REYNA E MEG estavam esperando por mim nos portões principais do acampamento, embora a pretora estivesse quase irreconhecível. No lugar do uniforme, usava tênis de corrida azuis e calça skinny, uma camiseta de manga comprida cor de cobre e um suéter marrom-avermelhado. Com o cabelo trançado para trás e um leve toque de maquiagem no rosto, ela poderia ter passado despercebida entre os milhares de estudantes da Bay Area. Supus que era o objetivo.

— O que foi? — questionou ela.

Percebi que estava encarando.

— Nada.

Meg bufou. Estava com as roupas de sempre: vestido verde, leggings amarelas e tênis de cano alto vermelho, para se misturar aos milhares de estudantes do primário da região; a única diferença era que tinha doze anos, estava carregando o cinto de jardinagem, e tinha prendido um broche na gola do vestido com um desenho de uma cabeça de unicórnio na frente de dois ossos cruzados. Eu fiquei me perguntando se ela havia comprado aquilo na loja de lembrancinhas de Nova Roma ou se de alguma maneira tinha mandado fazer. As duas possibilidades me assustavam.

Reyna ergueu as mãos.

— Eu *tenho* roupas civis, Apolo. Mesmo com a Névoa ajudando a encobrir as coisas, andar por São Francisco com uma armadura completa de legionário atrai alguns olhares curiosos.

— Não, claro. Você está ótima. Quer dizer, bem. — Por que minhas mãos estavam suando? — Quer dizer, vamos então?

Reyna enfiou dois dedos na boca e deu um assobio tão alto que limpou minhas trompas de eustáquio. Do forte, seus dois greyhounds de metal foram correndo, latindo como pequenas armas de fogo.

— Ah, que ótimo — falei, tentando suprimir meu instinto de entrar-em-pânico-e-fugir. — Seus cachorros vão também.

Reyna deu um sorrisinho.

— Bem, eles ficariam chateados se eu fosse para São Francisco de carro sem eles.

— De carro?

Eu estava prestes a perguntar *que carro?* quando ouvi uma buzina na direção da cidade. Um Chevrolet 4x4 vermelho caindo aos pedaços

veio roncando por uma estrada em geral reservada para legionários em marcha e elefantes.

No volante estava Hazel Levesque, com Frank Zhang no banco do carona.

O veículo mal havia parado, e Aurum e Argentum já pulavam na caçamba da picape, as línguas de metal penduradas e os rabos balançando.

Hazel saiu da cabine.

— Tanque cheio, pretora.

— Obrigada, centuriã. — Reyna sorriu. — Como estão as aulas de direção?

— Ótimas! Eu nem atropelei o Término desta vez.

— Isso que é progresso — concordou Reyna.

Frank saiu do lado do passageiro.

— É, Hazel logo vai estar pronta para dirigir em estradas comuns.

Eu tinha muitas perguntas: onde eles guardavam a picape? Havia um posto de gasolina em Nova Roma? Por que eu tinha andado tanto se havia um carro disponível?

Meg foi mais rápida e fez a pergunta mais importante:

— Posso ir na caçamba com os cachorros?

— Não, senhora — respondeu Reyna. — Você vai na cabine, com o cinto de segurança afivelado.

— Poxa. — Meg saiu correndo para brincar com os cachorros.

Frank deu um abraço de urso em Reyna (sem se transformar em urso).

— Toma cuidado, hein?

Reyna pareceu não saber como lidar com aquela demonstração de afeto, ficando com os braços rígidos e então dando uns tapinhas sem jeito nas costas do companheiro pretor.

— Você também — disse ela. — Alguma notícia da força-tarefa?

— Eles saíram antes do nascer do sol — respondeu Frank. — Kahale estava animado, mas…

Ele deu de ombros, como se dissesse que os deuses já tinham iniciado sua missão secreta anti-iate. O que, enquanto ex-deus, posso te dizer que não era nada tranquilizador.

Reyna olhou para Hazel.

— E os piquetes antizumbi?

— Prontos — disse Hazel. — Se as hordas de Tarquínio vierem da mesma direção que da outra vez, vão ter algumas surpresas bem desagradáveis. Também coloquei armadilhas em outras entradas da cidade. Com sorte vamos conseguir segurá-los antes de chegarmos ao combate mano a mano, então…

Ela hesitou, como se não quisesse terminar a frase. Acho que entendi. *Então não vamos precisar olhar na cara deles.* Se a legião *tivesse*

que enfrentar uma onda de camaradas mortos-vivos, seria bem melhor destruí-los de longe, sem passar pela dor de reconhecer antigos amigos.

— Eu só queria… — Hazel balançou a cabeça. — Bem, ainda estou com medo de Tarquínio ter outros planos. Eu deveria conseguir prever, mas…

Ela deu tapinhas na testa como se tentasse reiniciar o próprio cérebro. Eu sabia como era.

— Você já fez muita coisa — disse Frank. — Se inventarem alguma surpresa, a gente se adapta.

Reyna concordou.

— Certo, então estamos indo. Não se esqueçam de recarregar as catapultas.

— Claro — disse Frank.

— E verifiquem de novo com o contramestre como estão as barricadas incendiárias.

— Claro.

— E… — Reyna se calou. — Vocês sabem o que estão fazendo. Foi mal.

Frank sorriu.

— Só tragam o que quer que a gente vá precisar para invocar aquela ajuda divina. Vamos manter o acampamento em segurança até vocês voltarem.

Hazel observou as roupas de Reyna com preocupação.

— A sua espada está na picape, mas não quer levar um escudo ou algo assim?

— Não, estou com a capa. Vai me proteger da maior parte das armas.

Reyna passou os dedos pela gola do suéter, que no mesmo instante se transformou na sua capa roxa.

O sorriso de Frank desapareceu.

— A *minha* capa também faz isso?

— Até mais, pessoal! — Reyna sentou-se no banco do motorista.

— Espera, a *minha* capa também me protege de armas? — gritou Frank atrás de nós. — A minha também vira um suéter?

Quando partimos, vi Frank Zhang pelo espelho retrovisor, estudando atentamente a costura da capa.

* * *

Nosso primeiro desafio do dia: manobrar na Bay Bridge.

Sair do Acampamento Júpiter não foi problema. Uma estradinha escondida cruzava o vale e subia as colinas, até chegar às ruas residenciais de East Oakland. Dali pegamos a rodovia 24 até virar a

interestadual 580. Foi aí que a diversão começou de verdade.

A população que ia para o trabalho aparentemente não ficara sabendo que estávamos numa missão vital para salvar a cidade. Teimosas, as pessoas se recusavam a sair do nosso caminho. Talvez tivesse sido melhor pegar o transporte público, mas duvido que permitissem autômatos caninos assassinos no trem.

Reyna tamborilava no volante, cantarolando a letra de Tego Calderón que tocava no CD player antiquíssimo da picape. Eu gostava de reggaeton tanto quanto qualquer deus grego, mas talvez não fosse a música que eu escolheria para me acalmar na manhã de uma missão. Achei um pouco animadinha demais para meus nervos pré-combate.

Sentada entre nós, Meg revirava as sementes no seu cinto de jardinagem. Durante nosso combate na tumba, segundo ela havia nos contado, vários pacotes tinham aberto, e as sementes, se misturado. Agora ela tentava identificar o que era o quê. Isso significava que de vez em quando ela pegava uma semente e a encarava até que a planta explodisse em sua forma madura — dente-de-leão, tomate, berinjela, girassol. Agora o carro cheirava ao setor de jardinagem de uma loja.

Eu não havia contado a Meg que vira Pêssego. Não sabia nem por onde começar uma conversa dessa. *Ei, você sabia que seu* karpos *está organizando reuniões clandestinas com faunos e capins no People's Park?*

Quanto mais eu esperava, mais difícil ficava contar a ela. Concluí que não era uma boa ideia distrair Meg durante uma missão importante. Também queria honrar o pedido de Lavínia de não comentar nada. Verdade, eu não a vira de manhã antes de sairmos, mas talvez seus planos não fossem tão nefastos quanto eu imaginava. Talvez ela não estivesse a caminho do Oregon àquela altura.

No fundo, eu não falava por covardia. Tinha medo de enfurecer as duas jovens perigosas que viajavam comigo: uma poderia me estraçalhar com uma dupla de greyhounds de metal, e a outra poderia fazer brotar repolho no meu nariz.

Enquanto nos aproximávamos centímetro por centímetro da ponte, Reyna tamborilava no ritmo de "El que sabe, sabe". *Quem sabe, sabe.* Eu tinha setenta e cinco por cento de certeza de que não havia uma mensagem oculta na escolha musical dela.

— Quando a gente chegar lá, vamos ter que estacionar na base do monte e subir a pé. A área em volta da Torre Sutro é particular.

— Vocês decidiram que a torre em si é o nosso alvo — falei —, não o monte Sutro atrás dela?

— Não dá para ter certeza, é claro. Mas eu verifiquei a lista de pontos problemáticos da Thalia, e a torre estava lá.

Esperei que ela explicasse melhor.

— A lista de *que* da Thalia?

Reyna piscou, confusa.

— Não te contei sobre isso? Então, Thalia e as Caçadoras de Ártemis, sabe, elas mantêm uma lista atualizada de lugares em que houve atividade monstruosa anormal, coisas que não conseguem explicar. A Torre Sutro é um desses lugares. Thalia me mandou a lista de locais na Bay Area para que o Acampamento Júpiter pudesse acompanhar.

— São quantos lugares problemáticos? — perguntou Meg. — A gente pode visitar todos?

Reyna deu um cutucão nela de brincadeira.

— Gostei da animação, Matadora, mas são dezenas só na cidade de São Francisco. A gente, quer dizer, a legião tenta ficar de olho em todos, mas é difícil. Principalmente nos últimos tempos…

Com as batalhas, pensei. *Com as mortes.*

Eu me perguntei por que Reyna hesitou levemente ao dizer "a gente" e depois explicou que se referia à legião. Fiquei pensando de que outro grupo Reyna Avila Ramírez-Arellano se sentia parte. Nunca, jamais, a imaginaria em roupas civis, dirigindo uma picape velha, levando os greyhounds de metal para passear. E ela mantinha contato com Thalia Grace, a tenente da minha irmã, líder das Caçadoras de Ártemis. Eu odiava como isso me deixava com ciúmes.

— De onde você conhece Thalia? — Tentei parecer casual, mas, julgando pela careta que Meg fez para mim, falhei terrivelmente.

Reyna pareceu não notar. Ela trocou de pista, tentando furar o trânsito pesado. Na parte de trás, Aurum e Argentum latiram com alegria, animados com a aventura.

— Lutei ao lado de Thalia em Porto Rico, contra Órion — disse ela. — As Amazonas e as Caçadoras perderam muitas boas mulheres. Esse tipo de coisa, de experiência partilhada… É, bem, a gente manteve contato.

— Como? Todas as linhas de comunicação pararam de funcionar.

— Por carta.

— Carta… — Eu meio que me lembrava disso, da época dos pergaminhos e selos de cera. — Quer dizer quando se escreve alguma coisa à mão, no papel, coloca num envelope, cola um selo e…

— E manda pelo correio, isso. Quer dizer, podem passar semanas ou meses entre uma carta e outra, mas Thalia é uma boa correspondente.

Tentei imaginar isso. Muitas formas de descrever Thalia Grace me passaram pela cabeça. Mas nem de longe *correspondente*.

— Para onde você manda as cartas, *sério*? — perguntei. — As Caçadoras nunca ficam muito tempo no mesmo lugar.

— Elas têm uma caixa postal no Wyoming e… Por que a gente está falando disso?

Meg apertou uma semente com a ponta dos dedos. Um gerânio

explodiu num botão.

— Era isso que seus cachorros estavam fazendo? Procurando Thalia?

Não entendi como ela fez essa ligação, mas Reyna assentiu.

— Logo depois que vocês chegaram — disse Reyna —, eu mandei uma carta para Thalia sobre… vocês sabem, Jason. Eu sabia que era improvável que ela recebesse a mensagem a tempo, então mandei Aurum e Argentum procurarem também, caso as Caçadoras estivessem por perto. Mas não tive sorte.

Imaginei o que aconteceria se Thalia recebesse a carta de Reyna. Será que ela iria a galope para o Acampamento Júpiter à frente das Caçadoras, pronta para nos ajudar na batalha contra os imperadores e a horda de mortos-vivos de Tarquínio? Ou centraria sua ira em mim? Thalia já havia salvado minha pele uma vez, em Indianápolis. Como agradecimento, fiz o irmão dela ser morto em Santa Barbara. Seria muito difícil alguém se opor caso a flecha perdida de uma Caçadora acertasse meu coração durante a batalha. Tremi, agradecido pela lentidão do serviço postal americano.

Conseguimos passar da Treasure Island, a âncora da Bay Bridge, a meio caminho entre Oakland e São Francisco. Pensei na frota do Calígula, que passaria por essa ilha mais tarde naquele dia, pronta para desembarcar suas tropas, e, se necessário, seu arsenal de bombas de fogo grego na East Bay, que seria pega de surpresa. Minha gratidão pela lentidão do serviço postal americano foi substituída pela raiva.

— Então — comecei, tentando de novo soar casual —, você e Thalia estão, hum…?

Reyna ergueu a sobrancelha.

— Tendo uma relação *amorosa*? — completou ela.

— Bem, eu só… Quer dizer… Hum…

Nossa, que desenvoltura, Apolo. Já mencionei que um dia fui o deus da poesia?

Reyna revirou os olhos.

— Se eu ganhasse um denário a cada vez que me fazem essa pergunta… Sem levar em conta que Thalia é uma Caçadora, o que significa que jurou se manter celibatária… Por que uma grande amizade sempre tem que se transformar em romance? Thalia é uma ótima amiga. Por que eu me arriscaria a estragar isso?

— Hum…

— Foi uma pergunta retórica — interrompeu Reyna. — Não precisa responder.

— Eu sei o que *retórico* significa. — Tentei guardar na memória para no futuro confirmar o significado com Sócrates. Aí lembrei que Sócrates estava morto. — Só achei que…

— Eu amo essa música — interrompeu Meg. — Aumenta o volume!

Era bem improvável que Meg tivesse qualquer interesse em Tego Calderón, mas sua interrupção pode ter salvado minha vida. Reyna aumentou o volume, interrompendo aquela conversa casual que poderia levar à morte.

Permanecemos em silêncio pelo resto da viagem até chegarmos à cidade, ouvindo Tego Calderón cantar “Punto y Aparte” e os greyhounds de Reyna latirem alegremente como balas de uma semiautomática atirando no Ano-novo.

24

Enfiei minha divina fuça
Onde não devo e…
Vênus, eu te odeio

PARA UMA ÁREA tão populosa, São Francisco tinha um número surpreendente de espacinhos repletos de natureza. Estacionamos em uma rua sem saída na base da colina da torre. À direita, um descampado cheio de mato e pedras oferecia uma vista multimilionária para a cidade. À esquerda, a encosta era tão cheia de árvores que quase dava para usar os troncos de eucaliptos para escalar.

Do cume da colina, a uns quatrocentos metros acima de nós, a Torre Sutro se erguia em meio à névoa, as vigas e colunas vermelhas e brancas formando um tripé enorme que me trazia a lembrança desconfortável do assento do Oráculo de Delfos. Ou da estrutura de uma pira funerária.

— Tem uma estação de transmissão na base. — Reyna apontou para o topo da colina. — Talvez a gente tenha que lidar com guardas assassinos, cercas, arame farpado, essas coisas. Além de sei lá o que Tarquínio vai ter inventado para nós.

— Maneiro — disse Meg. — Vamos nessa!

Não foi preciso pedir duas vezes aos greyhounds. Eles saíram correndo encosta acima, atravessando o mato rasteiro. Meg os seguiu, obviamente determinada a rasgar as roupas na maior quantidade de galhos e arbustos possível.

Reyna deve ter notado minha expressão sofrida ao contemplar a subida.

— Não se preocupe — disse ela. — A gente pode ir devagar. Aurum e Argentum sabem que é para me esperar lá em cima.

— Mas e a Meg?

Imaginei minha jovem amiga se jogando sozinha na estação de transmissão cheia de guardas, zumbis e outras surpresinhas “maneiras”.

— Verdade — concordou Reyna. — Vamos acelerar um pouquinho então.

Eu me esforcei ao máximo, o que exigiu muitos bofes para fora, suor e intervalos encostado em troncos de árvore para descansar. Minha habilidade no arco podia ter melhorado. Minha música tinha melhorado. Mas meu condicionamento físico ainda era cem por cento Lester.

Pelo menos Reyna não perguntou como estava o ferimento. A resposta seria *um pouco pior que horrendo.*

Quando me vesti de manhã, tinha evitado olhar para minha barriga, mas não dava para ignorar a dor latejante, ou as veias roxas infeccionadas que estavam chegando aos meus pulsos e ao pescoço, que nem meu casaco com capuz conseguia esconder. De vez em quando minha visão ficava embaçada, deixando o mundo com um tom doentio de roxo, e eu ouvia um sussurro distante na mente… A voz de Tarquínio, me chamando para retornar à sua tumba. Por enquanto a voz era só irritante, mas eu tinha a sensação de que ficaria cada vez mais forte, até eu não conseguir mais ignorá-la… ou deixar de obedecê-la.

Falei para mim mesmo que só precisava segurar as pontas até aquela noite. Então poderia invocar ajuda divina e me curar. Ou morreria na batalha. Àquela altura, qualquer opção era melhor que uma transformação lenta e dolorosa em zumbi.

Reyna caminhava ao meu lado, usando a espada embainhada para cutucar o solo, como se esperasse encontrar minas terrestres. À frente, através da folhagem densa, eu não via sinal de Meg ou dos cães, mas conseguia ouvi-los passando pelo mato e pisando em galhos. Se havia sentinelas esperando por nós no topo, eles não seriam pegos de surpresa.

— Então — começou Reyna, aparentemente considerando que Meg estava longe para escutar. — Vai me contar?

Meu coração ficou tão acelerado que parecia bater no ritmo uma banda marcial.

— Contar o quê?

Ela ergueu as sobrancelhas, tipo, *Sério?*.

— Desde que você chegou ao acampamento, está agindo todo estranho. Fica me encarando como se fosse *eu* que estivesse infectada. E não me olha nos olhos. Fica gaguejando. Todo sem jeito. Eu percebo essas coisas, sabe.

— Ah.

Subi mais alguns passos. Talvez, se eu me concentrasse na subida, Reyna deixaria o assunto pra lá.

— Olha — continuou ela. — Eu não mordo. Seja lá qual o problema, prefiro que isso não esteja na sua cabeça, nem na minha, durante a batalha.

Engoli em seco, desejando um pouco do chiclete de Lavínia para cortar o sabor de veneno e terror.

Reyna tinha razão. Se eu morresse hoje, ou se virasse zumbi, ou se de alguma maneira conseguisse sobreviver, preferia enfrentar meu destino com a consciência limpa e sem segredos. Para começo de conversa, eu deveria contar a Meg sobre meu encontro com Pêssego.

Também deveria falar para ela que não a odiava. Que, na verdade, gostava bastante dela. Tudo bem, eu a amava. Ela era a irmãzinha malcriada que nunca tive.

Quanto a Reyna… Eu não sabia se era ou não a resposta para o seu destino. Vênus talvez me amaldiçoasse por ser sincero com a pretora, mas eu tinha que dizer a Reyna o que estava me incomodando. Era improvável que eu tivesse outra oportunidade.

— É sobre Vênus.

Reyna ficou séria. Foi a vez dela de encarar a encosta e torcer para a conversa acabar.

— Entendi.

— Ela me contou…

— A profeciazinha dela. — Reyna cuspiu as palavras como se fossem sementes intragáveis. — Nenhum mortal ou semideus vai curar meu coração.

— Eu não queria me meter — esclareci. — Foi só que…

— Ah, eu acredito. Vênus adora uma fofoca. Duvido que tenha alguém no Acampamento Júpiter que não saiba o que ela me disse em Charleston.

— Eu… Sério?

Reyna quebrou um galho seco de um arbusto e o jogou longe no mato.

— Eu saí para aquela missão com Jason faz o quê, dois anos? Vênus olhou para minha cara e decidiu… sei lá, que eu era errada. Que precisava de uma cura romântica. Que seja. Não fazia nem um dia desde que eu tinha voltado para o acampamento e os disse me disse já tinham começado. Ninguém admitia que sabia, mas todo mundo sabia. Os olhares… *Pobre Reyna.* As sugestões inocentes sobre quem eu deveria namorar.

Ela não parecia ter raiva. Era mais um peso, um cansaço. Eu me lembrei da preocupação de Frank Zhang com a pretora, com o fardo da liderança que pesava sobre ela e com o que poderia fazer para ajudá-la. Pelo visto, muitos legionários queriam ajudá-la. Mas nem toda essa ajuda tinha sido útil ou bem-vinda.

— A questão — continuou ela — é que eu *não sou errada*.

— É claro que não.

— Então por que você anda tão ansioso? O que Vênus tem a ver com isso? Por favor, não me diga que está com pena.

— Não, não. Nada disso.

À frente, eu ouvia Meg atravessando o matagal. De vez em quando ela dizia um "E aí?", de um jeito bem casual, como se estivesse passando por um conhecido na rua. Imaginei que estava cumprimentando as dríades locais. Era isso ou os guardas que teoricamente estávamos procurando eram bem ruins no que faziam.

— Sabe… — comecei, tropeçando nas palavras. — Na época em que eu era um deus, Vênus me deu uma advertência. Sobre você.

Aurum e Argentum surgiram entre os arbustos para verificar como estava a mamãe, os sorrisos cheios de dentes brilhando como armadilhas para ursos recém-polidas. Ah, que ótimo. Uma plateia.

Reyna deu um tapinha na cabeça de Aurum, sem prestar atenção.

— Pode falar, Lester.

— Hum… — A banda marcial no meu coração estava aumentando o ritmo. — Bem, eu entrei na sala do trono um dia, e Vênus estava olhando um holograma seu, e eu perguntei, totalmente sem pretensão, veja bem, eu só perguntei: “Quem é essa?” E ela me contou… o seu destino, acho. A história toda sobre curar seu coração. Então ela, tipo… acabou comigo. Ela proibiu que eu me aproximasse de você. Disse que, se eu tentasse conquistar você, me amaldiçoaria para sempre. Totalmente desnecessário, sabe. E uma vergonha, inclusive.

A expressão de Reyna permaneceu firme e plácida como se esculpida em mármore.

— *Conquistar*? Isso ainda existe? As pessoas ainda *conquistam* as outras?

— Eu… Eu sei lá. Mas eu fiquei longe. Você sabe que eu fiquei longe. Não que eu tivesse agido diferente sem esse aviso. Eu nem sabia quem você era.

Ela pulou um tronco caído e me estendeu a mão, ajuda que recusei. Não estava gostando nada do jeito que os greyhounds estavam olhando para mim.

— Então, em outras palavras… o quê? Você está com medo de que Vênus vá te matar por invadir meu espaço pessoal? Acho que eu não me preocuparia muito com isso, Lester. Você não é mais um deus. Obviamente não está tentando me conquistar. Somos companheiros de missão.

Ela precisava colocar o dedo bem nessa ferida?

— Sim — falei. — Mas eu estava pensando…

Por que era tão difícil? Eu já tinha declarado meu amor a outras mulheres. E homens. E deuses. E ninfas. E uma ou outra estátua atraente antes que eu percebesse que era uma estátua. Por que então as veias do meu pescoço pareciam prestes a explodir?

— Eu pensei que… talvez pudesse ajudar… — continuei — … talvez fosse o destino que… Bem, sabe, eu não sou mais um deus, como você disse. E Vênus foi bem específica quando falou que eu deixasse minha *fuça divina* longe de você. Mas Vênus… Quer dizer, os planos dela são sempre tão mirabolantes. Ela pode ter feito uma psicologia reversa, digamos assim. Se era para nós… Hum… Para eu ajudar você.

Reyna parou. Seus cachorros inclinaram a cabeça de metal, talvez

tentando compreender o humor da dona. Então me encararam, os olhos brilhantes frios e acusadores.

— Lester. — Reyna suspirou. — Mas de que Tártaro você está falando? Não estou com paciência para charadas.

— Estou falando que talvez eu seja a resposta — falei de uma vez. — Para curar seu coração. Eu poderia… sabe, ser seu namorado. Como Lester. Se você quisesse. Eu e você. Sabe, tipo… então.

Eu tinha certeza absoluta de que, no topo do Monte Olimpo, os outros olimpianos estavam gravando tudo pelo celular, só esperando para postar no Euterpe-Tube.

Reyna me encarou por tanto tempo que a banda marcial no meu sistema circulatório poderia tocar uma estrofe inteira do hino nacional. Seus olhos estavam sombrios e perigosos. Sua expressão, impossível de interpretar, como a superfície de um explosivo.

Ela ia me matar.

Não. Ela ia mandar os *cachorros* me matarem. Quando Meg chegasse para me resgatar, já seria tarde demais. Ou pior: Meg ia ajudar Reyna a enterrar meus restos mortais, e ninguém saberia de nada.

Quando voltassem ao acampamento, os romanos perguntariam: *O que houve com Apolo?*

Quem?, Reyna retrucaria. *Ah, aquele cara? Sabe que não sei? Acho que se perdeu.*

Ah, que pena! Seria a resposta dos romanos, fim.

A boca de Reyna se apertou, sua expressão se fechando. Ela se inclinou, apoiando as mãos nos joelhos. Seu corpo inteiro começou a tremer. Ah, meus deuses, o que foi que eu fiz?

Talvez eu devesse acalmá-la, abraçá-la. Talvez eu devesse fugir correndo. Por que eu era tão ruim com relacionamentos?

Reyna soltou um guincho, e então um ganido prolongado. Eu tinha *mesmo* ficado magoada!

Então ela se ergueu, lágrimas escorrendo pelo rosto, e explodiu numa gargalhada. O som me fazia pensar em água correndo por um riacho seco havia tempos. Depois que começou, ela simplesmente não conseguia parar de rir. Ela se abaixou, ficou de pé de novo, se apoiou numa árvore, olhou para os cães como se eles entendessem a piada.

— Ah… meus… deuses! — guinchou ela, conseguindo segurar a risada por tempo o bastante para me encarar por entre as lágrimas, como se quisesse se certificar de que eu estava mesmo ali e de que ela havia ouvido corretamente minhas palavras. — Você. E eu? HA-HA-HA-HA-HA-HA-HA-HA-HA.

Aurum e Argentum pareciam tão confusos quanto eu. Trocaram um olhar, depois se voltaram para mim, como se dissessem: *O que você fez com a nossa mãe? Se estragou ela, vamos te matar.*

A risada de Reyna saiu rolando pela colina.

Depois de superado meu choque inicial, minhas orelhas começaram a arder. Durante os últimos meses eu havia sido humilhado mais de uma vez. Mas rirem de mim… na minha cara… quando eu nem estava tentando fazer piada… era um novo nível de fundo do poço.

— Eu não estou entendendo do que…

— HA-HA-HA-HA-HA-HA!

— Eu não estava dizendo que…

— HA-HA-HA-HA-HA-HA! Para, por favor. Você vai me matar!

— Ela não falou literalmente! — gritei, para deixar bem claro para os cachorros.

— E você pensou… — Reyna não parecia saber para que apontar: para mim, para si mesma, para o céu. — Sério? Espere. Meus cachorros teriam te atacado se você estivesse mentindo. Ah. Minha nossa. HA-HA-HA-HA-HA-HA!

— Então a resposta é *não*, né. — Bufei. — Tudo bem. Entendi. Já pode parar…

A risada se transformou num guincho asmático enquanto ela secava as lágrimas dos olhos.

— Apolo. Quando você era um deus… — Ela tentou recuperar o fôlego. — Tipo, quando você tinha seus poderes e era todo bonitão e tal…

— Não precisa dizer mais nada. Naturalmente, você teria…

— A resposta seria um *NÃO* bem grande, robusto e redondo.

Fiquei de boca aberta.

— Estou *atônito*!

— E como Lester… Quer dizer, você é fofo e meio bobo, e bem legal às vezes…

— Bobo? Legal? Às vezes?

— Mas nossa. Ainda assim. Um belo *NÃO*. Ha-ha-ha-ha-ha-ha!

Um mortal menor teria se desfeito em cinzas ali mesmo, a autoestima implodindo na mesma hora.

Naquele momento, enquanto me rejeitava de todas as formas possíveis, Reyna nunca tinha parecido tão linda ou desejável. Engraçado como as coisas são.

Meg surgiu entre os arbustos.

— Pessoal, não tem ninguém lá em cima, mas…

Ela parou, observando a cena, então olhou para os greyhounds em busca de explicação.

Nem nos pergunte, suas expressões metálicas pareciam dizer. *Nunca vimos a mamãe assim.*

— Qual foi a piada? — perguntou Meg, com um sorrisinho surgindo no canto dos lábios, como se ela quisesse rir também. No caso, a piada era eu.

— Nada.

Reyna respirou fundo por um momento, mas explodiu em risadinhas outra vez um segundo depois. Reyna Avila Ramírez-Arellano, filha de Belona, temida pretora da Décima Segunda Legião, dando risadinhas.

Por fim ela conseguiu reunir algum autocontrole. Seus olhos brilhavam, bem-humorados. O rosto estava corado como um tomate. Seu sorriso fazia com que ela parecesse outra pessoa, uma pessoa *feliz*.

— Obrigada, Lester — disse ela. — Eu precisava disso. Agora vamos achar esse deus silencioso, pode ser?

Ela seguiu à frente, apertando a lateral da barriga como se ainda estivesse sentindo dor depois de tanto rir.

Foi bem naquele momento que eu decidi que, se voltasse a ser um deus, iria mudar a ordem da minha lista de vingança. Vênus tinha acabado de ser promovida ao primeiro lugar.

25

Paralisado e aterrorizado
Como um deus diante de faróis
Por que a pressa?

A SEGURANÇA MORTAL não foi um problema.

Não tinha ninguém lá.

A estação de transmissão ficava em um grande descampado cheio de pedras e mato, na base da Torre Sutro. O prédio compacto e marrom tinha várias antenas parabólicas brancas pontilhando o telhado como sapos depois de uma chuva de verão. A porta estava escancarada. As luzes, apagadas. O estacionamento em frente, vazio.

— Tem alguma coisa errada — murmurou Reyna. — Tarquínio não disse que iam dobrar a segurança?

— Dobrar o *rebanho* — corrigiu Meg. — Mas não tem nenhuma ovelha nem nada assim.

Essa ideia me fez estremecer. Durante milênios eu já tinha visto muitos rebanhos de ovelhas guardiãs. Elas tendiam a ser venenosas e/ou carnívoras, e fediam a agasalho mofado.

— Apolo, alguma ideia? — perguntou Reyna.

Pelo menos ela já conseguia olhar para mim sem gargalhar, mas eu não tinha autoconfiança o bastante para falar. Só balancei a cabeça inutilmente. Eu era ótimo nisso.

— Será que a gente está no lugar errado? — questionou Meg.

Reyna mordeu o lábio.

— Definitivamente tem alguma coisa *errada* aqui. Deixa eu dar uma olhada na estação. Aurum e Argentum podem fazer uma verificação rápida. Se a gente encontrar algum mortal, eu digo que estava fazendo uma trilha e me perdi. Vocês esperam aqui. Protejam a saída. Se ouvirem latidos, significa que tivemos algum problema.

Ela atravessou o descampado num passo apressado, com Aurum e Argentum em seu encalço, e entrou no prédio.

Meg me lançou um olhar intrigado por cima dos óculos de gatinho.

— Por que ela estava rindo tanto? O que você fez?

— Não foi minha intenção. Além disso, não é crime fazer alguém rir.

— Você pediu para namorar com ela, não pediu?

— Eu… O quê? Não. Mais ou menos. Sim.

— Que idiotice.

Era humilhante ter minha vida amorosa criticada por uma garotinha usando um broche de unicórnio com ossos cruzados.

— Você não entenderia.

Meg deu uma risada debochada.

Pelo visto, eu estava sendo a fonte de diversão de todos.

Observei a torre que se erguia à nossa frente. Na lateral da coluna mais próxima, um túnel vertical circundado por aros de metal protegia uma série de degraus, por onde era possível subir — se não tivesse amor à vida — até as primeiras vigas, das quais surgiam mais antenas de TV e celular. Dali, os degraus continuavam até alcançar um cobertor de neblina baixa que engolia a metade superior da torre. Na bruma branca, um vulto negro em forma de V flutuava, desaparecia e voltava — algum tipo de ave.

Tive um calafrio, lembrando das estriges que nos atacaram no Labirinto de Fogo, mas estriges só caçavam à noite. Aquela forma escura tinha que ser outra coisa, talvez um gavião à procura de ratos. Segundo a lei das médias, de vez em quando eu deveria encontrar alguma criatura que não queria me matar, certo?

Ainda assim, a forma misteriosa me enchia de pavor. Isso me lembrava das muitas experiências de quase morte que tinha passado com Meg McCaffrey e da promessa que eu tinha feito a mim mesmo de ser honesto com ela, nos bons e velhos tempos de dez minutos atrás, antes de Reyna destruir minha autoestima.

— Meg — comecei. — Ontem à noite…

— Você viu o Pêssego. Eu sei.

Naquele tom ela poderia estar falando sobre o clima. Seu olhar permaneceu na porta da estação de transmissão.

— Você sabe — repeti.

— Ele já está por aqui faz uns dias.

— Você o viu?

— Só senti. Ele tem seus motivos para não se aproximar. Não gosta dos romanos. Está bolando um plano para ajudar os espíritos da natureza daqui.

— E… se esse plano for ajudar os espíritos a fugir?

Na luz cinzenta e difusa da neblina, até os óculos de Meg pareceram um par de parabólicas.

— Você acha que é isso que ele quer? Ou que os espíritos da natureza querem?

Eu me lembrei das expressões temerosas dos faunos no People's Park, da raiva e do cansaço das dríades.

— Não sei. Mas Lavínia…

— É, ela foi com eles. — Meg deu de ombros. — Os centuriões perceberam que ela não estava na chamada matinal. Estão tentando não dar muita atenção. Desanima o pessoal.

Fiquei encarando minha jovem companheira, que aparentemente tinha aprendido algumas coisas sobre Fofoca Avançada com Lavínia.

— Reyna sabe disso?

— Que Lavínia foi embora? Óbvio. Para onde Lavínia foi? Não. Eu também não sei, para ser sincera. Não sei o que ela, Pêssego e os outros estão planejando, mas, seja o que for, não tem muito que a gente possa fazer agora. Temos outras preocupações no momento.

Cruzei os braços.

— Bem, eu fico feliz que a gente tenha conversado sobre isso, assim me sinto bem mais leve por todas as coisas que você já sabia. Eu também ia dizer que você é muito importante para mim e que eu talvez até ame você como uma irmã mais nova, mas…

— Também já sei disso. — Ela abriu um sorriso torto para mim, provando que Nero deveria mesmo tê-la levado ao dentista quando era mais nova. — Tudo bem. Você ficou bem menos irritante também.

— Hum.

— Olha, Reyna está vindo.

Assim terminou nosso carinhoso momento familiar, quando a pretora ressurgiu da estação com uma expressão preocupada, os greyhounds correndo felizes ao redor dela, como se estivessem prestes a ganhar umas jujubas.

— Está tudo vazio — anunciou Reyna. — Parece que saíram com pressa. Eu diria que alguém evacuou o prédio, talvez com uma ameaça de bomba ou algo assim.

Franzi a testa.

— Nesse caso, não era para ter veículos de emergência aqui?

— A Névoa — sugeriu Meg. — Pode ter feito os mortais verem alguma coisa que os tirou daqui. Limpando o local antes…

Eu estava prestes a perguntar: *Antes do quê?* Mas não queria saber a resposta.

Meg tinha razão, é claro. A Névoa era uma força estranha. Às vezes manipulava mentes mortais depois de um evento sobrenatural, como uma espécie de controle de danos. Outras vezes, operava antes de uma catástrofe, expulsando os mortais que poderiam acabar sendo danos colaterais — como ondas num lago avisando dos primeiros passos de um dragão.

— Bem... — começou Reyna. — Se isso é verdade, significa que estamos no lugar certo. E só consigo imaginar mais uma direção para explorar. — Seus olhos seguiram as vigas da Torre Sutro até o ponto onde eram engolidas pela neblina. — Quem quer subir primeiro?

* * *

Querer não teve nada a ver com isso. Eu fui obrigado.

A desculpa foi que Reyna poderia me ajudar se eu começasse a ficar nervoso na escada. O motivo real provavelmente era me impedir

de fugir se ficasse com medo. Meg foi por último, para que tivesse tempo, suponho eu, de selecionar as sementes apropriadas no seu cinto de jardinagem para jogar nos nossos inimigos enquanto eles comiam minha cara e Reyna me empurrava para cima.

Aurum e Argentum, como não podiam subir, ficaram no descampado para proteger nossa saída, aqueles preguiçosos sem polegares opositores. Se a gente acabasse sendo jogado lá de cima, os cães estariam lá para latir animadamente para nossos corpos. Isso me reconfortou bastante.

Os degraus eram frios e escorregadios. As costelas de metal em volta do túnel me davam a sensação de estar subindo por uma mola gigantesca. Imaginei que fossem algum tipo de proteção, mas não me passaram nenhuma segurança. Se eu escorregasse, as grades seriam só mais um obstáculo para me machucar durante a queda.

Depois de alguns minutos, meus braços e pernas tremiam. Meus dedos perdiam a força. O primeiro nível de vigas não parecia se aproximar. Olhei para baixo e percebi que mal tínhamos passado do nível das parabólicas no telhado da estação.

O vento frio me fazia balançar na gaiola de metal, atravessando meu casaco e sacudindo as flechas na aljava. Não importava onde os guardas de Tarquínio estivessem, se me pegassem naquela escada, meu arco e meu ukulele não serviriam de nada. Pelo menos um rebanho de ovelhas assassinas não conseguiria subir os degraus.

Enquanto isso, na neblina acima de nós, mais vultos escuros voavam — definitivamente algum tipo de ave. Eu me forcei a lembrar que não poderiam ser estriges. Ainda assim, uma sensação de perigo embrulhava meu estômago.

E se...?

Pare com isso, Apolo, briguei comigo mesmo. *Não tem nada que você possa fazer além de continuar a subir.*

Eu me concentrei em subir um perigoso e escorregadio degrau de cada vez. A sola dos meus sapatos guinchava no metal.

Lá embaixo, Meg perguntou:

— Vocês estão sentindo cheiro de rosas?

Eu me perguntei se ela estava tentando me fazer rir.

— Rosas? Mas por quê, em nome dos doze deuses, eu sentiria cheiro de *rosas* aqui em cima?

— Só estou sentindo o cheiro dos sapatos de Lester — comentou Reyna. — Acho que ele pisou em alguma coisa.

— Numa poça bem grande de vergonha — resmunguei.

— Estou sentindo cheiro de rosas — insistiu Meg. — Mas tá bom. Vamos nessa.

Foi o que eu fiz, já que não tinha outra opção.

Por fim, chegamos ao primeiro nível de vigas. Uma passarela corria

pela extensão das vigas mestras, nos permitindo uns minutos de descanso. Só estávamos uns vinte metros acima da estação de transmissão, mas parecia muito mais. Lá embaixo víamos uma extensão infinita de quarteirões urbanos, subindo e contornando morros sempre que necessário, as ruas fazendo curvas e voltas que me lembravam o alfabeto tailandês. (A deusa Nang Kwak tentou me ensinar o idioma deles uma vez, durante um delicioso jantar com macarrão apimentado, mas fui um péssimo aluno.)

No estacionamento, Aurum e Argentum olhavam para nós lá em cima e balançavam os rabos, como se esperassem que fizéssemos alguma coisa. A parte maldosa de mim quis atirar uma flecha no topo da colina mais próxima e gritar *Pega!*, mas duvidava de que Reyna fosse gostar.

— É legal aqui em cima — concluiu Meg, e fez uma estrelinha, porque gostava de me causar taquicardia.

Eu avaliei as passarelas que formavam um triângulo, torcendo para ver algo além de cabos, caixas de luz e equipamento de satélite — de preferência algo com a mensagem: APERTE ESTE BOTÃO PARA COMPLETAR A MISSÃO E RECOLHER A RECOMPENSA.

É claro que não, resmunguei sozinho. *Tarquínio não seria legal a ponto de colocar o que queremos logo no primeiro nível.*

— Definitivamente nada de deus silencioso aqui — disse Reyna.

— Que ótimo.

Ela sorriu, claramente ainda de bom humor, dada a minha gafe anterior na mencionada poça de vergonha.

— Também não estou vendo porta nenhuma. A profecia não dizia que eu tinha que abrir uma porta?

— Pode ser uma porta metafórica — especulei. — Mas você tem razão, não tem nada para nós aqui.

Meg apontou para o próximo nível de vigas — vinte metros acima, quase invisível na neblina.

— O cheiro de rosas está mais forte aqui em cima — disse ela. — É melhor a gente continuar subindo.

Farejei o ar. Só senti o leve aroma de eucaliptos vindo da mata abaixo de nós, do meu suor esfriando na pele e o fedor amargo de antisséptico e infecção subindo do meu abdome enfaixado.

— Oba — falei. — Mais subida.

Dessa vez, Reyna saiu na frente. Não havia mais o túnel de metal em torno dos degraus que levavam ao segundo nível, só os degraus na coluna, como se os construtores tivessem pensado: *Ora, se você já chegou até aqui, deve ser doido mesmo, então nada de equipamentos de segurança!* Agora que a proteção não estava mais lá, eu percebi que ela havia, sim, me oferecido algum apoio psicológico. Pelo menos daquele jeito eu podia fingir que estava dentro de uma estrutura segura, não

escalando sem nenhum equipamento uma torre gigantesca que nem um lunático.

Não entrava na minha cabeça que Tarquínio tivesse colocado algo tão importante quanto esse seu deus silencioso no topo de uma torre de rádio, ou por que ele havia se aliado aos imperadores para começo de conversa, ou por que o cheiro de rosas poderia significar que estávamos nos aproximando do nosso objetivo, ou por que aqueles pássaros negros ficavam sobrevoando a neblina. Não estavam com frio? Não tinham mais o que fazer?

Ainda assim, eu não tinha dúvida de que a gente precisava escalar aquele tripé gigantesco. Parecia a coisa certa a se fazer, e com isso quero dizer que passava uma sensação apavorante de estar se fazendo o que não devia. Tive uma premonição de que tudo logo faria *sentido* para mim, e quando isso acontecesse eu não ficaria nada feliz.

Era como se eu estivesse parado no escuro, encarando luzinhas desconectadas ao longe, me perguntando o que poderiam ser. No momento em que eu percebesse, *Ah, olha, são os faróis de um caminhão enorme vindo em alta velocidade na minha direção!*, já seria tarde demais.

Já estávamos na metade do caminho para o segundo patamar de vigas quando uma sombra raivosa surgiu da neblina, passando de raspão pelo meu ombro. O vento causado pelas asas quase me derrubou da escada.

— Eita! — Meg agarrou meu tornozelo esquerdo, o que não ajudou em nada o meu equilíbrio. — O que foi isso?

Tive um vislumbre da ave que desaparecia de novo na neblina: asas negras lustrosas, bico negro, olhos negros.

Senti um soluço ficar preso na garganta no momento em que os faróis do caminhão ficaram bem claros para mim.

— Um corvo.

— *Um corvo?* — Reyna me olhou com a testa franzida. — Aquele troço era *gigante*!

É verdade, a criatura que quase me derrubou devia ter uma envergadura de uns seis metros. Foi então que ouvimos vários crocitos raivosos na neblina, um som que não deixava dúvida.

— Corvos, no plural — corrigi. — Corvos *gigantes*.

Meia dúzia surgiu numa espiral, os olhos negros famintos dançando sobre nós como lasers de mira, avaliando nossos corpos macios e deliciosos em busca de pontos fracos.

— É um rebanho de corvos — disse Meg, meio incrédula, meio fascinada. — Eles é que são os guardas? São tão bonitos!

Eu gemi, desejando estar em qualquer outro lugar — tipo na cama, embaixo de um cobertor quentinho e grosso. Fiquei tentado a comentar que o coletivo de corvos não era aquele. Quis gritar que os

guardas de Tarquínio deveriam ser desqualificados com base nesse detalhe técnico. Mas apostava que Tarquínio não se importaria com essas minúcias. Os corvos eu sabia que certamente não ligavam. Eles nos matariam de qualquer maneira, não importa quanto Meg achasse-os lindos.

— Estão aqui por causa de Corônis — falei, chateado. — É culpa minha.

— Quem é Corônis? — indagou Reyna.

— É uma longa história — respondi, e então gritei para os corvos: — Pessoal, eu já pedi desculpas um milhão de vezes!

Os corvos crocitaram de volta, raivosos. Mais de uma dúzia surgiu da neblina e começou a voar em círculos acima de nós.

— Eles vão acabar com a gente — falei. — Temos que voltar. Para a primeira plataforma.

— A segunda está mais perto — disse Reyna. — Vamos continuar subindo!

— Eles podem estar só observando a gente — comentou Meg. — Talvez nem ataquem.

Ela não deveria ter dito isso.

Corvos são criaturas do contra. Eu sei porque fui eu quem os criou assim. Então, foi só Meg expressar alguma esperança de que não nos atacassem, que eles fizeram exatamente isso.

26

Eu queria cantar um
Clássico para vocês agora. Obrigado.
Por favor parem de me bicar.

EM RETROSPECTO, eu deveria ter dado bicos de esponja aos corvos — lindas esponjinhas macias incapazes de perfurar alguém. Aproveitando o embalo, deveria ter colocado umas garras de isopor também.

Mas nããããão. Deixei que tivessem bicos serrilhados como facas e garras que mais parecem ganchos de carne. O que eu tinha na cabeça?

Meg gritou quando um dos pássaros mergulhou na sua direção, arranhando seu braço.

Outro atacou as pernas de Reyna. A pretora tentou chutá-lo, mas o calcanhar errou o corvo e acertou o meu nariz.

— AAAAAAIEEEEEÊ! — gritei, a cara inteira doendo.

— Foi mal!

Reyna tentou subir mais, mas os corvos giravam ao nosso redor, nos bicando, arranhando e arrancando pedaços das nossas roupas. O frenesi me lembrou do meu show de despedida em Tessalônica, lá para 235 a.C. (Eu gostava de fazer shows de despedida a cada dez anos, mais ou menos, só para deixar meus fãs atentos.) Dioniso tinha aparecido com sua horda inteira de ménades loucas por souvenirs. Definitivamente *não* era uma boa lembrança.

— Lester, quem é Corônis? — berrou Reyna, puxando a espada. — Por que você estava pedindo desculpa para os corvos?

— Porque eu os criei!

Meu nariz quebrado me fazia soar como se estivesse me afogando em calda.

Os corvos crocitaram, revoltados. Um deles mergulhou, as garras por pouco errando meu olho esquerdo. Reyna girou a espada a esmo, tentando manter o bando longe.

— Ué, e não dá para *des*criar? — perguntou Meg.

Os corvos não gostaram nada dessa ideia. Um deles atacou Meg. Ela jogou uma semente para ele — que, sendo um corvo, instintivamente pegou no ar. A semente explodiu em uma abóbora de tamanho real no seu bico. O corvo, de repente com todo o peso do Halloween na cabeça, despencou até o chão.

— Certo, não foi exatamente uma *criação* minha — confessei. — Só os transformei no que são agora. E não, não consigo desfazer isso.

Mais gritos raivosos das aves, embora por um momento elas se

mantivessem distantes, desconfiadas da menina com uma espada e da outra com sementes gostosas que explodiam.

Tarquínio tinha escolhido os guardas perfeitos para me manter longe do seu deus silencioso. Corvos me *odiavam*. Provavelmente trabalhavam de graça, sem direito a plano de saúde ou vale-refeição, apenas torcendo para ter uma chance de me destruir.

Eu suspeitava de que a única razão para ainda estarmos vivos era que os pássaros estavam decidindo quem entre eles teria a honra de me matar.

Cada crocito raivoso era uma exigência das minhas partes mais saborosas: *Eu fico com o fígado!*

Não, eu *fico com o fígado!*

Ora, então eu quero os rins!

Corvos são tão gananciosos quanto do contra. Infelizmente, a gente não poderia contar que a discussão deles duraria muito tempo. Estaríamos mortos assim que eles descobrissem quem bicaria primeiro.

Reyna tentou acertar um que estava se aproximando demais. Deu uma olhada para a passarela nas vigas acima de nós, talvez calculando se teria tempo de chegar lá caso guardasse a espada. Julgando pela expressão frustrada, a conclusão foi *não*.

— Lester, eu preciso de informação — disse ela. — Me diga como derrotar essas coisas.

— Sei lá! — choraminguei. — Olha, antigamente, corvos eram gentis e brancos, que nem as pombas, tá? Mas eles fofocavam *demais*. Uma vez eu estava saindo com uma menina chamada Corônis. Os corvos descobriram que ela estava me traindo e me contaram. Eu fiquei tão nervoso que convenci Ártemis a matar Corônis em meu lugar, depois puni os corvos por serem linguarudos e os transformei em pássaros pretos.

Reyna me encarou como se estivesse considerando me dar outro chute no nariz.

— Essa história é bizarra de todas as formas possíveis e imagináveis.

— Tudo errado mesmo — concordou Meg. — Você mandou a sua irmã matar uma garota que estava te traindo?

— Bem, eu…

— E aí puniu os pássaros que te contaram — completou Reyna — tornando-os pretos, como se preto fosse uma coisa ruim e branco uma coisa boa?

— Falando desse jeito, não parece mesmo correto — protestei. — Mas foi só o que aconteceu quando minha maldição torrou os pássaros. Também transformei os corvos em pássaros carnívoros e raivosos.

— Ah, então tudo bem — rosnou Reyna.

— Se a gente deixasse os pássaros comerem você — perguntou Meg —, será que eles deixariam nós duas em paz?

— Eu… *O quê*? — Fiquei com medo de que Meg não estivesse brincando. Seu semblante não dizia *estou de brincadeira*. Dizia *estou falando sério sobre deixar esses pássaros comerem você*. — Olha, eu estava irritado! Tudo bem, descontei nos pássaros, mas depois de uns séculos me acalmei. Me desculpei. Mas aí eles meio que já *gostavam* de ser carnívoros e raivosos! Quanto a Corônis… Quer dizer, pelo menos eu salvei o bebê que ela estava esperando quando Ártemis a matou. Ele se tornou Esculápio, deus da medicina!

— Você mandou matar sua namorada *grávida*?

Reyna deu outro chute na minha cara. Consegui desviar, porque tinha bastante prática em me acovardar, mas doeu saber que dessa vez ela não estava mirando em um corvo. Ah, não. Ela queria *mesmo* arrancar os meus dentes.

— Você é ridículo — concordou Meg.

— Podemos conversar sobre isso depois? — pedi. — Talvez nunca? Eu era um *deus* na época! Não sabia o que estava fazendo!

Alguns meses atrás, uma frase como essa não teria feito sentido para mim. Agora, parecia muito verdade. A sensação era de que Meg tinha me dado seus óculos fundo de garrafa cobertos de pedrinhas e, para o meu horror, eles corrigiram minha visão. Eu não gostava de como tudo parecia pequeno e desprezível e mesquinho sob a visão perfeita, mágica e horrenda de Meg. Acima de tudo, eu não gostava de como *eu* parecia — não só o Lester do presente, mas o deus anteriormente conhecido como Apolo.

Reyna trocou olhares com Meg. Elas pareceram chegar a um acordo silencioso de que o plano de ação mais prático seria sobreviver aos corvos para me matarem com as próprias mãos mais tarde.

— A gente vai morrer se ficar aqui. — Reyna girou a espada para afastar outro pássaro carnívoro animado. — Não vamos conseguir desviar deles e subir ao mesmo tempo. Alguma ideia?

Os corvos tinham; se chamava *ataque total*.

Eles deram um rasante: bicando, arranhando, crocitando, furiosos.

— Desculpa! — gritei, abanando as mãos futilmente para afastar os pássaros. — Desculpa!

Os corvos não aceitaram minhas desculpas. Garras rasgaram as pernas da calça. Um bico se prendeu à minha aljava e quase me derrubou da escada, deixando meus pés pendurados por um segundo assustador.

Reyna continuava brandindo a espada. Meg xingava e jogava sementes como se fossem lembrancinhas na pior festa de aniversário de todos os tempos. Um corvo gigante sumiu, girando em queda livre, coberto de narcisos. Outro caiu que nem uma pedra, o estômago

distendido com algo do formato de uma abobrinha imensa.

Minhas mãos perdiam as forças. Sangue pingava do nariz, mas eu não conseguia parar um segundo sequer para limpar.

Reyna tinha razão. Se a gente não se mexesse, ia morrer. E não dava para se mexer.

Olhei para as vigas acima de nós. Se ao menos conseguíssemos chegar lá, poderíamos ficar de pé e usar os braços. Teríamos alguma chance de, sei lá, *lutar*.

No final da passarela, em frente à próxima coluna, havia uma caixa retangular grande parecida com um contêiner. Fiquei surpreso por não ter notado aquilo antes, mas comparada à torre, a caixa parecia pequena e insignificante, só outro pedaço de metal vermelho. Eu não tinha ideia do que aquilo estava fazendo ali (um armário de ferramentas? depósito?), mas, se conseguíssemos entrar, poderíamos usá-la como abrigo.

— Ali! — gritei.

Reyna seguiu meu olhar.

— Se conseguirmos chegar lá… Precisamos de tempo. Apolo, o que afasta corvos? Não tem alguma coisa que eles odeiem?

— Mais que *eu*?

— Eles não gostam muito de narcisos — observou Meg quando outra ave coberta de flores desabou em queda livre.

— Precisamos de algo que afaste *todos eles* — disse Reyna, girando a espada de novo. — Algo que eles odeiem mais que Apolo. — Seus olhos começaram a brilhar. — Apolo, cante para eles!

Ela bem que poderia ter me dado outro chute na cara.

— Minha voz não é *tão* ruim assim!

— Mas você é… *era* o deus da música, não? Se pode conquistar o público, deve conseguir afastar também. Cante alguma coisa que esses pássaros vão odiar!

Ótimo. Não bastava Reyna ter rido da minha cara e quebrado meu nariz, agora eu seria objeto de repulsa.

Ainda assim… Fiquei mexido com o tom que ela usou ao dizer que eu *era* um deus. Não pareceu um insulto. Ela disse aquilo quase como um elogio — como se soubesse que deidade horrível eu havia sido, mas acreditasse que eu poderia ser capaz de me tornar alguém melhor, mais útil, talvez até merecedor de perdão.

— Certo — falei. — Certo, me deixa pensar.

Os corvos não tinham intenção de me deixar fazer isso. Eles crocitavam e voavam em uma confusão de penas negras e garras afiadas. Reyna e Meg se esforçaram ao máximo para afastá-los, mas não conseguiam me proteger completamente. Levei uma bicada no pescoço, por pouco não foi na carótida. Garras cortaram minha bochecha, sem dúvida criando umas listras de sangue.

Eu não podia pensar na dor.

Queria cantar por Reyna, para provar que eu tinha mesmo mudado. Eu não era mais o deus que tinha mandado matar Corônis e criado os corvos, ou amaldiçoado a Sibila de Eritreia, ou todas as outras coisas egoístas que fiz com a mesma hesitação de quem decide que calda colocar na ambrosia.

Era hora de ser útil. Eu precisava ser repulsivo pelas minhas amigas!

Repassei milênios de memórias de concertos, tentando lembrar algum número musical que tivesse sido totalmente péssimo. Nada. Não conseguia pensar em nenhum. E os pássaros continuavam atacando…

Pássaros atacando.

Lá no fundo, uma ideia surgiu.

Ocorreu-me uma história que meus filhos Austin e Kayla tinham me contado na época em que eu estava no Acampamento Meio-Sangue. Estávamos em volta da fogueira, rindo do péssimo gosto musical de Chiron. Eles disseram que, alguns anos antes, Percy Jackson tinha afastado um bando de pássaros assassinos de Estinfália simplesmente tocando o que Chiron tinha no aparelho de som.

O que é que ele tinha tocado? Qual era a música favorita do…?

— “VOLARE”! — berrei.

Meg olhou para mim, um gerânio aleatório preso no cabelo.

— Quem?

— É uma música que Dean Martin cantava — expliquei. — Pode ser inaceitável para aves. Não tenho certeza.

— Bem, então *tenta*! — gritou Reyna.

Os corvos puxavam e arranhavam furiosamente a capa da pretora, incapazes de perfurar o tecido mágico, mas a parte da frente de seu corpo estava desprotegida. Toda vez que ela girava a espada, uma ave atacava seu peito e seus braços. A camiseta de manga comprida logo se tornaria uma regata.

Eu me concentrei para encarnar o astro da pior forma possível. Imaginei que estava num palco de Las Vegas, com uma fileira de taças de martíni vazias no piano atrás de mim. Eu num terno de veludo. Tinha acabado de fumar um maço de cigarros. À minha frente, uma multidão cheia de fãs calorosos e sem ritmo.

— *VOOO-LAAAAA-REEEE*! — gritei, modulando a voz para adicionar umas vinte sílabas à palavra. — Ô! Ô!

A resposta dos corvos foi imediata. Eles se afastaram como se de repente tivéssemos nos transformado em lanchinhos vegetarianos. Alguns se jogaram nas colunas de metal, fazendo a torre inteira estremecer.

— Continue! — berrou Meg.

Dita como uma ordem, sua palavra me forçou a obedecer. Com o perdão de Domenico Modugno, que escreveu a música, dei a "Volare" o tratamento completo de Dean Martin.

Aquela já tinha sido uma canção tão adorável e obscura. Originalmente, Modugno a batizara de "Nel blu, dipinto di blu", que, tudo bem, era um nome péssimo. Como a "One Headlight" dos Wallflowers deveria obviamente ter sido batizada de "Me and Cinderella". E a "The A-Team" do Ed Sheeran claramente "Too Cold for Angels to Fly". Caramba, pessoal, vocês estão estragando a brincadeira.

De qualquer forma, "Nel blu, dipinto di blu" poderia ter caído no esquecimento se Dean Martin não a tivesse regravado, mudando o título para "Volare", acrescentando mil violinos e um coro, transformando-a num clássico dos cantores de baile inconvenientes.

Eu não tinha segundas vozes. Só a minha, mas me esforcei ao máximo para ser péssimo. Mesmo quando eu era um deus e podia falar qualquer idioma que quisesse, nunca consegui cantar bem em italiano. Sempre misturava com latim, e acabava parecendo Júlio César com sinusite. Meu nariz recém-quebrado só completava o horror.

Berrei e me esgoelei, fechando os olhos e me agarrando à escada enquanto os corvos voavam ao meu redor, crocitando horrorizados com aquele cover terrível. Lá embaixo, os greyhounds de Reyna uivavam como se tivessem acabado de ficar órfãos.

Fiquei tão entretido no assassinato de "Volare" que nem percebi que os corvos tinham se calado. Até Meg gritar:

— APOLO, CHEGA!

Parei no meio do refrão. Quando abri os olhos, os corvos tinham desaparecido. De algum lugar da neblina, seus crocitos indignados iam ficando cada vez mais distantes enquanto o bando buscava alguma presa mais silenciosa e menos terrível.

— Meus ouvidos — reclamou Reyna. — Deuses, meus ouvidos nunca vão se recuperar.

— Os corvos vão voltar — avisei. Minha garganta parecia a boca de uma betoneira. — Assim que conseguirem comprar fones antirruído, vão voltar. Vamos subir logo! Não tenho mais Dean Martin no repertório.

27

Quer brincar de que deus é?
A letra é H. Quer me matar.
(Minha madrasta não.)

ASSIM QUE CHEGUEI à passarela, agarrei o corrimão. Não sabia bem se eram minhas pernas que tremiam ou a torre inteira que se balançava. Eu me senti de volta ao trirreme dos prazeres de Poseidon — aquela puxada por baleias-azuis. *Ah, é uma viagem tranquila,* ele tinha prometido. *Você vai adorar.*

Lá embaixo, São Francisco se estendia em uma mistura confusa de tons cinza e verdes, as bordas cobertas de neblina. Senti uma pontada de nostalgia pelos meus dias na carruagem do Sol. Ah, São Francisco! Sempre que eu via aquela linda cidade lá embaixo, sabia que minha jornada diária estava quase acabando. Eu podia finalmente estacionar a carruagem no Palácio do Sol, passar uma noite relaxante e deixar as outras forças que controlam noite e dia fazerem todo o trabalho por mim. (Sinto muito, Havaí, eu te amo, mas não vou fazer hora extra só para o sol nascer aí.)

Os corvos tinham sumido de vista. Isso não significava nada. Um cobertor de bruma ainda tapava o topo da torre. As aves assassinas poderiam voltar a qualquer minuto. Não era justo que pássaros com envergadura de seis metros conseguissem ser tão silenciosos.

No fim da passarela estava o contêiner. O cheiro de rosas estava tão forte que até eu conseguia sentir, e parecia vir do contêiner. Dei um passo para a frente e na mesma hora tropecei.

— Ei, cuidado.

Reyna agarrou meu braço.

Uma onda de energia atravessou meu corpo, fazendo minhas pernas se firmarem. Talvez tenha sido coisa da minha cabeça. Ou talvez só tenha ficado surpreso por Reyna ter feito contato físico comigo sem que isso envolvesse chutar a minha cara.

— Estou bem — falei.

Uma habilidade divina que não havia me abandonado era a de mentir.

— Você precisa de cuidados médicos — disse Reyna. — Sua cara está um horror.

— Valeu.

— Eu trouxe algumas coisas comigo — anunciou Meg.

Ela começou a mexer no cinto de jardinagem. Fiquei apavorado com a ideia de que ela fosse querer fazer um curativo no meu rosto

com uma flor de buganvília, mas, em vez disso, Meg puxou um rolo de esparadrapo, gaze e antisséptico. Acho que ela havia aprendido mais no tempo que passou com Pranjal do que só a usar o ralador de queijo.

Ela cuidou do meu rosto, depois começou a procurar cortes profundos em Reyna e em mim. Havia muitos. Nós três parecíamos sobreviventes do massacre da serra elétrica. Poderíamos passar a tarde toda fazendo curativos, mas não tínhamos tanto tempo disponível.

Meg encarou o contêiner, ainda com um gerânio teimoso preso ao cabelo. As tiras do vestido rasgado se agitavam ao redor do seu corpo como algas marinhas.

— O que é aquela coisa? — perguntou ela. — O que está fazendo aqui em cima, e por que tem cheiro de rosas?

Ótimas perguntas.

Julgar escala e distância na torre era difícil. Escondido entre as colunas, o contêiner parecia próximo e pequeno, mas provavelmente estava a, tipo, um quarteirão de distância de nós, e devia ser maior que o trailer de Marlon Brando no set de *O poderoso chefão*. (Nossa, de onde essa lembrança tinha vindo? Bons tempos.) Instalar aquela caixa de metal vermelha gigantesca devia ter dado um trabalhão. Por outro lado, o Triunvirato tinha dinheiro suficiente para comprar cinquenta iates de luxo, então provavelmente poderia pagar por alguns helicópteros de carga.

A pergunta principal era: *por quê*?

Das laterais do contêiner saíam cabos brilhantes acobreados e dourados, cruzando a torre e as vigas como fios de aterramento, conectando-se a parabólicas, painéis solares e baterias. Será que havia alguma estação de monitoramento lá dentro? A estufa de rosas mais cara do mundo? Ou talvez o esquema mais elaborado de todos os tempos para roubar sinal de TV.

A extremidade mais próxima do contêiner tinha portas de carga, os trincos verticais presos por correntes pesadas. O que quer que houvesse lá dentro era para permanecer ali.

— Alguma ideia? — perguntou Reyna.

— Tentar entrar no contêiner — respondi. — É uma péssima ideia, mas é a única que tenho.

— Pois é. — Reyna deu uma olhada na neblina acima de nós. — Vamos logo, antes que os corvos voltem para um bis.

Meg conjurou as espadas e foi à frente na passarela, mas depois de uns seis metros parou abruptamente, como se tivesse batido em uma parede invisível.

Ela se virou para nós.

— Pessoal, sou… eu ou… estranho?

Eu achei que o chute na cara tinha feito meu cérebro entrar em curto-circuito.

— O que foi, Meg?
— Eu falei… estranho, tipo… frio e…
Dei uma olhada para Reyna.
— Você ouviu o que ela disse?
— Só metade das palavras. Por que as *nossas* vozes não foram afetadas?
Avaliei o pequeno espaço de passarela que nos separava de Meg. Um pensamento desconfortável surgiu na minha mente.
— Meg, dê um passo na minha direção, por favor.
— Por que… quer…?
— Só faça isso, por favor.
Ela obedeceu.
— Então vocês também sentiram uma coisa esquisita? Tipo, meio frio? — Ela franziu a testa. — Espera aí… Melhorou agora.
— Você estava pulando umas palavras — comentou Reyna.
— Estava?
As duas me olharam em busca de explicação. Infelizmente, eu achava que sabia o que era — ou pelo menos estava começando a entender. O caminhão metafórico com os faróis metafóricos estava cada vez mais metaforicamente perto de me atropelar.
— Me esperem aqui um segundo — falei. — Quero testar um negócio.
Dei alguns passos na direção do contêiner. Quando cheguei ao ponto em que Meg estivera antes, logo senti a diferença: era como se tivesse entrado num frigorífico.
Mais alguns passos e eu não ouvia mais o vento, nem o estalar dos cabos metálicos na torre, nem meus batimentos. Estalei os dedos. Nenhum som.
Senti o pânico crescer no peito. Silêncio absoluto — o pior pesadelo para um deus da música.
Virei-me para Reyna e Meg e tentei gritar:
— Estão me ouvindo agora?
Nada. Minhas cordas vocais vibraram, mas as ondas sonoras pareciam morrer antes de sair da minha boca.
Meg disse algo, mas não ouvi. Reyna abriu os braços.
Fiz um gesto para que elas esperassem. Então respirei fundo e me forcei a continuar andando na direção do contêiner. Parei de frente para as portas.
O cheiro de rosas definitivamente estava vindo dali. As correntes grossas em volta dos trincos eram de ouro imperial — havia ali o bastante do metal mágico e raro para comprar um palácio de respeito no Monte Olimpo. Mesmo na minha forma mortal, conseguia sentir o poder que irradiava do contêiner. Não só o silêncio pesado, mas a aura fria e incômoda de proteções e maldições lançadas nas portas e nas

paredes de metal. Para nos manter longe. Para manter algo preso lá dentro.

Na porta da esquerda, pintada em tinta branca, havia uma única palavra em árabe:

الإسكندرية

Meu árabe estava ainda mais enferrujado que meu italiano Dean Martin, mas eu tinha quase certeza de que era o nome de uma cidade. ALEXANDRIA. Alexandria, Egito.

Quase caí de joelhos. Minha visão ficou borrada. Talvez eu tenha soluçado, mas não ouvi.

Devagar, segurando o corrimão para me apoiar, voltei trôpego para as minhas amigas. Só soube que tinha saído da zona do silêncio quando me ouvi resmungando:

— Não, não, não, não.

Meg me segurou antes que eu caísse lá de cima.

— Qual o problema? O que houve?

— Acho que entendi — falei. — O deus silencioso.

— Quem é? — perguntou Reyna.

— Não sei.

Reyna piscou, confusa.

— Mas você acabou de falar…

— Acho que *entendi*. Lembrar quem é exatamente… é mais difícil. Tenho quase certeza de que estamos lidando com um deus ptolemaico, da época em que os gregos dominavam o Egito.

Meg voltou a encarar o contêiner.

— Então tem um deus naquela caixa.

Estremeci, me lembrando da malsucedida franquia de fast-food que Hermes tentou abrir no Monte Olimpo. Ainda bem que Deus-na-Caixinha não foi pra frente.

— Sim, Meg. Suspeito que seja um deus menor híbrido greco-egípcio, o que provavelmente é o motivo pelo qual ele não estava nos arquivos do Acampamento Júpiter.

— Se ele é tão menor — disse Reyna —, por que você está tão assustado?

Minha antiga arrogância olimpiana voltou por um momento. *Mortais*. Nunca entendem nada.

— Os deuses ptolemaicos são *horríveis* — expliquei. — Imprevisíveis, temperamentais, perigosos, inseguros…

— Ah, tipo um deus comum — interrompeu Meg.

— Te odeio — falei.

— Achei que me amasse.

— Eu sou multitarefa. Rosas eram o símbolo desse deus. Eu… eu não lembro por quê. Uma ligação com Vênus? Ele era o responsável

pelos segredos. Antigamente, se os líderes penduravam uma rosa no teto durante uma conferência, isso significava que todos naquela conversa juravam segredo. Eles chamavam isso de *sub rosa*, sob a rosa.

— Então você sabe disso tudo — comentou Reyna —, mas não lembra o nome do deus?

— Eu… Ele… — Um rosnado frustrado cresceu na minha garganta. — Eu *quase* lembrei. Eu *devia* saber. Mas não penso nesse deus faz milênios. Ele é *muito* obscuro. É como me pedir para me lembrar do nome de um backing vocal com quem trabalhei na Renascença. Talvez, se você não tivesse me dado um chute na cara…

— Depois daquela história da Corônis? — interrompeu Reyna. — Você mereceu.

— Mereceu mesmo — concordou Meg.

Suspirei.

— Vocês duas são péssimas influências uma para a outra.

Sem tirar os olhos de mim, Reyna e Meg trocaram um *high-five*.

— Tá bom — resmunguei. — Talvez a Flecha de Dodona possa ajudar a refrescar minha memória. Pelo menos ela me insulta em linguagem floreada e shakespeariana.

Peguei a flecha na aljava.

— Ó, profético míssil, preciso de seu conselho!

Silêncio.

Eu me perguntei se a flecha havia adormecido por conta da atmosfera mágica em torno do contêiner. Então percebi que havia uma explicação mais simples. Devolvi a flecha à aljava e peguei outra.

— Você pegou a flecha errada, não pegou? — adivinhou Meg.

— Não! Você não entende o meu processo de pensamento. Vou voltar para a esfera do silêncio agora.

— Mas…

Saí pisando duro antes que Meg continuasse.

Foi só quando estava envolto pelo silêncio e pelo frio que me ocorreu que talvez seria difícil ter uma conversa com a flecha se eu estava impossibilitado de falar.

Não importava. Eu era orgulhoso demais para recuar. Se não conseguisse me comunicar telepaticamente com a flecha, simplesmente fingiria ter uma conversa inteligente enquanto Reyna e Meg observavam.

— Ó, profético míssil! — tentei de novo. Minhas cordas vocais vibraram, mas não houve som, uma sensação perturbadora que só posso comparar a se afogar. — Necessito de seu conselho!

CONGRATULAÇÕES, disse a flecha. Sua voz ressoou na minha cabeça — uma sensação mais palpável que auditiva —, fazendo meus olhos estremecerem.

— Obrigado. Espera aí. Está me parabenizando pelo quê?

TU ENCONTRASTE TEU CAMINHO. AO MENOS O PRINCÍPIO DE TEU CAMINHO. SUPUS QUE TAL SERIA O CASO NO DEVIDO TEMPO. CONGRATULAÇÕES, PORTANTO.

— Ah. — Eu encarei a ponta da flecha, esperando o insulto. Fiquei tão surpreso que só conseguir gaguejar: — O-Obrigado.

CERTAMENTE NÃO É PROBLEMA ALGUM.

— A gente acabou de ter uma conversa educada?

SIM, respondeu a flecha. *FATO ESTRANHÍSSIMO. PORÉM, DE QUE "PROCESSO DE PENSAMENTO" ESTAVAS FALANDO COM TUAS MOÇOILAS? NÃO TENS PROCESSO ALGUM. SÓ TE ENROLAS.*

— Aí, sim — resmunguei. — Por favor, preciso que você refresque minha memória. Esse deus silencioso... É aquele cara do Egito, não é?

MUITO BEM PENSADO, SENHOR, disse a flecha. *SERÁ FACÍLIMO AGORA QUE REDUZISTE AS POSSIBILIDADES A TODOS OS CARAS DO EGITO.*

— Você entendeu. Tinha aquele cara... Aquele deus ptolemaico. O esquisitão. Era um deus do silêncio e dos segredos. Mas não exatamente. Se você me disser o nome, acho que o resto das minhas lembranças vão voltar.

SERÁ MINHA SABEDORIA TÃO FACILMENTE COMPRADA? ESPERAS GANHAR O NOME DO DEUS SEM QUALQUER ESFORÇO DE TUA PARTE?

— Você acha que escalar a Torre Sutro foi fácil? — reclamei. — Que eu gostei de ser atacado por corvos, levar um chute na cara e ser forçado a cantar que nem o Dean Martin?

FOI DIVERTIDO.

Posso ter gritado algumas palavras de baixo calão, mas a esfera de silêncio as censurou, então vocês terão que usar a imaginação.

— Tá bom — falei. — Pode pelo menos me dar uma dica?

CERTAMENTE. O NOME QUE PROCURAS COMEÇA COM H.

— Hefesto... Hermes... Hera... Tem muitos deuses com nomes começados com H!

— *HERA? ESTÁS FALANDO SÉRIO?*

— Só estou chutando. H, hum...

— *PENSE NO TEU MÉDICO FAVORITO.*

— Eu. Espera. Meu filho Esculápio.

O suspiro da flecha fez meu esqueleto inteiro tremelicar.

TEU MÉDICO MORTAL *FAVORITO.*

— Doutor Korvo. Doutor Destino. Doutor House. Doutor... Ah, você quer dizer Hipócrates. Mas ele não é um deus ptolemaico.

ESTÁS ME TORTURANDO, reclamou a flecha. *HIPÓCRATES É TUA DICA. O NOME QUE BUSCAS É SIMILAR. PRECISAS SOMENTE SUBSTITUIR UMA LETRA.*

— Que letra?

Eu estava me sentindo petulante, mas eu nunca tinha gostado muito de jogos de palavras, mesmo antes da experiência horrenda no Labirinto de Fogo.

DAREI-TE UMA ÚLTIMA DICA, disse a flecha. *PENSE NO TEU IRMÃO MARX FAVORITO.*

— Irmãos Marx? Como é que você *conhece* os irmãos Marx? Eles eram da década de 1930! Quer dizer, sim, é claro que eu adorava os dois. Eles trouxeram alegria a uma época bem complicada, mas… Espera. O que tocava a harpa. Harpo. Eu sempre achei as músicas dele uma graça e…

O silêncio ficou mais pesado e mais frio ao meu redor.

Harpo, pensei. *Hipócrates. Junte os nomes e você tem…*

— Harpócrates — falei. — Flecha, por favor, me diga que essa não é a resposta. Por favor, me diga que não é ele que está dentro daquele contêiner.

A flecha não respondeu, o que considerei uma confirmação dos meus piores temores.

Voltei minha amiga shakespeariana para a aljava e me arrastei até Reyna e Meg de novo.

Meg estava com a testa franzida.

— Não gostei da sua cara.

— Nem eu — concordou Reyna. — O que você descobriu?

Eu encarei a neblina, desejando que tivéssemos que lidar com algo tão simples quanto corvos gigantes assassinos. Como eu suspeitava, o nome do deus havia trazido minhas memórias de volta — e eram memórias ruins e amargas.

— Sei que deus estamos enfrentando. A boa notícia é que ele não é tão poderoso assim. Para um deus. É bem obscuro mesmo. Sub-sub-celebridade.

Reyna cruzou os braços.

— E qual é a má notícia?

— Ah… Bem. — Eu pigarreei. — Harpócrates não gosta muito de mim. Ele pode ter… hum, jurado que ia me vaporizar um dia.

28

Quem não precisa
de ajuda às vezes para
comer concreto?

— VAPORIZAR — repetiu Reyna.

— Isso.

— O que você fez para ele? — perguntou Meg.

Tentei parecer ofendido.

— Nada! Posso ter feito uma ou outra brincadeira, mas ele era um deus *muito* menor. Com uma aparência bem boba. Posso ter feito algumas piadinhas com ele na frente dos outros Olimpianos.

Reyna franziu a testa.

— Então você fez bullying com ele.

— Não! Quer dizer… Eu posso ter escrito *me chute* em letras brilhantes nas costas da toga dele. E acho que talvez tenha sido exagerado amarrar e prender o cara nos estábulos com cavalos de fogo…

— AH, PELOS DEUSES! — exclamou Meg. — Você é péssimo!

Lutei contra o ímpeto de me defender. Queria gritar: *Bem, pelo menos eu não o matei como fiz com a minha namorada grávida Corônis!* Mas não seria um argumento muito bom. Repensando meus encontros com Harpócrates, percebi que eu tinha *mesmo* sido um babaca. Se alguém tivesse tratado a mim, Lester, do jeito que tratei aquele pobre deus ptolemaico, eu teria vontade de me enfiar num buraco e morrer. E, sendo bem sincero, na época em que eu era um deus, também tinha sofrido bullying… só que do meu pai. Eu deveria ter sido mais empático.

Eu não pensava em Harpócrates em éons. Nunca dei muita importância a todas as maldades que fiz com ele. Imagino que isso só piorava a situação. Eu tinha ignorado as consequências dos nossos encontros, mas duvido que ele tenha agido da mesma forma.

Os corvos de Corônis… Harpócrates…

Não era coincidência que ambos estivessem me assombrando como os Fantasmas das Saturnálias Passadas. Tarquínio havia orquestrado tudo isso pensando em *mim*. Estava me forçando a confrontar meus piores momentos. Mesmo que eu sobrevivesse aos desafios, meus amigos veriam exatamente o ser detestável que eu era. A vergonha pesaria sobre meus ombros e minaria minhas forças — da mesma maneira que Tarquínio colocava pedras na cesta em torno da cabeça de seus inimigos até que a carga fosse demais. O prisioneiro desabava

e se afogava em uma piscina rasa, e Tarquínio exclamava: *Eu não o matei. Ele simplesmente não era forte o bastante.*

Respirei fundo.

— Certo, eu fiz bullying com ele. Percebo isso agora. Vou entrar naquele contêiner e pedir desculpas. E torcer para Harpócrates não me vaporizar.

Reyna não parecia animada com meu plano. Ela dobrou a manga, revelando um relógio preto simples no pulso. Deu uma olhada na hora, talvez se perguntando quanto tempo levaria para que eu fosse vaporizado e elas voltassem para o acampamento.

— Digamos que a gente consiga passar pelas portas, o que vamos enfrentar? Conte mais sobre Harpócrates.

Tentei criar uma imagem mental do deus.

— Ele tem a aparência de uma criança. Talvez de uns dez anos?

— Você fez bullying com um menino de dez anos — resmungou Meg.

— Ele *parece* um menino de dez anos. Não falei que ele realmente tinha essa idade. Ele tem a cabeça raspada com um rabo de cavalo na lateral.

— É um negócio egípcio? — perguntou Reyna.

— Sim, para crianças. Harpócrates era originalmente uma encarnação do deus Hórus: Harpa-Khruti, Hórus, o menino. De qualquer maneira, quando Alexandre, o Grande invadiu o Egito, os gregos encontraram várias estátuas do deus e não sabiam o que significavam. Em geral ele era representado com o dedo sobre os lábios.

Eu demonstrei.

— Tipo, *silêncio* — disse Meg.

— Foi exatamente o que os gregos pensaram. Mas o gesto não tinha nada a ver com *shh*. Só simbolizava o hieróglifo para *criança*. De qualquer maneira, os gregos decidiram que aquele devia ser o deus do silêncio e dos segredos. Mudaram o nome dele para Harpócrates. Construíram alguns santuários, começaram a rezar para ele, e pronto, ele virou um deus híbrido greco-egípcio.

Meg bufou.

— Não pode ser tão fácil assim criar um deus novo.

— Nunca subestime o poder de milhares de mentes humanas acreditando na mesma coisa. São capazes de transformar a realidade. Às vezes para a melhor, às vezes não.

Reyna encarou as portas.

— E agora Harpócrates está aqui. Você acha que ele é poderoso o bastante para causar todos os nossos problemas de comunicação?

— Não deveria ser. Não entendo como…

— Aqueles cabos. — Meg apontou. — Estão conectando o contêiner

à torre. Talvez eles estejam aumentando o sinal dele? Talvez seja por isso que ele está aqui em cima.

Reyna assentiu, impressionada.

— Meg, da próxima vez que eu precisar instalar um videogame vou te chamar. Talvez a gente possa só cortar os cabos e não abrir o contêiner?

Eu adorei a ideia, o que era uma bela indicação de que aquilo não funcionaria.

— Não vai ser o suficiente — constatei. — A filha de Belona tem que abrir a porta para o deus silencioso, certo? E para nosso ritual de invocação funcionar, precisamos do último suspiro do deus depois que a... hum, alma dele for libertada.

Falar da receita sibilina na segurança da sala dos pretores era uma coisa. Falar dela na Torre Sutro, encarando o imenso contêiner vermelho do deus era outra bem diferente.

Tive uma profunda sensação de desconforto que nada tinha a ver com o frio, com a proximidade da esfera de silêncio ou mesmo com o veneno de zumbi circulando nas minhas veias. Alguns minutos antes eu havia admitido ter feito bullying com Harpócrates. Tinha decidido pedir desculpas. E para quê? Só para depois matá-lo por causa de uma profecia? Outra pedra foi jogada na cesta invisível em volta da minha cabeça.

Meg devia estar sentindo algo semelhante. Ela fez sua melhor careta de *Não-quero-fazer-isso* e começou a remexer no vestido rasgado.

— A gente não precisa mesmo… Sabe? Precisa? Quer dizer, mesmo se esse tal de Harpo estiver trabalhando para os imperadores…

— Eu não acho que esteja. — Reyna indicou as correntes no trinco com a cabeça. — Parece que ele foi *sequestrado*. É um prisioneiro.

— Isso só piora as coisas — reclamou Meg.

De onde eu estava, conseguia ver a palavra em árabe dizendo *Alexandria* na porta do contêiner. Imaginei o Triunvirato arrancando Harpócrates de algum templo enterrado no deserto egípcio, enfiando o deus naquela caixa e enviando-o para os Estados Unidos como se fosse uma encomenda. Os imperadores consideravam Harpócrates apenas outro brinquedinho divertido e perigoso, como os monstros treinados e lacaios humanoides.

E por que não deixar o rei Tarquínio ser seu guardião? Os imperadores podiam se aliar ao tirano morto-vivo, pelo menos temporariamente, para facilitar um pouco a invasão ao Acampamento Júpiter. Podiam deixar Tarquínio criar a armadilha mais cruel em que conseguisse pensar para mim. Se eu matasse Harpócrates ou ele me matasse, que diferença faria para o Triunvirato no fim das contas? Eles se divertiriam de qualquer maneira — só mais uma luta de

gladiadores para interromper a monotonia de suas vidas imortais.

Senti uma pontada de dor no corte no meu pescoço. Percebi que estava trincando os dentes de tanta raiva.

— Tem que ter outro jeito — falei. — A profecia não *pode* significar que a gente precisa matar Harpócrates. Vamos conversar com ele. Pensar em outra solução.

— Como a gente vai fazer isso se ele irradia silêncio? — perguntou Reyna.

— Essa é… essa é uma boa pergunta — admiti. — Vamos começar pelo começo. Temos que abrir aquelas portas. Vocês conseguem cortar as correntes?

Meg pareceu chocada.

— Com as minhas *espadas*?

— Bem, achei que seria melhor do que com os dentes, mas pode ficar à vontade.

— Gente — disse Reyna. — Lâminas de ouro imperial em correntes de ouro imperial? A gente pode até conseguir cortar, mas ficaríamos aqui o dia inteiro. Não temos tanto tempo. Pensei em outra coisa. Força divina.

Ela me encarou.

— Mas eu não tenho força divina nenhuma! — protestei.

— Você recuperou sua habilidade com o arco — argumentou ela. — Você recuperou sua habilidade musical.

— Aquela música da Valéria não vale — comentou Meg.

— "Volare" — corrigi.

— Preste atenção — continuou Reyna. — Talvez eu possa aumentar sua força. Acho que deve ser por isso que estou aqui.

Pensei no choque de energia que senti quando Reyna tocou meu braço. Não havia sido atração física nem um aviso de Vênus. Eu pensei em algo que ela havia falado para Frank antes de sairmos do acampamento.

— O poder de Belona — falei. — Tem alguma coisa a ver com ser mais forte em grupo?

Reyna assentiu.

— Eu consigo amplificar as habilidades dos outros. Quanto maior o grupo, melhor, mas mesmo com três pessoas… Pode ser o suficiente para aumentar seu poder e você conseguir abrir as portas.

— Mas isso conta? — perguntou Meg. — Quer dizer, se a própria Reyna não abrir a porta, será que a gente não vai estar trapaceando a profecia?

Reyna deu de ombros.

— Profecias nunca significam o que a gente acha que significam, certo? Se Apolo conseguir abrir a porta graças à minha ajuda, então ainda sou responsável por isso, não acha?

— Além disso… — Apontei para o horizonte. Ainda tínhamos algumas horas de luz do sol, mas a lua cheia estava se erguendo, imensa e branca, sobre as colinas de Marin County. Logo ela ficaria vermelha como sangue, e eu temia que o mesmo acontecesse com nossos amigos. — O tempo está acabando. Se der para trapacear, vamos trapacear.

Percebi que essas seriam péssimas últimas palavras. Ainda assim, Reyna e Meg me seguiram até o silêncio frio.

Quando chegamos às portas, Reyna segurou a mão de Meg, se virou para mim e perguntou, em silêncio:

— *Pronto?*

Então colocou a outra mão no meu ombro.

Senti uma onda de poder me atravessar. Dei uma risada de alegria sem som. Eu me senti tão poderoso quanto na floresta do Acampamento Meio-Sangue, quando havia enviado um dos guarda-costas bárbaros de Nero para fazer órbita na Terra. O poder de Reyna era incrível! Se eu conseguisse convencê-la a ficar atrás de mim enquanto eu fosse mortal, com a mão no meu ombro e uma corrente de uns vinte ou trinta semideuses atrás de mim, aposto que não haveria nada que eu não conseguiria fazer!

Agarrei algumas correntes e as rasguei como papel. Depois mais outras, e outras. O ouro imperial se desfazia silenciosamente nos meus punhos. Os trincos de metal pareciam moles como pãezinhos quando os arranquei.

Só sobraram as maçanetas.

O poder talvez tivesse me subido à cabeça. Abri um sorriso convencido para Reyna e Meg, pronto para aceitar seus elogios silenciosos.

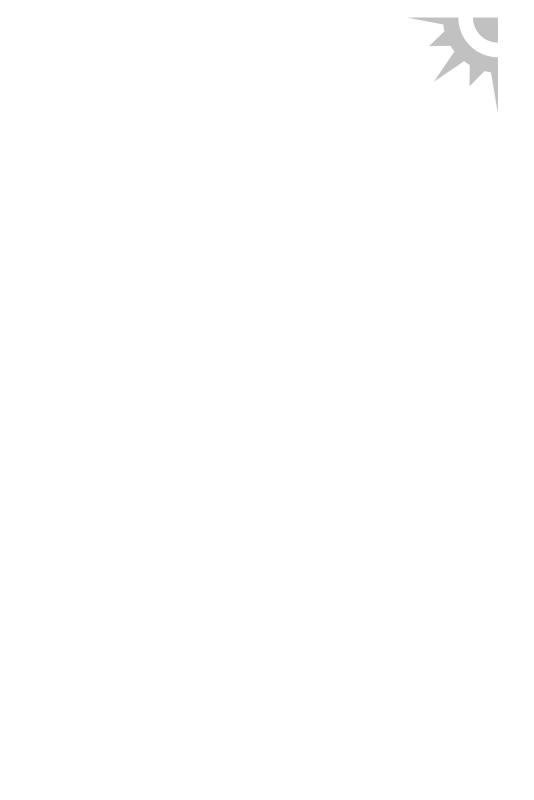
Em vez disso, a cara delas era como se eu tivesse dobrado as duas ao meio também.

Meg estava trêmula, o rosto esverdeado como uma ervilha. Os olhos de Reyna estavam semicerrados de dor. As veias nas suas têmporas pulsavam como raios. Minha onda de energia estava acabando com elas.

— *Acabe logo com isso* — disse Reyna, sem fazer barulho. Seus olhos acrescentaram um pedido desesperado: *Antes que a gente desmaie.*

Humilde e envergonhado, agarrei as maçanetas. Minhas amigas me trouxeram até aqui. Se Harpócrates realmente estava dentro daquele contêiner, eu me certificaria de que toda a sua raiva recaísse em mim, não em Reyna ou em Meg.

Abri as portas de uma vez e entrei.

29

Já ouviu a expressão
“silêncio ensurdecedor”?
É real mesmo

NA MESMA HORA caí de quatro sob o peso do poder de Harpócrates.

O silêncio me cercou como titânio líquido. O cheiro enjoativo de rosas quase me fez vomitar.

Eu havia me esquecido de como o deus se comunicava — com explosões de imagens mentais, opressivas e silenciosas. Na época em que eu ainda era imortal, achava isso irritante. Agora, como humano, percebi que talvez destruísse meu cérebro. No momento, ele só me mandava uma mensagem sem parar: *VOCÊ? ODEIO!*

Atrás de mim, Reyna estava de joelhos, com as mãos tampando as orelhas e gritando sem emitir sons. Meg estava toda encolhida ao seu lado, chutando o ar como se tentasse afastar um cobertor pesado.

Um momento antes, eu estava partindo barras de metal como se fossem feitas de papel. Agora eu mal conseguia erguer a cabeça para encarar Harpócrates.

O deus flutuava de pernas cruzadas nos fundos do contêiner.

Ainda era do tamanho de uma criança de dez anos, ainda usava aquela roupinha ridícula de toga e coroa faraônica em formato de pino de boliche, como muitos deuses ptolemaicos confusos que não conseguiam decidir se eram egípcios ou greco-romanos. O rabo de cavalo lateral tinha sido trançado. E, é claro, ele ainda estava com um dedo erguido na frente da boca, parecendo o bibliotecário mais frustrado e irritado do mundo: *SSSHHH!*

Ele não conseguia evitar. Eu lembrava que Harpócrates precisava de muita força de vontade para manter a mão abaixada. Assim que ele parasse de se concentrar, o dedinho voltava para o lugar. Antigamente, eu achava isso hilário. Agora, nem tanto.

Os séculos não haviam sido gentis com ele. Sua pele estava enrugada e flácida. Antes dourada e bronzeada, agora tinha uma cor de porcelana nada saudável. Seus olhos fundos ardiam com raiva e desgosto.

Grilhões de ouro imperial estavam presos aos pulsos e tornozelos do deus, conectados a uma teia de correntes e cabos — alguns se prendiam a complexos painéis de controle, outros passavam por buracos nas paredes do contêiner para seguir até a estrutura da torre. Aquilo tudo parecia feito para colher o poder de Harpócrates e amplificá-lo, espalhando seu silêncio mágico pelo mundo inteiro. Essa

era a fonte de todos os nossos problemas de comunicação: um deus menor triste, irritado e esquecido.

Levei um instante para entender por que ele permanecia aprisionado. Mesmo com seu poder sendo drenado, uma deidade menor deveria ser capaz de quebrar aquelas correntes. Harpócrates parecia estar sozinho, sem guardas.

Foi então que percebi. Flutuando ao lado do deus, tão enrolados nas correntes que era difícil distingui-los da confusão geral de maquinário e cabos, estavam dois objetos que eu não via em séculos: machados cerimoniais idênticos, cada um de um metro e meio de altura, com a lâmina curvada e um feixe de varas de madeira em torno do cabo.

Fasces. O maior símbolo do poderio romano.

Só de olhar para aquilo senti meu estômago revirar em nós e laçarotes. Antigamente, oficiais romanos poderosos nunca saíam de casa sem uma procissão de guarda-costas chamados lictores, cada um carregando um desses machados enfeitados para deixar claro aos plebeus que tinha alguém importante passando. Quando mais fasces, mais importante era o oficial.

No século XX, Benito Mussolini se apoderou do símbolo quando se tornou ditador da Itália. Sua filosofia de comando foi batizada em homenagem a esses machados: o fascismo.

Mas os fasces à minha frente não eram comuns. As lâminas eram de ouro imperial. Amarradas em torno dos feixes de madeira havia faixas bordadas com os nomes dos seus donos. Letras suficientes estavam visíveis para que eu fosse capaz de adivinhar o que estava escrito. À esquerda: CÉSAR MARCO AURÉLIO CÔMODO ANTONINO AUGUSTO. À direita: CAIO JÚLIO CÉSAR AUGUSTO GERMÂNICO, também conhecido como Calígula.

Aqueles eram os fasces pessoais dos dois imperadores, usados para drenar o poder de Harpócrates e mantê-lo escravizado.

O deus me encarava com ódio, forçando imagens dolorosas na minha mente: eu, enfiando a cabeça dele num vaso sanitário no Monte Olimpo; eu gargalhando enquanto amarrava seus braços e pés e o trancava nos estábulos com meus cavalos que soltavam fogo pelas ventas. Dezenas de outras situações que eu havia esquecido completamente, e em todas elas eu era tão brilhante, belo e poderoso quanto um imperador do Triunvirato… e tão cruel quanto, também.

Meu crânio latejava com a pressão do ataque de Harpócrates. Eu senti os capilares estourando no meu nariz quebrado, na minha testa, nas minhas orelhas. Atrás de mim, Reyna e Meg se reviravam em agonia. Reyna me encarou, com sangue escorrendo do nariz. Ela parecia me perguntar: *E agora, gênio? O que a gente faz?*

Eu me arrastei na direção de Harpócrates.

Hesitante, usando uma série de imagens mentais, tentei transmitir

uma pergunta: *Como você veio parar aqui?*

Imaginei Calígula e Cômodo dominando Harpócrates, prendendo-o e forçando-o a obedecer. Imaginei Harpócrates flutuando sozinho nesta caixa escura por meses, anos, incapaz de se libertar do poder dos fasces, ficando cada vez mais fraco enquanto os imperadores usavam seu silêncio para manter os acampamentos dos semideuses no escuro, sem conseguir se comunicar, enquanto o Triunvirato usava a tática de dividir para conquistar.

Harpócrates era prisioneiro deles, não aliado.

Certo?

Harpócrates respondeu com uma onda de raiva e ressentimento.

Supus que significava ao mesmo tempo *Sim* e *Você é um babaca, Apolo.*

Ele forçou mais imagens na minha mente. Vi Cômodo e Calígula parados onde eu estava, sorrindo com crueldade, insultando-o.

Você deveria estar do nosso lado, Calígula disse a ele telepaticamente. *Você deveria* querer *nos ajudar!*

Harpócrates havia se recusado. Ele podia não conseguir vencer seus captores, mas tinha a intenção de resistir até o fim. Era por isso que ele parecia tão envelhecido.

Enviei uma onda de pena e arrependimento. Harpócrates respondeu com uma explosão de desdém.

Só porque nós dois odiávamos o Triunvirato isso não nos tornava amigos. Harpócrates nunca havia esquecido minha crueldade. Se ele não estivesse sob o controle dos fasces, já teria explodido a mim e às minhas amigas até o último átomo.

O deus me mostrou essa imagem em todos os detalhes. Dava para ver que ele gostava de pensar nisso.

Meg tentou entrar na nossa discussão telepática. De início, tudo que ela conseguiu enviar foi uma mistura de dor e confusão. Então ela conseguiu se concentrar. Vi seu pai sorrindo para ela, entregando uma rosa. Para ela, a rosa era um símbolo de amor, não de segredos. Então vi o pai dela morto, caído nos degraus da Grand Central Station, assassinado por Nero. Ela mostrou a Harpócrates sua história de vida, capturada em cenas dolorosas. Ela conhecia monstros. Ela havia sido criada pelo Besta. Não importava o quanto Harpócrates me odiava — e Meg concordava que eu era bem idiota às vezes —, tínhamos que trabalhar juntos para impedir os planos do Triunvirato.

Harpócrates repeliu os pensamentos dela com raiva. Como Meg ousava presumir que entendia seu sofrimento?

Reyna tentou outra estratégia. Ela compartilhou as memórias do último ataque de Tarquínio ao Acampamento Júpiter: os muitos feridos e mortos, seus corpos arrastados por ghouls para serem reanimados como *vrykolakai*. Ela mostrou a Harpócrates seu pior

medo: que, depois de todas as batalhas, depois de séculos mantendo as melhores tradições de Roma, a Décima Segunda Legião fosse ser destruída naquela noite.

Harpócrates não se importou. Ele focou toda a sua atenção em mim, me cobrindo de ódio.

Tudo bem!, implorei. *Me mate se quiser. Mas eu sinto muito! Eu mudei!*

Enviei uma variedade dos mais horrendos e vergonhosos fracassos que sofri desde que havia me tornado mortal: chorando junto ao corpo de Heloísa, a grifo, na Estação Intermediária, abraçando o *pandos* Acorde durante seus últimos momentos no Labirinto de Fogo, e, é claro, assistir sem poder fazer nada enquanto Calígula matava Jason Grace.

Só por um momento, a raiva de Harpócrates diminuiu.

Pelo menos eu havia sido capaz de surpreendê-lo. Ele não tinha esperado culpa ou arrependimento de minha parte. Essas nunca foram minhas emoções mais comuns.

Se você nos deixar destruir os fasces, pensei, *isso vai libertá-lo. Também vai enfraquecer os imperadores, certo?*

Mostrei a ele uma visão de Reyna e Meg destruindo os fasces com as espadas, os machados cerimoniais explodindo.

Sim, pensou Harpócrates, acrescentando um tom de vermelho brilhante à visão.

Eu havia oferecido algo que ele queria.

Reyna se intrometeu. Ela imaginou Cômodo e Calígula de joelhos, gemendo de dor. Os fasces eram conectados a eles. Havia sido um grande risco deixar seus machados aqui. Se os fasces fossem destruídos, os imperadores poderiam entrar na batalha enfraquecidos e vulneráveis.

Sim, respondeu Harpócrates. A pressão do silêncio se reduziu. Eu quase conseguia respirar de novo sem sentir agonia. Reyna ficou de pé, ainda trêmula, depois ajudou Meg a se levantar, em seguida a mim.

Infelizmente, ainda não estávamos fora de perigo. Imaginei inúmeras coisas horríveis que Harpócrates poderia fazer conosco se o libertássemos. E, como estava tendo uma conversa mental, não havia como não transmitir esses medos.

O olhar de Harpócrates não diminuiu meus receios.

Os imperadores deviam ter previsto isso. Eles eram inteligentes, cínicos, terrivelmente lógicos. Eles sabiam que, se eu libertasse Harpócrates, seria provável que o primeiro ato do deus seria me matar. Para os imperadores, a potencial perda dos fasces aparentemente não superava o potencial benefício de me ver morto… ou a diversão de saber que eu mesmo tinha causado isso.

Reyna tocou meu ombro, o que quase me fez dar um pulo. Ela e Meg haviam desembainhado as espadas. Estavam só esperando minha decisão. Eu queria mesmo arriscar?

Observei o deus silencioso.

Faça o que quiser comigo, disse a ele em pensamento. *Só poupe minhas amigas. Por favor.*

Seus olhos arderam com malícia, mas também um toque de alegria. Ele parecia estar esperando que eu percebesse algo, como se tivesse escrito *me chute* na minha mochila sem eu notar.

Então vi o que havia no seu colo. Eu não tinha notado enquanto estava de joelhos, mas agora que estava de pé era difícil não perceber: um pote de vidro, aparentemente vazio, fechado com uma tampa de metal.

A sensação era de que Tarquínio havia colocado a última pedra na cesta do meu afogamento. Imaginei os imperadores gargalhando e divertindo-se bastante no deque do iate de Calígula.

Boatos de séculos anteriores surgiram na minha mente: *O corpo da Sibila havia se deteriorado… Ela não podia morrer… Seus ajudantes mantinham sua força vital… sua voz… num pote de vidro.*

Harpócrates segurava tudo que restava da Sibila de Cumas — outra pessoa que tinha todas as razões para me odiar; a mulher que os imperadores e Tarquínio sabiam que eu me sentiria na obrigação de ajudar.

Eles me deixaram a mais difícil das escolhas: fugir, deixar o Triunvirato vencer e ver meus amigos mortais serem destruídos, ou libertar dois dos meus piores inimigos e enfrentar o mesmo destino de Jason Grace.

Era uma decisão fácil.

Eu me virei para Reyna e Meg e pensei, com a maior clareza que pude:

Destruam os fasces. Libertem-no.

30

Voz e silêncio.
Já vi casais mais loucos.
Pera. Não, não vi.

ACONTECE QUE isso foi uma péssima ideia.

Reyna e Meg se aproximaram com cuidado — como se faz ao chegar perto de um animal selvagem encurralado ou de um imortal irritado. Elas se posicionaram cada uma de um lado de Harpócrates, ergueram as lâminas acima da cabeça e em silêncio contaram: *Um, dois, três!*

Era quase como se os fasces estivessem esperando para explodir. Apesar dos protestos anteriores de Reyna, que estava convencida de que lâminas de ouro imperial levariam séculos para atravessar correntes de ouro imperial, as espadas das duas atravessaram os cabos e fios como se não passassem de ilusões.

Suas lâminas acertaram os fasces e os destruíram — fazendo os feixes de madeira explodirem, soltando farpas, quebrando os cabos e derrubando os machados dourados no chão.

As meninas deram um passo para trás, claramente surpresas com o próprio sucesso.

Harpócrates abriu um sorrisinho cruel.

Em meio ao silêncio, os grilhões nas suas mãos e nos seus pés se quebraram e caíram como se fossem feitos de papel. Os cabos e as correntes remanescentes se enrugaram e escureceram, recolhendo-se junto às paredes do contêiner. Harpócrates estendeu a mão livre — a que não estava fazendo o gesto de *Shh, vou te matar* —, e as duas lâminas douradas dos machados voaram até sua palma. Os dedos se aqueceram até ficarem incandescentes. As lâminas derreteram, ouro pingando por entre os dedos e formando uma poça no chão.

Uma vozinha na minha cabeça disse: *Ora, até que isso está indo muito bem.*

O deus pegou o pote de vidro do colo, erguendo-o nos dedos estendidos como uma bola de cristal. Por um momento, fiquei com medo de que ele faria o mesmo que fez com os machados dourados, derretendo o que restava da Sibila só para me irritar.

Em vez disso, ele atacou minha mente com novas imagens.

Vi um *eurynomos* entrar galopando na prisão de Harpócrates com o pote de vidro debaixo do braço. A boca do monstro salivava. Seus olhos roxos brilhavam.

Harpócrates lutou contra as correntes. Parecia que ele não estava

no contêiner havia muito tempo. Ele queria destruir o *eurynomos* com seu silêncio, mas o ghoul não estava sendo afetado. O corpo era comandado por outra mente, muito distante, na tumba do tirano.

Mesmo por telepatia, ficou claro que a voz era de Tarquínio — pesada e brutal como rodas de bigas atropelando uma pessoa.

Trouxe uma amiga para você, disse ele. *Tente não quebrá-la.*

Ele jogou o pote para Harpócrates, que o pegou por instinto. O ghoul possuído por Tarquínio saiu mancando, com uma risada maligna, e trancou as portas atrás de si.

Sozinho no escuro, o primeiro pensamento de Harpócrates foi quebrar o vidro. Qualquer coisa vinda de Tarquínio só podia ser uma armadilha, ou veneno, ou algo assim. Mas ele ficou curioso. *Uma amiga?* Harpócrates nunca tinha tido amigos. Ele não sabia se entendia bem o conceito.

Ele sentia uma força vital dentro do jarro: fraca, triste, quase desaparecendo, porém viva, e possivelmente mais antiga que ele próprio. O deus abriu a tampa. Uma voz fraca começou a falar com ele, atravessando seu silêncio como se nem existisse.

Depois de tantos milênios, Harpócrates, o deus silencioso que nem deveria existir, quase havia esquecido o que era *som*. Ele chorou de alegria. O deus e a Sibila começaram a conversar.

Os dois sabiam que eram peões, prisioneiros. Só estavam ali porque serviam a algum propósito dos imperadores e do novo aliado deles, Tarquínio. Como Harpócrates, a Sibila havia se recusado a cooperar com seus captores. Ela não lhes diria nada sobre o futuro. Por que faria isso? Estava além de qualquer dor e sofrimento. Ela literalmente não tinha nada a perder e só desejava morrer.

Harpócrates entendia o sentimento. Estava cansado de passar milênios definhando lentamente, esperando até ser obscuro o bastante, esquecido pela humanidade, para deixar de existir de vez. Sua vida sempre foi amarga — uma incessante sequência de decepções, bullying e vergonha. Agora ele queria dormir. Dormir o sono eterno dos deuses extintos.

Eles compartilharam histórias. Se conectaram a partir de seu ódio por mim. Perceberam que Tarquínio queria que isso acontecesse. Ele havia juntado os dois, esperando que se tornassem amigos, para que pudessem ser usados um contra o outro. Mas eles não conseguiam evitar o que sentiam.

Espera aí. Eu interrompi a história de Harpócrates. *Vocês dois estão…* juntos*?*

Eu não devia ter perguntado. Não era minha intenção mandar um pensamento tão incrédulo, tipo, como um deus do silêncio se apaixona por uma voz num potinho de vidro?

A raiva de Harpócrates me pressionou, fazendo meus joelhos se

dobrarem. A pressão do ar aumentou, como se eu tivesse afundado trezentos metros na água. Quase desmaiei, mas imaginei que Harpócrates não deixaria isso acontecer. Ele queria que eu permanecesse consciente e sofrendo.

Ele me sufocou com sua amargura e seu ódio. Minhas juntas começaram a ceder, minhas cordas vocais se dissolvendo. Harpócrates poderia estar pronto para morrer, mas isso não significava que ele não me mataria primeiro. Isso lhe traria grande satisfação.

Eu baixei a cabeça, trincando os dentes e me preparando para o inevitável.

Ótimo, pensei. *Eu mereço. Só deixe minhas amigas em paz. Por favor.*

A pressão diminuiu.

Ergui os olhos em meio a uma névoa de dor.

Na minha frente, Reyna e Meg estavam lado a lado, encarando o deus.

Elas enviaram uma variedade de imagens. Reyna pensou em quando cantei “A queda de Jason Grace” para a legião, fazendo o discurso na pira funerária de Jason com lágrimas nos olhos, então com uma cara de bobo, todo sem jeito e confuso quando me ofereci para ser namorado dela, presenteando-a com sua melhor e mais liberadora risada em anos. (Valeu, Reyna.)

Meg pensou em quando eu a salvei do ninho de *myrmekos* no Acampamento Meio-Sangue, cantando sobre meus fracassos românticos com tanta honestidade que deixei as formigas gigantes catatônicas de tristeza. Ela pensou na minha gentileza com Lívia, a elefante, com Acorde, e especialmente com ela, quando a abracei no nosso quarto no sótão do café e disse que nunca desistiria de tentar.

Em todas aquelas lembranças, eu parecia tão *humano*... mas do melhor jeito possível. Sem palavras, minhas amigas perguntaram a Harpócrates se eu ainda era a pessoa que ele tanto odiava.

O deus franziu a testa, observando as meninas.

Então uma vozinha falou — realmente *falou* — de dentro do potinho de vidro fechado.

— Chega.

A voz era tão baixa e abafada que deveria ser impossível ouvi-la. Só o silêncio total no contêiner permitia que fosse audível, embora eu não tivesse ideia de como era capaz de ultrapassar o campo sufocante de Harpócrates. Era definitivamente a Sibila. Reconheci seu tom desafiador, o mesmo de tantos séculos antes, quando ela jurou que não me amaria até que cada grão de areia desaparecesse: *Volte a me procurar ao fim desse tempo. Então, se ainda me quiser, serei sua.*

Agora, aqui estávamos, no fim errado do “para sempre”, nenhum de nós na forma correta para escolher o outro.

Harpócrates encarou o pote, a expressão se tornando triste e

lamuriosa. Ele parecia perguntar: *Tem certeza?*

— Foi isso que eu previ — sussurrou a Sibila. — Enfim descansaremos.

Uma nova imagem surgiu na minha mente: versos dos livros sibilinos, letras roxas em pele branca, tão brilhante que precisei estreitar os olhos. As palavras soltavam fumaça, como se tivessem acabado de sair da agulha de uma harpia tatuadora: *Acrescentar o último suspiro do deus que não fala quando sua alma for libertada e vidro estilhaçado.*

Harpócrates deve ter visto as mesmas palavras, a julgar pela sua careta. Eu esperei que ele compreendesse o significado daquilo, ficasse irritado e decidisse que, se a alma de alguém ia se libertar, seria a minha.

Quando era um deus, eu raramente pensava na passagem do tempo. Alguns séculos aqui ou ali, o que importava? Agora eu considerava há quanto tempo a Sibila escrevera aquelas linhas. Tinham sido rabiscadas nos livros sibilinos originais na época em que Roma ainda era um reinozinho qualquer. Será que a Sibila sequer sabia o que elas significavam? Será que ela sabia que acabaria como nada além de uma voz num pote, presa numa caixa de metal escura que cheirava a rosas com o namorado, que parecia uma criança de dez anos toda enrugada usando uma toga e chapéu de pino de boliche? Se sim, como seu desejo de me matar não seria maior que o de Harpócrates?

O deus encarou o pote, talvez tendo uma conversa telepática particular com sua amada Sibila.

Reyna e Meg se colocaram na linha de visão do deus, se esforçando para me esconder. Talvez elas achassem que, se ele não me visse, poderia esquecer que eu estava ali. Parecia esquisito ficar observando por entre as pernas delas, mas eu estava tão exausto e trêmulo que duvidava que conseguiria ficar de pé.

Não importavam as imagens que Harpócrates havia me mostrado, ou o quão cansado estava da existência, eu não conseguia imaginar que ele simplesmente fosse abrir mão de sua vida e se entregar. *Ah, você precisa me matar para cumprir essa tal profecia? Tudo bem, claro! É só me acertar bem aqui!*

E definitivamente não conseguia imaginar que ele fosse deixar a gente pegar o pote da Sibila e quebrá-lo para o ritual de invocação. Eles estavam apaixonados. Por que quereriam morrer agora?

Por fim, Harpócrates assentiu, como se eles tivessem chegado a um acordo. Seu rosto se contraiu concentrado, e então ele tirou o dedo da boca, ergueu o pote até os lábios e deu um beijo leve no vidro. Em geral, eu não teria ficado emocionado com um homem beijando um pote, mas o gesto foi tão triste e sincero que senti um nó se formar na

minha garganta.

Ele girou e tirou a tampa.

— Adeus, Apolo — disse a voz da Sibila, agora mais clara. — Eu o perdoo. Não porque você merece. Não por você, na verdade. Mas porque não quero morrer carregando ódio quando posso sentir amor.

Mesmo se eu conseguisse falar, não saberia o que dizer. Estava em choque. Seu tom não pedia respostas nem desculpas. Ela não precisava nem queria nada de mim. Era quase como se fosse *eu* que estava desaparecendo.

Harpócrates me encarou. Ainda havia ressentimento em seus olhos, mas dava para ver que ele também estava tentando me perdoar. O esforço parecia ainda maior do que o de manter a mão longe da boca.

Sem querer, perguntei: *Por que está fazendo isso? Como pode simplesmente concordar em morrer?*

Era melhor para mim que fosse o caso, claro. Mas não fazia sentido. Ele tinha encontrado outra alma por quem viver. Além disso, muitas outras pessoas já haviam se sacrificado pelas minhas missões.

Eu entendia agora, melhor que nunca, por que morrer às vezes era necessário. Como mortal, eu tinha feito essa escolha havia poucos minutos para salvar minhas amigas. Mas um *deus*, concordando em deixar de existir, especialmente estando livre e apaixonado? Não. Isso eu não conseguia compreender.

Harpócrates abriu um sorriso amargo. Minha confusão, meu quase pânico, devem tê-lo finalmente convencido a parar de sentir raiva de mim. Entre nós dois, ele era o deus mais sábio. Compreendia algo que eu não entendia. Ele certamente não ia me dar respostas.

O deus silencioso me mandou uma última imagem: eu, em um altar, fazendo um sacrifício para os céus. Interpretei aquilo como uma ordem: *Faça valer a pena. Não falhe.*

Então ele respirou fundo. Ficamos observando, surpresos, quando ele começou a se desfazer, o rosto rachando, a coroa caindo como a torre de um castelo de areia. Seu último suspiro, um brilho prateado de força vital, girou para dentro do pote de vidro junto com a Sibila. Ele só teve tempo de fechar a tampa antes que seus braços e seu peito se transformassem numa pilha de pó, e então Harpócrates deixou de existir.

Reyna pulou para a frente, pegando o pote antes que caísse no chão.

— Caramba, essa foi por pouco — disse ela, o que me fez perceber que o silêncio do deus havia sido quebrado.

Tudo parecia barulhento demais: minha respiração, o zumbido dos cabos elétricos cortados, o gemido da torre de metal açoitada pelo vento.

Meg ainda estava verde como um chuchu. Ela encarou o pote nas

mãos de Reyna como se achasse que ele fosse explodir.

— Eles…?

— Acho que… — Engasguei com as palavras. Passei a mão no rosto e percebi que minhas bochechas estavam úmidas. — Acho que se foram. Permanentemente. O último suspiro de Harpócrates é só o que resta no pote agora.

Reyna observou o vidro.

— Mas a Sibila…? — Ela se virou para mim e quase largou o pote. — Pelos deuses, Apolo. Você está com uma cara péssima.

— Um show de horrores. Sim, eu sei.

— Não. Quero dizer que está pior agora. A infecção. Quando *isso* aconteceu?

Meg estreitou os olhos e estudou meu rosto.

— Ah, eca. A gente tem que te curar, tipo, pra ontem.

Eu estava feliz de não ter um espelho ou celular para ver minha aparência. Só podia supor que as linhas roxas de infecção tinham subido pelo meu pescoço e agora faziam desenhos divertidos no meu rosto. Eu não me sentia mais zumbificado que antes. Minha barriga não latejava mais. Mas isso talvez só significasse que meu sistema nervoso estava entregando o jogo.

— Me ajudem a levantar, por favor — pedi.

As duas tiveram que vir em meu socorro. No processo, apoiei uma das mãos no chão para dar impulso, entre os restos dos fasces destruídos, e acabei com uma farpa na mão. Porque sim.

Minhas pernas trêmulas mal aguentavam meu peso. Precisei me apoiar em Reyna, depois em Meg, enquanto tentava me lembrar de como ficar em pé. Eu não queria olhar para o pote de vidro, mas não consegui me conter. Não havia sinal do último suspiro prateado de Harpócrates lá dentro. Eu tinha que acreditar que estava lá. Era isso ou descobrir, quando tentássemos fazer a invocação, que ele tinha me pregado uma terrível pegadinha final.

Quanto à Sibila, eu não conseguia sentir sua presença. Tinha certeza de que seu último grão de areia havia se esvaído. Ela havia escolhido deixar o universo com Harpócrates — uma última experiência compartilhada entre dois amantes improváveis.

Do lado de fora do pote, os restos grudentos de um rótulo de papel ainda permaneciam. Eu conseguia ler as palavras apagadas: geleia de uva. Tarquínio e os imperadores tinham muito a explicar.

— Como eles…? — Reyna estremeceu. — Como um deus pode fazer isso? Tipo… escolher deixar de existir?

Eu queria responder que *deuses podem fazer qualquer coisa*, mas a verdade é que eu não sabia a resposta. A pergunta mais importante, porém, era por que um deus sequer decidiria tentar?

Quando Harpócrates me deu aquele último sorriso, será que estava

querendo dizer que um dia eu entenderia? Algum dia, será que até os olimpianos seriam relíquias esquecidas, desejando desaparecer?

Com uma das unhas, tirei a farpa da palma da mão. Sangue escorreu — sangue vermelho humano comum — pela minha linha da vida, o que era um mau agouro. Ainda bem que eu não acreditava nessas coisas…

— Precisamos voltar — disse Reyna. — Você consegue andar?

— *Shh* — interrompeu Meg, levando um dos dedos aos lábios.

Temi que ela estivesse fazendo a mais inapropriada imitação de Harpócrates de todos os tempos, mas então me dei conta de que estava falando sério. Meus ouvidos recém-sensibilizados perceberam o que ela estava ouvindo — os grasnados distantes e fracos de aves raivosas. Os corvos estavam voltando.

31

Ó, lua de sangue
Atrase esse apocalipse
Que trânsito ruim!

SAÍMOS DO CONTÊINER bem a tempo de sermos atacados.

Um corvo mergulhou e arrancou uma mecha de cabelo de Reyna.

— AI! — gritou ela. — Tá bom, chega. Segura isso.

Ela me passou o pote de vidro e ergueu a espada.

Um segundo corvo se aproximou e ela o derrubou. As lâminas gêmeas de Meg giraram, fazendo picadinho de outra ave. Com isso, só sobravam umas trinta ou quarenta mensageiras da morte sedentas de sangue circulando a torre.

Senti uma onda de raiva. Decidi que estava de saco cheio da amargura dos corvos. Muitas pessoas tinham razões válidas para me odiar: Harpócrates, a Sibila, Corônis, Dafne… talvez mais algumas dezenas. Talvez, *centenas*. Mas os corvos? Eles estavam ótimos! Gigantes! *Amavam* o novo trabalho de assassinos carnívoros. Chega de sentir culpa.

Guardei o pote de vidro na mochila, depois tirei o arco do ombro.

— Caiam fora ou caiam no chão! — berrei para os pássaros. — Este é o último aviso!

Os corvos crocitaram e grasnaram, desdenhosos. Um deles mergulhou na minha direção e recebeu uma flecha bem entre os olhos. Em queda livre, foi deixando mil penas atrás de si.

Escolhi outro alvo e o derrubei. Depois um terceiro. E um quarto.

Os grasnados dos corvos se transformaram em gritos de pânico. Eles se afastaram um pouco, provavelmente pensando que estariam fora do alcance do arco. Eu provei que estavam errados. Continuei atirando até ter matado dez deles. Depois uma dúzia.

— Eu trouxe flechas extras hoje! — gritei. — Quem quer a próxima?

Por fim, os pássaros entenderam a mensagem. Com alguns gritos de despedida — provavelmente comentários proibidos para menores sobre meus antepassados —, eles desistiram do ataque e voaram para o norte, em direção a Marin County.

— Bom trabalho — disse Meg para mim, retraindo suas espadas.

Tudo que consegui fazer em resposta foi um aceno e uma respiração ruidosa. Gotas de suor congelaram na minha testa. Minhas pernas pareciam batatas fritas murchas. Não tinha ideia de como eu ia conseguir descer a escada, muito menos me lançar em uma noite

divertida cheia de invocações divinas, combates mortais e possivelmente transformações em zumbi.

— Ah, pelos deuses...

Reyna olhava ao longe na direção que os corvos haviam seguido, os dedos cutucando meio distraídos o ponto da cabeça do qual o corvo havia arrancado um tufo de cabelo.

— Vai crescer — falei.

— O quê? Não, não é o meu cabelo. Olha!

Ela apontou para a ponte Golden Gate.

A gente devia ter passado muito mais tempo dentro do contêiner do que imaginei. O sol estava baixo no céu a oeste. A lua cheia que nascera ainda de dia já estava acima do monte Tamalpais. O calor da tarde havia desfeito a neblina, nos dando uma vista perfeita para a frota de iates brancos — cinquenta lindos barcos em formação — que vinha lentamente passando pelo farol Point Bonita na entrada da Marin Headlands, se aproximando da ponte. Quando passassem, eles teriam um caminho livre para a baía de São Francisco.

Minha boca estava com gosto de pó de deus.

— Quanto tempo temos?

Reyna deu uma olhada no relógio.

— Os *vappae* estão avançando devagar, mas mesmo a essa velocidade, vão estar ao alcance do acampamento antes do pôr do sol. Então, umas duas horas?

Sob outras circunstâncias, eu teria me alegrado com o uso da palavra *vappae*. Já fazia muito tempo desde que eu tinha ouvido alguém chamar os inimigos de *vinhos amargos*. Em palavras modernas, o mais próximo seria *ovo podre*.

— Quanto tempo até chegarmos ao acampamento? — perguntei.

— Nesse trânsito de sexta? — Reyna calculou. — Pouco mais de duas horas.

De um dos bolsos do cinto de jardinagem Meg pegou um punhado de sementes.

— Melhor corrermos, então.

* * *

Eu não conhecia a história de *João e o pé de feijão*.

Não parecia um mito grego de verdade.

Quando Meg disse que a gente teria que usar a saída *João e o pé de feijão*, eu não tinha ideia do que ela estava falando, mesmo quando ela começou a espalhar sementes em volta da coluna mais próxima, fazendo-as crescer até terem formado uma renda de galhos e folhas cobrindo o metal até o chão lá embaixo.

— Pula — ordenou ela.

— Mas…
— Você não vai conseguir descer pela escada — disse ela. — Assim vai ser mais rápido. Tipo cair. Mas com plantas.
Eu odiei essa descrição.
Reyna só deu de ombros.
— Por que não?
Ela passou uma perna por cima do corrimão e pulou. As plantas a agarraram, passando-a pela treliça verde alguns metros de cada vez, como se passassem um balde de água num incêndio. No início ela berrou e balançou os braços, mas na metade do caminho gritou para nós:
— NÃO É… TÃO RUIM ASSIM!
Eu era o próximo. Foi ruim. Eu gritei. Fiquei de cabeça para baixo. Tentei desesperadamente me segurar em alguma coisa, mas estava totalmente sob o controle das samambaias e trepadeiras. Era tipo cair numa pilha de folhas do tamanho de um arranha-céu, se essas folhas estivessem vivas e gostassem muito de contato pessoal.
Lá embaixo, as plantas me pousaram gentilmente na grama, ao lado de Reyna, que estava toda desgrenhada. Meg pousou ao nosso lado e imediatamente desmaiou nos meus braços.
— Montão de planta — resmungou ela.
Meg fechou os olhos e começou a roncar. Imaginei que ela não ia dar mais uma de João hoje.
Aurum e Argentum vieram correndo, balançando os rabos e latindo. As centenas de penas pretas caídas pelo estacionamento me disseram que os galgos deviam estar se divertindo com as aves que eu tinha derrubado.
Eu não estava em condições de andar, quanto mais de carregar Meg, mas de alguma forma, arrastando-a entre nós, Reyna e eu conseguimos descer a colina aos tropeços até a picape. Suspeitei que Reyna estivesse usando seus poderes incríveis de Belona para me emprestar um pouco da sua força, embora eu duvidasse de que ela tivesse muita sobrando.
Quando chegamos ao Chevy, Reyna assobiou, e os cachorros subiram na caçamba. Enfiamos nossa feijoeira inconsciente no banco do meio. Eu me joguei ao lado dela. Reyna deu a partida e acelerou a toda morro abaixo.
Nosso progresso foi rápido por tipo noventa segundos. Então chegamos no Castro District e ficamos presos no trânsito de sexta-feira em direção à autoestrada. Estava ruim o bastante para me fazer desejar outra treliça de plantas que pudesse nos jogar direto em Oakland.
Depois do nosso tempo com Harpócrates, tudo parecia obscenamente barulhento: o motor da picape, as conversas dos

pedestres, o zumbido das caixas de som dos outros carros. Abracei minha mochila, tentando me reconfortar com o fato de que o pote de vidro estava intacto. A gente tinha conseguido pegar o que veio buscar, embora eu mal conseguisse acreditar que a Sibila e Harpócrates estavam mortos.

Eu teria que processar o luto e o choque depois... isto é, caso sobrevivesse. Precisava descobrir uma forma de honrar a morte deles. Como alguém pode homenagear um deus do silêncio? Um minuto de silêncio parecia supérfluo. Talvez um minuto de gritaria?

Vamos começar pelo começo: eu tinha que sobreviver à batalha de hoje. Depois eu cuidaria da homenagem.

Reyna deve ter percebido minha expressão preocupada.

— Você agiu bem lá em cima — disse. — Se esforçou bastante.

Reyna parecia sincera, mas seu elogio só me fez sentir mais vergonha.

— Estou segurando o último suspiro de um deus com quem fiz bullying — falei, chateado. — No pote que era de uma Sibila que eu amaldiçoei, que era protegido por aves que eu transformei em máquinas de matar depois que elas fizeram fofoca sobre a traição da minha namorada, que eu mandei matar.

— É tudo verdade — concordou Reyna. — Mas a questão é que você reconhece isso agora.

— É horrível.

Ela abriu um sorrisinho.

— Esse é meio que o objetivo. Você faz uma coisa ruim, se sente mal a respeito, então age melhor da próxima vez. É sinal de que você deve estar desenvolvendo uma consciência.

Tentei lembrar qual deus tinha criado a consciência humana. Será que fomos nós que criamos, ou os humanos desenvolveram isso sozinhos? Oferecer aos mortais um senso de decência meio que não parecia o tipo de coisa que um deus colocaria no seu currículo.

— Eu… eu agradeço por você falar isso — consegui dizer. — Mas meus erros do passado quase mataram você e a Meg. Se o Harpócrates tivesse destruído vocês enquanto tentavam me proteger…

A ideia era horrível demais para imaginar. Minha consciência novinha em folha teria explodido dentro de mim que nem uma granada.

Reyna me deu um tapinha no ombro.

— Tudo que a gente fez foi mostrar ao Harpócrates o quanto você mudou. Ele percebeu isso. Você já compensou todas as coisas horríveis que fez? Não. Mas continua completando a coluna de "coisas boas". É só isso que a gente pode fazer.

Completando a coluna de "coisas boas". Reyna falava desse superpoder como se fosse algo que eu pudesse mesmo ter.

— Obrigado — falei.

Ela observou meu rosto com preocupação, provavelmente notando que as veias roxas da infecção haviam se espalhado pelas minhas bochechas.

— Você pode me agradecer continuando vivo, ok? Precisamos de você para o ritual de invocação.

Quando entramos na rampa de acesso à interestadual, consegui ver partes da baía além dos prédios do centro. Os iates já tinham passado por baixo da ponte Golden Gate. Parecia que a destruição dos cabos de Harpócrates e dos fasces não tinha atrapalhado nem um pouco os imperadores.

Estendendo-se à frente das maiores embarcações havia fileiras prateadas das dezenas de barcos menores que passavam em direção à costa da East Bay. Grupos de ataque, imaginei. E esses barquinhos estavam se movendo bem mais rápido que a gente.

Sobre o monte Tam, a lua cheia se erguia, lentamente ficando da cor do Tang de Dakota.

Enquanto isso, Aurum e Argentum latiam alegremente na caçamba da picape. Reyna tamborilava no volante e murmurava:

— *Vamonos. Vamonos.*

Meg caiu por cima de mim, roncando e babando na minha camisa. Porque ela me amava muito.

A gente se aproximava da Bay Bridge apenas alguns centímetros por vez quando Reyna por fim explodiu:

— Não aguento mais isso! Os barcos não deveriam ter passado da ponte Golden Gate.

— Como assim?

— Abra o porta-luvas, por favor. Deve ter um pergaminho aí dentro.

Hesitei. Quem sabia que tipo de perigos poderiam haver no porta-luvas da picape de uma pretora? Com cuidado, revirei os documentos do seguro, alguns pacotes de lenços de papel, uns saquinhos de biscoitos de cachorro…

— Isso? — Eu ergui um cilindro de velino molengo.

— Aham. Abra e veja se está funcionando.

— É um pergaminho de comunicação?

Reyna assentiu.

— Eu poderia fazer isso, mas estou dirigindo — disse ela.

— Hum, tá bom.

Estiquei o pergaminho no colo. A superfície parecia em branco. Nada aconteceu.

Eu me perguntei se era para dizer alguma palavra mágica, dar meu número do cartão de crédito ou algo do tipo. Então, acima do pergaminho, uma bolinha de luz fraca piscou, lentamente se

transformando numa miniatura holográfica de Frank Zhang.
— Eita! — O Frankzinho quase deixou sua armadurazinha cair de tanto susto. — Apolo?
— Oi — falei. Então me virei para Reyna. — Está funcionando.
— Percebi. Frank, está me ouvindo?
Frank estreitou os olhos. Nossa imagem devia estar pequena e trêmula para ele também.
— Isso é…? Eu não estou… Reyna?
— Sim! — disse ela. — Estamos voltando. Os navios estão se aproximando!
— Eu sei… O relatório dos batedores…
A voz de Frank estava picotando. Ele parecia estar em algum tipo de caverna imensa, com legionários indo e vindo atrás dele, cavando buracos e carregando grandes urnas de alguma coisa.
— O que vocês estão fazendo? — perguntou Reyna. — Onde estão?
— Caldecott… — respondeu Frank. — São só… coisas defensivas.
Eu não sabia se a voz dele tinha falhado daquela vez por conta de problemas no sinal, ou se ele estava sendo evasivo. Julgando pela expressão dele, era um péssimo momento para ligar.
— Alguma coisa… Michael? — perguntou ele. (Definitivamente mudando de assunto.) — Já devia estar… a essa hora.
— O quê? — perguntou Reyna, alto o bastante para fazer Meg estremecer, ainda adormecida. — Não, eu ia perguntar se *vocês* ficaram sabendo de alguma coisa. Era para eles impedirem os iates na ponte Golden Gate. Mas os iates passaram…
A voz dela falhou.
Poderia haver uma dezena de motivos pelos quais Michael Kahale e sua equipe tinham falhado em impedir os iates dos imperadores. Nenhum deles era bom e nenhum deles mudaria o que aconteceria a seguir. As únicas coisas entre o Acampamento Júpiter e a aniquilação total eram o orgulho dos imperadores, que faria com que eles insistissem num ataque terrestre primeiro, e um pote de geleia vazio que poderia ou não nos ajudar a invocar ajuda divina.
— Aguentem firme! — disse Reyna. — Diga a Ella para preparar as coisas para o ritual!
— Não… O quê? — O rosto de Frank derreteu numa mancha de luz colorida. Sua voz soava como cascalho batendo numa lata de alumínio. — Eu… Hazel… Preciso…
O pergaminho entrou em combustão espontânea, e minha virilha definitivamente não precisava daquilo naquele momento.
Bati as cinzas da calça, o que fez Meg acordar, bocejando e piscando, confusa.
— O que você fez? — acusou ela.
— Nada! Eu não sabia que a mensagem ia se autodestruir!

— A conexão deve estar ruim — supôs Reyna. — O silêncio deve estar se desfazendo aos poucos, provavelmente a partir do epicentro na Torre Sutro. A gente sobrecarregou o pergaminho.

— É possível. — Eu apaguei as últimas partes de velino incandescentes. — Com sorte vamos conseguir mandar uma mensagem de Íris quando chegarmos ao acampamento.

— *Se* a gente chegar ao acampamento — resmungou Reyna. — Com esse trânsito… Ah!

Ela apontou para um painel piscando à nossa frente: AUTOESTRADA 24E
FECHADA NA SAÍDA TÚNEL CALDECOTT PARA MANUTENÇÃO DE EMERGÊNCIA. PROCURE ROTAS ALTERNATIVAS.

— Manutenção de emergência? — disse Meg. — Você acha que é a Névoa de novo, afastando as pessoas?

— Talvez. — Reyna franziu a testa para os carros parados na nossa frente. — Faz sentido estar tudo congestionado. O que Frank estava fazendo no túnel? A gente não discutiu nenhum… — Ela franziu as sobrancelhas ainda mais, como se um pensamento desagradável tivesse lhe ocorrido. — Temos que voltar. Rápido.

— Os imperadores vão precisar de tempo para organizar um ataque terrestre — falei. — Eles só vão lançar os *ballistae* depois de terem tentado tomar o acampamento intacto. Talvez… talvez o trânsito também atrase aqueles dois. Eles vão ter que procurar rotas alternativas.

— Eles estão de barco, idiota — comentou Meg.

Ela tinha razão. E quando as forças de ataque chegassem, marchariam a pé, não de carro. Ainda assim, eu gostava de imaginar os imperadores e seu exército se aproximando do túnel Caldecott, encontrando várias placas piscando e cones cor de laranja e decidindo: *Caramba, que droga. Vamos ter que voltar amanhã.*

— A gente pode abandonar a picape — considerou Reyna, mas então deu uma olhada nos outros dois passageiros humanos e desconsiderou a ideia. Ninguém estava em condições de correr uma meia maratona do meio da Bay Bridge até o Acampamento Júpiter. Ela engoliu um xingamento. — A gente precisa… Ah!

Logo à frente, um caminhão de manutenção se arrastava, um funcionário pegando os cones que estavam bloqueando a pista da esquerda por algum motivo desconhecido. Típico. Sexta-feira, hora do rush, o túnel fechado, obviamente o que você faz é fechar uma pista na ponte mais movimentada da cidade. Isso significava, porém, que além do caminhão de manutenção, havia uma pista vazia e extremamente proibida para tráfego que se estendia até onde a vista de Lester alcançava.

— Segurem firme — avisou Reyna.

Assim que passamos pelo caminhão de manutenção, ela girou o

volante, atropelando meia dúzia de cones, e pisou fundo.

O caminhão buzinou com toda a força e piscou os faróis. Os galgos de Reyna latiram e balançaram os rabos em resposta: *Tchauzinho!*

Imaginei que haveria alguns veículos da polícia rodoviária prontos para nos perseguir no final da ponte, mas por enquanto estávamos disparando pelo trânsito numa velocidade que teria sido surpreendente até para a carruagem do Sol.

Chegamos a Oakland ainda sem sinal de perseguição. Reyna entrou na 580, atropelando uma fileira de cones cor de laranja e subindo a rampa para a autoestrada 24. Ela educadamente ignorou os homens de capacete de construção que balançavam placas de PERIGO e gritavam conosco.

Tínhamos encontrado uma rota alternativa. Na verdade, era a rota que faríamos de qualquer jeito, se a estrada não estivesse interditada.

Dei uma olhada para trás. Nenhum policial por enquanto. Na água, os iates dos imperadores já tinham passado pela Treasure Island e estavam se preparando sem pressa, formando uma fileira de máquinas mortíferas de luxo de um bilhão de dólares pela baía. Não vi sinal dos barcos menores, o que significava que provavelmente tinham atracado. Não era um bom sinal.

Pelo menos estávamos indo bem rápido. Atravessamos o retorno sozinhos, e agora nosso destino estava a poucos quilômetros.

— Vamos conseguir! — falei, que nem um idiota.

Mais uma vez, eu tinha desafiado a Lei de Percy Jackson: nunca diga que algo vai dar certo, porque assim que você fizer isso, algo vai dar errado.

Bum!

Marcas de pés surgiram no teto da picape. O veículo engasgou sob o peso extra. Lá estávamos nós, tendo um déjà-ghoul.

Aurum e Argentum começaram a latir desesperadamente.

— *Eurynomos!* — gritou Meg.

— De onde essas coisas estão *vindo*? — reclamei. — Elas ficam perto das placas de rodovia o tempo todo, só esperando uma oportunidade?

Garras perfuraram o metal. Eu sabia o que viria a seguir: instalação de teto solar.

— Apolo, vai para a frente! Meg, acelera! — gritou Reyna.

Por um segundo, achei que era algum tipo de prece. Em momentos de crise pessoal, meus seguidores muitas vezes me imploravam: *Apolo, vai na frente,* esperando que eu os guiasse. Na maior parte do tempo, porém, não estavam falando *literalmente*, nem eu estava sentado no banco do carona fisicamente, e eles também não acrescentavam nada sobre Meg e aceleradores.

Reyna não me deu tempo para entender. Soltou o volante e se

esticou para pegar uma arma atrás do banco. Eu dei um pulo para agarrar o volante, Meg esticando a perna para pisar no acelerador.

A picape era apertada demais para Reyna usar a espada, mas com ela não tinha tempo ruim. Reyna tinha adagas. Ela desembainhou uma delas, franziu a testa para o teto da picape sendo rasgado e retorcido acima de nós e resmungou:

— Ninguém estraga minha picape.

Muita coisa aconteceu nos dois segundos seguintes.

O teto foi arrancado, revelando a visão familiar e nojenta de um *eurynomos* cor de mosca, os olhos brancos esbugalhados, as presas pingando saliva, a tanguinha de penas de urubu balançando ao vento.

O cheiro de carne podre empesteou o carro, fazendo meu estômago revirar. Todo o veneno zumbi no meu corpo pareceu despertar de uma só vez.

O *eurynomos* berrou:

— COMIIIIII…

Mas seu grito de guerra foi interrompido quando Reyna se ergueu e empalou a adaga direto na fraldinha de urubu.

Ela aparentemente havia estudado os pontos fracos dos ghouls e havia encontrado um. O *eurynomos* caiu da picape, o que teria sido incrível se eu também não estivesse com a sensação de ter sido esfaqueado nas partes baixas.

— Glurg — falei.

Minha mão escorregou do volante. Meg afundou ainda mais o pé no acelerador, assustada. Reyna ainda estava com metade do corpo para fora do carro, os galgos uivando furiosamente na caçamba, e então a picape perdeu a direção, atravessou a rampa e acertou a mureta entre as pistas. Que sorte. Mais uma vez, eu me vi voando de uma autoestrada na East Bay em um carro que não foi feito para voar.

32

O especial hoje é
Picapes seminovas
Só aqui na Target

MEU FILHO ESCULÁPIO uma vez me explicou o propósito do estado de choque.

Ele disse que é um mecanismo de defesa para lidar com o trauma. Quando o cérebro humano passa por uma experiência violenta e assustadora demais, simplesmente para de processar as coisas. Minutos, horas, até mesmo dias podem se tornar um espaço em branco na memória da vítima.

Talvez isso explicasse por que eu não tinha lembrança alguma do acidente. Depois de a picape atravessar a mureta, a próxima coisa de que me lembrava era de tropeçar pelo estacionamento de uma Target, empurrando um carrinho de compras com Meg dentro. Eu estava cantarolando a letra de “(Sittin’ on) The Dock of the Bay”. Meg, semiconsciente, abanava uma das mãos, conduzindo a orquestra.

O carrinho bateu numa pilha amassada de metal soltando vapor — um Chevy Silverado vermelho com os pneus estourados, o para-brisas quebrado e os airbags acionados. Algum motorista sem educação tinha desabado dos céus e pousado bem em cima da estação de devolução de carrinhos, esmagando uma dúzia dos carrinhos de compras embaixo da picape.

Quem faria uma coisa dessas?

Espera…

Ouço um rosnado. A alguns carros de distância, dois galgos de metal estavam em volta de sua dona caída, protegendo-a de uma pequena multidão de curiosos. A jovem usando marrom e dourado (gente, eu me lembro dela! Ela gosta de rir de mim!) estava apoiada nos cotovelos, fazendo uma careta horrível de dor, a perna dobrada num ângulo esquisito. Seu rosto estava da cor do asfalto.

— Reyna! — Eu parei o carrinho com Meg ao lado da picape e corri para ajudar a pretora. Aurum e Argentum me deixaram passar. — Caramba, caramba, caramba...

Eu não conseguia dizer mais nada. Eu deveria saber o que fazer. Era um curandeiro. Mas aquela perna quebrada… A coisa estava feia.

— Estou viva — disse Reyna, com os dentes trincados. — Meg?

— Está brincando de maestro — respondi.

Um dos clientes da Target se aproximou, ignorando a raiva dos cachorros.

— Chamei uma ambulância. Tem mais alguma coisa que eu possa fazer?

— Ela vai ficar bem! — gritei. — Obrigado. Eu… Eu sou médico?

A mortal piscou para mim, confusa.

— Você está me perguntando?

— Não. Eu sou médico!

— Ei — avisou outro cliente. — Sua outra amiga está rolando para longe.

— ARGH!

Corri atrás de Meg, que falava “Iupiiiii” baixinho enquanto seu carrinho de compras ganhava velocidade. Agarrei a barra e a empurrei de volta até onde nossa amiga estava.

A pretora tentou se mover, mas perdeu o fôlego de tanta dor.

— Acho que vou… desmaiar.

— Não, não, não.

Pense, Apolo, pense. Será que era melhor esperar os paramédicos mortais, que não saberiam nada sobre ambrosia e néctar? Será que eu deveria procurar mais coisas de primeiros socorros no cinto de jardinagem de Meg?

Uma voz conhecida gritou do outro lado do estacionamento:

— Obrigada, pessoal, a gente vai assumir daqui!

Lavínia Asimov veio trotando em nossa direção, uma dúzia de náiades e faunos atrás, muitos dos quais reconheci do People’s Park. A maioria usava roupas de camuflagem, cobertos de plantas e galhos como se tivessem vindo via pé de feijão. Lavínia estava usando calças camufladas cor-de-rosa e uma regata verde, a manubalista batendo nas costas. Com seu cabelo cor-de-rosa espetado e as sobrancelhas cor-de-rosa, a boca mastigando um chiclete furiosamente, ela simplesmente irradiava uma aura de *autoridade*.

— Isto é uma cena de crime, pessoal! — anunciou ela para os mortais. — Obrigada, clientes da Target. Podem seguir em frente!

Não sei se foi o tom de voz dela ou os latidos dos galgos, mas finalmente os mortais começaram a se dispersar. Ainda assim, ouvimos sirenes ao longe. Logo estaríamos cercados de paramédicos, ou policiais rodoviários, ou ambos. Mortais não estavam tão acostumados a veículos voando de rodovias quanto eu.

Encarei nossa amiga de cabelo rosa.

— Lavínia, o que você está *fazendo* aqui?

— Missão secreta — anunciou ela.

— Que *cacaseca* — resmungou Reyna. — Você *abandonou* seu posto. Você está *muito* ferrada.

Os amigos espíritos da natureza de Lavínia pareciam assustados, como se prestes a fugir em disparada, mas sua líder de cabelo colorido os acalmou com um olhar. Os galgos não rosnaram nem atacaram, o

que supus que significava que não detectaram nenhuma mentira.

— Com todo o respeito, pretora — disse ela —, mas parece que você está mais ferrada que eu no momento. Harold, Felipe: estabilizem a perna dela e vamos tirá-la deste estacionamento antes que mais mortais cheguem. Reginald, você empurra o carrinho da Meg. Lotoya, pegue o que houver dentro da picape, por favor. Vou ajudar o Apolo. Para a floresta, agora!

* * *

A definição de *floresta* de Lavínia era generosa. Eu teria chamado de "o matagal que faz um bico como cemitério de carrinhos de compras". Ainda assim, seu pelotão do People's Park trabalhou com uma eficiência surpreendente. Em minutos, estávamos em segurança no terreno baldio, entre carrinhos quebrados e galhos cobertos de sacos de lixo, bem quando os veículos de emergência entraram no estacionamento com as sirenes ligadas.

Harold e Felipe colocaram uma tala na perna de Reyna — o que só a fez gritar e vomitar um pouquinho. Outros dois faunos construíram uma maca com galhos e trapos velhos enquanto Aurum e Argentum tentavam ajudar trazendo gravetos… ou talvez só quisessem brincar um pouco. Reginald tirou Meg do carrinho de compras e lhe deu alguns pedacinhos de ambrosia para fornecer energia.

Algumas dríades olharam meus ferimentos — ou seja, as dezenas de ferimentos que eu tinha acumulado até então —, mas não havia muito que pudessem fazer. Elas não gostavam da minha cara de zumbi, ou de como a infecção me fazia feder. Infelizmente, minha condição estava além de qualquer cura natural.

Quando se afastaram, uma murmurou para a amiga:

— Quando escurecer…

— Eu sei — disse a outra. — Com a lua de sangue? Pobrezinho…

Decidi ignorá-las. Parecia a melhor maneira de não cair no choro.

Lotoya — que devia ser uma dríade de sequoia, considerando sua pele vinho e altura impressionante — se abaixou ao meu lado e pousou tudo que tinha pegado da picape. Estendi as mãos freneticamente — não para o arco e a aljava, nem para o ukulele, mas para a mochila. Quase desmaiei de alívio ao descobrir que o pote de geleia ainda estava intacto lá dentro.

— Obrigado — falei.

Ela assentiu, séria.

— É difícil achar um pote de geleia realmente bom.

Reyna fez força para se sentar entre os faunos que cuidavam dela.

— Estamos perdendo tempo. Temos que voltar para o acampamento.

Lavínia ergueu as sobrancelhas cor-de-rosa.

— Você não vai a lugar algum com essa perna, pretora. Mesmo se pudesse, não seria de grande ajuda. Vamos curar você mais rápido se relaxar…

— Relaxar? A legião *precisa* de mim! Precisa de você também, Lavínia! Como pôde desertar?

— Certo, em primeiro lugar, eu *não* desertei. Você não sabe de todos os fatos.

— Você deixou o acampamento sem permissão. Você…

Reyna se ergueu rápido demais e perdeu o fôlego em agonia. Os faunos seguraram seus ombros e a ajudaram a se deitar de novo, ajeitando-a na maca bem acolchoada com musgo, lixo e camisas tie-dye velhas.

— Você abandonou seus companheiros — disse Reyna com a voz rouca. — Seus amigos.

— Estou bem aqui — retrucou Lavínia. — Vou pedir para o Felipe colocar você para dormir agora, assim você pode descansar e se recuperar.

— Não! Você… você não pode fugir.

Lavínia bufou.

— Quem disse que vou fugir? Lembre, Reyna, que esse era o *seu* plano B. Na verdade, plano L, de *Lavínia*! Quando a gente voltar para o acampamento, você vai me agradecer. Vai dizer para todo mundo que isso foi ideia sua.

— O quê? Eu nunca… Eu não dei nenhuma… Isso é motim!

Dei uma olhada nos galgos, esperando que eles defendessem sua dona e destruíssem Lavínia. Estranhamente, porém, eles só continuaram ao lado de Reyna, dando lambidas no rosto dela de vez em quando ou cheirando sua perna quebrada. Eles pareciam preocupados com o estado dela, mas nem um pouco preocupados com as mentiras rebeldes de Lavínia.

— Lavínia — pediu Reyna —, eu vou ter que entregar você por deserção. Não faça isso. Não me faça…

— Agora, Felipe — mandou Lavínia.

O fauno ergueu sua flauta e tocou uma canção de ninar, suave e baixa, bem ao lado de Reyna.

— Não! — Reyna se esforçou para manter os olhos abertos. — Não. Aaarghhh.

Ela perdeu as forças e começou a roncar.

— Bem melhor. — Lavínia se virou para mim. — Não se preocupe, vou deixá-la em algum lugar seguro com alguns faunos, e é claro que Aurum e Argentum também. Ela vai ser bem cuidada enquanto se recupera. Você e Meg podem fazer o que têm que fazer.

Sua atitude confiante e seu tom de liderança não lembravam em

nada a legionária nervosa e desajeitada que conhecemos no lago Temescal. Ela me lembrava mais Reyna agora, e Meg. Principalmente, porém, porque ela parecia uma versão mais forte de si mesma — uma Lavínia que tinha decidido o que precisava fazer e que não pararia até que tivesse feito.

— Aonde você vai? — perguntei, ainda muito confuso. — Por que não volta para o acampamento com a gente?

Meg andou até nós aos tropeços, com pedacinhos de ambrosia grudados no canto da boca.

— Não enche o saco dela, Lester. — Então virou-se para Lavínia e completou: — Pêssego…?

Lavínia balançou a cabeça.

— Ele e Don estão com o grupo avançado, em contato com as nereidas.

Meg fez um biquinho.

— Ah. Tá bom. E a força terrestre dos imperadores?

A expressão de Lavínia se tornou sombria.

— Já passaram. A gente se escondeu e ficou observando. É… Não é nada bom. Com certeza o combate já vai ter começado quando vocês chegarem lá. Lembra-se do caminho que te falei?

— Aham — concordou Meg. — Certo, boa sorte.

— Ei, ei, ei! — Eu tentei fazer um sinal de tempo, mas minhas mãos sem coordenação fizeram aquilo parecer mais o sinal para “casa”. — Do que vocês estão falando? Que caminho? Por que você viria até aqui só para se esconder enquanto o exército inimigo passa? Por que Pêssego e Don estão falando com… Espera. Nereidas?

Nereidas são espíritos do mar. As mais próximas seriam… Ah.

Não dava para ver muita coisa da nossa vala cheia de lixo. Definitivamente não dava para ver a baía de São Francisco, ou a fila de iates entrando em posição para atacar o acampamento. Mas eu sabia que estávamos perto.

Olhei para Lavínia com um respeito renovado. Ou desrespeito. O que sentimos quando percebemos que alguém que já sabíamos que era doido na verdade se mostra ainda mais doido do que suspeitávamos?

— Lavínia, você *não* está planejando…?

— Pode parar por aí — interrompeu ela. — Ou Felipe vai colocar você para dormir também.

— Mas Michael Kahale…

— É, a gente ficou sabendo. Ele falhou. As tropas dos imperadores estavam se gabando disso quando passaram. É mais uma coisa pela qual eles vão ter que pagar.

Palavras corajosas, mas seus olhos denunciavam um quê de preocupação, me dizendo que ela estava mais assustada do que demonstrava, com dificuldade para se manter firme e evitar que suas

tropas improvisadas perdessem a coragem. Ela *não* precisava de mim lembrando-a de como aquele plano era insano.

— Todo mundo tem coisas a fazer — disse ela. — Boa sorte. — Lavínia esfregou a cabeça de Meg, bagunçando ainda mais o cabelo dela. — Dríades e faunos, vamos nessa!

Harold e Felipe pegaram a maca improvisada de Reyna e saíram correndo colina abaixo, Aurum e Argentum pulando atrás deles como se pensassem: *Oba, vamos passear de novo!* Lavínia e os outros os seguiram. Logo tinham desaparecido pela vegetação, como só espíritos da natureza e meninas de cabelo cor-de-rosa são capazes de fazer.

Meg observou meu rosto.

— Tá inteiro?

Eu quase quis rir. Onde ela tinha aprendido *essa* expressão? Eu estava com veneno zumbi correndo pelas veias, até na cara. As dríades achavam que eu me transformaria num lacaio morto-vivo de Tarquínio assim que a noite caísse. Eu estava tremendo, de exaustão e medo. Aparentemente havia um exército inimigo entre nós e o Acampamento Júpiter, e Lavínia estava liderando um ataque suicida à frota imperial com espíritos da natureza sem experiência em combate, quando um esquadrão de elite *de verdade* já tinha falhado.

Quando tinha sido a última vez que me sentira “inteiro”? Queria acreditar que era quando ainda era um deus, mas isso não era verdade. Eu não era eu mesmo havia séculos. Talvez milênios.

Naquele momento, eu me sentia mais um *bosteiro* — um monte de cocô onde Harpócrates, a Sibila e várias pessoas de quem eu gostava haviam afundado.

— Vou dar meu jeito — respondi.

— Show, porque saca só. — Meg apontou para as Oakland Hills. A princípio, achei que estava vendo neblina, mas neblina não faz colunas verticais em direção ao céu. Perto do perímetro do Acampamento Júpiter, havia fogo. — Precisamos de uma carona.

33

Bem-vindo à guerra
Tenha uma boa morte
E volte sempre!

TÁ, MAS PRECISAVA ser de *bicicleta*?

Eu entendo que carros estavam fora de questão. A gente já tinha destruído veículos suficientes por uma semana. Entendo também que correr até o acampamento estivesse fora de questão, considerando que a gente mal conseguia ficar de pé.

Mas por que semideuses não podiam ter algum tipo de aplicativo de carona em águias gigantes? Decidi que ia criar isso assim que me tornasse deus de novo. Logo depois que descobrisse alguma maneira de permitir que semideuses voltassem a usar celulares.

Em frente a Target havia uma fileira de bicicletas amarelo-canário para alugar. Meg enfiou um cartão de crédito no quiosque (onde ela arrumou aquele cartão, não tenho ideia), tirou duas bicicletas dos apoios e me ofereceu uma.

Que alegria. Que felicidade. Agora a gente ia poder chegar na batalha montados em bicicletas como guerreiros amarelo-neon da Antiguidade.

Pegamos ruas secundárias e calçadas, sempre usando as colunas de fumaça como guia. Com a rodovia 24 fechada, o trânsito estava péssimo em todos os lugares, motoristas irritados buzinando e gritando e ameaçando uns aos outros. Fiquei tentado a dizer que, se quisessem mesmo brigar, poderiam simplesmente nos seguir. Alguns milhares de passageiros irritados viriam bem a calhar.

Quando passamos pela estação de trem de Rockridge, vimos pela primeira vez as tropas inimigas. *Pandai* patrulhavam a plataforma elevada, com suas orelhas pretas peludas envolvendo o tronco, como se fossem jaquetas de bombeiros, e machados de cabeça chata nas mãos. Havia caminhões de bombeiros estacionados na College Avenue, as luzes estroboscópicas refletindo no viaduto. Mais *pandai* disfarçados de bombeiros protegiam as portas da estação, afastando os mortais. Eu esperava que os bombeiros de verdade estivessem bem, não só porque bombeiros eram importantes, mas também porque eram gatos, e não, isso não tinha relevância alguma no momento.

— Por aqui! — gritou Meg, virando para subir a colina mais íngreme que conseguiu encontrar, só para me irritar.

Fui forçado a ficar de pé enquanto pedalava, usando todo o meu peso para conseguir vencer a inclinação.

No topo, outra má notícia.

À nossa frente, espalhadas pelas colinas, tropas marchavam obstinadamente para o Acampamento Júpiter. Havia esquadrões de *blemmyae*, *pandai* e até alguns Nascidos da Terra de seis braços que haviam servido Gaia no Aborrecimento Recente, todos lutando para atravessar trincheiras flamejantes, barricadas com estacas e guerreiros romanos tentando colocar minhas lições de arco e flecha em prática. Na luz fraca do início da noite, eu só conseguia ver partes da batalha. A julgar pela massa de armaduras brilhantes e a floresta de flâmulas, a maior parte do exército dos imperadores estava concentrada na rodovia 24, forçando a entrada no túnel Caldecott. Catapultas inimigas disparavam projéteis em direção à legião, mas a maioria desaparecia em explosões de luz roxa assim que se aproximavam. Supus que fosse obra de Término, fazendo sua parte para defender as fronteiras do acampamento.

Enquanto isso, na base do túnel, explosões de raios revelavam a localização do estandarte da legião. Ramos de eletricidade ziguezagueavam pelas colinas, erguendo-se acima das linhas inimigas e fritando soldados até virarem poeira. As balistas do Acampamento Júpiter disparavam nos invasores imensas lanças em chamas, que atravessavam as fileiras e começavam mais incêndios florestais. As tropas dos imperadores não paravam.

As que chegavam mais longe se protegiam atrás de grandes veículos blindados que se moviam em oito patas e… Ah, deuses. Senti como se minhas entranhas tivessem ficado presas na correia da bicicleta. Não eram veículos.

— *Myrmekos* — falei. — Meg, aquilo ali são *myr*…

— Estou vendo. — Ela nem sequer diminuiu a velocidade. — Não muda nada. Vamos!

Como poderia *não* mudar? A gente tinha enfrentado uma colônia daquelas formigas gigantes no Acampamento Meio-Sangue e sobrevivemos por pouco. Meg quase tinha virado papinha de larva.

E então nos víamos enfrentando *myrmekos* treinadas para a guerra, quebrando árvores ao meio com as garras e jogando ácido para derreter os piquetes defensivos do acampamento.

Isso redefinia completamente o conceito de horrível.

— A gente nunca vai conseguir passar por eles! — protestei.

— Tem o túnel secreto da Lavínia.

— O túnel desabou!

— Não *esse* túnel. Outro túnel secreto.

— Quantos túneis secretos ela *tem*?

— Sei lá. Um monte? Bora.

Com o fim daquele discurso inspirador, Meg continuou pedalando. Sem ter nada melhor a fazer, fui atrás.

Ela me guiou até uma rua sem saída, onde havia um gerador na base de uma torre de eletricidade. A área era protegida por cercas de arame farpado, mas o portão estava aberto. Se Meg me dissesse para escalar a torre, eu teria desistido e ficado em paz com meu destino zumbi. Mas ela apontou para a lateral do gerador, onde havia portas de metal em um pedaço de concreto, como a entrada de um abrigo antibombas ou tempestades.

— Segura a minha bicicleta.

Ela desceu e puxou uma das espadas. Com um só golpe, quebrou as correntes e o cadeado, então abriu as portas, revelando uma descida escura formada por um ângulo precário.

— Perfeito — disse ela. — Tem espaço para pedalar.

— *O quê?*

Ela pulou de volta na bicicleta e mergulhou no túnel, o *clic-clic-clic* da corrente ecoando nas paredes de concreto.

— Você tem um conceito muito amplo de *perfeito* — resmunguei, então entrei atrás dela.

Para a minha surpresa, na total escuridão do túnel, as bicicletas amarelo-neon ficaram *fosforescentes*. Talvez eu devesse ter imaginado isso. À frente, eu via o leve brilho difuso da máquina de guerra neon de Meg. Quando olhava para baixo, a aura amarela da minha bicicleta quase me cegava. Não me ajudava muito a navegar o túnel íngreme, mas em compensação nos tornaria alvos muito mais fáceis para os inimigos naquela escuridão. Iei!

Por incrível que pareça, eu não desmaiei nem quebrei o pescoço. O túnel ficou plano, depois voltou a subir. Fiquei pensando em quem havia escavado aquela passagem e por que não tinham instalado um sistema de elevadores decente para eu não precisar gastar tanta energia pedalando.

Em algum lugar lá em cima, uma explosão fez o túnel estremecer, o que era um ótimo estímulo para continuar. Depois de mais um pouco de tremores e suores frios, percebi um quadrado iluminado distante — uma saída, coberta com galhos.

Meg saiu sem hesitar. Eu a segui, com as pernas trêmulas, chegando a uma paisagem iluminada por fogo e raios e ao som de completo caos.

Havíamos saído no meio da zona de guerra.

* * *

Aí vai um conselho grátis.

Se estiver planejando dar uma passada em uma batalha, *evite* ficar bem no meio do fogo cruzado. Recomendo a retaguarda, quanto mais atrás melhor, onde o general normalmente tem uma barraca

confortável com aperitivos e bebidinhas.

Mas o meio? Não. É *sempre* ruim, especialmente se você chegar em bicicletas amarelo-canário que brilham no escuro.

Assim que Meg e eu demos as caras, fomos vistos por uma dezena de humanoides grandalhões cobertos de cabelo louro despenteado. Eles apontaram para nós e começaram a gritar.

Khromandae. Uau. Eu não via esses caras desde a invasão bêbada de Dioniso à Índia, tipo dois mil anos atrás. A espécie tinha lindos olhos cinzentos, mas essa é basicamente a única coisa boa que posso dizer sobre eles. Seus casacos de pele sujos e embaraçados lhes davam um aspecto de Muppets que tinham sido usados como panos de chão. Os dentes caninos claramente nunca viram fio dental. Eram fortes, agressivos e só sabiam se comunicar por meio de gritinhos de estourar os tímpanos. Uma vez perguntei para Ares e Afrodite se os *khromandae* eram os filhos secretos daquele caso de anos, porque eram uma mistura perfeita dos dois olimpianos. Ares e Afrodite não acharam aquilo engraçado.

Meg, como qualquer criança sensata faria quando confrontada por uma dúzia de gigantes peludos, pulou da bicicleta, invocou as espadas e atacou. Eu gritei de susto e saquei o arco. Estava com poucas flechas depois de brincar de pique-pega com os corvos, mas consegui derrubar seis *khromandae* antes de Meg alcançá-los. Apesar da exaustão que ela devia estar sentindo, logo despachou os outros seis com golpes rápidos de suas lâminas douradas.

Eu ri — *ri* mesmo — de satisfação. Era ótimo ser um arqueiro bom de novo, e ver Meg arrasar com suas espadas. Que time maravilhoso!

Esse é um dos riscos de uma batalha. (Além do risco de vida.) Quando as coisas estão indo bem, você fica meio bitolado, foca na área ao seu redor, e esquece o cenário como um todo. Quando Meg fatiou o último *khromanda* no peito, eu me dei ao luxo de pensar que estávamos ganhando!

Então dei uma olhada em volta e percebi que estávamos cercados por um montão de *não ganhando*. Formigas imensas vinham em nossa direção atropelando tudo e todos, cuspindo ácido para tirar os guerreiros do caminho. Inúmeros corpos fumegantes em armaduras romanas estavam caídos pelos arbustos, e eu não quis pensar em quem poderiam ser ou como teriam morrido.

Pandai em armaduras e capacetes de Kevlar preto, quase invisíveis no crepúsculo, planavam em suas imensas orelhas de paraquedas, caindo sobre qualquer semideus que pegassem desprevenido. No céu, águias gigantes lutavam contra corvos gigantes, as penas das asas brilhando no luar vermelho-sangue. A menos de cem metros à minha esquerda, cinocéfalos com cabeças de lobo correndo para a batalha uivando se jogavam nos escudos da coorte mais próxima (a Terceira?),

que parecia pequena e solitária e terrivelmente engolida pelo mar de vilões ao redor.

E isso era só na *nossa* colina. Dava para ver fogo por todo a fronte oeste ao longo da fronteira do vale — talvez um quilômetro de batalhas aqui ou ali. Balistas disparavam lanças em chamas dos cumes. Catapultas lançavam pedregulhos que explodiam com o impacto, espalhando estilhaços de ouro imperial pelas linhas inimigas. Troncos incendiados — um joguinho divertido para os romanos — rolavam pelas encostas, derrubando fileiras de Nascidos da Terra.

Apesar de todos os esforços da legião, o inimigo seguia avançando. Nas pistas vazias da rodovia 24, as colunas principais dos imperadores marchavam em direção ao túnel Caldecott, as bandeiras em ouro e roxo erguidas. Cores de Roma. Imperadores romanos decididos a destruir a última verdadeira legião romana. Então esse é nosso fim, pensei, com amargura. Não lutando contra ameaças externas, mas contra a parte mais feia da nossa própria história.

— *TESTUDO!*

O grito de um centurião chamou minha atenção de volta para a Terceira Coorte. Eles tentavam, a todo custo, entrar numa formação de defesa conhecida como tartaruga com os escudos quando os cinocéfalos atacaram em uma onda de rosnados, pelos e presas.

— Meg! — berrei, apontando para a coorte em perigo.

Ela correu até lá, e fui logo atrás. Quando nos aproximamos, peguei uma aljava abandonada no chão, tentando não pensar muito em por que estava caída ali, e disparei uma saraivada de flechas na matilha. Derrubei seis. Sete. Oito. Mas ainda restavam muitos. Meg gritou, furiosa, e pulou nos lupinos mais próximos. Logo estava cercada, mas nosso ataque havia dispersado a matilha, dando à Terceira Coorte alguns segundos preciosos para se reorganizar.

— ATAQUE RÔMULO! — gritou o centurião.

Se você já viu um tatuzinho-de-jardim se desenrolar, revelando suas mil perninhas, pode imaginar como foi ver a Terceira Coorte transformar sua defesa testudo em uma floresta de lanças afiadas, empalando os cinocéfalos.

Fiquei tão impressionado que quase deixei um lobisomem perdido arrancar minha cara a mordidas. Pouco antes de ele me alcançar, o centurião Larry atirou sua javelina. O monstro caiu aos meus pés, a lança espetada no meio das costas incrivelmente peludas.

— Vocês conseguiram chegar! — Larry sorriu para nós. — Cadê a Reyna?

— Ela está bem — falei. — Hum, está viva.

— Legal! Frank quer ver você, tipo, pra ontem!

Meg veio cambaleando para o meu lado, ofegante, as espadas brilhando com meleca de monstro.

— E aí, Larry. Como estão as coisas?

— Horríveis! — Larry parecia estar se divertindo muito. — Carl, Reza, levem esses dois para o pretor Zhang imediatamente.

— SIM, SENHOR!

Nossos guarda-costas nos guiaram para o túnel Caldecott enquanto, às nossas costas, Larry liderava sua tropa de volta à batalha:

— Vamos, legionários! Nós treinamos para isso! Vamos conseguir!

Depois de mais alguns terríveis minutos fugindo de *pandai*, pulando crateras em chamas e desviando de hordas de monstros, Carl e Reza nos levaram em segurança ao posto de comando de Frank Zhang na boca do túnel. Para minha grande decepção, não havia aperitivos nem bebidinhas. Não havia nem barraca, só vários romanos estressados em armaduras completas, correndo de um lado para o outro dando ordens e preparando defesas. Acima de nós, na cobertura de concreto que se estendia além da entrada do túnel, Jacob, o porta-estandarte, estava de vigia junto com a águia da legião e mais alguns batedores, observando o entorno. Sempre que um inimigo se aproximava demais, Jacob atirava um raio como uma versão Oprah Winfrey de Júpiter: *VOCÊ ganha um raio! E VOCÊ ganha um raio!* Infelizmente, ele estava usando tanto a águia que ela começava a soltar fumaça. Mesmo itens mágicos superpoderosos têm limite. O estandarte da legião estava perto de ter um curto-circuito.

Quando Frank Zhang nos viu, uma tonelada pareceu sair de seus ombros.

— Graças aos deuses! Apolo, você está com uma cara horrível. Cadê a Reyna?

— É uma longa história.

Eu estava prestes a começar a contar uma versão resumida da nossa epopeia quando Hazel Levesque se materializou em um cavalo ao meu lado, que foi uma ótima maneira de testar se meu coração ainda estava funcionando direitinho.

— O que houve? — perguntou Hazel. — Apolo, a sua cara…

— Eu sei.

Suspirei.

Árion, seu corcel imortal ágil como a luz, me deu uma olhada desconfiada e bufou, como se dissesse: *Esse fracote aí não é Apolo nem aqui nem no Olimpo.*

— Bom te ver também, priminho — resmunguei.

Contei a eles resumidamente o que havia acontecido, com Meg de vez em quando fazendo intervenções indispensáveis como: “Ele foi idiota”; “Ele foi mais idiota ainda”, e “Aí ele fez bem, mas depois foi idiota de novo”.

Quando Hazel ouviu sobre nosso encontro no estacionamento da Target, trincou os dentes.

— Lavínia… Aquela menina, eu juro. Se alguma coisa acontecer com a Reyna…

— Vamos nos concentrar no que podemos controlar — disse Frank, embora tivesse ficado abalado de saber que Reyna não voltaria para ajudar. — Apolo, vamos ganhar o máximo de tempo para a invocação de vocês. Término está fazendo o que pode para segurar os imperadores. Agora tenho balistas e catapultas focando nos *myrmekos*. Se não conseguirmos derrubar aquelas coisas, nunca vamos impedir o avanço deles.

Hazel fez uma careta.

— A Primeira, Segunda, Terceira e Quarta Coortes estão espalhadas nas colinas, só que não temos muita gente. Árion e eu estamos pulando de ponto em ponto para ajudar, mas… — Ela parou antes de constatar o óbvio: *estamos perdendo terreno*. — Frank, se você puder me dar um minuto, vou levar Apolo e Meg até a Colina dos Templos. Ella e Tyson estão esperando.

— Pode ir.

— Espera — falei. Não que eu não estivesse superansioso para invocar um deus com um pote de geleia, mas algo que Hazel dissera me deixou desconfortável. — Se as coortes de um a quatro estão aqui, cadê a Quinta?

— Protegendo Nova Roma — respondeu Hazel. — Dakota está com eles. No momento, graças aos deuses, a cidade está em segurança. Sem sinal de Tarquínio.

POP. Bem ao meu lado surgiu um busto de mármore de Término, vestindo um quepe britânico da Primeira Guerra Mundial e um sobretudo cáqui que cobria todo o seu pedestal. Com as mangas soltas, ele poderia se passar por um ex-soldado que perdeu os dois braços nas trincheiras do Somme. Infelizmente, eu tinha conhecido várias pessoas assim depois da Grande Guerra.

— A cidade *não* está em segurança! — anunciou ele. — Tarquínio está atacando!

— O quê? — Hazel ficou pessoalmente ofendida. — De onde?

— De baixo!

— Os esgotos. — Hazel praguejou. — Mas como…?

— Tarquínio construiu a *cloaca maxima* original em Roma — lembrei. — Ele entende de esgoto.

— Eu sei! Por isso selei as saídas!

— Bem, de alguma forma ele desfez o selo! — disse Término. — A Quinta Coorte precisa de ajuda. Imediatamente!

Hazel quase desanimou, claramente abalada pela puxada de tapete que Tarquínio deu nela.

— Vá — disse Frank a ela. — Vou mandar a Quarta Coorte para dar reforço.

Hazel deu uma risada nervosa.
— E vai ficar aqui fora só com três? De jeito nenhum.
— Tudo bem — respondeu Frank. — Término, você pode abrir nossas barreiras defensivas aqui no portão principal?
— Por que eu faria isso?
— Vamos tentar aquela parada de Wakanda.
— O quê?
— Você sabe — insistiu Frank. — Vamos afunilar a entrada dos inimigos a um ponto só.
Término fez cara feia.
— Eu não me recordo de nenhuma "parada de Wakanda" nos manuais militares romanos. Mas tudo bem.
Hazel franziu a testa.
— Frank, vê se não vai fazer nenhuma besteira…
— Vamos concentrar nosso pessoal aqui e proteger o túnel. Eu consigo. — Ele reuniu forças para dar outro sorriso confiante. — Boa sorte, pessoal. A gente se vê do outro lado!
Ou não, pensei.
Frank não deu oportunidade para fazermos mais reclamações. Marchou, gritando ordens para reunir as tropas e mandar a Quarta Coorte para Nova Roma. Eu me lembrava das imagens difusas que tinha visto no pergaminho holográfico: Frank comandando os soldados no túnel Caldecott, cavando e carregando urnas. Lembrei as palavras crípticas de Ella sobre pontes e fogo… Não gostei nada do rumo desses pensamentos.
— Subam, crianças — disse Hazel, estendendo a mão para mim.
Árion ganiu, indignado.
— Eu sei, eu sei — disse Hazel. — Você não gosta de levar três pessoas. Vamos só deixar esses dois na Colina dos Templos e então seguimos direto para a cidade. Vai ter um montão de zumbis para você atropelar, prometo.
Isso pareceu convencer o cavalo.
Subi atrás de Hazel. Meg ficou com o último assento na traseira do cavalo.
Mal tive tempo de me segurar na cintura de Hazel antes de Árion disparar, deixando meu estômago estatelado no chão.

34

Ó, seja lá quem for
Favor fazer sei lá o quê
Isso é uma cruzadinha, é?

TYSON E ELLA não eram bons em esperar.

Nós os encontramos nos degraus do templo de Júpiter, Ella andando de um lado para outro e contorcendo as mãos, Tyson dando pulinhos de empolgação como um boxeador antes do primeiro round.

Os sacos de estopa pesados pendurados na cintura de Ella balançavam e batiam uns nos outros com um estrondo, me lembrando o brinquedinho favorito do escritório de Hefesto — aquele com as bolinhas que colidiam. (Eu odiava visitar o escritório de Hefesto. Ele tinha brinquedos tão hipnotizantes que eu passava horas, às vezes décadas, observando. Perdi a década de 1480 inteira por causa disso.)

O peito nu de Tyson estava completamente preenchido pelas linhas de profecia tatuadas. Quando ele nos viu, abriu um sorrisão.

— Iei! — exclamou. — Pônei voador!

Não me surpreendeu que Tyson tivesse apelidado Árion de "pônei voador", ou que parecesse mais feliz em ver o cavalo do que a mim. O que me surpreendeu foi Árion, apesar de bufar com irritação, deixar o ciclope fazer carinho no seu focinho. Árion nunca tinha me parecido do tipo fofinho. Se bem que Tyson e Árion eram meio que irmãos por parte de Poseidon, e… Sabe do que mais? Vou parar de pensar nisso antes que o meu cérebro derreta.

Ella se aproximou com passinhos curtos.

— Atrasado. Atrasado demais. Vamos, Apolo. Você está atrasado.

Eu me segurei para não dizer a ela que surgiram alguns imprevistos no caminho. Desci de Árion e esperei por Meg, mas ela continuou com Hazel.

— Você não precisa de mim para o negócio da invocação — disse Meg. — Vou ajudar Hazel e atacar com os unicórnios.

— Mas…

— Que os deuses os guiem — disse Hazel.

Árion desapareceu, deixando uma trilha de fumaça pela colina e Tyson de mão erguida para o nada.

— Ah — reclamou o ciclope. — O pônei voador foi embora.

— É, ele faz isso. — Eu tentei me convencer de que Meg ficaria bem. Eu a veria em breve. As últimas palavras que eu ouviria dela não seriam "atacar com os unicórnios". — Agora, se estivermos prontos…

— Atrasados. Estamos mais que atrasados — reclamou Ella. —

Escolha um templo. Sim. Você precisa escolher.

— Eu preciso…

— Invocação de um deus só! — Tyson se esforçou para enrolar uma das pernas da calça enquanto vinha até mim saltitando num pé só. — Aqui, vou te mostrar de novo. Está na minha coxa.

— Tudo bem! — falei. — Eu me lembro. É só que…

Observei a colina. Tantos templos e santuários — ainda mais depois que a legião havia terminado seu mutirão de construção inspirado em Jason. Tantas estátuas de deuses me encarando.

Como membro do panteão, eu tinha aversão a escolher só um deus. Era como escolher seu filho favorito, ou seu músico favorito; se você é *capaz* de escolher, está fazendo alguma coisa errada.

Além disso, escolher um deus significava que todos os outros deuses ficariam irritados comigo. Não importava se eles teriam se recusado a me ajudar ou se teriam rido da minha cara diante do pedido. Ainda assim ficariam ofendidos por eu não ter colocado A ou B no topo da minha lista. Eu sabia como deuses pensavam. Já fui um deles.

Claro que havia alguns *não* óbvios. Eu não invocaria Juno. Nem me daria ao trabalho de chamar Vênus, principalmente porque sexta era a noite de spa dela com as Três Graças. Somnus, nem pensar. Ele atenderia a ligação, prometeria que chegaria em um minuto e cairia no sono de novo.

Dei uma olhada na estátua gigante de Jupiter Optimus Maximus, a toga roxa balançando feito a capa de um toureiro.

Que isso, ele parecia me dizer. *Você sabe que quer fazer isso.*

O mais poderoso dos olimpianos. Estava totalmente dentro das suas possibilidades acabar com o exército dos imperadores, curar minha ferida zumbi e colocar o Acampamento Júpiter (que, afinal, era batizado em sua homenagem) em ordem. Ele talvez até se desse conta dos meus muitos feitos heroicos, concluísse que eu já tinha sofrido o bastante e me libertasse da punição de ser um mortal.

Mas por outro lado… talvez não. Será que ele estava *esperando* que eu pedisse ajuda para ele, só para fazer os céus tremerem com as suas gargalhadas e seu ressonante e divino *Não*?!

Para a minha surpresa, eu percebi que nem queria *tanto* assim minha divindade de volta. Nem *viver* eu queria tanto assim. Se Júpiter esperava que eu me arrastasse até ele pedindo ajuda, implorando por misericórdia, ele podia enfiar seu raio bem no meio da própria cloaca máxima.

Só havia uma escolha, na verdade. No fundo, eu sempre soube que deus deveria chamar.

— Sigam-me — falei para Ella e Tyson.

Corri para o templo de Diana.

Olha, admito que nunca havia sido muito fã da persona romana de Ártemis. Como já falei, nunca senti que eu, em particular, tinha mudado muito na época dos romanos. Continuei sendo o mesmo Apolo. Já Ártemis…

Sabe quando a sua irmã passa por aqueles anos dramáticos da adolescência? Muda o nome para Diana, corta o cabelo, começa a sair com um grupo diferente, mais hostil, de donzelas caçadoras, começa a se juntar com Hécate e a lua, e basicamente fica toda esquisita? Quando nos mudamos para Roma, no início éramos adorados juntos, como nos velhos tempos — deuses gêmeos num templo só nosso —, mas logo Diana resolveu trabalhar sozinha. A gente não conversava mais como antes, quando éramos jovens e gregos, sabe?

Eu estava apreensivo de invocar sua encarnação romana, mas precisava de ajuda, e Ártemis — desculpa, *Diana* — era a que mais provavelmente responderia, mesmo se fosse passar o resto da eternidade reclamando disso. Sem contar que eu sentia muita saudade dela. Pronto, falei. Se eu fosse mesmo morrer, o que parecia cada vez mais provável, antes de ir queria ver minha irmã pela última vez.

Seu templo era um jardim, como era de se esperar de uma deusa da vida selvagem. No meio de um círculo de carvalhos maduros, um lago prateado alimentado por um único gêiser perpétuo borbulhava. Eu imaginei que o lugar havia sido construído para evocar o antigo santuário de Diana no lago Nemi, um dos primeiros lugares em que os romanos a cultuavam. Na beirada do lago havia uma fogueira pronta para ser acesa. Fiquei me perguntando se a legião mantinha todos os santuários e templos tão bem arrumados assim, caso alguém tivesse um desejo repentino de fazer uma oferenda no meio da noite.

— Apolo tem que acender a fogueira — disse Ella. — Vou misturar os ingredientes.

— E eu vou dançar! — anunciou Tyson.

Eu não sabia se aquilo era parte do ritual ou se só tinha lhe dado na telha, mas quando um ciclope tatuado decide começar uma performance, é melhor não fazer perguntas.

Ella revirou suas bolsinhas de ingredientes, pegando ervas, temperos e frascos de óleos, o que me fez perceber quanto tempo estava sem comer. Por que meu estômago não estava roncando? Dei uma olhada na lua de sangue subindo pelas colinas. Esperava que minha próxima refeição não fossem céééééérebros.

Olhei em volta em busca de uma tocha ou de uma caixa de fósforos. Nada. Então pensei: *Claro que não.* A lenha já podia estar pré-preparada, mas Diana, sempre a especialista em sobrevivência na selva, esperaria que eu acendesse o fogo sozinho.

Tirei o arco das costas e puxei uma flecha. Juntei os gravetinhos e palhas mais secos num montinho. Já fazia muito tempo desde a última

vez que eu tinha acendido fogo do jeito mortal das antigas — girando uma flecha no arco para criar fricção —, mas tentei mesmo assim. Perdi o controle várias vezes, e quase furei meu olho. Meu aluno de arco e flecha, Jacob, ficaria orgulhoso.

Tentei ignorar o som de explosões ao longe. Girei a flecha até ter a sensação de que estava quase abrindo meu ferimento na barriga. Minhas mãos ficaram úmidas por causa das bolhas estouradas. O deus do sol, com dificuldade de acender o fogo… As ironias nunca cessam.

Finalmente consegui criar uma chama minúscula. Depois de protegê-la desesperadamente, assoprar de leve e rezar, consegui acender a fogueira.

Fiquei de pé, tremendo de exaustão. Tyson ainda dançava com a música na própria cabeça, erguendo os braços e girando como uma Julie Andrews de cento e cinquenta quilos e coberta de tatuagens no remake de *A Noviça Rebelde* que Tarantino sempre quis fazer. (Eu o convenci de que era uma má ideia. Pode me agradecer depois.)

Ella começou a espalhar sua mistura especial de óleos, temperos e ervas na fogueira. A fumaça cheirava a uma festa de verão mediterrânea. Aquilo me encheu com uma sensação de paz — me lembrando épocas mais felizes em que nós, deuses, éramos adorados por milhões. Você só aprecia um prazer tão simples como esse quando o perde.

O vale ficou silencioso, como se eu tivesse entrado na esfera de silêncio de Harpócrates. Talvez fosse só uma pausa na batalha, mas a sensação era que o Acampamento Júpiter estava prendendo a respiração, esperando que eu completasse o ritual. Com as mãos trêmulas, peguei o pote da Sibila na mochila.

— E agora? — perguntei para Ella.

— Tyson — chamou Ella, acenando para ele. — Ótima dança. Agora mostra o sovaco para o Apolo.

Tyson se aproximou com passos pesados, sorrindo e suando. Ergueu o braço esquerdo perto demais do meu rosto, o que achei desnecessário.

— Tá vendo? — perguntou Ella.

— Ah, meus deuses — reclamei, me afastando. — Ella, por que você escreveu o rito de invocação no *sovaco* dele?

— É aí que fica — disse ela.

— Fez *tanta* cosquinha! — comentou Tyson, rindo.

— Eu… Eu vou começar.

Tentei me concentrar nas palavras e não no sovaco cabeludo que elas emolduravam. Tentei não respirar muito mais que o necessário. Mas tenho que dar o braço a torcer: Tyson era muito limpinho. Sempre que eu era forçado a inspirar, não desmaiava com o cheiro, apesar de sua dança exuberante e suada. O único cheiro que detectei

foi uma essência de manteiga de amendoim. Por quê? Achei melhor nem saber.

— Ó, protetor de Roma! — li em voz alta. — Ó, insira o nome aqui!

— Ah — interrompeu Ella. — É aí que você…

— Vou começar de novo. Ó, protetor de Roma! Ó, Diana, deusa da caça! Ouça nosso pedido e aceite nossa oferenda!

Eu não lembro de todas as palavras. Mesmo se lembrasse, não as registraria aqui para qualquer um usar. Invocar Diana com oferendas chamejantes é a definição de *Crianças, não tentem fazer isso em casa*. Eu engasguei várias vezes. Fiquei tentado a dar à invocação, para avisar a Diana que não era *qualquer um* fazendo o pedido. Era *eu*! Eu era *especial*! Mas segui o roteiro do sovaco. No momento apropriado (insira sacrifício aqui), joguei o pote da Sibila na fogueira. Fiquei com medo de que só fosse ficar ali, esquentando, mas o vidro estilhaçou na mesma hora, soltando uma nuvem de vapor prateado. Eu torci para não ter desperdiçado o último suspiro do deus silencioso.

Terminei o cântico. Tyson, graças aos deuses, baixou o braço. Ella ficou olhando a fogueira, depois o céu, o nariz tremelicando, ansiosa.

— Apolo hesitou — disse ela. — Não leu a terceira linha direito. Provavelmente fez besteira. Espero que ele não tenha feito besteira.

— Sua confiança aquece meu coração.

Mas eu também estava preocupado. Não via sinais de ajuda divina no céu escuro. A lua cheia continuava a me encarar, banhando a paisagem com uma luz rubra. Nenhuma corneta de caça soou ao longe, só mais explosões em Oakland Hills, e gritos de batalha em Nova Roma.

— Você fez besteira — decidiu Ella.

— Espera um pouco! — falei. — Os deuses não aparecem assim imediatamente. Uma vez levei dez anos para responder umas preces de Pompeia, e quando cheguei lá… Talvez não seja um bom exemplo.

Ella contorceu as mãos.

— Tyson e Ella vão esperar aqui caso a deusa apareça. Apolo deve voltar para lutar e tal.

— Ah. — Tyson fez um biquinho. — Mas *eu* também quero lutar e tal.

— Tyson vai esperar aqui com a Ella — insistiu a harpia. — Apolo, vá lutar.

Eu observei o vale. Vários telhados de Nova Roma estavam pegando fogo. Meg devia estar lutando nas ruas, fazendo deuses-sabem-o-quê com seus unicórnios de guerra. Hazel devia estar desesperadamente levantando defesas enquanto zumbis e ghouls transbordavam dos bueiros, atacando civis. Elas precisavam de ajuda, e levaria menos tempo para chegar a Nova Roma do que para voltar ao túnel Caldecott.

Mas só de pensar em voltar para a batalha meu estômago ardeu de dor. Eu me lembrei de como tinha desmaiado na tumba do tirano. Eu não seria de grande utilidade contra Tarquínio. Ficar por perto só aceleraria minha promoção a Zumbi do Mês.

Olhei para as Oakland Hills, a silhueta dos morros iluminada pelas explosões. Os imperadores já deviam estar enfrentando os soldados de Frank no túnel Caldecott. Sem Árion ou sequer uma bicicleta alugada, eu não sabia se conseguiria chegar a tempo de fazer qualquer diferença, mas parecia a opção menos pior.

— Ao ataque — falei, desanimado.

E comecei a correr pelo vale.

35

Que promoção boa!
Enfrente um e leve
Duas mortes grátis!

SABE O MAIS vergonhoso? Enquanto subia a colina aos frangalhos, sem fôlego, me peguei cantarolando “Cavalgada das Valquírias”. Que maldição, Richard Wagner. Que maldição, *Apocalypse Now*.

Quando cheguei ao cume, estava tonto e suando em bicas. Observei a paisagem lá embaixo e decidi que minha presença não significaria nada. Era tarde demais.

As colinas eram um cenário de destruição, cobertas de trincheiras destruídas, armaduras rachadas e tanques de guerra quebrados. A cem metros da rodovia 24, as tropas do imperador haviam formado colunas. Em vez de milhares, havia agora algumas centenas: uma mistura de guarda-costas germânicos, *khromandae, pandai* e outras tribos humanoides. Uma pequena boa notícia: não tinham restado *myrmekos*. A estratégia de Frank de atacar as formigas gigantes aparentemente havia funcionado.

Na entrada do túnel Caldecott, logo abaixo de mim, aguardava o que sobrou da Décima Segunda Legião. Uma dúzia de semideuses esfarrapados formava uma parede de escudos nas pistas em direção à cidade. Uma menina que não reconheci segurava o estandarte da legião, o que só podia significar que Jacob ou estava morto ou gravemente ferido. A águia dourada superaquecida soltava tanta fumaça que eu não conseguia vê-la. Não atiraria raios em mais nenhum inimigo por ora.

Aníbal, o elefante, estava junto à tropa, com sua armadura, a tromba e as patas sangrando com dezenas de cortes. Na frente do pelotão havia um urso-pardo de dois metros e meio — Frank Zhang, imaginei. Três flechas estavam presas no seu ombro, mas as garras estavam à mostra, prontas para mais uma batalha.

Meu coração doeu. Talvez enquanto Frank fosse um imenso urso pudesse sobreviver a algumas flechas. Mas o que aconteceria quando ele virasse humano de novo?

Quanto aos outros sobreviventes… Eu simplesmente não conseguia acreditar que aquilo era tudo que sobrara de três coortes. Talvez as pessoas que não estavam presentes estivessem só machucadas. Talvez me servisse de consolo pensar que, para cada legionário caído, centenas de inimigos haviam sido destruídos. Mas eles pareciam tão trágicos, tão poucos, tão desesperançosos, ali protegendo a entrada do

Acampamento Júpiter…

Tirei os olhos da rodovia e, ao encarar a baía, perdi toda a esperança. A frota dos imperadores ainda estava em posição — uma fileira de palácios brancos flutuantes prontos para espalhar destruição sobre nós e depois dar uma grande festa da vitória.

Mesmo se de alguma forma a gente conseguisse destruir todos os inimigos que ainda restavam na rodovia 24, aqueles iates estavam além do nosso alcance. Seja lá o que Lavínia estava planejando, pelo visto havia fracassado. Com uma única ordem, os imperadores podiam destruir todo o acampamento.

Um barulho de cascos de cavalos e rodas chamou minha atenção de volta para as linhas inimigas. Suas colunas se dividiram. Os imperadores em pessoa haviam chegado para discutir, de pé lado a lado em uma biga dourada.

Cômodo e Calígula pareciam ter competido para ver quem escolheria a armadura mais espalhafatosa, e os dois tinham perdido. Estavam cobertos dos pés à cabeça em ouro imperial: grevas, *kilts*, couraças, luvas, capacetes, tudo com estampas ornamentadas de górgonas e fúrias, encrustados com pedras preciosas. E o elmo em forma de caretas demoníacas. Eu só conseguia diferenciar os dois imperadores porque Cômodo era mais alto e tinha ombros mais largos.

Puxando a biga havia dois cavalos… Não. Não eram cavalos. Os animais tinham duas cicatrizes longas e feias de cada lado do corpo. Os garrotes estavam cobertos de marcas de chicote. Seus tratadores/torturadores caminhavam ao lado, segurando as rédeas e com ferros a postos, prontos para caso os animais tentassem alguma coisa.

Ah, deuses…

Caí de joelhos e tive ânsia de vômito. De todos os horrores que eu já tinha testemunhado, esse parecia o pior deles. Aqueles corcéis, uma vez belos, eram pégasos. Que tipo de monstro cortaria as asas de um pégaso?

Os imperadores obviamente queriam mandar um aviso: não mediriam esforços para dominar o mundo. Não parariam por nada. Mutilariam e aleijariam. Destruiriam e assolariam. Nada era sagrado, somente o poder deles.

Fiquei de pé, cambaleante. Minha desesperança havia sido substituída por uma raiva ardente.

— NÃO! — uivei.

Meu grito ecoou pela ravina. A comitiva dos imperadores parou. Centenas de rostos se ergueram, tentando encontrar a fonte do ruído. Desci desajeitadamente pela colina, tropeçando, pulando, batendo numa árvore, me levantando de novo, e assim continuei.

Ninguém tentou atirar em mim. Ninguém gritou: *Oba, estamos salvos!* Os soldados de Frank e as tropas do imperador só observaram,

embasbacados, a minha descida — um adolescente solitário e abatido em roupas rasgadas e sapatos sujos de lama, com um ukulele e um arco nas costas. Era, eu suspeitava, a chegada de reforços menos impressionante da história.

Por fim, cheguei aos legionários na estrada.

Calígula me encarou a cinquenta metros de distância na pista. E caiu na gargalhada.

Hesitantes, suas tropas seguiram o exemplo do líder — com exceção dos germânicos, que raramente riam.

Cômodo se remexeu na armadura dourada.

— Com licença, alguém pode me descrever essa cena? O que está acontecendo aqui?

Foi só então que percebi que a visão de Cômodo não havia se recuperado tão bem quanto ele esperava. Provavelmente, pensei, com uma satisfação amarga, depois de minha explosão ofuscante de luz divina na Estação Intermediária, ele conseguia enxergar alguma coisa durante o dia, mas não à noite. Uma pequena bênção, se eu descobrisse como usá-la.

— Eu queria poder descrevê-la — disse Calígula, secamente. — O poderoso deus Apolo veio para resgatá-los, e nunca esteve melhor.

— Isso foi sarcasmo? — perguntou Cômodo. — Ele está horrível?

— Sim — respondeu Calígula.

— RÁ! — Cômodo forçou uma risada. — Rá! Apolo, você está horrível!

Com as mãos tremendo, preparei uma flecha e atirei no rosto de Calígula. A mira foi perfeita, mas ele simplesmente afastou o projétil com a mão como faria com uma mosca sonolenta.

— Você não cansa de passar vergonha, não é, Lester?! Deixe os líderes conversarem.

Ele voltou a máscara raivosa para o urso-pardo.

— E então, Frank Zhang? Você tem a chance de se entregar com honra. Ajoelhe-se diante de seu imperador!

— Imperadores — corrigiu Cômodo.

— Sim, é claro — concordou Calígula, sem hesitar. — Pretor Zhang, você tem a obrigação e o dever de reconhecer a autoridade romana, e nós somos a autoridade romana! Juntos, podemos reconstruir este acampamento e levar sua legião à glória! Chega de se esconder. Chega de se acovardar atrás das fronteiras fracas de Término. Está na hora de ser um verdadeiro romano e conquistar o mundo. Junte-se a nós. Aprenda com o erro de Jason Grace.

Uivei de novo. Dessa vez, atirei uma flecha em Cômodo. Sim, foi baixo. Pensei que poderia atingir um imperador cego com mais facilidade, mas ele também afastou a flecha.

— Que golpe baixo, Apolo! — gritou ele. — Mas não tem nada

errado com a minha audição ou com os meus reflexos.

O urso-pardo rosnou. Com uma garra, quebrou os cabos das flechas no seu ombro. Então encolheu, transformando-se em Frank Zhang. As flechas atravessavam a couraça que protegia seu peito. Ele tinha perdido o capacete. As costelas estavam cobertas de sangue, mas sua expressão era de pura determinação.

Ao lado dele, Aníbal urrou e pisoteou o asfalto, pronto para atacar.

— Não, amigo. — Frank encarou seus últimos companheiros, cansados e feridos mas ainda prontos para segui-lo até a morte. — Já houve derramamento de sangue suficiente.

Calígula assentiu, concordando.

— Então você se rende?

— Ah, não. — Frank se empertigou, embora o esforço tenha lhe causado uma careta de dor. — Tenho uma solução alternativa. *Spolia opima*.

Murmúrios tensos atravessaram as colunas dos imperadores. Alguns germânicos ergueram as sobrancelhas peludas. Um ou outro legionário de Frank parecia querer dizer algo — *Você pirou?*, por exemplo —, mas se conteve.

Cômodo riu. Tirou o elmo, revelando os cachos bagunçados, a barba, e o rosto belo e cruel. Seus olhos estavam brancos e desfocados, a pele em torno ainda enrugada, como se ele tivesse sido atingido por ácido.

— Combate mano a mano? — Ele sorriu. — *Adorei* a ideia.

— Vou enfrentar vocês dois — disse Frank. — Você e Calígula contra mim. Se ganharem, atravessam o túnel e ficam com o acampamento.

Cômodo esfregou as mãos.

— Glorioso!

— Espere — interrompeu Calígula, retirando o capacete também, não tão animado. Seus olhos brilhavam, a mente sem dúvida avaliando todos os ângulos possíveis. — Isso está bom demais para ser verdade. O que você está planejando, Zhang?

— Ou eu mato vocês, ou eu morro — disse Frank. — Só isso. Se passarem por mim, podem marchar direto para o acampamento. Vou ordenar que o restante de minhas tropas abra caminho. Vocês vão poder ter seu desfile triunfal por Nova Roma como sempre quiseram. — Frank se virou para um dos camaradas. — Ouviu, Colum? Essa é a minha ordem. Se eu morrer, você deve se certificar de que serei obedecido.

Colum abriu a boca, mas aparentemente não se atreveu a falar nada. Apenas assentiu, sério.

Calígula franziu a testa.

— *Spolia opima*. É tão primitivo. Não se faz isso desde…

Ele hesitou, talvez lembrando quais tropas estavam às suas costas: germânicos “primitivos”, que consideravam o combate mano a mano a forma mais honrosa de um líder ganhar uma batalha. Em tempos passados, os romanos pensavam da mesma forma. O primeiro rei de Roma, Rômulo, havia derrotado pessoalmente um rei inimigo, Ácron, arrancando suas armas e sua armadura. Por séculos depois disso, generais romanos tentavam imitar Rômulo, procurando líderes inimigos nos campos de batalha para combates mano a mano, para exigirem *spolia opima*. Era a maior demonstração de coragem para qualquer romano que se prezasse.

A estratégia de Frank era esperta. Se os imperadores recusassem seu desafio seriam desmoralizados diante das tropas. Por outro lado, Frank estava muito ferido. Não conseguiria ganhar sem ajuda.

— Dois contra dois! — gritei, para a surpresa de todos, inclusive minha. — Eu vou lutar.

Isso gerou outra rodada de gargalhadas nas tropas dos imperadores.

— Melhor ainda! — exclamou Cômodo.

Frank pareceu horrorizado, o que não era o tipo de agradecimento que eu esperava.

— Apolo, não — disse ele. — Eu consigo resolver isso. Saia daqui!

Alguns meses atrás, eu ficaria feliz de deixar Frank enfrentar essa luta perdida sozinho, sentado no meu canto, comendo uvas docinhas e dando uma olhada nas minhas mensagens. Não mais. Não depois de Jason Grace. Olhei os pobres pégasos mutilados acorrentados à biga dos imperadores e decidi que não viveria num mundo onde tal crueldade passaria impune.

— Sinto muito, Frank — falei. — Você não vai enfrentar isso sozinho. — Olhei para Calígula. — E aí, Botinhas? Seu coleguinha imperador já topou. Está dentro, ou está morrendo de medo?

As narinas de Calígula se inflaram.

— Nós vivemos milhares de anos — disse ele, como se explicasse um fato simples a um aluno idiota. — Somos deuses.

— E eu sou filho de Marte — retrucou Frank —, pretor da Décima Segunda Legião Fulminata. Não tenho medo de morrer. Vocês têm?

Os imperadores permaneceram em silêncio por cinco segundos.

Por fim, Calígula gritou por cima do ombro:

— Gregorix!

Um dos germânicos foi correndo até a frente. Com sua altura e peso impressionantes, o cabelo e a barba bagunçados e as peles grossas da armadura, ele parecia Frank em forma de urso-pardo, só que mais feio.

— Senhor? — grunhiu ele.

— As tropas devem permanecer onde estão — ordenou Calígula. — Nenhuma interferência enquanto Cômodo e eu matamos o pretor

Zhang e seu deus de estimação. Compreendido?

Gregorix me encarou. Eu o imaginava lutando em silêncio com seu conceito de honra. Combate mano a mano era bom. Combate mano a mano contra um guerreiro ferido e um fracote semizumbificado, porém, não era lá um grande mérito. A coisa mais esperta a se fazer era matar todos nós e simplesmente marchar para o acampamento. Mas um desafio havia sido lançado. Desafios tinham que ser aceitos. Mas seu trabalho era proteger os imperadores, e se isso fosse algum tipo de armadilha…

Aposto que naquele momento Gregorix desejou ter feito aquela faculdade de administração que a mãe dele sempre quis que ele fizesse. Ser um guarda-costas bárbaro era mentalmente exaustivo.

— Muito bem, senhor — concordou ele.

Frank olhou as tropas restantes.

— Saiam daqui. Encontrem Hazel. Defendam a cidade de Tarquínio.

Aníbal urrou de novo, discordando.

— Você também, amigo — disse Frank. — Nenhum elefante vai morrer hoje.

Aníbal bufou. Os semideuses obviamente também não gostaram, mas eram legionários romanos, bem treinados demais para desobedecer a uma ordem direta. Eles recuaram pelo túnel com o elefante e o estandarte da legião, deixando somente Frank Zhang e eu no Time Acampamento Júpiter.

Enquanto os imperadores desciam da biga, Frank virou-se para mim e me acolheu num abraço suado e sangrento. Eu sempre imaginei que ele fosse do tipo que gosta de abraçar, então isso não me surpreendeu, até que ele sussurrou no meu ouvido:

— Você está interferindo no meu plano. Quando eu disser “Está na hora”, não importa onde você esteja, não importa como esteja a luta, quero que fuja o mais rápido que puder. É uma ordem.

Ele me deu um tapa nas costas e me soltou.

Eu queria protestar: *Você não manda em mim!* Não tinha vindo até aqui para fugir quando mandassem. Isso eu sabia fazer muito bem sozinho. Certamente não ia permitir que outro amigo se sacrificasse por mim.

Por outro lado, eu não sabia qual era o plano de Frank. Teria que esperar para ver o que ele tinha em mente. Aí poderia decidir o que fazer. Além disso, se tivéssemos qualquer chance de vencer uma batalha mortal contra Cômodo e Calígula, não seria graças à nossa força superior e personalidade cativante. Precisaríamos trapacear no mais alto nível.

Os imperadores vieram na nossa direção pelo asfalto queimado e retorcido.

De perto, as armaduras deles eram ainda mais horrendas. O peitoral de Calígula parecia ter sido coberta de cola e esfregada na vitrine da Tiffany & Co.

— Bem. — Ele abriu um sorriso tão brilhante e frio quanto sua coleção de joias. — Vamos?

Cômodo tirou suas manoplas. As mãos eram imensas e ásperas, cheias de calos, como se ele passasse o tempo socando paredes de tijolo. Era difícil acreditar que eu já tinha segurado aquelas mãos com afeição.

— Calígula, você fica com Zhang — disse ele. — Eu fico com Apolo. Não preciso de visão para encontrá-lo. É só seguir meus ouvidos. Ele será aquele que estiver choramingando.

Eu odiava que ele me conhecesse tão bem.

Frank puxou a espada. O ferimento no ombro ainda sangrava. Eu não tinha certeza de como ele estava planejando permanecer de pé, quanto mais lutar. A outra mão tocou de leve a bolsinha de pano que protegia seu graveto queimado.

— Então as regras estão claras — disse ele. — Não há regras. Nós matamos vocês e vocês morrem.

Então acenou para os imperadores: *venham me pegar*.

36

Ai. Outra vez, não.
Quantas sílabas tem
“desespero total”?

MESMO NA MINHA condição enfraquecida, era de se imaginar que eu conseguiria ficar longe de um oponente cego.

Imaginou errado.

Cômodo estava a menos de dez metros quando atirei minha próxima flecha. De alguma forma ele desviou, correu e arrancou o arco das minhas mãos. Com um gesto, quebrou a madeira no joelho.

— QUE ABSURDO! — gritei.

Em retrospecto, essa não foi a melhor forma de gastar aquele milissegundo. Cômodo me deu um soco bem no peito. Tropecei para trás e caí de bunda, os pulmões ardendo e o esterno latejando. Um golpe como aquele deveria ter me matado. Eu me perguntei se minha força divina tinha decidido fazer uma participação especial. Se era o caso, eu perdi a oportunidade de contra-atacar. Estava ocupado demais rastejando para longe, chorando de dor.

Cômodo riu, virando-se para as tropas.

— Viram? Ele está sempre choramingando!

Seus seguidores comemoraram. Cômodo perdeu um tempo valioso degustando aquela adulação. Amava se exibir. Era mais forte que ele. O imperador também devia saber que eu não ia a lugar algum.

Dei uma olhada em Frank. Ele e Calígula andavam em círculos um de frente para o outro, trocando golpes de vez em quando, testando a defesa do outro. Com as flechas no ombro, Frank não tinha opção a não ser apostar tudo no lado esquerdo. Seus movimentos eram rígidos, deixando uma trilha de pegadas sangrentas no asfalto que me lembrou — bem inapropriadamente — o diagrama de dança que Fred Astaire me dera uma vez.

Calígula o rodeava pé ante pé, extremamente confiante. Ele estava com o mesmo sorriso satisfeito de quando empalara Jason Grace pelas costas. Por semanas eu tive pesadelos com aquele sorriso.

Balancei a cabeça para sair daquele estupor. Eu deveria estar fazendo alguma coisa. Ah, sim. Não morrer. Isso estava em primeiro lugar na minha lista de afazeres.

Consegui me levantar. Tentei pegar minha espada, aí lembrei que não tinha espada. De arma só me restava o ukulele. Tocar uma música para um inimigo que me caçava pelo som não parecia a estratégia mais esperta, mas peguei o instrumento mesmo assim.

Cômodo devia ter ouvido as cordas se agitarem. Ele virou e puxou a espada.

Para um homem grandalhão em uma armadura toda espalhafatosa, ele era ágil demais. Antes de eu sequer conseguir decidir que música de Dean Martin tocaria, ele me atacou, quase abrindo minha barriga. A ponta da lâmina brilhou contra a estrutura de bronze do ukulele.

Com as duas mãos, ele ergueu a espada acima da cabeça para me fatiar ao meio.

Pulei para a frente e o cutuquei na barriga com o instrumento.

— A-há!

Havia dois problemas nisso: 1) A barriga dele estava protegida pela armadura, e 2) o ukulele tinha um fundo arredondado. Me ocorreu que, se sobrevivesse a essa batalha, criaria uma versão do instrumento com espinhos na base, e talvez um lança-chamas — um ukulele à la Gene Simmons.

O contra-ataque de Cômodo teria me matado se ele não estivesse se escangalhando de tanto rir. Pulei para o lado quando sua espada desceu, afundando no ponto em que eu estava segundos antes. Lutar na estrada tinha um lado bom, pelo menos — todas as explosões e raios tinham deixado o asfalto mole. Enquanto Cômodo tentava liberar a lâmina, eu disparei e me joguei contra ele.

Para a minha surpresa, eu consegui desequilibrá-lo. Cômodo tropeçou e caiu de bunda, deixando a espada estrebuchando no asfalto.

Ninguém no exército do imperador comemorou por mim. Público difícil.

Dei um passo para trás, tentando recuperar o fôlego. Alguém encostou nas minhas costas. Dei um gritinho, temendo que Calígula estivesse prestes a me empalar, mas era só Frank. Calígula estava a uns cinco metros dele, xingando enquanto limpava o cascalho do rosto.

— Lembra do que eu disse — falou Frank para mim.

— Por que você está fazendo isso? — questionei, ofegante.

— É o único jeito. Se tivermos sorte, estamos ganhando tempo.

— Tempo?

— Para a ajuda divina chegar. Isso ainda vai rolar, né?

Eu engoli em seco.

— Acho que sim?

— Apolo, por favor, me diga que você fez o ritual de invocação.

— Eu fiz!

— Então estamos ganhando tempo — insistiu Frank.

— E se a ajuda não chegar?

— Então você vai ter que confiar em mim. Faça o que eu disse. Quando eu disser, saia do túnel.

Eu não sabia bem o que aquilo significava. A gente não estava *no* túnel, mas nosso tempo para bater papo tinha acabado. Cômodo e Calígula se aproximaram de nós simultaneamente.

— Areia nos olhos, Zhang? — rosnou Calígula. — Sério?

Os dois colidiram espadas enquanto Calígula empurrava Frank para a boca do túnel Caldecott... ou será que Frank estava se deixando ser empurrado? O ribombar de metal contra metal ecoou pela pista vazia.

Cômodo pegou a espada do chão.

— Certo, Apolo. Foi divertido. Mas você tem que morrer agora.

Ele uivou e veio correndo, a voz ecoando de volta das profundezas do túnel.

Eco, pensei.

Corri na direção do Caldecott.

Ecos podem ser confusos para pessoas que dependem da audição. Dentro do túnel, eu talvez tivesse mais sorte evitando Cômodo. Sim... essa era a minha estratégia. Eu não estava só fugindo em pânico. Entrar no túnel era um plano completamente racional e bem bolado que, por acaso, envolvia sair correndo e gritando.

Eu me virei antes que Cômodo me alcançasse. Girei o ukulele, com a intenção de tatuar o tampo na cara dele, mas Cômodo previu meu golpe e arrancou o instrumento das minhas mãos.

Cambaleei para longe dele, que cometeu o mais cruel dos crimes: com um punho imenso, ele amassou meu ukulele que nem uma latinha de alumínio e o jogou fora.

— Heresia! — rugi.

Uma raiva terrível e imprudente me possuiu. Eu o desafio a sentir qualquer outra coisa depois de ver alguém destruir seu ukulele. É para deixar qualquer um cego de raiva.

Meu primeiro soco deixou uma cratera do tamanho do meu punho no peitoral dourado do imperador. *Ah*, pensei, em algum canto distante da minha mente. *Olá, força divina!*

Perdendo o equilíbrio, Cômodo agitou a espada a esmo. Segurei seu braço e dei um soco em seu nariz, fazendo um *splash* que achei deliciosamente nojento.

Ele berrou, sangue escorrendo pelo bigode.

— Focê be focou? Bou de badar!

— Não vai me *badar* nada! — gritei. — Eu recuperei a força!

— Rá! Eu dunca perbi a binha! E fou baior que focê!

Odeio quando vilões megalomaníacos têm razão.

Ele veio correndo. Eu me abaixei por baixo dos braços dele e dei um chute nas costas, empurrando-o para uma mureta de metal na lateral do túnel. A testa de Cômodo atingiu o metal com um barulhinho de triângulo: *DING!*

Isso deveria ter me deixado bem satisfeito, exceto que minha raiva

pelo ukulele quebrado estava diminuindo, e consequentemente minha explosão de força divina também. Sentia o veneno zumbi se espalhando pelos meus capilares, queimando e dominando todas as partes do meu corpo. A sensação era de que o ferimento na minha barriga estava explodindo, quase derramando meu recheio para todo lado como um Ursinho Pooh olimpiano rasgado.

Além disso, de repente me dei conta de que havia vários caixotes imensos sem identificação, empilhados em um canto do túnel, ocupando toda a extensão da passarela de pedestres. Do outro lado, o acostamento estava todo revirado, com cones cor de laranja enfileirados... Não havia nada de estranho nisso especificamente, mas me ocorreu que os cones eram mais ou menos do tamanho certo para conter as urnas que eu tinha visto os legionários de Frank carregando na nossa ligação pelo pergaminho holográfico.

Além disso, a cada metro e meio, uma linha fina havia sido escavada ao longo das pistas. De novo, nada exatamente estranho — o departamento de trânsito podia estar recapeando o túnel. Mas cada filete brilhava com um tipo de líquido... Óleo?

Somadas, essas coisas me deixaram profundamente desconfortável, e Frank continuava se enfiando cada vez mais no túnel, atraindo Calígula.

Parecia que o tenente de Calígula, Gregorix, também estava ficando preocupado. O germânico gritou da linha de frente.

— Meu imperador! O senhor está se afastando...

— Cala a boca, GREG! — berrou Calígula. — Se quiser manter a sua língua, não me diga como lutar!

Cômodo continuava cortando um dobrado para se levantar.

Calígula tentou acertar a espada no peito de Frank, mas o pretor não estava mais no mesmo lugar. Um passarinho — uma andorinha comum, a julgar pelo formato das penas da cauda — voou no rosto do imperador.

Frank conhecia pássaros. Andorinhas não são grandes ou impressionantes. Não são ameaças óbvias como falcões ou águias, mas são incrivelmente rápidas e se movimentam com facilidade.

Ele enfiou o bico no olho esquerdo de Calígula e disparou para longe, deixando o imperador aos berros, agitando os braços.

Frank se materializou em forma humana ao meu lado. Seus olhos estavam fundos e distantes. O braço machucado, imóvel.

— Se quiser mesmo ajudar — disse ele, baixinho —, machuca a perna do Cômodo. Acho que não consigo segurar os dois.

— O quê?

Ele se transformou de novo em andorinha e sumiu, disparando de volta para Calígula, que xingava e tentava acertar o passarinho.

Cômodo me atacou de novo. Dessa vez foi esperto o suficiente para

não anunciar sua chegada com gritos. Quando percebi, ele já estava em cima de mim — sangue borbulhando das narinas, uma marca funda em formato de corrimão na testa. Era tarde demais.

Ele deu um soco na minha barriga, no ponto *exato* que eu não queria que fosse atingido. Caí, sem forças, gemendo.

Do lado de fora, as tropas inimigas rugiram em comemoração. Cômodo mais uma vez se virou para receber a adulação. Tenho vergonha de admitir que, em vez de me sentir aliviado pelos segundos extras de vida, estava irritado por ele não ter me matado mais rápido.

Cada célula no meu miserável corpo mortal gritava: *Acabe logo com isso!* Morrer não poderia de jeito nenhum ser pior do que aquilo. Se eu morresse, talvez eu pelo menos voltasse como zumbi e arrancasse o nariz de Cômodo a mordidas.

Àquela altura eu tinha certeza de que Diana não viria ao nosso resgate. Talvez eu tivesse feito besteira no ritual, como Ella temia. Talvez minha irmã não tivesse recebido a ligação. Ou então talvez Júpiter tivesse proibido Diana de me ajudar, sob a ameaça de se juntar a mim na minha punição mortal.

Qualquer que fosse o caso, Frank também devia saber que estávamos num beco sem saída. Já tínhamos passado da fase de "ganhar tempo". Já estávamos na fase de "morrer em vão sem dúvida é bem doloroso".

Minha linha de visão estava reduzida a um cone embaçado vermelho, mas me concentrei nas panturrilhas de Cômodo, que andava de um lado para outro na minha frente, agradecendo seus fãs.

Presa à parte interna da panturrilha havia uma bainha de adaga.

Ele sempre carregava uma dessas nos velhos tempos. Quando se é imperador, a paranoia nunca acaba. Você pode ser assassinado pela sua empregada, seu garçom, sua lavadeira, seu melhor amigo. E aí, apesar de todas as precauções, seu ex-amante celestial disfarçado de treinador de luta acaba te afogando na banheira. Surpresa!

Machuca a perna do Cômodo, Frank me dissera.

Eu não tinha mais energia, mas devia um pedido final a Frank.

Meu corpo protestou quando estendi a mão e peguei a adaga. Ela saiu com facilidade da bainha — sempre untada com óleo para ser puxada com facilidade. Cômodo nem notou. Eu o esfaqueei na parte de trás do joelho esquerdo, depois no direito, antes que ele sequer percebesse a dor. Ele gritou e caiu para a frente, gritando obscenidades em latim que eu não ouvia desde o reino de Vespasiano.

Machucado, pronto. Larguei a adaga, sem forças. Esperei para ver o que me mataria. Os imperadores? O veneno zumbi? O suspense?

Estiquei o pescoço para ver como meu amigo andorinha estava. Nada bem, pelo visto. Calígula tinha acertado um golpe em cheio com sua espada na ave, arremessando Frank na parede. O passarinho caiu

sem forças, e Frank voltou à forma humana no instante em que seu rosto bateu no asfalto.

Calígula sorriu para mim, o olho inchado e fechado, a voz cheia de uma alegria assassina.

— Está vendo, Apolo? Lembra o que acontece agora?

Ele ergueu a espada sobre as costas de Frank.

— NÃO! — gritei.

Eu não podia testemunhar a morte de outro amigo. De alguma forma, consegui ficar de pé, mas fui lento demais. Calígula baixou a espada… que se dobrou ao meio como um arame ao tocar na capa de Frank. Viva os deuses da moda militar utilitária! A capa de pretor de Frank era, sim, capaz de protegê-lo de golpes, embora sua capacidade de se transformar em suéter ainda fosse desconhecida.

Calígula rosnou, frustrado. Ele puxou a adaga, mas Frank já havia recuperado as forças o suficiente para ficar de pé. Ele girou e esmagou Calígula contra a parede, apertando a garganta do imperador com a mão boa.

— Está na hora! — rugiu ele.

Está na hora. Espera… Essa era a minha deixa. Era para eu sair correndo. Mas não consegui. Fiquei olhando, horrorizado, quando Calígula enfiou a adaga na barriga de Frank.

— Está, sim… — respondeu Calígula, a voz estrangulada. — Na sua hora.

Frank apertou com mais força, esmagando a garganta do imperador, fazendo o rosto dele ficar roxo. Usando o braço machucado, o que deve ter causado uma dor excruciante, Frank pegou o graveto queimado da bolsinha.

— Frank! — gritei, soluçando.

Ele olhou para mim por um segundo, ordenando em silêncio: *FUJA*.

Eu não aguentaria passar por aquilo outra vez. Não, de novo não. Não como Jason. Eu estava vagamente consciente de que Cômodo tentava com todas as forças se arrastar até mim, agarrar meus pés.

Frank ergueu o graveto queimado junto ao rosto de Calígula. O imperador lutou para se soltar, mas Frank era mais forte — tirando forças, imaginei, de tudo que restava de sua vida mortal.

— Se eu vou arder — disse ele —, que seja com força. Isso é pelo Jason.

O graveto entrou em combustão espontânea, como se estivesse esperando havia anos por essa oportunidade. Calígula arregalou os olhos em pânico, talvez só então começando a entender. As chamas lamberam o corpo inteiro de Frank, acendendo o óleo em uma das reentrâncias do asfalto — um rastilho líquido correndo nas duas direções para os caixotes e cones de trânsito que preenchiam o túnel. Os imperadores não eram os únicos que mantinham um suprimento de

fogo grego.

Não me orgulho do que aconteceu a seguir. Enquanto Frank se tornava uma coluna de chamas e o imperador Calígula se desintegrava em cinzas flamejantes, obedeci à última ordem de Frank. Pulei o corpo de Cômodo e corri o mais rápido que pude. Às minhas costas, o túnel Caldecott explodiu como um vulcão.

37

Explosão? Eu, não.
A culpa não foi minha.
Coisa do Greg.

UMA QUEIMADURA de terceiro grau foi a ferida menos dolorosa que levei daquele túnel.

Saí aos tropeços, minhas costas ardendo, minhas mãos fumegando, todos os músculos no meu corpo como se tivessem sido fatiados por lâminas de barbear. À minha frente se espalhava o que restava das forças dos imperadores: centenas de guerreiros prontos para a batalha. Ao longe, enfileirados na baía, cinquenta iates aguardavam, prontos para usar sua artilharia apocalíptica.

Nada disso doía tanto quanto saber que eu tinha deixado Frank nas chamas.

Calígula havia acabado. Dava para sentir, como se a terra desse um suspiro profundo de alívio quando sua consciência se desintegrou em uma explosão de plasma superaquecido. Mas isso tinha nos custado um preço alto. Frank. O lindo, estranho, pesado, corajoso, forte, doce, nobre Frank.

Eu poderia chorar, mas meus canais lacrimais estavam secos como o deserto do Mojave.

As forças inimigas pareciam tão confusas quanto eu. Mesmo os germânicos estavam de queixo caído. Não é fácil chocar um guarda-costas imperial. Ver seus chefes explodirem em uma bola de fogo da beira de uma montanha… basta.

Atrás de mim, uma voz quase inumana gaguejou:

— ARGSHHH.

Eu me virei.

Eu estava morto demais por dentro para sentir medo ou nojo. É *claro* que Cômodo ainda estava vivo. Ele veio se arrastando nos cotovelos para fora da caverna esfumaçada, a armadura meio derretida, a pele coberta de cinzas. Seu rosto antes belo parecia um pão de tomate queimado.

O ferimento que eu tinha feito em Cômodo não foi suficiente. De alguma maneira, não havia acertado os ligamentos. Eu estraguei tudo, até o último pedido de Frank.

Nenhum dos soldados correu para ajudar o imperador. Todos ficaram paralisados, incrédulos. Talvez não reconhecessem aquele ser destruído. Talvez pensassem que o chefe estava dando mais um de seus espetáculos, só lhes restando esperar pelo momento certo de

aplaudir.

Incrivelmente, Cômodo conseguiu ficar de pé, cambaleando como Elvis em 1975.

— NAVIOS! — crocitou ele.

A palavra saiu tão arrastada que por um momento pensei que ele tivesse gritado outra coisa. Acho que as tropas pensaram o mesmo, porque não fizeram nada.

— FOGO! — berrou ele, o que novamente poderia simplesmente significar, *EI, OLHA, EU ESTOU PEGANDO FOGO.*

Só entendi a ordem um segundo depois, quando Gregorix gritou:

— AVISEM AOS IATES!

Engasguei com a minha própria língua.

Cômodo abriu um sorriso assustador para mim. Seus olhos brilhavam com ódio.

Não sei de onde tirei forças, mas disparei e pulei em cima dele. Nós dois caímos no asfalto, eu montado em seu peito, apertando sua garganta como fizera milhares de anos antes, na primeira vez em que o matei. Dessa, não restava nem arrependimento nem amor. Cômodo resistiu, mas seus punhos eram como papel. Soltei um rugido gutural, uma música com apenas uma nota: pura raiva. E apenas um volume: máximo.

Sob a avalanche de som, Cômodo virou cinzas.

Minha voz falhou. Encarei minhas mãos vazias. Fiquei de pé e recuei, horrorizado. A silhueta queimada do corpo do imperador permanecia no asfalto. Eu ainda sentia a pulsação da sua carótida sob meus dedos. O que eu tinha feito? Nos milhares de anos em que estava vivo, nunca tinha destruído ninguém com minha voz. Quando eu cantava, as pessoas normalmente morriam de amores, não literalmente.

As tropas dos imperadores me encaravam, atônitas. Se tivessem mais um momento, certamente teriam atacado, mas sua atenção foi distraída por um sinalizador sendo disparado ali perto. Um globo de fogo do tamanho de uma bola de tênis cor de laranja cortou os céus, deixando uma fumaça colorida para trás.

As tropas se viraram para a baía, esperando o show de fogos que destruiria o Acampamento Júpiter. Admito — eu estava tão cansado, desesperado e emocionalmente destruído que só pude observar também.

Nos cinquenta deques de popa, pontos verdes brilharam quando as cargas de fogo grego foram carregadas nos morteiros. Imaginei *pandos* correndo de um lado para o outro, técnicos configurando as coordenadas finais.

POR FAVOR, ÁRTEMIS, rezei. *AGORA SERIA UM ÓTIMO MOMENTO PARA APARECER.*

As armas dispararam. Cinquenta bolas de fogo verdes ergueram-se no céu, como esmeraldas em um colar flutuante, iluminando a baía inteira. Elas subiram direto na vertical, ganhando altitude a muito custo.

Meu medo se transformou em confusão. Eu entendia um pouco de voar. Não se podia decolar em um ângulo de noventa graus. Se eu tentasse fazer isso na carruagem do Sol… Bem, primeiro eu cairia e faria papel de bobo. Mas a verdade é que os cavalos nunca conseguiriam subir num ângulo tão inclinado. Teriam tropeçado uns nos outros e caído de volta nos portões do Palácio do Sol. Você teria um nascer do sol no leste seguido por um pôr do sol no leste, e muitas reclamações.

Por que as armas estavam apontadas assim?

As bolas de fogo verde subiram mais quinze metros. Trinta. Diminuíram a velocidade. Na rodovia 24, o exército inimigo inteiro imitou seu movimento, ficando cada vez mais ereto enquanto os projéteis subiam, até que os germânicos, *khromandae* e outros vilões variados ficassem na ponta dos pés, como se levitassem. As bolas de fogo pararam e flutuaram.

Então as esmeraldas caíram, direto nos iates dos quais tinham sido lançadas.

O espetáculo de caos era digno dos próprios imperadores. Cinquenta iates explodiram em nuvens de cogumelo verdes, enviando confetes de madeira, metal e corpos de monstros em chamas pelos ares. A frota multibilionária de Calígula foi reduzida a manchas de óleo ardentes na superfície da baía.

Talvez eu tenha rido um pouco. Sei que é bem insensível da minha parte, considerando o impacto ambiental do desastre. Também horrivelmente inapropriado, considerando como eu estava destruído pelo que acontecera com Frank. Mas não consegui evitar.

As tropas inimigas se viraram para mim de uma só vez.

Ah, é, lembrei. *Ainda estou diante de centenas de soldados hostis.*

Mas eles não pareciam mais tão hostis. Suas expressões eram surpresas e incertas.

Eu tinha destruído Cômodo com um grito. Tinha ajudado a queimar Calígula até as cinzas. Apesar da minha aparência humilde, as tropas provavelmente tinham ouvido rumores de que eu já tinha sido um deus. Era possível, eles deviam estar se perguntando, que eu de alguma forma tivesse a ver com a destruição da frota?

Na verdade, eu não fazia ideia do que tinha dado errado com o armamento deles. Eu duvidava de que fosse coisa de Ártemis. Simplesmente não *era* do feitio dela. E quanto a Lavínia… Eu não via como ela conseguiria colocar em prática um truque assim com alguns poucos faunos, algumas dríades e uns pacotes de chiclete.

Eu sabia que não tinha sido eu.
Mas o exército não sabia.
Reuni as últimas gotas de coragem. Canalizei minha antiga arrogância, da época em que eu amava levar o crédito por coisas que não tinha feito (desde que fossem legais e impressionantes). Direcionei a Gregorix e seu exército meu sorriso mais cruel e imperial.
— *BU!* — gritei.
Os soldados deram as costas e fugiram, espalhando-se pela rodovia em pânico, alguns pulando direto por cima da mureta para o nada só para escapar de mim mais rápido. Só os pobres pégasos torturados permaneceram onde estavam, pois não tinham opção, ainda presos aos arreios, as rodas da biga presas ao asfalto para evitar que os animais fugissem. De qualquer forma, era pouco provável que eles quisessem seguir seus torturadores.
Caí de joelhos. O ferimento na minha barriga latejava. Minhas costas queimadas estavam dormentes. Meu coração parecia bombear chumbo líquido gelado. Eu logo estaria morto. Ou morto-vivo. Não importava muito. Os dois imperadores estavam mortos. A frota havia sido destruída. Havíamos perdido Frank.
Na baía, as manchas de óleo incandescentes cuspiam colunas de fumaça que se tornavam cor de laranja sob a lua de sangue. Era sem dúvida o incêndio mais lindo que eu já vislumbrara.
Depois de um momento de silêncio atordoado, os serviços de emergência da Bay Area pareceram registrar o novo problema. A East Bay já era considerada uma área de desastre. Com o túnel fechado e a misteriosa sequência de incêndios florestais e explosões nas colinas, sirenes gritavam por todos os lados. Luzes de emergência iluminavam as ruas engarrafadas.
As embarcações da Guarda Costeira se juntaram à festa, atravessando as águas da baía para chegar às manchas de óleo incendiadas. Helicópteros da polícia e de jornais cortavam a cena por todos os lados, como se atraídos por ímãs. A Névoa teria muito trabalho naquela noite.
Fiquei tentado a só me deitar na estrada e dormir. Eu sabia que, se fizesse isso, ia morrer, mas pelo menos acabaria com a dor. Ah, Frank.
E por que Ártemis não tinha vindo me ajudar? Eu não estava bravo com ela. Compreendia muito bem como os deuses podiam ser, todas as diferentes razões para não apareceram quando chamados. Mas ainda assim doía, ser ignorado pela própria irmã.
Um bufo indignado me tirou dos meus pensamentos. Os pégasos me olhavam de cara feia. O da esquerda era cego de um olho, pobrezinho, mas balançou a crina e fez um trino como se quisesse dizer: *SE TOCA, CARA*.
O pégaso tinha razão. Outras pessoas estavam sofrendo. Algumas

precisavam da minha ajuda. Tarquínio continuava vivo — eu podia sentir no meu sangue infectado. Hazel e Meg talvez estivessem enfrentando zumbis nas ruas de Nova Roma.

Eu não seria muito útil a elas, mas tinha que tentar. Ou eu morreria com os meus amigos, ou eles cortariam a minha cabeça depois de eu me transformar num comedor de cérebros, e é para isso que os amigos serviam.

Fiquei de pé e, trêmulo, me aproximei dos pégasos.

— Sinto muito que isso tenha acontecido com vocês — falei para eles. — São lindos animais e mereciam coisa melhor.

Um Olho Só bufou, como se dissesse: *NÃO ME DIGA!*

— Vou libertar vocês, se deixarem.

Tirei as rédeas e os arreios. Achei uma adaga abandonada no asfalto e arranquei o arame farpado e as perneiras espinhentas que espetavam os animais. Tomei o cuidado de evitar os cascos caso eles decidissem me dar um coice na cabeça.

Então comecei a cantarolar a música de Dean Martin, "Ain't That a Kick in the Head", porque o que era ruim sempre podia piorar.

— Pronto — falei, quando os pégasos estavam livres. — Não tenho direito de pedir nada a vocês, mas se pudessem encontrar nos seus corações a possibilidade de me dar uma carona até o outro lado das montanhas, eu ficaria muito agradecido, porque meus amigos estão em perigo.

O pégaso da direita, que não era cego mas tinha sofrido um cruel corte nas orelhas, ganiu um enfático *NÃO!* E disparou para a saída da College Avenue. Então parou na metade do caminho e olhou para trás, para o amigo.

Um Olho Só grunhiu e agitou a crina. Imaginei que sua conversa silenciosa com Orelhinhas fosse algo assim:

Um Olho Só: *Vou dar uma carona para esse idiota patético. Pode ir na frente. Já te alcanço.*

Orelhinhas: *Você é doido, cara. Se ele te perturbar, dá um coice na cabeça dele.*

Um Olho Só: *Pode ter certeza de que eu dou mesmo*.

Orelhinhas trotou noite afora. Eu não o culpava por ir embora. Fiquei torcendo para que encontrasse um lugar seguro para descansar e se curar.

Um Olho Só me deu uma mordidinha. *E aí?*

Dei uma última olhada no túnel Caldecott, ainda um inferno de chamas verdes. Mesmo sem combustível, fogo grego não parava de queimar, e aquele incêndio começara com a força vital de Frank — uma explosão final de heroísmo que vaporizara Calígula. Eu não fingia compreender o que Frank fizera, ou por que ele tomara aquela decisão, mas entendia que ele sentira que era a única saída. Ele havia

queimando com o brilho mais intenso, isso com certeza. A última palavra que Calígula ouvira ao ser explodido em minúsculas partículas tinha sido *Jason*.

Dei mais um passo na direção do túnel. Mal conseguia andar quinze metros sem ficar totalmente sem fôlego.

— FRANK! — gritei. — FRANK!

Era impossível, eu sabia. Frank não poderia ter sobrevivido àquilo. O corpo imortal de Calígula se desintegrara instantaneamente. Frank devia ter morrido segundos depois, aguentando mais um pouco somente pela coragem e pelo ímpeto, para ter certeza de que também seria o fim de Calígula.

Eu queria conseguir chorar. Lembrava vagamente de um dia ter tido canais lacrimais.

Agora só restava desespero, e a certeza de que, enquanto eu estivesse vivo, tinha que tentar ajudar meus amigos sobreviventes, independente da dor que sentisse.

— Sinto muito — falei para as chamas.

As chamas não responderam. Elas não ligavam para quem ou o quê destruíam.

Encarei o topo das colinas. Hazel, Meg e o que restava da Décima Segunda Legião estavam do outro lado, lutando contra os mortos-vivos. Era lá que eu precisava estar.

— Certo — falei para Um Olho Só. — Estou pronto.

38

Três palavras:
Unicórnios-canivete-suíço, cara!
Tá, foram quatro.

SE VOCÊ TIVER a oportunidade de ver unicórnios de guerra em ação, *não faça isso*. É algo impossível de desver.

Conforme a gente se aproximava da cidade, detectei sinais de batalha: colunas de fumaça, chamas saindo do topo dos prédios, gritos, explosões. Sabe, o de sempre.

Um Olho Só me deixou na Linha Pomeriana, com um bufo que parecia dizer *É, boa sorte aí*, então galopou para longe. Pégasos são criaturas muito inteligentes.

Dei uma olhada para a Colina dos Templos, esperando ver nuvens de tempestade ou uma aura divina de luz prateada banhando o local, ou um exército de Caçadoras da minha irmã ao resgate. Não vi nada. Fiquei me perguntando se Ella e Tyson ainda estavam batendo perna no santuário de Diana, verificando a fogueira a cada trinta segundos para ver se os cacos do pote de vidro de Sibila já estavam no ponto.

Mais uma vez, eu teria que ser uma cavalaria de um soldado só. Sinto muito, Nova Roma. Fui correndo para o Fórum, que foi onde tive meu primeiro vislumbre dos unicórnios. E, olha, definitivamente não era algo que se via todo dia.

Meg em pessoa liderava o ataque. Ela não estava montada em um unicórnio. Ninguém que dê valor à própria vida (ou à própria bunda) ousaria tentar. Mas ela corria ao lado deles, gritando palavras de estímulo enquanto galopavam para a batalha. Os animais usavam armaduras de Kevlar com os nomes anotados em letras brancas blocadas nas costelas: BOLINHO, QUIMERA, FANFARRÃO, SHIRLEY E HORÁCIO, os Cinco Unicórnios do Apocalipse. Seus capacetes de couro lembravam os jogadores de futebol americano dos anos 1920. No chifre dos animais havia sido preso um incomum… Como chamar? Equipamento? Imagine, se conseguir, imensos canivetes suíços cônicos com diferentes compartimentos dos quais saía uma conveniente variedade de ferramentas destrutivas.

Meg e seus amigos atacaram uma horda de *vrykolakai* — que, pelas armaduras destroçadas, deviam ser antigos legionários mortos no ataque anterior de Tarquínio. Um integrante do Acampamento Júpiter poderia achar difícil atacar antigos camaradas, mas Meg não tinha problema algum com isso. Suas espadas giravam, cortando e fatiando e fazendo picadinho de zumbi.

Com um aceno dos focinhos, seus amigos equinos ativavam os acessórios preferidos: uma espada, uma lâmina gigante, um saca-rolhas, um garfo ou uma lixa de unha. (Fanfarrão escolheu a lixa, o que não me surpreendeu.) Eles mergulharam entre os mortos-vivos, garfando, saca-rolhando, espetando e lixando todos até desaparecerem.

Talvez você se pergunte por que achei tão aterrorizante que os imperadores usassem pégasos na biga, mas não liguei para Meg com seu exército de unicórnios. Tirando a diferença óbvia — os unicórnios não eram torturados nem mutilados —, estava claro que os corcéis de um chifre só de Meg estavam se divertindo imensamente. Depois de séculos sendo tratados como criaturas belas e delicadas que saltitavam pelos pastos e dançavam nos arco-íris, aqueles unicórnios finalmente estava se sentindo *compreendidos* e exaltados. Meg havia reconhecido o talento natural deles para caçar zumbis.

— Ei! — Meg sorriu ao me ver, como se tivesse acabado de voltar de uma simples ida ao banheiro, e não de um pequeno apocalipse. — Está funcionando muito bem! Unicórnios são imunes a arranhões e mordidas dos mortos-vivos!

Shirley bufou, claramente orgulhosa de si mesma. Ela veio me mostrar seu saca-rolhas como se dissesse: *É isso aí. Eu não sou seu Pequeno Pônei.*

— Os imperadores? — perguntou Meg.

— Mortos. Mas… — Minha voz falhou.

Meg observou minha expressão. Já me conhecia bem o bastante. Já estivera ao meu lado em momentos trágicos.

Seu rosto ficou sombrio.

— Tá. A gente chora depois. Agora temos que achar Hazel. Ela está… — Meg indicou o centro da cidade com um gesto vago — em algum lugar por aí. Tarquínio também.

Só de ouvir o nome dele senti minhas entranhas se revirarem. Por que, ah, por que eu não era um unicórnio?

Subimos as ruas estreitas e sinuosas com nossa tropa de canivetes suíços. A batalha estava basicamente concentrada em bolsões de combate casa a casa. Famílias haviam barricado seus lares. Lojas tinham sido protegidas com tábuas. Arqueiros posicionados nas janelas superiores monitoravam os zumbis. Bandos soltos de *eurynomoi* atacavam qualquer coisa viva que encontrassem.

Por mais horrível que fosse a cena, algo parecia estranhamente *calmo*. Sim, Tarquínio havia inundado a cidade com mortos-vivos. Todos os bueiros e saídas de esgoto estavam abertos. Mas ele não estava atacando com força total, e sim atravessando sistematicamente a cidade para dominar tudo. Pequenos grupos de zumbis surgiam em todos os cantos ao mesmo tempo, forçando os romanos a se

espalharem para defender seus companheiros. Parecia menos uma invasão e mais uma distração, como se Tarquínio estivesse em busca de algo específico e não quisesse ser incomodado.

Algo específico… Como um conjunto de livros sibilinos pelos quais ele pagou caro em 530 a.C.

Meu coração bombeou mais chumbo gelado.

— A livraria. Meg, a livraria!

Ela franziu a testa, talvez se perguntando por que eu queria comprar livros num momento como aquele. Então deu para ver pelos seus olhos que a ficha tinha caído.

— Ah.

Meg disparou, correndo tanto que os unicórnios tiveram que trotar. Como eu consegui acompanhá-los, não sei. Imagino que, àquela altura, meu corpo já estava tão além de qualquer salvação que só pensou: *Correr até a morte? Ah, tá bom. Tanto faz.*

A batalha se intensificou conforme subimos a colina. Passamos por parte da Quarta Coorte lutando contra uma dúzia de ghouls escravizados do lado de fora de um café ao ar livre. Das janelas, crianças e seus pais jogavam coisas — pedras, panelas, garrafas — nos *eurynomoi*, enquanto os legionários tentavam acertar as lanças por cima dos escudos entrelaçados.

Alguns quarteirões adiante, encontramos Término, seu sobretudo da Primeira Guerra Mundial pontilhado de buraquinhos de queimadura, o nariz de mármore quebrado. Agachada atrás do pedestal estava uma garotinha — sua ajudante, Julia, supus —, agarrada a uma faca de churrasco.

Término se virou para nós com tanta fúria que temi que nos transformasse numa pilha de declaração de bens da alfândega.

— Ah, são vocês — resmungou ele. — Minhas fronteiras falharam. Espero que tenham trazido ajuda.

Olhei para a menininha aterrorizada atrás dele, feroz e brava, pronta para atacar. Fiquei me perguntando quem estava protegendo quem.

— Ahhhh… Talvez?

O rosto do antigo deus ficou ainda mais duro, o que não deveria ser possível para uma pedra.

— Entendo. Bem. Concentrei o que restou do meu poder aqui, em volta de Julia. Eles podem destruir Nova Roma, mas *não vão* machucar esta menina!

— Ou esta estátua! — disse Julia.

Meu coração virou geleia.

— Nós vamos ganhar hoje, eu prometo. — De alguma forma consegui soar como se realmente acreditasse nisso. — Cadê a Hazel?

— Para lá! — Término apontou com seus braços inexistentes.

A julgar pelo seu olhar (não dava mais para me guiar pelo nariz), imaginei que ele estava falando da esquerda. Corremos para aquela direção até encontrarmos outro grupo de legionários.

— Cadê a Hazel? — gritou Meg.

— Para lá! — berrou Leila. — Uns dois quarteirões, acho!

— Valeu!

Meg disparou com sua guarda de honra formada por unicórnios, lixas e saca-rolhas prontos para atacar.

Encontramos Hazel exatamente onde Leila havia indicado: dois quarteirões adiante, numa pracinha onde a rua terminava. Ela e Árion estavam cercados por mais de quarenta zumbis no meio da praça. Árion não parecia particularmente assustado, mas seus bufos e gemidos indicavam frustração: ele não conseguia usar sua velocidade naquele espaço apertado. Hazel girava sua espata, e Árion dava coices para manter os zumbis afastados.

Sem dúvida Hazel poderia ter lidado com a situação sem nossa ajuda, mas os unicórnios não resistiram à oportunidade de acabar com um zumbi. Eles se enfiaram na horda, cortando, saca-rolhando e pinçando os mortos-vivos num incrível espetáculo de carnificina multitarefas.

Meg saltou para a luta, as lâminas gêmeas girando. Procurei na rua alguma arma de projéteis. Infelizmente, foi fácil encontrar. Peguei um arco e uma aljava e coloquei a mão na massa, dando aos zumbis alguns piercings de crânio muito estilosos.

Quando Hazel percebeu que era a gente, ela riu de alívio, então seus olhos começaram a buscar algo, provavelmente Frank. Olhei nos olhos dela, e temo que minha expressão tenha lhe contado tudo que ela não queria saber.

Emoções atravessaram seu rosto em rápida sequência: descrença, tristeza, e por fim raiva. Ela gritou de ódio, deixando Árion agitado, e destruiu o que restava da horda de zumbis. Eles não tiveram nenhuma chance.

Quando a praça estava limpa, Hazel veio até mim.

— O que houve?

— Eu… Frank… Os imperadores…

Foi tudo que consegui dizer. Não era bem uma narrativa, mas ela pareceu entender o recado.

Ela se inclinou até mergulhar o rosto na crina de Árion, se balançando e murmurando, fechando as mãos com força. Por fim ela se levantou. Respirou fundo, segurando o choro. Desceu de Árion, abraçou o pescoço do corcel e sussurrou algo no ouvido dele.

O cavalo assentiu. Hazel deu um passo para trás, e ele disparou — uma faixa branca em direção ao túnel Caldecott. Eu queria avisar a Hazel que não haveria nada a encontrar lá, mas não fiz isso. Tinha

aprendido um pouco mais sobre mágoa. O luto de cada pessoa tem uma vida única; precisa seguir seu caminho.

— Onde a gente encontra o Tarquínio? — perguntou ela.

Acho que o que queria dizer era: *Quem posso matar para me sentir melhor?*

Eu sabia que a resposta era *ninguém*. Mas não discuti. Como um tolo, eu os conduzi para a livraria para confrontar o rei dos mortos-vivos.

* * *

Dois *eurynomoi* estavam de guarda na entrada, então tudo indicava que Tarquínio já estava lá dentro. Rezei para que Tyson e Ella ainda estivessem na Colina dos Templos.

Com um gesto rápido, Hazel invocou duas pedras preciosas do solo: rubis? Opalas de fogo? Elas passaram por mim tão rápido que não tive certeza. Acertaram os ghouls bem entre os olhos, reduzindo os guardas a uma pilha de pó. Os unicórnios ficaram decepcionados — não só porque não puderam usar seus utensílios de combate mas também porque perceberam que entraríamos em uma porta pequena demais para eles.

— Vão encontrar outros inimigos — ordenou Meg. — Divirtam-se!

Os Cinco Unicórnios do Apocalipse comemoraram, empinando, então saíram para seguir a ordem de Meg.

Invadi a livraria, com Hazel e Meg logo atrás, e dei de cara com uma horda de mortos-vivos. *Vrykolakai* passeavam pelo corredor de lançamentos, talvez procurando o que havia de novidade em ficção sobre zumbis. Outros se batiam nas prateleiras de história, como se soubessem que pertenciam ao passado. Um ghoul se acocorava em uma poltrona confortável, babando ao folhear *O livro ilustrado dos urubus*. Outro estava agachado no segundo piso, mascando alegremente uma edição encadernada em couro de *Grandes esperanças*.

Já Tarquínio parecia ocupado demais para perceber nossa chegada. Estava de pé, de costas para nós, no balcão, gritando com o gato da livraria.

— Responda-me, criatura! — gritava o rei. — Onde estão os livros?

Aristófanes estava sentado na mesa, uma pata esticada para cima, lambendo tranquilamente suas partes — o que, até onde sei, era considerado falta de educação.

— Eu vou destruí-lo! — gritou Tarquínio.

O gato ergueu os olhos por um breve momento, sibilou, então voltou ao seu banho.

— Tarquínio, deixe ele em paz! — gritei, embora o gato não parecesse precisar da minha ajuda.

O rei se virou, e na mesma hora lembrei por que eu não deveria me aproximar dele. Uma onda imensa de náusea tomou conta de mim, me fazendo cair de joelhos. Minhas veias ardiam com veneno. Minha carne parecia estar virando do avesso. Nenhum zumbi me atacou. Eles só me encararam com seus olhos mortos e vazios, como se esperassem que eu colocasse uma etiqueta dizendo OLÁ, MEU NOME ERA APOLO e começasse a circular.

Tarquínio tinha caprichado no look para sua noitada especial. Usava uma capa vermelha mofada por cima da armadura corroída. Anéis dourados adornavam seus dedos de esqueleto. A coroa dourada delicada parecia ter sido polida recentemente, o que criava um contraste interessante com o crânio apodrecido. Tentáculos roxos neon e ensebados giravam em torno de seus membros, entrando e saindo das costelas e circulando os ossos do pescoço. Como seu rosto era só uma caveira, eu não tinha como saber se ele estava sorrindo, mas, quando falou, pareceu satisfeito em me ver.

— Ah, que bom! Matou os imperadores, não foi, meu fiel servo? Fale!

Eu não tinha desejo algum de falar nada para ele, mas uma pressão invisível esmagou meu diafragma, me forçando a expelir as palavras.

— Mortos. Estão mortos.

Tive que morder a língua para não completar com *senhor*.

— Excelente! — disse Tarquínio. — Tantas mortes maravilhosas hoje. E o pretor, Frank…?

— Não. — Hazel me empurrou para passar. — Tarquínio, não ouse dizer o nome dele.

— Rá! Morto, então. Excelente. — Tarquínio farejou o ar, gás roxo ondulando pelas narinas. — A cidade está fértil de medo. Agonia. Perda. Maravilha! Apolo, você é meu agora, é claro. Sinto seu coração dando as últimas batidas. E Hazel Levesque… sinto dizer, mas você terá que morrer por ter derrubado minha sala do trono em cima de mim. Um truquezinho *muito* sujo. Mas essa menina McCaffrey… Estou num humor tão bom que acho que vou deixá-la fugir para espalhar a notícia da minha grande vitória. Desde que, é claro, você coopere e explique… — ele indicou o gato — … o que isto significa.

— É um gato — falei.

Bom humor, sei. Tarquínio rosnou, e outra onda de dor transformou minha coluna em massinha de modelar. Meg agarrou meu braço antes que eu desse de cara no carpete.

— Deixe ele em paz! — gritou ela para o rei. — De jeito nenhum eu vou fugir.

— Onde estão os livros sibilinos? — Tarquínio exigiu saber. — Não são nenhum desses! — Ele indicou com um gesto de desdém as prateleiras, depois encarou com raiva Aristófanes. — E essa *criatura*

não fala! A harpia e o ciclope que estavam reescrevendo as profecias… Sinto o *cheiro* deles aqui, mas sumiram! Onde estão?

Agradeci em silêncio pela teimosia das harpias. Ella e Tyson ainda deveriam estar na Colina dos Templos esperando pela ajuda divina que não ia chegar.

Meg bufou.

— Você é burro demais para um rei. Os livros não estão aqui. Nem são livros!

Tarquínio encarou minha pequena mestra, então se virou para os seus zumbis.

— Que idioma ela está falando? Isso fez sentido para vocês?

Os zumbis o encararam, impassíveis. Os ghouls estavam ocupados demais lendo sobre urubus e comendo a obra prima de Charles Dickens.

Tarquínio me encarou de novo.

— O que a garota quis dizer? Onde estão os livros, e como assim não são livros?

Mais uma vez, senti meu peito se contrair. As palavras explodiram da minha boca:

— Tyson. Ciclope. Profecias tatuadas na pele. Está na Colina dos Templos com…

— Calado! — ordenou Meg.

Minha boca se fechou, mas era tarde demais. As palavras já tinham subido no telhado. A expressão era essa?

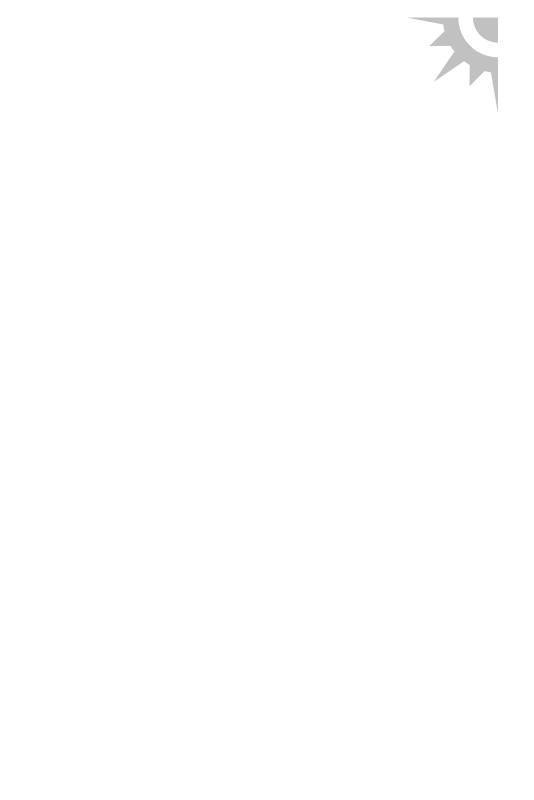
Tarquínio inclinou o crânio.

— A cadeira no quarto dos fundos… Sim. Sim, entendi agora. Que inteligente! Terei que manter a harpia viva para observar sua arte. Profecias na carne? Ah, eu consigo me virar com isso!

— Você nunca vai sair daqui — rosnou Hazel. — Minhas tropas estão acabando com seus últimos invasores. Somos só nós dois agora. E você está prestes a partir dessa para pior em pedacinhos.

Tarquínio soltou uma gargalhada aguda.

— Ah, querida. Você achou que *isso* era a invasão? Aquelas tropas eram só os meus arruaceiros, com a missão de manter vocês divididos e confusos enquanto eu vinha capturar os livros. Mas agora que sei onde estão, a cidade pode ser invadida de verdade! O restante do meu exército deve estar saindo dos seus esgotos… — ele estalou os dedos ossudos — … agora.

39

Capitão Cueca
Não aparece neste livro
Não tem contrato

ESPEREI PELOS SONS do combate recomeçando do lado de fora. A livraria estava tão silenciosa que quase dava para ouvir os zumbis respirarem.

Nova Roma continuou quieta.

— Agora! — repetiu Tarquínio, estalando os dedos ossudos de novo.

— Problemas de comunicação? — perguntou Hazel.

O rei morto-vivo sibilou.

— O que você fez?

— Eu? Nada… — Hazel puxou a espata. — Mas isso vai mudar agora.

Aristófanes atacou primeiro. É claro que o gato faria a luta girar em torno dele. Com um miado revoltado e nenhuma provocação aparente, a bola de pelo laranja gigante se jogou na cara de Tarquínio, cravando as unhas nas órbitas da caveira e chutando com as patas traseiras os dentes podres do rei. Tarquínio perdeu o equilíbrio com o ataque surpresa, gritando em latim, as palavras emboladas por causa das patas do gato na boca. E assim a Batalha da Livraria começou.

Hazel avançou na direção de Tarquínio. Meg pareceu aceitar que Hazel tinha preferência para atacar o vilão principal, considerando o que tinha acontecido com Frank, então se concentrou nos zumbis, usando as espadas gêmeas para perfurar, cortar e empurrá-los para a seção de não ficção.

Puxei uma flecha com a intenção de atirar no ghoul no mezanino, mas minhas mãos tremiam demais. Não conseguia me levantar. Minha visão estava desfocada e avermelhada. Além de tudo, percebi que tinha puxado a única flecha restante na minha aljava original: a Flecha de Dodona.

NÃO PODES DESISTIR, APOLO!, disse a flecha na minha mente. *NÃO TE ENTREGUES AO REI MORTO-VIVO!*

Em meio à neblina de dor, eu me perguntei se estava ficando doido.

— Isso é uma tentativa de discurso motivacional? — A ideia me fez dar uma risadinha. — Nossa, como estou cansado.

Caí de bunda no chão.

Meg passou por cima de mim e destroçou um zumbi que estava prestes a comer a minha cara.

— Valeu — murmurei, mas ela já tinha se afastado.

Os ghouls relutantemente interromperam sua leitura e começaram a se aproximar.

Hazel enfiou a espata em Tarquínio, que tinha acabado de tirar Aristófanes da cara. O gato berrou quando foi atirado para longe, mas conseguiu se segurar na beirada de uma estante e escalou as prateleiras até o topo do móvel. Ele me olhou lá de cima com uma expressão de superioridade nos olhos verdes, como quem dissesse: *Correu tudo conforme o plano.*

A Flecha de Dodona continuou falando na minha cabeça:

FIZESTE BEM, APOLO! TENS APENAS UM TRABALHO AGORA: NÃO MORRER!

— Mas esse é um trabalho muito difícil — resmunguei. — Odeio meu trabalho.

PRECISAS SOMENTE ESPERAR! SEGURAR AS PONTAS!

— Esperar o quê? — murmurei. — Segurar o quê? Ah, é… estou segurando você.

SIM!, disse a flecha. *SIM, FAZEI ISSO! FICAI COMIGO, APOLO. NEM OUSAI PENSAR EM MORRER, CARA!*

— Isso não é de um filme? — perguntei. — Tipo… de todos os filmes? Espera, você se importa se eu morrer?

— Apolo! — berrou Meg, atacando o zumbi que lia *Grandes esperanças*. — Se não vai ajudar, se importa de pelo menos se arrastar para algum canto mais seguro?

Eu queria obedecer. Queria mesmo. Mas minhas pernas não funcionavam.

— Ih, gente... — resmunguei para ninguém em específico. — Meus tornozelos estão ficando cinza. Epa. Minhas mãos também.

NÃO!, disse a flecha. *ESPERA!*

— Espera o quê?

CONCENTRA-TE EM MINHA VOZ. CANTEMOS UMA CANÇÃO! TU GOSTAS DE CANÇÕES, NÃO GOSTAS?

— “Sweet Caroline!” — comecei a cantarolar.

TALVEZ OUTRA CANÇÃO?

— PAM! PAM! PAM! — continuei.

A flecha cedeu e começou a cantar junto comigo, embora sempre acabasse ficando para trás, já que tinha que traduzir todas as letras para a linguagem antiga.

Então era assim que eu ia morrer: caído no chão de uma livraria, virando zumbi enquanto segurava uma flecha falante e cantava o maior sucesso de Neil Diamond. Nem as Parcas poderiam prever todas as maravilhas que o universo guardara para mim.

Por fim, minha voz morreu. Minha visão escureceu. Os sons do combate pareciam chegar às minhas orelhas por meio de longos tubos

de metal.

Meg fatiou o último servo de Tarquínio. *Isso é bom*, pensei, distante. Eu não queria que ela morresse também. Hazel enfiou a espada no peito de Tarquínio. O rei romano caiu, uivando de dor, arrancando o punho da espada das mãos de Hazel. Ele tombou no balcão de informações, segurando a lâmina com suas mãos esqueletais.

Hazel deu um passo para trás, esperando que o rei zumbi se desfizesse em pó. Em vez disso, Tarquínio se levantou com dificuldade, a nuvem roxa pulsando fracamente nas órbitas.

— Eu vivi milênios — rosnou ele. — Você não me matou com milhares de toneladas de rocha, Hazel Levesque. E não vai me matar com uma espada.

Achei que Hazel fosse voar para cima dele e arrancar o crânio com as próprias mãos. Sua raiva era tão palpável que dava para sentir o cheiro, como uma tempestade se aproximando. Espera… Eu estava *mesmo* sentindo o cheiro de uma tempestade se formando, junto com outros aromas: pinheiro, orvalho em flores silvestres, o hálito de cães de caça.

Um grande lobo prateado lambeu meu rosto. Lupa? Uma alucinação? Não… Uma matilha inteira de animais havia entrado na loja, cheirando as prateleiras e pilhas de pó de zumbi.

Atrás deles, na porta, havia uma menina de pé, aparentando uns doze anos, os olhos amarelo-prateados, o cabelo avermelhado preso num rabo de cavalo. Estava vestida para a caçada, com uma túnica cinza brilhosa e leggings, um arco branco na mão. Seu rosto era lindo, sereno e tão frio quanto a lua invernal.

Ela preparou uma flecha prateada e encarou Hazel, pedindo permissão para terminar aquilo. Hazel assentiu e saiu do caminho. A menina mirou em Tarquínio.

— Sua coisa morta-viva abominável — disse ela, a voz firme ecoando poder. — Quando uma mulher o derruba, é melhor ficar no chão.

Sua flecha se alojou no centro da testa de Tarquínio, partindo o crânio ao meio. O rei ficou rígido. Os tentáculos de fumaça roxa engasgaram e se dissiparam. Da ponta da flecha, uma onda de fogo prateado se espalhou pelo crânio e pelo corpo de Tarquínio, desintegrando-o por completo. Sua coroa dourada, a flecha prateada e a espada de Hazel caíram no chão.

Sorri para a recém-chegada.

— Oi, maninha.

Então caí para o lado.

O mundo ficou macio, alvo, sem cor. Nada doía mais.

Eu mal percebi o rosto de Diana acima de mim, Meg e Hazel me olhando por cima dos ombros da deusa.

— Ele está morrendo — disse Diana.

Então eu *morri*. Minha mente mergulhou numa poça de escuridão fria e pegajosa.

* * *

— Ah, não, nem pensar. — A voz rude da minha irmã me despertou.

Eu estava tão confortável, tão inexistente.

Senti a vida voltar com força — fria, clara e injustamente dolorosa. O rosto de Diana entrou em foco. Ela parecia irritada, o que era bem típico dela.

Quanto a mim, estava me sentindo surpreendentemente bem. A dor na barriga tinha sumido. Meus músculos não ardiam. Eu respirava sem dificuldade. Devia ter dormido por décadas.

— Por… por quanto tempo eu apaguei? — perguntei, com a voz rouca.

— Uns três segundos — respondeu ela. — Agora pode levantar, seu dramático.

Ela me ajudou a ficar de pé. Eu estava meio tonto, mas fiquei contente de ver que minhas pernas não tremiam mais. Minha pele não estava mais cinza. As linhas de infecção tinham sumido. A Flecha de Dodona ainda estava nas minhas mãos, embora estivesse quieta, talvez impressionada com a presença da deusa. Ou talvez ainda estivesse tentando tirar o gosto de “Sweet Caroline” de sua boca imaginária.

Meg e Hazel estavam por perto, esfarrapadas porém inteiras. Lobos cinzentos amigáveis caminhavam entre elas, batendo nas suas pernas e farejando seus sapatos, que obviamente tinham passado por muitos lugares interessantes nos últimos tempos. Aristófanes nos encarou de seu lugar no alto da estante, decidiu que não se importava e voltou a se lamber.

Eu sorri para a minha irmã. Era tão bom ver de novo sua careta de *Não-acredito-que-você-é-meu-irmão*.

— Te amo — falei, com a voz rouca de emoção.

Ela piscou, claramente sem saber o que fazer com a informação.

— Você mudou *mesmo*.

— Senti sua falta!

— Ah, s-sim, bem. Estou aqui agora. Nem nosso pai pôde contestar uma invocação sibilina na Colina dos Templos.

— Funcionou, então! — Eu sorri para Hazel e Meg. — Funcionou!

— É — respondeu Meg, cansada. — Oi, Ártemis.

— Diana — corrigiu minha irmã. — Mas olá, Meg. — Para ela, minha irmã sorriu. — Você se saiu muito bem, jovem guerreira.

Meg corou, chutou uma pilha de pó de zumbi no chão e deu de ombros.

— É.

Eu fui verificar minha barriga, o que foi fácil, já que minha camisa estava se desfazendo. O curativo tinha sumido, junto com a ferida infeccionada. Só restava uma cicatriz branca fininha.

— Então… estou curado?

Meus pneuzinhos provavam que ela não havia me devolvido minha antiga forma divina. Não, isso seria esperar demais.

Diana ergueu uma das sobrancelhas.

— Bem, eu não sou a deusa da cura, mas ainda sou uma deusa. Acho que consigo lidar com os machucadinhos do meu irmão caçula.

— *Caçula*? — falei.

Ela deu um sorrisinho, então se voltou para Hazel.

— E você, centuriã. Como está?

Hazel sem dúvida estava dolorida e cansada, mas ainda assim se ajoelhou e curvou a cabeça, como uma boa romana.

— Eu estou… — Hazel hesitou. Seu mundo tinha sido destruído. Ela havia perdido Frank. Aparentemente, ela decidiu não mentir para a deusa. — Estou devastada e exausta, senhora. Mas agradeço por ter vindo ao nosso auxílio.

A expressão de Diana se suavizou.

— Sim. Eu sei que foi uma noite difícil. Venha, vamos lá para fora. Está abafado aqui, e fedendo a ciclope queimado.

* * *

Os sobreviventes se reuniam pouco a pouco na rua. Talvez algum instinto os tivesse trazido ali, ao lugar da derrota de Tarquínio. Ou talvez eles simplesmente tivessem vindo admirar a biga prateada brilhante com quatro renas douradas estacionada em frente à livraria.

Águias gigantes e falcões de caça se empoleiravam nos telhados. Lobos passavam o tempo com Aníbal, o elefante, e os unicórnios de guerra. Legionários e cidadãos de Nova Roma circulavam, ainda em choque.

No fim da rua, em meio a um grupo de sobreviventes, estava Thalia Grace, com a mão no ombro da nova porta-estandarte da legião, reconfortando a moça que chorava. Thalia usava sua calça jeans preta de sempre, vários bótons de bandas punk adornando a lapela da jaqueta de couro. Uma tiara prateada, o símbolo da tenente de Ártemis, brilhava em meio ao cabelo preto arrepiado. Os olhos fundos e ombros caídos me fizeram suspeitar de que ela já soubesse da morte de Jason — talvez já há algum tempo, passada a primeira onda de luto.

Fui tomado pela culpa. Deveria ter sido eu a dar a notícia sobre Jason. Minha parte covarde sentiu alívio por não ter precisado lidar

com a raiva de Thalia. O restante de mim se sentiu horrível por me sentir aliviado.

Eu precisava falar com ela. Então outra coisa chamou minha atenção na multidão que observava a biga de Diana. Tinha mais gente na carruagem que no teto solar de uma limusine no Ano-novo. Entre elas, uma garota alta de cabelo cor-de-rosa.

Da minha boca escapou uma risada completamente inapropriada e contente.

— Lavínia?!

Ela olhou na minha direção e abriu um sorrisão.

— Esse negócio é *tão* maneiro! Nunca quero sair.

Diana sorriu.

— Bem, Lavínia Asimov, se você quiser ficar vai ter que se tornar uma Caçadora.

— Tô fora! — Lavínia pulou da biga como se as tábuas tivessem virado lava. — Sem querer ofender, senhora, mas gosto demais de meninas para fazer aquele voto. Tipo… *gosto* delas. Não só *gosto* delas. Tipo…

— Eu compreendo. — Diana suspirou. — Amor romântico. Que praga.

— Lavínia, como você… — gaguejei. — Onde você…?

— Essa jovem foi a responsável pela destruição da frota do Triunvirato — respondeu Diana.

— Bem, eu tive bastante ajuda.

— PÊSSEGO! — bradou uma voz abafada em algum lugar da biga.

Ele era tão pequeno que eu não tinha percebido que estava lá, escondido dentro da carruagem e da confusão de pessoas altas, mas Pêssego se enfiou por entre a multidão e pulou pela lateral da carruagem. Ele abriu seu sorriso maldoso. Sua fralda pesava. Suas asas de folhas se agitaram. Ele bateu no peito com seus punhos minúsculos, parecendo muito satisfeito consigo mesmo.

— Pêssego! — gritou Meg.

— PÊSSEGO! — concordou Pêssego, e se jogou nos braços de Meg.

Nunca houve reencontro mais sentimental entre uma menina e seu espírito de fruta. Houve lágrimas e risadas, abraços e arranhões, e gritos de “Pêssego!” em todos os tons, desde repreensão, passando por arrependimento e chegando a alegria.

— Não entendo — falei, me voltando para Lavínia. — *Você* fez os canhões darem problema?

Lavínia pareceu ofendida.

— Bom, sim. Alguém tinha que parar aqueles iates. Prestei bastante atenção nas aulas de armas de sítio e invasão de navio. Não foi tão difícil. Só precisei de uns truquezinhos.

Hazel finalmente conseguiu tirar o queixo do asfalto.

— Não foi tão *difícil*?!

— A gente estava motivado! Os faunos e as dríades trabalharam muito bem. — Ela parou, a expressão momentaneamente ficando sombria, como se lembrasse alguma coisa desagradável. — Hum… Além disso, as nereidas ajudaram bastante. Só havia uma pequena equipe a bordo de cada iate. Tipo, não pequenininha de verdade, mas… Vocês entenderam. Ah, olha só!

Ela apontou orgulhosamente para os pés que agora estavam adornados pelos sapatos de Terpsícore, da coleção particular de Calígula.

— Você preparou um ataque ousado à frota inimiga por causa de um par de sapatos — constatei.

Lavínia bufou.

— Não foi só pelos sapatos, óbvio. — Ela fez um pequeno número de sapateado que deixaria Savion Glover orgulhoso. — Foi também para salvar o acampamento, os espíritos da natureza, os soldados de Michael Kahale.

Hazel ergueu a mão para impedir que ela continuasse a cuspir tanta informação.

— Espera. Sem querer ser estraga-prazeres… Quer dizer, você foi ótima! Mas ainda assim abandonou seu posto, Lavínia. Eu certamente não dei permissão…

— Eu estava seguindo as ordens da pretora — disse Lavínia, toda cheia de si. — Na verdade, Reyna ajudou. Ela passou um tempo dormindo, se recuperando, mas acordou a tempo de nos dar um pouco do poder de Belona, logo antes de subirmos nos navios. Deixou a gente superforte e furtivo e tal.

— Reyna? — gritei. — Cadê ela?

— Bem aqui — respondeu a pretora.

Eu não tinha percebido o quanto sentia falta de vê-la. Ela estava bem à vista, entre o grupo de sobreviventes, conversando com Thalia. Acho que eu estava concentrado demais na irmã de Jason, me perguntando se ela ia ou não me matar e se eu merecia isso.

Reyna veio mancando, com a ajuda de muletas, a perna quebrada já engessada, o gesso coberto de assinaturas como *Felipe*, *Lotoya* e *Verruguento*. Considerando tudo que tinha passado, a pretora estava ótima, embora ainda tivesse um buraco no couro cabeludo devido ao ataque dos corvos e seu suéter marrom precisasse de alguns dias na lavanderia mágica.

Thalia sorriu, observando a amiga andar na nossa direção. Então ela me viu, e seu sorriso falhou. Sua expressão ficou séria. Ela assentiu rapidamente — não de forma hostil, só triste, demonstrando saber que precisaríamos conversar depois.

Hazel suspirou.

— Graças aos deuses. — Ela deu um abraço delicado em Reyna, com cuidado para não tirar o equilíbrio da amiga. — É verdade que Lavínia estava seguindo ordens suas?

Reyna deu uma olhada na nossa amiga de cabelo cor-de-rosa. A expressão dolorida da pretora dizia algo como: *Eu te respeito muito, mas também te odeio por estar certa.*

— Sim — Reyna conseguiu se forçar a dizer. — O Plano L foi minha ideia. Lavínia e seus amigos agiram segundo as minhas ordens. Foram heróis.

Lavínia sorriu, animada.

— Viu? Falei.

A multidão ao redor explodiu em sussurros, como se, depois de um dia cheio de loucuras, finalmente tivessem testemunhado algo impossível de explicar.

— Tivemos muitos heróis hoje — disse Diana. — E muitas perdas. Só sinto pelo fato de Thalia e eu não termos chegado antes. Só conseguimos encontrar com a equipe de Lavínia e Reyna depois que eles invadiram os barcos, para então destruirmos a segunda onda de mortos-vivos, que esperava nos esgotos. — Ela abanou a mão, como se aniquilar a força principal de ghouls e zumbis de Tarquínio só tivesse lhe ocorrido depois.

Pelos deuses, como eu sentia falta de ser um deus.

— Você também me salvou — falei. — Você está aqui. Está aqui *de verdade*.

Ela segurou minha mão e apertou. Sua pele parecia quente e humana. Não conseguia me lembrar da última vez que minha irmã havia demostrado afeição tão abertamente.

— Melhor não celebrarmos ainda — avisou ela. — Há muitos feridos. Os médicos do acampamento levantaram tendas do lado de fora da cidade. Vão precisar de todos os curandeiros, inclusive de você, irmão.

Lavínia fez uma careta.

— E vamos ter que fazer mais funerais. Deuses. Queria…

— Olhem! — gritou Hazel, a voz uma oitava mais alta que o normal.

Árion veio trotando colina acima, uma forma humana pesada pendurada no lombo.

— Ah, não.

Meu coração se apertou. Tive um flashback de Tempestade, o cavalo *ventus*, pousando o corpo de Jason na praia de Santa Mônica. Não, eu não conseguia olhar. Mas também não conseguia desviar os olhos.

O corpo no lombo de Árion estava imóvel e fumegante. Árion parou, e a figura escorregou para o chão. Mas não caiu.

Frank Zhang caiu de pé. Ele se virou para nós. O cabelo tinha sido queimado a ponto de só restar uma penugem preta. Suas sobrancelhas tinham desaparecido. As roupas tinham se desfeito, exceto a cueca e a capa de pretor, o que lhe conferia uma perturbadora semelhança ao Capitão Cueca.

Ele olhou em volta, os olhos distantes e desfocados.

— Oi, pessoal — falou, com a voz rouca.

E caiu de cara no chão.

40

Não me faz chorar
Canais lacrimais se foram
Quero uns novos

AS PRIORIDADES mudam quando você está levando um amigo para receber cuidados médicos.

Já não parecia tão importante que a gente tivesse vencido uma batalha importantíssima, ou que eu finalmente pudesse tirar “virar zumbi” da minha lista de afazeres. O heroísmo de Lavínia e seus novos sapatos de dança foram esquecidos momentaneamente. Não trocamos sequer uma palavra enquanto ela corria para ajudar, junto com todo o restante.

Deixei até de perceber que minha irmã, ao meu lado até um segundo antes, tinha desaparecido discretamente. Logo me vi gritando ordens para os legionários, mandando ralarem um pouco de chifre de unicórnio, arrumarem um pouco de néctar *para ontem*, e levarem Frank Zhang *agora, agora mesmo* para a tenda de atendimento médico.

Hazel e eu permanecemos à cabeceira de Frank até muito depois do amanhecer, muito depois de os médicos terem garantido que ele estava fora de perigo. Ninguém conseguia explicar como ele havia sobrevivido, mas sua pulsação estava forte, sua pele, incrivelmente intacta, e seus pulmões, ótimos. Os ferimentos de flecha no ombro e o golpe de adaga na barriga tinham dado mais trabalho, mas os médicos já tinham cuidado dos pontos e feito os curativos, e as feridas cicatrizariam bem. Frank teve um sono inquieto, murmurando e gesticulando como se ainda estivesse procurando uma garganta imperial para agarrar.

— Onde está o graveto? — perguntou Hazel, preocupada. — Será que é melhor a gente ir procurar? Pode ter se perdido no…

— Acho que não — falei. — Eu… eu vi a madeira queimar. Foi isso que matou Calígula. O sacrifício de Frank.

— Então, como…? — Hazel mordeu os nós dos dedos para segurar um soluço. Ela mal ousava fazer a pergunta. — Ele vai ficar bem?

Eu não sabia a resposta. Anos antes, Juno havia decretado que a vida de Frank estava ligada àquele graveto. Eu não estava presente, portanto não ouvi as palavras exatas — evito ficar na presença de Juno mais do que o necessário. Mas ela havia falado algo sobre Frank ser poderoso e trazer honra a sua família etc., embora sua vida fosse ser curta e brilhante. As Parcas haviam decretado que, quando aquele graveto queimasse, ele estaria destinado a morrer. Ainda assim, a

madeira havia sido consumida pelo fogo, e Frank continuava vivo. Depois de tantos anos mantendo aquele pedacinho de madeira em segurança, ele havia colocado fogo no graveto de propósito…

— Talvez seja isso — murmurei.

— O quê?

— Ele tomou o controle do próprio destino — expliquei. — A única outra pessoa que sei que passou pelo mesmo problema, hum, *madeireiro*, nos velhos tempos, foi um príncipe chamado Meléagro. A mãe dele recebeu a mesma profecia quando ele era bebê. Mas ela *nunca* contou para Meléagro sobre a história do graveto. Ela só escondeu e deixou o garoto viver a vida dele. Ele virou um pirralho mimado e arrogante.

Hazel segurou a mão de Frank.

— Frank nunca seria assim.

— Eu sei — falei. — De qualquer forma, Meléagro acabou matando vários parentes. A mãe dele ficou horrorizada, então pegou o graveto e jogou na lareira. *Bum*. Fim da história.

Hazel estremeceu.

— Que horror.

— A questão é que a família do Frank foi honesta com ele. A avó dele contou sobre a visita de Juno. Ela deixou que o neto carregasse a própria força vital. Não tentou protegê-lo da verdade, por mais difícil que fosse. Isso o tornou a pessoa que é.

Hazel assentiu lentamente.

— Ele sabia qual era seu destino. Ou qual *deveria ser* seu destino, de qualquer forma. Ainda não entendo como…

— É apenas uma suposição — admiti. — Frank entrou naquele túnel sabendo que poderia morrer. Ele se sacrificou por uma causa nobre. Ao fazer isso, libertou-se do seu destino. Ao queimar o graveto, ele meio que… não sei, criou um novo fogo. Está no comando do próprio destino agora. Bem, tanto quanto qualquer um de nós. A única outra explicação em que consigo pensar é que Juno talvez tenha libertado Frank do decreto das Parcas.

Hazel franziu a testa.

— Juno fazendo um favor para alguém?

— Não combina com ela, realmente. Mas Juno tem um carinho especial por Frank.

— Ela também tinha um carinho especial por Jason. — A voz de Hazel ficou rouca. — Não que eu esteja reclamando de Frank estar vivo, é claro. Só parece…

Nem era preciso terminar. O fato de Frank ter sobrevivido era incrível. Um milagre. Mas de alguma forma fazia a perda de Jason parecer ainda mais injusta e dolorosa. Como um ex-deus, eu conhecia todas as respostas comuns às reclamações dos mortais sobre as

injustiças da morte. *A morte faz parte da vida. Você precisa aceitar. A vida não teria significado sem a morte. Os mortos sempre estarão vivos enquanto nós nos lembrarmos deles.* Mas, enquanto mortal, enquanto amigo de Jason, eu não encontrava muito conforto nesses pensamentos.

— Hum...

Frank abriu os olhos.

— Ah!

Hazel envolveu o pescoço dele com os braços, sufocando-o num abraço. Essa não era a melhor indicação médica para alguém que recobrava a consciência, mas deixei passar. Frank conseguiu dar um tapinha fraco nas costas dela.

— Preciso... respirar — suspirou ele.

— Ah, desculpa! — Hazel se afastou, limpando uma lágrima da bochecha. — Aposto que você está com fome.

Ela pegou o cantil na mesa de cabeceira e o inclinou nos lábios dele. Frank tomou alguns goles dolorosos de néctar.

— Hum. — Ele assentiu para agradecer. — Então… está tudo… bem?

Hazel soluçou, quase chorando.

— Tá, tá tudo bem. O acampamento foi salvo. Tarquínio morreu. E você… você matou Calígula.

— Rá. — Ele deu um sorriso fraco. — O prazer foi todo meu. — Ele se virou para mim. — Perdi o bolo?

Fiquei olhando para ele sem entender.

— O quê?

— Seu aniversário. Ontem.

— Ah. Eu… eu tenho que admitir que me esqueci completamente disso. E do bolo.

— Então talvez ainda tenha um bolo. Que bom. Você se sente um ano mais velho, pelo menos?

— Definitivamente, sim.

— Você me assustou, Frank Zhang — disse Hazel. — Eu fiquei desesperada quando achei…

A expressão de Frank ficou envergonhada.

— Sinto muito, Hazel. Era só que… — Ele dobrou os dedos, como se tentasse pegar uma borboleta ligeira. — Era a única maneira. Ella me contou algumas linhas da profecia em particular… Explicou que só o fogo causado pelo graveto mais precioso poderia parar os imperadores na ponte até o acampamento. Imaginei que significasse o túnel Caldecott. Ella disse que Nova Roma precisava de um novo Horácio.

— Horácio Cocles — lembrei. — Cara bacana. Defendeu Roma sozinho contra um exército inteiro na ponte Sublício.

Frank assentiu.

— Eu... eu pedi para Ella não contar para mais ninguém. Eu só... Eu meio que tinha que processar tudo, lidar com aquilo sozinho por um tempo.

Sua mão foi instintivamente para a cintura, onde costumava ficar a bolsinha com o graveto.

— Você poderia ter morrido — disse Hazel.

— É. "A vida só é preciosa porque termina, garoto."

— É uma citação? — perguntei.

— Do meu pai — explicou ele. — É verdade. Eu só tinha que estar disposto a correr o risco.

Ficamos em silêncio por um momento, pensando na enormidade do risco que Frank tinha corrido, ou talvez só impressionados pelo fato de Marte ter falado alguma coisa sábia para variar.

— Como você sobreviveu ao fogo? — quis saber Hazel.

— Não sei. Lembro que vi Calígula queimar. Aí desmaiei, achei que estivesse morto. E acordei em cima do Árion. E agora estou aqui.

— Ainda bem. — Hazel deu um beijo carinhoso na testa dele. — Mas ainda vou te matar depois por me assustar desse jeito.

Ele sorriu.

— É justo. Posso...?

Talvez ele fosse falar *te beijar*, ou *beber mais néctar*, ou *ter um momento a sós com minha melhor amiga, Apolo*. Mas antes de terminar a frase, seus olhos se reviraram e ele começou a roncar.

* * *

Nem todas as minhas visitas aos leitos foram tão felizes.

Conforme a manhã passava, tentei ver todos os feridos que pude.

Às vezes eu não podia fazer nada além de assistir enquanto os corpos eram preparados com a poção antizumbi e recebiam os ritos finais. Tarquínio tinha sido exterminado, e seus ghouls pareciam ter virado pó também, mas ninguém queria arriscar.

Dakota, centurião de longa data da Quinta Legião, havia morrido durante a noite em decorrência dos ferimentos sofridos durante a luta em Nova Roma. Decidimos em consenso que a sua pira funerária teria cheiro de Tang.

Jacob, o antigo porta-estandarte da legião e meu antigo estudante de arquearia, morrera no túnel Caldecott ao ser atingido em cheio pelo ácido de um *myrmeko*. A águia dourada mágica tinha sobrevivido, como costuma acontecer com itens mágicos, mas não Jacob. Terrel, a moça que tinha resgatado o estandarte antes que caísse no chão, ficara ao lado de Jacob durante a sua morte.

Tantos outros tinham perecido. Eu reconhecia os rostos, mesmo que

não soubesse seus nomes. Me sentia responsável por cada um deles. Se eu pudesse ter feito mais, agido mais rápido, sido um pouco mais divino…

A visita mais difícil foi a Don, o fauno. Ele tinha sido trazido por um esquadrão de nereidas que o retirou dos escombros dos iates imperiais. Apesar do perigo, Don tinha ficado para trás para se certificar de que a sabotagem daria certo. Diferente de Frank, o pobre Don tinha sido destruído pelo fogo grego. A maior parte do pelo de cabra das pernas tinha desaparecido. A pele estava queimada. Apesar da melhor música curativa que seus amigos faunos poderiam oferecer, e apesar de estar coberto de gosma curativa brilhosa, ele devia estar sentido muita dor. Só seus olhos eram os mesmos: azuis e brilhantes, sempre inquietos.

Lavínia se ajoelhou ao lado dele, segurando a mão esquerda, que por algum motivo era a única parte intacta do seu corpo. Um grupo de dríades e faunos esperava por perto, junto com Pranjal, o curandeiro, que já tinha feito tudo o que podia.

Quando Don me viu, fez uma careta, os dentes sujos de cinzas.

— E… e aí, Apolo. Tem algum… trocado?

Eu pisquei para afastar as lágrimas.

— Ah, Don. Meu doce e estúpido fauno.

Eu me ajoelhei ao lado do leito dele, em frente a Lavínia, observando o horror do estado em que ele se encontrava, desesperadamente desejando encontrar algo para ajudar, algo que os outros médicos não tinham visto, mas é claro que não havia nada. O fato de Don estar vivo já era um milagre.

— Não está tão ruim — disse ele, com a voz rouca. — O doutor me deu alguma coisa para a dor.

— Refrigerante de cereja — disse Pranjal.

Eu assenti. Era realmente um analgésico poderoso para sátiros e faunos, que só podia ser usado nos casos mais sérios, pois havia o risco de viciar os pacientes.

— Eu só… Eu queria…

Don gemeu, os olhos ficando mais brilhantes.

— Recupere suas forças — pedi.

— Para quê? — Ele tossiu uma versão grotesca de uma risada. — Estava querendo te perguntar… dói? Reencarnar?

Meus olhos estavam nublados demais para que eu visse claramente.

— Eu… eu nunca reencarnei, Don. Quando me tornei humano, foi diferente, acho. Mas pelo que sei a reencarnação é tranquila. Bela.

As dríades e os faunos assentiram e concordaram em voz baixa, embora suas expressões fossem uma mistura de medo, tristeza e desespero, o que certamente não fazia deles bons vendedores do Grande Desconhecido.

Lavínia envolveu os dedos do fauno com as mãos.

— Você é um herói, Don. E um ótimo amigo.

— É… legal. — Ele parecia não conseguir encontrar o rosto dela. — Estou com medo, Lavínia.

— Eu sei, querido.

— Tomara que… Talvez eu volte como cicuta? Seria, tipo… uma planta bem herói de filme de ação, né?

Lavínia assentiu, o queixo tremendo.

— É. É, total.

— Legal… Ei, Apolo, você… você sabe a diferença entre um fauno e um sátiro…?

Ele abriu um sorriso, como se estivesse pronto para terminar a piada. Seu rosto se paralisou nessa expressão. Seu peito parou de se mover. Dríades e faunos começaram a chorar. Lavínia beijou a mão do fauno, então pegou um chiclete da bolsa e o guardou no bolso da camisa de Don respeitosamente.

Um momento depois, o corpo dele se desfez com um som parecido com um suspiro de alívio, formando uma pilha de terra fresca. No ponto em que seu coração estivera, uma mudinha surgia do solo. Imediatamente reconheci o formato daquelas folhinhas. Não era cicuta. Era um loureiro — a árvore que criei da pobre Dafne, cujas folhas decidi trançar em coroas. Louro, o símbolo da vitória.

Uma das dríades olhou para mim.

— Foi você que fez isso?

Balancei a cabeça e engoli o gosto amargo na boca.

— A única diferença entre um sátiro e um fauno é o que vemos neles. E o que eles veem em si mesmos. Plantem a árvore em um lugar especial. — Olhei para as dríades. — Cuidem dela e façam com que cresça bem e saudável. Esse era Don, o Fauno, um herói.

41

Pode me odiar
Sem soco no estômago
Melhor: sem soco

OS DIAS SEGUINTES foram quase tão difíceis quando a batalha em si. Guerras fazem uma bagunça horrível que simplesmente não dá para resolver com um esfregão e um balde.

Recolhemos os destroços e reforçamos os prédios mais atingidos. Apagamos incêndios, literais e metafóricos. Término havia sobrevivido à batalha, apesar de estar fraco e assustado. Seu primeiro anúncio foi que iria adotar oficialmente a pequena Julia. A garotinha parecia muito feliz, embora eu não tivesse certeza de como uma estátua podia adotar uma criança. Tyson e Ella estavam em segurança. Depois que Ella descobriu que eu não tinha estragado a invocação, anunciou que ela e Tyson iam voltar à livraria para limpar a bagunça, terminar os livros sibilinos e alimentar o gato, não necessariamente nessa ordem. Ah, e ela também ficou feliz de saber que Frank estava vivo. Quanto a mim… Tinha a sensação de que ainda estava em dúvida.

Pêssego nos deixou para ajudar as dríades e os faunos locais, mas nos prometeu que "pêssego", o que considerei significar que o veríamos de novo.

Com a ajuda de Thalia, Reyna conseguiu de alguma forma encontrar Um Olho Só e Orelhinhas, os pégasos maltratados da biga dos imperadores. Ela falou com eles numa voz bem calma, prometeu que seriam bem cuidados e os convenceu a voltar para o acampamento, onde passou a maior parte do tempo cuidando de suas feridas e dando bastante comida boa e passeando com eles ao ar livre. Os animais pareceram reconhecer que Reyna era amiga do seu padrinho imortal, o grande Pégaso. Depois do que tinham passado, eu duvidava de que eles confiassem em qualquer outra pessoa para cuidar deles.

Não contamos os mortos. Não eram números. Eram pessoas que conhecíamos, amigos com quem lutamos.

Acendemos as piras funerárias todas na mesma noite, na base do templo de Júpiter, e compartilhamos do banquete tradicional para os mortos, para mandar nossos camaradas caídos para o Mundo Inferior. Os Lares vieram em peso, até a colina se transformar em um campo brilhante roxo, com mais fantasmas que vivos.

Percebi que Reyna ficou para trás e deixou Frank guiar os ritos. O pretor Zhang havia recuperado as forças rapidamente. Com a

armadura completa e sua capa de pretor, ele fez sua homenagem enquanto os legionários ouviam com reverência e assombro, como se faz quando o orador se sacrificou numa explosão e depois, sabe-se lá como, conseguiu escapar com a cueca e a capa intactas.

Hazel também ajudou, caminhando pela multidão e abraçando quem chorava ou parecia assustado. Reyna permaneceu afastada, apoiada nas muletas, observando pensativa os legionários, como se fossem parentes que não via em uma década e já mal reconhecia.

Quando Frank terminou o discurso, uma voz ao meu lado falou:

— E aí?

Era Thalia Grace, usando sua tiara prata de sempre. À luz das piras funerárias, seus olhos azuis elétricos ficaram de um tom violeta penetrante. Nos últimos dias, a gente tinha conversado algumas vezes, mas só sobre coisas superficiais: para onde levar suprimentos, como ajudar os feridos. Tínhamos evitado *o assunto*.

— Oi — respondi, a voz rouca.

Ela cruzou os braços e encarou o fogo.

— Eu não culpo você, Apolo. Meu irmão… — Ela hesitou, controlando a respiração. — Jason fazia as próprias escolhas. Heróis precisam fazer isso.

De alguma maneira, ela não me culpar só fez com que eu me sentisse mais culpado e mais inútil. *Argh*, emoções humanas são que nem arame farpado. Não tem jeito seguro de senti-las ou superá-las.

— Sinto muito mesmo — falei, por fim.

— É, eu sei. — Ela fechou os olhos, como se ouvisse algum som distante, talvez um uivo de um lobo na floresta. — Eu recebi a carta da Reyna poucas horas antes de Diana receber sua invocação. Uma das *aurae*, uma daquelas ninfas da brisa, pegou a carta dos correios e me entregou pessoalmente. Foi superperigoso, mas ela fez isso mesmo assim. — Thalia cutucou um dos bótons na lapela da jaqueta: Iggy and the Stooges, uma banda mais velha que ela várias gerações. — A gente veio o mais rápido possível, mas ainda assim… Tive algum tempo para chorar e gritar e tacar umas coisas.

Permaneci bem quieto. Tinha memórias vívidas de Iggy Pop jogando manteiga de amendoim, cubos de gelo, melancias e outros objetos perigosos nos fãs durante os shows. E eu achava Thalia mais assustadora que ele.

— É tão cruel — continuou ela. — Nós perdemos alguém, aí, quando o recuperamos… perdemos de novo.

Fiquei me perguntando por que ela havia usado “nós”. Parecia dizer que eu e ela partilhávamos da experiência — a perda de um irmão. Mas ela sofrera muito mais. *Minha* irmã não podia morrer. Eu não a perderia jamais.

Então, após uns instantes de confusão, como se eu tivesse sido

virado do avesso, percebi que ela não estava falando de mim. Estava falando de Ártemis... Diana.

Será que ela estava sugerindo que minha irmã sentia minha falta, talvez tanto quando Thalia sentia falta de Jason?

Acho que ela compreendeu minha expressão.

— A deusa anda um pouco dividida — contou Thalia. — Tipo, literalmente. Às vezes ela fica tão preocupada que se divide nas duas formas, grega e romana, bem na minha frente. Provavelmente vai ficar chateada por eu te contar isso, mas ela te ama mais do que a qualquer outra pessoa no mundo.

Parecia que uma bola de golfe tinha ficado presa na minha garganta. Não consegui falar, então apenas assenti.

— Diana não queria ir embora do acampamento tão rápido — afirmou Thalia. — Mas sabe como é. Os deuses não podem ficar muito tempo. Quando o perigo em Nova Roma passou, ela não podia correr o risco de ficar além da invocação. Júpiter… Nosso pai não aprovaria.

Eu tremi. Como era fácil esquecer que Thalia *também* era minha irmã. E Jason, meu irmão. Antigamente, eu teria descartado a conexão. *São só semideuses*, eu diria. *Não são família de verdade*.

Agora eu tinha dificuldade para aceitar a ideia por outro motivo. Não me sentia digno dessa família. Ou do perdão de Thalia.

Com o tempo, a multidão começou a se dispersar. Romanos se afastavam em grupos de dois ou três, voltando para Nova Roma, onde uma reunião noturna especial ocorreria no Senado. Infelizmente, a população do vale havia sido reduzida a tal ponto que a legião inteira e todos os cidadãos de Nova Roma agora cabiam naquele prédio.

Reyna veio até nós com as muletas.

Thalia sorriu.

— Então, pretora Ramírez-Arellano, está pronta?

— Sim — respondeu Reyna sem hesitação, embora eu não soubesse para que ela estava pronta. — Você se importa se…?

Ela apontou a cabeça para mim.

Thalia apertou o ombro da amiga.

— Claro. A gente se vê no Senado.

E se afastou pela escuridão.

— Vamos, Lester. — Reyna deu uma piscadela. — Vem mancar comigo.

* * *

A parte de mancar não foi problema. Embora eu estivesse curado, ainda me cansava fácil. Não era problema nenhum andar no ritmo de Reyna. Os cães, Aurum e Argentum, não estavam com ela, percebi, talvez porque Término não aprovasse a presença de armas mortais nos

limites da cidade.

Seguimos devagar pela estrada da Colina dos Templos até Nova Roma. Outros legionários passavam bem longe de nós, aparentemente sentindo que tínhamos assuntos particulares para discutir.

Então Reyna me fez esperar até chegarmos à ponte que cruzava o Pequeno Tibre.

— Eu queria te agradecer.

Seu sorriso era igual ao que ela havia aberto na base da Torre Sutro, quando eu me ofereci para ser seu namorado. Isso tornou bem claro para mim o que ela queria dizer: não *Obrigada por ajudar a salvar o acampamento*, mas *Obrigada por aquela gargalhada gostosa*.

— Sem problema — resmunguei.

— Não estou falando de um jeito negativo. — Vendo minha expressão duvidosa, ela suspirou e encarou o rio escuro, a superfície prateada ondulando ao luar. — Não sei se consigo explicar. Eu passei a vida inteira lidando com as expectativas dos outros sobre quem eu deveria ser. *Seja assim. Seja assado*. Entende?

— Você está falando com um ex-deus. Lidar com as expectativas das pessoas está na descrição do trabalho.

Reyna assentiu.

— Por anos, eu tinha que ser uma boa irmã mais nova para Hylla numa situação familiar complicada. Depois, na ilha de Calipso, eu tinha que ser uma serva obediente. Aí fui pirata por um tempo. Depois, legionária. Agora, pretora.

— Você tem mesmo um currículo impressionante — admiti.

— Mas o tempo todo que passei sendo líder aqui — continuou ela —, eu estava procurando um parceiro. É comum pretores trabalharem em duplas. Para liderar, sim, mas também romanticamente, sabe? Pensei em Jason. Depois, por um segundo, Percy Jackson. Pelos deuses, eu até considerei o Octavian. — Ela estremeceu. — Todo mundo estava o tempo todo tentando me juntar com alguém. Thalia. Jason. Gwen. Até Frank. *Ah, vocês fariam um ótimo par! É dessa pessoa que você precisa!* Mas eu nunca tive certeza de que eu *queria* isso, ou se eu só achava que *tinha* que querer. As pessoas, com boas intenções, falavam: *Ah, pobrezinha. Você merece ter alguém. Saia com ele. Saia com ela. Saia com alguém. Encontre sua alma gêmea.*

Ela me olhou para ver se eu estava acompanhando. Suas palavras saíam rápido e sem pensar, como se tivessem ficado presas por muito tempo.

— E aquela conversa com Vênus. Aquilo me *destroçou*. *Nenhum semideus vai curar seu coração*. Caramba, o que *isso* significa, sabe? Aí, finalmente, você apareceu.

— A gente tem mesmo que passar por isso de novo? Eu já tive minha cota de humilhação.

— Mas você me *mostrou*. Quando você disse que queria sair comigo… — Ela respirou fundo, o corpo balançando com risadas silenciosas. — Ah, deuses. Eu vi como estava sendo ridícula. Como a situação toda era ridícula. Foi isso que curou meu coração: poder rir de mim mesma de novo, das minhas ideias idiotas sobre o destino. Isso permitiu que eu me libertasse, como Frank se libertou de sua maldição. Eu não preciso de outra pessoa para curar meu coração. Não preciso de um parceiro… Pelo menos não até eu estar pronta, do meu jeito. Não preciso ser empurrada para ninguém ou usar o rótulo de outra pessoa. Pela primeira vez em muito tempo, eu sinto como se tivesse tirado um peso dos ombros. Então… Obrigada.

— De nada?

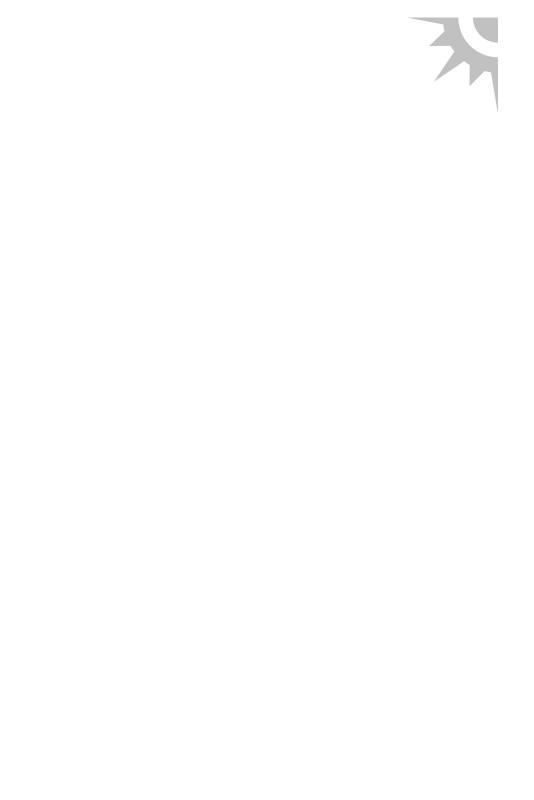
Ela riu.

— Mas você não entende? Vênus forçou você a fazer isso. Ela enganou você, porque sabia que é a única pessoa no cosmos inteiro com um ego grande suficiente para lidar com a rejeição. Eu poderia rir na sua cara, e você superaria.

— Hum... — Eu suspeitava de que ela tivesse razão sobre Vênus me manipular. Não tinha tanta certeza, porém, de que a deusa se importava com a minha volta por cima. — Então o que isso significa para você exatamente? O que a pretora Reyna vai aprontar agora?

Antes mesmo de terminar a pergunta, eu me dei conta de que já sabia a resposta.

— Vamos para o Senado — disse ela. — Temos algumas surpresas.

42

A vida muda
Aceite presentes e
Coma seu bolo

MINHA PRIMEIRA surpresa: um assento na primeira fileira.

Meg e eu recebemos lugares de honra junto aos senadores mais velhos, os cidadãos mais importantes de Nova Roma e os semideuses com dificuldade de locomoção. Quando Meg me viu, deu um tapinha no banco ao seu lado, como se eu tivesse a opção de me sentar em outro lugar. O lugar estava lotado. De alguma forma, era reconfortante ver todo mundo junto, mesmo que a população tivesse sido drasticamente reduzida e que o mar de bandagens brancas parecesse um campo nevado.

Reyna veio mancando salão adentro atrás de mim. Todos os presentes ficaram de pé e esperaram respeitosamente enquanto ela se dirigia ao seu lugar de pretora ao lado de Frank, que assentiu para a colega.

Quando ela se sentou, todos fizeram o mesmo.

Reyna acenou para Frank, como se dissesse: *Pode começar a diversão.*

— Então — começou Frank para o público. — Vou iniciar esta reunião do povo de Nova Roma e da Décima Segunda Legião. O primeiro tópico em pauta é um agradecimento formal a todos. Nossa vitória se deve ao esforço de toda a comunidade. Causamos perdas irreparáveis aos nossos inimigos. Tarquínio está morto, *de verdade* dessa vez. Dois dos três imperadores do Triunvirato foram destruídos, junto com sua frota e seus exércitos. Isso veio a um grande custo. Mas todos vocês agiram como verdadeiros romanos. Vivemos para ver um novo dia!

Houve aplausos, alguns acenos, e uns gritos de "É isso aí!" e "Um novo dia!". Um cara no fundo do salão, que não devia estar prestando muita atenção na última semana, perguntou:

— Quem é Tarquínio?

— Em segundo lugar — continuou Frank —, quero reafirmar a todos que estou vivo e bem. — Ele deu um tapinha no peito para comprovar. — Meu destino não está mais ligado a um graveto, o que é ótimo. E se vocês todos pudessem esquecer que me viram de roupa de baixo, eu ficaria muito agradecido.

Isso causou algumas risadas. Quem diria que Frank conseguia ser engraçado de propósito?

— Agora… — Sua expressão ficou séria. — É nosso dever informá-los de algumas mudanças na equipe. Reyna?

Ele olhou para a pretora com uma expressão confusa, como se estivesse na dúvida de que ela realmente faria aquilo.

— Obrigada, Frank.

Reyna se apoiou nas muletas e ficou de pé. De novo, todos na assembleia que podiam fazer o mesmo o fizeram.

— Pessoal. Por favor. — Ela abanou a mão, indicando que todos se sentassem. — Já é difícil o suficiente.

Quando todos se sentaram de novo, ela observou os rostos na multidão: muitas expressões tristes e apreensivas. Suspeito que muita gente já sabia o que ia acontecer.

— Fui pretora por muito tempo — começou Reyna. — Foi uma honra servir à legião. Passamos por alguns momentos difíceis juntos. Alguns anos… interessantes.

Algumas risadas nervosas. *Interessante* não era bem a palavra.

— Mas está na hora de eu me afastar — continuou ela. — Então estou me aposentando do posto de pretora.

Um gemido de descrença atravessou o público, como se o professor tivesse passado dever de casa extra.

— É por razões pessoais — continuou Reyna. — Tipo, minha sanidade, por exemplo. Preciso de um tempo para ser simplesmente Reyna Avila Ramírez-Arellano, para descobrir quem sou fora da legião. Pode levar alguns anos, décadas, ou até séculos. Então… — Ela tirou a capa e o broche de pretora e os entregou para Frank. — Thalia?

Thalia Grace atravessou o corredor central, piscando para mim ao passar.

Ela parou na frente de Reyna e disse:

— Repita o que eu disser: *Eu me comprometo com a deusa Diana. Dou as costas para a companhia dos homens, aceito a virgindade eterna e me junto à Caçada.*

Reyna repetiu as palavras. Nada mágico que eu conseguisse perceber aconteceu: não houve trovões ou raios, nem uma chuva de glitter prateado caindo do teto. Mas Reyna parecia ter recebido uma extensão na vida, o que era o caso — anos infinitos, sem juros nem entrada.

Thalia apertou o ombro da amiga.

— Bem-vinda à Caçada, irmã!

Reyna sorriu.

— Obrigada. — Ela encarou a multidão. — E obrigada a todos. Vida longa a Nova Roma!

Os presentes ficaram de pé novamente e aplaudiram Reyna, gritando e batendo os pés com tamanha alegria que temi que o domo

preso à base de *silver tape* fosse cair em nossa cabeça.

Por fim, quando Reyna estava sentada na primeira fileira com sua nova líder, Thalia (que ocupara o assento de dois senadores que ficaram mais que satisfeitos de ceder o lugar), a atenção de todos se voltou para Frank.

— Bem, pessoal. — Ele estendeu os braços — Eu poderia passar o dia inteiro agradecendo a Reyna. Ela ofereceu tanto à legião. Foi a melhor mentora possível, e uma boa amiga. Ela nunca poderá ser substituída. Por outro lado, agora estou sozinho aqui em cima, e temos uma vaga de pretor aberta. Então eu gostaria de receber algumas indicações para…

Lavínia começou a gritar:

— HA-ZEL! HA-ZEL!

A multidão logo se juntou a ela. Hazel arregalou os olhos e tentou resistir quando as pessoas sentadas ao seu redor a fizeram se levantar, mas seu fã-clube da Quinta Coorte evidentemente havia se preparado para essa possibilidade. Um deles trouxe um escudo, sobre o qual colocaram Hazel, e então a carregaram pelo corredor do Senado, exibindo-a e gritando seu nome sem parar. Reyna aplaudiu e gritou junto, sem hesitar. Só Frank tentou permanecer neutro, embora tivesse que esconder o sorriso por trás do punho.

— Tudo bem, calma! — gritou ele, por fim. — Temos uma indicação. Alguém mais…?

— HAZEL! HAZEL!

— Alguma objeção?

— HAZEL! HAZEL!

— Então vou reconhecer a vontade da Décima Segunda Legião. Hazel Levesque, a partir de agora você é a nova pretora do Acampamento Júpiter!

Mais comemorações enlouquecidas. Hazel parecia confusa ao receber a capa e o broche de Reyna e ao ser levada ao seu lugar.

Vendo Frank e Hazel lado a lado, tive que sorrir. Eles pareciam tão *certos* juntos — sábios, fortes e corajosos. Os pretores perfeitos. O futuro de Nova Roma estava em boas mãos.

— Obrigada — Hazel conseguiu dizer depois de algum tempo. — Vou fazer tudo que puder para provar que sou merecedora da sua confiança. Mas temos um problema. Isso deixa a Quinta Coorte sem centurião, então…

A Quinta Coorte inteira começou a gritar em uníssono:

— LAVÍNIA! LAVÍNIA!

— Vocês estão de brincadeira? Gente, eu… — disse a menina.

— Lavínia Asimov! — Hazel disse com um sorriso. — A Quinta Coorte leu minha mente. Meu primeiro ato como pretora é, pelo seu heroísmo ímpar na Batalha da Baía de São Francisco, promovê-la a

centuriã… A não ser que meu colega pretor tenha alguma objeção.

— Nenhuma — respondeu Frank.

— Então aproxime-se, Lavínia!

Com mais aplausos e assobios, Lavínia se aproximou da tribuna e recebeu seu novo broche. Depois abraçou Frank e Hazel, o que não fazia parte do protocolo militar, mas ninguém pareceu se importar. Ninguém aplaudiu ou assobiou mais alto que Meg; sei disso porque ela me deixou surdo de um ouvido.

— Valeu, pessoal — falou Lavínia. — Então, Quinta Coorte, primeiro a gente vai aprender a sapatear. Aí…

— Obrigada, centuriã — interrompeu Hazel. — Pode se sentar.

— O quê? Eu estou falando sério…

— Próximo item da reunião! — disse Frank, enquanto Lavínia saltitava irritada (se é que isso é possível) de volta ao seu lugar. — Sabemos que a legião vai precisar de tempo para se recuperar. Temos muito a fazer. Este verão será dedicado à reconstrução. Vamos falar com Lupa sobre encontrar novos recrutas assim que possível, para podermos sair dessa batalha mais fortes que nunca. Mas, por enquanto, a batalha foi vencida, e temos que honrar duas pessoas que tornaram isso possível: Apolo, também conhecido como Lester Papadopoulos, e sua amiga, Meg McCaffrey!

As pessoas aplaudiram tanto que duvido que muita gente tenha ouvido Meg dizer:

— Amiga, não. Mestre.

Por mim, tudo bem.

Quando nos levantamos para receber o agradecimento da legião, me senti estranhamente desconfortável. Agora que finalmente tinha uma plateia amigável me aplaudindo, só queria cobrir minha cabeça com uma toga. Eu tinha feito tão pouco comparado a Hazel, Reyna ou Frank, e isso sem mencionar todos que tinham morrido: Jason, Dakota, Don, Jacob, a Sibila, Harpócrates… e dezenas mais.

Frank ergueu a mão, pedindo silêncio.

— Eu sei que vocês dois têm outra missão longa e difícil pela frente. Ainda tem mais um imperador que precisa receber um bom chute no *podex*.

Enquanto as pessoas riam, eu desejei que nossa próxima missão fosse tão fácil quanto Frank fazia parecer. O *podex* de Nero, sim… mas também havia a pequena questão de Píton, meu antigo inimigo imortal, no momento ocupando meu antigo lugar sagrado, Delfos.

— E pelo que entendi — continuou Frank —, vocês dois decidiram partir pela manhã.

— *Decidimos?*

Minha voz falhou. Eu tinha imaginado uma ou duas semanas descansando em Nova Roma, aproveitando os banhos termais, talvez

assistindo a uma corrida de bigas.

— *Shh* — ordenou Meg, e eu me calei na mesma hora. — Sim, decidimos.

Isso não me fez sentir melhor.

— Além disso — completou Hazel —, sei que vocês dois estão planejando visitar Ella e Tyson pela manhã para receber ajuda profética para a próxima etapa da missão.

— *Estamos?* — questionei.

Eu só conseguia pensar em Aristófanes lambendo suas partes íntimas.

— Mas esta noite — continuou Frank — queremos honrar o que vocês dois fizeram pelo acampamento. Sem sua ajuda, o Acampamento Júpiter não existiria mais. Então gostaríamos de dar esses presentes a vocês.

Dos fundos, o senador Larry veio pelo corredor carregando uma grande bolsa de esqui. Fiquei me perguntando se a legião tinha planejado para a gente uma semana de férias esquiando no lago Tahoe. Larry chegou à tribuna e largou a bolsa no chão, então remexeu lá dentro até tirar o primeiro presente e me entregá-lo com um sorriso.

— É um arco novo!

Larry tinha um grande potencial para apresentador de programa de auditório.

Meu primeiro pensamento foi: *Ah, legal. Preciso mesmo de um arco novo.*

Então olhei a arma nas minhas mãos com mais atenção e dei um gritinho de surpresa.

— Isso é meu!

Meg bufou.

— Claro que é. Acabaram de te dar.

— Não, estou dizendo que é *meu-meu*! Originalmente meu, de quando eu era um deus!

Ergui o arco para a admiração de todos: era uma obra de arte, feita de carvalho dourado, com vinhas em ourivesaria que brilhavam sob a luz como se fossem de fogo. A curva firme do arco zumbia com poder. Se eu me lembrava bem, a corda era feita de bronze celestial e fios dos teares das Parcas (que, minha nossa, de onde será que tinham vindo? Eu certamente não havia roubado). O arco era leve como uma pena.

— Isso está na sala de tesouro faz séculos — explicou Frank. — Ninguém consegue atirar com ele. É pesado demais. Pode acreditar, eu teria usado se pudesse. Como tinha sido um presente seu para a legião, pareceu correto devolver. Como sua força divina está retornando, imaginamos que você não terá problemas em usá-lo.

Eu nem sabia o que dizer. Em geral eu era contra repassar

presentes, mas nesse caso fiquei boquiaberto de gratidão. Não me lembrava de quando ou do porquê eu dera aquele arco à legião — por séculos eu distribuía arcos assim, como se fossem brindes de festa —, mas sem dúvida fiquei feliz de recuperá-lo. Puxei a corda sem nenhuma dificuldade. Ou minha força era mais divina do que eu imaginava, ou o arco me reconheceu como seu dono. Ah, sim. Eu faria um bom estrago com aquela belezinha.

— Obrigado — falei.

Frank sorriu.

— Só é uma pena que não tenhamos nenhum ukulele de combate nos nossos cofres.

Das arquibancadas, Lavínia reclamou:

— E eu tinha mandado consertar o dele!

— Mas… — disse Hazel, fazendo questão de ignorar o comentário da nova centuriã — … nós temos um presente para Meg.

Larry remexeu no saco do Papai Noel de novo e tirou uma bolsinha de seda preta do tamanho de um baralho. Resisti à vontade de gritar: *Rá! Meu presente é maior!*

Meg abriu a bolsinha, deu uma olhada no que havia dentro e exclamou:

— Sementes!

Essa não teria sido a minha reação, mas ela pareceu genuinamente contente.

Leila, filha de Ceres, gritou da plateia:

— Meg, essas são antiquíssimas. A gente reuniu todos os jardineiros do acampamento e recolheu para você o que conseguimos encontrar nos depósitos da estufa. Sinceramente, não fazemos ideia do que essas sementes são, mas acho que você vai se divertir descobrindo! Espero que você use todas elas contra o último imperador.

Meg parecia sem palavras. Seu queixo tremeu. Ela assentiu em agradecimento.

— Tudo bem, então! — concluiu Frank. — Sei que a gente já se fartou no funeral, mas precisamos comemorar a promoção de Hazel e de Lavínia, desejar boa sorte para Reyna na sua nova aventura e nos despedir de Apolo e Meg. E, é claro, temos um bolo de aniversário atrasado para Lester! Festa no refeitório!

43

Hum, loja nova!
Viagem ao Inferno grátis!
E um bolinho!

NÃO SEI QUAL despedida foi mais difícil.

Assim que o sol nasceu, Hazel e Frank nos encontraram no café para um agradecimento final, depois partiram para despertar a legião. A ideia era voltar logo ao trabalho para consertar o que fosse necessário no acampamento, e assim distrair a mente das pessoas das perdas sofridas antes que o choque se abatesse. Vê-los se afastar juntos pela Via Praetoria me deixou com uma certeza cálida de que a legião teria uma nova era de ouro. Como Frank, a Décima Segunda Legião Fulminata ressurgiria das cinzas, com sorte não de cueca.

Minutos depois, Thalia e Reyna apareceram com a matilha de lobos cinzentos, os galgos metálicos e seus dois pégasos resgatados. A partida delas me entristeceu tanto quanto a da minha irmã, mas eu compreendia os hábitos das Caçadoras. Estavam sempre em movimento.

Reyna me abraçou mais uma vez.

— Mal posso esperar por umas longas férias.

Thalia riu.

— Férias? Rá, rá, rá. Sinto muito informá-la, mas a gente tem muito trabalho a fazer! Estamos procurando a Raposa de Têumesso pelo Meio-Oeste faz meses, e até agora sem sucesso.

— Exatamente — concordou Reyna. — Férias. — Ela deu um beijo na testa de Meg. — Não deixa o Lester sair da linha, hein? Se não ele vai ficar todo metido só porque ganhou um arco novo.

— Pode deixar — respondeu Meg.

Infelizmente, eu não tinha motivo para duvidar dela.

Quando Meg e eu deixamos o café pela última vez, Bombilo começou a chorar. Por trás da aparência carrancuda, o barista de duas cabeças tinha um coração mole. Ele nos deu vários bolinhos, um saco de café em grãos e nos mandou embora antes que ele começasse a chorar de novo. Eu levei os bolinhos. Meg, que os deuses me ajudem, pegou o café.

Lavínia nos esperava no portão do acampamento, mascando chiclete enquanto polia seu novo broche de centuriã.

— Fazia anos que eu não acordava tão cedo assim — reclamou ela. — Vou odiar esse trabalho.

O brilho nos seus olhos nos dizia outra coisa.

— Você vai se dar muito bem — afirmou Meg.

Quando Lavínia se abaixou para abraçá-la, percebi uma mancha vermelha de alergia descendo pela bochecha esquerda e pelo pescoço da srta. Asimov, apesar da tentativa malsucedida de disfarçá-la com maquiagem.

Pigarreei e falei:

— Será que você escapuliu ontem à noite para encontrar Carvalho Venenoso?

Lavínia corou, toda fofa.

— E daí? Descobri que meu novo cargo de centuriã me torna *muito* atraente.

Meg pareceu preocupada.

— Você vai ter que investir em antialérgicos se quiser sair com ela de novo.

— Ah, nenhum relacionamento é perfeito — comentou Lavínia. — Pelo menos com ela eu já conheço os problemas logo. A gente vai dar um jeito.

Eu não tinha dúvidas de que ela conseguiria. Ela me abraçou e bagunçou meu cabelo.

— É melhor você voltar para me ver. E não morra. Vou chutar sua bunda com os meus novos sapatos de sapateado se você morrer.

— Entendido.

Ela fez mais um passinho de sapateado, acenou para nós: *É com vocês*, e saiu correndo para reunir a Quinta Coorte para um longo dia de ensaios.

Ao vê-la se afastar, fiquei impressionado ao pensar em quanta coisa tinha acontecido com todos nós desde que Lavínia Asimov nos levara ao acampamento, poucos dias antes. Derrotamos dois imperadores e um rei, que teria sido uma boa mão mesmo no mais desafiador jogo de pôquer. Libertamos as almas de um deus e de uma Sibila. Salvamos um acampamento, uma cidade e um lindo par de sapatos. Principalmente, eu tinha visto minha irmã, e ela me deixara novo em folha — ou pelo menos fizera o melhor que podia por Lester Papadopoulos. Como Reyna diria, a gente tinha adicionado muitos itens à nossa coluna de “coisas boas”. Agora Meg e eu embarcaríamos no que poderia ser nossa última missão, com altas expectativas e muito esperançosos… ou pelo menos descansados e levando vários bolinhos.

Fizemos uma última caminhada até Nova Roma, onde Tyson e Ella nos esperavam. Na entrada da livraria, uma placa recém-pintada declarava: LIVROS DO CICLOPE.

— Oba! — gritou Tyson quando entramos. — Venham! A abertura é hoje!

— *Inauguração* — corrigiu Ella, ajeitando um prato de bolinhos e

vários balões no balcão. — Bem-vindos à Livros do Ciclope, Profecias e Gato Laranja.

— Isso tudo não cabia na placa — explicou Tyson.

— Deveria caber na placa — retrucou Ella. — A gente precisa de uma placa maior.

Em cima da registradora antiquada, Aristófanes bocejou como se não se importasse. Estava usando um chapeuzinho de festa, e sua expressão deixava claro: *Só estou usando isso porque semideuses não têm celulares nem Instagram.*

— Os clientes podem receber profecias para suas missões! — explicou Tyson, apontando para o próprio peito, ainda mais coberto de versos sibilinos. — Também podem comprar os últimos lançamentos!

— Eu recomendo o *Almanaque do Velho Fazendeiro,* de 1924 — falou Ella. — Quer um exemplar?

— Ah… talvez na próxima. Falaram que você tem uma profecia para a gente?

— É, é.

Ella passou a ponta dos dedos pelas costelas de Tyson, procurando os versos corretos. O ciclope sentiu cosquinhas e caiu na risada.

— Aqui — disse Ella. — Na área do baço.

Incrível, pensei. A Profecia do Baço do Ciclope.

Ella leu em voz alta:

— *Ó, filho de Zeus, enfrente teu desafio final*

Na torre de Nero subirão dois somente

Do teu lugar arranque o usurpador animal.

Eu esperei.

Ela balançou a cabeça.

— É só isso mesmo.

E voltou para arrumar os bolinhos e os balões.

— Não pode ser — reclamei. — Isso não faz sentido poético. Não é um haicai. Não é um soneto. Não é… Ah!

Meg estreitou os olhos.

— Quê?

— Na verdade, eu deveria dizer: *Ah, não.* — Eu me lembrei de um rapaz sério que conheci na Florença medieval. Fazia muito tempo, mas eu nunca esquecia aqueles que criavam novos tipos de poesia. — É uma *terza rima*.

— Quem?

— Foi um estilo inventado por Dante. No *Inferno*. Três linhas. A primeira e a terceira rimam. A do meio rima com a primeira linha da *próxima* estrofe.

— Não entendi — falou Meg.

— Quero um bolinho — anunciou Tyson.

— *Final* e *animal* rimam — expliquei para Meg. — A linha do meio termina com *somente*. Isso nos diz que, quando encontrarmos a próxima estrofe, a primeira e a terceira terão que rimar com *somente*. A *terza rima* é uma sequência infinita de estrofes, todas conectadas.

Meg franziu a testa.

— Mas *não* tem estrofe seguinte.

— Não aqui — concordei. — O que significa que deve estar em algum lugar por aí… — Fiz um gesto vago para o leste. — Nossa missão vai ser uma caça ao tesouro por mais estrofes. Este é só o ponto de partida.

— Hum...

Como sempre, Meg resumiu nosso problema perfeitamente. Era bem *hum* mesmo. Eu também não gostava do fato de que nosso novo esquema de versos da profecia tinha sido inventado para descrever uma descida ao inferno.

— "Torre de Nero" — disse Ella, ajustando os balões. — Nova York, aposto. É.

Tive que me segurar para não gemer.

A harpia estava certa. A gente teria que voltar para onde meus problemas começaram — Manhattan, onde ficava o arranha-céu chique do quartel-general do Triunvirato. Depois disso, eu teria que enfrentar o animal usurpador. Eu suspeitava que aquele verso não se tratasse do alter ego de Nero, o Besta, e sim de Píton, uma serpente de verdade, e meu inimigo ancestral. Como eu ia chegar ao seu ninho em Delfos, quanto mais derrotá-lo, eu não tinha ideia.

— Nova York.

Meg trincou os dentes. Eu sabia que esse seria um terrível retorno para ela, voltando à casa de horrores do seu pai adotivo, onde sofreu abusos emocionais por anos. Eu gostaria de poder poupá-la dessa dor, mas suspeitava de que Meg sabia desde sempre que esse dia chegaria e, como a maior parte dos sofrimentos que enfrentou, não havia escolha a não ser… bem, enfrentá-los.

— Certo — disse Meg, decidida. — Como vamos chegar lá?

— Ah! Ah! — Tyson ergueu a mão, a boca toda lambuzada de cobertura dos bolinhos. — Eu iria de foguete!

Eu fiquei olhando para ele.

— Você *tem* um foguete?

Sua expressão se desanimou.

— Não.

Olhei pelas janelas da livraria. Ao longe, o sol se erguia acima do Monte Diablo. Nossa jornada de mil quilômetros não começaria com um foguete, então teríamos que encontrar outro jeito. Cavalos? Águias? Um carro automático programado para não cair de viadutos? A gente teria que confiar nos deuses e torcer para ter sorte. (Pode

incluir um *HA-HA-HA-HA-HA-HA-HA-HA-HA* aqui.) E talvez, se a gente fosse extremamente sortudo, poderíamos pelo menos ligar para nossos velhos amigos no Acampamento Meio-Sangue quando chegássemos em Nova York. Essa ideia me encheu de coragem.

— Vamos, Meg — falei. — Temos um longo caminho pela frente. Precisamos arrumar uma carona.

GUIA PARA ENTENDER APOLO

ab urbe condita **—** latim para *a partir da fundação da cidade*. Por um tempo, os romanos usavam a sigla AUC para marcar os anos desde a fundação de Roma

Acampamento Júpiter — campo de treinamento para semideuses romanos localizado entre as Oakland Hills e as Berkeley Hills, na Califórnia

Acampamento Meio-Sangue — campo de treinamento para semideuses gregos localizado em Long Island, Nova York

Afrodite — deusa grega do amor e da beleza. Forma romana: Vênus

Águia da Décima Segunda — estandarte do Acampamento Júpiter, uma estátua dourada de uma águia no topo de um poste, simbolizando Júpiter

Aquiles — herói grego da Guerra de Troia; guerreiro quase invulnerável que derrotou o herói troiano Heitor fora das muralhas de Troia e então arrastou seu corpo com a biga

Ares — deus grego da guerra; filho de Zeus e Hera e meio-irmão de Atena. Forma romana: Marte

Argentum **—** latim para *prata*; nome de um dos greyhounds mecânicos de Reyna que são capazes de detectar mentiras

Argo II — trirreme voador construído pelo chalé de Hefesto no Acampamento Meio-Sangue para levar os semideuses da Profecia dos Sete até a Grécia

Ártemis — deusa grega da caça e da lua; filha de Zeus e Leto e irmã gêmea de Apolo. Forma romana: Diana

Atena — deusa grega da sabedoria. Forma romana: Minerva

aura **(*aurae*, pl.) —** espírito do ar

Aurum **—** latim para *ouro*; nome de um dos greyhounds mecânicos de Reyna que são capazes de detectar mentiras

ave **—** latim para *viva*, um cumprimento romano

Baco — deus romano do vinho e da orgia; filho de Júpiter. Forma grega: Dioniso

balista — arma romana que dispara projéteis grandes em alvos distantes

Belona — deusa romana da guerra; filha de Júpiter e Juno

Benito Mussolini — político italiano que se tornou líder do Partido Nacional Fascista, uma organização paramilitar. Governou a Itália de 1922 a 1943, como primeiro-ministro e depois ditador

blemmyae **—** criaturas sem cabeça e cujo rosto se localiza no peito

Bosque de Dodona — local de um dos oráculos gregos mais antigos,

posterior apenas ao Oráculo de Delfos. O movimento das folhas das árvores no bosque oferecia respostas a sacerdotes e sacerdotisas que o visitavam. O bosque é localizado na floresta do Acampamento Meio-Sangue e só pode ser acessado através do ninho de *myrmekos*

Britomártis — deusa grega das redes de caça e de pescaria. Seu animal sagrado é o grifo

bronze celestial — metal poderoso e mágico usado para criar armas portadas pelos deuses gregos e seus filhos semideuses

***cacaseca* —** cocô seco

Calígula — apelido do terceiro dos imperadores de Roma, Caio Júlio César Augusto Germânico, famoso por sua crueldade e carnificina durante os quatro anos em que governou, de 37 d.C. a 41 d.C. Foi assassinado por um de seus guardas

Calígula Nero — imperador romano de 54 d.C a 68 d.C. Mandou matar a mãe e a primeira esposa. Muitos acreditam que foi o responsável por iniciar um incêndio que destruiu Roma, mas culpou os cristãos, a quem condenava à morte e queimava em cruzes. Ele construiu um palácio novo e extravagante na área destruída e perdeu apoio quando os gastos da construção o obrigaram a aumentar os impostos. Cometeu suicídio

Campo de Marte — parte campo de batalha, parte área recreativa, o lugar em que treinos e jogos de guerra acontecem no Acampamento Júpiter

Campos Elísios — paraíso para o qual os heróis gregos eram enviados quando os deuses lhes ofereciam imortalidade

Casa do Senado — prédio no Acampamento Júpiter em que os senadores se encontram para discutir questões como que missões devem ser perseguidas ou se uma guerra deve ser declarada

centurião — oficial do Exército romano

charme — um poder raro de hipnotismo que alguns filhos de Afrodite possuem

Cícero — político romano renomado por seus discursos

Ciclopes — raça primordial de gigantes que tem um único olho no meio da testa

cinocéfalo — ser com corpo humano e cabeça de cachorro

Circus Maximus — um estádio criado para corridas de biga e de cavalo

***cloaca maxima* —** latim para *maior esgoto*

***clunis* —** latim para *bunda*

Colina dos Templos — local afastado dos limites da cidade de Nova Roma onde ficam todos os templos para os deuses

Coliseu — um anfiteatro elíptico construído para lutas de gladiador, simulações de monstros e falsas batalhas navais

Cômodo — Lúcio Aurélio Cômodo era filho do imperador romano Marco Aurélio. Tornou-se coimperador aos dezesseis anos e imperador aos dezoito, quando o pai morreu. Governou de 177 d.C. a 192 d.C. e era megalomaníaco e cruel; considerava-se o Novo Hércules e gostava de matar animais e de lutar com gladiadores no Coliseu

coorte — grupo de legionários

Corônis — filha de um rei; uma das namoradas de Apolo, que se apaixonou por outro homem. Um corvo branco que Apolo deixou como guarda contou a ele sobre o caso. Apolo ficou tão irritado que amaldiçoou a ave, queimando suas penas. Apolo enviou a irmã, Ártemis, para matar Corônis, porque não conseguiu fazer isso sozinho

Cronos — titã senhor da agricultura e das colheitas, da maldade e do tempo. Era o mais jovem porém mais corajoso e mais terrível dos filhos de Gaia; convenceu vários dos irmãos a ajudarem-no a assassinar o pai, Urano. Foi o principal inimigo de Percy Jackson. Forma romana: Saturno

Dafne — linda náiade que chamou a atenção de Apolo. Ela foi transformada em loureiro para fugir do deus

Dante — poeta italiano do fim da Idade Média que inventou a *terza rima*; autor de *A divina comédia*, entre outros

Delos — ilha grega no mar Egeu, perto de Míconos; local de nascimento de Apolo

Deméter — deusa grega da agricultura; filha dos titãs Reia e Cronos. Forma romana: Ceres

denário — moeda romana

Diana — deusa romana da caça e da lua; filha de Júpiter e Leto, gêmea de Apolo. Forma grega: Ártemis

Dioniso — deus grego do vinho e da orgia; filho de Zeus. Forma romana: Baco

dizimação — antiga punição romana para legiões ruins em que um a cada dez soldados era morto, independentemente de ser culpado ou inocente

dríade — um espírito (normalmente feminino) associado com certa árvore

Esculápio — deus da medicina; filho de Apolo. Seu templo era o centro médico da Grécia Antiga

espata — espada de cavalaria

Estação Intermediária — local de refúgio de semideuses, monstros pacíficos e Caçadoras de Ártemis, localizada acima da Union Station, em Indianápolis, Indiana

Estige — poderosa ninfa da água; filha mais velha do titã do mar, Oceano. Deusa do rio mais importante do Mundo Inferior. Deusa do

ódio. O rio Estige foi batizado em homenagem a ela

estrige — ave similar a uma coruja, grande e bebedora de sangue, portadora de maus presságios

eurynomos **(*eurynomoi*, pl.)** — ghoul comedor de carniça que vive no Mundo Inferior e é controlado por Hades; o menor corte por suas garras causa uma terrível doença em mortais, e quando suas vítimas morrem, retornam como *vrykolakai*, ou zumbis. Se um *eurynomos* consegue devorar um corpo até os ossos, o esqueleto se torna um guerreiro desmorto feroz, muitos dos quais servem como guardas de elite do palácio de Hades

Euterpe — deusa grega da poesia lírica; uma das Nove Musas. Filha de Zeus e Mnemosine

fasces — um machado cerimonial envolto em várias estacas de madeira com a lâmina de crescente exposta; símbolo máximo de autoridade na Roma antiga; origem da palavra *fascismo*

fauno — deus da floresta romano, parte cabra, parte homem

Fauno — deus romano dos bosques. Forma grega: Pã

Flegetonte — rio de fogo que passa pelo Mundo Inferior

fogo grego — um líquido verde viscoso, mágico e altamente explosivo utilizado como arma; uma das substâncias mais perigosas do mundo

Fórum — o centro da vida da Nova Roma; uma praça com estátuas, fontes, lojas e locais de entretenimento noturno

fulminata — armado com raios; legião romana sob o comando de Júlio César cujo emblema era um raio (*fulmen*)

Gaia — deusa grega da terra; esposa de Urano; mãe dos titãs, gigantes, ciclopes e outros monstros

Gamelion — o sétimo mês do calendário ateniense usado em Ática, Grécia, durante um período; equivalente a janeiro/fevereiro no calendário gregoriano

germânicos — guarda-costas do Império Romano das tribos germânicas e gaulesas

Guerra de Troia — de acordo com as lendas, a Guerra de Troia foi declarada contra a cidade de Troia pelos achaeans (gregos), quando Páris, príncipe de Troia, roubou Helena de seu marido, Menelau, rei de Esparta

Hades — deus grego da morte e das riquezas. Senhor do Mundo Inferior. Forma romana: Plutão

harpia — criatura fêmea alada que rouba objetos

Harpócrates — deus ptolemaico do silêncio e dos segredos, uma adaptação grega de Harpa-Khruti, Hórus criança, que muitas vezes era retratado em pinturas e estátuas com o dedo erguido aos lábios, um gesto que simbolizava a infância

Hécate — deusa da magia e das encruzilhadas

Heitor — campeão troiano que foi derrotado pelo guerreiro grego Aquiles e então arrastado pelas rodas da biga de Aquiles

Hefesto — deus grego do fogo (inclusive o vulcânico), do artesanato e dos ferreiros; filho de Zeus e Hera, casado com Afrodite. Forma romana: Vulcano

Hélio — titã deus do Sol; filho do titã Hiperíon e da titã Teia

Hera — deusa grega do casamento; esposa e irmã de Zeus. Madrasta de Apolo. Forma romana: Juno

Hermes — deus grego dos viajantes; guia dos espíritos dos mortos; deus da comunicação. Forma romana: Mercúrio

hipocampo — criatura marinha com cabeça de cavalo e corpo de peixe

Horácio Cocles — oficial romano que, de acordo com a lenda, defendeu sozinho a Ponte Sublício no rio Tibre contra o Exército etrusco

immortuos **—** latim para desmortos

Íris — deusa grega do arco-íris

Jacinto — herói grego e amante de Apolo. Morreu enquanto tentava impressionar o deus com suas habilidades de lançamento de disco

jiangshi **—** chinês para *zumbi*

Júlio César — político e general romano cujos feitos militares aumentaram o território romano e por fim levaram a uma guerra civil que permitiu que assumisse o controle do governo em 49 a.C. Foi declarado "ditador eterno" e implementou reformas sociais que irritaram alguns romanos poderosos. Um grupo de senadores conspirou contra ele e o assassinou em 15 de março de 44 a.C.

Juno — deusa romana do casamento; esposa e irmã de Júpiter; madrasta de Apolo. Forma grega: Hera

Júpiter — deus romano do céu e rei dos deuses. Forma grega: Zeus

Jupiter Optimus Maximus — latim para *Júpiter, o melhor e maior deus*

khromanda **(*khromandae*, pl.)** — monstro humanoide com olhos cinzentos, pelo louro bagunçado e dentes caninos; só se comunica por gritos

Labirinto — um labirinto subterrâneo construído originalmente na ilha de Creta pelo artesão Dédalo para aprisionar o Minotauro

Labirinto de Fogo — um labirinto subterrâneo mágico cheio de armadilhas no sul da Califórnia controlado pelo imperador romano Calígula e Medeia, bruxa grega

lamia **—** termo romano para *zumbi*

Lar **(*Lares*, pl.)** — deuses romanos do lar

legionário — membro do Exército romano

lemuriano — originário do antigo continente da Lemúria, agora perdido, mas que imagina-se localizar no oceano Índico

Leto — mãe de Ártemis e Apolo com Zeus; deusa da maternidade

libri — latim para *livros*

lictor — soldado que carregava fasces e trabalhava como guarda-costas para oficiais romanos

Linha Pomeriana — fronteira de Roma

livros sibilinos — as profecias da Sibila de Cumas, receitas para evitar desastres, da época da Roma Antiga, reunidas em nove volumes, seis dos quais foram destruídos pela própria Sibila. Os três livros remanescentes foram vendidos ao último rei romano, Tarquínio, e perdidos com o tempo. Ella, a harpia, leu uma cópia dos três livros e está tentando reconstruir as profecias com sua memória fotográfica e a ajuda de Tyson, o ciclope

Luna — a titã da Lua. Forma grega: Selene

Lupa — deusa loba, espírito guardião de Roma

maenad — seguidora de Dioniso/Baco, muitas vezes associada ao frenesi

manubalista — uma besta romana pesada

Marte — deus romano da guerra. Forma grega: Ares

Medeia — feiticeira grega, filha do rei Eetes da Cólquida e neta do titã do Sol, Hélio. Esposa do herói Jasão, a quem ela ajudou a obter o Velocino de Ouro

Meléagro — príncipe que recebeu a profecia das Parcas de que morreria quando um pedaço de madeira queimasse. Quando sua mãe descobriu que Meléagro havia matado os tios, jogou a tora na lareira, causando sua morte

Melíades — ninfas gregas dos freixos, nascidas de Gaia. Elas alimentaram e criaram Zeus em Creta

Mercúrio — deus romano dos viajantes; guia dos espíritos dos mortos; deus da comunicação. Forma grega: Hermes

Minerva — deusa romana da sabedoria. Forma grega: Atena

Monte Olimpo — lar dos doze olimpianos

Monte Otris — montanha no centro da Grécia; base dos titãs durante a guerra de dez anos com os deuses olimpianos; o assento dos titãs em Marin County, Califórnia; conhecido pelos mortais como monte Tamalpais

Monte Vesúvio — um vulcão perto da Baía de Nápoles, na Itália, que entrou em erupção no ano 79 d.C., soterrando a cidade romana de Pompeia com cinzas

Mundo Inferior — reino dos mortos, para onde as almas vão pela eternidade; governado por Hades

myrmeko — criatura similar a uma formiga gigante do tamanho de um pastor alemão. Myrmekos vivem em formigueiros imensos, onde protegem metais brilhantes, como ouro. Cospem veneno e têm um exoesqueleto quase invencível e mandíbulas poderosas

náiade — espírito das águas

Nascidos da Terra — raça de gigantes de seis braços, também chamados de Gegenes

Nereida — um espírito do mar

Névoa — força mágica que evita que os mortais vejam deuses, criaturas míticas e ocorrências sobrenaturais substituindo-os por coisas que a mente humana é capaz de compreender

ninfa — deidade feminina que dá vitalidade à natureza

Nova Roma — o vale em que o Acampamento Júpiter é localizado e a cidade — uma versão menor e mais moderna da cidade imperial — onde semideuses romanos vivem em paz, estudam e se aposentam

Nove Musas — deusas que concedem inspiração para artistas e protegem as criações e expressões artísticas. Filhas de Zeus e Mnemosine. Quando crianças, foram alunas de Apolo. Seus nomes são Clio, Euterpe, Tália, Melpômene, Terpsícore, Erato, Polímnia, Urânia e Calíope

nuntius — latim para *mensageiro*

Oliver Cromwell — um puritano devoto e figura política influente que liderou o exército do parlamento durante a guerra civil britânica

Oráculo de Delfos — porta-voz das profecias de Apolo

ouro imperial — metal raro, mortal a monstros, consagrado no Panteão; sua existência era um segredo bem-guardado dos imperadores

Pã — deus grego da natureza; filho de Hermes. Forma romana: Fauno

pandai **(*pandos*, sing.)** — tribo de criaturas com orelhas gigantescas, oito dedos nas mãos e nos pés e corpos cobertos de pelos brancos que ficam pretos com a idade

Parcas — três personificações femininas do destino. Controlam o fio da vida de cada ser vivo, do nascimento à morte

pássaros da Estinfália — aves devoradoras de homens com bico de bronze e penas metálicas afiadas que podiam ser lançadas como flechas contra suas vítimas

People's Park — espaço próximo à Telegraph Avenue, em Berkeley, Califórnia, que foi o local de um grande protesto de estudantes em maio de 1969 que se transformou em um confronto com a polícia

Pequeno Tibre — batizado em homenagem ao rio Tibre em Roma, é o rio menor que forma a barreira do Acampamento Júpiter

Píton — serpente monstruosa a que Gaia incumbiu de guardar o Oráculo de Delfos

Plutão — deus romano da morte e senhor do Mundo Inferior. Forma grega: Hades

Pompeia — cidade romana destruída em 79 d.C., quando o vulcão do monte Vesúvio entrou em erupção e a cobriu de cinzas

Poseidon — deus grego do mar; filho dos titãs Cronos e Reia, irmão de Zeus e Hades. Forma romana: Netuno

pretor — pessoa eleita para magistrado e comandante do Exército romano

pretoriado — alojamento dos pretores no Acampamento Júpiter

Primeira Guerra Titânica — também conhecida como Titanomaquia, a guerra de onze anos entre os Titãs do monte Ótris e os deuses mais jovens, cujo futuro lar seria o Monte Olimpo

princeps — latim para primeiro cidadão ou primeiro na linhagem; os primeiros imperadores romanos adotaram esse título, que a partir de então passou a significar príncipe de Roma

principia — quartel-general militar dos pretores no Acampamento Júpiter

probatio — ordem dada aos novos membros da legião no Acampamento Júpiter

Ptolomaico — relativo os reis grego-egípcios que dominaram o Egito de 323 a 30 a.C.

Raposa de Têumesso — raposa gigante enviada pelos olimpianos para caçar os filhos de Tebas; era seu destino nunca ser capturada

rio Estige — rio que forma a fronteira entre a Terra e o Mundo Inferior

rio Tibre — o terceiro rio mais longo da Itália. Roma foi fundada às suas margens. Na Roma antiga, os criminosos executados eram jogados no rio

Rômulo — semideus filho de Marte, irmão gêmeo de Remo; primeiro rei de Roma, que fundou a cidade em 753 a.C.

sátiro — deus grego da floresta, parte bode e parte homem

Saturnália — antigo festival romano que acontecia em dezembro em homenagem a Saturno, o equivalente romano de Cronos

Selene — titã da Lua. Forma romana: Luna

Senado — conselho de dez representantes eleitos pela legião no Acampamento Júpiter

Sibila — uma profetisa

Sibila Eritreia — profetisa do Oráculo de Apolo na Eritreia, na Jônia, que reuniu suas instruções proféticas para evitar desastres em nove volumes mas destruiu seis deles enquanto tentava vendê-los para Tarquínio Soberbo de Roma

Somme — uma batalha da Primeira Guerra Mundial dos ingleses e franceses contra os alemães perto do rio Somme, na França

Somnus — deus romano do sono. Forma grega: Hipnos

spolia opima — combate mano a mano entre dois líderes opositores numa guerra, demonstração máxima de coragem para um romano; literalmente, *espólios da guerra*

sub rosa — latim para *sob a rosa*, o que significa jurado em segredo

Subura — uma área superpovoada de classe baixa na Roma antiga

Tarquínio — Lúcio Tarquínio Soberbo foi o sétimo e último rei de Roma, tendo reinado de 535 a.C. até 509 a.C., quando, depois de um levante popular, a República Romana foi estabelecida

Término — deus romano das fronteiras

Terpsícore — deusa grega da dança; uma das Nove Musas

terza rima — forma de poesia que consiste de estrofes de três versos em que o primeiro e o terceiro rimam e o do meio rima com o primeiro e o terceiro versos da estrofe seguinte

testudo — formação de batalha em que os legionários entrelaçam os escudos para formar uma barreira

titãs — raça de deidades gregas poderosas, descendentes de Gaia e Urano, que governaram durante a Era de Ouro e foram derrubados por uma raça de deuses mais jovens, os olimpianos

Três Graças — deusas da Beleza, da Alegria e da Elegância; filhas de Zeus

trirreme — antigo navio de guerra grego ou romano com três fileiras de remo de cada lado

triunvirato — aliança política formada entre três indivíduos

Troia — cidade pré-romana situada na Turquia dos dias atuais; local da Guerra de Troia

túnel Caldecott — uma autoestrada de quatro pistas que atravessa Berkeley Hills e conecta Oakland e Orinda, na Califórnia. Contém um túnel secreto no meio, protegido por soldados romanos, que leva ao Acampamento Júpiter

Urano — personificação grega do céu; marido de Gaia e pai dos titãs

vappae — latim para *uvas podres*

***ventus* (*venti*, pl.)** — espíritos das tempestades

Vênus — deusa romana do amor e da beleza. Forma grega: Afrodite

Verão do Amor — uma reunião de mais de cem mil hippies no bairro de Haight-Ashbury em São Francisco durante o verão de 1967 com arte, música e práticas espirituais, e ao mesmo tempo protestos contra o governo e valores materiais

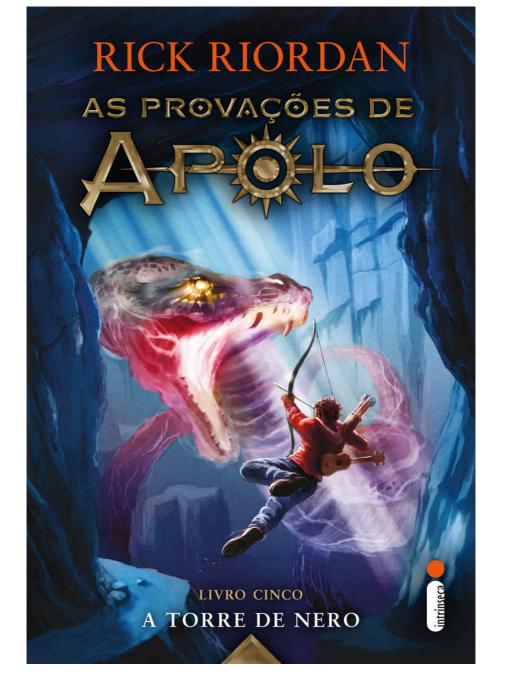
Via Praetoria — estrada principal que leva ao Acampamento Júpiter e vai dos alojamentos ao quartel-general

Vnicornes Imperant — latim para *Unicórnios mandam*

***vrykolakas* (*vrykolakai*, pl.)** — palavra grega para *zumbi*

Vulcano — deus romano do fogo, inclusive o vulcânico, e dos ferreiros. Forma grega: Hefesto

Zeus — deus grego do céu e rei dos deuses. Forma romana: Júpiter

RICK RIORDAN
AS PROVAÇÕES DE
APOLO
LIVRO CINCO
A TORRE DE NERO
intrínseca

RICK RIORDAN

LIVRO CINCO

A TORRE DE NERO

Tradução de Giu Alonso e Regiane Winarski

Para Becky.
Toda jornada me leva para casa, para você.

1

Cobra com cabeças
Atravancando a viagem
Que tênis fedido

QUANDO SE VIAJA por Washington, D.C., é até de se esperar ver algumas cobras com roupa de gente. Mas ainda assim fiquei bem preocupado quando uma jiboia de duas cabeças embarcou no nosso trem na Union Station.

A criatura tinha se enfiado num terno de seda azul, passando o corpo pelas mangas e pelas pernas da calça, simulando membros humanos. Duas cabeças saíam pela gola da camisa de botão como periscópios gêmeos. Levando-se em conta que era basicamente uma bexiga gigante em forma de animal, daquelas famosas em aniversários infantis, a jiboia tinha movimentos muito graciosos e se sentou na outra ponta do vagão, virada para nós.

Os outros passageiros a ignoraram. Sem dúvida, com a percepção afetada pela Névoa, viam só mais um passageiro comum. A cobra não fez nenhum movimento ameaçador. Nem chegou a olhar para nós. Até onde eu sabia, era só um monstro cansado voltando para casa depois de um dia de trabalho.

Mas eu não podia simplesmente supor...

— Não quero te assustar... — sussurrei para Meg.

— Shh — respondeu ela.

Meg levava a regra do vagão silencioso a sério. Desde que havíamos embarcado, quase todos os ruídos no vagão vinham dela fazendo “shh” toda vez que eu falava, espirrava ou pigarreava.

— Mas tem um monstro aqui — insisti.

Ela tirou os olhos da revista de cortesia, a sobrancelha erguida por trás dos óculos de gatinho com pedrinhas brilhantes na armação. *Onde?*

Indiquei a criatura com o queixo. Quando nosso trem saiu da estação, a cabeça da esquerda ficou olhando, distraída, pela janela. A da direita enfiou a língua bifurcada numa garrafa de água que a jiboia segurava com uma das curvas do corpo, disfarçada de mão.

— É uma *anfisbena* — sussurrei e, com toda a boa vontade, acrescentei: — Uma cobra com uma cabeça em cada ponta.

Meg franziu a testa e deu de ombros, o que, segundo minha leitura, significava *Parece bem tranquila*. E voltou a ler.

Engoli a vontade de argumentar. Principalmente porque não queria ser repreendido de novo.

Eu não podia julgar Meg por desejar um pouco de paz na viagem. Na semana anterior, havia sido uma luta lidar com um grupo de centauros selvagens no Kansas, enfrentar um espírito da fome furioso no Maior Garfo do Mundo em Springfield, Missouri (e nem tirei selfie), e dar várias voltas no hipódromo de Churchill Downs fugindo de dois drakons azuis do Kentucky. Depois disso tudo, uma cobra de duas cabeças usando um terno talvez não fosse motivo para alarde. E ela nem estava nos incomodando no momento.

Tentei relaxar.

Meg enfiou o rosto na revista, absorta num artigo sobre jardinagem urbana. Minha jovem companheira tinha espichado desde que a conheci, mas continuava compacta o bastante para apoiar os tênis vermelhos de cano alto confortavelmente nas costas do banco da frente. Confortavelmente para *ela*, claro, não para mim e nem para os outros passageiros. Meg não tinha trocado os sapatos desde nossa corrida em volta do hipódromo, e aqueles tênis estavam com cara e cheiro de cocô de cavalo.

Pelo menos havia trocado o vestido verde em farrapos por uma calça jeans adquirida numa liquidação e uma camiseta verde com os dizeres VNICORNES IMPERANT! comprada na lojinha de souvenirs do Acampamento Júpiter. Com o cabelo começando a crescer e uma espinha vermelha furiosa nascendo no queixo, ela não parecia mais uma criança do jardim de infância. Quase aparentava sua idade real: uma pré-adolescente entrando no círculo do inferno conhecido como puberdade.

Não compartilhei essa observação com Meg. Primeiro, porque eu tinha minha própria acne com que me preocupar. Segundo, porque, como minha mestra, Meg podia me mandar pular pela janela, e eu seria obrigado a obedecer.

O trem seguiu pelos subúrbios de Washington. O sol do fim da tarde piscava entre os prédios como a lâmpada de um projetor de filmes antigo. Era uma hora maravilhosa do dia, quando um deus do sol estaria encerrando o expediente, estacionando a carruagem no antigo estábulo e indo relaxar no palácio com um cálice de néctar, bajulação de algumas ninfas e uma nova temporada de *De férias com Esculápio* para maratonar.

Mas para mim não tinha nada de maravilhoso, já que eu estava sentado em uma poltrona de estofamento rachado num trem velho e fadado a assistir por horas aos sapatos fedidos da Meg.

Na outra ponta do vagão, a anfisbena continuou sem fazer nada ameaçador... a não ser que se considerasse beber água em uma garrafa descartável um ato ofensivo.

Por quê, então, os pelos da minha nuca estavam eriçados?

Eu não conseguia acalmar minha respiração. Estava me sentindo

preso ali no assento da janela.

Talvez eu só estivesse nervoso por causa do que nos esperava em Nova York. Depois de seis meses naquele corpo mortal infeliz, eu estava me aproximando do fim do jogo.

Meg e eu tínhamos percorrido os Estados Unidos de um lado a outro. Havíamos libertado oráculos antigos, derrotado legiões de monstros e sofrido os horrores indescritíveis do sistema de transporte público norte-americano. Por fim, depois de muitas tragédias, havíamos triunfado sobre dois dos imperadores do Triunvirato do mal, Cômodo e Calígula, no Acampamento Júpiter.

Mas o pior ainda estava por vir.

Estávamos voltando para o lugar onde nossos problemas começaram: Manhattan, a base de Nero Cláudio César, o padrasto abusivo da Meg e o violinista que eu mais detestava. Mesmo que conseguíssemos derrotá-lo, uma ameaça ainda mais poderosa se esgueirava ao fundo: minha arqui-inimiga, Píton, que tinha se instalado em meu sagrado Oráculo de Delfos como se fosse um Airbnb de quinta categoria.

Nos próximos dias, ou eu derrotaria esses dois inimigos e me tornaria o deus Apolo de novo (supondo que meu pai Zeus permitisse) ou morreria tentando. De uma forma ou de outra, meu tempo como Lester Papadopoulos estava chegando ao fim.

Talvez minha agitação não fosse nenhum motivo de mistério...

Tentei me concentrar no lindo pôr do sol. Tentei não ficar pensando na minha lista impossível de tarefas nem na cobra de duas cabeças na fileira dezesseis.

Consegui chegar até a Filadélfia sem ter um colapso nervoso. Mas, quando o trem saiu da estação 30th Street, duas coisas ficaram claras para mim: 1) a anfisbena não ia descer do trem, o que significava que não devia ser apenas um passageiro comum voltando do trabalho, e 2) meu radar de perigo estava apitando mais alto do que nunca.

Eu me sentia *observado*. Era a mesma sensação de quando brincava de pique-esconde com Ártemis e as caçadoras dela na floresta, instantes antes de elas pularem de trás dos arbustos e me encherem de flechas. Isso foi na época em que eu e minha irmã éramos deidades jovens e ainda podíamos apreciar tão simplórios passatempos.

Arrisquei um olhar para a anfisbena e quase tive um treco. A criatura estava me encarando, sem piscar os quatro olhos amarelos que... começavam a brilhar? Ah, não, não, não. Olhos que brilham nunca são um bom sinal.

— Eu tenho que passar — falei para Meg.

— Shh.

— Mas aquela criatura... Quero dar uma olhada nela. Os olhos estão brilhando!

Meg estreitou os olhos para o sr. Cobra.

— Não estão, não. Estão *cintilando*. Além do mais, ele só está lá sentado.

— Ele está lá sentado de um jeito suspeito!

O passageiro atrás de nós sussurrou:

— Shh!

Meg ergueu as sobrancelhas para mim. *Eu avisei.*

Apontei para o corredor e fiz beicinho.

Ela revirou os olhos, saiu da rede imaginária em que estava deitada e me deixou sair.

— Não arruma confusão — ordenou ela.

Que ótimo. Agora eu teria que esperar o monstro atacar para me defender.

Fiquei parado no corredor, esperando que o sangue voltasse a circular nas minhas pernas dormentes. Quem inventou o sistema circulatório humano fez um péssimo trabalho.

A anfisbena não tinha se movido. Os olhos continuavam fixos em mim, como em uma espécie de transe. Talvez estivesse reunindo energia para um ataque violento. Anfisbenas faziam isso?

Procurei na memória fatos sobre a criatura, mas não encontrei muita coisa. O escritor romano Plínio acreditava que usar um bebê vivo de anfisbena enrolado no pescoço garantia uma gravidez segura (informação inútil). Usar a pele da criatura deixava uma pessoa atraente para possíveis parceiros. (Humm. Inútil também.) As duas cabeças eram capazes de cuspir veneno. *A-há!* Devia ser isso. O monstro estava se preparando para um jorro duplo de vômito venenoso pelo vagão do trem!

O que fazer...?

Apesar das minhas explosões ocasionais de poder e habilidade divinas, eu não podia contar com isso. Na maior parte do tempo, eu ainda era um deplorável garoto de dezessete anos.

Poderia pegar meu arco e minha aljava no compartimento superior de bagagem. Seria bom estar armado. Por outro lado, isso deixaria minhas intenções hostis bem claras. Meg provavelmente me daria uma bronca pela reação exagerada. (Desculpa, Meg, mas os olhos estavam *brilhando*, não cintilando.)

Se ao menos eu tivesse uma arma menor, talvez uma adaga, escondida embaixo da camisa. Por que eu não era o deus das adagas?

Decidi caminhar pelo corredor do vagão como se estivesse apenas indo ao banheiro. Se a anfisbena atacasse, eu gritaria. Com sorte, Meg largaria sua revista a tempo de me salvar. Pelo menos eu teria forçado o confronto inevitável. Se a cobra não fizesse nada, bem, talvez fosse de fato inofensiva. Nesse caso, eu poderia ir mesmo ao banheiro, porque até que estava precisando.

Tropecei nas minhas pernas finas, o que não ajudou na minha abordagem “casual”. Pensei em assobiar uma melodia descontraída, mas lembrei que estávamos no vagão silencioso.

Faltavam quatro fileiras até o monstro. Meu coração estava disparado. Aqueles olhos com certeza estavam brilhando, sem dúvida fixos em mim. O monstro estava imóvel de uma forma nada natural, até mesmo para um réptil.

Duas fileiras. Minha mandíbula trêmula e meu rosto suado atrapalhavam meu ar distraído. O terno da anfisbena parecia caro e bem cortado. Sendo uma cobra gigante, ele não devia encontrar roupas em lojas convencionais. A pele marrom e amarela reluzente com manchas em forma de diamantes não passaria uma imagem atraente num aplicativo de encontros, a não ser que tivesse alguém lá procurando uma jiboia.

Quando a anfisbena agiu, eu achava que estivesse preparado.

Mas me enganei. A criatura pulou com uma velocidade inacreditável e envolveu meu pulso com o falso braço esquerdo. Fiquei tão surpreso que nem gritei. Se ela quisesse me matar, eu teria morrido.

Mas o monstro só apertou meu braço, me fez parar e se agarrou a mim como se estivesse se afogando.

Falou com um sibilar grave e duplo que ressoou na minha medula óssea:

— *O amigo dos velocistas das cavernas é de Hades um dos descendentes*
E para o trono ele deverá mostrar o caminho escondido.
Do exército de Nero agora suas vidas são dependentes.

Do mesmo modo abrupto que me segurou, voltou a me soltar. Os músculos ondularam ao longo do corpo, como se estivesse chegando no ponto de fervura. A anfisbena se sentou ereta e alongou os pescoços até ficarmos quase caras a cara. O brilho sumiu dos olhos dela.

— O que eu tenho que fazer...? — A cabeça da esquerda olhou para a da direita. — Como...?

A cabeça da direita pareceu igualmente intrigada. Então olhou para mim.

— Quem é...? Espera aí, eu perdi a estação de Baltimore? Minha esposa vai me matar!

Fiquei sem saber o que dizer de tão chocado.

Os versos que ela disse... Eu reconheci a métrica poética. Aquela anfisbena tinha transmitido uma mensagem profética. Percebi naquela hora que o monstro podia muito bem ser um passageiro comum que havia sido possuído, sequestrado pelos caprichos do Destino porque... Claro. Era uma cobra. Desde os tempos mais antigos, as cobras canalizam a sabedoria da terra porque moram no subterrâneo. Uma

serpente gigante seria especialmente suscetível a vozes oraculares.

Eu não sabia muito bem o que fazer. Deveria me desculpar pelo incômodo? Dar uma gorjeta? E, se ela não era a ameaça, o que tinha disparado meu radar de perigo?

Fui salvo de uma conversa constrangedora, e a anfisbena, das garras da esposa, quando duas setas de besta voaram pelo vagão e adiantaram o serviço, fincando os dois pescoços da pobre cobra na parede atrás de nós.

Dei um grito. Vários passageiros próximos me mandaram fazer silêncio.

A anfisbena se desintegrou em pó amarelo, deixando apenas um terno muito bem cortado.

Levantei as mãos lentamente e me virei, como se girando sobre uma mina terrestre, quase esperando que uma flecha perfurasse meu peito. De jeito nenhum eu conseguiria desviar da mira de alguém tão preciso. Minha melhor chance seria não representar ameaça alguma. E nisso eu era bom.

Na outra ponta do vagão havia duas figuras enormes. Uma delas era um germânico, a julgar pela barba, o cabelo ralo e desgrenhado, a armadura rústica de couro e as grevas e peitoral de ouro imperial. Não o reconheci, mas tinha conhecido muitos tipos como ele recentemente. Eu não tinha dúvida de quem o mandara ali. Os capangas de Nero tinham nos encontrado.

Meg ainda estava sentada, segurando as espadas douradas gêmeas mágicas, mas o germânico estava com o fio da espada no pescoço dela, encorajando-a a ficar parada.

A companheira dele era a dona da besta. Ainda mais alta e corpulenta, usava um uniforme de condutora que não enganava ninguém... a não ser, pelo visto, todos os mortais no trem, que não deram a mínima para os recém-chegados. Debaixo do chapéu de condutora, a cabeça da atiradora era raspada nas laterais, deixando no meio uma juba castanha sedosa que descia pelo ombro numa trança. A camisa de manga curta apertava tanto os ombros musculosos que achei que as dragonas e o crachá sairiam voando. Os braços eram cobertos de tatuagens circulares entrelaçadas, e em volta do pescoço havia um aro dourado e grosso: um torque.

Eu não via um desses fazia séculos. Aquela mulher era gaulesa! A descoberta fez meu estômago se embrulhar. Na época antiga da República Romana, os gauleses eram ainda mais temidos do que os germânicos.

A besta dupla já estava recarregada e apontada para a minha cabeça. No cinturão da mulher havia uma variedade de outras armas: um gládio, uma clava e uma adaga. Ah, claro, *ela* tinha uma adaga.

Sem tirar os olhos de mim, ela apontou o queixo duas vezes para o

próprio ombro, sinal universalmente conhecido como *Vem aqui senão te mato*.

Calculei minha chance de correr e derrubar os inimigos antes que eles matassem Meg e a mim. Zero. Minha chance de me esconder de medo atrás de um assento enquanto Meg acabava com os dois? Um pouco maior, mas ainda péssima.

Segui pelo corredor com os joelhos bambos. Os passageiros mortais franziram a testa quando passei. Pelo que pude perceber, achavam que meu grito tinha passado dos limites do vagão e que a condutora estava ali para chamar minha atenção. O fato de que a condutora estava portando uma besta e havia acabado de matar um passageiro serpentino de duas cabeças parecia ter passado despercebido por eles.

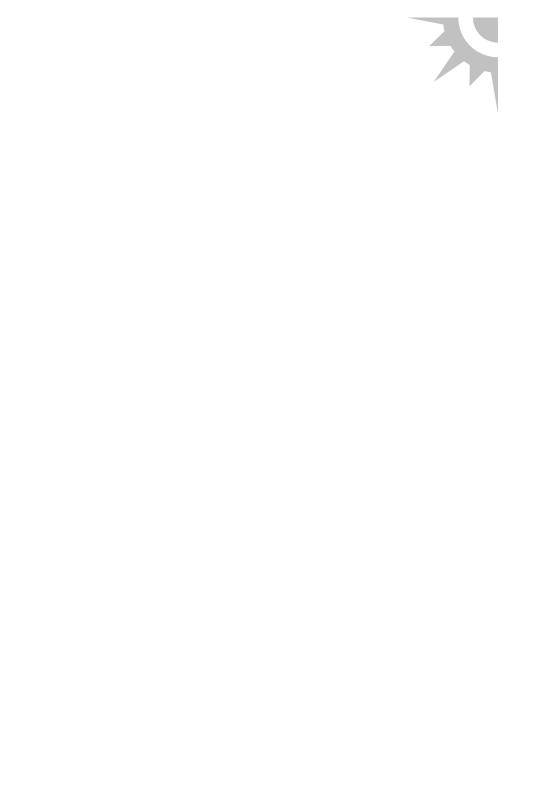
Cheguei à minha fileira e olhei para Meg, em parte para ver se ela estava bem, em parte porque estava curioso para saber por que ela não tinha atacado. Uma espada no pescoço não era o bastante para desencorajá-la.

Ela estava olhando em estado de choque para a gaulesa.

— Luguselwa?

A mulher assentiu brevemente, o que me revelou duas coisas apavorantes: primeiro, Meg a conhecia. Segundo, ela se chamava Luguselwa. Enquanto olhava para Meg, a ferocidade nos olhos da gaulesa regrediu um pouco, passando de *Vou matar todo mundo agora* para *Vou matar todo mundo daqui a pouco*.

— Isso mesmo, Plantinha — disse a gaulesa. — Agora guarda suas armas, antes que o Gunther aqui seja obrigado a cortar sua cabeça fora.

2

Doce no jantar?
Acho que não vai rolar
Vou fazer xixi

O CARA COM A ESPADA pareceu feliz da vida.

— Cortar a cabeça fora?

O crachá com o nome GUNTHER preso em sua armadura era a única parte do disfarce que ele aceitara usar.

— Ainda não. — Luguselwa continuou de olho em nós dois. — Como vocês podem ver, Gunther adora decapitar pessoas, então sejam bonzinhos. Venham...

— Lu — disse Meg. — Por quê?

Quando se tratava de expressar mágoa, a voz de Meg era um instrumento afinadíssimo. Eu já tinha ouvido Meg lamentar a morte dos nossos amigos. Descrever o assassinato do pai. E também a raiva que sentia do padrasto, Nero, que matou o pai dela e maltratou sua cabecinha com anos de abuso emocional.

Mas, quando falou com Luguselwa, a voz de Meg alcançou uma nota totalmente diferente. Ela falou como se sua melhor amiga tivesse arrancado os braços e as pernas de sua boneca favorita sem nenhum motivo ou aviso. Ela soou magoada, confusa, incrédula... como se, em uma vida cheia de indignidades, aquela fosse a indignidade que ela nunca teria previsto.

Os músculos da mandíbula de Lu se tensionaram. Veias latejaram nas têmporas. Não consegui identificar se ela estava com raiva, sentindo culpa ou nos mostrando seu lado caloroso e fofo.

— Lembra o que ensinei a você sobre o dever, Plantinha?

Meg engoliu em seco.

— Lembra? — insistiu Lu, com a voz mais firme.

— Lembro — sussurrou Meg.

— Então pega as suas coisas e vem logo. — Lu empurrou a espada de Gunther para longe do pescoço de Meg.

O homenzarrão resmungou alguma coisa que supus que fosse *Você nunca me deixa brincar direito* em germânico.

Aturdida, Meg se levantou e abriu o compartimento superior de bagagem. Não entendi por que ela estava seguindo tão passivamente as ordens de Luguselwa. Nós tínhamos partido para a briga em situações mais complicadas. Quem *era* aquela gaulesa?

— É isso? — sussurrei, quando Meg me deu minha mochila. — A gente vai desistir?

— Lester — murmurou Meg —, só faz o que eu digo.

Botei a mochila, o arco e a aljava nos ombros. Meg colocou o cinto de jardinagem. Lu e Gunther não pareceram se importar ao me verem armado com flechas e Meg com um suprimento amplo das sementes que tinha herdado. Enquanto pegávamos nossas coisas, os passageiros mortais nos olhavam com irritação, mas ninguém reclamou, provavelmente porque não queriam irritar os dois condutores enormes nos escoltando.

— Por aqui. — Lu apontou com a besta para a saída atrás dela. — Os outros estão esperando.

Os outros?

Eu não queria encontrar mais gaulesas nem mais Gunthers, mas Meg seguiu Lu calmamente pela porta dupla de acrílico. Fui logo atrás, com Gunther fungando no meu cangote, provavelmente avaliando como seria fácil separar minha cabeça do meu corpo.

Um passadiço ligava nosso vagão ao seguinte: um corredor barulhento e agitado com portas duplas automáticas nas duas extremidades, um banheiro minúsculo num canto e portas externas à direita e à esquerda. Cogitei me jogar por uma dessas saídas e torcer para dar certo, mas temi que o "dar certo" fosse morrer estatelado por causa do impacto da queda. Estava um breu lá fora. A julgar pelo barulho nos painéis de aço corrugado embaixo dos meus pés, o trem devia estar a mais de cento e cinquenta quilômetros por hora.

Pela porta mais distante de acrílico, vi o vagão-restaurante: uma bancada de lanchonete suja, uma fileira de mesas e meia dúzia de homenzarrões circulando: mais germânicos. Nada de bom nos esperava lá dentro. Se Meg e eu quiséssemos escapar, aquela era a hora.

Antes que eu pudesse tomar qualquer atitude desesperada, Luguselwa parou abruptamente na frente das portas do vagão-restaurante e se virou para nós.

— Gunther — disse ela —, verifique se há infiltrados no banheiro.

Ao ouvir isso Gunther ficou tão confuso quanto eu, ou porque não entendeu o motivo ou porque não tinha ideia do que era um "infiltrado".

Tentei imaginar por que Luguselwa estava sendo tão paranoica. Estaria com medo de termos uma legião de semideuses escondidos no banheiro, esperando para entrar em cena e nos salvar? Ou será que, como eu, ela já tinha surpreendido um ciclope no trono de porcelana e não confiava mais em banheiros públicos?

Depois de encará-la por alguns instantes, Gunther soltou um resmungo e fez o que ela mandou.

Assim que ele enfiou a cabeça no banheiro, Lu nos olhou com uma expressão intensa.

— Quando a gente entrar no túnel para Nova York — disse ela —, vocês dois peçam para usar o banheiro.

Eu já tinha recebido muitas ordens idiotas antes, a maioria de Meg, mas aquela chegava a outro nível.

— Na verdade, eu preciso ir agora — falei.

— Segura — disse ela.

Olhei para Meg para ver se aquela orientação fazia sentido para ela, mas a garota olhava desolada para o chão.

Gunther voltou da patrulha sanitária.

— Ninguém.

Pobre coitado. Depois de ser obrigado a verificar se havia infiltrados num banheiro de trem, o *mínimo* que se podia esperar era encontrar mesmo alguns infiltrados para matar.

— Ótimo — disse Lu. — Venham.

Ela nos levou para o vagão-restaurante. Seis germânicos se viraram para olhar para nós, os punhos enormes segurando milhões de bolinhos e xícaras de café. Bárbaros! Quem come bolinhos à noite? Os guerreiros estavam vestidos como Gunther, com armaduras de couro e ouro, inteligentemente disfarçados com crachás de identificação da companhia de transporte. Um deles, AEDELBEORT (o nome de menino mais popular dentre os germânicos nascidos em 162 a.C.), berrou uma pergunta para Lu em um idioma que não reconheci. Lu respondeu na mesma língua. A resposta dela pareceu satisfazer os guerreiros, que voltaram a se ocupar com a comida. Gunther se juntou a eles, resmungando que era muito difícil encontrar bons inimigos para decapitar.

— Sentem-se aqui — ordenou Lu, apontando para um reservado junto à janela.

Meg se sentou, a contragosto e mal-humorada. Eu me acomodei à frente dela, colocando o arco, a aljava e a mochila ao meu lado. Lu ficou por perto, para ouvir se tentássemos discutir um plano de fuga. Ela não precisava ter se preocupado. Meg continuava sem nem olhar para minha cara.

Eu me perguntei novamente quem era Luguselwa e o que ela representava para Meg. Nem uma única vez nos nossos meses de viagem ela tinha sido mencionada. Isso me incomodou, porque não indicava que Lu era irrelevante. Pelo contrário: comecei a desconfiar que era *muito* importante.

E por que uma gaulesa? Os gauleses eram incomuns na Roma de Nero. Quando ele se tornou imperador, a maioria havia sido conquistada e "civilizada" à força. Os que ainda tinham tatuagens, usavam torques e viviam de acordo com os antigos costumes foram jogados para as fronteiras da Bretanha ou forçados a ir para as Ilhas Britânicas. O nome Luguselwa... Meu gaulês nunca tinha sido lá essas

coisas, mas eu achava que significava *amada do deus Lugus*. Senti um calafrio. Que pessoalzinho estranho e violento eram as deidades celtas.

Meus pensamentos estavam descontrolados demais para eu resolver o enigma de Lu. Eu ficava pensando na pobre anfisbena que a mulher tinha matado; um monstro trabalhador inofensivo que nunca chegaria em casa, ou reencontraria a esposa, só porque uma profecia fizera dele instrumento.

A mensagem tinha me deixado abalado; era uma estrofe em *terza rima*, como a que ouvimos no Acampamento Júpiter:

Ó, filho de Zeus, enfrente teu desafio final
Na torre de Nero subirão dois somente
Do teu lugar arranque o usurpador animal.

É, eu havia decorado a maldita.

Agora, tínhamos o segundo conjunto de instruções, claramente conectadas à estrofe anterior, porque a primeira e a terceira linha rimavam com *somente*. Aquele Dante idiota com aquela ideia idiota de uma estrutura infinita de poema:

O amigo dos velocistas das cavernas é de Hades um dos descendentes
E para o trono ele deverá mostrar o caminho escondido.
Do exército de Nero agora suas vidas são dependentes.

Eu conhecia um filho de Hades: Nico di Angelo. Ele ainda devia estar no Acampamento Meio-Sangue, em Long Island. Se sabia um caminho secreto para chegar ao trono de Nero, ele só teria oportunidade de nos mostrar se fugíssemos daquele trem. Mas eu não fazia ideia se Nico era “amigo dos velocistas das cavernas”.

O último verso da estrofe era simplesmente cruel. Estávamos cercados agora do “exército de Nero”, então é claro que nossas vidas dependiam deles. Eu queria acreditar que havia mais naquele verso, algo positivo... talvez ligado ao fato de que Lu tinha mandado que fôssemos ao banheiro quando entrássemos no túnel de Nova York. Mas, considerando a expressão hostil da gaulesa e a presença dos sete amigos germânicos extremamente calibrados de cafeína e açúcar, eu não estava muito otimista.

Eu me mexi no banco. Ah, *por que* fui pensar no banheiro? Minha vontade tinha aumentado *muito*.

Do lado de fora, outdoors iluminados de Nova Jersey passavam: propagandas de concessionárias que vendiam carros que ninguém conseguia dirigir direito; advogados oferecendo os serviços para clientes que quisessem culpar os outros motoristas depois de bater

com esses mesmos carros; cassinos onde seria possível torrar o dinheiro dos processos pelos acidentes causados pelos outros. O grande ciclo sem fim que é a vida.

A estação do aeroporto de Newark chegou e passou. Pelos deuses, eu estava tão desesperado que até pensei em tentar fugir. *Naquele lugar questionável chamado Newark*.

Meg ficou quieta. Fiz o mesmo.

O túnel de Nova York chegaria logo. Talvez, em vez de pedir para ir ao banheiro, a gente pudesse atacar nossos captores...

Lu pareceu ler meus pensamentos.

— Que bom que vocês se renderam. Nero tem três outras equipes como a minha só neste trem. *Todas* as passagens, todos os trens, ônibus e voos para Manhattan estão sendo vigiados. Nero tem o Oráculo de Delfos ao lado dele, lembrem-se. Ele sabia que vocês vinham hoje. Vocês jamais conseguiriam entrar na cidade sem serem pegos.

Destruir minhas esperanças tudo bem, Luguselwa. Agora dizer que Nero estava com Píton, aliada dele, espiando o futuro e usando o *meu* oráculo sagrado contra mim... covardia.

Mas Meg se animou de repente, como se alguma coisa na fala de Lu tivesse lhe dado esperança.

— Então como foi que logo *você* nos encontrou, Lu? Sorte?

As tatuagens de Lu ondularam quando ela flexionou os braços, e o movimento dos círculos celtas me deixou meio enjoado.

— Eu te *conheço*, Plantinha — disse ela. — Sei onde encontrar você. Não existe sorte.

Pensei em vários deuses da sorte que discordariam daquela declaração, mas não discuti. Ser prisioneiro tinha matado minha vontade de jogar conversa fora.

Lu se virou para os companheiros.

— Assim que chegarmos à Penn Station, vamos entregar os prisioneiros para a escolta. Não quero nenhum erro. Ninguém mata a garota nem o deus, a não ser que seja absolutamente necessário.

— É necessário agora? — perguntou Gunther.

— Não — disse Lu. — O *princeps* tem planos para eles. Ele os quer vivos.

O princeps. Minha boca ficou com gosto mais amargo do que o café mais amargo servido naquele trem. Ser levado pela porta da frente de Nero *não* era como eu planejava confrontá-lo.

Em um instante, estávamos passando por uma região deserta de armazéns e docas de Nova Jersey. No seguinte, mergulhamos na escuridão do túnel que nos levaria por baixo do rio Hudson. Pelo alto-falante, um comunicado cheio de interferência nos informou que a próxima parada seria na Penn Station.

— Preciso fazer xixi — anunciou Meg.

Olhei para ela, perplexo. Ela ia *mesmo* seguir as instruções estranhas de Lu? A gaulesa tinha nos capturado e matado uma cobra de duas cabeças inocente. Por que Meg confiaria nela?

Meg enfiou o calcanhar com força no meu pé.

— É — gemi. — Eu também preciso fazer xixi.

Para mim, pelo menos, era dolorosamente verdadeiro.

— Segura — resmungou Gunther.

— Eu preciso *mesmo* fazer xixi. — Meg começou a saltitar no banco.

Lu deu um suspiro. A exasperação não pareceu falsa.

— Tudo bem. — Ela se virou para o grupo. — Vou levá-los. Vocês, fiquem aqui e se preparem para o desembarque.

Nenhum dos germânicos protestou. Eles já deviam estar cansados de ouvir as reclamações de Gunther sobre a patrulha ao banheiro. Todos começaram a enfiar os bolinhos que sobraram na boca e a recolher os equipamentos enquanto Meg e eu saíamos do reservado.

— Suas coisas — lembrou Lu.

Eu pisquei, sem entender. Certo. Quem ia ao banheiro sem seu arco e sua aljava? Seria burrice. Peguei minhas coisas.

Lu nos levou de volta até o passadiço. Assim que as portas duplas se fecharam, ela murmurou:

— *Agora*.

Meg correu para o vagão silencioso.

— Ei! — Lu me empurrou para o lado e parou só um segundo para murmurar: — Bloqueie a porta. Solte os vagões. — E saiu correndo atrás de Meg.

Fazer *o quê?*

Duas cimitarras surgiram nas mãos de Lu. Espera... ela estava com as espadas da Meg? Não. Pouco antes do fim do passadiço, Meg se virou para ela, conjurando as próprias espadas, e as duas mulheres lutaram como demônios. As *duas* eram *dimaqueras*, a forma mais rara de gladiador? Devia significar... Eu não tinha tempo para pensar no que significava.

Atrás de mim, os germânicos estavam gritando e correndo. Chegariam à porta a qualquer segundo.

Não entendi direito o que estava acontecendo, mas passou pelo meu cérebro mortal estúpido e lento que talvez, só talvez, Lu estivesse tentando nos ajudar. Se eu não bloqueasse a porta como ela mandara, nós seríamos alcançados por sete bárbaros raivosos com os dedos melecados de açúcar.

Bati com o pé na base da porta dupla. Não havia maçaneta. Tive que pressionar as mãos no acrílico, uma de cada lado, e puxar para fechar.

Gunther correu até a porta com toda velocidade, e o impacto quase deslocou minha mandíbula. Os outros germânicos se espremeram atrás dele. Minhas únicas vantagens eram o espaço estreito em que eles estavam, que dificultava que unissem forças, e sua falta de noção. Em vez de se organizarem para abrir as duas bandas da porta, os germânicos simplesmente ficaram se empurrando e se acotovelando, usando o rosto de Gunther como aríete.

Atrás de mim, Lu e Meg duelavam sem descanso, as lâminas se chocando furiosamente.

— Que bom, Plantinha — disse Lu, baixinho. — Você se lembra do seu treinamento. — E mais alto, para nossa plateia: — Vou te matar, garotinha boba!

Imaginei como isso devia parecer para os germânicos do outro lado do acrílico: a camarada deles, Lu, presa em combate com uma prisioneira fugitiva, enquanto eu tentava segurá-los. Minhas mãos estavam ficando dormentes. Os músculos dos meus braços e do meu peito doíam. Desesperado, olhei ao redor em busca de uma tranca de emergência, mas só havia um botão de emergência dizendo ABRIR. De que adiantava?

O trem rugia pelo túnel. Calculei que tínhamos poucos minutos até chegarmos à Penn Station, onde a "escolta" de Nero estaria esperando. Eu não queria ser escoltado.

Solte os vagões, dissera Lu.

Como eu ia fazer aquilo, principalmente enquanto segurava a porta do passadiço? Eu não era engenheiro de trens! Locomotivas eram coisa de Hefesto.

Olhei para trás e avaliei o passadiço. Por incrível que parecesse, não havia nenhum interruptor indicando claramente para um passageiro como soltar o vagão. Qual era o problema do sistema de transportes dos humanos?

Ali! No chão, uma série de abas articuladas de metal se sobrepunham, criando uma superfície segura por onde os passageiros podiam passar quando o trem fazia curva. Uma daquelas abas tinha sido aberta, talvez por Lu, expondo o acoplamento embaixo.

Mesmo que desse para eu alcançar as abas de onde estava, e não dava, eu certamente não teria a força e a destreza de enfiar meu braço ali, cortar os cabos e soltar o engate. O vão entre os painéis do chão era estreito demais, e o acoplamento, distante demais. Para acertar dali, eu teria que ser o melhor arqueiro do mundo!

Espera aí...

No meu peito, as portas balançavam com o peso de sete bárbaros. Uma lâmina de machado atravessou a borda de borracha ao lado da minha orelha. Virar para atirar com o arco seria loucura.

Sim, pensei histericamente. *Vamos lá.*

Ganhei um pouco de tempo puxando uma flecha e a enfiando no vão entre as portas. Gunther uivou. O grupo de germânicos se afastou, aliviando a pressão. Eu me virei e fiquei de costas para o acrílico, deixando um calcanhar apoiado na base das portas. Peguei o arco com dificuldade e consegui prender uma flecha.

Meu novo arco era uma arma de nível divino dos cofres do Acampamento Júpiter. Minha habilidade com o arco tinha melhorado drasticamente ao longo dos seis meses anteriores. Ainda assim, era uma péssima ideia. Era impossível disparar direito com as costas coladas em uma superfície rígida. Eu não conseguiria puxar a corda como precisava.

Mesmo assim, disparei. A flecha desapareceu no vão e passou longe do acoplamento.

— Em um minuto, chegaremos à Penn Station — disse uma voz no sistema de alto-falantes. — Saída pelas portas da esquerda.

— Nosso tempo está acabando! — gritou Lu.

Ela deu um golpe na direção da cabeça de Meg, que revidou embaixo e quase empalou a coxa da gaulesa.

Disparei outra flecha. Dessa vez, a ponta soltou fagulhas no engate, mas os vagões continuaram teimosamente conectados.

Os germânicos bateram nas portas. Um painel de acrílico se soltou. Um punho pulou para fora e segurou minha camisa.

Com um grito de desespero, pulei para longe das portas e disparei uma última vez, em cheio. A flecha cortou os cabos e acertou o engate. Com um tremor e um gemido, a peça quebrou.

Germânicos se espalharam pelo passadiço na hora que pulei o vão cada vez maior entre os vagões. Eu quase virei espeto nas espadas de Meg e de Lu, mas consegui recuperar o equilíbrio.

Eu me virei enquanto o resto do trem seguia pela escuridão a cento e dez quilômetros por hora, com sete germânicos nos olhando sem acreditar, gritando insultos que me recuso a repetir.

Por mais quinze metros, nossa parte desacoplada do trem continuou se movendo no embalo, mas acabou parando. Meg e Lu baixaram as armas. Uma passageira corajosa do vagão silencioso ousou botar a cabeça para fora e perguntar o que estava acontecendo.

Eu ordenei que ficasse quieta.

Lu me olhou de cara feia.

— Demorou, hein, Lester. Agora, vamos logo, antes que meus homens voltem. O status de vocês mudou de *os capturem vivos* para *pena de morte é aceitável.*

3

Que flecha mais sábia
Me arrume um esconderijo
Não, não esse. NÃO!

— **ESTOU CONFUSO** — falei, quando saímos andando pelo túnel escuro. — Ainda somos prisioneiros?

Lu olhou para mim e depois para Meg.

— Ele é meio lerdo para um deus, né?

— Nem me fale — resmungou Meg.

— Você trabalha para o Nero ou não? — perguntei. — E como, exatamente...?

Balancei o dedo, apontando para Lu e depois para Meg, como se perguntasse *Como vocês duas se conhecem?* Ou talvez *Vocês são parentes? Porque a chatice das duas é bem parecida.*

Foi então que vi o brilho dos anéis de ouro iguais, no dedo do meio de cada uma. Lembrei como Lu e Meg lutaram, as quatro espadas golpeando em perfeita sincronia.

A verdade óbvia foi um tapa na minha cara.

— Você treinou Meg — percebi. — Para ser *dimaquera*.

— E ela manteve as habilidades em dia. — Lu deu uma cotovelada carinhosa em Meg. — Estou satisfeita, Plantinha.

Eu *nunca* tinha visto Meg tão orgulhosa.

Ela abraçou a antiga treinadora.

— Eu sabia que você não era má.

— Hum. — Lu parecia não saber como reagir ao abraço. Deu um tapinha no ombro da Meg. — Sou muito má, Plantinha. Só não vou mais deixar Nero torturar você. Vamos em frente.

Torturar. Sim, a palavra foi essa.

Eu me perguntei como Meg podia confiar naquela mulher. Ela tinha matado a anfisbena sem pestanejar. Eu não tinha dúvida de que faria o mesmo comigo se achasse necessário.

Pior ainda: Nero pagava o salário dela. Independentemente de Lu ter nos salvado da captura ou não, ela havia treinado Meg, o que significava que devia ter visto de perto todo tormento emocional e mental ao qual minha jovem amiga havia sido submetida por anos. Lu foi parte do problema, parte da doutrinação na família problemática do imperador. Eu tinha medo de que Meg estivesse repetindo padrões antigos. Talvez Nero tivesse descoberto um jeito de manipulá-la indiretamente através dessa antiga professora que ela tanto admirava.

Por outro lado, eu não sabia como tocar no assunto. Estávamos

andando por um labirinto de túneis de manutenção do metrô, tendo apenas Lu como guia. Ela tinha bem mais armas do que eu. Além do mais, Meg era minha mestra. Ela tinha me dito que íamos seguir Lu, e foi o que fizemos.

Continuamos andando, Meg e Lu lado a lado, eu atrás. Eu gostaria de dizer que estava "cuidando da retaguarda" ou fazendo alguma outra coisa importante, mas acho que Meg só tinha me esquecido mesmo.

Acima, lâmpadas protegidas por grades criavam sombras que davam um clima de prisão às paredes de tijolos. O chão estava coberto de lama e lodo, exalando um cheiro igual ao dos barris velhos de "vinho" que Dioniso insistia em guardar no porão, embora tudo já tivesse virado vinagre. Pelo menos, os tênis da Meg não iam mais cheirar a cocô de cavalo. Estariam cobertos de um lixo tóxico novo e diferente.

Após tropeçar por um milhão de quilômetros, me arrisquei a perguntar:

— Srta. Lu, aonde estamos indo? — Fiquei assustado com o volume da minha própria voz ecoando na escuridão.

— Para longe da área de busca — respondeu ela, como se fosse óbvio. — Nero grampeou a maioria das câmeras de segurança de circuito fechado de Manhattan. Nós temos que fugir do radar dele.

Era meio perturbador ouvir uma guerreira gaulesa falando de radares e câmeras.

Eu me perguntei novamente como Lu tinha ido parar no séquito de Nero.

Por mais que eu odiasse admitir, os imperadores do Triunvirato eram basicamente deuses menores. Eram seletivos na hora de escolher os serviçais que teriam permissão para segui-los pela eternidade. Os germânicos faziam sentido. Mesmo sendo burros e cruéis, os guarda-costas imperiais eram ferozmente leais. Mas por que uma gaulesa? Luguselwa devia ser valiosa para Nero por motivos que iam além de sua habilidade com a espada. Eu não acreditava que uma guerreira dessas pudesse simplesmente se voltar contra seu senhor depois de dois milênios.

Eu devia estar irradiando minha desconfiança como um forno irradia calor, porque Lu olhou para trás e reparou na minha testa franzida.

— Apolo, se eu te quisesse morto, você já estaria morto.

Verdade, pensei, mas Lu poderia ter acrescentado: *Se eu quisesse te enganar e te convencer a me seguir para entregar você de bandeja para o Nero, faria exatamente o que estou fazendo.*

Lu acelerou o passo. Meg fez cara feia para mim, cara de *Seja legal com a minha gaulesa*, e correu para alcançá-la.

Perdi a noção do tempo. A onda de adrenalina da luta no trem foi passando, me deixando cansado e dolorido. Claro, eu ainda estava fugindo para sobreviver, mas tinha passado a maior parte dos seis meses anteriores fazendo isso. Nenhuma novidade aí. Não dava para manter um estado produtivo de pânico indefinidamente. A gosma do túnel ensopou minhas meias. Meus sapatos pareciam vasos de argila ainda molhada.

Por um tempo, achei impressionante Lu conhecer os túneis muito bem. Ela seguia em frente, nos levando por um túnel atrás do outro. Mas, quando hesitou um pouco mais do que o esperado em uma bifurcação, me dei conta da realidade.

— Você não sabe aonde estamos indo — falei.

Ela fez cara feia.

— Já falei. Para longe...

— Da área de busca. Das câmeras. Sim. Mas *aonde* estamos indo?

— Para algum lugar. Qualquer lugar seguro.

Eu ri. Até eu fiquei surpreso de sentir alívio. Se Lu não tinha a menor ideia do nosso destino, eu sentia mais segurança para confiar nela. Ela não tinha nenhum grande plano. Estávamos perdidos. Que alívio!

Lu não pareceu gostar do meu senso de humor.

— Desculpa se precisei improvisar — resmungou ela. — Você tem sorte de *eu* ter encontrado vocês no trem, e não qualquer outro grupo de busca do imperador. Senão, você já estaria na cela do Nero agora.

Meg me olhou de cara feia de novo.

— É, Lester. Além do mais, está tudo bem.

Ela apontou para uma seção antiga de azulejos com meandros gregos no corredor da esquerda, talvez resquício de uma linha de metrô abandonada.

— Eu reconheço isso. Deve ter uma saída ali na frente.

Fiquei com vontade de perguntar como ela podia saber aquilo. Mas lembrei que Meg tinha passado boa parte da infância vagando por vielas escuras, prédios abandonados e outros lugares estranhos e incomuns de Manhattan com a bênção de Nero, a versão imperial malvada e cruel do conceito de “criar os filhos para o mundo”.

Eu conseguia imaginar Meg mais nova explorando aqueles túneis, dando estrelas na lama e cultivando cogumelos em locais esquecidos.

Nós a seguimos por... sei lá, nove ou dez quilômetros? Foi o que pareceu, pelo menos. Até que paramos abruptamente quando um *BUM* grave e distante ecoou pelo corredor.

— Trem? — perguntei, nervoso, apesar de termos deixado os trilhos para trás bem antes.

Lu inclinou a cabeça.

— Não. Isso foi um trovão.

Eu não entendia como era possível. Quando entramos no túnel em Nova Jersey, não havia nem sinal de chuva. Eu não gostava da ideia de tempestades repentinas se formando tão perto do Empire State Building, a entrada do Monte Olimpo, lar de Zeus, também conhecido como o Paizão dos Raios.

Determinada, Meg seguiu em frente.

Finalmente, nosso túnel terminou num beco com uma escada de metal. Acima havia uma tampa de bueiro solta, com luz e água entrando pela beira, como uma lua crescente chorando.

— Lembro que isso dá numa viela — anunciou Meg. — Sem câmeras... Ao menos da última vez que vim aqui.

Lu grunhiu como quem diz *Bom trabalho*, ou talvez só *Isso não vai dar certo.*

A gaulesa subiu primeiro. Instantes depois, nós três estávamos em uma viela entre dois prédios residenciais, no meio da tempestade. Um raio cortou o céu, delineando as nuvens escuras de dourado. As gotas de chuva espetavam meu rosto e cutucavam meus olhos.

De onde tinha vindo aquela tempestade? Era um presente de boas-vindas do meu pai ou um aviso? Talvez fosse só uma tempestade de verão comum. Infelizmente, meu tempo como Lester havia me ensinado que nem todos os eventos meteorológicos tinham relação comigo.

Um trovão sacudiu as janelas ao nosso redor. A julgar pelas fachadas de tijolos amarelos dos prédios, eu achava que estávamos no Upper East Side, embora tivesse sido uma caminhada subterrânea inacreditavelmente longa da Penn Station até ali. No fim da viela, táxis passavam voando numa rua movimentada: a Park Avenue? A Lexington?

Abracei meu próprio corpo. Meus dentes batiam. Minha aljava estava começando a ficar cheia de água, a alça cada vez mais pesada no meu ombro. Eu me virei para Lu e Meg:

— Por acaso alguma de vocês tem um item mágico que faz a chuva parar?

Do cinturão de infinitas armas, Lu tirou o que para mim era um cassetete policial. Ela apertou um botão na lateral, e o objeto floresceu num guarda-chuva. Naturalmente, só cabiam Lu e Meg embaixo.

Eu suspirei.

— Eu pedi, né?

— Aham — concordou Meg.

Botei a mochila em cima da cabeça, o que bloqueou 0,003 por cento da chuva caindo no meu rosto. Minhas roupas estavam grudadas no corpo. Meu coração desacelerava e acelerava sem seguir nenhum critério, como se indeciso entre exausto ou apavorado.

— E agora? — perguntei.

— A gente arruma um lugar para se organizar — disse Lu.

Olhei a caçamba de lixo mais próxima.

— Com todos os imóveis que Nero controla em Manhattan, você não tem *uma* base secreta que a gente possa usar?

A risada da Lu foi a única coisa seca na viela.

— Já falei: Nero monitora todas as câmeras de segurança públicas de Nova York. Que atenção você acha que ele dá ao monitoramento das propriedades dele? Quer arriscar?

Odiei admitir que ela tinha razão.

Eu queria confiar em Luguselwa, porque Meg confiava. Eu reconhecia que Lu tinha nos salvado no trem. Além disso, o último verso da profecia da anfisbena ficava ecoando na minha cabeça: *Do exército de Nero agora suas vidas são dependentes.*

Isso podia se referir a Lu, e significaria que ela era de confiança.

Por outro lado, Lu havia matado a anfisbena. Até onde eu sabia, se a criatura tivesse vivido mais alguns minutos, talvez tivesse proferido mais um verso importante: *Não a Lu. Não a Lu. Nunca confiem na gaulesa.*

— Se você está do nosso lado — falei —, por que fingiu no trem? Por que matou a anfisbena? Por que toda aquela farsa de nos levar até o banheiro?

Lu grunhiu.

— Primeiro de tudo, eu estou do lado da Meg. Não estou nem aí para você.

Meg abriu um sorrisinho debochado.

— Isso aí.

— Quanto ao monstro... — Lu deu de ombros. — Era um monstro. Vai acabar se regenerando no Tártaro alguma hora. Não é uma grande perda.

Eu desconfiava que a esposa do sr. Cobra fosse discordar. Se bem que, não muito tempo antes, eu via os semideuses da mesma forma que Lu via a anfisbena.

— Quanto à farsa — disse ela —, se eu me virasse contra meus companheiros, haveria o risco de vocês dois serem mortos, eu ser morta ou um dos homens fugir e relatar tudo ao Nero. Eu seria revelada como traidora.

— Mas *todos* fugiram — protestei. — *Todos* vão relatar tudo ao Nero e... Ah. Eles vão dizer ao Nero...

— Que, na última vez que me viram, eu estava lutando feito louca, tentando impedir que vocês dois escapassem — concluiu Lu.

Meg se afastou de Lu e arregalou os olhos.

— Mas Nero vai pensar que você está morta! Você pode ficar com a gente!

Lu abriu um sorriso triste.

— Não, Plantinha. Vou ter que voltar em breve. Se tivermos sorte, Nero vai acreditar que ainda estou do lado dele.

— Mas *por quê*? — perguntou Meg. — Você não pode voltar.

— É o único jeito — disse Lu. — Eu tive que garantir que você não seria capturada voltando para a cidade. Agora... preciso de tempo para explicar para você o que está acontecendo... o que Nero está planejando.

Não gostei da hesitação na voz dela. O que quer que Nero estivesse planejando tinha deixado Lu bem abalada.

— Além do mais — continuou ela —, se quiser alguma chance de vencê-lo, você vai precisar de alguém lá dentro. É importante que Nero pense que tentei te impedir, falhei e voltei para ele com o rabo entre as pernas.

— Mas... — Meu cérebro estava alagado demais para formular mais perguntas. — Deixa pra lá. Quando a gente chegar num lugar seco você explica. Falando nisso...

— Tive uma ideia — disse Meg.

Ela correu até a esquina da viela. Lu e eu fomos atrás. A placa na esquina mais próxima revelou que estávamos na esquina da Lexington com a Setenta e Cinco.

Meg sorriu.

— Estão vendo?

— Vendo o quê? — perguntei. — O que você...?

E então a ideia me atingiu como um vagão de trem silencioso.

— Ah, não — falei. — Não, eles já fizeram muito por nós. Não vou botá-los em perigo *de novo*, principalmente com Nero atrás da gente.

— Mas na última vez você não teve problema...

— Meg, não!

Lu olhou de um para o outro.

— De quem vocês estão falando?

Senti vontade de enfiar a cabeça na mochila e gritar. Seis meses antes, eu não tinha pensado duas vezes antes de procurar um velho amigo que morava a alguns quarteirões dali. Mas agora... depois de todos os problemas e sofrimento que eu vinha levando àqueles que me abrigavam... Não. Eu não podia fazer isso *de novo*.

— Que tal isto? — Puxei a Flecha de Dodona da aljava. — Vamos perguntar ao meu amigo profético. Ele com certeza tem uma ideia melhor... talvez esteja por dentro até das últimas ofertas de hotel!

Ergui o projétil nos dedos trêmulos.

— Ó grande Flecha de Dodona...

— Ele está falando com uma flecha? — perguntou Lu a Meg.

— Ele fala com objetos inanimados — respondeu Meg. — É só fingir que acredita.

— Precisamos do seu conselho! — falei, me segurando para não dar

um chute na canela da Meg. — Onde devemos procurar abrigo?

A voz da flecha soou no meu cérebro: *TU ME CHAMASTE, AMIGO?* Ela parecia feliz.

— Hã, chamei. — Fiz sinal de positivo para as minhas companheiras. — A gente precisa de um lugar para se esconder e se organizar. Um lugar próximo, mas longe das câmeras de vigilância do Nero e coisa e tal.

ESSA COISA E TAL AÍ DO IMPERADOR É FORMIDÁVEL MESMO, concordou a flecha. *MAS TU JÁ SABES A RESPOSTA À TUA PERGUNTA, Ó LESTER. PROCURA O LUGAR DA PASTA DE SETE CAMADAS.*

Com isso, a flecha ficou em silêncio.

Gemi de tristeza. A mensagem da flecha era perfeitamente clara. Ah, a deliciosa pasta de sete camadas da nossa anfitriã! Ah, o conforto daquele apartamento quentinho! Mas não era certo. Eu não podia...

— O que a flecha disse? — perguntou Meg.

Tentei pensar numa alternativa, mas estava tão cansado que nem conseguia mentir.

— Tudo bem — falei. — Vamos para a casa do Percy Jackson.

4

Que criança fofa
Só vejo coisas tão lindas
Acabou pra mim

— OI, SRA. JACKSON! O Percy está?

Eu tremia e pingava no capacho dela, com minhas duas companheiras igualmente desgrenhadas atrás de mim.

Por um momento, Sally Jackson ficou parada à porta, um sorriso congelado no rosto, como se estivesse esperando uma entrega de flores ou de biscoitos. Estávamos bem longe disso.

O cabelo castanho estava com mais fios brancos do que seis meses antes. Ela usava uma calça jeans surrada com uma bata verde e tinha um pouco de purê de maçã no pé esquerdo descalço. Não estava mais grávida, o que devia explicar a risada de bebê dentro do apartamento.

A surpresa dela passou rápido. Tendo criado um semideus, sem dúvida tinha muita experiência em lidar com o inesperado.

— Apolo! Meg! E... — Ela olhou de cima a baixo a condutora de trem gigantesca, tatuada e de moicano. — Oi! Coitadinhos. Entrem, venham se secar.

A sala dos Jackson estava tão aconchegante quanto eu lembrava. O cheiro de muçarela e tomates assando veio da cozinha. Tinha jazz tocando em uma vitrola antiga... ah, Wynton Marsalis! Vários sofás e poltronas confortáveis estavam disponíveis para nos sentarmos. Esquadrinhei a sala em busca de Percy Jackson, mas só vi um homem de meia-idade, cabelo grisalho, calça cáqui amarrotada, luvas de cozinha e uma camisa rosa por baixo de um avental amarelo vibrante manchado de molho de tomate. Ele balançava um bebê risonho no colo. O macacão amarelo do bebê combinava tanto com o avental dele que me perguntei se não era um conjunto.

Sei que o chef e a criança formavam uma cena adorável e de aquecer o coração. Mas, infelizmente, eu tinha crescido com histórias sobre titãs e deuses que cozinhavam e/ou comiam os filhos, e por isso não fiquei tão encantado quanto poderia.

— Tem um homem na sua casa — informei à sra. Jackson.

Sally riu.

— É meu marido, Paul. Com licença, me deem um segundo. Já volto. — Ela correu para o banheiro.

— Oi! — Paul sorriu para nós. — Esta é Estelle.

Estelle riu e babou, como se seu nome fosse a piada mais engraçada do universo. Ela tinha os olhos verde-água de Percy e, claramente, o

bom humor da mãe. Também tinha fios de cabelo pretos e brancos como os de Paul, uma coisa que eu nunca tinha visto em um bebê. Ela seria o primeiro bebê grisalho do mundo. De modo geral, parecia que Estelle tinha herdado uma ótima genética.

— Oi. — Eu não sabia bem se deveria falar com Paul, Estelle ou com a comida, que estava com um cheiro delicioso. — Hã, não quero ser grosseiro, mas tínhamos esperança de... Ah, obrigado, sra. Jackson.

Sally tinha voltado do banheiro e enrolava nós três em toalhas de banho macias azul-turquesa.

— Tínhamos esperanças de encontrar o Percy — concluí.

Estelle deu um gritinho de alegria. Ela parecia gostar do nome *Percy*.

— Eu também queria vê-lo — disse Sally. — Mas ele está indo para a Costa Oeste. Com Annabeth. Eles saíram alguns dias atrás.

Ela apontou para uma foto num porta-retratos numa mesinha de canto ali perto. Na foto, meus velhos amigos Percy e Annabeth estavam sentados lado a lado no Prius amassado da família Jackson, os dois sorrindo pela janela do motorista. No banco de trás estava nosso amigo sátiro, Grover Underwood, fazendo careta para a câmera: olhos vesgos, a língua saindo pelo canto da boca, as mãos fazendo o sinal da paz. Annabeth estava encostada no Percy, os braços em volta do pescoço dele como se fosse beijá-lo ou enforcá-lo. Atrás do volante, Percy fazia sinal de positivo para a câmera. Ele parecia estar me dizendo com todas as letras: *Estamos caindo fora! Divirta-se com suas missões ou sei lá o quê!*

— Ele se formou no ensino médio — disse Meg, como se tivesse testemunhado um milagre.

— Pois é — respondeu Sally. — Teve até bolo.

Ela apontou para uma foto deles dois, sorrindo e segurando um bolo azul-bebê com PARABÉNS AO FORMADNO PERCY! escrito com glacê azul-escuro. Não perguntei por que *formando* estava escrito errado, considerando que dislexia era muito comum nas famílias de semideuses.

— Então — engoli em seco —, ele não está aqui.

Foi uma coisa idiota de se dizer, mas uma parte teimosa de mim insistia que Percy Jackson *devia* estar lá, em algum lugar, esperando para fazer tarefas perigosas para mim. Esse era o *trabalho* dele!

Mas, não. Esse era o jeito de pensar do *velho* Apolo, o que eu era na última vez que tinha entrado naquele apartamento. Percy tinha o direito de viver a própria vida. Ele estava tentando, e (ah, que verdade amarga!) isso não tinha nada a ver comigo.

— Estou feliz por ele — falei. — E Annabeth...

Nesse momento, me ocorreu que eles provavelmente haviam ficado sem dar notícias desde que saíram de Nova York. Celulares atraíam

muita atenção de monstros, e por isso semideuses nunca os usavam, principalmente em uma viagem de carro. Os meios mágicos de comunicação estavam voltando aos poucos desde que libertamos o deus do silêncio, Harpócrates, mas ainda eram muito instáveis. Percy e Annabeth talvez não tivessem ideia da tragédia que enfrentamos na Costa Oeste... no Acampamento Júpiter e, antes disso, em Santa Barbara...

— Minha nossa — murmurei, baixinho. — Acho então que eles não souberam...

Meg tossiu alto. E me olhou com cara de *cala a boca*.

Certo. Seria crueldade jogar em Sally e Paul o peso da morte de Jason Grace, principalmente considerando que Percy e Annabeth estavam indo para a Califórnia e Sally já devia estar preocupada com eles.

— Não souberam o quê? — perguntou Sally.

Eu engoli em seco.

— Que a gente estava voltando para Nova York. Tudo bem. A gente vai...

— Chega de conversinha — interrompeu Lu. — Estamos correndo um grande perigo. Esses mortais não podem nos ajudar. Nós temos que ir.

O tom de Lu não foi exatamente de desdém, foi mais de irritação e talvez preocupação com nossos anfitriões. Se Nero nos rastreasse até aquele apartamento, ele não pouparia a família de Percy só porque eles não eram semideuses.

Por outro lado, a Flecha de Dodona havia nos mandado ir até lá. Tinha que ser por algum motivo. Eu esperava que tivesse a ver com o que Paul estava cozinhando.

Sally observou nossa amiga grande e tatuada. Não parecia ofendida, mas sim avaliando o tamanho de Lu e pensando se tinha alguma roupa que coubesse nela.

— Bom, vocês não podem ir embora encharcados. Vamos arrumar umas roupas secas, pelo menos, e comida, caso estejam com fome.

— Sim, por favor — disse Meg. — Eu te amo.

Estelle caiu na gargalhada de novo. Pelo visto ela tinha acabado de descobrir que o pai podia balançar os dedos e estava achando hilário.

Sally sorriu para o bebê e para Meg.

— Eu também te amo, querida. Os amigos do Percy são sempre bem-vindos.

— Eu nem faço ideia de quem seja esse *Percy* — protestou Lu.

— *Qualquer um* que precise de ajuda é sempre bem-vindo — consertou Sally. — Acredite, nós já estivemos em perigo e tudo se resolveu. Não é, Paul?

— É — concordou ele, sem hesitar. — Tem bastante comida. Acho

que Percy tem roupas que vão caber, não é, hum, Apolo?

Assenti sem muito ânimo. Eu sabia muito bem que as roupas do Percy cabiam em mim porque tinha saído dali seis meses antes usando coisas dele.

— Obrigado, Paul.

Lu grunhiu.

— Acho que... esse cheiro é de lasanha?

Paul sorriu.

— Receita de família dos Blofis.

— Hum. Acho que podemos ficar um pouquinho — decidiu Lu.

As maravilhas não tinham fim. A gaulesa e eu concordávamos sobre uma coisa.

* * *

— Aqui, experimenta esta. — Paul jogou para mim uma camiseta desbotada do Percy para acompanhar meu jeans surrado do Percy.

Eu não reclamei. As roupas estavam limpas, secas e quentinhas, e depois de andar em túneis subterrâneos por metade de Manhattan, minha roupa antiga fedia tanto que teria que ser lacrada num saco de lixo tóxico e incinerada.

Sentei-me na cama de Percy ao lado de Estelle, que estava deitada de costas, olhando com fascinação para um donut azul de plástico.

Passei a mão pelas palavras desbotadas da camiseta: EQUIPE DE NATAÇÃO EEMA.

— O que significa EEMA?

Paul franziu o nariz.

— Escola de Ensino Médio Alternativa. Foi a única que aceitou Percy só para fazer o último ano, depois que... Você sabe.

Eu lembrava. Percy tinha passado um bom tempo desaparecido por causa da intromissão de Hera, que o enviou para o outro lado do país com amnésia, só para fazer o acampamento de semideuses gregos e o de romanos se aliarem na guerra com Gaia. Minha madrasta adorava unir as pessoas.

— Você não gostou da situação ou da escola? — perguntei.

Paul deu de ombros. Pareceu incomodado, como se dizer qualquer coisa negativa fosse contra sua natureza.

Estelle abriu um sorriso babado.

— Gah?

Interpretei isso como *Dá para acreditar como temos sorte de estar vivos agora?*

Paul se sentou ao lado dela e botou a mão delicadamente sobre seus fiapinhos de cabelo.

— Eu sou professor de inglês em outra escola de ensino médio —

disse ele. — A EEMA... não era a melhor. Para adolescentes com dificuldade, correndo risco, a gente quer um lugar seguro com boas acomodações e uma rede de apoio. Quer entender cada aluno individualmente. A tal escola alternativa estava mais para um buraco para onde ia todo mundo que não se encaixava no sistema. Percy tinha passado por tanta coisa... Eu fiquei preocupado. Mas ele aproveitou da melhor forma que pôde. Queria *muito* aquele diploma. Estou orgulhoso.

Estelle deu gritinhos. Sorrindo, Paul deu uma batidinha com o dedo no nariz dela.

— Bup.

O bebê ficou atordoado por um milissegundo, mas então caiu na gargalhada, tão alegre que fiquei com medo de que ela pudesse engasgar com a própria baba.

Fiquei olhando, impressionado, para Paul e Estelle, que me pareceram milagres maiores ainda do que a formatura de Percy. Pelo que podíamos ver, Paul era um marido dedicado, um pai carinhoso, um padrasto gentil. Na minha experiência, uma criatura assim era mais difícil de encontrar do que um unicórnio albino ou um grifo com três asas.

Quanto ao bebê Estelle, o bom humor e a capacidade de se encantar com as coisas eram quase superpoderes. Se aquela criança crescesse sendo tão perceptiva e carismática quanto já era agora, dominaria o mundo. Decidi não contar a Zeus sobre ela.

— Paul... — Resolvi arriscar. — Você não está preocupado com nossa presença aqui? Nós podemos botar sua família em perigo.

Ele contraiu os cantos da boca.

— Eu estava na Batalha de Manhattan. Soube de algumas das coisas horríveis pelas quais a Sally passou: a luta contra o Minotauro, a prisão no Mundo Inferior. E as aventuras do Percy? — Ele balançou a cabeça, pensativo. — Percy correu risco por nós, pelos amigos, pelo mundo, e não foi só uma ou duas vezes. Então quer saber se eu posso correr o risco de oferecer um lugar para você descansar, vestir umas roupas secas e comer uma refeição? Claro, como poderia dizer não?

— Você é um bom homem, Paul Blofis.

Ele inclinou a cabeça, como se não imaginasse que outro tipo de homem poderia existir.

— Bom, vou deixar você sozinho para tomar um banho e se vestir. Não queremos deixar o jantar queimar, não é, Estelle?

O bebê teve uma crise de risadinhas quando o pai a pegou no colo e saiu do quarto.

Eu não me apressei no chuveiro. Precisava de um bom banho, sim. Mas também precisava muito ficar com a testa encostada nos azulejos, tremendo e chorando até sentir que conseguiria encarar as outras

pessoas de novo.

Será que tinha sido efeito da gentileza? No meu tempo como Lester Papadopoulos, eu havia aprendido a aguentar abusos verbais horrendos e ameaças violentas à minha vida, mas o menor ato de generosidade conseguia dar um chute ninja no meu coração e parti-lo em mil caquinhos.

Caramba, Paul e Sally e esse bebezinho fofo!

Como eu poderia compensá-los por me oferecerem aquele abrigo temporário? Eu sentia que minha dívida com eles era a mesma que tinha com o Acampamento Júpiter e o Acampamento Meio-Sangue, com a Estação Intermediária e com a Cisterna, com Piper, Frank, Hazel e Leo e, sim, principalmente com Jason Grace. Eu devia *tudo* a eles.

Como poderia dizer não?

Depois de me vestir, fui cambaleando até a sala de jantar. Todos estavam sentados em volta da mesa, exceto Estelle, que, Paul nos contou, já tinha ido dormir. Sem dúvida aquela alegria em estado puro exigia uma grande quantidade de energia.

Meg estava com um vestido rosa largo e uma legging branca. Se amasse aquela roupa tanto quanto amou a última que Sally tinha lhe dado, ela usaria até que caísse do corpo em trapos chamuscados. Além dos tênis vermelhos de cano alto (que felizmente tinham sido bem limpos), ela estava com uma paleta de cores de Dia dos Namorados que parecia não combinar com sua personalidade, a não ser que estivesse namorando a montanha de pão de alho que enfiava na boca.

Lu usava uma camisa de botão masculina tamanho GG com ELETRÔNICOS MEGA-MART bordado no bolso e uma toalha felpuda turquesa na cintura como um kilt, porque a única outra coisa ali que cabia nela era uma calça antiga de gestante de Sally e, não, obrigada, Lu preferia esperar que a sua saísse da secadora.

Sally e Paul nos ofereceram pratos lotados de salada, lasanha e pão de alho. Não era a famosa pasta de sete camadas de Sally, mas *era* um banquete em família que eu não comia desde a Estação Intermediária. A lembrança me deixou um pouco melancólico. O que será que o pessoal estava fazendo? Leo, Calipso, Emmie, Jo, a pequena Georgina... Na época, nossas provações em Indianápolis pareceram um pesadelo, mas, pensando agora, eram dias mais felizes e mais simples.

Sally Jackson se sentou e sorriu.

— Ah, que coisa boa. — O chocante foi que ela transparecia sinceridade. — Não recebemos convidados com frequência. Agora, vamos comer, e vocês podem nos contar quem ou o que está tentando matar vocês desta vez.

5

Palavrão à mesa?
A educação diz não
#@$%-@& do Nero*

EU QUERIA PODER sentar à mesa de jantar e ter uma conversa normal sobre trivialidades: o tempo, quem gosta de quem na escola, que deuses estão lançando pragas em que cidades e por quê. Mas, *não*, era sempre sobre quem estava tentando me matar.

Eu não queria estragar o apetite de ninguém, principalmente porque a lasanha saborosa e tradicional da família de Paul estava me fazendo babar igual a Estelle. Além disso, eu não sabia se confiava em Luguselwa a ponto de contar a história toda na frente dela.

Meg não teve a mesma resistência. Ela falou abertamente sobre tudo que passamos... com exceção das mortes trágicas. Eu sabia que só tinha pulado essas partes para poupar Sally e Paul, para não deixá-los morrendo de preocupação com Percy.

Acho que eu nunca tinha ouvido Meg falar tanto, como se a presença de uma figura materna e de uma figura paterna gentis tivesse libertado alguma coisa dentro dela.

Meg contou sobre a batalha com Cômodo e Calígula. Explicou que havíamos libertado quatro oráculos antigos e estávamos de volta a Nova York para enfrentar o último e mais poderoso imperador, Nero. Paul e Sally ouviram com atenção e só interromperam para expressar preocupação ou solidariedade. Quando Sally olhou para mim e disse "Coitadinho", quase desabei de novo. Quis chorar no ombro dela. Quis que Paul botasse um macacão fofinho em mim e me embalasse até que eu pegasse no sono.

— Então Nero está atrás de vocês — disse Paul. — *O imperador romano Nero* que montou seu covil maligno em um arranha-céu de Midtown.

Ele se recostou na cadeira e colocou as mãos na mesa, como se tentando digerir a novidade tanto quanto a comida.

— Acho que essa não é a coisa mais maluca que já ouvi. E agora, vocês têm que fazer o quê? Derrotá-lo em combate? Outra Batalha de Manhattan?

Eu estremeci.

— Espero que não. A batalha com Cômodo e Calígula foi... difícil para o Acampamento Júpiter. Se eu pedisse ao Acampamento Meio-Sangue para atacar a base de Nero...

— Não. — Lu mergulhou o pão de alho no molho da salada,

provando sua bárbara boa vontade. — Um ataque em larga escala seria suicídio. Nero está esperando isso. Está *ansiando* por isso. Está preparado para causar danos colaterais enormes.

Do lado de fora, a chuva açoitava as janelas. Um relâmpago explodiu, como se Zeus estivesse me alertando a não ficar à vontade demais com esses pais gentilmente emprestados.

Por mais que desconfiasse de Luguselwa, eu concordava com ela. Nero adoraria uma luta, principalmente depois do que havia acontecido com seus dois compadres na Bay Area, ou talvez *por causa* disso. Eu tinha medo de perguntar o que Lu queria dizer com *danos colaterais enormes.*

Uma guerra aberta com Nero não seria outra Batalha de Manhattan. Quando o exército de Cronos invadira o Empire State Building, a entrada do Monte Olimpo, o titã Morfeu botou todos os mortais da cidade para dormir. O dano à cidade em si e à população humana foi insignificante.

Nero não agia assim. Ele gostava de drama. Adoraria o caos, gente gritando, inúmeras mortes. Estávamos falando de um homem que queimava pessoas vivas para iluminar as festas no jardim.

— Tenho que achar outro jeito — concluí. — Não vou deixar mais inocentes sofrerem por minha causa.

Sally Jackson cruzou os braços. Apesar das questões sombrias que estávamos discutindo, ela sorriu.

— Você mudou.

Supus que ela estivesse falando de Meg. Nos meses anteriores, minha jovem amiga foi mesmo ficando mais alta e... Espera. Sally estava se referindo a *mim*?

Meu primeiro pensamento: Que absurdo! Eu tinha quatro mil anos de idade. Não estava *mudado*.

Ela esticou a mão por cima da mesa e apertou a minha.

— Na última vez que esteve aqui, você estava tão perdido. Tão... bom, se você não se importa que eu fale...

— Patético — completei, sem pestanejar. — Reclamão, arrogante, egoísta. Eu estava morrendo de pena de mim mesmo.

Meg foi assentindo diante de minhas palavras, como se estivesse ouvindo sua música favorita.

— Você *ainda* sente pena de si mesmo — declarou Meg.

— Mas agora — continuou Sally, se recostando na cadeira —, você está mais... humano, acho.

Lá estava aquela palavra de novo: *humano*, que não muito tempo antes eu teria considerado um insulto horrível. Naquele momento, cada vez que eu a ouvia, pensava na advertência de Jason Grace: *Lembre-se de como é ser humano.*

Ele não quis dizer todas as coisas horríveis relacionadas à

humanidade, e havia muitas. Jason se referia às *melhores* coisas: defender uma causa justa, colocar os outros em primeiro lugar, ter uma fé teimosa de que se podia fazer a diferença, mesmo que significasse morrer para proteger seus amigos e suas crenças. Esses não eram o tipo de sentimento que os deuses tinham... não mesmo.

Sally Jackson usou o termo no mesmo sentido que Jason Grace: como algo que valia a pena querer ser.

— Obrigado — consegui dizer.

Ela assentiu.

— E como podemos ajudar?

Lu raspou do prato o que restava da lasanha.

— Vocês já fizeram mais do que o suficiente, Mãe Jackson e Pai Blofis. Nós temos que ir.

Meg olhou para a tempestade lá fora e depois para o que restava do pão de alho na cestinha.

— A gente não pode ficar até amanhã de manhã?

— É uma boa ideia — concordou Paul. — Temos bastante espaço. Se os homens do Nero estão por aí procurando vocês na escuridão e na chuva forte... não seria melhor deixá-los na rua enquanto vocês estão aqui, confortáveis e aquecidos?

Lu pareceu refletir. Soltou um arroto longo e profundo, que na cultura dela devia ser sinal de apreciação, ou talvez de gases.

— Suas palavras são sensatas, Pai Blofis. E sua lasanha é boa. Muito bem. Acho que as câmeras vão mesmo nos ver melhor de manhã.

— Câmeras? — Eu me sentei mais ereto. — As câmeras de segurança do Nero? Achei que a gente não queria ser visto.

Lu deu de ombros.

— Eu tenho um plano.

— Um plano tipo o do trem? Porque...

— Escuta aqui, Lesterzinho...

— Não briguem — ordenou Paul. Embora calma, a voz dele soou firme; na mesma hora visualizei como aquele homem gentil e amável era capaz de controlar uma sala de aula. — Assim vão acabar acordando a Estelle. Acho que eu deveria ter perguntado antes, mas, hã... — Ele olhou para Meg, para mim e para Lu. — Como exatamente vocês se conheceram?

— Lu fez a gente de refém num trem — falei.

— Eu *salvei* vocês de serem capturados num trem — corrigiu ela.

— Lu é minha tutora — disse Meg.

Isso chamou a atenção de todo mundo.

Sally ergueu as sobrancelhas. As orelhas da Lu ficaram vermelhas.

O rosto de Paul continuou no modo professor. Eu conseguia imaginá-lo pedindo a Meg que justificasse sua resposta e que desse três exemplos.

— Como assim, Meg? — perguntou ele.

Lu olhou para a garota. A gaulesa tinha um olhar estranho de dor enquanto esperava que Meg descrevesse o relacionamento delas.

Meg empurrou o garfo no prato.

— Legalmente. Tipo, quando eu precisava que alguém assinasse alguma coisa. Ou me buscasse na delegacia ou... Sei lá.

Quanto mais eu pensava na situação, menos absurdo parecia. Claro que Nero não se envolveria com os pormenores da paternidade. Assinar uma autorização da escola? Levar Meg ao médico? Não, obrigado. Ele delegaria esse tipo de coisa. E o status legal? Nero não fazia questão de ser o tutor formal. Em sua mente, já era o *dono* de Meg.

— Lu me ensinou a usar a espada. — Meg se mexeu em seu novo vestido rosa. — Me ensinou... bom, a maioria das coisas. Quando eu morava no palácio, na torre do Nero, Lu tentou me ajudar. Ela foi... a única pessoa legal comigo.

Observei a gaulesa gigante com a camisa da Eletrônicos Mega-Mart e o kilt de toalha de banho. Eu conseguia pensar em muitas descrições para ela. *Legal* ficava no fim da lista.

Mas, sim, dava para imaginá-la sendo mais legal do que Nero. Não era difícil. E também dava para imaginar Nero usando Lu como tutora, dando a Meg outra figura de autoridade para admirar, uma guerreira. Depois de lidar com Nero e sua personalidade alternativa apavorante, o Besta, Meg veria Lu como um alívio bem-vindo.

— Você era o policial bonzinho — concluí.

As veias da Lu saltaram contra o torque de ouro.

— Pode me chamar como quiser. Eu não fiz o suficiente pela minha Plantinha, mas fiz o que pude. Nós duas treinamos juntas por anos.

— Plantinha? — perguntou Paul. — Ah, sim. Porque Meg é filha de Deméter.

A expressão dele permaneceu séria, mas os olhos cintilaram, como se ele não conseguisse acreditar na sorte de estar tendo aquela conversa.

Eu não me sentia tão afortunado. Estava segurando meu garfo com tanta força que meu punho tremia. O gesto podia ter sido bem ameaçador se os dentes do talher não estivessem espetando um tomate-cereja.

— Você tem a *guarda* da Meg. — Olhei para Lu com raiva. — Podia ter tirado ela daquela torre. Podia ter se mudado. Fugido com ela. Mas ficou. Por anos.

— Ei! — Meg me repreendeu.

— Não, ele está certo. — O olhar da Lu fez um buraco na travessa. — Eu devia a vida ao Nero. No passado, ele me poupou de... Bom, não importa agora, mas eu o servi por séculos. Fiz muitas coisas difíceis

por ele. Aí, veio a Plantinha. Eu fiz o melhor que pude. Não foi suficiente. Até que a Meg fugiu com você. Eu ouvi o que Nero estava planejando, o que aconteceria quando vocês dois voltassem para a cidade... — Ela balançou a cabeça. — Foi demais. Eu não podia levar Meg de volta para aquela torre.

— Você seguiu sua consciência — disse Sally.

Eu queria ser tão misericordioso quanto nossa anfitriã.

— Nero não contrata guerreiros pela consciência. — disparei.

A guerreira fez cara de desprezo.

— Isso é verdade, Lesterzinho. Você pode acreditar em mim ou não. Mas, se não pudermos trabalhar juntos, se você não me ouvir, o Nero vai vencer. Ele vai destruir isso tudo.

Ela indicou a sala. Não importava se estava se referindo ao mundo, a Manhattan ou ao apartamento da família Jackson/Blofis. Todas as possibilidades eram inaceitáveis.

— Eu acredito em você — anunciou Sally.

Pareceu ridículo que uma guerreira enorme como Lu se importasse com a aprovação de Sally Jackson, mas a gaulesa ficou genuinamente aliviada. Seu rosto relaxou. As tatuagens celtas esticadas nos braços voltaram a se curvar em círculos concêntricos.

— Obrigada, Mãe Jackson.

— Eu também acredito. — Meg franziu a testa para mim, deixando o significado claro: *E você também vai acreditar, senão vou te mandar se jogar da janela.*

Soltei o garfo com o tomate no prato. Foi o melhor gesto de paz que pude oferecer.

Eu não conseguia confiar completamente na gaulesa. Um "policial bonzinho" não deixava de ser um policial... não deixava de ser parte do jogo mental. E Nero era especialista em brincar com a cabeça das pessoas. Olhei para Paul na expectativa de encontrar algum apoio, mas eu podia jurar que ele deu de ombros: *O que mais você pode fazer?*

— Muito bem, Luguselwa — falei. — Nos conte seu plano.

Paul e Sally se inclinaram para a frente, prontos para receberem ordens.

Lu balançou a cabeça.

— Não para vocês, meus bons anfitriões. Não tenho dúvida de que são corajosos e fortes, mas não quero que nenhum mal aconteça a essa família.

Eu assenti.

— Pelo menos nisso nós concordamos. Quando a manhã chegar, vamos cair fora. Possivelmente depois de um bom café da manhã, se não for dar trabalho demais.

Sally sorriu, apesar de haver uma ligeira decepção no seu olhar, como se ela estivesse ansiosa para quebrar umas cabeças romanas.

— Mas vou querer ouvir o plano mesmo assim. O que vocês vão fazer?

— É melhor não contarmos muitos detalhes — disse Lu. — Mas há um caminho secreto para entrar na torre do Nero... por baixo. É o caminho que o Nero usa para visitar... o réptil.

Nesse momento senti a lasanha se mexendo furiosamente em meu estômago. O réptil. Píton. Intrusa em Delfos, minha arqui-inimiga e vencedora do prêmio de Serpente Menos Popular da Revista do Olimpo por quatro mil anos seguidos.

— Parece uma péssima porta de entrada — observei.

— Não é maravilhosa — concordou Lu.

— Mas podemos usá-la para entrar escondido — supôs Meg. — E surpreender Nero?

Lu tentou conter uma risada.

— Não vai ser tão fácil, Plantinha. O caminho é secreto, mas fortemente protegido e fica sob vigilância constante. Se tentasse entrar escondido, você seria pega.

— Não quero ser desmancha-prazeres — falei. — Mas ainda não ouvi nada parecido com um plano.

Lu parou um momento para reunir paciência. Eu conhecia aquele olhar. Recebi muitos de Meg, assim como de minha irmã, Ártemis, e... bom, de todo mundo, na verdade.

— O caminho não é para vocês — disse ela. — Mas *poderia* ser usado por um pequeno esquadrão de semideuses corajoso e habilidoso o bastante para se deslocar pelo subterrâneo.

O amigo dos velocistas das cavernas, pensei, a voz da anfisbena ecoando na minha cabeça, *é de Hades um dos descendentes/Do exército de Nero agora suas vidas são dependentes.*

A única coisa mais perturbadora do que não entender uma profecia era começar a entendê-la.

— Mas aí *eles* seriam capturados — falei.

— Talvez não — disse Lu. — Não se Nero estivesse devidamente distraído.

Eu tive a sensação de que não ia gostar da resposta à minha pergunta seguinte.

— Distraído com o quê?

— Sua rendição.

Eu esperei. Lu não parecia ser o tipo de pessoa que fazia piadinhas, mas aquele seria um bom momento para ela rir e gritar *TE PEGUEI!*

— Você não pode estar falando sério — disparei.

— Estou com Apolo — disse Sally. — Se Nero quer matá-lo, por que ele...?

— É o único jeito. — Lu respirou fundo. — Escuta, eu sei como o Nero pensa. Quando eu voltar e disser que vocês dois fugiram, ele vai

decretar um ultimato.

Paul franziu a testa.

— Contra quem?

— O Acampamento Meio-Sangue — disse Lu. — Qualquer semideus, qualquer aliado em qualquer lugar que esteja abrigando Apolo. Os termos do Nero serão simples: se Apolo e Meg não se renderem dentro de certo prazo, Nero vai destruir Nova York.

Senti vontade de rir. Parecia impossível, ridículo. Mas me lembrei dos iates de Calígula na Baía de São Francisco lançando uma saraivada de projéteis de fogo grego que teriam destruído todo o lado leste da baía se Lavínia Asimov não tivesse sabotado a operação. Nero teria a mesma quantidade de recursos ao seu dispor, ou mais, e Manhattan era um alvo com uma população bem mais numerosa.

Ele queimaria sua própria cidade, com sua própria torre palaciana no meio?

Que pergunta idiota, Apolo. Nero já tinha feito isso antes. Era só se lembrar da Roma Antiga.

— Então você nos salvou — falei — só para nos dizer que deveríamos nos render ao Nero. Esse é seu plano.

— Nero precisa acreditar que já venceu — retrucou Lu. — Quando estiver com vocês dois, vai baixar a guarda. Isso pode dar à sua equipe de semideuses uma oportunidade de se infiltrar na torre pelo subterrâneo.

— *Pode dar* — repeti.

— Vai ser uma corrida contra o tempo — admitiu Lu —, mas Nero não vai matá-lo logo de cara, Apolo. Ele e o réptil... têm planos para você.

Um trovão distante sacudiu minha cadeira. Ou eu só estava tremendo mesmo. Eu fazia ideia de que tipo de plano Nero e Píton podiam ter para mim. Nenhum deles incluía um farto jantar com lasanha.

— E, Plantinha — continuou Lu —, sei que vai ser difícil para você voltar para aquele lugar, mas vou estar lá para te proteger, como já fiz muitas vezes antes. Vou ser uma agente dupla lá dentro. Quando seus amigos invadirem, posso libertar vocês dois. E, juntos, podemos derrubar o imperador.

Por que Meg parecia tão pensativa, como se estivesse mesmo considerando aquela estratégia insana?

— Só um minuto — protestei. — Mesmo que confiemos em você, por que *Nero* confiaria? Você diz que vai voltar para ele com o rabo entre as pernas e relatar que nós fugimos. Por que ele acreditaria nisso? Ele não vai desconfiar que você se voltou contra ele?

— Tenho um plano para isso também — disse Lu. — Envolve você me empurrar de um prédio.

6

Tchau, Luguselwa
Não se esqueça de escrever
Se chegar ao chão

EU JÁ TINHA ouvido planos piores.

Mas, apesar de a ideia de empurrar Lu de um prédio ter certo apelo, eu duvidava que ela estivesse falando sério, principalmente porque não quis explicar mais nada nem nos dar detalhes.

— Amanhã — insistiu ela. — Quando formos embora.

Na manhã seguinte, Sally fez o café da manhã para nós. Estelle riu histericamente. Paul se desculpou por não ter um carro para nos emprestar, já que o Prius da família, o qual a gente batia com frequência, estava a caminho da Califórnia com Percy, Grover e Annabeth. O melhor que Paul pôde nos oferecer foi um passe do metrô, mas eu não estava pronto para andar de trem de novo.

Sally nos abraçou e nos desejou boa sorte. Em seguida, disse que tinha que voltar a preparar biscoitos, que ela fazia para aliviar o estresse enquanto trabalhava na revisão de seu segundo livro.

Isso despertou muitas perguntas em mim. Segundo livro? Nós não falamos sobre os livros dela na noite anterior. Biscoitos? Não dava para esperarmos até ficarem prontos?

Mas desconfio que comida boa era uma tentação sem fim na casa da família Jackson/Blofis. Sempre haveria um novo petisco doce ou salgado que pareceria mais atraente do que enfrentar o mundo cruel.

Além disso, eu respeitava o fato de Sally ter que trabalhar incansavelmente em seu livro. Como deus da poesia, eu entendia de revisões. Enfrentar monstros e mercenários imperiais era bem mais fácil.

Pelo menos, a chuva tinha parado, nos proporcionando uma manhã abafada de verão. Lu, Meg e eu seguimos a pé na direção de East River, indo de viela em viela até Lu encontrar um local que parecesse satisfazê-la.

Perto da Primeira Avenida havia um prédio de dez andares em reforma. A fachada de tijolos era uma casca vazia; as janelas, molduras vazias. Nós entramos pela viela atrás do terreno, subimos por um alambrado de construção e achamos a entrada dos fundos fechada só por uma folha de compensado. Lu a quebrou com um chute vigoroso.

— Vocês primeiro — disse ela.

Observei a escuridão à nossa frente.

— Nós temos mesmo que entrar aí?

— Sou eu que vou ter que cair do telhado — murmurou ela. — Para de reclamar.

O interior do prédio era reforçado por um andaime de metal, com escadas que iam de um andar a outro. Ah, que ótimo. Depois de subir a Torre Sutro, eu *amei* a ideia de mais escadas. Raios de sol cortavam o interior oco da estrutura, fazendo partículas de poeira voarem e formando um arco-íris em miniatura. Acima de nós, o telhado ainda estava intacto. Do nível mais alto do andaime havia uma escada que levava a um patamar acima com uma porta de metal.

Lu começou a subir. Ela havia colocado de volta o disfarce da companhia de trem para não ter que explicar a camisa da Eletrônicos Mega-Mart para Nero. Fui atrás com minhas roupas herdadas de Percy Jackson. A miss Dia dos Namorados, Meg, subiu atrás. Foi como antigamente, na Torre Sutro, só que com cem por cento menos Reyna Avila Ramírez-Arellano e cem por cento mais gaulesa tatuada.

Em cada andar, Meg parava para espirrar e limpar o nariz. Lu se esforçou para ficar longe das janelas, como se tivesse medo de Nero aparecer por uma delas gritando *Boare!*

(Eu tinha quase certeza de que isso era *bu!* em latim. Fazia tempo que eu não ia a uma das famosas festas de casa Halloween do Cícero. Aquele cara amava botar uma toga na cabeça e assustar os convidados.)

Finalmente chegamos à porta de metal, que tinha um aviso pintado com tinta spray vermelha: *acesso restrito ao telhado*. Eu estava suado e sem fôlego. Lu não parecia afetada pela subida. Meg chutou distraidamente o tijolo mais próximo, como se considerasse se conseguiria derrubar o prédio.

— O plano é o seguinte — disse Lu. — Sei que Nero tem câmeras no prédio comercial do outro lado da rua. É uma das propriedades dele. Quando sairmos por esta porta, a equipe de segurança dele deve conseguir boas imagens nossas no telhado.

— Você pode nos lembrar por que isso é uma coisa boa? — pedi.

Lu murmurou alguma coisa, talvez uma oração para seus deuses celtas darem um tapa na minha cabeça.

— Porque assim vamos permitir que Nero veja o que *queremos* que ele veja. Nós vamos fazer uma ceninha.

Meg assentiu.

— Tipo no trem.

— Exatamente — disse Lu. — Vocês dois saem correndo primeiro. Vou um pouco atrás, como se tivesse finalmente encurralado vocês e estivesse pronta para matar os dois.

— Mas só de mentirinha.

Era o que eu esperava.

— Tem que parecer real — insistiu Lu.

— A gente consegue. — Meg se virou para mim com uma expressão de orgulho. — Você viu nós duas no trem, Lester, e a gente nem planejou nada. Mas quando eu morava na torre, Lu me ajudava a encenar umas batalhas incríveis para que meu pai, quer dizer, Nero, achasse que matei meus oponentes.

Eu a encarei.

— Matar. Seus oponentes.

— Tipo criados, prisioneiros ou gente de quem ele não gostava. Lu e eu combinávamos antes. Eu fingia matar todos eles. Com sangue falso e tudo. Depois, Lu os arrastava para fora da arena e os soltava. As mortes pareciam tão reais que Nero nunca percebeu.

Eu não sabia o que achava mais apavorante: o escorregão incômodo de Meg ao chamar Nero de *pai*, Nero esperar que a jovem enteada executasse prisioneiros para a diversão dele ou o fato de que Lu conspirou para tornar o show não letal e poupar os sentimentos da Meg em vez de, ah, sei lá, se recusar a fazer o trabalho sujo do Nero e tirar Meg daquela casa dos horrores.

E você é melhor do que isso?, provocou uma voz baixinha em minha mente. *Quantas vezes enfrentou Zeus?*

Tudo bem, voz. Tem razão. Não é fácil se opor a tiranos, ou sair de perto, principalmente quando você depende deles para tudo.

Fiquei com um gosto amargo na boca.

— Qual é o meu papel?

— Meg e eu vamos encenar a maior parte da luta. — Lu ergueu a besta. — Apolo, você tropeça pelo telhado e se esconde de medo.

— Isso eu posso fazer.

— Quando parecer que estou prestes a matar Meg, você grita e parte para cima de mim. Ouvi falar que você tem explosões de força divina de tempos em tempos.

— Mas não consigo controlar!

— E nem precisa. É só fingir. Me empurre com o máximo de força que conseguir... do telhado. Eu vou deixar.

Olhei para o andaime.

— Estamos a dez andares de altura. Sei disso porque... estamos a dez andares de altura.

— Sim — concordou Lu. — Deve ser isso mesmo. Eu não morro fácil, Lester. Vou quebrar uns ossos, sem dúvida, mas, com sorte, vou sobreviver.

— Com sorte?

Meg de repente não pareceu mais tão confiante. Lu conjurou uma espada na mão livre.

— Nós temos que arriscar, Plantinha. Nero tem que acreditar que tentei ao máximo te pegar. Se ele desconfiar de alguma coisa... Bom, a

gente não pode deixar isso acontecer. — Ela me encarou. — Pronto?

— Não! — falei. — Você ainda não explicou como Nero pretende queimar a cidade nem o que temos que fazer quando formos capturados.

O olhar feroz de Lu foi bem convincente. Eu *acreditei* que ela queria me matar.

— Ele tem fogo grego. Mais do que Calígula tinha. Mais do que qualquer um já ousou estocar. Ele tem um sistema de entregas. Não sei os detalhes. Mas, assim que ele desconfiar que há alguma coisa errada, é só apertar um botão e acabou. Por isso precisamos seguir com essa mentira elaborada. Temos que dar um jeito de vocês entrarem lá sem ele perceber que é um truque.

Eu estava tremendo de novo. Olhei para o piso de concreto e imaginei-o se desintegrando, virando um mar de fogo verde.

— E o que vai acontecer quando formos capturados?

— As celas — disse Lu. — Elas ficam bem perto do cofre onde Nero guarda os fasces.

Meu ânimo melhorou um milímetro. Não era exatamente uma boa notícia, mas ao menos o plano da gaulesa parecia um pouco menos insano. Os fasces do imperador, o machado de ouro que simbolizava o poder dele, estava conectado à sua força vital. Em São Francisco, nós destruímos os fasces de Cômodo e Calígula e enfraquecemos os imperadores o suficiente para matá-los. Se pudéssemos fazer o mesmo com Nero...

— Você vai nos tirar das celas — tentei adivinhar — e nos levar até esse cofre.

— É essa a ideia. — A expressão de Lu ficou sombria. — Claro que os fasces são protegidos por... bom, uma coisa horrível.

— O quê? — perguntou Meg.

A hesitação de Lu me assustou mais do que qualquer outro monstro que ela pudesse ter citado.

— Vamos lidar com isso depois. Uma coisa impossível de cada vez.

Mais uma vez, concordei com a gaulesa. Isso me preocupou.

— Muito bem — disse ela. — Lester, depois que você me empurrar do telhado, você e Meg precisam ir para o Acampamento Meio-Sangue o mais rápido que conseguirem e encontrar uma equipe de semideuses para se infiltrar nos túneis. O pessoal do Nero não vai estar muito atrás.

— Mas a gente não tem carro.

— Ah. Quase esqueci. — Lu olhou para o próprio cinturão como se quisesse pegar alguma coisa, mas se deu conta de que suas mãos estavam cheias de armas. — Plantinha, enfia a mão nessa bolsinha aqui.

Meg abriu a bolsinha de couro. Surpreendeu-se com o que viu

dentro e escondeu na mão fechada, sem me deixar ver.

— É sério? — Ela saltitou de empolgação. — Você vai deixar?

Lu riu.

— Por que não? É uma ocasião especial.

— Oba!

Meg enfiou o que pegou em um dos bolsos do cinto de jardinagem.

Fiquei com a sensação de ter perdido uma coisa importante.

— Hum, o que...?

— Chega de conversa — disse Lu. — Prontos? Corram!

Eu não estava pronto, mas já tinha me acostumado a receber essa ordem. Meu corpo reagiu por mim, e eu e Meg disparamos pela porta.

* * *

Avançamos pela superfície prateada do asfalto, desviando de saídas de ventilação e tropeçando em tijolos soltos. Assumi meu papel com uma facilidade deprimente. Fugindo para salvar minha vida, apavorado e impotente? Nos seis meses anteriores eu tinha ensaiado muito para isso.

Lu berrou e veio correndo atrás de nós. Flechas gêmeas de besta passaram assoviando pela minha orelha. Ela estava *mesmo* incorporando o papel de "gaulesa assassina". Meu coração foi parar na boca, como se eu realmente estivesse enfrentando um perigo mortal.

Cheguei depressa demais à beira do telhado. Só uma parede de tijolos na altura da cintura me separava de uma queda de trinta metros na viela abaixo. Eu me virei e gritei quando as lâminas de Lu vieram em direção ao meu rosto.

Eu me inclinei para trás... mas não rápido o suficiente. A lâmina cortou uma linha fina na minha testa.

Meg se materializou, gritando de fúria. Ela bloqueou o golpe seguinte da gaulesa e a obrigou a se virar. Lu largou a besta e conjurou a segunda espada, e as duas dimaqueras começaram a lutar com a interpretação dramática de kung-fu das lâminas de um processador de alimentos.

Tropecei, atordoado demais para sentir dor. Eu me perguntei por que tinha chuva quente caindo nos meus olhos. Após secar, olhei para os dedos e me dei conta: *Não, não é chuva.* Chuva não costumava ser vermelha.

As espadas da Meg cintilaram, empurrando a gaulesa enorme para trás. Lu chutou a barriga dela e a jogou longe.

Meus pensamentos estavam lerdos, parecendo abrir caminho por um nevoeiro grudento de choque, mas acabei lembrando que eu tinha um papel naquele drama. O que eu deveria fazer depois de correr e me esconder?

Ah, sim. Eu tinha que empurrar Lu do telhado.

Uma risada subiu pelo meu peito. Eu não conseguia enxergar por causa do sangue nos olhos. Minhas mãos e meus pés pareciam balões de água: estavam moles, quentes e prestes a estourar. Mas, claro, tudo bem. Eu empurraria do telhado uma guerreira enorme lutando com duas espadas.

Cambaleei para a frente.

Lu golpeou com a espada da esquerda, atingindo a coxa da Meg. Minha amiga gritou e tropeçou, mas conseguiu cruzar as espadas a tempo de bloquear o golpe seguinte da gaulesa, que teria partido a cabeça dela ao meio.

Só um segundo. Aquela luta *não podia* ser fingimento. Ira pura iluminava os olhos de Lu.

Ela tinha nos enganado, e Meg estava correndo perigo real.

A fúria cresceu dentro de mim. Uma onda de calor afastou a névoa e me encheu de poder divino. Berrei feito um dos touros sagrados de Poseidon no altar. (E vale ressaltar que aqueles touros não iam facilmente para o abate.) Corri na direção da gaulesa, que se virou com os olhos arregalados, mas não teve tempo de se defender. Eu a segurei pela cintura, levantei-a acima da cabeça sem qualquer esforço, como se ela fosse uma bola de pilates e a joguei pela lateral do prédio.

Eu exagerei. Em vez de cair na viela, ela voou por cima dos telhados do quarteirão ao lado e desapareceu. Meio segundo depois, um *clic* metálico distante ecoou no cânion da Primeira Avenida, seguido do *ué-ué-ué* furioso do alarme de um carro.

Minha força evaporou. Tremi e caí de joelhos, o sangue escorrendo pelo rosto.

Meg cambaleou até mim. Sua legging branca nova estava encharcada por causa do ferimento na coxa.

— Sua cabeça — murmurou ela.

— Eu sei. Sua perna.

Ela mexeu no cinto de jardinagem até encontrar dois rolos de gaze. Fizemos o melhor que deu para mumificarmos um ao outro e estancar o sangramento. Os dedos da Meg estavam tremendo. Havia lágrimas nos olhos dela.

— Me desculpe — falei para ela. — Eu não pretendia jogar Lu tão longe. Eu só... Achei que ela estivesse tentando mesmo te matar.

Meg olhou na direção da Primeira Avenida.

— Tudo bem. Ela é forte. Ela... deve estar bem.

— Mas...

— Não temos tempo para conversar. Venha.

Meg me segurou pela cintura e me puxou. Conseguimos voltar para dentro do prédio e descer pelo andaime e pelas escadas até sair de lá. Enquanto mancávamos em direção ao cruzamento mais próximo,

meus batimentos variavam irregularmente, feito uma truta no chão de um barco. (Argh. Eu estava com Poseidon na cabeça agora.)

Imaginei uma caravana de carros pretos brilhantes cheios de germânicos vindo na nossa direção, cercando o local onde estávamos para nos capturar. Se Nero tinha mesmo visto o que aconteceu no telhado, era só questão de tempo. Nós demos um show e tanto. Ele ia querer autógrafos e, em seguida, nossa cabeça numa bandeja de prata.

Na esquina da Oitenta e Um com a Primeira Avenida, eu observei o tráfego. Ainda não havia sinal dos germânicos. Nada de monstros. Nem policiais ou civis gritando que tinham testemunhado uma guerreira gaulesa cair do céu.

— E agora? — perguntei, torcendo para Meg ter uma resposta.

De um dos bolsos do cinto, Meg tirou o que Lu tinha lhe dado: uma moeda romana dourada brilhante. Apesar de tudo que havíamos passado, detectei um brilho de empolgação nos olhos da minha jovem amiga.

— Agora eu conjuro um meio de transporte — disse ela.

Com uma sensação gelada de medo, entendi o que ela estava falando. Percebi por que Luguselwa lhe dera aquela moeda, e parte de mim desejou ter jogado a gaulesa alguns quarteirões mais longe.

— Ah, não — supliquei. — Você não pode estar falando delas. Elas, não!

— Elas são ótimas — insistiu Meg.

— Não, elas *não* são ótimas! São horríveis!

— Talvez seja melhor não dizer isso na cara delas — recomendou Meg, jogando a moeda na rua e gritando em latim: — *Pare, ó Carruagem da Danação!*

7

Como chegou aqui,
Carruagem da Danação?
Não uso seu app

PODE ME CHAMAR de supersticioso. Se for para chamar uma carruagem, melhor pelo menos tentar uma que não tenha *danação* no nome.

A moeda de Meg caiu no chão e desapareceu na hora. No mesmo instante, uma seção do asfalto do tamanho de um carro se liquefez em uma poça fervente de sangue e piche. (Pelo menos, foi o que pareceu. Não experimentei os ingredientes.)

Um táxi surgiu da gosma feito um submarino subindo à superfície. Era parecido com qualquer táxi de Nova York, só que cinza em vez de amarelo: cor de poeira, de uma lápide, ou provavelmente da minha cara naquele momento. Na porta, tinham sido pintadas as palavras IRMÃS CINZENTAS. Dentro, sentadas lado a lado no comprido banco da frente, estavam as três velhas (perdão, três *distintas senhoras de idade avançada*) em pessoa.

A janela do lado do passageiro foi aberta. A irmã que estava mais próxima botou a cabeça para fora e grunhiu:

— Passagem? Passagem?

Ela era tão linda quanto eu lembrava: um rosto que parecia uma máscara de borracha de Halloween, crateras fundas no lugar dos olhos e um xale de fios de teia sobre o cabelo branco crespo.

— Oi, Tempestade. — Suspirei. — Quanto tempo.

Ela inclinou a cabeça.

— Quem é? Não reconheço sua voz. Passagem ou não? Temos outras viagens!

— Sou eu — falei com tristeza. — O deus Apolo.

Tempestade farejou no ar. Estalou os lábios e passou a língua pelo único dente amarelo que possuía.

— Você não fala como o Apolo. Não tem o cheiro do Apolo. Deixe eu te morder.

— Hã, não — falei. — Você vai ter que acreditar na minha palavra. Nós precisamos...

— Espera. — Meg me olhou, impressionada. — Você *conhece* as Irmãs Cinzentas?

Ela falou como se eu estivesse escondendo essa informação... como se eu conhecesse as três integrantes e fundadoras do grupo Bananarama e ainda não tivesse arranjado autógrafos para Meg.

(Minha história com o Bananarama, como eu as apresentei para Vênus e inspirei o cover delas daquela música que foi número um, fica para outra hora.)

— Sim, Meg — falei. — Eu sou um deus. Conheço as pessoas.

Tempestade grunhiu.

— Você não tem cheiro de deus nenhum. — Ela gritou com a irmã da esquerda: — Vespa, dê uma olhada. Quem é esse cara?

A irmã do meio foi até a janela. Ela era quase idêntica a Tempestade; para diferenciá-las, era preciso conhecê-las há alguns milênios, e eu, infelizmente, conhecia. Mas hoje ela estava com o único olho comunitário do trio: uma esfera gosmenta e esbranquiçada que me espiou do fundo da órbita esquerda.

Por mais incomodado que eu estivesse em vê-la de novo, fiquei ainda mais incomodado porque, pelo processo de eliminação, a terceira irmã, Ira, só podia ser quem estava dirigindo o táxi. Ira ao volante nunca era algo bom.

— É um garoto mortal, com um lenço encharcado de sangue na cabeça — declarou Vespa depois de me observar. — Nada interessante. Não é um deus.

— Que coisa insensível de se dizer — falei. — *Sou* eu. Apolo.

Meg ergueu as mãos.

— E isso importa? Paguei com uma moeda. A gente pode entrar, por favor?

Vocês podem achar que Meg tinha razão. Por que eu queria tanto revelar minha identidade? A questão é que as Irmãs Cinzentas não aceitavam mortais comuns no táxi. Além do mais, considerando meu histórico com elas, eu achava melhor ser honesto em vez de correr o risco de que elas me desmascarassem na metade do caminho e me jogassem para fora do veículo em movimento.

— Moças — falei, usando o termo de forma bem flexível —, posso não parecer Apolo, mas garanto que sou eu preso neste corpo mortal. Caso contrário, como eu saberia tanto sobre vocês?

— Tipo o quê? — perguntou Tempestade.

— Seu sabor favorito de néctar é creme de caramelo — falei. — Seu Beatle favorito é o Ringo. Por séculos, vocês três foram gamadinhas no Ganimedes, mas agora gostam...

— É o Apolo! — gritou Vespa.

— Definitivamente! — berrou Tempestade. — Que irritante! Sabe das coisas!

— Se vocês me deixarem entrar — falei —, eu calo a boca.

Não era uma proposta que eu fazia com muita frequência.

A tranca da porta de trás se abriu. Eu a segurei para Meg entrar. Ela sorriu.

— De quem elas gostam agora?

Mexi os lábios: *Depois eu conto.*

Lá dentro, prendemos o cinto de segurança de corrente preta. O banco era tão confortável quanto um pufe com talheres como enchimento.

Ao volante, a terceira irmã, Ira, resmungou:

— Para onde?

— Acamp... — falei.

Ira meteu o pé no acelerador. Minha cabeça bateu no encosto e Manhattan virou uma mancha em alta velocidade. Eu esperava que Ira tivesse entendido que eu estava falando do Acampamento *Meio-Sangue*, senão poderíamos parar no Acampamento Júpiter, em Camp David ou em Campobello, Nova Brunswick, embora eu desconfiasse que estivesse fora do perímetro coberto pelo serviço das Irmãs Cinzentas.

O monitor de televisão do táxi ganhou vida. Uma orquestra e um som de risadas gravadas saíram do alto-falante.

— Toda noite, às onze! — disse um apresentador. — É... a *Madrugada com Tália!*

Apertei o botão de desligar o mais rápido que consegui.

— Eu gosto dos comerciais — reclamou Meg.

— Vão apodrecer seu cérebro — falei.

Na verdade, *Madrugada com Tália* já tinha sido meu programa favorito. Tália (a Musa da comédia, não minha amiga semideusa Thalia Grace) tinha me chamado dezenas de vezes como convidado musical. Eu já me sentei no sofá dela, nós contamos piadas, eu participei de jogos bobos como Pulverize Aquela Cidade! e Trote da Profecia. Agora, porém, eu não queria mais nada que me lembrasse minha antiga vida divina.

Não que eu sentisse falta. Eu estava... Sim, vou dizer. Eu estava *constrangido* pelas coisas que costumava considerar importantes. Avaliações. Adoradores. A ascensão e queda das civilizações que mais gostavam de mim. O que eram essas coisas em comparação a manter meus amigos em segurança? Nova York *não* podia ser incendiada. A pequena Estelle Blofis precisava crescer livre para rir e dominar o planeta. Nero tinha que pagar. Eu não podia ter ficado quase sem rosto naquela manhã e jogado Luguselwa num carro estacionado a dois quarteirões de distância por nada.

Meg não pareceu abalada pelo meu humor sombrio nem pela perna machucada.

Privada dos comerciais, ela se recostou no banco e observou o borrão da paisagem pela janela: o East River e depois o Queens passando numa velocidade que os passageiros mortais só podiam imaginar... o que, para falar a verdade, era qualquer coisa acima de quinze quilômetros por hora. Ira guiava, completamente cega,

enquanto Vespa ocasionalmente corrigia a direção.

— Esquerda. Freia. Esquerda. Não, a outra esquerda!

— Que legal — disse Meg. — Adoro esse táxi.

Franzi a testa.

— Você pega o táxi das Irmãs Cinzentas com frequência?

Meu tom foi o mesmo de alguém que dissesse *Você gosta de fazer dever de casa?*

— Era um prêmio especial — disse Meg. — Quando Lu decidia que eu tinha treinado bem, a gente dava uma volta.

Tentei entender o conceito desse meio de transporte como prêmio. A casa do imperador era mesmo um lugar terrível e cruel.

— A garota tem bom gosto! — exclamou Vespa. — Nós *somos* o melhor serviço de transporte de Nova York! Não confiem nesses aplicativos com carros particulares! A maioria é de harpias não licenciadas.

— Harpias! — gritou Tempestade.

— Roubando nosso negócio! — concordou Ira.

Tive uma visão momentânea da nossa amiga Ella por trás do volante de um carro. Isso quase me deixou feliz por estar dentro daquele táxi. Quase.

— E nós melhoramos nosso serviço também! — gabou-se Tempestade.

Eu me obriguei a me concentrar naquela cratera ocular.

— Como?

— Agora temos um aplicativo! — disse ela. — Não precisa mais nos chamar com moedas de ouro!

Ela apontou para um papel na divisória de acrílico. Pelo visto, agora eu podia conectar minha arma mágica favorita ao táxi delas e pagar por dracma virtual usando algo chamado APP CINZENTO.

Tremi ao pensar no que a Flecha de Dodona poderia fazer se eu a permitisse comprar on-line. Se um dia eu voltasse ao Olimpo, encontraria minhas contas congeladas e meu palácio em execução hipotecária porque a flecha tinha comprado todas as obras de Shakespeare disponíveis no mundo.

— Dinheiro vivo está bom — falei.

Vespa resmungou com Ira.

— Você e suas previsões. Falei que o aplicativo era uma ideia idiota.

— Parar para Apolo foi mais idiota ainda — resmungou ela. — Essa previsão foi *sua*.

— Vocês duas são idiotas — disse Tempestade com rispidez. — Essa é a *minha* previsão!

O motivo para eu não gostar das Irmãs Cinzentas havia tanto tempo estava começando a voltar à minha memória. Não era só por elas

serem feias, grosseiras, nojentas e terem cheiro de túmulo podre. Nem o fato de as três compartilharem um olho, um dente e zero habilidade social. Não era nem o trabalho péssimo que elas faziam de esconder as paixonites que tinham pelas celebridades. Nos tempos da Grécia Antiga, elas foram gamadas em mim, o que foi incômodo, mas pelo menos compreensível. Mas, se é que dá para acreditar, elas me superaram. Nos últimos séculos, foram do Fã-Clube de Ganimedes. As postagens no Instadeus sobre a beleza dele ficaram tão irritantes que precisei deixar um comentário mordaz. Sabem aquele meme carinhoso que ficou famoso, "Gaynimedes"? Fui eu que criei. No caso do Ganimedes, nem era novidade.

Atualmente, elas decidiram que seu crush coletivo era Deimos, o deus do medo, o que não fazia sentido nenhum romanticamente. É verdade que ele é saradinho e tem olhos bonitos, mas...

Espera. Do que eu estava falando mesmo?

Ah, é. A maior rusga entre as Irmã Cinzentas e mim era pura inveja profissional. Eu era um deus da profecia. As Irmãs Cinzentas também revelavam o futuro, mas não estavam sob meu guarda-chuva corporativo. Elas não me pagavam impostos, royalties, nada. Elas obtinham sabedoria de... Na verdade, eu não sabia. Segundo os boatos, elas nasceram dos deuses primitivos do mar, criados de espirais de espuma e sujeira, portanto tinham acesso a informações e profecias que eram levadas pelas marés. Fosse qual fosse o caso, eu não gostava da invasão ao meu território, e, por um motivo inexplicável, elas também não gostavam de mim.

As previsões delas... Calma aí. Fiz uma recapitulação mental.

— Vocês disseram alguma coisa sobre *preverem* que iam me pegar?

— Rá! — disse Tempestade. — Claro que você ia querer saber!

Ira riu.

— Até parece que a gente compartilharia esses versinhos heterométricos que temos para você...

— Cala a boca, Ira! — Vespa deu um tapa na irmã. — Ele ainda não perguntou!

Meg se animou.

— Vocês têm um verso hétero para Apolo?

Falei um palavrão baixinho. Percebi para onde aquela conversa estava indo. As Três Irmãs adoravam bancar as modestas com seus augúrios. Gostavam de fazer os passageiros suplicarem para descobrir o que elas sabiam sobre o futuro. Mas, na verdade, as velhas grisalhas e enrugadas estavam doidas para contar.

No passado, toda vez que concordei em ouvir essa poesia profética delas, acabou sendo uma previsão do que eu almoçaria ou uma opinião de especialista sobre com qual deus olimpiano eu mais me parecia. (Dica: nunca era Apolo.) Depois, elas me perturbavam para

saber minha opinião sobre a poesia delas e pediam para eu compartilhar seu trabalho com meu agente literário. Aff.

Eu não sabia o que elas podiam ter para mim daquela vez, mas não lhes daria a satisfação de perguntar. Eu já tinha muitos versos proféticos *de verdade* com que me preocupar.

— Versos heterométricos — expliquei para Meg — são versos irregulares de poesia. Com essas três, isso é redundância, já que tudo que elas fazem é irregular.

— Então a gente não vai contar! — ameaçou Vespa.

— A gente nunca vai contar! — concordou Ira.

— Eu não perguntei — retruquei, áspero.

— Eu quero saber dos héteros — disse Meg.

— Não quer, não — garanti a ela.

Do lado de fora, o Queens se transformou num borrão do subúrbio de Long Island. No banco da frente, as Irmãs Cinzentas praticamente tremiam de expectativa para contar o que sabiam.

— Palavras muito importantes! — disse Vespa. — Mas que você nunca vai ouvir!

— Tudo bem — concordei.

— Você não pode nos obrigar! — afirmou Tempestade. — Embora seu destino dependa disso!

Uma sombra de dúvida surgiu na minha cabeça. Seria possível...? Não, claro que não. Se eu caísse nos truques delas, era provável que acabasse ouvindo a opinião das Irmãs Cinzentas sobre a melhor base para meu tom de pele.

— Não vou cair nessa — disparei.

— Não vamos insistir! — gritou Vespa. — São importantes demais esses versos! Nós só contaríamos se você nos ameaçasse com coisas terríveis!

— Não vou recorrer a ameaças...

— Ele está nos ameaçando! — acusou Tempestade.

Ela bateu nas costas de Vespa com tanta força que o olho comunitário pulou da órbita. Vespa o pegou e, com uma movimentação terrível, jogou-o de propósito por cima do ombro no meu colo.

Eu gritei. As irmãs também gritaram. Ira, agora sem orientação, fez o táxi ziguezaguear, e meu estômago ficou embrulhado.

— Ele roubou seu olho! — gritou Tempestade. — A gente não consegue ver!

— Não fiz nada disso! — gritei. — É nojento!

Meg berrou de alegria:

— ISSO É TÃO LEGAL!

— Tire isso daqui!

Eu me remexi na esperança de que o olho rolasse para longe, mas

ele permaneceu teimosamente no meu colo, me olhando com a expressão acusadora de um bagre morto. Meg não ajudou. Ela não queria fazer nada que interferisse na alegria de morrermos no acidente de um carro mais rápido do que a velocidade da luz.

— Ele vai esmagar nosso olho — gritou Ira — se a gente não recitar nossos versos!

— Não vou! — retruquei.

— Nós todas vamos morrer! — disse Vespa. — Ele é maluco!

— NÃO SOU!

— Tudo bem, você venceu! — uivou Tempestade. Ela se empertigou toda, como se estivesse se apresentando, e recitou:. — *Fios vermelhos revelam o caminho até então desconhecido!*

Ira se manifestou:

— *Que trará destruição, com um leão por serpente envolvido*

Vespa concluiu:

— *Do contrário o* princeps *jamais será destituído!*

Meg aplaudiu.

Olhei para as Irmãs Cinzentas sem acreditar.

— Não foram versos heterométricos! Foi uma *terza rima*! Vocês nos deram a estrofe seguinte da nossa profecia!

— Bom, isso é tudo que a gente tem para você! — disse Ira. — Agora, me dê o olho, rápido! Estamos quase no acampamento.

O pânico superou meu choque. Se Ira não conseguisse parar no nosso destino, nós aceleraríamos além do ponto sem volta e nos vaporizaríamos em uma mancha colorida de plasma por toda Long Island.

E isso *ainda* parecia melhor do que tocar no olho no meu colo.

— Meg! Tem um lenço de papel?

Ela riu com deboche.

— Que banana.

Ela pegou o olho e o jogou para Ira, que o enfiou na órbita. Piscou para a rua, gritou “CREDO!” e enfiou o pé no freio com tanta força que meu queixo bateu no peito.

Quando a fumaça se dissipou, vi que tínhamos parado numa estrada antiga do interior perto do acampamento. À nossa esquerda havia a Colina Meio-Sangue, com um único pinheiro grandioso no topo, o Velocino de Ouro cintilando no galho mais baixo. Enrolado na base da árvore estava Peleu, o dragão. Ao lado do dragão, coçando casualmente as orelhas, estava um antigo amigo e rival: Dioniso, o deus de fazer coisas para irritar Apolo.

8

Eu sou o sr. A
Vim consertar a privada
E desmaiar, claro

TALVEZ O ÚLTIMO comentário tenha sido injusto.

Dioniso era deus de outras coisas, como do vinho, da loucura, das festas pós-cerimônia do Oscar e de certos tipos de vegetação. Mas, para mim, ele sempre seria o irmãozinho irritante que me seguia para todo lado, tentando chamar minha atenção imitando tudo que eu fazia.

Sabe como é. Imagine que você é um deus. Seu irmãozinho perturba o pai para torná-lo deus também, apesar de deus ser uma coisa *sua*. Você tem uma carruagem legal puxada por cavalos de fogo. Seu irmãozinho quer uma carruagem puxada por leopardos. Você destrói os exércitos gregos em Troia. Seu irmãozinho decide invadir a Índia. Típico.

Dioniso estava no alto da colina, como se estivesse nos esperando. Sendo um deus, talvez estivesse mesmo. A camisa de botão com estampa de leopardo combinava bem com o Velocino de Ouro no galho acima dele. Já a calça malva, não. Nos velhos tempos, talvez eu fizesse alguma provocação sobre seu gosto duvidoso para roupas. Agora, eu não podia arriscar.

Senti um nó na garganta. Eu já estava enjoado por causa da viagem de táxi e do nosso jogo improvisado de pegar o olho. Minha testa machucada estava latejando. Minha mente girava com os versos novos da profecia que as Irmãs Cinzentas haviam nos dado. Eu não precisava de mais preocupações. Mas ver Dioniso de novo... Isso seria complicado.

Meg bateu a porta do táxi quando saiu.

— Valeu, pessoal! — disse ela para as Irmãs Cinzentas. — Na próxima vez, me contem mais sobre os versos hétero!

Sem nem dizer adeus e sem nenhuma súplica para que eu compartilhasse a poesia delas com meu agente literário, as Irmãs Cinzentas submergiram em uma poça de piche preto e vermelho.

Meg semicerrou os olhos para o cume da colina.

— Quem é aquele cara? Nunca vi.

Pareceu desconfiada, como se ele estivesse invadindo o território dela.

— Aquele — falei — é o deus Dioniso.

Meg franziu a testa.

— Por quê?

Talvez ela quisesse dizer *Por que ele é um deus? Por que ele está de pé lá?* ou *Por que nossa vida é essa?* As três perguntas eram igualmente válidas.

— Não sei — respondi. — Vamos descobrir.

Subindo a colina, contive a vontade de cair no choro ou dar risadas histéricas. Era provável que eu estivesse entrando em choque. Tinha sido um dia difícil e ainda nem era hora do almoço. No entanto, considerando o fato de que estávamos nos aproximando do deus da loucura, eu tinha que pensar na séria possibilidade de eu estar tendo um surto psicótico ou um episódio maníaco.

Eu já me sentia desconectado da realidade. Não conseguia me concentrar. Eu não sabia quem eu era, quem devia ser nem quem queria ser. Estava tendo uma reação emocional por causa das minhas ondas eufóricas de poder divino, das minhas quedas deprimentes de volta à fragilidade mortal e das injeções de adrenalina de tanto pavor. Nesse estado, me aproximar de Dioniso era procurar problemas. Ficar perto dele bastava para intensificar as falhas na psique de qualquer um.

Meg e eu chegamos ao cume. Peleu nos recebeu com uma baforada de vapor das narinas. Meg abraçou o pescoço do dragão, o que não sei se eu recomendaria. Dragões são famosos por *não* gostarem de abraços.

Dioniso me olhou com uma mistura de choque e horror, bem parecido com o jeito como eu me olhava no espelho ultimamente.

— Então é verdade o que nosso pai fez com você — disse ele. — Aquele *glámon* de coração gelado.

Na Grécia Antiga, *glámon* significava algo parecido com *velho imundo*. Com base no histórico romântico de Zeus, duvido que ele considerasse isso um insulto.

Dioniso agarrou meus ombros.

Não me achei capaz de falar.

A aparência dele era a mesma do último meio século: um homem baixo de meia-idade com barriguinha saliente, papada, nariz vermelho e cabelo preto cacheado. O tom violeta das íris era o único indicador de que talvez ele fosse mais do que humano.

Os outros olimpianos nunca compreenderam por que Dioniso escolhia aquela forma se podia ter a aparência que quisesse. Nos tempos antigos, ele foi famoso pela beleza juvenil que desafiava gêneros.

Mas eu entendia. Pelo crime de ir atrás da ninfa errada (tradução: uma que nosso pai queria), Dioniso foi sentenciado a cuidar daquele acampamento por cem anos. A ele, foi negado vinho, sua mais nobre criação, e proibido o acesso ao Olimpo, exceto nos dias em que

houvesse reuniões especiais.

Em retaliação, Dioniso decidiu ter a aparência e as ações menos divinas possíveis. Ele parecia uma criança, se recusando a enfiar a camisa dentro da calça, pentear o cabelo e escovar os dentes só para mostrar aos pais que não se importava.

— Pobre Apolo.

Ele me abraçou. Seu cabelo tinha um leve cheiro de chiclete de uva.

Essa exibição inesperada de solidariedade me levou à beira das lágrimas... até Dioniso se afastar, me segurar com os braços esticados e abrir um sorrisinho triunfante.

— *Agora* você entende o tamanho da minha infelicidade — disse ele. — Finalmente alguém foi punido com mais rigidez do que eu!

Assenti e engoli o choro. Ali estava o velho e típico Dioniso que eu conhecia e não exatamente amava.

— Sim. Oi, irmão. Essa é Meg...

— Não me importo.

O olhar de Dioniso permaneceu fixo em mim, emanando alegria.

— Hunf. — Meg cruzou os braços. — Cadê o Quíron? Eu gostava mais dele.

— Quem? — perguntou Dioniso. — Ah, ele. É uma longa história. Vamos para o acampamento, Apolo. Mal posso esperar para exibir você para os semideuses. Está com uma aparência *péssima*!

* * *

Pegamos o caminho mais longo pelo acampamento. Dioniso parecia determinado a me exibir para todo mundo.

— Este é o sr. A — disse ele para todos os novatos que encontramos. — Ele é meu assistente. Se vocês tiverem alguma reclamação ou algum problema, tipo vaso entupido, essas coisas, podem falar com ele.

— Será que você pode não fazer isso? — murmurei.

Dioniso sorriu.

— Se sou o sr. D, você pode ser o sr. A.

— O nome dele é Lester — reclamou Meg. — E é *meu* assistente.

Dioniso a ignorou.

— Ah, olhe, outro grupo de calouros! Vamos lá te apresentar.

Minhas pernas estavam bambas. Minha cabeça doía. Eu precisava almoçar, descansar, tomar um antibiótico e arranjar uma nova identidade, não necessariamente nessa ordem. Mas seguimos em frente.

O acampamento estava mais movimentado do que no inverno em que Meg e eu passamos lá. Na época, só havia um grupinho de

moradores permanentes. Agora, grupos de semideuses recém-descobertos estavam chegando para o verão, dezenas de jovens atordoados do mundo todo, muitos ainda acompanhados dos sátiros que os tinham localizado. Alguns semideuses, que, evidentemente, lutaram havia pouco tempo com monstros, estavam ainda mais feridos do que eu, e acho que foi por isso que Meg e eu não atraímos mais olhares.

Seguimos pelo campo central do acampamento. Nas beiradas, a maior parte dos vinte chalés vibrava de atividade. Havia conselheiros-chefes parados nas portas, recebendo os novos membros ou dando instruções. No chalé de Hermes, Julia Feingold parecia sobrecarregada enquanto tentava encontrar alojamento temporário para todos os campistas ainda não assumidos pelos pais divinos. No chalé de Ares, Sherman Yang gritava com qualquer um que chegasse perto demais da construção, avisando para tomarem cuidado com as minas terrestres nos arredores. Se era piada ou não, ninguém parecia ansioso para descobrir. O jovem Harley, do chalé de Hefesto, corria de um lado para outro com um sorriso enorme no rosto, desafiando os novatos em competições de queda de braço.

Do outro lado do campo, vi dois filhos meus, Austin e Kayla. Porém, por mais que eu quisesse falar com ambos, eles estavam concentrados em uma espécie de resolução de conflito entre um grupo de seguranças harpias e um garoto novo que aparentemente tinha feito algo que não agradara as harpias. Ouvi as palavras de Austin:

— Não, vocês não podem simplesmente comer um campista novo. Eles recebem dois avisos primeiro!

Nem Dioniso queria se envolver naquela conversa. Nós seguimos em frente.

Os danos da nossa batalha de inverno contra o Colosso de Nero tinham sido quase todos consertados, mas algumas colunas do pavilhão de refeições ainda estavam quebradas. Entre duas colinas havia um lago novo no formato da pegada de um gigante. Nós passamos pela quadra de vôlei, pela arena das lutas de espadas e pelo campo de morangos, até que Dioniso finalmente teve pena de mim e nos levou para o quartel-general do acampamento.

Em comparação aos templos gregos e anfiteatros do acampamento, a casa vitoriana azul-céu de quatro andares conhecida como Casa Grande era exótica e aconchegante. Os acabamentos brancos brilhavam feito cobertura de bolo. O cata-vento de bronze de águia girava preguiçosamente com a brisa. Na varanda que envolvia toda a casa, apreciando uma limonada à mesa de cartas, estavam Nico di Angelo e Will Solace.

— Pai!

Will deu um pulo. Correu escada abaixo e me abraçou.

Foi nessa hora que perdi o controle. Chorei copiosamente.

Meu lindo filho, com olhos gentis, mãos de curandeiro, postura calorosa como o sol. De alguma forma, ele tinha herdado todas as minhas melhores qualidades e nenhum dos defeitos. Ele me conduziu pela escada e insistiu para que eu me sentasse no lugar dele. Colocou um copo de limonada gelada na minha mão e começou a mexer na minha cabeça machucada.

— Estou bem — murmurei, embora obviamente não estivesse.

O namorado dele, Nico di Angelo, ficou por perto... observando, mantendo-se nas sombras, como os filhos de Hades costumam fazer. Seu cabelo escuro tinha crescido. Ele estava descalço, com uma calça jeans rasgada e uma versão preta da camiseta padrão do acampamento, com um esqueleto de Pégaso na frente acima das palavras CHALÉ 13.

— Meg — disse Nico —, sente-se na minha cadeira. Sua perna está feia.

Ele olhou com desprezo para Dioniso, como se o deus devesse ter arrumado um carrinho de golfe para nos transportar.

— Sim, tudo bem, se sentem. — Dioniso fez um gesto apático na direção da mesa. — Eu estava tentando ensinar a Will e Nico as regras do jogo de pinochle, mas eles são péssimos.

— Ah, pinochle — disse Meg. — Adoro pinochle!

Dioniso estreitou os olhos como se Meg fosse um cachorrinho que tinha começado a citar Emily Dickinson de repente.

— É mesmo? As surpresas não têm fim.

Nico me encarou, os olhos parecendo poças de tinta.

— Então é verdade? Jason...?

— Nico — repreendeu Will. — Agora não é o momento.

Os cubos de gelo balançaram no meu copo. Não consegui falar, mas minha expressão devia ter revelado tudo que Nico precisava saber. Meg ofereceu a mão a ele, que a segurou entre as suas.

Ele não parecia estar com raiva. Parecia ter levado um soco na barriga, não só um, mas muitos ao longo de tantos anos que estava começando a perder a perspectiva do que significava sentir dor. Ele oscilou. Piscou. E se encolheu, soltando a mão de Meg como se tivesse lembrado que o próprio toque era venenoso.

— Eu... — Ele hesitou. — *Scusatemi*.

Então desceu correndo a escada e percorreu o gramado, os pés descalços deixando uma trilha de grama morta.

Will balançou a cabeça.

— Ele só recorre ao italiano quando está *muito* chateado.

— Aquele garoto já recebeu notícias ruins demais — comentou Dioniso, com um tom de solidariedade ressentida.

Eu quis perguntar o que ele queria dizer com “notícias ruins”. Quis

pedir desculpas por causar mais problemas. Quis explicar todas as formas tremendas e espetaculares pelas quais falhei desde a última vez que estivera no Acampamento Meio-Sangue.

Em vez disso, o copo de limonada caiu da minha mão. E se estilhaçou no chão. Eu tombei para o lado na cadeira enquanto a voz do Will ia se afastando por um túnel comprido e escuro.

— Pai! Pessoal, preciso de ajuda!

Mergulhei na inconsciência.

9

No café servimos
Panqueca e iogurte queimado
E insanidade

PESADELOS?

Claro, por que não?

Sofri uma série de pesadelos tipo Boomerang do Instagram: as mesmas cenas curtas se repetindo sem parar. Luguselwa voando do terraço de um prédio. A anfisbena me olhando atordoada, com duas flechas prendendo seus pescoços na parede. O olho das Irmãs Cinzentas voando para o meu colo e grudando lá como se estivesse coberto de cola.

Tentei canalizar meus sonhos numa direção mais pacífica: minha praia favorita em Fiji, meu antigo dia de festival em Atenas, o show que fiz com Duke Ellington no Cotton Club em 1930. Nada deu certo.

Acabei me vendo na sala do trono de Nero.

O espaço do loft ocupava um andar inteiro da torre. Em todas as direções, paredes de vidro tinham vista das torres de Manhattan. No centro da sala, numa plataforma de mármore, o imperador estava refestelado em uma poltrona extravagante de veludo estilo trono. O pijama de cetim roxo e o roupão com listras de tigre que ele usava deixariam Dioniso com inveja. A coroa de louros de ouro estava torta na cabeça, o que me deu vontade de ajeitar a barba rala que envolvia o queixo dele como uma faixa.

À esquerda dele havia uma fila de jovens; semideuses, supus, membros adotados da família imperial, como Meg tinha sido. Contei onze no total, organizados do mais alto para o mais baixo, as idades variando entre dezoito e oito anos. Eles usavam togas com bordas roxas por cima da variedade de roupas comuns, indicando seu status real. As expressões deles eram um estudo de caso da paternidade abusiva de Nero. Os mais jovens pareciam impressionados, com medo e adoração por um herói. Os que eram um pouco mais velhos pareciam destruídos e traumatizados, com olhares vazios. Os adolescentes exibiam uma variedade de sentimentos, como raiva, ressentimento e autodesprezo, tudo reprimido e cuidadosamente *não* direcionado a Nero. Os adolescentes mais velhos pareciam miniNeros: sociopatas juniores cínicos, severos e cruéis.

Eu não imaginava Meg McCaffrey naquele grupo. Mas não conseguia parar de pensar onde ela se encaixaria na linha de expressões horrendas.

Dois germânicos entraram na sala do trono carregando uma maca. Nela estava o corpo ferido de Luguselwa. Eles a colocaram aos pés de Nero, e ela soltou um gemido infeliz. Pelo menos, ainda estava viva.

— A caçadora volta de mãos vazias — observou Nero com desprezo. — Vamos ao Plano B, então. Um ultimato de quarenta e oito horas me parece razoável. — Ele se virou para os filhos adotivos. — Lucius, dobre a segurança nos reservatórios. Aemillia, envie os convites. E encomende um bolo. Um bem bonito. Não é todo dia que destruímos uma cidade do tamanho de Nova York.

Meu sonho despencou da torre nas profundezas da terra.

Eu estava numa caverna ampla. Sabia que devia estar em algum lugar embaixo de Delfos, o local do meu oráculo mais famoso, porque os vapores vulcânicos ao meu redor tinham um cheiro único. Eu ouvia minha arqui-inimiga, Píton, em algum lugar da escuridão, arrastando o corpo imenso pelo piso de pedra.

— Você continua não vendo. — A voz era um rugido grave. — Ah, Apolo, que cérebro pequeno e equivocado esse seu. Você corre por aí derrubando as peças, mas nunca olha o tabuleiro inteiro. Algumas horas, no máximo. Vai ser o necessário após o último peão cair. E você vai fazer o trabalho árduo para mim!

A gargalhada dela foi como uma explosão cravada na pedra, feita para destruir uma colina. O medo tomou conta de mim até eu não conseguir mais respirar.

* * *

Acordei com a sensação de que tinha passado horas tentando sair de um casulo de pedra. Todos os músculos do meu corpo doíam.

Eu queria poder só *uma* vez acordar renovado depois de um sonho sobre ser embrulhado com emplastros de algas marinhas e de ir à pedicure com as Nove Musas. Ah, como eu sentia falta das nossas décadas de spa! Mas, não. Eu só tinha imperadores desdenhosos e répteis gigantes gargalhando.

Eu me sentei, tonto e com a visão turva. Estava deitado no antigo colchão do meu chalé. O sol entrava pelas janelas... o sol da *manhã*? Eu tinha mesmo dormido tanto assim? Uma coisa quente e peluda roncava e farejava meu travesseiro, aconchegada ao meu lado. A princípio, achei que pudesse ser um pitbull, embora eu tivesse quase certeza de que não tinha um pitbull. Quando a criatura olhou para cima, percebi que era a cabeça sem corpo de um leopardo.

Um nanossegundo depois, eu estava parado do outro lado do chalé, aos berros. Foi o mais perto que cheguei de me teletransportar desde que perdera meus poderes divinos.

— Ah, você acordou!

Meu filho Will saiu do banheiro em uma nuvem de vapor, o cabelo louro pingando e uma toalha enrolada na cintura. No seu peitoral esquerdo havia uma tatuagem estilizada de sol, o que me pareceu desnecessário, como se ele pudesse ser confundido com qualquer coisa que não um filho do deus Sol.

Ele parou quando percebeu o pânico nos meus olhos.

— O que foi?

— *GRR!* — rosnou o leopardo.

— Seymour?

Will foi até o meu colchão e pegou a cabeça de leopardo... que, em algum momento do passado distante, foi empalhada e grudada numa placa, salva de um bazar de garagem por Dioniso, ganhando vida nova. Normalmente, pelo que eu lembrava, Seymour residia acima da lareira na Casa Grande, o que não explicava por que ele estava mastigando meu travesseiro.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Will ao leopardo. E, para mim: — Eu juro que *não* o coloquei na sua cama.

— Eu coloquei.

Dioniso se materializou ao meu lado.

Meus pulmões torturados não aguentaram outro grito, então pulei mais alguns centímetros para trás.

Dioniso abriu seu sorriso de sempre.

— Achei que você ia gostar de companhia. Sempre durmo melhor com um leopardinho de pelúcia.

— Que gentileza. — Eu me esforcei ao máximo para lançar adagas com meu olhar mortal dirigido a ele. — Mas prefiro dormir sozinho.

— Como desejar. Seymour, de volta à Casa Grande.

Dioniso estalou os dedos, e o leopardo sumiu das mãos do Will.

— Bom, então... — Dioniso me observou. — Está se sentindo melhor depois de dezenove horas de sono?

Percebi que estava só de cueca. Devido à minha forma pálida e torta de mortal, coberta de hematomas e cicatrizes, eu parecia menos ainda um deus e mais uma minhoca arrancada do solo com um graveto.

— Estou me sentindo ótimo — resmunguei.

— Excelente! Will, deixe-o apresentável. Vejo vocês dois no café da manhã.

— Café da manhã...? — falei, atordoado.

— É — respondeu Dioniso. — É a refeição que tem panqueca. Eu amo panqueca.

Ele desapareceu em uma nuvem de purpurina com cheiro de uva.

— Que exibido — murmurei.

Will riu.

— Você mudou mesmo.

— Eu queria que as pessoas parassem de falar isso.
— É uma coisa boa.
Olhei de novo para meu corpo ferido.
— Se você diz... Tem alguma roupa ou quem sabe um saco de farinha que eu possa pegar emprestado?
Tudo que você precisa saber sobre Will Solace se resume a isto: ele tinha roupas esperando por mim. Na sua última ida à cidade, ele foi comprar coisas que especificamente coubessem em mim.
— Imaginei que você fosse acabar voltando ao acampamento — disse ele. — Era o que eu esperava, pelo menos. Queria que você se sentisse à vontade.
Isso bastou para eu começar a chorar de novo. Deuses, eu era um desastre emocional. Will não tinha herdado esse jeito atencioso de mim. Isso vinha da mãe dele, Naomi, e seu coração puro e gentil.
Pensei em abraçar Will, mas como estávamos vestindo cueca e toalha, respectivamente, me pareceu um pouco inadequado. Ele então me deu um tapinha no ombro.
— Vá tomar banho — aconselhou ele. — Os outros saíram para uma caminhada matinal — ele indicou as camas vazias —, mas vão voltar daqui a pouco. Eu te espero.
Depois que tomei banho e me vesti (com uma calça jeans nova e uma camiseta de gola V verde-oliva, as duas peças do tamanho perfeito), Will refez o curativo na minha cabeça. Ele me deu aspirina para todas as minhas dores. Eu estava quase começando a me sentir humano de novo (de um jeito bom), quando o sopro de uma concha soou ao longe, convocando o acampamento para o café da manhã.
Quando estávamos saindo do chalé, encontramos Kayla e Austin voltando da caminhada seguidos por três campistas novos. Mais lágrimas e abraços foram trocados.
— Você cresceu! — Kayla segurou meus ombros com as mãos fortes de arqueira. A luz do sol de junho deu mais destaque às sardas dela. As pontas pintadas de verde do seu cabelo laranja me fizeram pensar nas abóboras do Halloween. — Você está cinco centímetros mais alto, pelo menos! Não está, Austin?
— Definitivamente — concordou ele.
Como músico de jazz, Austin era sempre tranquilo e relaxado, mas ele abriu um sorriso sereno, como se eu tivesse acertado com perfeição um solo digno de Ornette Coleman. A camiseta laranja sem mangas do acampamento exibia seus braços negros. As trancinhas estavam em espirais, feito círculos alienígenas em plantações.
— Mas não é só a altura — concluiu ele. — É o seu porte...
Um dos garotos atrás dele pigarreou.
— Ah, é. Desculpe, pessoal! — Austin chegou para o lado. — Temos três campistas novos este ano, pai. Tenho certeza de que você

se lembra dos seus filhos Gracie, Jerry e Yan... Pessoal, este é Apolo!

Austin os apresentou casualmente, tipo *Sei que você não faz ideia de quem são esses três adolescentes que você gerou e esqueceu uns doze ou treze anos atrás, mas não se preocupe, pai, deixa comigo.*

Jerry era de Londres, Gracie, de Idaho, e Yan, de Hong Kong. (Quando é que eu fui a Hong Kong?) Todos os três pareceram atordoados em me conhecer, só que mais de um jeito *isso só pode ser piada* e não de um jeito *ah, que legal*. Murmurei alguns pedidos de desculpas por ser um péssimo pai. Os recém-chegados se entreolharam e aparentemente decidiram com um acordo silencioso me resgatar da minha infelicidade.

— Estou morrendo de fome — disse Jerry.

— Eu também — afirmou Gracie. — Pavilhão de refeições!

E fomos andando como uma família superesquisita.

Os campistas dos outros chalés também estavam seguindo na direção do pavilhão de refeições. Vi Meg na metade da colina, toda animada conversando com um irmão do chalé de Deméter. Ao lado dela estava Pêssego, o companheiro espírito da árvore frutífera. O sujeitinho de fralda parecia bem feliz e alternava entre bater as asas de folhas e segurar a perna da Meg para chamar a atenção dela. Nós não víamos Pêssego desde o Kentucky, pois ele só costumava aparecer em ambientes naturais ou quando Meg tinha um problemão. Ou quando o café da manhã estava prestes a ser servido.

Meg e eu estávamos juntos havia tanto tempo, e normalmente éramos só nós dois, que senti uma pontada no coração ao vê-la andando com um grupo diferente de amigos. Ela parecia muito feliz sem mim. Se eu voltasse ao Monte Olimpo algum dia, me perguntei se ela decidiria ficar no Acampamento Meio-Sangue. Também me questionei por que essa ideia me deixava tão triste.

Depois dos horrores que sofreu no Lar Imperial de Nero, ela merecia um pouco de paz.

Isso me fez pensar no meu sonho com Luguselwa maltratada e ferida em uma maca na frente do trono de Nero. Talvez eu tivesse mais em comum com a gaulesa do que queria admitir. Meg precisava de uma família melhor, de um lar melhor do que eu *ou* Lu poderíamos oferecer. Mas isso não facilitava a perspectiva de me desapegar dela.

Na nossa frente, um garoto de uns nove anos saiu do chalé de Ares. O elmo tinha engolido sua cabeça. Ele correu para alcançar os companheiros de chalé com a ponta da espada riscando a terra atrás.

— Os novatos parecem tão novos — murmurou Will. — Eu já fui novo assim?

Kayla e Austin assentiram.

— Nós, os novatos, estamos bem *aqui* — resmungou Yan.

Eu queria dizer que *todos* eles eram muito novos. Que o tempo de

vida deles era um piscar de olhos em comparação aos meus quatro milênios. Eu devia estar enrolando todos eles em cobertores quentes e dando biscoitos em vez de esperar que fossem heróis, que matassem monstros e comprassem roupas para mim.

Por outro lado, Aquiles não tinha nem começado a se barbear ainda quando partiu para a Guerra de Troia. Eu vi tantos jovens heróis marcharem bravamente para a morte ao longo dos séculos... Só de pensar eu me sentia mais velho do que o mordedor do bebê Cronos.

Depois das refeições relativamente ordenadas da Décima Segunda Legião no Acampamento Júpiter, o café da manhã no pavilhão de refeições foi um choque. Conselheiros tentavam explicar as regras de organização dos lugares enquanto campistas antigos tentavam se sentar ao lado dos amigos e os novatos tentavam não se matarem nem matarem os outros com as armas novas. As dríades andavam entre todo mundo com travessas de comida, os sátiros iam atrás delas roubando pedaços. Trepadeiras de madressilva floresciam nas colunas gregas e perfumavam o ar.

Na fogueira dos sacrifícios, os semideuses se revezavam jogando partes da refeição nas chamas como oferendas aos deuses: cereais, bacon, torrada, iogurte. (Iogurte?) Uma pluma de fumaça subia aos céus. Como antigo deus, eu apreciava a intenção, mas também me perguntava se o cheiro de iogurte queimado compensava a poluição.

Will me ofereceu um lugar ao lado dele e me passou um cálice de suco de laranja.

— Obrigado — falei. — Mas onde está, hã...?

Procurei Nico di Angelo pela multidão, lembrando que ele costumava se sentar à mesa de Will, ignorando as regras dos chalés.

— Ali — disse Will, aparentemente adivinhando meus pensamentos.

O filho de Hades tinha se sentado ao lado de Dioniso à mesa principal. O prato do deus estava lotado de panquecas. O de Nico estava vazio. Eles pareciam um par estranho, sentados juntos, mas estavam absortos numa conversa profunda e séria. Dioniso raramente tolerava semideuses à sua mesa. Se estava dando tanta atenção a Nico, devia ter alguma coisa muito errada.

Lembrei o que o sr. D disse no dia anterior, antes de eu desmaiar.

— “Aquele garoto já recebeu notícias ruins demais” — repeti e olhei para Will com a testa franzida. — O que isso quer dizer?

— É complicado. — disse Will, tirando o papel ao redor de seu muffin. — Nico pressentiu a morte do Jason semanas atrás. Isso o deixou furioso.

— Me desculpe...

— Não é culpa sua — garantiu Will. — Quando você chegou, só confirmou o que Nico já sabia. A questão é que... o Nico perdeu a

irmã, Bianca, alguns anos atrás. E passou muito tempo com raiva por causa disso. Ele queria ir ao Mundo Inferior buscá-la, uma coisa que... acho que, como filho de Hades, ele *não* deve fazer. Enfim, ele estava começando a aceitar a morte dela, até que soube do Jason, a primeira pessoa que ele considerou um amigo. Isso despertou muitos sentimentos. Nico já viajou para as partes mais profundas do Mundo Inferior, já foi até ao Tártaro. O fato de ter voltado inteiro é um milagre.

— E com a sanidade intacta — concordei. Mas olhei de novo para Dioniso, o deus da loucura, que parecia estar aconselhando Nico. — Ah...

— Pois é — concordou Will, a testa franzida de preocupação. — Eles têm feito a maioria das refeições juntos, só que Nico não come mais quase nada ultimamente. Ele está tendo... acho que dá para chamar de transtorno de estresse pós-traumático. Tem flashbacks. Sonha acordado. Dioniso está tentando ajudá-lo a entender isso tudo. A pior parte são as vozes.

Uma dríade colocou um prato de *huevos rancheiros* na minha frente e quase me matou de susto. Ela deu um sorrisinho e saiu andando, com uma expressão bem satisfeita.

— Vozes? — perguntei.

Will ergueu a palma das mãos.

— Nico não me conta muita coisa. Só que... alguém no Tártaro fica chamando o nome dele. Alguém precisa da ajuda dele. Quase não consegui impedir que ele fosse para o Mundo Inferior sozinho. Então eu falei: converse com Dioniso primeiro. Entenda o que é real e o que não é. Depois, se tiver que ir... nós vamos juntos.

Um filete de suor frio desceu pelas minhas costas. Eu não conseguia imaginar Will no Mundo Inferior, um lugar sem sol, sem cura, sem gentileza.

— Espero que não chegue a esse ponto — falei.

Will assentiu.

— Talvez, se a gente puder derrubar Nero... talvez isso dê outra coisa para ocupar a cabeça de Nico por um tempo, supondo que possamos ajudar.

Kayla estava ouvindo em silêncio, até que se inclinou para perto.

— Pois é, Meg estava nos contando sobre essa profecia que você ouviu. A torre de Nero e tal. Se houver uma batalha, estamos dentro.

Austin balançou uma salsicha na minha direção.

— Isso aí.

A disposição deles de me ajudar me comoveu. Se eu tivesse que ir para uma guerra, ia querer o arco de Kayla ao meu lado. A capacidade de cura de Will poderia me manter vivo, apesar dos meus esforços para acabar sendo morto. Austin poderia apavorar nossos inimigos

com riffs de acordes diminutos no saxofone.

Por outro lado, lembrei-me do aviso de Luguselwa sobre Nero estar preparado. Ele *queria* que nós atacássemos. Um ataque direto seria suicídio. Eu não deixaria meus filhos se machucarem, mesmo que minha opção fosse confiar no plano maluco de Lu e me entregar ao imperador.

Um ultimato de quarenta e oito horas, dissera Nero no meu sonho. Depois disso, ele botaria fogo em Nova York.

Deuses, por que não havia uma opção C nessa prova de múltipla escolha?

Clic, clic, clic.

Dioniso se levantou na mesa principal, um copo e uma colher nas mãos. O pavilhão de refeições fez silêncio. Semideuses se viraram e esperaram os anúncios da manhã. Lembrei que Quíron tinha muito mais dificuldade para obter a atenção de todo mundo. Por outro lado, faltava a Quíron o poder de transformar todos os presentes em cachos de uvas.

— Sr. A e Will Solace, apresentem-se à mesa principal — ordenou Dioniso.

Os campistas esperaram por mais.

— Isso é tudo — disse o sr. D. — Francamente, preciso dizer como se come café da manhã? Continuem!

Os campistas voltaram ao caos feliz. Will e eu pegamos nossos pratos.

— Boa sorte — disse Kayla. — Tenho a impressão de que vocês vão precisar.

Fomos nos juntar a Dioniso e Nico na mesa principal das panquecas.

10

Ok, huevos rancheiros
Não vão bem com profecia
Nem felicidade

DIONISO NÃO CHAMOU Meg, mas ela se juntou a nós mesmo assim.

Sentou-se ao meu lado com o prato de panquecas e estalou os dedos para Dioniso.

— Passa a calda.

Temi que o sr. D a transformasse numa traseira empalhada para Seymour, mas ele fez o que ela pediu. Acho que não queria transformar a única outra pessoa no acampamento que gostava de jogar pinochle.

Pêssego ficou na mesa de Deméter, onde todos os campistas babavam nele. E isso foi bom, porque deuses da uva e espíritos do pêssego não se misturam.

Will se sentou ao lado de Nico e botou uma maçã no prato vazio dele.

— Coma alguma coisa.

— Hunf — disse Nico, mas se inclinou de leve na direção de Will.

— Certo. — Dioniso ergueu um pedaço de papel creme entre os dedos, feito um mágico exibindo uma carta. — Isto chegou para mim ontem à noite por uma mensageira harpia.

Ele o empurrou pela mesa para que eu lesse as letras elegantes.

Nero Cláudio César Augusto Germânico
Deseja ter o prazer da sua companhia
Na queima da
Grande Área Metropolitana de Nova York
Quarenta e oito horas após o recebimento deste convite
EXCETO
Se o antigo deus Apolo, agora conhecido como
Lester Papadopoulos,
Se entregar antes disso à justiça imperial
Na torre de Nero.
NESSE CASO,
Só vai ter bolo.
PRESENTES:
Só os caros, por favor.
R.S.V.P.
Nem precisa. Se você não vier, vamos saber.

Empurrei meus *huevos rancheiros* para longe. Meu apetite tinha sumido. Ouvir os planos diabólicos de Nero nos meus pesadelos era uma coisa. Outra bem diferente era vê-los escritos em caligrafia preta com promessa de bolo.

— Quarenta e oito horas a partir de ontem à noite — falei.

— Sim — refletiu Dioniso. — Sempre gostei do Nero. Ele tem estilo.

Meg espetou as panquecas com raiva. Encheu a boca com a delícia fofa e doce, provavelmente para não soltar uns palavrões.

Nico encontrou meu olhar do outro lado da mesa. Seus olhos escuros estavam cheios de raiva e preocupação. No prato dele, a maçã começou a murchar.

Will apertou a mão dele.

— Ei, para.

A expressão de Nico se suavizou um pouco. A maçã interrompeu o processo prematuro de envelhecimento.

— Desculpe. É que... estou cansado de falar de problemas que não posso resolver. Quero ajudar.

Ele falou *ajudar* como se quisesse dizer *fazer picadinho dos meus inimigos.*

Nico di Angelo não era fisicamente imponente como Sherman Yang. Não tinha o ar de autoridade de Reyna Ramírez-Arellano nem a presença de Hazel Levesque quando partia para a batalha montada em seu cavalo. Mas Nico não era alguém que eu fosse querer como inimigo. *Nunca.*

Ele era enganosamente calado. Parecia anêmico e frágil. Ficava sempre fora dos holofotes. Mas Will estava certo sobre quanto Nico já tinha enfrentado. Ele nasceu na Itália de Mussolini. Sobreviveu a décadas na realidade de tempo distorcido do Cassino Lótus. Emergiu nos tempos modernos desorientado e sofrendo um enorme choque cultural; chegou ao Acampamento Meio-Sangue e logo perdeu a irmã, Bianca, numa missão perigosa. Vagou pelo Labirinto num exílio autoimposto, sendo torturado e sofrendo lavagem cerebral por um fantasma maligno. Superou a desconfiança de todos e saiu da Batalha de Manhattan como herói. Foi capturado por gigantes durante a ascensão de Gaia. Vagou pelo Tártaro sozinho e conseguiu sair vivo. E, durante tudo isso, lutou contra sua criação de homem italiano católico conservador dos anos 1930 e finalmente aprendeu a se aceitar como um jovem gay.

Qualquer um capaz de sobreviver a isso tinha mais resiliência do que ferro estígio.

— Nós precisamos da sua ajuda, sim — garanti. — Meg contou sobre os versos proféticos?

— Meg contou ao Will — disse Nico. — Will me contou. *Terza rima.*

Como a do Dante. Nós tivemos que estudar o trabalho dele na escola, na Itália. Mas preciso confessar que nunca imaginei que seria útil.

Will mexeu no bolinho.

— Só para ver se eu entendi... Você conseguiu a primeira estrofe no sovaco de um ciclope, a segunda com uma cobra de duas cabeças e a terceira de três velhas que dirigem um táxi?

— Não tivemos muita escolha — falei. — Mas, é.

— O poema tem fim? — perguntou Will. — Se o esquema de rimas se entrelaça de estrofe em estrofe, não pode continuar para sempre?

Estremeci.

— Espero que não. Normalmente, a última estrofe incluiria um par de versos de encerramento, mas ainda não ouvimos essa parte.

— O que quer dizer que tem mais estrofes a caminho — apontou Nico.

— Oba.

Meg enfiou mais panqueca na boca.

Dioniso também comeu uma garfada, como se eles estivessem em uma competição para ver quem conseguia comer mais e saborear menos.

— Bom — disse Will com alegria forçada —, vamos discutir as estrofes que temos. Como era? *Na torre de Nero subirão dois somente*? Essa parte é bem óbvia. Deve significar Apolo e Meg, né?

— Nós vamos nos render — anunciou Meg. — Esse é o plano da Luguselwa.

Dioniso riu com deboche.

— Apolo, por favor, me diga que não vai confiar numa gaulesa. Você não ficou *tão* desmiolado, ficou?

— Ei! — disse Meg. — A gente pode confiar na Lu. Ela deixou o Lester jogá-la do telhado.

Dioniso semicerrou os olhos.

— Ela sobreviveu?

Meg pareceu nervosa.

— Quer dizer...

— Sim — interrompi. — Sobreviveu.

Contei a eles o que tinha visto nos meus sonhos: a gaulesa ferida levada até o trono de Nero, o ultimato do imperador, minha descida até as cavernas embaixo de Delfos, onde Píton abençoou meu cérebro limitado.

Dioniso assentiu, pensativo.

— Ah, sim, Píton. Se você sobreviver ao Nero, ainda vai ter *isso* à sua espera.

Não gostei do lembrete. Impedir que um imperador sedento por poder dominasse o mundo e destruísse uma cidade... isso era uma coisa. Píton era uma ameaça mais nebulosa, mais difícil de

quantificar, porém potencialmente mil vezes mais perigosa.

Meg e eu tínhamos libertado quatro oráculos das mãos do Triunvirato, mas Delfos continuava firmemente sob o controle de Píton. Isso significava que a fonte principal de profecias no mundo estava aos poucos sendo sufocada, envenenada, manipulada. Nos tempos antigos, Delfos era chamado de *onfalo*, o umbigo do mundo. Se eu não conseguisse derrotar Píton e retomar o oráculo, o destino da humanidade estava em risco. As profecias de Delfos não eram apenas vislumbres do futuro. Elas davam *forma* ao futuro. E ninguém queria um monstro enorme e maligno controlando uma fonte de poder daquelas, decidindo por toda a civilização humana.

Franzi a testa.

— Você sempre pode, ah, sei lá, decidir *ajudar*.

Dioniso deu um risinho debochado.

— Você sabe tão bem quanto eu, Apolo, que missões assim são coisa para semideuses. Quanto a aconselhar, orientar, ajudar... isso é trabalho do Quíron. Ele deve voltar da reunião... ah, amanhã à noite, acho, mas aí já vai ser tarde demais.

Eu queria que ele não tivesse dito *tarde demais.*

— Que reunião? — perguntou Meg.

Dioniso fez pouco caso da pergunta.

— Uma... força-tarefa em conjunto? Foi assim que ele chamou? O mundo costuma ter mais de uma crise ao mesmo tempo. Talvez vocês tenham reparado. Ele disse que tinha uma reunião de emergência com um gato e uma cabeça decepada, o que quer que isso signifique.

— E a gente tem que ficar com você no lugar dele — disse Meg.

— Acredite, criança, eu também preferia não estar aqui com vocês, maravilhosos peraltas. Depois de ter sido tão útil nas guerras contra Cronos e Gaia, eu esperava que Zeus pudesse antecipar minha liberação de servir este lugar infeliz. Mas, como podem ver, ele me mandou de volta para completar meus cem anos. Nosso pai adora mesmo punir os filhos.

Ele abriu aquele sorrisinho de novo, o que significava *pelo menos com você foi pior.*

Eu queria que Quíron estivesse lá, mas não fazia sentido ficar pensando nisso, nem no que o velho centauro poderia estar fazendo na reunião de emergência. Nós já tínhamos muito com o que nos preocupar.

As palavras de Píton ficavam martelando em meu cérebro: *Você nunca olha o tabuleiro inteiro.*

O réptil maligno estava fazendo um jogo dentro de um jogo. Não seria nenhuma grande surpresa se estivesse usando o Triunvirato para seus próprios fins, mas Píton parecia gostar da ideia de que eu pudesse matar seu último aliado, Nero. E depois? *Algumas horas, no máximo.*

Vai ser o necessário após o último peão cair.

Eu não fazia ideia do que isso significava. Píton estava certa ao dizer que eu não via o tabuleiro inteiro. Eu não entendia as regras. Só queria jogar as peças longe e gritar *Vou pra casa!*

— Ah, tá. — Meg botou mais calda no prato, numa tentativa de criar o Lago Panqueca. — A questão é que o outro verso diz que nossa vida depende do exército de Nero. Isso significa que podemos confiar na Lu. Vamos nos render antes do prazo final, como ela falou.

Nico inclinou a cabeça.

— Mesmo que vocês se rendam, o que te faz pensar que Nero vai cumprir com sua palavra? Se ele teve o trabalho de reunir fogo grego suficiente para queimar Nova York, por que ele não faria isso de qualquer jeito?

— Ele faria — afirmei. — Definitivamente.

Dioniso pareceu refletir.

— Mas esse fogo não chegaria, digamos, ao Acampamento Meio-Sangue.

— Ah, cara! — disse Will.

— O quê? — perguntou Dioniso. — Só estou encarregado da segurança do acampamento.

— Lu tem um plano — insistiu Meg. — Quando formos capturados, Nero vai afrouxar a guarda. Lu vai nos soltar. Vamos destruir... — Ela hesitou. — Vamos destruir os fasces dele. E ele vai ficar fraco. A gente pode derrotá-lo antes que ele queime a cidade.

Eu me perguntei se mais alguém tinha percebido a hesitação de Meg ao dizer *Vamos destruir Nero.*

Nas outras mesas, os campistas continuaram comendo o café da manhã, brincando uns com os outros de forma bem-humorada e conversando sobre as atividades marcadas para o dia.

Ninguém prestou muita atenção na nossa conversa. Ninguém ficou olhando com nervosismo para mim e perguntando aos companheiros de chalé se eu era mesmo o deus Apolo.

E por que fariam isso? Eles eram uma nova geração de semideuses, começando o primeiro acampamento de verão. Até onde sabiam, eu era uma presença comum na paisagem, como o sr. D, os sátiros, os rituais de queima de iogurte. *O sr. A? Ah, sim. Ele era um deus ou algo assim. Pode ignorá-lo.*

Muitas vezes ao longo dos séculos, eu me senti antiquado e esquecido. Mas nunca tanto quanto naquele momento.

— Se Lu estiver falando a verdade — disse Will —, e *se* Nero ainda confiar nela...

— E *se* ela conseguir soltar vocês — acrescentou Nico —, e *se* vocês conseguirem destruir os fasces antes de Nero botar fogo na cidade... São muitos *se*. Não gosto de situações com mais de um *se*.

— Tipo, eu posso te convidar para comer pizza no fim de semana — disse Will — *se* você não estiver muito chato.

— Exatamente. — O sorriso do Nico foi como um sol de inverno aparecendo entre flocos de neve. — Supondo que vocês sigam em frente com esse plano maluco, o que nós temos que fazer?

Meg arrotou.

— Está na profecia. A coisa do descendente de Hades.

Nico fechou a cara.

— Que coisa do *descendente de Hades*?

Will desenvolveu um interesse repentino pelo papel de embrulho do bolinho. Nico pareceu perceber junto comigo que Will não tinha contado todos os versos da profecia para ele.

— William Andrew Solace — disse Nico —, você tem alguma confissão a fazer?

— Eu ia contar.

Will olhou para mim com expressão de súplica, como se fosse incapaz de dizer os versos.

— *O amigo dos velocistas das cavernas é de Hades um dos descendentes* — recitei. — *E para o trono ele deverá mostrar o caminho escondido.*

Nico fez uma careta tão feia que tive medo de que Will pudesse murchar como a maçã.

— Você não acha que teria sido melhor mencionar esse detalhe antes?

— Espere — falei, em parte para poupar Will da ira do Nico e em parte porque eu estava revirando a mente, tentando pensar em quem poderiam ser os "velocistas das cavernas", ainda sem ter ideia. — Nico, você sabe o que esses versos significam?

Ele assentiu.

— Os velocistas das cavernas são... novos amigos meus.

— Não são amigos — murmurou Will.

— São especialistas em geografia subterrânea — disse Nico. — Andei conversando com eles sobre... outras coisas.

— Isso não é bom para sua saúde mental — acrescentou Dioniso com um tom de voz cantarolado.

Nico lançou na direção dele um olhar ameaçador.

— Se *existe* um jeito secreto de entrar na torre de Nero, eles podem saber qual.

Will balançou a cabeça.

— Toda vez que você os visita...

Ele deixou a frase no ar, mas a preocupação em sua voz era tão cortante quanto um caco de vidro.

— Então venha comigo desta vez — pediu Nico. — Me *ajude*.

Will exibiu uma expressão infeliz. Percebi que ele queria desesperadamente proteger Nico, ajudá-lo como pudesse. Mas ele

também queria desesperadamente não ter que visitar aqueles tais velocistas das cavernas.

— Quem são? — perguntou Meg entre pedaços de panqueca. — Eles são horríveis?

— São — disse Will.

— Não — retrucou Nico.

— Bom, então está decidido — declarou Dioniso. — Como o sr. Di Angelo parece determinado a ignorar meu conselho sobre sua saúde mental e embarcar nessa missão...

— Isso não é justo — protestou Nico. — Você ouviu a profecia. Eu *tenho* que ir.

— Desconheço o conceito de "tenho que" — disse Dioniso —, mas, se você estiver decidido, é melhor ir, né? Apolo só tem até amanhã à noite para se render, ou para fingir que vai se render, ou como vocês quiserem chamar.

— Está ansioso para se livrar da gente? — perguntou Meg.

Dioniso riu.

— E as pessoas dizem que não há perguntas idiotas. Mas, se você confia na sua amiga Luluzinha...

— Luguselwa — rosnou Meg.

— Que seja... Você não devia voltar correndo para ela?

Nico cruzou os braços.

— Preciso de mais tempo antes de ir. Se eu quiser pedir um favor aos meus novos amigos, não posso aparecer de mãos vazias.

— Ah, caramba — disse Will. — Você não vai...

Nico ergueu uma sobrancelha para ele como quem diz *É sério, namorado? Você já está encrencado.*

Will suspirou.

— Tudo bem. Eu vou com você... recolher suprimentos.

Nico assentiu.

— Vai nos tomar boa parte do dia. Apolo, Meg, que tal vocês ficarem no acampamento e descansarem por enquanto? Nós quatro podemos ir para a cidade logo cedo amanhã de manhã. Isso deve nos dar tempo suficiente.

— Mas... — Minha voz falhou.

Eu queria protestar, apesar de não saber o que alegar. Só um dia no Acampamento Meio-Sangue antes da nossa ida final até a destruição e a morte? Não era tempo o bastante para procrastinar!

— Eu, hã... achava que uma missão tinha que ser formalmente autorizada.

— Eu autorizo formalmente — disse Dioniso.

— Mas só podem ser três pessoas! — retruquei.

Dioniso olhou para mim, Will e Nico.

— Só estou contando três.

— Ei! — disse Meg. — Eu também vou!

Dioniso fez questão de ignorá-la.

— Nós nem temos um plano! — falei. — Quando encontrarmos o caminho escondido, o que vamos fazer? Por onde começamos?

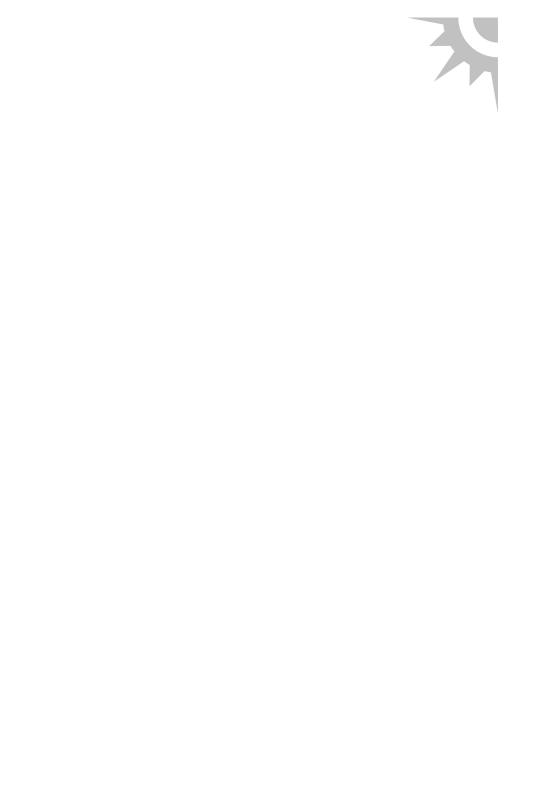
— Começamos com a Rachel — disse Will, ainda mexendo no bolinho. — *Fios vermelhos revelam o caminho até então desconhecido.*

A verdade perfurou minha nuca feito uma agulha de acupuntura.

Claro que a interpretação de Will fazia sentido. Nossa velha amiga ruiva devia estar em casa, no Brooklyn, curtindo as férias de verão, sem esperar que eu aparecesse na casa dela e pedisse ajuda.

— Rachel Elizabeth Dare — falei. — Minha sacerdotisa de Delfos.

— Excelente! — disse Dioniso. — Agora que vocês resolveram a missão suicida, a gente pode terminar o café? E pare de encher essas panquecas de calda, McCaffrey. Ainda tem mais gente para comer.

11

Peço mil desculpas
À flecha e à minha cueca
E, bom, a tudo mais

O QUE VOCÊS FARIAM se só tivessem um dia no Acampamento Meio-Sangue?

Talvez participassem de um jogo de captura da bandeira ou voassem de Pégaso sobre a praia ou relaxassem na campina, apreciando o sol e a fragrância doce dos morangos maduros.

Todas ótimas opções. Não escolhi nenhuma delas.

Passei o dia correndo de um lado para outro em pânico, tentando me preparar para a morte iminente.

Depois do café da manhã, Nico se recusou a fornecer qualquer outra informação sobre os misteriosos velocistas das cavernas.

— Vocês vão descobrir amanhã. — Foi tudo que ele disse.

Quando perguntei a Will, ele se retraiu e fez uma cara tão triste que não tive coragem de pressionar.

Dioniso talvez pudesse ter esclarecido, mas já tinha nos tirado da lista de tarefas.

— Já falei, Apolo, o mundo tem muitas crises. Só hoje de manhã, cientistas divulgaram outro estudo relacionando refrigerantes a hipertensão. Se continuarem a macular o nome da Coca Zero, vou ter que pulverizar alguém!

E saiu batendo os pés para planejar a vingança contra a indústria da alimentação saudável.

Pensei que Meg, pelo menos, fosse ficar do meu lado enquanto nos preparávamos para nossa missão, mas ela preferiu passar a manhã plantando abóbora com o chalé de Deméter. Isso mesmo, queridos leitores. Ela preferiu cucurbitáceas a mim.

Minha primeira parada foi no chalé de Ares, onde perguntei a Sherman Yang se ele tinha alguma informação útil sobre a torre de Nero.

— É uma fortaleza. Um ataque frontal seria...

— Suicídio — supus. — Nenhuma entrada secreta?

— Não que eu saiba. Se houver, vai estar muito protegida e cheia de armadilhas. — Seu olhar se perdeu no horizonte. — Talvez lança-chamas ativados por sensor de movimento. Seria irado.

Comecei a me perguntar se Sherman seria mais útil como conselheiro de Nero.

— É possível que Nero tenha uma arma digna do Apocalipse

preparada? Por exemplo, fogo grego suficiente para destruir Nova York acionado por apenas um botão?

— Opa... — Sherman suspirou com um ar apaixonado, como alguém vendo Afrodite pela primeira vez. — Seria incrível. Quer dizer, *horrível*. Seria horrível. Mas... sim, é possível. Com a riqueza e os recursos dele? E o tempo que ele teve para planejar? Claro. Ele precisaria de um local de armazenamento e de uma logística para dispersão rápida. Meu palpite é que deve ser subterrâneo, para aproveitar os canos, esgotos e túneis da cidade. Você acha que ele tem mesmo alguma coisa assim? Quando a gente parte para a batalha?

Eu percebi que talvez tivesse revelado coisas demais a Sherman Yang.

— Já, já volto a falar com você — murmurei, e fiz uma retirada rápida.

Parada seguinte: chalé de Atena.

Perguntei ao conselheiro-chefe atual, Malcolm, se ele tinha alguma informação sobre a torre de Nero, ou sobre criaturas chamadas "velocistas das cavernas", ou se por acaso sabia me explicar por que uma gaulesa como Luguselwa estaria trabalhando para Nero e se ela era de confiança ou não.

Malcolm andou pelo chalé, franzindo a testa para vários mapas na parede e para as estantes.

— Eu posso pesquisar — sugeriu ele. — Podemos elaborar um dossiê de inteligência caprichado e um plano de ataque.

— Isso... seria incrível!

— Vai levar umas quatro semanas. Talvez três, se nos apressarmos. Quando você tem que ir?

Saí do chalé aos prantos.

Antes do almoço, decidi consultar meu último recurso: a Flecha de Dodona. Fui para a floresta, pensando que talvez a flecha ficasse mais profética se eu a levasse para mais perto de seu local de origem, o Bosque de Dodona, onde as árvores sussurravam o futuro e cada galho sonhava em crescer e se tornar um projétil que falava como Shakespeare. Eu também queria estar bem longe dos chalés, para que ninguém me visse falando com um objeto inanimado.

Atualizei a flecha sobre os últimos acontecimentos e estrofes da profecia. E depois, que os deuses me ajudassem, pedi um conselho.

JÁ FALEI PARA TI ANTES, disse a flecha. *NÃO VEJO OUTRA INTERPRETAÇÃO. PRECISAS CONFIAR NO PESSOAL DO IMPERADOR.*

— Você quer dizer Luguselwa. Quer dizer que devo me render a Nero porque uma gaulesa que mal conheço me disse que essa é a única forma de deter o imperador.

DE FATO, disse a flecha.

— E tu vês... E você vê o que vai acontecer depois que nos

rendermos?

NÃO.

— E se eu te levasse até o Bosque de Dodona?

NÃO! A flecha falou com tanto vigor que quase caiu da minha mão.

Fiquei olhando para ela, esperando mais, mas tive a sensação de que a explosão tinha sido uma surpresa para nós dois.

— Então... você vai ficar só se repetindo?

UMA BANANA!, xingou a flecha. Pelo menos, supus que fosse um xingamento, e não um pedido. *NÃO ME LEVES PARA O BOSQUE, Ó PERNICIOSO LESTER! ACHAS QUE ME RECEBERIAM BEM LÁ, COM MINHA MISSÃO INCOMPLETA?*

O tom não era fácil de entender porque a voz da flecha ressoava direto nas placas do meu crânio, mas achei que parecia... magoada.

— Desculpa — falei. — Eu não tinha pensado...

CLARO QUE NÃO PENSOU. A pena na ponta tremeu. *EU NÃO ABANDONEI MEU LAR POR VONTADE PRÓPRIA, Ó LESTER! OBRIGARAM-ME, BANIRAM-ME! UM GALHINHO DE NADA, DESCARTÁVEL, ESQUECÍVEL, EXILADO DO CORAL DE ÁRVORES ATÉ CONSEGUIR PROVAR MEU VALOR! SE EU VOLTASSE AGORA, O BOSQUE TODO CAÇOARIA DE MIM. A HUMILHAÇÃO...*

A flecha ficou imóvel na minha mão.

ESQUECE O QUE FALEI, murmurou a flecha. *FINGE QUE NUNCA ACONTECEU.*

Eu não soube bem o que dizer. Todos os meus anos como deus da arquearia não tinham me preparado para bancar o terapeuta de uma flecha. Ainda assim... fiquei me sentindo muito mal pelo pobre projétil. Eu o arrastei de um lado para outro do país. Reclamei dos seus defeitos. Fiz pouco dos seus conselhos e debochei da sua linguagem rebuscada. Nunca parei para pensar que ele pudesse ter sentimentos, esperanças, sonhos e talvez até uma família tão disfuncional e desencorajadora como a minha.

Eu me perguntei amargamente se havia *alguém* que eu não tinha negligenciado, magoado ou ignorado durante meu tempo como mortal... ou melhor, durante meus quatro mil anos de existência. Eu só podia ser grato por meus sapatos não terem consciência. Nem minha cueca. Deuses, meus pedidos de desculpas jamais seriam suficientes.

— Fiz um mal uso de você — falei para a flecha. — Sinto muito. Quando nossa missão terminar com sucesso, vou te levar para o Bosque de Dodona, e você será recebido como um herói.

Senti a ponta dos meus dedos pulsando contra o corpo da flecha, que ficou quieta por seis batimentos.

SIM, disse ela, por fim. *INDUBITAVELMENTE ESTÁS CERTO.*

Na escala de alerta, a Flecha de Dodona dizer que eu estava certo era o ponto máximo.

— O que foi? — perguntei. — Você viu alguma coisa no futuro? Alguma coisa ruim?

A ponta da flecha tremeu. *NÃO TE PREOCUPES. DEVO RETORNAR À MINHA ALJAVA. TU DEVES CONVERSAR COM MEG.*

A flecha ficou em silêncio. Eu queria saber mais. Eu sabia que *havia* mais. Mas a flecha tinha encerrado sua fala e, pela primeira vez na vida, achei que deveria levar em consideração o que ela queria.

Coloquei-a de volta na aljava e comecei a caminhada de volta até os chalés.

Talvez eu estivesse exagerando. Não era porque minha vida sofrida estivesse condenada que a da flecha também estaria.

Talvez ela só estivesse sendo evasiva porque, no fim da minha jornada, quer eu morresse ou não, planejava lançar a história da minha vida em um dos novos serviços de streaming das Musas. Eu seria lembrado apenas como uma série de poucos capítulos no canal Calíope+.

Sim, devia ser isso. Que alívio...

Eu estava quase no limite da floresta quando ouvi risadas... risadas de *dríades*, deduzi, com base nos meus séculos de experiência como perseguidor de dríades. Segui o som até uma área rochosa ali perto, onde Meg McCaffrey e Pêssego estavam conversando com meia dúzia de espíritos das árvores.

As dríades estavam babando no espírito da fruta, que, como não era bobo nem nada, se esforçava ao máximo para ficar adorável aos olhos das moças, o que significava não mostrar os dentes, não rosnar nem revelar as garras. Ele também estava usando uma fralda limpa, o que para mim era uma novidade.

— Ah, ele é uma preciosidade — disse uma das dríades, mexendo no cabelo folhoso de Pêssego.

— Esses dedinhos! — disse outra, fazendo uma massagem no pé dele.

O *karpos* ronronou e balançou as asas frondosas. As dríades não pareceram se importar que ele parecesse um bebê assassino que nasceu de uma plantação de chia.

Meg fez cócegas na barriga dele.

— É, ele é incrível. Eu o encontrei...

Foi nessa hora que as dríades me viram.

— Tenho que ir — disse uma, desaparecendo em um redemoinho de folhas.

— É, eu tenho um... compromisso — disse outra, e explodiu em pólen.

As outras dríades se foram em seguida, até só restarmos Meg, Pêssego, eu e o aroma de shampoo biodegradável DriadiqueÒ.

Pêssego rosnou para mim.

— Pêssego.

Sem dúvida, ele quis dizer *Cara, você espantou minhas fãs.*

— Desculpa. Eu só estava... — Balancei a mão. — Passando. Andando por aí, esperando a morte chegar. Sei lá.

— Tudo bem — disse Meg. — Puxa uma pedra.

Pêssego rosnou, talvez duvidando da minha boa vontade de massagear os pés dele.

Meg o acalmou coçando atrás de sua orelha, o que o reduziu a uma pocinha de alegria ronronante.

Era bom me sentar, mesmo em um pedaço áspero de quartzo. O sol estava agradável sem estar quente demais. (Sim, já fui o deus do sol. Hoje em dia, sou cheio de frescura com temperatura.)

Meg estava usando o traje de Dia dos Namorados providenciado por Sally Jackson. O vestido rosa tinha sido lavado depois que chegamos, ainda bem, mas os joelhos da legging branca já estavam sujos de novo por causa da manhã plantando abóbora. Os óculos tinham sido limpos. As pedrinhas da armação cintilavam, e eu conseguia ver os olhos dela pelas lentes. Seu cabelo tinha sido lavado com shampoo e preso com fivelas vermelhas. Imaginei que alguém do chalé de Deméter tinha carinhosamente lhe dado um dia de beleza.

Não que eu pudesse criticar. Afinal, estava com roupas que Will Solace tinha comprado para mim.

— Foi bom trabalhar no jardim? — perguntei.

— Ótimo. — Ela limpou o nariz na manga. — Sabe o garoto novo, Steve? Ele fez uma batata brotar na calça do Douglas.

— Isso parece incrível mesmo.

— Eu queria que a gente pudesse ficar aqui.

Ela jogou um pedaço de quartzo na grama.

Meu coração parecia uma bolha estourada. Ao pensar nas coisas horríveis que nos aguardavam em Manhattan, eu queria conceder o desejo de Meg mais do que tudo. Ela deveria poder ficar no acampamento, rindo e fazendo amizades e vendo batatas brotarem nas calças dos colegas de chalé, como qualquer garota normal.

Era impressionante que ela parecesse tão calma e satisfeita. Eu já tinha ouvido que as crianças eram muito resilientes quando se tratava de sobreviver a traumas. Eram bem mais fortes do que, digamos, um imortal comum. Mas, só daquela vez, eu queria poder oferecer um lugar seguro a Meg, sem a pressão de ter que ir embora às pressas para impedir um apocalipse.

— Eu posso ir sozinho — falei. — Posso me render ao Nero. Não tem motivo para você...

— Para — ordenou ela.

Meus lábios se fecharam na mesma hora.

Eu não pude fazer nada além de esperar Meg girar um pedaço de

grama entre os dedos.

— Você diz isso porque não confia em mim? — perguntou ela, por fim.

— *O quê?* — A pergunta dela me permitiu falar de novo. — Meg, não, não é isso...

— Eu te traí uma vez. Bem nesta floresta.

Ela não pareceu triste nem envergonhada, como talvez tivesse ficado no passado. Só falou com uma espécie de descrença aérea, como se tentando lembrar quem era seis meses antes. Eu me identificava com esse tipo de questão.

— Meg, nós dois mudamos muito desde aquela época. Eu confio plenamente em você. Só estou preocupado com o Nero... E como ele vai tentar te machucar, te *usar*.

Ela me olhou de um jeito quase professoral, como se indagando: *Tem certeza de que essa é sua resposta final?*

Eu percebi o que devia estar passando por sua cabeça: eu não estava com medo de que ela me traísse, mas sim de que Nero pudesse manipulá-la. Não era a mesma coisa?

— Eu tenho que voltar — insistiu Meg. — Tenho que ver se sou forte o bastante.

Pêssego se aconchegou perto dela como se não tivesse nenhuma preocupação do tipo.

Meg deu um tapinha nas asas folhosas.

— Talvez eu tenha ficado mais forte. Mas, quando voltar ao palácio, isso vai ser suficiente? Vou conseguir me lembrar de ser quem sou agora e não... quem eu era antes?

Entendi que ela não esperava uma resposta. Mas me ocorreu que talvez eu devesse me fazer a mesma pergunta.

Desde a morte de Jason Grace, eu havia passado noites em claro me perguntando se conseguiria cumprir a promessa que fiz a ele. Supondo que eu voltasse ao Monte Olimpo, conseguiria me lembrar de como foi ser humano, ou voltaria a ser o deus egocêntrico de antes?

Mudança é uma coisa frágil. Exige tempo e distância. Sobreviventes de relações abusivas, como Meg, precisam se afastar dos abusadores. Voltar àquele ambiente tóxico era a pior coisa que ela podia fazer. E antigos deuses arrogantes como eu não podiam ficar perto de outros deuses arrogantes e acreditar que não seriam afetados.

Mas eu achava que Meg estava certa. Voltar era a única forma de ver o quanto tínhamos nos fortalecido, mesmo que significasse arriscar tudo.

— Tudo bem, estou preocupado — admiti. — Com você. E comigo. Não sei responder sua pergunta.

Meg assentiu.

— Mas a gente tem que tentar.

— Juntos, então — falei. — Mais uma vez para dentro do covil do Besta.

— Pêssego — murmurou Pêssego.

Meg abriu um sorrisinho.

— Ele disse que vai ficar aqui no acampamento. Precisa de um tempo para *si mesmo*.

Odeio quando espíritos de frutas têm mais bom senso do que eu.

* * *

Naquela tarde, enchi duas aljavas de flechas. Poli e ajustei a corda do arco. No depósito de instrumentos musicais do chalé, escolhi um ukulele novo... não tão bom e resistente quanto o ukulele de combate de bronze que eu tinha perdido, mas um temível instrumento de cordas mesmo assim. Providenciei vários suprimentos médicos na mochila, além de comida e bebida, a muda de roupas e a cueca limpa de sempre. (Desculpa, cueca!)

Passei pelas horas da tarde num transe, me sentindo como se estivesse me preparando para um velório... mais especificamente, o meu próprio. Austin e Kayla ficaram por perto, à disposição para ajudar, mas sem invadir meu espaço.

— Nós conversamos com Sherman e Malcolm — disse Kayla. — Vamos estar preparados.

— Se houver *qualquer* coisa que a gente possa fazer — acrescentou Austin —, vamos estar prontos para agir ao primeiro chamado.

Não havia palavras suficientes para lhes agradecer, mas espero que eles tenham visto a gratidão no meu rosto lacrimoso, machucado e cheio de acne.

Naquela noite, houve a tradicional cantoria em volta da fogueira. Ninguém mencionou a missão. Ninguém fez um discurso de despedida desejando boa sorte. Os campistas novatos ainda eram muito novos na experiência de semideuses e ainda estavam tão impressionados com tudo que eu duvidava que reparassem na nossa partida. Talvez fosse melhor assim.

Eles não precisavam saber tudo que estava em jogo: não só o incêndio em Nova York, mas se o Oráculo de Delfos conseguiria fornecer profecias e missões a eles algum dia, e se o futuro seria controlado e predeterminado por um imperador do mal e um réptil gigante.

Se eu fracassasse, aqueles jovens semideuses cresceriam em um mundo onde a tirania de Nero seria a norma e onde só haveria onze olimpianos.

Tentei abafar esses pensamentos por enquanto. Austin e eu fizemos um dueto de saxofone e guitarra. Kayla se juntou a nós e puxou uma

versão animada de “Gladiadores de Jó” com o acampamento todo. Nós assamos marshmallows, e Meg e eu tentamos apreciar nossas últimas horas entre amigos.

Pequenas alegrias: naquela noite eu não tive nenhum sonho.

Ao amanhecer, Will me sacudiu até que eu acordasse. Ele e Nico tinham voltado do lugar para onde tinham ido “pegar suprimentos”, mas não quis falar sobre isso.

Juntos, ele e eu nos encontramos com Meg e Nico na estrada no final da Colina Meio-Sangue, onde o ônibus do acampamento nos esperava para nos levar até a casa de Rachel Elizabeth Dare no Brooklyn e, de uma forma ou de outra, para os últimos dias da minha vida mortal.

12

Mansão bilionária
Pega seu achocolatado
As vacas estão olhando

BROOKLYN.

Normalmente, os maiores perigos lá são o congestionamento, pokes superfaturados e poucas mesas nos cafés do bairro para muitos aspirantes a roteiristas. Mas, naquela manhã, percebi que nosso motorista, o gigante Argos, estava de olhos bem abertos procurando alguma confusão.

E isso não era pouca coisa para Argos, que afinal tinha cem pares de olhos espalhados pelo corpo. (Não que eu tivesse contado, muito menos perguntado se ele ficava com os olhos do traseiro roxos depois de muito tempo sentado.)

Enquanto passávamos pela avenida Flushing, os olhos azuis piscavam e giravam nos braços, no pescoço, nas bochechas e no queixo, tentando olhar em todas as direções ao mesmo tempo.

Claramente, ele sentia que havia algo de errado. Eu também sentia. O ar estava carregado de eletricidade, como acontecia instantes antes de Zeus lançar um raio gigantesco ou de Beyoncé lançar um álbum novo. O mundo estava prendendo a respiração.

Argos parou a um quarteirão da casa dos Dare, como se tivesse medo de chegar mais perto.

A área voltada para o porto já tinha sido o local de trabalho de pescadores, nos anos 1800, se não me falhava a memória. Depois, foi ocupada por pátios de trens e fábricas. Ainda havia restos apodrecidos das estruturas dos píeres na água. A estrutura de tijolos e as chaminés de concreto das antigas fábricas jaziam enegrecidas e abandonadas como um templo em ruínas. Uma área aberta de um pátio de trem ainda funcionava, com alguns vagões de carga totalmente pichados nos trilhos.

Mas, assim como o restante do Brooklyn, o bairro estava se gentrificando rapidamente. Do outro lado da rua, um prédio antigo que parecia ter sido uma oficina agora abrigava um café que oferecia bagel com abacate e matcha de abacaxi. Dois quarteirões depois, havia guindastes no fosso de uma obra. As placas nas cercas diziam OBRIGATÓRIO USO DE CAPACETE, NÃO ENTRE! e ALUGUEL DE APARTAMENTOS DE LUXO EM BREVE! Fiquei me perguntando se os operários tinham que usar capacetes de luxo também.

O próprio complexo dos Dare era um antigo armazém industrial

transformado em uma residência ultramoderna. Ocupava quatro mil metros quadrados na orla, sendo, portanto, aproximadamente cinco bilhões de vezes maior do que uma moradia comum em Nova York. A fachada era de concreto e aço, como uma combinação de museu e bunker à prova de bombas.

Eu não conhecia o sr. Dare, o magnata dos imóveis, mas achava que nem precisava. Eu entendia os deuses e seus palácios. O sr. Dare trabalhava seguindo os mesmos princípios: olhem para mim, vejam minha casa enorme, contem para todo mundo sobre minha grandiosidade. Podem deixar as oferendas queimadas no capacho.

Assim que saímos da van, Argos afundou o pé no acelerador e disparou numa nuvem de fumaça de escapamento e cascalho premium.

Will e Nico trocaram olhares.

— Acho que ele concluiu que não vamos precisar de carona na volta — comentou Will.

— Não mesmo — disse Nico em tom sombrio. — Vamos.

Ele nos levou até o portão principal: painéis enormes de aço corrugado sem nenhum mecanismo óbvio de abertura ou interfone. Devia estar achando que quem precisasse perguntar não estava qualificado a entrar.

Nico ficou parado esperando.

Meg pigarreou.

— Hã, e...?

O portão se abriu sozinho. Parada na nossa frente estava Rachel Elizabeth Dare.

Como todos os grandes artistas, estava descalça. (Leonardo *nunca* calçava as sandálias.) A calça jeans era coberta de rabiscos, que foram ficando mais complexos e coloridos ao longo dos anos, e a regata branca, manchada de tinta. No rosto, competindo por atenção com as sardas alaranjadas, havia traços do que parecia azul ultramarino de tinta acrílica. Havia pontinhos dessa mesma tinta no cabelo dela, como confete.

— Entrem logo — disse ela, como se estivesse nos esperando por horas. — O gado está olhando.

* * *

— Sim, eu falei *gado* — disse ela, prevendo minha pergunta conforme entrávamos na casa. — E, não, não estou maluca. Oi, Meg. Will, Nico. Me sigam. Estamos sozinhos em casa.

Isso era como dizer que tínhamos o estádio do New York Yankees só para nós. Era ótimo, acho, mas eu não sabia bem como interpretar aquilo.

A mansão ficava distribuída em volta de um átrio central, em estilo romano, virado para dentro, para que a plebe do lado de fora não estragasse a vista. Mas pelo menos os romanos tinham jardins. O sr. Dare parecia só acreditar em concreto, metal e cascalho. No átrio havia uma pilha enorme de aço e pedra que ou era uma escultura avant-garde brilhante ou restos de material de construção.

Nós seguimos Rachel por um corredor amplo de cimento queimado e subimos uma escada flutuante até o segundo andar. Eu diria que aquela era a área "íntima", mas a mansão não tinha nada de íntima. A própria Rachel parecia pequena e deslocada ali, uma aberração enérgica e colorida andando descalça por um mausoléu arquitetônico.

Pelo menos o quarto dela tinha janelas do piso ao teto, com vista para o pátio de trens ali perto e para a grande extensão do rio. A luz do sol inundava o piso de carvalho, as lonas com respingos de tinta que faziam as vezes de tapetes, vários pufes, algumas latas de tinta abertas e cavaletes enormes nos quais Rachel pintava seis telas diferentes ao mesmo tempo. Um pouco mais afastado havia um quadro ainda em andamento, com pingos e jatos de tinta no melhor estilo Jackson Pollock. Em um canto havia uma geladeira e um futon simples, como se comer e dormir ficassem em segundo plano para ela.

— Uau. — Will foi até a janela apreciar a vista e o sol.

Meg foi direto para a geladeira.

Nico, para os cavaletes.

— São incríveis. — Com o dedo no ar, ele seguiu o trajeto que a tinta fez pela tela.

— Ah, obrigada — disse Rachel, sem dar muita importância. — São só alguns exercícios, na verdade.

Para mim, pareciam exercícios aeróbicos completos: pinceladas enormes e agressivas, faixas largas de cor aplicadas com uma espátula de pedreiro, espirros de tinta tão grandes que ela devia ter feito balançando a lata inteira de tinta. À primeira vista, pareciam arte abstrata. Mas bastaram alguns passos para trás para as formas se tornarem cenas.

O quadrado marrom era a Estação Intermediária em Indianápolis. As espirais eram grifos voando. Uma segunda tela mostrava chamas engolindo o Labirinto de Fogo e, flutuando no quadrante superior direito, uma fileira de navios brilhantes meio borrados... a frota de Calígula. Um terceiro quadro... comecei a lacrimejar de novo. Era uma pira funerária, os ritos de despedida de Jason Grace.

— Você começou a ter visões de novo — falei.

Ela me olhou com uma espécie de anseio ressentido, como se estivesse cortando o açúcar da dieta e eu tivesse acabado de abrir uma barra de chocolate.

— Só vislumbres. Cada vez que você libera um oráculo, tenho

alguns momentos de clareza. Mas a neblina sempre volta. — Ela apertou a testa com a ponta dos dedos. — É como se Píton estivesse dentro do meu cérebro, brincando comigo. Às vezes, eu acho... — Ela hesitou, como se a ideia fosse perturbadora demais para ser dita em voz alta. — Só me diz que vai acabar com ela. *Logo*.

Assenti, sem confiança para falar. Uma coisa era Píton se aboletar nas cavernas sagradas de Delfos. Outra bem diferente era invadir a mente da Pítia que escolhi a dedo, a sacerdotisa das minhas profecias. Eu tinha aceitado Rachel Elizabeth Dare como meu oráculo mais importante. Era responsável por ela. Se não conseguisse derrotar Píton, a serpente continuaria se fortalecendo cada vez mais. Acabaria controlando o próprio fluxo do futuro. E como Rachel estava inextricavelmente ligada ao de Delfos... Não. Eu não conseguia sequer pensar no que isso podia significar para ela.

— Oba. — Meg voltou da geladeira de Rachel como um mergulhador cheio de dobrões de ouro. Na mão, havia um pacotinho de achocolatado chamado Yoo-hoo. — Posso tomar?

Rachel abriu um sorriso.

— Fique à vontade, Meg. Ei, Di Angelo — ela o empurrou de brincadeira para longe da tela que ele estava olhando —, não encosta na arte! Não ligo para os quadros, mas, se você se sujar de tinta, vai estragar essa estética preta e branca que você ama tanto.

Nico revirou os olhos.

— Agora, do que estávamos falando mesmo...? — Rachel ficou pensativa.

Na janela, Will bateu com os dedos no vidro.

— Aquele é o tal gado?

— Ah, é! — Rachel nos levou naquela direção.

A uns cem metros, entre nós e o rio, havia uma fileira de três carrocerias de gado no trilho do trem. As carroças estavam ocupadas, como se podia ver pelos focinhos bovinos que apareciam vez ou outra entre as grades.

— Parece errado deixá-los parados ali — disse Will. — Vai ficar quente hoje.

Rachel assentiu.

— Estão aí desde ontem. As carrocerias apareceram da noite para o dia. Liguei para a empresa de trem e para a sociedade de proteção aos animais. Parece que as carrocerias não existem. Ninguém tem registro. Ninguém vem olhar. Ninguém trouxe comida e água...

— A gente deveria soltar eles — comentou Meg.

— Seria uma péssima ideia — disse Nico.

Meg franziu a testa.

— Você odeia vacas?

— Eu não odeio... — Nico parou por um instante. — Bom, tudo

bem, não sou superfã de vacas. Mas essa não é a questão. Esses animais não podem ser comuns. — Ele olhou para Rachel. — Você disse que eles simplesmente apareceram. As pessoas não reconhecem a existência deles. Você disse que o gado estava *olhando*?

Rachel se afastou da janela.

— Às vezes, consigo ver os olhos deles entre as grades. Eles estão sempre olhando diretamente para mim. E, na hora que vocês chegaram, eles surtaram, ficaram sacudindo as grades como se quisessem sair. Foi quando chequei as câmeras de segurança e vi vocês no portão. Normalmente, não sou paranoica com gado. Mas esses aí... Sei lá. Alguma coisa não está certa. Primeiro, achei que podia ter a ver com nossos vizinhos...

Ela apontou para o norte, na orla, onde ficava um amontoado comum de torres residenciais antigas.

— Eles fazem coisas estranhas às vezes.

— No conjunto habitacional? — perguntei.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Você não está vendo aquela mansão enorme ali?

— Que mansão?

Ela olhou para Will, Nico, Meg, e todos fizeram que não.

— Bom — disse Rachel —, vocês vão ter que acreditar na minha palavra. Tem uma mansão ali. Com muita coisa estranha acontecendo.

Não discutimos. Embora fosse totalmente mortal, Rachel tinha o dom raro da visão límpida. Ela conseguia ver através da Névoa e outras barreiras mágicas melhor do que a maioria dos semideuses e aparentemente melhor do que a maioria dos humanos Lester.

— Uma vez, vi um pinguim andando no pátio de trás... — murmurou ela.

— Como é? — perguntou Nico.

— Mas deixar vacas em carrocerias durante dias assim, sem comida e sem água, me parece outra história — disse ela. — Mais cruel. Aqueles animais não devem ser boa coisa.

Meg fez cara feia.

— Eles estão tranquilos agora. Ainda acho que deveríamos soltá-los.

— E depois? — perguntou Nico. — Mesmo que não sejam perigosos, a gente vai deixar o equivalente a três carroças cheias de bovinos andando pelo Brooklyn? Estou com Rachel. Alguma coisa aqui... — Ele parecia estar tentando arrancar alguma coisa da memória, mas nada vinha à tona. Eu conhecia bem essa sensação. — Acho que deveríamos deixar as vacas em paz.

— Isso é maldade! — protestou Meg. — A gente não pode...

— Gente, por favor. — Me coloquei entre Nico e Meg antes que as coisas evoluíssem para o maior embate entre Hades e Deméter desde o

chá de panela de Perséfone. — Como o gado aparenta estar calmo no momento, vamos voltar para esse assunto depois que tivermos discutido o que viemos discutir, está bem?

— A torre de Nero — conjecturou Rachel.

Will arregalou os olhos.

— Você viu o futuro?

— Não, William, eu usei a lógica. Mas tenho, sim, algumas informações que podem ajudar. Peguem um Yoo-hoo e um pufe e vamos conversar sobre nosso imperador mais detestável.

13

Não tem planta que
Derrube imperadores
Mas Rachel tem uma

ARRUMAMOS os pufes em círculo.

Rachel abriu uma planta baixa no chão entre nós.

— Vocês sabem sobre os fasces do imperador?

Meg e eu nos entreolhamos como quem diz *Quem dera não saber*.

— Estamos familiarizados — falei. — Em São Francisco, destruímos os fasces de Cômodo e Calígula, o que os deixou vulneráveis à morte. Você está sugerindo que a gente faça o mesmo com Nero?

Rachel fez beicinho.

— Isso estragou minha grande revelação. Levei um tempão para entender tudo.

— Você foi ótima — garantiu Meg. — Apolo só gosta do som da própria voz.

— Peço perdão...

— Você descobriu a localização exata dos fasces do Nero? — interrompeu Nico. — Isso seria muito útil.

Rachel se empertigou um pouco.

— Acho que sim. Essas são as plantas originais da torre de Nero. *Não* foi fácil conseguir.

Will soltou um assobio admirado.

— Aposto que muitos bothans morreram para nos trazer essa informação.

Rachel olhou para ele.

— O quê?

Nico suspirou.

— Deve ser uma referência a *Star Wars*. Meu namorado é o pior tipo de fã de *Star Wars*.

— Olha só, *signor* Mitomágico. Se você ao menos assistisse à trilogia original... — Will olhou para o resto de nós em busca de apoio, mas todos estávamos com cara de paisagem. — Ninguém? Ah, pelos deuses. Vocês são incorrigíveis.

— Enfim — continuou Rachel —, minha teoria é de que Nero deve guardar os fasces aqui. — Ela indicou um ponto na metade de uma planta de corte lateral da torre. — Bem no meio do prédio. É o único andar sem janelas externas. Só dá para chegar lá por um elevador especial. Todas as portas são reforçadas com bronze celestial. O prédio todo é uma fortaleza, mas esse andar seria *impossível* de invadir.

Meg assentiu.

— Sei de que andar você está falando. Nós nunca podíamos ir lá. *Nunca.*

Um tremor acometeu nosso grupinho. Os braços de Will ficaram arrepiados. A ideia de Meg, a *nossa* Meg, presa naquela fortaleza do mal era mais perturbadora do que qualquer quantidade de vacas e pinguins misteriosos.

Rachel trocou a planta, abrindo a do andar ultrasseguro.

— Aqui. Só pode ser esse cofre. Vocês jamais conseguiriam chegar perto, a não ser que... — Ela apontou para um aposento próximo. — Se eu estiver interpretando esses desenhos corretamente, aqui deve ser uma cela para prisioneiros. — Os olhos dela estavam soltando faíscas de empolgação. — Se vocês conseguissem ser capturados e convencessem alguém lá dentro a ajudar a soltá-los...

— Lu estava certa. — Meg olhou para mim com ar de triunfo. — Eu te *disse*.

Rachel franziu a testa, amontoando os pontinhos azuis de tinta.

— Quem é Lu?

Contamos a ela sobre Luguselwa e o momento especial que tivemos juntos antes que eu a jogasse de um prédio.

Rachel balançou a cabeça.

— Olha... se vocês já pensaram em todas as minhas ideias, por que estou aqui falando?

— Não, não — disse Will. — Você está *confirmando*. E confiamos mais em você do que em... hum, outras fontes.

Eu esperava que ele estivesse se referindo a Lu e não a mim.

— Além do mais — acrescentou Nico —, você tem as plantas. — Ele observou a planta do andar. — Mas por que Nero deixaria os prisioneiros no mesmo andar do seu bem mais precioso?

— Guarde seus fasces perto — especulei — e seus inimigos ainda mais perto.

— Talvez — disse Rachel. — Mas os fasces estão muito protegidos, e não só por dispositivos de segurança e guardas normais. Tem alguma coisa *dentro* do cofre, alguma coisa viva...

Foi minha vez de ficar arrepiado.

— Como você sabe disso?

— Uma visão. Só um vislumbre, quase como se... se Píton *quisesse* que eu visse. A figura parecia um homem, mas a cabeça...

— Era de leão — arrisquei.

Rachel fez uma careta.

— Exatamente. E rastejando em volta do corpo dele...

— Cobras.

— Então você sabe o que é?

Procurei a lembrança. Como sempre, estava inalcançável. Vocês

podem se perguntar por que eu não exercia um controle maior sobre meu conhecimento divino, mas meu cérebro mortal tinha uma capacidade de armazenamento imperfeita. Só posso comparar minha frustração ao sentimento de fazer um teste difícil de interpretação de texto. São cinquenta páginas para ler, e até aí tudo bem. Mas de repente o professor decide testar nossa compreensão perguntando *Rápido! Qual era a primeira palavra da página trinta e sete?*

— Não tenho certeza — admiti. — Uma espécie de guardião poderoso, obviamente. Nossa estrofe mais recente da profecia mencionava *um leão por uma serpente envolvido*. — Contei para Rachel sobre nossa viagem de arrepiar os cabelos com as Irmãs Cinzentas.

Nico olhou para as plantas de cara amarrada, como se pudesse intimidá-las para que abrissem o bico.

— Então, seja qual for o guardião, Nero confia a própria vida a ele. Meg, achei que você tivesse dito que Luguselwa é uma grande e poderosa guerreira.

— Ela é.

— Então por que não consegue derrotar esse guardião e destruir os fasces? — perguntou ele. — Por que ela precisa... sabe, que vocês sejam capturados?

Nico elaborou a pergunta com muita diplomacia, mas entendi o que ele quis dizer. Se Lu não era capaz de derrotar o guardião, como eu, Lester Papadopoulos, Não Tão Grande e Não Tão Poderoso, poderia fazer isso?

— Sei lá — respondeu Meg. — Mas deve ter um motivo.

De repente o motivo é que Lu prefere que a gente morra e não ela, pensei, mas sabia que não deveria dizer isso.

— Vamos supor que a Lu esteja certa — continuou Nico. — Vocês são capturados e colocados na cela. Ela solta os dois. Vocês matam o guardião, destroem os fasces, enfraquecem Nero, *viva*! Mesmo assim... Não quero jogar um balde de água fria...

— Vou te chamar de Balde de Água Fria de agora em diante — disse Will alegremente.

— Cala a boca, Solace. Mesmo *assim*, tem metade de uma torre e o exército inteiro de seguranças do Nero entre vocês e a sala do trono, certo?

— Nós já enfrentamos exércitos inteiros antes — observou Meg.

Nico riu, o que eu não sabia que ele era capaz de fazer.

— Tudo bem. Gostei da confiança. Mas não havia um detalhezinho sobre o botão de pânico do Nero? Se ele se sentir ameaçado, basta apertá-lo para explodir Nova York. Como se impede *isso*?

— Ah... — Rachel murmurou um xingamento não muito apropriado para uma sacerdotisa. — Isso deve explicar *essas coisas aqui*.

Com a mão tremendo, ela virou outra página da planta.

— Eu perguntei ao arquiteto mais experiente do meu pai sobre essa parte — disse ela. — Ele não conseguiu entender. Disse que as plantas só podiam estar erradas. A dezoito metros no subsolo, cercados de paredes bem grossas, há reservatórios gigantes, como se o prédio tivesse uma cisterna própria ou um sistema de tratamento de água. Está conectado ao esgoto da cidade, mas com o circuito elétrico separado, os geradores, as bombas... É como se o sistema todo tivesse sido elaborado para jogar água *para fora* e inundar a cidade.

— Só que não com água — disse Will. — Com fogo grego.

— Balde de Água Fria — murmurou Nico.

Olhei para o desenho, tentando imaginar como um sistema desses podia ter sido construído. Durante nossa última batalha na Bay Area, Meg e eu tínhamos visto mais fogo grego do que existiu em toda a história do Império Bizantino. Nero tinha mais. Exponencialmente mais. Parecia impossível, mas o imperador tivera centenas de anos e recursos quase infinitos para planejar. Nero era especialista em gastar a maior parte de sua fortuna em um sistema de autodestruição.

— Ele também vai pegar fogo — concluí, impressionado. — Toda a família e os guardas, além da sua preciosa torre.

— Talvez não — disse Rachel. — O prédio foi criado para autocontenção. Tem isolamento térmico, circulação de ar fechada, materiais resistentes ao calor. Até as janelas são feitas com um vidro especial à prova de choque. Nero poderia queimar a cidade inteira, sua torre continuaria de pé.

Meg amassou a embalagem vazia de Yoo-hoo.

— É a cara dele.

Will observou as plantas.

— Não sou especialista nessas coisas, mas onde ficam os pontos de acesso aos reservatórios?

— Só tem um — informou Rachel. — Lacrado, automatizado, com proteção pesada e sob constante vigilância. Mesmo que desse para invadir ou entrar sorrateiramente, não haveria tempo para desarmar os geradores antes que Nero apertasse o botão do pânico.

— A não ser que a gente chegasse nos reservatórios por baixo — sugeriu Nico. — Daria para sabotar o sistema de transmissão sem Nero saber.

— É isso, voltamos a *essa* ideia horrível — disse Will.

— Eles são os melhores navegadores de túneis do mundo — insistiu Nico. — Poderiam passar por concreto, aço e bronze celestial sem ninguém reparar. Essa é a *nossa* parte do plano, Will. Enquanto Apolo e Meg estiverem sendo capturados, distraindo Nero, *nós* vamos pelo subterrâneo desativar aquela arma apocalíptica dele.

— Espera aí, Nico — falei. — Está mais do que na hora de você

explicar quem são esses velocistas das cavernas.

O filho de Hades grudou os olhos escuros em mim como se eu fosse mais uma camada de concreto a derrubar.

— Alguns meses atrás, fiz contato com os trogloditas.

Segurei uma risada. A alegação de Nico era a coisa mais ridícula que eu já tinha ouvido desde que Marte jurou que Elvis Presley estava vivo logo onde? Em Marte.

— Os trogloditas são um mito — falei.

Nico franziu a testa.

— Um deus está dizendo para um semideus que uma coisa é mito?

— Ah, você entendeu! Eles não são *reais*. Eliano, aquele autor de meia-tigela, inventou esse povo para vender mais exemplares do livro dele na Roma Antiga. Uma raça de humanoides subterrâneos que come lagartos e luta com touros? Que ridículo. Eu nunca vi nenhum. Nem uma vez nos meus milênios de vida.

— Já passou pela sua cabeça que os trogloditas podem fazer um esforço danado para se esconder de um deus do sol? Eles odeiam luz — argumentou Nico.

— Bom, eu...

— Você já chegou a de fato procurar por eles? — insistiu Nico.

— Bom, não, mas...

— Eles são reais — confirmou Will. — Infelizmente, Nico os encontrou.

Tentei absorver a informação. Eu nunca tinha levado as histórias de Eliano sobre os trogloditas a sério. Mas, para ser sincero, eu também não acreditava em unicórnios até o dia em que um passou voando por minha carruagem de Sol e me acertou com um cocô daqueles. Foi um dia ruim para mim, para o unicórnio e para os vários países que minha carruagem desgovernada incendiou.

— Se você diz. Mas sabe como encontrar os trogloditas de novo? — perguntei. — Acha que eles nos ajudariam?

— São duas perguntas diferentes — respondeu Nico. — Mas acho que consigo convencê-los a ajudar. Talvez. Se eles gostarem do presente que vou levar. E se não nos matarem logo de cara.

— Amei esse plano — resmungou Will.

— Pessoal — disse Rachel —, vocês se esqueceram de *mim*.

Eu a encarei.

— Como assim?

— Eu também vou.

— Claro que não! — protestei. — Você é mortal!

— E essencial — disse Rachel. — Sua profecia mesmo falou. *Fios vermelhos revelam o caminho até então desconhecido*. Até agora, eu só mostrei umas plantas, mas posso fazer mais. Posso ver coisas que vocês não veem. Além do mais, tenho envolvimento pessoal nisso. Se

você não sobreviver à torre de Nero, não vai poder enfrentar Píton. E, se não a derrotar…

A voz dela falhou. Rachel engoliu em seco e se curvou, engasgada.

Primeiro, pensei que o achocolatado tivesse descido pelo caminho errado. Dei batidinhas nas costas dela inutilmente. Mas ela voltou a se erguer, as costas rígidas, os olhos brilhando. Soltou fumaça pela boca, e achei que achocolatado não fazia isso.

Will, Nico e Meg se afastaram dela com seus pufes.

Eu teria feito o mesmo, mas, por meio segundo, achei que tinha entendido o que estava acontecendo: uma profecia! Os poderes délficos dela tinham aparecido!

Até que, congelando de medo, percebi que a fumaça era da cor errada: amarela bem clara em vez de verde-escura. E o fedor… azedo e podre, como se estivesse vindo direto dos sovacos de Píton.

Quando Rachel falou, foi com a voz da serpente: um rugido grave e maligno.

— *Apolo virá para minha morada.*
Sozinho, descerá para a escuridão sepulcral,
À sibila não dará mais nada,
E ao lutar comigo até o suspiro final
O deus se dissolverá, sem deixar sinal.

A fumaça se dissipou. Rachel caiu com o corpo inerte em cima de mim.

BANG! Um som de metal sendo retorcido fez meus ossos vibrarem. Fiquei tão apavorado que não entendi se o barulho vinha de fora ou se era meu sistema nervoso entrando em colapso.

Nico se levantou e correu até a janela. Meg se aproximou às pressas para me ajudar com Rachel. Will conferiu a pulsação dela e disse:

— A gente tem que levá-la…

— Ei! — Nico se virou da janela, o rosto pálido. — A gente precisa sair daqui *agora*. As vacas estão atacando.

14

Eu caio num buraco
E fico com muita raiva
Sou uma vaca. Mu

EM NENHUM contexto *as vacas estão atacando* pode ser considerado uma coisa boa.

Will colocou Rachel nas costas (para um curandeiro gentil, ele era supreendentemente forte), e juntos corremos até Nico na janela.

No pátio lá embaixo, as vacas estavam fazendo uma revolução. Tinham quebrado as laterais das carrocerias como uma avalanche passando por uma cerquinha de madeira e, no momento, corriam na direção da residência dos Dare. Eu desconfiava que o gado não estava nada *preso* nos vagões. Só estava esperando a hora certa de sair e nos matar.

As vacas eram lindas de um jeito horrível. Cada uma tinha o dobro do tamanho de um bovino normal, com olhos azuis brilhantes e pelo vermelho desgrenhado que ondulava em redemoinhos vertiginosos, como uma pintura viva de Van Gogh. Tanto as vacas quanto os touros (sim, eu sabia a diferença; era especialista em gado) ostentavam chifres curvos enormes que dariam excelentes taças para os maiores e mais sedentos parentes celtas de Lu beberem.

Havia uma fila de vagões de carga entre nós e as vacas, mas isso não conteve o rebanho. Os animais passaram direto, derrubando e esmagando os vagões como se fossem caixas de papel.

— Vamos lutar? — perguntou Meg, cheia de dúvida na voz.

O nome daquelas criaturas me voltou de repente... tarde demais, como sempre. Antes, eu tinha comentado que os trogloditas eram conhecidos por lutar com touros, mas não havia juntado as peças. Talvez Nero tivesse colocado as carrocerias de gado ali como uma armadilha, sabendo que talvez procurássemos a ajuda de Rachel. Ou talvez a presença delas fosse uma piada cruel das Parcas com a minha cara. *Ah, você quer ficar amiguinho dos trogloditas? Toma aqui essas vacas, então!*

— Não adianta lutar — declarei, com tristeza. — Esses são *tauri silvestres*. Os romanos chamavam de touros selvagens. O couro deles não pode ser perfurado. De acordo com as lendas, os touros são inimigos ancestrais dos amigos do Nico, os trogloditas.

— *Agora* você acredita que os troglos existem? — perguntou Nico.

— Estou aprendendo a acreditar em todo tipo de coisa que pode me matar!

A primeira onda do gado chegou ao muro dos Dare. Eles conseguiram passar e atacaram a casa.

— A gente tem que fugir! — falei, exercitando meu nobre dever de Lorde Arauto da Obviedade.

Nico foi na frente. Will foi logo atrás com Rachel ainda nos ombros, e Meg e eu por último.

Estávamos na metade do corredor quando a casa começou a tremer. Rachaduras surgiram nas paredes. No alto da escada flutuante, descobrimos (olha que curioso) que uma escada flutuante deixa de flutuar quando um touro selvagem tenta subir nela. Os degraus mais baixos tinham sido arrancados da parede. Touros corriam pelo corredor abaixo como uma multidão de consumidores na Black Friday, pisando em degraus quebrados e derrubando as paredes de vidro do átrio, renovando a casa dos Dare sem respeitar o estilo do dono.

— Pelo menos eles não conseguem subir aqui — comentou Will.

O chão tremeu de novo quando os touros derrubaram outra parede.

— A gente vai estar *lá* embaixo daqui a pouco — disse Meg. — Tem outra saída?

Rachel gemeu.

— Eu. Chão.

Will a colocou de pé. Ela cambaleou e piscou, tentando entender a cena lá embaixo.

— Vacas — disse Rachel.

— É — concordou Nico.

Rachel apontou sem forças pelo corredor por onde tínhamos vindo.

— Por aqui.

Usando Meg como muleta, Rachel nos levou de volta para o quarto. Virou à direita e desceu outro lance de escada até a garagem. No piso polido de concreto havia duas Ferraris, as duas vermelhas... afinal, por que ter uma crise de meia-idade quando se pode ter duas? Na casa atrás de nós, ouvi as vacas mugindo com raiva, quebrando e derrubando paredes na reforma do complexo dos Dare em busca de uma estética *campestre apocalíptica*, a última tendência em decoração.

— Chave — disse Rachel. — Procurem a chave dos carros!

Will, Nico e eu entramos em ação. Não encontramos chave nenhuma nos carros. Teria sido conveniente demais. Nenhuma nos ganchos das paredes, nem nas caixas e nas prateleiras. Ou o sr. Dare carregava as chaves o tempo todo ou as Ferraris eram objetos meramente decorativos.

— Não estão aqui! — falei.

Rachel murmurou uma coisa sobre o pai que não vou repetir.

— Deixa pra lá. — Ela apertou um botão na parede. A porta da garagem começou a se abrir. — Estou me sentindo melhor. Vamos a pé.

Saímos da garagem e nos dirigimos para o norte o mais rápido que Rachel conseguiu mancar. Estávamos a meio quarteirão de distância quando a residência dos Dare tremeu, gemeu e implodiu, soltando uma nuvem de poeira e escombros.

— Rachel, sinto muito — disse Will.

— Nem ligo. Eu odiava aquela casa. Meu pai só vai mudar a família para uma das *outras* mansões dele.

— Mas a sua arte! — disse Meg.

A expressão de Rachel ficou tensa.

— A arte pode ser feita de novo. As pessoas, não. Não parem!

Eu sabia que não teríamos muito tempo até que os touros selvagens nos encontrassem. Naquela parte da orla do Brooklyn, os quarteirões eram longos e as ruas, largas, o que possibilitava uma visão ampla do lugar, e também era perfeito para uma manada sobrenatural passar correndo. Estávamos quase no café com matcha de abacaxi quando Meg gritou:

— Os Silvestres estão vindo!

— Meg — falei, ofegante. — As vacas não se chamam todas Silvestre.

Mas ela estava certa: elas estavam cada vez mais perto. O gado demoníaco, aparentemente inabalado pela casa enorme que tinha acabado de desabar sobre suas cabeças, saiu dos destroços do lar dos Dare. O rebanho começou a se reorganizar no meio da rua, se sacudindo para retirar os escombros do pelo como cachorros se secando depois do banho.

— Vamos sumir de vista? — perguntou Nico, apontando para o café.

— Tarde demais — disse Will.

Tínhamos sido localizados. Uma dezena de pares de olhos azuis se voltaram para nós. Os animais levantaram a cabeça, soltaram seus mugidos de batalha e atacaram. Acho que mesmo assim a gente podia ter entrado no café, para que as vacas o destruíssem e salvassem o bairro da ameaça de bagels com abacate. Mas optamos por correr.

Percebi que isso só adiaria o inevitável. Mesmo que Rachel não estivesse desnorteada por causa de seu transe induzido pela cobra, não tínhamos como vencer as vacas naquela corrida.

— Elas estão chegando! — gritou Meg. — Tem certeza de que não dá para enfrentá-las?

— Quer tentar? — perguntei. — Depois do que elas fizeram com a casa?

— Qual é o ponto fraco delas? — perguntou Rachel. — Elas têm que ter um calcanhar de Aquiles!

Por que as pessoas sempre achavam isso? Por que eram tão obcecadas por um calcanhar de Aquiles? Não era porque *um* herói

grego tinha um ponto vulnerável atrás do pé que todos os monstros, semideuses e vilões da Grécia Antiga também lidavam com os mesmos problemas podológicos. Na verdade, a maioria dos monstros *não* tinha fraquezas secretas. Por mais irritante que isso fosse.

Ainda assim, revirei a mente em busca de factoides que pudesse ter aprendido no best-seller ridículo de Eliano, *Sobre a natureza dos animais*. (Não que eu tivesse o hábito de ler essas coisas, claro que não.)

— Fendas? — especulei. — Acho que os fazendeiros da Etiópia usavam fendas contra os touros.

— Tipo fendas temporais? — perguntou Meg.

— Não, fendas no chão!

— Estamos sem fendas! — disse Rachel.

Os animais se aproximavam a uma velocidade chocante. Mais cem metros e eles nos transformariam em geleia.

— Ali! — gritou Nico. — Me sigam!

Ele correu na frente.

Eu tinha que dar esse crédito ao garoto. Quando Nico escolhia uma fenda, ele ia com tudo. Correu para a obra de um prédio de luxo, conjurou a espada estígia preta do nada e cortou o alambrado. Nós o seguimos para dentro, onde uma fila estreita de trailers e banheiros químicos rodeava uma cratera quadrada de quinze metros de profundidade. Havia um guindaste gigantesco no meio do abismo, o braço virado para nós na altura do nosso joelho. O local parecia abandonado. Seria hora do almoço? Estariam todos os operários no café hipster tomando matcha de abacaxi? Não sei, mas eu estava feliz por não ter ninguém correndo perigo.

(Olha só para mim, preocupado com mortais inocentes. Os outros olimpianos não deixariam essa passar.)

— Nico — disse Rachel —, isso está mais para um desfiladeiro.

— É o que nos resta! — Nico correu até a beira do abismo e... pulou.

Meu coração pareceu ter pulado com ele. Pode ser que eu tenha gritado.

Nico voou por cima do abismo e caiu no braço do guindaste sem nem tropeçar. Ele se virou e esticou o braço.

— Venham! São só uns dois metros e meio. A gente treina pulos maiores no acampamento, com lava!

— Fale por *você* — respondi.

O chão tremeu. O rebanho estava logo atrás de nós.

Will recuou, correu, pulou e caiu ao lado do Nico. Olhou para nós e assentiu, como se para nos tranquilizar.

— Viram? Não é tão difícil! A gente segura vocês!

Rachel foi em seguida, sem problemas. Depois, Meg. Quando os pés

dela bateram no guindaste, a viga toda rangeu e se deslocou para a direita, obrigando meus amigos a surfarem no guindaste para se equilibrarem.

— Apolo — disse Rachel —, vem logo!

Ela não estava olhando para mim. Mas sim para um ponto *atrás* de mim. O rugido do rebanho agora parecia uma britadeira na minha coluna.

Eu pulei e caí no braço do guindaste com a maior barrigada do mundo desde que Ícaro caiu no mar Egeu.

Meus amigos seguraram meus braços para que eu não rolasse para o abismo. Eu me sentei, ofegando e gemendo, no instante em que os touros chegaram à beira do buraco.

Eu esperava que eles caíssem e morressem como lemingues se atirando no mar. Embora, claro, lemingues não fizessem isso de verdade. Com aqueles coraçõezinhos abençoados, os lemingues são inteligentes demais para cometer suicídio em massa. Infelizmente, as vacas demoníacas também.

As primeiras da fila caíram mesmo no buraco, incapazes de parar a tempo, mas o resto do rebanho conseguiu usar os freios muito bem. Houve muitos empurrões e cutucões e mugidos irritados vindos de trás, mas, pelo visto, se tinha uma coisa que um touro selvagem não conseguia derrubar era outro touro selvagem.

Murmurei uns palavrões que eu não usava desde que #SupremaciaMinoica era um dos tópicos mais comentados nas redes sociais. Do outro lado do vão estreito, os touros nos encararam com aqueles olhos azul-bebê assassinos. O fedor do bafo e do couro deles fez minhas narinas terem vontade de se encolher para dentro e morrer. Os animais se espalharam ao redor do abismo, mas nenhum tentou pular até o braço do guindaste. Talvez tivessem aprendido a lição com a escada flutuante dos Dare. Ou talvez fossem inteligentes a ponto de perceber que seus cascos não seriam muito úteis na viga estreita de aço.

Bem abaixo, os poucos animais que caíram estavam começando a se levantar, aparentemente ilesos à queda de quinze metros. Eles andaram de um lado para outro, mugindo de raiva. Em volta do abismo, o resto do rebanho fazia uma vigília silenciosa enquanto os colegas caídos ficavam mais e mais inquietos. Os seis não pareciam fisicamente feridos, mas suas vozes estavam tomadas de fúria. Os músculos do pescoço ondulavam. Os olhos se dilatavam. Eles bateram com os cascos no chão, soltaram espuma pela boca e, um a um, tombaram para o lado, imóveis. Os corpos começaram a murchar, a carne se dissolvendo até só sobrar o pelo vermelho.

Meg começou a chorar.

Eu não podia culpá-la. Diabólicas ou não, a morte das vacas foi

horrível de se ver.

— O que acabou de acontecer? — A voz de Rachel falhava.

— Elas sufocaram com a própria raiva — falei. — Eu... Eu não achava que era possível, mas aparentemente Eliano estava certo. Os Silvestres odeiam tanto ficar presos em buracos que... sufocam até a morte. É o único jeito de matar esses bichos.

Meg tremeu.

— Que horrível.

O rebanho nos encarou com fúria. Os olhos azuis pareciam raios laser queimando minha cara. Tive a sensação de que antes eles estavam atrás de nós só pelo instinto de matar. Agora havia se tornado pessoal.

— E o que a gente faz com o resto? — perguntou Will. — Pai, tem certeza de que você não consegue... — Ele indicou a plateia bovina. — Você tem um arco com padrão de qualidade divino, duas aljavas de flechas e está basicamente na cara do gol.

— Will! — protestou Meg.

Ver os touros sufocarem no buraco pareceu ter tirado toda a vontade dela de lutar.

— Sinto muito, Meg — disse Will. — Mas a gente está meio que num beco sem saída.

— Não vai adiantar nada — garanti. — Olha.

Peguei meu arco. Prendi uma flecha e mirei na vaca mais próxima. A vaca só me encarou como se dissesse *Sério, cara?*

Atirei, um disparo perfeito entre os olhos, com força suficiente para penetrar uma pedra. A flecha se partiu na testa da vaca.

— Uau — disse Nico. — Que cabeça dura.

— O couro todo é assim — falei. — Olha.

Disparei uma segunda flecha no pescoço da vaca. O pelo vermelho da criatura ondulou, empurrou a ponta para o lado, derrubando a flecha, de ponta-cabeça, entre as pernas do animal.

— Eu poderia ficar disparando o dia todo — falei. — Não vai adiantar.

— A gente pode ficar esperando — sugeriu Meg. — Elas vão acabar se cansando e vão embora, né?

Rachel balançou a cabeça.

— Você esqueceu que elas esperaram em frente à minha casa dentro de carrocerias quentes por dois dias, sem comida e sem água, até vocês aparecerem. Tenho certeza de que elas aguentam mais do que nós.

Eu estremeci.

— E nós temos um prazo. Se não nos rendermos até o anoitecer... — Fiz um gesto de explosão com as mãos.

Will franziu a testa.

— Vocês podem não ter a *chance* de se renderem. Se Nero enviou essas vacas, ele pode já saber que vocês estão aqui. Seus capangas podem estar vindo.

Senti gosto de bafo de vaca na boca. Eu me lembrei de Luguselwa dizendo que Nero estava de olho em tudo. Até que provassem o contrário, aquele canteiro de obra podia muito bem ser um dos projetos do Triunvirato. Podia haver drones de vigilância sobrevoando a área naquele momento...

— A gente tem que sair daqui — concluí.

— A gente pode descer do guindaste — disse Will. — As vacas não vão ter como nos seguir.

— Mas e depois? — perguntou Rachel. — Nós ficaríamos presos no buraco.

— Talvez não. — Nico olhou para o abismo como se calculando quantos corpos poderiam ser enterrados ali. — Estou vendo umas boas sombras lá embaixo. Se conseguíssemos chegar ao fundo com segurança... Que tal uma viagem nas sombras?

15

Vacas de montão
Estão caindo do céu
Vou acabar me molhando

EU ADOREI A IDEIA. Era favorável a qualquer tipo de viagem que nos levasse para longe dos touros. Eu teria até conjurado as Irmãs Cinzentas de novo, só que duvidava que o táxi fosse aparecer em um braço de guindaste, e, se *aparecesse*, eu desconfiava que as irmãs fossem se apaixonar instantaneamente por Nico e por Will, porque eles eram muito fofos juntos. Eu não desejaria esse tipo de atenção a ninguém.

Em fila única, fomos até o centro do guindaste como formigas maltrapilhas. Tentei não olhar para as carcaças dos touros mortos lá embaixo, mas sentia o olhar malévolo dos outros touros selvagens acompanhando nosso deslocamento. Eu tinha uma desconfiança crescente de que eles estavam apostando qual de nós cairia primeiro.

Na metade do caminho até a torre principal, Rachel falou atrás de mim:

— Ei, vai me contar o que aconteceu lá atrás?

Olhei para trás. O cabelo ruivo dela voava ferozmente ao redor do rosto, parecendo o pelo dos touros.

Tentei entender a pergunta. Ela não tinha visto as vacas destruindo a casa? Estava tendo uma crise de sonambulismo quando pulou no guindaste?

Mas percebi que estava se referindo ao transe profético. Nós ficamos tão ocupados tentando não morrer que nem tive tempo de pensar. A julgar pela minha prévia experiência com os Oráculos de Delfos, concluí que Rachel não tinha nenhuma lembrança do que dissera.

— Você completou nossa profecia — falei. — A última estrofe da *terza rima* e um par de versos extra de encerramento. Só que...

— Só que o quê?

— Acho que você estava canalizando Píton.

Eu segui em frente, os olhos grudados nos sapatos de Meg, enquanto explicava para Rachel o que tinha acontecido: a fumaça amarela saindo de sua boca, o brilho nos olhos, a voz terrivelmente grave da serpente. Eu repeti os versos que ela tinha dito.

Ela ficou em silêncio por alguns segundos.

— Isso não é nada bom.

— Essa também é minha interpretação de especialista.

Meus dedos estavam dormentes no metal. Os versos da profecia que falavam que eu ia me dissolver sem deixar sinal… essas palavras pareceram entrar no meu sistema circulatório e bloquear minhas veias e artérias.

— A gente vai dar um jeito — prometeu Rachel. — Pode ser que Píton estivesse distorcendo minhas palavras. Talvez aqueles versos não sejam parte da verdadeira profecia.

Não olhei para trás, mas consegui perceber a determinação na voz dela. Rachel vinha aguentando a presença gosmenta de Píton em sua cabeça possivelmente havia meses. Ela lutava com isso sozinha e tentava manter a sanidade trabalhando nas visões através da arte. Mas ela tinha acabado de ser possuída pela voz de Píton e cercada por seus vapores venenosos. Ainda assim, seu primeiro instinto era *me* tranquilizar, garantindo que tudo ficaria bem.

— Queria que você estivesse certa — falei. — Mas, quanto mais Píton controla Delfos, mais ela consegue envenenar o futuro. Quer ela tenha distorcido as suas palavras ou não, elas agora são parte da profecia. O que você previu *vai* acontecer.

Apolo virá para minha morada. A voz da serpente parecia se enrolar na minha cabeça. *Sozinho, descerá para a escuridão sepulcral.*

Cala a boca, falei para a voz. Mas eu não era Meg, e Píton não era meu Lester.

— Bom — disse Rachel —, a gente vai ter que fazer com que a profecia aconteça *sem* dissolver você, então.

Ela fazia parecer tão factível… tão *possível.*

— Eu não mereço uma sacerdotisa feito você — falei.

— Não merece mesmo — concordou Rachel. — Pode me compensar matando Píton e tirando esses vapores de cobra da minha cabeça.

— Combinado — falei, tentando acreditar que podia cumprir minha parte do acordo.

Finalmente, chegamos ao mastro central do guindaste. Nico nos levou pelos degraus da escada. Minhas pernas tremiam de exaustão. Fiquei tentado a pedir a Meg que criasse outro entrelaçamento de plantas que nos levassem até o fundo, como fizera na Torre Sutro. Mas acabei desistindo porque 1) eu não queria que ela desmaiasse com o esforço; e 2) eu odiava ser jogado de um lado para outro por plantas.

Quando chegamos no chão, eu estava trêmulo e zonzo.

Nico não parecia muito melhor. Eu não tinha ideia de como ele planejava reunir energia suficiente para nos zapear pelas sombras até um local seguro. Acima de nós, ao redor do buraco, o gado nos observava em silêncio, os olhos azuis brilhando como um fio de luzes furiosas de Chanucá.

Meg os observou com cautela.

— Nico, em quanto tempo você consegue nos tirar daqui?

— Só... preciso... recuperar... o fôlego — disse ele entre lufadas de ar.

— Por favor, faça isso — concordou Will. — Se Nico estiver cansado demais, pode nos teletransportar para um reservatório de molho de queijo na Venezuela.

— Tudo bem, mas... — disse Nico. — A gente não foi parar *dentro* do reservatório.

— Por pouco — retrucou Will. — Mas sem dúvida bem no meio da maior fábrica de molho de queijo da Venezuela.

— Foi só *uma* vez — resmungou Nico.

— Ei, pessoal. — Rachel apontou para a borda do buraco, onde o gado começava a ficar agitado.

Estavam empurrando uns aos outros até que um, ou por escolha ou por pressão do rebanho, caiu de lá.

Ao vê-lo cair, balançando as pernas e girando o corpo, me lembrei da vez em que Ares soltou um gato do Monte Olimpo para provar que cairia de pé em Manhattan. Atena teletransportou o gato para um lugar seguro e bateu em Ares com o cabo da lança por ter botado o animal em perigo, mas a queda foi uma cena apavorante mesmo assim.

O touro não teve tanta sorte quanto o gato. Caiu de lado na terra com um grunhido rouco. O impacto teria matado a maioria das criaturas, mas o touro só balançou as pernas, se levantou e balançou os chifres. Olhou para nós como quem diz *Agora vocês vão ver.*

— Hum... — Will chegou para trás. — Ele está no buraco. Por que não está sufocando com a própria raiva?

— A-acho que é porque *nós* estamos aqui. — Minha voz saiu fina, como se eu tivesse ingerido gás hélio. — O bicho está mais disposto a nos matar do que a sufocar até a morte, talvez?

— Que ótimo — disse Meg. — Nico, a viagem nas sombras. Agora.

Nico fez uma careta.

— Não consigo levar todo mundo de uma vez! Eu e mais dois já é difícil. No verão passado, com a Atena Partenos... Aquilo quase me matou, e olha que tive a ajuda da Reyna.

O touro atacou.

— Leva o Will e a Rachel — falei, sem nem acreditar que as palavras estavam saindo da minha boca. — Volta para me buscar com a Meg quando puder.

Nico começou a protestar.

— O Apolo está certo! — disse Meg. — Vai!

Não esperamos resposta. Eu peguei meu arco. Meg conjurou as espadas e, juntos, partimos para a batalha.

* * *

Existe um antigo ditado: a definição de insanidade é disparar na cara de um bovino invulnerável e esperar um resultado diferente.

E foi exatamente isso que eu fiz. Disparei uma flecha atrás da outra no touro: mirando na boca, nos olhos, nas narinas, com esperança de encontrar um ponto vulnerável. Enquanto isso, Meg golpeava e cortava com vontade, pulando como uma boxeadora para se esquivar dos chifres da criatura. As lâminas dela foram inúteis. O pelo vermelho do touro ondulava e bloqueava cada golpe.

Nós só permanecemos vivos porque o touro não conseguia decidir quem matar primeiro. Ficava mudando de ideia e de rumo conforme nos revezávamos para instigá-lo.

Talvez, se mantivéssemos o ritmo, pudéssemos cansar o touro. Infelizmente, também estávamos nos cansando, e dezenas de outros bovinos esperavam lá no alto, curiosos para ver como o amigo se sairia antes se jogarem lá de cima também.

— Vaquinha linda! — gritou Meg, golpeando a cara do animal e dançando para longe do alcance do chifre. — Por favor, vá embora!

— Ele está se divertindo muito para ir embora! — gritei.

Meu disparo seguinte foi um temido Triplo P: o perfurador posterior perfeito. Não pareceu machucar o touro, mas sem dúvida chamou sua atenção. O animal mugiu e se virou para mim, os olhos azuis ardendo de fúria.

Enquanto me observava, provavelmente decidindo qual dos meus membros queria arrancar e usar para bater na minha cabeça, Meg olhou para a beirada do buraco.

— Hã, ei, Apolo...

Arrisquei um olhar também. Um segundo touro caiu no buraco. Caiu em cima de um banheiro químico e transformou o compartimento em panqueca de fibra de vidro, depois se levantou dos destroços e berrou "Mu!" (O que eu desconfiava de que fosse *Eu fiz de propósito!* em bovinês).

— Eu fico com a Vaca Sanitária — falei para Meg. — Você distrai nosso amigo aqui.

Foi uma divisão de tarefas totalmente aleatória; sem relação nenhuma com o fato de que eu preferia não enfrentar o touro que tinha acabado de levar um cutucão meu na região traseira.

Meg começou a dançar com a Primeira Vaca enquanto eu ia atrás da Vaca Sanitária. Eu estava me sentindo bem, me sentindo heroico, até que enfiei a mão na aljava e vi que estava sem flechas... exceto pela onipresente Flecha de Dodona, que não apreciaria ser usada contra uma bunda bovina invulnerável.

Mas eu já estava comprometido, então parti para cima da Vaca

Sanitária com muita coragem e nenhuma ideia de como enfrentá-la.

— Ei! — gritei, balançando os braços com a esperança dúbia de parecer assustador. — Blá-blá-blá! Vai embora!

O animal atacou.

Teria sido um ótimo momento para minha força divina surgir, portanto, é claro que ela nem deu as caras. Antes de o touro ter chance de me atropelar, eu gritei e pulei para o lado.

Naquele momento, o touro deveria ter executado uma lenta mudança de direção e corrido em volta de todo o buraco para me dar tempo de me recuperar. Namorei um toureiro de Madri que me garantiu que os touros faziam isso porque eram animais corteses, mas também péssimos em viradas repentinas.

Ou meu toureiro mentiu ou nunca tinha lutado contra touros de verdade. Aquele touro executou uma virada perfeita e correu de volta na minha direção. Rolei para o lado, procurando desesperadamente algo que pudesse me ajudar. Acabei segurando a ponta de uma lona azul de poliuretano. O pior escudo do mundo.

O touro enfiou o chifre no material. Pulei para trás na hora em que ele pisou na lona e foi derrubado pelo próprio peso, como alguém pisando na própria toga. (Juro que nunca fiz isso, mas já ouvi histórias.)

O touro mugiu, balançou a cabeça para se soltar da lona, mas só conseguiu ficar ainda mais enrolado no tecido. Eu recuei e tentei recuperar o fôlego.

Uns quinze metros à esquerda, Meg estava brincando de pique-morte com a Primeira Vaca. Ela estava dando tudo de si, mas percebi que aos poucos se cansava, com respostas mais lentas.

Mais vacas começaram a cair no buraco como mergulhadores dos penhascos de Acapulco enormes e descoordenados. Eu me lembrei de uma coisa que Dioniso havia me contado uma vez sobre seus filhos gêmeos, Castor e Pólux, na época em que ele morava com a esposa mortal, durante uma fase curta de “euforia doméstica”. Ele alegava que dois filhos era a quantidade certa porque, mais que isso, haveria mais filhos do que pais.

O mesmo valia para vacas assassinas. Meg e eu não poderíamos querer nos defender de mais do que duas. Nossa única esperança era... Cravei os olhos no mastro do guindaste.

— Meg! — gritei. — Volta para a escada!

Ela tentou obedecer, mas a Primeira Vaca estava entre Meg e o guindaste. Eu peguei o ukulele e corri até lá.

— Vaca, vaca, vaquinha! — Dedilhei o instrumento com desespero. — Ei, vaca! Vaca malvada! Foge, vaca, vaca, vaquinha!

Eu duvidava que a melodia fosse ganhar algum Grammy, mas esperava que pudesse ao menos distrair a Primeira Vaca por tempo

suficiente para Meg contorná-la. A vaca, teimosa, não saiu do lugar. Meg também não.

Eu fui até ela pelo lado. Olhei para trás a tempo de ver a Vaca Sanitária jogar a lona longe e correr para cima de nós. As vacas recém-caídas também estavam se levantando.

Eu estimava que tivéssemos uns dez segundos de vida.

— Vai — falei para Meg. — P-pula a vaca e sobe a escada. Eu...

Eu não sabia como terminar a frase. *Eu vou ficar aqui e morrer? Eu vou compor outro verso de "Vaca, vaca, vaquinha"?*

No momento em que a Primeira Vaca baixou os chifres e atacou, alguém segurou meu ombro.

— Peguei! — disse Nico di Angelo.

E o mundo ficou frio e escuro.

16

Will, o curandeiro
Herói que não merecemos
Tem uns Kit Kats aí?

— **PULAR A VACA?** — perguntou Meg. — *Esse* era seu plano?

Nós cinco estávamos sentados em um esgoto, algo com o qual eu já tinha me acostumado. Meg parecia quase recuperada rapidamente do enjoo da viagem nas sombras, graças ao momento certeiro em que Will resolveu nos medicar com néctar e barras de Kit Kat. Mas eu continuava com a sensação de que estava gripando: com arrepios, dores no corpo, desorientação. Eu não me sentia pronto para ser criticado pelas minhas escolhas no combate.

— Eu estava improvisando — falei. — Não queria ver você morrer.

Meg ergueu as mãos.

— E eu não queria ver *você* morrer, seu burro. Pensou nisso?

— Pessoal — interrompeu Rachel, com uma bolsa de gelo na cabeça. — Que tal ninguém deixar ninguém morrer? Pode ser?

Will verificou a têmpora machucada dela.

— Está se sentindo melhor?

— Eu vou ficar bem — respondeu Rachel, e explicou, para que eu entendesse: — Consegui bater na parede quando nos teletransportamos para cá.

Nico pareceu envergonhado.

— Desculpe por isso.

— Ei, não estou reclamando — disse Rachel. — Antes isso do que ser pisoteada.

— Acho que sim — falou ele. — Quando a gente...

As pálpebras de Nico tremeram. Suas pupilas se reviraram; e ele caiu no ombro de Will. Podia ter sido um plano inteligente para cair nos braços do namorado (eu já tinha usado o truque do desmaio algumas vezes), mas, como Nico começou a roncar imediatamente, concluí que não era fingimento.

— Boa noite para o Nico. — Will tirou um travesseiro de viagem da mochila, que eu desconfiava que ele carregava só para essas ocasiões. Botou o filho de Hades em uma posição confortável e abriu um sorriso cansado. — Ele vai precisar de uma meia hora para se recuperar. Até lá, melhor a gente se acomodar.

O lado bom era que eu tinha muita experiência em me acomodar em esgotos, e Nico havia nos levado pelas sombras até o equivalente a uma suíte presidencial no sistema de drenagem de Nova York.

O teto abobadado era decorado com um padrão de espinha de peixe com tijolos vermelhos. Nas duas paredes, uma gosma fina pingava de canos terracota em um canal que ficava bem no meio. A beirada de concreto onde estávamos sentados fora confortavelmente forrada com líquen e lodo. Sob o brilho dourado suave das espadas da Meg, nossa única iluminação, o túnel parecia quase romântico.

Considerando os valores do aluguel em Nova York, eu imaginava que um lugar daqueles devia ser bem caro. Tinha água corrente. Privacidade. Muito espaço. Ossos grandes: de rato, de galinha e alguns outros que não identifiquei. Já falei do fedor? O fedor estava incluído sem custos adicionais.

Will cuidou dos nossos vários cortes e arranhões, que eram surpreendentemente superficiais, considerando nossa aventura matinal. Ele insistiu que consumíssemos com liberdade sua pilha medicinal de barras de Kit Kat.

— A melhor coisa para se recuperar de uma viagem nas sombras — garantiu ele.

Quem era eu para discutir os poderes de cura de chocolate com biscoito?

Nós comemos em silêncio por um tempo. Rachel ficou segurando a bolsa de gelo na cabeça e olhando com desânimo para a água do esgoto, como se esperasse que pedaços da casa da família dela passassem flutuando. Meg jogou sementes nas áreas lodosas perto dela, fazendo com que cogumelos brilhantes surgissem, parecendo guarda-chuvas pequenininhos. Quando a vida te oferece lodo, faça cogumelos, ao que parece.

— Aqueles touros selvagens eram incríveis — comentou Meg depois de um tempo. — Se pudessem ser treinados para carregar...

Gemi.

— Já foi bem ruim quando você transformou unicórnios em armas.

— É. Foi muito legal. — Ela olhou em ambas as direções do túnel. — Alguém sabe como a gente chega à superfície?

— Nico sabe — disse Will, e seu olho tremeu um pouco. — Mas ele não vai nos levar lá para *cima* e sim para *baixo*.

— Para os trogloditas — supôs Rachel. — Como eles são?

Will moveu as mãos como se tentasse dar forma a alguma peça de argila ou indicar o tamanho de um peixe que pescou.

— Eu... não sei descrever — concluiu ele.

Isso não foi nada tranquilizador. Como meu filho, Will deveria ter algum talento poético. Se era difícil descrever os trogloditas em um soneto ou limerique comum, eu não queria conhecê-los.

— Espero que eles possam ajudar. — Rachel ergueu a mão para impedir que Will se aproximasse. Ele estava indo verificar a cabeça dela de novo. — Estou bem agora, obrigada.

Ela sorriu, mas sua voz estava carregada de tensão. Eu sabia que ela gostava de Will. Também sabia que tinha questões com espaço pessoal. Tornar-se Pítia fazia isso com a pessoa. Passar pela experiência de ter seu corpo e sua alma possuídos pelo poder de Delfos em intervalos aleatórios era capaz de deixar qualquer um contrariado com quem chegava perto demais sem seu consentimento. Ter Píton sussurrando dentro da cabeça também não devia ajudar.

— Entendi. — Will se sentou de volta. — Você teve uma manhã difícil. Desculpe por termos levado esse problema para sua casa.

Rachel deu de ombros.

— Como eu falei, acho que *deveria* estar metida nesse problema. Não é culpa de vocês. *Fios vermelhos revelam o caminho até então desconhecido*. Pela primeira vez, sou parte da profecia.

Ela pareceu estranhamente orgulhosa disso. Talvez, depois de atribuir missões perigosas a tantas outras pessoas, Rachel tenha achado bom ser incluída na nossa aventura de quem deseja morrer. As pessoas gostam de ser vistas... mesmo que seja pelos olhos frios e cruéis do destino.

— Mas é seguro você ir junto? — perguntou Meg. — Se está com Píton na cabeça, sei lá? Ela não vai ver o que a gente está fazendo?

Rachel cruzou as pernas.

— Acho que ela não está vendo *através* de mim. Pelo menos... ainda não. — Rachel deixou a ideia ser absorvida por nós feito uma nuvem de gás tóxico. — Enfim, vocês não vão se livrar de mim. Píton transformou essa questão em algo pessoal.

Ela me fitou, e senti que Píton não era a única que a garota culpava. A coisa se tornou pessoal para a serpente desde que aceitei Rachel como minha sacerdotisa. Desde que... bom, desde que eu era Apolo. Se minhas provações como mortal serviram para alguma coisa foi mostrar para mim quantas vezes abandonei, esqueci e falhei com meus oráculos ao longo dos séculos. Eu não podia abandonar Rachel da mesma forma. Eu havia negligenciado a verdade básica de que eles não serviam a mim. Eu é que tinha que servir a *eles*.

— A gente tem sorte de ter você — falei. — Eu só queria que tivéssemos mais tempo para pensar num plano.

Rachel conferiu o relógio, um modelo básico de corda, que ela devia ter escolhido depois de ver que qualquer tecnologia falhava perto de semideuses, monstros e outros tipos de seres mágicos com os quais ela andava.

— Já passou da hora do almoço. Você tem que se render ao Nero antes do anoitecer. Isso não nos dá muito tempo.

— Ah, hora do almoço — disse Meg, sendo o mais Meg possível. — Will, você tem alguma coisa aí além de Kit Kat? Estou morr...

Ela afastou a mão que se aproximava do suprimento de Will como

se tivesse levado um choque.

— Por que tem um rabo saindo da sua bolsa?

Will franziu a testa.

— Ah. Hã, é.

Ele pegou o que parecia ser um lagarto ressecado de trinta centímetros enrolado num lenço.

— Que nojo! — disparou Meg, com entusiasmo. — É para uso medicinal ou algo assim?

— Hã, não — disse Will. — Lembra que Nico e eu saímos em busca de um presente para os troglos? Bom...

— Eca. — Rachel se afastou. — Por que eles iam querer *isso*?

Will olhou para mim como quem diz *Por favor, não me obrigue a falar.*

Estremeci.

— Os trogloditas... se as lendas forem verdade... consideram os lagartos uma grande... — Fiz mímica como se colocasse algo na boca. — Iguaria.

Rachel abraçou a própria barriga.

— Pra que que eu fui perguntar...

— Legal — disse Meg. — Se a gente encontrar os troglos, é só dar o lagarto e eles vão nos ajudar?

— Duvido que seja simples assim — falei. — Meg, alguém já aceitou te ajudar só porque você deu um lagarto morto em troca?

Ela passou tanto tempo refletindo sobre a pergunta que fiquei pensando nas suas oferendas anteriores.

— Acho que não.

Will colocou o animal de volta na mochila.

— Bom, parece que esse aqui é raro e especial. Vocês não têm ideia de como foi difícil encontrar. Espero que...

Nico roncou e começou a se mexer.

— O q-quê...? — murmurou ele.

— Está tudo bem — garantiu Will. — Você está entre amigos.

— É, amigos?

Nico se sentou, os olhos embaçados.

— É, amigos.

Will nos olhou com cautela, como se sugerisse que não deveríamos assustar Nico com movimentos repentinos.

Concluí que Nico devia ser do tipo que acorda mal-humorado, como o pai dele, Hades. Qualquer um que acordasse Hades antes da hora corria o risco de se tornar apenas uma sombra de explosão nuclear na parede do quarto dele.

Nico esfregou os olhos e franziu a testa para mim. Tentei parecer inofensivo.

— Apolo... — disse ele. — Certo. Lembrei.

— Que bom — comentou Will. — Mas você ainda está grogue. Coma um Kit Kat.

— Sim, doutor — murmurou Nico.

Esperamos Nico se revigorar com chocolate e um gole de néctar.

— Estou melhor. — Ele se levantou, ainda parecendo estar com as pernas bambas. — Pronto, pessoal. Vou levar vocês até as cavernas dos trogloditas. Mantenham as mãos longe das armas o tempo todo. Eu vou na frente. Os trogloditas são meio... tensos.

— Com "tensos" — explicou Will — Nico quer dizer *que há chances de eles nos matarem sem qualquer provocação.*

— Foi o que eu falei. — Nico colocou o último pedaço de Kit Kat na boca. — Prontos? Vamos nessa.

* * *

Querem instruções de como chegar às cavernas dos trogloditas? Sem problemas!

Primeiro, é só descer. Depois, descer mais um pouco. Em seguida, têm que pegar as três curvas seguintes para baixo. Vocês vão se deparar com um caminho subindo um pouco. Ignorem isso. Continuem descendo até seus tímpanos implodirem. E desçam mais um pouco.

Nós engatinhamos por canos. Andamos por valas de esgoto. Percorremos túneis de tijolos, túneis de pedra e de terra que pareciam escavados pelo sistema digestivo e excretor de uma minhoca. Em determinado ponto, engatinhamos por um cano de cobre tão estreito que fiquei com medo de surgirmos na privada particular de Nero feito um bando de dançarinas saindo de um bolo de aniversário gigante.

Eu me imaginei cantando "Parabéns para você, sr. Imperador", mas afastei rapidamente esse pensamento. Os gases do esgoto deviam estar me fazendo delirar.

Depois do que pareceram horas de diversão temática de esgoto, nós saímos em uma sala circular feita de painéis de pedra rudimentar. No centro, uma estalagmite enorme surgia do chão e perfurava o teto, como o eixo central de um carrossel. (Depois de sobreviver à tumba carrossel do parque Tilden de Tarquínio, essa visão não foi nada agradável.)

— É aqui — disse Nico.

Ele nos levou até a base da estalagmite. Uma abertura tinha sido criada no chão com espaço suficiente para alguém passar engatinhando. Havia apoios para as mãos nas laterais da estalagmite que se prolongavam para a escuridão.

— Isso faz parte do Labirinto? — perguntei.

O local tinha um clima parecido. O ar que vinha de baixo era

quente e de alguma forma vivo, feito o bafo de um leviatã adormecido. Minha sensação era de que algo monitorava nosso progresso, uma coisa inteligente e não necessariamente simpática.

Nico balançou a cabeça.

— Por favor, não mencione o Labirinto. Os troglos *abominam* o Labirinto de Dédalo. Chamam de *raso*. Daqui para baixo, tudo foi construído pelos troglos. Estamos mais fundo do que o Labirinto já chegou.

— Que ótimo — disse Meg.

— Pode ir na minha frente, então — falei.

Nós seguimos Nico pela lateral da estalagmite até uma caverna natural gigantesca. Eu não via as laterais nem o fundo, mas os ecos me diziam que era maior do que meu antigo templo em Dídimos. (Sem querer me gabar nem nada, mas aquele lugar era ENORME.)

Os apoios para as mãos eram pequenos e escorregadios, iluminados apenas por áreas de líquen levemente reluzente na pedra. Precisei de toda a minha concentração para não cair. Eu desconfiava que os troglos tinham elaborado a entrada do reino deles assim de propósito, para que qualquer um que fizesse a idiotice de invadir fosse obrigado a descer em fila única... talvez sem conseguir chegar ao fundo. O som da nossa respiração e dos nossos suprimentos tilintando reverberou pela caverna. Era possível que inúmeros seres hostis estivessem observando enquanto descíamos, apontando uma variedade enorme de armas de arremesso ou disparo para nós.

Acabamos chegando ao fim. Minhas pernas doíam. Meus dedos estavam curvados em formato de garras artríticas.

Rachel estreitou os olhos na escuridão.

— O que a gente faz agora?

— Fiquem atrás de mim — pediu Nico. — Will, você pode fazer aquilo? Só um pouquinho, por favor.

— Espere aí — falei. — O que é o “aquilo” do Will?

Will manteve o olhar fixo em Nico.

— Preciso mesmo?

— Não podemos usar nossas armas para ter luz — lembrou Nico. — E vamos precisar de um pouco mais, porque os troglos não precisam de nenhuma luz. Prefiro conseguir vê-los.

Will franziu o nariz.

— Tudo bem.

Ele botou a mochila no chão e tirou a camisa, ficando só de regata.

Eu continuava sem ter ideia do que ele estava fazendo, mas as garotas não pareceram se importar. Seria possível que Will guardasse uma lanterna escondida? Ou ele providenciaria luz esfregando líquen no corpo e abrindo um sorriso brilhante?

Fosse qual fosse o caso, eu não sabia se *queria* ver os troglos. Eu me

lembrava vagamente de uma banda britânica dos anos 1960 chamada Troggs e não conseguia afastar da mente a imagem daquela raça subterrânea com cabelo de cuia, camisa de gola rulê e falando "*morou?*" para tudo. Eu não precisava desse nível de horror na minha vida.

Will respirou fundo. Quando soltou o ar...

Achei que meus olhos estivessem me enganando. Nós tínhamos ficado tanto tempo na escuridão quase total que eu não sabia por que o contorno de Will parecia mais definido de repente. Eu via a textura da calça jeans dele, os tufos de cabelo, o azul dos olhos. A pele dele brilhava com uma luz dourada suave e calorosa, como se ele tivesse ingerido luz do sol.

— Uau... — disse Meg.

As sobrancelhas de Rachel subiram até quase o cabelo.

Nico abriu um sorrisinho.

— Amigos, apresento-lhes meu namorado que brilha no escuro.

— Você pode não ficar se gabando? — pediu Will.

Eu estava sem palavras. Como alguém podia *não* se gabar daquilo? Em relação aos poderes dos semideuses, brilhar no escuro não era tão chamativo quanto conjurar esqueletos ou controlar tomateiros, mas era impressionante mesmo assim. E, como a habilidade de Will na cura, era suave, útil e exatamente do que a gente precisava.

— Estou muito orgulhoso — declarei.

O rosto de Will ficou da cor da luz do sol atravessando um copo de suco de tomate.

— Pai, eu só estou *brilhando*, e não ganhando uma medalha de honra.

— Também vou ficar bastante orgulhoso quando você fizer isso — garanti a ele, com firmeza.

— Enfim... — Os lábios de Nico tremeram, como se ele tentasse não rir. — Vou chamar os velocistas das cavernas agora. Fiquem calmos, está bem?

— Por que eles são chamados de velocistas das cavernas, afinal? — perguntou Rachel.

Nico ergueu a mão, querendo dizer *Espere* ou *Vocês já vão descobrir*.

Ele se virou para a escuridão e gritou:

— Trogloditas! Sou Nico di Angelo, filho de Hades! Voltei com quatro companheiros!

Movimentações e estalos soaram na caverna, como se a voz de Nico tivesse desalojado um milhão de morcegos. Em um instante, estávamos sozinhos. No instante seguinte, um exército de trogloditas surgiu na nossa frente, como se tivessem se materializado do hiperespaço. Com uma certeza perturbadora, me dei conta de que eles chegaram ali *correndo* (metros? Quilômetros?) em uma velocidade

digna do próprio Hermes.

Os avisos de Nico de repente fizeram todo sentido para mim. Aquelas criaturas eram tão velozes que podiam ter nos matado antes de termos tempo de respirar. Se eu estivesse empunhando uma arma e a houvesse erguido por instinto, sem querer... agora eu seria a mancha de gordura antes conhecida como Lester, antes conhecido como Apolo.

Os trogloditas eram mais estranhos do que a banda dos anos 1960 que se inspirou no nome deles. Eram pequenos humanoides, o mais alto nem chegava à altura da Meg, com feições que lembravam sapos: bocas finas e largas, narizes achatados e olhos gigantescos, castanhos e com pálpebras pesadas. A pele tinha tons variados, de obsidiana a carvão. Pedaços de pedra e musgo decoravam o cabelo preto trançado. Eles usavam uma variedade de estilos de roupas, de calças jeans e camisetas modernas a ternos dos anos 1920 e camisas com babados da era colonial com coletes de seda.

Mas o que chamava mesmo a atenção era a quantidade de chapéus, sendo que alguns usavam três ou quatro empilhados na cabeça: tricórnios, chapéus-coco, bonés, cartolas, capacetes de obra, gorros de esqui e boinas.

Os troglos pareciam um grupo de crianças agitadas que tinham sido soltas numa loja de fantasias, ouvido que podiam experimentar o que quisessem e depois rastejado na lama com os trajes novos.

— Estamos vendo você, Nico di Angelo! — disse um troglo usando uma fantasia de George Washington.

A fala dele era intercalada com cliques, gritinhos e rosnados, e o som real foi mais ou menos assim: "*CLIQUE*. Estamos *Grrr* vendo-*iiiiii você,* Nico *CLIQUE*-di Angelo-*Grrr*."

George Washingtroglon abriu um sorriso cheio de dentes afiados.

— Esses aí são os sacrifícios que você nos prometeu? Os troglos estão famintos!

17

Falando em sopa
Que seja um caldo gostoso
Sabor lagarto

MINHA VIDA NÃO PASSOU diante dos meus olhos, mas me vi relembrando o passado em busca de algo ruim que eu pudesse ter feito para Nico di Angelo.

Eu o imaginei dizendo *Sim, esses são os sacrifícios!*, segurando a mão de Will e saltitando para a escuridão enquanto Rachel, Meg e eu éramos devorados por um exército de homens-sapo pequeninos, lamacentos e fantasiados.

— Eles não são sacrifícios — disse Nico, o que me permitiu respirar novamente. — Mas eu trouxe uma oferenda melhor! Eu o vejo, ó grande *Iiiii*-Bling!

Nico não disse *iiiii*, veja bem. Ele gritou de um jeito que deixou claro que andou praticando trogloditês. Seu belo sotaque era de perfurar os tímpanos.

Os troglos se inclinaram para a frente, farejando e esperando, enquanto Nico esticava a mão para Will num gesto que significava *vai, me dá logo.*

Will enfiou a mão na mochila. Tirou o lagarto ressecado e entregou para Nico, que o desembrulhou como uma relíquia sagrada e o exibiu para os troglos.

O grupo suspirou coletivamente.

— Oooh!

As narinas do Iiiii-Bling tremularam. Achei que o chapéu tricórnio ia pular da cabeça dele de tanta empolgação.

— Isso é um-*Grr* lagarto listrado-*CLIQUE*?

— É-*Grrr* — disse Nico. — Foi difícil de encontrar, ó *Iiiii*-Bling, Usuário dos Melhores Chapéus.

Iiiii-Bling lambeu os beiços. Ele estava babando na própria gravata.

— Um presente raro mesmo. Nós costumamos encontrar lagartinhos comuns nos nossos domínios. Também tartarugas. Rãs-da-floresta. Algumas cobras. De vez em quando, se dermos sorte, uma cobra-covinha.

— Delícia! — gritou um troglo logo atrás. — Delícia a cobra-covinha!

Vários outros troglos gritaram e rosnaram, concordando.

— Mas um lagarto listrado assim — continuou Iiiii-Bling — é uma iguaria que raramente vemos.

— Meu presente para vocês — disse Nico. — Uma oferenda de paz em busca de amizade.

Iiiii-Bling pegou o lagarto com as mãos de dedos compridos e unhas afiadas. Achei que ele ia enfiar o réptil na boca e pronto. É o que qualquer rei ou deus faria se ganhasse sua iguaria favorita de presente.

Mas ele se virou para o povo e fez um breve discurso no idioma deles. Os troglos comemoraram e balançaram os chapéus. Um troglo com chapéu de chef sujo de lama abriu caminho até a frente do grupo. Ajoelhou-se diante de Iiiii-Bling e recebeu o lagarto.

O líder se virou para nós com um sorriso.

— Vamos compartilhar esse presente! Eu, *Iiiii*-Bling, CEO dos trogloditas, decretei que uma grande sopa seja feita, para que todos os acionistas experimentem o maravilhoso lagarto!

Mais comemoração entre os trogloditas. *Claro*, percebi. Se Iiiii-Bling seguia o modelo de George Washington, ele não seria rei, e sim um CEO.

— Por esse grande presente — continuou ele —, não vamos te matar e te comer, Nico di Angelo, apesar de você ser italiano e de acharmos que pode ter um gosto tão bom quanto um lagarto italiano!

Nico inclinou a cabeça.

— É muita gentileza.

— Também vamos nos conter generosamente e não comer seus amigos — alguns dos acionistas de Iiiii-Bling resmungaram "Ah, não" —, apesar de ser verdade que, como você, eles não usam chapéu, e nenhuma espécie sem chapéu possa ser considerada civilizada.

Rachel e Meg pareceram alarmadas, provavelmente porque Iiiii-Bling continuava babando profusamente enquanto falava sobre não nos comer. Ou talvez elas estivessem pensando em todos os belos chapéus que *poderiam* ter usado se tivessem conhecimento dessa regra.

O Will que brilhava no escuro assentiu de forma tranquilizadora para nós e mexeu os lábios para nos dizer "Está tudo bem". Ao que parecia, dar um presente e em seguida receber a promessa de não matar e comer os convidados era o protocolo diplomático dos trogloditas.

— Reconhecemos sua generosidade, ó *Iiiii*-Bling! — disse Nico. — Quero propor um pacto entre nós, um acordo que produziria muitos chapéus para todos nós, assim como répteis, roupas finas e pedras.

Um murmúrio animado se espalhou pelo grupo. Nico parecia ter acertado as quatro coisas da lista de presentes de Natal dos trogloditas.

Iiiii-Bling chamou alguns troglos mais velhos, que supus que formassem a diretoria. Um era o chef. Os outros usavam chapéus de policial, bombeiro e caubói. Depois de uma consulta rápida, Iiiii-Bling nos encarou com mais um sorriso de dentes pontudos.

— Muito bem! — disse ele. — Vamos levar vocês até a nossa sede, onde vamos nos banquetear com sopa de lagarto e-*Clique, Grr*-falar mais sobre essa questão!

Fomos cercados por um grupo de acionistas animados, rosnando. Com total falta de respeito por nosso espaço pessoal, como era de se esperar de uma espécie que vivia em túneis, eles nos pegaram e correram conosco nos ombros, tirando-nos da caverna e levando-nos para um labirinto de túneis em uma velocidade que teria deixado os touros selvagens envergonhados.

* * *

— Esses caras são incríveis — concluiu Meg. — Eles comem cobras.

Eu conhecia várias cobras, inclusive as companheiras de Hermes, George e Martha, que ficariam incomodadas com o elogio de Meg. Como estávamos no meio do acampamento dos trogloditas, decidi não tocar nesse assunto.

À primeira vista, a sede dos trogloditas parecia uma estação de metrô abandonada. A plataforma larga tinha colunas enfileiradas sustentando o teto curvo de tijolos pretos que absorviam a luz fraca dos vasos de cogumelos bioluminescentes espalhados pela caverna. No lado esquerdo da plataforma, em vez de um trilho, havia a estrada de terra batida que os troglos usaram para nos trazer até ali. E, na velocidade que eles corriam, quem precisava de trem?

No lado direito da plataforma havia um rio subterrâneo veloz. Os troglos enchiam suas cabaças e seus caldeirões naquela fonte e também esvaziavam os penicos ali; embora, sendo um povo civilizado que usava chapéu, eles viravam os penicos na direção da correnteza que se afastava, distante do ponto onde pegavam a água potável.

Diferentemente de uma estação de metrô, não havia escadas visíveis levando para cima ou saídas identificadas por placas. Só o rio e a estrada por onde chegamos.

A plataforma vibrava de atividade. Dezenas de troglos corriam de um lado para outro, cumprindo suas tarefas diárias milagrosamente sem perder as pilhas de chapéus na cabeça. Alguns cuidavam de panelas de comida em tripés sobre fogueiras. Outros (talvez mercadores?) negociavam junto a cestos de pedras. Crianças troglos, do tamanho de bebês humanos, brincavam por todo lado, jogando esferas de cristal maciço umas para as outras.

Eles moravam em barracas. A maioria tinha sido obtida no mundo humano, o que me trouxe lembranças desagradáveis da área de camping da Maluquice Militar do Macro, em Palm Springs. Outras pareciam ser design troglo, cuidadosamente costuradas a partir de peles vermelhas de touros selvagens. Eu não tinha ideia de como os

troglos conseguiram esfolar os animais e costurar as peles impermeáveis, mas era evidente, como os inimigos ancestrais dos touros selvagens, que eles haviam encontrado um jeito.

Também pensei nessa rivalidade. Como um povo sapo subterrâneo apaixonado por chapéus e lagartos virou inimigo mortal de uma raça de touros vermelhos demoníacos? Talvez, no começo dos tempos, os deuses antigos tenham dito aos primeiros troglos: *Podem escolher seus inimigos!* E os primeiros troglos apontaram para os campos recém-criados e gritaram: *A gente odeia aquelas vacas!*

Fosse qual fosse o caso, fiquei reconfortado ao saber que, mesmo que os troglos ainda não fossem nossos amigos, ao menos nós tínhamos um inimigo em comum.

Iiiii-Bling nos deu uma barraca de hóspedes e um buraco de fogueira e falou para ficarmos à vontade enquanto supervisionava a preparação do jantar. Ou melhor, falou para *Nico* ficar à vontade. O CEO ficou de olho em Rachel, Meg e em mim, como se fôssemos pedaços de carne em um açougue. Quanto a Will, os troglos pareciam ignorá-lo. Meu melhor palpite: como Will brilhava, eles o consideraram apenas uma fonte de luz móvel, como se Nico tivesse trazido seu próprio vaso de cogumelos luminosos. A julgar pela cara fechada de Will, ele não estava gostando daquilo.

Teria sido mais fácil relaxar se Rachel não ficasse olhando o relógio, nos lembrando de que eram quatro da tarde, depois quatro e meia, e que Meg e eu tínhamos que nos render até o sol se pôr. Eu só podia torcer para os trogloditas serem como os idosos e jantarem supercedo.

Meg se ocupou coletando esporos em vasos de cogumelos próximos, que pelo visto ela também considerava muito a coisa mais incrível. Will e Nico se sentaram do outro lado da fogueira e tiveram uma discussão tensa. Não consegui ouvir as palavras, mas, pelas expressões faciais e gestos, entendi a ideia:

Will: *Preocupado, preocupado, preocupado.*

Nico: *Calma, provavelmente não vamos morrer.*

Will: *Preocupado. Troglos. Perigosos. Eca.*

Nico: *Troglos legais. Chapéus irados.*

Algo nessa linha.

Depois de um tempo, o troglo com chapéu de chef se materializou no nosso acampamento. Na mão dele havia uma concha soltando fumaça.

— *Iiiii*-Bling vai falar com você agora — disse ele com um sotaque troglodîtês carregado.

Todos nós começamos a nos levantar, mas o chef nos impediu com um movimento da concha.

— Só Nico, o lagarto italiano... hã *iiiii*... quer dizer, o italiano filho

de Hades. O resto vai esperar aqui até o jantar.

Seus olhos brilhantes pareciam acrescentar *E vocês podem ou não estar no cardápio!*

Nico apertou a mão de Will.

— Vai ficar tudo bem. Já volto.

Ele e o chef se afastaram. Exasperado, Will se jogou na esteira ao lado do fogo e botou a mochila na cara, reduzindo nossa iluminação em uns cinquenta por cento.

Rachel observou o acampamento, os olhos cintilando na penumbra.

Fiquei imaginando o que ela via com a visão ultralímpida. Talvez os trogloditas fossem ainda mais assustadores do que eu percebia. Talvez seus chapéus fossem mais magníficos. Independentemente do que fosse, os ombros dela estavam curvados com a tensão de um arco puxado. Seus dedos desenhavam no chão sujo de fuligem como se ela não visse a hora de usar seus pincéis.

— Quando você se render para Nero — disse ela —, a primeira coisa que vai ter que fazer é ganhar tempo para a gente.

O tom dela me perturbou quase tanto quanto as palavras: *quando* eu me rendesse, não *se*. Rachel tinha aceitado que essa era a única forma. A realidade da minha situação subiu pelo meu esôfago e se aninhou na minha garganta feito um lagarto listrado.

Assenti.

— G-ganhar tempo. Sim.

— Nero vai querer botar fogo em Nova York assim que tiver você — disse ela. — Por que esperaria? A menos que você dê um motivo a ele...

Tive a sensação de que não ia gostar da sugestão seguinte dela. Eu não tinha um entendimento claro do que Nero pretendia fazer comigo quando eu me rendesse, fora o óbvio: tortura e morte. Luguselwa parecia acreditar que o imperador manteria Meg e eu vivos por um tempo, mesmo ela tendo contado vagamente o que sabia dos planos de Nero.

Cômodo queria fazer da minha morte um espetáculo público. Calígula queria extrair o que restava da minha divindade e acrescentar ao poder dele com a ajuda da feitiçaria de Medeia. Nero podia ter ideias similares. Ou (o que eu mais temia), quando terminasse de me torturar, ele talvez me entregasse a Píton para selar uma aliança. Sem dúvida, minha antiga inimiga reptiliana adoraria me engolir inteiro e me deixar morrer na sua barriga ao longo de vários dias excruciantes de digestão. Havia *isso* para aguardar ansiosamente.

— Q-que motivo faria Nero esperar? — perguntei.

Ao que parecia, eu estava incorporando o troglodités, porque minha voz foi pontuada por cliques e gritinhos.

Rachel desenhou arabescos na fuligem; ondas, talvez, ou uma

fileira de cabeças humanas.

— Você disse que o Acampamento Meio-Sangue está preparado para ajudar?

— Está... Kayla e Austin me disseram que ficariam em alerta. Quíron também deve voltar ao acampamento em breve. Mas um ataque à torre de Nero seria suicídio. O objetivo da nossa rendição...

— É distrair o imperador do que Nico, Will e eu estaremos fazendo, com sorte com a ajuda dos troglos: desativar os reservatórios de fogo grego. Mas você vai ter que dar a Nero outro incentivo para impedir que ele aperte aquele botão no minuto em que você se render. Senão nós nunca vamos ter tempo de sabotar a arma apocalíptica dele, por mais *rápido* que os troglos consigam correr e cavar.

Entendi o que ela estava sugerindo. O lagarto listrado da realidade começou o trajeto lento e doloroso até o meu estômago embrulhado.

— Você quer alertar o Acampamento Meio-Sangue — falei. — Quer que eles iniciem um ataque de qualquer jeito. Apesar dos riscos.

— Eu não *quero* nada disso — disse ela. — Mas é o único jeito. Vai ter que ser cuidadosamente planejado. Você e Meg se rendem. Nós começamos a trabalhar com os trogloditas. O Acampamento Meio-Sangue se reúne para um ataque. E se Nero achar que o acampamento todo está indo para cima dele...

— Vai achando que vale a pena esperar. Para dizimar o Acampamento Meio-Sangue enquanto ele destrói a cidade, tudo em uma única tempestade de fogo terrível. — Engoli em seco. — Eu poderia blefar. Poderia *alegar* que temos reforços a caminho.

— Não — disse Rachel. — Tem que ser real. Nero tem Píton do lado dele. Píton *saberia*.

Nem me dei ao trabalho de perguntar como. O monstro ainda não via pelos olhos de Rachel, mas eu lembrava bem como foi o som da voz dela falando pela boca da minha sacerdotisa. As duas estavam conectadas. E essa conexão se fortalecia.

Eu estava relutante em considerar os detalhes de um plano tão insano, mas me vi perguntando:

— Como você alertaria o acampamento?

Rachel abriu um sorrisinho.

— *Eu* consigo usar um celular. Não costumo andar com um, mas não sou uma semideusa. Supondo que eu consiga voltar à superfície, onde os celulares *funcionam*, posso comprar um baratinho. Quíron tem um computador velho na Casa Grande. Ele quase não usa, mas sabe que deve ficar de olho em mensagens e e-mails em situações de emergência. Tenho quase certeza de que consigo chamar a atenção dele. Supondo que esteja lá.

Ela falou com muita calma, o que só me deixou mais agitado.

— Rachel, estou com medo — admiti. — Pensar em me colocar em

perigo era uma coisa. Mas o acampamento todo? Todo mundo?

Estranhamente, esse comentário pareceu agradá-la.

Ela segurou minha mão.

— Eu sei, Apolo. E o fato de você estar preocupado com outras pessoas... é lindo. Mas você vai ter que confiar em mim. O caminho secreto até o trono... sabe aquela coisa que eu tinha que lhe mostrar? Tenho quase certeza de que é isso. É desse jeito que vamos consertar tudo.

Consertar tudo.

Como *seria* um final assim?

Seis meses antes, quando caí em Manhattan, a resposta parecia óbvia. Eu voltaria ao Monte Olimpo com a imortalidade restaurada e tudo ficaria ótimo. Depois de ser Lester por alguns meses, talvez eu acrescentasse que destruir o Triunvirato e libertar os oráculos antigos também seria bom... principalmente porque era o caminho de volta ao meu status de deus. Agora, depois de todos os sacrifícios que eu tinha visto, de toda a dor que tantos sofreram... o que poderia consertar as coisas?

Não havia sucesso que pudesse trazer de volta Jason, nem Dakota, nem Don, nem Clave, nem Jade, nem Heloísa, e nem os muitos outros heróis que perderam suas vidas. Nós não tínhamos como desfazer essas tragédias.

Os mortais e os deuses compartilhavam algo em comum: nós éramos notoriamente nostálgicos dos “bons tempos”. Estávamos sempre lembrando uma época de ouro mágica antes de tudo dar errado. Eu me lembrava de ter me sentado com Sócrates por volta de 425 a.C. e de reclamarmos que as gerações mais jovens estavam arruinando a civilização.

Como imortal, claro, eu devia saber que não havia “bons tempos”. Os problemas que os humanos enfrentam nunca mudam porque os mortais carregam uma bagagem própria. O mesmo vale para os deuses.

Eu queria voltar para uma época antes de todos os sacrifícios terem sido feitos. Antes de eu ter sentido tanta dor. Mas consertar as coisas talvez *não* quisesse dizer voltar o relógio. Nem Cronos tinha *tanto* poder sobre o tempo.

Eu desconfiava que Jason Grace também não ia querer isso.

Quando ele me disse para lembrar como é ser humano, ele quis dizer *crescer* com a dor e a tragédia, superar e aprender com isso. Era algo que os deuses nunca faziam. Nós só reclamávamos.

Ser humano é seguir em frente, se adaptar, acreditar na sua capacidade de melhorar as coisas. Esse é o único jeito de dar algum significado à dor e ao sacrifício.

Encarei o olhar de Rachel.

— Confio em você. Vou corrigir tudo. Ou morrer tentando.

O estranho é que fui sincero. Um mundo no qual o futuro era controlado por um réptil gigante, onde a esperança era sufocada, onde os heróis sacrificavam sua vida em vão e a dor e a dificuldade não abriam espaço para uma vida melhor… parecia bem pior do que um mundo sem Apolo.

Rachel beijou minha bochecha num gesto fraternal, exceto pelo fato de que era difícil imaginar minha irmã de verdade, Ártemis, fazendo isso.

— Estou orgulhosa de você — disse ela. — Aconteça o que acontecer, lembre-se disso.

Fiquei sem palavras.

Meg se virou na nossa direção, as mãos cheias de líquen e cogumelos.

— Rachel, você deu um beijo nele? Eca. Por quê?

Antes que Rachel pudesse responder, o chef reapareceu na nossa barraca, o avental e o chapéu sujos de molho. Ele ainda exibia aquele brilho faminto nos olhos.

— VISITANTES-*IIIIII*-venham comigo! Estamos prontos para o banquete!

18

Cardápio de hoje:
Apolo refogadinho
Com um belo boné

MEU CONSELHO: se você puder escolher entre tomar sopa de lagarto ou se oferecer como prato principal dos trogloditas, decida no cara ou coroa. Não dá para sobreviver a nenhuma das duas opções.

Nós nos sentamos em almofadas em volta de um buraco de cogumelos comunitário com uns cem trogloditas. Como convidados bárbaros, todos nós ganhamos um chapéu, para não ofender a sensibilidade dos nossos anfitriões. Meg colocou um chapéu de apicultor. Rachel ganhou um chapéu de safári. Eu ganhei um boné do New York Mets porque me disseram que mais ninguém queria. Achei um insulto a mim e ao time de beisebol.

Nico e Will se sentaram à direita de Iiiii-Bling. Nico estava de cartola, que combinava com a estética preta e branca dele. Will, meu pobre menino, ganhou uma cúpula de abajur. Que falta de respeito aos fornecedores de luz do mundo.

À minha esquerda estava o chef, que se apresentou como Clique-Errado. Seu nome me fez pensar se ele foi resultado de uma compra por impulso dos pais dele na Black Friday, mas achei que seria grosseria perguntar.

As crianças troglos eram responsáveis por servir. Um garotinho usando um boné com hélice me ofereceu uma tigela de pedra preta cheia até a borda e saiu correndo e rindo. A sopa borbulhava em um intenso tom marrom-dourado.

— O segredo é muito açafrão — confidenciou Clique-Errado.

— Ah.

Ergui a tigela, como todo mundo estava fazendo. Os troglos começaram a beber com expressões de deleite e muitos *cliques*, *grrs* e sons de prazer.

O cheiro não era ruim, parecia caldo de galinha picante. Até que vi um pé de lagarto flutuando na espuma e desisti.

Encostei os lábios na borda e fingi beber. Esperei pelo que achei ser um tempo crível, permitindo que a maioria dos troglos terminassem suas porções.

— Humm! — falei. — Clique-Errado, seu talento culinário é impressionante! Tomar essa sopa é uma grande honra. Na verdade, tomar mais seria honra *demais*. Posso dar o resto para alguém que aprecie melhor os sabores suculentos?

— Eu! — gritou um troglo próximo.
— Eu! — exclamou outro.
Passei a tigela pela roda e ela foi logo esvaziada pelos trogloditas felizes.
Clique-Errado não pareceu ofendido. Ele bateu no meu ombro com compaixão.
— Eu me lembro do meu primeiro lagarto listrado. É uma sopa potente! Você vai aguentar mais na próxima vez.
Fiquei feliz de saber que ele achava que *haveria* uma próxima vez. Ficava subentendido que não seríamos mortos *daquela* vez. Rachel, parecendo aliviada, anunciou que também estava muito honrada e que ficaria feliz em compartilhar sua porção.
Olhei para a tigela de Meg, que já estava vazia.
— Você realmente...?
— Que foi?
A expressão dela era ilegível por trás da rede do chapéu de apicultor.
— Nada.
Meu estômago se contraiu com uma combinação de náusea e fome. Eu me perguntei se teríamos a honra de um segundo prato. Talvez uns pãezinhos. Ou qualquer coisa que não fosse decorada com pés de lagarto.
Iiiii-Bling ergueu as mãos e fez *clique-clique-clique* pedindo atenção.
— Amigos! Acionistas! Vejo todos vocês!
Os trogloditas tocaram as tigelas de pedra com as colheres, fazendo um som de mil ossos se chocando.
— Por cortesia com nossos convidados não civilizados — continuou Iiiii-Bling —, vou falar no idioma bárbaro dos moradores da crosta.
Nico inclinou a bela cartola.
— Reconheço a honra que está nos dando. Obrigado, CEO *Iiiii*-Bling, por não nos comer e por falar no nosso idioma.
Iiiii-Bling assentiu com uma expressão arrogante que dizia *tranquilo, garoto. A gente é demais mesmo*.
— O lagarto italiano nos contou muitas coisas!
Um membro da diretoria que estava atrás dele, o que usava chapéu de caubói, sussurrou em seu ouvido.
— Eu quis dizer o italiano filho de Hades! — corrigiu-se Iiiii-Bling. — Ele explicou os planos malignos do imperador Nero!
Os troglos murmuraram e chiaram. Aparentemente, a fama terrível de Nero tinha chegado até os confins corporativos de usuários de chapéus. Iiiii-Bling pronunciou o nome como *Neeeee-ro*, tendo no meio o som de um gato sendo estrangulado, o que me pareceu bastante apropriado.
— O filho de Hades deseja nossa ajuda! — disse Iiiii-Bling. — O

imperador tem reservatórios cheios de fogo líquido. Muitos de vocês sabem do que estou falando. Foi uma barulheira e uma sujeira danada quando cavaram para instalar os reservatórios. Um trabalho porco!

— Porco! — concordaram vários troglos.

— Em pouco tempo — disse o CEO —, Neeeee-ro vai espalhar a morte ardente pela Crosta Crocante. O filho de Hades pediu nossa ajuda para cavar até os reservatórios e comer todos eles!

— Você quer dizer desarmar? — sugeriu Nico.

— Sim, isso! — concordou Iiiii-Bling. — Seu idioma é rudimentar e difícil!

Do outro lado do círculo, o integrante da diretoria de chapéu de policial rosnou baixinho no melhor estilo *olhe para mim*.

— Ó *Iiiii*-Bling, esses fogos não vão chegar até nós. Estamos muito fundo! Não devíamos deixar a Crosta Crocante queimar?

— Ei! — falou Will pela primeira vez, parecendo o mais sério possível para alguém com uma cúpula de abajur na cabeça. — Estamos falando da vida de milhões de inocentes.

O troglo do chapéu de policial rosnou outra vez.

— Nós, troglos, somos poucas centenas. Não nos reproduzimos como coelhos e não sufocamos o mundo com nosso lixo. Nossas vidas são raras e preciosas. Vocês, moradores da crosta? Não. Além do mais, vocês fecham os olhos para nossa existência. Não nos ajudariam.

— *Grr*-Fred fala a verdade — disse o troglo do chapéu de caubói. — Sem querer ofender os convidados.

A criança usando o boné com hélice escolheu esse momento para aparecer ao meu lado, sorrindo e me oferecendo uma cesta de vime coberta por um guardanapo.

— Pãozinho?

Eu estava tão perturbado que recusei.

— ... garantir aos nossos convidados — dizia Iiiii-Bling. — Nós recebemos vocês à nossa mesa. Nós vemos vocês como seres inteligentes. Não podem achar que somos contra sua espécie. Não queremos fazer mal a vocês! Só não nos importamos se vão viver ou morrer.

Houve um murmúrio generalizado concordando. Clique-Errado me olhou de um jeito gentil que parecia dizer: *você não pode argumentar contra essa lógica!*

O assustador era que, quando eu era um deus, talvez tivesse concordado com os troglos. Eu mesmo tinha destruído algumas cidades nos velhos tempos. Os humanos sempre reapareciam, feito ervas daninhas. Por que se incomodar com um apocalipsezinho de fogo em Nova York?

Mas agora uma dessas vidas “não tão raras” era de Estelle Blofis, a sorridente futura governante da Crosta Crocante. E os pais dela, Sally

e Paul... Na verdade, não havia um único mortal que eu considerasse descartável. *Ninguém* merecia morrer pela crueldade de Nero. A revelação me deixou perplexo. Eu tinha me tornado um acumulador de vidas humanas!

— Não são só os moradores da crosta — disse Nico, o tom incrivelmente calmo. — Lagartos, sapos, cobras... Seu suprimento de comida vai pegar fogo.

Isso provocou alguns murmúrios inquietos, mas senti que os troglos continuaram inabalados. Talvez tivessem que ir até Nova Jersey ou Long Island para buscar répteis. Talvez tivessem que sobreviver de pãozinho por um tempo. Mas e daí? A ameaça não era crítica à vida deles e nem ao preço das suas ações.

— E os chapéus? — perguntou Will. — Quantas chapelarias vão pegar fogo se não impedirmos Nero? Artesãos mortos não podem fazer chapéus para os troglos.

Houve mais resmungos, mas aquele argumento também não foi suficiente.

Com uma sensação crescente de impotência, percebi que não conseguiríamos convencer os trogloditas apelando para o interesse deles. Se só existiam poucas centenas deles, por que arriscariam a própria vida construindo um túnel até o reservatório do apocalipse de Nero? Nenhum deus e nenhuma corporação aceitaria esse nível de risco.

Antes de perceber o que estava fazendo, fiquei de pé.

— Parem! Me escutem, trogloditas!

O grupo ficou perigosamente imóvel. Centenas de olhos castanhos enormes se fixaram em mim.

Um troglo sussurrou:

— Quem é esse?

O colega ao lado dele respondeu:

— Sei lá, mas não pode ser ninguém importante. Ele está com um boné do Mets.

Nico me lançou um olhar urgente de *senta-antes-que-você-mate-a-gente*.

— Amigos — falei —, isso não é sobre répteis ou chapéus.

Os troglos ofegaram, surpresos. Eu tinha acabado de dar a entender que duas das coisas favoritas deles não tinham importância, assim como a vida dos moradores da crosta. Mas continuei.

— Os troglos são civilizados! Mas o que torna um povo civilizado?

— Chapéus! — gritou um.

— Idioma! — exclamou outro.

— Sopa? — perguntou um terceiro.

— Vocês conseguem *ver* — respondi. — Foi assim que nos receberam. Vocês *viram* o filho de Hades. E não estou falando de ver

com os olhos. Vocês veem valor, honra e dignidade. Vocês veem as coisas como elas são. Não é verdade?

Os troglos assentiram com relutância e confirmaram que, sim, em termos de importância, ver devia ter a mesma importância que répteis e chapéus.

— Vocês estão certos sobre os moradores da crosta serem cegos — admiti. — De muitas formas, são mesmo. Eu também fui, por séculos.

— Séculos? — Clique-Errado se inclinou para longe, como se tivesse acabado de perceber que eu havia passado muito da data de validade. — Quem é você?

— Eu era Apolo — falei. — O deus do Sol. Agora sou um mortal chamado Lester.

Ninguém pareceu impressionado ou incrédulo, só confuso. Alguém sussurrou para um amigo:

— O que é sol?

Outro perguntou:

— O que é Lester?

— Eu achava que conhecia todas as raças do mundo — continuei —, mas só acreditei que os trogloditas existiam quando Nico me trouxe aqui. Vejo sua importância agora! Como vocês, já achei que os moradores da crosta eram comuns e sem importância. Mas descobri que isso não é verdade. Eu gostaria de ajudar vocês a vê-los como aprendi a fazer. O valor deles não tem a ver com chapéus.

Iiiii-Bling semicerrou os olhos castanhos enormes.

— Não tem a ver com chapéus?

— Posso? — pedi.

Da forma menos ameaçadora que consegui, peguei meu ukulele.

A expressão de Nico mudou de urgência para desespero, como se eu tivesse assinado nossas sentenças de morte. Eu estava acostumado a esse tipo de crítica silenciosa do pai dele. Hades tinha *zero* apreciação pelas artes.

Dedilhei um acorde em dó maior. O som reverberou pela caverna feito um trovão musical. Os troglos taparam as orelhas. Seus queixos caíram. Ficaram olhando maravilhados quando comecei a cantar.

Como fiz no Acampamento Júpiter, fui criando a letra conforme cantava. Cantei minhas provações, minhas viagens com Meg e sobre todos os heróis que nos ajudaram no caminho. Cantei sobre sacrifícios e triunfos. Cantei sobre Jason, nosso acionista morto, com sinceridade e dor no coração, embora possa ter aumentado o número de belos chapéus que ele usava. Cantei sobre os desafios que estávamos enfrentando: o ultimato de Nero para minha rendição, o destino terrível que ele tinha planejado para Nova York e até a ameaça maior de Píton, esperando nas cavernas de Delfos, torcendo para estrangular o próprio futuro.

Os troglos ouviram com atenção total. Ninguém nem mastigou um pãozinho. Se nossos anfitriões tinham alguma ideia de que eu estava reciclando a melodia de Hall & Oates da música “Kiss on My List”, eles não deixaram transparecer. (O que posso dizer? Sob pressão, às vezes recorro automaticamente a Hall & Oates.)

Quando o último acorde parou de ecoar pela caverna, ninguém se mexeu.

Finalmente, Iiiii-Bling secou as lágrimas.

— Esse som... foi a coisa mais *GRR*-horrível que já ouvi. As palavras eram verdade?

— Eram. — Decidi que talvez o CEO tivesse confundido *horrível* com *maravilhosa*, da mesma forma que confundiu *comer* e *desarmar*. — Sei disso porque minha amiga aqui, Rachel Elizabeth Dare, *vê*. Ela é uma profetisa e tem o dom da visão.

Rachel acenou, a expressão escondida na sombra do chapéu de safári.

— Se Nero não for detido — disse ela —, ele não vai só dominar o mun... a Crosta Crocante. Ele vai acabar vindo atrás dos troglos também e de todos os outros povos que usam chapéu. Píton vai fazer coisa pior. Vai tirar o futuro de todos nós. *Nada* vai acontecer a não ser que ela ordene. Imagine ter o destino controlado por um réptil gigante.

Esse último comentário acertou o grupo como uma explosão de ar ártico. Mães abraçaram os filhos. Crianças abraçaram as cestas de pães. Pilhas de chapéus balançaram em cada cabeça troglodita. Acho que os troglos, como gostavam de comer répteis, podiam muito bem imaginar o que um réptil gigante faria com eles.

— Mas não é por isso que vocês deviam nos ajudar — acrescentei. — Não só porque é bom para os troglos, mas porque devemos nos ajudar. É o único jeito de ser civilizado. Nós... Nós precisamos ver o caminho certo e seguir por ele.

Nico fechou os olhos, como se fizesse suas orações finais. Will brilhava em silêncio sob a cúpula de abajur. Meg fez um discreto sinal de positivo, o que não achei encorajador.

Os troglos esperaram Iiiii-Bling decidir se seríamos acrescentados ao cardápio do jantar ou não.

Eu me sentia estranhamente calmo. Estava convencido de que tínhamos feito nosso melhor. Eu tinha apelado ao altruísmo deles. Rachel tinha apelado ao medo de um réptil gigante comer o futuro. Quem poderia dizer qual argumento era mais forte?

Iiiii-Bling me observou, com meu boné do New York Mets.

— O que você quer que eu faça, *Lester*-Apolo?

Ele usou *Lester* da mesma forma que usava gritos e cliques antes de outros nomes, quase como um título... como se demonstrasse respeito.

— Vocês conseguem cavar embaixo da torre do imperador sem serem detectados? — perguntei. — Para permitir que meus amigos desativem os reservatórios de fogo grego?

Ele assentiu brevemente.

— Isso pode ser feito.

— Eu pediria que você levasse Will e Nico...

Rachel tossiu.

— E Rachel — acrescentei, torcendo para não estar sentenciando minha sacerdotisa favorita a morrer com um chapéu de safári. — Enquanto isso, Meg e eu temos que bater na porta da frente do imperador para nos rendermos.

Os troglos se moveram com inquietação. Ou não gostaram do que falei ou a sopa de lagarto estava chegando ao intestino deles.

Grr-Fred me olhou de cara feia com seu chapéu de policial.

— Ainda não confio em você. Por que se renderia a Nero?

— Eu entendo, ó Grr-Fred — disse Nico —, Poderoso dos Chapéus, Chefe da Segurança Corporativa! Tem razão em ficar desconfiado, mas a rendição do Apolo é uma distração, um truque. Ele vai manter o olhar do imperador longe de nós enquanto cavamos o túnel. Se conseguirmos enganar o imperador para que baixe a guarda...

Ele parou de falar. Olhou para o teto como se tivesse ouvido alguma coisa logo acima.

Um momento depois, os troglos se agitaram. Ficaram de pé, virando tigelas de sopa e cestas de pão. Muitos pegaram facas e lanças de obsidiana.

Iiiii-Bling rosnou para Nico.

— Touros selvagens se aproximam! O que você fez, filho de Hades?

Nico estava perplexo.

— Nada! N-nós lutamos com um bando na superfície. Mas fugimos viajando pelas sombras. Não tem como eles...

— Moradores da crosta idiotas! — gritou Grr-Fred. — Touros selvagens conseguem rastrear a presa em qualquer lugar! Vocês trouxeram nossos inimigos para nossa sede. *Criii*-Morris, fique responsável pelos filhotes dos túneis! Leve todos para um lugar seguro!

Criii-Morris foi reunir as crianças. Outros adultos começaram a desmontar barracas e pegar suas melhores pedras, chapéus e outros suprimentos.

— Sorte de vocês que somos os velocistas mais rápidos que existem — rosnou Clique-Errado, o chapéu de chef tremendo de raiva. — Vocês botaram todos nós em perigo!

Ele ergueu o caldeirão de sopa vazio, pulou na estrada e sumiu em um sopro com cheiro de lagarto.

— E os moradores da crosta? — perguntou Grr-Fred ao CEO. —

Matamos ou deixamos para os touros?

Iiiii-Bling me olhou com uma careta.

— *Grr*-Fred, leve *Lester*-Apolo e *Meg*-Garota até a torre de Nero. Se eles querem se render, não vamos impedir. Quanto a esses outros três, vou...

A plataforma tremeu, o teto rachou e choveram vacas no acampamento.

19

Me ajude, rio Ai!
Me leve — ai! — para longe
Rio abenço... ai!

OS CINCO MINUTOS seguintes não foram só caóticos. Foram Caos do jeito que ela é quando resolve soltar a franga e dar a louca. E, acreditem, *ninguém* quer ver uma deusa primordial louca.

Touros selvagens caíram pelas rachaduras no teto em cima de barracas, esmagando trogloditas, espalhando chapéus, tigelas de sopa e vasos de cogumelos. Quase imediatamente, perdi Will, Rachel e Nico no pandemônio. Eu só podia torcer para que Iiiii-Bling e seus tenentes os tivessem levado para um lugar seguro.

Um touro caiu bem na minha frente, me separando de Meg e de Grr-Fred. Quando o animal se remexeu para ficar de pé (de cascos?), saltei por cima dele, desesperado para não perder minha jovem mestra.

Eu a vi a três metros de distância, com Grr-Fred a levando rapidamente na direção do rio por motivos desconhecidos. O ambiente fechado e os obstáculos na plataforma pareciam atrapalhar a capacidade natural de corrida dos troglos, mas Grr-Fred se deslocava em alta velocidade mesmo assim. Se Meg não ficasse tropeçando enquanto eles percorriam o caminho destruído, eu não teria tido a menor chance de alcançá-los.

Pulei por cima de outro touro. E mais um passou cegamente por mim, mugindo em pânico enquanto tentava soltar dos chifres a lona de uma barraca. Para falar a verdade, eu também teria entrado em pânico se tivesse a pele de alguém da minha espécie enroscada na cabeça.

Eu estava quase alcançando Meg quando vi uma crise do outro lado da plataforma. O pequeno troglo usando o boné com hélice, que me serviu durante o jantar, tinha se separado das outras crianças. Alheio ao perigo, ele estava correndo atrás da bola de cristal, que rolava pela plataforma bem no caminho de um touro em disparada.

Peguei meu arco, mas lembrei que estava sem flechas. Xingando, peguei a coisa mais próxima que encontrei (uma adaga de obsidiana) e a arremessei na cabeça do touro.

— EI! — gritei.

Isso resultou em duas coisas: fez o troglo parar e o touro se virar para mim bem a tempo de a adaga entrar em sua narina.

— Mu! — mugiu o touro.

— Minha bola! — gritou o garoto do boné de hélice enquanto a esfera de cristal rolava entre as pernas do touro na minha direção.

— Vou devolver para você! — falei, uma promessa que me pareceu idiota considerando as circunstâncias. — Corra! Vá para um lugar seguro!

Lançando um último olhar de pesar para a bola de cristal, o garoto do boné de hélice pulou da plataforma e desapareceu pela estrada.

O touro soprou a adaga do nariz. Olhou para mim de cara feia, os olhos azuis tão brilhantes e ardentes quanto chamas de butano na penumbra da caverna. E atacou.

Como os heróis de antigamente, dei um passo para trás, tropecei em uma panela e caí de bunda. Pouco antes de o touro me pisotear e me transformar em geleia sabor Apolo, cogumelos luminosos brotaram em toda a cabeça dele. O touro, cego, gritou e desviou para a confusão.

— Venha! — Meg estava a poucos metros. Parecia ter convencido Grr-Fred a voltar. — Lester, a gente tem que ir! — Ela falou isso como se eu nem tivesse considerado a possibilidade.

Peguei a bola de cristal do garoto, me levantei e segui Grr-Fred e Meg até a beira do rio.

— Pule! — ordenou Grr-Fred.

— Mas tem uma estrada ótima logo à frente! — Enfiei com dificuldade a bola de cristal na minha mochila. — E vocês jogam o conteúdo dos penicos nessa água!

— Os touros podem nos seguir pela estrada! — gritou Grr-Fred. — Vocês não correm muito rápido.

— Eles sabem nadar? — perguntei.

— Sabem, mas não tão rápido quanto correm! Agora, pule ou morra!

Eu gostava de escolhas simples. Segurei a mão de Meg. Pulamos juntos.

Ah, os rios subterrâneos. Tão frios. Tão rápidos. Tão cheios de pedras.

Era de se imaginar que todas aquelas pedras irregulares e cortantes na água teriam erodido ao longo do tempo por causa da correnteza veloz, mas não. Ficaram me cutucando, me empurrando e me arranhando conforme eu passava a toda velocidade. Nós seguimos pela escuridão, girando e balançando à mercê do rio, minha cabeça submergindo e voltando em intervalos aleatórios. De alguma forma, eu sempre escolhia o momento errado para tentar respirar. Apesar de tudo, fiquei segurando a mão de Meg.

Não tenho ideia de quanto tempo essa tortura na água durou. Pareceu mais do que a maioria dos séculos que vivi... exceto talvez o século XIV, uma época horrível para se estar vivo. Eu estava

começando a imaginar se morreria de hipotermia, de afogamento ou de trauma por golpe violento quando Meg apertou ainda mais minha mão. Meu braço quase foi arrancado do corpo quando paramos. Uma força sobre-humana me tirou do rio feito um peixe-boi preso numa rede de pesca.

Fui parar numa plataforma de pedra escorregadia. Encolhi-me, cuspindo, tremendo, infeliz. Eu tinha uma leve consciência de Meg tossindo e vomitando ao meu lado. O sapato de bico fino de alguém chutou minhas costas.

— Levante-se, levante-se! — ordenou Grr-Fred. — Não temos tempo para cochilar!

Gemi.

— Em que mundo um cochilo é assim?

Ele parou ao meu lado, o chapéu de policial milagrosamente intacto, os punhos apoiados nos quadris. Passou pela minha cabeça que *ele* devia ter nos tirado do rio quando viu aquela plataforma, mas parecia impossível. Grr-Fred teria que ter força suficiente para levantar uma máquina de lavar roupa.

— Os touros selvagens sabem nadar! — lembrou ele. — Nós temos que ir antes que nos farejem aqui. Toma.

Ele me deu um pedaço de carne-seca. Pelo menos, o cheiro era de algo que *foi* carne-seca antes do nosso mergulho no rio Ai. Agora, parecia uma esponja marinha fatiada de padaria.

— Coma — ordenou ele.

Entregou também um pedaço para Meg. O chapéu de apicultor dela tinha sido levado pela água e a deixou com um penteado que parecia um texugo morto e molhado. Os óculos estavam tortos. Ela sofrera arranhões no braço. Alguns pacotes de sementes explodiram no seu cinto de jardinagem, e ela acabara com um canteiro de abóbora-bolota em volta da cintura. Mas, fora isso, ela parecia bem. Enfiou a carne na boca e mastigou.

— Gostoso — disse ela, o que não me surpreendeu vindo de uma garota que tomava sopa de lagarto.

Grr-Fred ficou me olhando de cara amarrada até eu ceder e arriscar uma mordida na carne-seca. Não era boa. Mas também não tinha gosto nenhum e era comível. Quando o primeiro pedaço desceu pela minha garganta, senti um calor nos membros. Meu sangue cantarolou. Meus ouvidos estalaram. Eu podia jurar que senti as espinhas nas minhas bochechas sumindo.

— Uau — falei. — Vocês vendem isso?

— Me deixe trabalhar — rosnou nosso guia. — Já perdemos muito tempo.

Ele se virou e examinou a parede do túnel.

Quando minha visão se apurou e meus dentes pararam de bater

com tanta violência, avaliei nosso refúgio. Aos nossos pés, o rio continuava correndo, forte e alto. Correnteza abaixo, o canal encolhia até não haver espaço para deixar a cabeça fora da água, o que significava que Grr-Fred tinha nos puxado a tempo para um lugar seguro e em que pudéssemos respirar. O beiral era amplo para todos nós nos sentarmos, mas o teto era tão baixo que até Grr-Fred tinha que ficar meio abaixado.

Fora o rio, eu não via outro caminho, só a parede de pedra para a qual Grr-Fred estava olhando.

— Tem uma passagem secreta? — perguntei.

Ele me lançou um olhar de desprezo, como se eu não valesse o pedaço de esponja seca que tinha me dado.

— Não tem passagem *ainda*, morador da crosta.

Ele estalou os dedos, balançou as mãos e começou a cavar. Embaixo das mãos nuas, a rocha se desfez em pedacinhos menores como merengue, que Grr-Fred jogou no rio. Em minutos, ele tinha aberto meio metro cúbico de pedra com a facilidade com que um mortal tirava as roupas de um armário. E continuou cavando.

Peguei um pedaço de escombro, me perguntando se ainda estava frágil. Apertei e senti a pedrinha cortando meu dedo.

Meg apontou para minha carne-seca pela metade.

— Você vai terminar isso aí?

Eu estava planejando guardar para mais tarde, para o caso de ficar com fome, precisar de força extra ou ter uma crise de espinhas, mas Meg parecia tão faminta que dei para ela.

Passei os minutos seguintes tirando água do meu ukulele, das minhas aljavas e dos meus sapatos, enquanto Grr-Fred continuava cavando.

Finalmente, uma nuvem de poeira saiu do buraco que ele estava cavando. O troglo grunhiu de satisfação. Ele se afastou e revelou uma passagem com um metro e meio de profundidade que dava em outra caverna.

— Andem logo — disse ele. — Vou fechar o túnel quando passarmos. Se tivermos sorte, isso vai afastar os touros do nosso cheiro por um tempo.

* * *

Nossa sorte se prolongou. Apreciem essa frase, queridos leitores, porque não a uso com frequência. Enquanto andávamos pela caverna seguinte, eu ficava olhando para a parede que Grr-Fred tinha fechado, esperando que um bando de vacas vermelhas molhadas do mal surgisse por ela, mas isso não aconteceu.

Grr-Fred nos conduziu para cima por um labirinto sinuoso de

túneis, até sairmos em um corredor de tijolos onde o ar tinha um cheiro bem pior de esgoto de cidade.

Grr-Fred farejou com reprovação.

— Território humano.

Fiquei tão aliviado que seria capaz de abraçar um rato de esgoto.

— Qual é o caminho até a luz do sol?

Grr-Fred mostrou os dentes.

— Não use esse linguajar comigo.

— Que linguajar? Luz...?

Ele chiou.

— Se você fosse uma criatura dos túneis, eu lavaria sua boca com basalto!

Meg abriu um sorrisinho.

— Eu meio que gostaria de ver isso.

— Hunf — disse Grr-Fred. — Por aqui.

Ele nos levou adiante pela escuridão.

Eu tinha perdido a noção do tempo, mas conseguia imaginar Rachel Elizabeth Dare dando tapinhas no próprio relógio, me avisando que eu estava muito, muito atrasado, atrasado, atrasado. Eu só torcia para que chegássemos à torre de Nero antes do pôr do sol.

Com o mesmo fervor, eu torcia para que Nico, Will e Rachel tivessem sobrevivido ao ataque dos touros. Nossos amigos eram engenhosos e corajosos, é verdade. Com sorte, ainda teriam a ajuda dos trogloditas. Mas, com frequência, sobreviver dependia de pura sorte. Era uma coisa que nós, deuses, não gostávamos de anunciar, pois diminuía radicalmente os donativos nos nossos templos.

— Grr-Fred...? — comecei a perguntar.

— É *Grr*-Fred — corrigiu ele.

— GRR-Fred?

— *Grr*-Fred.

— gRR-Fred?

— *Grr*-Fred.

Com minhas habilidades musicais, era de se esperar que eu tivesse mais capacidade de captar as nuances dos idiomas, mas, ao que parecia, eu não tinha o jeitinho de Nico com o troglodités.

— Honrado guia — falei —, e nossos amigos? Você acha que *Iiiii*-Bling vai cumprir a promessa e ajudá-los a cavar até os reservatórios de fogo do imperador?

Grr-Fred fez um ruído de desprezo.

— O CEO prometeu isso? Não ouvi.

— Mas...

— Chegamos. — Ele parou no fim do corredor, onde uma escada estreita de tijolos levava para cima. — Só posso vir até aqui. Essa escada vai levar vocês a uma estação de metrô humana. De lá,

conseguem achar o caminho até a Crosta Crocante. Vão sair a quinze metros da torre de Nero.

Pisquei.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Sou um troglo — disse ele, como se explicasse algo para um filhote dos túneis particularmente lento.

Meg se curvou, batendo as abóboras umas nas outras.

— Obrigada, *Grr*-Fred.

Ele assentiu com mau humor. Reparei que não corrigiu a pronúncia *dela*.

— Eu cumpri meu dever — disse ele. — O que vai acontecer com seus amigos depende de *Iiiii*-Bling, supondo que o CEO ainda esteja vivo depois da destruição que vocês, bárbaros sem chapéus, causaram na nossa sede. Se dependesse de mim...

Ele nem se deu ao trabalho de terminar o pensamento. Concluí que Grr-Fred *não* votaria a favor de nos oferecer ações na próxima reunião dos acionistas trogloditas.

De dentro da minha mochila molhada, tirei a bola de cristal do garotinho de boné de hélice e ofereci a Grr-Fred.

— Pode, por favor, devolver para o dono? E obrigado por ter sido nosso guia. Se vale de alguma coisa, eu falei sério. Nós temos que nos ajudar. É o único futuro pelo qual vale lutar.

Grr-Fred girou a bola nos dedos. Seus olhos castanhos estavam tão inescrutáveis quanto as paredes da caverna, que podiam ser duras e imóveis ou estarem prestes a virar merengue, ou talvez à beira de serem destruídas por vacas furiosas.

— Boa escavação — disse ele. E sumiu.

Meg olhou para a escada. As mãos dela tremiam, e eu achava que não era de frio.

— Tem certeza disso? — perguntei.

Ela se assustou, como se tivesse esquecido que eu estava lá.

— Como você disse, ou a gente se ajuda ou deixa uma cobra comer o futuro.

— Não foi bem isso que...

— Vem, Lester. — Ela respirou fundo. — Vamos em frente.

Se fosse dito como ordem, eu não poderia recusar, mas tive a sensação de que Meg estava falando para fortalecer a própria determinação, assim como a minha.

Juntos, subimos a escada na direção da Crosta Crocante.

20

Já almoçou hoje?
Porque essa parte não é
Muito saborosa

EU ESPERAVA um fosso cheio de jacarés. Uma ponte levadiça de ferro. Talvez algumas tinas de óleo fervente.

Na minha mente, eu tinha construído a torre de Nero como uma fortaleza de escuridão com todos os detalhes malignos. Mas era uma monstruosidade de vidro e aço bem comum em Midtown.

Meg e eu saímos do metrô cerca de uma hora antes do pôr do sol. Luxuosamente cedo para os nossos padrões. Agora estávamos na Sétima Avenida em frente à torre, do outro lado da rua, observando e reunindo coragem.

A cena na calçada em frente podia ser em qualquer lugar de Manhattan. Nova-iorquinos irritados passavam por grupos de turistas encantados. Um vapor com cheiro de kebab vinha de um carrinho de comida árabe. Havia funk tocando em um caminhão de sorvete. Um artista de rua vendia pinturas de celebridades feitas com aerógrafo. Ninguém prestava atenção ao prédio de aparência comercial que abrigava a Triunvirato S.A. e o botão do apocalipse que destruiria a cidade em aproximadamente cinquenta e oito minutos.

Do outro lado da rua, não vi guardas armados, nem monstros ou germânicos em patrulha... só pilares de mármore preto ladeando uma entrada com placas de vidro e, dentro, um saguão enorme com arte abstrata nas paredes, um balcão com um segurança e catracas com vidro protegendo o acesso aos elevadores.

Passava das sete da noite, mas ainda havia funcionários saindo do prédio em pequenos grupos. Pessoas de terno seguravam pastas e celulares enquanto corriam para pegar o trem. Algumas trocavam gentilezas com o segurança na saída. Tentei imaginar as conversas. *Tchau, Caleb. Mande lembranças para a família. Até amanhã, um novo dia de transações comerciais malignas!*

De repente, senti como se tivesse ido até ali me render para uma firma de advocacia.

Meg e eu atravessamos a rua na faixa de pedestres. Nunca que atravessaríamos fora da faixa, correndo o risco de sermos atropelados por um carro e sofrermos uma morte dolorosa. Atraímos alguns olhares estranhos de outros pedestres, o que achei digno, considerando que estávamos molhados e com cheiro de sovaco de troglodita. Ainda assim, como estávamos em Nova York, a maioria das

pessoas nos ignorou.

Meg e eu não falamos nada enquanto subíamos os degraus de entrada. Por um acordo tácito, demos as mãos como se novamente um rio pudesse nos levar.

Nenhum alarme tocou. Nenhum guarda pulou de um esconderijo. Nenhuma armadilha de urso foi acionada. Nós abrimos as portas pesadas de vidro e entramos no saguão.

Uma música clássica suave tocava no ar frio. Acima da mesa do segurança havia uma escultura de metal com formas em cores primárias que giravam lentamente. O guarda estava inclinado para a frente na cadeira, lendo um livro, o rosto azul-claro na luz dos monitores.

— Posso ajudar? — perguntou ele sem erguer o olhar.

Olhei para Meg para verificar em silêncio se estávamos no prédio certo. Ela assentiu.

— Nós viemos nos render — falei para o guarda.

Isso o faria olhar, com certeza. Só que não.

Ele não podia ter agido de forma *menos* interessada. Lembrei-me da entrada do Monte Olimpo, pelo saguão do Empire State Building. Normalmente, eu nunca entrava por lá, mas sabia que Zeus contratava os seres mais inexpressíveis e desinteressados que encontrava para cuidar da recepção como forma de desencorajar os visitantes. Perguntei-me se Nero tinha feito a mesma coisa ali.

— Sou Apolo — continuei. — E essa é Meg. Acredito que estão nos esperando. Tipo... nosso prazo é o pôr do sol, senão a cidade vai pegar fogo.

O guarda respirou fundo, como se fosse doloroso se mover. Com o dedo marcando o livro, ele pegou uma caneta e a bateu no balcão ao lado do livro de registos.

— Nome. Identidade.

— Você precisa da nossa identidade para nos levar como prisioneiros?

O guarda virou a página do livro e continuou lendo.

Suspirando, peguei minha habilitação provisória do estado de Nova York. Acho que eu não deveria ficar surpreso de ter que mostrá-la uma última vez, só para completar minha humilhação. Eu a deslizei pelo balcão. Depois, assinei o livro por nós dois. *Nome(s): Lester (Apolo) e Meg. Reunião marcada com: Nero. Assunto: Rendição. Horário de entrada: 19h16. Horário de saída: Provavelmente nunca.*

Como Meg era menor de idade, eu não imaginei que tivesse uma identidade, mas ela tirou os anéis dourados e os colocou ao lado da minha habilitação. Contive a vontade de gritar *Está maluca?*, mas Meg os entregou como se já tivesse feito isso um milhão de vezes. O guarda pegou os anéis e os examinou sem fazer qualquer comentário. Então

pegou minha habilitação e a comparou com meu rosto. Os olhos dele eram da cor de cubos de gelo com uma década de idade.

Ele pareceu concluir que, tragicamente, minha aparência na vida real era tão ruim quanto na foto da habilitação. Depois devolveu o documento junto com os anéis de Meg.

— Elevador nove, à direita — declarou ele.

Quase agradeci. Mas pensei melhor.

Meg me puxou pela manga da camisa.

— Vem, Lester.

Ela foi na frente pela catraca que levava ao elevador nove. Lá dentro, a caixa de aço inoxidável não tinha botões. O elevador subiu sozinho assim que as portas se fecharam. Uma pequena misericórdia: não tinha música de elevador, só o barulho baixo da máquina, tão brilhante e eficiente quanto um fatiador de carne industrial.

— O que devo esperar quando chegarmos no alto? — perguntei a Meg.

Eu imaginava que o elevador estivesse sendo vigiado, mas não pude deixar de perguntar. Eu queria ouvir a voz de Meg. Também queria impedi-la de afundar completamente nos pensamentos sombrios. Ela estava com a expressão séria que tomava seu rosto quando pensava no padrasto horrível, como se o cérebro estivesse encerrando todos os serviços não essenciais e se protegendo para um furacão.

Ela colocou os anéis nos dedos do meio.

— Qualquer coisa que você acha que vai acontecer… — aconselhou ela — … vira de cabeça para baixo e do avesso.

Esse não era bem o consolo que eu estava esperando. Meu peito já parecia estar sendo virado de cabeça para baixo e do avesso. Eu estava nervoso por entrar na toca de Nero com duas aljavas vazias e um ukulele cheio de água. Estava nervoso porque ninguém nos prendeu quando nos viu e porque o segurança devolveu os anéis da Meg, como se duas espadas mágicas não fizessem a menor diferença no nosso destino.

Ainda assim, empertiguei as costas e apertei a mão de Meg mais uma vez.

— A gente vai fazer o que tem que fazer.

As portas do elevador se abriram e nós saímos na antecâmara imperial.

* * *

— Bem-vindos!

A jovem que nos recebeu usava um terninho preto, sapatos de salto alto e um fone na orelha esquerda. O cabelo verde vibrante tinha sido

preso num rabo de cavalo. O rosto estava maquiado para deixar a pele mais rosada e humana, porém o tom verde dos olhos e as pontas das orelhas entregavam que ela era uma dríade.

— Sou Areca. Antes de se encontrarem com o imperador, vocês aceitam uma bebida? Água? Café? Chá?

Ela falou com uma alegria forçada. Seus olhos diziam: *socorro, sou uma refém!*

— Não preciso de nada — falei, uma mentira patética.

Meg balançou a cabeça.

— Que ótimo! — mentiu Areca em resposta. — Venham comigo!

Traduzi isso como *Fujam enquanto podem!* Ela hesitou para nos dar tempo de considerar nossas escolhas de vida. Como não gritamos nem corremos de volta para o elevador, ela nos guiou até uma porta dourada dupla no fim do corredor.

A porta se abriu por dentro e revelou um espaço amplo, a sala do trono que eu tinha visto no meu pesadelo.

As janelas do chão ao teto ofereciam uma vista de trezentos e sessenta graus de Manhattan ao pôr do sol. A oeste, o céu lançava sua luz vermelho-sangue sobre Nova Jersey, e o rio Hudson era uma artéria roxa brilhante. A leste, os cânions urbanos estavam marcados por sombras. Havia vários tipos de árvores em vasos junto às janelas, o que achei estranho. O gosto de Nero para decoração costumava ser mais para filigrana dourada e cabeças cortadas.

Tapetes persas luxuosos formavam um tabuleiro assimétrico no piso de madeira. Fileiras de pilares de mármore preto sustentavam o teto, lembrando demais o palácio de Cronos. (Ele e seus titãs adoravam mármore preto. Era um dos motivos para Zeus ter insistido nos códigos rigorosos de construção do Monte Olimpo, que mantinham tudo em um branco ofuscante.)

A sala estava cheia de pessoas cuidadosamente posicionadas, paralisadas no lugar, todas nos olhando como se tivessem praticado suas posições por dias e Nero tivesse gritado segundos antes: *Aos seus lugares, pessoal! Eles chegaram!* Se elas começassem a dançar, eu ia me jogar pela janela mais próxima.

Enfileirados à esquerda de Nero estavam onze jovens semideuses do Lar Imperial, também conhecidos como as crianças von Trapp do mal, todos usando toga com bordas roxas por cima da calça jeans rasgada moderninha e camisa de gola, talvez porque camisetas fugiam do estilo de vestimenta quando a família recebia prisioneiros importantes que seriam executados. Vários semideuses mais velhos olhavam de cara feia para Meg.

À direita do imperador, havia doze criados: moças com bandejas e jarras de bebidas; rapazes musculosos com abanadores de folha de palmeira, embora o termostato do ar-condicionado do ambiente

estivesse ajustado para *inverno da Antártida.* Um rapaz, que tinha obviamente perdido uma aposta, massageava os pés do imperador.

Seis germânicos ladeavam o trono, inclusive Gunther, nosso amigo do trem para Nova York. Ele me observou, como se imaginasse todas as formas interessantes e dolorosas de arrancar minha cabeça. Ao lado dele, à direita do imperador, estava Luguselwa.

Tive que me segurar para não suspirar de alívio. Claro que ela estava com uma aparência péssima. Órteses de aço envolviam suas pernas. Havia uma muleta debaixo de cada braço. Também usava um colar cervical, e a pele em volta dos olhos parecia uma máscara preta de hematomas. O cabelo moicano era a única parte dela que não parecia danificada. Mas, considerando que eu a tinha jogado de um prédio apenas três dias antes, era impressionante vê-la de pé. Nós precisávamos dela para nosso plano dar certo. Além disso, se Lu tivesse morrido por causa dos ferimentos, Meg provavelmente teria me matado antes que Nero tivesse a chance.

O imperador estava reclinado no sofá roxo espalhafatoso. Ele tinha trocado o roupão por uma túnica e uma toga romana tradicional, que eu não achava muito diferente do pijama dele. Os louros de ouro tinham sido polidos. A barba de pescoço brilhava com óleo. Se exibisse uma expressão ainda mais arrogante, toda a espécie dos gatos domésticos o teria processado por plágio.

— Vossa Majestade Imperial! — Nossa guia, Areca, tentou usar um tom alegre, mas sua voz falhava de medo. — Seus convidados chegaram!

Nero a dispensou. Areca correu para a lateral da sala e ficou ao lado de um vaso de plantas, que era... Ah, claro. Senti uma pontada no coração de solidariedade. Areca estava ao lado de uma palmeira-areca, sua força vital. O imperador havia decorado a sala do trono com seus escravos: dríades em vasos.

Ao meu lado, dava para *ouvir* Meg trincando os dentes. Concluí que as dríades eram uma aquisição nova, talvez colocadas ali para lembrar a Meg quem detinha todo o poder.

— Ora, ora! — Nero chutou para longe o rapaz que massageava seus pés. — Apolo. Estou impressionado.

Luguselwa se balançou nas muletas. Na sua cabeça raspada, as veias saltavam feito raízes de árvores.

— Está vendo, meu senhor? Falei que eles viriam.

— Sim. Sim, falou. — A voz de Nero soou pesada e fria.

Ele se inclinou para a frente e entrelaçou os dedos, a barriga marcando a túnica. Pensei em Dioniso mantendo aquela barriga de respeito como forma de protesto. Fiquei me perguntando se também era o caso de Nero.

— Então, *Lester*, depois de todos os problemas que você me causou,

por que se renderia agora?

Respire fundo.

— Você ameaçou botar fogo na cidade.

— Ah, pare com isso. — Ele abriu um sorriso conspiratório. — Nós dois já ficamos observando cidades pegarem fogo. Agora, minha preciosa Meg aqui... — Ele olhou para ela de forma tão afetuosa que me deu vontade de vomitar no tapete persa. — Acredito que *ela* possa querer salvar a cidade. É uma bela heroína.

Os outros semideuses do Lar Imperial trocaram olhares de repulsa. Claramente, Meg era a favorita de Nero, o que a tornava inimiga de todo membro da amorosa família de sociopatas.

— Mas você, Lester — continuou Nero. — Não... não acredito que tenha ficado tão nobre. Não podemos mudar milhares de anos da nossa natureza tão rapidamente, não é? Você não estaria aqui se não achasse que teria alguma serventia a... *você*.

Ele apontou para mim, e quase senti a pressão da ponta do dedo dele no peito.

Tentei parecer agitado, o que não era difícil.

— Você quer que eu me renda ou não?

Nero sorriu para Luguselwa e para Meg.

— Sabe, Apolo — disse ele, preguiçosamente —, é fascinante como atos ruins podem ser bons e vice-versa. Se lembra da minha mãe, Agripina? Uma mulher terrível. Sempre tentando governar por mim, me dizendo o que fazer. Tive que matá-la no final. Bom, não eu pessoalmente, claro. Mandei Aniceto resolver isso. — Ele deu de ombros de leve, como se dissesse *Mães, né?* — Enfim, o matricídio era um dos piores crimes para um romano. Mas, depois que a matei, as pessoas me amaram ainda mais! Eu tinha me defendido, mostrado minha independência. Eu me tornei um herói para o homem comum! E aí houve também todas aquelas histórias sobre eu ter queimado cristãos vivos...

Eu não sabia aonde Nero queria chegar com aquilo tudo. Nós estávamos falando da minha rendição. Agora, ele estava me contando sobre a mãe e suas festas queimando cristãos. Eu só queria ser jogado numa cela com Meg, preferivelmente sem ser torturado, para que Lu aparecesse lá mais tarde, nos soltasse e nos ajudasse a destruir a torre toda. Era pedir muito? Mas, quando um imperador começa a falar sobre si mesmo, você tem que dançar conforme a música. Podia demorar.

— Está alegando que as histórias sobre queimar cristãos não eram verdade? — perguntei.

Ele riu.

— Claro que eram verdade. Os cristãos eram terroristas e queriam minar os valores romanos tradicionais. Ah, eles *alegavam* ser uma

religião de paz, mas não enganavam ninguém. A questão é que os *verdadeiros* romanos me amavam por ser linha-dura. Depois que eu morri... Você sabia? Depois que eu morri, o povo se rebelou. As pessoas se recusavam a acreditar que eu estava morto. Houve uma onda de rebeliões, e todos os líderes rebeldes alegavam ser uma versão minha renascida. — Ele exibiu uma expressão sonhadora. — Eu era amado. Meus ditos atos ruins me tornaram amplamente popular, enquanto meus atos *bons*, como perdoar meus inimigos, trazer de volta paz e estabilidade ao império... essas coisas só me fizeram parecer frouxo e levaram à minha morte. Desta vez, vou fazer tudo de um jeito diferente. Vou retomar os valores romanos tradicionais. Vou parar de me preocupar com o bem e o mal. As pessoas que sobreviverem à transição... vão me amar como a um pai.

Ele fez um gesto na direção da fila de filhos adotivos, todos espertos o bastante para manterem a expressão cuidadosamente neutra.

Aquele antigo lagarto metafórico estava tentando subir pela minha garganta de novo. O fato de que Nero, um homem que tinha matado a própria mãe, estava falando sobre defender valores romanos tradicionais... era a coisa mais romana que eu conseguia imaginar. E a ideia de que ele queria bancar o pai do mundo todo embrulhou meu estômago. Imaginei meus amigos do Acampamento Meio-Sangue enfileirados atrás dos servos do imperador. Pensei em Meg voltando para a fila com o resto do Lar Imperial.

Ela seria a décima segunda, percebi. A décima segunda filha adotiva do Nero, como os doze olimpianos. Isso não podia ser coincidência. Nero os estava criando como jovens deuses em treinamento para assumirem o mundo de pesadelo dele. Isso tornava Nero o novo Cronos, o pai todo-poderoso que podia cobrir os filhos de bênçãos ou devorá-los quando quisesse. Eu tinha subestimado *muito* a megalomania de Nero.

— Onde eu estava? — refletiu Nero, voltando dos seus pensamentos agradáveis de massacre.

— No monólogo do vilão — falei.

— Ah, agora lembrei! Atos bons e ruins. Você, Apolo, veio aqui se render, se sacrificar para salvar a cidade. Parece um ato bom! É exatamente por isso que desconfio que seja ruim. Luguselwa!

A gaulesa não me parecia alguém que estremecia com facilidade, mas, quando Nero gritou o nome dela, as órteses nas suas pernas gemeram.

— Meu senhor?

— Qual era o plano? — perguntou Nero.

Senti meus pulmões gelarem.

Lu fez o melhor que pôde para parecer confusa.

— Meu senhor?

— O plano — disse ele, com rispidez. — Você deixou esses dois fugirem de propósito. Agora eles se entregam logo antes do prazo do meu ultimato. O que esperava conseguir quando me traiu?

— Meu senhor, não. Eu...

— Peguem eles!

A coreografia da sala do trono ficou clara de repente. Todo mundo desempenhou lindamente seu papel. Os servos recuaram. Os semideuses do Lar Imperial se adiantaram e puxaram as espadas. Só reparei nos germânicos se aproximando por trás quando dois gigantes corpulentos seguraram meus braços. Outros dois seguraram Meg. Gunther e um amigo agarraram Luguselwa com tanta violência que as muletas dela caíram estalando no chão. Se estivesse plenamente curada, sem dúvida Luguselwa teria resistido com vigor, mas, naquela condição, não havia como. Eles a empurraram para o chão, prostrada na frente do imperador, ignorando os gritos e o barulho das órteses nas pernas dela.

— Parem!

Meg se debateu, mas os captores pesavam centenas de quilos a mais do que ela. Chutei meu germânico na canela, mas não adiantou nada. Era como chutar um touro selvagem.

Os olhos de Nero brilhavam, achando graça.

— Estão vendo, crianças — disse ele para os onze filhos adotivos —, se algum dia decidirem me destituir, vão ter que fazer *muito* melhor do que isso. Sinceramente, estou decepcionado.

Ele contorceu alguns pelos da barba de pescoço, provavelmente porque não tinha um bigode decente de vilão.

— Vamos ver se entendi direito, Apolo. Você se rende para entrar na minha torre, esperando que isso me convença a não botar fogo na cidade, ao mesmo tempo que me faz baixar a guarda. Enquanto isso, seu pequeno exército de semideuses se reúne no Acampamento Meio-Sangue... — Ele abriu um sorriso cruel. — Sim, fiquei sabendo por uma boa fonte que eles estão se preparando para marchar. Que empolgante! Aí, quando eles atacarem, Luguselwa vai libertar vocês dois da cela e, juntos, no meio da confusão, vocês vão me matar. É por aí?

Meu coração esmurrou meu peito feito um troglodita abrindo um buraco numa parede de pedra. Se o Acampamento Meio-Sangue estivesse mesmo marchando, isso significava que Rachel devia ter chegado à superfície e entrado em contato com eles. O que queria dizer que Will e Nico talvez também estivessem vivos e ainda com os trogloditas. Ou Nero podia estar mentindo. Ou ele podia saber mais do que estava revelando. De qualquer modo, Luguselwa estava exposta, e com isso ela não podia nos libertar nem ajudar a destruir os fasces do

imperador. Quer Nico e os troglos conseguissem levar a sabotagem adiante ou não, nossos amigos do acampamento partiriam para o abate. Ah, além disso, eu ia morrer.

Nero riu de prazer.

— Aí está! — Ele apontou para mim. — A expressão de alguém percebendo que a própria vida chegou ao fim. Não dá para fingir isso. É de uma sinceridade linda! E você está certo, claro.

— Nero, não! — gritou Meg. — P-pai!

A palavra pareceu machucá-la, como se ela estivesse tossindo cacos de vidro.

Nero fez beicinho e abriu os braços, como se quisesse receber Meg num abraço amoroso se não fossem os dois capangas enormes a segurando.

— Ah, minha querida filhinha. Lamento tanto você ter decidido fazer parte disso. Eu queria poder te poupar da dor que está por vir. Mas você sabe muito bem... que nunca deve irritar o Besta.

Meg gritou e tentou morder um dos guardas. Eu queria ter a ferocidade dela. Um terror absoluto tinha transformado meus membros em pudim.

— Cassius — chamou Nero —, aproxime-se, filho.

O semideus mais novo correu até a plataforma. Ele tinha oito anos no máximo.

Nero deu um tapinha de leve na bochecha dele.

— Bom menino. Vá pegar os anéis de ouro da sua irmã, tá? Espero que você os use melhor do que ela.

Depois de um instante de hesitação, como se traduzisse as instruções a partir do idioma nerês, Cassius correu até Meg. Ele evitou seu olhar enquanto tirava os anéis dos dedos dela.

— Cass. — Meg estava chorando. — Não. Não escute ele.

O garotinho corou, mas continuou trabalhando em silêncio nos anéis. Ele tinha manchas rosadas em volta dos lábios por causa de alguma bebida que tomara, suco ou refrigerante. O cabelo louro me lembrou... Não. Não, eu me recusava a pensar. Argh. Tarde demais! Maldita imaginação! Ele me lembrava um Jason Grace mais jovem.

Depois que soltou os dois anéis, Cassius correu até o padrasto.

— Que bom, que bom — disse Nero, com um toque de impaciência. — Coloque os dois. Você treinou com espadas, não foi?

Cassius assentiu e obedeceu, desajeitado.

Nero sorriu para mim, feito o mestre de cerimônias de um show. *Obrigado pela paciência. Estamos enfrentando problemas técnicos.*

— Sabe, Apolo — disse ele —, tem um ditado dos cristãos que eu gosto. Como é mesmo? *Se suas mãos o ofendem, corte-as fora*... Algo assim. — Ele olhou para Lu. — Ah, Lu, infelizmente suas mãos me ofenderam. Cassius, faça as honras.

Luguselwa lutou e gritou enquanto os guardas esticavam seus braços à frente do corpo, mas ela estava fraca e sentindo muita dor. Cassius engoliu em seco, o rosto uma mistura de horror e ansiedade.

Os olhos severos de Nero, os olhos do Besta, se voltaram para ele.

— Agora, garoto — ordenou, com uma calma arrepiante.

Cassius conjurou as espadas douradas. Quando as baixou nos pulsos de Lu, a sala toda pareceu se inclinar e sair de foco. Eu não sabia mais quem estava gritando: Lu, Meg ou eu.

Por uma névoa de dor e náusea, ouvi Nero gritar:

— Façam curativos! Ela não vai morrer tão fácil! — Em seguida virou os olhos do Besta para mim. — Agora, Apolo, vou te contar o *novo* plano. Você vai ser jogado numa cela com essa traidora, Luguselwa. E Meg, minha querida Meg, nós vamos começar sua reabilitação. Bem-vinda de volta ao lar.

21

Fuja do sofá
E da bandeja de frutas
Do vaso, nem se fala

A CELA DE NERO era o lugar mais incrível em que eu já tinha ficado preso. Daria cinco estrelas. *Luxo total! Morreria de novo aqui!*

No teto havia um lustre (um *lustre*!) alto demais e fora do alcance de qualquer prisioneiro. Pendentes de cristal dançavam nas luzes de LED, gerando reflexos em formato de diamante nas paredes off-white. No fundo do cômodo havia uma pia com ornamentos dourados e um vaso sanitário automático com bidê, tudo protegido atrás de um biombo para sua privacidade. Que mimo! Um dos tapetes persas de Nero cobria o chão. Dois elegantes sofás em estilo romano contornavam em V uma mesinha lotada de queijos, biscoitos e frutas, além de uma jarra de prata cheia de água e dois cálices, caso nós, prisioneiros, quiséssemos fazer um brinde à nossa boa sorte. Só a frente da cela tinha cara de cadeia, pois não passava de uma fileira de barras de metal grossas, mas até isso era folheado a ouro imperial — ou talvez fosse de ouro maciço.

Passei os primeiros vinte ou trinta minutos sozinho na cela. Era difícil medir o tempo. Eu andei de um lado para outro, gritei, exigi ver Meg. Bati uma bandeja de prata nas barras e berrei para o corredor vazio. Por fim, quando o medo e o enjoo me dominaram, descobri as alegrias de vomitar em vasos sanitários chiques com assentos aquecidos e múltiplas opções de limpeza.

Estava começando a pensar que Luguselwa estava morta. Por que outro motivo ela não estaria na cela comigo, como Nero havia prometido? Como poderia ter sobrevivido ao choque da amputação dupla quando já estava tão machucada?

Bem quando estava me convencendo de que morreria sozinho naquela cela, sem ninguém para me ajudar a comer os queijos e biscoitos, uma porta no fim do corredor se abriu com um estrondo, e ouvi passos pesados e muitas reclamações. Gunther e outro germânico surgiram, arrastando Luguselwa entre eles. Três barras de metal no centro da entrada da cela foram sugadas pelo chão tão rápido quanto lâminas sendo embainhadas. Os guardas empurraram Lu para dentro, e as barras se fecharam com um estalo.

Corri até Lu. Ela estava encolhida no tapete persa, o corpo trêmulo e respingado de sangue. Os suportes para as pernas tinham sido removidos. Seu rosto estava mais pálido que as paredes. Seus pulsos

tinham sido envoltos por bandagens, que já estavam encharcadas com sangue. A testa queimava de febre.

— Ela precisa de um médico! — gritei.

Gunther me encarou com desprezo.

— Você não é um deus da cura?

O amigo dele deu uma risada debochada; e os dois seguiram com passos pesados pelo corredor.

— Argh — gemeu Lu.

— Aguenta firme — falei, depois fiz uma careta, percebendo que provavelmente era meio insensível dizer isso, considerando sua condição.

Corri de volta para o sofá confortável e revirei minha mochila. Os guardas haviam levado meu arco e flechas, inclusive a Flecha de Dodona, mas tinham me deixado com tudo mais que não fosse claramente uma arma — meu ukulele encharcado e minha mochila, incluindo alguns suprimentos médicos que Will me dera: bandagens, óleos, comprimidos, néctar, ambrosia. Será que gauleses podiam comer ambrosia? Será que podiam tomar aspirina? Eu não tinha tempo para me preocupar com isso.

Molhei alguns dos guardanapos de linho na água gelada da jarra e cobri a testa e o pescoço de Lu com eles, para baixar a febre. Amassei alguns analgésicos com ambrosia e néctar e dei um pouco do mingau na sua boca, embora ela mal conseguisse engolir. Seus olhos não se focavam em nada. Os calafrios estavam piorando.

Ela gaguejou:

— Meg...?

— Shh — falei, tentando não chorar. — Vamos salvá-la, eu juro. Mas primeiro você precisa se curar.

Ela gemeu, então soltou um ganido agudo que parecia um grito sem forças. Devia estar sentindo uma dor horrível. Já estaria morta se não fosse uma gaulesa dura na queda.

— Preciso que você durma para o que vou fazer agora — avisei. — Eu... sinto muito. Mas tenho que examinar seus pulsos. Tenho que limpar as feridas e trocar as bandagens, ou você vai morrer de septicemia.

Eu não imaginava como fazer aquilo sem deixá-la morrer de hemorragia ou com o choque, mas tinha que tentar. Os guardas fizeram um curativo porco, duvido que tenham se preocupado em esterilizar alguma coisa. Haviam estancado o sangramento, mas Lu morreria se eu não cuidasse daquilo.

Peguei outro guardanapo e um frasco de clorofórmio — um dos componentes mais perigosos do kit médico de Will. Usá-lo era um risco tremendo, mas as circunstâncias desesperadoras não me davam opção, a não ser que eu desse com a bandeja de queijos na cabeça de

Lu para deixá-la inconsciente.
Coloquei o guardanapo molhado no rosto dela.
— Não... — reclamou ela, sem forças. — Não posso...
— Você vai desmaiar de dor assim que eu encostar nos seus pulsos de qualquer jeito.
Ela fez uma careta, então assentiu.
Pressionei o guardanapo no nariz e na boca. Duas respirações, e o corpo dela relaxou. Pelo seu próprio bem, torci para que ela permanecesse inconsciente.
Agi o mais rápido que consegui. Minhas mãos estavam surpreendentemente firmes. O conhecimento médico me voltou como por instinto. Não pensei nos ferimentos graves ali na minha frente, nem na quantidade de sangue... Só fiz o que precisava ser feito. Torniquete. Esterilizar. Eu tentaria reimplantar suas mãos, apesar das poucas chances de sucesso, mas os guardas não tiveram a decência de trazê-las. Um lustre e uma ampla seleção de frutas? Com certeza. Mãos? Nem pensar.
— Cauterizar... — resmunguei. — Preciso...
Minha mão direita se acendeu em chamas.
No momento, não achei isso estranho. Uma faísca do meu antigo poder de deus do sol? Claro, por que não? Cauterizei os cotocos dos pulsos da pobre Lu, passei bastante pomada cicatrizante e então refiz o curativo, deixando-a com dois cotonetes no lugar das mãos.
— Eu sinto muito — falei.
A culpa pesava sobre mim como uma armadura completa. Eu havia suspeitado tanto dela, enquanto Lu passava esse tempo todo arriscando sua vida para tentar nos ajudar. Seu único crime tinha sido subestimar Nero, como todos nós fizéramos. E o preço que ela teve que pagar...
Vocês precisam entender que, para um músico como eu, não existe punição pior que perder as mãos — não poder mais tocar teclado ou fazer uma escala, nunca mais poder invocar a música com os dedos. Fazer música é um tipo único de divindade. Eu imaginava que Lu sentia exatamente a mesma coisa em relação à sua habilidade de luta. Ela nunca mais empunharia uma arma.
A crueldade de Nero não tinha limites. Queria cauterizar aquele sorriso metido da cara dele.
Cuide da sua paciente, eu me recriminei.
Peguei almofadas do sofá e as posicionei em volta de Lu, tentando deixá-la o mais confortável possível no tapete. Mesmo que quisesse arriscar movê-la para o sofá, duvidava que teria força suficiente. Cobri sua testa com mais guardanapos molhados. Molhei seus lábios com água e néctar. Então encostei os dedos na artéria carótida e me concentrei com toda a força. *Cure, cure, cure*.

Talvez fosse minha imaginação, mas pensei sentir uma fagulha do meu antigo poder se agitar. Meus dedos se aqueceram em contato com a pele dela. Seus batimentos cardíacos começaram a se estabilizar. A respiração ficou mais tranquila. A febre baixou.

Eu havia feito o que podia. Fui me arrastando pelo chão e subi no sofá, a mente confusa pela exaustão.

Quanto tempo havia se passado? Eu nem sabia se Nero tinha decidido destruir Nova York ou esperar até as tropas do Acampamento Meio-Sangue se aproximarem. A cidade poderia estar ardendo em chamas naquele exato momento, e eu não veria nem sinal disso naquela cela sem janelas na torre autossuficiente de Nero. O ar-condicionado continuaria soprando. O lustre continuaria brilhando. O vaso continuaria dando descarga.

E Meg... Ah, deuses, o que Nero estaria fazendo para "reabilitá-la"?

Não dava para aguentar. Eu tinha que me levantar. Eu tinha que salvar minha amiga. Mas meu corpo exausto tinha outras ideias.

Minha visão escureceu. Caí de lado, e meus pensamentos afundaram em uma piscina de sombras.

* * *

— E aí, cara?

A voz conhecida parecia vir do outro lado do mundo por meio de uma conexão fraca de satélite.

Conforme a cena se montava, eu me vi sentado a uma mesa de piquenique na praia de Santa Monica, perto da barraca de tacos de peixe em que eu, Jason, Piper e Meg fizemos nossa última refeição antes de nos infiltramos na frota de megaiates de Calígula. Do outro lado da mesa estava Jason Grace, brilhando e meio transparente, como um vídeo projetado em uma nuvem.

— Jason. — Minha voz era um soluço desesperado. — Você está aqui.

Seu sorriso tremeu. Os olhos não passavam de manchas de tinta turquesa. Ainda assim, eu conseguia sentir a força silenciosa da sua presença e ouvi a gentileza em sua voz.

— Na verdade, não, Apolo. Eu estou morto. Você está sonhando. Mas é bom te ver.

Olhei para baixo, duvidando que conseguiria falar. À minha frente havia um prato de tacos de peixe transformados em ouro, como um trabalho do rei Midas. Eu não sabia o que aquilo significava. E não gostava nem um pouco.

— Eu sinto muito — consegui dizer por fim.

— Não, não — retrucou Jason. — Eu tomei minha decisão. Você não tem culpa de nada. Você não me deve nada. Seu único

compromisso comigo é se lembrar do que falei. Lembre-se do que importa.

— *Você* — insisti. — Sua vida!

Jason inclinou a cabeça.

— Bom... tudo bem. Mas se um herói não está disposto a perder a vida por uma causa maior, será que essa pessoa é mesmo um herói?

Ele deu uma relevância sutil à palavra *pessoa,* como se querendo deixar claro que poderia significar um humano, um fauno, uma dríade, um grifo, um *pandos*... até um deus.

— Mas... — Foi difícil encontrar um contra-argumento.

Eu queria tanto esticar as mãos por cima da mesa, pegar as mãos de Jason e puxá-lo de volta para o mundo dos vivos. Mas mesmo se pudesse fazer isso, me dei conta de que não seria por Jason. Ele estava em paz com suas escolhas. Eu estaria trazendo-o de volta por minhas próprias razões egoístas, porque não queria lidar com a tristeza e o luto de tê-lo perdido.

— Certo. — Um nó que estava esmagando meu peito de tanta dor por semanas começou a afrouxar. — Certo, Jason. Mas a gente sente a sua falta.

Seu rosto tremeluziu em uma fumaça colorida.

— Também sinto falta de vocês, de todo mundo. Apolo, me faça um favor. Tome cuidado com o servo de Mitra, o leão por uma serpente envolvido. Você sabe o que ele é e o que pode fazer.

— Eu... o quê? Não sei, não! Me conta, por favor!

Jason conseguiu dar um último sorriso fraco.

— Eu sou só um sonho na sua cabeça, cara. Você já tem a informação. Só estou dizendo... Barganhar com o guardião das estrelas tem seu preço. Às vezes você tem que pagar esse preço. Às vezes tem que deixar outra pessoa pagar.

Isso não me ajudava em absolutamente nada, mas o sonho não me permitiu mais tempo para perguntas.

Jason sumiu. Meus tacos de peixe dourados se transformaram em pó. O litoral de Santa Barbara derreteu, e eu acordei sobressaltado no meu sofá confortável.

— Tá vivo? — perguntou uma voz rouca.

Lu estava deitada no outro sofá. Como ela havia se levantado do chão, eu não conseguia imaginar. Seu rosto e seus olhos estavam fundos. Os cotocos enfaixados tinham pontinhos marrons onde sangue fresco havia sido absorvido. Mas ela parecia menos pálida, e seus olhos estavam impressionantemente despertos. Só podia concluir que meus poderes curativos divinos — tirados sabe-se lá de onde — tinham ajudado um pouco.

Fiquei tão surpreso que demorei um momento para encontrar as palavras.

— Eu... Eu é que deveria estar fazendo essa pergunta para *você*. Está doendo muito?

Ela ergueu os cotocos, distraída.

— O quê, isso? Já passei por coisa pior.

— Pelos deuses — comentei, impressionado. — Senso de humor num momento desses? Você é mesmo indestrutível.

Seu rosto ficou tenso — talvez fosse um esboço de sorriso, ou só uma reação à agonia constante que sentia.

— Meg. O que houve com ela? Como podemos encontrá-la?

Eu não podia deixar de admirar sua determinação. Apesar da dor e da punição injusta, Lu ainda estava totalmente focada em ajudar nossa jovem amiga.

— Não tenho certeza — falei. — Vamos encontrá-la, mas primeiro você precisa recuperar suas forças. Quando escaparmos daqui, vai precisar se mover sozinha. Acho que não consigo carregar você.

— Não? — perguntou Lu. — Eu estava doida para andar na sua garupa.

Nossa, acho que gauleses ficam sarcásticos quando sofrem ferimentos quase fatais.

É claro que toda a ideia de nós escaparmos da cela era absurda. Mesmo se conseguíssemos, não estávamos em condições de resgatar Meg ou lutar contra as forças do imperador. Mas eu não podia perder a esperança, especialmente quando minha companheira sem mãos ainda conseguia fazer piada.

Além disso, meu sonho com Jason me lembrou de que os fasces do imperador estavam escondidos em algum lugar daquele andar da torre, guardados pelo leão-serpente. O guardião das estrelas, o servo de Mitra, o que quer que isso significasse... tinha que estar por perto. E se ele exigisse um preço para nos deixar esmigalhar o galho da imortalidade de Nero até virar pó, eu estava disposto a pagar o que fosse.

— Ainda tenho um pouco de ambrosia. — Eu enfiei a mão na bolsa de remédios. — Você precisa comer...

Mais uma vez ouvi o estrondo da porta no final do corredor se abrindo. Gunther apareceu diante da nossa cela, com uma bandeja de prata cheia de sanduíches e latas de refrigerante.

Ele sorriu, mostrando bem todos os três dentes.

— Almoço.

As barras do meio da cela desceram com a velocidade de uma guilhotina. Gunther deslizou a bandeja para dentro, e as barras se fecharam com um estalo antes que eu sequer conseguisse pensar em atingir nosso captor.

Eu precisava muito comer, mas só de olhar para os sanduíches meu estômago revirou. Alguém tinha tirado a casca do pão e cortado os

sanduíches em retângulos, não triângulos. É assim que a gente descobre que o almoço foi preparado por bárbaros.

— É bom recuperar as forças! — comentou Gunther, animado. — Nada de morrer antes da festa, hein?

— Festa? — perguntei, sentindo uma pontadinha mínima de esperança.

Não porque festas fossem divertidas, ou porque eu gostava de bolo (embora ambos fossem verdade), mas porque se Nero tinha adiado sua grande comemoração, talvez ele ainda não tivesse apertado o botão da destruição.

— Ah, sim! — explicou Gunther. — Hoje à noite! Tortura para vocês dois. E aí a gente vai colocar fogo na cidade!

Com esse pensamento alegre, Gunther saltitou de volta pelo corredor, rindo sozinho, nos deixando com nossa bandeja de sanduíches bárbaros.

22

Tô indo dormir
Para salvar quem eu amo
Boa noite a todos!

DEUSES não são muito bons com prazos.

O conceito de ter um tempo limitado para fazer algo simplesmente não faz muito sentido para quem é imortal. Desde que me transformei em Lester Papadopoulos, eu vinha me acostumando com a ideia: vá para tal lugar até tal data ou o mundo acaba. Pegue este item até semana que vem ou todo mundo que você conhece morre.

Ainda assim, fiquei chocado ao me dar conta de que Nero estava planejando incendiar Nova York naquela mesma noite — com bolo, festividades e uma boa dose de tortura — e que não havia nada que eu pudesse fazer a respeito.

Fiquei encarando as barras depois que Gunther foi embora. Esperei que ele voltasse aos pulinhos e gritasse: *Rá, peguei vocês!*, mas o corredor permaneceu vazio. Eu via muito pouco além de paredes brancas sem adornos e uma única câmera de segurança presa ao teto, me encarando com seu olho negro e brilhante.

Eu me virei para Lu.

— Cheguei à conclusão de que nossa situação está uma porcaria.

— Valeu. — Ela cruzou os cotocos no peito como um faraó. — Eu precisava mesmo dessa perspectiva.

— Tem uma câmera de segurança ali.

— Verdade.

— Então como você planejava nos libertar? Você teria sido vista.

Lu resmungou.

— É só *uma* câmera. Fácil de evitar. As partes residenciais? São completamente cobertas por aparelhos de segurança, de todos os ângulos, com captura de som e detector de movimento em cada entrada...

— Já saquei.

Fiquei enfurecido, embora não surpreso, ao saber que a família de Nero ficasse sob mais vigilância do que seus prisioneiros. Afinal, era o homem que tinha matado a própria mãe. Agora estava criando a própria prole de déspotas juniores. Eu *tinha* que salvar Meg.

Sacudi as barras com força, só para dizer que tentei. Elas nem se mexeram. Precisava de uma explosão de poder divino para fugir no melhor estilo “Apolo esmaga”, mas não podia contar com a boa vontade dos meus poderes quando eu queria.

Voltei arrastando os pés para o meu sofá, olhando de cara feia para aqueles sanduíches e refrigerantes ofensivos.

Tentei imaginar pelo que Meg estava passando naquele momento.

Eu a visualizei em uma sala opulenta, parecida com a minha — sem barras, mas uma cela mesmo assim. Todos os seus movimentos seriam gravados, todas as conversas, entreouvidas. Não era de se espantar que, nos velhos tempos, ela preferisse perambular pelos becos de Hell's Kitchen, enfrentando ladrões com sacolas de vegetais apodrecidos e adotando ex-deuses como servos. Ela não teria mais esse escape. Nem eu nem Luguselwa estaríamos mais ao seu lado. Estaria completamente cercada e completamente sozinha.

Eu imaginava como os joguinhos mentais de Nero funcionavam. Sendo deus da cura, eu sabia uma coisa ou outra sobre psicologia e saúde mental, embora admita que nem sempre fazia o que era melhor em relação a mim mesmo.

Depois de libertar o Besta, Nero fingiria ser gentil. Tentaria convencer Meg de que ela estava em casa. Que, se ao menos deixasse que ele a "ajudasse", ela seria perdoada. Nero, sozinho, bancava tanto o tira bonzinho quanto o tira mau — um manipulador por excelência.

Pensar em Nero tentando reconfortar uma garotinha que ele mesmo tinha traumatizado me deixava de estômago embrulhado.

Meg já tinha escapado dele uma vez. Desafiar suas vontades deve ter exigido mais força e coragem do que a maioria dos deuses que eu conhecia tinha. Mas agora... de volta ao lugar em que havia sofrido tantos abusos, em que Nero tinha se passado por um pai normal durante a maior parte da sua infância, ela precisaria ser ainda mais forte para não ceder. Seria tão fácil para Meg esquecer o quanto já havia superado.

Lembre-se do que importa. A voz de Jason ecoava na minha cabeça, mas as palavras de Nero estavam lá também. *Não dá para mudar milhares de anos de nossa natureza assim tão rápido, não é mesmo?*

Eu sabia que a ansiedade por conta de minhas fraquezas estava se misturando à ansiedade por conta de Meg. Mesmo que de alguma forma eu conseguisse voltar ao Monte Olimpo, não sei bem se me agarraria às coisas importantes que aprendi no meu tempo como mortal. Isso me fazia duvidar da habilidade de Meg de permanecer firme no seu antigo lar tóxico.

As similaridades entre a casa de Nero e a minha família no Monte Olimpo estavam me deixando cada vez mais nervoso. A ideia de que nós, deuses, éramos tão manipuladores e abusivos quanto o pior imperador romano... Certamente isso não poderia ser verdade.

Ah, espera. É claro que poderia. Argh. Odeio essa clareza. Preferia um filtro suave de Instagram na minha vida — Amaro, talvez, ou um Perpetua.

— A gente vai sair daqui. — A voz de Lu me tirou dos meus pensamentos horríveis. — Aí vamos ajudar a Meg.

Considerando sua condição, era uma afirmação ousada. Percebi que Lu estava tentando me animar. Parecia injusto que ela tivesse que fazer isso... e ainda mais injusto que eu precisasse tanto disso.

A única resposta em que consegui pensar foi:

— Você quer um sanduíche?

Ela deu uma olhada na bandeja.

— Aham. Pepino e cream cheese, se tiver. O sanduíche de pepino e cream cheese do chef é muito bom.

Encontrei o sabor apropriado. Fiquei me perguntando se, nos tempos antigos, os bandos de guerreiros celtas entravam em batalha com as bolsas cheias de sanduíches de pepino e cream cheese. Talvez esse fosse o segredo do sucesso deles.

Dei alguns pedaços na boca de Lu, mas ela perdeu a paciência.

— Deixa o sanduíche aqui no meu peito. Eu dou um jeito. Tenho que começar em algum momento.

Ela usou os cotocos para levar a comida até a boca. Como ela conseguia fazer isso sem desmaiar de dor eu não sabia, mas respeitei seu pedido. Meu filho Esculápio, o deus da medicina, sempre brigava comigo por ajudar pessoas com deficiência. *Você pode ajudar se elas pedirem. Mas espere o pedido. A escolha é delas, não sua.*

Para um deus, isso é difícil de entender, assim como prazos, mas deixei Lu se virar com sua refeição. Peguei alguns sanduíches para mim também: presunto e queijo, maionese de ovos. Fazia muito tempo desde que eu tinha comido pela última vez. Estava sem apetite, mas precisaria de energia se queria fugir dali.

Energia... e informação.

Olhei para Lu.

— Você mencionou microfones.

Seu sanduíche escorregou dos cotocos e caiu no colo. Com a testa ligeiramente franzida, ela começou o lento processo de agarrá-lo de novo.

— Microfones de vigilância, sim. O que que tem?

— Tem algum nesta cela?

— Você quer saber se os guardas estão ouvindo o que falamos? — perguntou Lu, confusa. — Acho que não. A não ser que tenham instalado microfones aqui nas últimas vinte e quatro horas. Nero não liga para o que os prisioneiros estão conversando. Ele só não gosta quando as pessoas reclamam e choramingam. Ele é o único que pode fazer isso.

Fazia total sentido para os padrões de Nero.

Eu queria discutir nossos planos com Lu — mesmo que não tivesse serventia nenhuma, ao menos seria um estímulo para ela saber que

meu incrível time de trogloditas talvez estivesse atravessando os túneis em direção à supercaixa de gordura de fogo grego de Nero, o que significaria que o sacrifício de Lu não fora totalmente em vão. Ainda assim, precisava tomar cuidado com o que dizia. Não queria confiar demais em nossa suposta privacidade. Já havíamos subestimado Nero além da conta.

— O imperador não parecia saber sobre... aquela *outra coisa* — falei.

O sanduíche de Lu caiu no seu colo de novo.

— Quer dizer que a outra coisa *vai acontecer*? Você conseguiu providenciar aquilo?

Eu só podia torcer para que estivéssemos falando da mesma *outra coisa*. Lu havia nos instruído a criar algum tipo de sabotagem subterrânea, mas por motivos óbvios eu não tivera a chance de lhe contar os detalhes sobre Nico, Will, Rachel e os trogloditas. (O que, aliás, seria o pior nome de banda de todos os tempos.)

— Espero que sim — respondi. — Supondo que tudo correu de acordo com o plano. — *E que os trogloditas não tenham comido meus amigos só porque levamos umas vacas vermelhas do mal para o esconderijo deles*, só que essa parte eu guardei para mim. — Mas vamos ser sinceros, até agora as coisas não correram de acordo com o plano.

Lu pegou o sanduíche de novo, dessa vez com mais destreza.

— Não sei você, mas Nero está exatamente onde eu queria.

Tive que sorrir. Pelos deuses, essa gaulesa... Eu havia passado de desgostar e desconfiar dela para estar pronto para tomar um tiro por ela. Queria que Lu estivesse do meu lado, com ou sem mãos, quando derrubássemos o imperador e salvássemos Meg. E a gente *conseguiria*, se eu fosse capaz de reunir pelo menos uma fração da determinação dela.

— Nero deveria ficar com medo de você — concordei. — Vamos supor que a *outra coisa* vá acontecer. Também vamos supor que a gente consiga sair daqui e cuidar da... hum, *outra* outra coisa.

Lu revirou os olhos.

— Você quer dizer os fasces do imperador.

Fiz uma careta.

— Sim, tá bom. Isso. Seria bom se a gente tivesse mais informações sobre o protetor deles. Jason o chamou de guardião das estrelas, um servo de Mitra, mas...

— Espera. Quem é Jason?

Eu não queria tocar naquele assunto doloroso, mas expliquei o básico para ela, então contei o que havia discutido com o filho de Júpiter no meu sonho.

Lu tentou se levantar o sofá. Seu rosto ficou pálido, fazendo as tatuagens escurecerem até ficar roxas.

— Ai. — Ela se recostou de novo. — Mitra, é? Não ouço esse nome faz um tempo. Muitos oficiais romanos o cultuavam antigamente, mas eu nunca me apeguei muito a esses deuses persas. Você tinha que entrar para o culto se quisesse descobrir todos os apertos de mão secretos e tudo o mais. Elite, sociedade só para membros, blá-blá-blá. O imperador entrou automaticamente, é claro, o que faz sentido...

— E faz sentido porque...?

Ela mastigou o sanduíche de pepino.

— Isso explica como Nero teria encontrado esse guardião. Eu... Eu não sei o que é. Só o vi uma vez, quando Nero o... instalou, acho que se pode dizer. Anos atrás. — Ela estremeceu. — Nunca mais quero ver aquilo. Aquela cabeça de leão, aqueles olhos... Eles me encaravam como se pudessem ver tudo sobre mim, como se estivessem me desafiando a... — Ela balançou a cabeça. — Você tem razão. Precisamos de mais informação se vamos derrotá-lo. E precisamos saber como Meg está.

Por que ela estava me olhando com tanta expectativa?

— Seria ótimo — concordei. — Mas considerando que estamos presos em uma cela...

— Você acabou de me dizer que teve uma visão em sonho. Isso acontece com frequência?

— Bom, sim. Mas eu não controlo. Pelo menos, não muito.

Lu bufou.

— Coisa de romano.

— Grego.

— Tanto faz. Sonhos são um veículo, como uma carruagem. Você precisa dirigi-los. Não pode deixar que eles o dirijam.

— E você quer que eu faça o quê... volte a dormir? Reúna mais informação nos meus sonhos?

As pálpebras dela começaram a se fechar. Talvez a palavra *dormir* tivesse lembrado ao seu corpo que essa seria uma ótima ideia. Na sua condição, só ficar acordada por algumas horas e comer um sanduíche era o equivalente a correr uma maratona.

— Parece um bom plano — concordou Lu. — Está na hora do almoço agora, e isso nos dá, o quê, umas sete, oito horas antes do pôr do sol? Nero vai fazer a tal festa ao pôr do sol, com certeza. Melhor horário para ver uma cidade pegar fogo. Me acorda quando descobrir alguma coisa.

— Mas e se eu não conseguir dormir? E se eu dormir, quem é que vai *me* acordar?

Lu começou a roncar.

Tinha um pedacinho de pepino grudado no seu queixo, mas decidi deixar lá. Ela poderia querer aquilo depois.

Eu me recostei no sofá e encarei o lustre brilhando alegremente lá

em cima.

Uma festa dali a poucas horas, para incendiar Manhattan. Nero nos torturaria. Então, imaginei, me sacrificaria de um jeito ou de outro para agradar a Píton e selar sua aliança.

Precisava pensar rápido e agir mais rápido ainda.

Precisava dos meus *poderes* — força para dobrar as barras ou atravessar paredes, fogo para derreter a cara de Gunther da próxima vez que ele nos trouxesse aqueles sanduíches sem casca.

Eu *não* precisava de uma soneca.

Mesmo assim... Lu não estava errada. Sonhos podem ser veículos.

Sendo um deus da profecia, muitas vezes havia enviado visões para quem precisava — avisos, vislumbres do futuro, sugestões de que tipo de incenso eu gostava mais nos templos. Eu mandava os sonhos diretamente para a cabeça das pessoas. Mas desde que me tornara mortal, tinha perdido essa confiança. Tinha deixado os sonhos me guiarem, em vez de tomar as rédeas como fazia com a carruagem do Sol. Meus cavalos de fogo sempre sentiam quando o motorista era fraco ou incerto. (Pobre Faetonte, descobriu isso da pior maneira.) Sonhos não são menos perceptivos.

Eu precisava ver o que estava acontecendo com Meg. Precisava ver esse guardião que cuidava dos fasces do imperador, para descobrir como destruí-lo. Precisava saber se Nico, Will e Rachel estavam em segurança.

Se eu tomasse as rédeas dos meus sonhos e gritasse *Ei, você aí!*, o que aconteceria? No mínimo, eu teria pesadelos horríveis. Na pior das hipóteses, eu poderia dirigir minha mente direto para o Abismo da Insanidade e nunca acordar.

Mas meus amigos estavam contando comigo.

Então fiz a coisa mais heroica que poderia fazer. Fechei os olhos e fui dormir.

23

Sonho, sonho meu
Chega disso, sou um deus!
Hora de acordar

MINHA VIAGEM na carruagem dos sonhos não correu muito bem. Se a polícia dos sonhos estivesse patrulhando, teriam me parado e eu receberia uma bela multa.

Na mesma hora, um vento cruzado psíquico carregou minha consciência. Eu cambaleei, caí por escadarias e escritórios e depósitos, girei pelas entranhas da torre como se tivesse sido jogado no vaso sanitário cósmico. (Que, aliás, é um nojo. Ninguém nunca limpa aquilo lá.)

PRA CIMA, PRA CIMA!, gritei em meus sonhos, mas não conseguia encontrar as rédeas. Desabei dentro do poço de fogo grego. Isso foi diferente. Parei nos túneis sob Manhattan, procurando desesperadamente qualquer sinal de meus amigos e trogloditas, mas eu estava viajando rápido demais, girando como um cata-vento. Atravessei o Labirinto e fui derrubado para o lado, carregado por uma corrente de éter superaquecido.

Eu consigo fazer isso, disse para mim mesmo. É exatamente como dirigir uma carruagem. Só que sem cavalos. Ou carruagem. Ou corpo.

Mandei que meu sonho me levasse até Meg — a pessoa que eu mais queria ver. Imaginei minhas mãos se esticando, agarrando as rédeas. Bem quando achei que estava no controle, a paisagem do sonho se estabilizou. Eu me vi de volta às cavernas de Delfos, gases vulcânicos pairando no ar, a forma escura de Píton fazendo movimentos lentos e pesados nas sombras.

— Então, prendi você de novo — comemorou a serpente. — É isso. Você vai morrer...

— Eu não tenho tempo para você agora.

Minha voz surpreendeu a mim mesmo quase tanto quanto ao réptil.

— O quê?

— Tenho que cair fora daqui.

Eu tomei as rédeas do meu sonho.

— Como você ousa?! Não pode...

Disparei de ré como puxado de volta por um elástico.

Por que para trás? Eu odiava os assentos voltados para trás de veículos em movimento, mas imagino que o sonho ainda estava tentando me mostrar quem mandava ali. Fiz um reverso digno de montanha-russa pelo Labirinto, os túneis mortais, a escadaria da torre.

Por fim, parei com um sacolejo. Meu estômago estava apertado e eu senti uma ânsia de... Bem, de seja lá qual sensação espiritual etérea que nos acomete no mundo dos sonhos.

Minha cabeça e meu estômago giravam ao redor um do outro como planetas de lava fluida. Eu me vi de joelhos em um quarto extravagante. Janelas do chão ao teto davam vista para Midtown, chegando até o rio Hudson. A paisagem ainda estava, graças aos deuses, intacta.

Meg McCaffrey estava ocupada destruindo o quarto. Mesmo sem suas lâminas, estava fazendo um trabalho de demolição excelente com a perna quebrada de uma cadeira, que girava loucamente de um lado para outro. Enquanto isso, um germânico estava parado, bloqueando a única saída, de braços cruzados e uma expressão pouco impressionada. Uma mulher com um uniforme antiquado de empregada torcia as mãos e se encolhia toda vez que alguma coisa fazia *CRASH*. Ela segurava uma pilha do que pareciam vestidos de festa pendurados em um dos braços.

— Senhorita — dizia a empregada —, por favor, venha escolher uma roupa para hoje. Talvez, se você não... Ah. Bem, isso era uma antiguidade. Não, tudo bem. Vou conseguir outro... Ah! Tudo bem, senhorita, se não gosta dos lençóis eu posso... Não tem motivo para rasgá-los, senhorita!

O ataque de fúria de Meg me animou consideravelmente. *É isso aí, minha amiga!*, pensei. *Mande todos eles para o Tártaro!* Meg jogou a perna da cadeira em um abajur, depois pegou outra cadeira ainda inteira e a ergueu acima da cabeça, pronta para jogá-la na janela.

Mas parou ao ouvir uma leve batida na porta. O germânico deu um passo para o lado, abriu a porta e fez uma reverência quando Nero entrou.

— Ah, minha querida, sinto muito. — A voz do imperador transbordava simpatia. — Venha, sente-se aqui comigo.

Ele deu alguns passos tranquilos até a cama e se sentou na beirada, dando tapinhas no edredom rasgado ao seu lado.

Em silêncio, torci para que Meg esmagasse a cabeça dele com a cadeira. Ele estava bem ali, tão perto. Mas então percebi que essa era a intenção de Nero... se mostrar à mercê de Meg. Colocar nas mãos *dela* a escolha de optar pela violência. Se ela fizesse isso, ele teria a liberdade de puni-la.

Meg baixou a cadeira, mas não se aproximou de Nero. Ficou de costas e cruzou os braços. Seus lábios tremiam. Eu queria tanto me aproximar dela, protegê-la. Queria passar por cima de Nero com minha carruagem dos sonhos, mas tudo que podia fazer era assistir à cena.

— Eu sei que você se sente mal depois do que fez ao seu amigo —

disse ele.

Ela girou.

— Depois do que *EU* FIZ?!

Meg pegou a cadeira e a jogou do outro lado do quarto, mas não na direção de Nero. A cadeira bateu na janela, deixando uma mancha, mas nenhuma rachadura. Percebi o vislumbre de um sorriso em Nero — um sorriso de satisfação — antes que aquela máscara de compreensão voltasse a surgir em seu rosto.

— Sim, querida. Essa raiva toda vem da culpa. Você trouxe Apolo para cá. Você sabia o que isso significava, o que aconteceria. Mas fez mesmo assim. Deve ser tão doloroso... saber que você o trouxe aqui para morrer.

Os braços dela tremiam.

— Eu... Não. Você cortou...

Meg engasgou, claramente incapaz de dizer aquilo em voz alta. Ela olhou para os próprios punhos, tensos como se pudessem sair voando de seus pulsos a qualquer momento.

— Você não pode se culpar — disse Nero, em um tom que de alguma forma deixava implícito: *Isso tudo é culpa sua.* — Luguselwa tomou a decisão errada. Você sabe disso. Você deve ter compreendido o que aconteceria. Você é esperta demais para ser cega. Já conversamos tanto sobre consequências. — Ele suspirou, arrependido. — Talvez Cassius tenha sido mesmo duro demais, cortando as mãos dela. — Nero inclinou a cabeça. — Se você quiser, posso puni-lo por isso.

— O quê? — Meg estava tremendo, como se não soubesse mais para onde mirar seu canhão gigante de raiva. — Não! Não foi ele. Foi...

Ela engasgou na resposta óbvia: *VOCÊ*.

Com Nero sentado bem à sua frente, falando com uma voz calma, lhe dando toda a atenção, Meg vacilou.

Meg!, gritei, mas nenhum som saiu. *Meg, continue quebrando as coisas!*

— Você tem um coração doce — disse Nero com outro suspiro. — Você se importa com Apolo. Com Lu. Eu compreendo. E quando você libertou o Besta... — Ele estendeu as mãos. — Eu sei que é assustador. Mas isso ainda não acabou, Meg. Você não quer se sentar aqui comigo? Não estou pedindo um abraço ou que você pare de ficar com raiva. Mas tenho notícias que podem te animar um pouco.

Ele deu outro tapinha na cama. A empregada torcia as mãos. O germânico palitava os dentes.

Meg estremeceu. Eu conseguia imaginar os pensamentos que passavam pela sua cabeça: *A notícia é sobre o Apolo? Você vai dizer que pode libertá-lo se eu cooperar? A Lu ainda está viva? Ela vai ser solta? E*

se eu não seguir seus desejos, vou colocá-los em perigo?

A mensagem implícita de Nero pairava no ar: *Isso tudo é culpa sua, mas você ainda pode mudar isso.*

Devagar, Meg foi até a cama. Ela se sentou, a postura rígida e desconfiada. Eu queria pular entre ela e Nero, fazer uma barreira para impedir que ele se aproximasse, mas temia que sua proximidade física era o menor dos problemas... Ele estava se enfiando na mente dela.

— A boa notícia é a seguinte, Meg. Nós sempre teremos um ao outro. Eu nunca vou abandoná-la. Nenhum erro que você cometer, por maior que seja, vai me impedir de recebê-la de volta. Lu traiu você quando me traiu. Apolo era pouco confiável, egoísta e, ouso dizer... narcisista. Mas eu conheço você. Eu criei você. Esta é a sua casa.

Ah, pelos deuses, pensei. Nero era tão bom em ser mau, e tão mau em ser bom, que fazia as palavras perderem o significado. Ele podia te dizer que o chão era o teto com tanta convicção que você talvez acreditasse, especialmente quando qualquer discussão poderia libertar o Besta.

Era impressionante que um homem assim pudesse ter se tornado imperador de Roma. E mais impressionante ainda pensar que esse mesmo homem pudesse ter perdido o *controle* de Roma. Era fácil ver como ele havia conseguido o apoio das turbas.

Meg estremeceu, mas se era de raiva ou desespero, eu não soube muito bem.

— Pronto, já passou. — Nero passou o braço pelos ombros dela. — Pode chorar. Está tudo bem. Seu pai está aqui.

Um nó gelado se formou no meu estômago. Eu suspeitava de que, assim que as lágrimas de Meg caíssem, o jogo estaria terminado. Toda a independência que ela havia conquistado e lutado tanto para manter cairia por terra. Ela se aninharia no peito de Nero, exatamente como fez quando era pequena, depois que Nero matou seu pai verdadeiro. A Meg que eu conhecia desapareceria sob os anos de trauma e tortura que Nero cultivara.

A cena perdeu clareza — talvez porque eu estivesse nervoso demais para controlar meu sonho. Ou talvez porque simplesmente não aguentasse ver o que aconteceria depois. Eu capotei pela torre, andar após andar, tentando recuperar as rédeas.

Ainda não acabei, insisti. *Preciso de mais informação!*

Infelizmente, foi exatamente isso o que recebi.

Parei na frente de portas duplas douradas — nunca é um bom sinal uma porta dourada. O sonho me carregou para dentro de uma caixa-forte pequena. A sensação era a de entrar no centro de um reator. Um calor intenso ameaçou transformar meu eu do sonho em uma nuvem de cinzas. O ar parecia pesado e tóxico. À minha frente, flutuando sobre um pedestal de ferro estígio, estavam os fasces de Nero — um

machado dourado de um metro e meio, envolto por feixes de madeira amarrados por cordas douradas. A arma cerimonial pulsava com poder — exponencialmente mais do que os dois fasces que Meg e eu destruímos na Torre Sutro.

O significado disso me ocorreu… sussurrado na minha mente como se fosse um verso da profecia envenenada de Píton. Os três imperadores do Triunvirato não tinham só se conectado através de uma corporação. Suas forças vitais, suas ambições, sua avareza e malícia, tinham se misturado durante séculos. Matando Cômodo e Calígula, eu havia consolidado todo o poder do Triunvirato nos fasces de Nero. Eu tinha tornado o imperador que restara três vezes mais poderoso e mais difícil de matar. Mesmo se os fasces não estivessem sendo vigiados, seria difícil destruí-los.

E os fasces *estavam* sendo vigiados.

Sob o machado brilhante, as mãos espalmadas como se em boas vindas, estava o guardião. O corpo de mais de dois metros de altura, era humanoide. Pelos dourados cobriam seu peito musculoso, assim como os braços e as pernas. Asas de penas brancas me lembravam os espíritos do vento de Zeus, ou dos anjos que os cristãos gostavam de pintar.

O rosto, porém, não era angelical. Ele tinha a face de um leão, com uma juba bagunçada, orelhas marcadas com pelos pretos, a boca aberta, ofegante, revelando presas e uma língua vermelha. Seus imensos olhos dourados irradiavam uma força meio dormente, confiante.

O mais estranho no guardião, porém, era a serpente que circundava seu corpo dos tornozelos ao pescoço — uma espiral sibilante de escamas verdes que subia por ele como uma escada rolante infinita, uma cobra sem cabeça ou rabo.

O homem-leão me viu. Meu estado onírico não significava nada para ele. Seus olhos dourados grudaram em mim e não me deixaram partir. Eles me viraram do avesso e me examinaram como se eu fosse a esfera de cristal de um menino troglo.

Ele se comunicava sem precisar falar. Contou-me que era o *leontocefalino*, uma criação de Mitra, um deus persa tão misterioso que nem nós, olimpianos, jamais o compreendemos. Em nome de Mitra, o leontocefalino supervisionava o movimento das estrelas e as fases do zodíaco. Ele também era o guardião do grande espectro da imortalidade de Mitra, mas isso se perdera éons atrás. Agora o leontocefalino recebera um novo trabalho, um novo símbolo de poder para guardar.

Só de encará-lo temi que minha mente fosse se despedaçar. Tentei fazer perguntas. Compreendia que lutar contra ele seria impossível. Ele era eterno. Querer matá-lo seria o mesmo que tentar matar o

tempo. Ele guardava a imortalidade de Nero, mas não havia nenhuma forma...?

Ah, sim. Ele aceitaria negociar. Eu vi o que ele queria. Entender aquilo fez minha alma se encolher como uma aranha esmagada.

Nero era esperto. Horrível e perversamente esperto. Ele fizera uma armadilha com seu próprio símbolo de poder. Estava apostando, cínico, que eu jamais pagaria o preço.

Por fim, depois de dizer tudo que queria, o leontocefalino me libertou. Meu eu do sonho voltou para meu corpo com um estalo.

Eu me sentei no sofá, ofegante e coberto de suor.

— Até que enfim — disse Lu.

Surpreendentemente, ela estava de pé, andando de um lado para outro da cela. Meus poderes curativos deviam ter feito mais do que só cuidar das feridas de sua amputação. Ela ainda parecia um pouco trêmula, mas ninguém diria que estava andando de muletas no dia anterior. Até os hematomas no rosto estavam mais claros.

— Você... você parece melhor — comentei. — Por quanto tempo eu apaguei?

— Tempo demais. Gunther trouxe o jantar faz uma hora. — Ela olhou para uma nova bandeja de comida no chão. — Ele disse que já voltaria para nos levar para a festa. Mas o idiota foi descuidado. Ele deixou os talheres!

Ela brandiu os cotocos.

Ah, deuses. O que é que ela havia feito? De alguma forma, tinha conseguido prender um garfo em um dos pulsos e uma faca no outro. Tinha inserido os cabos nas dobras das bandagens, depois prendido com... Espera. Aquilo era o meu esparadrapo?

Olhei para o pé do sofá. Era isso mesmo: minha mochila estava aberta e tudo tinha sido espalhado pelo chão.

Tentei perguntar *como* e *por que* ao mesmo tempo, então o que saiu foi:

— Por como?

— Com um pouco de tempo, fita e alguns dentes bons, dá para fazer muita coisa — disse Lu, orgulhosa. — Não podia esperar você acordar. Não sabia quando Gunther ia voltar. Desculpa a bagunça.

— Eu...

— Você pode me ajudar. — Ela testou os talheres com alguns golpes de kung fu. — Eu amarrei essas coisinhas com toda a força que consegui, mas você pode dar mais uma volta com o esparadrapo. Tenho que conseguir usá-los em combate.

— Hum...

Ela desabou no sofá ao meu lado.

— Enquanto trabalha, você pode me contar o que descobriu.

Eu não estava prestes a discutir com alguém que poderia enfiar um

gafo no meu olho. Não tinha muita certeza da eficácia de seus novos instrumentos de combate, mas não falei nada. Compreendia que era mais uma questão de Luguselwa retomando o controle da própria situação, se recusando a desistir, se virando com o que tinha. Quando a gente passa por um choque tão transformador, o pensamento positivo é a arma mais poderosa que se pode ter.

Enrolei seus utensílios com mais força enquanto explicava o que tinha visto no meu passeio nos sonhos: Meg tentando não se dobrar à influência de Nero, os fasces do imperador flutuando na sala radioativa, e o leontocefalino esperando que nós tentássemos pegá-los.

— Melhor corrermos, então. — Lu fez uma careta. — Pode apertar mais.

Eu obviamente estava lhe causando dor, julgando pelas rugas ao redor dos seus olhos, mas fiz o que ela pediu.

— Certo — falou, cortando o ar com os talheres. — Vai ter que servir.

Tentei dar um sorriso de apoio. Não sabia se a Capitã Garfo e Faca teria muita sorte contra Gunther ou o leontocefalino, mas se encontrássemos um bife acebolado hostil, Lu estaria preparada.

— E nem sinal da *outra coisa*? — perguntou ela.

Eu queria poder dizer que sim. Queria tanto ter visões de toda a corporação troglodita cavando no porão de Nero e desativando seus tonéis de fogo. Eu teria aceitado um sonho com Nico, Will e Rachel correndo ao nosso resgate, gritando bem alto e soprando vuvuzelas.

— Nada — respondi. — Mas ainda temos tempo.

— Aham. Vários minutos. Aí a festa começa e a cidade pega fogo. Mas beleza. Vamos nos concentrar no que podemos fazer. Tenho um plano para nos tirar daqui.

Senti um arrepio descer pela minha nuca quando pensei na minha conversa silenciosa com o guardião dos fasces.

— E eu tenho um plano sobre o que fazer quando sairmos.

Então nós dois dissemos juntos:

— Você não vai gostar.

— Ah, que alegria. — Eu suspirei. — Vamos ouvir o seu primeiro.

24

Nero, que atroz
Não quer ouvir minha flecha!
(Mas eu te entendo)

LU tinha razão.

Eu odiei o plano dela, mas como o tempo era curto e Gunther podia aparecer a qualquer minuto com nossos chapeuzinhos de festa e instrumentos de tortura variados, concordei em fazer minha parte.

Para ser sincero, eu também odiava o *meu* plano. Expliquei para Lu o que leontocefalino exigiria em troca dos fasces.

Lu bufava como um búfalo raivoso.

— Tem certeza?

— Infelizmente, sim. Ele guarda a imortalidade, então...

— Espera um sacrifício de imortalidade.

As palavras permaneceram no ar como fumaça de charuto — pesadas e sufocantes. Era para aquilo que todas as minhas provações me levaram — para aquela escolha. Era por isso que Píton vinha rindo de mim nos meus sonhos por meses. Nero tinha feito com que o preço de sua destruição me forçasse a abrir mão do que eu mais queria. Para destruí-lo, eu teria que abandonar minha divindade para sempre.

Lu coçou o queixo com a mão de garfo.

— Temos que ajudar Meg, custe o que custar.

— Concordo.

Ela assentiu, séria.

— Certo. Então é o que vamos fazer.

Engoli o gosto ferroso na boca. Estava disposto a pagar o preço. Se isso significava libertar Meg do Besta, libertar o mundo, libertar Delfos... eu estava pronto. Mas bem que Lu poderia ter relutado só um pouquinho em me sacrificar. *Ah, não, Apolo! Não faça isso!*

Mas a verdade era que nosso relacionamento já tinha passado do ponto de dourar a pílula, acho. Lu era prática demais para fazer isso. Era o tipo de mulher que não choramingava por ter perdido as duas mãos. Só prendia talheres nos cotocos com esparadrapo e seguia em frente. Ela não ia me dar tapinhas nas costas por fazer a coisa certa, por mais doloroso que fosse.

Ainda assim... Eu me perguntei se não estava deixando passar alguma coisa importante. Me perguntei se estávamos *mesmo* em sintonia. Lu tinha um olhar distante no rosto, como se estivesse calculando perdas no campo de batalha.

Talvez o que eu estivesse sentindo fosse sua preocupação com Meg.

Nós dois sabíamos que, em circunstâncias normais, Meg era totalmente capaz de escapar sozinha. Mas com Nero... Eu suspeitava que Lu, como eu, *queria* que Meg fosse forte o bastante para se salvar. Não poderíamos tomar aquelas decisões difíceis por ela. Mas mesmo assim era excruciante ficar parado enquanto o senso de independência de Meg era testado. Eu e Lu éramos como pais nervosos deixando a filha na escola no primeiro dia do jardim da infância... Só que no nosso caso o professor era um imperador homicida megalomaníaco. Pode nos chamar de doidos, mas não confiávamos no que Meg poderia aprender naquela sala de aula.

Lu me encarou mais uma vez, e pude imaginá-la guardando suas dúvidas e medos nos alforjes mentais para depois, quando tivesse tempo para isso e para sanduíches de pepino e cream cheese.

— Vamos ao trabalho — disse ela.

Não demorou muito até ouvirmos a porta do corredor se abrir com um estrondo e passos pesados se aproximarem da cela.

— Aja normalmente — mandou Lu, reclinando-se no sofá.

Eu me inclinei na parede e assobiei “Maneater”. Gunther apareceu com um monte de braçadeiras amarelo-néon nas mãos.

Fiz uma arminha com os dedos e apontei para ele.

— E aí, tudo em cima?

Ele respondeu com uma careta. Então olhou para Lu, com seus novos anexos de faqueiro, e abriu um sorriso.

— Tá *achando* que é o quê? HÁ-HÁ-HÁ-HÁ-HÁ-HÁ!

Lu ergueu o garfo e a faca.

— Estou achando que vou te fatiar, como o franguinho que você é.

Gunther começou a dar risadinhas, o que era assustador em um homem daquele tamanho.

— Lu burra. Você tem mãos de garfo e faca... HÁ-HÁ-HÁ-HÁ-HÁ! — Ele jogou as braçadeiras pelas barras. — Você, feiosinho, amarre os braços dela atrás das costas. Depois eu te amarro.

— Não — falei. — Acho que não.

A alegria dele se dissipou como espuma numa banheira.

— O que você disse?

— Se você quer nos amarrar — falei, bem devagar —, vai ter que fazer isso por conta própria.

Gunther franziu a testa, tentando assimilar que um adolescente estava lhe dizendo o que fazer. Claramente, ele não tinha filhos.

— Vou chamar outros guardas.

Lu deu uma risada debochada.

— Chama mesmo. Você não consegue dar conta da gente sozinho. Eu sou perigosa demais.

Ela ergueu a mão com a faca no que poderia ser considerado um gesto ofensivo.

O rosto de Gunther ficou cheio de manchas vermelhas.

— Você não manda mais em mim, Luguselwa.

— *Você não manda mais em mim* — imitou Lu. — Vai lá, vai pedir ajuda. Diz para eles que não consegue amarrar um moleque fracote e uma mulher sem mãos sozinho. Ou vem aqui, e eu vou amarrar *você*.

Gunther teria que morder a isca para o plano dar certo. Ele precisava entrar na cela. Com sua macheza bárbara em questão e a honra insultada por um mísero talher, Gunther não decepcionou. As barras do meio da cela se retraíram no chão. Gunther entrou a passos largos. Ele não notou o unguento que eu tinha espalhado ali na entrada — e pode acreditar, a pomada de queimadura de Will Solace é bem escorregadia.

Eu estava me perguntando para que direção Gunther cairia. Para trás, aparentemente. O calcanhar escorregou, suas pernas se dobraram, e a cabeça bateu com força no chão de mármore, e Gunther ficou estatelado de costas, gemendo, com metade do corpo dentro da cela.

— Agora! — gritou Lu.

Eu saí correndo para a porta.

Lu havia me contado que as barras da cela tinham sensores de movimento. Elas se ergueram, determinadas a impedir minha fuga, mas o design não levava em conta o peso de um germânico caído em cima delas.

As barras esmagaram Gunther no teto como se fossem uma empilhadeira hiperativa, depois o baixaram de novo, o mecanismo escondido gemendo e rangendo em protesto. Gunther uivou de dor. Chegou a ficar vesgo, a armadura totalmente amassada. Suas costelas não deviam estar em condições muito melhores, mas pelo menos as barras não tinham atravessado o germânico. Eu não queria testemunhar uma lambança do tipo, nem passar por isso.

— Pega a espada dele — ordenou Lu.

Eu obedeci. Então, usando o corpo de Gunther como ponte, passamos pelo unguento escorregadio, escapamos da cela, sendo observados pelo olho da câmera de segurança enquanto fugíamos.

* * *

— Aqui. — Lu indicou o que parecia ser a porta de um armário.

Eu dei um chute, só percebendo depois que 1) eu não tinha ideia do motivo; e 2) eu confiava em Lu o bastante para não perguntar.

Dentro do armário havia prateleiras cheias de itens pessoais — bolsas, roupas, armas, escudos. Eu me perguntei a que prisioneiros desafortunados pertenciam. Encostados em um canto no fundo estavam meu arco e minha aljava.

— Arrá! — Eu peguei tudo. Surpreso, tirei a Flecha de Dodona, a única que restava. — Graças aos deuses. Como é que você ainda está aqui?

ESTÁS JUBILOSO POR ME VER, comentou a flecha.

— Bom, achei que o imperador tinha ficado com você. Ou te jogado na lareira!

NERO NÃO VALE UM VINTÉM FURADO, disse a flecha. *ELE NÃO PERCEBE MEU BRILHANTISMO.*

Em algum lugar no corredor, um alarme começou a apitar. A luz no teto mudou de branca para vermelha.

— Dá para conversar com sua flecha depois? — sugeriu Lu. — Temos que ir!

— Certo — falei. — Para que lado ficam os fasces?

— Esquerda — disse Lu. — Então você vai para a direita.

— Espera, quê? Você disse que é para a esquerda.

— Isso.

— Isso o quê?

HOMESSA! A flecha vibrou na minha mão. *SÓ OUÇA A GAULESA!*

— *Eu* vou pegar os fasces — explicou Lu. — *Você* vai encontrar a Meg.

— Mas... — Minha cabeça girava. Era um truque? A gente tinha combinado, não? Eu estava pronto para o meu momento, meu grande sacrifício heroico. — O leontocefalino exige imortalidade por imortalidade. Eu tenho que...

— Pode deixar comigo — disse Lu. — Não se preocupe. Além disso, nós, celtas, já perdemos a maior parte dos nossos deuses muito tempo atrás. Não vou ficar parada enquanto outra divindade morre.

— Mas você não é...

Eu me interrompi. Ia dizer *imortal*. Então pensei em quantos séculos Lu já tinha vivido. Será que o leontocefalino aceitaria sua vida como pagamento?

Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Não — falei. — Meg não pode perder você.

Lu bufou.

— Não vou deixar ninguém me matar se puder evitar. Tenho um plano, mas você precisa correr. Meg está em perigo. O quarto dela fica seis andares acima. No extremo sudeste. Siga as escadas no final do corredor.

Comecei a reclamar, mas a Flecha de Dodona vibrou para chamar minha atenção. Eu precisava confiar em Lu. Precisava deixar a batalha para a melhor guerreira.

— Tá bom — cedi. — Posso pelo menos prender uma espada no seu braço?

— Não dá tempo — disse ela. — Ficaria desajeitado demais. Mas

espera aí. Aquela adaga ali. Tira da bainha e coloca aqui entre os meus dentes.

— Isso vai ajudar?

— Provavelmente não — admitiu ela. — Mas vai ficar maneiro.

Eu fiz o que ela pediu.

Agora ela estava à minha frente, LuBarba, a Pirata, o terror talherístico dos Sete Mares.

— Vareu — murmurou, com a faca na boca, o que talvez tenha sido um “valeu”. Então deu meia-volta e saiu correndo.

— O que que aconteceu aqui? — perguntei.

FIZESTE UMA AMIGA, disse a flecha. *AGORA RECARREGA TUA ALJAVA PARA NÃO TERES DE ME ATIRAR POR AÍ.*

— Certo.

Com as mãos trêmulas, recuperei todas as flechas ainda intactas que consegui encontrar no depósito dos prisioneiros e as guardei no meu arsenal. Os alarmes continuavam soando. A luz vermelha não diminuía a minha ansiedade.

Comecei a descer o corredor. Mal tinha chegado à metade quando a Flecha de Dodona estremeceu e berrou: *CUIDADO!*

Um segurança mortal com equipamento de proteção tático apareceu, correndo na minha direção com a pistola erguida. Não estando bem preparado, eu gritei e joguei a espada de Gunther nele. Por algum milagre, o cabo bateu bem na cara dele e o derrubou.

NÃO É DESTA FORMA QUE NORMALMENTE USAM-SE ESPADAS, comentou a flecha.

— Sempre me criticando — resmunguei.

MEG ESTÁ EM APUROS, disse ela.

— Meg está em apuros — concordei. Passei por cima do guarda mortal, agora caído no chão e gemendo de dor. — Sinto muito mesmo.

Dei um chute no nariz dele, e o guarda parou de se mexer e começou a roncar. Segui em frente, às pressas.

Cheguei à toda na escada e subi dois degraus de cada vez. A Flecha de Dodona permanecia bem firme na minha mão. Eu provavelmente deveria tê-la guardado e preparado o arco com flechas normais, mas para a minha surpresa percebi que os comentários shakespearianos constantes davam uma força à minha frágil autoestima.

Do piso acima de mim, dois germânicos entraram na escada e me atacaram com lanças a postos.

Agora sem nem a espada de Gunther, estiquei a mão livre, fechei os olhos e gritei como se isso fosse fazê-los sumir, ou pelo menos aliviar a dor da morte.

Meus dedos arderam. Chamas rugiram. Os dois germânicos gritaram de terror, depois silêncio.

Quando abri os olhos, minha mão estava envolvida por fumaça,

mas intacta. Chamas lambiam a tinta descascada das paredes. Nos degraus acima de mim havia duas pilhas de cinzas onde antes estavam os germânicos.

TU DEVERIAS FAZER ISSO MAIS VEZES, aconselhou a flecha.

A ideia me deixava de estômago embrulhado. Antes, eu teria me sentido felicíssimo por invocar o poder de incinerar meus inimigos. Mas depois de conhecer Lu, me perguntei quantos desses germânicos realmente queriam servir a Nero e quantos foram forçados ao serviço sem ter escolha. Muita gente já tinha morrido. Minha questão era só com uma pessoa, Nero, e um réptil, Píton.

DEPRESSA, disse a flecha com grande urgência. *SINTO... SIM. NERO ENVIOU GUARDAS PARA BUSCAR MEG.*

Eu não tinha certeza de como ela havia conseguido essa informação — se estava monitorando o sistema de segurança do prédio ou ouvindo às escondidas a linha direta psíquica de Nero —, mas a notícia me fez trincar os dentes.

— Ninguém vai pegar a Meg enquanto eu estiver aqui — rosnei.

Guardei a Flecha de Dodona em uma das aljavas e peguei um projétil do tipo não shakespeariano.

Subi as escadas aos pulos.

Estava preocupado com Luguselwa, que devia estar enfrentando o leontocefalino àquela altura. Estava preocupado com Nico, Will e Rachel, de quem não tinha visto nenhum sinal nos meus sonhos. Estava preocupado com as forças do Acampamento Meio-Sangue, que talvez estivessem lançando uma missão de resgate suicida naquele exato momento. Mais do que tudo, estava preocupado com Meg.

Para encontrá-la, eu lutaria sozinho com aquela torre inteira se fosse preciso.

Cheguei ao próximo andar. Quantos Lu tinha falado? Cinco? Seis? Quantos eu já tinha subido? Argh, eu odiava números!

Empurrei com o ombro a porta de outro corredor branco sem graça e corri para onde eu imaginava que fosse o sudeste.

Chutei uma porta e descobri (tentem não ficar muito surpresos) que estava no lugar totalmente errado. Eu me deparei com uma sala de controle ampla iluminada por dezenas de monitores. Muitos mostravam imagens ao vivo dos imensos reservatórios de metal — os poços de fogo grego de Nero. Técnicos mortais se viraram e me encararam de boca aberta. Germânicos ergueram os olhos e franziram a testa. Um deles, que devia ser o comandante, julgando pela qualidade da armadura e o número de contas brilhantes na barba, me avaliou com desdém.

— Vocês ouviram a ordem do imperador — rosnou ele para os técnicos. — Vamos acender o fogo *AGORA*. E, guardas, matem esse tolo.

25

Cuidado, TI!
Não toque nesse botão!
Agora já era

QUANTAS VEZES eu já tinha falado aquelas palavras? *Matem esse tolo.*

Nós, deuses, repetíamos frases assim o tempo todo, mas nunca consideramos o preço. Tipo, tolos de verdade podem *morrer*. E, naquele caso, o tolo era eu.

Um microssegundo de avaliação da sala me mostrou dez inimigos em diferentes estágios de preparação. No canto mais distante, quatro germânicos estavam reunidos em um sofá caindo aos pedaços, comendo comida chinesa em embalagens de delivery. Três técnicos estavam sentados em cadeiras de rodinhas, mexendo em painéis de controle. Eram seguranças humanos, todos com pistolas, mas estavam concentrados demais no próprio trabalho para representarem ameaça imediata. Um guarda mortal estava parado bem ao meu lado, surpreso por eu ter aberto a porta que ele estava monitorando. Ah, olá, tudo bem? Um segundo guarda estava do outro lado da sala, tomando conta da outra saída. Então só restava o líder dos germânicos, que agora se levantava da cadeira e sacava a espada.

Tantas perguntas passaram pela minha mente.

O que os técnicos mortais viam através da Névoa?

Como eu escaparia dali vivo?

Como o Líder Bárbaro conseguia se sentar confortavelmente naquela cadeira de rodinhas enquanto carregava uma espada?

Aquele cheiro era de frango ao limão? E será que tinha um pouco para mim?

Fiquei tentado a dizer *Sala errada!*, fechar a porta e disparar pelo corredor, mas como os técnicos tinham acabado de receber a ordem de colocar fogo na cidade, aquilo não era uma opção.

— POR FAVOR! — cantei automaticamente. — PAREM AGORA!

Todo mundo ficou paralisado — talvez porque minha voz tivesse poderes mágicos, ou talvez porque eu estivesse bem desafinado. Com a mão do arco dei um soco na cara do guarda parado ao meu lado. Se você nunca foi socado por alguém segurando um arco, eu não recomendo. O arco causava um efeito parecido com o de um soco inglês, a diferença era que machucava bem mais a mão do arqueiro. Cara da Porta nº 1 caiu.

Do outro lado da sala, o Cara da Porta nº 2 ergueu a arma e atirou.

A bala soltou faíscas ao ricochetear na porta ao lado da minha cabeça.

Vejam que curiosidade um antigo deus com conhecimento de acústica vai revelar agora: se você disparar uma pistola em um lugar fechado, vai deixar todo mundo ali dentro surdo. Os técnicos se encolheram e taparam os ouvidos. As caixas de comida chinesa dos germânicos voaram pelos ares. Até o Líder Bárbaro se levantou da cadeira aos tropeços.

Com os ouvidos zumbindo, peguei o arco e atirei duas flechas ao mesmo tempo — a primeira derrubando a pistola do Cara da Porta nº 2 e a segunda prendendo a manga de sua camisa à parede. Sim, o ex-deus do arco e flecha aqui ainda sabia o que estava fazendo!

Os técnicos voltaram a atenção para o painel de controle. O grupo da comida chinesa tentava sair do sofá. O Líder Bárbaro me atacou com a espada de duas mãos, apontada direto para a minha barriguinha mole.

— Arrá!

Eu tentei fazer uma manobra escorregando para longe. Na minha mente, tinha parecido tão simples; eu deslizaria pelo assoalho sem fazer esforço, desviando do ataque do Cara Líder, passando por baixo das pernas dele enquanto atingia vários alvos do chão. Se Orlando Bloom conseguiu em *O Senhor dos Anéis*, por que eu não conseguiria?

Eu me esqueci de levar em conta que o chão daquela sala era acarpetado. Caí de bunda, e o Líder Bárbaro tropeçou por cima de mim, dando de cara na parede.

Porém consegui fazer um disparo — uma flecha que ricocheteou no painel de controle do técnico mais próximo e o derrubou da cadeira de surpresa. Eu rolei para o lado quando o Líder Bárbaro se virou e me atacou. Sem tempo para preparar outro disparo, simplesmente peguei uma flecha e enfiei na canela dele.

O Líder Bárbaro berrou de dor. Fiquei de pé às pressas e pulei nos painéis de controle.

— Para trás! — gritei para os técnicos, me esforçando ao máximo para mirar uma flecha em cada um dos três.

Enquanto isso, os Quatro da Comida Chinesa se engalfinhavam com as espadas. O Cara da Porta nº 2 tinha soltado a manga da camisa da parede e tentava recuperar a pistola que caíra no chão.

Um dos técnicos fez menção de pegar sua arma.

— NADA DISSO! — gritei, atirando uma flecha de advertência, empalando a cadeira a um milímetro da virilha dele.

Eu não queria machucar humanos inofensivos (nossa, nem acredito que escrevi mesmo essa frase), mas tinha que evitar que esses caras chegassem perto dos botõezinhos malditos que destruiriam Nova York.

Preparei mais três flechas ao mesmo tempo e fiz tudo que pude para parecer ameaçador.

— Fora daqui! Xô!

Os técnicos pareciam tentados — era, afinal, uma oferta muito justa —, mas seu medo de mim aparentemente não era maior que o medo dos germânicos.

Ainda gemendo de dor por conta da flechada na perna, o Líder Bárbaro gritou:

— Façam o seu trabalho!

Os técnicos se jogaram nos tais botõezinhos. Os quatro germânicos me atacaram.

— Desculpa, gente.

Eu atirei as flechas, acertando cada técnico no pé, o que, esperava eu, seria distração suficiente para que eu cuidasse dos germânicos.

Transformei o bárbaro mais próximo em pó com uma flecha no peito, mas os outros três não pararam. Pulei bem no meio deles: socando com o arco, dando cotoveladas, enfiando minhas flechas em tudo que é canto. Com mais um tiro de sorte, derrubei mais um dos Caras da Comida Chinesa, depois me afastei o suficiente para jogar uma cadeira no Cara da Porta nº 2, que tinha acabado de encontrar sua arma. Uma das pernas de metal o apagou na hora.

Ainda restavam dois germânicos com manchas de frango ao limão. Quando eles atacaram, eu corri entre eles, com o arco na horizontal e na altura do rosto, e acertei ambos em cheio no nariz. Eles tropeçaram para trás, e eu atirei mais duas flechas à queima-roupa. Não foi muito ético, mas *foi* eficiente. Os germânicos desabaram em pilhas de cinzas e arroz.

Eu estava me sentindo o maioral... até alguém me atingir na nuca. A sala ficou vermelha e roxa. Caí de quatro, rolando para me defender, e vi o Líder Bárbaro de pé à minha frente, com a ponta da espada bem na minha cara.

— Chega! — rosnou ele. Sua perna estava encharcada de sangue, minha flecha ainda presa à canela como um adereço de Halloween. Ele latiu para os técnicos: — LIBEREM AS BOMBAS!

Em uma última tentativa desesperada de intervir, cantei, em uma voz que teria feito Tom Petty se encolher de vergonha:

— NÃO FAÇA ISSO COMIGO!

O Líder Bárbaro aproximou a espada do meu pomo de adão.

— Se cantar mais uma palavra, corto suas cordas vocais fora.

Tentei desesperadamente pensar em outros truques que poderia tentar. Eu estava indo tão bem! Não podia desistir. Mas caído no chão, exausto, machucado e com adrenalina vibrando nos ouvidos, minha cabeça começou a girar. Minha visão duplicou. O Líder Bárbaro flutuava acima de mim. Seis técnicos borrados com flechas nos sapatos voltaram mancando para os painéis de controle.

— Tá demorando por quê? — gritou o germânico.

— A... A gente está tentando, senhor — disse um dos técnicos. — Os controles não estão... Não estou vendo nenhuma medição.

Os dois rostos embaçados do Líder Bárbaro me encararam com raiva.

— Que bom que você ainda não morreu. Porque vou te matar *bem devagar.*

Estranhamente, eu fiquei feliz. Posso até ter sorrido. Será que os painéis tinham sofrido algum curto-circuito quando pisei neles? Maneiro! Talvez eu morresse, mas tinha salvado Nova York!

— Já tentou reiniciar? — perguntou o segundo técnico.

Ficou óbvio que ele era o chefe na assistência técnica do mal.

O técnico nº 3 engatinhou para baixo da mesa e remexeu nos fios.

— Não vai funcionar! — gemi, com a voz rouca. — Seu plano diabólico foi destruído!

— Na verdade, funcionou — anunciou o técnico nº 1. — As medições estão corretas. — Ele se virou para o Líder Bárbaro. — É para eu...?

— PRECISA PERGUNTAR? — berrou o germânico. — VAI!

— Não! — gritei.

O Líder Bárbaro apertou ainda mais a ponta da espada na minha garganta, mas não o bastante para me cortar. Pelo visto estava falando sério sobre me causar uma morte lenta.

Os técnicos apertaram seus botõezinhos malditos. Encararam os monitores cheios de expectativa. Fiz uma prece silenciosa, torcendo para que a área metropolitana de Nova York perdoasse meu mais recente e terrível fracasso.

Os técnicos remexeram mais um pouco nos botões.

— Tudo parece normal — disse o técnico nº 1, em um tom confuso que indicava que tudo *não* parecia normal.

— Não estou vendo nada acontecer — disse o Líder Bárbaro, observando os monitores. — Cadê o fogo? As explosões?

— Eu... não entendo. — O técnico nº 2 bateu no monitor. — O combustível não está... não está indo a lugar nenhum.

Não consegui me segurar. Comecei a rir.

O germânico me deu um chute no rosto. Doeu tanto que tive que rir ainda mais.

— O que você fez com meus poços de fogo? — exigiu saber. — *O que você fez?*

— Eu? — Dei uma gargalhada. Meu nariz parecia quebrado. Eu estava cuspindo muco e sangue de um jeito que devia estar superatraente. — Nada!

Ri da cara dele. Era simplesmente tão perfeito. A ideia de morrer ali, cercado de comida chinesa e bárbaros, parecia perfeita demais. Ou as máquinas do fim do mundo de Nero tinham quebrado sozinhas, ou

eu tinha causado mais danos aos controles do que imaginava, ou, em algum lugar nas profundezas do prédio, algo tinha dado certo, para variar um pouco, e eu devia um novo chapéu a um troglodita.

Pensar nisso me fez rir histericamente, o que doeu bastante.

O Líder Bárbaro soltou uma cusparada.

— Agora eu te mato.

Ele ergueu a espada... e parou. Seu rosto ficou pálido. Sua pele começou a se ressecar. A barba caiu, pelo por pelo, como folhinhas de pinheiro. Por fim, a pele se desfez, assim como a carne e as roupas, até o germânico não passar de um esqueleto pálido, erguendo a espada nas mãos cadavéricas.

Parado atrás dele, tocando o ombro do esqueleto, estava Nico di Angelo.

— Melhor assim — disse ele. — Agora, pode descansar.

O esqueleto obedeceu, baixando a espada e se afastando de mim.

Os técnicos choramingavam, apavorados. Eram mortais, então não tenho certeza do que *achavam* ter visto, mas sabiam que boa coisa não era.

Nico olhou para eles.

— Fujam.

Eles tropeçaram uns nos outros para obedecer. Não conseguiam correr muito bem, com as flechas nos pés, mas passaram pela porta antes que eu conseguisse dizer: *Santo Hades, o garoto acabou de transformar o cara em um esqueleto.*

Nico olhou para baixo, me encarando com a testa franzida.

— Você está péssimo.

Eu dei uma risada fraca, fazendo a meleca borbulhar.

— Eu sei!

Meu senso de humor não pareceu acalmá-lo.

— Vamos tirar você daqui — disse Nico. — O prédio inteiro é uma zona de combate, e nosso trabalho ainda não terminou.

26

Torre divertida
Vou gargalhando e subindo
Meg! Glória! Bonés!

QUANDO NICO me ajudou a ficar de pé, o Líder Bárbaro caiu e se transformou numa pilha de ossos.

Acho que controlar um esqueleto animado e tirar minha bunda do chão era demais até para Nico.

Ele era surpreendentemente forte. Tive que apoiar quase todo o meu peso nele, porque a sala ainda girava, minha cara latejava e eu ainda sofria de um ataque de riso quase fatal.

— Cadê... cadê o Will? — perguntei.

— Não sei. — Nico puxou meu braço com mais força em volta de seus ombros. — De repente, ele falou “Precisam de mim” e saiu correndo para o outro lado. A gente vai descobrir para onde ele foi depois. — Mesmo assim, Nico parecia preocupado. — E você? Como foi que você... hum, fez tudo isso?

Acho que ele se referia às pilhas de cinzas e arroz, às cadeiras quebradas, aos painéis de controle danificados e ao sangue dos meus inimigos decorando as paredes e o carpete. Tentei não rir como um maluco.

— Sorte, acho?

— Ninguém tem tanta sorte. Acho que seus poderes divinos estão começando a voltar. Tipo, voltar *mesmo*.

— Oba! — Meus joelhos falharam. — E a Rachel?

Nico gemeu, tentando me manter de pé.

— Estava bem da última vez que a vi. Foi ela que me mandou aqui para buscar você... Está tendo mil visões desde ontem. Ela ficou com os troglos.

— A gente conseguiu os troglos! Ieeei!

Apoiei a cabeça na de Nico e suspirei, contente. O cabelo dele tinha cheiro de terra molhada de chuva... era um aroma agradável.

— Você está cheirando a minha cabeça?

— Hum...

— Pode parar? Está me sujando de sangue de nariz.

— Foi mal. — Então caí na risada de novo.

Nossa, pensei, meio distante. *Aquele chute na cara* deve mesmo *ter afrouxado o meu cérebro*.

Nico foi meio que me arrastando pelo corredor enquanto me contava suas aventuras com os troglos. Eu não conseguia me

concentrar e ficava rindo em momentos inapropriados, mas entendi que, sim, os troglos tinham ajudado os semideuses a desativar os reservatórios de fogo grego. Rachel tinha conseguido pedir ajuda ao Acampamento Meio-Sangue, e a torre de Nero era no momento o maior cenário urbano de guerra do mundo.

Já eu contei a ele que Lu agora tinha talheres no lugar das mãos...

— Quê?

Ela foi pegar os fasces de Nero com o leontocefalino...

— Com o *quê?*

E eu tinha que ir até o extremo sudeste da ala residencial para buscar Meg.

Isso, pelo menos, Nico entendeu.

— Você está três andares abaixo.

— Eu *sabia* que tinha alguma coisa errada!

— Vai ser difícil passar você por todas as batalhas. Cada andar está, bem...

Chegamos ao fim do corredor. Ele chutou uma porta e entramos na Sala de Reuniões Calamitosa.

Meia dúzia de trogloditas quicavam pela sala, lutando contra meia dúzia de seguranças mortais. Além das roupas e dos chapéus chiques, os troglos usavam visores grossos e escuros, para proteger os olhos da luz, então pareciam aviadores em miniatura em uma festa à fantasia. Alguns guardas tentavam atirar neles, mas os troglos eram pequenos e rápidos. Mesmo quando eram atingidos, as balas ricocheteavam na pele dura como pedra, fazendo-os sibilar de irritação. Outros seguranças tinham puxado seus cassetetes, que não tiveram utilidade alguma. Os troglos pulavam em volta dos mortais, atacando-os com pauladas, roubando os capacetes e basicamente se divertindo como nunca.

Meu grande amigo, Grr-Fred, Senhor dos Chapéus, Chefe de Segurança, pulou de um lustre, acertando a cabeça de um guarda, e pousou na mesa de conferências, sorrindo para mim. Tinha coberto seu chapéu de polícia com um boné de beisebol que dizia TRIUNVIRATO S.A.

— ÓTIMO COMBATE, *Lester*-Apolo!

Ele bateu os punhozinhos no peito, então arrancou um aparelho de teleconferência da mesa e o jogou na cara de um guarda que se aproximava.

Nico me guiou pelo caos. Passamos por outra porta e demos de cara com um germânico, que Nico empalou com sua espada de ferro estígio sem nem diminuir o passo.

— A zona de pouso do Acampamento Meio-Sangue fica logo à frente — disse ele, como se nada tivesse acontecido.

— Zona de pouso?

— Aham. Basicamente todo mundo veio ajudar.

— Até Dioniso?

Eu pagaria uns bons dracmas para vê-lo transformar nossos inimigos em uva e pisar neles. Isso *sempre* fazia todo mundo rir.

— Bom, não o sr. D — disse Nico. — Você sabe como ele é. Deuses não lutam em batalhas de semideuses. Com exceção de você, claro.

— Eu sou uma exceção! — Dei um beijo no topo da cabeça de Nico, feliz.

— Por favor, não faz isso.

— Certo! Quem mais está aqui? Me conta! Me conta!

A sensação era de que ele estava me levando para minha festa de aniversário, e eu estava morrendo de curiosidade para saber quem tinha sido convidado. Além disso, a sensação também era a de que eu estava morrendo!

— Hum, bom...

Chegamos a uma porta de correr de mogno pesado.

Nico a empurrou, e o sol poente quase me cegou.

— Chegamos.

Uma varanda ampla cercava a lateral inteira do prédio, oferecendo uma vista multimilionária do rio Hudson e das montanhas de Nova Jersey, tingidas de vinho pelo pôr do sol.

Dali a cena era ainda mais caótica do que na sala de conferências. Pégasos mergulhavam no ar como gaivotas gigantescas, de vez em quando pousando para deixar desembarcarem mais reforços de semideuses com camisetas laranja do Acampamento Meio-Sangue. Torreões com arpões assustadores de bronze celestial ficavam encarapitados no guarda-corpo, mas a maioria tinha sido explodida ou amassada. Cadeiras e espreguiçadeiras pegavam fogo. Nossos amigos do acampamento enfrentavam com as próprias mãos dezenas dos soldados de Nero: alguns dos semideuses mais velhos da Casa Imperial de Nero, um esquadrão de germânicos, seguranças mortais e até alguns cinocéfalos — guerreiros com cabeça de lobo, garras assustadoras e presas afiadas e raivosas.

Junto à parede havia uma fila de árvores em vasos, como na sala do trono. Suas dríades tinham se erguido para lutar contra a opressão de Nero ao lado do Acampamento Meio-Sangue.

— Venham, irmãs! — gritava um espírito de fícus, brandindo um galho afiado. — Não temos nada a perder além dos nossos vasos!

No centro do caos, Quíron em pessoa cavalgava de lá para cá, a metade inferior de cavalo branco coberta de aljavas extras, armas, escudos e garrafas de água, como uma mistura de mãe de atleta semideus e minivan. Ele atirava com o arco tão bem quanto eu nos meus melhores momentos (mas é melhor deixar isso só entre nós), enquanto gritava palavras de incentivo e instruções para seus jovens

alunos.

— Denis, tente não matar semideuses ou mortais inimigos! Certo, bom, faça isso daqui para a frente, então! Evette, atenção ao flanco esquerdo! Ben... Eita, cuidado, Ben!

Esse último comentário foi direcionado a um rapaz com uma cadeira de rodas manual, o torso musculoso coberto por uma camiseta de corrida e usando luvas cobertas de spikes. O cabelo negro bagunçado voava para todos os lados, e quando ele se virou vi que havia lâminas saindo das laterais das rodas, acertando qualquer um que ousasse se aproximar. Seu último cavalinho de pau quase tinha acertado as patas traseiras de Quíron, mas felizmente o velho centauro era rápido.

— Foi mal! — gritou Ben com um sorriso, sem parecer nem um pouco arrependido, depois acelerou a cadeira em direção a um grupo de cinocéfalos.

— Pai! — Kayla veio até mim. — Ah, pelos deuses, o que houve com você? Nico, cadê o Will?

— Essa é uma ótima pergunta — respondeu ele. — Kayla, pode ficar com Apolo enquanto vou procurar?

— Claro, vai lá!

Nico saiu correndo enquanto Kayla me arrastava para o canto mais seguro que conseguiu encontrar. Ela me colocou na única espreguiçadeira intacta e começou a revirar seu kit de primeiros socorros.

Eu tinha uma vista maravilhosa para o pôr do sol e para o massacre. Fiquei me perguntando se conseguiria fazer algum dos servos de Nero me trazer um drinque chique com um guarda-chuvinha. Comecei a rir de novo, embora o que restasse da minha sanidade sussurrasse: *Para com isso. Para agora. Não tem graça nenhuma.*

Kayla franziu a testa, claramente preocupada com meu bom humor. Ela passou um unguento curativo com cheiro de menta no meu nariz detonado.

— Ah, pai. Sinto muito, mas acho que você vai ficar com uma cicatriz.

— Eu sei. — Dei uma risadinha. — Estou tão feliz de ver você.

Kayla se forçou a abrir um sorriso, sem muito sucesso.

— Eu também. Foi um dia louco. Nico e os troglos se infiltraram no prédio por baixo. Nós atacamos a torre por vários andares ao mesmo tempo para deixar a segurança confusa. O chalé de Hermes desarmou várias das armadilhas, os torreões e tudo mais, mas ainda estamos enfrentando uma batalha ferrenha basicamente em todos os andares.

— Estamos ganhando? — perguntei.

Um germânico gritou quando Sherman Yang, o conselheiro

principal do chalé de Ares, o jogou do guarda-corpo.

— Não dá para saber — respondeu Kayla. — Quíron disse para os novatos que era um passeio. Tipo um treinamento. Eles vão aprender, mais cedo ou mais tarde.

Analisei a área. Muitos dos campistas de primeira viagem, alguns com onze, doze anos no máximo, lutavam lado a lado de olhos arregalados com os outros membros dos seus chalés, tentando imitar tudo que os conselheiros faziam. Pareciam tão jovens... Por outro lado, eram semideuses. Provavelmente já tinham sobrevivido a inúmeros eventos assustadores em seus poucos anos de vida. E Kayla tinha razão — as aventuras não esperariam que estivessem prontos. Eles tinham que correr atrás, e quanto mais cedo, melhor.

— Rosamie! — chamou Quíron. — Levante essa espada, querida!

A menininha sorriu e ergueu a lâmina, interceptando o golpe do cassetete de um dos guardas. Ela acertou o rosto do inimigo com a lateral da espada.

— A gente faz esses passeios toda semana? É tão legal!

Quíron abriu um sorriso pesaroso, então continuou a atirar flechas nos inimigos.

Kayla fez o melhor curativo que pôde no meu rosto — passando gaze ao redor do meu nariz e me fazendo ficar vesgo. Me imaginei como o Homem Quase Invisível e caí na risada de novo.

Kayla fez uma careta.

— Certo, tenho que acalmar você. Beba isso. — Ela levou um frasco aos meus lábios.

— É néctar?

— Definitivamente, *não*.

O sabor explodiu na minha boca. Na mesma hora percebi o que ela estava me dando para beber e o motivo: Mountain Dew, o elixir verde-berrante da perfeita sobriedade. Não sei que efeito tem em mortais, mas pergunte a qualquer entidade sobrenatural e saiba que a combinação de açúcar, cafeína e sabor *je-ne-sais-quoi-peut-être-radioactif* do Mountain Dew é o suficiente para trazer total concentração e seriedade a qualquer deus. Minha visão clareou. Meu bom humor sumiu. Fiquei com zero vontade de rir. Uma sensação dolorosa de perigo e morte iminente apertou meu coração. Mountain Dew é equivalente ao servo que anda atrás do imperador em suas paradas triunfais sussurrando *Lembre-se, você é mortal e vai morrer* para evitar que ele fique muito metido.

— Meg — falei, lembrando o mais importante. — Preciso encontrar Meg.

Kayla assentiu, séria.

— Então é isso que vamos fazer. Trouxe umas flechas extras para você. Achei que fosse precisar.

— Você é a filha mais dedicada do mundo.

Ela ficou vermelha até as raízes ruivas do cabelo.

— Consegue andar? Melhor irmos logo.

Corremos para dentro e pegamos um corredor que Kayla achava que levaria às escadas. Abrimos outra porta e nos vimos na Sala de Jantar Desastrosa.

Sob outras circunstâncias, poderia ter sido um lugar ótimo para um jantar formal: mesa para vinte convidados, um lustre Tiffany, lareira gigante toda de mármore e painéis de madeira nas paredes com nichos para bustos de mármore — todos retratando o mesmo imperador romano. (Quem chutou Nero ganhou uma lata de Mountain Dew.)

Não fazia parte dos planos de jantar: um touro selvagem vermelho de alguma forma tinha conseguido chegar àquela sala e agora perseguia um grupo de jovens semideuses em volta da mesa enquanto as crianças gritavam insultos e atiravam os pratos, taças e talheres dourados de Nero. O touro não parecia ter percebido que poderia simplesmente atropelar a mesa de jantar e chegar aos semideuses, mas eu suspeitava de que chegaria à essa conclusão logo, logo.

— Argh, esses troços — reclamou Kayla quando viu o touro.

Pensei que essa seria uma excelente descrição na enciclopédia de monstros do acampamento. *Argh, esses troços* era realmente tudo que se precisava saber sobre os *tauri silvestres*.

— Eles não podem ser mortos — avisei quando nos juntamos aos outros semideuses na dança das cadeiras em volta da mesa.

— É, eu sei. — O tom de voz de Kayla dava a entender que ela já passara por uma lição rápida sobre os touros selvagens durante aquela divertida excursão. — Ei, gente! — falou ela para os jovens companheiros. — Precisamos atrair esse troço lá para fora. Se a gente conseguir fazer o touro cair da varanda...

Do outro lado da sala, as portas se abriram com um estrondo. Meu filho Austin surgiu, o saxofone tenor a postos. Percebendo que estava do lado da cabeça do touro, ele gritou um “Eita!”, então soltou um meio-tom afiado no sax que deixaria Coltrane orgulhoso. O touro recuou com o susto, sacudindo a cabeça, contrariado, enquanto Austin pulava a mesa e deslizava até o nosso lado.

— Oi, gente — cumprimentou ele. — Já estamos nos divertindo?

— Austin — disse Kayla, aliviada. — Preciso atrair esse touro lá para fora. Você pode...? — Ela apontou para mim.

— Estamos brincando de passe-o-Apolo? — Austin sorriu. — Claro. Vamos nessa, pai. Vem comigo.

Enquanto Kayla organizava os jovens semideuses e começava a atirar flechas para fazer o touro segui-la, Austin me empurrou por uma porta lateral.

— Para onde, pai? — Ele foi muito educado e não perguntou por

que meu nariz estava enfaixado ou por que meu hálito cheirava a Mountain Dew.

— Tenho que achar Meg — falei. — Três andares acima, extremo sudeste.

Austin continuou correndo comigo pelo andar, mas seus lábios se franziram, dando ao rosto um ar de preocupação.

— Acho que ninguém conseguiu chegar até lá no meio dessa batalha, mas vamos nessa.

Encontramos uma escadaria circular chique que nos levou a um andar acima. Atravessamos um labirinto de corredores, depois nos jogamos contra uma porta estreita que dava na Chapelaria dos Horrores.

Trogloditas tinham encontrado a cornucópia do aviamento. O imenso closet devia servir como a chapelaria de Nero, porque havia inúmeros casacos de outono e inverno pendurados nas paredes. Prateleiras lotadas de cachecóis, luvas e, sim, todo tipo imaginável de chapéus e bonés. Os troglos reviravam a coleção com júbilo, empilhando seis, sete chapéus na cabeça, experimentando echarpes e galochas para aumentar seu incrivelmente civilizado senso de estilo.

Um troglo olhou para mim com seus óculos de proteção escuros, fios de baba escorrendo dos lábios.

— Chapéééééus!

Só consegui sorrir e assentir, passando cuidadosamente pelos cantos do closet, esperando que nenhum dos troglos nos confundisse com um larápio de cartolas.

Por sorte, eles não nos deram atenção. Saímos do outro lado do closet em um hall de mármore com vários elevadores.

Senti uma onda de esperança. Supondo que essa era a entrada principal dos andares residenciais de Nero, onde seus convidados mais queridos seriam recepcionados, estávamos nos aproximando de Meg.

Austin parou na frente de um teclado numérico com o símbolo do SPQR em baixo-relevo dourado.

— Parece que esse elevador dá diretamente nos apartamentos imperiais. Mas precisamos de um cartão de acesso.

— Escada?

— Sei, não. Tão perto do QG do imperador, aposto que todas as passagens estarão trancadas e cheias de armadilhas. O pessoal do chalé de Hermes já tomou a parte de baixo das escadas, mas duvido que tenham chegado até aqui. Somos os primeiros. — Ele tocou de leve as teclas do saxofone. — Talvez eu conseguisse abrir o elevador com a sequência correta de tons...?

Sua voz foi morrendo quando as portas se abriram sozinhas.

Dentro do elevador estava um jovem semideus com cabelo louro bagunçado e roupas civis amarrotadas. Dois anéis dourados brilhavam

nos dedos médios. Cassius arregalou os olhos quando me viu. Era óbvio que não esperava me encontrar nunca mais. Parecia que as últimas vinte e quatro horas de sua vida tinham sido quase tão ruins quanto as minhas. Seu rosto estava pálido, os olhos, inchados e vermelhos de tanto chorar. Pelo visto, ele tinha desenvolvido um tique nervoso que atravessava seu corpo em intervalos irregulares.

— Eu... — Sua voz falhou. — Eu não queria... — Com as mãos tremendo, ele tirou os anéis de Meg e os estendeu para mim. — Por favor...

Ele olhou para um ponto ao longe. Estava óbvio que só queria ir embora, sair daquela torre. Admito que senti uma onda de raiva. Aquela criança tinha cortado as mãos de Luguselwa com as espadas de Meg. Mas ele era tão pequeno e estava tão assustado... Parecia que esperava que eu me transformasse no Besta e o punisse por ter seguido as ordens de Nero. Era o que o imperador teria feito.

Minha raiva passou. Deixei que ele colocasse os anéis de Meg na palma da minha mão.

— Pode ir.

Austin pigarreou.

— É, mas, primeiro... Que tal esse cartão de acesso?

Ele apontou para um retângulo plastificado pendurado no pescoço de Cassius. Era tão parecido com uma identificação escolar que eu nem tinha reparado naquilo.

Cassius tirou o cartão do pescoço com certa dificuldade e o entregou para Austin antes de sair correndo.

Austin tentou ler minha expressão.

— Imagino que você conheça esse menino, certo?

— É uma longa e horrível história. Será que é seguro para a gente usar o passe de elevador dele?

— Talvez sim, talvez não — respondeu Austin. — Vamos descobrir agora.

27

Lutar pessoalmente
Acho muito improvável
Videochamada?

AS MARAVILHAS não cessam.

O cartão funcionou. O elevador não nos incinerou ou despencou direto para a morte. Mas, diferentemente do elevador que eu pegara antes, aquele *tinha* música ambiente. Nós subimos devagar e sem pressa, como se Nero quisesse nos dar bastante tempo para apreciá-la.

Sempre achei que dá para julgar a qualidade de um vilão a partir de sua música de elevador. Música clássica? Vilania tradicional, sem imaginação. Jazz? Vilania maligna, com complexo de inferioridade. Pop? Vilania caduca tentando desesperadamente estar na moda.

Nero tinha escolhido uma trilha de clássicos suaves. Ah, bela jogada. Isso era vilania confiante. Vilania que dizia: *Já sou dono de tudo e tenho todo o poder. Relaxe. Você vai morrer logo, logo, então melhor aproveitar esse quarteto de cordas agradável.*

Ao meu lado, Austin remexia nas teclas do saxofone. Dava para ver que ele também estava preocupado com a trilha sonora.

— Preferia que fosse Kenny G — comentou ele.

— Seria bom.

— Ei, se a gente não escapar disso...

— Pode parar com esse papo — interrompi.

— Tá, mas eu queria dizer para você que fico feliz por a gente ter passado algum tempo juntos. Tipo... tempo *tempo*.

Aquelas palavras aqueceram meu coração mais do que a lasanha de Paul Blofis.

Eu entendia o que ele queria dizer. Enquanto Lester Papadopoulos, eu não tinha passado muito tempo com Austin, ou com qualquer outra pessoa, na verdade, mas já era *muito* mais do que quando eu era um deus. Eu e Austin passamos a nos conhecer não só como deus e mortal, ou pai e filho, mas como duas pessoas trabalhando juntas, se ajudando a passar pela vida que muitas vezes era difícil. Era um presente precioso.

Eu estava tentado a prometer que faríamos isso mais vezes se sobrevivêssemos, mas tinha aprendido que promessas são preciosas. Se você não tem certeza absoluta de que vai ser capaz de honrá-las, é melhor nem fazê-las, ensinamento que se aplica também a biscoitos de chocolate.

Em vez disso, sorri e apertei o ombro de Austin, sem confiar que eu

conseguiria dizer algo.

Foi impossível não pensar em Meg. Se tão pouco tempo com Austin tinha sido tão importante, como eu poderia explicar o que minhas aventuras com Meg haviam significado para mim? Eu tinha dividido quase minha jornada inteira com aquela garota boba, corajosa, irritante e maravilhosa. Eu *precisava* encontrá-la.

As portas do elevador se abriram. Entramos em um corredor com um mosaico no chão retratando uma procissão triunfal através da paisagem em chamas de Nova York. Era evidente que Nero estava se preparando havia meses, talvez anos, para criar aquele inferno independentemente das minhas ações. Isso era tão bizarro e ao mesmo tempo tão típico dele que nem consegui ficar com raiva.

Paramos logo antes do fim do corredor, que se ramificava em duas direções. Do corredor à direita vinha o som de muitas vozes conversando, copos brindando e até algumas risadas. Do corredor à esquerda não se ouvia nada.

Austin sinalizou para que eu esperasse. Então removeu com cuidado um tubo comprido de cobre do corpo do sax. Havia muitos anexos pouco convencionais no instrumento, incluindo uma bolsa cheia de paletas explosivas, escovas de boquilha que serviam de braçadeiras e um estilete para atacar monstros e críticos musicais irritantes. O tubo que ele escolheu naquele momento continha um espelhinho curvo na ponta. Ele esticou o instrumento pelo corredor como se fosse um periscópio, estudou os reflexos, depois o puxou de volta.

— Salão de festas à direita — sussurrou no meu ouvido. — Cheio de guardas, várias pessoas que devem ser os convidados. Biblioteca à esquerda, parece vazia. Se você tem que seguir na direção sudeste para encontrar Meg, vai ter que passar por essa confusão aí.

Cerrei os punhos, pronto para fazer o que fosse necessário.

Do salão de festas veio a voz de uma jovem fazendo um anúncio. Tive a impressão de ter reconhecido o tom educado e apavorado da dríade Areca.

— Obrigada pela paciência de todos! — disse ela aos convidados. — O imperador está só terminando algumas questões na sala do trono. Ah, e aquela, hum, confusãozinha nos andares inferiores vai ser resolvida em breve. Enquanto isso, por favor, sirvam-se de bolo e bebidas enquanto esperamos o... — sua voz engasgou — ... fogo começar.

Os convidados bateram palmas educadamente.

Preparei o arco. Eu queria entrar correndo naquela multidão, libertar Areca, atirar em todo mundo e pisar naquele bolo. Em vez disso, Austin me puxou pelo braço alguns passos para perto do elevador.

— Tem gente demais — falou. — Me deixe causar uma distração. Vou chamar a atenção do máximo de pessoas para a biblioteca e tentar fazer esse pessoal correr atrás de mim. Com sorte, vou liberar o caminho para você chegar até Meg.

Balancei a cabeça.

— É muito perigoso. Não posso deixar você...

— Ei. — Austin deu uma risadinha. Por um momento, vi minha antiga confiança divina nele, aquele olhar que dizia *Sou músico, pode confiar em mim.* — Perigoso faz parte da descrição do serviço. Pode deixar que eu faço isso. Espere aqui até eles virem atrás de mim. Depois vá procurar nossa menina. Te vejo do outro lado.

Antes que eu pudesse protestar, Austin correu até a esquina do corredor e gritou:

— Ei, idiotas! Vocês vão todos *morrer*!

Então ele levou o sax aos lábios e tocou com toda a força "Cai, cai, balão".

Mesmo sem os insultos, essa música em específico, quando tocada por um descendente de Apolo, provoca uma debandada cem por cento das vezes. Eu me encolhi na parede do elevador enquanto Austin disparava em direção à biblioteca, perseguido aos gritos por cinquenta ou sessenta germânicos e convidados irritados. Eu só podia torcer para que Austin encontrasse outra saída da biblioteca, ou aquela seria uma perseguição bem curta.

Eu me forcei a andar. *Vá procurar nossa menina*, dissera Austin.

Sim. Esse era o plano.

Corri para a direita e entrei no salão de festas.

* * *

Austin tinha esvaziado totalmente o lugar. Até Areca parecia ter seguido a manada depois do "Cai, cai, balão".

Para trás ficaram dezenas de mesinhas altas cobertas por toalhas de linho, salpicadas de glitter e pétalas de rosa, enfeitadas por esculturas de teca com pinturas de Manhattan em chamas. Até mesmo para Nero isso me pareceu exagerado. O bufê estava lotado com todos os aperitivos de festa possíveis, além de um bolo em camadas vermelhas e amarelas com tema de fogo. Uma faixa na parede dos fundos dizia FELIZ INFERNO!

Na outra parede, grandes painéis de vidro (sem dúvida bastante reforçado) tinham vista para a cidade, permitindo uma bela visão do inferno prometido que agora — graças aos troglos e seus chapéus magníficos — não aconteceria.

Em um canto, um palco pequeno havia sido montado com um microfone e alguns instrumentos: uma guitarra, uma lira e um violino.

Ah, Nero. Em uma piada doentia, sua intenção era tocar enquanto Nova York queimava. Sem dúvida os convidados ririam e aplaudiriam educadamente enquanto a cidade explodia e milhões morriam ao som de “Light My Fire”. E quem eram esses convidados? Os amiguinhos milionários do golfe do imperador? Semideuses adultos recrutados para o império pós-apocalíptico? Não importava quem fossem; eu esperava que Austin os tivesse levado direto para uma multidão de trogloditas acionistas irritados.

Ainda bem que não tinha sobrado ninguém no salão, ou eles teriam que enfrentar minha ira. Seja como for, acabei atirando uma flecha no bolo, o que não foi tão satisfatório.

Marchei pelo salão e então, impaciente com a imensidão do lugar, comecei a correr. No final, chutei uma porta, o arco a postos, mas só encontrei outro corredor vazio.

Porém, reconheci aquela área dos meus sonhos. Finalmente tinha chegado à ala da família imperial. Onde estavam os guardas? Os servos? Decidi que não importava. Bem à frente ficava a porta de Meg. Disparei até lá.

— Meg! — gritei ao empurrar a porta do quarto.

Não havia ninguém lá.

A cama estava perfeitamente arrumada com um edredom novo. As cadeiras quebradas tinham sido substituídas. O quarto cheirava a desinfetante, então o perfume de Meg fora apagado junto de qualquer sinal de sua rebelião. Nunca me senti tão deprimido e sozinho...

— Olá! — disse uma vozinha fina à esquerda.

Atirei uma flecha na mesa de cabeceira, rachando a tela de um laptop em que a cara de Nero aparecia em uma chamada de vídeo.

— Ah, não — disse ele, secamente, a imagem agora rachada e pixelada. — Você me pegou.

A imagem dele tremeu, grande demais e fora de foco, como se ele estivesse segurando o telefone sem estar acostumado com isso. Fiquei me perguntando se o imperador, assim como os semideuses, tinha que se preocupar com o mal funcionamento dos celulares, ou se o telefone divulgaria sua localização para os monstros. Então me dei conta de que não havia monstro pior que Nero em um raio de cinco mil quilômetros.

Baixei o arco. Tive que forçar minha mandíbula a relaxar para conseguir dizer qualquer coisa.

— Cadê a Meg?

— Ah, ela está ótima. Está aqui comigo na sala do trono. Imaginei que você passaria na frente desse monitor mais cedo ou mais tarde, aí poderíamos conversar sobre sua situação.

— *Minha* situação? Você está cercado. Acabamos com sua festinha infernal. Suas forças estão sendo derrotadas. Vou atrás de você agora,

e se sequer cogitar em encostar em uma das pedrinhas nos óculos da Meg, eu te mato.

Nero deu uma risadinha, como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo. Não peguei a primeira parte da sua resposta, porque minha atenção foi desviada por um movimento no corredor. Iiiii-Bling, CEO dos trogloditas, se materializou na porta do quarto de Meg com um sorriso de satisfação, a roupa antiga coberta de pó de monstro e tufos de pelo de touro vermelho, o chapéu tricorne cheio de várias aquisições recentes.

Antes que Iiiii-Bling dissesse qualquer coisa que anunciasse sua presença, balancei sutilmente a cabeça, avisando-o para ficar longe, fora do alcance da câmera do laptop. Eu não queria dar a Nero mais informação que o necessário sobre nossos aliados.

Era impossível identificar a expressão nos olhos de Iiiii-Bling por trás dos óculos escuros, mas sendo um troglo bem esperto, ele pareceu compreender.

Nero dizia:

— ... situação bem diferente. Você já ouviu falar de gás sassânida, Apolo?

Eu não tinha ideia do que se tratava, mas Iiiii-Bling pulou tão alto que quase deixou os sapatos de fivela para trás. Seus lábios se franziram em uma expressão de desgosto.

— Muito esperto, na verdade — continuava Nero. — Os persas usaram contra nossas tropas na Síria. Enxofre, betume e outros ingredientes secretos. Terrivelmente venenoso, causa uma morte horrível, é especialmente eficaz em espaços fechados como túneis... ou prédios.

Os pelos da minha nuca se arrepiaram.

— Nero. Não.

— Ah, eu acho que sim — retrucou ele, a voz ainda agradável. — Você me roubou a chance de colocar fogo na cidade, mas certamente não achava que esse seria meu único plano. O sistema de backup continua intacto. Você me fez o favor de juntar todo o acampamento grego num só lugar! Agora, com um simples apertar de botão, tudo abaixo do andar da sala do trono vai...

— Tem gente sua lá embaixo! — gritei, tremendo de ódio.

O rosto distorcido de Nero pareceu chateado.

— É uma pena, sim. Mas você me forçou a isso. Pelo menos minha querida Meg está aqui, além de alguns dos meus outros favoritos. Vamos sobreviver. O que você não parece perceber, Apolo, é que não é possível destruir contas bancárias com arco e flechas. Todos os meus bens, todo o poder que acumulei nos últimos séculos... está tudo a salvo. E Píton continua esperando receber seu corpo. Então que tal fazermos um acordo? Vou atrasar a liberação da minha surpresinha

sassânida em... digamos, quinze minutos. Deve ser tempo o bastante para você chegar à sala do trono. Vou deixar você, e *só* você, entrar.

— E Meg?

Nero ficou confuso.

— Como falei, Meg está ótima. Eu nunca a machucaria.

— Você... — Engasguei de tanta fúria. — Você não faz *nada* além de machucá-la.

Ele revirou os olhos.

— Suba aqui e vamos conversar. Vou até... — Ele parou e depois riu, como se surpreendido por uma inspiração súbita. — Vou até deixar Meg decidir o que fazer com você! Certamente isso é mais do que justo. Sua opção é: eu libero o gás agora, depois desço e pego seu corpo quando bem entender, junto com os de seus amigos...

— Não! — Tentei disfarçar o desespero na minha voz. — Não, eu vou subir.

— Excelente. — Nero abriu um sorriso presunçoso. — Não demore.

A tela ficou preta.

Eu me virei para Iiiii-Bling. Ele me encarou com uma expressão sombria.

— Gás sassânida é muito-*GRR*... ruim — disse. — Entendo por que a Profetiza Vermelha me mandou aqui.

— Vermelha... Está falando de Rachel? Ela lhe disse para vir atrás de mim?

Iiiii-Bling assentiu.

— Ela vê coisas, como você falou. O futuro. Os piores inimigos. Os melhores chapéus. Ela me disse para vir até este lugar.

Sua voz demonstrava um nível de reverência que sugeria que Rachel Elizabeth Dare receberia sopa de lagarto de graça pelo resto da vida. Eu sentia falta da minha Pítia. Queria que ela mesma tivesse vindo atrás de mim em vez de mandar Iiiii-Bling, mas como o troglo conseguia correr em velocidade supersônica e atravessar rochas sólidas, supus que sua escolha fizera sentido.

O CEO fez cara feia para a tela apagada e rachada do laptop.

— É possível que *Neeeee-ro* esteja blefando sobre o gás?

— Não — respondi, chateado. — Nero não blefa. Ele gosta de se exibir e depois fazer exatamente o que prometeu. Ele vai soltar o tal gás no segundo em que eu entrar na sala do trono.

— Quinze minutos — considerou Iiiii-Bling. — Não é muito tempo. Tente atrasá-lo. Vou reunir os troglos. Vamos desarmar esse gás, ou nos vemos no Subcéu!

— Mas...

Iiiii-Bling sumiu em uma nuvem de pó e pelo de touro.

Respirei fundo e tentei me acalmar. Os trogloditas tinham nos apoiado antes, quando eu não acreditava que fariam isso. Mas não

estávamos no subterrâneo agora. Nero não me contaria sobre o sistema de dispersão do seu gás venenoso se fosse fácil de encontrar ou desarmar. Se ele tinha a capacidade de fumigar aquele arranha-céu inteiro com o toque de um botão, eu nem imaginava como os troglos teriam tempo de impedi-lo, ou mesmo tirar nossos aliados do prédio com segurança. E quando eu enfrentasse o imperador, não teria chance de vencê-lo... a não ser que Lu tivesse sucesso em tirar os fasces do leontocefalino, e essa missão parecia impossível.

Por outro lado, não me restava muita escolha a não ser torcer. Eu tinha minha missão. Atrasar Nero. Encontrar Meg.

Marchei para fora do quarto.

Quinze minutos. Então eu acabaria com Nero, ou ele acabaria comigo.

28

São sinais do fim:
Tochas, muitas uvas, barbudos
Meg toda arrumada

AS PORTAS corta-fogo foram um toque de gênio.

Achei o caminho para o andar da sala do trono sem problemas. Os elevadores colaboraram. Os corredores estavam estranhamente calmos. Dessa vez, ninguém me recebeu na antessala.

Onde antes ficavam as portas douradas ornamentais, agora a entrada do santuário de Nero havia sido selada por imensos painéis de titânio e ouro imperial. Hefesto teria salivado ao ver aquilo; que belo trabalho em metal, com inscrições de feitiços poderosos de proteção dignos de Hécate. Tudo para manter um imperadorzinho melequento seguro no seu quarto do pânico.

Sem encontrar campainha, bati os nós dos dedos no titânio: *pam-pararam-pam*.

Ninguém deu as duas últimas batidinhas em resposta, como deveria ser, porque, afinal eram *bárbaros*. Em vez disso, no canto esquerdo superior da parede, a luzinha de uma câmera piscou, mudando de vermelho para verde.

— Ótimo. — A voz de Nero surgiu com um estalar do alto-falante no teto. — Você está sozinho. Garoto esperto.

Eu poderia ficar ofendido por ter sido chamado de “garoto”, mas tantas outras coisas me ofenderiam que achei melhor me controlar. As portas ressoaram, se abrindo só o suficiente para eu passar, depois se fecharam atrás de mim.

Dei uma olhada na sala em busca de Meg. Ela não estava à vista, o que me fez querer dar um pescotapa em Nero.

A sala estava basicamente igual. Ao pé do trono de Nero, os tapetes persas tinham sido substituídos para se livrar daquelas manchas de sangue chatas da amputação de Luguselwa. Os servos também não estavam por lá. Formando um semicírculo atrás do trono havia uma dezena de germânicos, alguns parecendo ter servido de alvo para o “passeio” do Acampamento Meio-Sangue. Onde Lu e Gunther estiveram antes, à direita do imperador, um novo germânico ocupava o lugar. Ele tinha uma barba branca grossa, uma cicatriz vertical profunda na lateral do rosto e uma armadura feita de peles costuradas de bichos que deixariam os defensores dos direitos dos animais nervosos.

Barras de ouro imperial haviam sido baixadas à frente das janelas,

fazendo a sala do trono parecer apropriadamente uma jaula. Dríades escravizadas estavam de pé, nervosas, perto de seus vasos. As crianças do Lar Imperial — só sete agora — permaneciam ao lado das plantas com tochas acesas nas mãos. Como Nero havia criado aqueles semideuses para serem desprezíveis, imaginei que estivessem dispostos a queimar as dríades se elas não cooperassem.

Minha mão estava apoiada perto do bolso da calça, onde eu havia guardado os anéis de ouro de Meg. Senti alívio ao perceber que pelo menos ela não estava com os irmãos de criação. Fiquei feliz por saber que o jovem Cassius tinha fugido dali. Eu me perguntei onde estavam as outras três crianças adotadas, se haviam sido capturadas ou derrotadas em batalha contra o Acampamento Meio-Sangue. Tentei não sentir satisfação com essa possibilidade, mas era difícil.

— Olá! — Nero parecia feliz de verdade em me ver. Ele se reclinou no sofá, comendo uvas de uma bandeja de prata ao seu lado. — Armas no chão, por favor.

— Cadê a Meg? — exigi saber.

— Meg...? — Nero fingiu confusão. Ergueu os olhos para a fileira de crianças com tochas. — Meg. Vamos ver... Onde foi que eu a deixei? Qual dessas é a Meg?

Os outros semideuses abriram sorrisos forçados, talvez sem saber se o bom e velho papaizinho estava brincando ou não.

— Ela está por perto — garantiu Nero, ficando sério de repente. — Mas, primeiro, armas no chão. Não quero correr o risco de você machucar minha filha.

— Você... — Eu estava tão irritado que nem consegui terminar a frase.

Como alguém era capaz de distorcer a verdade com tanta cara de pau e *ainda* parecer que acreditava no que estava falando? Como se defender de mentiras tão óbvias e ridículas que nem deveriam precisar de argumentos?

Coloquei meu arco e a aljava no chão. Duvidava que isso importasse. Nero não deixaria eu me aproximar se achasse que isso fosse uma ameaça.

— E o ukulele — acrescentou ele. — A mochila também.

Ah, ele era bom nisso.

Coloquei os dois itens ao lado das flechas.

Percebi que, mesmo se eu tentasse fazer qualquer coisa — mesmo se eu conseguisse lançar chamas com as mãos ou atirar na cara dele ou esmagar aquele sofazinho roxo ridículo —, nada importaria se os fasces ainda estivessem intactos. Ele parecia totalmente tranquilo, como se soubesse que era invulnerável.

Tudo que eu conseguiria se me comportasse mal seria machucar outras pessoas. As dríades seriam queimadas. Se os semideuses se

recusassem a fazer isso, então Nero mandaria os germânicos castigá-los. E se os germânicos hesitassem em seguir suas ordens... Bem, depois do que acontecera a Luguselwa, duvido que qualquer guarda ousaria ir contra Nero. O imperador mantinha todos naquela sala em uma teia de medo e ameaças. Mas e Meg? Ela era a única variável que eu podia torcer para funcionar a meu favor.

Como se lesse meus pensamentos, Nero abriu um sorrisinho para mim.

— Meg, querida — chamou ele. — Você já pode vir.

Ela surgiu por detrás de uma das colunas no fundo da sala. Dois cinocéfalos a flanqueavam. Os homens com cabeça de lobo não a tocavam, mas andavam tão perto que me fizeram lembrar cães pastoreando uma ovelha rebelde.

Meg parecia fisicamente bem, embora tivesse sido esfregada até os ossos. Toda aquela sujeira, gordura e cinzas acumuladas com trabalho árduo até chegar à torre tinham sido lavadas. Seu cabelo curto ganhara um corte joãozinho com camadas, dividido ao meio, deixando Meg um pouco parecida demais com as dríades. E as roupas: o vestido cor-de-rosa de Sally Jackson sumira. Em seu lugar, Meg usava uma toga roxa sem mangas presa à cintura por uma corda dourada. Os tênis vermelhos de cano alto foram trocados por sandálias também douradas. A única coisa que permanecia do seu antigo *visual* eram os óculos, sem os quais ela não enxergava, mas fiquei surpreso por Nero não ter tirado até mesmo isso.

Meu coração se partiu. Meg estava elegante e muito bonita. Ela também estava totalmente diferente de quem era. Nero tentara expurgar tudo que ela já fora, todas as escolhas que já havia feito, e substituí-la por outra pessoa: uma jovem digna do Lar Imperial.

Com inveja e raiva óbvias, os irmãos adotivos observaram Meg se aproximar.

— Aí está você! — disse Nero, animado. — Venha se sentar comigo, querida.

Meg me encarou. Tentei transmitir toda a minha preocupação e tristeza para ela, mas sua expressão permaneceu cuidadosamente neutra. Ela se aproximou de Nero, cada movimento calculado, como se qualquer passo em falso ou demonstração de sentimento pudesse detonar minas invisíveis ao seu redor.

Nero deu um tapinha na almofada ao seu lado, mas Meg não seguiu adiante, parando na base do estrado do trono. Escolhi considerar isso um bom sinal. O rosto de Nero se contorceu de desgosto, mas ele logo disfarçou, sem dúvida decidindo, como o vilão abusivo profissional que era, não pressionar mais que o necessário, manter a linha esticada sem rompê-la.

— Então, cá estamos! — Ele estendeu os braços para abarcar

aquela situação tão especial. — Lester, é uma pena que você tenha estragado nosso show de fogos. Poderíamos estar lá no salão agora mesmo, com nossos convidados, assistindo a um lindo pôr do sol sobre uma Nova York incinerada. Poderíamos estar comendo canapés e bolo. Mas não tem problema. Ainda temos muito a comemorar! Meg voltou para casa!

Ele se virou para o germânico de barba branca.

— Vercorix, me traga o controle remoto, sim?

Nero fez um gesto vago para a mesa de centro, onde uma bandeja preta brilhosa estava coberta de equipamentos eletrônicos.

Vercorix foi até lá com passos pesados e pegou o primeiro controle.

— Não, esse é da TV — interrompeu Nero. — Não, esse é do DVD. Isso, acho que é esse aí mesmo.

Senti um nó de pânico se formando na minha garganta quando percebi o que Nero queria: o controle para liberar o gás sassânida. Óbvio que ele o deixava com os controles da televisão.

— Ei! — gritei. — Você disse que Meg ia decidir.

Ela arregalou os olhos. Parecia não ter conhecimento do plano de Nero. Olhou de mim para ele, como se estivesse na dúvida de qual de nós a atacaria primeiro. Ver sua dúvida me deu vontade de chorar.

Nero abriu um sorrisinho.

— Ora, mas é claro que sim. Meg, minha querida, você já está a par da situação. Apolo falhou com você mais uma vez. Todos os planos dele falharam. Ele sacrificou a vida dos próprios aliados para chegar até aqui...

— Isso não é verdade! — interrompi.

Nero ergueu uma sobrancelha.

— Não? Quando eu avisei que essa torre era uma armadilha mortal para os seus amigos semideuses, você saiu correndo para salvá-los? Você se apressou para tirá-los do prédio? Eu lhe dei bastante tempo. Não. Você os *usou*. Deixou que continuassem lutando para distrair meus guardas de modo que pudesse chegar aqui despercebido e tentar recuperar sua preciosa imortalidade.

— Eu... Como é que é? Eu não...

Nero deu um tapão na bandeja de frutas, que caiu no chão com um estrondo. Uvas rolaram para tudo quanto era lado. Todos na sala do trono se encolheram, inclusive eu... o que obviamente era a intenção de Nero. Ele era um mestre da encenação. Sabia bem como deixar o público emocionado, tenso.

Ele colocou tanta indignação e honra na voz que até *eu* fiquei na dúvida se deveria acreditar nele.

— Você é um aproveitador, Apolo! Sempre foi. Deixa um rastro de vidas destruídas por onde quer que vá. Jacinto. Dafne. Marsias. Corônis. E seus próprios Oráculos: Trofônio, Herófila, a Sibila de

Cumas. — Nero se virou para Meg. — Você mesma já *viu* isso, querida. Sabe do que estou falando. Ah, Lester, eu vivo entre os mortais já faz milhares de anos. Sabe quantas vidas eu destruí? Nenhuma! Criei uma família de órfãos. — Ele indicou seus filhos adotivos, alguns dos quais se encolheram como se Nero fosse jogar uma bandeja de uvas neles. — Eu dei a eles luxo, segurança, amor! Empreguei milhares de pessoas. Melhorei o mundo! Mas você, Apolo, mal passou seis meses na Terra, e quantas vidas já destruiu nesse meio-tempo? Quantos morreram tentando te defender? Aquele pobre grifo, Heloísa. A dríade, Jade. Clave, o *pandos*. E, é claro... Jason Grace.

— *Chega* — rosnei.

Nero ergueu as mãos.

— Posso continuar? Só as mortes no Acampamento Júpiter: Don, Dakota. Os pais daquela coitadinha, Julia. E tudo isso para quê? Porque *você* quer ser deus de novo. Choramingou e reclamou de um lado a outro deste país, *duas* vezes. Então te pergunto: você *merece* ser um deus?

Ele tinha feito o dever de casa. Não era típico de Nero lembrar o nome de tantas pessoas com quem ele não se importava. Mas aquela era uma cena importante. Ele estava interpretando para todos nós, em especial para Meg.

— Você está distorcendo os fatos e mentindo! — gritei. — Como sempre fez com Meg e essas pobres crianças.

Eu não deveria ter chamado os semideuses de *pobres crianças*. Os sete jovens, segurando as tochas acesas, me olharam com raiva. Claramente não queriam minha pena. A expressão de Meg permaneceu neutra, mas seus olhos se desviaram de mim e recaíram na estampa intrincada do carpete. Era provável que não fosse um bom sinal.

Nero deu uma risadinha.

— Ah, Apolo, Apolo... Você quer me dar uma lição de moral sobre as *minhas* pobres crianças? Como foi que você tratou os *seus* filhos?

Ele começou a recitar uma lista das minhas falhas parentais, que eram inúmeras, mas eu não estava prestando atenção.

Fiquei me perguntando quanto tempo havia se passado desde que eu encontrara Iiiii-Bling. Por quanto tempo eu conseguiria manter Nero falando? Seria suficiente para os troglos desarmarem o gás venenoso, ou pelo menos esvaziarem o prédio?

Com aquelas portas corta-fogo fechadas e as janelas protegidas, eu e Meg estávamos sozinhos nessa. Teríamos que salvar um ao outro, porque ninguém mais poderia fazer isso. Eu tinha que acreditar que ainda éramos uma equipe.

— Inclusive agora... — continuava Nero — ... seus filhos estão lutando e morrendo lá embaixo, e você está aqui. — Ele balançou a

cabeça, enojado. — Vou te dizer uma coisa. Vamos lidar com essa questão de dedetizar minha torre mais tarde. — Ele deixou o controle remoto ao seu lado no sofá, fazendo parecer de alguma maneira que era uma concessão extremamente generosa da parte dele esperar mais alguns minutos antes de matar todos os meus amigos envenenados. Ele se virou para Meg. — Minha querida, você pode escolher, como prometi. Qual dos nossos espíritos da natureza vai ter a honra de matar esse ex-deus patético? Vamos forçá-lo a lutar a própria batalha, para variar.

Meg encarou Nero como se ele estivesse falando de trás para frente.

— Eu... não consigo...

Ela retorceu os dedos em que seus anéis de ouro costumavam ficar. Eu queria tanto devolvê-los a ela, mas tinha medo até de respirar. Meg parecia estar vacilando à beira de um abismo. Eu temia que qualquer mudança na sala — a mínima vibração no chão, uma mudança de luz, uma tosse ou um suspiro — pudesse ser o suficiente para que caísse.

— Não consegue escolher? — perguntou Nero, a voz exalando compaixão. — Entendo. Temos tantas dríades aqui, e todas merecem vingança. Afinal, essa espécie só tem um predador natural: os deuses do Olimpo. — Ele olhou para mim com uma careta. — Meg tem razão! Não vamos escolher. Apolo, em nome de Dafne e de todas as outras dríades que você atormentou ao longo dos séculos... decreto que *todas* as nossas amigas dríades terão permissão de destruí-lo. Vamos ver como você se defende quando não há semideuses para protegê-lo!

Ele estalou os dedos. As dríades não pareciam muito animadas em me destruir, mas as crianças do Lar Imperial aproximaram as tochas dos seus vasos, e algo nas dríades pareceu se partir, dominando-as de desespero, horror e raiva.

Talvez elas preferissem atacar Nero, mas, como não podiam, iam fazer o que lhes foi pedido. Elas me atacaram.

29

Queimar tantas árvores
Nesses tempos de alergias?
Espere espirros

SE ELAS ESTIVESSEM mesmo determinadas a me matar, eu teria morrido.

Eu já tinha visto grupos de dríades irritadas atacando. Não é algo a que qualquer mortal sobreviveria. Os espíritos arbóreos pareciam mais interessados em só interpretar esse papel. Elas se aproximaram de mim devagar, gritando, e de vez em quando olhavam por cima do ombro para se certificar de que os semideuses não haviam colocado fogo nas suas fontes de vida com as tochas.

Desviei dos dois primeiros espíritos de palmeira que me atacaram.

— Não vou lutar com vocês! — berrei. Uma fícus bem forte pulou nas minhas costas, me forçando a derrubá-la. — Não somos inimigos!

Uma figueira-lira hesitava, talvez esperando sua vez de pular em mim, ou só torcendo para não ser notada. Mas seu guarda semideus notou a hesitação. Ele baixou a tocha, e a figueira pegou fogo como se estivesse coberta de gasolina. A dríade gritou e entrou em combustão, transformando-se em uma pilha de cinzas.

— Parem! — disse Meg, mas sua voz era tão frágil que mal se ouvia.

As outras dríades começaram a me atacar de verdade. Suas unhas se transformaram em garras. Uma limeira criou espinhos no corpo inteiro e me envolveu em um abraço doloroso.

— Pare! — repetiu Meg, mais alto desta vez.

— Ah, querida, deixe as dríades tentarem — disse Nero enquanto elas se penduravam nas minhas costas. — Elas merecem vingança.

A fícus me prendeu em um mata-leão. Meus joelhos vacilaram sob o peso de seis dríades. Espinhos e garras rasgavam cada pedaço de pele exposta.

— Meg! — chamei, com a voz engasgada.

Meus olhos estavam arregalados. Minha visão embaçou.

— PAREM! — ordenou Meg.

As dríades pararam. A fícus chorava de alívio ao soltar meu pescoço. As outras se afastaram, me deixando de quatro, arfando sem ar, machucado e sangrando.

Meg correu até mim. Ela se ajoelhou e colocou a mão no meu ombro, observando com uma expressão agonizante os cortes, os arranhões e meu nariz quebrado. Eu teria ficado contente por receber

essa atenção dela se não estivéssemos no meio da sala do trono de Nero, ou se eu pudesse, tipo, respirar.

Sua primeira pergunta sussurrada não foi a que eu esperava:

— A Lu está viva?

Assenti, piscando para afastar as lágrimas de dor.

— Da última vez que a vi — sussurrei de volta —, ainda estava lutando.

Meg franziu a testa. Por um momento, seu antigo espírito pareceu retornar, mas foi difícil visualizá-la como era. Tive que me concentrar nos olhos dela, emoldurados pelos incrivelmente horríveis óculos de gatinho, e ignorar o novo corte de cabelo estiloso, o perfume de lavanda, o vestido roxo e as sandálias douradas e AI, PELOS DEUSES! Alguém tinha feito as unhas dos pés dela.

Tentei conter meu horror.

— Meg — falei. — Só tem uma pessoa nessa sala que você precisa ouvir: você própria. Confie em si mesma.

Eu disse isso com sinceridade, apesar de todos os meus medos e dúvidas, apesar de todas as minhas reclamações por Meg ser minha mestre. Ela havia me escolhido, mas eu também havia escolhido Meg. Eu confiava, *sim*, nela... não apesar de seu passado com Nero, mas por causa dele. Eu tinha visto sua luta. Tinha admirado seu progresso tão arduamente alcançado. Precisava acreditar nela pelo meu próprio bem. Ela era — que os deuses me ajudem — meu maior exemplo.

Tirei seus anéis de ouro do bolso. Ela se encolheu quando os viu, mas fiz questão de colocá-los em suas mãos.

— Você é mais forte que ele.

Se eu pudesse fazer com que Meg não olhasse para mais nada além de mim, talvez nós conseguíssemos sobreviver em uma bolha formada só pela nossa amizade, mesmo cercados pelo ambiente tóxico de Nero.

Mas ele não permitiria isso.

— Ah, minha querida. — Ele suspirou. — Eu aprecio seu coração bondoso. De verdade! Mas não podemos interferir na justiça.

Meg ficou de pé e o encarou.

— Isso não é justiça.

O sorriso dele diminuiu. Nero me encarou com uma mistura de pena e deboche, como se dissesse: *Agora olhe só o que você causou.*

— Talvez você tenha razão, Meg — concordou ele. — Essas dríades não têm a coragem ou a força para fazer o que é necessário.

Meg ficou tensa, aparentemente percebendo o que Nero pretendia fazer.

— Não...

— Vamos ter que tentar outra coisa, então.

Ele fez um gesto para os semideuses, que baixaram as tochas para os vasos de planta.

— NÃO! — gritou Meg.

A sala ficou verde. Uma tempestade de alérgenos explodiu do corpo de Meg, como se ela tivesse soltado uma temporada inteira de pólen em um único momento. Pó esverdeado cobriu a sala do trono inteira: Nero, seu sofá, os guardas, os tapetes, as janelas, as crianças. As tochas dos semideuses engasgaram e se apagaram.

As árvores das dríades começaram a crescer, as raízes quebrando os vasos e se ancorando no chão, folhas novas se desdobrando para substituir as queimadas, galhos engrossando e se esticando, ameaçando prender os guardas semideuses. Como não eram idiotas completos, os filhos de Nero fugiram às pressas das plantinhas recém-agressivas.

Meg se virou para as dríades. Estavam todas encolhidas, abraçadas, com marcas de queimadura nos braços.

— Podem ir se curar — disse Meg. — Vou manter vocês em segurança.

Com um choro coletivo de alívio, elas sumiram.

Nero tirou calmamente o pólen do rosto e das roupas. Seus germânicos pareciam imperturbáveis, como se aquele tipo de coisa acontecesse com frequência. Um dos cinocéfalos espirrou. O camarada de cabeça de lobo lhe ofereceu um lenço de papel.

— Minha querida Meg — disse Nero, com a voz seca —, já falamos sobre isso. Você precisa se controlar.

Meg cerrou os punhos.

— Você não tinha o direito de fazer isso. Não foi justo...

— Meg, por favor. — A voz dele ficou mais séria, indicando que sua paciência estava se esgotando. — Apolo ainda pode viver, se for o seu desejo. Não *temos* que entregá-lo a Píton. Mas se vamos correr esse tipo de risco, vou precisar de você ao meu lado com esses poderes maravilhosos. Seja minha *filha* de novo. Deixe que eu o salve para você.

Ela não disse nada. Sua pose irradiava teimosia. Imaginei minha amiga estendendo as próprias raízes, se firmando no lugar.

Nero suspirou.

— Tudo fica muito, muito mais difícil quando você desperta o Besta. Você não quer fazer a escolha errada de novo, quer? E perder mais alguém como perdeu seu pai?

Ele fez um gesto para a dezena de germânicos, a dupla de cinocéfalos, os sete semideuses adotivos, todos cobertos de pólen, todos nos encarando como se, ao contrário das dríades, estivessem mais que dispostos a nos destruir.

Eu me perguntei se conseguiria recuperar meu arco rápido o bastante, embora não estivesse em forma para um combate. Eu me perguntei quantos inimigos Meg conseguiria enfrentar com suas

cimitarras. Por melhor que ela fosse, eu duvidava que vencesse vinte e uma pessoas. E isso sem contar o próprio Nero, que tinha a constituição de um deus menor. Apesar da raiva, Meg parecia incapaz de encará-lo.

Imaginei Meg fazendo esses mesmos cálculos, talvez decidindo que não havia esperança, que a única chance de salvar minha vida fosse se entregando a Nero.

— Eu não matei meu pai — disse ela, a voz baixa e seca. — Eu não cortei as mãos de Lu nem escravizei essas dríades, nem deixei todos nós traumatizados. — Ela estendeu a mão em direção aos outros semideuses do Lar. — *Você* fez isso, Nero. Eu te odeio.

O imperador exibiu uma expressão triste e cansada.

— Entendo. Bom... se você se sente assim...

— Não tem nada a ver com *sentir* — interrompeu Meg. — Tem a ver com a verdade. Não vou mais ouvir você. E não vou mais usar as *suas* armas para as minhas lutas.

Ela jogou os anéis longe.

Deixei escapar um gritinho desesperado.

Nero riu.

— Isso, minha querida, foi burrice.

Para variar, eu estava tentado a concordar com o imperador. Não importava o quanto minha jovem amiga fosse boa com abóboras e pólen, não importava o quanto eu estivesse feliz por tê-la ao meu lado, eu não imaginava como poderíamos sair daquela sala vivos se não estivéssemos armados.

Os germânicos ergueram as lanças. Os semideuses imperiais sacaram as espadas. Os guerreiros de cabeça de lobo rosnaram.

Nero ergueu a mão, pronto para dar a ordem de matar, quando atrás de mim um *BUM!* violento fez a câmara tremer. Metade dos nossos inimigos caíram no chão. Rachaduras surgiram nas janelas e nas colunas de mármore. Partes do revestimento do teto caíram, soltando pó como sacos de farinha furados.

Eu me virei e vi as portas corta-fogo impenetráveis caídas e amassadas, além de um touro vermelho estranhamente magro de pé na entrada. Atrás do animal estava Nico di Angelo.

* * *

Não preciso nem dizer que eu não esperava que aquele tipo de penetra aparecesse na “festa”.

Ficou óbvio que Nero e os seguidores também não, e ficaram encarando, perplexos, o touro selvagem atravessar a porta. Onde antes ficavam os olhos azuis do touro agora só havia dois buracos escuros. O couro vermelho e peludo estava pendurado e solto em torno do

esqueleto reanimado feito um cobertor. Era uma coisa sem carne ou alma... só restava a vontade de seu mestre.

Nico observou a sala. Ele parecia pior que da última vez que eu o vira. O rosto estava coberto de cinzas, o olho esquerdo tão inchado que não abria. A camiseta tinha sido rasgada e a espada de lâmina negra pingava o sangue de algum monstro. O pior de tudo era que alguém (suponho que um troglo) tinha forçado Nico a usar um chapéu de caubói branco. Quase esperei que ele gritasse *iiiiiiirrá!* na voz menos animada de todas.

Para o bem de seu touro esquelético, Nico apontou para Nero e disse:

— Mate aquele ali.

O touro atacou. Os seguidores de Nero enlouqueceram. Os germânicos dispararam até a criatura feito zagueiros correndo atrás de um atacante, desesperados para alcançá-la antes que chegasse ao estrado do imperador. Os cinocéfalos uivaram e pularam na nossa direção. Os semideuses imperiais hesitaram, olhando de um para o outro em busca de orientações, tipo *Quem atacamos? O touro? O garoto emo? Nosso pai? Uns aos outros?* (Esse é o problema de criar seus filhos para serem assassinos paranoicos.)

— Vercorix! — guinchou Nero, a voz meia oitava mais aguda que o normal. Ele pulou no sofá, apertando enlouquecidamente botões a esmo no seu controle remoto do gás sassânida e, por fim, decidindo que aquele *não* era, na verdade, o controle do gás sassânida. — Me dê os outros controles! Rápido!

Na metade do caminho até o touro, Vercorix tropeçou e deu ré para a mesinha de centro, talvez se perguntando por que tinha aceitado a promoção e por que o próprio Nero não podia pegar a porcaria dos controles.

Meg puxou meu braço, me tirando do estupor.

— Levanta!

Ela me afastou do caminho de um cinocéfalo, que parou ao nosso lado de quatro, rosnando e babando. Antes que eu pudesse decidir se ia atacá-lo com as mãos nuas ou com meu hálito podre, Nico surgiu entre nós, a espada já em movimento. Ele cortou o lobisomem, transformando-o em poeira de monstro e pelo canino.

— Ei, pessoal — o olho inchado de Nico o deixava ainda mais feroz que o normal —, acho que é melhor vocês pegarem algumas armas.

Tentei me lembrar de como falar.

— Como você...? Espera, vou adivinhar... Rachel mandou você para cá.

— Aham.

Nossa reunião foi interrompida pelo segundo guerreiro de cabeça de lobo, que pulou para perto com mais cautela que seu companheiro

caído, chegando pela lateral e procurando uma abertura. Nico se defendeu com a espada e o assustador chapéu de caubói, mas eu tinha a sensação de que mais inimigos se aproximariam em breve.

Nero ainda estava gritando, de pé no sofá, enquanto Vercorix se atrapalhava com a bandeja de controles remotos. A alguns metros de mim, os germânicos tentavam matar o touro esquelético. Alguns dos semideuses imperiais correram para ajudá-los, mas três dos membros mais maldosos da família continuavam afastados, nos observando, sem dúvida ponderando a melhor forma de nos matar para receber uma estrelinha dourada do papai no painel de tarefas semanais.

— E o gás sassânida? — perguntei para Nico.

— Os troglos ainda estão trabalhando nisso.

Resmunguei um palavrão que não teria sido apropriado para os ouvidos de uma jovem como Meg, embora tenha sido Meg que tivesse me ensinado aquele palavrão específico.

— O pessoal do Acampamento Meio-Sangue saiu? — perguntou Meg.

Fiquei aliviado ao ouvi-la participar da conversa. Tive a sensação de que ela ainda era uma de nós.

Nico balançou a cabeça.

— Não. Estão lutando com os exércitos de Nero em todos os andares. Nós avisamos todo mundo sobre o gás, mas ninguém quer ir embora até vocês escaparem.

Senti uma onda de gratidão e irritação. Aqueles semideuses gregos, tão idiotas e maravilhosos, aqueles tolos corajosos e incríveis. Eu queria socar todos eles e depois lhes dar um abraço bem apertado.

O cinocéfalo saltou.

— Agora! — gritou Nico para nós.

Disparei em direção à entrada, onde havia deixado meus equipamentos, com Meg bem ao meu lado.

Um germânico voou por cima de nós, desmaiado após um coice do touro. O monstro zumbi estava a uns seis metros do estrado do imperador, lutando para chegar até lá, mas perdia velocidade sob o peso de uma dúzia de corpos. Os três semideuses suspeitos se aproximavam de nós, num curso paralelo ao nosso em direção à frente da sala.

Quando cheguei às minhas posses, já estava suando e arfando como se tivesse corrido uma maratona. Coloquei o ukulele nas costas, preparei uma flecha no arco e mirei nos semideuses, mas dois deles haviam desaparecido. Será que tinham se protegido atrás das colunas? Atirei na única ainda visível — Aemillia, acho? —, mas ou eu estava lento e fraco, ou ela era excepcionalmente bem treinada. Desviou da minha flecha e continuou correndo.

— Que tal arrumar algumas armas para você? — perguntei a Meg,

preparando outra flecha.

Ela indicou com o queixo a irmã adotiva.

— Vou pegar as dela. Você se concentra no Nero.

E então saiu correndo, na sua toga de seda e sandálias douradas, como se estivesse prestes a tocar o terror num evento black-tie.

Nico ainda duelava com o cara lobo. O touro zumbi finalmente sucumbiu sob o peso do Time Nero, o que significava que não demoraria muito para que os germânicos começassem a procurar novos alvos para atacar.

Vercorix tropeçou e caiu ao chegar ao sofá do imperador, derrubando a bandeja cheia de controles nas almofadas.

— Esse! É esse aqui! — gritava Nero, inutilmente, apontando para todos eles.

Mirei no peito de Nero. Eu estava pensando como seria ótimo acertar aquela flecha quando alguém surgiu do nada e me esfaqueou nas costelas.

Apolo espertinho! Eu havia encontrado um dos semideuses desaparecidos, vejam vocês.

Era um dos filhos mais velhos de Nero... Lucius, talvez? Eu teria pedido desculpas por não lembrar seu nome, mas como ele tinha acabado de enfiar uma adaga em mim e agora me apertava em um abraço mortal, decidi que poderíamos deixar as formalidades de lado. Minha visão escureceu. Meus pulmões não conseguiam se encher de ar.

Do outro lado da sala, Meg desarmada lutava com Aemillia e o terceiro semideus desaparecido, que aparentemente também estava escondido.

Lucius enfiou a adaga ainda mais fundo. Eu lutei, percebendo com um interesse médico distante que minhas costelas tinham feito seu trabalho, evitando que a lâmina chegasse aos meus órgãos vitais. Isso era ótimo, tirando a dor excruciante de ter uma adaga presa entre minha pele e minhas costelas, e a quantidade imensa de sangue que ensopava minha camisa.

Eu não conseguia me livrar de Lucius. Ele era forte demais e estava perto demais. Desesperado, levantei uma das mãos e enfiei o dedão no seu olho.

Ele gritou e se afastou, também desesperado. Ferimentos oculares... são os piores. Sou um deus da medicina e até *eu* fico com nojinho disso.

Eu não tinha forças para atirar outra flecha. Tropecei, tentando permanecer consciente enquanto escorregava no meu próprio sangue. Sempre é divertido quando Apolo vai para a guerra.

Em meio àquela névoa de agonia, vi Nero sorrir triunfantemente com um controle remoto erguido.

— Finalmente!

Não, rezei. *Zeus, Ártemis, Leto, qualquer um. NÃO!*

Não fui capaz de parar o imperador. Meg estava muito longe, mal conseguindo segurar os dois irmãos adotivos. O touro havia sido destruído em uma pilha de ossos. Nico tinha acabado com o lobisomem, mas agora enfrentava um grupo de germânicos irritados entre ele e o trono.

— Acabou! — gabou-se Nero. — Morte aos meus inimigos!

E ele apertou o botão.

30

Ficar vivo é
Difícil quando você
Só quer me matar

MORTE AOS MEUS INIMIGOS era um excelente grito de guerra. Um verdadeiro clássico, declamado com convicção!

Parte da dramaticidade se perdeu, porém, quando Nero apertou o botão e as venezianas das janelas começaram a se fechar.

O imperador resmungou um xingamento — talvez um ensinado por Meg — e mergulhou entre as almofadas do sofá, procurando o controle remoto *certo*.

Meg tinha desarmado Aemillia, como prometera, e agora girava a espada emprestada enquanto cada vez mais irmãos adotivos se aproximavam, ansiosos para participar da sua derrota.

Nico continuava entre os germânicos. Eram mais de dez guerreiros contra só um Nico, mas eles logo desenvolveram um respeito saudável pela lâmina de ferro estígio do filho de Hades. Até bárbaros aprendem rápido se a lição for afiada e dolorosa o bastante. Mas Nico não duraria muito contra tantos inimigos, em especial considerando que suas lanças tinham um alcance maior e só o olho direito de Nico funcionava. Vercorix latiu ordens para seus homens, mandando que circundassem o garoto. Infelizmente, o tenente parecia ter muito mais competência liderando suas forças do que encontrando controles remotos.

E eu? Como explicar a dificuldade de usar um arco depois de levar uma facada na barriga? Eu ainda não estava morto, o que confirmava que o golpe não tinha acertado nenhum órgão ou artéria importante, mas erguer o braço me dava vontade de berrar de dor. Efetivamente mirar e puxar o arco eram torturas piores do que tudo nos Campos de Punição, e Hades podia confirmar com isso.

Eu havia perdido bastante sangue. Estava suando e tremendo. Mesmo assim, meus amigos precisavam de mim. Eu tinha que fazer o que pudesse.

— Mountain Dew, Mountain Dew — murmurei, tentando clarear meus pensamentos.

Primeiro, chutei a cara de Lucius, derrubando-o, porque aquele serzinho escorregadio bem que merecia. Então atirei uma flecha em outro semideus imperial que estava prestes a esfaquear Meg pelas costas. Fiquei relutante em matá-lo, portanto atirei no tornozelo, fazendo o garoto gritar e saltitar pela sala do trono feito uma galinha.

Foi bem satisfatório.

Meu problema de verdade era Nero. Com Meg e Nico superocupados, o imperador tinha bastante tempo para procurar os controles entre as almofadas. O fato de que suas portas corta-fogo tinham sido destruídas não parecia diminuir seu entusiasmo para inundar a torre de gás venenoso. Talvez, por ser um deus menor, ele fosse imune. Talvez ele fizesse gargarejos matinais com gás sassânida.

Atirei no centro de gravidade do imperador, um tiro que deveria ter destruído seu esterno. Em vez disso, a flecha explodiu na toga dele. O tecido devia ter alguma magia protetora, ou talvez fosse criação de um alfaiate especialmente talentoso. Com uma dor horrível, preparei outra flecha. Dessa vez, mirei na cabeça dele. Estava puxando o arco devagar demais. Cada flecha era um martírio para meu corpo torturado, mas a mira foi perfeita. A flecha o atingiu bem no meio da testa e se desfez, inútil.

Ele fez uma careta para mim do outro lado da sala.

— Pare com isso!

E então voltou a procurar o controle remoto.

Fiquei ainda mais desesperado. Era óbvio que Nero ainda estava invulnerável. Luguselwa falhara em destruir os fasces. Isso significava que enfrentávamos um imperador três vezes mais poderoso que Calígula ou Cômodo, que não eram exatamente anjinhos inofensivos. Se Nero em algum momento deixasse de ficar obcecado com seu brinquedo de gás venenoso e resolvesse nos atacar, estaríamos mortos.

Nova estratégia. Mirei nos controles remotos. Quando ele pegou o próximo, eu atirei, fazendo o controle cair de sua mão.

Nero rosnou e pegou outro. Não consegui atirar rápido o suficiente.

Ele apontou o controle para mim e apertou os botões como se aquilo fosse apagar minha existência. Em vez disso, três televisões gigantes surgiram do teto e foram ligadas. A primeira mostrava o noticiário local: uma imagem ao vivo de um helicóptero circundando justamente aquela torre. Pelo visto, estávamos em chamas. A torre não era tão indestrutível assim, afinal. A segunda tela mostrava um torneio de golfe. A terceira estava dividida entre a Fox News e a MSNBC, que lado a lado deveriam bastar para criar uma explosão de antimatéria. Acho que era um sinal de como a vilania de Nero era apolítica, ou talvez uma evidência de sua dupla personalidade, se ele assistia às duas emissoras.

Nero resmungou de frustração e jogou o controle longe.

— Apolo, pare de lutar comigo! Você *vai* morrer de qualquer forma. Será que não *entende*? Sou eu ou o réptil!

Sua frase me abalou, fazendo minha flecha seguinte desviar para longe. Acertou a virilha do sofrido Vercorix, que encolheu os joelhos com dor enquanto a flecha corroía seu corpo até transformar-se em

poeira.

— Ih, cara — murmurei. — Foi mal *mesmo*.

Dos fundos da sala, atrás do estrado de Nero, mais bárbaros surgiram, marchando em defesa do imperador com as lanças a postos. Será que Nero tinha uma despensa cheia de reforços lá atrás? Que injusto.

Meg continuava cercada pelos irmãos adotivos. Tinha arrumado um escudo, mas estava totalmente sobrecarregada. Eu compreendia seu desejo de abandonar as cimitarras gêmeas que Nero lhe dera, mas estava começando a questionar o *timing* daquela decisão. Além disso, ela parecia determinada a não matar os jovens, mas os irmãos não pareciam tão hesitantes. Os outros semideuses fecharam o cerco em torno dela, os sorrisinhos confiantes indicando que estavam pressentindo a vitória iminente.

Nico estava ficando sem fôlego na sua batalha contra os germânicos. A espada parecia ficar cinco quilos mais pesada toda vez que ele a erguia.

Fui pegar outra flecha e percebi que só restava uma, descontando minha *coach* shakespeariana de Dodona.

Nero pegou mais um controle. Antes que eu pudesse mirar, ele apertou um botão. Um globo espelhado surgiu do meio do teto. Luzes piscavam. A música “Stayin’ Alive”, dos Bee Gees, começou a tocar, o que todo mundo sabe que é um dos Top Dez Sinais do Fim do Mundo no *Manual de Profecia para Idiotas*.

Nero jogou aquele controle longe e pegou... ah, deuses. O último controle remoto. O último é *sempre* o certo.

— Nico! — gritei.

Eu não tinha chance de derrotar Nero. Portanto, atirei no germânico entre o filho de Hades e o trono, destruindo por completo o bárbaro.

Abençoado seja aquele seu chapéu chique de caubói! Nico entendeu. Ele disparou, saindo do círculo de germânicos, e saltou na direção do imperador com toda a força que lhe restava.

O corte de cima para baixo de Nico deveria ter fatiado Nero da cabeça até o rabo de diabo, mas com a mão livre o imperador agarrou a lâmina e a segurou no ar. O ferro estígio sibilou e soltou fumaça. Sangue dourado escorreu por entre os dedos. Nero arrancou a espada de Nico e a jogou do outro lado da sala do trono. Nico pulou no pescoço do imperador, pronto para enforcá-lo ou transformá-lo em um esqueleto de Halloween, mas Nero lhe deu um tapa tão forte que fez o filho de Hades voar seis metros e bater na pilastra mais próxima.

— Seus tolos! Vocês não podem me matar! — rugiu Nero ao som de Bee Gees. — Eu sou imortal!

Ele apertou o botão no controle. Nada óbvio aconteceu, mas o

imperador gargalhou, divertindo-se.

— Pronto! É esse! Todos os seus amigos estão mortos agora! HÁ-HÁ-HÁ-HÁ-HÁ-HÁ!

Meg gritou, enraivecida. Tentou se esquivar do grupo de inimigos, assim como Nico conseguira, mas um dos semideuses a fez tropeçar. Ela caiu de cara no chão. A espada emprestada escapou de sua mão com um estrondo.

Eu queria correr para ajudá-la, mas sabia que estava longe demais. Mesmo se usasse a Flecha de Dodona, não conseguiria derrubar um grupo inteiro de semideuses.

Nós falháramos. Na torre abaixo de nós, nossos amigos morreriam sem ar; o acampamento inteiro seria destruído com o apertar de um botão.

Os germânicos ergueram Nico e o arrastaram até o trono. Os semideuses imperiais apontaram as armas para Meg, agora caída e indefesa.

— Excelente! — Nero sorria, feliz da vida. — Mas vamos nos organizar. Guardas, matem Apolo!

Os guardas germânicos se aproximaram de mim.

Tentei pegar meu ukulele, procurando desesperadamente em meu repertório uma música que produzisse uma incrível reviravolta da sorte. “I Believe in Miracles”? “Make It Right”?

Atrás de mim, uma voz conhecida rugiu:

— PAREM!

O tom era tão decidido que até os guardas de Nero e os semideuses imperiais se viraram para as portas corta-fogo quebradas.

No vão da porta estava Will Solace, irradiando uma luz brilhante. À esquerda estava Luguselwa, viva e bem, os talheres nos cotocos substituídos por adagas. À direita de Will estava Rachel Elizabeth Dare, segurando um grande machado envolto por vários feixes dourados: os fasces de Nero.

— *Ninguém* bate no meu namorado — ribombou Will. — E *ninguém* mata o meu pai!

* * *

Os guardas de Nero pareciam prontos para atacar, mas o imperador gritou:

— TODO MUNDO PARADO!

Sua voz saiu tão aguda que vários germânicos olharam para trás querendo se certificar de que tinha sido ele mesmo quem gritara.

Os semideuses da família imperial não pareciam nada contentes. Estavam prestes a dar a Meg o tratamento Júlio-César-no-Senado, mas, ao comando de Nero, contiveram os golpes.

Rachel Dare observou a sala do trono: os móveis e os bárbaros cobertos de pólen, as árvores gigantes das dríades, a pilha de ossos de touro, as janelas e colunas rachadas, as televisões berrando, Bee Gees tocando a toda, o globo de espelho girando.

— O que vocês estavam *fazendo* aqui? — murmurou.

Will Solace atravessou a sala com passos confiantes, gritando "Sai da frente!" para os germânicos, até chegar perto de Nico. Ele ajudou o filho de Hades a se levantar, depois arrastou-o para a entrada. Ninguém tentou impedi-los.

O imperador foi andando para trás devagarinho no estrado, estendendo a mão às costas como se para se certificar de que o sofá ainda estava ali caso ele precisasse desmaiar dramaticamente. Ignorou Will e Nico. Seus olhos estavam fixos em Rachel e nos fasces.

— Você... — Nero balançou o dedo para minha amiga ruiva. — Você é a Pítia.

Rachel carregava os fasces nos braços como se fosse um bebê, um bebê pesado, afiado e dourado.

— Rachel Elizabeth Dare — apresentou-se ela. — E no momento sou a garota com sua vida nas mãos.

Nero umedeceu os lábios. Franziu a testa. Então fez uma careta, como se estivesse exercitando os músculos do rosto antes de um solilóquio no palco.

— Vocês, hum... Vocês todos deveriam estar mortos.

Ele falou isso de um jeito educado e chateado ao mesmo tempo, como se brigasse com nossos camaradas por não terem ligado antes de aparecer para o jantar.

De trás de Luguselwa surgiu uma figura menor: Iiiii-Bling, CEO da Troglodita S.A., enfeitado por seis novos chapéus acima do tricorne. Seu sorriso era quase tão brilhante quanto o de Will Solace.

— Armadilhas de gás são... *CLIQUE*... complicadas! — comentou ele. — É bom ter certeza de que os detonadores estão funcionando!

Ele abriu a mão, e quatro baterias de nove volts caíram no chão.

Nero olhou de cara feia para os filhos adotivos, como se dissesse: "Vocês só tinham que fazer *uma única coisa*."

— E como exatamente...? — Nero piscou e estreitou os olhos. O brilho dos fasces parecia incomodá-lo. — O leontocefalino... Você não pode ter derrotado ele.

— Não mesmo. — Lu deu um passo à frente, me permitindo ver melhor seus novos anexos. Alguém (talvez Will) tinha trocado os curativos, colocado mais esparadrapo e colocado lâminas melhores no lugar, lhe dando um visual meio Wolverine de baixo orçamento. — Eu dei ao seu guardião o que ele exigia: minha imortalidade.

— Mas você não *tem*...

A garganta de Nero pareceu se fechar. Uma expressão de pavor

tomou seu rosto. Foi como ver alguém apertar um montinho de areia molhada, com água escorrendo pelos lados.

Tive que rir. Era totalmente inapropriado, mas foi uma sensação boa.

— Lu tem imortalidade — falei — porque *você* é imortal. Vocês dois estão ligados faz séculos.

Nero arregalou os olhos.

— Mas essa é a *minha* vida eterna! Você não pode trocar a minha vida pela minha vida!

Lu deu de ombros.

— Eu concordo que não faz muito sentido mesmo. Mas o leontocefalino pareceu achar... divertido.

Nero a encarou, incrédulo.

— Você estaria disposta a morrer só para me matar?

— Sem pensar duas vezes — respondeu Lu. — Mas não vai ser preciso. Eu sou só uma mortal normal agora. Destruir os fasces vai fazer o mesmo com você. — Ela indicou seus antigos companheiros germânicos. — E com todos os seus guardas também. Eles vão se libertar. Aí... vamos ver quanto tempo você vai durar.

Nero deu uma risada tão abrupta quanto a minha.

— Vocês não podem fazer isso! *Ninguém* entendeu ainda? Todo o poder do Triunvirato é meu agora. Meu fasces... — Seus olhos se iluminaram com uma esperança súbita. — Vocês ainda não o destruíram porque não *conseguem*. Mesmo se pudessem fazer isso, seria uma explosão de poder tão grande que transformaria todos vocês em cinzas. E mesmo se não se importassem em morrer, o poder... *todo* o poder que acumulei por séculos só iria para Delfos... para... para *ela*. Vocês não querem isso, podem acreditar!

O terror em sua voz era totalmente genuíno. Enfim me dei conta do pânico em que Nero vivia. Píton sempre fora o verdadeiro poder por trás do trono, uma titereira ainda mais manipuladora do que a mãe de Nero fora. Como a maior parte dos valentões, Nero havia sido moldado e influenciado por um abusador ainda mais poderoso.

— Você... Pítia — disse ele. — Raquel...

— Rachel.

— Foi o que eu disse! Eu consigo *influenciar* o réptil. Posso convencê-lo a devolver seus poderes. Mas, se me matar, tudo estará perdido. Ele... ele não pensa como um humano. Não tem compaixão, não tem misericórdia. Vai destruir o futuro do nosso povo!

Rachel deu de ombros.

— Me parece que você já escolheu seu povo, Nero. E não é a humanidade.

Nero correu os olhos desesperadamente pela sala. Parou e encarou Meg, que agora estava de pé, atenta, no meio do círculo de irmãos

imperiais.

— Meg, querida, conte para eles! Eu disse que deixaria você escolher. Confio na sua natureza boa, no seu bom senso!

Meg o encarou como fosse uma pintura de mau gosto, depois se voltou para os irmãos adotivos.

— O que vocês fizeram até agora… não é culpa sua. É culpa do Nero. Mas agora vocês precisam tomar uma decisão. Enfrentem Nero, como eu fiz. Baixem as armas.

— Sua ingrata — rosnou Nero. — O Besta…

— O Besta morreu. — Meg bateu na têmpora com a ponta do dedo. — Eu o matei. Entregue-se, Nero. Meus amigos vão deixar você viver em alguma prisão legal por aí. É mais do que você merece.

— Essa é a melhor oferta que você vai receber, imperador — comentou Lu. — Diga aos seus seguidores para se entregarem.

Nero parecia à beira das lágrimas. Era como se estivesse prestes a deixar para trás séculos de tirania e lutas pelo poder, pronto para trair seu mestre reptiliano. Vilania, afinal, era um trabalho árduo e pouco recompensador.

Ele respirou fundo. Então gritou:

— MATEM TODOS ELES!

E uma dúzia de germânicos correram na minha direção.

31

Um cabo de guerra
Só com deuses, sem crianças
Alguém viu o Lester?

TODOS NÓS tomamos decisões.

A minha foi dar meia-volta e correr.

Não que eu estivesse apavorado por ter uma dúzia de germânicos tentando me matar. Tá bom, sim, eu estava apavorado por ter uma dúzia de germânicos tentando me matar. Mas, além disso, estava sem flechas e sem forças. Queria muito me esconder atrás — quer dizer, ficar parado ao lado — de Rachel, Iiiii-Bling e minha velha amiga Wolverine Celta de baixo orçamento.

Mesmo assim… As palavras de Nero reverberavam nos meus ouvidos. Destruir os fasces poderia ser mortal. Eu não permitiria que ninguém mais corresse esse risco. Talvez o leontocefalino tivesse achado aquilo divertido por razões que Lu desconhecia. Talvez meu sacrifício não pudesse ser evitado assim tão facilmente quanto ela acreditava.

Eu tropecei e caí em Luguselwa, que conseguiu aparar minha queda sem me esfaquear. Will, ainda brilhando como um pisca-pisca esforçado, tinha apoiado Nico na parede e estava cuidando dos ferimentos do namorado. Com um assobio agudo de Iiiii-Bling, mais trogloditas entraram na sala, atacando as forças do imperador em uma confusão de guinchos, picaretas e chapéus estilosos.

Arfando, estendi as mãos para Rachel, abrindo e fechando os dedos.

— Me dá os fasces.

— Que tal um "por favor"? — sugeriu ela. — E "Nossa, sinto muito por ter te subestimado, Rachel, você na verdade é tipo uma rainha guerreira"?

— Sim, por favor, e obrigado, e tudo isso aí!

Lu fez uma careta.

— Apolo, você tem certeza de que consegue destruir os fasces? Quer dizer, sem se matar?

— Não e não — respondi.

Rachel ergueu os olhos para o nada, como se lesse uma profecia escrita nas luzes dançantes do globo de espelhos.

— Não consigo ver o resultado — falou, por fim. — Mas ele tem que tentar.

Peguei os fasces, com dificuldade para continuar de pé com todo aquele peso. A arma cerimonial zumbia e tremia feito o motor de um

carro superaquecido. A aura fez meus poros abrirem e meus ouvidos estalarem. Minha barriga voltou a sangrar, se é que tinha parado. Eu não estava feliz por ter sangue escorrendo pelo peito e entrando na cueca enquanto tinha algo importante a fazer. Sinto muito de novo, cueca.

— Me deem cobertura — falei para as duas.

Lu saltou para a batalha, cortando, esfaqueando e chutando qualquer germânico que passasse pelos trogloditas. Rachel tirou uma escova de cabelo de plástico azul da bolsa e a jogou bem no olho do bárbaro mais próximo, fazendo-o urrar de dor.

Sinto muito por ter te subestimado, Rachel, você na verdade é tipo uma ninja das escovas.

Preocupado, dei uma olhada na sala do trono. Meg estava bem. Estava *mais do que bem.* Tinha convencido os irmãos adotivos a baixar as armas e agora estava parada na frente deles feito uma general tentando animar suas tropas desmoralizadas. Ou — em uma comparação menos bajuladora — feito um dos adestradores de Hades tentando treinar uma matilha de novos cães infernais. No momento, os semideuses obedeciam a seus comandos e permaneciam ao seu lado, mas qualquer sinal de fraqueza de sua parte, qualquer mudança na temperatura da batalha, e eles eram capazes de perder a cabeça e matar todo mundo ao redor.

Não ajudava que Nero estivesse pulando sem parar no sofazinho, berrando:

— Matem o Apolo! Matem o Apolo!

Como se eu fosse uma barata que ele tivesse visto fugindo pelo chão.

Pelo bem de Meg, eu precisava correr.

Peguei os fasces com ambas as mãos e tentei dividi-los ao meio. O embrulho de feixes dourados brilhou ainda mais, esquentando e iluminando os ossos e a pele vermelha dos meus dedos, mas não cedeu.

— Por favor... — resmunguei, tentando de novo, torcendo para uma explosão de poder divino. — Se você precisa de outra vida imortal como sacrifício, eu estou aqui!

Talvez eu devesse me sentir idiota por negociar com um machado cerimonial romano, mas depois de todas as conversas com a Flecha de Dodona, parecia razoável tentar.

Os trogloditas faziam os germânicos parecerem aquele time bobo com quem os Harlem Globetrotters sempre jogavam. (Foi mal, Washington Generals.) Lu cortava, perfurava e se defendia com suas mãos de adaga. Rachel estava de pé à minha frente, me protegendo, e de vez em quando resmungando:

— Apolo, não temos o dia todo.

Isso não estava me ajudando nem um pouco.

Meg ainda tinha os irmãos sob controle, mas isso podia mudar. Ela estava falando com eles, encorajando-os, gesticulando para mim com um olhar que dizia *Apolo sabe o que está fazendo. Ele vai destruir nosso pai a qualquer momento. Podem acreditar.*

Quem dera se eu tivesse a mesma certeza que ela.

Respirei fundo, trêmulo.

— Eu consigo. Só preciso me concentrar. Não deve ser muito difícil me destruir, né?

Tentei quebrar os fasces no joelho, o que quase quebrou meu joelho.

Até que finalmente Nero perdeu a cabeça. Acho que tem um limite de quão divertido pode ser ficar pulando no sofá e gritando para seus asseclas.

— Mas será que eu tenho que fazer tudo sozinho? — gritou ele. — Vou ter que matar *todos* vocês? Estão esquecendo que EU SOU UM DEUS!

Ele saltou do sofá e marchou direto na minha direção, o corpo inteiro começando a brilhar, porque não era apenas Will Solace que tinha o direito de fazer isso. Ah, não. Nero tinha que brilhar também.

Troglos atacaram o imperador em bando. Nero os jogou longe. Germânicos que não saíram do caminho rápido o suficiente também foram jogados para o próximo fuso horário. Meg parecia querer enfrentar Nero, mas qualquer movimento para longe dos irmãos poderia destruir aquele equilíbrio delicado. Nico ainda estava meio inconsciente. Will continuava tentando despertá-lo.

Isso deixava Lu e Rachel como minha última linha de defesa. Eu não poderia permitir isso. Elas já haviam se colocado em perigo por mim vezes demais.

Talvez Nero fosse o menor dos deuses menores, mas ainda tinha força divina. Seu brilho aumentava conforme ele se aproximava dos fasces... assim como Will e como eu mesmo nos meus momentos de ira divina...

Um pensamento me ocorreu, talvez algo mais profundo que um pensamento, algum tipo de reconhecimento instintivo. Como Calígula, Nero sempre quis ser o novo deus do Sol. Ele havia criado aquele Colosso gigante e dourado com meu corpo e sua cabeça. Esses fasces não eram só seu símbolo de poder e imortalidade... eram o símbolo da sua reinvindicação de divindade.

O que foi que ele me perguntou antes...? *Você é digno de ser um deus?*

Essa era a questão central. Ele acreditava ser uma deidade melhor do que eu. Talvez tivesse razão, ou talvez nenhum de nós dois fosse digno. Só havia uma forma de descobrir. Se eu não conseguia destruir

os fasces, talvez pudesse contar com uma ajudinha divina...

— Saiam da frente! — falei para Lu e Rachel. — Elas olharam para trás como se eu fosse doido. — CORRAM! — gritei.

Elas se afastaram para os lados logo antes de Nero alcançá-las.

O imperador parou na minha frente, os olhos reluzindo de poder.

— Você perdeu — rosnou. — Me dê os fasces.

— Tire de mim, se conseguir.

Também comecei a brilhar. A claridade se intensificou ao meu redor, como havia acontecido meses antes em Indianápolis, mas devagar dessa vez, aumentando aos poucos. Os fasces pulsavam, me acompanhando e começando a superaquecer. Nero rosnou e agarrou o cabo do machado.

Para nossa surpresa mútua, a força do meu aperto foi igual à dele. Brincamos de cabo de guerra, puxando a lâmina para cá e para lá, um tentando matar o outro, sem sucesso. O brilho ao nosso redor aumentava em uma retroalimentação mútua, desbotando o carpete sob nossos pés, branqueando as colunas de mármore preto. Germânicos tiveram que parar de lutar para cobrir os olhos. Troglos gritaram e fugiram, os óculos escuros incapazes de protegê-los.

— Você... não vai... ganhar, Lester! — disse Nero por entre os dentes trincados, puxando os fasces com toda a sua força.

— Eu sou Apolo — retruquei, puxando na outra direção. — Deus do Sol. E eu... retiro... sua... divindade!

Os fasces racharam ao meio, o cabo se partiu, e os feixes e a lâmina dourados explodiram como uma bomba. Um tsunami de chamas me cobriu, além de centenas de anos da raiva, do medo e da voracidade acumulados de Nero: as malditas fontes de seu poder. Consegui me manter firme, mas Nero foi jogado para trás e caiu no carpete, as roupas fumegando, a pele salpicada de queimaduras.

Meu brilho começou a diminuir. Eu não estava machucado... ou pelo menos não mais do que antes.

Os fasces estavam quebrados, mas Nero continuava vivo e intacto. Será que tudo aquilo havia sido por nada?

Pelo menos ele não estava mais tão confiante. Na verdade, o imperador chorava, desesperado.

— O que foi que você fez? Não está vendo?

Foi só então que ele começou a se desfazer. Seus dedos se desintegraram. Sua toga se transformou em fumaça. Uma nuvem de glitter saiu da boca e do nariz, como se ele estivesse exalando sua força vital com as últimas respirações. O pior de tudo... esse glitter não desapareceu. Ele afundou, atravessando o tapete persa, escorrendo por entre os ladrilhos do piso, quase como se Nero estivesse sendo puxado — *arrastado à força* — para as profundezas, pouco a pouco.

— Você lhe deu a vitória — choramingou ele. — Você...
Os restos de sua forma mortal se dissolveram e foram absorvidos pelo chão.
Todos na sala do trono olharam para mim. Os germânicos baixaram as armas.
Nero finalmente se fora.
Eu queria sentir felicidade e alívio, mas só sentia exaustão.
— Acabou? — perguntou Lu.
Rachel estava ao meu lado, mas sua voz pareceu vir de muito, muito longe.
— Ainda não. Longe disso.
Minha consciência estava se esvaindo, mas eu sabia que Rachel tinha razão. Eu compreendia a verdadeira ameaça agora. Tinha que seguir em frente. Não havia tempo a perder.
Em vez disso, desfaleci nos braços de Rachel, desmaiado.

* * *

Eu me vi flutuando sobre outra sala de trono: o Conselho dos Deuses no Monte Olimpo. Tronos formavam um U em torno da grande lareira de Héstia. Minha família, por pior que fosse, assistia à imagem holográfica que flutuava acima das chamas. Era eu, desmaiado nos braços de Rachel, na torre de Nero.
Então... Eu estava assistindo a eles me assistindo... Enfim, vamos deixar os detalhes pra lá.
— Esse é o momento mais crítico — disse Atena. Estava usando sua armadura de sempre, com o capacete grande demais, que tenho quase certeza de que roubou de Marvin, o Marciano, dos Looney Tunes. — Ele está perigosamente próximo do fracasso.
— Hunf. — Ares se recostou e cruzou os braços. — Eu queria que ele se adiantasse logo. Apostei vinte dracmas de ouro nisso aí.
— Que coisa mais *cínica* de se dizer — comentou Hermes. — Além disso, são *trinta* dracmas, e eu caprichei nas suas chances. — Ele pegou um caderninho de capa de couro e um lápis. — Alguma aposta final, galera?
— Parem com isso! — rosnou Zeus.
Ele estava usando um terno preto e sóbrio, como se estivesse a caminho do meu funeral. Sua barba preta falhada estava bem penteada e tratada. Seus olhos brilhavam com relâmpagos controlados. Ele quase parecia preocupado com minha situação.
Por outro lado, era um ator tão bom quanto Nero.
— Temos que esperar pela batalha final — anunciou. — O pior ainda está por vir.
— Mas ele já não se provou o bastante? — questionou Ártemis.

Senti uma pontada no coração ao rever minha irmã. — Ele sofreu mais nesses últimos meses do que até *você* poderia prever! Seja qual for a lição que estava tentando lhe ensinar, querido pai, ele já aprendeu!

Zeus a encarou com raiva.

— Você não compreende tudo o que está em jogo aqui, filha. Apolo *deve* enfrentar o desafio final, pelo bem de todos nós.

Hefesto se esticou para a frente na poltrona reclinável, ajustando suas órteses nas pernas.

— E se ele fracassar, hein? Onze deuses olimpianos? É um número horrível, desequilibrado.

— Pode funcionar — retrucou Afrodite.

— Nem comecem, vocês dois! — repreendeu Ártemis.

Afrodite piscou várias vezes, bancando a inocente.

— O que foi? Só falei que alguns panteões têm *bem* menos do que doze deuses. Ou a gente poderia eleger um novo décimo segundo.

— Um deus de desastres climáticos! — sugeriu Ares. — Isso seria incrível. Eu me daria muito bem com alguém assim!

— Parem, todos vocês. — A rainha Hera até então estava recostada no trono, com um véu escuro sobre o rosto. Ela ergueu o tecido, e, para minha surpresa, seus olhos estavam vermelhos e inchados. Ela andara chorando. — Isso já se alongou demais. Perdas demais. Dor demais. Mas se meu *marido* insiste em esperar até o fim desse conflito, o mínimo que vocês podem fazer é não falar de Apolo como se ele já estivesse *morto*!

Nossa, pensei. *Quem é essa mulher e o que ela fez com minha madrasta?*

— Morto, não. Inexistente — corrigiu Atena. — Se ele falhar, seu destino será muito pior que a morte. Mas o que quer que aconteça começa agora.

Todos se inclinaram para a frente, encarando a imagem nas chamas enquanto meu corpo voltava a se mexer.

Eu havia retomado minha forma mortal, não mais olhando para os olimpianos, e sim para o rosto dos meus amigos.

32

Quase lá, galera
Enfim chegou a minha hora
Ei, que horas são?

— **EU ESTAVA** sonhando... — Apontei para Meg com a mão fraca. — E você não estava lá. Nem você, Lu. Nem Nico, Will...

Os dois rapazes trocaram olhares preocupados, sem dúvida se perguntando se eu tinha sofrido algum dano cerebral.

— Precisamos te levar para o acampamento — disse Will. — Vou pegar um dos pégasos...

— Não. — Tive que me esforçar para me sentar. — Eu... eu tenho que ir.

— Não, olha só para você — protestou Lu, bufando. — Está pior que eu.

Ela tinha razão, óbvio. No momento, eu duvidava que minhas mãos funcionassem tão bem quanto as lâminas de Lu. Meu corpo inteiro tremia de exaustão. Meus músculos pareciam fios elétricos gastos. Eu estava mais machucado que um time de rúgbi. Ainda assim...

— Não tenho opção — falei. — Néctar, por favor? E suprimentos. Mais flechas. Meu arco.

— Infelizmente ele tem razão — comentou Rachel. — Píton... — Ela travou o maxilar como se tentasse conter um arroto de gás de profecia viperina. — Píton está se fortalecendo a cada segundo que passa.

Todos pareceram tristes, mas ninguém discutiu. Depois de tudo pelo que passamos, como eles poderiam fazer isso? Meu confronto com Píton era só mais uma tarefa impossível em um dia de tarefas impossíveis.

— Vou pegar suprimentos.

Rachel deu um beijo na minha testa, depois saiu correndo.

— Arco e flechas saindo pra já — disse Nico.

— E o ukulele — completou Will.

Nico fez uma careta.

— A gente odeia mesmo Píton tanto assim? — Will ergueu a sobrancelha. — Tá bom.

Nico saiu correndo sem me beijar na testa, e tudo bem. Ele não conseguiria chegar à minha cabeça com aquele chapelão de caubói.

Lu me olhou de cara feia.

— Você se saiu muito bem, colega de cela.

Eu estava chorando? Teve algum momento nas últimas vinte e

quatro horas em que eu não estivesse chorando?

— Lu... Você é gente fina. Desculpe por não ter confiado em você.

— Que isso. — Ela acenou com uma das adagas. — Não tem problema. Também achei que você era bem inútil.

— Eu... eu não disse inútil...

— É melhor eu dar uma olhada na antiga família imperial — disse ela. — Os meninos estão parecendo meio perdidos sem a General Plantinha.

Lu deu uma piscadela para Meg antes de sair com passos pesados.

Will colocou um frasco de néctar nas minhas mãos.

— Beba isso. E isso também. — Ele me passou uma latinha de Mountain Dew. — E aqui, um unguento para seus ferimentos. — Ele passou o pote para Meg. — Você pode fazer as honras? Tenho que encontrar mais esparadrapo... Gastei meu estoque todo na Luguselwa Mãos-de-Adaga.

Ele saiu às pressas, me deixando sozinho com Meg.

Ela se sentou ao meu lado, de pernas cruzadas, e começou a passar o unguento nos meus machucados. Havia uma grande variedade de machucados para ela escolher. Eu alternava goles de néctar e Mountain Dew, o que era meio que alternar entre gasolina aditivada e gasolina comum.

Meg tinha jogado as sandálias douradas fora, andando descalça apesar das flechas, lixo, ossos e lâminas descartadas que cobriam o chão. Alguém tinha trazido uma camiseta laranja do Acampamento Meio-Sangue, que ela colocou por cima do vestido, deixando bem claro de que lado estava. Ainda parecia mais madura e sofisticada, ao mesmo tempo que também parecia com a minha Meg.

— Estou tão orgulhoso de você — falei. Definitivamente eu não estava chorando que nem um bebê. — Você foi tão forte. Tão incrível. Tão... AI!

Ela cutucou o ferimento de adaga na lateral da minha barriga, silenciando meus elogios de forma eficaz.

— É, eu sei. Tive que ser. Por eles.

Ela indicou com o queixo seus irmãos adotivos perdidos, que tinham se desesperado após a morte de Nero. Dois deles haviam começado a destruir a sala do trono, jogando coisas e gritando comentários odiosos enquanto Luguselwa e outros semideuses ficavam de olho, dando-lhes espaço, mas prestando atenção para que não se machucassem ou machucassem outras pessoas. Um dos filhos de Nero estava deitado em posição fetal, chorando entre dois campistas do chalé de Afrodite convocados como conselheiros de luto. Ali perto, um dos meninos imperiais mais novos parecia catatônico nos braços de um campista do chalé de Hipnos, que o acalentava e sussurrava canções de ninar.

No decorrer de uma tarde, as crianças do Lar Imperial tinham se transformado de inimigos em vítimas que precisavam de ajuda, e o Acampamento Meio-Sangue aceitara o desafio.

— Eles vão precisar de tempo — disse Meg. — E de muito apoio, como eu tive.

— Eles vão precisar de *você* — completei. — Você mostrou a eles uma forma de escapar.

Ela deu de ombros.

— Você está bem machucado.

Deixei que ela trabalhasse nos meus ferimentos, mas enquanto bebericava meu combustível de alta octanagem, considerei que talvez a coragem fosse um ciclo autoperpetuante, assim como a violência. Nero quis criar miniversões torturadas de si mesmo porque isso o fazia se sentir mais forte. Meg encontrara força para enfrentá-lo porque viu quanto seus irmãos adotivos precisavam que ela fizesse isso, que os mostrasse outra maneira de viver.

Não havia garantias. Os semideuses imperiais tinham lidado com tanta coisa por tanto tempo que alguns talvez nunca conseguissem se afastar da escuridão. Por outro lado, também não houvera garantias para Meg. Ainda não havia garantias de que *eu* retornaria do que me esperava nas cavernas de Delfos. Tudo que todos nós podíamos fazer era tentar e torcer para que, no fim, o ciclo virtuoso vencesse o ciclo vicioso.

Observei a sala do trono, me perguntando por quanto tempo fiquei inconsciente. Do lado de fora já era noite. Luzes de emergência pulsavam na lateral do prédio vizinho vindas da rua lá embaixo. O *tec-tec-tec* de um helicóptero me dizia que ainda estávamos no noticiário local.

A maioria dos trogloditas tinha sumido, embora Iiiii-Bling e alguns dos tenentes continuassem ali, tendo o que parecia ser uma conversa bem séria com Sherman Yang. Talvez negociassem a divisão dos espólios de guerra. Imaginei que o Acampamento Meio-Sangue estivesse prestes a receber uma quantidade imensa de fogo grego e armas de ouro imperial, enquanto os troglos teriam uma nova seleção maravilhosa de trajes e todos os lagartos e pedras que encontrassem.

Os semideuses filhos de Deméter estavam cuidando das dríades supercrescidas, discutindo o melhor jeito de transportá-las para o acampamento. Perto do trono do imperador, filhos de Apolo (*meus* filhos) conduziam operações de triagem. Jerry, Yan e Gracie — os novatos — agora pareciam veteranos experientes, gritando ordens para quem carregava as macas, examinando os feridos e tratando tanto campistas quanto germânicos.

Os bárbaros pareciam chateados e desanimados. Nenhum deles demonstrava qualquer interesse em lutar. Alguns tinham ferimentos

que deveriam tê-los transformado em poeira, só que eles não eram mais criaturas de Nero, ligadas ao mundo dos vivos pelo poder do imperador. Eram só humanos de novo, como Luguselwa. Teriam que encontrar um novo propósito para o resto da vida, e imagino que nenhum deles estava feliz com a ideia de permanecer leal à causa de um imperador morto.

— Você tinha razão — falei para Meg. — Sobre confiar em Luguselwa. Eu estava errado.

Meg deu um tapinha carinhoso na minha mão.

— Pode continuar falando isso. Eu estou certa, você está errado. Esperei meses para você perceber isso.

Ela abriu um sorrisinho. Mais uma vez, fiquei impressionado com o quanto ela havia mudado. Ainda parecia pronta para sair pulando e dar estrelinhas sem motivo, ou limpar o nariz na manga sem sentir vergonha, ou comer um bolo de aniversário inteiro só porque *nham*, mas não era mais aquela criança meio selvagem que se escondia pelos becos da cidade que conheci em janeiro. Ela estava mais alta e confiante. Agia como se fosse a dona daquela torre. E, até onde eu sabia, talvez fosse mesmo, agora que Nero estava morto, supondo que o lugar não fosse consumido por chamas.

— Eu... — Minha voz falhou. — Meg, eu tenho que...

— Eu sei. — Ela desviou o olhar enquanto limpava a bochecha. — Você tem que fazer a próxima parte sozinho, né?

Pensei na última vez que eu estivera fisicamente nas profundezas de Delfos, quando eu e Meg sem querer entráramos no Labirinto durante uma corrida de três-pernas. (Ah, bons tempos que não voltam mais...) A situação agora era diferente. Píton estava poderosa demais. Tendo visto seu covil com meus próprios olhos, sabia que nenhum semideus sobreviveria naquele lugar. Só o ar venenoso queimaria a pele e derreteria seus pulmões. Eu não esperava sobreviver lá por muito tempo também, mas, no fundo, sempre soube que aquela seria uma viagem só de ida.

— Preciso fazer isso sozinho — confirmei.

— Como?

É claro que Meg conseguiria resumir a crise mais importante dos mais de quatro mil anos da minha vida em uma única pergunta impossível de responder.

Balancei a cabeça, desejando ter uma resposta inquestionável.

— Acho que preciso acreditar que... que não vou fazer besteira.

— Hum...

— Ah, fica quieta, McCaffrey.

Ela forçou um sorriso. Depois de mais alguns instantes passando unguento curativo nos meus ferimentos, Meg voltou a falar:

— Então... isso é uma despedida?

Ela engoliu em seco aquela última palavra.

Tentei encontrar minha voz. Parecia tê-la perdido em algum lugar perto dos meus intestinos.

— Eu... eu vou te encontrar, Meg. Depois. Supondo que...

— Vê se não faz nenhuma besteira.

Fiz um som que era algo entre uma risada e um soluço.

— Sim. Mas, de qualquer forma...

Ela assentiu. Mesmo que eu sobrevivesse, não seria o mesmo. O melhor que eu poderia esperar era emergir de Delfos com minha divindade restaurada, que era o que eu queria e sonhava fazia seis meses. Então por que eu me sentia tão relutante em deixar a forma danificada e sofrida de Lester Papadopoulos?

— Só volta para mim, seu bobão. E isso é uma ordem.

Meg me deu um abraço delicado, tomando cuidado com meus ferimentos. Então ficou de pé e correu para ver como estavam os semideuses imperiais, sua antiga família, e, talvez, sua possível futura família também.

* * *

Todos os meus outros amigos também pareciam entender.

Will fez mais alguns curativos de última hora. Nico me entregou minhas armas. Rachel me deu uma mochila nova cheia de suprimentos. Mas nenhum deles se estendeu nas despedidas. Sabiam que cada minuto importava. Todos me desejaram boa sorte e me deixaram partir.

Quando me viram, Iiiii-Bling e os tenentes dos troglos fizeram uma saudação formal e tiraram seus chapéus, todos os seiscentos e vinte. Reconheci aquela grande honra. Assenti em agradecimento e atravessei a porta destruída antes que me desfizesse em mais choro melequento.

Passei por Austin e Kayla na antessala, cuidando de outros feridos e ajudando semideuses mais jovens na limpeza. Os dois abriram sorrisos cansados para mim, em reconhecimento das mil coisas que não tínhamos tempo de dizer uns aos outros. Eu me forcei a seguir em frente.

Perto dos elevadores encontrei Quíron, que ia entregar mais suprimentos médicos.

— Você veio ao nosso resgate — falei. — Obrigado.

Ele olhou para mim do alto, com uma expressão benevolente, a cabeça quase tocando o teto, que não tinha sido criado para acomodar centauros.

— Todos temos o dever de resgatar uns aos outros, não acha?

Assenti, me perguntando como o centauro tinha se tornado tão

sábio ao longo dos séculos e por que eu não notara toda aquela sabedoria até me tornar Lester.

— E a sua... reunião com a força-tarefa, foi bem? — perguntei, tentando lembrar o que Dioniso tinha nos contado sobre a ausência de Quíron. Parecia ter acontecido tanto tempo atrás... — Algo sobre uma cabeça de gato decepada?

Quíron riu.

— Uma cabeça decepada. E um gato. Duas... pessoas diferentes. Conhecidos meus de outros panteões. Estávamos discutindo um problema em comum.

Ele simplesmente jogou aquela informação como se não fosse uma granada de explodir o cérebro. Quíron tinha conhecidos em outros panteões? Mas é claro que tinha. E um problema em comum...?

— Será que eu quero saber? — perguntei.

— Não — respondeu ele, sério. — Você não quer mesmo saber. — Ele estendeu a mão. — Boa sorte, Apolo.

Nós trocamos um aperto de mão, e lá fui eu.

Achei a escada e comecei a descer. Não confiava nos elevadores. Durante meu sonho na cela, tinha me visto descendo pela escada da torre ao cair até Delfos. Estava determinado a usar o mesmo caminho na vida real. Talvez não importasse, mas eu me sentiria um idiota se fizesse uma curva errada no caminho até Píton e acabasse preso pela polícia de Nova York na entrada do prédio do Triunvirato S.A.

O arco e a aljava balançavam às minhas costas, batendo nas cordas do ukulele. Minha nova mochila de suprimentos era fria e pesada. Eu me agarrei ao corrimão para que minhas pernas trêmulas não cedessem. Minhas costelas pareciam ter sido recém-tatuadas com lava, mas considerando tudo pelo que eu tinha passado, eu me sentia surpreendentemente inteiro. Talvez meu corpo mortal estivesse me dando uma última forcinha. Talvez minha constituição divina tivesse aparecido para facilitar. Talvez fosse o coquetel de néctar e Mountain Dew correndo por minhas veias. Fosse o que fosse, eu aceitaria toda a ajuda possível.

Dez andares. Vinte. Perdi a conta. Escadas de prédios muito altos são um lugar horrível e confuso. Eu estava sozinho com o som da minha respiração e dos meus passos nos degraus.

Mais alguns andares e comecei a sentir cheiro de queimado. A fumaça fazia meus olhos arderem.

Aparentemente, parte do prédio ainda estava pegando fogo. Ótimo.

A fumaça ficou mais espessa conforme eu descia. Comecei a engasgar e tossir. Tapei a boca e o nariz com o antebraço, mas descobri que meu cotovelo não era um filtro muito bom.

Minha mente vagava. Considerei abrir uma porta lateral para respirar ar fresco, mas não via nenhuma saída. Escadas não deveriam

ter saídas de emergência? Meus pulmões gritavam. Meu cérebro desoxigenado parecia prestes a estraçalhar meu crânio, criar asas e voar.

Percebi que talvez estivesse começando a alucinar. Cérebros com asas. Maneiro!

Segui em frente com muito esforço. Espera... O que tinha acontecido com a escada? Quando eu havia chegado ao nível da superfície? Não conseguia ver nada em meio à fumaça. O teto ficava cada vez mais baixo. Estiquei as mãos, procurando algum apoio. De um lado e de outro, meus dedos tocaram rocha cálida e firme.

A passagem continuou se encolhendo. No fim, fui forçado a rastejar, apertado entre duas lajes de pedra horizontal, mal tendo espaço para levantar a cabeça. Meu ukulele ficou apertado no sovaco. Minha aljava arrastava no teto.

Comecei a tremer e hiperventilar, claustrofóbico, mas me forcei a manter a calma. Eu não estava preso. E, por incrível que parecesse, conseguia respirar. A fumaça se transformara em gás vulcânico, que tinha um cheiro e gosto horríveis, mas meus pulmões, apesar dos protestos, continuavam funcionando. Meu sistema respiratório bem que poderia derreter mais tarde, mas no momento eu ainda conseguia inspirar o enxofre.

Aquele cheiro era familiar. Eu estava em algum ponto dos túneis sob Delfos. Graças à magia do Labirinto e/ou alguma feitiçaria de conexão ultrarrápida entre a torre de Nero e o covil do réptil, eu tinha escalado, caminhado, tropeçado e me arrastado para o outro lado do mundo em alguns minutos. Minhas pernas doloridas sentiam cada quilômetro.

Fui me arrastando na direção de uma luz fraca ao longe.

Um ronco ecoava por um espaço bem mais amplo adiante. Algo imenso e pesado respirava.

O túnel apertado acabava de repente. Eu me vi no topo de uma protuberância no fim de um buraquinho em uma parede de pedra, como se fosse uma saída de ar. Abaixo de mim, uma enorme caverna se abria... o covil de Píton.

Quando lutei com Píton antes, milhares de anos atrás, não precisei procurar este lugar. Eu a atraí para a superfície e lutei com ela ao ar livre, sob o sol, o que foi bem melhor.

Agora, no túnel, olhando para baixo, desejei estar em qualquer outro lugar. O chão se estendia por vários campos de futebol, pontuado por estalagmites e cortado por uma teia de fissuras vulcânicas que cuspiam nuvens de fumaça. A superfície irregular rochosa estava coberta por um tapete de horrores: séculos de peles de cobra descartadas, ossos e carcaças ressecadas de... eu nem queria saber. Píton tinha todos esses buracos vulcânicos e nem se dignava a

incinerar o lixo?

O monstro em si, mais ou menos do tamanho de uma dúzia de caminhões, ocupava um quarto da caverna, nos fundos. O corpo da serpente era uma montanha de ondas reptilianas, musculosas e retorcidas; além disso, ela era mais do que só uma cobra imensa. Píton mudava e se transformava como bem desejava, criando patas com garras afiadas, ou asas de morcego vestigiais, ou cabeças extras sibilando na lateral do corpo, tudo se ressecando e caindo tão rápido quanto se formava. Ela era um conglomerado reptiliano de tudo que mamíferos temiam em seus pesadelos mais profundos e primitivos.

Eu havia reprimido a lembrança de como Píton era horrenda. Preferia quando ela estava escondida pela fumaça tóxica. A cabeça do tamanho de um carro descansava sobre o corpo curvado. Seus olhos estavam fechados, mas isso não me enganou. O monstro nunca dormia de verdade. Píton só esperava... pelo aumento da sua fome, pela sua chance de dominar o mundo, por pequenos e tolos Lesters pulando na sua caverna.

No momento, uma névoa brilhante parecia cair sobre ela, feito as cinzas de um belo espetáculo de fogos de artifício. Com uma certeza enjoativa, percebi que estava vendo Píton absorver os últimos vestígios do poder do Triunvirato derrotado. O réptil parecia tranquilo, adorando aquela delicinha de pó de Nero quentinho.

Eu precisava me apressar. Tinha uma única chance de derrotar minha velha inimiga.

Não estava pronto. Não estava descansado. Definitivamente não estava no meu auge. Na verdade, eu tinha passado tanto tempo abaixo do meu auge que mal lembrava que ele existia.

Ainda assim, de alguma forma, eu conseguira chegar até ali. Senti um arrepio de poder se acumulando sob a minha pele... talvez meu poder divino, tentando se provar por conta da proximidade com minha antiga arqui-inimiga. Eu esperava que fosse isso, e não meu corpo mortal entrando em combustão.

Consegui pegar o arco, puxar uma flecha e mirar; um trabalho bem complicado quando você está deitado de bruços em um túnel do tamanho de uma caixa de sapatos. Até consegui evitar que meu ukulele batesse na pedra, o que denunciaria minha posição com uma nota fora de tom.

Por enquanto, tudo bem.

Respirei fundo. Isso era pela Meg. Isso era pelo Jason. Isso era por todo mundo que lutou e se sacrificou arrastando minha bunda feia e mortal nos últimos seis meses só para me dar uma chance de redenção.

Fiz força com as pernas, caindo de cabeça do buraco na parede da caverna. Girei no ar, preparei a flecha... e atirei na cabeça de Píton.

33

Sério, pessoal
Esse negócio de hora
Me deixou bem mal

EU ERREI.

Nem precisa fingir que está surpreso.

Em vez de atravessar o crânio do monstro como eu esperava, minha flecha acertou as pedras a alguns metros da cabeça de Píton e explodiu em farpas, que se espalharam pelo chão da caverna sem causar dano algum. Os olhos iluminados de Píton se abriram de repente. Eu caí no centro da caverna, com peles velhas de cobra até os tornozelos. Pelo menos não quebrei as pernas com o impacto. Melhor guardar esse desastre para meu *grand finale*.

Píton me observou, o olhar atravessando a fumaça vulcânica como faróis. A névoa brilhante que a cercava se apagou. Se ela tinha terminado de digerir o poder ou se eu a havia interrompido, era uma incógnita.

Eu esperava que Píton soltasse um rugido de frustração, mas na verdade ela só riu — um ronco grave que liquefez minha coragem. É assustador ver um réptil rir. A cara deles simplesmente não é feita para demonstrar humor. Píton não sorriu, exatamente, mas arreganhou os lábios segmentados e roliços, mostrando bem as presas, e chicoteou a língua bifurcada no ar, provavelmente saboreando o aroma do meu medo.

— Então, aqui estamos. — A voz dela veio de todos os lados, cada palavra fazendo tremer minhas articulações. — Ainda não terminei de digerir o poder de Nero, mas tudo bem. Ele tinha gosto de rato seco mesmo.

Fiquei aliviado de saber que tinha interrompido Píton na degustação do imperador. Talvez isso a tornasse ligeiramente menos impossível de derrotar. Por outro lado, não gostava de como ela soava tranquila, confiante ao extremo.

É claro que eu não parecia uma grande ameaça.

Preparei outra flecha.

— Fuja, serpente. Enquanto ainda pode.

Os olhos de Píton brilharam, tamanha a diversão do monstro com meu ultimato.

— Incrível. Você *ainda* não aprendeu a ser humilde? Como será que é o seu gosto? De rato? De deus? Acho que dá no mesmo, no fim.

Ela estava *tão* errada. Não sobre deuses terem gosto de rato... Isso

eu não saberia dizer. Mas eu tinha aprendido, *e muito*, a ser humilde. Tão humilde que, naquele momento, enfrentando minha antiga arqui-inimiga, eu era um poço de insegurança. Não era capaz de enfrentá-la. No que eu estava pensando?

Ainda assim, eu também tinha aprendido outra coisa: a humildade é só o começo, não o fim. Às vezes a gente precisa de mais tempo, e de mais tentativas.

Atirei a flecha. Dessa vez ela acertou Píton bem na cara, resvalando pela pálpebra esquerda e fazendo-a piscar.

Ela sibilou, erguendo a cabeça até ficar seis metros acima de mim.

— Pare de passar vergonha, Lester. Eu controlo Delfos. Ficaria feliz de dominar o mundo através dos meus lacaios, os imperadores, mas fico contente que você tenha eliminado esses intermediários. Eu digeri o poder do Triunvirato! Agora vou digerir...

Minha terceira flecha a atingiu bem na garganta. Não perfurou as escamas. Aí teria sido sorte demais. Mas o golpe foi forte o suficiente para fazê-la engasgar.

Dei a volta em pilhas de pele de cobra e ossos. Pulei uma fissura estreita tão quente que cozinhou minha virilha no vapor. Preparei outra flecha enquanto Píton começava a se transformar. Fileiras de minúsculas asas coriáceas surgiram de suas costas. Duas enormes patas saíram da barriga, erguendo-a de tal forma que mais parecia um dragão de Komodo gigante.

— Entendi — resmungou ela. — Não vai se entregar sem lutar. Tudo bem. Podemos fazer isso com emoção.

Ela inclinou a cabeça como um cachorro ouvindo algum som distante — uma imagem que me fez nunca querer ter um cachorro.

— Ah... Delfos está falando. Quer saber seu futuro, Lester? É bem curto.

A fumaça verde fluorescente foi ficando mais grossa, envolvendo o corpo do réptil, enchendo o ar com o cheiro acre de podridão. Fiquei assistindo, horrorizado demais para me mover, a Píton respirar o espírito de Delfos, desfigurando-o e envenenando seu poder milenar até que começou a falar, a voz ribombante, as palavras carregando o peso inescapável do destino:

— *Apolo cairá...*

— NÃO! — O ódio dominou meu corpo. Meus braços fumegaram.

Minhas mãos brilharam. Eu atirei a quarta flecha, que perfurou o corpo de Píton logo acima da recém-adquirida pata direita.

O monstro tropeçou, perdendo a concentração. Nuvens de gás se dissiparam ao seu redor.

Ela sibilou de dor, batendo as patas no chão para se certificar de que ainda funcionavam.

— NUNCA INTERROMPA UMA PROFECIA! — rugiu Píton.

Então disparou para cima de mim como um trem de carga desgovernado e faminto.

Pulei para o lado, dando uma cambalhota por cima de uma pilha de carcaças quando Píton mordeu o pedaço do chão da caverna bem onde eu estava segundos antes. Rochas do tamanho de bolas de beisebol choveram ao meu redor. Um pedregulho acertou minha nuca e quase me deixou inconsciente.

Píton atacou de novo. Eu estava tentando preparar outra flecha, mas ela foi rápida demais. Dei um pulo para me esquivar, pisando no arco e destruindo a flecha sem querer.

A caverna se tornou uma fábrica maluca de serpente — esteiras, picotadores, compactadores e pistons, tudo feito do corpo ondulado de Píton, todos os componentes prontos para me esmagar. Fiquei de pé rapidinho e pulei uma parte do corpo do monstro, evitando por um triz uma cabeça recém-surgida que tentou me abocanhar.

Considerando a força de Píton e minha própria fragilidade, eu deveria ter morrido várias vezes. A única coisa me mantendo vivo era meu tamanho. Píton era uma bazuca; eu era uma mosquinha. Ela poderia me matar facilmente com apenas um tiro... mas tinha que me pegar primeiro.

— Você ouviu seu destino! — ribombou Píton. Dava para sentir a presença de sua cabeça gigantesca acima de mim. — *Apolo cairá.* Não é lá essas coisas, mas basta!

Ela quase me capturou em uma curva do corpo, mas consegui saltar e me esquivar da armadilha. Minha amiga sapateadora Lavínia Asimov ficaria orgulhosa da minha coreografia caprichada.

— Você não pode escapar de seu destino! — comemorou Píton. — Eu declarei, e assim será!

Isso exigia uma resposta espertinha, mas eu estava ocupado demais arfando e suando.

Pulei no tronco de Píton, usando-a como ponte para atravessar uma das fissuras. Achei que estava sendo esperto até uma pata de lagarto aleatória brotar ao meu lado e arranhar meu tornozelo com as garras. Gritei e caí, tentando desesperadamente me segurar em qualquer apoio enquanto escorregava pela lateral do réptil. Consegui me segurar em uma asa coriácea, que bateu em protesto, tentando me derrubar. Apoiei um dos pés na beirada da fissura e dei um jeito de me arrastar para a terra firme.

Má notícia: meu arco caiu nas profundezas.

Eu não tinha tempo de chorar aquela perda. Minha perna estava ardendo como fogo. Meu sapato estava encharcado com meu próprio sangue. Com certeza aquelas garras eram venenosas. Eu provavelmente tinha reduzido minha expectativa de vida de alguns minutos para alguns *poucos* minutos. Fui mancando até a parede da

caverna e me espremi em uma rachadura vertical do tamanho de um caixão. (Ai, mas *por que* eu tive que fazer justo essa comparação?)

Tinha perdido minha melhor arma. Tinha flechas, mas nada com que atirá-las. Quaisquer que fossem os meus arroubos de poder divino, não eram consistentes nem suficientes. Isso me deixava com um ukulele desafinado e um corpo humano que se deteriorava a olhos vistos.

Queria tanto que meus amigos estivessem ali. Eu daria qualquer coisa para ver os tomateiros explosivos de Meg, ou a espada de ferro estígio de Nico, ou até um time de trogloditas velozes para me carregar pela caverna gritando insultos para aquele réptil gigante e apetitoso.

Mas eu estava sozinho.

Espera. Uma pequena faísca de esperança estalou em mim. Não estava *totalmente* sozinho. Remexi a aljava até pegar a Boa e Velha Flecha de Dodona.

COMO VAIS, SENHOR?, zumbiu a voz da flecha na minha mente.

— Vou-me ótimo — arfei. — Tudo indo-se deveras de acordo com o plano.

TÃO NEFASTO ASSIM? EITA.

— Onde está você, Apolo? — rugiu Píton. — Estou sentindo cheiro de sangue!

— Ouviu, flecha? — falei, arfando e delirando por conta da exaustão e do veneno correndo pelas minhas veias. — Consegui obrigá-la a me chamar de Apolo!

UMA IMENSA VITÓRIA, meu caro, concordou a flecha. *POIS PARECE QUE ESTÁS QUASE LÁ.*

— O quê? — perguntei.

A voz da flecha pareceu estranhamente baixa, quase triste.

EU NÃO DISSE NADA.

— Disse, sim.

DISSE NADA! PRECISAMO-NOS PREPARAR E FORMULAR UM NOVO PLANO. TU IRÁS PELA ESQUERDA. EU IREI PELA DIREITA.

— Certo — concordei. — Espera. Não dá. Você não tem pernas.

— VOCÊ NÃO PODE SE ESCONDER! — berrou Píton. — VOCÊ NÃO É UM DEUS!

Essa declaração foi como um balde de água fria. Não carregava o peso da profecia, mas ainda assim era verdade. Naquele momento, eu não tinha certeza do que *era*. Certamente não era meu antigo eu divino. Também não era bem Lester Papadopoulos. Minha carne fumegava. Uma luz pulsava sob a minha pele, como o sol tentando atravessar nuvens carregadas. Quando aquilo tinha começado?

Eu estava entre estados, me transformando tão rapidamente quanto Píton. Eu não era um deus. Nunca mais seria aquele velho Apolo. Mas,

naquele momento, eu tinha a oportunidade de decidir o que me tornaria, mesmo se aquela nova existência só durasse poucos segundos.

Perceber aquilo destruiu meu delírio como água apagando o fogo.

— Eu não vou me esconder — murmurei. — Não vou me acovardar. Não é isso que vou ser.

A flecha zumbiu, desconfiada.

ENTÃO… QUAL SERÁ TEU PLANO?

Segurei meu ukulele pelo braço e o ergui como um bastão de beisebol. Agarrei a Flecha de Dodona com a mão livre e saí correndo do meu esconderijo.

— ATACAR!

Naquele momento, pareceu um plano perfeitamente são.

Para não dizer que não deu em nada, Píton ficou surpresa.

Imagino como deve ter sido a cena da perspectiva dela: um adolescente sujismundo, com roupas rasgadas, cheio de cortes e contusões, mancando com um pé sangrando, sacudindo um graveto e um instrumento de quatro cordas, gritando que nem um doido.

Corri bem na direção da sua imensa cabeça, que estava alta demais para eu alcançar, então comecei a dar com o ukulele no pescoço de Píton.

— Morra! — *CLANG!* — Morra! — *BLOM!* — Morra! — *CRACK-SPROING!*

No terceiro golpe, meu ukulele se desfez.

O corpo de Píton convulsionou, mas em vez de morrer como uma boa cobrinha, ela envolveu minha cintura, quase gentilmente, e me ergueu até o nível de seu rosto.

Seus olhos iluminados eram do meu tamanho. Suas presas cintilavam. Seu hálito fedia a carne podre.

— Chega. — A voz dela era calma e tranquilizadora. Seus olhos pulsavam no ritmo do meu coração. — Você lutou bem. Deve ficar orgulhoso. Agora pode relaxar.

Eu sabia que ela estava fazendo o velho truque da hipnose dos répteis — paralisando o mamífero pequeno para facilitar a ingestão e a digestão. Lá no fundo, alguma parte covarde de mim (Lester? Apolo? Qual a diferença?) sussurrou: *Sim, relaxar seria ótimo agora.*

Eu tinha *mesmo* me esforçado à beça. Com certeza Zeus veria isso e ficaria orgulhoso. Talvez ele até mandasse um raio, explodindo Píton em pedacinhos e me salvando!

Assim que essa ideia passou pela minha cabeça, percebi que era um pensamento tolo. Zeus não trabalhava assim. A probabilidade de meu pai me salvar era a mesma de Nero ter salvado Meg. Eu tinha que esquecer aquela fantasia. Tinha que me salvar eu mesmo.

Comecei a me debater e lutar. Ainda estava com os braços livres e

as mãos cheias. Enfiei o braço do ukulele na dobra de carne de Píton com tanta força que a madeira perfurou as escamas, ficou presa como uma farpa gigante, e sangue verde escorreu do ferimento.

Ela sibilou e começou a me apertar com mais força, forçando todo o meu sangue para a cabeça. Cheguei a ter medo de explodir como um barril de desenho animado.

— Alguém já disse — sussurrou Píton — que você é muito irritante?

EU JÁ LHE FALEI ISSO, disse a Flecha de Dodona em um tom melancólico. *MILHARES DE VEZES*.

Não consegui responder. Não tinha fôlego. Precisei reunir tudo o que me restava de força para impedir que meu corpo explodisse sob a pressão de Píton.

— Bem. — Ela suspirou, o hálito me cobrindo como o vento de um campo de batalha. — Não importa. Chegamos ao fim, eu e você.

Ela apertou com mais força, e minhas costelas começaram a rachar.

34

Agora vai, hein
E lá vamos nós, tchau, tchau
Vejo vocês no final

EU LUTEI.

Eu me contorci.

Dei um soco no corpo de Píton com minha mão minúscula, depois cutuquei a ferida com meu ukulele várias vezes, torcendo para irritá-la até que me largasse.

Em vez disso, seus imensos olhos reluzentes só observavam, calmos e satisfeitos, enquanto meus ossos desenvolviam fraturas que eu conseguia até ouvir. Eu era um submarino na Fossa das Marianas. Meus parafusos estavam estourando.

NÃO MORRAS!, implorou a Flecha de Dodona. *A HORA CHEGOU!*

— O qu...? — tentei perguntar, mas o som mal saiu, de tão pouco ar que havia em meus pulmões.

A PROFECIA A QUE PÍTON SE REFERIA, disse a flecha. *SE DEVES CAIR, POIS QUE ASSIM SEJA, PORÉM, ANTES, USA-ME.*

A flecha se torceu na minha mão, apontando para a cara gigantesca de Píton.

Meus pensamentos estavam confusos, afinal, meu cérebro meio que estava explodindo, mas entender aquilo doeu como ter sido perfurado pelo braço de um ukulele.

Não posso, pensei. *Não.*

NÃO TENS OPÇÃO. A flecha parecia resignada, determinada. Pensei em quantos quilômetros eu havia viajado com aquele pedacinho de madeira, e como eu pouco ouvia suas palavras. Lembrei o que ela me dissera sobre ser expulsa de Dodona — um galhinho descartável em uma floresta antiquíssima, um pedacinho de que ninguém sentiria falta.

Vi o rosto de Jason. Vi Heloísa, Clave, Jade, Don, o Fauno, e Dakota — todos que haviam se sacrificado para me levar até lá. Agora minha última companheira estava pronta para pagar o preço do meu sucesso — para me permitir a única coisa que sempre me disse para não fazer.

— Não — crocitei o que provavelmente seria a última palavra que eu conseguiria dizer.

— O que foi isso? — perguntou Píton, achando que eu tinha falado com ela. — O ratinho está implorando por misericórdia, é?

Abri a boca, incapaz de responder. A cara do monstro se

aproximou, ansiosa para saborear meus últimos gemidos.

FICA BEM, AMIGO, disse a Flecha. *APOLO CAIRÁ, MAS APOLO SE ERGUERÁ NOVAMENTE.*

Com essas últimas palavras, reunindo todo o poder de sua antiga morada, a flecha terminou a profecia do réptil. Píton se colocou ao meu alcance e, com um soluço de desespero, eu enfiei a Flecha de Dodona até as penas no seu enorme olho.

Ela berrou de dor, sacudindo a cabeça de um lado para outro. Seu corpo afrouxou só o suficiente para que eu conseguisse escapar. Eu caí, todo desajeitado, na beira de uma fossa larga.

Meu peito latejava. Algumas costelas quebradas, sim, e talvez um coração partido também. Eu já havia excedido em muito a quilometragem máxima recomendada para o corpo de Lester Papadopoulos, mas tinha que seguir em frente, pela Flecha de Dodona. Tinhas que seguires em frentes.

Precisei de todas as forças para ficar de pé.

Píton ainda se contorcia, tentando desalojar a flecha do olho. Enquanto deus da medicina, eu poderia ter avisado que isso só pioraria a dor. Ver meu antigo projétil shakespeariano espetado na cara da serpente me encheu de tristeza, fúria e insubordinação. Senti que a flecha tinha perdido sua consciência. Eu esperava que tivesse voltado para o Bosque de Dodona, se reunindo aos milhões de outras vozes sussurrantes das árvores, mas temia que simplesmente tivesse deixado de existir. Seu sacrifício fora real e irreversível.

A raiva pulsava dentro de mim. Meu corpo mortal fumegava com toda a força, explosões de luz brilhando sob a pele. Ali perto, vi o rabo de Píton se debatendo. Ao contrário da cobra que circundava o leontocefalino, *essa* serpente tinha começo e fim. Atrás de mim estava a maior das fendas vulcânicas. Eu sabia o que tinha que fazer.

— PÍTON! — Minha voz fez a caverna tremer.

Estalactites caíram ao nosso redor. Eu imaginei, em algum lugar muito acima de nós, mortais gregos paralisados ao ouvir minha voz ecoando pelas ruínas daquele lugar sagrado, as oliveiras tremendo e soltando azeitonas.

O Senhor de Delfos havia despertado.

Píton voltou o sinistro olho que restava para mim.

— Você *não* vai viver.

— Tudo bem por mim — respondi. — Contanto que você morra também.

Agarrei o rabo do monstro e o arrastei em direção ao abismo.

— Mas o que está fazendo? — rugiu ele. — Para com isso, seu idiota!

Com o rabo de Píton em meus braços, pulei da beirada.

Meu plano não deveria ter funcionado. Considerando meu ridículo

peso mortal, eu deveria ter ficado pendurado ali como um odorizador de ar num espelho retrovisor. Mas eu estava cheio de uma fúria justiceira. Plantei os pés na parede de pedra e puxei, arrastando Píton para baixo enquanto ela gritava e se contorcia. Ela tentou puxar o rabo de volta para me arremessar, mas meus pés permaneceram firmes, presos à lateral da fenda. Minha força aumentou. Meu corpo brilhava com uma luz ofuscante. Com um grito desafiador final, puxei meu inimigo além da beirada. A parte do seu corpo que jazia espiralada tombou no abismo.

A profecia se realizou. Apolo caiu, e Píton caiu junto.

* * *

Hesíodo uma vez escreveu que uma bigorna de bronze levaria nove dias para cair da Terra ao Tártaro.

Eu suspeito de que ele tenha usado a palavra *nove* como metáfora para *Não sei exatamente quanto tempo levaria, mas chutaria muito, muito tempo.*

Hesíodo tinha razão.

Eu e Píton caímos embolados nas profundezas, trocando de lugar, batendo nas paredes, girando da escuridão total para o brilho avermelhado da lava e repetindo todos os movimentos de novo. Considerando a quantidade de dano que meu pobre corpo sofreu, era possível que eu tivesse morrido em algum momento da queda.

Mesmo assim, continuei lutando. Eu não tinha mais nada para usar como arma, então golpeei com punhos e pés, socando o corpo da besta, chutando toda garra, asa ou cabeça recém-criada.

Eu tinha superado a dor e chegado ao nível *agonia extrema é a nova plenitude.* Dei uma pirueta para que Píton absorvesse a maior parte do dano das nossas colisões contra as paredes. Não conseguíamos nos livrar um do outro. Sempre que nos afastávamos, alguma força nos atraía de volta, como o sagrado matrimônio.

A pressão ficou insuportável. Meus olhos saltavam das órbitas. O calor me assava como uma fornada dos biscoitos de Sally Jackson, mas meu corpo ainda brilhava e fumegava, as artérias de luz mais próximas da pele, me dividindo em um quebra-cabeças 3-D de Apolo.

As paredes da fenda se abriram ao nosso redor, e caímos pelo ar frio e tenebroso de Érebos — o reino de Hades. Píton tentou criar asas e sair voando, mas seus apêndices patéticos de morcego não suportaram seu peso, especialmente comigo pendurado às suas costas, quebrando as asas assim que elas brotavam.

— PARE COM ISSO! — rosnou Píton. A Flecha de Dodona ainda estava espetada no seu olho destruído. A cara dela estava coberta por sangue verde que escorria de vários lugares que eu chutara e socara.

— EU... TE... ODEIO!

O que só mostra que mesmo arqui-inimigos de quatro mil anos ainda podem encontrar coisas em comum. Com uma explosão imensa, afundamos na água. Na verdade, estava mais para uma corrente violenta de ácido cinza de gelar os ossos.

O Rio Estige nos carregou para longe.

Para quem ama andar numa corredeira categoria cinco em um rio que pode te afogar, dissolver sua pele e corroer qualquer resquício de humanidade, tudo ao mesmo tempo, recomendo fortemente um cruzeiro de serpente pelo Estige.

O rio exauria minhas memórias, minhas emoções, minha força de vontade. Ele arrancava a casca partida de Lester Papadopoulos e me deixava em carne viva, enfraquecido como uma libélula no casulo.

Nem mesmo Píton era imune. Ela lutava com menos ímpeto. Se debatia e tentava segurar as margens com as garras, mas eu lhe dei uma cotovelada no olho bom, depois chutei sua garganta... tudo para mantê-la na água.

Não que eu quisesse me afogar, mas sabia que Píton seria muito mais perigosa em terra firme. Além disso, eu não gostava da ideia de aparecer na porta de Hades na minha condição atual. Uma recepção calorosa estava fora de cogitação.

Eu me agarrei à cara de Píton, usando o cabo sem vida da Flecha de Dodona como leme, guiando o monstro com puxões torturantes. Píton chorava, berrava e estrebuchava. Ao nosso redor, as cataratas do Estige pareciam rir de mim. *Viu? Você quebrou uma promessa. E agora eu o capturei.*

Permaneci firme em meu propósito. Relembrei a última ordem de Meg McCaffrey: *Volta para mim, seu bobão*. Seu rosto permanecia claro em minha mente. Ela havia sido abandonada tantas vezes, usada de formas tão cruéis. Eu não seria mais um luto para ela. Eu sabia quem eu era. Eu era o bobão da Meg.

Píton e eu girávamos pela correnteza cinzenta e então, sem aviso, caímos de uma cachoeira. Mais uma vez mergulhamos, dessa vez em um esquecimento ainda mais profundo.

Todos os rios sobrenaturais deságuam no Tártaro — o reino onde os terrores primordiais se dissolvem e se formam de novo, em que monstros germinam no corpo continental do próprio Tártaro, dormindo eternamente em seu sono eterno.

Não deu tempo de tirar uma selfie. Caímos pelo ar ardente e pelas gotículas da cachoeira abismal enquanto um caleidoscópio de imagens girava, entrando e saindo de vista: montanhas de ossos negros como as escápulas dos titãs; paisagens com textura de carne pontilhadas de bolhas que estouravam revelando dragões e górgonas recém-nascidos; torres de fogo e fumaça escura cuspindo no ar explosões

sombriamente festivas.

Caímos ainda mais, no Grande Cânion daquele mundo horripilante, para o ponto mais profundo do reino mais profundo da criação. Então batemos em rocha sólida.

Nossa, Apolo, dizem vocês, com surpresa na voz. *Como você sobreviveu?*

Não sobrevivi.

Àquela altura, eu não era mais Lester Papadopoulos. Não era Apolo. Não tenho certeza de quem ou do que era.

Fiquei de pé — nem sei como — e me vi em uma plataforma de obsidiana que se projetava acima de um oceano infinito ocre e violeta escuros. Com uma mistura de horror e fascínio, me dei conta de que estava à beirada do Caos.

Abaixo de nós se agitava a essência de tudo: a grande sopa cósmica que deu origem a tudo, o lugar onde a vida começou a se formar e pensar: *Ei, eu sou diferente do restante dessa sopa!* Um passo à frente, e eu retornaria àquela sopa. Estaria totalmente derretido.

Examinei meus braços, que pareciam prestes se desintegrarem. A carne queimava como papel, deixando linhas marmorizadas de luz dourada e brilhante. Eu parecia um daqueles bonecos transparentes de anatomia criados para ilustrar o sistema circulatório. No centro do meu peito, mais sutil do que qualquer ressonância magnética seria capaz de captar, havia um redemoinho de energia violeta. Minha alma? Minha morte? Fosse o que fosse, o brilho estava aumentando, o tom lilás se espalhando pelo meu corpo, reagindo à proximidade do Caos, trabalhando furiosamente para soltar os fios dourados que me mantinham inteiro. Isso provavelmente não era bom...

Píton estava caída ao meu lado, seu corpo também se desfazendo, drasticamente reduzido de tamanho. Ela agora era só cinco vezes maior que eu — como uma serpente ou um crocodilo pré-histórico, a forma uma mistura das duas coisas, o couro ainda ondulando com cabeças, asas e garras disformes. Empalada no seu olho esquerdo, a Flecha de Dodona ainda estava intacta, sem nem um pedacinho de pena fora do lugar.

Píton se ergueu nas suas patinhas atarracadas. Bateu os pés e uivou. Seu corpo estava se desfazendo, se transformando em pedaços de réptil e luz, e devo dizer que eu não gostava daquele novo visual disco-crocodilo. Ela cambaleou na minha direção, sibilando, meio cega.

— Vou destruir você!

Eu queria dizer para ela relaxar. Caos já estava fazendo as honras. Destruindo nossas essências rapidamente. Não precisávamos mais lutar. Poderíamos só ficar ali naquela saliência de obsidiana e nos desfazermos juntos, quietinhos. Píton poderia se deitar no meu colo,

olhar para a vastidão do Caos, murmurar *É lindo* e então evaporar, somando-se ao nada.

Mas o monstro tinha outros planos. Píton atacou, mordeu minha cintura e me empurrou para a frente, decidida a me jogar no vazio. Eu não tive como me segurar. Só pude me contorcer e girar de modo que, quando chegamos ao fim da saliência de pedra, ela caiu primeiro. Eu me agarrei desesperadamente à rocha, tentando segurar a beira, enquanto o peso inteiro de Píton quase me partia ao meio.

Ficamos ali pendurados, suspensos no vazio por nada além de meus dedos trêmulos e a boca de Píton em volta da minha cintura.

Eu sentia meu corpo se dividindo em dois, mas não podia soltar. Canalizei toda a minha força restante para as mãos — como eu costumava fazer ao tocar a lira ou o ukulele, quando precisava expressar uma verdade tão profunda que só a música seria capaz de transmitir: a morte de Jason Grace, as provações de Apolo, o amor e respeito que eu tinha pela minha jovem amiga Meg McCaffrey.

De alguma forma, consegui dobrar uma perna. Dei uma joelhada no queixo de Píton.

Ela gemeu. Eu dei outra joelhada, com mais força. Píton reclamou de novo. Ela tentou dizer alguma coisa, mas estava com a boca cheia de Apolo. Eu acertei mais uma vez, com tanta força que senti sua mandíbula rachar. Ela não conseguiu mais se manter presa a mim e caiu.

Não teve palavras finais — só um olhar de horror reptiliano caolho ao mergulhar no Caos e explodir em uma nuvem de espuma roxa.

Continuei pendurado no penhasco, exausto demais para sentir alívio.

Era o fim. Me erguer dali estaria além das minhas capacidades.

Então ouvi uma voz que confirmou meus piores temores.

35

Não sou de ligar
Para coisas materiais
Fora essa rocha

— EU TE AVISEI.

Nunca duvidei de que essas seriam as últimas palavras que ouviria.

Ao meu lado, a deusa Estige flutuava acima do nada. Seu vestido preto e roxo poderia ser uma nuvem do próprio Caos. Seu cabelo voava como uma nuvem de tinta ao redor do belo e irritado rosto.

Não fiquei surpreso por ela conseguir existir ali, sem qualquer esforço, naquele lugar que outros deuses tinham medo de visitar. Além de ser a deusa das promessas sagradas, Estige era a personificação do Rio do Ódio. E, como todo mundo sabe, ódio é uma das emoções mais duradouras, uma das últimas a passar.

Eu te avisei. É claro que ela havia avisado. Meses antes, no Acampamento Meio-Sangue, eu fizera uma promessa apressada. Tinha jurado pelo Rio Estige que não tocaria música ou atiraria com o arco até ser um deus de novo. Havia quebrado as duas promessas, e desde então a deusa Estige vinha embarreirando meu progresso, levando tragédias e destruição para onde quer eu fosse. E lá estava eu, prestes a pagar o derradeiro preço: seria cancelado.

Esperei que Estige arrancasse meus dedos da plataforma de obsidiana e então me desse a língua enquanto eu caía na sopa amorfa de destruição lá embaixo.

Para a minha surpresa, Estige ainda não tinha acabado de falar.

— Você aprendeu? — perguntou.

Se eu não estivesse me sentindo tão fraco, teria rido. Eu tinha aprendido, sim. *Ainda* estava aprendendo.

Naquele momento, me dei conta de que estava pensando em Estige do jeito errado em todos aqueles meses. Ela não tinha colocado a destruição no meu caminho. Eu tinha causado tudo aquilo. Ela não tinha me arrumado problemas. Eu *era* o problema. Ela só tinha apontado minha imprudência.

— Sim — respondi, me sentindo péssimo. — Tarde demais, mas eu entendo agora.

Não esperava misericórdia. Muito menos ajuda. Meu mindinho escorregou da rocha. Só faltavam nove para eu cair.

Os olhos escuros de Estige me observaram. Sua expressão não era exatamente de presunção. Parecia mais uma professora de piano satisfeita quando seu pupilo de seis anos finalmente aprendeu a tocar

"Brilha, brilha, estrelinha".

— Segure-se a isso, então — respondeu ela.

— Isso o quê? A pedra? — murmurei. — Ou a lição?

Estige fez um som que não combinava com a beira do Caos: ela deu uma risada sincera.

— Acho que você vai ter que decidir.

Com isso, ela se dissolveu em fumaça, que subiu em direção aos cumes ventosos de Érebos. Eu queria saber voar assim. Mas, infelizmente, mesmo ali, no precipício da não existência, eu permanecia sujeito à gravidade.

Pelo menos tinha destruído Píton. A serpente nunca mais se ergueria novamente. Eu podia morrer sabendo que meus amigos estavam em segurança. Os oráculos foram restaurados. O futuro ainda estava aberto para negócio.

E daí se Apolo fosse apagado da existência? Talvez Afrodite tivesse razão. Onze olimpianos era suficiente. Hefesto podia até transformar isso em um reality show: *Doze é demais.* As assinaturas do seu serviço de streaming iam explodir.

Então por que eu não conseguia soltar as mãos? Continuava agarrado à rocha com uma determinação teimosa. Meu mindinho enfraquecido encontrou apoio de novo. Eu tinha prometido a Meg que voltaria para ela. Não era uma promessa sagrada, mas não importava. Se eu falei, tinha que cumprir.

Talvez fosse isso que Estige havia tentado me ensinar: não importava o quanto declamasse uma promessa aos quatro ventos, nem que palavras sagradas usasse. O que importava era se você estava falando sério. E se a promessa valia a pena ser cumprida.

Segure-se, falei a mim mesmo. *Tanto à rocha quanto à lição.*

Senti meus braços ficarem mais fortes. Meu corpo parecia mais *real*. As linhas de luz se misturaram até que minha forma fosse uma massa sólida e dourada. Será que era só uma agradável alucinação final, ou será que eu tinha mesmo conseguido me erguer?

Minha primeira surpresa: eu acordei.

Pessoas que se dissolveram no Caos em geral não faziam isso.

Segunda surpresa: minha irmã, Ártemis, estava agachada ao meu lado, o sorriso tão luminoso quanto a lua cheia.

— Demorou, hein? — falou.

Eu me sentei na cama com um soluço e a abracei com força. Toda a dor tinha sumido. Eu me sentia perfeito. Eu me sentia... Quase pensei *como eu mesmo*, mas não tinha mais certeza do que isso significava.

Eu era um deus de novo. Por muito tempo, meu desejo mais profundo tinha sido ser restaurado. Mas, em vez de ficar feliz, eu chorei no ombro da minha irmã. Eu sentia que, se soltasse Ártemis, cairia de volta no Caos. Imensas partes da minha identidade se

soltariam, e eu nunca mais conseguiria reencontrá-las.

— Uau, tudo bem. — Ela deu tapinhas sem jeito nas minhas costas. — Certo, irmãozinho. Você está bem agora. Você conseguiu.

Ela se afastou gentilmente dos meus braços. Minha irmã não era muito de chamego, mas permitiu que eu continuasse segurando suas mãos. Sua imobilidade me ajudou a parar de tremer.

Estávamos sentados juntos em uma típica espreguiçadeira grega, em uma câmara de mármore branco com uma varanda com colunas e vista para o Olimpo: uma ampla cidade dos deuses, no topo de uma montanha, muito acima de Manhattan. Cheiro de jasmim e madressilva vinha dos jardins. Ouvi o canto celestial das Nove Musas ao longe — provavelmente o concerto vespertino diário na ágora. Eu estava *mesmo* de volta.

Comecei a examinar meu corpo. Estava coberto apenas por um lençol da cintura para baixo. Meu peito era bronzeado e esculpido à perfeição. Meus braços musculosos não carregavam cicatrizes ou linhas brilhantes de luz. Eu estava lindo, o que me causou certa melancolia. Esforçara-me tanto por aquelas cicatrizes e machucados. Todo o sofrimento que eu e meus amigos havíamos passado...

As palavras da minha irmã de repente foram assimiladas: *Demorou.*

Eu engasguei, desesperado.

— Quanto tempo?

Os olhos prateados de Ártemis analisaram meu rosto, como se tentando estipular quantos danos meu tempo como humano havia causado à minha mente.

— Como assim?

Eu sabia que imortais não tinham ataques de pânico. Mesmo assim, senti meu peito se contrair. O icor no meu coração foi bombeado rápido demais. Eu não tinha ideia de quanto tempo levara para me tornar um deus de novo. Tinha perdido meio ano do momento em que Zeus me zapeou no Partenon até despencar em Manhattan como mortal. Até onde eu sabia, minha *siesta* de recuperação tinha levado anos, décadas, séculos. Todos que eu conhecia na Terra podiam estar mortos. Eu não *suportaria* isso.

— Por quanto tempo fiquei apagado? Em que século estamos?

Ártemis processou a pergunta. Conhecendo-a tão bem quanto eu a conhecia, percebi que ela estava tentada a cair na risada, mas, ouvindo o tom de mágoa em minha voz, gentilmente repensou sua atitude.

— Não se preocupe, irmão — respondeu. — Desde que você lutou com Píton só se passaram duas semanas.

Bóreas, o Vento Norte, não poderia ter exalado com mais força do que eu naquele momento.

Eu me sentei na espreguiçadeira e joguei o lençol longe.

— Mas e meus amigos? Eles devem achar que estou morto!

Ártemis educadamente desviou o olhar para o teto.

— Não precisa se preocupar. Nós… Eu mandei sinais claros de seu sucesso. Eles sabem que você ascendeu ao Olimpo novamente. Agora, por favor, vista alguma coisa. Sou sua irmã, mas não desejo essa visão a ninguém.

— Humpf.

Eu sabia bem que ela só estava brincando comigo. Corpos divinos são expressões da perfeição. É por isso que sempre somos retratados nus em estátuas antigas, porque simplesmente não se deve cobrir algo tão impecável com roupas.

Mesmo assim, seu comentário me tocou. Eu me sentia estranho e desconfortável naquela forma, como se tivesse ganhado um Rolls-Royce sem seguro para dirigir. Eu me sentia tão mais confortável no meu compacto e econômico Lester.

— Eu, hum… Sim. — Olhei ao redor do cômodo. — Tem um armário, ou…?

A risada dela finalmente escapou.

— Um armário. Que fofo. Você pode só desejar estar de roupa, irmãozinho.

— Eu… Ah…

Eu sabia que ela tinha razão, mas estava tão nervoso que até ignorei o *irmãozinho*. Fazia muito tempo que eu não confiava nos meus poderes divinos. Eu temia tentar e falhar. Podia acabar me transformando sem querer em um camelo.

— Ah, tá bom — disse Ártemis. — Permita-me.

Um aceno e de repente eu estava usando um vestido prateado na altura do joelho — do tipo que as seguidoras de minha irmã vestiam —, com sandálias de amarrar até os joelhos. Suspeitava de que também estava com uma tiara.

— Hum… Talvez algo um pouco menos caçadorístico?

— Eu acho que você está lindo. — O canto de sua boca se ergueu um pouquinho. — Mas tudo bem.

Um brilho prateado, e eu estava usando um quíton masculino branco. Parando para pensar, aquela roupa era basicamente idêntica ao traje de Caçadora. As sandálias eram as mesmas. Eu parecia estar usando uma coroa de louros no lugar da tiara, mas isso também não era muito diferente. Convenções de gênero são estranhas. Mas decidi que esse era um mistério para outra hora.

— Obrigado — falei.

Ela assentiu.

— Os outros estão esperando na sala dos tronos. Está pronto?

Eu estremeci, embora provavelmente não pudesse sentir frio.

Os outros.

Eu me lembrei do meu sonho da sala dos tronos — os outros olimpianos apostando no meu sucesso ou fracasso. Eu me perguntei quanto dinheiro tinham perdido.

O que eu poderia dizer a eles? Não me sentia mais igual a eles. Não *era* mais igual a eles.

— Um momento — pedi à minha irmã. — Você se importa...?

— Vou deixar você se recompor. Aviso a eles que já está vindo. — Ela me deu um beijinho na bochecha, compreensiva. — *Eu* estou feliz por você ter voltado. Espero que não me arrependa de dizer isso.

— Eu também.

A imagem de Ártemis estremeceu e desapareceu.

Tirei a coroa de louros. Não me sentia confortável usando um símbolo de vitória daqueles. Passei os dedos pelas folhas douradas, pensando em Dafne, que eu havia tratado tão mal. Não importava se Afrodite havia me amaldiçoado, ainda era culpa minha que a náiade inocente tivesse se transformado em um loureiro só para escapar de mim.

Fui até a varanda. Pousei a coroa na beirada do peitoril, depois acariciei os jacintos que cresciam na treliça — outro lembrete de um amor trágico. Meu pobre Jacinto. Será que eu tinha *mesmo* criado essas flores para homenageá-lo, ou só para afundar no próprio luto e na minha culpa? Eu me peguei questionando muitas coisas que tinha feito ao longo dos séculos. Por mais estranho que pareça, esse desassossego era de certa forma tranquilizante.

Observei meus braços lisos e bronzeados, desejando mais uma vez ter mantido algumas das cicatrizes. Lester Papadopoulos tinha merecido todos os cortes, machucados, costelas quebradas, bolhas nos pés, acne... Bom, talvez não a acne. Isso ninguém merece. Mas todo o resto parecia mais um símbolo de vitória do que os louros, e uma homenagem melhor do que os jacintos.

Eu não tinha muita vontade de estar ali no Olimpo, meu lar que não era um lar. Eu queria ver Meg. Queria me sentar perto da fogueira no Acampamento Meio-Sangue e cantar músicas bobas, ou brincar com os semideuses romanos no refeitório do Acampamento Júpiter, enquanto bandejas de comida passavam voando por nossa cabeça e fantasmas de togas roxas brilhantes contavam suas histórias de antigas aventuras.

Mas o mundo dos semideuses não era o meu lugar. Eu tive o privilégio de viver lá, e precisava me lembrar disso. Isso não significava, porém, que eu não poderia voltar para uma visita. Mas, primeiro, tinha que aparecer para a minha família, por pior que ela fosse. Os deuses aguardavam.

Eu me virei e saí a passos largos do quarto, tentando lembrar como o deus Apolo andava.

36

Oba! Iupi! Viva!
Apolo está na área
Nada de aplausos

POR QUE tão grande?

Eu nunca tinha pensado nisso antes, mas depois de seis meses longe, a sala dos tronos dos olimpianos me chocou, de tão ridiculamente grande que era. Lá dentro cabia um porta-aviões. O grande teto abobadado, sarapintado com constelações, poderia abarcar todas as maiores cúpulas já criadas pelos seres humanos. A lareira central que rugia era do tamanho exato para cozinhar uma caminhonete. E, é claro, os tronos em si eram do tamanho de torres de cerco, criados para seres de seis metros de altura.

Quando hesitei à porta, surpreendido pela enormidade de tudo aquilo, percebi que estava respondendo minha própria pergunta. Todo aquele exagero tinha o intuito de fazer nossos visitantes se sentirem pequenos.

Não era comum deixarmos seres inferiores visitarem, mas, quando isso acontecia, nós gostávamos de ver as pessoas de queixo caído, de fazê-las inclinar o pescoço para conseguirem nos ver direito.

Se então desejássemos descer do trono e ficar do tamanho de um mortal, para levar o visitante para um canto e ter uma conversa em particular, ou para lhes dar um tapinha nas costas que fosse, parecia que estávamos fazendo um gesto muito especial, descendo ao nível deles.

Não havia razão para os tronos não serem de tamanho humano, mas aí pareceríamos humanos demais (e não gostávamos de ser relembrados dessa semelhança). Ou poderiam ter *quinze* metros de altura, mas isso seria muito estranho — todo mundo teria que gritar para ser ouvido, nós precisaríamos de lupas para ver nossos visitantes.

Nós poderíamos até fazer os tronos terem apenas quinze centímetros. Pessoalmente, eu adoraria ver isso. Um herói semideus chega se arrastando à nossa presença depois de alguma aventura terrível, se ajoelha em frente aos deuses em miniatura, e Zeus fala, com uma vozinha de Mickey Mouse: *Bem-vindo ao Olimpo!*

Enquanto eu pensava tudo isso parado à porta, me dei conta de que a conversa dos deuses tinha cessado. Todos haviam se virado para me olhar. O time todo estava presente, o que só acontecia em ocasiões especiais: o solstício, a saturnália, a Copa do Mundo.

Tive um momento de pânico. Será que eu sequer sabia ficar com

seis metros de altura? Será que eles teriam que conjurar uma almofadinha para o meu trono?

Troquei um olhar com Ártemis. Ela assentiu — talvez uma mensagem de encorajamento, talvez um aviso de que, se não me enfeitiçasse logo, ela daria uma ajudinha me transformando em um camelo de seis metros com vestido de gala.

Isso me deu a dose de confiança de que eu precisava. Entrei na sala. Para meu grande alívio, minha estatura aumentou a cada passo. Quando cheguei ao tamanho certo, me sentei no meu antigo trono, diretamente em frente ao da minha irmã, com Ares à direita e Hefesto à esquerda.

Eu encarei cada deus de uma vez.

Você já ouviu falar de síndrome do impostor? Tudo em mim gritava *Eu sou uma fraude! Não pertenço a esse lugar!* Mesmo depois de quatro mil anos de divindade, seis meses de vida mortal tinham me convencido de que eu não era um deus verdadeiro. Sem dúvida aqueles onze olimpianos logo perceberiam esse triste fato. Zeus gritaria: *O que você fez com o verdadeiro Apolo?* Hefesto apertaria um botão no seu trono tunado. Um alçapão se abriria no meu assento, e eu seria despejado sem cerimônia de volta à Manhattan.

Em vez disso, Zeus apenas me observou, os olhos tempestuosos sob as sobrancelhas pretas e grossas. Ele tinha escolhido usar um traje tradicional, um quíton branco bem esvoaçante, o que não era um bom modelito para ele, que adorava arreganhar as pernas.

— Você retornou — comentou ele, o lorde supremo das obviedades.

— Sim, Pai. — Eu me perguntei se ouvir a palavra *Pai* foi tão desagradável para ele quanto foi para mim falá-la. Tentei controlar a bile que me subia pela garganta. Consegui abrir um sorriso e observei os outros deuses. — Então, quem ganhou a aposta?

Ao meu lado, Hefesto pelo menos teve a educação de se ajeitar, no trono, desconfortável com a situação, embora, é claro, ele *sempre* estivesse desconfortável. Atena lançou um olhar raivoso para Hermes, como quem diz: *Eu te falei que era uma má ideia.*

— Pô, cara — disse Hermes. — Aquilo foi só para quebrar o nervosismo. A gente estava preocupado com você!

Ares bufou.

— Até porque você não estava indo nada bem lá embaixo. Estou surpreso que tenha durado tanto. — Ele ficou com o rosto todo vermelho, como se tivesse acabado de perceber que estava falando em voz alta. — Ah... Quer dizer, bom trabalho, cara. Você conseguiu.

— Então você perdeu — resumi.

Ares xingou baixinho.

— Atena levou o bolão. — Hermes esfregou o bolso de trás, como

se a carteira ainda estivesse doendo.

— Sério?

Ela deu de ombros.

— Sabedoria. Nunca falha.

Poderia ter sido um comercial. A câmera dá foco no rosto de Atena, que abre um sorriso enquanto o slogan aparece na parte de baixo da tela: *Sabedoria. Nunca falha.*

— Então... — Abri as mãos, dando a entender que estava pronto para o que viesse: elogios, insultos, críticas construtivas.

Eu não tinha ideia do que estava na pauta daquela reunião, e me dei conta de que não me importava muito.

Do outro lado da sala, Dioniso tamborilou nos encostos estofados de oncinha do trono. Sendo o único deus no "lado das deusas" naquela sala (longa história), nós dois muitas vezes fazíamos campeonatos de quem piscava primeiro ou revirávamos os olhos um para o outro quando nosso pai se estendia demais em uma anedota. Dioniso ainda estava usando o disfarce desleixado de sr. D, o que irritava Afrodite, sentada ao seu lado. Dava para ver pela linguagem corporal que ela estava se contorcendo de raiva em seu vestido midi Oscar de la Renta.

Considerando o exílio de Dioniso no Acampamento Meio-Sangue, ele raramente tinha permissão de visitar o Olimpo. Quando isso acontecia, ele em geral tomava o cuidado de só falar quando alguém lhe perguntava alguma coisa. Mas agora ele me surpreendeu.

— Bom, na minha opinião, você fez um trabalho magnífico. Eu acho que, em sua homenagem, *qualquer* deus que esteja sendo punido com uma temporada na Terra deveria ser perdoado imediatamente...

— Não — interrompeu Zeus.

Dioniso se recostou de volta no trono, decepcionado. Eu não podia culpá-lo por tentar. Seu castigo, como o meu, parecia desproporcional e sem sentido. Mas Zeus agia de maneiras misteriosas. Nem sempre conseguíamos entender seu plano. Provavelmente porque ele *não tinha* um plano.

Deméter, que estava tricotando caules de trigo em novas espécies resistentes à seca, como muitas vezes fazia enquanto ouvia nossas deliberações, colocou a cesta de lado.

— Eu concordo com Dioniso. Apolo deveria receber uma medalha.

Seu sorriso era carinhoso. Seu cabelo dourado se agitava em uma brisa inexistente. Procurei alguma semelhança com Meg, mas elas eram tão diferentes quanto um grão de milho e as folhas. Concluí que preferia as folhas.

— Ele foi um escravo maravilhoso para a minha filha — continuou ela. — Tudo bem, precisou de algum tempo para se acostumar, mas dá para perdoar. Se qualquer um de vocês precisar de um escravo para os seus filhos semideuses no futuro, eu recomendo Apolo sem hesitar.

Torci para que fosse uma piada. Mas Deméter, como a temporada de plantação, não era famosa pelo seu senso de humor.

— Obrigado? — respondi.

Ela me soprou um beijo.

Pelos deuses, Meg, pensei. *Eu sinto tanto que a sua mãe seja a sua mãe.*

A rainha Hera ergueu o véu. Como eu tinha visto no sonho, seus olhos estavam vermelhos e inchados de chorar, mas, quando ela falou, sua voz foi firme como bronze.

Ela encarou o marido com uma expressão irritada.

— Pelo menos Apolo *fez* alguma coisa.

— Isso de novo, não — resmungou Zeus.

— Meu escolhido — disse Hera. — Jason Grace. Seu *filho*. E você...

— Não fui *eu* que o matei, mulher! — vociferou Zeus. — Foi Calígula!

— Sim — retrucou ela. — E pelo menos Apolo chorou por ele. Pelo menos *ele* se vingou.

Espera... O que estava acontecendo? Minha madrasta má estava me defendendo? Para a minha surpresa, quando Hera me encarou, seu olhar não era hostil. Ela parecia estar procurando solidariedade, *pena*, até. *Está vendo o que tenho que aguentar? Seu pai é horrível!*

Naquele momento, senti uma pontada de compaixão pela minha madrasta pela primeira vez desde, hum, sempre. Não me entendam mal. Eu continuava não gostando dela. Mas me ocorreu que ser Hera talvez não fosse muito fácil, considerando com quem era casada. No lugar dela, talvez eu tivesse virado uma intrometida intragável também.

— Seja como for — resmungou Zeus —, depois de duas semanas, parece mesmo que a solução de Apolo foi permanente. Píton realmente está morta. Os oráculos estão livres. As Parcas mais uma vez podem fiar seus fios sem estorvos.

Essas palavras me atingiram como cinzas do Vesúvio.

O fio das Parcas. Como eu não havia considerado isso antes? As três irmãs eternas usavam seu tear para tecer o fio da vida tanto de deuses quanto de mortais. Elas cortavam o fio do destino sempre que chegava o momento de alguém morrer. Eram maiores e mais poderosas que qualquer Oráculo. Mais poderosas até que os olimpianos.

Aparentemente, o veneno de Píton tinha feito mais do que simplesmente estrangular profecias. Se ela conseguia interferir com o tecer das Parcas, a serpente poderia terminar ou prolongar vidas como bem entendesse. As consequências seriam horripilantes.

Algo mais me incomodou na frase de Zeus. Ele disse que "parecia" que minha solução era permanente. Isso dava a entender que Zeus não tinha certeza. Eu suspeitava de que, quando caí da beirada do Caos,

Zeus não tinha conseguido olhar. Existiam limites até para a *sua* visão de longo alcance. Ele não sabia exatamente o que havia acontecido, como eu havia derrotado Píton, como eu tinha retornado. Eu e Atena nos entreolhamos, e ela assentiu quase imperceptivelmente.

— Sim, Pai — falei. — Píton se foi. Os oráculos estão livres. Espero que isso seja o suficiente para conseguir sua aprovação.

Tendo passado um tempo no Vale da Morte, eu tinha certeza de que minha voz estava muito, muito mais seca.

Zeus cofiou a barba, como se ponderasse sobre as infinitas possibilidades do futuro. Poseidon segurou um bocejo, como se estimando que horas a reunião acabaria para ele poder voltar para a pescaria.

— Estou satisfeito — pronunciou-se Zeus.

Os deuses soltaram um suspiro. Por mais que fingíssemos ser um conselho de doze, aquilo era uma tirania. Zeus não tinha praticamente nada de pai benevolente, estava mais para um líder que governava com punhos de ferro, que tinha as maiores armas e a habilidade de tirar nossa imortalidade caso o ofendêssemos.

De alguma maneira, porém, não me senti aliviado por estar fora da lista maldita de Zeus. Na verdade, tive que me controlar para não revirar os olhos.

— Show — falei.

— Sim — concordou Zeus. Ele pigarreou, meio sem jeito. — Bem-vindo de volta ao círculo dos deuses, meu filho. Tudo se deu de acordo com meu plano. Você se saiu admiravelmente bem. Está perdoado e de volta ao seu trono!

Nesse momento vieram palmas educadas das outras deidades.

Ártemis era a única que parecia feliz de verdade. Ela até me deu uma piscadela. Nossa. Aquele era realmente um dia de milagres.

— Qual a primeira coisa que você vai fazer, agora que voltou? — perguntou Hermes. — Amaldiçoar uns mortais? Talvez levar a carruagem do Sol perto demais da Terra e dar um susto neles?

— Aaaaah, posso ir também? — pediu Ares.

— Acho que vou só visitar alguns velhos amigos. — respondi, dando de ombros.

Dioniso assentiu, saudoso.

— As Nove Musas. Excelente escolha.

Mas essas não eram as amigas que eu tinha em mente.

— Bem! — Zeus olhou em torno da sala do trono, caso algum de nós quisesse uma última chance de puxar seu saco. — O conselho está dispensado.

Os olimpianos sumiram um depois do outro — de volta a sabe-se lá que confusão divina estavam aprontando. Ártemis assentiu para mim, me tranquilizando, e então se desfez em luz prateada.

Ficamos só eu e Zeus.

Meu pai levou a mão à boca e deu uma tossidinha.

— Eu sei que você acha que sua punição foi dura demais, Apolo.

Não respondi. Me esforcei ao máximo para manter minha expressão educada e neutra.

— Mas você precisa compreender — continuou ele. — Só *você* poderia ter derrotado Píton. Só *você* poderia ter libertado os oráculos. E foi o que fez, como eu esperava. O sofrimento, a dor que sentiu na jornada... é uma pena, mas foi necessário. Você me deixou orgulhoso.

É interessante como ele falou: eu tinha deixado *ele* orgulhoso. Eu tinha sido útil para deixá-lo bem na fita. Meu coração não se comoveu. Não senti que aquela era uma carinhosa reconciliação com meu pai. Vamos ser honestos: alguns pais não merecem isso. Alguns não são capazes disso.

Acho que eu poderia ter gritado, xingando-o de tudo quanto é coisa. Estávamos sozinhos. Ele provavelmente esperava isso. Considerando sua falta de jeito naquele momento, acho que talvez até teria feito vista grossa se eu surtasse.

Mas a questão era que isso não faria nenhuma diferença para ele. Não mudaria nada entre nós. Não se pode mudar um tirano tentando ser pior do que ele. Meg nunca poderia ter mudado Nero, não mais do que eu poderia mudar Zeus. Só me restava tentar ser diferente dele. Melhor. Mais... humano. E limitar ao máximo a quantidade de tempo que passava perto dele.

— Eu compreendo, Pai.

Zeus pareceu compreender que o que *eu* compreendi talvez não fosse a mesma coisa que *ele* compreendeu, mas aceitou o gesto, suponho que por falta de opção.

— Muito bem. Então... Bem-vindo de volta.

Eu me levantei do meu trono.

— Obrigado. Agora, se me der licença...

Eu me dissolvi em luz dourada. Havia vários outros lugares em que eu preferia estar, e eu tinha a intenção de visitar todos.

37

Pinochle e morangos
Marshmallows na fogueira
Isso sim que é vida

SENDO UM DEUS, eu tenho a capacidade de me dividir em várias partes. Posso existir em muitos lugares diferentes ao mesmo tempo.

Por causa disso, não tenho certeza de qual dos seguintes encontros aconteceu primeiro. Leiam na ordem que preferirem. Eu estava determinado a rever todos os meus amigos, não importava onde estivessem, e a lhes dar atenção igual mais ou menos no mesmo período.

Mas, primeiro, devo mencionar meus cavalos. Sem julgamentos, por favor. Senti falta deles. Como são imortais, não precisam de alimento para sobreviver. Nem precisam obrigatoriamente fazer a jornada diária pelo céu para manter o Sol funcionando, graças a todos os outros deuses solares por aí ainda mantendo os movimentos do cosmos e também àquela outra coisinha chamada astrofísica. Ainda assim, eu estava preocupado que ninguém tivesse dado comida ou levado meus cavalos para passear em pelo menos seis meses, talvez até um ano inteiro, o que costumava deixá-los meio rabugentos. Por motivos que eu não deveria ter que explicar, ninguém quer seu sol sendo puxado pelo céu por um bando de cavalos rabugentos e irritados.

Eu me materializei na entrada do Palácio do Sol e descobri que meus valetes tinham abandonado o posto. Isso acontece quando você não paga o dracma de ouro diário deles. Mal consegui abrir a porta, porque meses de correspondência tinham sido enfiadas pela fresta. Contas. Folhetos publicitários. Ofertas de cartões de crédito. Pedidos de ajuda de instituições de caridade como Caduceu Vermelho e Dríades Sem Fronteiras. Imagino que Hermes tenha achado engraçado me entregar tantas cartas. Eu precisava ter uma conversinha com aquele cara.

Eu também não tinha interrompido minhas entregas recorrentes das Amazonas, então o pórtico estava lotado de caixas cheias de pasta de dente, sabão em pó, cordas de violão, resmas de tablatura em branco e protetor solar com perfume de coco.

Lá dentro, o palácio tinha recuperado seu velho cheiro de Hélio, como acontecia sempre que eu passava muito tempo fora. Seu antigo dono deixara um odor característico de titã: pungente e enjoativo, meio como desodorante Axe. Eu teria que abrir as janelas e acender

um incenso de sálvia.

Uma camada de poeira havia se acumulado no meu trono dourado. Alguns engraçadinhos tinham escrito ME LAVE nas costas da cadeira. *Venti* idiotas, provavelmente.

Nos estábulos, meus cavalos ficaram felizes ao me ver. Chutaram os estábulos, sopraram fogo e choramingaram, indignados, como se dissessem: *Onde Hades você estava?*

Alimentei-os com sua palha dourada preferida, então enchi o bebedouro de néctar. Dei uma boa escovada em cada um, sussurrando carinhosamente nos ouvidos deles até que parassem de me chutar bem naquele lugar, o que considerei um sinal de que haviam me perdoado.

Foi bom fazer algo tão rotineiro, algo que eu já tinha feito milhões de vezes. (Cuidar dos cavalos, quero dizer. Não levar chutes naquele lugar.) Ainda não me sentia como meu antigo eu. Não *queria* me sentir como meu antigo eu. Mas estar nos meus estábulos foi bem mais confortável e familiar do que estar no Olimpo.

Eu me dividi em diferentes Apolos e mandei um deles seguir minha jornada diária pelo céu. Estava determinado a dar ao mundo um dia comum, para mostrar a todos que eu estava de volta, no controle e me sentindo ótimo. Nada de explosões solares, nada de secas nem incêndios florestais. Só Apolo sendo Apolo.

Eu esperava que essa parte de mim servisse como um leme confiável, uma espécie de consciência, enquanto eu fazia minhas outras paradas.

* * *

As boas-vindas que recebi no Acampamento Meio-Sangue foram escandalosas e incríveis.

— LESTER! — cantaram os campistas. — LESTER!

— LESTER?!

— LESTER!

Eu tinha escolhido aparecer na minha antiga forma de Papadopoulos. Por que não em meu corpo divino perfeito e brilhoso? Ou no de um dos Bangtan Boys, ou Paul McCartney de 1965? Depois de reclamar por tantos meses daqueles pneuzinhos e da cara cheia de espinhas, percebi que eu me sentia em casa daquela forma. Quando conheci Meg, ela me garantiu que a aparência de Lester era perfeitamente normal. Na época, essa ideia me deixou horrorizado. Agora, eu achava isso tranquilizante.

— Olá! — gritei, aceitando abraços em grupo que ameaçavam se transformar em debandadas. — Sim, sou eu! Sim, voltei para o Olimpo!

Só duas semanas haviam se passado, mas os novos campistas, que

pareciam tão jovens e estranhos quando cheguei, agora andavam por ali feito semideuses veteranos. Enfrentar uma grande batalha (opa, perdão: “uma excursão escolar”) faz isso com você. Quíron parecia imensamente orgulhoso de seus pupilos… e de mim, como se eu fosse um deles.

— Você foi muito bem, Apolo — disse ele, segurando meu ombro como o pai carinhoso que eu nunca tive. — Sempre é bem-vindo aqui no acampamento.

Chorar de soluçar nunca seria apropriado para um grande deus do Olimpo, então foi exatamente o que eu fiz.

Kayla e Austin me abraçaram, e nós choramos mais um pouco. Tive que manter meus poderes divinos fortemente sob controle, ou minha alegria e alívio poderiam ter explodido em uma tempestade de fogo capaz de destruir o vale inteiro.

Perguntei de Meg, mas me disseram que ela já tinha ido embora. Voltara para Palm Springs, para a antiga casa do pai, com Luguselwa e os irmãos adotivos do Lar Imperial de Nero. Imaginar Meg lidando com aquele grupo instável de semideuses só com a ajuda de LuBarba, a Pirata, me deixou nervoso.

— Ela está bem? — perguntei a Austin.

Ele hesitou.

— Está. Quer dizer… — Seu olhar era cabisbaixo, como se lembrasse das inúmeras coisas que todos nós vimos e fizemos na torre de Nero. — Você sabe. Ela *vai* ficar bem.

Deixei minhas preocupações de lado por ora e continuei procurando meus outros amigos. Se eles estavam nervosos por eu ser um deus de novo, disfarçaram bem. Quanto a mim, me esforcei bastante para manter a calma, sem ficar seis metros mais alto ou explodir em chamas douradas toda vez que via alguém de quem gostava.

Encontrei Dioniso sentado na varanda da Casa Grande, bebericando uma Coca Zero e parecendo chateado. Sentei-me à mesa de pinochle com ele.

— Bom… — falou ele, suspirando. — Parece que algumas pessoas conseguem seu final feliz.

Acho que ele estava feliz por mim, do seu jeito. Pelo menos tentou controlar a amargura na voz. Não dava para culpá-lo por ter raiva.

Minha punição acabara, mas a dele continuava. Cem anos, comparados aos meus seis meses.

Para ser sincero, porém, eu não considerava mais meu tempo na Terra um castigo. Terrível, trágico, quase impossível… sim. Mas chamar de *punição* dava crédito demais a Zeus. Foi uma jornada… uma jornada importante que eu mesmo fiz com a ajuda dos meus amigos. Eu esperava… eu *acreditava* que todo o luto e toda a dor

tinham me transformado em uma pessoa melhor. Eu havia forjado um Lester mais perfeito a partir dos restos do Apolo. Não trocaria essas experiências por nada. E se me dissessem que eu teria que ser Lester por mais cem anos... Bom, dava para imaginar coisas piores. Pelo menos eu não precisaria aparecer nas reuniões de solstício no Olimpo.

— Você vai ter seu final feliz, irmão — falei para Dioniso.

Ele me observou.

— Está falando como deus da profecia?

— Não. — Sorri. — Só como alguém que tem fé.

— Certamente não é fé na sabedoria do nosso pai.

Dei uma risada.

— Fé em nossa habilidade de escrever nossas próprias histórias, não importa o que as Parcas inventem para nós. Fé que você vai encontrar uma forma de fazer vinho com essas uvas amargas.

— Uau, que profundo — murmurou Dioniso, embora eu tenha notado um sorrisinho se formando em seus lábios. Ele indicou a mesa de jogo. — Pinochle, talvez? Nisso, pelo menos, eu sei que consigo acabar com você.

Passei o restante da tarde com ele, que ganhou seis jogos. Só roubou um pouquinho.

* * *

Antes do jantar, eu me teletransportei para o Bosque de Dodona, escondido no meio da floresta do acampamento.

Assim como antes, as árvores ancestrais sussurravam em uma cacofonia de vozes: trechos de enigmas e canções, poesias, receitas e previsões do tempo, nada fazendo muito sentido. Sinos dos ventos de bronze se agitavam nos galhos, refletindo a luz da tarde e balançando com a brisa.

— Olá! — gritei. — Eu vim agradecer!

As árvores continuaram sussurrando, ignorando minha presença.

— Vocês me deram a Flecha de Dodona como guia! — continuei.

Notei algumas risadinhas entre as árvores.

— Sem a flecha — falei — minha missão teria falhado. Ela se sacrificou para derrotar Píton. Era mesmo a peça mais incrível de todo o bosque!

Se as árvores conseguissem fazer aquele barulho de disco arranhado, elas o fariam com certeza. Os sussurros sumiram. Os sinos de bronze ficaram pendurados, imóveis, nos galhos.

— Sua sabedoria era inestimável — continuei. — Seu sacrifício, muito nobre. Ela representou este local com honra. Sem dúvidas vou contar à guardiã deste bosque, minha avó Reia, sobre seu serviço impecável. Ela vai saber o que vocês fizeram. Vai saber que, quando

precisei de ajuda, vocês enviaram seu melhor.

As árvores voltaram a sussurrar, mais nervosas dessa vez. *Espere. Espere aí, a gente não... O quê?*

Eu me teletransportei antes que as árvores vissem meu sorriso. Torci para que, aonde quer que seu espírito tivesse ido parar, minha amiga flecha estivesse dando uma risada digna de uma comédia shakespeariana.

* * *

Naquela noite, depois da fogueira, fiquei sentado com Nico, Will e Rachel observando as cinzas arderem.

Os meninos estavam sentados lado a lado, Will com o braço ao redor dos ombros de Nico, enquanto o filho de Hades assava um marshmallow em um palito. Ao meu lado, Rachel abraçava os joelhos e encarava as estrelas com alegria, as brasas do fogo refletidas no cabelo vermelho feito um rebanho irritado de *tauri silvestres*.

— Tudo está funcionando de novo — contou ela, tamborilando na têmpora. — As visões estão claras. Consigo pintar. Já fiz até algumas profecias. Chega de veneno de cobra na minha mente. Obrigada.

— Fico feliz — respondi. — E a casa destruída dos seus pais?

Ela riu.

— No fim, foi bom. Antes, meu pai queria que eu ficasse aqui durante o outono. Agora ele diz que talvez seja uma boa ideia fazer o que eu queria desde o começo. Vou tirar um ano sabático em Paris para estudar arte enquanto eles reconstroem a casa.

— Uau, Paris! — comentou Will.

Rachel abriu um sorriso largo.

— Né? Mas não se preocupem, eu volto para cá no verão que vem para lançar a boa profética de novo.

— E se a gente precisar de você nesse meio-tempo... — disse Nico. — Sempre tem a viagem nas sombras.

Will suspirou.

— Eu adoraria pensar que você está sugerindo um fim de semana romântico em Paris, sr. Lorde das Sombras. Mas continua pensando no Tártaro, né? Torcendo para ter alguma orientação profética?

Nico deu de ombros.

— Negócios inacabados...

Franzi a testa. Parecia fazer tanto tempo desde que eles comentaram isso comigo... a compulsão de Nico em explorar as profundezas do Tártaro, a voz que ele ouviu pedindo ajuda.

Eu não queria cutucar uma ferida recente, mas perguntei com a maior gentileza que consegui:

— Tem certeza de que não é... o Jason?

Nico cutucou seu marshmallow enegrecido.

— Não vou mentir. Já pensei nisso. Já pensei em tentar achá-lo. Mas não, isso não tem a ver com ele. — Ele se aconchegou mais em Will. — Tenho a sensação de que Jason fez sua escolha. Eu não estaria honrando seu sacrifício se tentasse desfazer isso. Com Hazel… Ela estava só flutuando por Asfódelos. Dava para ver que não era para ela estar ali. Ela *precisava* voltar. Com Jason, tenho a sensação de que ele está em um lugar melhor agora.

— Tipo o Elísio? — perguntei. — Renascimento?

— Achei que talvez você pudesse me dizer — admitiu Nico.

Balancei a cabeça.

— Infelizmente não tenho a menor noção de assuntos pós-morte. Mas se não é em Jason que você está pensando…

Nico girou o graveto.

— Quando fui para o Tártaro pela primeira vez, alguém me ajudou. E eu… *nós* o deixamos lá embaixo. Não consigo parar de pensar nele.

— É para eu ficar com ciúmes? — perguntou Will.

— Ele é um titã, bobão.

Eu me ajeitei.

— Um *titã*?

— Longa história — falou Nico. — Mas ele não é mau. Ele é… Bem, eu sinto que tenho que procurá-lo, que devo ver se consigo entender o que aconteceu. Talvez ele precise da minha ajuda. Não gosto quando as pessoas são esquecidas.

Rachel deu de ombros.

— Hades não vai se importar de você ficar passeando pelo Tártaro?

Nico deu uma risada seca.

— Ele proibiu terminantemente. Depois daquela situação com as Portas da Morte, meu pai não quer ninguém passeando no Tártaro nunca mais. É aí que os trogloditas entram. Eles conseguem fazer túneis em qualquer lugar, até mesmo lá. Conseguem levar e trazer a gente em segurança.

— *Segurança* é um termo relativo — comentou Will —, considerando que a ideia é totalmente doida.

Franzi a testa. Eu ainda não gostava de imaginar meu filho solar e luminoso mergulhando na terra dos pesadelos monstruosos. Meu tombo recente até a beirada do Caos me lembrou de que aquele era um péssimo local para passar as férias. Por outro lado, não era meu trabalho dizer aos semideuses o que fazer, especialmente àqueles que eu mais amava. Não queria mais ser esse tipo de deus.

— Eu queria poder oferecer ajuda para vocês — falei. — Mas infelizmente o Tártaro fica fora da minha jurisdição.

— Tudo bem, pai — disse Will. — Você fez sua parte. Nenhuma história acaba, né? Só leva para a próxima. — Ele entrelaçou os dedos

com os de Nico. — Vamos lidar com o que vier... juntos. Com ou sem profecia...

Juro que não tive nada a ver com isso. Não apertei botão nenhum nas costas de Rachel. Não tinha programado um presente surpresa das Entregas Délficas.

Mas assim que Will falou a palavra *profecia*, Rachel ficou tensa. Respirou fundo. Uma névoa esverdeada se ergueu da terra, girando ao redor dela e penetrando seus pulmões. Ela tombou para o lado, e Nico e Will pularam para segurá-la.

Quanto a mim, eu me afastei de um jeito bem pouco divino, com o coração disparado, digno de um Lester assustado. Acho que todo aquele gás verde me lembrava demais do meu recente passeio com Píton.

Quando meu pânico passou, o momento profético já tinha acabado. O gás se dissipou. Rachel estava deitada confortavelmente no chão, com Will e Nico de pé ao redor dela com expressões perturbadas.

— Você ouviu? — perguntou Nico para mim. — A profecia que ela sussurrou?

— Eu... Não — admiti. — Deve ser melhor se... se eu deixar vocês dois lidarem com essa.

Will assentiu, resignado.

— Olha, não pareceu coisa boa.

— Não, tenho certeza de que não. — Olhei com carinho para Rachel Dare. — Ela é um oráculo maravilhoso.

38

Cenouras e muffins
Biscoitos azuis da Sally
Tô com tanta fome

A ESTAÇÃO INTERMEDIÁRIA parecia muito diferente no verão.

O jardim de Emmie na cobertura do prédio vibrava com tomates, ervilhas, repolhos e melancias. O salão principal vibrava com velhos amigos.

As Caçadoras de Ártemis estavam hospedadas lá depois de tomar uma lavada na sua última excursão para capturar a Raposa de Têumesso.

— Aquela raposa é uma assassina — disse Reyna Avila Ramírez-Arellano, esfregando o pescoço machucado. — Levou a gente direto para um ninho de lobisomens. Ridícula.

— Argh — concordou Thalia Grace, tirando um dente de lobisomem da armadura de couro. — A RT espalha destruição por onde passa.

— RT? — perguntei.

— Mais fácil que ficar falando *Raposa de Têumesso* vinte vezes por dia — explicou Thalia. — De qualquer forma, a raposa passa por uma cidade e desperta todos os monstros num raio de trinta quilômetros. Peoria está basicamente em ruínas.

Parecia uma perda trágica, mas eu estava mais preocupado com minhas amigas caçadoras.

— Está arrependida de se juntar ao grupo? — perguntei a Reyna.

Ela abriu um sorrisão.

— Nem por um minuto. Isso é divertido demais!

Thalia deu um soquinho no ombro dela.

— Excelente Caçadora, essa aqui. Eu sabia. A gente vai pegar essa raposa qualquer dia desses.

Emmie chamou as duas para ajudar a fazer o jantar na cozinha, porque as cenouras não iriam se cortar sozinhas. As amigas saíram juntas, rindo e contando histórias. Fez bem ao meu coração vê-las tão felizes, mesmo que a ideia de diversão fosse uma caça à raposa sem fim que deixaria grandes partes do Meio-Oeste destruídas.

Jo estava ensinando Georgina, a filha dela (talvez minha também), a forjar armas. Quando Georgina me viu, não pareceu nada animada, como se a gente tivesse se visto poucos minutos antes.

— Você guardou meu boneco? — exigiu saber.

— Ah… — Eu poderia ter mentido. Poderia ter produzido

magicamente uma cópia exata do boneco de arames e dito *É claro*. Mas a verdade é que eu não fazia ideia de onde aquilo tinha ido parar, talvez em Delfos, ou no Tártaro, ou no Caos? Então falei a verdade: — Quer fazer outro para mim?

Georgina refletiu.

— Deixa pra lá.

E voltou a afiar lâminas em brasa com a mãe.

O guerreiro Litierses parecia estar se adaptando bem. Estava supervisionando o "programa de visitação a elefantes" com os residentes da Estação Intermediária Lívia e Aníbal, do Acampamento Júpiter. Os dois paquidermes estavam se divertindo no terreno dos fundos, flertando e jogando bolas um para o outro.

Depois do jantar, fui encontrar Leo Valdez, que tinha acabado de se arrastar de volta para casa depois de um dia cheio de serviço comunitário. Ele ensinava mecânica para crianças sem-teto no abrigo local.

— Que incrível — falei.

Ele sorriu e mordeu um biscoito de nata que Emmie tinha acabado de fazer.

— Aham. Várias crianças que nem eu, sabe? Nunca tiveram muita coisa. O mínimo que posso fazer é mostrar para elas que alguém se importa. Além disso, algumas são muito boas em mecânica.

— Você não precisa de ferramentas? — perguntei. — De uma oficina?

— Festus! — respondeu Leo. — Um dragão de bronze é a melhor oficina móvel. A maioria dos meninos só vê um caminhão, por conta da Névoa e tal, mas alguns... Eles sabem a verdade.

Jo passou perto da gente no caminho para o loft dos grifos e deu um tapinha no ombro dele.

— Esse aqui está mandando bem. Tem muito potencial.

— Obrigado, mãe — respondeu Leo.

Jo bufou, mas pareceu contente.

— E Calipso? — perguntei para Leo.

Várias emoções passaram pelo rosto dele, o suficiente para me dizer que Leo estava mais apaixonado do que nunca pela antiga deusa e que as coisas continuavam complicadas.

— Ah, ela está bem — respondeu, por fim. — Nunca vi ninguém, tipo, *gostar* do ensino médio. Mas a rotina, o dever de casa, as pessoas... Ela amou. Acho que é tudo muito diferente de estar presa em Ogígia.

Assenti, embora a ideia de uma ex-imortal gostando da escola também não fizesse muito sentido para mim.

— Onde ela está agora?

— Acampamento de banda.

Fiquei olhando para ele sem entender.
— Oi?
— Ela é monitora em um acampamento de banda — explicou ele. — Tipo, para crianças mortais normais que estão aprendendo música e tal. Sei lá. É onde ela vai passar o verão todo.
Leo balançou a cabeça, claramente preocupado, claramente com saudades, talvez tendo pesadelos sobre todos os clarinetistas gatos com quem Calipso pudesse estar andando.
— Não tem problema — completou, forçando um sorriso. — Sabe, um tempinho separados para pensar. Vamos fazer funcionar.
Reyna passou por ali e ouviu a última parte.
— Falando sobre a Calipso? É, precisei ter uma conversinha com *mi hermano* aqui. — Ela apertou o ombro de Leo. — Não se chama uma senhorita de *mamacita*. Você precisa ter mais respeito, *entiendes*?
— Eu... — Leo deu a impressão de querer discordar, depois pareceu pensar melhor. — É, verdade.
Reyna sorriu para mim.
— Valdez cresceu sem a mãe. Nunca aprendeu essas coisas. Agora tem duas mães adotivas incríveis e uma irmã mais velha que não tem medo de colocá-lo na linha quando precisa.
Ela deu um peteleco de brincadeira na bochecha dele.
— Nem me fala — resmungou Leo.
— Animação! — disse Reyna. — Vai ficar tudo bem com a Calipso. Você é bobo às vezes, Valdez, mas tem um coração de ouro imperial.

* * *

Próxima parada: Acampamento Júpiter.
Não me surpreendeu que Hazel e Frank tivessem se tornado o mais eficiente e respeitado par de pretores que já liderou a Décima Segunda Legião. Em tempo recorde eles tinham inspirado um esforço de reconstrução de Nova Roma, consertado todo o dano da nossa batalha contra Tarquínio e os dois imperadores, e começado um programa de recrutamento com os lobos de Lupa para atrair novos semideuses. Pelo menos vinte pessoas tinham chegado desde que eu partira, o que me fez questionar onde esse pessoal estava se escondendo e como os outros deuses conseguiram ter tantos filhos nas últimas décadas.
— Vamos instalar mais casernas aqui — contou Hazel enquanto ela e Frank faziam o passeio de cinco denários comigo pelo acampamento reconstruído. — Expandimos os banhos termais e estamos construindo um arco da vitória na estrada principal de Nova Roma para comemorar nossa vitória sobre os imperadores. — Seus olhos cor de âmbar brilharam de animação. — Vai ser banhado a ouro. *Totalmente* exagerado.

Frank sorriu.

— Pois é! Pelo que a gente viu, a maldição de Hazel está oficialmente desfeita. Fizemos um augúrio no altar de Plutão, e o resultado foi favorável. Ela consegue invocar joias, metais preciosos... e usá-los e gastá-los sem causar *nenhuma* maldição.

— Mas a gente não vai abusar desse poder — completou Hazel depressa. — Só vamos fazer isso para melhorar o acampamento e honrar os deuses. Não vamos comprar nenhum iate nem aviões particulares nem cordões de ouro com um pingente escrito "H+F" em diamantes, não é, Frank?

Ele fez um bico.

— Claro... Acho.

Hazel deu uma cotovelada nele.

— Definitivamente não vamos fazer isso — repetiu Frank. — Seria brega.

Frank ainda andava a passos pesados, feito um urso-pardo amigável, mas sua postura estava mais relaxada, seu humor parecia melhor, como se ele estivesse começando a aceitar que seu destino não era mais controlado por um pedacinho de madeira. Para Frank Zhang, assim como para o restante de nós, o futuro era uma página em branco.

— Ah, olha só isso, Apolo! — Ele girou a capa roxa de pretor como se fosse se transformar em um morcego (o que Frank tinha total capacidade de fazer). Em vez disso, a capa simplesmente se transformou em um cardigã largo. — Descobri como faz!

Hazel revirou os olhos.

— Meu querido, amado Frank. Dá para você, por favor, *parar* com esse casaquinho?

— Como assim? — reclamou ele. — É impenetrável *e* confortável!

Mais tarde, fui visitar meus outros amigos. Lavínia Asimov tinha cumprido sua ameaça/promessa de ensinar a Quinta Coorte a sapatear. A unidade agora era temida e respeitada nos jogos de guerra pela habilidade de formar uma parede de escudos em formação tartaruga e fazer um shuffle de três batidas ao mesmo tempo.

Tyson e Ella estavam contentes e de volta ao trabalho na livraria. Os unicórnios continuavam armados. O plano de expansão dos templos de Jason Grace permanecia em andamento, com novos santuários sendo erguidos toda semana.

O que me surpreendeu foi descobrir que Percy Jackson e Annabeth Chase tinham chegado e se estabelecido em Nova Roma, tirando dois meses para se ajustar ao novo ambiente antes de começar o primeiro semestre na faculdade.

— Arquitetura — disse Annabeth, os olhos cinzentos tão brilhantes quanto os da mãe. Ela falou a palavra *arquitetura* como se fosse a

resposta para todos os problemas do mundo. — Vou fazer design de ambientes na Berkeley e me matricular na Universidade de Nova Roma também. Suponho que até o terceiro ano eu...

— Ei, calma aí, espertinha — interrompeu Percy. — Primeiro você tem que me ajudar a passar pelas matérias do primeiro ano: inglês, matemática e história.

O sorriso de Annabeth iluminou o quarto inteiro.

— Tá bom, Cabeça de Alga, eu sei. Vamos fazer as matérias básicas juntos. Mas você *vai* fazer seu dever de casa sozinho.

— Cara... — reclamou Percy, olhando para mim em busca de apoio. — Dever de casa. Sinceramente!

Fiquei feliz por vê-los tão bem, mas concordava com Percy quanto ao dever de casa. Deuses nunca recebem nem querem nada disso. Nossos deveres são em formato de missões mortais.

— E qual curso você vai fazer? — perguntei.

— É, hum... biologia marinha? Aquacultura? Sei lá. Vou descobrir.

— Vocês dois vão ficar aqui? — perguntei, indicando os beliches.

A Universidade de Nova Roma podia ser uma faculdade para semideuses, mas os quartos dos alojamentos eram tão básicos e sem graça quanto os de qualquer outra faculdade.

— *Não*. — Annabeth pareceu ofendida. — Você já viu como esse cara deixa as roupas sujas espalhadas por tudo quanto é canto? Nojento. Além disso, todos os calouros precisam ficar nos alojamentos, que são separados por gênero. Minha colega só vai chegar em setembro.

— Pois é. — Percy suspirou. — Enquanto isso, vou estar do outro lado do campus, nesse dormitório masculino vazio. A dois quarteirões de distância.

Annabeth deu um tapinha no braço dele.

— Além disso, Apolo, como a gente vai morar não é da sua conta.

Ergui as mãos, me rendendo.

— Mas vocês atravessaram o país inteiro só para chegar aqui?

— Nós e Grover — respondeu Percy. — Foi ótimo, só nós três de novo. Mas, cara, essa viagem...

— Virou tudo de cabeça para baixo — concordou Annabeth. — E para o lado, e na diagonal. Mas chegamos aqui vivos.

Assenti. Isso era, afinal, o melhor que se poderia dizer de qualquer viagem com semideuses.

Pensei na minha viagem de Los Angeles até o Acampamento Júpiter trazendo o caixão de Jason Grace. Percy e Annabeth pareceram ler meus pensamentos. Apesar dos dias felizes que teriam pela frente e do clima geral de otimismo no acampamento, a tristeza ainda permanecia ali, surgindo nos cantos do meu campo de visão feito um dos Lares do acampamento.

— A gente descobriu quando chegou — disse Percy. — Ainda não...

Ele ficou com a voz embargada. Baixou os olhos e cutucou a palma da mão.

— Eu chorei até não aguentar mais — admitiu Annabeth. — Ainda queria... queria estar aqui para ajudar a Piper. Espero que ela esteja bem.

— Piper é muito forte — falei. — Mas, sim... Jason. Ele era o melhor de nós.

Ninguém discordou.

— Aliás — falei —, sua mãe está ótima, Percy. Encontrei com ela e com Paul. Sua irmãzinha é fofa demais. Ela ri o tempo todo.

Percy ficou animado.

— Não é? Estelle é demais. Só sinto falta das comidas da minha mãe.

— Acho que posso te ajudar com isso.

Como eu tinha prometido a Sally Jackson, teletransportei um prato de seus biscoitos azuis recém-assados direto para as minhas mãos.

— Cara! — Percy enfiou um biscoito inteiro na boca, maravilhado. — Apolo, você é o melhor. Retiro quase tudo que já falei sobre você.

— Ah, sem problema — respondi. — Espera... Como assim *quase tudo*?

39

Duzentos e dez
São muitos haicais, mas eu
Posso fazer mais...
*(*inserir som de um deus sendo estrangulado aqui*)*

FALANDO DE Piper McLean, passei a maior vergonha quando apareci para visitá-la.

Era uma linda noite de verão em Tahlequah, Oklahoma. As estrelas pontilhavam o céu e cigarras cantavam nas árvores. O calor se dissipava pelas montanhas. Vaga-lumes brilhavam na grama.

Eu havia desejado aparecer onde quer que Piper McLean estivesse. Acabei indo parar no telhado plano de uma casa de fazenda modesta, a casa da família McLean. Na beirada do telhado, havia duas pessoas sentadas lado a lado, as silhuetas escuras de costas para mim. Uma delas se inclinou e beijou a outra.

Não foi minha intenção, mas fiquei tão envergonhado que pisquei que nem um flash de câmera, me transformando sem querer de Lester para minha forma adulta de Apolo: toga, cabelo louro, músculos e tudo o mais.

O casal apaixonado se virou para me encarar.

Piper McLean estava à esquerda.

À direita havia outra jovem, com cabelo escuro curto e um piercing no nariz que brilhava na escuridão.

Piper soltou a mão da menina.

— Nossa, Apolo. Ótimo timing.

— Ah, foi mal, eu...

— Quem é esse? — perguntou a outra menina, observando minha roupa de lençol. — Seu pai tem um namorado?

Tive que me segurar para não dar um gritinho. Considerando que o pai de Piper era Tristan McLean, antigo queridinho de Hollywood, fiquei tentado a responder *Ainda não, mas posso me oferecer como voluntário.* Mas imaginei que Piper não fosse achar graça.

— Só um velho amigo da família — disse Piper. — Sinto muito, Shel. Pode me dar licença por um segundo?

— Ah, claro.

Piper se levantou e me guiou até a outra extremidade do telhado.

— Ei. Tudo em cima? — perguntou ela.

— Eu... Ah... — Não ficava tão gago desde que era Lester Papadopoulos em período integral. — Só queria passar aqui, ver se você estava bem. Parece que sim, né?

Piper abriu um sorrisinho.
— Bom, está no começo.
— Você está em processo — falei, me lembrando do que ela dissera na Califórnia.
De repente, muitas das coisas que ela me contara começaram a fazer sentido. Sobre não ser definida pelas expectativas de Afrodite. Ou pelas ideias de Hera do que constituía um casal perfeito. Piper estava encontrando o próprio caminho, em vez de seguir o que as pessoas esperavam dela.
— Exatamente.
— Fico feliz por você. — Fiquei mesmo. Na verdade, tive que me esforçar para não brilhar que nem um vaga-lume gigante. — E seu pai?
— Ah, bom, você sabe... de Hollywood de volta para Tahlequah é uma mudança e tanto. Mas parece que ele fez as pazes com isso. Vamos ver. Ouvi dizer que você voltou para o Olimpo. Parabéns.
Não soube muito bem como reagir àquele parabéns, considerando meu incômodo e minha sensação de não merecer nada daquilo, mas assenti. Contei o que tinha acontecido com Nero. Contei sobre o funeral de Jason.
Ela envolveu o corpo com os braços. Sob a luz das estrelas, seu rosto era tão cálido quanto bronze recém-saído das forjas de Hefesto.
— Que bom — disse ela. — Fico feliz que o Acampamento Júpiter tenha feito a coisa certa por ele. Você fez a coisa certa por ele.
— Não sei, não — respondi.
Ela apoiou a mão no meu braço.
— Você não esqueceu. Dá para ver.
Piper quis dizer sobre ser humano, sobre honrar os sacrifícios feitos.
— Não — respondi. — Não vou esquecer. Essa memória faz parte de mim agora.
— Que bom, então. Agora, se me dá licença...
— Hã?
Ela indicou sua amiga Shel.
— Ah, é claro. Se cuida, Piper McLean.
— Você também, Apolo. E, da próxima vez, que tal dar um alô antes de aparecer?
Murmurei uma desculpa, mas ela já tinha se virado para seguir em frente, para sua nova amiga, sua nova vida, para as estrelas no céu.

* * *

O último e mais difícil encontro... Meg McCaffrey.
Era um dia quente de verão em Palm Springs. O calor e o clima

seco me lembraram o Labirinto de Fogo, mas não havia nada maligno ou mágico envolvido. O deserto só é quente mesmo.

Aeithales, a antiga casa do dr. Philip McCaffrey, era um oásis de vida fresca e verdejante. Troncos de árvores tinham crescido para mudar a forma da estrutura antes totalmente feita pelo homem, tornando-a ainda mais impressionante do que era na infância de Meg. Annabeth ficaria chocada com o design de interiores das dríades locais. Janelas foram substituídas por camadas de vinhas que abriam e fechavam automaticamente para refrescar e sombrear, respondendo às menores flutuações dos ventos. As estufas tinham sido consertadas e agora estavam cheias de espécimes raros de plantas de todo o sul da Califórnia. Fontes naturais enchiam as cisternas e forneciam água para os jardins e para o sistema de resfriamento da casa.

Apareci na minha velha forma de Lester no caminho dos jardins que dava na casa e quase fui espetado pelas Meliai, a tropa pessoal de Meg de sete superdríades.

— Alto! — gritaram em uníssono. — Intruso!

— Sou só eu! — falei, o que não pareceu ajudar. — Lester! — Ainda nada. — Ah, vocês sabem, antigo servo de Meg.

As Meliai baixaram as lanças afiadas.

— Ah, sim — disse uma.

— Servo de Meg — repetiu outra.

— O fraco e insuficiente — completou uma terceira. — Antes que Meg tivesse os *nossos* serviços.

— Pois saibam que eu sou um deus olimpiano completo agora — reclamei.

As dríades não ficaram impressionadas.

— Vamos levá-lo até Meg — disse uma. — Ela será a juíza. Em formação!

Elas formaram uma falange ao meu redor e me escoltaram pelo caminho. Eu poderia ter sumido, saído voando ou feito várias outras coisas incríveis, mas elas tinham me surpreendido. Caí nos meus antigos hábitos de Lester e me deixei ser conduzido até minha antiga mestra.

Nós a encontramos cavando a terra junto de seus irmãos da antiga família de Nero, mostrando como transplantar mudas de cacto. Vi Aemillia e Lucius felizes da vida cuidando dos seus bebês cacto. Até o jovem Cassius estava lá, embora eu não tivesse a menor ideia de como Meg o havia encontrado. Ele estava brincando com uma das dríades, parecendo tão relaxado que mal acreditei que era o mesmo menino que fugira da torre de Nero.

Ali perto, na entrada de um pomar de pêssegos recém-plantados, o *karpos* Pêssego se exibia em toda a sua glória enfraldada. (Ah, claro. Ele apareceu *depois* que o perigo tinha passado.) Estava tendo uma

conversa animada com uma jovem *karpos* que supus ser uma local. Ela parecia bastante com Pêssego, inclusive, só que era coberta por uma fina camada de espinhos.

— Pêssego — disse Pêssego a ela.

— Opúncia! — retrucou a jovem.

— Pêssego!

— Opúncia!

Essa parecia ser a discussão. Talvez tivesse a ver com um duelo até a morte entre frutas pela supremacia local. Ou talvez fosse o início da maior história de amor que já madurou. Com os *karpoi*, nunca se sabe.

Meg teve que olhar duas vezes para acreditar que estava me vendo. Então abriu um sorrisão. Estava usando o vestido rosa de Sally Jackson, com um chapéu de jardinagem que parecia o topo de um cogumelo. Apesar da proteção, sua nuca já estava ficando vermelha por trabalhar ao ar livre.

— Você voltou — comentou ela.

Sorri.

— Você está vermelha.

— Vem aqui — ordenou ela.

Seus comandos já não me afetavam, mas eu obedeci mesmo assim. Ela me deu um abraço apertado. Cheirava a opúncia e areia quente. Pode ser que eu tenha ficado um pouco emocionado.

— Vocês continuem aí — falou Meg para seus estagiários.

Os antigos semideuses imperiais pareciam felizes em obedecer. Na verdade, pareciam determinados a continuar plantando, como se sua sanidade dependesse disso, o que talvez fosse o caso.

Meg pegou minha mão e me levou por um passeio pela casa nova, com as Meliai ainda em nosso encalço. Ela me mostrou o trailer onde a Sibila Herófila morava quando não estava na cidade lendo tarô e fazendo tratamentos com cristais. Meg contou, convencida, que a antiga oráculo estava ganhando o suficiente para cobrir todas as despesas de Aeithales.

Nossos amigos dríades Joshua e Aloe Vera ficaram felizes ao me ver. Eles me contaram do trabalho que faziam, viajando pelo sul da Califórnia, plantando novas dríades e se esforçando ao máximo para curar o dano das secas e dos incêndios florestais. Ainda tinham muito a fazer, mas as coisas pareciam melhores. Aloe nos seguiu por um tempo, passando sua meleca nos ombros queimados de Meg e brigando com ela.

Por fim, chegamos à sala principal da casa, onde Luguselwa montava uma cadeira de balanço. Ela havia recebido novas mãos mecânicas, um presente, Meg me contou, do chalé de Hefesto do Acampamento Meio-Sangue.

— E aí, colega de cela! — Lu sorriu e fez um gesto que em geral

não era associado a recepções amigáveis. Então xingou e balançou os dedos de metal até que eles se abrissem em um aceno de verdade. — Foi mal. Essas mãos ainda não estão bem programadas. Preciso resolver uns bugs.

Ela se levantou e me deu um abraço de urso. Suas mãos se espalmaram e começaram a fazer cócegas nas minhas costas, mas decidi que isso não devia ser intencional, porque Lu não me parecia muito fã de cosquinhas.

— Você está ótima — falei, me afastando.

Lu riu.

— Estou com minha Plantinha aqui. Tenho um lar. Sou uma boa e velha mortal de novo, e não queria outra coisa da vida.

Tive que me segurar para não responder *Eu também*. Pensar nisso me deixou melancólico. Teria sido inconcebível para o antigo Apolo, mas a ideia de envelhecer naquela linda casa da árvore no meio do deserto, vendo Meg crescer e se transformar em uma mulher forte e poderosa... não parecia nada má.

Lu provavelmente percebeu minha tristeza. Fez um gesto para a cadeira de balanço.

— Bom, vou deixar vocês dois continuarem o passeio. Montar esses móveis da IKEA é a missão mais difícil que tive em anos.

Meg me levou para a varanda enquanto o sol da tarde se escondia atrás das montanhas San Jacinto. Minha carruagem do Sol devia estar voltando para casa naquele momento, os cavalos se animando ao sentir o final da jornada. Eu logo me juntaria a eles... me reunindo ao meu outro eu, de volta ao Palácio do Sol.

Olhei para Meg, que estava secando uma lágrima do rosto.

— Acho que você não pode ficar, não é? — falou.

Segurei sua mão.

— Minha querida Meg.

Permanecemos em silêncio assim por um tempo, observando os semideuses trabalhando nos jardins lá embaixo.

— Meg, você fez tanto por mim. Por todos nós. Eu... Eu prometi recompensá-la quando me tornasse deus de novo.

Ela começou a falar, mas eu a interrompi.

— Não, espera. Entendo que isso estragaria nossa amizade. Não posso resolver os problemas dos mortais com um estalar de dedos. Sei que você não quer uma recompensa. Mas sempre será minha amiga. E se em qualquer momento precisar de mim, mesmo que seja só para conversar, estarei aqui.

Seus lábios tremeram.

— Obrigada. Isso é legal e tal, mas... na verdade, eu ficaria bem contente com um unicórnio.

Meg tinha conseguido de novo. Ela ainda me surpreendia. Ri,

estalei os dedos, e um unicórnio surgiu lá embaixo, bufando e cavando o chão com os cascos dourados e prateados.

Ela me abraçou.

— Valeu. Você também vai ser meu amigo, né?

— Enquanto você for minha amiga — respondi.

Ela refletiu.

— É, posso fazer isso, sim.

Não lembro mais o que conversamos. As lições de piano que prometi. Diferentes variedades de suculentas. Os cuidados e a alimentação de unicórnios. Eu estava feliz por estar com ela.

Por fim, quando o sol se pôs, Meg pareceu entender que era hora de eu ir embora.

— Você vai voltar? — perguntou.

— Sempre — prometi. — O sol sempre volta.

* * *

Então, queridos leitores, chegamos ao fim das minhas provações. Vocês me acompanharam por cinco volumes de aventuras e seis meses de dor e sofrimento. Pelas minhas contas, leram duzentos e dez dos meus haicais. Como Meg, vocês certamente merecem uma recompensa.

O que gostariam de ganhar? Estou sem unicórnios no momento. Porém, sempre que vocês mirarem e tentarem acertar, sempre que tentarem colocar suas emoções em uma canção ou em um poema, saibam que estarei sorrindo para vocês. Somos amigos agora.

Contem comigo. Estarei sempre aqui para vocês.

GUIA PARA ENTENDER APOLO

Acampamento Júpiter — campo de treinamento para semideuses romanos localizado entre as Oakland Hills e as Berkeley Hills, na Califórnia

Acampamento Meio-Sangue — campo de treinamento para semideuses gregos localizado em Long Island, Nova York

Afrodite — deusa grega do amor e da beleza. Forma romana: Vênus

Agripina, a Jovem — imperatriz romana ambiciosa e assassina, mãe de Nero; era tão dominadora em relação ao filho que ele ordenou que a matassem

ambrosia — alimento dos deuses capaz de curar semideuses quando consumido em pequenas doses; tem o gosto da sua comida favorita

anfisbena — cobra com uma cabeça nas duas extremidades do corpo, nascida do sangue que pingou da cabeça decepada de Medusa

Aniceto — servo leal de Nero; executou a ordem de matar Agripina, mãe de Nero

Aquiles — herói grego da Guerra de Troia; morto por uma flecha no calcanhar, seu único ponto vulnerável

Ares — deus grego da guerra; filho de Zeus e Hera. Forma romana: Marte

Ártemis — deusa grega da caça e da lua; filha de Zeus e Leto e irmã gêmea de Apolo. Forma romana: Diana

Atena — deusa grega da sabedoria. Forma romana: Minerva

Atena Partenos — estátua de doze metros de altura da deusa Atena que antigamente era a figura central no Parthenon de Atenas. Atualmente fica na Colina Meio-Sangue no Acampamento Meio-Sangue

Baco — deus romano do vinho e da orgia; filho de Júpiter. Forma grega: Dioniso

Batalha de Manhattan — a impressionante batalha final da Segunda Guerra dos Titãs

Benito Mussolini — político italiano que se tornou líder do Partido Nacional Fascista, uma organização paramilitar. Governou a Itália de 1922 a 1943, como primeiro-ministro e depois ditador

boare — o equivalente latino a *buu*

Bóreas — deus do Vento Norte

Bosque de Dodona — local de um dos oráculos gregos mais antigos, posterior apenas ao Oráculo de Delfos. O movimento das folhas das árvores no bosque oferecia respostas a sacerdotes e sacerdotisas que o visitavam. O bosque é localizado na floresta do

Acampamento Meio-Sangue e só pode ser acessado através do ninho de *myrmekos*

bronze celestial — metal poderoso e mágico usado para criar armas portadas pelos deuses gregos e seus filhos semideuses

Caçadoras de Ártemis — grupo de donzelas leais à deusa Ártemis. São abençoadas com juventude eterna e habilidades de caça enquanto rejeitarem homens

Calígula — apelido do terceiro dos imperadores de Roma, Caio Júlio César Augusto Germânico, famoso por sua crueldade e carnificina durante os quatro anos em que governou, de 37 d.C. a 41 d.C. Foi assassinado pelos próprios guardas

Campos da Punição — seção do Mundo Inferior para onde as pessoas que foram más durante a vida são enviadas para enfrentar a punição eterna por seus crimes após a morte

Campos Elísios — paraíso para o qual os heróis gregos eram enviados quando os deuses lhes ofereciam imortalidade

Caos — primeira deidade primordial e criador do universo; um vazio sem forma abaixo até das profundezas do Tártaro

Caos Primordial — a primeira coisa a existir; um vazio do qual os primeiros deuses foram produzidos

Celta — relativo a um grupo de povos indo-europeus identificados pelas similaridades culturais e uso de linguagens como irlandês, gaélico escocês, galês, entre outras, incluindo o pré-romano gaulês

centauro — raça de criaturas metade humana, metade cavalo. São excelentes arqueiros

Ciclopes — raça primordial de gigantes que tem um único olho no meio da testa

cinocéfalo — ser com corpo humano e cabeça de cachorro

Cisterna — refúgio para as dríades em Palm Springs, Califórnia

Cláudio Eliano — autor romano do início do século III a.C. que escreveu histórias sensacionais sobre eventos estranhos e ocorrências milagrosas e ficou conhecido por seu livro *Sobre a natureza dos animais*

Cômodo — Lúcio Aurélio Cômodo era filho do imperador romano Marco Aurélio. Tornou-se coimperador aos dezesseis anos e imperador aos dezoito, quando o pai morreu. Governou de 177 d.C. a 192 d.C. e era megalomaníaco e cruel; considerava-se o Novo Hércules e gostava de matar animais e de lutar com gladiadores no Coliseu

coorte — grupo de legionários

Corônis — uma das namoradas de Apolo que se apaixonou por outro homem. Um corvo branco que Apolo deixou como guarda contou a ele sobre o caso. Apolo ficou tão irritado com a ave por não ter bicado os olhos do homem que a amaldiçoou, queimando suas

penas. Apolo enviou a irmã, Ártemis, para matar Corônis, porque não conseguiu fazer isso sozinho

Cronos — titã senhor da agricultura e das colheitas, da maldade e do tempo. Era o mais jovem, porém mais corajoso e mais terrível dos filhos de Gaia; convenceu vários dos irmãos a ajudarem-no a assassinar o pai, Urano. Foi o principal inimigo de Percy Jackson. Forma romana: Saturno

Dafne — linda náiade que chamou a atenção de Apolo. Ela foi transformada em loureiro para fugir do deus

Dante — poeta italiano do fim da Idade Média que inventou a *terza rima*; autor de *A divina comédia*, entre outros

Dédalo — semideus grego, filho de Atena e inventor de muitas coisas, inclusive o Labirinto onde o Minotauro (parte homem, parte touro) era mantido

Deimos — deus grego do medo

Deméter — deusa grega da agricultura; filha dos titãs Reia e Cronos

denário — moeda romana

Diana — deusa romana da caça e da Lua; filha de Júpiter e Leto, gêmea de Apolo. Forma grega: Ártemis

Dídimos — altar oracular em homenagem a Apolo em Mileto, uma cidade portuária na costa oeste da Turquia moderna

dimaquero — gladiador romano treinado para lutar com duas espadas ao mesmo tempo

Dioniso — deus grego do vinho e da orgia; filho de Zeus. Forma romana: Baco

dracma — unidade monetária da Grécia Antiga

drakon — monstro imenso semelhante a uma serpente amarela e verde com ondulações em torno do pescoço, olhos reptilianos e garras enormes; cospe veneno

dríade — espírito (normalmente feminino) associado com certa árvore

Esculápio — deus da medicina; filho de Apolo. Seu templo era o centro médico da Grécia Antiga

Estação Intermediária — local de refúgio de semideuses, monstros pacíficos e Caçadoras de Ártemis, localizado acima da Union Station, em Indianápolis, Indiana

Estige — poderosa ninfa da água; filha mais velha do titã do mar, Oceano. Deusa do rio mais importante do Mundo Inferior. Deusa do ódio. O Rio Estige foi batizado em homenagem a ela

Érebos — deus grego primordial da escuridão; um lugar de escuridão entre a Terra e o Mundo Inferior

Faetonte — semideus filho de Hélio, Titã do Sol; acidentalmente incendiou a Terra ao dirigir a carruagem do Sol de Hélio, e Zeus o matou com um raio por consequência

fasces — um machado cerimonial envolto em várias estacas de madeira com lâmina com formato de meia-lua; símbolo máximo de autoridade na Roma Antiga; origem da palavra *fascismo*

fauno — deus da floresta romano, parte cabra, parte homem

ferro estígio — metal mágico forjado no Rio Estige capaz de absorver a essência dos monstros e de ferir mortais, deuses, titãs e gigantes. Tem grande efeito sobre fantasmas e criaturas do Mundo Inferior

fogo grego — líquido verde viscoso, mágico e altamente volátil utilizado como arma; uma das substâncias mais perigosas do mundo

Gaia — deusa grega da terra; esposa de Urano; mãe dos titãs, gigantes, ciclopes e outros monstros

Galês — nome que os romanos deram aos celtas e seus territórios

Ganimedes — lindo rapaz troiano que Zeus sequestrou para ser o copeiro dos deuses

gás sassânida — arma química que os persas usaram contra os romanos na guerra

germânicos — guarda-costas do Império Romano das tribos germânicas e gaulesas que se assentaram a oeste do rio Reno

glámon — equivalente grego antigo a *velho imundo*

grifo — criatura voadora parte leão, parte águia

Guerra de Troia — de acordo com as lendas, a Guerra de Troia foi declarada contra a cidade de Troia pelos *achaeans* (gregos), quando Páris, príncipe de Troia, roubou Helena de seu marido, Menelau, rei de Esparta

Hades — deus grego da morte e das riquezas. Senhor do Mundo Inferior. Forma romana: Plutão

harpia — criatura fêmea alada que rouba objetos

Harpócrates — deus do silêncio

Hécate — deusa da magia e das encruzilhadas

Hefesto — deus grego do fogo (inclusive o vulcânico), do artesanato e dos ferreiros; filho de Zeus e Hera, casado com Afrodite. Forma romana: Vulcano

Hélio — titã deus do Sol; filho do titã Hiperíon e da titã Teia

Hera — deusa grega do casamento; esposa e irmã de Zeus. Madrasta de Apolo.

Hermes — deus grego dos viajantes; guia dos espíritos dos mortos; deus da comunicação. Forma romana: Mercúrio

Herófila — Oráculo da Eritreia; faz profecias na forma de jogo de palavras

Héstia — deusa grega do lar e da lareira

Ícaro — filho de Dédalo, mais conhecido por voar perto demais do sol enquanto tentava escapar da ilha de Creta usando as asas de metal e cera inventadas pelo pai; ele morreu por não ouvir os avisos do

pai

Irmãs Cinzentas — Tempestade, Ira e Vespa, trio de velhas que dividem um único olho e um único dente e dirigem um táxi nos arredores de Nova York

Jacinto — herói grego e amante de Apolo. Morreu enquanto tentava impressionar o deus com suas habilidades de lançamento de disco

Júlio César — político e general romano cujos feitos militares aumentaram o território romano e, por fim, levaram a uma guerra civil que permitiu que ele assumisse o controle do governo em 49 a.C. Foi declarado "ditador eterno" e implementou reformas sociais que irritaram alguns romanos poderosos. Um grupo de senadores conspirou contra ele e o assassinou em 15 de março de 44 a.C.

Júpiter — deus romano do céu e rei dos deuses. Forma grega: Zeus

***karpos* (*karpoi*, pl.) —** espírito dos grãos; filho de Tártaro e Gaia

Labirinto — um labirinto subterrâneo construído originalmente na ilha de Creta pelo artesão Dédalo para aprisionar o Minotauro

***Lar* (*Lares*, pl.) —** deuses romanos do lar

leontocefalino — ser com cabeça de leão e corpo de homem preso a uma serpente sem cabeça ou rabo; criado por Mitra, um deus persa, para proteger sua imortalidade

Leto — mãe de Ártemis e Apolo com Zeus; deusa da maternidade

Lugus — um dos principais deuses da antiga religião celta

Lupa — deusa loba, espírito guardião de Roma

Marte — deus romano da guerra. Forma grega: Ares

Marsias — sátiro que perdeu para Apolo após desafiá-lo para uma competição musical, o que fez com que ele fosse esfolado vivo

Melíades — ninfas gregas dos freixos, nascidas de Gaia. Elas alimentaram e criaram Zeus em Creta

Mercúrio — deus romano dos viajantes; guia dos espíritos dos mortos; deus da comunicação. Forma grega: Hermes

Minerva — deusa romana da sabedoria. Forma grega: Atena

Minoicos — civilização da Era do Bronze que floresceu por volta de 3000 a 1100 a.C.; o nome vem de rei Minos

Minotauro — o filho meio homem, meio touro do rei Minos de Creta; o Minotauro era mantido no Labirinto, onde matava as pessoas enviadas para lá; foi enfim derrotado por Teseu

Mitra — deus persa adotado pelos romanos que se tornou o deus dos guerreiros; criou o leontocefalino

Monte Olimpo — lar dos doze olimpianos

Morfeu — Titã que colocou todos os mortais em Nova York para dormir durante a Batalha de Manhattan

Mundo Inferior — reino dos mortos, para onde as almas vão pela eternidade; governado por Hades

náiade — espírito das águas

néctar — bebida dos deuses capaz de curar semideuses

Nero — imperador romano de 54 d.C a 68 d.C. Mandou matar a mãe e a primeira esposa. Muitos acreditam que foi o responsável por iniciar um incêndio que destruiu Roma, mas culpou os cristãos, a quem condenava à morte e queimava em cruzes. Ele construiu um palácio novo e extravagante na área destruída e perdeu apoio quando os gastos da construção o obrigaram a aumentar os impostos. Cometeu suicídio

Névoa — força mágica que evita que os mortais vejam deuses, criaturas míticas e ocorrências sobrenaturais substituindo-os por coisas que a mente humana é capaz de compreender

ninfa — deidade feminina que dá vitalidade à natureza

Nova Roma — o vale em que o Acampamento Júpiter é localizado e a cidade — uma versão menor e mais moderna da cidade imperial — onde semideuses romanos vivem em paz, estudam e se aposentam

Nove Musas — deusas que concedem inspiração para artistas e protegem as criações e expressões artísticas. Filhas de Zeus e Mnemosine. Quando crianças, foram alunas de Apolo. Seus nomes são Clio, Euterpe, Tália, Melpômene, Terpsícore, Erato, Polímnia, Urânia e Calíope

***omphalos* —** grego para *umbigo do mundo*; apelido de Delfos, uma fonte que sussurrava o futuro para aqueles que ouviam

Oráculo de Delfos — porta-voz das profecias de Apolo

ouro imperial — metal raro, mortal a monstros, consagrado no Panteão; sua existência era um segredo bem-guardado dos imperadores

***pandai* (*pandos*, sing.) —** tribo de criaturas com orelhas gigantescas, oito dedos nas mãos e nos pés e corpos cobertos de pelos brancos que ficam pretos com a idade

Parcas — três personificações femininas do destino. Controlam o fio da vida de cada ser vivo, do nascimento à morte

Pégaso — cavalo alado divino; criado por Poseidon em seu papel de deus dos cavalos

Peleu — pai de Aquiles; seu casamento com a ninfa do mar Tétis foi prestigiado pelos deuses, e um desentendimento entre eles durante o evento acabou levando à Guerra de Troia; o dragão guardião do Acampamento Meio-Sangue é batizado em homenagem a ele

Perséfone — rainha grega da primavera e da vegetação, filha de Zeus e Deméter; Hades se apaixonou por ela e a sequestrou para torná-la sua esposa e rainha do Mundo Inferior

Pítia — a sacerdotisa das profecias de Apolo; nome dado a todos os Oráculos de Delfos

Píton — serpente monstruosa a que Gaia incumbiu de guardar o Oráculo de Delfos

Plutão — deus romano da morte e senhor do Mundo Inferior. Forma grega: Hades

Poseidon — deus grego do mar; filho dos titãs Cronos e Reia, irmão de Zeus e Hades. Forma romana: Netuno

pretor — pessoa eleita para magistrado e comandante do Exército romano

princeps — latim para *primeiro cidadão* ou *primeiro na linhagem*; os primeiros imperadores romanos adotaram esse título, que a partir de então passou a significar *príncipe de Roma*

Raposa de Têumesso — raposa gigante enviada pelos olimpianos para caçar os filhos de Tebas; era seu destino nunca ser capturada

Rei Midas — governante famoso por ser capaz de transformar em ouro tudo que tocava, habilidade concedida por Dioniso

Rio Estige — rio que forma a fronteira entre a Terra e o Mundo Inferior

Roca — imensa ave de rapina

scusatemi — *com licença* em italiano

sátiro — deus grego da floresta, parte bode e parte homem

Saturnália — antigo festival romano que acontecia em dezembro em homenagem a Saturno, o equivalente romano de Cronos

Sibila — uma profetisa

Sibila Eritreia — profetisa do Oráculo de Apolo na Eritreia, na Jônia, que reuniu suas instruções proféticas para evitar desastres em nove volumes mas destruiu seis deles enquanto tentava vendê-los para Tarquínio Soberbo de Roma

sica **(*siccae*, pl.)** — uma espada curta e curva

Sócrates — filósofo grego (470 a.C. a 399 a.C.) que teve profunda influência no pensamento ocidental

Tarquínio — Lúcio Tarquínio Soberbo foi o sétimo e último rei de Roma, tendo reinado de 535 a.C. até 509 a.C., quando, depois de um levante popular, a República Romana foi estabelecida

Tártaro — marido de Gaia; espírito do abismo; pai dos gigantes. A região mais sombria do Mundo Inferior, aonde monstros vão parar após a morte

taurus silvestre **(*tauri silvestres*, pl.)** — touro selvagem com couro impenetrável; inimigo ancestral dos trogloditas

Terpsícore — deusa grega da dança; uma das Nove Musas

terza rima — forma de poesia que consiste em estrofes de três versos em que o primeiro e o terceiro rimam e o do meio rima com o primeiro e o terceiro versos da estrofe seguinte

testudo — formação de batalha em que os legionários entrelaçam os escudos para formar uma barreira

Thalia — Musa da comédia

titãs — raça de deidades gregas poderosas, descendentes de Gaia e

Urano, que governaram durante a Era de Ouro e foram derrubados por uma raça de deuses mais jovens, os olimpianos

Torre Sutro — uma imensa antena de transmissão vermelha e branca perto da baía de São Francisco em que Harpócrates, deus do silêncio, foi aprisionado por Cômodo e Calígula

Três Graças — deusas da Beleza, da Alegria e da Elegância; filhas de Zeus

triunvirato — aliança política formada entre três indivíduos

Trofônio — semideus filho de Apolo, criador do templo de Apolo em Delfos e espírito do Oráculo das Sombras. Ele decapitou o meio-irmão Agamedes para que não o identificassem depois do roubo do tesouro do rei Hirieu

trogloditas — raça de humanoides subterrâneos que come lagartos e luta contra touros

Troia — cidade pré-romana situada na Turquia dos dias atuais; local da Guerra de Troia

Velocino de Ouro — couro de uma ovelha de lã dourada, símbolo de autoridade e realeza; era protegido por um dragão e touros que cuspiam fogo; Jason recebeu a missão de roubá-lo, resultando em uma jornada épica. Atualmente está pendurado na árvore de Thalia no Acampamento Meio-Sangue para ajudar a fortalecer as barreiras mágicas

***ventus* (*venti*, pl.) —** espíritos das tempestades

Vênus — deusa romana do amor e da beleza. Forma grega: Afrodite

viagem nas sombras — forma de transporte que permite que criaturas do Mundo Inferior e filhos de Hades usem sombras para saltar para qualquer lugar na Terra ou no Mundo Inferior, embora deixe a pessoa exausta

***Vnicornes Imperant* —** latim para *Unicórnios mandam*

Vulcano — deus romano do fogo, inclusive o vulcânico, e dos ferreiros. Forma grega: Hefesto

Zeus — deus grego do céu e rei dos deuses. Forma romana: Júpiter

SOBRE O AUTOR

RICK RIORDAN nasceu em 1964, em San Antonio, Texas, e hoje mora em Boston com a esposa e os dois filhos. Autor best-seller do *The New York Times*, premiado pela YALSA e pela American Library Association, por quinze anos ensinou inglês e história em escolas de São Francisco, e é a essa experiência que atribui sua habilidade em escrever para o público jovem. Além das séries *As provações de Apolo*, *Percy Jackson e os olimpianos* e *Os heróis do Olimpo*, inspiradas na mitologia greco-romana, Riordan assina as séries *As crônicas dos Kane*, que visita deuses e mitos do Egito Antigo, e *Magnus Chase e os deuses de Asgard*, sobre mitologia nórdica.

CONHEÇA TODAS AS SÉRIES DE RICK RIORDAN

Mitologia greco-romana

Série *Percy Jackson e os olimpianos*

Série *Os heróis do Olimpo*

Série *As provações de Apolo*

Mitologia nórdica

Série *Magnus Chase e os deuses de Asgard*

Mitologia egípcia

Série *As crônicas dos Kane*

Livro 1
O ladrão de raios

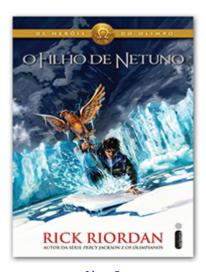
Livro 2
O mar de monstros

Livro 3
A maldição do titã

Livro 4
A batalha do labirinto

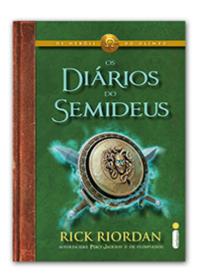
Livro 5
O último olimpiano

Livro extra
Os arquivos do semideus

Livro 1
O herói perdido

Livro 2
O filho de Netuno

Livro 3
A marca de Atena

Livro 4
A casa de Hades

Livro 5
O sangue do Olimpo

Livro extra
Os diários do semideus

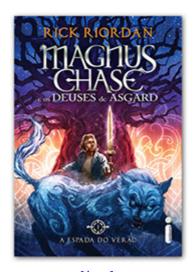
Livro 1
O oráculo oculto

Livro 2
A profecia das sombras

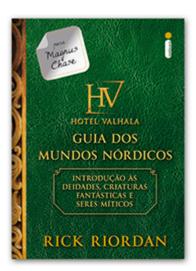
Livro 3
O labirinto de fogo

Livro 4
A tumba do tirano

Livro 5
A torre de Nero

Livro extra
Segredos do Acampamento Meio-Sangue

Livro 1
A espada do verão

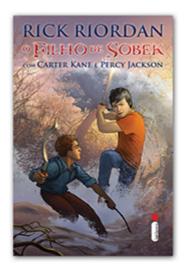
Livro 2
O martelo de Thor

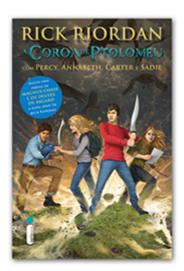
Livro 3
O navio dos mortos

Livro extra
Hotel Valhala

Livro 1
A pirâmide vermelha

Livro 2
O trono de fogo

Livro 3
A sombra da serpente

EXCLUSIVAMENTE EM E-BOOK

O filho de Sobek

O cajado de Serápis

A coroa de Ptolomeu

OUTROS TÍTULOS DO AUTOR

Percy Jackson e os deuses gregos

Semideuses e monstros
Organização e introdução de
Rick Riordan